

ne quiraſſe Juſticia p. Com 350
ray que nella Jefatias aque o
he respondeu que nome eſſe
a pifalarem oſoficiais que au
para Com obitu Capitam goa

o afim ouueras todos por uem
Not. Seixas em folha do eſtrua
avis 4m 4m

Abrostrino defig

Gas p. Carros a do Reis


Nivalas demiranda fran
Boas. Acros mio. Ab. defig

multidude das Boas Lem o sig







A large, stylized cursive signature of the word "Curitiba" in a dark brown color, positioned on the left side of the page.

, Festa da Luz. Luz dos Pinhais
Luz do ouro refletido nas águas do rio Atuba
Luz das velas nos altares de Nossa Senhora
Luz da Serra seguindo o passo dos tropeiros
Luz forte,
Olhos imigrantes, na hora dos desembarques

Luz da Esperança na Capital Ecológica do Brasil
Nossa Luz
Luz que abençoa nossas crianças
Luz Bendita
Bendita Luz dos Pinhais de
CURITIBA

(pág. 1) Fac-símile da Ata de fundação de Curitiba.

(pág. 2 e 3) Crepúsculo no Parque Tanguá por Daniel Castellano.

(página oposta) Amanhecer em São Rafael das Laranjeiras por Valmir Singh.



PATROCÍNIO



POSITIVO



INCENTIVO



REALIZAÇÃO



CURITIBA

Luz dos Pinhais



Rafael Greca

RAFAEL GRECA DE MACEDO

**CURITIBA
2018**

2ª EDIÇÃO REVISADA E AMPLIADA



SOLAR DO ROSÁRIO
ARTE E CULTURA





GUARDAR

poema de Antônio Cícero



Sinval Stochero – mestre fotógrafo curitibano - 1950. Sua família eternizou-lhe a lembrança, disponibilizando o autorretrato para a Casa da Memória.

(ao lado) Meu retrato por Olney Kruse na casa de meus pais à Rua Inácio Lustosa, 1059. A biblioteca era dominada pelo retrato dos bisavôs Laurinda Rosa e José Ribeiro de Macedo.

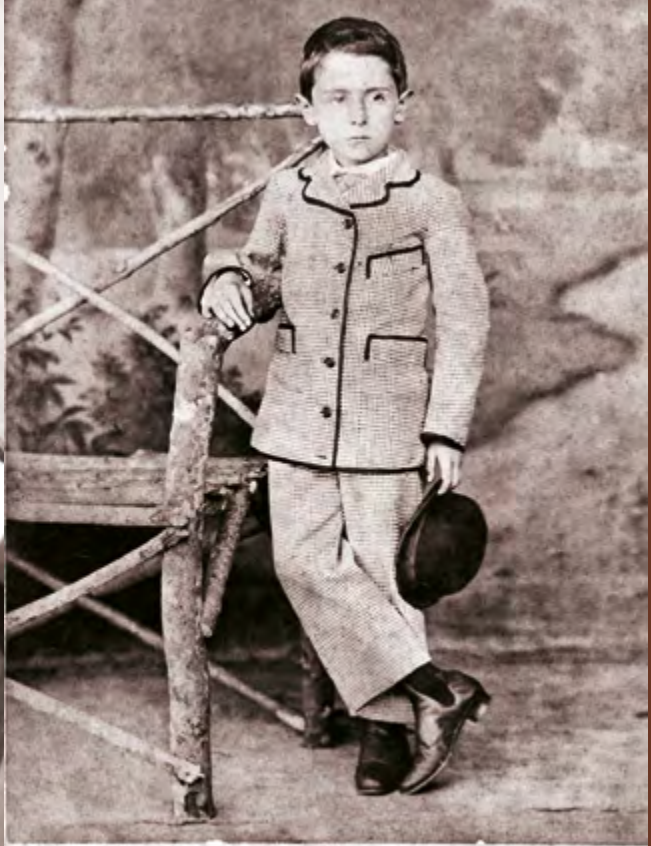
*Guardar uma coisa não é escondê-la ou trancá-la.
Em cofre não se guarda coisa alguma.
Em cofre perde-se a coisa à vista.
Guardar uma coisa é olhá-la, fitá-la,
mirá-la por admirá-la, isto é,
iluminá-la e ser por ela iluminado.*

*Guardar uma coisa é vigiá-la,
isto é, fazer vigília por ela,
isto é, estar acordado por ela,
isto é, velar por ela,
isto é, estar por ela ou ser por ela.*

*Por isso melhor se guarda o voo de um pássaro
Do que pássaros sem voos.
Por isso se escreve, por isso se diz,
por isso se publica,
por isso se declara e se declama um poema:
Para guardá-lo!*

Eu, Rafael Greca de Macedo, autor deste livro, gosto do verbo guardar, avocando para ele a energia que tem na língua italiana: na língua de meus avós maternos, ‘guardare’, ‘guardar’, é mostrar.

“Guarda il mondo quanto é bello!” – no sentido de “veja o mundo o quanto é belo”.



CABINET-PORTRAIT
H. A. VOLK



MEMÓRIA

Fotos do estúdio Adolpho Volk, na rua XV nº 17, acervadas pela Casa da Memória de Curitiba.



(acima) As meninas Sydéria e Ivahy Martins oferecem foto com cavalinho aos tios Pedro e Nhazinha, 1904.

(página oposta / esquerda em cima) Sua filha Lilli, Adolphine Volk, posa com o papagaio, 1890.

(página oposta / direita em cima) Alfredo Romário Martins, que seria autor da primeira História do Paraná, posa aos 8 anos, 1882.

(página oposta / direita embaixo) O piá Carlos Hassemann, de bombachas, posa com manequim de cãozinho, 1904.

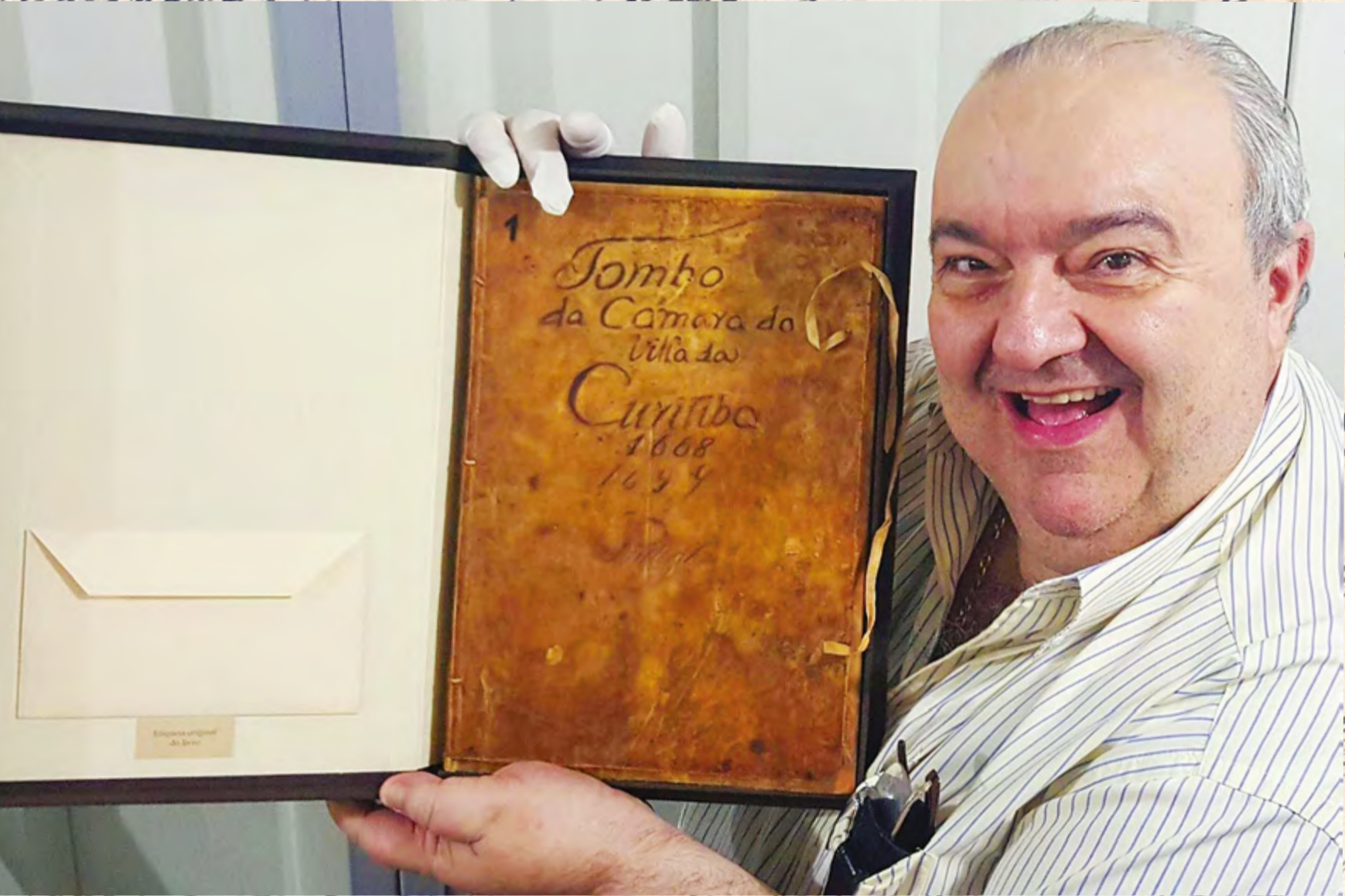
(página oposta / esquerda embaixo) Crianças da família Müller em dia de batizado, nos idos de 1900.

Os traços da Memória sempre se escondem em lugares novos ou velhos à espera apenas de um olhar que os liberte. Assim eles podem cumprir o destino de ser compartilhados.

Eduardo Muylaert, mestre fotógrafo, escritor e advogado, em *O Espírito dos Lugares* (2003)



He Responderas auos altas he quiraasse Sustipa p. Com
 ner seabitauos osm. desaforas que nella se fatias aque
 app. Vera Susto oque pidiad he Respondeu que nome
 keis omem, desas Comfiensa p. faterem osesias que
 se feruir. oque Logo nomearas para com obito capitam
 ador faterem em lissas como assim ouueras todos poro



Joao de Vellar
 Ande on
 miguel de gado
 Joaquin da Silva
 Antonio Salvador mig
 Leitura Lemis
 Paulo de Forta Gema
 Diab Lima

FONTES DESTE LIVRO

(página oposta) O autor posa com o Livro do Tombo da Vila de Curitiba (1668-1694) onde estão as atas de elevação do Pelourinho (1668) e da fundação da Câmara de Curitiba (1693). O precioso documento é conservado na reserva técnica da Casa da Memória de Curitiba, obra do então prefeito Rafael Greca de Macedo. Foto de Gehad Hajar, outono de 2016.

São fontes deste livro preciosos documentos dos Arquivos Ultramarinos; bibliografia dos Viajantes pelo Brasil; Livros do Tombo da Matriz e Catedral de Curitiba; Atas das Sessões da Câmara Municipal de Curitiba; infólios dos Provimentos do Ouvidor Pardinho; extensa Bibliografia Brasileira e Paranaense; Boletins Históricos publicados por Francisco Negrão; Boletins do Instituto Histórico e Geográfico do Paraná; Boletins da Casa Romário Martins; História de Curitiba em Quadrinhos; Coleção Farol do Saber; Lições Curitibanas.

Também instruem o relato meus traços da Memória, clarões sobre o nosso passado comum, lembranças de ouvir dizer, testemunhos – em primeira pessoa – de almas queridas, experiências vividas na minha trajetória de vida.

Uma cidade complexa como a nossa amada Curitiba certamente terá outras lembranças. Não há aqui a pretensão de esgotá-las. O importante é que, em número sempre maior, os que amam Curitiba aprendam a lição dos Vedas, que Margarita e eu fomos buscar no coração da Índia, nas inscrições do Templo do Monte Abu:

“O que não se compartilha, se perde...”

*Conte, você também,
a sua história.*

“Fue Rafael Greca de Macedo quien, emulado por los logros de su predecesor, se ha lanzado a construir unas bibliotecas para niños en forma de empinados Faros, multicolores y vertiginosas (para quien sufre de mal de altura). Él me asegura que han sido diseñadas tomando como inspiración a la primera biblioteca que recuerda la historia, la de Alejandría, y yo le creo. Por qué no le creería, después de haber visto con mis propios ojos que era cierto que Curitiba tiene una Ópera construida no con mármol ni fierro ni concreto sino con alambre?”

ALVIN TOFFLER, UMBERTO ECO E MARIO VARGAS LLOSA EM CURITIBA



Rafael Greca e Alvin Toffler em Curitiba em 1993.

Recebi Alvin Toffler (1929-2016) em Curitiba no começo de 1993. Autor de 13 livros, entre os quais “A Terceira Onda”, “O Choque do Futuro” e “Mudança de Poder”, o escritor e visionário norte-americano já falava num mundo em rede, com internet democratizada e a possibilidade de as pessoas trabalharem em suas casas. Ensinou-me que “no século 21, os analfabetos não serão mais aqueles que não sabem ler e escrever, mas todos os que não tiverem a capacidade de aprender e reaprender”. Com suas luzes, projetei uma Prefeitura com serviços em rede, quais a Rede Integrada Metropolitana de Transportes, a Rede Curitibana de Saúde e Ação Social e a Rede Municipal de Ensino. Curitiba fez-se a primeira cidade do Brasil ligada na internet, com bibliotecas e *lan houses* públicas nos bairros, os Faróis do Saber.



Mario Vargas Llosa em Curitiba, no Farol do Saber. Dezembro de 1994.

Mario Vargas Llosa visitou Curitiba em dezembro de 1994. Depois publicou suas impressões em artigo no *El País*, jornal de Madri.



Umberto Eco.

Quando estive comigo em Curitiba, o grande escritor italiano Umberto Eco (1932-2016) me disse:

“A memória é a alma do mundo.

Um mundo sem memória é um mundo sem alma”.

Desse encontro, celebrado na Casa Romário Martins, concluí: *uma cidade que perde sua memória, esquece-se de si mesma; é uma cidade que perdeu sua alma.*



PIÁ QUER DIZER CORAÇÃO

“Piá com Pinhões”. Foto de Daniel Castellano. 2016.

*Piá vem do tupi ‘pyã’,
que significa coração.
Fórmula utilizada pelas
mães para chamar
seus filhos e filhas. No
sul, o termo é aplicado
aos meninos.*





APRESENTAÇÃO

Catedral Basílica de Nossa Senhora da Luz dos Pinhais de Curitiba. Foto Daniel Castellano. 2015

Dante Alighieri escreveu que a “escuridão é o silêncio da luz”. Nas palavras deste livro, a *Luz dos Pinhais* vai revogando a escuridão e o silêncio da noite dos tempos em que jaziam imersas as terras que servem de berço ao rio Iguaçu.

Invocamos a mesma *Luz dos Pinhais* para resgatar das névoas do esquecimento a memória coletiva de um povo singular: os curitibanos. Aqui nascidos, ou que aqui escolheram viver. É extensa a bibliografia sobre a cidade de Curitiba, o povoamento da região da capital do Paraná, no vale do rio Iguaçu.

Ponto de passagem do Caminho do Peabiru, trilha indígena pré-cabralina, Curitiba fez-se marco da ocupação portuguesa do Brasil Meridional. Já em 1639, o governador ibérico de São Paulo autorizou a “posse dos Campos do rio Mbyrigüi” (o nosso atual rio Barigui) em favor de Matheus Luiz Grou.

A “entrada” em território até então espanhol favoreceria, após a restauração do Reino de Portugal em 1640, a revogação do Tratado de Tordesilhas (1492) pelos Tratados de Madrid (1750), Tratado de El Pardo (1762) e depois o Tratado de Santo Ildefonso (1777). O princípio de *uti possidetis*, usando Curitiba como cunha de penetração, seria o principal argumento português em favor da atual geografia da América do Sul.

Entre 1580 e 1640, com a extinção da dinastia portuguesa de Avis, El Rey Filipe II herdou Portugal, sendo reconhecido e coroado como rei pelas Cortes de Tomar. O fato histórico foi provocado pela morte do rei português D. Sebastião, em 1578, na trágica e lendária Batalha de Alcácer-Quibir. Essa batalha é lembrada como a *Batalha dos Três Reis*, porque nela desapareceram dois reis árabes e o lendário D. Sebastião. Seu sucessor, o Cardeal D. Henrique, então com 70 anos, morreu sem deixar filhos. Os espanhóis, então, reivindicaram Portugal por herança.

Já em 1654, o mapa de João Teixeira Albernaz, cartógrafo real, refere Curitiba como *Campos de Querityba*, marcando capela e arraial serra acima. Então Ministro Presidente da Comissão Binacional Comemorativa dos 500 Anos do Brasil, tive a alegria de manusear esse mapa, em março de 2000, por obséquio do então presidente de Portugal Mário Soares, que mandou trazê-lo até o Palácio d’Ajuda, desde a Torre do Tombo de Lisboa, para que o presidente Fernando Henrique Cardoso e eu o apreciássemos.

Na bibliografia paranaense, nenhum título até hoje procurou abranger todo o processo de ocupação territorial, formação cultural e importância histórica e econômica da nossa Curitiba, que, muito antes de ser considerada cidade modelo do Brasil, foi arraial de mineração de ouro – o

primeiro do Brasil –, pouso de tropas, entreposto de regimentos lusitanos no combate aos espanhóis e cunha de avanço português sobre a Linha de Torresilhas.

Do ponto de vista da ocupação territorial, a povoação de Curitiba, a partir da exploração das minas de ouro de Paranaguá, foi essencial na consolidação do domínio português no sul do Brasil. Foi a partir dessa região que se estenderam os reinos lusitanos até os confins do atual Rio Grande do Sul, na charqueada de Pelotas, e também do Uruguai, na colônia do Sacramento.

No limiar do século XIX, Curitiba dormiu serteja e acordou europeia.

Após o ciclo do ouro e das tropas de gado, o cultivo da erva-mate e a convergência de correntes migratórias fazem da cidade o símbolo do que Wilson Martins chamaria de *o Brasil diferente*.

Curitiba, ao receber alemães, italianos, poloneses, ucranianos, russos brancos, árabes súditos otomanos, israelitas, japoneses e gente de todo o Brasil, torna-se uma *rua que passa por muitos países*.

A cidade progride em engenharia, arquitetura e urbanismo, ao receber imigrantes e também o corpo técnico atraído pelas obras da Estrada de Ferro Curitiba-Paranaguá (1880-1885).

Isso se nota nos palacetes dos senhores da erva-mate, no Hospital de Caridade da Santa Casa de Misericórdia (1880), na nova Catedral Metropolitana (1893), na arte cemiterial e nas diversas igrejas das colônias, com torres em agulha e cúpulas em zimbórios, recortando o horizonte.

A importância cultural de Curitiba revela-se no movimento simbolista brasileiro retratado por Andrade Muricy na obra *O Símbolo à Sombra das Araucárias*. A efervescência cultural do final do século XIX e início do século XX gerou na capital do Paraná o Movimento Neo-Pitagórico, que culminaria com a criação da Primeira Universidade do Brasil, em 19 de dezembro de 1912, a partir de projeto do historiador e imortal escritor Rocha Pombo, apoiado pelo meu bisavô, o Comendador José Ribeiro de Macedo, ainda em 1892.

A cidade é berço de grandes artistas plásticos, como Poty Lazzarotto, ilustrador de obras literárias de Jorge Amado, Gilberto Freyre e Guimarães Rosa, entre outros. Também são de Curitiba o contista Dalton Trevisan, o poeta Paulo Leminski e toda uma plêiade de valores da moderna cultura brasileira.

A partir de Paranaguá e de Curitiba, o diplomata e compositor Brasília Itiberê da Cunha fundou a *Música Nativista Brasileira*, com a composição “A Sertaneja”, que escolhi, interpretada pelo pianista Arthur Moreira Lima, em 1993, para música-tema dos 300 anos da nossa Cidade, quando tive a ventura de

ser o prefeito. Essa composição pianística é inspirada na antiga ciranda *Balaio, Meu bem, Balaio*.

Curitiba é também uma das mais importantes cidades brasileiras, referência de planejamento urbano em nível mundial, a partir da trajetória histórica do IPPUC – *Instituto de Pesquisas e Planejamento Urbano de Curitiba* (1965), do qual sou engenheiro-membro concursado.

Merecedora em 1996 do *Prêmio Mundial do Habitat da Agência ONU / Housing and Building Foundation*, distinção obtida na nossa gestão de prefeito de Curitiba, a Cidade não pode dormir sobre os louros conquistados. Devemos ouvir a máxima romana *dormientibus non succurrit jus*, ou seja, *o direito não acolhe aqueles que dormem*.

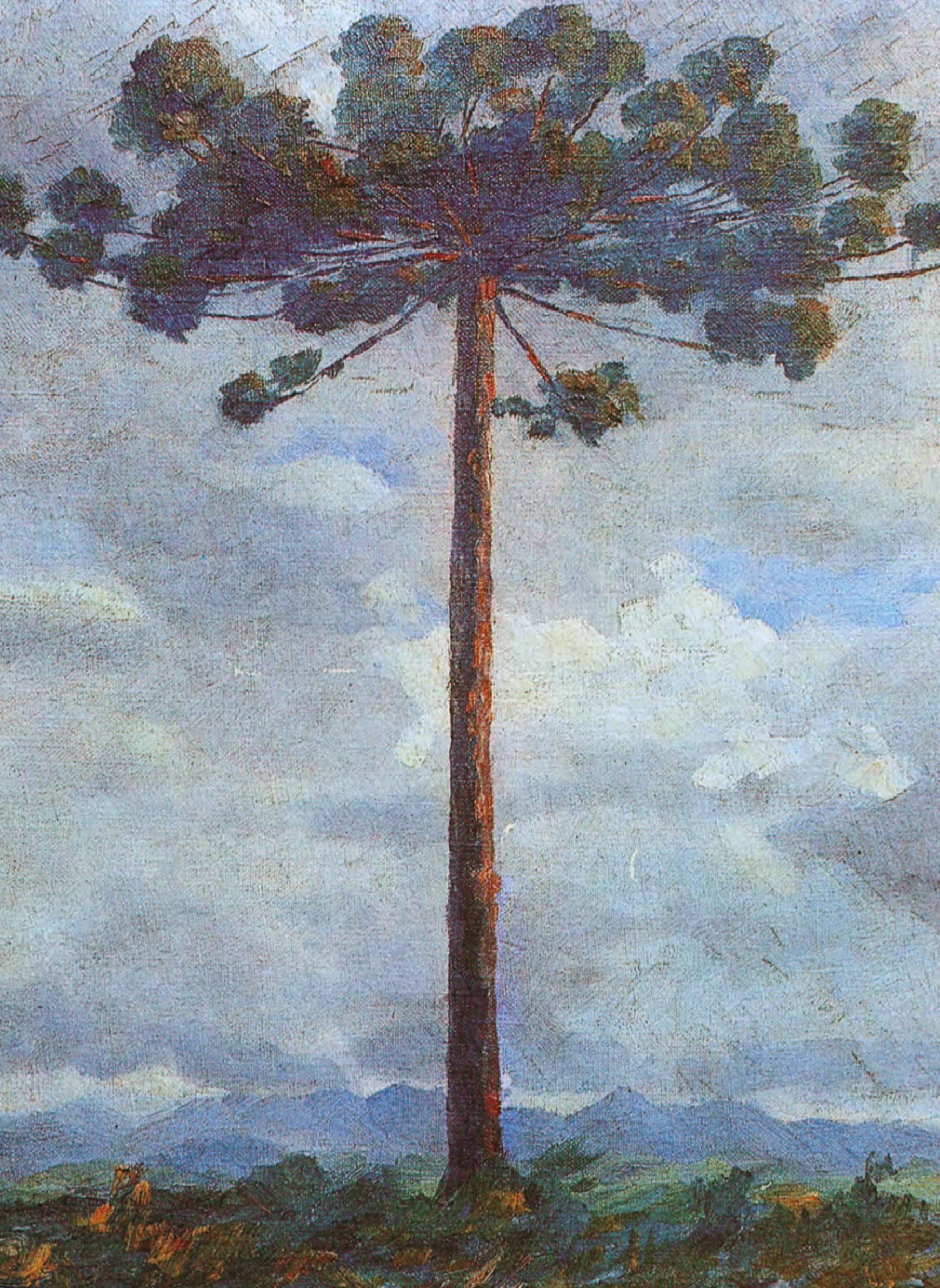
Uma cidade com a tradição de Curitiba não merece ser definida ou resumida pela desventura.

O relato dos sucessos que a tornaram exemplo de cidadania e urbanismo pode ajudar a iluminar o Brasil. Pode também fomentar em nós a vontade de fazer brilhar ainda mais alto a *Luz dos Pinhais*.



Pinhas da chácara São Rafael das Laranjeiras. Outono de 2016.

(página oposta) Rei solitário, Lange de Morretes (1892-1954).





SUMÁRIO

OS HABITANTES E O BATISMO DA TERRA	25
A CHEGADA DOS PRIMEIROS EUROPEUS.....	31
OURO DE PARANAGUÁ: ORIGEM DO PARANÁ.....	37
LAVRAS DE OURO NOS SERTÕES DE CURITIBA	41
A VILA DE NOSSA SENHORA DA LUZ DOS PINHAIS.....	45
PROVIMENTOS DO OUVIDOR PARDINHO.....	50
TODOS OS CAMINHOS LEVAM A CURITIBA	54
COMBATE AOS ESPANHÓIS, CONQUISTA DE GUARAPUAVA	63
ERVA-MATE: DO CHIMARRÃO À UNIVERSIDADE.....	67
OS PRIMEIROS PROFESSORES DE CURITIBA.....	98
CURITIBA E O PARANÁ PELO OLHAR DOS VIAJANTES.....	101
CURITIBA DORMIU SERTANEJA, ACORDOU EUROPEIA.....	123
OS GERMÂNICOS CHEGARAM PRIMEIRO	133
SEMEADORES DE ARTE E BELEZA.....	173
ANDERSEN & SEUS DISCÍPULOS	177
STENZEL & DOUBEK: FAMÍLIA DE ARTISTAS.....	183
ORIUNDI SOB A LUZ DOS PINHAIS.....	187
SANTA FELICIDADE: VINHO VERTIDO, VIME TRANÇADO.....	191
O GRANDE NEGÓCIO DA POLENTA.....	194
GENGIBIRRA, A GASOSA FEITA POR ANARQUISTAS	199
UMBARÁ, O BAIRRO EXCOMUNGADO PELO BISPO	201
ITALIANOS, MESTRES CONSTRUTORES	207
ITALIANOS, MESTRES DO PINCEL E DO CINZEL	212
MINHA FAMÍLIA VÊNETO-CALABRESA	222
TODESCHINI: MASCATE DE MACARRÃO	233
COMERCIANTES ITALIANOS EM CURITIBA	235
MARIA FALCE DE MACEDO, A PRIMEIRA MÉDICA	243
OS LAZZAROTTO, A TRIBO DE POTY	245
O VAMPIRO DE CURITIBA.....	256
PROSDÓCIMO: BICICLETAS & GELADEIRAS	259
ORIUNDI ENTRE OS MESTRES DO DIREITO	261
SOCIEDADES OPERÁRIAS DE MÚTUO SOCORRO.....	263
FREI MIGUEL, O EXORCISTA DA VILA	269
IRMÃOS QUEIROLO: O CIRCO CHEGOU!	272
ESPANHÓIS ENCANTAM CURITIBA.....	274
FRANCESES EM CURITIBA	284
FILHOS DE ABRAÃO EM CURITIBA	290
OS KARAM NO ENTERRO DE CRISTO.....	301
NAGIB, QUE NOS REVELOU A TELEVISÃO.....	303
METRY BACILLA, QUASE PRÊMIO NOBEL	305
OS ÁRABES DO PALÁCIO AVENIDA.....	307

(acima) Ilustração botânica
Araucaria angustifolia,
Ana Deliberador

(página oposta) Pinha e pinhão,
Poty



ASSAD, UM ABRÃO FUTURISTA.....	310
EL ASSAL, ARTISTA EM <i>MOTO-CONTÍNUO</i>	312
EMIR CALLUF, NOSSO PADRE CASADO.....	313
POR UM PENTE, CURITIBA QUASE PERDEU A CABEÇA.....	314
MAKTUB, OS “BRIMOS” NO PODER.....	315
IRMÃOS SABBAG: O MÚSICO E O PREFEITO.....	317
MESQUITA, IGREJA ORTODOXA, SOCIEDADES.....	319
ELIAS FARIAT, O “PRÍNCIPE DOS POETAS ÁRABES”.....	320
CABALA SOB A LUZ DOS PINHAIS.....	323
UCRANIANOS: PÊSSANKAS E POESIA.....	333
A ALMA TRISTE DE MIGUEL BAKUN.....	337
OS OLHOS AZUIS DE HELENA KOLODY.....	339
PÃO E SAL ÀS PORTAS DE CURITIBA.....	341
AOS CEM ANOS, A CATEDRAL VIROU BASÍLICA.....	359
QUANTOS PAÍSES MORAM NAS RUAS DE CURITIBA?.....	361
A FAMÍLIA IMPERIAL EM CURITIBA.....	365
ESTRADA DE FERRO & MODERNIDADE.....	375
SAPOLÂNDIA DE MUITOS RIOS.....	383
PASSEIO PÚBLICO, OBRA DE SANEAMENTO.....	391
TIFO, ÁGUA & ESCOTOS.....	395
CURITIBA, SEDE DA ITAIPU BINACIONAL.....	405
CEMITÉRIOS DE CURITIBA.....	407
URBANISMO CURITIBANO.....	411
O MUSEU E A BIBLIOTECA DO PARANÁ.....	415
LUZES AO RAIAR DO SÉCULO XX.....	419
CURITIBA CRIATIVA: MUSAS E SONHOS.....	427
TEMPLO DAS MUSAS: A GRÉCIA NOS PINHEIRAIS.....	429
UNIVERSIDADE DO PARANÁ, A PRIMEIRA DO BRASIL.....	435
PAÇO MUNICIPAL DE CURITIBA.....	442
CURITIBA CRESCE: EMPURRA CIDADÃOS E SAPOS PARA MAIS LONGE.....	445
CAMPO DE AVIAÇÃO, BONDES & LOTAÇÕES.....	455
CASA ESTRELA, O CÉU NO NOSSO CHÃO.....	458
CHICO FUMAÇA, TOTÓ E MARCOLINA.....	461
DESEMBRULHANDO AS BALAS ZEQUINHA.....	463
AGACHE, UM URBANISTA FRANCÊS PARA MUDAR CURITIBA.....	464
VILANOVA ARTIGAS, UM CURITIBANO NO <i>MOMA</i>	474
SERGIO RODRIGUES EM CURITIBA.....	476
NASCE O IPPUC.....	477
JAIME LERNER, PREFEITO DE CURITIBA.....	484
MINHA ALEGRIA EM SER PREFEITO.....	489
SINALEIROS DE VENTO, SABEDORIA E ARTE.....	499

A REGIÃO METROPOLITANA TAMBÉM É CURITIBA.....	501
CURITIBA CRIATIVA: MUSAS & CORIFEUS.....	502
BALÉ DO TEATRO GUAÍRA.....	508
TEATRO DE COMÉDIA DO PARANÁ.....	509
EM CENA, NOSSA GENTE.....	511
MÚSICA NA CIDADE DO POLITON.....	512
A SÉTIMA ARTE EM CURITIBA.....	532
JOÃO BAPTISTA GROFF (1897-1970).....	537
FLORES E FLORISTAS DE CURITIBA.....	539
A SUBLIME MARCA DAS MÃOS.....	544
MOVIMENTO PARANISTA & CENTENÁRIO DO PARANÁ.....	547
LUZ DOS PINHAIS: 300 ANOS DE CURITIBA.....	555
NOSSO SONHO HIPERBÓREO: CURITIBA MOVIDA COM LUZ.....	560
BIOGRAFIA.....	565





OS HABITANTES E O BATISMO DA TERRA

(página oposta) Índio com zarabatana.
Jean-Baptiste Debret (1768-1848).

(embaixo) “Guairacá”, bronze de João
Turin, criado entre 1939-1943.



Os primeiros habitantes do atual território paranaense, na região da atual Grande Curitiba, foram indígenas habitantes das coivaras, consumidores de carne de caça, peixes e pinhões. Pertenceram aos povos do tronco linguístico *Jê*, tribos *Xetá*, *Tupi*, *Guarani* e *Tingui*.

Os índios brasileiros e sul-americanos iam e vinham por trilhas cobertas de grama, sombreadas pela mata, organizadas em rede, que ficaram conhecidas como Caminho Indígena do Peabiru.

Um dos seus ramais passava no Paraná, motivo da denominação do município mais central do Estado. A povoação de Curitiba coincidiria com a margem desse Caminho ancestral, referido na extensa obra do arqueólogo curitibano Igor Chmyz.

Um lendário cacique Tindiquera chegou a ser lembrado por alguns autores dos séculos XIX e XX entre os possíveis caboclos da terra.

O historiador paranaense Ruy Wachowicz passou boa parte de sua vida acadêmica tentando provar a sua existência. Não logrou êxito. Tindiquera seria designação, em língua tupi, das habitações dos índios locais. ‘*Tindí*’ significa ‘homem’; ‘*quera*’ ou ‘*quara*’ significa buraco. Assim, *tindiquera* é ‘buraco onde se abriga o homem’. *Tatuquara* é o ‘buraco onde se abriga o tatu’. Os nomes Tindiquera e Tatuquara persistem na geografia ao sul de Curitiba, nos campos banhados pelo rio Iguaçu, na foz do velho Barigui, hoje também município de Araucária.

A história da ocupação humana dos Campos de Curitiba e Campos de Tindiquera inicia, aproximadamente, há oito mil anos, com os *Xetá*, primeiro grupo étnico a ocupar a região.

Ironicamente, foram os *Xetá*, os primeiros povoadores desta terra, os últimos índios contatados, na década de 1950, pelo antropólogo José Loureiro Fernandes, documentados em 36 horas de filmes 16 mm não sonorizados e coloridos por Vladimir Kozák, fotógrafo tcheco que chegou ao Paraná em 1924, vivendo em Curitiba, no bairro de Uberaba, até 1979.

Há quatro mil anos, os Tupi instalaram-se na região. Os Kaingang vieram habitar sob nossos pinheirais há dois mil anos.

O historiador Alfredo Romário Martins, autor da primeira *História do Paraná* (1898), em sua extensa obra de 42 livros, evoca o nome *Tingui* para os primeiros habitantes da nossa terra.

Romário Martins refere os Tingui com base no relato verbal do cacique Arakxó, último detentor da tradição oral dos primeiros donos da terra, personagem real que Romário recebeu na primeira sede do Museu Paranaense no começo do século XX. O prédio do Museu, se tivesse permanecido, estaria localizado hoje na Praça Zacarias, então Largo da Ponte do Ivo (ou do Chafariz). Alfredo Romário Martins dirigiu o Museu Paranaense entre 1902 e 1928.





Ilustração da “coivara”, cavada na terra, moradia dos índios Tingui. *Dicionário das Artes Plásticas do Paraná*, de Adalice Araújo.

A tribo indígena predominante, Tingui – cujo nome significaria gente de nariz fino, em tradução do tupi para o português –, foi homenageada por mim no Parque Tingui, na região norte da cidade, às margens do rio Barigui. Na ocasião (1993-1996), pedi ao escultor Elvo Benito Damo que materializasse em ícone de bronze o suposto cacique dos tinguis, nosso fundador. Lembrava também o lendário índio Guairacá, herói mítico evocado por Romário Martins:

Cidade linda e amorosa, da Terra de Guairacá, jardim luz cheio de rosas, Capital do Paraná.

Salve Cidade querida, glória de heróis fundadores[...]

Exatamente desses índios, heróis fundadores, referidos na primeira estrofe da Marcha da Cidade de Curitiba, poesia de Ciro Silva, música de Bento Mossurunga, quis eu recordar uma outra estátua, feita pelo escultor paranaense João Turin (1878-1949), que o presidente Getúlio Vargas, instado por Romário Martins, havia colocado na Praia Vermelha, na cidade do Rio de Janeiro.

Romário Martins liderou o Movimento Nacional pró-Monumento a Guairacá. Em 1939, fez circular um jornal em Curitiba, que tinha por secretário de redação Saul Lupion de Quadros. Em 1941, fez publicar livro-manifesto pela Empresa Gráfica Paranaense. Recebeu de Getúlio Vargas resposta estimuladora, em discurso, no dia 3 de outubro de 1941, no Palácio do Catete. Getúlio foi considerado “Patrono Máximo do Monumento Nacional ao Cacique Guairacá”. Na ocasião, disse: “Devo dizer que vejo com viva simpatia a formação dessa corrente nacionalista, sob a égide do bravo Cacique que é o símbolo do Brasil, certo de que ela não irá hostilizar nenhuma corrente alienígena e sim colaborar ao lado do Governo na defesa da Nação, na manutenção e fortalecimento da sua Unidade”.

Também o Marechal Cândido Mariano da

Silva Rondon, explorador dos sertões, descobridor de tribos, sábio positivista, maior expressão indianista do Brasil, aderiu à ideia, presidindo o “Grande Conselho Nacional do Monumento ao Índio Guairacá”. Num discurso de Rondon sobre o tema, datado de 1939, a pergunta que encerra em si a resposta definitiva aos patriotas e idealistas: “Que prazeres podem exceder aos da dedicação?”.

Tal bronze do morubixaba Guairacá ao lado de um lobo-guará hoje está desaparecido da paisagem carioca, substituído por busto do compositor polonês Chopin. Onde teria ido parar essa inigualável peça de arte modernista?

Felizmente, sua prova em tamanho reduzido, também de autoria de Turin, é conservada no acervo do Estado do Paraná, hoje acervado no Museu Oscar Niemeyer. Desde 1978, há uma outra réplica, feita pelo escultor João Aquino, de dois metros de altura sobre pedestal de cinco metros, em cimento pintado, às portas da cidade de Guarapuava, lá colocada por iniciativa de Túlio Vargas, historiador e escritor, então secretário da Justiça do Paraná.

O mito do índio fundador, recorrente tanto em Curitiba quanto em Guarapuava, foi inoculado, pela cabeça nacionalista de Romário Martins, no ego do presidente Getúlio Vargas. Tanto assim que o mesmo presidente Vargas, ao inaugurar a estátua de Turin, em 19 de abril de 1943, entre o Instituto Militar de Engenharia e o Morro da Urca, instituiu o Dia do Índio, coincidentemente, dia do seu aniversário de nascimento. Era do tamanho do Brasil o ego do “Gegê”.

O nosso lendário Guairacá foi considerado por Getúlio Vargas como o *Índio Símbolo do Brasil*, espécie de primeiro herói nacional. Alma encarnada que aqui lutou contra a intromissão dos colonizadores. Mais ou menos o que ele próprio tentava, ao fundar a Companhia Siderúrgica Nacional, a Eletrobrás e a Petrobrás.

A eficiência ao repelir os espanhóis, consequência das lutas aguerridas desse morubixaba dos guaranis, facilitou o trabalho dos diplomatas portugueses, creditados no Palácio das Necessidades, em revogar os limites do Tratado de Tordesilhas, alargando o território do Brasil em dimensões continentais. Em suas pesquisas, Gehad Hajar mostra como Guairacá finca sua borduna em repetidos episódios do Paraná colonial espanhol e português:

Eis que surge um líder indígena de nome Guairacá, o lobo dos campos e das águas. Nascido nos campos de Guarapuava, indignado com a submissão imposta sobre sua gente silvícola, bradava: “Có ivi oguerecô

yara!”, “Esta terra tem dono! Esta terra tem dono!”.

Junta ele, então, mais de 100 mil índios de 12 poderosos povos que viviam margeando os grandes afluentes de nossa terra: Paranapanema, Paraná, Iguaçu, Ivaí e Tibagi. Confederados, iam defender seus domínios. Essas tribos já eram reconhecidas por sua bravura em defesa de suas terras, tanto que Dom Álvaro Núñez Cabeza de Vaca – o novo governador do Paraguai –, ao navegar pelo Iguaçu, partindo dos campos de Curitiba, e descobrir as monumentais cataratas, em 1541, evita passar por terras onde estavam

1601 – contra as tropas de Hernando Saavedra.

Curitiba teve, nas décadas de 1940 e 1950, a famosa Rádio Guairacá. Tinha por prefixo “A Voz Nativa da Terra dos Pinheirais”. Dirigida por Aloizio Finzetto, tinha na sua equipe talentos da qualidade do jurista Manoel de Oliveira Franco, do teatrólogo Wilson Galvão do Rio Appa e do jornalista João Féder. Nessa rádio, o maestro Jorge Kossatz regia a orquestra de câmara que acompanhava o competente tenor Humberto Lavalle. Curitiba conhecia-o como *O Pequeno Caruso*. Famoso desde 1917, em que foi tenor



Aquarela de Jean-Baptiste Debret (1768-1848) com índios Tingiüs caçadores.

instaladas as tribos que formaram o exército do herói Guairacá.

Tempos antes, esses índios já haviam trucidado os homens de Pero Lobo Francisco Chaves no sertão do Paraná, que haviam entrado pelo vale do rio Ribeira, com 80 homens, besteiros e espingardeiros, à cata de ouro e prata (entre 1520 e 1540). As tribos também se opuseram aos soldados de Aleixo Garcia, descobridor do Império Inca (1532), assim como à expedição de Jorge Sedenho, que veio em socorro de Aleixo Garcia, também sucumbida pelas mãos dos guaranis nas cercanias das Sete Quedas.

Batalhas em que os homens de Guairacá se envolveram, sempre com sucesso:

- 1554 – contra as tropas de Irala;
- 1555 – contra as tropas de Nuflo de Chaves;
- 1561 – contra as tropas de Alonso Riquielme;
- 1576 – contra as tropas de João de Garai;

da opereta infantil “A Vovozinha”, libreto de Emiliano Pernetta, música de Benedito Nicolau dos Santos. Essa peça foi restaurada e representada em 2012, pelo maestro Jaime Zenamon, em Curitiba. Gehad Hajar diz que é a “primeira peça infantil da História do Brasil”.

O auditório da rádio na rua Barão do Rio Branco fervia com as apresentações da dupla caipira Nhô Belarmino e Nhá Gabriela. E, nas casas, ao ouvirem o reclame das Casas Lorusso, os piás sabiam que era hora de dormir: *O boa noite das Casas Lorusso/ O nosso boa noite também/ Muitas felicidades/ Que os Anjos digam amém...*

Em 1951, a bibliografia paranaense seria acrescida de um belo poema, premiado no Grande Concurso de Livros do Centro de Letras do Paraná: “Guairacá”, de Joaquim Carvalho, publicado pela Edições Bande-



rante, em Curitiba. O poeta presenteou o exemplar autografado ao meu finado confrade da Academia Paranaense de Letras, Valério Hoerner Júnior, em 1968. Valério deixou-o dedicado para nosso pesquisador Gehad Ismail Hajar. Do poema, os versos:

*Viver na escuridão ou morrer no abandono?...
Batalhai, meus irmãos – “Esta Terra tem dono”!*

O Paraná e o Brasil, pelo andar do carro da História, ainda não aprenderam isso.

A região dos planaltos do atual Paraná, antes dos portugueses, era conhecida pelos indígenas como *Curitín*, pela versão Tupi, ou *Curi-Atibá*, pela versão Kaingang, que significaria “corra, vamos lá”. Ou pela versão Guarani, *Coritiba*, sendo ‘coré’ = ‘cateto, caça, comida’ e ‘tiba’ = ‘muito, abundância, fartura’, quando a região era conhecida como terra da fartura, da abundância, de muita caça, como referiram Francisco Filipak e Valério Hoerner Júnior, ambos já falecidos, meus colegas na Academia Paranaense de Letras.

Ainda que pese a questão de os porcos domésticos terem aparecido no Brasil em 1512, a intromissão de europeus espalhou esses animais pelo território nacional, e certamente a analogia vernacular os fez chamar os porcos domésticos do mesmo nome dado aos porcos-do-mato, assegura Gehad Hajar, que jura ter lido nas Atas da Câmara Municipal que *a Vila era tomada por porcos soltos que faziam mal às lavouras*.

Mais tarde, surgiu uma corruptela das nomenclaturas anteriores do nome tupi-guarani *Curitiba*, em que *Curi* passou a significar *pinhão*. Daí, Curitiba seria ‘muito pinhão’, ‘pinhais’, ‘pinheirais’.

Em 1995, na gestão municipal que marcou os 300 Anos da Cidade de Curitiba, então prefeito, fiz publicar extensa pesquisa sobre *Origens, Fundação e Nome da Cidade*, no Boletim nº 105 da Casa Romário Martins, sede da diretoria de Patrimônio da Fundação Cultural de Curitiba.

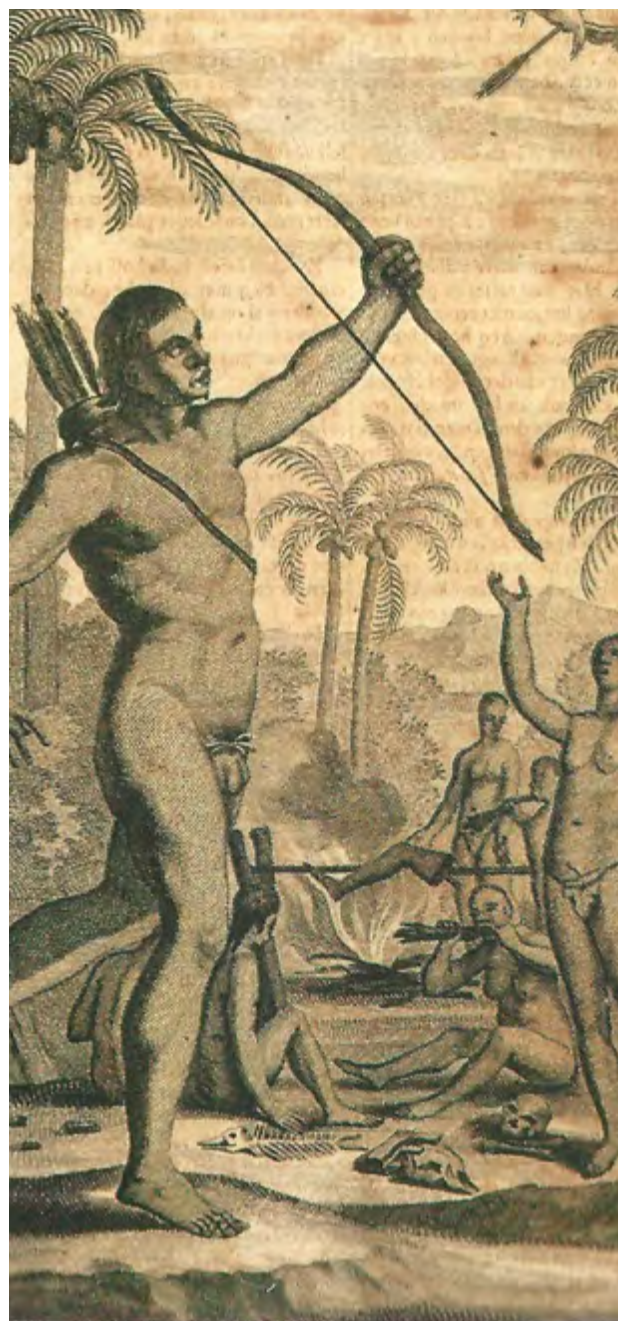
Nesse trabalho, o professor Aryon Dall’Igna Rodrigues concluiu: *Ainda que seja seguramente um nome tupi-guarani, é mais provavelmente um nome da Língua Geral do Brasil que falavam no século XVII os mamelucos e não uma herança direta dos índios guaranis que teriam habitado a região*.

A leitura dos manuscritos originais, seja nos documentos reinóis, seja nos Provimientos do Ouvidor Pardinho, seja no *Testamento de Baltazar Carrasco dos Reis*, seja nos *Livros do Tombo da Igreja Matriz*, seja nas *Atas da Câmara Municipal de Curitiba*, mostra diferentes nomes para chamar a povoação primitiva: *Querytiba*, *Coryatiba*, *Corêtuba*, *Curiatuba* – certamente referência ao rio do primitivo garimpo de ouro: *Coriatyba*, *Curiatyba*. Nas respostas das petições de

Mateus Leme para os ditos “homens bons” do primitivo povoado, consta também a denominação *Pinhaes*.

Nosso berço também foi chamado *Cururutuba* e *Curutuwa*. Após a ereção do Pelourinho (1668), *Vila de Nossa Senhora da Luz e Bom Jesus dos Pinhais* e *Vila de Nossa Senhora da Luz de Corityba* (1693).

O “y” caiu na reforma ortográfica brasileira de 1947. O nome *Corityba* sobreviveu até 1919, e agora persiste no glorioso time de futebol do Alto da Glória. Até provocou recente polêmica minha com Jô Soares e Maitê Proença, pelos seus comentários jocosos e grosseiros com o sagrado nome da nossa terra (novembro de 2014).



Índio brasileiro. Século XVI.



Índios com arco e flecha. Jean-Baptiste Debret (1768-1848).



Gravura de Jean-Baptiste Debret (1768-1848), acervo da USP: “Sauvages civilisés soldats indiens de la province de la Coritiba ramenant des sauvages prisonnières” – Selvagens civilizados, soldados caboclos da Província de Coritiba arrastam selvagens prisioneiros.





A CHEGADA DOS PRIMEIROS EUROPEUS



(página oposta) Mapa de Piri Reis (1465?-1553), Museu Topkapi de Istambul. A geografia representada coincide em desenho e relevo com a costa brasileira. No detalhe (acima), sobre as curvas da Baía de Paranaguá, uma onça marca o sítio onde se ergueu Curitiba.

Nos anos de 1999 e 2000, tendo sido eleito deputado federal com a maior votação das eleições de 1998, fui feito Ministro da República. Na ocasião, os presidentes Fernando Henrique Cardoso e Mário Soares honraram-me com a designação para presidir o Conselho de Ministros Brasil-Portugal, encarregado das comemorações dos 500 anos do que os brasileiros chamamos *O Descobrimento do Brasil* e os portugueses chamam *O Achamento do Brasil*.

A experiência cultural intensa, dos dois lados do Atlântico, foi oportunidade única que valeu inclusive as graves injustiças políticas que depois sofri e que reportei no livro *Verdades e Mentiras dos Meus Dias de Ministro*. Creio, como Alceu Amoroso Lima, *que o passado é o que de bom ficou do passado*. E entre as alegrias daqueles dias, conta-se o convívio com o historiador Jorge Couto, autor de *A Construção do Brasil*, livro editado em Lisboa em 1995. No dia 18 de junho de 1999, em visita oficial a Lisboa, mantive com o historiador apreciada conversa.

O mestre da Universidade de Lisboa, presidente do Instituto Camões e da Biblioteca Nacional de Portugal, ensina que “tem fundamento a tradição escolar lusitana de o real descobrimento do Brasil ter acontecido já em 1498, pelo navegador e cosmógrafo Duarte Pacheco Pereira”.

Seu manuscrito *Esmeraldo de situ orbis*, escrito a partir de 1505, ficou esquecido até o século XX. Pereira teria vindo reconhecer as terras a oeste já referidas pela expedição de 1487, da qual participaram os almirantes Fernandes de Andrade e Pedro Vaz da Cunha – dito *o Bizagudo*. Ambos teriam mapeado secretamente toda a costa brasileira.

Os reis da Europa, naqueles tempos, buscavam alargar seus domínios além-mar em atividades mantidas sob segredo de estado. Assim foi que, em 1488, o navegador normando Jean Cousin, em nome do rei de França, teria vindo até a foz do rio Amazonas e ao atual estado do Maranhão, onde depois seria fundada a França Antártica, com a cidade de São Luiz. Três anos depois (1491), houve vários naufrágios de marinheiros bretões e normandos nas costas do Brasil. Os episódios são mencionados, respectivamente, na *Historie de La Marine Française*, por Charles de La Roncière, publicada em Paris, em 1899, pela *Editions Plon, Nourrit et Compagnie*, e na obra *História da Colonização do Brasil*, do acadêmico português, curador da Biblioteca Real d’Ajuda, Jordão de Freitas (1883-1934).

Dom Manuel de Portugal, pessoalmente, mandou que cá viesse, em segredo, o navegador João Coelho da Porta da Cruz, em duas expedições, nos anos de 1493 e 1494, para averiguar as descobertas de Cristovão Colombo, se haveria terra habitável ao sul de Santo Domingo e do Mar do Caribe. Isso é comprovado pela leitura da Carta de próprio punho enviada por João Coelho a *El Rey* Dom Manuel I, que se conserva na Torre do Tombo em Lisboa.

Os portugueses levaram vantagem no domínio do Oriente e do Oci-



dente porque, a partir da Escola de Sagres, tiveram acesso aos arcanos de cartas náuticas árabes, todas referindo a existência de terras além do *Mar Tenebroso*, então o nome do Oceano Atlântico.

O historiador do *Califado de Córdoba*, Al Massudi, narra expedição do almirante Ibn Aswad, no ano 889 d.C., celebrada pelo ouro e riquezas que trouxe do Poente. Há também o mapa de Piri Reis (1465?-1553), que pode ser visto nos arquivos otomanos do Museu Topkapi, em Istambul. Nele, a geografia representada coincide em desenho e relevo com a costa brasileira.

Quando o vimos, Gehad Hajar e eu, tivemos imensa alegria que tenha referências à geografia da baía de Paranaguá e à foz do rio Itiberê, e que nas terras de Serra acima uma onça soberana já vele sobre o sagrado território onde viria a ser erguida nossa amada Curitiba. Terá sido esse ícone antecessor do *Luar do Sertão* que João Turin eternizou e colocamos na guarda do Paço 29 de Março?

Voltando ao achamento do Brasil no portal do século XV, Jorge Couto reforça sua argumentação detalhando as relações políticas entre Portugal e Espanha, reinos protagonistas da saga das navegações ultramarinas, signatários do Tratado de Tordesilhas (1494), negociado pelo Papa Bórgia, Alexandre VI, que dividia as terras descobertas por uma linha imaginária traçada a 370 léguas do meridiano da ilha de Santo Antão, no Cabo Verde.

Couto refere as sutilezas diplomáticas de *El Rey Dom Manuel*, o Venturoso, casado com três *Infantas de Espanha*, filhas de Fernando de Aragão e Isabel de Castela. Viúvo da primeira mulher, d. Isabel de Aragão, o rei de Portugal escondeu do mundo as novas descobertas lusitanas enquanto não conseguiu se casar novamente com outra herdeira da Espanha, d. Maria de Aragão. Mais tarde, outra vez viúvo, de novo buscou aliança real com uma terceira Infanta de Espanha, d. Leonor. Só quando reafirmou seus direitos pelas terras dos dois lados de Tordesilhas é que dom Manuel divulgou suas novas descobertas.

Depois de Duarte Pacheco Pereira, obviamente, desembarcou no Brasil o almirante Pedro Álvares Cabral, na bela praia da Coroa Vermelha, em 22 de abril de 1500. Pero Vaz de Caminha, experiente em relatar as novas terras, legou-nos sua admirável carta. Pessoalmente, prefiro outro relato daquele abril de 1500, a bela Carta de Mestre João, médico da esquadra de Cabral, astrônomo e astrólogo.

No documento, datado de 1º de maio na Terra de Vera Cruz, Mestre João comunica ao rei Dom Manuel seu alumbramento com a constelação que batizou de *Cruzeiro do Sul*. E pontua o manuscrito desenhando as 5 estrelas. “Somente mando a Vossa Alteza como estão situadas as Estrelas do Sul, mas em que grau está cada uma, não o pude saber. Antes, me parece ser impos-

sível tomar-se a altura de uma Estrela no Mar. Digo isto porque trabalhei muito e, por pouco que o navio balance, se erra quatro ou cinco graus, de modo que a medição só pode ser exata quando feita em terra”.

Esses homens renascentistas que, no dizer da poetisa portuguesa Sophia de Mello Breyner, *navegavam sobre o mapa que faziam*, revelaram ao mundo contornos, nuanças, riquezas do nosso Brasil. Movia-os a empresa colonial, a ideia do retorno financeiro. Com a cobiça e o ferro das espadas, não foi fácil o encontro com os silvícolas.

Nesse drama, em que não podemos esquecer que o Brasil é a maior obra de Portugal, surge a vila de Nossa Senhora do Rosário de Paranaguá, já com registros no longínquo ano de 1578, com a implantação da primeira capela curada na Ilha Rasa da Cotinga. Os primeiros portugueses ali chegados tinham medo de atravessar o rio Taguaré – atual Itiberê –, porque os índios carijós pareciam ter elevada estatura.

Esses silvícolas já tinham sido referidos por Hans Staden, explorador europeu que naufragou no Superagui entre 1549 e 1550. Na volta à Europa, publicou em alemão gótico o fascinante livro *Minha Estada entre os Selvagens do Brasil* – cf. tradução posterior de Monteiro Lobato, que fez publicar na *Coleção Farol do Saber*.

Nessa obra, há a descrição da antropofagia e dos costumes dos indígenas brasileiros. Na primeira edição do livro alemão, consta xilogravura que revela o que seria o primeiro mapa da terra paranaense desde o canal do Superagui até Guaratuba.

Voltamos a Jorge Couto, principal especialista português em história do Brasil. No seu livro *A Construção do Brasil*, Couto também reconstrói a antropofagia brasileira, citando passagens de Hans Staden, Claude D’Abbeville, Pero de Magalhães Gândavo, Jean de Léry e outros autores focados no período quinhentista: [...] após as batalhas os cativos sobreviventes eram amarrados com cordas ao pescoço e levados para as aldeias dos captores. À sua chegada eram obrigados a saudar os habitantes das mesmas com a expressão: “- Eu, vossa ‘comida’, cheguei”, sendo recebidos com grande hostilidade, sobretudo pelas mulheres, que os injuriavam, maltratavam e mordiam, indicando quais partes de seus corpos pretendiam devorar: [...]

Terminada a cena de hostilização, o contrário era levado à oca de seu senhor, onde lhe entregavam uma rede de dormir; passando, a partir dessa altura, a ser bem tratado. Normalmente concediam-lhe uma mulher – em geral filha ou irmã do seu dono – para que vigiasse seus passos, cuidasse dele, lhe atenuasse a melancolia,

que a certeza de seu fim provocava, contribuindo para que engordasse.

O período entre a captura e execução podia ser longo. [...] Quando deliberavam sacrificá-lo enviavam mensageiros a convidar os parentes e amigos a participar do banquete canibal, transformando este ato numa manifestação coletiva que permitia reafirmar e estreitar os laços de solidariedade entre o conjunto das tabas aliadas. [...] Na data aprazada, após a recepção aos convidados, davam início a cauinagem – bebedeira com cauim –, que geralmente durava três dias, no decurso da qual não ingeriam alimentos sólidos, bebiam, cantavam e dançavam ininterruptamente. [...]

Ao alvorecer do dia escolhido, o prisioneiro era lavado, adornado e amarrado pela cintura com a mussurana (corda grossa de algodão ou de embira), sendo cada uma das extremidades segurada por dois ou três homens protegidos por escudos. Seguidamente era conduzido ao terreiro onde, no centro do círculo formado pelas centenas ou milhares de espectadores, lhe davam pedras, cacos de cerâmica e frutos duros, para arremessar aos adversários e, desse modo, vingar-se daqueles que iam comer; mostrando, assim, a sua valentia. Chegando o executor, profusamente pintado com tintas de várias cores e enfeitado com adornos plumários, recebia cerimonialmente das mãos de um principal, que tinha sido reputado guerreiro, a ibirapema – clava –, com a qual se iniciava uma dança junto ao cativo, imitando uma ave de rapina. Terminada a gesticulação, algóz e vítima travavam um diálogo genericamente do seguinte teor:

“Não sabes que tu e os teus mataram muitos parentes nossos e muitos amigos? Vamos tirar a desforra e vingar essas mortes. Nós te mataremos, assaremos e comeremos”. Responde a vítima: “Pouco me importa pois não morrerei como vilão ou cobarde. Sempre fui valente na guerra e nunca temi a morte. Tu me matarás porém eu já matei muitos companheiros teus. [...] Que venham logo todos devorar-me, pois comerão assim seus pais e avós que já serviram de alimento ao meu corpo. Ignoram que nestes músculos, nesta carne e nestas veias a substância de seus antepassados ainda se encontra; saboreiem-na pois que nisto tudo ainda acharão o sabor da sua própria carne”. [...] O matador vê tempo oportuno e tal pancada lhe dá na cabeça, na nuca ou na testa, que logo a faz em pedaços. [...]

A forma como caía o sacrificado era aproveitada pelos Tupi para retirar inferências de cunho divinatório – oráculo adivinatório: No caso de

ser de braços significaria que o grupo e executor teriam longa carreira de vitórias; no caso de cair de costas, sofreriam, num curto espaço de tempo, duros revezes e o algóz conheceria a morte.

Logo que era desferido o golpe mortal, uma velha corria com um recipiente para recolher o sangue e a massa encefálica, de forma que nada se perdesse. A esposa temporária fazia um curto pranto junto do corpo, após o que as mulheres fecundas besuntavam os seios com o sangue do adversário para que os filhos que viessem amamentar experimentassem, desde a nascença, o sabor dos contrários. Usavam ainda aquela substância para esfregar as crianças do sexo masculino, prática destinada a tornar os curumins valentes quando atingissem a idade adulta. Desencadeava-se, então, no terreiro, uma febril atividade. Introduziam um bastão no ânus do cadáver; para evitar que expelisse excrementos, esfregavam-no e escaldavam-no com água a ferver; para lhe retirar a pele, e, em seguida, procediam ao seu esquadrejamento. As diversas partes do corpo eram moqueadas, sendo as vísceras aproveitadas para confeccionar um cozinhado. [...]

As velhas bebiam o sangue ainda quente. As crianças comiam os intestinos e os homens ingeriam as vísceras cozidas bem como a pele do crânio. Os órgãos sexuais eram reservados às mulheres, enquanto a língua e a massa encefálica se destinavam aos jovens; os membros e os quartos eram moqueados, oferecendo-se uma parte ou a totalidade aos hóspedes. Se sobrava carne, defumavam-na para ser consumida posteriormente; se era insuficiente, faziam um caldo com os pés e as mãos. A gordura destilada durante a assadura era recolhida e acondicionada em potes, para posterior utilização da banha.

Um outro autor quinhestista – Jean de Léry – verificou horrorizado, na viagem de regresso à França, que o barbeiro do navio trouxe consigo dez ou doze potes de gordura humana que recolhera quando os selvagens cozinhavam e assavam seus prisioneiros de guerra.

Uma das regras dos rituais antropofágicos era de que o matador não participava do repasto, dando início, imediatamente depois do sacrifício do inimigo, a um período de jejum e reclusão, onde ingeria somente farinha, mantinha-se em silêncio, abstinha-se de exercer qualquer atividade, deixava crescer os cabelos, era tatuado e escarificado no peito, nos braços, nas coxas e nas barrigas das pernas, sendo sujeito a diversas precauções mágicas contra o espírito do executado.



Enquanto o sacrificador se espiritualizava, assumindo o ônus do processo de requalificação da sociedade e se preparava para o cerimonial de renominação, todos os membros da comunidade se animalizavam, se transformando simbolicamente em onças, através da participação no banquete, que se revestia de grande ferocidade.

Nesses relatos, percebe-se que os índios do Brasil não matavam para comer, exercendo canibalismo, mas sim para sorver a força e energia do inimigo, tomando seu nome, sua lenda de guerreiro, como coisa e propriedade sua. Isso é *antropofagia*. A mesma que seria evocada, em consequência da Semana de Arte Moderna de 1922, pelo escritor Oswald de Andrade (1890-1954), fundador do Modernismo no Brasil, no seu *Manifesto Antropofágico*, proclamado em maio de 1928.

Além do contato litorâneo de Hans Staden, pelas ancestrais trilhas indígenas, ditas *Caminhos do Peabiru*, deram-se as primeiras entradas de europeus no atual território do Paraná.

Em busca de metais preciosos nos sertões, partiu de Cananea uma expedição liderada por Pero Lobo, em 1531, que procurava o caminho de Peabiru. Esse português foi, possivelmente, o primeiro europeu a acessar os Campos de Curitiba. Foi trucidado pelos índios.

Dom Álvaro Núñez Cabeza de Vaca penetrou os sertões do Paraná, a partir de 1541, com 250 homens e 26 cavalos. Índios deslumbraram-se com a primeira visão das montarias. Deixou relato escrito, publicado



Gravuras que ilustram a primeira edição de “Minha Estada entre os Selvagens do Brasil”, livro de Hans Staden, explorador europeu que naufragou no Superagüi entre 1549-1550. Tupinambás dançando para possuir a alma dos inimigos. Ritual antropofágico.

em seu livro *Comentários**, sobre sua passagem pelos campos de Curitiba, Campos Gerais, sertões do Tibagi, Piquiri e Iguaçu, até descobrir as Cataratas do Iguaçu. No relato batiza o Paraná, chamando nossa terra de *Província de Vera* – do Reino de Espanha.

***O texto de Cabeza de Vaca referente ao Paraná, resgatado do original que se conserva no Arquivo Real das Índias, em Sevilha, foi publicado por mim, em 1995, na *Coleção Farol do Saber*.**

Por oportuno, referência primária ao descobrimento das Cataratas, do rio que nasce onde eu nasci, transcrevo o texto original de Cabeza de Vaca, em alguns parágrafos que me emocionam a cada releitura:

[...] Depois de enviar a nau de volta à Ilha de Santa Catarina, o governador seguiu seu caminho acompanhado por 250 arcabuzeiros e balisteiros, além dos 26 cavalos, dos dois frades e dos índios que os acompanhavam. Andou dezenove dias, passando por grandes montanhas e bosques, abrindo caminho por terra muito trabalhosa e desabitada.

[...] chegaram a três povoados de índios, situados muito próximos um do outro, cujos senhores principais se chamavam Añiriri, Cipoyay e Tocanguanzu. Quando estes índios souberam de sua chegada saíram para recebê-los, carregados com muitos mantimentos e muito alegres, demonstrando muito prazer com sua vinda.

[...] feito isto aos vinte e nove dias do mês de novembro, o governador partiu com sua gente da aldeia de Tocanguanzu e, caminhando duas jornadas, a primeiro do mês de dezembro chegou a um rio que os índios chamam de Iguaçu, que quer dizer água grande.

[...] no dia primeiro de janeiro do ano do Senhor de 1542, o Governador partiu com sua gente daqueles povoados índios, embrenhando-se por montanhas e canaviais muito espessos.

[...] neste caminho, passam por dois rios grandes e muito caudalosos. No dia seis de janeiro, caminhando terra adentro sem achar povoado algum, vieram a dormir na ribeira de outro rio muito caudaloso de fortes correntes e de muitos canaviais em suas proximidades, de onde o pessoal tirava os gusanos para se alimentar. No outro dia, seguiram por terra muito boa, de boa água, de muita caça. Foram apanhados muitos porcos selvagens e veados, que foram repartidos entre todos. Graças a Deus durante este tempo não adoeceu nenhum cristão, e todos continuaram caminhando muito dispostos, com a esperança de logo chegarem à cidade de Ascensión.

[...] Este rio Iguaçu é tão largo quanto Guadalquivir e está situado a vinte e cinco graus. É muito povoado em toda sua ribeira, estando ali a gente mais rica de todas estas terras. São labradores e criadores, além de

ótimos caçadores e pescadores. Entre suas caças estão os porcos selvagens, veados, antas, faisões, perdizes e codornas. Entre suas plantações, além da mandioca, milho e batata, figura também o amendoim. Também colhem muitas frutas e mel.

[...] Tendo deixado os índios do rio Piquiri muito contentes, o Governador seguiu seu caminho, passando sempre por muitos povoados, onde vinham até velhas e crianças com cestas de batata ou milho para lhe oferecer. Por toda parte por onde passavam, os índios cantavam e dançavam e sentiam maior prazer quando as velhas se alegravam, pois são muito obedientes a estas, o mesmo não se dando com relação aos velhos. Depois de andarem oito jornadas por terras despovoadas, chegaram novamente ao rio Iguaçu, agora à altura de vinte e cinco graus e meio e onde não havia povoado algum.

Os nativos que encontraram por perto informaram que o rio Iguaçu entra no rio Paraná, que por sua vez entra no rio da Prata, e que nestes rios morreram muitos índios e portugueses que Martin Afonso de Souza enviou para descobrirem aquelas terras. Foram mortos pelos índios da margem do rio Paraná, quando atravessavam o rio em canoas. Assim, para prevenir-se de ataques, o Governador decidiu seguir por dois caminhos.

Iria ele com uma parte do pessoal em canoas, rio Iguaçu abaixo, até encontrarem o rio Paraná. O restante do pessoal e os cavalos iriam por terra e se colocariam à margem do rio, para proteger a passagem das canoas. Assim foi feito. O Governador comprou algumas canoas dos índios e embarcou com oitenta homens rio Iguaçu abaixo, seguindo o restante por terra, devendo todos se juntarem no rio Paraná. Mas, ao ir rio Iguaçu abaixo, era tão forte a correnteza que as canoas corriam com muita fúria.

Logo adiante do ponto onde haviam embarcado o rio dá um salto por uns penhascos enormes e a água golpeia a terra com tanta força que de muito longe se ouve o ruído. De modo que foi necessário sair da água,



Dom Álvaro Núñez Cabeza de Vaca (Jerez de la Frontera, 1492 - Sevilla, 1560), descobridor das Cataratas do Iguaçu. Escreveu minucioso relato de seu percurso pelo interior do Brasil, entre a foz do rio Itapocu, até Assunção, no Paraguai. Imagem em bico de pena por Marcelo Lopes.

tirar as canoas e conduzi-las por terra até passar por aqueles saltos. Assim, à força de braços, as conduziram por mais de meia légua, passando grande trabalho. Vencido aquele obstáculo, voltaram a colocar na água e as conduziram por mais de meia légua, passando grande perigo na embocadura do rio Paraná. Quis Deus que a gente que ia por terra com os cavalos e os que iam por água com as canoas chegassem todos ao mesmo tempo.

No limiar de 1600, sobrevém a exploração do que seria o território do Paraná, pelas entradas dos portugueses Aleixo Garcia, Manoel Soeiro, Jorge Correia, Jerônimo Leitão, Manoel Preto, Nicolau Barreto, Sebastião Preto, Pero Vaz de Barros, Lázaro da Costa e Raposo Tavares. No objetivo das entradas no sertão, a busca de ouro e a preação de índios.



Baía de Paranaguá, visão de Debret. Aquarela 1827.





Pradosul

Prados norte

- | | | | | |
|-------------------|---|----------------------|---|------------|
| Ilha domel | A | Barradebupcais | I | Campoa |
| Pectanomejodolva | B | Ilha Rosa | L | Ilha Rosa |
| Bna desopongui | C | Princelubonao | M | At prouton |
| Ilha das pessa | D | Acadadeop | N | A Recifes |
| Cruzadouro | E | Ilha de lbonema | O | naban |
| Ilha das cebras | F | Ilhadegumipicabi | P | zaleso |
| Ilha das gamelas | G | Casadondecomrao | Q | ponguai |
| Ilha do telecrias | H | Caminhodequiseitibit | R | |
| Gatases, auratum | H | Trombudazonalegao | S | |



OURO DE PARANAGUÁ: ORIGEM DO PARANÁ



Barra de ouro com padrão *D'El Rey* português fundida após cobrança do imposto do “quinto”. Aquele que o povo chamava de “o quinto dos infernos”. Paranaguá teve Casa de Fundição de Ouro já em 1695 – uma das primeiras do Brasil.

(página oposta) Mapa de João Teixeira Albernaz, datado de 1654 – acervado na Torre do Tombo de Lisboa. Refere as minas de ouro de Pernaguá e a primeira notícia do arraial de mineração de Curityba, à época Queretyba.

Os portugueses chegam ao litoral do Paraná, na altura da baía de Paranaguá, mais precisamente na ilha da Cotinga, entre 1555 e 1560, conforme registra Antônio Vieira dos Santos (1784-1854) – português vindo do Porto e radicado no litoral do Paraná –, na sua obra *Memória Histórica da Cidade de Paranaguá*, manuscrita em 1850. O original, que faz de Vieira dos Santos o primeiro historiador do Paraná, com iluminuras, é tesouro que pertence ao acervo do Instituto Histórico e Geográfico de Paranaguá.

Segundo seu relato, “logo passam a terra firme, erguendo igreja, na povoação que chamaram Nossa Senhora do Rosário de Paranaguá”. Registros datados de 1570 apontam ouro na região de Paranaguá, Guaqueçaba e Cananea. O atual território do Paraná era então capitania de Sant’Ana – da barra de Paranaguá para o sul –, e capitania de São Vicente – da barra de Paranaguá para o norte.

Na região, as primeiras minas cartografadas no novo território português merecem destaque no mapa de João Teixeira Albernaz, datado de 1654, onde claramente aparece o povoado de Curitiba, então grafado como arraial de Queretyba, inclusive assinalado com duas casas, pelourinho e um cruzeiro, símbolo de capela curada instituída. Tive a alegria de tê-lo em mãos, em Lisboa, no Palácio Real D’Ajuda, em março do ano de 2000, durante as comemorações dos 500 anos do Brasil, por gentileza do nosso amigo presidente de Portugal doutor Mário Soares, que, sabendo da minha paixão por Curitiba, quis assim me obsequiar.

É sabido que as lavras de ouro de aluvião no leito dos riachos tributários dos rios Itiberê e Nhundiaquara, exploradas a partir de Paranaguá, provocaram nos portugueses a ânsia de galgar a Serra do Mar, procurando passo entre as montanhas, para abrir caminho rumo ao planalto curitibano.

O primeiro acesso deu-se pela garganta do Itupava, por onde, nos idos de 1640, os pioneiros subiram a Serra do Mar, costeando o maciço do Marumby. Havia ali uma trilha pré-cabralina, ramal do Caminho Indígena do Peabiru, que, no dizer de Romário Martins, foi descoberta pelos faiscadores, quando, em caça, perseguiram uma anta. Esse Caminho persiste até hoje, restaurado em seu curso, revelando belíssimo pavimento ancestral. Chega a Curitiba, coincidindo com o atual traçado da rua Itupava, terminando junto ao rio Belém, no atual Largo Bittencourt, endereço do Passeio Público, do Teatro Guaíra e do Círculo Militar.

Uma das primeiras casas de fundição de ouro do Brasil foi erguida em 1695, em Paranaguá. Nela se cobrava o *imposto do Quinto*. A quinta parte do ouro descoberto era devida a *El Rey*. Na ocasião, entre os garimpeiros surgiu a expressão *quinto dos infernos*, que traduzia a revolta contra o tributo real e o ambiente de cobiça entre os ávidos de enrique-





Leitura da Carta Régia para a Vila de Nossa Senhora do Rosário de Paranaguá. Obra de Rafael Lopes da Silva (1904-1980). Acervo do Instituto Histórico e Geográfico de Paranaguá.

cer a qualquer custo.

Paranaguá era a mais meridional das possessões portuguesas no Brasil. A saga do ouro nos sertões de Paranaguá e Curitiba é capítulo significativo do avanço lusitano sobre território espanhol, tendo por consequência a posterior revogação das fronteiras do Tratado de Tordesilhas.

Essa disputa revela-se também na conflituosa relação entre o filho de espanhóis Gabriel de Lara – nascido em Santana do Parnaíba –, o português Eleodoro Ébano Pereira e o filho de portugueses Mateus Martins Leme, todos personagens da fundação de Curitiba.

O relato desse conflito, simultâneo à ocupação do território do litoral rumo ao que hoje é a Grande Curitiba, pode ser minuciosamente reconstituído pelas informações do *Atlas Histórico do Paraná*, editado em 1986 pelo livreiro curitibano Aramis Chaim, na magistral pesquisa de Cecília Maria Westphalen e Jayme Antonio Cardoso:

Ao tempo que, com os ataques dos bandeirantes, esboroava-se a Província Jesuítica do Guairá, e, pois, a presença espanhola no ocidente do Paraná, intensificava-se a penetração dos vicentinos [moradores da Capitania de São Vicente] no litoral de Paranaguá e nos campos de Curitiba, em procura de ouro. Tanto assim que, por ordem do governador do Rio de Janeiro Duarte Correia Vasqueannes, era elevado a 6 de janeiro de 1646, o Pelourinho de Paranaguá.

Nesse ano de 1646, a 27 de novembro, Gabriel de Lara manifestou, junto à Câmara Municipal de São Paulo, haver descoberto ouro nas encostas da Serra

Negra. Com essa comunicação, Gabriel de Lara tem a primazia do descobrimento do ouro de Paranaguá.

Todavia, já no século XVII, discutia-se sobre quem, de fato, teria revelado as Minas de Paranaguá, se Bartolomeu de Torales, Frei João de Granica, Agostin de Figueiredo, Manoel de Lemos Conde, ou o próprio Gabriel de Lara.

Ao ler Westphalen e Cardoso, intuo que todos estavam empenhados em descobrir ouro em Paranaguá. Dos poucos letrados, Gabriel de Lara foi quem escreveu o relato enviado à Câmara de São Paulo de Piratininga. Como resposta, o sertanista, em nome do Marquês de Cascais, herdeiro da Capitania, tornou-se Capitão Povoador, depois Capitão-Mor, autorizado a implantar pelourinhos e criar vilas. Coisa que fez em Paranaguá no ano da graça de 1646, e em Curitiba, em 1668.

Em 1649, no rastro da comunicação de Gabriel de Lara, aportou no Paraná o ex-cartorário português no Rio de Janeiro, investido nas funções de Capitão de Mar e Guerra para as Minas do Sul, Eleodoro Ébano Pereira.

A 20 de setembro deste mesmo ano procedia ao primeiro exame e vistoria das minas descobertas no distrito de Paranaguá. Havendo encontrado ouro de lavagem, bem como ouro de beta. Presente o descobridor; Gabriel de Lara, este afirmou que, depois de haver descoberto cinco ribeiros de minas de ouro nos campos de Curitiba, em paragem sabida e manifestada, fora correr mais terras e campos, achando terem ouro perto de 30 ribeiros que já manifestara ao General [Eleodoro].

Eleodoro Ébano Pereira fez ainda outros exames



Jean Pallière, em 1864, retratou família sendo transportada por escravo remador no “Rio de Paranaguá”, onde o Paraná começa.

e vistorias, a partir de maio de 1650, na presença de vários povoadores locais, do litoral e do planalto. Provocou conflito de interesses com os garimpeiros alinhados com os paulistas.

Em 12 de maio de 1650 foi feito auto de um segundo exame e vistoria que Eleodoro Ébano fizera no ribeiro das Pedras, contorno e sertão da Vila de Paranaguá, onde foi encontrado ouro; o início do auto foi feito no próprio ribeiro das Pedras e concluído em Paranaguá em 23 de maio. Em 8 de junho de 1650 foi lavrada uma certidão esclarecendo o resultado da averiguação da mina e se deu data ao descobridor Gabriel de Lara.

Segundo o historiador Júlio Moreira, esse ribeiro das Pedras, garimpo com lavras de ouro de aluvião, era o rio Atuba.

(Texto referido pelo minucioso pesquisador José Carlos Veiga Lopes, admirado amigo e presidente da

Academia Paranaense de Letras, em seu livro *Aconteceu nos Pinhais*, publicado em Curitiba no de 2007, pela Editora Progressiva.)

Da disputa pelo controle do ouro aqui encontrado e explorado, entre Ébano Pereira e Gabriel de Lara, nasce o interesse régio na fundação do que seria a Vila de Nossa Senhora da Luz e Bom Jesus dos Pinhais de Curitiba – então ainda território espanhol.

Num momento posterior da História do Brasil, em outra latitude, mais ao norte, Rugendas, integrante da Expedição Langsdorf, retrataria a agitação febril e gananciosa dos garimpos.



178



COMEMORAÇÃO

DO
250º
ANIVERSÁRIO
DA
FUNDAÇÃO
DA
VILA
DE
CURITIBA

ESTE MARCO ASSINALA
O LOCAL SACRADO EM QUE
OS PRIMEIROS PIONEIROS
DOS CAMPOS DE CURITIBA
ELEGERAM AS PRIMEIRAS
AUTORIDADES POLÍTIAS E
FUNDARAM A VILA, SOB A
EGÍDE DO SENHOR ALVARO
DE CARVALHO - FUNDADOR
DA CIDADE MARANHULESE

1693 - 25-9 - 1943



LAVRAS DE OURO NOS SERTÕES DE CURITIBA



Terracota portuguesa de inspiração renascentista, provavelmente trazida de Lisboa pelos primeiros povoadores. Essa imagem de Nossa Senhora da Luz dos Pinhais de Curitiba, padroeira da primitiva Matriz, esteve no altar-mor, no ato da fundação da Câmara Municipal de Curitiba, a 29 de março de 1693. Acervo do Museu Paranaense.

(página oposta) Marco de posse da terra de Curitiba por *El Rey*, conforme o padrão do Império Lusitano. Entronizado em supedâneo de cantaria de pedra lavrada em 1943, na ocasião dos 250 anos da fundação da Câmara e da Vila de Curitiba.

Com os garimpos dos rios Atuba e Barigui, começou o povoamento português do planalto curitibano. Acabou o sossego das nascentes, cachoeiras, itupavas, bosques e campos de uma terra de muito pinhão, “onde soprava o vento que os índios chamavam *bugio*, porque, como aqueles macacos, derrubava os pinhões no começo do outono, vento gelado do sul”, segundo relato do padre jesuíta Belchior de Pontes, que, ainda antes da fundação da Câmara de Curitiba, aqui veio pregar missão.

A vida desse jesuíta da província do Brasil, residente do Colégio de Paranaguá, batizado em 6 de dezembro de 1644, na Sé de São Paulo de Piratininga, revela episódio da exploração de ouro nas minas de Curitiba com sabor cinematográfico, similar à saga do velho oeste norte-americano.

Na biografia do padre, escrita pelo também jesuíta Manoel da Fonseca, publicada em Lisboa em 1752 e reeditada em 1932 pela Companhia Melhoramentos, sob supervisão de Alfredo d’Escragno Taunay, lemos:

[...] nestas diligências, encontrou o nosso Missionário ao Capitão Salvador Jorge, o qual, deixando a sua casa e família em Santana do Parnaíba, tinha passado alguns anos naquele Sertão de Curitiba, mineirando. Sem que o contínuo e baldado trabalho o desenganasse, que não manifesta Deus os tesouros da Terra a quem faz pouca diligência pelos do Céu. Mas obrigando-o pela falta de mantimentos [no garimpo] a buscar a povoação.

Quis Deus que fosse o tempo em que o nosso Missionário, com seu fervoroso zelo, fecundava aqueles desertos. E querendo aproveitar tão feliz encontro, convidou-o a ir confessar a sua família. Com esta ocasião, lhe perguntou o Servo de Deus, quando se havia de recolher à sua casa? E respondendo ele que devia muito, que não tinha intenção de entrar em sua casa, enquanto não achasse [ouro] com que satisfazer a seus credores.

O consolou o Padre [Belchior de Pontes], dizendo-lhe que Deus era um Bom Pai, e naquele Pinhão [assim chamam os naturais o seu Outono] se havia de recolher. Acabada a missão, voltou o Padre para a Vila de Paranaguá, e saindo nesse tempo dois criminosos a refugiar-se nos desertos de Curitiba, encontraram [veios] pelos matos, com tal felicidade, que, convertendo-se a desgraça em ventura descobriram ouro. Com esta notícia acudiu o Capitão Salvador Jorge, e em breve tempo tirou tanto, que, voltando para sua casa, no tempo assinalado, pode não só satisfazer aos seus credores, mas ainda ornar sua casa com várias peças de ouro.

Ao ler esse delicioso relato do alvorecer do povoamento da nossa Curitiba, lembro-me ainda do embaixador Sinésyo Góes, que, em Lisboa, no ano 2000, disse-me ser a palavra *sertão* uma criação brasileira, pois um sertão tão vasto não caberia dentro do pequenino Portugal. A palavra, paulista, num tempo em que se falava por aqui a Língua Geral do Brasil, é corruptela de *desertão*, lugar sem viva alma, imensidão despovoada. *Para onde vai Vósmeccê?, perguntava a mulher ao Bandeirante.*





Fundação de Curitiba na visão de Theodoro de Bona (1904-1990). Óleo sobre tela de grandes proporções que se conserva na Pinacoteca do Colégio Estadual do Paraná.

Vou pro Desertão, pro imenso Sertão..., respondia o destemido.

Assim era o Sertão de Curitiba. Havia ouro nos ribeirões sombreados pelas portentosas araucárias – flora pré-histórica, exemplares de uma botânica anterior ao dilúvio –, mata nativa repleta de imbuías, pés de erva-mate, bracatingas, canafístulas, sibipurunas, guapuruvús, manacás-da-serra, pés de pitanga e araçá. Bosques onde vivem caxinguelês, cotias, capivaras, ouriços-lapiseiros, lobos-guará, sussuaranas, onças-pintadas, jacus, grimpeiros, gralhas-picaças, gralhas-azuis.

Nessa paisagem de verde intenso e exuberante, mercê da intensa umidade do clima, destacam-se ainda as árvores chamadas caaingá (ou guamirim), formação vegetal peculiar e exclusiva da região de Curitiba, classificada por botânico local, em 1955. Ninguém menos que o saudoso mestre botânico Gert Hatschbach, mentor do Museu do Jardim Botânico de Curitiba, na minha gestão de Prefeito (1993-1996) pediu-me que promovesse o reflorestamento de nossos parques com mudas de caaingá, mandamento ecológico que cumprimos à risca. Assim foi feito. Hoje, centenas de exemplares de *Myrcia hatschbachii* vicejam entre nós, produzindo oxigênio. Quer conhecê-las? Vá dar

uma volta no lago do Parque São Lourenço do Taboão, no fundo de vale das nascentes do rio Belém.

Repetiu Hatschbach a façanha de outro mestre botânico, Guilherme Schüch (1824-1908), o Barão de Capanema, que aqui viveu nos idos de 1880, com chácara próxima ao atual Jardim Botânico, no bairro que tomou o seu título. O Barão veio instalar no Paraná o Serviço Telegráfico Imperial. Aqui descobriu uma espécie de orquídea, em 1919, classificada como *Capanemia paranaensis*. A exsicata que a classifica encontra-se no Jardim Botânico de Berlim, com a etiqueta (Schltr., Notizbl. Bot. Gart. Berlin-Dahlem 7:328 (1919)).

Após esse alumbramento pela esplêndida natureza do nosso berço, voltemos ao povoamento de Curitiba.

Em 1668, o capitão-mor de Paranaguá, Gabriel de Lara, subiu a Serra pelo caminho do Cubatão, depois conhecido por Caminho do Itupava. Então 17 homens, ligados por laços de parentesco e compadrio, assinaram a ata de erguimento do Pelourinho, entre eles Mateus Martins Leme e Baltazar Carrasco dos Reis.

O historiador Ermelino de Leão assim des-

creveu o tronco da Justiça: Era um madeiro grosso, lavrado com 4 faces, com as insígnias de 4 argolas de ferro e braços para o alto, tendo no alto como remate um cutelo. Expunham-se nos pelourinhos os criminosos, mas o tosco monumento era mais simbólico do que punitivo. Era o lugar costumeiro para o castigo de escravos. Durou de 1668 a 1704, quando vereadores mandaram substituí-lo, pois o madeirame apodrecera. Em 1853 já não havia.

Com a Vilinha (Arraial do Atuba ou vila dos Cortes), surgem outros núcleos de povoamento no planalto curitibano: sesmaria do Barigui, Arraial Grande, Arraial dos Queimados, Arraial do Canguiri e Arraial do Purunã. A vida dos mineradores era penosa. Alimentavam-se mal, moravam em casas toscas, casavam-se com as índias, mantinham *arcas de poucas patacas*.

Conta lenda antiga, citada por Alfredo Romário Martins, autor da primeira *História do Paraná* (1899), que, no oratório da Vilinha do Atuba, todos os dias a imagem de Nossa Senhora da Luz amanhecia voltada para oeste.

Teriam assim, os povoadores, intuído que a Virgem queria ter sua capela definitiva erguida naquela direção, em território dos índios tinguís. Teriam então, os garimpeiros, pedido ao cacique dos tinguís que indicasse o local exato, bom para a nova povoação, no talvegue entre os vales dos rios que depois seriam chamados Ivo e Belém.

Essa venerada imagem em terracota portuguesa, de época renascentista, é conservada até hoje, recolhida, em algum momento, pelo próprio Romário Martins dentre alfaias e pertences da Matriz de Curitiba, para o acervo do Museu Paranaense (instituição criada em 1876). Há mais duas imagens de Nossa Senhora da Luz dos Pinhais de Curitiba. Uma segunda (1720), em terracota, que teria vindo na época do Ouvidor Pardini já para a Igreja Matriz definitiva, e uma terceira (1888), de cedro do Mar Báltico, doada pelo Barão do Serro Azul para a nova Catedral – a que hoje se conserva no altar-mor da Basílica curitibana.

O cacique fincou sua lança no local onde hoje está o marco zero, defronte da Catedral Metropolitana, e disse com voz forte: *Aqui, Curitiba!*. Isto é, ‘muito pinhão!’. Conta a tradição que, no local, brotou frondosa araucária, conforme refere Romário Martins em seu livro *Terra e Gente do Paraná* (1944), e como mandamos ensinar às nossas crianças nos livros didáticos *Lições Curitibanas* (1994).

O fato foi immortalizado por Theodoro de Bona em telas: na que se conserva no Colégio Estadual do Paraná e numa outra, esboço e estudo para a maior, que

adquiri para o Memorial de Curitiba, em 1993.

Em outubro de 1995, quando da realização do Encontro Mundial do Habitat, promovido pela ONU na nossa Cidade, entre outros chefes de estado e mandatários, recebi a visita do cacique Raoni Metuktire, líder indígena brasileiro da etnia caiapó.

Ao contar-lhe que nossa Curitiba tinha sido fundada a partir do fincar no solo da borduna de um cacique, recebi sua borduna de presente, peça que depois doei ao acervo do Museu Paranaense.



Instrumentos de suplício para disciplinar escravos: grilhões, conservados no Museu Histórico Nacional no Rio de Janeiro.



Pelourinho no Rio de Janeiro segundo o padrão do império lusitano em gravura de época. O pelourinho de Curitiba foi similar.



He respondera aos altas he quinquasse Satisfa p. Com 33
 uer seabitauad o sm. desgorras que nella se fatias aque
 Cap. Vera susto oque pidiad he Respondeu que nome este
 seijomem desab Comfienda pifaterem os ofisias que au
 deseruir oque logo nomearas para Com obito Capitan go
 ador faterem em lissas como asim ouueras todos por uer
 seafinaras Com migo. He. Doit. Seixas em folta do estriua
 que oes creui Matheus n. a. v. i. s. l. e. m. e. r. e.

Ant. Jacomina
 Matheus Leme
 An. m. Lemes
 Manuel Soares
 Domingos P. Soares
 Joseph. P. yguenedo
 Joao Almeida
 Joao P. de Villar
 Andre
 Miguel de
 34
 Joao da Costa
 Manoel
 Manoel da Silva



A VILA DE NOSSA SENHORA DA LUZ DOS PINHAIS

Em 1652, após demandas e disputas com Gabriel de Lara e outras autoridades do Reino, Eleodoro Ébano Pereira foi afastado da administração das Minas de Paranaguá e Curitiba.

Por provisão, em 24 de maio de 1652, Pedro de Souza Pereira substituiu Eleodoro Ébano Pereira na administração das Minas. Este, em março de 1653, veio a Paranaguá, de onde tomando, o capitão Gabriel de Lara, o escrivão que lavrara o auto sobre o Ribeiro das Pedras e 30 trabalhadores foi ao sertão da chamada Mina da Pedra de Ouro, e reconhecendo o sítio viu que era o lugar à fralda de um cerro, cujas pontas estavam de leste oeste, regado por um ribeiro que vinha do mesmo cerro [...] disse que Gabriel de Lara era que se intitulava descobridor da chamada mina.

Então começou o povoamento dos campos de Curitiba. As terras de Baltazar Carrasco dos Reis começavam onde acabavam as de Mateus Martins Leme.

É saboroso o texto da carta em que Baltazar Carrasco dos Reis pede que lhe concedam *uma sesmaria de meia légua de testada e um légua de sertão, junto ao rio do Marigüü ou Barigui, nas terras devolutas onde estava sua roça, já que não tinha terras para lavrar e agasalhar seu gado, tanto vacum como cavala; nem chãos para edificar sua casa de morada.*

A carta de Sesmaria foi concedida pelo capitão-mor governador do Rio de Janeiro – Salvador Correa de Sá e Benevides – em 29 de junho de 1661, entendendo que havia alguns anos Carrasco dos Reis residia com sua família na paragem chamada Barigui, nos campos do novo povo de Nossa Senhora da Luz dos Pinhais, onde tinha sua fazenda.

Vale aqui memória desse capitão Baltazar Carrasco dos Reis. Nascido em São Paulo de Piratininga, em 1617, era filho de Miguel Garcia Carrasco e de Margarida Fernandes.

O pai, fidalgo de origem espanhola, em 1641, quis ver Amador Bueno da Ribeira como “Rei do Brasil”, porém ele não aceitou. Então assinou a aclamação *d’El Rey D. João IV*. Se tal fato tivesse sido concretizado, a Independência do Brasil do Reino Português teria sido antecipada em quase dois séculos.

Baltazar era casado com dona Izabel Antunes. Seu testamento, guardado no Arquivo Público do Paraná, revela que, além da Sesmaria do Barigui, possuía outras grandes extensões de terra nos Campos Gerais de Curitiba, no litoral paranaense e na Villa de Sant’Anna de Parnahyba.

Já a carta de Sesmaria de Mateus Leme foi obtida do capitão-mor Gabriel de Lara em 1º de setembro de 1668.

Naquele ano, o mesmo senhor subiu a Serra para aqui erguer o Pelourinho, conforme atestado em Ata: *No dia 4 de novembro de 1668, nesta Vila de Nossa Senhora da Luz dos Pinhais, estando o capitão-mor Gabriel de Lara fizeram os moradores [petição] perante ele dizendo todos*

(página oposta) Segunda imagem de Nossa Senhora da Luz, entronizada em 1720 na segunda edificação da Matriz (1714). Hoje acervo do Museu de Arte Sacra da Arquidiocese de Curitiba, anexo da Igreja da Ordem. sobre detalhe de página do Livro do Tombo da Vila de Curitiba – 1668-1694 – onde estão as atas de elevação do Pelourinho (1668) e da fundação da Câmara de Curitiba (1693). Note-se assinatura dos heróis fundadores de Curitiba



a uma voz que estavam povoando estes campos de Curitiba e assim lhe requeriam mandasse levantar Pelourinho. E visto o requerimento dos moradores ser justo, mandou levantar Pelourinho com todas as formalidades necessárias, em paragem e lugar decente na praça.

Assinaram aquela histórica ata Gabriel de Lara mais os cinco Martins Leme (o capitão povoador, Mateus Leme; seu filho Mateus Martins, dito o Moço; Antônio; Manuel; e João), além de Gaspar Carrasco dos Reis, Luís de Góes, Inocêncio Fernandes, André Fernandes dos Reis, Amaro Pereira, Francisco da Gama Pais, Tomás de Castanheda, João da Gama, Manuel Cardoso, Domingos Rodrigues da Cunha, Domingos André e Ângelo Nunes Camacho.

Seria dessa época a criação da paróquia de Nossa Senhora da Luz e Bom Jesus dos Pinhais? O atual Arcebispo Emérito de Curitiba, meu padrinho de casamento, Dom Pedro Fedalto, em seu precioso livro *A Arquidiocese de Curitiba na sua História* (1956), intuiu que sim: “Devemos supor que a criação da Paróquia, se não é anterior à Vila, remonta a esta mesma época, 1668, sendo, porém, certo que, em 1747, Curitiba já era paróquia, como se vê no Termo de Abertura do Primeiro Livro do Tombo da Matriz de Curitiba, pelo vigário Manoel Domingos Leitão”.

Em 18 de março de 1681, Gabriel de Lara concedeu mais uma Sesmaria nos Campos de Curitiba, dessa vez a João Rodrigues Side, antes estabelecido em Paranaguá. Na petição, Side alega *ter na povoação de Nossa Senhora da Luz dos Pinhais a sua gente com famílias havia perto de dois anos, com gado de toda sorte, e porquanto não tinha terras para lavar e agasalhar sua família e lhe era necessário possuí-la com clareza e com título*. Pediu, portanto, que *lhe desse em Sesmaria os capões do Caminho de Uberaba (Yuverava) chamado Cajuru (Cahajuru)*.

Vinte e cinco anos depois do Pelourinho (1668), em 24 de março de 1693 os moradores da povoação de Nossa Senhora da Luz e Bom Jesus dos Pinhais dizendo que era *mui crescida* – por passarem de 90 homens – e quanto mais crescia a gente, se iam fazendo maiores desaforos, andando todos com armas na mão, e de que em diante seria pior; por não haver Justiça na dita povoação, fizeram requerimento ao capitão Mateus Leme, pedindo que houvesse Justiça.

Aos 29 de março de 1693, entre as paredes de pau a pique da primitiva capela de Nossa Senhora da Luz dos Pinhais de Curitiba, a pedido dos próprios moradores – então já com “90 homens e 40 fogões” – para melhor aplicação das justiças, paz, quietação e

bem do povo a povoação de Curitiba foi elevada a Vila, pelo capitão povoador Mateus Martins Leme. A Ata fala num clamor popular por Justiça: Todos responderam em voz alta que se criasse Justiça. E o capitão disse que era justo que se nomeassem os oficiais que haveriam de servir e que fizessem eleição. Foram nomeados os Juizes, Vereadores, Procurador do Conselho e Escrivão da Câmara.

No primeiro e no segundo dias de maio daquele ano, houve a *Medição do Quadro do Rossio* da Vila com o plantio de paus de uvarana, representando a posse dos habitantes curitibanos sobre a Vila de Nossa Senhora da Luz dos Pinhais. Esse Rossio era o perímetro urbano, até onde chegava o calor da povoação, onde começava o orvalho. Em português, a forma arcaica de orvalho é rossio. O perímetro, segundo os anais da Câmara, *foi definido usando-se corda de embira velha que media 25 braças craveiras medidas por uma vara afilada. No primeiro dia levou-se a medição pelo rumo de Nordeste por um agulhão [bússola], medindo-se 1500 braças, que fez a meia légua de terra e mandaram fincar para padrão dois paus de uvaranas verdes para que nascessem e brotassem, e ao fincarem dois ditos paus botaram terra para o ar tomando posse, ficando confrontando este padrão para a parte de Noroeste com as nascentes do rio Juvevê e o Capão de Buja [Imbuia?] e para a parte de Sueste ficava confrontando com a casa e sítio de João Rodrigues Side. No dia seguinte estando todos ao pé do Pelourinho da Vila, para dar princípio e botar outra linha para a parte de Sudoeste, que era o travessão, botaram e mediram a outra meia légua de terra pelo rumo que acima disseram, e mediram mil e quinhentas braças, chegando a medição às aguadas da primeira tapera do defunto doutor Riz da Cunha, chamada Canara Coguera, onde fincaram no meio do campo, um pau de uvarana verde para que brotasse e nascesse o dito pau por padrão.*

Meu dileto amigo, o historiador curitibano Júlio Estrela Moreira, apaixonado pela Cidade, que morreu em 1975, mostrou-me certa feita a imensa e tricentenária árvore que viceja na atual praça Jacob do Bandolim, na colina entre o Bom Retiro e o Pilarzinho, apontando-a como um desses marcos do primitivo Rocio da Vila de Curitiba. Outro estaria perto da igreja do Bom Jesus do Cabral, atrás do que conhecemos como *Fábrica de Bolachas Lucinda* – da família Goetzner – nas nascentes do rio Juvevê, em terreno depois densamente ocupado por edifícios residenciais, exatamente onde a rua Bom Jesus encontrava a Anita Garibaldi.

Antônio Martins Frutuoso – casado em Curitiba com Maria Mendes –, em 1º de setembro de 1685, obteve Sesmaria das terras do *Bacacheri*, que depois vendeu para Mateus da Costa Rosa. Em testamento

realizado em Paranaguá, no dia 13 de fevereiro de 1700, Mateus deixou para seu filho natural, Diogo da Costa Rosa, uma légua de terras e o que nela constasse, em *Macachary* [Bacacheri] onde tinha um curral.

Em 1º de fevereiro de 1705, nova Sesmaria foi passada pelo capitão João Rodrigues França aos moradores da barra do *Mariguy* (Barigui), rio abaixo, para a barra do rio *Pesaúna* (Passaúna). Eram eles Salvador Nunes, Plácido de Góis, Francisco Nunes e João Ribeiro.

À medida que progrediam as lavras de ouro de aluvião, a Vila de Nossa Senhora da Luz e Bom Jesus dos Pinhais crescia. O primeiro batizado, registrado no Livro do Tombo da Matriz de Nossa Senhora da Luz dos Pinhais, teria sido em 1684. O primeiro casamento registrado demorou mais, quando, a 14 de janeiro de 1732, o sacramento do matrimônio uniu Francisco da Silva Xavier e Luzia Fernandes de Siqueira, troncos de tradicionais famílias curitubanas.

Em 1714, a primeira capelinha, de taipa de mão, foi substituída por nova Igreja Matriz, agora em alvenaria de pedra e barro. Em 16 de novembro de 1720, em procissão, foi colocada nova imagem de Nossa Senhora da Luz na igreja, vinda de Portugal. No mesmo ano, o Ouvidor Rafael Pires Pardiniho chegaria para estabelecer seus Provimientos, objeto do nosso próximo capítulo.

Em 1747, a mando do primeiro bispo de São Paulo, Dom Bernardo Rodrigues Nogueira, documentou sua passagem por Curitiba o padre escrivão Francisco de Meira Calassa. Após prestar juramento diante do vigário Manoel Domingues Leitão, prometeu escrever *bem e fielmente* todas as coisas, abrindo o primeiro Livro do Tombo, onde registrou, em caprichado manuscrito:

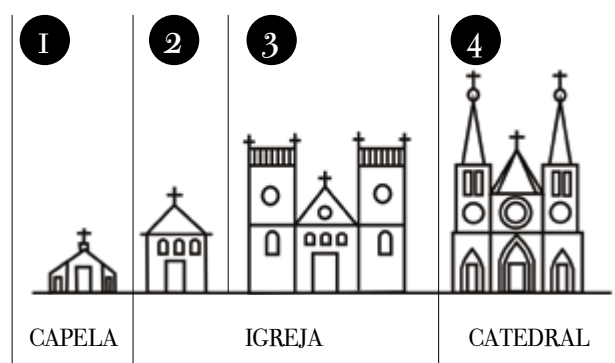
A Igreja Matriz da Vila de Curitiba é da invocação de Nossa Senhora da Luz. Tem 3 altares; é feita de pedra e barro. A Capela-Mor e a tribuna são forradas de tábuas de cedro. Tem sacristia, e seu consistório. Tem púlpito de madeira e não tem coro. Tem cinco ornamentos, dois roxos, hum velho, outro ainda em bom uso. Dois brancos, um em bom uso, outro bem velho. Um verde em bom uso. Todos os paramentos em damasquillo.

Tem somente uma lâmpada de latão, bem velha. Dois sinos ambos quebrados. Tem dois sacrários, um no Altar-mor; outro no altar das Almas; ambos valem bem pouco. Tem uma âmbula de prata muito boa. Tem dois cálices, um pequeno, outro em boa proporção, ambos de prata com suas patenas e bolsas corporaes, véus das quatro cores que usa a Igreja. Tem pia batismal de pau, já com alguma danificação.

Tem duas irmandades que tem compromisso, uma de São Miguel e Almas, e outra de Nossa Senhora da Luz, Padroeira da dita igreja. Tem mais a de Santo Antônio, que também tem compromisso, com pouco au-

mento por estar no princípio com muito poucos irmãos. A do Santíssimo até hoje é leiga.

[...] No tempo presente, a Igreja de Curitiba tem 348 fogos ou casais ainda que em alguns anos são mais, e outros menos, porque se mudam para outras freguesias. Compreende o distrito desta freguesia 70 léguas pouco mais ou menos. Parte do Nascente com a freguesia de Nossa Senhora do Pilar da Graciosa, que é distrito de Paranaguá. E do Poente com a freguesia das Minas de Pihy, que as divide um rio chamado Itararé. E do Norte parte da freguesia da Vila de Iguape. E do sul com as freguesias de Rio de São Francisco e da Laguna. E dessas vilas à de Iguape, não se podem



Linha de evolução das igrejas da atual praça Tiradentes.

saber as léguas que há porque são Sertões que ainda não se calcularam [...].”

O padre escrivão depois de descrever dificuldades, concluiu que, por sua pobreza, “os moradores das fazendas não hão de querer sustentar capela e sacerdote, sendo que só Deus, como Senhor que é, pode dar remédio a tudo”. Na sequência, relaciona as rendas da Matriz, a cônica que se pagava ao vigário e aos padres que aqui oficiassem. “[...] Costumavam dar ao pároco 16\$000 das funções de toda Quaresma e Semana Santa. A cônica anual era estimada em 150\$000. O acompanhamento de um defunto ao jazigo rendia apenas uma vela de quarta, em cêra do Reino. Já pela missa de corpo presente era possível cobrar 640 réis. As festas com vésperas, missa cantada, mestre capela com música e procissão rendia 1280 réis. Mas se isso acontecesse três vezes por ano a remuneração já caía para 650 réis por solenidade.

Além desse Livro Tombo da Matriz de Nossa Senhora da Luz dos Pinhais de Curitiba, conservado no Arquivo Eclesiástico da Arquidiocese de Curitiba, são fontes preciosas para reconstituição do tempo colonial os *Anais da Câmara Municipal de Paranaguá*, os *Anais da Câmara Municipal de Curitiba*, o primeiro Livro de Atas – Registro da Fundação de Curitiba, mais o Testamento de Baltazar Carrasco dos Reis (1617-1697), que se conserva no Arquivo Público do Paraná.



Segundo a *Genealogia Paranaense*, compêndio do autor curitibano Francisco Negrão, publicado entre 1926 e 1929, da união da família de Baltazar Carrasco dos Reis com a família de Mateus Martins Leme surge o principal tronco da gente curitibana. Desses varões originam-se as famílias Andrade, Soares e Rodrigues Seixas.

Esses Rodrigues Seixas são a raiz de meus ancestrais da família Macedo, que o presidente de Portugal Mário Soares, em visita oficial a Curitiba em 1994, qualificou como ‘*os de Macedo, gente fidalga e marialva!*’. Perguntei-lhe: “*fidalga* sei o que significa, e *marialva* o que é?”. Respondeu: “*Prefeito, é gente que não cai do cavalo*”. Fazia alusão ao Marquês de Marialva, no conto de “A Última Corrida de Touros em Salvaterra”.

Entre os descendentes desses primeiros povoadores, listam-se os padres Francisco das Chagas Lima, fundador de Guarapuava, Diogo Antônio Feijó, revolucionário liberal e regente do Império, o primeiro curitibano a governar o Brasil, e Agostinho Machado da Silva Lima, vigário em Curitiba, que nos legou o terreno do *Cemitério Municipal São Francisco de Paula*, por muito tempo conhecido entre as famílias antigas como *a chácara do Padre Agostinho*. *Morreu? Sim, foi para a chácara do Padre Agostinho*, dizia meu avô Manoel Valdomiro de Macedo.

Contam-se também herdeiros da tradição curitibana, como Antônio de Sá Camargo (Visconde de Guarapuava) e os Camargo todos: Afonso, presidente do Estado do Paraná deposto pela revolução de 1930; Marins, grande latifundiário; e a adorável dona Flora, depois casada com o governador Bento Munhoz da Rocha Netto, a quem se referia como *aquele que foi grande e que foi nosso*.

Também desse tronco nasceriam Victor Ferreira do Amaral e Silva, fundador e primeiro reitor da Universidade do Paraná (1912), o capitão-mor Inácio Lustosa de Andrade e dona Cherubina Rosa Marcondes de Sá (Viscondessa de Tibagi), mãe de Jesuino Marcondes de Oliveira e Sá, advogado, presidente provincial e ministro do Império.

O professor Ricardo Costa Oliveira, empenhado em ensinar *Teoria das Elites* e *Teoria da Democracia*, ousou lançar tese de doutorado chamada *O Silêncio dos Vencedores*, em que defende que *a política vem se tornando um negócio de família no Paraná*. Como se fora só aqui, e não no Oriente e no Ocidente, em toda a longa história do mundo.

Na época, era deputado federal, tinha sido Ministro de Estado e Prefeito de Curitiba. Achei pitoresca a ideia desse pesquisador, que me ligava a supostos avoengos ascendentes, incluindo, entre eles, até o escriba da *Ata de Fundação da Cidade*, passando pelo primeiro Prefeito de Curitiba, Borges de Macedo, até



Jean-Baptiste Debret (1768-1848), Tropeiros.

chegar ao meu bisavô, Comendador José Ribeiro de Macedo, o duas vezes prefeito Joaquim Pereira de Macedo, o três vezes prefeito João de Macedo Souza, e o prefeito Raul de Azevedo Macedo. Terei eu nascido com essa predestinação? É uma bela estrela a missão de servir o nosso berço.

Não ligo para genealogias. Fui educado pelo meu pai, professor Eurico Dacheux de Macedo, espírito universal de formação cristã, na Lei do Karma. *Só devemos fazer aos outros aquilo que queremos que nos aconteça*. O Bem sempre por medida. A origem aristocrática da família de meu pai, meu bisavô Comendador, gente fundadora da Universidade do Paraná, e a origem proletária da família da minha mãe, meu bisavô *Mestre Canteiro das pedreiras do Marumbi, Anhangava, Piraquara, Cachoeira e São Casemiro do Taboão*, fundem-se em mim, síntese das oportunidades generosas da terra brasileira.

Aluno do colégio Medianeira, vi no Teatro Guaíra o grande ator Cláudio Correa e Castro declamando trechos do poema “Perguntas de um trabalhador que lê”, do poeta e dramaturgo alemão Bertolt Brecht. Nunca esqueci a lição daqueles versos:

Quem construiu Tebas, a cidade das sete portas?

Nos livros estão nomes de reis: os reis carregaram as pedras?

E Babilônia, tantas vezes destruída, quem a reconstruía sempre?

Em que casas da dourada Lima viviam aqueles que a construíram?

**No dia em que a Muralha da China ficou pronta, para onde foram os pedreiros?
A grande Roma está cheia de arcos-do-triunfo: quem os erigiu?
Quem eram aqueles que foram vencidos pelos cézares?
Bizâncio, tão famosa, tinha somente palácios para seus moradores?
Na legendária Atlântida, quando o mar a engoliu, os afogados continuaram a dar ordens a seus escravos?
O jovem Alexandre conquistou a Índia. Sozinho?
César ocupou a Gália. Não estava com ele nem mesmo um cozinheiro?
Felipe da Espanha chorou quando sua armada naufragou. Foi o único a chorar?
Frederico II, o Grande, venceu a Guerra dos Sete Anos. Quem partilhou da vitória?
A cada página uma vitória.
Quem preparava os banquetes?
A cada dez anos um grande homem.
Quem pagava as despesas?
Tantas histórias.
Tantas questões.**

O fato é que antes de se inaugurar, em 28 novembro de 1966, a bela *Praça 29 de Março*, pelo então prefeito Ivo Arzua, a Prefeitura Municipal de Curitiba promoveu uma Maratona Escolar, pedindo aos alunos das escolas primárias curitubanas uma *Carta ao futuro Prefeito dos 300 anos de Curitiba*, a ser colocada numa urna inviolável, para ser aberta em 29 de março de 1993, ou seja, 27 anos mais tarde.

Aluno da Escolinha “Tia Paula”, venci a referida Maratona. Quis o destino que escrevesse para mim mesmo. Talvez, por arcanos da *Consciência Coletiva*, guardei nas letras de *piá curitubano* todo bem que depois pude realizar para nossa terra e nossa gente. Cremos, minha amada Margarita e eu, como Shakespeare, que *somos feitos da mesma matéria dos sonhos*.

Da inauguração guardo leve lembrança: eu, menino de 9 anos, entre personalidades como Poty Lazzarotto, autor do painel histórico; Jaime Lerner e Domingos Bongestabs, arquitetos do projeto da praça; Dom Manuel da Silveira d’Elboux, arcebispo de Curitiba e fundador da PUC-PR; meu primo bispo Dom Jerônimo Mazzarotto, primeiro reitor da Universidade Católica do Paraná; o prefeito Ivo Arzua Pereira e seus diretores; e o jovem compositor Chico Buarque de Holanda, apresentando a canção “A Banda”, naquele ano vencedora do Festival Nacional de MPB, na voz doce de Nara Leão.

Nessa praça, em 29 de março de 1993, já Prefeito de Curitiba, pedi aos cónsules creditados no

Paraná que plantassem árvores típicas de seus países, naquilo que chamei *Horto das Nações*. Vieram representantes da Alemanha, El Salvador, Itália, Japão, Paraguai, Polônia, Portugal, Suíça, Uruguai, Ucrânia, Síria e Líbano.

A várzea de rio, entre as colinas do Bigorrrilho, das Mercês e do Alto de São Francisco, ficou conhecida como *Campo do Poty*. Na época do Império, tinha sido chácara de Juca Ferreira da Luz. Depois, área vendida ao alemão Paulo Mann, que a doou ao Poty Esporte Clube, com a finalidade de ali ser erguido seu sonhado Estádio Capitão Manoel Aranha. O insucesso no propósito esportivo do famoso time de segunda divisão fez com que a Prefeitura, já então sob inspiração do recém-criado IPPUC, projetasse ali a praça 29 de Março.

Sobre times de futebol amador, centenas na Curitiba do entre-guerras, impagável no nome era o time de meu pai e de meus tios Macedo, em que também jogavam os piás Euro Brandão, Félix e Cecílio do Rego Almeida: *Aymoré Pebol Clube*. Isso porque o professor Brandão, pai do futuro Ministro da Educação e reitor da PUC, Euro Brandão, era integralista. Não admitia o estrangeirismo da palavra Football, ou futebol. Criou o Pebol, daí o Pebolístico Aymoré.



Capela dos fundadores de Curitiba, pintada por Sérgio Ferro. Memorial de Curitiba.



PROVIMENTOS DO OUVIDOR PARDINHO



Ouvidor Rafael Pires Pardinho, em retrato idealizado pelo historiador David Carneiro.

Em dezembro de 1720, chegou aqui o Ouvidor Rafael Pires Pardinho. Sua visita às povoações do *Brasil Meridional* é sinal da importância que a Coroa Portuguesa dava à ocupação dos territórios ainda passíveis de reivindicação pelo rival Reino da Espanha.

Não era pouca coisa este meu xará, assegura o professor David Carneiro, na sua obra *Galeria do Ontem e do Hoje*, publicada em Curitiba em 1963. Tinha 46 anos quando aqui chegou. Bacharel em Direito formado em Coimbra, na turma de 1702, já tinha sido juiz no Algarve e em Lisboa.

Em 1717, foi designado por *El Rey* para servir no Brasil no cargo de *Ouvidor Geral da Capitania de São Paulo e Servente do Ofício de Provedor das Fazendas dos Defuntos e Ausentes, Capelas e Resíduos*. Exerceu por 16 anos a importante função de nome compósito. Sua presença nas vilas de Paranaguá, Curitiba, São Francisco do Sul e Laguna, ao deitar Correições, organizou o governo instituído. Criou civilização.

Ao deixar o Sul, seguiu para Diamantina, onde foi designado *Intendente das Minas Gerais de Diamantes*. Em 1743, voltou a Lisboa, convocado para trabalhar no Conselho Ultramarino. Em 1754, foi promovido a Conselheiro de Sua Majestade, morrendo sete anos depois, em 1761, na cidade de Lisboa, sendo sepultado na Capela de Nossa Senhora do Paraíso. Postumamente, foi elogiado por Alexandre de Gusmão, pelo Conde de Bobadela e por Afonso Taunay, como um dos maiores juristas do Reino de Portugal. Um de seus netos, Francisco de Cunha Lobo, voltaria ao Paraná, anos depois, na condição de Ouvidor em Paranaguá, tornando-se tronco de tradicional família litorânea.

Em 20 de janeiro de 1721, numa Curitiba de 1.400 pessoas batizadas, com apenas 200 casas e uma única igreja, Rafael Pires Pardinho abriu *Livro de Provimentos e Correições*. Quando terminou, em 4 de fevereiro seguinte, pode-se dizer que Curitiba havia recebido suas primeiras lições de Civilização. Sobre nossa Cidade, em carta de 30 de agosto de 1721, dirigida ao Rei, Pardinho registrou suas impressões: *A Vila de Curitiba ficava em bastante assento ao pé de um ribeiro, com casas de pau a pique, cobertas de telha e igreja de pedra e barro*.

O Ouvidor, de início, determinou que os moradores deixassem de ser vassalos do Marquês de Cascais, antigo donatário da Capitania de Paranaguá, e passassem a sê-lo *d'El Rey* e da Coroa Portuguesa, subordinados à administração da Capitania de São Paulo. Isso criaria a dependência administrativa do Paraná, diminuído da categoria de Capitania para a condição de Comarca de São Paulo.

Já de chofre, Pardinho baixou provisão sobre as receitas e o cofre da Câmara Municipal de Curitiba. Instituiu a *Arca do Cofre*, com suas três chaves e seus três guardiões – presidente da Câmara, Vereador Secretário e

Vereador Tesoureiro –, num belo móvel de madeira de lei e ferro, que se conserva no Museu Paranaense.

No interesse *d'El Rey*, proibiu as transações comerciais em ouro em pó, tirado dos ribeiros de Curitiba, determinando como lícitas apenas aquelas transações realizadas com moedas reais. Foi severo na definição da punição: *Pena de confiscação de todos os seus bens e de dez anos de degredo para a Índia, na qual pena incorre também a pessoa com quem o ouro for achado, ou seja, seu ou alheio, que também será confiscado. [Ouro] de que haverá a metade qualquer pessoa que o denunciar; ainda que seja cúmplice no mesmo crime, que dele será revelado pela denúncia que de outrem fizer*”.

Aqui se percebe, já na Curitiba do começo do século XVIII, a prática instituída da “delação premiada”, instituto hoje célebre na cidade do juiz federal Sérgio Moro, que a partir de 2014, a transformou na capital nacional da Operação Lava Jato, rumoroso caso jurídico de combate à corrupção que abalou os fundamentos da República do Brasil. Pode-se dizer que Moro julga pela cartilha do Ouvidor Pardinho.

Esse mesmo Ouvidor, em 1721, determinou ainda pagamento do Quinto do Ouro, no dizer original: *cinco oitavas de ouro sobre o que se tem tirado das lavras velhas nos ribeirões que há pelo termo da Vila de Curitiba*. Obrigou juízes e oficiais da Câmara a comunicarem às autoridades da Capitania de São Paulo, ouvidores gerais e governadores, qualquer achamento de ouro ou ocorrência notável no planalto curitibano.

Ao instituir as Justiças, Pardinho separou a Câmara Municipal da Igreja Matriz, pois, desde 29 de março de 1693, as duas instituições coabitavam o mesmo edifício. As sessões da edilidade sucedendo as missas, novenas e litânias.

Conta-me Gehad Hajar que, *ao pesquisar sobre Música em Curitiba no século 17, leu nas Atas da Câmara que nossos vereadores gastavam quase 25% de tudo que arrecadavam em Serviços de Música para a Igreja Matriz. O Ouvidor Pardinho proibiu esta prática*. O mesmo pesquisador registra que partituras e instrumentos dessa música religiosa arcaica perderam-se na década de 1930, quando a cripta da Catedral alagou num desses dilúvios de verão curitibano.

Foi também o Ouvidor Pardinho quem separou o dinheiro público das cômputas para os serviços da Igreja. Instituiu ainda as *Ordens Religiosas* para manutenção do Culto Divino: a *Irmandade de São Miguel e Almas* para os enterros cristãos, a *Ordem Terceira de São Francisco das Chagas e da Penitência* para o serviço de caridade aos desvalidos e a *Irmandade de Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos de São Benedito* para salvação das almas então escravizadas.

“Porque não é decente que esta Vila esteja sem

casas para o conselho [...]”, no 44º provimento, o Ouvidor ordenou a construção, em alvenaria de pedra com paredes caiadas, no Largo da Matriz, de uma *Casa de Câmara e Cadeia*. Essa edificação durou até 1897, quando desapareceu consumida em incêndio, no local que hoje conhecemos como Praça Borges de Macedo. Ali, em 1995, quando prefeito, fiz erguer o que hoje conhecemos como *Arcadas do Pelourinho*. O nome evoca o Pelourinho, símbolo colonial de Justiça, que ali existiu desde 1668, até ser derrubado por abolicionistas no final do século XIX.



Casa da Câmara e Cadeia da Vila de Curitiba. Fotografia de 1897, antes do incêndio que a destruiu.

Essa Casa de Câmara e Cadeia de Curitiba seguiu os padrões arquitetônicos instituídos nas Ordenações Manuelinas, mantidos nas Ordenações Filipinas, resquícios das lições de Vitruvius no urbanismo romano, iguais para todo o Império Ibérico. Foi semelhante às Casas de Câmara e Cadeia que ainda existem na Lapa e em Porto Seguro – que tive a alegria de fazer restaurar como Ministro na ocasião dos 500 anos do Brasil. Naquele tempo, nem um prego de ferro era fabricado no Brasil. As espessas grades da nossa primeira cadeia pública, fundidas na Europa e importadas da Metrópole, foram servir de vedação à Cadeia de Campo Largo a partir de 1901. Hoje estão recolhidas no Museu Paranaense, para onde foram encaminhadas em 1950.

Ainda nos provimentos do Ouvidor Pardinho, constam regras e procedimentos cartoriais para tabeliães e juízes, assim como a organização dos cargos da Câmara Municipal e da Vila, no jargão da época chamados de *República*. O Ouvidor também limitou a administração do Capitão-Mor em apenas 3 anos de mandato, tirando-lhe o caráter de honra e emprego para a vida toda. Pela distância da Vila de São José dos Pinhais, determinou que o juiz local fosse eleito pelo povo, conforme o 73º provimento.

Na sequência, definiu as primeiras posturas urbanas de Curitiba – ao meu ver, válidas até hoje.



Quando fui Prefeito da Cidade (1993-1996), costumava dizer aos meus secretários, arquitetos, urbanistas, sanitaristas e engenheiros que só precisávamos agir dentro dos provimentos do Ouvidor Pardinho, para termos uma Curitiba bem ordenada, com Tudo Limpo, como a operação que costumávamos determinar para sanear os bairros

Ruas só poderiam ser abertas largas, retas e contíguas. Casas só poderiam ser edificadas com alvará da Câmara. Deveriam ser cobertas com telhas de barro, sendo proibidas choças e coberturas de palha dentro do Rocio da Vila. O 37º provimento instituiu a obrigação de alvará para novas construções: *Nenhuma pessoa faça casas de novo na vila sem pedir licença à Câmara, sob pena de multa de seis mil réis.* Tais novas construções deveriam ser agregadas, continuando as ruas já principiadas, para que a Vila crescesse uniformemente e os seus habitantes tivessem vizinhos em caso de necessidade.

O 40º provimento, que define a função social da propriedade urbana, é atual em qualquer tempo. Terrenos baldios e casas abandonadas não deveriam persistir no quadro urbano, *porque neles se fazem a Deus e a El Rey os mores desaforos.* O 42º provimento regula o que fazer com terras devolutas: *Não guardem os oficiais da Câmara as ditas datas de chãos antigos.*

Orfãos, inocentes, viúvas e incapazes não poderiam ser abandonados à sua própria falta de sorte. O provimento número 74 manda que se nomeie *um escrivão de testamentos, o qual terá um caderno, para nele escrever as vontades das pessoas que estiveram doentes em cama,* reduzindo tudo a termo juramentado em presença de testemunhas.

Pardinho proveu também em defesa do meio ambiente. Era preciso sempre *desenxovalhar o rio Belém* e demais ribeiros, para manter Curitiba salubre e evitar banhados defronte das casas e nos arredores da Igreja Matriz. O corte de árvores só poderia ser feito em áreas delimitadas, preservado o sombreamento das margens dos rios, para evitar sua erosão e a contaminação de nascentes.

O 66º provimento é mandamento ecológico, em defesa da preservação da fauna: *Provea, sob pena de multa de 2 mil réis, que não apanhem ovos de perdizes e de outras aves, nem ande à caça delas no tempo de sua criação, que nesta terra é nos meses de setembro até dezembro. [...] Isto porque muitas pessoas, de propósito, andam no dito tempo à caça de ovos e criações das ditas aves, com que irão se extinguindo.*

Rafael Pires Pardinho definiu ainda obrigações religiosas, varredura de ruas, luminárias e desobrigas nos dias santificados, *por ocasião das Festas de Natal e Páscoa, de Nossa Senhora da Luz a 8 de setembro, e do dia do Anjo Custódio do Reino.* Proveu que havendo

Capitão-Mor ou Sargento-Mor nesta Vila, nas mesmas festas, fizessem nelas três alardos gerais, auxiliados nas salvas festivas de tiros – de canhões, alabardas, espingardas, arcabuzes – por todos que dispusessem de meios. Determinou que a ausência dos cidadãos nessas celebrações *fosse punida com multa de uma pataca de 320.*

Numa ilustração de 1828, posterior ao tempo do Ouvidor, mas elucidativa da religiosidade da época colonial, o pintor Hercule Florence mostra cortejo da Bandeira do Divino Espírito Santo, no interior do Brasil, sob uma árvore de jenipavera. Florence nasceu em Nice em 1804 e morreu em Campinas, em 1879.



Bandeira do Divino, Hercule Florence (1804-1879)

rito Santo, no interior do Brasil, sob uma árvore de jenipavera. Florence nasceu em Nice em 1804 e morreu em Campinas, em 1879.

Curiosamente, talvez já dotado de formação iluminista, ainda que tivesse mandado vir de fora a segunda imagem de terracota de Nossa Senhora da Luz, ornada com coroas de prata de lei, entronizada na Matriz em 8 de setembro de 1721, foi o mesmo Ouvidor Pardinho quem determinou que a povoação deixasse de ser oficialmente chamada de *Vila de Nossa Senhora da Luz e Bom Jesus dos Pinhais*, passando a ser chamada simplesmente de *Vila de Corityba*. Houve quem dissesse: *Devolveu Nossa Senhora aos céus e deixou-nos entregues a nosso arbítrio e sorte.*

Pardinho determinou posturas no traçado e manutenção de caminhos locais, como o Caminho do Itupava, então ligação com Paranaguá, e do acesso à Feira de Sorocaba. Instituiu *pedágio*, cobrado em trechos, loteados entre vereadores de Curitiba e de Paranaguá, para sua correta conservação em tempo de chuvas, revestimento de matacões nas áreas escorregadias e alagadiças e criação de muros de contenção de encostas e arrimo de aterros.

O Ouvidor Pardinho foi além, definindo medidas de fomento econômico, para aliviar a pobreza do povo. Quando da sua visita, as duas freguesias de Curitiba, 80 anos depois da fundação da Vila, tinham ao todo 200 casas e 1400 pessoas de confissão. Tendo constatado a imensa penúria em que viviam as populações, o Ouvidor Pardinho recomendou a *El Rey* que *pudessem*

ir à Colônia do Sacramento, colocar suas mercadorias e congonhas, refere a obra da professora Cecília Westphalen. O texto original de Pardinho explica que mercadorias eram estas: *farinha de pão ou mandioca, pó de ostras, madeiras nativas e a erva-mate, ali chamada congonha*.

Assim, a Provisão Régia de 29 de abril de 1722 permitiu aos moradores de Paranaguá e Curitiba ir até Colônia do Sacramento, ou mesmo à fronteira *ciudad* de Santa Maria de Buenos Aires, a fim de ali introduzir a erva-mate e as farinhas de mandioca, o que não se realizou por um século. Isso até 1808, quando o comerciante hispano-mouro Francisco de Alzagaray obteve do Príncipe Regente Dom João VI, em nome da rainha D. Maria (a Louca), alvará para construção do primeiro engenho de socar e sapear erva-mate no Paraná, no atual território de Morretes, então termo da vila de Paranaguá.

São ao todo 129 determinações do Ouvidor Pardinho às gentes de Curitiba. Os *Provimentos* nos foram úteis até a elevação da Vila à condição de Cidade, e então caíram no esquecimento. A Cidade de Curitiba foi criada pela Lei nº 5 da Província de São Paulo, promulgada em 5 de fevereiro de 1842.

Os *Provimentos* do Ouvidor Pardinho foram ignorados pelos estudiosos locais até serem resgatados, transliterados, transcritos e publicados pela diligência do historiador curitibano Francisco Negrão, nos *Boletins do Arquivo Municipal de Curitiba*, que vieram a lume a partir de 1906 até 1932. Tais boletins, 62 volumes tipografados, foram guardados na Câmara Municipal de Curitiba, na Biblioteca Pública do Paraná e em acervos de antigas famílias curitibanas, inclusive na casa de meus avós Macedo. Foi nesses boletins de modesta encadernação com papel rosado que, ávido pela leitura, eu, piá, tomei conhecimento das fontes primárias da História de Curitiba.

Todo louvor ao sacrifício de Francisco Negrão, maçom altruísta, patriota devotado, que chegou a se desfazer de patrimônio pessoal para custear as publicações históricas. Negrão pedia doações a comerciantes e industriais locais para preservar a história de Curitiba e do Paraná. Conseguiu seu intento. Autor de obra meritória, dos *Boletins da Câmara* à gigantesca *Genealogia Paranaense*.

Minha sogra, dona Margarita Fany Araceli Pericás, conta que entre os benfeitores estava seu pai, Bernardo Pericás Moyá, nascido em Palma de Mallorca, mas estabelecido em Curitiba a partir de 1919, com a Óptica Americana, no sobrado do Clube Curitibano, onde a rua XV encontrava a rua então chamada de Primeiro de Março – hoje rua Monsenhor Celso. Aquela que foi a primeira ótica da cidade ficava vizinha da também pioneira Tabacaria Aymoré, de nhá Salomé e nhô Laurindo Lopes, pais da poetisa Pompília Lopes dos Santos

(1900-1993), primeira mulher a ser admitida na Academia Paranaense de Letras, hoje patrona da Escola e Farol do Saber que fiz construir em 1996 no Jardim da Ordem, no bairro Tatuquara.

Do relato familiar de dona Margarita Pericás, hoje com 93 anos, e também do testemunho oral de meu saudoso avô Manoel Valdomiro de Macedo (1890-1979), posso ver que em Francisco de Paula Dias Negrão (1871-1937) brilhava a *Luz dos Pinhais*.

O livro original dos *Provimentos*, com a letra do escrivão Manoel de Miranda Freire, que o recebeu ditado do Ouvidor Pardinho, entre janeiro e fevereiro de 1721, guarda-se na Casa da Memória de Curitiba. Ali também são mencionadas as funções de vereador *Almotacé* – encarregado da precisão e honestidade dos pesos e medidas da Vila e da definição do preço para a comida na Vila, bem como provimento do rancho de todos nos tempos de escassez; de vereador *Almeirinho* – encarregado de citar, prender e penhorar, no cumprimento dos mandados judiciais; de vereador *Almoxtarife* – que zelava pelo dinheiro e pelos bens da Câmara; e de vereador *Alcaide* – misto de chefe de polícia e de prefeito.

Todos os cargos guardam na nomenclatura as memórias dos 800 anos de presença dos mouros na Península Ibérica. *Alcaide*, por exemplo, vem do árabe ‘*al-ka`di*’, que significa ‘o líder’. Já *Almotacé*, em árabe é ‘*al-mutasib*’, ‘aquele que zela’.

Resgatei pessoalmente os originais desse livro histórico, tomos preciosos, entre outros livros manuscritos “esquecidos” num depósito sobre a caixa do elevador do Paço 29 de Março, na década de 1980. Na época, o então prefeito Jaime Lerner me havia nomeado Coordenador da Casa Romário Martins, órgão de memória e patrimônio histórico da Fundação Cultural de Curitiba. Num determinado dia, fui instado pelo doutor Nestor Bueno, veterano tesoureiro, secretário de Finanças e funcionário público municipal: “Suba lá e veja o que guardam aquelas caixas” (*dixit*).

Com alumbramento, agradecendo a Deus o privilégio de guardar nossa História, encontrei *Atas de Fundação de Curitiba*, os *Provimentos do Ouvidor Pardinho* e um livro encadernado em couro verde com o registro curitibano de *Assentamentos de Óbitos de Escravos* – talvez dos poucos documentos brasileiros que sobreviveram à romântica ordenação de Rui Barbosa, após 1888, de que o Brasil destruísse as provas vexaminosas da escravidão.

Tais Tomos teriam sido dispersos na mudança do *Paço Municipal* da Praça Generoso Marques para o Centro Cívico de Curitiba. Para conservá-los, já prefeito de Curitiba, entre 1993-1996, fiz edificar a Casa da Memória da Cidade, com reserva climatizada para documentos históricos.



TODOS OS CAMINHOS LEVAM A CURITIBA



Tropeiros. Desenho de Jean-Baptiste Debret (1768-1848).

Esse título, paródia amorosa do aforismo *todos os caminhos levam a Roma*, me é sugerido pelas lembranças do que escreveu o general e pesquisador da história Raimundo Negrão Torres, falecido aqui em 2006, em seu livro *Paraná, Encruzilhada de Caminhos* (2001).

Os Campos de Curitiba eram o maior entroncamento de Caminhos coloniais do continente americano. Todas as trilhas indígenas do Peabiru passavam por aqui, aí incluídas as ligações com as Minas de Potosi, com o Lago Titicaca, com o Oceano Pacífico, com o delta do Rio da Prata, com a Floresta Amazônica e o Mar das Caraíbas.

Referem ainda outros autores que os índios primitivos passavam pelas nossas matas e pelas gargantas da nossa Serra do Mar rumo ao litoral para seus rituais, na costa, junto aos sambaquis.

Em 1944, a editora O Formigueiro, de Vasco José Taborda Ribas, publicou *Paraná uma História de Caminhos*, livro de Herbert Von Erven que assegura, já em seu título e epígrafe, que *toda História é uma História de Caminhos*.

Engenheiro rodoviário apaixonado, leitor e estudioso compulsivo, meu saudoso e amado pai, Eurico Dacheux de Macedo (1926-2007), não se cansava de repetir essa máxima. Foi inspiradora do nosso livro, em parceria, *Caminhos para o Paraná do Próximo Milênio. 28 Rotas de Transporte* (1990). O Plano Rodoviário de futuro foi depois legado por mim ao Estado do Paraná na forma de proposição legislativa. Quis meu pai legá-lo ao Departamento de Estradas de Rodagem (DER), a quem havia servido em toda sua vida profissional, desde o primeiro escritório no Edifício Garcez até o belo prédio modernista de Lolô Cornelsen na Avenida Iguaçu, em Curitiba. O plano nunca foi aproveitado, numa era de pedageiras e encilhamento dos serviços públicos aos interesses privados.

Já nesse livro, escrevi:

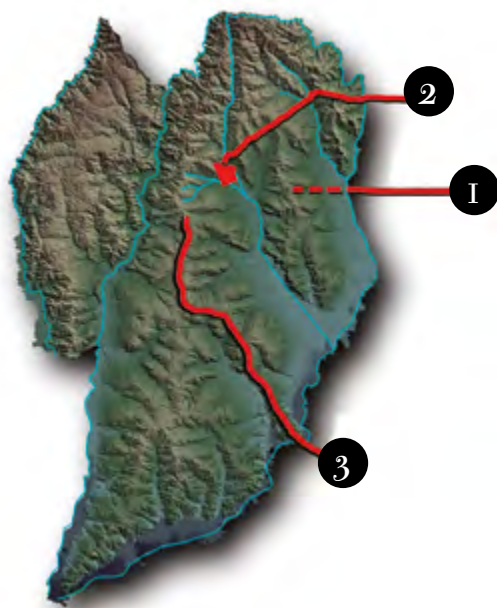
É de se perguntar: haverá História, dentre as constituídas pela Humanidade, que não seja a da Caminhada dos Povos?

Pelos campos, florestas, mares, rios, desertos, os povos têm caminhado, desde o princípio dos tempos, fazendo a Civilização. Nosso povo não fuge disso.

O território entre o Oceano Atlântico e o Rio Paraná, entre o rio Paranapanema e o rio Iguaçu, foi explorado desde os idos de 1503 por desbravadores de caminhos.

O Paraná começa, nas crônicas dos historiadores, cortado pelo ancestral Caminho Índio do Peabiru – trilha gramada sob o arvoredo, marcada por monólitos monogramados com símbolos sagrados, regularmente distantes entre si. Ligação do Oceano com as lendárias Minas de Prata de Potosi, na cordilheira hoje entre o Peru e a Bolívia.

Prossegue nas trilhas palmilhadas por Dom Álvaro Núñez Cabeza de



1. Caminho do Itupava

2. Caminho da Graciosa

3. Caminho do Arraial



Caminho do Viamão, 1827, passo do rio Itararé, atual divisa entre São Paulo e Paraná. Aquarela de Jean-Baptiste Debret (1768-1848).

Vaca, desde a foz do rio Itapocu, no atual território de Santa Catarina, até os Saltos de Guayrá, passando pelo que chamou de Quedas de Santa Maria, as famosas Cataratas, quase na foz do rio Iguaçu.

O adelantado espanhol andou por aqui. Vinha da Espanha por mar; rumo a Santa Maria de Buenos Aires, socorrer os colonos reinóis, quando, naquele ponto do litoral de Santa Catarina, encontrou navio-correio que lhe informou o arraial criado por Pedro de Mendonça em 1536 ter sido destruído por ataque dos índios querandis. Decidiu Cabeza de Vaca largar seu navio e seguir a pé, pelo continente, rumo a Assunção, para de lá, pelos rios, chegar a Buenos Aires.

No ano 2000, quando desempenhei a elevada função de presidente do Conselho de Ministros Brasil-Portugal, para as Comemorações dos 500 Anos do Descobrimento do Brasil, fui convidado pelo proprietário do posto Sinuelo, no km 71 da BR-101, para inaugurar réplica de *Caravela, Memorial dos 500 anos*. O empresário, sem saber, evocava, por intuição histórica, o exato local do desembarque de Cabeza de Vaca. Queria homenagear Cabral, mas, como lhe disse, em meu pronunciamento na inauguração, acabou materializando o episódio da ocupação espanhola.

Quando deixei de ser ministro, e até hoje, o besteiro usual de ferozes e invejosos detratores políticos atribuiu a mim a iniciativa dessa Caravela feita com dinheiro particular, um dos 1000 projetos culturais daquele ano 2000. Nada tive a ver com ela, e com nenhuma outra réplica naval histórica naval.

A famosa Nau Capitânea, que rendeu capa de revistas nacionais, quando deixei o Ministério do presidente FHC, já existia antes de eu ser ministro. A Nau Capitânea é projeto datado de dezembro de 1996, iniciativa do Clube Naval da Marinha do Brasil, entidade que reúne 10 mil oficiais, então dirigido pelos almirantes Carlos Gadelha e Domingos Castelo Branco.

A decisão de apoiar a construção da réplica da Nau Capitânea, através da Comissão Nacional dos 500 Anos do Brasil, é de 28 de novembro de 1997, a partir de parecer favorável emitido pelo historiador comandante Max Justo Guedes, em 10 de novembro do mesmo ano.

Em 1998, o batimento da quilha da Nau foi feito na base naval de Aratu, na Bahia, pelo



almirante Rodrigues Pereira, ministro da Marinha, no dia 18 de agosto (conforme *Jornal do Brasil* de 19/08/98). Na época, presidia a Comissão o embaixador Lauro Moreira, que obteve para a ideia o elevado apoio do vice-presidente da República, Marco Maciel. Aliás, foi a senhora Marco Maciel quem batizou a Nau Capitânea, na base naval de Aratu. No verão de 1999, no Palácio do Planalto, cheguei a alertar o vice-presidente Marco Maciel do perigo de réplicas náuticas. Conhecia o triste episódio da Nau Portugal, idealizada na era Salazar, nos idos de 1940.

Construída com capricho, nos estaleiros de Mestre Manoel Maria Bolais Mônica, em Gafanha de Nazaré, como parte da Exposição do Mundo Português, soçobrou espetacularmente, em 7 de junho de 1940, diante da multidão, conforme registro do cineasta Leitão de Barros.

Entre 1999-2000, a Comissão Binacional de Ministros do Brasil e Portugal apenas limitou-se, atendendo ordem do vice-presidente do Brasil, Marco Maciel, a dar continuidade ao projeto da Nau, já em andamento há quatro anos. Aquiesci contrariado à ordem de Marco Maciel.

Decidiu a Comissão, em abril de 2000, que a réplica da Nau Capitânea, uma vez concluída, ficaria entre Porto Seguro e Santa Cruz de Cabralia, fazendo transporte de turistas até o Parque do Arraial da Coroa Vermelha. Isso, infelizmente, não se cumpriu.

Na manhã de 26 de abril do ano 2000, a Nau Capitânea não conseguiu chegar ao Arraial da Coroa Vermelha, onde se realizava a Missa Comemorativa dos 500 Anos da Primeira Missa no Brasil. Sem lastro suficiente, foi filmada balançando e serviu de pretexto para boatos de que teria afundado. Mentira.

Depois de resolvido o problema, percorreu a costa brasileira no ano 2000, inclusive visitando Paranaguá. a Nau Capitânea serviu de cenário ao filme “Desmundo” (2003), de Alain Fresnot, com Beatriz Segall, a atriz curitibana Simone Spoladore, Caco Ciocler e Osmar Prado. Neste verão 2016, a Nau Capitânea espera visitantes no píer do Centro Cultural da Marinha, próximo à Igreja da Candelária, no centro do Rio de Janeiro.

Em Brasília fiz tudo o que devia. Brasília fez tudo o que costuma. Superei a impiedosa perseguição, sendo inocentado em todas as instâncias da Justiça das acusações que então me dirigiram. A ocasião, quase sempre, rouba aos justos o bem que desperdiça com os perversos. A História é assim.

Voltemos aos nossos Caminhos: *O Paraná se consolida com os portugueses, depois de caminhar sobre as ondas em frágeis caravelas, embrenhados na Ilha da Cotínga, antes de traçar ruas na futura Vila de Nossa Senhora do Rosário de Paranaguá. E o Paraná prossegue, galgando o passo pelas três gargantas da Serra do Mar; nos caminhos do Itupava, do Arraial e da Graciosa, rumo a Curitiba.*

Estudante de engenharia, no começo de 1974, a convite de Rosy de Sá Cardoso, fui levado à residência do médico e dentista professor Júlio Estrela Moreira (1899-1975), na rua Brigadeiro Franco. O historiador amador, mas muito diligente, então já muito idoso, pediu-me que datilografasse seus originais de uma obra monumental e conclusiva, que resgata os *Caminhos das Comarcas de Curitiba e de Paranaguá* até a emancipação da Província do Paraná. Três preciosos volumes, publicados pela Grafipar em 1975. O ditado do professor Júlio Moreira, eu na máquina Olivetti verdinha, foi ocasião única de mergulho e alumbramento pela nossa História. Naquelas tardes, observado por sua filha Aline, aprendi quase tudo o que sei sobre o Itupava, o Arraial e a Graciosa.

Quando Júlio Moreira faleceu, fiz seu panegírico, em oração fúnebre, no funeral no nosso Cemitério Municipal, em 25 de julho de 1975. Louvei seus esforços no resgate da História de nossos caminhos e na definição do passo a vau do rio Atuba, que seria indicador da primitiva Vila do Atuba, endereço original dos mineradores curitibanos antes da transferência da capela de Nossa Senhora da Luz para o futuro sítio da Matriz, hoje praça Tiradentes.

Filho do tipógrafo e professor Fernando Moreira, fundador da Universidade do Paraná, patrono da Rua dos Chorões, em cujo canal corre o arroio do Bigorriho, tributário do rio Ivo, Júlio Moreira deixou extensa obra literária, não só histórica. Publicou 21 livros, alguns deles tratados pioneiros de Odontologia e Medicina: “Lábio Leporino Unilateral Total”, “Anestesia Regional em Cirurgia

Dentária”, “Artrite Alvéolo Aguda”. Depois consegui que o então prefeito Saul Raiz desse seu honrado nome para a Galeria Júlio Moreira, que une o percurso do calçadão entre a Catedral e a Igreja da Ordem.

Dessa amizade, Curitiba ganhou ainda as preciosas imagens de Nossa Senhora do Terço (1737) e do Senhor Bom Jesus dos Pinhais (1640), guardadas por sua sobrinha, dona Ophélia Moreira Brandão, hoje parte do acervo do Museu de Arte Sacra da Arquidiocese de Curitiba, que Margarita e eu, inspirados pelo então arcebispo Dom Pedro Fedalto, criamos junto à Igreja da Ordem em 1979. Na época, muito do acervo sacro barroco, a pretexto de modismos, foi descartado pelos padres, mas felizmente recolhido e guardado pelas famílias devotas. Gelta Bório Schubert também contribuiu para o MASAC, com uma imagem da Nossa Senhora das Dores, que havia servido ao culto na Matriz.

Tentamos guardar a monumental *Biblioteca Júlio Moreira* na Casa da Memória de Curitiba, logo após o seu falecimento. Esse acervo, com indexação própria, não foi aceito pela Biblioteca Pública, nem pelo Setor de Bibliotecas da Fundação Cultural de Curitiba. A burocracia e a biblioteconomia me derrotaram. O acervo Júlio Moreira foi acolhido pelo general Luiz Carlos Pereira Tourinho no Instituto Histórico, Geográfico e Etnográfico do Paraná. Aline Moreira, zelosa da memória do pai, passou a trabalhar lá, preparando os volumes paranistas para consulta pública. Os livros estão até hoje na sede da rua José Loureiro 43.

Da obra de Júlio Moreira, pinço algumas informações:



Pedras do caminho do Itupava, Serra do Mar entre Paranaguá e Curitiba. Foto de Valmir Singh.

Caminho do Itupava

Trilha pré-cabralina, utilizada intensamente a partir de 1640, primeiro acesso entre litoral e serra acima. Trilha dos faiscaadores de ouro, que a tradição refere ter sido descoberta por caçadores em perseguição a uma anta, como já contei no capítulo sobre o ouro de Paranaguá.

O Itupava, ou Cubatão, passa pela garganta do mesmo nome, ao largo do maciço Marumbi. Começa no antigo porto do Cubatão, em Morretes. Está conservado em boa parte de seu trajeto. Entrava em Curitiba pelo que hoje se chama rua Itupava, passando pela ladeira Conselheiro Araújo e terminando no Largo Bittencourt, entre os atuais Teatro Guaíra e Círculo Militar do Paraná. Seu traçado é paralelo ao da atual Estrada de Ferro Curitiba-Paranaguá. Foi restaurado a partir de 1997, até 2004, com verba do



Tropa descendo a Serra do Mar entre Curitiba e Paranaguá. Desenho de Jean Leon Pallière (1823-1887).

Banco Alemão KfW, que, então secretário de Planejamento do Paraná, ajudei a negociar.

Expressiva imagem desse caminho pioneiro é uma aquarela de 1860 de autoria de Jean Leon Pallière (1823-1887), filho de Julien Pallière, pintor e neto de Grandjean de Montigny, arquiteto, ambos integrantes da Missão Francesa que chegou ao Brasil em 1816, trazida pelo príncipe Dom João de Bragança. Claro retrato do Itupava, transição entre a paisagem de araucárias da região de Curitiba e a luxuriante e espessa Mata Atlântica que cobre a Serra do Mar, este ícone é parte do acervo que adquiri, em 1996, para a Casa da Memória de Curitiba, do espólio do colecionador Newton Carneiro. Veja maiores detalhes sobre o artista e a obra no capítulo “Curitiba e o Paraná pelo Olhar dos Viajantes”.



Em 1745, vindo aos Campos de Curitiba, desde São Paulo, pelo *Caminho do Viamão*, com a tarefa específica de inspecionar Caminhos em nome *D'El Rey*, o Brigadeiro José Custódio de Sá e Faria registraria seu testemunho sobre o Caminho do Itupava: [...] *Na Vila de Curitiba falhei [fiquei] vários dias. Saí para a serra de Paranaguá correndo para leste e sul até o alto da serra que desce para Paranaguá, onde está o sítio dos padres da Companhia de Jesus, junto ao rio Palmital. Ai perto há uma das cabeceiras do Rio Grande de Curitiba [Iguaçu], muito feroz, levando água. O Caminho [do Itupava] é despenhado e barrancoso, muito perigoso. Daqui não passei.*

Não se tem registros de quando o Caminho do Itupava começou a receber o calçamento com as pedras irregulares extraídas dos riachos próximos. Talvez já em 1720, por ordem do Ouvidor Pardinho, que o dividiu em trechos para facilitar sua manutenção, mas é certo que a calçada foi construída aos poucos, com prioridade para os locais pantanosos. Só em 1830, por ordem de José Carlos Pereira de Almeida Torres, presidente da Província de São Paulo, os serviços receberam uma diretriz e um projeto profissional que infelizmente não chegaram ao final, devido à queda do Império com a proclamação da República.

No início, a manutenção e as melhorias eram executadas pelos próprios usuários da trilha; depois se adotou o recrutamento forçado dos trabalhadores em regime militar, até com a imposição de multas e cadeia aos que se recusassem a participar.

Em 1743, foi tentada a privatização do caminho, mediante a cobrança privada de pedágio. Finalmente, em 1805, foi implantada a cobrança pública do pedágio, para financiar a manutenção permanente da estrada. Apesar de toda calçada, nunca recebeu manutenção adequada, e os recursos arrecadados pelo pedágio eram constantemente desviados de sua finalidade, resultando que o Caminho do Itupava sempre foi considerado como uma das piores estradas do Brasil.

Caminho do Arraial

Os dados arqueológicos referem que teria sido aberto entre 1586 e 1590, como uma picada, seguindo o curso do rio do Pinto – hoje totalmente assoreado – a partir do vale do rio dos Padres, para acesso à Borda do Campo e dali até os campos da Lapa. Era forma de acesso entre o litoral e o chamado Arraial do Bom Jesus – hoje São José dos Pinhais. Seu destino final seria hoje a área entre o bairro do Barro Preto e a Colônia Muricy.

O Caminho do Arraial mediu em seu percurso cerca de 8 léguas – 52.800 m, ou quase 53 km –,

assim distribuídas: 3,5 léguas no trecho compreendido entre São José dos Pinhais e a boca da Mata – região do Pilão de Pedra, situado no km 52 da atual rodovia BR 277 (Paranaguá/Curitiba); 2,0 léguas entre os trechos da entrada da mata até o pé da serra; e 2,5 léguas do pé da serra até Morretes.

Para os litorâneos que desejavam trilhar o Caminho do Arraial e alcançar a região de Curitiba, o desembarque das canoas ocorria no chamado Porto do Padre Veiga (ou Porto de Curitiba), no conhecido Sítio das Carniças, nas margens do rio do Pinto, na sua foz com o rio Cubatão (hoje rio Nhundiaquara). Dali o caminho seguia pelo vale do rio do Pinto (região da Anhaia e do Rodeio) até atingir a subida da serra na região do Cabrestante.

O Caminho do Arraial chegou a ser ligação entre o Colégio dos Jesuítas de Paranaguá e a fazenda daqueles padres na Borda do Campo, serra acima.

Nas *Atas da Câmara de Curitiba* há registro de um edital de 28 de maio de 1827, em que o Ouvidor Geral e Corregedor Interior Joaquim Teixeira Peixoto instituiu a “cobrança de pedágio” para as tropas que transitavam pelo Caminho do Arraial, buscando meios para ressarcimento do trote e passo que o solapavam.

O atual traçado da BR 277 – já chamada de Auto Estrada Curitiba Paranaguá, depois Ecovia – em parte coincide, em parte é paralelo a esse antigo Caminho. Seria por isso que um dos principais viadutos dá-se exatamente sobre o chamado rio dos Padres? Teria ficado o uso antigo no atual nome do rio?

Caminho da Graciosa

No início do século XVIII, segundo notícias das *Atas da Câmara de Curitiba*, uma primitiva trilha foi aberta nas encostas do morro Mãe Catira, em direção ao vale do rio Nhundiaquara, ligação entre a vila de Curitiba, o arraial de São João da Graciosa, o chamado Porto de Cima, junto à capela de São Sebastião e Nossa Senhora da Guia – no atual município de Morretes – e a freguesia de Nossa Senhora do Pilar da Graciosa (depois Antonina).

O primitivo traçado coincide com aquela que seria nossa primeira estrada de rodagem moderna, a partir de determinação de Zacarias de Góes e Vasconcelos, já em 1854, quando da emancipação política do Paraná.

O governador, então, a conselho dos engenheiros Visconde de Beaurepaire Rohan e Plínio Monteiro Tourinho, elegeu o Caminho da Graciosa como estrada de rodagem, pela conveniência da sua inclinação de subida da serra, para o tráfego do que chamou de *modernos carroções de carga, caleças e carruagens*.

Apesar de o Caminho do Itupava ser mais curto,

medindo 2.818 braças, enquanto o da Graciosa media 5.338 braças, os engenheiros da Província chegaram à conclusão da sua superioridade, procedendo à planta e orçamento para transformação do caminho arcaico na Estrada da Graciosa, que usamos até hoje.

Meu avô e meus tios, da família Greca, mais tarde, ali trabalharam com mestres canteiros de famílias como Prosdócimo e Petrelli, a partir da Pedreira do Marumbi, na pavimentação com paralelepípedos de granito. Li as folhas de papel almaço, manuscritas, para pagamento dos operários daquela pedreira, também utilizada na construção da Estrada de Ferro, verdadeira lista de *oriundi*, hoje sobrenomes curitibanos tradicionais.

O conselheiro Zacarias teve sua decisão de 1854 orientada pelas sétima e oitava das Quinze Instruções que lhe deu o Ministro do Império, doutor Luiz Pedreira de Couto, em 23 de novembro de 1853, sobre *Como Bem Administrar o Paraná*. Diz o texto oficial:

Sétima Instrução:

Fará examinar por engenheiro hábil todas as referidas estradas e especialmente a da Graciosa, que comunica a Vila de Antonina com as de Serra acima, a fim de escolher aquela que for mais vantajosa, e melhor se preste aos transportes para carros e carruagens. Existindo alguma [estrada] nestas circunstâncias, promoverá as obras necessárias, para que este transporte se faça comodamente e não seja interrompido no tempo das águas.

Oitava Instrução:

Se dentre as estradas que descem da Serra para o litoral nenhuma houver apropriada para o trânsito de carros, fará abrir novas picadas em busca da direção cuja declividade não exceda a 6 por 100. [...]

Dos relatórios de Zacarias e da História posterior, sabemos das providências tomadas: para a importante missão de estudar as estradas para o litoral, foi nomeado o tenente coronel dr. Henrique de Beaurepaire Rohan, que mais tarde esteve à testa do Governo Provincial do Paraná. A sua atuação junto ao governo de Zacarias foi a melhor possível, tornando-se digno da estima e gratidão dos paranaenses.

O engenheiro Beaurepaire Rohan recebeu a incumbência desses estudos em 20 de dezembro de 1853, dia imediato ao da Instalação da Província do Paraná, mas somente em 1º de julho de 1854 pode apresentar circunstanciado relatório, que se constitui em documento precioso e completo, pelo qual se aprecia sua grande capacidade técnica:

As estradas que ligavam a Marinha ao Planalto eram três: a da Graciosa, a do Itupava e a do Arraial, se bem que de estradas só tinham o nome.

Os estudos da Estrada do Itupava foram feitos pelo engenheiro Saturnino Francisco de Freitas Vivalva, o qual conseguiu, após ingentes esforços, fazer um tra-

çado que se aproximava das exigências do Governo Imperial. As conclusões a que chegaram os engenheiros, nenhuma das três estradas estava em condições de permitir tráfego eficiente de veículos de transporte.

A Estrada da Graciosa apresentava na Serra um declive de 28%; a do Itupava tinha, no costão do Cadeado, 40% de declive; a do Arraial não apresentava sequer 10 palmos de leito, isto é, pouco mais de 2 metros de largura. Unicamente a Estrada da Graciosa dava tráfego a raros carros, “mas como e em quanto tempo? Fazendo 12 léguas em cinco dias, e despojando-se, nos lugares mais íngremes, de toda carga que subia em ombros e cabeças de homens, os quais também, pode-se dizer, que nesses lugares carregavam sobre si os mesmos carros, visto como os animais só por si não conseguiam levá-los serra acima.

A Estrada do Itupava, nas poucas palavras de Beaurepaire Rohan, é definida como *um testemunho da imperícia dos que a delinearam, ou um monumento da miséria dos tempos em que se construiu esta obra [de engenharia] admiravelmente má.*

[...] Entretanto é por ela que transita a maior parte das tropas e viandantes que fazem o comércio entre a Serra acima e o Litoral, fato de que poderão duvidar os vindouros.

As obras da Graciosa começaram em 1854 e duraram até 1873. Foi a primeira estrada moderna do Paraná.

Chamam-na hoje, no Departamento de Estradas de Rodagem (DER), de PR-410. Meu amado pai, engenheiro Eurico Dacheux de Macedo, que foi diretor de planejamento do DER, merecedor da confiança de quatro governadores, sonhava em chamar a Graciosa de estrada PR-I.

Há ainda, na obra de Júlio Moreira, referência a um *Caminho dos Ambrósios*, ligação entre o planalto curitibano e o litoral de Santa Catarina, no acesso a São Francisco do Sul – das mais antigas cidades do Brasil –, e dali até a foz do rio Itapocu, prosseguindo rumo à ilha de Santa Catarina – vila do Desterro – até a vila de Laguna. Traçado mais ou menos coincidente com um dos ramais das trilhas indígenas pré-colombianas do Peabiru.

Já no século XIX, outra ligação entre Santa Catarina e o planalto curitibano viria a ser a estrada imperial Dona Francisca, entre Joinville e São Bento do Sul, acesso muito utilizado pelas famílias de imigrantes alemães. Dela, os transeuntes passavam ao antigo Caminho das Tropas, para chegar a Curitiba. Tomou esse nome em homenagem à princesa brasileira Dona Francisca, casada com o Príncipe de Joinville – patronos da imigração germânica.

O mais importante dos caminhos do sul é o chama-



do *Caminho das Tropas*, ou *Estrada do Viamão*. Ensina Cecília Maria Westphalen: *O capitão governador Caldeira Pimentel, objetivando a introdução de cavalgadas e animálias do sul em direção a São Paulo, ordena a abertura deste caminho, a partir do ano de 1727.*

Foram abertas duas entradas nos sertões, uma partindo de Laguna em direção a Curitiba, sob ordens de Francisco de Souza Faria, outra partindo de Curitiba em direção ao sul, comandada por Manoel Rodrigues da Mota. As duas picadas não se encontraram, exigindo necessária retificação.

O caminho efetiva-se pelas mãos do militar e sertanista Cristovão Pereira de Abreu (1678-1755) e sua tropa de muares e gado, que seguiu desde as invernadas da planície do Viamão até a feira de gado de Sorocaba, em 1731. Neste ano a Câmara de Curitiba indica este capitão de mato Manuel Rodrigues da Mota para superintendente do Registro de Entrada de Gado vindo do Rio Grande.

Também há registros nos arquivos da Capitania de São Paulo de que participaram da abertura Francisco de Brito Peixoto (1650-1735) e seu pai Domingos, ambos fundadores da Vila de Santo Antônio dos Anjos de Laguna. Brito Peixoto teria obedecido ao projeto de Cristovão Pereira de Abreu, sob ordens do Governador da Capitania de São Paulo, Rodrigo César de Menezes. Essa estrada foi o maior feito de seu mandato de governador, entre 1732 e 1738.

A espinha dorsal do Viamão é definida pela diretriz entre os Campos do Viamão, Campos de Lages, Campos de Curitiba, Vila Nova do Príncipe, Capela de Nossa Senhora da Conceição do Tamanduá, Palmeira, Ponta Grossa, Castro e Iraré, até Sorocaba. Cada povoação foi surgindo dos estabelecimentos de *invernadas* de gado, nos intervalos de descanso necessários à caminhada da tropa.



Tropeiro descansando. A aquarela de Aimé-Adrien Taunay (1803-1828).

Numa ilustração de 1827, no traço de Aimé-Adrien Taunay, um tropeiro ajusta sua

carga no lombo de mulas, em meio à mata. O original se conserva na Academia de Ciências da Rússia, em Moscou. Taunay nasceu em Paris, em 1803, e morreu afogado no rio Guaporé, no extremo sertão do Brasil, em 3 de janeiro de 1828.

No caminhar das tropas de mulas, fez-se a história do Sul. Nomes de cidades do sul recordam aqueles dias de tropeada, Vacaria e Curitiba entre eles. Aqui na região de Curitiba, o registro das tropas e a cobrança de impostos deram-se na Fazenda Rio Grande, no passo a vau do rio Iguaçú.

Na nossa memória coletiva, consta o registro da reclamação dos lavradores à Câmara de que o gado das tropas consumia suas hortas, fazendo delas pastagem. Isso levou à ordenação da criação de um muro de Xaxim Cercado, de um *Sítio Cercado*, duma *Fazendinha* e dum *Portão* de contagem e acesso a Curitiba. A nomenclatura sobreviveu até o decreto municipal 774/75 do prefeito Saul Raiz, que definiu a denominação e os limites dos 75 bairros da nossa cidade.

Esse caminho das Tropas, ou do Viamão, chegou a São Paulo nos idos de 1732 e prosseguiu rumo a Minas Gerais, onde chegou em 1735. Essa rede de trilhas palmilhadas por tropeiros estender-se-ia ao Mato Grosso e a Goiás, ao Rio de Janeiro e à Bahia.

Tudo está fartamente documentado no livro *Res Nostra*, de João Pandiá Calógeras (1870-1934), sobre “Transportes Arcaicos do Brasil”, datado de outubro de 1927, do qual publicamos excertos no volume de História, um dos cinco tomos da coleção *Páginas Escolhidas*, edição da Assembleia Legislativa do Paraná, comemorativa dos 150 Anos da Emancipação Política do nosso Estado, que Gehad Hajar, Wilson Bóia e eu organizamos em 2003. Pandiá Calógeras, engenheiro, geólogo e deputado federal por Minas Gerais, foi ministro da Agricultura, Comércio, Indústria e Fazenda do presidente Venceslau Brás.

Na abertura de caminhos, nos idos entre 1768 e 1774, penetram os reinóis lusitanos, a partir de Curitiba, nos sertões do rio Tibagi, rumo aos Campos de Guarapuava, avançando para o terceiro planalto do Paraná. Para espantar os castelhanos, naqueles anos, foram II expedições militares de conquista organizadas pelo tenente coronel Afonso Botelho de Sampaio e Souza, a mando do capitão-general Dom Luís Antônio. Trataremos delas no próximo capítulo.

Curitiba acabou tornando-se cabeça de Comarca como consequência do tráfego comercial pelo Caminho do Viamão, com o ir e vir das tropas de gado entre o sul e a feira de Sorocaba. A alegação do Governador de

São Paulo era a maior proximidade da Vila de Curitiba ao Registro das Tropas na Fazenda Rio Grande, às margens do rio Iguaçu.

Em 19 de fevereiro de 1812, por alvará, o Príncipe Regente, fazendo saber aos que esse alvará vissem, que tendo sido presentes em consulta à Mesa de Desembargo do Paço os urgentes motivos com que o Governador e Capitão General da Capitania de São Paulo tinha representado, ser conveniente ao real serviço e à mais fácil administração da Justiça, o haver dois lugares de letras na Comarca de Paranaguá, e ser mais própria para residência do Ouvidor a Vila de Curitiba por ser mais central e bastante populosa, determinou que a Comarca de Paranaguá se ficasse denominando, da data desse seu alvará em diante, Comarca de Paranaguá e Curitiba, e a Vila de Curitiba ficaria sendo a cabeça da Comarca e nela seria a residência do Ouvidor Geral, tanto do atual, como daqueles que para o diante fossem por ele nomeados. Houve por bem criar na Vila de Paranaguá lugar de Juiz de Fora do cível, crime e órfãos.

A cidade de São Paulo era a 1ª Comarca, Itu era a segunda e ficou sendo a terceira Comarca da Capitania de São Paulo a de Paranaguá e Curitiba. Em 23 de fevereiro de 1833, Taubaté e Campinas passaram a ser cabeças de Comarca, passando Curitiba a 5ª Comarca de São Paulo. Condição esta que prevaleceu até 1852, quando a Lei Provincial paulista criou as Comarcas de Guaratinguetá, Jacareí, Mogi-Mirim, Franca, Itapetininga e Sorocaba – esta no lugar de Itu. Nessa condição, pela Lei Imperial nº 704, de 29 de agosto de 1853, da Assembleia Geral Legislativa do Império, a Comarca de Curitiba, na Província de São Paulo, foi elevada à categoria de Província, com a denominação de Paraná. Essas informações constam do relato de José Carlos Veiga Lopes no seu compêndio de anotações cartoriais e registros históricos *Aconteceu nos Pinhais, Subsídios para a História dos Municípios do Paraná Tradicional do Planalto*, publicação da Editora Progressiva, Curitiba, 2007.

Em 1822, o Brasil deixou de ser colônia, ou parte do Reino Unido de Portugal, Brasil e Algarves, virando país independente, e o território do Paraná, palmilhado pelas tropas de Paula Gomes, começou a aspirar sua emancipação de São Paulo.

Em ilustração (página anterior) de 1825, aquarela pintada por Aimé-Adrien Taunay, que se conservou no acervo da expedição Langsdorf, em Moscou, no Arquivo da Academia de Ciências da Rússia, vemos, sob uma frondosa araucária, o descanso do rico tro-

peiro da Província de São Paulo conduzindo suas mulas.

Com o advento da Província, novos caminhos foram abertos, além dos já mencionados, que levavam e traziam entre a sede do município de Curitiba e as colônias dos imigrantes europeus que foram sendo fixadas no entorno da cidade. Consolidariam, assim, a ideia de Wilson Martins de ser aqui, no Paraná, *O Brasil diferente*, título do livro publicado em Curitiba em 1951.

Paralelos às novas estradas de rodagem, surgem os Caminhos de Ferro. A ferrovia Curitiba-Paranaguá (1880-1885) usa a garganta e a trilha do Itupava para transpor a Serra do Mar, em notáveis obras de engenharia, conduzidas por engenheiros italianos e franceses e pelos brasileiros Teixeira Soares, André e Antônio Rebouças, entre muitos outros.

Os pinheirais do Contestado, no final do século XIX, início do século XX, passam a conhecer as dores da serra de fita, dizimando as reservas florestais, num rastro de lutas sangrentas, quando se abriu a Estrada de Ferro São Paulo-Rio Grande, pela Brasil Railways S.A., consorciada com a empresa madeireira Lumber Corporation, raiz do conflito chamado Guerra do Contestado. Curitiba viveu particularmente esse drama, com a morte do coronel da Polícia Militar João Gualberto Gomes de Sá – já comandante do Tiro de Guerra Rio Branco –, em luta corporal com o Monge José Maria de Agostini, armados ambos de facões, no combate do Irani, em 22 de outubro de 1912.

Curitiba deu a João Gualberto pomposos funerais de estado, cobrindo as duas torres da Catedral com véus negros. Seu nome passou a denominar o antigo Boulevard 2 de Julho, ligação do Passeio Público com o Alto da Glória, avenida já então ladeada pelas belas residências de abastadas famílias de ervateiros.

Trajeto da linha de bondes, endereço das casas das famílias do prefeito Cândido de Abreu, do Comendador Fontana, de Agostinho Bernardo da Veiga, dos Leão e do historiador Agostinho Ermelino de Leão. Também endereço da bela capela *art nouveau* de Nossa Senhora da Glória (1900), marco do alvorecer do século XX.

A *História de Caminhos* prosseguiu, no novo século XX, com o povoamento do interior do Paraná. No rastro de terras férteis, caminhos novos foram abertos em todo o território. De São Paulo e Minas Gerais, trazendo searas de café, desceram levas migratórias que povoaram o Norte Velho, o Norte Novo, o Norte Novíssimo e o Noroeste. A Estrada do Cerne, no caminho de Santa Felicidade, Ouro Fino e Bateias, entrou na cidade com seus caminhões de café. Do rancho dos camioneiros nasceu a vocação gastronômica do bairro italiano, quando nona Boscardim resolveu servir refeições na varanda de sua casa junto à cascatinha do rio Uvu. O local ainda hoje é o Restaurante Cascatinha.





Caminho do Viamão, passo do rio Itararé, atual divisa entre São Paulo e Paraná. Aquarela de Jean-Baptiste Debret (1768-1848).

De Santa Catarina e do Rio Grande do Sul também subiram ao Paraná outras levas migratórias, para povoar os pinhais do sudoeste e do oeste do nosso Estado. Os caminhos se cruzaram. Em Assis Chateaubriand, gaúchos encontraram paulistas. Na ocasião, o então governador Bento Munhoz da Rocha conseguiu revogar o chamado Território do Iguaçu, e a geografia acabou sendo definida com mais 3 centenas de cidades. Na ocasião, plantávamos café e colhíamos cidades.

Por força dos novos caminhos, os filhos dos estrangeiros e brasileiros radicados no Paraná já não lhes pertencem: tornam-se paranaenses. O povoamento consolida-se, a identidade fortifica-se, mas o Estado ainda não estava pronto.

Curitiba existiu antes do que o Paraná, disse-me, com perspicácia, Fernando Lira, já Ministro de Justiça de Tancredo Neves, então candidato a vice-presidente da República na chapa de Leonel Brizola, num memorável jantar na nossa chácara São Rafael das Laranjeiras, no inverno de 1989. Fiquei chocado, mas, estudando, concordei.

Filho de engenheiro rodoviário, empregado do Departamento Estadual de Estradas de Rodagem (DER), era menino e conheci o Paraná pelas mãos de pai, Eurico Dacheux de Macedo, comendo o pó dos caminhos.

Pó de arenito e calcário, se estávamos nas bandas do Cerro Azul, na direção do Açungui, ou nos Campos Gerais de Palmeira, Castro, Socavão e Ponta Grossa. Pó vermelho quando íamos ao norte, além de Maravilha, nos caminhos que levavam a Londrina, Apucarana, Mandaguari e Maringá. Pó de erosão, com medo de vossorocas, se palmilhávamos horizontes novos entre Cruzeiro do Oeste e São João do Caiuá.

Esta estrada de Irati a Relógió, antes do Morro do Chapéu, fui eu quem traçou, dizia meu pai.

Que susto tão grande quando, nos sertões do litoral norte, meu pai perdeu-se na Mata Atlântica, com uma equipe de engenheiros e topógrafos, nas bandas da Serra Negra, abrindo a estrada do rio Cacatu até Guaraqueçaba.

Boas lembranças de tantas viagens de sonhos. Correntes de ferro grosso nos pneus dos caminhões e jipes do DER, entre Guarapuava e Foz do Iguaçu. E o trecho compreendia toda uma travessia em território dos índios, para lá de São Jerônimo da Serra e Mangueirinha. Meus olhos de menino, com medo de um ataque como no cinema, não se fechavam entre Laranjeiras do Sul e Cascavel.

Há também estradas antigas, ensinava o professor Eurico Dacheux de Macedo: *O Caminho dos Jesuítas, descendo a Serra do Mar onde hoje é Auto Estrada Curitiba-Paranaguá. O Caminho da Graciosa, ligação de Curitiba, pelo Porto de Cima, do engenho de nosso avô, Comendador José Ribeiro de Macedo, até a bela Antonina, onde foi prefeito nosso tio, coronel Antônio Ribeiro de Macedo, patrono da praça da Matriz do Pilar. E ainda há a estrada do Cerne, do velho Manoel Ribas. A partir de estradas pioneiras, o esclarecido interventor conseguiu preservar a unidade do Paraná. Esta mesma unidade seria consolidada pela rodovia do Café, e pela extensão da BR-277, no seu traçado panamericano, desde Ponta Grossa até Foz do Iguaçu.*

Posso dizer, num misto de alegria e orgulho, que todos os caminhos do Paraná levam à nossa amada Curitiba, nosso berço, do nosso andar e, queira Deus, do nosso descanso.



Vista da Lapa. Aquarela de Jean-Baptiste Debret (1768-1848).

COMBATE AOS ESPAANHÓIS, CONQUISTA DE GUARAPUAVA



Cenas que ilustram o relatório de Afonso Botelho à Coroa Portuguesa sobre a Conquista dos Campos de Guarapuava. Aquarelas originais sobre papel-cartão de Joaquim José de Miranda, feitas em 1771.

Nos idos de 1760, a partir do porto de Paranaguá e da Vila de Curitiba, intensificou-se a penetração portuguesa nos territórios legados ao domínio espanhol pelo Tratado de Tordesilhas. No total foram onze expedições – incursões, explorações ou bandeiras – efetuadas a partir de 1768.

Começou pela conquista dos sertões do rio Tibagi e dos Campos de Guarapuava. Afonso Botelho de Sampaio e Souza, tenente-coronel, ergueu a Fortaleza de Nossa Senhora dos Prazeres da Ilha do Mel e fundou a vila de Nossa Senhora do Bonsucesso e São Luiz de Guaratuba. Melhorou a Vila de Curitiba. Doou uma légua de terra para a Matriz de Nossa Senhora da Luz dos Pinhais e dois novos altares*, belos retábulos barrocos em cedro policromado, nos tons de vermelho, encarnado, azul e ouro, semelhantes aos que ostentavam as igrejas de São Paulo, Itu, Embu e Santana do Parnaíba.

***Esses altares-retábulos foram desmontados com a demolição da Matriz de Curitiba em 1875 e relocados para a Igreja do Rosário. Na década de 1930, quando da reforma do templo, foram jogados no depósito do Matadouro Municipal. Dali foram recolhidos por insistência do historiador Júlio Moreira para o acervo do Patrimônio Histórico e Artístico do Paraná. Um deles foi depois levado a Paranaguá, por iniciativa do arquiteto Ciro Correia Lira, a serviço do IPHAN, na tentativa de criação de um Museu de Arte Sacra na igreja da Ordem da rua XV daquela cidade. O outro eu mandei recuperar, em 1980, pela restauradora Maria Esther Teixeira Cruz, para servir de altar na Missa Pontifical do Papa, hoje São João Paulo II, em sua visita a Curitiba, em 5 e 6 de julho daquele ano.**

Na ocasião, jovem coordenador da Casa Romário Martins, recebi delegação do então prefeito Jaime Lerner de participar da organização da visita, convivendo com personalidades como o Arcebispo Marcinkus, o embaixador João Augusto de Médicis e o arcebispo Dom Pedro Fedalto. Quando prefeito de Curitiba, em 1993, mandei reunir os dois retábulos na Capela dos Fundadores do Memorial de Curitiba, onde estão até hoje. Fui a Paranaguá buscar o nosso retábulo num trem lotado de crianças, recebido com cordial acolhida pelo então prefeito Tortatto.

Pedi ao pintor Sérgio Ferro, nascido em Curitiba, radicado na França, com ateliê em Grignam, que pintasse um teto evocando nossa História, para emoldurar os retábulos. Per-



seguido pela Ditadura Militar, ativista de esquerda e exilado político, Sérgio Ferro nunca mais havia pintado rostos humanos. Ao pintar Nossa Senhora da Luz dos Pinhais de Curitiba, comovido, pintou sua mulher Edilene, já musa do conjunto musical Novos Baianos, retratando a Mãe de Jesus com a feição da Mãe de seus filhos. Ao pintar o Pelourinho, muito comovido, vítima de tortura por suas ideias políticas, Sérgio não conseguiu fazer os algozes, nem os escravos, limitando-se a selar com um pinhão, semente de vida, o tronco do castigo. Ao pintar os trabalhadores nos engenhos de erva-mate, recordou passagem que lhe contei das memórias de minha tia-avó Odaléa de Macedo Caron, que evocou as tardes no engenho do rio Timbu, onde, além da varanda, passavam suados os homens verdes, tintos de pó de erva-mate.

Ao pintar as utopias de Curitiba, junto à imagem de jovem urbanista pensador numa prancheta, Sérgio Ferro homenageou-me com uma grega em forma de pinhões. “Grega de Greca”. Deixou espaço em branco para que eu escrevesse sobre a tela, como rezava o costume italiano do Renascimento, quando quem encomendava a obra apunha sua letra sobre ela. Prefeito do venturoso ano 300 de Curitiba, eu já reunia na ocasião sobejos motivos para ser invejado, motivo pelo qual recusei a ideia do criativo pintor. A tela lá está sem texto.



Altars-retábulos da antiga Matriz de Curitiba conservados no Memorial da Cidade na Capela dos Fundadores de Curitiba.

Afonso Botelho ordenou ainda levantamento e censo. O empenho das autoridades em saber quantas almas havia dá-se pela necessidade de recrutamento de soldados para os combates nos sertões. Aquele era um tempo de combate ao exército espanhol. De Curitiba partiram homens usando chapéus de 3 pontas, como refere aquarela posterior de João Pedro – “O Mulato” –, recrutados com a função de socorrer, com braços, armas, tropas, lenhas e farinhas, a remota Colônia do Sacramento, enclave lusitano no atual território do Uruguai, e o porto do Desterro, então o nome de Florianópolis.

Dizem Cecília Westphalen e Jayme Cardoso: *No censo de Afonso Botelho são constatadas 88 fazendas e 131 sítios no Paraná. 29 fazendas e 100 sítios na região dos Campos Gerais, do Pitangui (Ponta Grossa) ao Itararé. 17 fazendas em Curitiba. 20 fazendas em São José dos Pinhais. 12 na Palmeira. 10 na Lapa e mais 31 sítios espalhados na região. Tudo soma 31.650 cabeças de gado. O comércio de charque e carne cria os salteadores – ou galafres – contra os quais a Câmara de Curitiba já ordenara expedição em 1761. Curitiba tinha então 1.939 moradores. Paranaguá, 3.193. A Comarca toda, 7.627 almas, diz outro Censo, feito em 1772.*

Um terço da população era de escravos negros e mulatos. Isso, junto com a existência de irmandades de Nossa Senhora do Rosário e de São Benedito dos Homens Pretos, com igrejas significativas tanto em Curitiba como em Paranaguá, desmancha o mito de um Paraná só de gente branca.

Depois de onze entradas, Francisco Martins Lustosa, em 1771, saindo pelo Carrapato, passou a chamada Serra da Esperança e chegou à borda dos Campos de Guarapuava, mas neles não entrou. Em 1771, Afonso Botelho, pessoalmente, também entrou pelo passo do Carrapato, passou pelo Guaraúna e chegou aos Campos de Guarapuava, onde se juntou à tropa de Cândido Xavier de Almeida, no seu Forte de Nossa Senhora do Carmo. Chegaram a avançar pelos campos até o rio Jordão, onde entraram em luta com os índios. Foram forçados a se retirar. Em 1773, finalmente, Afonso Botelho conquistou Guarapuava.

Recordação desses embates, inscrita na geografia do Paraná, é o chamado rio das Mortes, cujo vale banha os fundamentos do singular Morro do Chapéu, sentinela do Terceiro Planalto do Paraná. Tesouro iconográfico do patrimônio cultural do Brasil é a série de 39 aquarelas, com 40 cenas, pintadas por Joaquim José de Miranda, em 1771, para ilustrar o relatório de Afonso Botelho apresentado à Corte Portuguesa.

As imagens coloridas, aquarelas sobre papel-cartão (45,5 x 55 cm), revelam os figurinos de índios, selvagens e já catequizados, os contatos com a tropa lusitana, o comércio, as barganhas, os pinheirais



Cenas que ilustram o relatório de Afonso Botelho à Coroa Portuguesa sobre a Conquista dos Campos de Guarapuava. Aquarelas originais sobre papel-cartão de Joaquim José de Miranda, feitas em 1771.

idealizados à distância, até a matança que denominou o rio das Mortes, nome que persiste até hoje, banhando o Morro do Chapéu, sentinela da Serra da Esperança.

Os originais de Joaquim José de Miranda, considerados ícones da arte barroca brasileira, foram, a meu pedido, então prefeito, exibidos em Curitiba, na Casa Vermelha, no Largo da Ordem, a partir de março de 1993, quando dos 300 anos da cidade. Depois exibidos na mostra “O Barroco Brasileiro”, em Paris, em 1999. As pranchas estão documentadas no precioso catálogo “O Barroco Brasileiro”, suporte da exposi-

ção no Museu do Louvre, livro editado com meu apoio quando Ministro de Estado. As mesmas imagens foram atração da Bienal de Arte extraordinária dos 500 anos do Brasil, na Oca do Ibirapuera, em São Paulo, no ano 2000.

Podem ser vistas em São Paulo, sob consulta, como parte da coleção abrigada na residência, no Morumbi, de minha prima por parte da família Macedo – Beatriz – e de seu saudoso marido, o também colecionador Mário Pimenta de Camargo, que as adquiriram em leilão, em Lisboa.





ERVA-MATE: DO CHIMARRÃO À UNIVERSIDADE

A erva-mate e o chimarrão são signos determinantes da identidade curitibana. Tão fortes e tão importantes quanto a araucária e o pinhão.

O mate, erva típica da mata nativa do Paraná, era usado em profusão pelos indígenas ainda antes da chegada dos europeus. Os guaranis, cultores da erva-mate, transmitiram esse conhecimento aos colonizadores espanhóis, em primitivas cuias de tererê, feitas de osso, e canudinhos de taquara. Os reinóis disseminaram o uso do mate por todo o Vice-Reino do rio da Prata, chegando até as cortes da Europa.

Os colonizadores, espanhóis e portugueses, logo sorveram a essência da terra, dando-lhe forma metafórica de dominação. O que pode traduzir melhor o processo colonial de sugar as riquezas do Novo Mundo do que a bomba de prata espanhola pela qual se sorve a efusão silvícola, derramada em porongo nativo emoldurado e encilhado em prata lavrada? Feitas em madeira de porongo, couro de lagarto, ou porcelana, as cuias eram metáforas do que Eduardo Galeano chamaria *as veias abertas da América Latina*.

A palavra *mate* deriva do termo quéchua *'mati'*, que designa o recipiente onde é bebido o chimarrão. *Congonha* deriva do tupi *'kô'gô'i'*, que significa *'o que mantém o ser'*.

Dizem crônicas missionárias *del Guayrá* que os jesuítas, a princípio, tentaram proibir a ingestão do mate, alegando ser *erva del Diablo*, pela desconfiança que tinham das propriedades animadoras e afrodisíacas da planta. Verdade ou não, em pouco tempo, no continente sul-americano, os confessores da Companhia de Jesus viram que beber mate não era pecado. Nas bem organizadas Reduções *del Guayrá*, serviram-se da erva para afastar os índios aldeados de bebidas alcólicas – o caulim, a xixá e a aguardente.

Os padres de Santo Inácio tornaram-se os maiores propagadores e consumidores dessa cultura, motivando um grande ciclo econômico no que seria depois o território do Mercosul.

Sobre a importância econômica da erva-mate e suas virtudes terapêuticas, lembro-me de um trecho do livro pré-ecológico de Romário Martins, o *Livro das Árvores do Paraná*, primeira edição em 1944, em que li um eloquente elogio do mate: *Vinte milhões de sul-americanos têm no Mate um vício semelhante ao do bebedor mais inveterado de qualquer outra bebida – e esses vinte milhões de indivíduos são justamente os mais fortes e os que têm a seu cargo os trabalhos mais pesados das atividades rurais. Nos clãs onde o Mate é vício coletivo, o uso do álcool é diminuto e a cocaína não conseguiu nem conseguirá penetrar. Nos meios sociais onde o Mate é um vício, os costumes são*

Sapeco da erva mate por Hermann Schifelbein (1885-1933). Pinacoteca do Clube Concórdia. Tela vencedora do Salão da Primavera do Clube Concórdia



moderados, as paixões não se desfreiam, o bom humor é constante, a atividade não depaupera, e qualquer alimento é suficiente. Quem se habitua ao uso do Mate cada vez o toma em maior porção, porque essa bebida lhe dá uma sensação de bem-estar; vigor e de lucidez.



Museu do Mate do Paraná. Engenho movido a roda d'água no rio Rondinha, de Manoel de Macedo, Campo Largo da Piedade.

Curitiba acabou se beneficiando do ciclo econômico da erva-mate, a ponto de materializar, com a riqueza dos engenhos, a primeira Universidade do Brasil. A Universidade do Paraná, chamada pelo historiador Ruy Wachowicz de “A Universidade do Mate”, coroa uma longa trajetória, desde as missões jesuíticas até a nossa briosa Curitiba de 1912.

Por volta de 1690, o padre austríaco Anton Sepp, missionário jesuíta, ao encontrar índios na *Banda dos Charruas*, contou: [...] *um deles pediu apenas um pouquinho de uma erva paraguaia que não é outra coisa senão as folhas secas de determinada árvore, moídas em pó. Esse pó os índios deitam na água e dele bebem [...]. Sabe-se assim que para além da utilização da erva-mate em folha também existe a sua utilização em pó [resultado da moagem da folha]. É o que nos informa o tradicionalista Evaldo Muñoz Braz, no seu Manifesto Gaúcho, publicado pela Martins Livreiro, em Porto Alegre, no ano 2000.*

Em viagem ao sul do Brasil, em 1858, o explorador e médico alemão Robert Avé-Lallemant, em arroubo romântico, escreveu:

Mate, mate e mais mate! Essa é a senha no planalto, a senha nas terras baixas, na floresta e no campo. Distritos inteiros, aliás, províncias inteiras, onde a gente desperta para o mate, madraccia o dia com o mate e com o mate adormece.

As mulheres entram em trabalho de parto e passam o tempo de resguardo sorvendo mate, e o último olhar do moribundo cai certamente sobre o mate. É o mate a saudação da chegada, o símbolo da hospitali-

dade, o sinal da reconciliação. Tudo o que em nossa civilização se compreende como amor; amizade, estima e sacrifício, tudo que é elevado e profundo e bom impulso d'alma humana, de coração, tudo está entretecido e entrelaçado com o ato de preparar o mate, servi-lo e tomá-lo em comum.

A veneração do café e o perfumado fetichismo do chá nada são, nem sequer dão um ideal da profunda significação do mate, na América do Sul, que não se pode descrever com palavras, nem cantar, nem dizer, nem pintar, nem esculpir em mármore. Comparativamente, nada é o célebre “There be none off beauties daughters” de Byron. Sim, tivesse Moore conhecido mate, a sua amável Peri teria reconquistado as portas do paraíso e a felicidade dos imortais com o mais belo que há, com um maravilhoso diamante, com uma gota verde de mate!

Fiz publicar o relato completo da passagem de Robert Avé-Lallemant (1812-1884) pela província do Paraná, num dos 32 volumes da *Coleção Farol do Saber*, patrocinada pela nossa Fundação Cultural de Curitiba nos anos de 1995 e 1996. O médico alemão apaixonado pelo Brasil e pela nossa natureza terminaria seus dias clinicando na Santa Casa de Misericórdia do Rio de Janeiro.

Antes dele, também viajante apaixonado pela exuberância do Brasil, o insigne explorador e naturalista francês Auguste François de Saint-Hilaire, em 1821, já havia escrito:

A árvore da congonha, ou a árvore do mate é uma árvore medíocre, ramosa no topo, muito folhuda, mas cuja forma não tem nada de bem determinado. As folhas secas da árvore de mate não tem cheiro, e seu sabor é de uma planta herbácea um pouco amarga. Depois de preparadas, porém, elas têm um pouco do aroma que lembra o do chá suíço.

Até a época da minha viagem fazia-se o mate com muito menos cuidado nos arredores de Curitiba do que no Paraguai; mas o método utilizado pelos habitantes deste último país começava a ser conhecido pelos curitibanos.

O capitão-mor do distrito tinha a intenção de obrigar todos os seus administrados a adotar esse método, porque o mate obtido por meio dele era vendido muito mais caro em Bueno Aires e Montevideu do que o produzido pelo processo antigo.

Quando passei por Borda do Campo o meu hospedeiro tinha a seu serviço um paraguaio que havia deixado o seu país por causa da guerra e que preparava o mate pelo processo hispano-americano no meio da fazenda.

Saint-Hilaire classificou a erva-mate, na botânica mundial, como *Ilex paraguariensis*, convencido

de suas origens na margem oeste do rio Paraná, nas várzeas do Paraguai. No Jardim Botânico de Paris, a planta, trazida por missionários jesuítas já no século 17, era conhecida como *Tè des Jesuites*.

Saint-Hilaire mais tarde montaria um Museu em Paris com as memórias de suas viagens pelo Brasil: amostras geológicas, exsicatas botânicas, aquarelas, textos, objetos. Dom Pedro I, já coroado Dom Pedro IV de Portugal, visitou o local, onde até hoje se mantém um Herbário de Saint-Hilaire, que, neste ano de 2016, pode ser visitado pela internet.

Prefiro a catalogação *Ilex curitibensis* feita pelo botânico e engenheiro britânico John Miers que viveu no Brasil de 1831 a 1838, baseado na Corte Imperial. Pode ter vindo a Curitiba, pode ter conhecido a erva-mate em exsicatas ou em planta nativa, aqui ou no Jardim Botânico do Rio, então chamado Jardim de Aclimação. Pode ainda ter tomado conhecimento da planta e do chimarrão na sua estadia no Chile, onde, a partir de 1819, fez explorações de jazidas de sal e cobre para a marinha britânica.

Da obra de John Miers, o livro mais importante é *Contributions to the Botany of South America* (1870), referendado pela British Royal Society. Miers publicou ainda *On the Apocynaceae of South America* (1878). Também deixou belo caderno de aquarelas – *Illustrations of South American Plants* – e ainda muitas unidades taxonômicas com classificação de plantas, seja em gênero, seja em reino, seja em espécie, que levam seu nome e podem até hoje ser apreciadas no acervo do Kew Garden, o Jardim Botânico Real de Londres.

O governo brasileiro, através do Padre Feijó, regente do Império em nome do príncipe herdeiro, que seria Pedro II, condecorou Miers, em 1836, com a Imperial Ordem da Rosa, fazendo-o Comendador, em reconhecimento aos seus estudos sobre nosso território e suas exuberantes belezas naturais.

Divertido saber que o homem responsável por apor o nome de Curitiba à Classificação Científica Britânica da planta da erva-mate foi condecorado pelo também curitibano Padre Diogo Antônio Feijó, então Regente do Império.

Feijó, o único curitibano a governar o Brasil?

Padre Feijó, fundador do partido liberal brasileiro, espírito indômito de ideais republicanos, adversário político do Patriarca da Independência, José Bonifácio de Andrada e Silva, seria filho natural do padre Manoel da Cruz Lima, vigário da Matriz de Nossa Senhora da Luz dos Pinhais, segundo



John Miers (1789-1879), fotografia do sábio naturalista britânico.

o historiador Francisco Negrão na *Genealogia Paranaense*. Em Curitiba, a tradição oral antiquíssima assegurava que o bebê (Feijó), enjeitado pela mãe envergonhada, teria sido colocado na soleira da porta da Igreja da Ordem, acolhido por mãos cristãs, que o entregaram ao pai. Quando Cruz Lima foi feito Cônego, designado membro do Cabido da Diocese de São Paulo, levou consigo o menino. Batizou-o Diogo Antônio. Foi assim registrado e, criado pelos seus tios a partir dos 4 anos, tomou o sobrenome Feijó.

Já o genealogista paulistano Ricardo Gumbleton Daunt, pioneiro no Brasil da datiloscopia, em livro publicado no ano de 1945, pelo Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo, conta outra versão da história: “Criança rejeitada [o Regente Feijó], fôra filho de criação da casa do reverendo Fernando Lopes de Camargo, seu padrinho de batismo. Batizado na Sé, foi sua madrinha a viúva Maria Gertrudes de Camargo, irmã do reverendo. O padre e sua irmã, descendentes do bandeirante Fernão de Camargo, teriam acolhido o enjeitado, por ser filho ilegítimo de uma outra sua irmã, de 25 anos, solteira, Maria Joaquina Soares de Camargo”.

O estadista Padre e Ministro Regente Feijó (curitibano?) sofreu com isso toda sua vida. Chegou a perorar no plenário do Parlamento do Império, defendendo a supressão do celibato e o casamento dos padres, para evitar o pecado do abandono dos filhos naturais. No seu testamento, datado de 3 de março de 1835, passou recibo aos fofoqueiros: *Para desfazer a maledicência, a calúnia e a infâmia, declaro que sou filho de Maria Gertrudes de Camargo e Félix Antônio Feijó*. Pelo visto quase ninguém, em Curitiba, acredita.





Regente Diogo Antônio Feijó (1784-1843), único curitibano que governou o Brasil. Regente do Império (1835-1837).

Em sendo verdade a versão de Francisco Negrão, o Padre Feijó seria o único curitibano a ter governado o Brasil. Um Regente do Império, ainda que filho de padre e enjeitado, brilhante orador e patriótico polemista, nascido em Curitiba. Os curitibanos de antiga cepa gostam muito dessa versão.

Mas voltemos à erva-mate (*Ilex curitibensis*).

O ciclo econômico do mate paranaense começa em 1821, quando Alvará Régio do príncipe Dom João, regente do Brasil, Portugal, Algarve e Índias, em nome de sua mãe, a Rainha D. Maria (a Louca) autorizou o empresário Francisco de Alzagaray, hispano-mouro, a estabelecer engenho na região dos Três Morretes, termo da vila de Paranaguá, hoje município de Morretes. Naquele primeiro momento, o embarque para os portos do sul dava-se com a erva em pó, acondicionada em bexigas de boi ou surrões de couro.

Gehad Hajar, no seu estudo *Barão do Serro Azul, o homem, o empresário e o herói na História do Paraná*, premiado em 2010 pela Associação Comercial do Paraná, revela:

Os engenhos começaram a ser instalados em Morretes e Antonina, com força de trabalho escravo. Graças à geografia favorável, a energia foi sendo substituída pela hidráulica, usando a água dos rios, e depois pelo vapor:

O tímido mercado ervateiro era centralizado nas lavouras advindas do Paraguai, onde o produto era preparado com maior exatidão, e com preço mais acessível.

É aí que rugiu o tino industrial daquele que viria a ser o Barão do Serro Azul. Ciente de que o advento da Guerra do Paraguai cessara as remessas do produto desde Assunção para os mercados da Argentina

e Uruguai, viu a oportunidade de oferecer a produção paranaense, antes que estes mercados retornassem a produzir; após a guerra.

A colheita, sapeca, acondicionamento e envase eram rudimentares. Coube ao Barão do Serro Azul, assim que se transferiu a Curitiba, a busca por novos sistemas e tecnologias de preparo. Esta evolução tecnológica acelerava a produção ervateira, que necessitava de um prazo limitado entre a “colheita das folhas” e a sua “sapecação” nos barbaquás para manter a qualidade.

Esta demora na estocagem e no preparo, juntamente com a falsificação do mate, levava ao descrédito nosso produto quando procedente da Província do Paraná. Isto porque gatunos juntavam à erva-mate folhas estranhas, como grama, caúna, voadeira, congonhinha e mais 20% de lascas de madeira. A falsificação aumentava o volume e baixava preço e qualidade.

Ildefonso Pereira Correia começou por adotar as barricas de madeira de pinho como envoltórios da erva-mate, crucial para a manutenção da qualidade. As barricas foram invenção do engenheiro negro Antônio Pereira Rebouças, também pioneiro da indústria madeireira do pinho, outro ramo também explorado por Serro Azul.

Em 1875, em um informe para a Associação Brasileira de Acclimação, publicado pela Typographia e Litographia Carioca, então estabelecida na Corte, à rua Théophile Ottoni n° 135, o engenheiro André Rebouças defendeu a ideia de seu irmão Antônio, em acondicionar erva-mate com embalagens de madeira de pinho. Este opúsculo, que foi conservado na biblioteca de meu bisavô, Comendador Macedo, talvez seja o primeiro, no Paraná, dedicado ao “marketing” e à publicidade moderna. Meu bisavô, na sua firma Macedo&Filhos, seguiu o conselho à risca.

Escreveu André Rebouças:

O Mate e o Pinho são tesouros inesgotáveis, não há dúvida. São riquezas tantas que ainda nem tivemos capacidade para contar. São elementos de bem-estar, de prosperidade e de engrandecimento, que a Providência reserva para as gerações mais industriais e mais ativas, mais amantes do trabalho e mais devotas ao progresso.

Demonstra assim, à maior evidencia, a importância da propaganda para a introdução do uso do mate na Europa e nos Estados Unidos. Podemos ocupar-nos conscientemente dos meios mais adequados para assegurar o bom êxito do esforços que, pela terceira vez, vão fazer os comissários brasileiros em Philadelphia.

Na primeira tentativa, na Exposição Universal de 1867 (Paris), o engenheiro Antônio Rebouças, então representante da província do Paraná, fez apreciar devidamente o mate, primorosamente preparado pelo major Vicente Ferreira da Luz, em seus engenhos de Bareguy, a cerca de 10 quilômetros de Curitiba. O mate veio artisticamente empacotado em pequenos cartuchos prismáticos de papel forte, pesando cada um 459 gramas, ou uma libra.

Era, sem dúvida, um grande progresso sobre o jacá de taquara e o surrão de couro!



Engenheiros Rebouças, fotografia. André (1838-1898) e Antônio (1839-1874) Rebouças.

O mate, assim vestido, podia se apresentar em Paris, e não envergonhar-se entre as galas da soberba festa industrial do Campo de Marte. Envolvido em lascas de taquara, ou coberto de couro, pode ir aos campos do Uruguai ou às pampas da república argentina, mas, por certo, não está decente para se apresentar em um palácio, em um dia de grande gala.

Os produtos, agrícolas e industriais, bem como as pessoas, seus vestuários, ou as suas toilettes de cerimônia precisam ser bem apresentados. Não se vai a um baile com a mesma roupa que se vai a um campo, assim também um produto não deve ser apresentado a uma festa industrial com os toscos invólucros em que é remetido para o consumo de populações semi-bárbaras.

Além disso, os consumidores europeus são mui-

to exigentes, e com toda razão, nos artigos que se destinam à alimentação e regalo. Devem esses produtos ter o mais belo aspecto e nada deixar a desejar quanto ao asseio. Cumpre, ainda uma vez, repetir os progressos que há feito neste particular; como em tantos outros, Portugal que, apesar de todos os assomos da vaidade nacional, devemos confessar, vai muito diante de nós.

Antes da primeira Exposição Universal de Londres, de 1851, os produtos portugueses nos chegavam em sacos, em barrilhões e em caixas de pinho, mal acondicionados, com um aspecto sujo e repugnante. Hoje, tudo o que nos mandam de Portugal vem acondicionado em latas, em caixinhas de cartão, de zinco, ou de folhas de Flandres, em vidros, com rótulos artísticos, dourados e chromolithographados, como as mais preciosas conservas de Paris, de Nantes, de Bourdeaux ou de Marseille!

Os “yankees” são ainda mais caprichosos do que os europeus nessas questões de aparência ou de aspecto. Os produtos americanos se distinguem logo pela beleza dos invólucros e pela riqueza das pinturas. Nas próprias máquinas, desde a locomotiva até a bomba de incêndio, revela-se esse amor ao belo, da admirável raça anglo-americana. [...]

Pois bem: o nosso mate vai ser apresentado exatamente em Philadelphia, na pátria dessas locomotivas douradas, e é preciso que suas vestes não o envergonhem! Sinceramente: o que suporiam os “yankees” ser o conteúdo desses surrões de couro?

Certamente tudo, menos um produto análogo ao chá. Se quisermos que o mate seja concorrência com o chá na Europa e nos Estados Unidos, é indispensável acondicioná-lo de um modo todo semelhante.

O mate não deve ser exportado para esses países senão em pacotes com rótulos artísticos, aperfeiçoando a tentativa de 1867, ou então em caixas com a mesma forma que as do chá.

Nas variedades mais estimadas, o primeiro invólucro deve ser em folha de chumbo, exatamente como no chá.

Ao lado das florestas de Ilex estão as de Araucaria, ou de pinheiro-brasileiro, muitas vezes, mesmo os dois preciosos vegetais crescem promiscuamente na mesma floresta, como acontece



no magnífico Planalto de Curitiba. A Natureza está pois ensinando que este pinho deve dar os caixotes para esta espécie de chá. A araucária fornece ainda uma excelente resina, que pode servir para envernizar estas caixetas e impedir que nelas penetre a umidade durante o transporte.

Uma certa porção de mate que é remetido para o Chile vai em barricas. É muito melhor modo de acondicionar do que o “jacá de taquara” e o “surrão de couro”. Além do seu aspecto bárbaro e repugnante, o “surrão de couro” como invólucro da herva-mate implica um disparate econômico e financeiro. Dá-se na verdade neste obsoleto sistema de condicionamento o absurdo de valer mais o invólucro do que conteúdo. [...] O quilograma do couro em cabelo tem o valor oficial de exportação de 523 réis, quando para o mate o algarismo análogo é apenas 233 réis. [...]

Se os bons desejos da Comissão Superior da Exposição Nacional não forem tolhidos pela escassez dos recursos financeiros, porque fatalmente faltem sempre meios quando se trata de qualquer cometimento industrial e progressista, constituir-se-á em Fairmont Park um Pavilhão para Propaganda do Café Brasileiro – na Exposição de Philadelphia – que poderá ser também aproveitado para propaganda da herva-mate.

Já devíamos ter recorrido a esse excelente meio de propaganda nas Exposições Universais de Londres, de Paris e de Viena. Cumpre empenhar todos os esforços para que o mundo civilizado conheça o Brasil.

Fiel às recomendações do seu irmão, e de olho na possibilidade de uma indústria da madeira a partir das matas nativas do Paraná, o também engenheiro Antônio Rebouças, em sociedade com Ildefonso Perei-



Erva-mate no estande do Paraná na Exposição Internacional da Filadélfia. Acervo Casa da Memória.

ra Correia, abriu nossa primeira serraria a vapor, na Fazenda Roseira, hoje terreno da montadora de automóveis Renault, já fazenda Roseira da família Caillet, nos campos que limitam os modernos municípios de Piraquara e São José dos Pinhais, acima do rio Guatupê, tributário do Iguaçu. Através da fundação da Companhia Florestal Paranaense, Rebouças prestou grandes serviços ao Paraná.

Memória desse ciclo econômico que uniu o mate às madeiras de pinho, lembro-me de ter conhecido, em Curitiba, nos meus tempos de menino, uma animada Sociedade Operária, na rua Anita Garibaldi nº 1854, onde davam-se grandes bailes populares, conhecida por *Sociedade Barriqueiros do Ahú*. No final do século XX, o imóvel histórico caiu, dando lugar a um supermercado.

Os engenhos de mate começaram no litoral. Com a melhoria da estrada da Graciosa e os progressos de Curitiba, inclusive com rodas d'água, depois de 1892, com a usina termelétrica dos Hauer – instalada nos terrenos hoje ocupados pela Rodoferroviária –, ficou vantajoso subir a serra, buscando a proximidade dos ervais que cresciam à sombra da mata nativa, a Floresta Ombrófila das Araucárias.

O capitalista parnanguara Ildefonso Pereira Correia estabeleceu-se em Curitiba, em 1878, ao transferir o engenho que fundara em Antonina, em sociedade com Domingos José Martins & Cia.

Instalou os engenhos Tibagy e Iguassú, defronte à estrada do Mato Grosso, atual trecho da Avenida do Batel, nas cercanias de onde hoje se encontra a praça Miguel Couto, a pracinha do Batel, cujo terreno, mais tarde, a família Correia doou à municipalidade. Os engenhos Tibagy e Iguassú passam a ser referência em produção.

A visão empreendedora de Serro Azul fez com que o antigo formato de engenho de soque se transformasse em fábrica de erva, alinhando-se a tecnologia moderna e o uso do vapor como força motriz, por meio do maquinário inventado pelo engenheiro para-



Serraria a vapor no Paraná. 1907. Coleção Júlia Wanderley, Acervo Casa da Memória.

naense Francisco de Camargo Pinto. O vapor já havia sido usado no fabrico do mate, por José Francisco Cardoso, em Antonina, porém sem grandes avanços, por não contar com a nova tecnologia mecânica.

O próprio engenheiro inventor narrara as vantagens do uso mecânico nos engenhos de mate, pois, comparativamente à mão de obra manual, a máquina apresentava as vantagens de ser mais econômica e durável. A máquina, trabalhando a todo o vapor, podia preparar 5 toneladas em 10 horas com um trabalhador a receber 170 réis por hora, totalizando 1\$700. No engenho, manualmente, o preço pela mesma quantidade de erva seria de 5\$000, quase três vezes mais caro.

Os aparelhos inventados ou aperfeiçoados pelo engenheiro Francisco Pinto são a moenda, o abanador, o separador mecânico, o torrador cilíndrico, o secador, o misturador mecânico, a roda hidráulica aperfeiçoada, o aparelho de moer circular, a prensa e o marcador para barricas.

Esse engenheiro genial era curitibano (1843-1903). Cursou o primário aqui e completou sua formação no Rio, na Escola do Arsenal da Marinha. Foi um dos privilegiados jovens protegidos por D. Pedro II, com bolsa de estudos na Inglaterra, onde se formou em Engenharia Naval. De volta ao Brasil em 1878, deu sua contribuição à indústria ervateira, com grande melhoramento tecnológico, aperfeiçoando peças e máquinas.

Foi também mérito do Barão do Serro Azul, já na condição de fundador e primeiro presidente da Associação Comercial do Paraná, atacar o último obstáculo que ainda haveria de transpor para a fecunda exportação do mate: o sistema inadequado dos impostos. 12% eram os encargos sobre o volume exportado (7% nacional, 4% provincial, 1% municipal). Acabava de ocorrer uma crise em 1882, e os impostos do Paraná estavam muito elevados, considerando os das demais províncias. A fazenda pública, não podendo cobrar



Ildefonso Pereira Correia, Barão do Serro Azul (1849-1894) e Dona Maria José Correia, Baronesa do Serro Azul.

impostos sobre os produtos importados, lançava cada vez mais taxas às indústrias e exportações provinciais.

Essas iniciativas e novas técnicas, somadas ao espírito empreendedor do Barão, proporcionaram a rápida ascensão dos Correia na sociedade paranaense, rivalizando com os Ferreira da Luz, os Santos Andrade, os Tabora Ribas, os Carvalho de Oliveira, os Ribeiro de Macedo, os Bittencourt, os Almeida Torres, os Munhoz, os Alves de Araújo, os de Paula Xavier, os Rodrigues da Costa, os Xavier de Miranda e os Souza, os Veiga, os Leão, famílias tradicionais e abastadas daquele período áureo.

O Barão do Serro Azul (1849-1894) recebeu o título da princesa Isabel, por decreto imperial de 8 de agosto 1888, no dia de seu aniversário. Há quem diga que foi por ter financiado a torre sineira da Igreja da Ordem e as obras da nova Catedral, além de ter custeado a importação, desde a Europa, da preciosa imagem de Nossa Senhora da Luz, entalhada em cedro do Mar Báltico, que até hoje ocupa o altar-mor da nossa principal igreja.

Outros referem que o título diz respeito às suas qualidades humanitárias, à sua posição antiescravocrata e a seu espírito empreendedor. Conta-se que lhe teriam oferecido chamar-se Barão de Curitiba, mas, por humildade, preferiu o Serro Azul, montanha que fica ao norte da capital.

Ildefonso Correia fundou ainda o Clube Curitibano, a Imprensa Paranaense e o Banco de Curitiba, estabelecendo belíssima residência na rua do Serrito, hoje rua Carlos Cavalcanti. A historiadora Odah Regina Guimarães da Costa assegura que a princesa Isabel e o Conde D'Eu, em sua visita a Curitiba, no começo de dezembro de 1884, quando vieram inaugurar a Estrada de Ferro para Paranaguá, hospedaram-se no Solar do Barão.

Dessa casa fidalga conservamos, na chácara São Rafael das Laranjeiras, a mesa de trabalho do Barão do Serro Azul. Esplêndida peça do mobiliário curitibano do século XIX, em pesada madeira de lei, imbuia-negra, entalhada em estilo neo-renascen-tista. Margarita comprou-a, para me presentear, dos descendentes de Ildefonso Correia – Thereza Cristina (Ribas) e Fernando Fontana.

Meu antecessor na Prefeitura de Curitiba, o urbanista Jaime Lerner, mentor da Fundação Cultural de Curitiba, em 1978, transformaria o endereço no centro cultural *Solar do Barão*, sede das Bienais de Gravura e Fotografia de Curitiba, que manteve na minha gestão. O esplêndido conjunto arquitetônico neoclássico foi preservado. A Prefeitura restaurou o Solar, respeitando o projeto original feito pelos arqui-



tetos italianos Angelo Vendramin e Baptista Casagrande, conforme instruções do Barão e da Baronesa, nos anos mais felizes de sua vida.

No Solar, com a supervisão de Lídia Bindo Delly, o prefeito Jaime Lerner instalou o Museu da Gravura, o do Cartaz Brasileiro, a Gibiteca Curitibana e as salas de ensaio da Camerata Antiqua de Curitiba. Depois, ali fiz instalar as prensas tipográficas e o acervo de pedras de lióz da antiga Imprensa Paranaense, confiando à artista Denise Roman um promissor ateliê de Gravura. Minha Margarita, quando presidiu a Fundação Cultural de Curitiba (1997-2000), criou ali o Museu Brasileiro da Fotografia.

Desse tempo de prosperidade da erva-mate curitibana surgiu uma gíria local para referir quem tinha dinheiro: *Fulano é cheio da erva...*

Famílias que tinham erva, erval e engenho, mudaram a paisagem de Curitiba. A cidade adormeceu sertaneja e acordou europeia, com sobrados ecléticos e neoclássicos, desenhados por engenheiros e arquitetos estrangeiros – Gotlieb Müller, Afonso Conde de Plas, Ernesto Guaita, Bortolo Bergonsen –, no lugar das antigas casas de taipa de pilão e alvenaria de pedra. Esplendor também nas igrejas, adornadas com torres em agulha, zimbórios esperando neve. E ainda nos túmulos e mausoléus do Cemitério São Francisco de Paula. Voltaremos ao assunto no capítulo da urbanização.

É extensa a bibliografia sobre a erva-mate. O estudo de Gehad Ismail Hajar refere citações a Francisco de Camargo Pinto no jornal *O Dezenove de Dezembro*, de 8 de maio de 1878. O próprio Ildelfonso Pereira Correia detalhou a fabricação do mate, conforme se lê na edição do mesmo jornal, publicada em Curitiba, em 29 de agosto de 1884, referindo reportagem transcrita do jornal francês *Messenger du Brésil*. Reporta-se ao livro *Le Maté et les conserves de viande. Rapport à son Excellence Monsieur le Ministre de l'Agriculture et les Etats du Sud*, de Louis Couty, publicado no Rio de Janeiro pela Typographia Nacional, em 1880.

Gehad Hajar refere ainda contribuições da historiadora Odah Regina Guimarães no seu livro *Ação Empresarial do Barão do Serro Azul*, publicado em Curitiba pela Grafipar, em 1981. Menciona também o escritor e político Túlio Vargas, que me convidou para a Academia Paranaense de Letras. Apaixona-

do pela figura histórica de Ildelfonso Pereira Correia, Túlio escreveu *A Última Viagem do Barão do Serro Azul*, publicada também em Curitiba pela editora O Formigueiro, em 1973, que seria argumento do belo filme “O Preço da Paz”, rodado em Curitiba e na Lapa, em 2003, dirigido por Paulo Morelli, com roteiro de Walter Negrão, tendo por protagonistas Herson Capri e Giulia Gam, vivendo o Barão e a Baronesa do Serro Azul. Lima Duarte fez o papel do caudilho maragato Gumercindo Saraiva. O resgate da praça de Curitiba, em 1894, pago pelo Barão a Gumercindo, seria o motivo de sua morte, fuzilado sem julgamento, no quilômetro 65 da ferrovia Curitiba-Paranaguá, o corpo insepulto lançado no precipício.

Também na nossa *Coleção Farol do Saber*, fizemos publicar, em 1995, o importante estudo de Samuel Guimarães da Costa, “A erva-mate”. Há ainda o livro *A Universidade do Mate*, referência à fundação da primeira universidade do Brasil na Curitiba de 1912, trabalho primoroso do historiador Ruy Christovam Wachowicz, publicado em 1980 pela editora da UFPR.

Pessoalmente, vivi a história da erva-mate dentro de casa. Soube dela, antes de poder ler os livros. As coisas que sei vêm de memória oral, tradição de família, ouvidas de meu amado avô e padrinho de batismo, Manoel Valdomiro de Macedo (1891-1979), e de sua irmã, tia querida e professora de francês, Odaléa de Macedo Caron, ambos filhos do Comendador José Ribeiro de Macedo (1840-1917), meu lendário bisavô ervateiro. Registro da Junta Comercial do Paraná, datado de 20 de dezembro de 1898, assegura que sua firma foi fundada em 1869, dedicada à compra e venda de erva-mate.

Tia Odaléa, em suas *Recordações de Família*, livro muito elogiado pela historiadora Cecília Westphalen, porque considerado relato em primeira pessoa de quem viveu a História, referiu sua lembrança da varanda da casa do engenho do Timbu, onde passavam homens verdes, cobertos de suor e de pó fino de erva-mate. Pedi ao pintor Sérgio Ferro que os retratasse na Capela dos Fundadores de Curitiba, no Memorial dos 300 Anos da Cidade, no Largo da Ordem. Minha Margarita fixou essas imagens no seu livro *Sérgio Ferro, Um Artista Brasileiro – na Capela dos Fundadores do Memorial de Curitiba*, publicado no ano 2000, com fotos de Nani



Litografia representando o fuzilamento do Barão publicado pela Revista Ilustração Paranaense.

O Barão do Serro Azul entre pica-paus e maragatos

Fato histórico traumático abalou a sociedade curitibana, a morte do Barão do Serro Azul e mais cinco companheiros, em 20 de maio de 1894.

O fuzilamento deu-se no quilômetro 65 da estrada de ferro Curitiba-Paranaguá, por ordem do comando militar legalista e do então governador do Paraná, Vicente Machado.

A covarde execução sem julgamento, na calada da noite, não foi a única atrocidade cometida naquele ano.

Na Revolução Federalista, centenas de pessoas foram degoladas pelos maragatos, inicialmente. Depois fuziladas pelos pica-paus, após serem obrigadas a cavar suas próprias covas, dentro do Cemitério Municipal de São Francisco de Paula, em Curitiba.

A rebelião, dominada pelo presidente Marechal Floriano Peixoto, compreendeu – entre janeiro e maio de 1894 – a tomada de Paranaguá, a tomada de Tijucas do Sul, o cerco da Lapa, a estada dos federalistas em Curitiba e a volta à legalidade seguida de atrocidades.

O “crime” de Ildefonso Pereira Correia, então Barão do Serro Azul e presidente da Associação Comercial do Paraná, foi coordenar o pagamento de resgate de guerra à tropa liderada por Gumercindo Saraiva, para evitar o saque de Curitiba.

A capital havia sido abandonada à sua própria sorte, pelo governador Vicente Machado e pelas tropas legalistas, o governo estadual transferido às pressas para Castro.

O tema foi historiado por Francisco da Rocha Pombo no livro “Para a História”, por Leôncio Correia no livro “Barão do Serro Azul” e por Túlio Vargas no livro “A Última Viagem do Barão do Serro Azul”.

Este último livro serviu de argumento ao belo filme “O Preço da Paz” (2003), de Paulo Morelli, com roteiro de Walter Negrão, estrelado pelo ator curitibano Herson Capri, no papel do Barão, contracenando com Lima Duarte, Giulia Gam, José de Abreu, Camila Pitanga, Danton Mello. Trilha sonora da Orquestra Sinfônica de Berlim, composta pelo maestro Jaime Zenamon. Produção de Maurício Appel.

Góis, em edição conjunta do governo federal e da Prefeitura de Curitiba.

O Comendador Macedo manteve um Clube de Leitura na pequena Vila de Porto de Cima, onde editava jornal literário manuscrito, chamado poeticamente *A Flor do Porto*. Então diretor do Museu Paranaense, o saudoso professor Oldemar Blasi me permitiu ler os originais ali acervados.

Nascido ao sopé do maciço rochoso do Marumbi, batizado na igreja de São Sebastião e Nossa Senhora da Guia, chefe político do Porto de Cima, José Ribeiro de Macedo era irmão do prefeito de Antonina, Antônio Ribeiro de Macedo, e casado com Laurinda Rosa Loyola de Macedo. Esteve entre os primeiros paranaenses que subiram até a pedra do Olimpo, cume do pico Marumby.



Casal Comendador José Ribeiro de Macedo (1840-1917).

Foi agraciado em 1874 com a *Comenda da Imperial Ordem da Rosa*, por decreto da Princesa Isabel, por ter libertado todos os escravos ainda antes da Lei Áurea.

Por vontade de meu avô, Manoel Valdomiro, e de suas irmãs Rosinha e Odaléa, guardo em minha casa a comenda em prata lavrada e porcelana de Sévres, joia imperial desenhada por Debret, criada por Dom Pedro I, quando do seu alumbramento pela beleza de dona Amélia de Leuchtenberg e Eischstädt. No momento em que a jovem e bela noiva, na manhã de 15 de outubro de 1829, no tombadilho da fragata Imperatriz que a trouxe ao Rio de Janeiro, foi apresentada ao feroso Imperador do Brasil, a princesa usava rosas nos adereços do seu esplêndido vestido.



Dona Laurinda Rosa Loyola de Macedo, minha bisavó. Foto Volk, Curitiba, 1904.

A comenda tem a legenda “Amor e Fidelidade”, porque Pedro I, condição para seu segundo casamento imposta pelas negociações diplomáticas, teve de romper com sua amante, a Marquesa de Santos. As virtudes e a beleza de dona Amélia foram celebradas nas crônicas das cortes europeias, louvando seu gesto de trocar as despesas de um casamento suntuário em Munique por doação a um orfanato local. A imperatriz, para vir ao Brasil, aprendeu português e foi instruída pelo sábio naturalista alemão Carl Friedrich von Martius.

Lembro-me de que, menino, chorava ao ouvir dos lábios de meu bondoso avô, Manoel Valdomiro de Macedo, a leitura da biografia de Dom Pedro II, livro que fora da biblioteca do Comendador. Ali, uma das passagens reproduzia a carta que dona Amélia, então grávida de 3 meses, deixou ao infante Dom Pedro II, já órfão de mãe e com apenas 5 anos, ao despedir-se dele e do Brasil, seguindo com o marido imperador, que abdicava do trono, rumo a Lisboa, naquele 7 de abril de 1831.

Adeus menino querido, delícia de minh'alma, alegria de meus olhos, filho que meu coração tinha adotado: adeus, para sempre adeus! Quanto és formoso, neste teu repouso. Meus olhos chorosos não se podem faltar de te contemplar: a majestade de uma coroa, a debilidade da infância, a inocência dos anjos cingem tua engraçadíssima frente de um resplendor misterioso, que fascina a mente.



Igreja de Nossa Senhora da Guia e São Sebastião do Porto de Cima, na praça Comendador Macedo. O solar dos Macedo ficava entre a igreja e o rio Nhundiaquara. Lá se casaram Laurinda e José Ribeiro de Macedo.

Eis o espetáculo mais tocante que a Terra pode oferecer. Quanta grandeza, quanta fraqueza a Humanidade encerra representada por uma criança. Uma coroa e um brinco, um trono e um berço! A púrpura ainda não serve senão para estofos e aquele que comanda exércitos e rege um império carece de todos os desvelos de uma mãe.

Ah! Querido menino, se eu fosse tua verdadeira mãe, se minhas entranhas te houvessem concebido, nenhum poder valeria para me separar de ti, nenhuma força te arrancaria de meus braços. Prostrada aos pés daqueles mesmos que abandonaram meu esposo, eu lhes diria entre lágrimas: não vede mais em mim a Imperatriz, mas uma mãe desesperada. Permite que eu vigie nosso tesouro. Vós o quereis seguro e bem tratado e quem o haveria de cuidar e guardar com maior devoção? Se não posso ficar a título de ser mãe, eu serei sua criada ou escrava.

Mas tu, anjo de inocência e de formosura, não me pertences senão pelo amor que dediquei ao teu Augusto Pai; um dever sagrado me obriga a acompanhá-lo em seu exílio, através dos mares e terras estranhas. Adeus, pois, para sempre, adeus!

Mães brasileiras, vós que sois meigas e afagadoras de vossos filhinhos, a par das rolinhas de vossos bosques e dos beija-flores das campinas floridas, supri minha voz. Adotai o órfão corado, dai-lhe todo um lugar em vossa família e em vosso coração. Ornai seu leito com folha de arbusto constitucional, embalsamai-o com as mais ricas flores de vossa eterna primavera, entrelaçai o jasmim, a baunilha, a rosa e o cinamomo, para coroar-lhe a mimosa testa, quando o pesado diadema de ouro o tiver machucado.

A conservação desse livro, com grifos de próprio punho do Comendador, nesse trecho pungente da nossa História, revela-lhe o caráter bondoso, que herdaram meu avó e meu pai, todos gente boa. Todos merecedores da legenda *Amor e Fidelidade*.

José Ribeiro de Macedo foi maçom, apontado no Museu Maçônico Paranaense como um dos fundadores da *Loja Luz Invisível*, à qual somavam o então Comendador Ildelfonso Correia, o médico Abdon Petit Carneiro, os poetas Emiliano David Pernetta e Júlio Pernetta, os historiadores Sebastião Paraná e Agostinho Ermelino de Leão, Ciro Persiano Vellozo, o padre Vicente Gaudinieri, os seus primos Francisco Ribeiro de Azevedo Macedo e Joaquim Pereira de Macedo, entre outros irmãos de espírito humanitário e ideais abolicionistas e republicanos.

Esse grupo financiava o resgate de escravos, em atividade transgressora na época. Diz a pesquisa de Gehad Hajar que sequestravam de seus donos os negros em risco. Colocavam-nos dentro de barricas de erva-mate, despachando-os, em segredo, dentro dos navios, a partir do armazém do Comendador Macedo, em Antonina, para Montevidéu e Buenos Aires. Lá, outros abolicionistas maçons os recebiam, dando-lhes dinheiro para começar vida nova. Muito desse dinheiro era do próprio então Comendador Ildelfonso Correia, do Comendador Macedo e de outros idealistas da loja *Luz Invisível*.

A partir de 8 de janeiro de 1888, foi criada, em Curitiba, a Confederação Abolicionista, reunindo várias entidades, da Arcádia ao Clube Curitibano, da Maçonaria ao Círculo Italiano, incluída ainda a Sociedade Protetora dos Operários. Em proclamação solene na Câmara Municipal de Curitiba, Ildelfonso Correia, então presidente eleito da edilidade municipal, prefeito de fato, conclamou nossa cidade a ser terra de homens livres, instituindo uma comissão municipal em prol da libertação dos escravos.

Seguia o exemplo do que já havia feito seu amigo, meu bisavô Comendador Macedo, anos antes, na Câmara Municipal de Morretes e Porto de Cima. Túlio Vargas refere todos esses episódios no seu livro *A Última Viagem do Barão do Serro Azul*, que foi datilografado pelo seu sobrinho e aprendiz, hoje desembargador Jorge Oliveira Vargas, filho da poetisa Vera Vargas, também nosso prezado amigo.

O Comendador Macedo financiou a primeira



Comenda da Imperial Ordem da Rosa





Ruínas do armazém do Comendador Macedo, em Antonina, donde partiam os escravos resgatados escondidos, dentro de barricadas de mate.

viagem de seu conterrâneo de Morretes, o historiador Rocha Pombo (1857-1933), ao Rio de Janeiro, para reivindicar junto ao Ministério da Educação e Instrução Pública a criação da Universidade do Paraná, já em 1897. Na época, a tentativa foi frustrada por um parecer burocrático dizendo que Curitiba era tão pequena que caberia inteira dentro do prédio da futura Universidade. O sonho pioneiro do Comendador Macedo e de Rocha Pombo se materializaria só em 1912.

Rocha Pombo acabou eleito, em 16 de março de 1933, para ocupar a cadeira 39 da Academia Brasileira de Letras, que tem por patrono o também historiador Francisco Adolfo de Varnhagen, como seu terceiro ocupante. Infelizmente, não vestiria o fardão, falecendo antes de ser empossado.

Com as melhorias da estrada da Graciosa e a instalação de eletricidade na capital, o Comendador Macedo transferiu residência para Curitiba, onde ergueu bela casa de morada no antigo Largo Ventura Torres, Praça Senador Correia nº 8, hoje endereço da Rodoviária Velha e da Igreja de Guadalupe.

Daquela mansão avoenga conservo a cúpula em forma de bulbo de cebola, elemento arquitetônico do Império Habsburgo, importado via porto de Hamburgo até Paranaguá e trazido a Curitiba. Ao acervo da Casa da Memória de Curitiba, incorporei um Catálogo Alemão do século XIX, com elementos arquitetônicos em folha de flandres e metal que eram oferecidos às famílias abastadas de Curitiba para ornamento de suas residências: grades, lanternins, arandelas, óculos, florões, marquises e cúpulas.

Meu avô, Manoel Valdomiro, nascido no

Engenho do Riachuelo do Timbu, a meio caminho de Quatro Barras, viveu na casa do Largo Ventura Torres seus dias de menino. Seu quarto ficava sob a cúpula. Ali dormia o piá herdeiro, velado pela aia Nhaninha. Ela seria sepultada num jardim do Cemitério Municipal, sob pé de camélias. Eu menino, várias vezes, vi meu avô lançar uma flor aos pés daquela árvore, com ternas lágrimas de carinho por aquela que ajudou a educá-lo.

A residência do Comendador José Ribeiro de Macedo na Praça Senador Correia seria depois propriedade do também ervateiro Nicolau Mäder. Na casa de meus pais, lembro-me de ter ouvido que o Comendador entregara a casa para quitar dívidas de jogo de seu filho Juca, mudando-se para a praça Santos Andrade, onde faleceu em 1917.

Quando o Solar dos Macedo, já *delabrê*, foi demolido, na década de 1980, pedi ao empreiteiro da demolição, Benedito Juglair, de família francesa radicada no Mossunguê, que me desse a cúpula para ser preservada. Ele, comovido ao ver um engenheiro curitibano tão jovem preocupado em preservar o passado, aquiesceu. Disse: *Se vier buscá-la amanhã e tirá-la daqui, é sua*. Não sabia com quem estava lidando. Arrumei *munck*, caminhão *truck*, e levei a cúpula para a chácara de São Rafael das Laranjeiras, onde mais tarde fiz erguer meu Oratório ao Arcanjo São Rafael, também um Memorial da minha família. Um altar de pedra maciça da Pedreira Greca sob a Cúpula dos Macedo. Lembro-me de ter pedido ao mestre canteiro senhor João Prosdócimo que, ao apicoar o granito do altar, deixasse marca da banana de dinamite, para memória de como os Greca tiravam a rocha das entranhas da terra. Meus tios Olívio e Angelo Greca me haviam contado do que vovô Raphael Francisco chamava de *a seda da pedra*. A dinamite deveria ser postada em linha, olhando-se onde nasce o sol, em ângulo de 45%. Aí a pedra dura rasga como seda, sem pulverizar. Isso está documentado na ara sagrada da chácara São Rafael das Laranjeiras. Voltarei ao assunto no capítulo da imigração italiana.

Os livros da Junta Comercial do Paraná atestam que José Ribeiro de Macedo abriu sua empresa de compra e venda de erva-mate em 1869, tendo sido



Engenho do Timbu do Comendador Macedo (atual Quatro Barras), onde nasceu meu avô Manoel Valdomiro.

registrada no dia 20 de dezembro de 1898. Manteve ervais em Campo Largo e São João do Triunfo. Entre as marcas de mate que exportava, destacam-se “José”, “Lindolpho” e “Carro das Indústrias”. Seus produtos mereceram duas medalhas de ouro na Exposição Universal de Saint Louis (EUA) em 1904, medalha de ouro da Exposição Nacional de Bruxelas em 1911 e o



(em cima) Solar do Comendador Macedo no antigo Largo Ventura Torres, hoje Praça Senador Correia, com torre arrematada por bulbo “habsburgo” importado via porto de Hamburgo.

(embaixo) Oratório da chácara São Rafael das Laranjeiras preserva a cúpula do Solar do Comendador Macedo.

Grand Prix da Exposição do Centenário da República Argentina em 1910.

Meu honrado bisavô foi eleito presidente do Centro de Industriais da Erva-Mate e vice-presidente da Associação Comercial do Paraná na primeira diretoria, encabeçada pelo Barão do Serro Azul, a quem sucedeu por três mandatos consecutivos. Fez erguer sua sede (1897), belo prédio *art nouveau*, onde a rua XV de Novembro encontra a Presidente Faria. Ali, da tribuna da esquina, minhas tias viam o curso de carnaval de camarote, lançando serpentinas sobre os carroções enfeitados. Também flertavam com os pretendentes, em dias de préstitos cívicos e procissões católicas.

José Ribeiro de Macedo lutou contra a exportação de mudas de erva-mate para o território de Missions, na Argentina. Denunciou que a concorrência portenha adicionava açúcar à erva, para torná-la mais atrativa. Defendeu impostos mais favoráveis à exportação e maior apoio dos governos do Paraná e do Brasil à indústria ervateira, conforme atestam polêmicos artigos seus publicados na imprensa da época e nos boletins da Associação Comercial do Paraná.

Escreveu importante folheto de propaganda da erva-mate, em parceria com Ermelino de Leão, “Breve Notícia do Mate no Paraná”, opúsculo referido por Romário Martins no seu livro *Terra e Gente do Paraná*. Na mesma obra, Romário conta que José Ribeiro de Macedo, em abril de 1892, em parceria com Rocha Pombo e Ricardo Negrão, buscando influir no futuro da jovem República do Brasil, lançou em Curitiba o jornal *O Democrata*, publicação de vida curta, folha paladina da Ordem, do Progresso e da Liberdade.

Mais tarde, o Comendador Macedo empenhou-se na questão de limites do Paraná com Santa Catarina, sofrendo amargo desgosto ao ver nosso Estado perder as terras do oeste, na região do Contestado, pelo acordo entre os governadores Afonso Alves de Camargo (PR) e Lauro Müller (SC). Lembro-me de ter ouvido velhas senhoras, à hora do chá, na casa de meus pais, dizerem: *O acordo teria sido selado com um anel de diamante, presenteado por Lauro Müller a dona Biluca, mulher de Afonso Camargo, anel encimado por uma pedra lendária que era conhecida, nos salões de Curitiba, por “O Contestado”*. Nunca pude autenticar essa estória, não comprovada na História.

O Comendador Macedo, ao morrer, em 27 de julho de 1917, mereceu sentida *Polianthea*: as penas mais ilustres de Curitiba, em refinada publicação, com vinhetas *art nouveau*, louvaram sua bela trajetória de vida. Aos 77 anos, era o homem mais velho da cidade, figura vetusta, o rosto aristocrático esculpido por farta barba, emoldurado por cabelos brancos. Chamaram-no *Varão de Plutarco*, exemplo para Curitiba.





Anúncio da firma Macedo & Filho, com o Comendador Macedo, seu filho Juca e as barricas de mate.

Foi sepultado, a meio caminho da rua principal do Cemitério Municipal São Francisco de Paula, em Curitiba, num mausoléu neogótico, com torre encimada por florões similares aos dos pilaretes da absida da Catedral de Curitiba. No altar de mármore branco do jazigo, uma imagem de Nossa Senhora das Dores e uma poesia de lamento pela morte de sua amada esposa Laurinda Rosa ainda se conservam. Lá repousam quase todos os que foram nossos.

Direção de meus afetos, entre eles meus avós paternos Aurélia (Lolé) Dacheux de Macedo e Manuel Valdomiro de Macedo, meu tio José Valdomiro, meus amados pais Therezinha Greca de Macedo, falecida em novembro de 2009, e Eurico Dacheux de Macedo, falecido em julho de 2007.

O comendador Macedo mereceria da Câmara Municipal uma rua próxima à sua antiga casa, ladeira que sobe a colina para leste, a partir da rua Conselheiro Laurindo. Curiosamente, a rua do bisavô começa exatamente onde está a Maternidade Nossa Senhora do Rosário, hoje *Mater Dei*, onde eu nasci. Seu nome também batiza imponente edifício na esquina da rua XV com a Marechal Floriano, o Edifício Comendador Macedo.

Meu avô, Manoel Valdomiro de Macedo, casou-se com a bela Lolé, ou Aurélia Dacheux de Macedo, filha de Edeltrudes Nery

da Fonseca Taverny Dacheux do Nascimento e de Leandro Dacheux do Nascimento. Manoel Valdomiro estudou no Colégio Pita, em Curitiba. Depois no Colégio Dom Pedro II, no Rio de Janeiro. Tornou-se promotor das marcas de erva-mate, vivendo entre Montevideu e Buenos Aires, imerso no *grand-monde*. Adquiriu grande cultura e informação. Tinha prosa fidalga, em português perfeito.

Após o encerramento da firma Macedo & Filhos, meu avô Valdomiro foi trabalhar na madeireira de seu cunhado João Viana Seiler, casado com sua irmã Semiramis (Mimi). Ergueu casa de morada até hoje existente num sobrado na praça Santos Andrade, na esquina das ruas Conselheiro Laurindo, Treze de Maio e Amintas de Barros, onde, na década de 1950, seria erguido o Teatro Guaíra. Ergueu ainda uma casa na praia de Guaratuba, em tábuas de pinho, cortadas na lua certa, local que carinhosamente chamava de *Tapera*. Lá passava os verões, quando não estava com os parentes no Rio de Janeiro.

Lolé e Valdomiro tiveram três filhos: José Valdomiro, Eurico e Evaldo. Os dois primeiros formados em engenharia, o último graduado em Medicina. Tio José Valdomiro, casado com a farmacêutica Júlia Bassoi, foi engenheiro do DER e professor da Escola Técnica. Meu pai foi engenheiro de planejamento rodoviário do DER, professor de Cálculo Numérico na Escola de Engenharia, introdutor da Ciência da Computação na UFPR e assessor do reitor Teodócio Jorge Atherino, seu dileto amigo. Tio Evaldo, casado com Wally Beltrami, fez-se pioneiro no noroeste do Paraná, abrindo o Hospital e Maternidade São Vicente em Cruzeiro do Oeste.

Viúvo em 1954, meu avô vestiu luto perpétuo, ternos pretos com gravata preta, que jamais tirou. Foi viver na casa de meus pais, na rua Inácio Lustosa. Ali foi meu mestre de vida. Dele e de suas irmãs, tia Mimi, tia Rosinha e tia Odaléa, absorvi intensa carga de memória oral.

Esse meu avô era muito espirituoso. Agradecia a Deus o fato de Eurico, meu pai, e seus outros dois filhos, meus tios Evaldo e José Valdomiro, terem se casado com mu-



(em cima) Primeira Sede da Associação Comercial do Paraná erguida pelo Comendador José Ribeiro de Macedo, na esquina da XV com Presidente Faria.

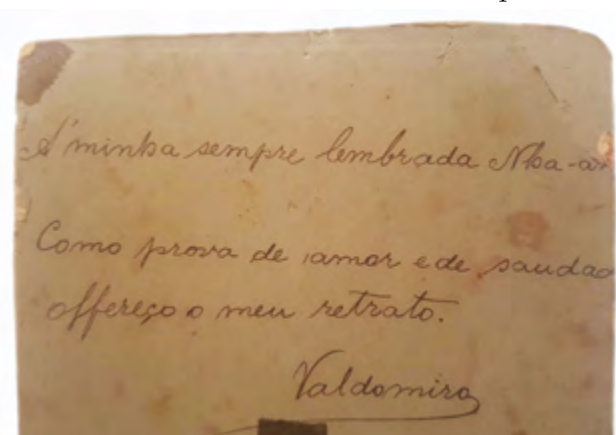
(ao lado) Campanha contra os impostos da Erva Mate liderada pela Associação Comercial do Paraná, quando o Comendador Macedo foi seu segundo presidente.

(abaixo) Foto dedicada por meu avô Manoel Valdomiro à sua aia, Nhá Ninha.

Iheres fortes de sangue italiano. Todos os netos foram meninos saudáveis. Valdomiro tinha crescido num clã – o dos Macedo Portugal –, que costumava arranjar repetidos casamentos entre primos. Um dos ramos da família casou tanto entre si, que o último rebento era tão mirrado, tão fraquinho, tão pequeno, que acabou apelidado por seus desafetos de “Peido de Borboleta”.

Avô Manoel Valdomiro, de quem trago o segundo nome, foi também meu padrinho de batismo. A madrinha foi tia Chiquita. O rito católico foi oficiado pelo nosso primo, bispo Dom Jerônimo Mazarotto, na Catedral de Curitiba, no dia treze de maio de 1956. Consagrado a Nossa Senhora da Luz dos Pinhais, fui ungido com dois nomes e dois sobrenomes: Rafael Valdomiro Greca de Macedo. No babeiro do mandrião, com um pregador, a madrinha pendurou medalhinha de Nossa Senhora da Luz e o padrinho apensou antiga figa de ouro, que seu pai, Comendador Macedo, usava na corrente do relógio de bolso. A medalha me protegeu e a figa me deu boa sorte.

Houve outros muitos outros senhores que tinham



erva, além do Barão do Serro Azul e do meu bisavô Comendador. Entre eles, aquele que meu avô Manoel Valdomiro chamava de *tio Zaca*. O coronel Zacharias de Paula Xavier, tronco de importante família curitibana, registrou sua firma de importação e exportação de erva-mate na Junta Comercial do

Paraná em 5 de novembro de 1894. Seu prestígio fez com que viesse a ser o terceiro presidente da Associação Comercial do Paraná.

Junto ao depósito de seu engenho, ergueu suntuária residência, sobrado avarandado de três andares, felizmente até hoje em pé, que inscrevi no catálogo do IPPUC, em 1983, quando foram criadas as Unidades de Interesse de Preservação da Cidade de Curitiba, por decreto do então Prefeito Jaime Lerner.

Lembro-me de anedota picante que atribuí ao Coronel Zacharias hábitos da vida airada, com rodas de música e jogo. Teria o costume de estender suas noites fora de casa, em endereços da rua Ratcliff – hoje Comendador Westphalen – nem sempre considerados familiares. Os piás da família, solidários com sua senhora, que deles era prima e tia, por travessura, reuniam-se em bando, contou-me meu avô Manoel Valdomiro, e punham-se a gritar, diante da casa onde estava divertindo-se o coronel, *Coronel Zacharias, Coronel Zacharias, fogo, fogo!*, para vê-lo sair aflito, na varanda úmida de cerção, em ceroulas e camiseta, indagando: *Onde, onde? No engenho ou na casa de morada?*

A vida boêmia não tira do ilustre curitibano seu mérito empreendedor, atestado pela preocupação com o fogo no engenho, causa de ruína de muitas famílias.

Além da erva-mate, que lhe deu fortuna e conforto, Zacharias de Paula Xavier diversificou seus negócios, abrindo uma pioneira fábrica de porcelana em Colombo, possivelmente em colaboração com o imigrante italiano Francisco Busato, que seria depois o primeiro prefeito de Colombo, entre 1909 e 1913.

Cerâmica brilhosa, policromada ou branca, parecida com a *Capodimonte* do Reino de Nápoles. A antiga *Fábrica de Louças São Zacharias*, depois *Fábrica de Louças Colombo*, existiu desde o final do século XIX até 1926.

Historiadores referem Lei Estadual do Paraná nº 240, de 1897, para favorecer a implantação da fábrica de louças em caulim nativo a partir de mate-



riais importados na colônia Alfredo Chaves, depois município de Colombo. Mas, possivelmente, a fábrica começou antes.

Lembro-me de, em visita a dona Leocádia de Macedo Xavier Roth, prima de meu avô, filha do Coronel Zacharias, ter visto em sua casa, no acervo de louças e porcelanas, uma peça peculiar: *O Sapato do Bispo*. Cerâmica



Casa de morada do ervateiro Zacharias de Paula Xavier, na Av. Marechal Floriano Peixoto.

reproduzindo uma sapatilha eclesiástica cerimonial, adornada de flores de porcelana, onde se lia a antifona católica *Benditos os pés de quem anuncia o Evangelho*. Segundo a tradição familiar, a curiosa peça teria sido feita para saudar a chegada a Curitiba do nosso primeiro bispo, Dom José de Camargo Barros, prelado paulista que entrou solenemente na Catedral de Curitiba em 30 de setembro de 1894.

Tanto no Catálogo da Exposição Nacional do Centenário do Brasil, realizada no Rio de Janeiro em 1922, como no *Almanaque dos Municípios do Paraná*, publicação de 1924, aparece a Fábrica de Louças Colombo, antiga Fábrica São Zacharias, então já registrada como Roth & Cia. A empresa familiar tinha por técnico Adão Roth, marido de Leocádia e genro do Coronel Zacharias de Paula Xavier; por comanditário João Viana Seiler, casado com Semiramis de Macedo Seiler, irmã de meu avô Valdomiro e prima de Leocádia; e ainda por sócios Waldomiro Camargo e Américo Veiga.

Essa fábrica singular, que antecedeu o famoso parque cerâmico paranaense de Campo Largo, em 2010, na UFPR, foi objeto de

tese de Mestrado em História da professora Martha Helena Loeblein Becker Morales, sob orientação da doutora Renata Senna Garraffoni, com o título “Os Usos da Louça Branca de Colombo: Aspectos Identitários e Discursos do Poder a Partir do Diálogo entre História e Arqueologia”.

A tradição empresarial do coronel Zacharias passou a seus netos, entre eles o médico e hoteleiro Xenofonte de Macedo Xavier Villanueva, que formou família com a saudosa Celita Fuganti Villanueva. Pioneiro do turismo paranaense, fundou em Curitiba o Hotel Presidente, na rua Westphalen quase esquina com Emiliano Pernetta; e, na estrada das Cataratas do Iguaçu, o pioneiro Hotel Panorama. Hoje nonagenário, o simpático Xenofonte é também uma fonte primária da nossa História, que narra em primeira pessoa.

Entre as belas casas de Curitiba ligadas à prosperidade do mate, vale registrar aquela onde viveram Dona Branca e Guilherme Xavier de Miranda, na rua Comendador Araújo. O frontão neoclássico, o jardim com repuxo e a colunata na varanda refletiam o prestígio da família dona das marcas *Alsina*, *El Sud*, *Tandil* e *El Toro*, registradas no dia 11 de janeiro de 1893.

Dos esplendores da cultura da erva-mate consta ainda o bairro do Alto da Glória e seu elegante *Boulevard 2 de Julho*, atual Avenida João Gualberto. Ali, na colina adiante do Passeio Público e da chácara de Nhá Laura, viúva de Manoel de Macedo, atual endereço do Colégio Estadual do Paraná, ergueu-se monumental conjunto de mansões, infelizmente nem todas preservadas.

O roteiro da Memória começa perto do arvoredo do atual Passeio Público, pela Casa Fontana, referida na imprensa da Corte, ao reportar a visita da princesa Isabel e do Conde D’Eu, no final de 1884, quando vieram ao Paraná inaugurar as obras da Ferrovia Curitiba-Paranaguá, na primeira viagem de trem a vapor entre o porto e a capital.

A Princesa Imperial, seu augusto consorte e dois dos filhos do casal foram conhecer a fábrica de erva-mate dos senhores Silva, Irmão & Fontana. Depois de visita à chácara, dirigiram-se para uma das ilhas de um rio, a maior, onde tomaram Suas Altezas e comitiva mate sob diferentes formas, em chá, em folha, queimado e por último à moda da terra, em cuia, havendo entre estas uma que conta mais de cinquenta anos, diz a Gazeta de Notícias do Rio de Janeiro, em 1º de dezembro de 1884.

Uma das cartas, diário de próprio punho da

Princesa Isabel, dirigida a seus pais, imperador D. Pedro II e imperatriz Tereza Cristina, confirma o teor da reportagem: *Todos juntos, menos Antônio, partimos às 4 horas para a Fábrica de Mate do Fontana, oriental (como chamavam as pessoas vindas da Banda Oriental do Uruguai), filho de italianos e casado com uma filha do Dr. Ermelino. É bem inteligente, seu mate muito bem beneficiado. Tem convertido em verdadeiras plantações de flores e de bonitas árvores, muitas delas frutíferas, o verdadeiro brejo que rodeava a antiga fábrica de mate que Papai conheceu neste lugar [em maio de 1880].*

Essa fábrica já existia desde 1834, fundada em Curitiba por José Caetano Munhoz, descendente de espanhóis. Foi comprada pelo ítalo-uruguaio Francisco Fasce Fontana cerca de trinta anos depois. Resiste até hoje, na mesma família, com a Indústria de Mate Real.

Também a *Gazeta do Rio de Janeiro* descreveu com detalhes como era feito o processamento do mate: *Estes senhores possuem dous estabelecimentos juntos um do outro, organizados e construídos pelo laborioso industrial, o Sr. Francisco Fasce Fontana, ha seguramente tres anos e meio. Um dos estabelecimentos é*



Mansão das Rosas ou Engenho Comendador Francisco Fasce Fontana (1849-1894), em dia de embarque de erva-mate com bonde tirado a mulas.

movido a vapor por um motor da força de 42 cavallos, e outro por motor hydraulico. É grande o desenvolvimento do primeiro, que, trabalhando dez horas, prepara diariamente mais de mil arrobas de matte, prompto para a exportação. O segundo, em vista do motor, que, como já se sabe, é hidráulico, apenas pode beneficiar de 300 a 400 arrobas diárias, não sendo tão perfeito como o primeiro. Esta máquina a vapor é uma invenção do próprio Fontana.

Suas altezas percorreram a “esplêndida chácara que rodeia as fábricas, cortadas por innumerous rios,

divididos de propósito, além de magníficos jardins nas ilhas pitorescas, que tornam agradável e aprazível aquella parte da cidade. N’esta chácara encontram-se flores e arbustos raríssimos, e que só se conhecem na Europa e nas repúblicas do Prata, pela excelência do clima. O do Paraná nada fica devendo àquele”, relata o jornal.

Fontana teria oferecido licor de mate aos augustos viajantes, preparado na própria fábrica, e que é excelente [...]. *O Senhor Conde d’Eu significou ao intelligente industrial o Sr. Fontana o contentamento e a satisfação com que se retirava, declarando que não esperava encontrar allí um tão importante estabelecimento”,* continua. Após essa visita, com autorização de Dom Pedro II, o engenho foi batizado de “Fábricas Imperiais Fontana”.

Francisco Fasce Fontana, uruguaio de origem italiana, casou-se com Maria Dolores Leão, filha do desembargador Agostinho



Rótulo Fábrica Fontana, litografado pela Impressora Paranaense, com a chancela imperial.

Ermelino de Leão. Enviuvando esta, contrai matrimônio com o mineiro doutor Bernardo Augusto da Veiga, nascendo então Gabriel, Dolores e Agostinho. Gabriel manteve a tradição. Fez-se ervateiro. Casou-se com uma Withers, de origem inglesa. A irmã Dolores – que nós conheceríamos como dona Lolita –, com o primo Ivo Leão, outro magnata da mesma indústria do mate.

O irmão Gabriel introduziu no mercado as marcas de erva-mate Independência, Fontana, Glória, Seleta, Record, La Preferida e La Sultana. Agostinho preferiu estudar agronomia e odontologia. Foi professor da



Escola Agronômica. Manteve consultório na rua XV, em cima da Leiteria Schaffer. Memorialista, católico fervoroso, contou-me muita história e algumas estórias de Curitiba, nas vigílias da Catedral, ou antes das cerimônias religiosas.

As crônicas referem o engenho e a Mansão das Rosas, da qual só sobrou o Portal, residência do Comendador Fontana, salão esplendoroso da vida social curitubana até sua última moradora, dona Mercedes Fontana, que eu conheci. O casarão, de esplêndido jardim, com caramanchões sobre um riacho tributário do rio Belém, tinha roseiras raras assinaladas por placas de prata. Foi demolido, em 1974, por ordem dos herdeiros, um dia antes de ser tombada pelo Serviço do Patrimônio Histórico do Estado do Paraná. No seu lugar, a especulação imobiliária rendeu vários apartamentos em conjunto de torres.

Alex Fontana Beltrão, hoje com 90 anos, me cedeu dois bancos dessa Mansão das Rosas. Móveis curitubanos do século XIX, feitos em imbuia, ornavam o amplo Salão de Baile. De ergometria perfeita, eram destinados às moças que esperavam ser tiradas para dançar. Margarita e eu os conservamos, memória desse antigo esplendor, na nossa casa em São Rafael das Laranjeiras.

Ainda no *Boulevard 2 de Julho*, também esplêndida, a Casa das Ferraduras, residência de um dos meus antecessores, Prefeito Cândido Ferreira de Abreu. Prodígio do estilo *art nouveau*, a mansão tinha torreão, portas e janelas repetindo ferraduras, à semelhança dos vãos do Belvedere do Alto de São Francisco, que o mesmo prefeito, talvez inspirado pelo arquiteto francês Lacombe, fez construir em 1912. O mesmo estilo repete-se no Paço Municipal, na praça Generoso Marques, a melhor obra do excelente prefeito Cândido de Abreu.

Adiante, na mesma rua, o Solar dos Leões, esplendoroso exemplar da arquitetura neoclássica curitubana. Erguido para residência do ervateiro Agostinho Ermelino de Leão (1834-1901) e sua mulher dona Maria Clara de Abreu Leão, foi inaugurado em 1902, quando a família para lá se mudou. A dona da casa, na ocasião, estava grávida daquele que seria o penúltimo de seus 8 filhos. Vários foram os artífices do Palacete, mas o traço arquitetônico era de Cândido Ferreira de Abreu, arquiteto formado em Paris, que presenteou a irmã com o projeto da mansão.

Foi a primeira casa, no perímetro urbano de Curitiba, erguida no meio do terreno, o que lhe conferiu a majestade que ainda persiste.

Vãos em arcos repetidos, edificação sobre um



(em cima) Palacete Ermelino de Leão recebe presidente Afonso Penna, em 1906. Foto do século XIX. Acervo Casa da Memória.

(embaixo) A casa foi construída por Agostinho Ermelino de Leão Júnior e sua esposa Maria Clara de Abreu Leão. O projeto foi de Cândido Ferreira de Abreu (1856-1919), irmão de Maria Clara, duas vezes prefeito de Curitiba.

elevado porão, o Palacete paira sobre jardins de camélias, elevado aos olhos de quem o fita da rua, com varandas em promontório, acessíveis por escadas cenográficas, traçadas em elegantes curvaturas, abraçando glorieta coroada por vaso coríntio, e vidros franceses bisotados e jateados em caprichosos florões.

As portas e janelas são emolduradas por esquadrias entalhadas à mão, naqueles que foram os primeiros salões de Curitiba jateados por estêncil – a técnica eclética de pintura com moldes vazados. Apresenta pisos em mármore de Carrara e do Brasil sucedidos por caprichosos assoalhos em parquet à moda dos reinos da Europa do Leste, os desenhos geométricos a recortar, variedade de tons e texturas, preciosas madeiras de lei. Ainda hoje, ali se conservam o revestimento em papel de parede importado de Paris, além de preciosos cortinados, em brocado francês, seda rebordada à maneira da manufatura de Versailles. Refinado mobiliário em nogueira e imbuia completava a suntuosidade delicada dos ambientes. O palacete era claro e alegre, harmonioso, nada ali pesava. Ali foi hospedado em 1906 o presidente da República, Afonso Pena, em viagem oficial ao Paraná.

Em 1983, já no IPPUC, onde entrei após

concurso público, aprovado em primeiro lugar, inscrevi o Solar dos Leão no rol das Unidades de Interesse de Preservação de Curitiba. Fui severamente repreendido pela prima de meu pai, Mariazinha Leão de Macedo: *Com efeito, Rafael Valdomiro, todos os comerciantes, árabes e judeus da cidade, derrubaram nossas casas antigas, levantando vantajosos prédios modernos. Ganharam dinheiro, aumentaram sua poupança. E nós, que conservamos com zelo este patrimônio histórico, somos agora penalizados pelo seu tombamento e congelamento econômico. Vi que tinha razão. Naquele momento, a advertência lúcida me inspirou o instituto urbanístico do que chamei “Solo Criado”, depois batizado de Potencial Construtivo. Pedi ao meu colega arquiteto Sérgio de Abreu Pires que desenhasse um croqui, em que, pontilhado sobre a casa histórica, aparecia o volume que ali poderia ser construído.*

E no desenho, por seta, que sugerisse sua transferência para outro terreno. Nosso Prefeito de então, Jaime Lerner, materializaria a ideia em legislação, que teve grande apoio, no IPPUC, das engenheiras Fanchette Garfunkel Rischbieter e Dúlcia Auriquio. Desde então, elas se tornariam uma espécie de minhas mentoras nos mistérios do urbanismo curitibano. O Potencial Construtivo passou a valer para preservação tanto de casas históricas como de áreas de mata nativa. Prefeito de Curitiba entre 1993-1996, reforcei a ideia. Assim, restaurei a Catedral Basílica, o prédio Monumental da Universidade do Paraná, a Santa Casa de Misericórdia e o Palácio Garibaldi. Mais tarde, deputado federal entre 1999 e 2002, inscrevi a ferramenta no Estatuto das Cidades.

Defronte ao Palacete dos Leão, foi erguida, entre 4 de dezembro de 1895 (data da pedra fundamental) e 25 de novembro de 1896 (data da sua dedicação ao culto católico), a belíssima Capela de Nossa Senhora da Glória. Símbolo da mudança do século, voto de dona Maria Clara Leão e Agostinho Ermelino de Leão à Virgem Maria, foi a sexta igreja católica construída na área urbana da cidade. Seu altar-mor, em carvalho entalhado, foi doação conjunta das famílias Veiga e Leão. De 1960 a 1969, foi emprestada aos missionários redentoristas, que ali começaram a pregar a devoção ao milagroso ícone do Perpétuo Socorro. As novenas, sempre às quartas-feiras, reuniam multidão que trançava a rua, e foram transferidas, em 1969, para moderno

santuário, erguido, pelos padres norte-americanos, no terreno da praça de Portugal, no Alto da Glória.

Com Maria Cecília de Leão Rosenmann, ao ver a decadência da capela, fomos pedir ao arcebispo Dom Moacir Vitti que recolhesse as imagens e alfaias na Cúria Metropolitana, até que se proceda ao seu conveniente e necessário restauro. É uma Unidade de In-



Capela da Glória com a residência da família Bernardo da Veiga. Foto do século XIX. Acervo Casa da Memória.

teresse de Preservação – eu próprio a incluí no rol de imóveis históricos merecedores da atenção do IPPUC.

Essa Capela particular dos Leão ficava ao lado de um Cinema, também da família, cujo elegante pavilhão infelizmente já foi demolido.

Naquela colina, também outras mansões. A residência da família Veiga, onde foi alegre e elegante anfitriã dona Cacilda Leão Veiga, a casa normanda de dona Lolita e seu Ivo Leão e o castelinho de Odete Regina Leão.

No Alto da Glória, endereço operário, existiu também a Sociedade Beneficente Operária Estrela da Manhã, responsável por animados bailes que atravessavam as madrugadas até a década de 1970-1980, ao tempo em que estudei engenharia civil. Endereço popular só superado pelo estádio do Coritiba Futebol Clube. Não longe dali, ainda, localizava-se a Fábrica de Pianos de Florian Essenfelder (1890), cujo filho, Frederico Fritz Essenfelder (1891-1952), em 1909, tendo ido a Buenos Aires vender seus instrumentos musicais, trouxe de lá a primeira bola de *football*, dando origem ao time do Coritiba.

Tive a oportunidade de fazer o último discurso, em 1996, na condição de prefeito de Curitiba, aos afinadores e luthiers no chão de fábrica, em presença de dona Esther Essenfelder Cunha Mello, que viveu seus últimos dias tentando salvar a formidável



indústria familiar já à beira da falência, depois de 106 anos de eficiência comercial. Ali se fazia o melhor piano fabricado no Brasil.

Os endereços das abastadas famílias da época da erva-mate se estenderam ainda à rua Comendador Araújo. Ali, também desenhada por Cândido de Abreu, a esplêndida casa dos arcos, morada de Wenceslau Glaser, depois propriedade da família Nasser, demolida para sediar a agência Batel do Banco Bamerindus. O prédio em concreto modernoso ainda está lá, a lembrar o crime cultural, na esquina com a rua Coronel Dulcídio. Na mesma rua, as casas da professora Dona Branca Xavier de Miranda, de Patsy e Oscar Müller e da família Brasília de Araújo – esta encimada por cenográfico torreão acessível por escada em curva. Na fachada, elegante balcão de três janelas.

Nas imediações do Batel, merecem menção três outros endereços: as residências do professor David da Silva Carneiro, de dona Raquel Carneiro do Amaral e do professor Newton Isaac da Silva Carneiro, filhos do ervateiro coronel David Carneiro.



Mansões da rua Comendador Araújo, fruto da prosperidade da erva-mate.

Na rua Brigadeiro Franco, a residência de dona Marília (Araújo) e do historiador David Antônio da Silva Carneiro, colecionador, mentor de importante Museu Histórico, parte do acervo hoje incorporado ao Museu Paranaense. A casa, de fachada com detalhes em cantaria de granito, já foi encimada pelos vasos que haviam sido da antiga Matriz de Curitiba (demolida em 1875). Em cerâmica policromada Santo Antônio do Porto, tais vasos, de desenho coríntio, eram brasonados com as armas do Império do Brasil.

Nos fundos da mansão, depois do parreiral e da piscina, erguia-se o Museu David Carneiro, com o Templo Positivista, uma capela que reunia seguidores do sábio francês Augusto Comte e sua *Religião da Humanidade*.

O fundador desse Centro Positivista do Paraná foi o engenheiro João Pernetta, professor de Geometria Analítica e Cálculo na

Universidade do Paraná, irmão dos poetas Júlio e Emiliano Pernetta. Foi seu sucessor o professor David Carneiro, ambos cultores da legenda positivista *Ordem e Progresso*, ponto focal da bandeira do Brasil.

O precioso acervo, biblioteca e pinacoteca da mansão reunia até óleo sobre tela de David (1728-1825), o pintor da corte de Napoleão Bonaparte. Tudo muito bem cuidado por Fernando Carneiro, um dos filhos de Marília e David Carneiro, elegante professor de História da Arte e Arquitetura na Universidade Federal do Paraná.

Ali, na primavera de 1979, estreando como jornalista correspondente da revista *Vogue*, minha Margarita promoveu elegante almoço para o conde italiano Rudi Crespi, os editores Alice e Luis Carta, o repórter Daniel Maz e o fotógrafo Sérgio Monte Alegre. Os paulistanos e europeus encantaram-se com aquele escrínio de arte, cultura e bom gosto, numa acervo particular, no coração de Curitiba e com a fidalga acolhida do anfitrião.

Dado curioso é que casa tão vetusta viu nascer entre seus netos Dinho Ouro Preto, famoso roqueiro brasileiro, membro do genial conjunto Capital Inicial. Com Dinho, a aristocracia do mate entrou no *rock and roll*.

Depois da morte do professor David Carneiro e de seu filho Fernando, a família perdeu a propriedade em hipoteca para o Banco do Brasil. Lembro-me de, na condição de prefeito, ter ali levado em visita o presidente do Banco do Brasil, de passagem por Curitiba. A cena era patética. O casarão ia sendo demolido pelos fundos enquanto, nos cômodos da frente ainda vivia, já muito combalida e doente, dona Marília, a viúva David Carneiro.

Negociei com o Banco do Brasil, que nada fizessem ao que restara da casa até o descanso de sua antiga proprietária. Consegui ainda a solução imobiliária e de urbanismo que ali está, com o Hotel Pestana, a torre anexa, a área de palmeiras imperiais e a preservação da fachada e de parte da mansão, que seria transformada em Espaço Cultural David Carneiro.

Ainda ligada ao ciclo da erva-mate, onde a alameda Presidente Taunay encontra a rua Dom Pedro II, defronte ao Colégio Sion, existiu a esplêndida residência de dona Rachel (Carneiro) e de seu marido, o advogado Doutor Ivan Ferreira do Amaral e Silva. Solar suntuoso, jardim com gazebo e belas araucárias e uma garçonière nos fundos, para hospedar amigos



Bonde transporta barricas de erva-mate pelos trilhos da rua Comendador Araújo, então sendo calçada. 1912. Foto de Arthur Wischral (1894-1964). Coleção Acervo Casa da Memória.

dos filhos Ivan e Antônio Carlos e amigas das filhas Marina e Alice.

Nos salões, mobília de imbuia, armários de biblioteca com janelas em treliça de madeira, vidros bisotês, arrematados por medalhões com efígies em bronze de perfis de grandes autores clássicos: Dante Alighieri, Petrarca, Sócrates, Platão, Aristóteles, Galileu Galilei, Rousseau, Camões, Eça de Queiroz, Camilo Castelo Branco, Almeida Garret e Alexandre Herculano. No salão, vitrines com coleções de marfins coloniais lusitanos. No hall, piso em mármore preto e branco. A casa, de muita leitura e cultura, mantinha um animado, acolhedor e aprazível salão curitibano, palco de memoráveis recepções.

Conta antiga confidência curitibana que, em dia aziago, dona Rachel foi chamada na cerca, sobre o muro, por uma cigana. Pedia trocados para ler-lhe a mão. Como a dona da casa tivesse dispensado a suposta vidente, dizendo *Eu não acredito...*, esta lançou-lhe maldição: *Nesta casa morrerá o filho varão*. Pelo sim e pelo não, a estória correu os salões de Curitiba, quando o jovem e promissor deputado federal Ivanzinho Ferreira do Amaral e Silva (1940-1974) morreu em inexplicável acidente automobilístico no centro do Paraná, junto ao Pinheiral da Viúva, entre Guarapuava, Pitanga e o Turvo, no dia 9 de novembro de 1974. Houve quem

visse no infausto um crime com mandantes políticos, interessados no eleitorado local. O deputado federal era casado com a filha do Embaixador da Argentina no Brasil, Matilde Álvares de Toledo, então com 22 anos, grávida do seu primeiro filho. Residiam em Brasília na ocasião da tragédia.

Entre os antigos herdeiros da propriedade, contam-se os netos de dona Rachel (Carneiro) e Ivan Ferreira do Amaral e Silva: a atriz carioca de teatro, televisão e cinema, Maria Ribeiro, e seu primo, o premiado cineasta José Padilha, autor do celebrado filme “Tropa de Elite” (2007), crônica definitiva do Rio de Janeiro como cidade partida e da moderna sociedade brasileira como refém dos interesses do crime organizado. Desde 2010, José Padilha vive em Los Angeles. Depois de dirigir versão moderna de Robocop (2014), com o ator sueco Joel Kanamann, assinou para a rede Netflix o importante seriado “Narcos”, dirigindo seu ator predileto, o baiano Wagner Moura, indicado para o *The Golden Globe Award 2016*.

O solar Carneiro do Amaral foi demolido entre 2010 e 2015. Por um tempo, sob a direção do elegante e talentoso chef Klécio de



Assis, funcionou ali o Buffet du Batel. Nas mesas caprichadas, os banquetes eram presididos por suntuários faisões emplumados, pousados em bandejas de prata, como se ninhos fossem. Noutras salvas de prata escorriam cascatas de camarão abraçadinho, especialidade do mestre cozinheiro, natural de Paranaguá. O ponto comercial e a razão social passaram para outro proprietário, que parece não ter sensibilidade cultural. O terreno foi todo ocupado por galpões sem estilo, a mansão arrasada, as araucárias derrubadas uma após a outra, com conivência da Prefeitura também insensível. Nesse tempo, um jovem filho desse empresário também faleceu, vítima de infausto. Há naquela esquina misteriosa maldição a ser exorcizada, sussurra-se entre as famílias antigas, nas mentes que dizem *no creo em brujas, pero que las hay, las hay*.

Das casas da família Carneiro, a mais requintada era, sem dúvida, a residência de dona Elza e de Newton Isaac da Silva Carneiro (1914-1987), na avenida Visconde de Guarapuava, perto da igreja de Santa Terezinha.

A biografia do dono da casa dá a sua dimensão. Filho do coronel David Carneiro, graduou-se em Ciências Jurídicas e Sociais pela UFPR. Em 1936, foi nomeado para o Escritório Comercial do Brasil em Nova York. Retornou a Curitiba para se casar. Passou a lecionar no Gymnásio Paranaense, na cadeira de Sociologia. Em 1939, mudou-se para São Paulo/SP, onde dirigiu indústria no bairro do Ipiranga. Com o falecimento de sua progenitora, retornou a Curitiba, a fim de assumir a direção da Moinhos Unidos Brasil-Mate, empresa agroindustrial fundada em 1878 por seu avô e pelo Barão do Serro Azul. Nessa época envolve-se no movimento de redemocratização e participa da fundação da União Democrática Nacional (UDN), partido que presidiu por três vezes.

Foi historiador da arte paranaense, apaixonado pesquisador e requintado colecionador. Garimpoou seu acervo em leilões na Europa e nos EUA. Conseguiu reunir em sua casa-museu uma das melhores pinacotecas brasileiras do território nacional. No acervo: Frans Post, Taunay, Rugendas, William Lloyd, William Michaud, John Henry Elliot, Joseph e Franz Keller, Hugo Calgan, Victor Meirelles e a segunda mais completa coleção das obras de Debret depois da Fundação Castro Maia, no Rio de Janeiro/RJ.

A mansão tinha uma Sala de Mates com rara coleção de cuias em prata e outras pratarias crioulas utilizadas por tropeiros. O Salão das Porcelanas revelava perfeita síntese da louça brasonada portuguesa e

do Brasil Colônia, incluindo preciosas peças da Companhia das Índias. Lembro-me de ter nos mostrado paramentos religiosos, casulas de brocado precioso adamascado e bordado em prata, que pertenceram à Matriz de Curitiba. Lembro-me do professor ter me permitido folhear até cadernos escolares aquarelados das princesas imperiais do Brasil e do próprio infante Pedro de Alcântara, depois Pedro II. Havia ainda uma preciosa coleção de paliteiros de prata portuguesa, a maioria deles evocando ícones simbólicos do Império nos trópicos.

Ali, o melhor era a conversa fidalga na grande sala de jantar, as paredes cobertas em papel parisiense policromado evocando o Rio de Janeiro e seus arredores dos idos de 1808, revelando caçadas de antas e tigres, índios imersos na mata, tropeiros em cavalgada e paisagens da Serra da Tijuca espelhando-se no mar. Papel semelhante ao de painéis que se conservam no Palácio Iguazu e que veríamos depois na sala de jantar da Embaixada do Brasil em Washington, quando lá estivemos, em maio de 1996, em noite que culminou com concerto da Camerata Antiqua de Curitiba em homenagem ao presidente do Banco Interamericano de Desenvolvimento, amigo nosso e de Curitiba, Enrique Iglesias.

Margarita e eu tivemos o privilégio de jantar algumas vezes nessa casa dos Carneiro, em torno de convidados como Amy e Wilson Martins, ele autor dos sete volumes de uma monumental História da Inteligência Brasileira, e de dona Isabel de Orleans (1911-2003), a Condessa de Paris, autora do livro *De Toute Ma Bonheur* neta da princesa Isabel, que, houvesse monarquia ainda, seria a Rainha da França. Nós reencontraríamos a nobre senhora, com a Condessa de La Rochefoucauld, num dos *réveillons* de Lily de Carvalho e Roberto Marinho, no seu estonteante apartamento triplex em varanda sobre a curvatura da praia de Copacabana.

Das lembranças dessa rainha destronada, que viveu num palácio na Ile Saint Louis, à beira do rio Sena, com vista para a absida da Catedral de Notre Dame de Paris, a lição de vida: para governar, os príncipes da nossa família começavam sua educação limpando os estábulos, servindo nas cozinhas, para depois progredirem até a biblioteca e os salões do Castelo de Orleans. Quem quer mandar deve aprender a servir.

O interesse de Newton Carneiro pela pesquisa da iconografia paranaense surgiu

quando descobriu, e adquiriu junto a um marchand em Paris, duas aquarelas de Jean Leon Pallière com a paisagem do Paraná. Em 1943, publicou o livro *A Louça da Companhia das Índias no Brasil* e, em 1950, a *Iconografia Paranaense*, obra de fundamental importância para a compreensão das Artes

Plásticas no Paraná, no século XIX. Em 1954, publicou o livro *As Artes e o Artesanato do Paraná*. Foi conferencista no Colóquio de Estudos Luso-Brasileiros, em Salvador, onde falou sobre *A Influência Portuguesa nas Artes Brasileiras depois da Independência*. Em 1965, publicou *O Mate nas Artes Luso-Brasileiras* e ministrou, em Buenos Aires/Argentina, curso sobre *O Mobiliário Colonial Luso-Brasileiro*. Em 1966, lançou em Brasília o livro *Em Defesa dos Chamados Bens Culturais Brasileiros*. Em 1970, publicou *Quarenta Aquarelas Inéditas de Debret*, em São Paulo/SP.

Em 1975, publicou *O Paraná e a Caricatura*, no qual lançou a tese de ser o artista gráfico curitibano João Pedro, “O

Mulato”, o primeiro caricaturista ativo no Brasil. Em 1976 acrescentou à nossa bibliografia *As Artes Gráficas em Curitiba*. Incansável pesquisador, em 1979 lançou os livros *A Fábrica de Colombo e a Cerâmica Artística no Brasil*, em Curitiba, e *Rugendas no Brasil*. Este último, sobre o artista alemão, é considerado pela crítica especializada como o livro que faltava à bibliografia latino-americana. Em 1989, a meu convite, falou na Casa Romário Martins sobre “A Arte Paranaense Antes de Andersen”. Sua importante aula fiz gravar, transcrever e publicar como boletim informativo da Fundação Cultural de Curitiba.

Newton Carneiro foi Secretário da Educação e Cultura do Paraná, nomeado pelo governador Munhoz da Rocha, no governo que definiu a construção da atual Biblio-

(acima e ao lado) Paliteiros de prata lavrada do preiteiro João Ortiz Porto. Coleção Elza e Newton Carneiro.

teca Pública do Paraná, do Teatro Guaíra e do Centro Cívico de Curitiba. Mais tarde foi também secretário de Agricultura, responsável pela instalação das colônias Entre-Rios (de imigrantes russo-alemães) e Castrolanda (de holandeses). Seria ainda, na sua brilhante carreira, deputado federal entre 1954 e 1966, formulador da atual Política Florestal do Brasil.

Em 1968, foi nomeado diretor da Escola de Florestas da UFPR, cabendo-lhe melhorar sua infraestrutura e a qualificação didática, com o aperfeiçoamento dos professores mediante pós-graduação no exterior, ocasião em que criou o Centro de Pesquisas Florestais. A política de reflorestamento do Paraná teve sua contribuição, a partir de 1972, com o convênio de cooperação e ajuda firmado entre a Escola de Florestas e a Universidade Ludwig, de Freiburg. Aí Newton Carneiro atuou em cooperação com os professores alemães Gerhard Speidel e Karl Oedekoven.

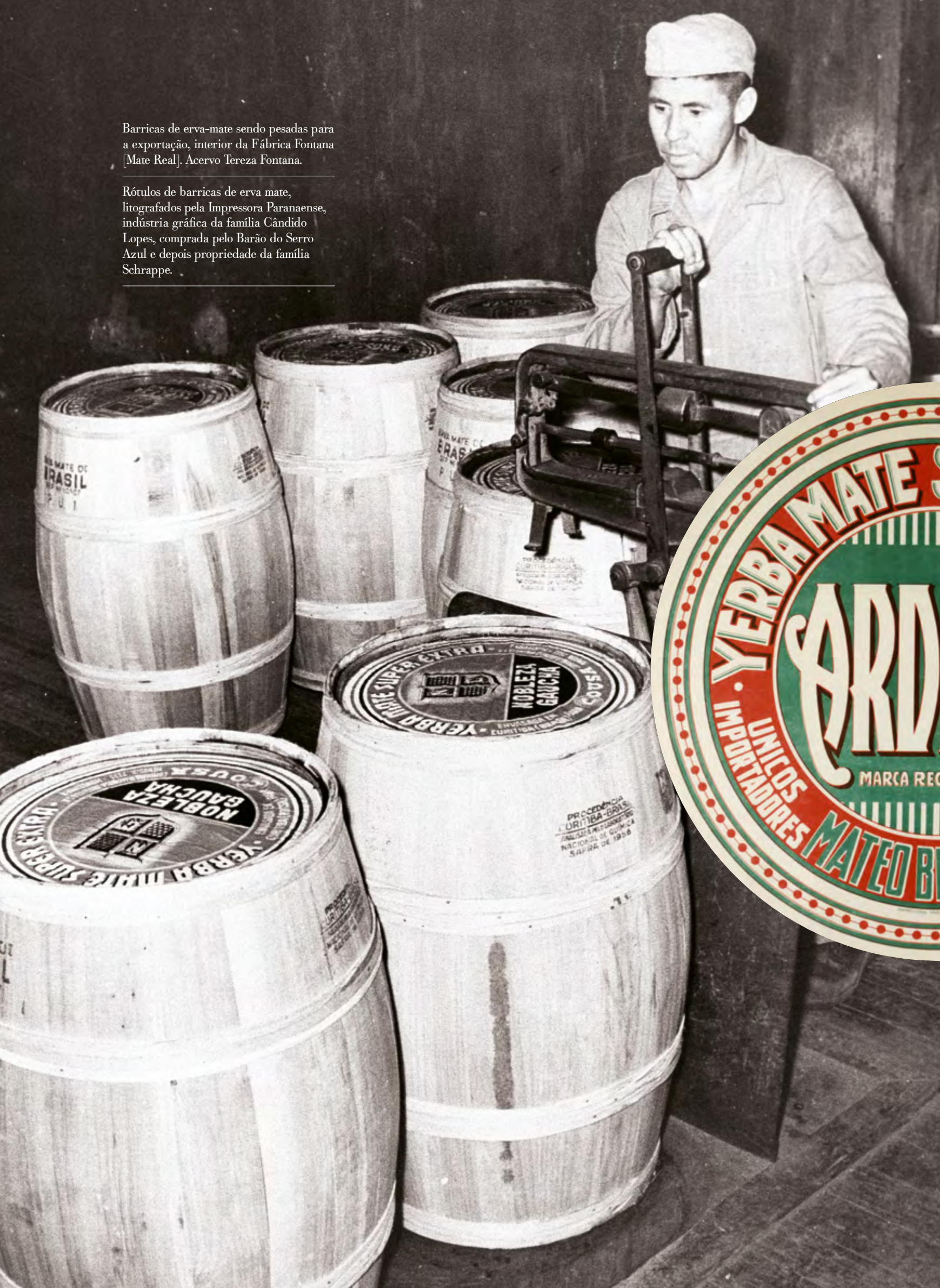
O Paraná deve ao professor Newton Carneiro pelo menos dois de seus museus mais importantes: o Museu do Tropeiro, em Castro, idealizado em parceria com a incansável dona Judith Mello, e o Museu Etnográfico e de Artes Populares da UFPR, instalado no Convento dos Jesuítas em Paranaguá, idealizado em parceria com o também incansável antropólogo José Loureiro Fernandes. Aliás, na sua inauguração, contou-me a também antropóloga dona Ruth Cardoso, Newton Carneiro e Loureiro Fernandes “ressuscitaram” o barreado, prato típico do nosso litoral, de origem açoriana, cujo consumo praticamente tinha desaparecido. Hoje, o preparo desse prato é importante fonte de emprego e renda em Paranaguá, Antonina e sobremaneira em Morretes.

Dona Elza e o professor Newton Carneiro nos deixaram na véspera da Páscoa de 1987, num acidente automobilístico quando iam para sua fazenda em Jundiá do Sul. Mor-



Barricas de erva-mate sendo pesadas para a exportação, interior da Fábrica Fontana [Mate Real]. Acervo Tereza Fontana.

Rótulos de barricas de erva mate, litografados pela Impressora Paranaense, indústria gráfica da família Cândido Lopes, comprada pelo Barão do Serro Azul e depois propriedade da família Schrappe.





reram perto de Castro, juntos, de maneira trágica.

Em 1991, a Fundação Cultural de Curitiba e a Liga Ambiental – tutora do patrimônio artístico do casal – assinaram convênio com o objetivo de expor, no Centro Cultural Portão, o acervo histórico de Newton Carneiro, composto de dez mil livros, 150 obras de inestimável valor iconográfico, entre pinturas, aquarelas, fotografias, gravuras e mapas, além de 70 objetos, todos vinculados principalmente à História do Paraná.

Cinco anos depois, em 1996, então Prefeito de Curitiba, determinei que a Fundação Cultural de Curitiba adquirisse o máximo possível de peças do Acervo Paranista de Newton Carneiro. Essas obras, de propriedade da Liga Ambiental, presidida por José Álvaro Carneiro, filho do colecionador, passaram, com a aquisição, a pertencer à Casa da Memória. São 115 peças, entre documentos iconográficos, prataria, mobiliário, livros, aquarelas com imagens de Curitiba e objetos de arte em geral, além de nove mapas e uma série de painéis fotográficos.

Ao sair da Prefeitura, passando o cargo a meu sucessor, Cássio Taniguchi, em negociação política de interesse público, pedi que minha amada Margarita ficasse como presidente da Fundação Cultural de Curitiba, pelo tempo suficiente de terminar a aquisição desse acervo precioso e instalá-lo numa moderna reserva técnica climatizada no prédio definitivo da Casa da Memória que estávamos concluindo.

Por ocasião da mostra *Newton Carneiro – Mundo Arte*, na Casa Romário Martins, em 1996, fiz publicar um catálogo com depoimentos inéditos. Particularmente interessante é o de João Moreira Garcez Filho, que revela, inclusive, no colecionador e professor, um sensível desenhista:

O seu amor pelo Paraná está presente em muitos trabalhos que escreveu e, sobretudo, na notável documentação paranista que reuniu e estudou em profundidade. Característica fundamental de sua individualidade foi a invulgar sensibilidade artística de que era dotado. Aliás, ele próprio um artista, pois desde jovem era excelente desenhista.

A importantíssima coleção de livros, móveis, pratos, louças, pinturas, registros iconográficos que formou e conservou na nobre casa onde Elza e ele residiam, à Avenida Visconde de Guarapuava, em Curitiba, é o testemunho maior desse atributo da sua personalidade. A acuidade que possuía para a observação de detalhes, que à maioria escapariam, está evidenciada em muitos dos opúsculos e folhetos de sua autoria, ricos em informações para os estudiosos.

Exemplar, nesse sentido, é o seu “Riscos da Prataria” (1975), no qual dá conta das descobertas que fez, das fontes inspiradoras de alguns painéis de prata, produzidos por ourives brasileiros do século XIX. Ainda pouco tempo antes de sua morte, Newton Carneiro cuidava da conclusão e da edição de um livro sobre as louças da época da nossa independência [...].

Retomemos o fio da história, para concluir este capítulo.

A cultura da erva-mate dá o substrato econômico para a refundação política do Paraná. Desde o leilão da Capitania de Paranaguá, submetidos à Capitania de São Paulo, chamados por alguns paulistanos de ignorantes comarcões, com o dinheiro da venda do produto dos engenhos começamos a aspirar independência política.

Floriano Bento Viana, Inácio Lustosa e Francisco Rocha lançaram, na Paranaguá de 1811, a Conjura Separatista, visando a criação da Província do Paraná. Os motivos eram arbitrariedades e burocracia na



Instalação da Província do Paraná, em Curitiba, a 19 de dezembro de 1853. Painel a óleo sobre tela de Theodoro De Bona, acervo do Palácio Iguaçu.

governança, morosidade, recrutamento militar e fisco favorável unicamente a São Paulo. O movimento tem apoio em Curitiba.

Em 12 de março de 1812, a sede da Comarca foi transferida de Paranaguá para Curitiba, sob alegação de que ficava mais próxima ao Registro das Tropas do Iguaçu. O núcleo regional de poder subiu a Serra do Mar.

Em 5 de fevereiro de 1842, pela Lei Provincial nº 5, Curitiba deixou de ser Vila, sendo elevada à categoria de Cidade, ainda na condição de Comarca de São Paulo. Alguns benefícios viriam da nova condição administrativa. O maior deles: a Lei nº 33, de 16 de março de 1846, que criou o Liceo de Curitiba, no qual se ensinaria Gramática Latina, Língua Francesa, Filosofia Racional e Moral, História Geral e especificamente do Brasil, Geografia, Geometria Prática e Noções Gerais de Mecânica aplicadas às Artes. Esse Liceu seria o embrião do *Gymnásio Paranaense*, mais tarde Colégio Estadual do Paraná.

Foram o comércio e a indústria da erva-mate que cimentaram os alicerces da Emancipação Política do Paraná, cuja separação administrativa de São Paulo só viria em 29 de agosto de 1853, data em que Dom Pedro II assinou a Lei nº 704, que criou a Província do Paraná. Curitiba tinha então 5.819 habitantes.

O novo Governo Provincial teve muito trabalho para melhorar a Capital, ainda acanhada e sertaneja.

Rocha Pombo, no livro *O Paraná no Centenário*, informa: *A Curitiba de 1853 tinha entre 150 a 200 casas. As ruas não excederiam 8 ou 10 e essas mesmas com muitos claros, o que se depreende até do nome com que ficou uma das mais antigas da povoação – a rua Fechada. A parte mais central da área urbana era a praça da Matriz [hoje Tiradentes]. [...] na vasta praça verde que ficava em frente da igreja não existia mais o Pelourinho; as autoridades da Vila já o tinham mandado arrancar; mesmo antes da Independência, segundo se crê. [...]*

As ruas principais eram: a das Flores [mais tarde da Imperatriz, hoje XV de Novembro]; a da Estrada (hoje Riachuelo); a do Fogo [hoje São Francisco]; a do Rosário. A povoação circunscrevia-se entre os ribeiros Belém e Ivo e mesmo assim com edificação muito rareada. Não havia nenhum edifício público. As repartições municipais funcionavam em prédios particulares. Não havia iluminação pública. Contava a paróquia com 4 igrejas, quase todas em mau estado, a começar pela que servia de Matriz, no meio da praça central. [...] Não se pode calcular em mais de 6000 habitantes a população de Curitiba naquela época.

Dois anos depois, em 1855, diz a mesma coisa anotação de meu confrade da Academia Paranaense de Letras, o saudoso cronista Edilberto Trevisan: *A cidade cabia em 27 quarteirões, 308 casas mais 52 em construção para uma população de 5.819 pessoas, incluindo 47 estrangeiros.*

A vida ficava mais animada. Em 1855, o jornal registrou a visita dos Ginastas Equestres, do Circo Olímpico e da Companhia Teatral do ator José Martins, que se instalou em casa alugada.

Naquele mesmo ano, quando Zacarias deixou a presidência da Província do Paraná, promovido a



Zacarias de Góes e Vasconcellos e sua mulher Carolina Vieira de Matos chegaram a Curitiba recém-casados, vindos da lua de mel em Paris. Carolina ficou chocada com o acanhamento da cidade. Entrou no palácio e nunca mais saiu, dizia-se entre as curitubanas. Foto de 1853.

Ministro do Império, aconteceu em Curitiba um animado baile para 200 pessoas, seguido de espetáculo de fogos de artifício.

Em 1857 foi fundada a Sociedade Harmonia, o primeiro clube de Curitiba. Nesse mesmo ano, publica-se o pioneiro jornal literário “O Jasmim”.

Consta que foi Romário Martins quem descobriu um mapa onde aparece o curso do rio Belém – de nascentes a noroeste da cidade, no alto da rua Mateus Leme. O rio, após descida sinuosa, atinge o Banhado na região do engenho Bittencourt, no qual também desembocava o rio Lavapés (ou Córrego Inácio Lustosa). Outro banhado se formava onde o rio Ivo tinha sua foz no Belém. Os dois banhados, de extenso alagamento, formavam barreira para o crescimento da cidade.

Em 1857, o Tenente Pitanga, em relatório de viagem de Antonina a Miranda, disse que Curitiba era mal alinhada, sem esgotos, e quase sem calçadas, e, portanto, muito lamacenta com as águas pluviais, conforme anotou meu estimado amigo Veiga Lopes no seu livro *Aconteceu nos Pinhais*.

Para sede do governo e secretaria, contou-me o professor Júlio Moreira, Zacarias arrendou por cinco anos o casarão com dois andares e balcões de ferro de Manoel José da Cunha Bittencourt, na esquina da rua das Flores com rua da Carioca, por 60\$000 mensais. As obras de adaptação foram confiadas a Laurindo Correia da Silva, seguindo à risca as instruções do Ministério imperial. O governador comprou os móveis imprescindíveis, inclusive uma escrivaninha de gabinete que se conserva até hoje no Museu Paranaense.



Para a Assembleia Legislativa, foi adquirido um imóvel de Manoel Gonçalves de Moraes Roseira – depois Comendador Roseira. O prédio estava inacabado, pois havia carência de materiais de construção na cidade. A maioria das casas ao invés de vidros nas janelas, tinha gelosias – bastidores de madeira com panos de linho esticados.

O primeiro ato da Assembleia Legislativa Provincial, em 26 de julho de 1854, foi confirmar a pequena cidade como capital do Paraná, pela Lei Provincial número I. No mesmo dia, foi promulgada a Lei Provincial número 2, que instalou as Justiças no Paraná, dividindo a nova província em três Comarcas, sendo a primeira Comarca da Capital, compreendendo os



Zacarias de Góes e Vasconcellos (1815-1877), primeiro presidente da Província e Conselheiro do Império. Governou o Paraná de 1853 a 1855.

municípios de Curitiba, São José dos Pinhais e Príncipe – este o antigo nome da Lapa.

A escolha de Curitiba como capital da nova Província encontrou oposição no Visconde de Nácar, que preferia a sua Paranaguá, bem como no Visconde de Guarapuava, que

preferia a cidade do seu título. O primeiro defendia a cidade mais rica e mais populosa, na Marinha. O segundo nobre, ambos deputados da primeira Legislatura do Paraná, referia a importância da povoação do interior para alargar as fronteiras a oeste.

Segundo Valério Hoerner Júnior, Zacarias de Góes e Vasconcellos seria hipocondríaco. Achava insalubre uma capital em região portuária, sujeita a miasmas e febres palustres. E tinha medo do frio excessivo dos altos campos de Guarapuava. Nascido na cálida Bahia, em Valença, educado com letras e espírito europeu, escolheu Curitiba pelo seu clima serrano e temperado. Estrategista, considerou ainda a proximidade com a Marinha e o bom entroncamento de caminhos com o interior. Deixou anotado em relatório:

[...] *As providências do governo partem e distribuem-se mais pronta e regularmente por toda a Província, emanando de Curitiba, pois que é mais central do que qualquer ponto da Marinha, por importante*

que seja; e principalmente Paranaguá, muito mais arredado que as outras povoações consideráveis do litoral. [...]

[...] *A higiene pública, consultada sobre a questão, estou certo que indicará também Curitiba para capital da província em preferência às povoações da Marinha. Todos reconhecem e confessam a excelência de seu clima, e o documento mais seguro de sua superioridade fornecem-no os mesmos habitantes do litoral, todas as vezes – e não são poucas – que por melhorar os seus padecimentos, sobem a serra, e vem pedir aos belos ares de Curitiba o restabelecimento de sua saúde arruinada.*

Higienistas e cronistas, no decorrer do tempo, confirmariam as observações de Zacarias. O doutor Trajano Reis Cavalcanti exaltou o *clima europeu da capital*. Saturnino de Brito chamou-o de *clima de salubridade*. Nestor Victor foi mais além ao referir em Curitiba *temperatura europeia* em contraste com o *palustre litoral oceânico*.

No ano de 2003, na condição de deputado estadual presidente da Comissão Comemorativa do Sesquicentenário do Paraná, mandei localizar as leis mais importantes referentes ao nosso estado. O desleixo brasileiro com a Memória Nacional ficou patente.

A Lei Imperial nº 704, da criação da Província do Paraná, não estava no Arquivo Nacional, no Rio de Janeiro, e sim em Brasília, no Arquivo do Congresso Nacional. Mandei buscar o precioso pergaminho e fiz duas réplicas em papel de linho, uma para o Arquivo Público do Paraná, outra para o Arquivo do Congresso, devolvendo o original para o Arquivo Nacional.

A Lei com autógrafo imperial foi lida, na sessão solene da Assembleia Legislativa do Paraná, pelo príncipe Dom Pedro de Orleans e Bragança, nosso estimado amigo, que concordou em vir, desde o Rio, onde vive, honrar seu augusto bisavô.

Posamos todos para fotos históricas daquele belo momento de resgate, inclusive conosco meu saudoso pai, Eurico Dacheux de Macedo, a princesa dona Fátima, de família com raízes na Lapa, e a minha amada Margarita. Depois, pela Imprensa Oficial, fizemos multiplicar em réplicas impressas o conteúdo da lei em seu belo manuscrito, arrematado pelo majestático “P” Imperial.

Gehad Hajar, designado pela Assembleia, foi depois ao Rio de Janeiro devolver os originais e voltou de lá até com a máscara mortuária de Zacarias de Góes e Vasconcellos, que, restaurada por Ricardo Tod, graciosamente e a meu pedido, foi exposta em Curitiba, na sessão solene da Assembleia de 15 de dezembro de 2004. Na ocasião, inauguramos, no plenário, dois medalhões em bronze, réplicas aumentadas da medalha comemorativa ao Sesquicentenário do Paraná, também de autoria de Ricardo Tod.

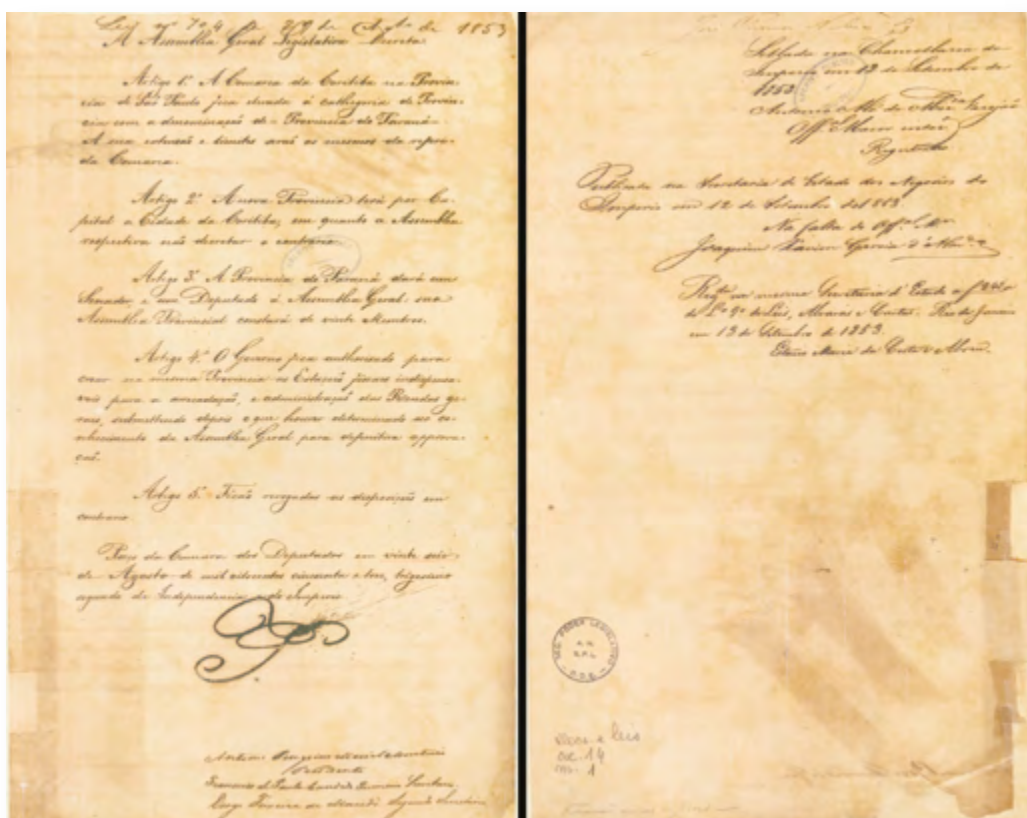
Quando procuramos as Leis Estaduais nº I e nº 2 para restauro e exibição nas festividades, outro susto: tinham sumido. Logo sobreveio o medo de que tivessem sido consumidas no incêndio da Assembleia de 9 de setembro de 1994. Foi então que um servidor legislativo, José Carlos Pereira Portela, lembrou-se de ter acervado em sua casa alguns alfarrábios, salvos do rescaldo das chamas. Entre os infólios calcinados e sujos de carvão, os dois originais. Mandei que fossem restaurados e incorporados ao acervo do Arquivo Público do Paraná.

As duas primeiras leis provinciais, ambas de iniciativa de Zacarias de Góes e Vasconcellos, foram publicadas no primeiro jornal paranaense, o *Dezenove*

sando a se chamar *Dezenove de Dezembro*.

A única coleção completa desse que foi o primeiro jornal do Paraná pertence ao acervo do Museu Paranaense. No último governo Ney Braga (1979-1982), foram publicados 4 volumes com edições fac-similares dos primeiros números.

Cândido Lopes deixaria o jornal para seu filho Jesuíno Lopes, que após a morte de Cândido (de infarto em plena Praça Tiradentes) administrou a Typographia Paranaense. O Barão do Serro Azul, a fim de solucionar a necessidade de impressos para suas empresas, que careciam de rótulos coloridos, litografados, especialmente para as barricas de exportação de mate, decide associar-se a Jesuíno, assumindo o



Lei Imperial 704 de 29 de agosto de 1853, que criou a Província do Paraná. Fac-símile do documento original que se conserva no Arquivo Público Nacional, com cópia de alta resolução impressa sobre papel linho mantida no Arquivo Público do Paraná.

de Dezembro, criado por Cândido Lopes, em Curitiba, na rua das Flores nº 13.

Serviu até o final do Império como nosso Diário Oficial do Paraná. O jornal existiu de 1854 a 1890, suas oficinas tipográficas transformadas em grande escola de artes gráficas e jornalismo. Ali nasceram, no dizer de Newton Carneiro, muitos talentos para as letras: Albino Silva, Luís França, João Antonio Xavier e Alfredo Romário Martins.

Em 1855 perdeu a letra “O” do seu título, pas-

controle acionário da Typographia de Cândido Lopes.

O detalhe da morte de Cândido Lopes é confidência familiar que me foi revelada via Facebook por Roger Lopes, bisneto de Jesuíno.

Em 1890, com o fim das edições do primeiro jornal do Paraná, a firma passa a se chamar “Companhia Impressora Paranaense”, transformando-se em sociedade por ações, em que mais uma vez o Barão



figurava como líder da diretoria. Tal etapa foi decisiva para o salvamento da antiga tipografia, que sobreviveu até princípios do século XXI com o nome de Impressora Paranaense S/A.

Das floradas de erva-mate, na mata sombreada que rodeia a capital do Paraná, estendendo-se rumo ao sudoeste, junto ao curso do rio Iguaçu, pelos sertões de Balsa Nova, Lapa, Porto Amazonas, São João do Triunfo, São Mateus do Sul, Inácio Martins, Lapa e União da Vitória, saíram as folhas verdes que, socadas em engenhos, transformadas em pó e chá, geraram a riqueza que ergueu a nova Catedral, permitiu a criação da nossa Universidade, urbanizou e requintou nossa paisagem, ponteando-a de mansões esplêndidas, casas confortáveis, sobrados de farto comércio.

A importância econômica da erva-mate no Paraná começou a minguar pelos idos de 1929, com a crise mundial decorrente do *crack* da Bolsa de Nova York. Ainda que, em 1930, a erva-mate correspondesse a um terço das exportações do Paraná, aos poucos foi sendo suplantada pela exploração da madeira e depois por intensas e crescentes lavouras de café.

Tereza Urban, em seu *O Livro do Matte*, publicado em 1990, pela editora Salamandra, conta que a indústria erva-teira recorreu a uma velha prática de consumidores brasileiros para enfrentar a crise. Era comum, entre os aficionados da erva-mate, o hábito de colocar uma brasa dentro da cuia, antes da água, para “tostar” a erva. O processo não só produzia um aroma muito agradável como também suavizava o sabor naturalmente amargo do chimarrão.

Seguindo esse costume, a Leão Júnior, já uma das mais tradicionais empresas do setor, lançou no mercado, na década de 30, a grande novidade: Mate Leão, o chá brasileiro, que “já vem queimado”.

A indústria Mate Leão teve uma sobrevida, por essa e outras ideias inteligentes de Ivo Leão e seus colaboradores, como adotar caixas de madeira e metal para erva em pó, bem como sachês para chá de mate tipo exportação – à moda do que faziam os ingleses com o chá da Índia e do Ceilão. No tempo das Guerras Mundiais de 1914 a 1918 e de 1939 a 1945, o nosso chá conseguiu mercados na Europa e nos EUA, substituindo os *blends* que vinham do Oriente, atravessando os mares conflagrados.

Os Leão também investiram no mercado da Capital Federal. Nas praias do Rio de Janeiro, curitibanos em férias enchiam-se de orgulho ao ouvir o pregão de simpáticos mascates gritando em sotaque carioca: *Olha o Mathy aí, gentry!* Na enseada de Botafogo, um barco todo iluminado percorria a orla, à noite, apreçoando nosso chá.

A família Leão chegou a promover a devoção a Nossa Senhora da Luz numa igreja erguida no Alto da Boa Vista, na estrada de Furnas, onde senhoras



Jornal “Dezenove de Dezembro”, publicado de 1854 a 1890, deu origem à Typographia Paranaense, depois Impressora Paranaense. Nela foram publicados os dois primeiros livros de Curitiba. Uma “Gramática da Língua Nacional” para uso do Lyceu Paranaense e a “Artinha Musical”, livro de música de Ricardo Pereira do Nascimento, apelidado Mestre Jacarandá.

curitibanos em vilegiatura confraternizavam à hora das missas. Entre as frequentadoras desse santuário da curitibanidade no Rio, contavam-se Flora Camargo Munhoz da Rocha (1911-2014) e suas filhas Mitzy, Daisy e Suzana, sua nora Gilda e seu filho Caetano. E ainda minha saudosa bisavó Edeltrudes Nery da Fonseca Taverny Dacheux do Nascimento, que, fugindo do frio, ali ia rezar quando se hospedava na casa de sua filha Dinah, na praia do Leblon.

As indústrias Mate Leão duraram mais de 100 anos, desde 1901 até 2007, quando a famosa marca foi vendida para a Coca-Cola.

No dia 23 de março de 2007, o repórter Bruno Rosa publicou no jornal *O Globo: A Coca-Cola Brasil anunciou a aquisição da empresa Leão Junior S.A., incorporando ao seu portfólio mais 60 produtos, entre os quais o consagrado Matte Leão. O negócio inclui, além das marcas, as três unidades de produção localizadas em Curitiba e Fernandes Pinheiro, no Paraná, e no Rio de Janeiro. No dia 7 de março, a Coca-Cola Brasil apresentou o contrato de compra e venda ao Conselho Administrativo de Defesa Econômica (CADE), agora aprovado.*

Ao colossal negócio industrial, de repercussão nacional, sucedeu-se a venda do complexo fabril

que ocupava mais de um quarteirão, na altura das avenidas Getúlio Vargas com João Negrão, no bairro Rebouças, em Curitiba. O terreno de 16,3 mil metros quadrados foi vendido pela família Leão para a Igreja Universal do Reino de Deus, no início de 2010. O valor estimado da transação foi de R\$ 32 milhões.

Com a globalização do Matte Leão e a demolição de sua fábrica curitibana, encerrou-se um ciclo de história econômica e cultural do Paraná. Não mais o cheiro de mate queimado a temperar nossa neblina, como aconteceu em todas as manhãs do passado numa Curitiba onde tudo começava e terminava em mate ou chimarrão.

Foram-se os tempos em que, além dos bons negócios, havia espaço para a alegria criativa dos espíritos refinados. Naquele momento, Alfredo Romário Martins (1874-1948) escrevera: “Bendita a terra grata e dadivosa, que cria para nossos idealismos todas as esperanças e para nossa prosperidade todas as realidades”.



(em cima) Fábrica Tibagy Fontana. Coleção Fernando e Tereza Fontana.

(no meio) Vistas internas da Hervateria Americana, do coronel David Carneiro.

(embaixo direita) Grande fábrica da Mate Leão na esquina João Negrão, Getúlio Vargas, Engenheiros Rebouças.

(embaixo) Embalagem clássica do Matte Leão.



OS PRIMEIROS PROFESSORES DE CURITIBA



(em cima) Professora Júlia Wanderley.

(centro) Inauguração do busto da professora Júlia Wanderley. Escultura de João Turin. 1927. Praça Santos Andrade

(abaixo) Gymnásio Paranaense - sucessor do Lyceo de Curitiba, depois Lyceo Paranaense, o embrião do atual Colégio Estadual do Paraná.

É mesquinha a história da instrução em Curitiba nos primeiros cento e cinquenta anos da cidade. O primeiro docente de Curitiba, com licença específica para ensinar, terá sido o padre Manuel Rodrigues de Souza, que serviu na Matriz de Nossa Senhora da Luz dos Pinhais. Em 1728, recebeu provisão do Vigário de Vara de Paranaguá, autorizando-o *a abrir ali uma escola pública de ler, escrever, contar, solfejar e tocar harpa*. Antes dele só os jesuítas haviam ousado ensinar em seu Colégio de Paranaguá ou nas Reduções de Guayrá.

A 10 de setembro de 1833, foi lido na sessão da Câmara de Curitiba ofício do presidente da Província de São Paulo, remetendo instruções para que fosse examinada a professora dona Rita Ana de Cássia, que se propôs a lecionar primeiras letras a meninas de Curitiba.

Cumpria-se a lei imperial de 1827, pela qual Dom Pedro I, referendado pelo seu Ministro de Instrução, Visconde de São Leopoldo, fez escrever que “haverá escolas de meninas” e “as mestras serão nomeadas pelos Presidentes em Conselho, dentre aquelas mulheres que, sendo brasileiras e de reconhecida honestidade, se mostrarem com mais conhecimentos nos exames feitos [...]”.

Foram designados para sabatiná-la o doutor José Gaspar dos Santos Lima e o professor Fermino Ferreira dos Santos. Em 1º de outubro, o povo lotou a Casa da Câmara para ver a *mulher professora*. Diz minha querida prima Maria da Luz Portugal Werneck, no seu livro *História da Educação no Paraná*, que *não ficou ninguém nas 250 casas de Curitiba. Veio todo mundo ver a mulher que ensinava e tinha coragem de se deixar examinar publicamente. Rita Ana de Cássia tomou posse oficialmente de sua cadeira a 11 de janeiro de 1835.*

Quando a Escola Pública foi instalada no *Consistório da Igreja da Ordem 3ª de São Francisco*, a professora Rita Ana de Cássia atendia as meninas, e o professor João Baptista Brandão Proença, os meninos.

Rita Ana era neta do velho João Negrão. Prima daquele que viria a ser o historiador e genealogista Francisco Negrão. Foi sucedida pela professora Leopoldina Leoniza de França, que lecionou apenas até 1841, ocasião em que foi provisionada a terceira professora de Curitiba, dona Maria do Carmo Moraes.

Na Curitiba de então, ainda acanhada e de hábitos sertanejos e patriarcais, as meninas, semialfabetizadas, eram destinadas às prendas domésticas. Casavam e passavam a servir marido e filhos. Ou, sem casar, dedicavam-se à religião ou a passar a vida entre tachos, panelas, bordados e costuras.

Os meninos que se destacavam eram encaminhados, naquela época, à cátedra do bacharel Augusto Lobo de Moura, que os iniciava em gramática latina, para que pudessem aspirar a se tornarem padres ou juristas, em escolas distantes, quais São Paulo, Olinda, Coimbra.





1. Instituto de Educação do Paraná, criado em 1876 como Escola Normal. Prédio atual de 1912, obra do governador Dr. Caetano Munhoz da Rocha. Nele lecionaram Oswaldo Pilotto e Helena Kolody. | 2. Grupo Escolar Tiradentes, onde consagrou-se a professora Júlia Wanderley. Prédio inaugurado em 1895, demolido em 1935, sede atual de 1952. | 3. Alunos e corpo docente do Grupo Escolar Oliveira Bello (1922). Casa da Memória de Curitiba - Coleção Lysimaco Ferreira da Costa, grande educador, secretário de estado da Educação. | 4. Grupo Escolar Xavier da Silva, fundado em 1903, como marco do cinquentenário do Paraná. Inaugurado em 1907 com 315 alunos. Nele foi alfabetizado meu pai, Eurico Dacheux de Macedo, junto com seus irmãos José Valdomiro e Evaldo. | 5. Grupo Escolar Dom Pedro II. Edificação de 1928, na rua Bispo Dom José, tombada como patrimônio histórico do Paraná. | 6. Grupo Escolar Cruz Machado, pracinha do Batel. Construído em 1906, funcionou até 1928. Foi Inspetoria de Ensino do Paraná de 1940 a 1950, quando virou delegacia de polícia. | 7. Escola Alemã ou Colégio Progresso, vista aérea, foto de Groff, 1935. | 8. II Liceu Rio Branco, na Rua Bispo D. José, em 1949.

O Lyceo de Curitiba foi criado em 13 de março de 1846, pela lei provincial paulista nº 33, junto com o da cidade de Taubaté. Nos referidos liceus, seriam ministradas aulas de Gramática Latina, Língua Portuguesa, Língua Francesa, História Geral e do Brasil, Geografia, Geometria Prática, Filosofia Racional e Moral e Noções de Mecânica aplicadas às Artes.

Em dezembro de 1853, conforme relatório provincial, existiam no Paraná apenas 26 escolas, com 711 alunos matriculados. O Lyceo de Curitiba foi denominado depois Lyceo Paranaense, anexado à Escola Normal em 12 de abril de 1876. Voltarei ao assunto adiante.





CURITIBA E O PARANÁ PELO OLHAR DOS VIAJANTES

Antes da velocidade e da fotografia, a memória das viagens permaneceu acervada em diários, aquarelas, pinturas e litografias: narrativas do que se viu e se viveu nos percursos. A nobreza europeia cultivou a ideia do “grand tour” – a viagem rumo a paragens épicas, clássicas, exóticas, seguida da publicação do seu relato pitoresco, fartamente documentado.

Assim foram servidas as *Musas da História e das Artes*. Assim manteve-se viva Mnemósine, *aquela que preserva o Esquecimento*.

As melhores fontes que nos restam desses tempos arcaicos são sua iconografia e literatura de viagem. Instrumentos valiosos para compreensão da mentalidade das pessoas, da estrutura social, dos usos e costumes, marcas de um tempo que escorreu com as águas do Letes – o rio mítico que separa o mundo dos vivos do reino dos mortos.

Assim é com o intrincado cerimonial do Vaticano no período barroco, quando revivido e esmiuçado pela pena precisa de Montaigne (1533-1592), o marquês, prefeito de Bordeaux, no seu livro *Journal de Voyage*, publicado pela primeira vez em 1774, relato de um glorioso *tour sobrepondo os Alpes entre a Alemanha e a Suíça, rumo à ensolarada Itália, culminando com a peregrinação a Roma, durante os anos de 1580 e 1581*.

Ocorre também com Goethe, na sua monumental obra *Viaggio in Italia (Italienische Reise)*. Dois românticos volumes, escritos entre 1813 e 1817. Johann Wolfgang von Goethe (1749-1832) viajou em busca do sol e das luzes das planícies clássicas, acompanhado do pintor Johann Tischbein, encarregado de retratá-lo no cenário da Arcádia Romana. Alumbrado pelo que viu, escreveu: *melhor ser mendigo em Nápoles, do que rei na Alemanha*.

Com o Brasil não foi diferente. Desde o século XVI, são fontes primárias da História, em primeira pessoa, delirantes relatos de viajantes. Sempre dirigidos aos seus conterrâneos, fato recorrente que dá razão completa ao verso de Pablo Neruda: *Aquele que volta, nunca se foi*.

Aqui já referimos Hans Staden e seu terrífico testemunho de antropofagia tupinambá – no seu livro cheio de gravuras, publicado em 1557, com o título *Warhaftige Historia und Beschreibung ... (Minha Estada entre os Selvagens do Brasil, na tradução de Monteiro Lobato)*. Ali, a iconografia reveladora de canibalismo ritual, índios com traços europeizados, paisagens e flora estilizadas, fauna fantástica, o descobrimento de um universo incógnito.

Há também o livro do adelantado espanhol Dom Álvaro Núñez Cabeza de Vaca, com sua narrativa da viagem pelo caminho do Peabiru, do litoral Atlântico até Assunção do Paraguai, passando pelos sertões do Paraná, com o descobrimento das Cataratas do rio Iguaçu, entre 1542 e 1545.

E, ainda, o texto precioso do lusitano Pero de Magalhães Gândavo,



AMÉRICA DO SUL 1581

(página ao lado) Mapa litografado “*Suite du Brésil pour servir à L’Histoire Générale des Voyages. Villages d’indiens et Missions Ruinées. Tiré de la Carte d’Amérique de M. Danville*”. Coleção Margarita Sansone e Rafael Greca de Macedo.

(em cima) Mapa holandês da América do Sul, em 1581, com riqueza de informações e detalhes. Atribuído a Jan Van Doet. Arquivo Real das Índias, Sevilla.





“Comentários” de Dom Álvaro Nuñez Cabeza de Vaca, resgatado do original que se conserva no Arquivo Real das Índias, em Sevilha, foi publicado, em 1995, na Coleção Farol do Saber, edição da Prefeitura de Curitiba / Fundação Cultural.

História da Província Sãta Cruz que vulgarmente chamamos Brasil (1576), e do cosmógrafo franciscano Frei André

Thevet, que em 1556 revelou o Brasil aos franceses no livro *Les singularitez de la France Antarctique*.

Outros falariam dos nossos trópicos na língua de Molière e Racine: o próprio almirante Nicolas Durant de Villegaignon (1555-1556), Theodore de Bry, com seu *Colecciones Peregrinatorium* (1567), e Jean de Léry, autor de *Histoire d'un voyage fait en la terre du Brasil, autrement dit Amerique* (1570). Literatura certamente aproveitada por Voltaire quando ambientou as viagens do seu *Candide* pelas latitudes sul-americanas. Inesquecível, nesse livro de uma América imaginada, é a cena do negro sem perna, perdida numa roda de engenho, que diz ao inocente Candide: *Estou assim para que Monsieur possa comer açúcar em Paris*.

Há também os preciosos trabalhos iconográficos de Albert Eckhout (1610-1666), considerado o primeiro pintor europeu a lançar um olhar sobre a *Terra Brasilis*. E mais Frans Post (1612-1680) e outros artistas da exuberante corte de João Maurício de Nassau, o príncipe flamengo que reinou sobre o Recife de 1636 a 1645.

No caso do atual Paraná, nossa História alimenta-se também do relato do jesuíta peruano Padre Antonio Ruyz de Montoya, na sua crônica da conquista espiritual dos guaranis, estabelecimento das Missões de Guayrá (1640-1654) e enfrentamento com o inimigo bandeirante de São Paulo de Piratininga.

Quando Prefeito de Curitiba, mandei comprar, em Madri, no ano de 1995, num leilão de livros raros, para o acervo da Casa da Memória, o livro do Padre Antonio Ruyz de Montoya (1585-1652), missionário jesuíta nascido e formado em Lima, Madri e Roma,

que andou por Guayrá, no atual Paraná, pregando o Evangelho.

Conseguimos incorporar ao patrimônio cultural do povo de Curitiba o raríssimo *Catecismo de La Lengua Guarani*. Composto por el padre Antonio Ruyz, de La Compañia de Jesus. Dedicado a La Purissima Virgen Maria. Concebida sin mancha de Pecado Original. Seu frontispício assegura que foi publicado em Madri por Diego Diaz de La Carrera, em M.DC.XXXX (1640). Montoya escrevera um ano antes *Conquista Espiritual hecha por los Religiosos de La Compañia de Jesus en las Provincias del Paraguay, Parana, Uruguay y Tape*, datado de M.DC.XXXIX (1639).

Esses são considerados os primeiros livros escritos em todo o continente americano e



“Catecismo de La Lengua Guarani” do Padre Montoya. Acervo Casa da Memória, adquirido pela prefeitura em 1995. Segundo Júlio Moreira é o primeiro livro impresso publicado na América do Sul.

símbolo do Paraná como berço da Literatura, tradição oral da intelectualidade paranaense, confirmada nas obras de Ermelino de Leão e Alfredo Romário Martins. Também Júlio Estrela Moreira, na sua *Bibliografia do Estado do Paraná* (1967), assegura que os livros de Montoya foram feitos em prensas tipográficas instaladas nas próprias Reduções de Guayrá, na então florescente República Teocrática das Missões.

Seriam tais prensas o maior símbolo da rebeldia dos destemidos padres da Companhia de Jesus às normas dos Reinos de Portugal e Espanha? Para o abade Clóvis Lugon, sim. O autor chamou a experiência missioneira de “República Comunista Cristã dos Guaranis” (1610-1678), num livro com esse título, publicado no Brasil pela editora Paz e Terra em 1977, leitura da minha juventude de aluno do colégio Medianeira, em Curitiba.

Tal epopeia foi tema de importante filme do diretor Roland Joffé, estrelado por Robert de Niro, “The Mission” (1986), animado pelas paisagens das Cataratas do Iguaçu e da floresta tropical brasileira, ao som da música emocionante do maestro italiano Ennio Morricone. Nele, pungente a cena do missionário a cativar, armado apenas de um violino, um índio feroz, ambos imersos na umidade luxuriante da floresta tropical. O filme ganhou, na França, a Palma de Ouro do Festival de Cannes, e nos EUA, o Oscar de melhor fotografia.

No ano 2000, Margarita e eu fomos presenteados pelo embaixador Renan Paes Barreto e sua mulher Livia (Coelho) Paes Barreto com um precioso mapa litografado, resgatado num antiquário de Paris, referindo o atual território do sul do Brasil: *Suite du Brésil pour servir à L'Histoire Générale des Voyages. Villages d'indiens et Missions Ruinées. Tiré de la Carte d'Amérique de M. Danville (Tome 13, in 8ª page).*

Essa História Geral das Viagens, em vários volumes, foi impressa em Paris por Didot Libraire, estabelecida à beira do rio Sena, no Quai des Augustins, com papel *a la Bible d'Or*. Os 20 Tomos começaram a ser publicados em 1746 (os II primeiros volumes); em 1754, o 12º; em 1756 os tomos 13 a 17; em 1763, os tomos 18 e 19; e finalmente, em 1789, o 20º tomo.

Na carta geográfica antiga, que conservamos emoldurada na nossa biblioteca, estão assinalados no litoral: a Barra de Iguaçu (hoje Barra da Ararapira), e a vila de Cananeia; lugares chamados Camarin, Pupa-rabu, Ibo-pupetuba, Bepetinga e Araracari; o rio Isubay; as três baías, que chamaram de rio Paranaguá, rio Guaratiba e rio São

Francisco. No interior, do norte para o sul: as Minas de Paranapanema e o rio desse nome. O grande rio Paraná, com a Ilha Grande – chamada de Ilha de Paobancoa – e as Sete Quedas, chamadas de Grande Salto. Logo abaixo, a Cidade Real de Guairá e a Vila Rica do Espírito Santo, à margem do ali chamado rio Guibay. Adiante, o rio Tibagi, com as reduções de Encarnação e São Miguel. O rio Iguaçu, que nesse mapa aparece diminuído, menor do que é, seus afluentes Tibago e Tipuari, e os Saltos do Iguaçu. E ainda os rios Paraguay e Uruguay.

Há ainda registro das Reduções Guaranis, Missões Jesuíticas de São Tomaz, Santos Anjos (Arcanjos), São José, Santo Inácio Mini, Tambo e Santa Maria d’Iguazu. Esta última redução, suposto cenário histórico do filme “The Mission”, teria sido a maior delas, sede das Missões del Guayrá.

Suas fundações, registradas neste e em outros documentos, até hoje não foram descobertas. Estaria dentro do território preservado do atual Parque Nacional do Iguaçu. Na época em que fui presenteado com o precioso mapa, Ministro do Turismo do Brasil, sonhamos, Livia e o embaixador Paes Barreto, Margarita e eu, com a ideia de promover expedição para localizar esse



Na Biblioteca Nacional de Lisboa pude ver o livro “Cultura e Opulência do Brasil”, publicado em 1711, pelo missionário jesuíta André João Antonil. No frontispício, “várias notícias curiosas do modo de fazer açúcar, plantar e beneficiar o tabaco, tirar ouro das minas, e descobrir as de prata”.





Vista do Salto do Rio Yguaçu, 1759. Panorama e planta, nanquim e aquarela sobre papel. José Fernandes Pinto de Alpoim. Coleção de Manuscritos Coloniais. Mapoteca do Itamaraty.

sítio arqueológico. Imaginem a importância de se agregar valor histórico-social ao esplêndido percurso ecológico pelas Cataratas do Iguaçu: uma Redução de Santa Maria – nome dado pelos jesuítas – próxima aos Saltos de Santa Maria – nome dado por Cabeza de Vaca.

Na Biblioteca Nacional de Lisboa, a exuberância da nossa flora e fauna é resumida no importante livro *Cultura e Opulência do Brasil*, publicado em 1711, pelo missionário jesuíta André João Antonil. Seu frontispício, que tive a oportunidade de ver e ler na Biblioteca Nacional de Lisboa, ainda que diminuto (19 x 15 cm), assegura conter o volume “*várias notícias curiosas do modo de fazer açúcar, plantar e beneficiar o tabaco, tirar ouro das minas, e descobrir as de prata*”. O volume foi impresso em Lisboa, com as licenças necessárias d’El Rey e da *Inquisição*, na *Oficina Real Deslandesiana*.

Em 1999, na Mapoteca do Itamaraty, eu ministro, levado pelos embaixadores Bernardo Pericás Neto, primo-irmão da minha Margarita, e o chanceler Luís Felipe Lampreia, então meu colega de ministério do

presidente Fernando Henrique, pude admirar a “Vista do Salto do Rio Yguaçu”, preciosa imagem – nanquim e aquarela sobre papel (50 x 70 cm) – elaborada por José Fernandes Pinto de Alpoim, em 1759.

Conservado na Coleção de Manuscritos do Brasil Colonial, o notável documento tem plano das Cataratas e panorama em bela perspectiva dentro do canyon do nosso rio. Até o arco íris está lá.

Manuscritos como esse foram usados pelo Barão do Rio Branco na definição da questão de limites entre o Brasil e a Argentina, no começo do século XIX, ao evocar o princípio de *Utis Possidetis*. O árbitro do presidente norte-americano Cleveland decidiu pelo Brasil, em 5 de fevereiro de 1895. O texto da Casa Branca era lacônico: *The Award is in favor of Brazil*.

Ficamos com a visão das Cataratas, o oeste do Paraná, e o árbitro norte-americano foi homenageado com seu nome na cidade paranaense de Clevelândia. Aqui em Curitiba, comoção popular, desdobrou-se em atos de homenagem ao Barão que nos deu as Cataratas do Iguaçu. Foi fundado o Tiro de Guerra Rio Branco, no qual meu avô Manoel Valdomiro de Macedo engajou-se como intrépido soldado.

Esse Tiro de Guerra foi ao Rio de Janeiro, em 1908, para participar do desfile de Sete de Setembro e homenagear Rio Branco. O Barão recebeu toda a rapaziada curitibana no Palácio do Itamaraty, então sua residência. Meu avô contava da impressionante festa, à beira do lago onde nadavam cisnes brancos sob aleia de palmeiras imperiais. O pioneiro cineasta Anybal Requião filmou o desfile do Tiro na Avenida Central da então capital federal. Quando restauramos a película – através do saber cinéfilo de Valêncio Xavier –, levei meu avô para assistir a esse filme, coisa que cumpriu em lágrimas, lembrando esse episódio de sua mocidade.

A Câmara Municipal de Curitiba mudou o nome da rua da Liberdade para rua Barão do Rio Branco. O povo curitibano mobilizou-se e custeou por subscrição popular o magnífico monumento esculpido pelo grande artista Rodolpho Bernardelli, assentado em colossal bloco de granito bordado de guirlandas de

bronze, os cantos arrematados à romana. Um dos mais belos monumentos da cidade, quiçá do Brasil inteiro.

Bernardo Pericás Neto (1941-2015) foi embaixador do Brasil em Washington, junto à OEA, na União Europeia, no Uruguai, junto ao Mercosul, no Reino da Bélgica, no Haiti, no Paraguai e em Cuba. É um dos muitos jovens paranaenses de sucesso na *carrière*. Porta-voz do Itamaraty no final da Ditadura Militar, foi responsável pela abertura das informações da nossa política externa para a imprensa: “Um democrata convicto em tempos sombrios”. Seu primo-irmão, Ministro Ronaldo Sardemberg, também de família paranaense, já embaixador do Brasil na ONU, é outro bom exemplo. Também de Curitiba a embaixadora Lígia Scherer, irmã do ornitólogo Pedro Scherer, responsável pela abertura da Embaixada do Brasil junto à Palestina, em Ramalah. Três curitibanos, herdeiros do ideal de Rio Branco, Joaquim Nabuco e Santiago Dantas, nas lides em defesa do Brasil.

O Barão do Rio Branco, que alguém já chamou de *deus terminus* na definição das nossas fronteiras nacionais, conhecia profundamente os termos do Tratado de Utrecht (1715), do Tratado de Madri (1750) e do Tratado de Santo Ildefonso (1777).

Em 1803, quem esteve em Curitiba foi Martim Francisco Ribeiro de Andrada, irmão de José Bonifácio. Em poucas linhas, descreveu nossa Vila: *Suas casas são muito brancas e asseadas, o que igualmente acontecia com suas igrejas, que não passavam de três ou quatro [...]*.

Cinco anos depois, a Corte dos Bragança trouxe para o Brasil plêiade de sábios naturalistas, cronistas, pintores e arquitetos. Seja fugindo das tropas conquistadoras de Napoleão, transferindo-se para o Brasil (1808), atravessando o oceano Atlântico protegida por navios da Armada Britânica, seja nas comitivas das noivas imperiais, d. Leopoldina de Habsburgo e d. Amélia de Leuchtenberg e Eischstädt, as duas esposas do feroz imperador Dom Pedro I.

Entre os que vieram, o notável pintor e naturalista alemão Johann Moritz Rugendas (1802-1858), que viajou por todo o Brasil, pintando os povos e costumes que encontrou, mais seus companheiros da Missão do Barão Von Langsdorf, o pintor nascido em Nice, Hércules Florence (1804-1879), e o pintor parisiense Aimé-Adrien Taunay (1803-1828).

Tanto Debret quanto Rugendas fixaram em óleo sobre tela o momento histórico do desembarque da princesa Leopoldina de Habsburgo no Rio de Janeiro.

Também vieram para o Brasil o pintor austríaco



(em cima) Inauguração da estátua do Barão do Rio Branco (escultura de Rodolpho Bernardelli), em 19 de dezembro de 1914, na atual praça Generoso Marques. Coleção Julia Wanderley. Casa da Memória de Curitiba.

(embaixo) Tiro de Guerra Rio Branco, rua da Liberdade, atual rua Barão do Rio Branco, em frente ao Palácio do Governo. Coleção Júlia Wanderley.



Thomaz Ender – na comitiva de dona Leopoldina –, e o naturalista Von Martius, que depois seria professor de brasilidade, ainda na Europa, da futura imperatriz dona Amélia, a pedido da rainha, sua mãe.

De Thomaz Ender lembro-me de ter lido, no diário da Imperatriz Leopoldina, que adorava pintar paisagens do Brasil sobre fundo azul, ao invés do fundo negro usual na pintura clássica europeia. Isso porque o azul potencializava a exuberante luz do país.

Sábios como esses, no alumbramento da intensa luz desses trópicos, produziram farta documentação da Terra e da Gente que fomos, no momento da instalação da Corte no Rio de Janeiro e após a aurora da Independência, no nascimento da *Nação Brasileira*.

O mais notável desses artistas estrangeiros foi Jean-Baptiste Debret (1768-1848). Pintor, desenhista e professor francês, nasceu e morreu em Paris. Brilhou sua estrela no Rio de Janeiro e nos sertões do Brasil do sul. É dele o primeiro retrato de Curitiba.

Debret chegou aqui em 1816, num grupo numeroso, com o arquiteto Grandjean de Montigny, integrando a Missão Artística Francesa que foi convocada pelo então príncipe-regente, depois monarca Dom João VI. A migração foi planejada por Antônio de Araújo e Azevedo, o conde da Barca, que escrevera ao Marquês de Marialva, embaixador de Portugal em Paris, pedindo-lhe que cuidasse da vinda de uma missão artística ao Brasil.

Esses artistas franceses, órfãos do patronato de Napoleão, aniquilado por seus adversários, tiveram de sair de Paris.

Criaram no Rio de Janeiro uma pioneira Academia de Artes e Ofícios, depois transformada por Dom Pedro I em Academia Imperial de Belas Artes. Nessa escola, sob a intensa luz dos trópicos, um dos mestres de pintura e composição foi Debret. Teve, ali, entre seus melhores alunos, Manuel de Araújo Porto-Alegre e Augusto Müller.

Debret fez o esboço contendo os pavilhões do Reino Unido de Portugal, Brasil e Algarves. Planejou em detalhes a coroação de Dom João VI em 1818, no Rio de Janeiro. Continuou servindo seu filho, D. Pedro I, após a independência. Diferentemente do que reza lenda recente – falando de o verde da bandeira nacional representar nossas florestas e o amarelo do ouro das nossas minas –, as cores escolhidas por Debret ins-

piram-se no verde heráldico da casa real portuguesa de Bragança – donde descendia dom Pedro I, e no amarelo da casa imperial austríaca de Habsburgo – donde descendia a Imperatriz d. Leopoldina.

Na corte carioca, o artista francês definiu a cenografia de faustosas cerimônias, a estética de condecorações e bandeiras, os adereços dos esplendores da realeza. Dele, são o famoso manto cerimonial dos Imperadores do Brasil, em veludo azul-noite rebordado de estrelas, arrematado pela imensa pelérine de plumas de papo de tucanos; a Coroa e o Cetro; as luminárias do dia da Coroação do Imperador, feitas em forma de abacaxis lascados com losangos; e as Indumentárias dos Dragões da Independência, dos clérigos proeminentes, dos Magistrados e Oficiais de Justiça, e até das Imperiais Irmandades Católicas.

Fez ainda glorietas, altares, panos de balcão, baldaquinos, pórticos cerimonais e até o *teatro das sombras*, com as pompas fúnebres para a rainha dona Maria I, a imperatriz Leopoldina e príncipes que morreram de febres palustres e estão enterrados na Igreja da Ordem Terceira de São Francisco, no Largo da Carioca.

Debret também dedicou-se a minucioso relato visual de tudo o que via nesses trópicos. Fez a etnografia das tribos indígenas e dos escravos das diferentes nações africanas. Pintou a flora, a fauna, paisagens, usos e costumes, no sertão e na cidade. Vestimentas e adornos, interior de casas grandes, senzalas e engenhos. Retratou fidalgos em chinelas, irmãos da Misericórdia, ministros



Desembarque da Princesa Dona Leopoldina von Habsburg no Rio de Janeiro. Jean-Baptiste Debret, 5 de novembro de 1817.



Jean-Baptiste Debret. Primeiro registro iconográfico da cidade de Curitiba. 1827. Coleção Newton Carneiro, Acervo Casa da Memória

do Reino. Sinhás em liteiras e cadeirinhas, tropeiros, senzalas e troncos de castigo, grilhões e máscaras de disciplina. Escravos aguadeiros, agricultores, mercadores, boticários, foliões.

Por volta de 1825, pintou suas águas-fortes, hoje confiadas à Seção de Estampas da Biblioteca Nacional.

De 1826 a 1831, alternou o ofício de professor de pintura histórica na Academia Imperial de Belas Artes com viagens ao interior do Brasil, chegando ao Paraná.

De volta à França, em 1831, Debret publicou sua monumental obra *Viagem Pitoresca e Histórica ao Brasil* (1834-1839), documentando a natureza, as pessoas e a complexa sociedade brasileira no início do século XIX. O livro é dividido em 3 tomos: no primeiro, publicado em 1834, são retratados os índios, a mata brasileira, a exuberante flora nativa. O segundo tomo, que veio a lume em 1835, revela escravos negros, o cotidiano urbano, a agricultura colonial, as casas grandes e as senzalas. Já o tomo terceiro, de 1839, trata de cenas de festejos, cortejos, procissões e folguedos populares do nascente Império brasileiro.

São também da autoria de Debret muitas imagens da sua expedição ao Sul do Brasil, que o colecionador Newton Carneiro ensinou não foram reproduzidas na obra *Viagem Pitoresca e Histórica ao Brasil*.

Newton nos legou, conservada em sua preciosa coleção de *Arte Paranaense anterior a Andersen*, a aquarela que é considerada a primeira imagem da Vila de Curitiba, datada de 1827.

Em primeiro plano um escravo pedreiro, com barrete frígio vermelho, lavrando pedras que podem ser tanto da Capela de São Francisco de Paula (1809) como da igreja do Rosário (1737). Depende de como se lê a perspectiva. Adiante, o arruamento do centro histórico, com a ladeira de São Francisco, o Largo da Ordem, até o Largo da Matriz, que aparece vista de fundos, trancando a rua Fechada.

Vê-se ainda o sobrado da Casa da Câmara e Cadeia e o casario de uma Curitiba com cerca de 10.000 habitantes. Em terceiro plano, a aquarela de Debret revela os charcos e as matas ciliares dos rios formadores do Iguaçu. No horizonte, brilha em azul a Serra do Mar, a cordilheira cedendo nas curvas das três gargantas: Graciosa, Itupava e Arraial.

A paisagem fixada pelo olhar de Debret ilustra as descrições contemporâneas de outro francês, o naturalista, viajante e cronista Auguste de Saint-Hilaire (1779-1853), que permaneceu no Brasil de 1816 a 1822.

Seu relato *Viagem pela Comarca de Curitiba* foi



publicado por mim na *Coleção Farol do Saber*, em 1995. Fábio Campana, na orelha do livro, escreveu que *Saint-Hilaire revela um tardio espírito renascentista, capaz de se abrir para a tonalidade do mundo sensível que o circundava. Com o mesmo olhar taxionômico com que coletava e estudava uma vastíssima amostra de nossa flora, Saint-Hilaire debruçou-se sobre os usos e costumes dos colonos, descendo a minúcias, como mobiliário, tipo de habitação, ferramentas, indumentárias, práticas produtivas, vida espiritual, aspectos urbanos, mentalidades.*

Vamos ao que viu e narrou o viajante francês:

[...] Curitiba foi construída numa das partes mais baixas de uma vasta planície ondulada que, como já vimos, apresenta uma agradável alternativa de matas e campos e é limitada do sul ao nordeste pela Serra de Paranaguá. A cidade tem uma forma quase circular e se compõe de 220 casas (1820), pequenas e cobertas de telhas, quase todas de um só pavimento, sendo, porém, um grande número delas feitas de pedra. Cada casa, como em Minas e Goiás, possui o seu quintal, mas, nestas espécies de pomares não se vê apenas bananeiras, mamoeiros ou cafeeiros, e sim macieiras, pessegueiros, e se costuma plantar outras árvores frutíferas da Europa.

As ruas são largas e bastante regulares, algumas totalmente pavimentadas, outras calçadas apenas diante das casas. A praça pública é quadrada, muito grande, e coberta por um relvado.

As igrejas são em número de três, todas feitas de pedra. A que mais se destaca é a Igreja Paroquial, dedicada a Nossa Senhora da Luz; ela é construída isoladamente, na praça pública [antigo Largo da Matriz, hoje Praça Tiradentes], mais perto de um de seus lados do que de outros, prejudicando a harmonia e sua regularidade. A Igreja não tem torre, nem sino. A Capela-Mor e seus dois altares laterais são bastante bonitos e bem ornados, a nave é elevada e tem cerca de trinta passos de comprimento, mas não tem abóbada, nem forro, e é inteiramente nua [...].

As duas outras igrejas que Saint-Hilaire refere são a Igreja da Ordem Terceira de São Francisco das Chagas e a Igreja de Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos de São Benedito, ambas com assentamento no Livro do Tombo da Matriz como concluídas em 1737. Os dois altares laterais da Matriz que Saint-Hilaire elogia como esplêndidos, desde 1996 são conservados no meu Memorial de Curitiba, na Capela dos Fundadores. Num deles, o Papa João Paulo II celebrou a Eucaristia, na manhã de domingo 6 de julho de 1980, quando visitou nossa capital.

Continuemos com o relato da Curitiba de 1820, na visão de Saint-Hilaire:



Auguste de Saint-Hilaire (1779-1853), retrato em litografia.

Vê-se em Curitiba duas fontes de pedra sem nenhum ornamento. Abaixo da cidade passam dois córregos, cujas águas são usadas por seus habitantes. Um deles, que tem uma ponte feita de tábuas, corta a Estrada de Castro. Existem também em torno da Vila algumas nascentes de água, muito boa, que são de bastante utilidade para seus habitantes.

Além das três igrejas que mencionei, vê-se a uma centena de passos de Curitiba, uma Capelinha construída no alto de um outeiro que domina não só a cidade como uma parte da planície, e de onde se descortina uma bela vista. [...]

As duas fontes de pedra eram chamadas “cariocas”, palavra tupi que significa “casa para proteger a água”, que havia em olhos d’água, no Largo da Ponte do Ivo, ou Largo da Carioca de Baixo, atual praça Zaccarias; e no descampado Largo da Carioca de Cima, que viria a ser a nossa praça Dezenove de Dezembro.

A capelinha no outeiro é aquela dedicada a São Francisco de Paula, cuja construção, segundo os registros do Tombo da Matriz, deu-se entre 1799 e 1809. Em 1811, o vigário colado de Curitiba, padre Barboza de Brito, atendendo provisão do Bispo de São Paulo, Dom Mateus d’Abreu Pereira, benzeu



Primitiva igreja de São Francisco de Paula em Curitiba. Ruínas de São Francisco.

aquele templo contra as pestes, nele entronizando bela imagem em cedro entalhado, com resplendor de prata, do santo padroeiro. Reza a lenda que, em tempos de seca, os fiéis levavam a imagem em cortejo para, já em seguida, o céu escurecer com propiciatórias chuvas.

O benfeitor da igreja era o coronel Manoel Gonçalves Guimarães, que pretendia ampliá-la, além da capela-mor. Suas doações estimulavam a lavra de pedras naquele alto, e seu empilhamento, em alvenaria lusitana, na muralha com três portas que hoje conhecemos como *Ruínas de São Francisco*. Com sua morte, em 1815, as obras foram interrompidas. Em 1914, o prefeito Cândido de Abreu permutou a área com a Diocese pelo terreno da atual Igreja Paroquial de São Francisco de Paula, na rua Saldanha Marinho com Desembargador Motta. Lá, em templo de linhas românicas, a antiga imagem de São Francisco de Paula segue sendo venerada. Para a nova igreja, muito contribuíram os saudosos padres Dom Jerônimo Mazzarotto, ao tempo em que era monsenhor, e Monsenhor Boleslau Falarz, de quem fui coroinha, na Catedral. Monsenhor Falarz só terminaria a Igreja em 18 de março de 1949. Voltemos a 1820, com o relato de Saint-Hilaire:

Curitiba mostra-se tão deserta, no meio da sema-

na, quanto a maioria das cidades do interior do Brasil. Ali, como em muitos outros lugares, quase todos os seus habitantes são agricultores que só vem à cidade nos domingos e dias santos, trazidos pelo dever do ofício Divino.

Em Curitiba e nos seus arredores há um número muito pequeno de pessoas abastadas. Eu vi o interior das principais casas da cidade e posso afirmar que, nas outras cabeças de Comarca, ou mesmo de Termos de Vila, não vi nenhuma casa pertencente às pessoas importantes do lugar que fosse tão pouco arrumada assim. As paredes eram simplesmente caiadas e o mobiliário das pequenas salas onde se recebia tinha apenas uma mesa e alguns bancos.

Entretanto, havia em Curitiba várias lojas muito bem abastecidas. Os negociantes traziam suas mercadorias diretamente da Capital do Império, mas só as vendiam aos fazendeiros do distrito, porque os comerciantes das cidades vizinhas também se abasteciam no Rio de Janeiro. Com exceção das fazendas secas [mercadorias secas], dos armarinhos, dos tecidos e dos utensílios, o sal era o artigo de mais alto custo, devido ao seu grande consumo pelo gado.

A cidade de Curitiba enviava ao Porto de Paranaguá, situado abaixo dela, toucinho, milho, feijão, trigo, fumo, carne seca e mate, sendo este último consumido em parte no litoral e, em parte, despachado para as cidades de Buenos Aires e Montevideú, impossibilitadas de receberem este produto do alto Paraguai, devido à situação política.

Entre os artigos de exportação não posso deixar de mencionar uma certa quantidade de gado que Curitiba vendia a São Paulo ou ao Rio de Janeiro [...].

Mais adiante, Saint-Hilaire descreve seu alubrimento pela beleza da paisagem, a geografia da Serra, do Planalto Curitibano, a mata nativa das araucárias:

[...] Não podia existir nada mais encantador do que a posição da chácara onde eu me achava alojado. Situada numa colina, a pouca distância de Curitiba. Ela domina toda a planície onde a Vila está construída. O horizonte é limitado pela Serra de Paranaguá, que forma um semicírculo e cujos cumes ora se mostram arredondados, ora se projetam como pirâmides. A planície é ondulada, e nela se alternam agradavelmente campos verdejantes e matas no meio das quais ressalta sempre a pitoresca e imponente Araucária. À esquerda vê-se a entrada de um bosque, uma lagoa à beira da qual há algumas casinhas, e, ao longe, se avista, a sudeste, a Paróquia de São José dos Pinhais. A Vila de Curitiba não fica mais à vista, situada numa baixada, ela fica oculta por uma pequena colina, no topo da qual foi erguida a capela [de São Francisco de Paula] a qual já mencionei no começo deste capítulo.

Passei nove dias em Curitiba cumulado de gentile-





Desenho de Rugendas. Paisagem com araucária e tropeiro numa serra do Brasil.

zas pelo capitão-mor e pelos principais moradores. Não há dúvida de que, desde que cheguei ao Brasil, em nenhum outro lugar; eu tinha recebido melhor acolhida. Nos primeiros dias da minha chegada as pessoas mais ilustres da região vieram visitar-me, conforme o antigo costume. E antes de partir não deixei de lhes agradecer

O capitão-mor de Curitiba, sobre quem já falei bastante, era um excelente homem, jovial, franco, prestimoso, e parecia muito estimado por todo mundo. Ele me cumulou de gentilezas e, a despeito de minhas objeções, fez questão absoluta de que eu comesse todos os dias em sua casa. Mencionarei de passagem, que o jantar começava sempre, como na França, por uma sopa com pão, o que eu não tinha visto em nenhum lugar desde que chegara ao Brasil.

Morava na casa do capitão-mor uma moça de Guarapuava, pertencente a um desses povos indígenas que tem o hábito de fazer uma pequena tonsura ao redor da cabeça, e que por isso os portugueses chamam de “coroados”. Essa mulher me ditou algumas palavras de sua língua e, em seguida, li estas palavras para uma outra mulher da mesma nação, corrigindo os erros que me havia escapado. Era o método que sempre seguia quando possível.

[...] Quando eu estava em Curitiba o tempo se tornou chuvoso, eu me vi obrigado a permanecer na cidade até o dia 22 de março. Com efeito, não somente a Serra não deve ser atravessada senão com bom tempo, como também não é prudente atravessá-la logo depois de uma chuva forte.

No dia marcado para a partida, os homens que eu havia alugado para nos transportarem com nossos pertencentes até Paranaguá se apresentaram, mas tiveram grande dificuldade para dividir o conjunto da bagagem entre as mulas e em carregá-las. De fato, não há como os mineiros para entender desse trabalho. Em todo o sul da Província de São Paulo as cangalhas são feitas sem nenhum cuidado e ferem as mulas. Além do mais, para a menor das viagens, quando se poderia resolver o transporte, por exemplo, com dois animais

de carga, levam seis [...].

Como eu parti muito tarde, não pude fazer mais do que uma légua no primeiro dia. Atravessei uma parte da vasta planície ondulada, cortada por matas e campos, que se estende desde Curitiba até a Serra, e parei num pequeno sítio denominado Bacacheri, nome derivado das palavras guaranis “vaca” e “ciri”, que significam “Vaca que escorregou”.

Há uma tradição oral em Curitiba, atribuída ao tempo do estabelecimento da colônia francesa Argelina (1869) no Bacacheri, de que o nome daquele nosso bairro tradicional seria *La Vache Chérie*. Na memória folclórica, há traços da história. Temos uma vaca e um francês. No caso o ilustre Saint-Hilaire. Mas a querência fica apenas no bem-estar que ele sentiu na nossa terra. No caso, para ele, Bacacheri é ‘vaca que escorregou’. Ermelino de Leão, no seu *Dicionário Histórico do Paraná*, diz que Bacacheri quer dizer ‘rio pequeno’ na língua tupi.

A estadia de Auguste Saint-Hilaire em Curitiba termina com o relato de sua viagem serra abaixo. No seu livro, ele escreve que o itinerário entre Curitiba e o porto de Paranaguá durou seis dias. No primeiro dia, andou apenas uma légua, da Matriz ao Bacacheri. No segundo dia, andou quatro léguas e chegou à antiga fazenda dos padres jesuítas, chamada de Borda do Campo. No terceiro, andou três léguas e chegou ao lugar de pouso chamado Pinheirinho, onde dormiu ao relento. Depois, no quarto dia andou até Morretes, mais quatro léguas. No quinto chegou a Camiça, andando apenas duas léguas. No sexto dia, após mais 4 léguas, chegou finalmente a Paranaguá.

Não foi pouca coisa o célebre Auguste François Cesar Prouvençal de Saint-Hilaire. Botânico naturalista e viajante francês, nasceu e morreu em Orleans. Viveu de 1779 a 1853. Nunca descobri como e porque chamam-se “Saint-Hilaire” calças que uso, apregoadas, convenientes para gordos e fortes, comercializadas pela cadeia de lojas *Big & Tall* em Nova York e nas principais cidades dos EUA. Feitas em cor cáqui, com tecido desenvolvido pela Nasa, evocam o uniforme dos exploradores da selva tropical. Seria por isso?

Saint-Hilaire viajou alguns anos pelo Brasil, tendo escrito importantes livros sobre os costumes e paisagens brasileiros do século XIX. Chegou aqui em 1816, acompanhando a missão diplomática do duque de Luxem-

burgo, com o propósito de resolver o conflito que opunha Portugal e França quanto à posse da Guiana, a partir do porto setentrional de Caiena. Apesar de ter conseguido fazer parte da missão graças a suas relações pessoais, Saint-Hilaire obteve a aprovação do Museu de História Natural de Paris e financiamento do Ministério do Interior. Deixou o Brasil só em 1822.

Sabia que o conhecimento da Natureza do Brasil poderia ser benéfico à França, por conter uma infinidade de plantas úteis ainda mal conhecidas. Seria ele um biopirata, dedicado à espionagem botânica? Ao chegar ao Rio, Saint-Hilaire pediu a *monsieur Maller*, côsul francês, que o ajudasse a remeter produtos naturais para a Martinica.



Aquarela de Jean-Baptiste Debret (1768-1848). Escravos de naturalistas carregando amostras científicas de flora e fauna do Brasil.

Também convenceu o botânico frei Leandro do Sacramento a enviar plantas à Martinica e a Caiena. São 21 caixas de plantas vivas originárias dos arredores do Rio de Janeiro que seguem para as colônias francesas.

Tratava-se, provavelmente, para ele, de algo plenamente justificável, uma troca e não um roubo, pois sendo útil aos franceses, estaria ao mesmo tempo sendo útil aos brasileiros. Conhecimentos apenas empíricos passariam a fazer parte do universo da ciência.

É com esse objetivo que Saint-Hilaire publicou os livros *Histoire des plantes les plus remarquables du Brésil et du Paraguay* (1824) e *Plantes usuelles des Brésiliens* (sic) (1824-

1828). Em obra posterior, de 1840, Saint-Hilaire afirma: *Talvez não tenha sido inútil aos meus semelhantes, quando submeti aos princípios rigorosos da ciência o exame das plantas que os brasileiros empregam para o alívio de seus males.*

Entre suas obras, além da expedição ao Sul do Brasil, passando pelo Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul, estão outros relatos de viagens ao interior do Rio de Janeiro, São Paulo, Minas Gerais, Espírito Santo, Vale do Rio Doce, Sertão de Goiás e nascentes do rio São Francisco.

No texto *Voyage dans le District des Diamants et Sur le Litoral du Brésil*, publicado em Paris, em 1833, Saint-Hilaire escreveu: *Desde os primeiros momentos da revolução (Independência), um bando de homens ignorantes, nutridos dos hábitos do servilismo, foram chamados bruscamente a participar do governo.* Criticava os vícios do sistema colonial escravocrata, desiludido com Dom Pedro I, a quem considerava inócuo, apesar de bem intencionado. Depositava suas esperanças no futuro governo, do imperador ainda menino, Dom Pedro II.

Voltando ao olhar dos viajantes sobre nosso Paraná, o pintor Jean-Baptiste Debret também fez outras representações em aquarela do porto e de Paranaguá, da Vila Nova do Príncipe (hoje Lapa), de Palmeira, Ponta Grossa, Castro, Tamanduá e Jaguariáiva. E ainda do Passo do rio Itararé, na fronteira entre o Paraná e São Paulo, bem como de uma tropa de mulas fazendo travessia do rio Jaguaricatu. Tais originais foram conservados nas coleções dos Marqueses de Bonneval e da família Taunay – através de Augusto



Aquarela de Jean-Baptiste Debret (1768-1848). Escravos de naturalistas carregando amostras científicas de flora e fauna do Brasil.



d'Escragnolle Taunay –, em São Paulo, de Raimundo de Castro Maia, no Rio de Janeiro, e de Elza e Newton Carneiro, em Curitiba.

Há a deliciosa descrição dos curitibanos, por Salvador José Correia Coelho, juiz de Direito e Deputado Provincial em São Paulo, nascido na Lapa em 1825, que, no livro *Passeio à Minha Terra*, publicado pela primeira vez na pauliceia em 1860, é considerado o primeiro escritor nascido no Paraná – já que Antonio Vieira dos Santos, cronista de Paranaguá e Morretes, era nascido no Porto, em Portugal. Salvador Correia Coelho passou por Curitiba, entre Piratininga e a Vila Nova do Príncipe, em 1844, registrando boas impressões:

A cidade é pequena, tem algum negócio de erva-mate, edifícios de pedra e cal; mocidade gentil, o sexo delicado eminentemente agradável, formoso, e cheio de espírito. [...] No dia seis passamos o Iguaçu, o maior rio da província do Paraná; ele vai regando até que confunde as suas águas com as do Paraná. Além de Curitiba, distância de três léguas, encontramos a “Capela Curada de Tindiquera” [Araucária], povoação de pouca monta, situada à borda de uma floresta [...].



Fotografia de um retrato a óleo de Robert Christian Barthold Avé-Lallemant (1812-1884), médico e explorador alemão. Acervo Santa Casa de Misericórdia do Rio de Janeiro.

O relato de viagem de Salvador Coelho é um dos 32 volumes da minha *Coleção Farol do Saber*, publicada pela Prefeitura de Curitiba entre 1995 e 1996, para resgate e popularização dos livros raros da chamada “Estante Paranista” entre a mocidade estudiosa de Curitiba. Eu, menino, tinha em casa uma

edição singela do mesmo livro, promovida pelos paranistas Júlio Estrela Moreira e Newton Carneiro.

Também publiquei, na *Coleção Farol do Saber*, aquele que seria o primeiro relato descritivo do Paraná após nossa emancipação política, a *Viagem pelo Paraná*, de Robert Avé-Lallemant.

Dos estrangeiros que, na época, se desbruçaram sobre os problemas brasileiros, Avé-Lallemant é o mais questionador de nossas tradições e costumes. Em 1858, passou por aqui. Lemos na sua *Viagem pelo Paraná*:

[...] o Sete de Setembro é, em todo o Brasil, o dia da Independência e é festejado em toda parte como a principal festa nacional. Quando passei por Curitiba ali se organizou um baile gigantesco, para a véspera do Sete de Setembro, e a diretoria teve a amável atenção de convidar-me para a festa.

Por mais difícil que me fosse preparar-me para a solenidade, por ter acabado de chegar de uma picada na mata, fui à festa, com muito boa vontade e prazer: O baile realizou-se no novo edifício do Liceu.

Diante da casa, grinaldas, guardas e iluminação! Nas bonitas salas do Liceu, vestidos de seda, diamantes, música, bastante luz! Uniformes da Guarda Nacional e do Exército regular; espadas, decorações nas salas e corredores; na verdade, quem chega das brenhas da Serra Geral e só em Curitiba encontra uma cama em ordem não pode eximir-se de alegre espanto ao ver desfilar ante seus olhos esses requintes de grandeza mundana e elegância.

Pelas oito horas estavam reunidos os lápitas da cidade e os próceres dos campos, na melhor concórdia, embora me tivessem afirmado que o velho ódio de Santa Luzia e Saquarema ainda continuava ardendo debaixo dos coletes dos curitibanos e talvez este ódio ainda agitasse mais de uma saia-balão das damas presentes. [...]

Alusão do cronista à presença na Curitiba de 1858 de Saquaremas, membros do partido Conservador, e de Luzias, membros do partido Liberal brasileiro no Império. Daí o dito popular, que vale até o Brasil de 2016: *Não há nada mais conservador que um Luzia no poder...*

As crônicas de História Política do Paraná referem que, antes da chegada do Presidente Zacarias de Góes e Vasconcellos (1853), chegou a haver sangrento embate numa eleição em São José dos Pinhais, entre Luzias e Saquaremas, ou Farrapos (liberais) e Cascudos (conservadores).



Vista de Curitiba em 1855. Aquarela de John Henry Elliot (1809-1884).

O Governo Central, através do Ministro Luís Pedreira de Couto Ferraz, menciona a animosidade entre os dois grupos nas *Quinze Instruções sobre como Góes e Vasconcellos deveriam governar o Paraná.*

Continua Avé-Lallemant:

[...] Chegou ao baile o presidente com a família e recebeu as saudações do costume e depois foram dados os vivas usuais à festa do dia. Em seguida um velho sacerdote leu aos jovens, que aguardavam impacientemente o começo do baile, um longo discurso sobre o valor e grande significação da Independência – discurso a que se seguiram sonetos de dois fogosos poetas. Eu não podia aquilatar o valor dessas poesias, mas em milhares de casos o soneto tem a especial vantagem de só ter 14 linhas. Mesmo em muitos sonetos de Petrarca muito apreciei essa boa qualidade.

Vieram depois os alegres sussurros, cochichos, sorrisos e carícias do baile! Iris esparge as suas belas cores através dos salões; segundo o compasso da música, que poderia ter sido um pouco melhor; esvoaçavam elas graciosamente, como num caleidoscópio. Estavam nos salões do Baile umas cem damas, nas mais elegantes “toilettes”. Entre elas nenhuma beleza propriamente dita. Muitas bonitas e todas, naturalmente, amáveis!

As amáveis curitibanas que se achavam nos salões eram quase todas senhoras casadas. Senhoritas havia muito poucas. Casam-se logo que são núbeis, antes de deixarem a escola, e acabam de crescer com seus filhos. Estavam presentes vários exemplares dessas senhoras jovens, que ainda não haviam abandonado completamente a infância. Uma senhora de quinze anos parecia um lírio murcho.

Parece-me que esse uso do casamento infantil denuncia uma profunda desmoralização.

Com alegria eu pensava nos jovens casais da Mata do Campo Largo: parecia que eles não podiam

deixar de casar-se; os do salão, como se tivessem sido obrigados a casar:

Pelas duas horas depois da meia-noite foi servida uma bela ceia. O baile durou até pelas quatro horas da manhã. A presença do presidente Liberato de Mattos e a amabilidade do educado homem contribuíram particularmente para animação da festa. A sua senhora era uma figura muito elegante e de muita vivacidade. Ambos são da Bahia, onde Liberato de Mattos foi chefe de Polícia.

Entre os cavaleiros presentes, todos aqueles com quem conversei, eram homens polidos e bem educados; deles só posso falar bem, e muito bem. E se me pareceu que, em alguns homens e mesmo senhoras, a roupa festiva não assentava bem e que não estavam ininterruptamente acordes com as melhores formas e maneiras sociais, não devo, entretanto, ocultar que o conjunto me surpreendeu extraordinariamente. Esse não é só a confissão do hóspede amavelmente convidado para a festa, como também é a do viajante que opina com imparcialidade [...].

Naquele dia memorável, [...] até o notável eclipse solar daquele Sete de Setembro me escapou. Precisamente no momento mais importante o céu se cobriu de nuvens. Ficou tão escuro que, no meu quarto, normalmente tão claro, eu não podia mais escrever; e queria acender a luz. Em alguns lugares livres do céu foram vistas estrelas. Quando o sol, de novo, ficou livre das nuvens, estava oculta somente cerca da terça parte do disco solar; não oferecendo grande interesse.

Quase não preciso dizer que também o Oito de Setembro foi festejado em Curitiba, em geral como o importante dia da Virgem Maria. A praça da Igreja esteve particularmente interessante neste dia. Constitui a praça uma grande campina verde, de forma quadrada, emoldurada de casas térreas.

No seu centro se acha a Igreja Matriz da Cidade.





Curitiba em 1866. Aquarela de Joseph Keller. Coleção Elza e Newton Carneiro. Acervo Casa da Memória.

Precisamente se celebrava a Missa Solene com música; a Igreja estava cheia de gente, de modo que apenas se podia olhar para dentro. Parece ter chegado muita gente dos arredores. A multidão que estava na praça verde da Igreja, na maioria em cavalos ricamente ajacizados, dava uma boa impressão, embora os cavalos em geral fossem medíocres [...].

Avé-Lallemant registra ainda suas opiniões sobre o abastecimento da Cidade, antes da fartura decorrente da interação entre os ciclos econômicos do mate e do pinho e a prosperidade dos colonos imigrantes. Esse tempo de fartura viria depois.

Diz o viajante alemão: [...] *Em Curitiba, capital de uma província célebre pela sua criação de gado, sempre encontrei manteiga velha, e mesmo rançosa, aliás recebida da Inglaterra. O queijo que vi era da Holanda. O leite, às vezes, é um artigo caro; às vezes não se encontram ovos e mesmo a carne é cara. Querendo-se alugar ou comprar um cavalo, depende de felizes circunstâncias se se chega à compra ou ao aluguel, pois entre uma coisa e outra, a vantagem é desprezível. [...]*

Ao amanhecer do dia 10 de setembro, mandei meu criado em busca de burros ou cavalos, pois eu devia partir sem falta, porque no mesmo dia descia para a Costa o Correio – último sinal de partida do navio para o Rio. [...] A manhã era admirável. Escoltaram-me o doutor Schmidt, Stellfeld, o meu velho hóspede Teodoro Gaspar; e ainda um digno alemão, ou, melhor, brasileiro de origem alemã, Agener: Em tropel saímos da cidade [...].

Depois de viajar pelo Paraná, Robert Christian Barthold Avé-Lallemant (1812-1884) fez expedições ao rio Amazonas, às províncias da Bahia, Pernambuco, Alagoas e Sergipe, documentadas também em livros. Foi médico humanitário na Santa Casa de Misericórdia do Rio de Janeiro. Terminou seus dias na cidade onde nasceu, Lübeck, em 10 de outubro de 1884.

Lübeck, da Liga Hanseática, é a terra do marzipan, deliciosa pasta de amêndoas, açúcar e ovos. A iguaria de origem árabe chegou à Alemanha do norte pelas mãos dos Cruzados, a partir da Sicília, memória do Sacro Império Romano Germânico. O marzipan é fabricado ali desde 1407, mas o selo de qualidade só foi conferido pelo Senado local aos confeitores em 1800. Na Curitiba do começo do século XX, a Confeitaria Kroener fabricava e oferecia delícias de marzipan, em caixinhas. Os pães de amêndoas eram apreciados como bolo de batizado e primeira comunhão.

Nossa evolução urbana seguiu sendo documentada por aquarelas e gravuras, todas chamadas de “Vistas de Curitiba”. A mais célebre é a da já capital da Província do Paraná, a Curitiba de 1855, retratada pelo cartógrafo norte-americano John Henry Elliot (1809-1884), que veio ao Paraná fazer levantamentos topográficos para João da Silva Machado, o Barão de Antonina.

Esse foi o nosso único Barão com foros de grandeza, admitido pela Corte Imperial, entre os pares do Reino. Tinha braço coroadado. Dom Pedro II era-lhe grato por ter segurado a Revolução Liberal Paulista de 1842 e a Revolução Farroupilha Gaúcha de 1835, mantendo a neutralidade da Comarca de Curitiba. No seu gesto, os historiadores veem uma das motivações políticas da emancipação do Paraná de São Paulo. O Barão era gaúcho de Taquari, onde nasceu em 1782, tropeiro, fazendeiro e empresário, criador de pioneira siderurgia, responsável pelo loteamento do aristocrático bairro dos Jardins, em São Paulo, sua antiga fazenda. Primeiro senador vitalício do Paraná, foi

sepultado no Cemitério da Consolação em 1875.

Foi sucedido pelo irmão mais velho do Barão do Serro Azul, Conselheiro Manoel Francisco Correia (Neto) (1831-1905), que recusou de Dom Pedro II o título de Barão de Curitiba. Esse nobre paranaense foi um dos mais destacados defensores, no Senado do Império, da Lei do Ventre Livre. Chegou a Presidente da Província de Pernambuco. Quando eleito senador nas freguesias paranaenses, então com 46 anos, era o mais jovem dos senadores do Império.

A visão de Elliot, de traços rudimentares – pois aprendera a desenhar na Academia Naval dos EUA –, refere nossa cidade imersa na paisagem verde e azul, cercada de pitorescos brejos e chácaras, com detalhe em medalhão para a sede do Poder Municipal, o sobrado da Casa da Câmara e Cadeia. Essa imagem teria também inspirado gravuras da *Revista do Paraná*, possivelmente litografadas por outra pessoa, que, na reprodução, embelezou os traços originais de Elliot.

Quase a mesma paisagem seria repetida pelo mesmo desenhista, dez anos depois, ressaltando uma tropeada em primeiro plano, com a diferença de que a Matriz agora tinha torres, erguidas em 1860, diz a tradição, com as pedras que fariam a igreja de São Francisco de Paula, nunca terminada.

John Elliot, diz Newton Carneiro, em *Pintores da Paisagem Paranaense*, fez o único retrato conhecido, pintura a óleo do humanitário doutor Faivre, pioneiro no sertão do rio Ivaí, mártir da colonização do Paraná e um dos primeiros médicos do Brasil Independente.

O importante volume *Pintores da Paisagem Paranaense* foi editado em 1982, no governo Ney Braga, pela Secretaria de Estado da Cultura e do Esporte, sendo o conselho editorial composto pelo secretário Luis Roberto Soares, Cecília Maria Westphalen, Cassiana Lacerda Carollo, Newton Isaac da Silva Carneiro, Aldo Almeida Júnior e Eduardo Rocha Virmond. O *copyright* pertence ao Governo do Paraná. Fizemos, o Solar do Rosário, através de sua fundadora Regina de Barros Correia Casillo, e eu, então secretário de estado e deputado, em cooperação com o Governo do Paraná, duas outras edições, em 2001 e 2005, utilizando patrocínio de empresas da Cidade Industrial de Curitiba, através da Lei Federal de Incentivo à Cultura.

Joseph Keller, também em 1865, retrataria o panorama da paisagem paranaense, a cidade de Curitiba, com a Serra do Mar por horizonte, uma imensa



Caçada da anta no rio Ivaí, desenho magnífico de Franz Keller. Coleção Elza e Newton Carneiro.

araucária por sentinela. Os engenheiros alemães Joseph Keller e seu filho Franz (1835-1890), ambos formados na Universidade de Karlsruhe, chegaram a Curitiba em 1º de janeiro de 1865.

Apresentaram-se desde logo ao presidente da Província, Conselheiro André Augusto de Pádua Fleury, que lhes forneceu instruções definitivas do governo central. Ficaram na capital poucos dias, depois partiram em expedição rumo à colônia Thereza, no alto curso do rio Ivaí, donde partiram, com 40 remadores, em cortejo de canoas. Percorreram do Ivaí ao rio Tibagi até sua foz no rio Paranapanema. Durante um ano ficaram no sertão paranaense.

Ao voltar à Alemanha, Franz Keller prestou depoimento sobre o interior do Paraná ao conhecido geógrafo Augusto Petermann: [...] *Até ali atravessáramos quase só matas tropicais e agora nos defrontamos com os Campos Gerais do Paraná, aquelas pradarias onduladas – fora dos trópicos – que avançam para o interior entre os meridianos 25º e 26º, a uma altitude média de 750 metros acima do nível do Mar e a 50 milhas da Cordilheira Marítima. Seu clima maravilhoso, sua flora característica, suas pastagens de um verde exuberante, suas baixadas e colinas semeadas de ilhas de mata, em que dominam orgulhosamente as Araucárias e algumas Palmeiras. Suas crateras de arenito, seus vales cortados no espessor das rochas, por onde serpenteiam regatos de águas cristalinas. Tudo isto deixa qualquer viajante extasiado.*

Colecionador dos originais dos Keller, o pesquisador Newton Carneiro entusiasma-se com a qualidade de ambos os artistas alemães. Mas elogia com maior força o traço de Franz Keller, filho de Joseph: *Quem está familiarizado com o acervo paranaense de Keller pode afirmar que seus trabalhos não foram superados por nenhum artista que aqui pintou, nem mesmo por Debret, tal é a perfeição dos desenhos que deixou.*

Há também a famosa imagem, pintada pelo engenheiro ferroviário britânico William Lloyd (1822-1905), trabalho de 11 x 16 cm, panorama de Curitiba em 1872, revelando o Alto de São Francisco, com o que hoje conhecemos por “Ruínas”, um dos últimos carros de bois descendo a ladeira rumo ao Largo da





William Lloyd, aquarela de 1872. Vista de Curitiba desde as Ruínas de São Francisco, com carro de bois e vista dos torreões da antiga Matriz.

Matriz, a Igreja já então um velho edifício colonial que se sobressaía com seus pesados torreões, erguidos em 1860.

Essas torres seriam derrubadas três anos depois, em 1875, ao ameaçarem ruína. Altares, alfaias e imagens da velha Igreja de Nossa Senhora da Luz foram transferidos para a Igreja de Nossa Senhora do Rosário, numa procissão que Antônio Ricardo Lustosa de Andrade descreve como pungente, com as matronas curitibanas chorosas porque seus santos e relíquias tinham que ir buscar abrigo na igreja dos Escravos.

William Lloyd era engenheiro experiente. Fez a estrada das Minas de Cobre, interesse britânico no



William Lloyd, Passagem através das Montanhas do Paraná. Coleção Elza e Newton Carneiro.

Chile, em 1864. Em seguida construiu a ferrovia que percorre os 500 km entre a cidade do México e o porto de Vera Cruz. Terminada essa empreitada, fez projetos ferroviários na Guatemala e na Argentina.

Em 1873 foi convidado pelo operoso brasileiro Visconde de Mauá para dirigir a Comissão Técnica que elaborava o projeto de uma Estrada de Ferro – até hoje inexistente – de Antonina, no Paraná, até Miranda, no Mato Grosso. Nesse Brasil ainda sem infraestrutura do ano de 2016, fica claro o elevado descortino, visão estratégica e espírito público de Mauá.

O engenheiro Lloyd sucedeu o engenheiro sueco Cristian Palm, que morreu de febre amarela no até hoje insalubre Rio de Janeiro.

No mês de setembro do mesmo ano, Lloyd chegou a Curitiba, onde permaneceu alguns dias. Deslocou-se para o noroeste do Paraná, rumo ao Mato Grosso, para dirigir os levantamentos do traçado do novo caminho de ferro. O engenheiro Thomas Bigg-Wither passa a ser seu subordinado.

Esse Thomas Plantagenet Bigg-Wither (1845-1890), da estirpe dos Plantagenetas, nobre britânico, nascido no Castelo de Tangier Park, também seria um cronista de Curitiba e do Paraná.

Seu relato de viagem *Novo caminho no Brasil Me-*



Hugo Calgan. Aquarela, 1881. Estação de diligências e Oficina da Empresa Postal, no Alto de São Francisco, em Curitiba. Coleção Julieta Cortes Fialho dos Reis.



Hugo Calgan. Aquarela, 1881. Aspecto do Rocio de Curitiba com casas de colonos alemães. Coleção Elza e Newton Carneiro.

ridional: A província do Paraná. Três anos de vida em suas florestas e campos. 1872-1875 foi publicado em Curitiba, com tradução, introdução e notas de Temístocles Linhares e nota biográfica de Newton Carneiro. O engenheiro falou sobre nossos sertões, repetidas vezes, em Londres, nas sessões da Royal Geographical Society. O livro sobre nossa terra nasceu dos apontamentos para essas conferências. Foi publicado em Londres em 1878, tendo por editor John Murray. Logo virou fonte de pesquisas acadêmicas sobre o Brasil. Chegou a inspirar personagens do novelista Thomas Hardy.

O relato inclui uma caçada de narcejas nas várzeas do Barigui e um animado almoço no Parque Cruzeiro, na Cervejaria do Leitner, famosa hospeda-

ria do então Caminho do Mato Grosso, hoje avenida Batel. O prédio, depois endereço de uma tradicional churrascaria curitibana, sobrevive até hoje, embora muito descaracterizado.

Nesse local, Bigg-Wither encontrou suposta cerveja britânica. Questionou como tão distante e empobrecido comércio conseguia a exótica bebida. Sinceramente, o taverneiro lhe disse que a bebida de malte era fermentada na avenida Iguaçu e os vistosos rótulos litografados e falsificados aqui mesmo em Curitiba.

Lloyd ficou dois anos no Paraná – um a menos que seu companheiro Bigg-Wither –, atravessando a província em diagonal rumo ao noroeste, em percurso superior a mil quilômetros no nosso território, pros-



Vista de Curitiba em 1888. Desenho aquarelado de Caroline Templin. Coleção José de Andrade Muricy, Casa da Memória de Curitiba. Revela a Catedral em construção, ainda sem telhado, mais as igrejas do Rosário e da Ordem Terceira de São Francisco.



seguindo ao sul do Mato Grosso por mais seiscentos quilômetros. Era excelente aquarelista, e nos álbuns que deixou há também desenhos do Rio de Janeiro e da Ilha de Santa Catarina. Preciosas são suas dez vistas do Paraná.

Entre estas, há uma que retrata a *Casa Grande da Colônia Thereza* e outra que revela seu interior, as únicas imagens do núcleo colonial do doutor Faivre no alto curso do rio Ivaí. Lloyd e seus companheiros ali ficaram logisticamente baseados.

Lloyd pintou ainda um “Panorama de Antonina”, abrangendo toda a cidade litorânea. Informa Newton Carneiro que todas as pinturas de Lloyd foram vendidas em leilão da Sotheby’s de Londres no ano de 1966, sendo por ele resgatadas, voltando ao Brasil.

Existe ainda o panorama de 1888, pintado pela britânica Caroline Templin. Incorporei essa aquarela ao acervo municipal da Casa da Memória, com o legado da coleção do crítico literário e musical José Carlos de Andrade Muricy. No quadro, a Catedral já aparece com suas empenas e torres atuais, mas ainda sem o telhado. Essa pianista e desenhista chegou em 1871, com o marido e os filhos, atraídos pelo projeto de colonização do Assungui, cuja estrada foi o velho nome da atual rua Mateus Leme.

A família foi acomodada em terras inóspitas no distrito do Turvo, longe da sede da colônia. Mister Templin, versado em Botânica e Ciências Naturais, foi naquele sertão espécie de médico *ad hoc* quando séria epidemia vitimou os colonos. Também ele morreu, sem receber pagamento de honorários.

A viúva e os filhos menores vieram para Curitiba. Miss Templin chegou a ser professora no Assungui, mas desistiu, devido aos repetidos atrasos de pagamento. Enérgica, fina, educada e com sólida formação, criou aqui seus filhos, impondo-se à austera sociedade curitibana, ministrando aulas particulares de inglês e desenho. Tinha excepcionais conhecimentos de Arte. Newton Carneiro diz que *sua pintura é boa e de suave colorido*. Entre seus descendentes encontram-se Percy e Lilian Templin, ela senhora Túlio Vargas.

Como já informei no capítulo referente ao patrimônio cultural gerado pelas fortunas da erva-mate, comprei da família Newton Carneiro quase todo seu acervo referente a Curitiba e ao Paraná. Conjunto de 115 peças, entre documentos iconográficos, prataria, mobiliário, livros, aquarelas com imagens de Curitiba e objetos de arte em geral, além de nove mapas e uma série de painéis fotográficos, hoje incorporados à Casa da Memória de Curitiba.



Aquarela de Lewandowski d'après Hugo Calgan. Primeira Igreja Evangélica de Curitiba, erguida em enxaimel de toras de pinho.

A Casa da Memória é endereço de preservação desde 1981, por mim organizado no âmbito da Fundação Cultural de Curitiba e do IPPUC (Instituto de Pesquisa e Planejamento Urbano de Curitiba). A Prefeitura de Curitiba construiu sua sede própria, com conveniente reserva técnica climatizada, entre 1993 e 1997.

Talvez a imagem mais intrigante do precioso acervo da Casa da Memória seja a aquarela “Sinhasinha do Cairê dando passeio para a Missa de Curitiba”, trabalho atribuído a um João Pedro Mulato, datado de 1809. No seu livro *O Paraná e a Caricatura*, Newton Carneiro lançou a tese de ser o artista gráfico curitibano João Pedro – “O Mulato” – o primeiro caricaturista ativo no Brasil. Seria esse humilde escravo curitibano o primeiro pintor brasileiro?

Essa imagem foi adquirida num leilão em Lisboa. Do mesmo autor, também, datada de dois anos antes, 1807, o conhecido retrato equestre de dois soldados, chamado “Regimento de Cavalaria de Curitiba”, possivelmente um desenho satírico.

Admirável também, no mesmo acervo, é a imagem da primeira igreja luterana de Curitiba, construção de 1876, em estilo bávaro, enxaimel de pinho, erguida onde a rua América encontrava a rua do Serrito, hoje esquina das ruas Trajano Reis com Carlos Cavalcanti. O Templo chegou a ser fotografado em chapa de vidro antes de ter que ser demolido – o madeiramento foi presa de ávidos cupins, praga desconhecida dos marceneiros germânicos.

Pastor e comunidade acabariam erguendo, em 1897, a atual Igreja do Redentor, de linhas neogóticas. A imagem dessa igreja de enxaimel chegaria até nós d’après Hugo Calgan, numa aquarela copiada por Lewandowski no século XX, acervada por Newton Carneiro.

Do mesmo pintor Calgan, pertencem ao acervo do Museu Paranaense duas outras paisagens que teriam sido pintadas *in loco* no sítio de dona Francisca Volpi, no Barigui, então ainda periferia oeste da cidade.

O alemão Hugo Calgan seria uma espécie de pioneiro do cinema em Curitiba e no Sul do Brasil. Antes de seguir para Joinville, declarou ao jornal *Dezenove de Dezembro*, em 27 de março de 1881, que *trazia a Curitiba, para exibição no grande salão do Museu Paranaense, uma versão sofisticada da Lanterna Mágica, o “Aploscópio”, aparelho elétrico que já teria sido sumamente aplaudido em Londres, Paris, Berlim e Hamburgo.*

A aquarela de Calgan, mostrando essa Igreja Luterana em enxaimel (1876), prepara o próximo capítulo da fascinante História de Curitiba: nossa cidade,

lá pela segunda metade do século XIX, dormiu sertaneja e acordou europeia.

Quando foi erguida a Igreja Luterana de Curitiba, já estavam plantadas as raízes da sociedade que Wilson Martins chamaria de *O Brasil Diferente*, num livro polêmico, editado pela primeira vez em 1955, em São Paulo, pela Editora Anhembi.

Um Paraná diferente do Brasil retratado por Gilberto Freyre no glorioso livro *Casa Grande e Senzala*. O fato geraria uma polêmica discussão acadêmica, sobre os chamados Intérpretes do Brasil, que muito contribuiu para a Cultura Nacional.

Aproxima-se dessa ideia de *Brasil diferente* a exacerbada cidadania dos imigrantes. Fomos vizinhos de alemães no Alto de São Francisco. Lembro-me da Frau Zimmerman – avó do pintor Carlos Eduardo – varrendo e lavando, sorridente, as calçadas defronte à sua casa de morada, os cabelos brancos presos em birote com fivela. Quando fui convidado para falar nos 100 anos da Comunidade Luterana de Curitiba, falei nisso, no púlpito da Igreja do Redentor na rua Trajano Reis. Fui muito aplaudido quando agradei a cooperação cívica e a organização social dos alemães de Curitiba. Disse, então, que se a população de Curitiba fosse toda ela só de luteranos, a cidade nem precisaria de prefeitura e de prefeito.

No conteúdo programático dos cursos de Ciências Sociais das universidades brasileiras, consta a cadeira de Formação do Pensamento Social e Político Brasileiro, em que são exaustivamente analisados e confrontados os dois livros, de Gilberto Freyre e de Wilson Martins.

Lembro-me de, no começo da minha vida profissional, ter enfrentado oposição dentro do IPHAN de um grupo que só se atinha à preservação do Patrimônio Arquitetônico e Cultural de herança colonial, ou seja, só deveria permanecer a memória do Brasil de índios, negros e reinóis, fossem lusitanos, fossem espanhóis. Defendi o tombamento e a preservação da Catedral de Curitiba, das igrejas neogóticas da imigração, do casario eclético, tratados pelos puristas como pastiches ecléticos.

Lembro-me de ter dito ao professor e arquiteto Ciro Correia de Oliveira Lyra que era preciso respeitar toda a trajetória do nosso Povo e sua diversidade cultural, como já faziam os restauradores europeus.

Não podíamos reduzir a Memória de Curitiba apenas aos fragmentos erigidos em alvenaria de pedra ou taipa do século XVII e XVIII. Só sobrariam, no município, a Capela-Mor da Igreja da Ordem – metade do atual templo, onde estão as janelas seteiras



—, a muralha do Hospício da Ordem Terceira, na rua Mateus Leme, dentro de uma Casa que já foi ponto de venda de Artesanato, a Casa Romário Martins, as Ruínas de São Francisco e, onde a rua de São Francisco encontra a Presidente Faria, o resquício de um venerável muro de alvenaria de pedra.

Para reforçar esse meu argumento, convoquei várias conferências na Casa Romário Martins: de Newton Carneiro, de Wilson Martins, de Aloisio Magalhães (criador da Fundação Nacional Pró-Memó-

ria), do poeta Thiago de Mello, do antropólogo Darcy Ribeiro e do filósofo José Guilherme Merquior.

Mais tarde, Darcy Ribeiro me ajudaria a escolher a Biblioteca Brasileira básica para o acervo de cada um dos 45 Faróis do Saber que fiz erigir entre 1993 e 1996. Darcy me deu a lista dos 500 livros que todo brasileiro deveria ler para conhecer o Brasil. Entre eles estavam *Casa Grande e Senzala* e *O Brasil Diferente*.



Aquarelas sobre papel de João Pedro, “O Mulato”, considerado o “primeiro artista do Paraná”. Coleção Elza e Newton Carneiro. Casa da Memória de Curitiba.

(em cima esquerda) “Sinhazinha do Cairê dando passeio para a Missa de Curitiba”.

(em cima direita) “Aguadeiro de Paranaguá”.

(embaixo esquerda) “O Sargento-Mor de Milícias de Parnaguá dando despacho e andamento aos feitos atrasados”, 1817.

(embaixo direita) “Regimento dos Fuzileiros da Infantaria da Vila de Pernaguá”, 1806.

(página oposta) “Regimento de Cavalaria de Curitiba”, 1807.





* CURITYBA *
Rua da Liberdade



J. Weiss & Cia



CURITIBA DORMIU SERTANEJA, ACORDOU EUROPEIA

Após dois séculos, em que viveu do garimpo de ouro, do parco comércio, do ir e vir das tropas de gado, Curitiba conheceu a prosperidade dos engenhos de erva-mate quando da instalação da Província do Paraná, momento da chegada do nosso primeiro governador, então presidente da Província.

Uma das primeiras providências de Zacarias de Góes e Vasconcellos foi *determinar ao chefe de polícia que proibisse em Curitiba o uso de ponchos e chilenas (esporas) dentro da Igreja matriz e no termo da cidade*, mudando chucros hábitos tropeiros, muito arraigados na região. Na época, o pároco da Matriz perorou, em repetidos sermões, que *não era bom virem à missa pilchados, oferecendo risco de armas escondidas sob as vestes tradicionais do sul*. O governo de Zacarias passou também a multar quem deixasse animais soltas pelas ruas de Curitiba, delimitando sítios cercados para conter cavalos, muares, vacas, porcos, carneiros e cabritos.

Providências referidas por Zacarias de Góes e Vasconcellos no seu relatório, ao entregar o governo do Paraná, em 1º de maio de 1855, ao vice Teófilo Ribeiro de Rezende (1815-1884), filho legitimado do Marquês de Valença, conselheiro de Dom Pedro I.

A imigração teve um papel preponderante na transformação e modernização da sociedade curitibana. Fez surgir forte classe média, rural e urbana: comerciantes, artesãos, industriais. O transporte passou a ser feito em amplos carroções escravos, mais velozes, substituindo as tropas muares e os carros de boi, lentos e arcaicos. Nas lavouras chegaram os sulcos do arado de ferro, grades, ancinhos, pás, rastelos, soterradores, gadanhas, foices de cortar trigo.

As mesas, até então de pouca fartura, viram a partilha do pão abundante, amassado em centeio e trigo sarraceno. Receberam os frutos da vindima, o macarrão, a polenta, a batata inglesa, as especiarias do oriente, as receitas exóticas de árabes e judeus, temperadas com sementes de papoula, zaatar, tahine (pasta de gergelim).

O trabalho agrícola e manual passou a ser exercido por homens e mulheres livres, recuperada a sua dignidade, com a supressão da mão de obra escravizada. Logo prosperaram por aqui ferreiros, carpinteiros, marceneiros, barriqueiros, arriadores, alfaiates, padeiros, confeiteiros, relojoeiros, tecelões, boticários e mestres de ofício.

Foram braços imigrantes, trabalhadores trazidos do Velho Mundo, que derrubaram as matas, alargaram os caminhos, dinamitaram as pedreiras de mármore e granito, abriram e pavimentaram as então “modernas” Estradas da Graciosa e do Mato Grosso, a ferrovia Curitiba-Paranaguá e seus ramais para o interior do Paraná e do sul do Brasil.

A paisagem mudou. Em substituição ao casario colonial português,

(página oposta, em cima) Foto estúdio J. Weiss & Cia. Natal da família Schmidlin. IQIC. Acervo Henrique Schmidlin, Casa da Memória.

(página oposta, embaixo) Mercado de colonas na rua José Bonifácio no final do século 19. Foto acervo Júlia Wanderley.





Imigrantes na fila de desembarque num porto brasileiro.

casas com eira e beira, cobertas de telhas goivas, capa e canal, moldadas nas coxas dos escravos negros, surgiram chalés, telhados inclinados à espera da neve – que chegou mesmo, em 1892, 1928 e 1975. Surgiram em Curitiba edificações cobertas de tabuinhas de pinho e, depois da Olaria dos Klempz, na Fazendinha, e da Cerâmica Colle, no Bacacheri, houve abundância de telhas de barro de modelo alemão e francês, amassadas e cozidas com o barro dos nossos rios.

Os horizontes azuis da Serra do Mar foram recortados por cúpulas habsburgas em folha de flan-



Rua 15 de Novembro, então Rua das Flores em 1873. Instituto Histórico e Geográfico do Paraná.

dres, zimbórios, lanternins, torres em agulha, que passaram a guardar os sinos de bronze de igrejas onde não se rezava em português. Sobrados ecléticos, frontões neobarrocos, janelas coríntias ou em ogiva passaram a enfeitar as ruas de Curitiba. Houve até quem dissesse que o Hospital de Caridade, da Santa Casa de Misericórdia, mais parecia um hotel inglês.

Mãos de imigrantes instalaram as usinas e a rede de energia elétrica, além de um eficiente serviço de água e esgotos, com canos de ferro belga – que duram até hoje – e manilhas de barro cozido. Elétricas, linhas de bondes já não mais puxados por mulas.

O Paraná, que já tivera 1/3 da sua população de

negros escravos, ganhou uma população predominantemente branca, com majoritária influência europeia.

Tudo começou pela colônia mais longínqua, 109 km a noroeste, junto ao Cerro Azul – o Assungui –, colônia criada em 1859 que, infelizmente, não prosperou. Era isolada demais, separada de Curitiba por infinitos atoleiros. Foi sucedida, na periferia da cidade, pelo estabelecimento da colônia Argelina (1869), no atual bairro do Bacacheri. Depois vieram Pilarzinho (1871) e Abranches (1873), com maioria de imigrantes poloneses.

Em 1875, o presidente da Província do Paraná, Adolpho Lamenna Lins, investiu na criação das colônias polonesas de Santa Cândida e Orleans. Em 1876, também com polacos, as colônias Santo Inácio, Riviere, Dom Augusto, Dom Pedro, Lamenna e Thomaz Coelho.

A partir de 1878, chegaram os italianos, compatriotas da imperatriz consorte Dona Tereza Cristina, princesa napolitana, filha do rei das Duas Sicílias. Estabelecidos no litoral, entre Paranaguá, Antonina, Alexandra, Morretes e Porto de Cima, os italianos não se aclimataram. Logo subiram a Serra do Mar. Súditos da Áustria, italianos da região dos Alpes, fundaram em Piraquara a pitoresca colônia de Santa Maria de Nova Tirol. No que depois seria Colombo, ergueram as colônias Faria e Antônio Chaves. Em São José dos Pinhais, as colônias Mergulhão, Avencal, Malhada, Santinho e Muricy.

Na colônia polonesa Muricy, mais modernamente, surgiu um afamado distrito gastronômico de costelarias. Se todos os ossos de boi lá consumidos ficarem enterrados por lá, é bom avisar os futuros arqueólogos que por ali nunca transitaram colossais dinossauros.

Em Curitiba, a Colônia Dantas, hoje bairro da Água Verde; a próspera colônia de vinicultores de Santa Felicidade, nosso famoso bairro gastronômico da polenta com galinha frita; e a pitoresca colônia de São Pedro do Umbará, até hoje bairro de oleiros e areeiros.

Nas terras altas do Boqueirão do rio Iguaçu, na década de 1930, instalou-se a colônia dos leiteiros menonitas, anabatistas expulsos da Holanda, migrados para a Alemanha e depois para a Rússia, acolhidos pela czarina Catarina II. Na era de Stalin foram rechaçados e aqui acolhidos por Getúlio Vargas. Gente admirável, empenhada no trabalho árduo, temente a Deus, dados a consumir, mesmo no calor tropical, uma calórica sopa de leite com frutas secas, damascos e amêndoas. Por aqui só não podem escorregar de trenós nos telhados, costume de que guardam memória lá das estepes. É o mesmo povo que fez a prospe-



Antigo Mercado Municipal de Curitiba e armazém Afonso Pena, na atual praça Generoso Marques. Acervo Casa da Memória.

ridade econômica, no interior do estado, da colônia Witmarsum.

Belo exemplo de superação e tenacidade, a colônia dos leiteiros menonitas do Boqueirão, em Curitiba, tem no empresário Jacob Pankratz um de seus líderes. Aos 84 anos, o dono da rede de nove supermercados Jacomar ainda ordenha vacas, agora só por distração. Passou a vida a fazê-lo todas as manhãs, indo vender seu leite no centro da cidade. Contou-me que até se tornou amigo dos Engelhardt, da tradicional Padaria América, endereço de culinária alemã da rua Trajano Reis. Por cinquenta anos, Jacob Pankratz atravessou a cidade para vender sua produção de leite. Hoje cuida das grandes lojas, sustento de sua família – a mulher, oito filhos e 20 netos. Jacob não abre de não trabalhar aos domingos, respeito cristão de uma família que sofreu os horrores do ateísmo bolchevique. *Meus pais casaram na Rússia e logo embarcaram para o Brasil. Já nasci aqui, em 1932. A mãe não trabalhava, sequer fazia compras, nos dias santos de guarda, conta com orgulho o velho Pankratz.*

A saga dos menonitas no Brasil começou em 16 de janeiro de 1930, quando o navio Monte Olívia zarpar do porto de Hamburgo rumo ao Rio de Janeiro. A bordo, 179 pessoas, as primeiras 30 famílias menonitas que, após isolamento na Hospedaria de Imigrantes da Ilha das Flores, seguiriam até o porto de São Francisco do Sul, levados a uma colônia hanseática no sertão de Ibirama. Em 1934, pressionados por quatro longos anos de penúria, os menonitas vieram para o Paraná.

Vivem hoje em Curitiba e Witmarsum.

Estabelecidos inicialmente nos bairros Pilarzinho, Bacacheri e Vila Guaira, com o dinheiro da venda de suas próprias terras adquiriram 100 alqueires na região dos bairros Boqueirão e Xaxim, na região sul da cidade, formando um núcleo de pequenas chácaras. A atividade leiteira desse núcleo menonita em breve estaria suprindo mais da metade do leite consumido pela população da capital paranaense. A copiosa produção, a partir de 1945, passou a ser comercializada pela Cooperativa do Boqueirão.

A empresa colonial, que também acolheu bucovinos e suábios, desde o começo do século XIX até a metade do século XX, foi-se alargando rumo ao sertão, no interior do Paraná. Plantamos lavouras, colhemos cidades. Vamos tentar detalhar, com a ajuda de arquivos, bibliografia e memória, a contribuição de cada etnia.

Impossível dissociar a trajetória histórica de Curitiba da história das imigrações, daqueles que aqui escolheram viver, trabalhar e formar suas famílias, neste Brasil Diferente que, segundo o escritor Wilson Martins, é o nosso Paraná. Da soma desse leque diversificado de influências europeias e orientais emerge a própria identidade cultural da cidade, espaço onde se amalgamam costumes, sentimentos, religiões, enfim, as mais diversas maneiras do “ser curitibano”, escreveu minha Margarita no ano 2000, no seu livro Fundação Cultural de Curitiba – no limiar do novo milênio.

Até então protagonizada por índios nativos, ibéricos – portugueses e espanhóis – e negros transplantados da Mãe África, a história de Curitiba foi acrescida de novos atores: alemães, italianos, eslavos, em sua maioria poloneses e ucranianos, japoneses,





Colonas verdureiras na rua em Curitiba. Foto Groff. Casa da Memória

árabes e judeus. Povos do mundo todo somaram-se a indígenas e caboclos vindos dos sertões de Guarapuava ou dos grotões do litoral do Paraná.

Da Europa e do Oriente chegaram populações de refugiados, gente premida pelas necessidades, constrangida por perseguições políticas e religiosas, fugitivos das guerras fratricidas, da intolerância, da fome, da falta de condições de trabalho e de perspectivas. Foram também atraídos pela propaganda, ofertas e possibilidades criadas pelos governos do Império e da República no Brasil. O resultado foi um mosaico humano, caleidoscópio de diversas identidades, que refletem sua luz umas sobre as outras.

Um sábio disse que uma cidade guarda muitas humanidades. Esta cidade multicultural me fascina. Na segunda metade do século XX, Margarita e eu frequentamos ambientes e salões curitibanos, verdadeiro resumo da grande alma humanista europeia, fruto de tantas imigrações.

Éramos convidados para os jantares da condessa finlandesa Eva Britta Aminhoff, que recebia ao lado do seu cachorro Ratcha, também detentor de fidalgo pedigree. *Louças* Rosenthal, um órgão barroco, molduras renascentistas, o mais moderno do design escandinavo. Eva Britta, viúva do capitalista Lundgren, das Casas Pernambucanas,

escolheu viver entre Curitiba e o seu castelo no norte da Europa. O apartamento de cobertura, com acesso pela rua Presidente Faria ou pela Riachuelo, ficava em cima da galeria Colombo. Tinha vista para a praça Santos Andrade por sobre o prédio central da Universidade. No terraço, Eva cultivava o hábito nórdico de tomar banho de sol nua sobre uma pele de urso polar, para delícia dos estudantes da vizinhança, encantados em frestá-la a respeitosa distância.

Elegante também a “villa” de Ragnhild e Guido Borgomanero. Ela, nórdica, melômana militante. Ele, gemólogo, cônsul emérito da Itália no Paraná e Santa Catarina. Ambos colecionadores de paleontologia e arqueologia pré-histórica. Nas vitrines, raríssimos fósseis, ovos de dinossauros, pelos e dentes de mamutes, preciosa coleção de gemologia. Profusão de ágatas, ametistas, topázios, maravilhas das entranhas da terra brasileira. Tal acervo, reunido nos 42 anos de vida em comum do casal, está a merecer museu.

Nas noitadas da “Villa Ametista”, no alto da rua XV, o bem-humorado cônsul Borgomanero, sempre com um sorriso nos lábios, preparava diante de nós seu *spaghetti alla putanesca*, em terrina cerâmica de grandes proporções. Depois de colocar bons bocados nos pratos dos convidados, divertia-se colocando diante de si mesmo o prato maestro em que havia preparado a pasta asciuta: *Così mangio io!* Tudo terminava em música, trios de piano, violino e cello. O único filho da casa, Alessandro Borgomanero, nascido em Roma, é aplaudido violinista de carreira internacional. O mesmo refinamento encontraríamos, nos meus anos de prefeito, na residência consular de Virgínia e Giancarlo Izzo, ele cônsul da Itália aqui, ela pintora de origem australiana.

Sempre bom lembrar a fidalga e generosa acolhida que recebemos, ao longo da vida, dos cônsules italianos em Curitiba. Inesquecíveis as recepções do saudoso cônsul Botarelli, bem como, mais recentemente, as oferecidas pelo cônsul Giancarlo Izzo e pelo cônsul Mário Trampetti. A signora Bottarelli, dona Giovanna, da linhagem dos príncipes de Lecce, da nobreza espanhola do sul da Itália, foi muito atuante na sociedade

curitibana, parceira de dona Egipcialinda Vellozo de Souza em iniciativas de solidariedade social. Mário Trampetti, napolitano, já falecido, era casado com uma brasileira do Piauí, Eleonora. O cônsul Izzo, também napolitano de origem, casou com a artista plástica australiana Virginia Ryan, de nome internacional.



Afresco de Loio Pérsio (1927-2004) na casa Saul Valente, na rua Saldanha Marinho.

Hoje Adegas Brasil, a residência do doutor Saul Valente, na rua Saldanha Marinho 1487, construída na década de 1930, é um belo espaço, com requinte e conforto, patrimônio cultural de Curitiba. Nela, o mais notável é a parede na sala de jantar. Ali brilha magnífico afresco com paisagem impressionista do Canal Grande de Veneza, destacando-se o cais de Santa Maria de La Salute, obra do inquieto artista Loio Pérsio (1927-2004). Loio era paulista, mudando-se para cá em 1943, onde estudou pintura com Guido Viaro até 1948. Depois foi viver no Rio, onde estudou pintura com o mestre Ado Malagoli. Em 1951 voltou a Curitiba para dirigir o Museu Alfredo Andersen. Trabalhou na Escola Superior de Arte de Stuttgart. Foi pintor residente da Fundação Karoly em Londres, Paris e Roma, nos anos de 1975 e 1976. Lecionou desenho e pintura na Escola Guignard de Belo Horizonte. Em 1995 veio morar em Curitiba ainda mais uma vez. Comprei um óleo sobre tela de sua autoria para a Pinacoteca dos 300 anos da Cidade.

São expressões do refinamento cosmopolita de uma Curitiba que não existe mais, porque de economia globalizada.

No entanto, o maior mérito da imigração não reside no colorido pitoresco de uma Europa transplantada, tampouco nos reflexos no trópico de seus

esplendores culturais. Reside na luta. Na inesgotável força do trabalho, na superação da miséria humana pelo esforço individual e coletivo. Sobre isso, observou bem Luiz Armando Garcez, no seu livro *Curitiba, Evolução Urbana*:

A batalha pela absorção da força de trabalho que se dirigiu a Curitiba, desde a segunda metade do século XIX e ao longo do século XX, não cessou em nenhum momento. Foram importantes os esforços para inclusão dos contingentes de mão de obra ao lado da inesgotável capacidade dos imigrantes para encontrar meios de subsistência pelo subemprego, pelo emprego informal, pelos empregos domésticos que lhes permitiram sobreviver.

Um grande esforço coletivo foi realizado, não apenas pelos órgãos governamentais, mas também pelas instituições privadas, religiosas e laicas, de assistência social. Sociedades de Socorro aos Necessitados, Cruzadas Religiosas, Hospitais de Caridade, Albergues Noturnos, Abrigos de Menores e de Idosos realizaram um sem número de ações para receber aqueles que vinham a Curitiba movidos pelo sonho de uma vida menos difícil.

A professora Cecília Maria Westphalen, nossa historiadora mais precisa, concluiu: “A composição étnica do Paraná é bastante diversificada, visto que entre 1824 e 1934 entraram no Paraná 47.731 poloneses (47,61%), 19.272 ucranianos (19,22%), 13.319 alemães (13,28%), 8.802 italianos (8,78%), 2.469 franceses (2,46%), 1.599 austríacos (1,55%), 1.344 espanhóis (1,34%), 1.330 russos (1,33%), 1.119 ingleses (1,02%), 1.006 suíços (1,01%), 450 holandeses (0,44%) e 1.951 imigrantes de outras procedências (1,96%).



Derrubada dos pinheirais em Curitiba. Acervo Casa da Memória.





Praça do Japão. Foto Marco Bechker.

Os japoneses em Curitiba

Os japoneses marcaram presença em Curitiba a partir de 1915, com a chegada de Mizumo Ryu. Em 1924, deslocaram-se para cá em maior número e se fixaram na cidade e redondezas - os bairros Uberaba, Campo Comprido, Santa Felicidade e o município de Araucária. Criaram o Bunkio, o Nikkei Clube.

Ocuparam a Universidade, com expressões de conhecimento e sabedoria, como o meu estimado professor de estruturas, engenheiro Shido Ogura. Conquistaram presença social, com clínicos de acupuntura e terapias orientais da qualidade do saudoso Tsuneo Sato e do mestre de fisioterapia da PUC, professor Jorge Tamaki, o preciso oftalmologista Naoye Shiokawa. O arquiteto Luis Hawakawa, meu colega do

IPPUC, me ajudaria a detalhar o projeto do Farol do Saber.

Os japoneses de Curitiba teriam um prefeito da sua etnia, na minha sucessão. O engenheiro formado pelo Instituto Tecnológico da Aeronáutica, Cássio Taniguchi, nascido em Paraguaçu Paulista, que veio ao Paraná trabalhar no Badep, depois IPPUC, depois na equipe do prefeito Jaime Lerner. Em 1996, com a popularidade que tínhamos, nós o elegemos. Olhei para as câmeras de televisão, puxei os olhos com os dois dedos, e disse: “*Não tenho direito a reeleição. Quer votar em mim outra vez, agora o prefeito será japonês*”. So-des-ka. E assim foi.

Entre 1993 e 1996, quando prefeito municipal,



Praça do Japão. Memorial da Imigração Japonesa.



O Imperador do Japão Akihito conhece o projeto Farol do Saber em Curitiba.



A Imperatriz do Japão Michiko é recebida em Curitiba.

fiz erguer em Curitiba um Memorial da Imigração Japonesa, réplica do Imperial Pavilhão de Chá de Kyoto, o Ginkakuji. O Imperador do Japão retribuiu-me doando 300 mudas de cerejeiras (sakura) para comemorar o terceiro centenário da cidade. Aclimatadas nos Hortos Municipais da Barreirinha e do Guaibrotuba, as belas árvores foram replantadas no calçadão da rua das Flores, ao longo da Sete de Setembro, numa aleia do Jardim Botânico. O imperador nos obsequiou ainda com uma cegonha dourada, Tsuru, símbolo de boa sorte que, depois de longo voo desde o país do sol nascente, por sobre os sete mares, fez pousar para sempre em cima do Pagode da Praça do Japão. No começo da gestão do prefeito Taniguchi, em 1998, os imperadores do Japão Akihito e Michiko, visitaram Curitiba. Ela se declarou encantada com o projeto dos Faróis do Saber.

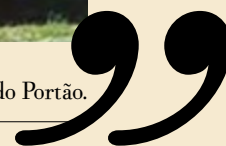


Tomie Ohtake (1913-2015).

Naquele ano, para celebrar o centenário de amizade Brasil-Japão, comprei para o acervo artístico de Curitiba uma colossal escultura, de 11 metros de altura em concreto, da grande artista japonesa Tomie Ohtake, que se tornou nossa estimada amiga. Espírito luminoso, de raríssima sensibilidade, esta Tomie viveu em São Paulo até os 101 anos de idade.



Escultura de Tomie Ohtake, Praça do MuMA, no bairro do Portão.





VISTA DE
CURITIBA.
FOTO
PANORÂMICA
DE LESTE PARA
OESTE.

1910





Photographia de 1ª Ordem
com 15 annos
 de

Adolpho Volk

CURITYBA
 Rua Marechal Deodoro N.º 10.
 Premiado na Exposição Agricola
 e Industrial do Paraná = 1900 =
 com a medalha de ouro pelos seus importantes trabalhos photographicos.

ESPECIALIDADES:
 ARISTOTYPIA, PLATINOTYPIA, PHOTOGRAPHIA em Porcellana e em Pigment
 (absolutamente inalteraveis)
 Alta novidade!
 Primeira casa neste genero de photographia no Brazil.
 augmentações, reproduções desde cartão de visita até tamanho natural executadas
 a oleo, a aguarella, a crayon ou a photographia perfeição garantida.
 Conservam-se as chapas para repetições

Cherustina com 15 annos
 Nº 6502

H. V. SCHIPPANG & CO. BERLIN D.

OS GERMÂNICOS CHEGARAM PRIMEIRO



Caroline Josepha Leopoldine von Habsburg-Lothringen (1797-1826), mulher de Dom Pedro I, coroada como Consorte do Império do Brasil, com o nome de Imperatriz Maria Leopoldina.



Jovita Egg, filha de Carlos e Estela Egg. Foto Volk, 1912.

(página oposta, em cima) Navio que trazia, desde o porto de Hamburgo, os imigrantes germânicos até o Brasil.

(página oposta, embaixo) Verso de uma fotografia Volk com propaganda e endereço do estúdio.

Por força da vontade imperial no Brasil, na Áustria, Suíça e Alemanha passaram a ser oferecidas novas oportunidades e glebas de chácaras tropicais a jovens que aqui quisessem possuir as propriedades que o direito patriarcal, na Europa, só reservava por herança aos primogênitos. Também se oferecia novo recomeço a quem estivesse em dívidas veniais com a Justiça ou quisesse fazer fortuna pelo trabalho árduo.

Coisa que não era difícil a uma população com a alma voltada para a sacralização do trabalho, retratada por Max Weber (1864-1920) no seu antológico livro *A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo* (1904).

A maioria dos alemães não chegaria ao Paraná por Paranaguá, mas sim pelo porto de São Francisco do Sul, levados pela empresa de colonização do Príncipe de Joinville, casado com dona Francisca, herdeira, por dote, de um milhão de francos, ou seja, 750 contos de réis, mais terras em Santa Catarina, com 25 léguas quadradas, no nordeste da província, à margem esquerda do rio Cachoeira, onde atualmente ergue-se a cidade de Joinville.

Quando, em 1848, a monarquia foi extinta na França e os Orléans seguiram para o exílio, d. Francisca, com vigor, negociou com os republicanos os termos da partida de sua família. Exilou-se e manteve uma intensa troca de correspondências com seu irmão Imperador no Brasil.

Em 1817, o casamento imperial de Dom Pedro de Bragança com a princesa austríaca Dona Leopoldina de Habsburgo, de língua alemã, reforçou a ideia de se criar no Brasil uma nova sociedade, movida por trabalhadores não escravos. Dom João VI estimulou a vinda de colonos suíços de língua alemã para poder ter leite fresco e fabricar queijos para consumo da mesa da Corte na Serra dos Órgãos, em Nova Friburgo.

A imigração alemã no Paraná e Santa Catarina teve grande incentivo da bela princesa imperial Dona Francisca do Brasil (1824-1898), aquela a quem Dom Pedro II chamava de “a mana Chica”, e as crônicas de Paris de “La Belle Françoi-se”.

Sua história de amor começa em 1837, quando Francisco Fernando de Orléans aportou no Rio, a caminho da ilha de Santa Helena, onde ia buscar os restos mortais de Napoleão Bonaparte, para levá-los ao seu repouso definitivo no *Pantheon des Invalides*, em Paris. Durante sua escala carioca, ao ser recebido pelo imperador D. Pedro II, o príncipe francês foi apresentado à jovem princesa.



Francisco Fernando de Orléans, já almirante, era o terceiro filho de Luís Filipe I de França e da rainha Maria Amélia de Bourbon, esta filha do rei de Nápoles, soberano das Duas Sicílias.

Seis anos depois, em 1843, o príncipe almirante retornou ao Brasil para se casar com a princesa no dia 1º de maio, sendo distinguido com o título de Príncipe de Joinville, que evocava antigo título da nobreza medieval, do tempo das justas e gestas de Cavalaria, quando aos nobres era obrigatório ser *un chevalier sans père et sans reproche*, isto é, sem medo e sem mancha. O casal, em viagem de núpcias, seguiu então na fragata La Belle Poule para a França.



Francisca do Brasil, Princesa de Joinville, irmã de Dom Pedro II. Por Franz Xaver Winterhalter, 1844. Pinacoteca do Palácio de Versalhes.

A celebrada beleza de Dona Francisca do Brasil, Princesa de Joinville, brilha eternizada em pintura de Ary Scheffer, datada de 1844, conservada em Paris no *Musée de la Vie Romantique*. Outro belo retrato da Princesa, assinado por Franz Xaver Winterhalter, brilha na pinacoteca do *Palais de Versailles*. Ambos, Margarita e eu, tivemos a alegria de contemplar.

As filhas de D. Pedro I e D. Leopoldina não precisavam dos favores dos retratistas oficiais. Margarita e eu, numa outra viagem, quando hóspedes de honra do governo de Portugal, fomos homenageados com um

banquete pelo presidente Mário Soares em 10 de junho de 1994, dia de “Camões e das Comunidades de Língua Portuguesa”, no Palácio da Bairrada, junto ao rio Mondego, em Coimbra, residência de verão da rainha D. Maria II de Portugal. Lá pudemos observar o retrato desta que também foi irmã de D. Francisca e D. Pedro II, uma outra bela princesa do Brasil. D. Maria, em 1831, fora levada por seu pai a Portugal para ali se firmar como futura rainha.

Com dificuldades financeiras, após os Orléans terem sido depostos na França, os príncipes de Joinville negociaram as terras de seu feudo catarinense com a Companhia Colonizadora Alemã, do senador Christian Mathias Schroeder, rico comerciante e dono de alguns navios que partiam do porto de Hamburgo. Nasceu assim a Colônia Dona Francisca, mais tarde Joinville, atualmente a maior, mais culta e mais industrializada das cidades de Santa Catarina.

Joinville é ligada a Curitiba pelo antigo Caminho dos Ambrósios e pelas trilhas da história. Tive a alegria de trabalhar na chamada “Cidade dos Príncipes”, a convite do então prefeito Luís Henrique da Silveira (1940-2015), grande democrata, deputado federal, governador e senador por Santa Catarina.

Luís Henrique encomendou à minha equipe do Instituto Farol do Saber o projeto do Centreventos Cau Hansen. Ao sugerirmos a adaptação do antigo espaço esportivo, criamos a ideia de um Coliseu, misto de arena de eventos, centro de convenções e teatro para música e dança. No pórtico de entrada, pedimos ao artista local, Juarez Machado, também um patrimônio cultural de Joinville, de Curitiba e do Brasil, que fizesse o painel em azulejos que emoldura a entrada. A obra artística foi viabilizada pela galeria de Waldir Simões de Assis, então agente de Juarez no Brasil.

Na ocasião, fui visitado em Curitiba pelo filho de Luís Carlos Prestes, natural de Moscou, então enamorado da curitibana mestra de balé Jô Braska Negrão. Queriam ambos, na diáspora dos artistas russos que se sucedeu ao fim da URSS, trazer o Ballet Bolshoi para Curitiba. Era já 1997/1998. Margarita e eu propusemos a bela ideia ao então prefeito, meu sucessor, Cássio Taniguchi, que não se emocionou.

Levei Prestes e Negrão até Luís Henrique, que não só acolheu os mestres russos de dança, criando a Escola Bolshoi do Brasil, como criou o Festival Internacional de Dança de Joinville.

Em dezembro de 1828, com cem pessoas, 20 famílias alemãs, aportou em Paranaguá o brigue Otter. Estes primeiros imigrantes, depois da quarentena, foram instalados serra acima, em fevereiro de 1829, após a melhoria da estrada pelo Barão de Antonina, João da Silva Machado. Neste ano também chegou uma segunda leva, 27 famílias, 138 pessoas.

Censo promovido pelo Governo Provincial do Paraná, em 1854, indicava a presença de 62.358 habitantes, sendo ainda 10.189 escravos negros ou pardos, ou seja, 16,3% do total da população. Já estava proibido o “tráfico de escravos” no Atlântico pela “Bill Aberdeen”. Inclusive em virtude do incidente diplomático ocorrido em julho de 1850, na baía de Paranaguá, com o cruzador inglês Cormorant que ali entrara perseguindo embarcações nacionais suspeitas de tráfico negreiro, barcos de propriedade de capitalistas paranaenses, entre eles, Manoel Antônio Guimarães, mais tarde Barão, e depois Visconde de Nacar. Assim registram os historiadores Cecília Westphalen e Jayme Antonio Cardoso em seu Atlas Histórico do Paraná.

Aquele ano de 1850 foi marcado no Império pela promulgação da Lei “Euzébio de Queiroz”, que proibiu definitivamente a entrada no Brasil de africanos escravizados. Essa lei agravava o problema de falta de mão de obra, que já era anterior no Paraná.

Auguste de Saint-Hilaire, em 1820, comparou o número de escravos com o de súditos livres. Referiu censo de 1818: havia 1.587 escravos para uma população de 11.014 almas. Vinte anos depois, em 1838, os escravos eram 1.941, para uma população de 16.155 pessoas. Ou seja, em vinte anos, a população livre cresceu em 5.141 pessoas e os escravos em apenas 354 almas.

O governador Zacarias de Góes e Vasconcellos logo percebeu a necessidade de mão de obra de homens livres para fomentar a nossa parca economia. O Paraná sofria penúria, carência de víveres alimentícios, por falta de quem plantasse. Assim, a Assembleia Provincial aprovou, a 21 de março de 1855, a Lei nº 29, que regulamentou o patrocínio oficial da imigração:

Artigo 1º Fica o Governo autorizado a promover a Imigração de Estrangeiros para a Província do Paraná, empregando neste sentido os meios que julgar mais convenientes, e preferindo sempre atrair os colonos e demais estrangeiros que já se acharem em qualquer das províncias do Brasil.

Artigo 2º Para que tenha efeito a disposição do artigo antecedente, poderá o Governo despende



Carroção da região do rio Volga na estrada do Mato Grosso, atual rua Comendador Araújo.

anualmente até a quantia de 10:000\$000, além dos reembolsos dos avanços que fizer para passagem e alimento dos imigrantes, segundo os contratos que realizar:

Artigo 3º Os Colonos serão, por ora, principalmente destinados aos serviços das estradas da Província, podendo o Governo pagar, sem indenização alguma, a metade da passagem àqueles que nela se empregarem pelo espaço de cinco anos.

Artigo 4º Os Colonos que se quiserem dar à Agricultura, e que não tiverem meios de o fazer por sua própria conta, serão distribuídos pelos lavradores, principalmente pelos de café, chá e trigo, que se obrigarem a pagar por prestações, dentro de três anos e sem juro algum, as despesas que com eles houver feito o Governo, do que prestarão fiança idônea.

Artigo 5º O Governo velará a que nos ajustes feitos com esses lavradores não sejam de modo algum lesados os interesses dos Colonos.

Artigo 6º A passagem das crianças menores de seis anos poderá ser puramente às expensas da província.

Artigo 7º Para a boa execução desta Lei e fiel cumprimento dos contratos, fará o governo regulamento impondo penas.

Artigo 8º O governo, estudando o sistema de colonização mais adequado às circunstâncias da província, o submeterá à consideração da assembleia legislativa provincial em sua próxima reunião, com os regulamentos que houver organizado, indicando também os embaraços que se opõem à sua execução, e propondo os meios de os obviar.

Com incentivo e propaganda oficiais, a partir da mentalidade criada por essa nova lei, o nosso Paraná chamou para si boa parcela dos aflitos e deserdados da Europa, conflagrada pelas repetidas guerras, atentados regicidas, escaramuças revolucionárias e anarquistas, dos séculos XIX e XX.



As famílias de imigrantes, em busca da Terra Prometida no Novo Mundo, chegaram cheias de esperança de “fazer a América”.



Família Probmann. Foto século XIX. Acervo Casa da Memória.

O valor fundamental que trouxeram foi a base comercial mercantilista da Velha Europa medieval. Como exemplo disso, lembro-me de ter lido em Wilson Martins, já nas primeiras páginas de *Um Brasil Diferente*, o perfil de Herr Pospissil, burguês alfaiate e imigrante, que seria um “curitibano” típico:

[...] O símbolo perfeito do homem paranaense é o alfaiate Antônio Pospissil, que, a 8 de maio de 1863, deixou sua cidade natal de Römerstadt, burgo austríaco solidamente agarrado em terra firme, para a grande aventura transatlântica que o traria a Curitiba.

Hamburgo, cidade marítima, já lhe foi surpresa emocionante: “No segundo dia em Hamburgo, dei um passeio ao porto, para ver nosso navio. Mas, como fiquei admirado a ver os inúmeros mastros que, numa extensão de duas milhas cobriam a vista, e que impediram por completo a concretização da minha intenção!”

Então, o Mar também era povoado! E os homens o cobriam de mastros oscilantes, como os bons patrícios de Römerstadt riscavam o azul com as chaminés tranquilas das suas casas. Mas é aqui que começa a verdadeira odisseia, desse excelente burguês, profissional de um ofício que exige, antes de mais nada, a estabilidade e o solo firme. [...]

A narrativa da travessia continua a propósito de um zéfiro aziago: No Canal da Mancha inflou suas bochechas soprando o brigue “Franklin” cerca de mil milhas para o Mar do Norte. Todos enjoaram: foi horrível. O naviozinho acabou voltando para Cuxhaven, o porto de saída. E mais uma vez navegou para o Canal da Mancha: nesta ocasião o navio encalhou duas vezes, causando-nos grande susto, fazendo-nos pensar que tivesse chegado o nosso fim.

Não, ainda não era o amargo fim: Antônio Pospissil dobraria alegremente, em Curitiba, diante de

sua banca de alfaiate, o cabo longínquo dos 80 anos. Haveria ainda os nevoeiros do Mar do Norte. Onde os navios se comunicavam durante o dia por meio de buzinas e, de noite, por foguetes luminosos.

[...] Faltava ainda a tempestade que escolheu o dia de Pentecostes, celebração do Espírito Santo, festa de terra firme. E que o comandante disse ter sido a tempestade marítima mais horrível que jamais vencera em toda sua carreira de homem do mar:

Depois de tudo isso, [...] ao chegar em Santa Catarina, o navio ainda bateu numa pedra, com tal força que pensamos nosso fim tivesse chego, e, nós, tão perto da Terra Brasileira, sem podermos pisar nela, como aconteceu ao nosso companheiro de viagem, herr Manoel Schaffer que, oito dias antes tinha morrido. Pospissil era um “terrien” típico, intimamente escandalizado de que tivessem atirado ao mar o corpo de seu companheiro de viagem.

[...] Antônio Pospissil era um alfaiate, profissional urbano, veio para ajudar a estabelecer uma civilização de burgueses e não de marinheiros; de cidades, e não de aventureiros, amantes do perigo e da incerteza. Uma civilização da carteira de identidade e não do passaporte.

Como Pospissil, assim o pioneiro ferreiro Miguel Müller, logo que chegou a Curitiba, quis ter o seu negócio. Estabeleceu sua forja à beira da estrada da Graciosa. Sua fortuna viria da contribuição de um outro imigrante também referido por Wilson Martins:

[...] O arado foi introduzido no Paraná por Meyer; colono alemão, conhecido por Buddelmeyer, em 1856. [...] Ele trouxe da Colônia Dona Francisca, em cargueiros, o primeiro carro de quatro rodas e o primeiro arado. Miguel Müller; ferreiro de seu ofício, foi quem passou a construir em Curitiba, segundo os modelos trazidos por seu patrício Meyer; os primeiros carros e arados. No princípio, a profissão de arar era exercida pelo próprio Meyer; que ia de chácara em chácara. Mais tarde outros também passaram a prestar o serviço de arar as terras. Mais tarde, com o barateamento do custo do arado, muitos chacareiros adquiriram o instrumento.

Aqui, Wilson Martins refere texto de Alfredo Heisler, no seu livro *Os Alemães no Estado do Paraná e de Santa Catarina*, base para o livro *Die Deutschen in Paraná*, este de autoria do Pastor Wilhelm Fugmann, ambos de 1929 e referenciais da história da imigração germânica.

A ficha desse Müller está detalhada em diálogo entre os memorialistas curitibanos Agostinho Bernardo da Veiga e general Luíz Carlos Pereira Tourinho (meu querido

professor de engenharia e predecessor na cadeira número 8 da Academia Paranaense de Letras), publicado no Boletim XLVIII do Instituto Histórico, Geográfico e Etnográfico do Paraná, edição promovida pela Prefeitura de Curitiba, em 1993, na ocasião dos 300 anos da nossa cidade:

[...] Esse Miguel Müller veio com a noiva da Colônia Dona Francisca. Montou oficina de ferreiro no Largo do Chafariz do Nogueira, hoje praça 19 de Dezembro, onde depois também moraria a família Tourinho. Em mangas de camisa recebeu o Imperador. Econômico, trabalhador; como sabiam ser os antigos alemães, fez pecúnia. Construiu muitas casas. A da esquina da Barão do Serro Azul com a Carlos Cavalcanti, demolida para o alargamento da rua Barão, foi o primeiro Palácio de Governo no tempo de Província, moradia de seu primeiro presidente, Zacarias de Góes e Vasconcellos. As netas do ferreiro Müller casaram com ilustres brasileiros: Adelaide, com o coronel Joaquim Pereira de Macedo, líder político, duas vezes prefeito de Curitiba. Alzira, com João Soares Neiva de Lima, que alcançou o Generalato. Na descendência deste ferreiro alemão encontramos literatos do porte de Silveira Neto e Tasso da Silveira.

De Tasso da Silveira, poeta simbolista notável, no Auto dos 300 Anos de Curitiba, em março de 1993, fiz declamar poema referente ao seu tio alemão:



Interior da casa do engenheiro Lange em Curitiba. Foto Rudolf Lange.

*Havia luxo na casa
do velho tio Alemão:
molduras de ouro nas salas
fino esmalte no fogão.*

*Em grande armário de cedro,
louças de alta confecção.
Nos quartos, leitos fidalgos,
colchas de seda e rendão.*

*Havia um pêndulo antigo
que ainda hoje depois de tudo
aquilo ter tido fim,
continua, grave e antigo,
a bater pausadamente,
lenta e monotonamente,
lá bem no fundo de mim.*

*A escada estreita e comprida
com o luxuoso corrimão.
Em baixo, a sala alumiada
pelo dormente lampião,
em cima, o sótão soturno
com o silêncio e a escuridão.
Na sala, ardendo a alegria
nas noites de serão,
toda família folgando
junto ao dourado lampião.
Mas eu, no sótão sozinho
com a minha imaginação.*



Família Schaitza. Aparecem Mathias e Theodoro; Bertha Jarcynska e Elisabeth; e as crianças Irma (no colo), Bertholdo (ajoelhado). Foto Volk, 1908.

O belo poema foi declamado, na voz de José Wilker, no momento em que o espetáculo de Som e Luzes realçava a Casa Hoffmann, sobrado da imigração alemã. Em 1993, funcionava ali o Colégio 19 de Dezembro. Após incêndio em 1996, eu desapropriaria o imóvel. Meu sucessor criaria ali oportuno

CURITIBA
Rua 15 de Novembro Nº 54.

Photographia Volk



Centro de Estudos da Dança, ligado à Fundação Cultural de Curitiba, hoje imerso em marasmo cultural.

Voltando ao fio da história, é de supor que a capacidade de produção do ferreiro Miguel Müller não satisfizesse a procura. Em 1869, colonos argelinos, no Bacacheri, reclamaram do governo pela falta de arados, clamando em petição: “diárias durante seis meses, arados e uma junta de bois para cada família”. O presidente Antônio Augusto da Fonseca mandou comprar os arados na Corte, “não havendo arados na Província do Paraná”.

Essa informação consta do Relatório com que Antônio Augusto da Fonseca passou o governo do Paraná ao vice-presidente Agostinho Ermelino de Leão, em 28 de agosto de 1869. Tais Relatórios dos Presidentes da Província são importantes fontes da nossa História.

Quando criei e dirigi a Casa da Memória de Curitiba, no começo da década de 1980, com recursos da Fundação Roberto Marinho, comissionei a bibliotecária Tereza Lacerda para indexá-los, a partir dos originais conservados no Arquivo Público do Paraná.

Este índice, tomo por tomo, acervado desde então na Casa da Memória, permite consulta por Assunto, Governante e Ano, em fichas encadernadas, valioso instrumento para contar e conferir a História.

Ainda mais depois que a Coleção dos Relatórios tornou-se única fonte primária da História do Paraná autônomo, de 1853-1930, tendo em vista que os Arquivos da Assembleia Legislativa arderam em chamas, no incêndio da noite de 9 de setembro de 1994.

Ainda dos relatórios: *em 1867, já moravam no Rocio de Curitiba, 385 imigrantes. No ano seguinte (1868) surgiu a Colônia Argelina, entre a capela do Bom Jesus do Cabral e os campos do Bacacheri.*

Em 1871 foi estabelecida a colônia do Pilarzinho, objeto de uma disputa entre colonos alemães e poloneses, logo acrescida pela doação de terras naquelas colinas aos Voluntários da Pátria, retornados da Guerra do Paraguai. Fixaram-se próximos à capelinha de Nossa Senhora do Pilar, erguida em 1721 pela família Loyola, ainda hoje existente.

Pude ver, entre os guardados do vereador de Curitiba (1947-1951), médico e memoria-

lista polonês, meu amigo Edwino Donato Tempski (1913-1995), um recorte de um jornal de Varsóvia, datado de 1871, noticiando a “briga de ripa” entre polacos e alemães pelas terras do Pilarzinho. Esse doutor Tempski foi quem me apresentou às casas polonesas de troncos de araucária, e quem me inspirou a resgatá-las da área de inundação da represa do Passaúna, nos idos de 1978 a 1982.

Em 1871, poloneses e suecos firmaram raízes na colônia Venâncio, de forma mais pacífica. Em 1878, entraram no Paraná 4582 imigrantes: 2511 russos alemães, 1249 italianos, 417 austríacos, 302 alemães. Chegaram também famílias de franceses, suíços, es-



Croqui das colônias de imigrantes europeus em torno de Curitiba, em meados de 1880.

panhóis, ingleses, suecos e até um belga. No casario urbano, junto ao comércio, estabeleceram-se súditos otomanos – de origem árabe e israelita. Os registros estão no relatório do presidente da Província Adolpho Lamenha Lins.

Em 1882, no seu relatório, o presidente da Província, doutor Carlos de Carvalho, referiu, nos arredores de Curitiba, *as colônias Argelina (1869), Santana do Abranches (1873), Pilarzinho (1870), D. Augusto (1876), D. Pedro do Rio Passaúna (1876), Riviére (1877), Santo Antônio de Orleans (1875), Santo Inácio (1876), Santa Gabriela do rio Barigui (1886), Santa Felicidade (1878), São João Batista, Alves de Araújo e a colônia Dantas (1890), junto ao rio Água Verde – hoje o sofisticado bairro central onde começa a rua Coronel Dulcídio.*

Em 1872, segundo registros históricos, a presença dos imigrantes de língua germânica no núcleo urbano já era notável. Eles iniciaram o processo de industrialização.

Em 1878 começa a trajetória da fundição

Müller, iniciativa do engenheiro suíço Gottlieb Müller e seus irmãos, que, em 1913, adotou a marca Marumby para seus produtos. Soava seu apito no bairro onde eu nasci, na rua das Magnólias – hoje Inácio Lustosa, Mateus Leme, Barão de Antonina e Cândido de Abreu.

Em 1916, a fundição Müller Irmãos & Co. contemplava a produção de quase todas as máquinas e aparelhos para a indústria e a lavoura disponíveis e necessários na sua época: moendas de cana-de-açúcar de todos os tamanhos; máquinas a vapor; aparelhos modernos para engenhos de erva-mate; a invenção nova de prensas automáticas para marcar e tampar barricas de mate; ferragens para moinhos e engenhos de serra; aparelhos para fábrica de mandioca; máquinas para fazer cabos de vassouras e de enxadas; máquinas elétricas para iluminação, para-raios, arados e eixos de carroções.

Fundiam ainda sinos de bronze, para igrejas, em todos os tamanhos e timbres. Encarregavam-se de encomendar e instalar qualquer máquina a vapor inglesa, alemã ou norte-americana. Mantinham um colossal depósito de pregos e parafusos de todos os tamanhos.

Müller Irmãos fizeram-se famosos também pelos suas grades e portões de ferro batido e fundido, fornos, caldeiras, bombas a vapor, bombas para água e outros líquidos, tampas de bueiro, grades de canteiros urbanos, bancos urbanos, mobiliário urbano, lâmpadas, postes *art nouveau* e republicanos, estufas, fogões à lenha, ferros de brasa para passar roupas – difundidos em todas as casas de Curitiba – e as lareiras “Salamandra” – que podiam ser afastadas da chaminé e levadas para perto da cama, quando já contendo apenas o braseiro. Conservo duas delas na chácara São Rafael das Laranjeiras.

A fábrica, depois de ser vendida aos empreendedores de um dos primeiros *shoppings* de Curitiba, mudou-se e ainda funcionou por um tempo na Vila



Anúncios e foto da Fundição Müller. Busto de Gottlieb Müller, que acabou no Museu do Lixo.



Fotos da família Müller. Aparecem Gottlieb Müller, Oscar Müller, Rudolf F. Müller. Casa da Memória de Curitiba.

Guáira, na avenida Wenceslau Braz. Egon Müller, o último proprietário-diretor, casado com d. Lola Leão Müller, deu-me seu testemunho pessoal de que a indústria foi pioneira nos direitos trabalhistas no Paraná.

Gottlieb era homem de notável cultura e grande visão tecnológica. Foi entusiasta, na empresa, de um programa de aprendizes metalúrgicos, oferecendo formação profissional à piaçada, filhos de operários. Proporcionava invulgar assistência médica aos empregados, ainda antes da existência de órgãos prestadores desses serviços, conforme disposições que o Brasil só conheceria no tempo do presidente Vargas. Pode-se dizer que Gottlieb Müller foi também um precursor curitibano da Previdência Social no Brasil.

Em maio de 2009, o vereador Tico Kuzma, ao visitar a Usina de Valorização de Resíduos, em Campo Magro, administrada pelo Instituto Pró-Cidadania de Curitiba, encontrou, no Museu do Lixo, um busto sem identificação. A única informação era que a peça tinha sido recolhida pelos caminhões da prefeitura. Depois de dois meses de pesquisa, descobriu que o busto era de Gottlieb Müller, o fundador da Metalúrgica Müller. A busca por informações começou em março, quando Kuzma visitou o Museu do Lixo, espaço reservado para reunir



objetos de valor e interesse histórico recolhidos pelos caminhões do Lixo que não é Lixo e do programa Câmbio Verde, da prefeitura de Curitiba.

Após a publicação da foto num jornal da cidade, Carlos Alberto Brantes e Rosy de Sá Cardoso, do Instituto Histórico e Geográfico do Paraná, conseguiram identificar o busto, seguindo informações minhas.

O busto de Gottlieb Müller (Aarau/Suíça, 1843 – Curitiba, 1902) era uma das duas cópias do original em bronze confeccionado em 1908. As réplicas são de 1978. Uma das peças foi colocada na entrada do Shopping Müller e outra na entrada da metalúrgica, na Rua Wenceslau Braz, onde hoje funciona o Marumbi Expo Trade. Os bustos se perderam, por ignorância e descaso com a história.

Gottlieb Müller desembarcou em São Francisco do Sul, depois subiu a Serra do Mar pela estrada Dona Francisca, passando a viver em Curitiba. Foi um competente engenheiro e arquiteto, introdutor do estilo neoclássico prussiano na cidade. Dele é o projeto da casa da família Inácio de Paula França, hoje Solar do Rosário. Possivelmente é dele também o traço da fachada neoclássica da casa da Família Mylla, última edificação fora do novo alinhamento na atual Avenida Barão do Serro Azul, cujo *deposé* eu, então prefeito, ordenei. Hoje brilha na perspectiva de acolhida aos visitantes do Bosque Alemão, no Jardim Schaffer.

Também exemplo na metalurgia é a empresa da família Bogish, no distrito de São Casemiro do Taboão, com a tradicional *Metalúrgica Paranaense*, numa travessa da Estrada do Assungui, hoje rua Coronel Agostinho Macedo. Trata-se de empresa familiar que atravessou um século. Ainda conhecemos e privamos da amizade leal e das atenções gentis de dona Edith Bogish e seus manos, hábeis em fundir, dar brilho e polir metais. Minha mãe e minhas tias, as duas Margaritas, minha sogra e minha mulher, não dispensam os serviços dos Bogish na conservação dos metais e pratarias das casas da família.

São versados nas técnicas mais refinadas da tradição metalúrgica europeia: banhos de prata, ouro, níquel, latão e cobre. Serviço minucioso, sempre realizado em dias de sol, incompatível com acentuada umidade do ar. Transmissão do saber artesanal e industrial de pai para filhos, por várias gerações.



Joseph Hauer Sênior e a mulher Theresza Weiser Hauer. Foto do final do século XIX.

Contribuição muito significativa é o empreendimento da primeira usina termoelétrica do Paraná (1892), de Joseph Hauer Senior, com suas chaminés instaladas onde o rio Juvevê deságua no rio Belém, além dos trilhos da Estrada de Ferro, no espaço hoje ocupado pela Rodoferroviária de Curitiba, entre o centro e o Capanema. Voltaremos ao assunto ao falar da eletrificação dos bondes de Curitiba.

Esse Joseph Hauer ergueria para sua casa de morada belo palacete, com ameias e torreões de castelo medieval, na rua do Rosário. Não morreria em Curitiba. Depois de sua partida para a Alemanha, o imóvel foi transformado em convento e colégio das freiras alemãs da Divina Providência. Joseph Hauer teria sofrido um acidente com um fio elétrico desencapado, no pátio da sua usina termelétrica. Desiludido, voltou para sua Wisbaden natal. Deixou os filhos em Curitiba, herdeiros de belo mausoléu, na rua principal do cemitério São Francisco de Paula, o Pórtico da Eternidade encimado por gloriosa estátua de Jesus Ressuscitado. Dizem que, agradecido pelo sucesso aqui amealhado, levou terra de Curitiba num travesseiro, para seu repouso eterno.

F. Hürlimann & Companhia passaram a fabricar em Curitiba os “Phosphoros de Segurança” marca Pinheiro, marca registrada paranaense que atravessou quase dois séculos para chegar até nós.

Emblemática da imigração alemã, a famosa Fábrica de Pianos Essenfelder atravessou mais de um século – de 1890 a 1996 –, estabelecida entre o Alto da Glória e o Juvevê, em terrenos próximos à esquina da rua Fontana com o Boulevard 2 de Julho, hoje avenida João Gualberto. O empreendimento do berlinense Florian Helmuth Essenfelder, usando tecnologia de fabricação de instrumentos musicais, servia-se da madeira de imbuia e pinho, criando aqui uma escola de artesãos refinados. A empresa teve dois outros sócios: Alberto Wilsing e Bertholdo Hauer.

Bertholdo Hauer criou uma sala de concertos na sua elegante loja da rua XV, “*O Louvre*”, “rei das sedas e imperador dos preços”. A publicidade no Almanaque Alemão de 1914 é tão refinada quanto a



Castelo Hauer, na rua do Rosário, em 1905. Depois Colégio da Divina Providência. Casa da Memória de Curitiba.



Joseph Hauer Sênior e família. Foto do Acervo de Elizabeth Hauer Meyer.

proposta da loja. O prédio com fachada com cariátides e florões *art nouveau* em mármore de Carrara; o salão dominado por escadaria em imbuia encimada por imenso janelão em vitral, a revelar paisagem da ferrovia cortando a Serra do Mar. O Louvre, ou que sobrou dele, ainda podia ser visitado, alugado às Lojas Marisa, recentemente fechadas.

Antes da Essenfelder, poucas famílias de Curitiba tinham pianos em casa. As crônicas registram noitadas

musicais nos salões de Lourenço Pinto de Sá Brito, em 1833, dono do primeiro piano trazido a Curitiba.

Também tinham pianos as casas de José Borges de Macedo, primeiro governante de Curitiba chamado de “prefeito”, em 1851; Jesuíno Marcondes, filho da Viscondessa de Tibagi, último presidente da Província do Paraná; e a casa do major Bento Antônio de Menezes, com três salas de concerto, equipadas com dois pianos e um cravo.

Bento de Menezes foi mestre de música, responsável pelo coro e orquestra que tocaram o *Te Deum* para Dom Pedro II na Igreja da Ordem, em maio de 1880.

Minhas tias Joaquina, Semíramis, Odaléa e Rosinha Loyola de Macedo (irmãs de meu avô) tinham também o seu piano “Pleyel”, em preciosa nogueira, importado de Paris por seu pai, o Comendador Macedo. Tia Odaléa tentou me ensinar no agosto teclado de marfim. Não revelei talento, nem disciplina, para a música, sem paciência para os exercícios repetidos.

Hoje me arrependo. Dela herdei o gosto pela música, *que revoga os pesadelos da vida*, no dizer de Nietzsche.

Quando governei Curitiba, empenhei-me em patrocinar regimento a Camerata Antiqua de Curitiba, a Orquestra de Câmara de Curitiba e os corais Brasileirinho e Brasileiro. Instalei em prédios restaurados, na esquina das ruas Mateus Leme e Treze de Maio, o Conservatório de Música Popular Brasileira. Animei a Ópera de Arame com concertos de pianos de grandes nomes, entre eles Artur Moreira Lima e Nelson Freire. Entre centenas de CDs cuja edição patrocinamos, aprecio muito o “Canções Curitibaanas” e os que resgatam a pianística de Brasília Itiberê e Bento Mossurunga.



Fábrica de pianos Essenfelder estabelecida entre o Alto da Glória e o Juvevê.



A indústria local de Florian Essenfelder provocou uma reação no comércio curitibano. Em 1913, no jornal *Diário da Tarde*, anúncio publicado pela Casa Hertel, especializada em instrumentos importados e partituras musicais, estabelecida à rua do Riachuelo, questionava a qualidade dos pianos nacionais, exaltando os instrumentos importados ali vendidos, Schiedmayer & Soehne (desde 1809), J. G. Irmiler (desde 1828) e Bluthner (desde 1858). Além da fama mundial das fábricas europeias, Herr Hertel assegurava *assistência técnica especializada, em oficina com afinador de 1ª ordem*. Os Essenfelder responderam: *Não há, construído no mundo inteiro, piano melhor:*

Mestre Florian Essenfelder morreu em 1929. Seus herdeiros assumiram o negócio, que durou até 1996. Então Prefeito de Curitiba, fiz o último discurso no chão da fábrica, agradecendo às gerações de artesãos a bela trajetória que tanto orgulha Curitiba. Na ocasião, olhos marejados em lágrimas, me fitavam a briosa dona Esther Essenfelder Cunha Mello e sua prima, dona Nelly Essenfelder Hintz, viúva do engenheiro Milton Hintz, irmão de minha tia Rosinha, casada com o médico Orlando Greca, por sua vez, irmão da minha mãe.

Mesmo depois da extinção da Fábrica de Pianos Essenfelder (1996), até hoje persistem em Curitiba os melhores profissionais de afinação de pianos. Meu amigo mestre pianista Artur Moreira Lima é um de seus clientes. Costuma fazer transportar seus pianos de cauda até aqui para afinação com os Irmãos Coradin ou com Márcio Adriano Ferreira Marques, aprendizes da Essenfelder, que até hoje mantêm seus ateliês em Curitiba.

Margarita e eu conservamos na biblioteca de nossa casa um “Piano Essenfelder para Meninas”, miniatura de piano de cauda, com pedais que permitem a utilização da completa escala musical, onde Artur Moreira Lima, encantado, já tocou a “Sertaneja” de Brasílio Itiberê. A curiosa raridade, adquirida do antiquário Giovanni Muffone, obra-prima daquela indústria, foi fabricada em Curitiba para comemorar o Cinquentenário da Essenfelder, em 1940.

Também na chácara São Rafael das Laranjeiras conservamos um outro piano Essenfelder, de meia cauda e ótima sonoridade, adquirido de dona Ismênia Zilli, instrumento que pertenceu ao maestro curitibano Luiz Eulógio Zilli (1907-1990), mestre em dez instrumentos, autor da música e da letra do Hino a Nossa Senhora da Luz dos Pinhais e dos hinos de Guaratuba e de Guara-

puava. Conheci o maestro e convivi com ele, apreciando seu ar boêmio, figura notável, de vasta e farta cabeleira branca a arrematar-lhe as bochechas vermelhas. Durante 40 anos regeu aqui o Coral São Pio X, que eu menino ouvia nas celebrações da Catedral:

Salve! Salve! Rainha da Luz/
Eia as glórias da Virgem da Luz/
Em transportes de amor proclamemos/
o Reinado da Virgem da Luz/

Viva sempre em toda alma de filho/
este eterno e vibrante estribilho/
Salve! Salve! Rainha da Luz/

Ó Senhora da Luz Soberana/
sois estrela de etérea beleza/
que arde nestas paragens acesas/
pelas mãos dadivosas de Deus/

Salve pois, salve Augusta Senhora/
Acolhei o cantar que se eflora/
Da noss'alma em acordes filiais/

E uma benção bem larga e fecunda/
Em torrentes de luz se difunda/
Sobre o azul dos gentis Pinheirais.

Quanta saudade dessa música, que marcou o noivado de minha mãe Tele com meu pai Ico. Terezinha (Greca) e Eurico Dacheux de Macedo conheceram-se na Catedral, nas novenas de Nossa Senhora da Luz, ao som desse hino, num setembro de ipês floridos na Praça Tiradentes. Nos dias 8 de setembro, na nossa casa da rua Inácio Lustosa, bem animado, meu pai e minha mãe nos despertavam, a mim e meu irmão Carlos Eurico,



Catedral de Curitiba, em manhã de cerração, 1911. Foto Groff.

cantando esse hino, em coro ao qual nós meninos logo nos juntávamos. Essa devoção familiar também inspira minha querência por Curitiba e o nome desse livro. Nossa Senhora da Luz, Mãe da Nossa Terra, há de abençoar o nosso povo para vencer as tribulações.

Foram imigrantes europeus os responsáveis pela construção da nova Matriz, que seria, depois de pronta, a Catedral de Curitiba. Quando ergueram duas torres na antiga Matriz, nos idos de 1858, não consideraram seu peso sobre o terreno alagadiço. Em 1875, as rachaduras causavam medo de desabamento. Acabou demolida.

O lançamento e benção da primeira pedra foi às quatro horas da tarde de 13 de fevereiro de 1876, em presença do povo e autoridades, sendo oficiante o vigário Padre Agostinho Machado Lima.

As obras de construção da nova igreja de Nossa Senhora da Luz dos Pinhais durariam 26 anos, até setembro de 1893. Sua crônica é um relato precioso do tecido social da época: um barão, um orgulhoso padre conservador que seria senador da nascente República, um arquiteto nobre francês, braços operários de negros escravos, alemães (luteranos e católicos) e italianos (devotos ou libertários).

Em 1784, a Matriz já tinha sido temporariamente transferida para a então capela da Ordem Terceira de São Francisco das Chagas, por rachaduras e infiltrações provocadas pelo afloramento do lençol freático no seu entorno.

Os engenheiros Monteiro Tourinho e André Braz Chalhéo Júnior, ao surgirem rachaduras comprometedoras nas paredes da igreja, optaram por determinar a demolição da antiga Matriz, que aconteceu em 1875. Alfaias, altares e imagens foram trasladados para a igreja do Rosário dos Pretos de São Benedito. Houve protestos do povo com a demolição, porque envolveu o uso das pedras na pavimentação das ruas do Largo da Matriz, rua Fechada e entorno. A população revoltou-se pelo ato de “lesa religião” que desrespeitou os mortos avoengos depositados no chão da igreja. Tinham razão: escavações arqueológicas sucessivas na região sempre encontram vestígios de ossadas.

A mudança da Matriz para o Rosário não se deu para a Igreja da Ordem, porque também estava arruinada. A igreja da Ordem (1737) só seria restaurada, às pressas, em

1880, por esforços do Comendador Antônio Ricardo Lustosa de Andrade, para receber a visita de Dom Pedro II, já que a legislação da época vetava aos nobres a entrada em igreja de escravos. Dom Pedro II chegou à soleira da porta da igreja do Rosário, mas o Barão de Macaé deteve-o de adentrar, recordando a proibição.

Sobre esse primeiro restauro, Antônio Ricardo Lustosa de Andrade, em 1880, publicou o opúsculo *Breve Notícia da Ordem Terceira de São Francisco das Chagas de Curitiba*, que eu encontrei, em 1978, numa cápsula do tempo, dentro das paredes de alvenaria de pedra, quando promovemos, Margarita e eu, a mobilização da sociedade curitibana pelo segundo restauro da Igreja da Ordem.

Na ocasião, republicamos esse livrinho em edição da Fundação Cultural de Curitiba. Ali se lê que foi usada para segurar o altar-mor de São Francisco da Ordem Terceira “uma viga de canela-preta, em perfeito estado, trazida da antiga Matriz, bem como tábuas com florões folheados a ouro e prata, do velho altar de Nossa Senhora da Luz”. Claro que, felizes em saber que tais relíquias persistiam no século XX, mantivemos tanto a viga como os adereços do altar.

O engenheiro André Braz Chalhéo Júnior (1869-1941) foi contratado para fazer uma planta da nova Matriz – futura Catedral de Curitiba –, que não agradou ao Presidente da Província. Tinha ares de igreja reformada alemã, com uma única torre bojudá.

O engenheiro Chalhéo Jr. era natural do Cerro Azul. Foi pai de 19 filhos, diretor de Obras Públicas do Paraná desde a gestão Lamenha Lins, maçom da loja Apóstolo da Caridade e membro da comissão de instalação do Museu Paranaense em 1876.

O historiador Ruy Wachowicz, no seu livro *As Moradas de Nossa Senhora da Luz*, publicou suposta reconstituição do projeto de Chalhéo Jr. pela pena contemporânea do engenheiro Harry Bollmann, professor da PUC-PR.

A nova igreja foi construída em 26 anos, suportada pela população de uma cidade de apenas 20 mil habitantes, à custa de Loterias Provinciais do Paraná. Cada extração, dizem registros da época, gerava um lucro de sete contos e quinhentos mil réis.

O traço arquitetônico determinante da futura





Placa de inauguração da Catedral, danificada pelo genro de Gustaf Henning, enfurecido com a omissão de seu nome pelo construtor



Fotos da Catedral em construção e depois de pronta.



Catedral de Curitiba ficou para o arquiteto francês Afonso Conde des Plas – o mesmo que ergueu o Hospital de Caridade da Santa Casa e reformou a fachada da Igreja da Ordem, dotando-a de nave neoclássica, lustres e candelabros de cristal francês (1880) e torre sineira (1882).

Mas convém registrar que, na Catedral, seja nas abóbadas da nave sustentadas por arcos botantes externos, seja nas duas torres sineiras e lanternim, temos soluções construtivas do engenheiro italiano Giovanni Lazzarini, também atuante na edificação. Esse Lazzarini, contou-me meu avô Manoel Valdomiro, tinha espírito libertário e progressista: *Como o Barão do Serro Azul e meu amado pai [Comendador Macedo], não gostava de trabalhadores escravos. Criou uma*

Caixa de Socorros para custear acidentados na obra. Comprou a liberdade de sete negros pedreiros, por ele alforriados. Um desses libertos também teria sido mestre de obras. Infelizmente seu nome não foi registrado.

Adalice Araújo refere: *Apesar das inúmeras controvérsias, pelos constantes relatórios de Giovanni Lazzarini, que em 1886 assumiu as obras da Catedral de Curitiba, tem-se a confirmação de que o verdadeiro autor do projeto é Luigi Pucci, arquiteto italiano radicado em São Paulo, construtor do Museu do Ipiranga.*

O empreiteiro da Catedral foi o mesmo alemão que havia construído a Farmácia Stellfeld, o Hospital de Caridade da Santa Casa de Curitiba e o Mercado Novo: Karl Gottlieb Wieland.

Sob as ordens desse empresário da construção,

os principais artífices e mestres de obras da Catedral de Curitiba também teriam sido alemães, o principal deles, Engelhart Heinrich Christian Henning (1836-1894), substituído ao final da obra pelo mestre Carlos Augusto Werneck, cujo nome foi o único gravado na placa de inauguração.

Henning já havia participado, em Curitiba, como mestre de obras, da construção do Theatro São Theodoro, bem como do eloquente palacete do português Manoel da Costa Cunha, na rua da Imperatriz. Na época atuava também em Curitiba o engenheiro Augusto Huebel.

O genro deste Henning – Lindolpho Monteiro, casado com Sophia, sua filha mais velha – insurgiu-se contra o pároco ao não ler o nome do sogro na placa inaugural. Revoltado, golpeou com sua marreta de pedreiro o mármore branco, quebrando a lápide gravada com letras douradas – até hoje rachada. O leitor pode vê-la na entrada do templo. O fato escandaloso deu-se em plena cerimônia de consagração da atual Basílica, a 7 de setembro de 1893, em presença do



Engelhart Henning (1836-1894), construtor da Catedral de Curitiba.

bispo de Curitiba, recém-aden-trado, Dom José de Camargo Barros, que tremeu as mãos ao ungrir as paredes com o santo óleo do Crisma.

Engelhart Heinrich Henning brigou com o padre Alberto José Gonçalves, tido como genioso, e se indispôs com a Comissão

de Obras, integrada pelo mesmo Vigário mais o Barão do Cerro Azul, José Pereira dos Santos Andrade (então presidente do Paraná), o Comendador Antônio Martins Franco, Benedito Enéas de Paula e José Belarmino Bittencourt.

Deixou a cicatriz de sua revolta eternizada nas paredes do templo.

Engelhart Heinrich Christian Henning nasceu em Plöm em 1836. Teria estudado métodos construtivos, matemática e arquitetura em Kiel. Partiu para o Brasil de Hamburgo, em 23 de abril de 1859, acompanhado de seu irmão Theodor, embarcados por 63 dias no cruzador-veleiro *Anna*, que aportou em São Francisco do Sul. Seu registro de imigração qualifica-o como lavrador, talvez por uma artimanha para

poder entrar numa colônia. Foi registrado no Brasil como Ângelo Henrique Cristiano Henning.

Viveu em Joinville, onde casou com Dorothea Magdalena Koll, a noiva de apenas 16 anos. Tiveram seis filhos. Em 1879 subiu a serra, a convite do engenheiro Karl Gottlieb Wieland, construtor de muitas casas em Curitiba. Henning foi convidado pelo artista Mariano de Lima e sua mulher, dona Mariquinha Aguiar, para integrar o famoso Liceu de Artes e Ofícios de Curitiba, um dos primeiros do Brasil, na condição de professor de desenho arquitetônico.

Trabalhou na obra da Catedral desde 1879 até 1890 quando discutiu com o chefe político padre Alberto José Gonçalves sobre o tamanho da sacristia. Henning não tolerava as intromissões do vigário, anti-pático aos construtores. Certo dia, quando o soberbo padre bateu o pé exigindo aumento no recinto da sacristia, ameaçando suspender pagamentos pendentes, alegando *falta de espaço para arcazes onde guardar paramentos e alfaias, pois parece mais igreja luterana que católica*. Henning, luterano de batismo, levantou sua bengala e ameaçou o vigário, pondo-o para correr. Ele e seus operários, na sequência, pediram demissão ao empreiteiro Gottlieb Wieland.

Henning desiludiu-se, vendeu sua casa em Curitiba e embrenhou-se no Assungui, perto da vila de Cerro Azul. Em 1894, durante a Revolução Federalista, deparou com Vicente Machado em fuga, rumo a São Paulo, no passo a vau do rio Ribeira de Iguape. Diálogo áspero, o alemão acusando de covardes em fuga o governador e autoridades que abandonavam o Paraná. Não bastasse,

Henning ainda encontrou o padre Alberto José Gonçalves, cavalgando sozinho, seguindo Vicente Machado, mas atrasado alguns galopes atrás. Dom Alberto tinha se demorado em celebração na casa paroquial do Cerro Azul, entretido pelo padre Celso Itiberê da Cunha – que depois seria Monsenhor e vigário da Catedral. Entrevero no encontro. O alemão cobrou a dívida da construção da Catedral. O padre retrucou dizendo nada lhe dever, ocasião em que Henning arancou o padre de sua montaria, arremessando-o na lama, passando a ameaçá-lo e golpeá-lo com as patas de seu cavalo, causando-lhe graves lesões corporais. Depois de banhos de salmoura em casa de caboclos do Assungui, o padre Gonçalves chegou a Itapetinga com três dias de atraso.

Com o fim da Revolução Federalista, quando Vicente Machado reassumiu o poder em Curitiba, a portas fechadas em seu gabinete, ouviu esse relato dos lábios do coronel Hermógenes de Araújo. Vicente Machado revelou que havia mais um motivo nessa animosidade: explicou que o alemão não o apreciava também por conta de ter atuado num processo contra ele, quando Promotor de Justiça. Vicente Machado,



vencedor pica-pau, na sua cabeça, teria intuído que o alemão Henning era protegido pelo Barão do Serro Azul, portanto também simpático aos invasores maragatos, liderados por Gumercindo Saraiva. Teria dito, em sentido figurado, ao coronel Hermógenes de Araújo: *Sua cabeça teria que rolar..* O chefe político do Assungui tomou aquilo como ordem.

Encarregou seu sicário Diamiro Furquim, pistoleiro natural de Votuverava – hoje Rio Branco do Sul –, de prender o construtor Henning, sob acusação de porte ilegal de um fuzil. O mesmo declarou que era para seu uso nas competições do Clube de Tiro ao Alvo na colina do Bacacheri/Bairro Alto, quando vivia na capital.

Os algozes chegaram a almoçar na casa dos Henning antes de partir. No caminho até Curitiba, numa quebrada, o alemão foi morto a tiros. O corpo levado até o Coronel Hermógenes foi por ele postumamente degolado. O cavalo voltou sozinho para a família, que entrou em desespero. A cabeça foi posta num saco e levada pelo Coronel Hermógenes, já em estado de putrefação, de presente para Vicente Machado, que o recebeu na sua bela casa da estrada do Mato Grosso. Essa propriedade, hoje na esquina da rua Comendador Araújo com a Coronel Dulcídio, seria depois residência da família Marins Camargo, vendida por Machado, dizem que para auferir dinheiro no seu tratamento de câncer na garganta em 1905.

Tais episódios, importante relato popular de história oral, constam das obras *A Cruz do Alemão* (1992), de Cid Destefanis, e *Acordem Cerroazulenses*, de Ruy Vilella Guiguer (2001).

Teriam sido também referidos por Rocha Pombo, em *Para a História*, seu polêmico relato da Revolução Federalista, escrito no clamor dos fatos sangrentos, entre 1894 e 1898.

O escritor Valfrido Pilotto, de família de Porto de Cima, amigo de meu avô Manoel Valdomiro de Macedo, chefe de polícia quando eu fiz a minha carteira de identidade, diz no seu livro *Profanações* que estava de posse dos originais dessa obra de Rocha Pombo. Essa informação foi confirmada por Octávio Secundino Júnior no seu livro *Solar do Barão* (1994). Valfrido Pilotto, em 1979, me deu o que possuía dos supostos manuscritos, em versão datilografada, pedindo sigilo da fonte, por medo de represálias judiciais dos descendentes de Vicente Machado. Disse-me querer fazer justiça ao historiador conterrâneo morretense e ao Barão do Serro Azul. Publiquei a obra, ou o que restou dela, pela Fundação Cultural de Curitiba, em 1980.

Nela fiz incluir texto introdutório com uma lamentação: “Pena que a presente publicação, baseada numa das cópias datilografadas existentes em Curitiba, ciosamente guardadas, saia incompleta, apesar de nossos baldados esforços em localizar os originais para confrontação, escondidos como um tesouro que sabemos existente – várias laudas de papel almaço cortado ao meio em sentido longitudinal cheias da letrinha fina, caprichada, feminina de Rocha Pombo”.

Fica sobre a luminosa Catedral de Curitiba a triste sombra do evangelho de um João Batista Alemão, onde o pica-pau governante do Paraná passa por moderno Herodes.

Não foi só essa tragédia que marcou os primeiros anos da Sé curitibana. Nosso virtuoso primeiro bispo Dom José de Camargo Barros, após conduzir a diocese de 1894 a 1904, foi promovido pelo Papa Leão XIII a Arcebispo de São Paulo. Viria a falecer tragicamente, dois anos depois, a 4 de agosto de 1906, no naufrágio do vapor “Sírio”, ocorrido no mar Mediterrâneo, entre a África e a Espanha, altura do porto de Palos, quando voltava de visita *ad limina apostolorum* a Roma.

O pintor Benedito Calixto (1853-1927) imortalizou o episódio num óleo sobre tela de grandes proporções (1,60 x 2,22 m), que está no salão do arcebisado em Curitiba. Também vi outro retrato do mesmo desastre no Museu de Arte Sacra de São Paulo. Terá Benedito Calixto multiplicado a cena terrível, para memória das duas dioceses do bispo Dom José?

Crônica do monsenhor paulistano Paulo Florêncio da Silveira Camargo, tio do terceiro arcebispo de Curitiba, Dom Manuel da Silveira D’Elboux, narrou a morte do bispo Dom José no patético naufrágio, servindo-se do testemunho oral de dois sobreviventes.

[...] Desci então à cabine do arcebispo Dom José, achando-a invadida pelas águas. Consegui um só salva-vidas. Ao voltar, encontrei dom José desoladíssimo; a fé era sua consolação. Já no convés, ajoelhamo-nos ambos e nos absolvemos mutuamente. Dom José absolveu depois os beneditinos e os outros que se atiravam às águas. Insisti com Dom José dizendo: “o vapor vai afundar; seguremo-nos ambos neste salva-vidas; dá para nós dois, segure bem, com força, não largue; nós iremos ao mar; mas nos salvaremos” – testemunhou Dom Marcondes Homem de Mello.

[...] Sendo o último a sair do navio, vi o venerado arcebispo de São Paulo, Dom José de Camargo Barros, que se apoiava numa corda do navio, já com a água até a cintura. Levantou a mão direita e, num esforço sobre-humano, deu a absolvição geral aos moribundos. Não podendo mais segurar a corda, caiu; uma onda o

levou ao mar e lá sumiu dentro das águas. Seu corpo foi encontrado na costa argelina em setembro seguinte e transladado para São Paulo às expensas do presidente do estado, doutor Jorge Tibiriçá, sepultado na cripta da Sé paulistana – testemunhou Luiz Cartopassi.



Naufrágio do Vapor Sírio, óleo de Benedito Calixto (1853-1927). Acervo da Cúria Metropolitana de Curitiba.

O “Sírio” era um navio que percorria regularmente o Atlântico, na rota Gênova–Rio de Janeiro–Buenos Aires. Quando foi a pique, provocou comoção na colônia de *oriundi* no Brasil. Por três gerações cantavam: “*Sírio, Sírio, la misera squadra; per molta gente la misera fin...*”. Nessas famílias ainda se diz: “Quem não souber por quem rezar, reze por aqueles que estão no mar”.

A família De Mio, radicada em Curitiba, foi passageira da nave em 1886, contou João de Mio a seu sobrinho Lívio, conforme leio no nº 15 da *Revista do Círculo de Estudos Bandeirantes*, publicada em Curitiba em 2001. Aquele que viria a ser construtor de várias igrejas de Curitiba relata seu sofrimento, comum à maioria dos imigrantes:

[...] Paranaguá não tinha cais, nem porto de mar. Desembarcamos em escalares no porto antigo do rio Itiberê. O porto Dom Pedro II não existia ainda. Na cidade me lembro da fonte onde numerosas mulheres lavavam roupas. No dia seguinte seguimos de trem para Curitiba. Desta viagem só me recordo os túneis e os precipícios da Serra. Chegamos à tarde.

A capital, naqueles tempos, não era realmente grande coisa. As primeiras noites pousamos na casa de um patricio italiano, quase parente, que mantinha um pequeno negócio. Estava situada à rua Visconde de Guarapuava. Em seguida nos mudamos para modesta casinha na rua Cabral, naquele tempo extremo limite da cidade. Pagan-

do 10 mil réis por mês de aluguel, não tínhamos móveis, uns caixões serviam para isto. O pior era que meu pai não tinha mais dinheiro, estávamos sem recursos. Os dois irmãos foram procurar serviço na, então, Catedral em construção. Meu tio empregou-se na Catedral de Curitiba, onde ficou trabalhando até o final de 1893, mas meu pai não encontrou onde trabalhar e, assim, sofríamos necessidades.

Um dia pouco almoçamos, e o pai saiu à procura de serviço e recursos, mas até a noite não tinha voltado. Uma boa senhora da vizinhança, que por acaso entrou em casa, soube de mamãe que estávamos sem ter o que comer. Nós trouxemos então pequena ceia e nós crianças, depois de satisfeita a fome, fomos dormir tranquilas. [...] Nestes dias, para aumentar as dificuldades, nasceu uma irmãzinha. Não durou dois meses, morreu. Lembro que meu pai mesmo fez um esquife de latas toscas e, acompanhado de parentes e vizinhos, levou-o debaixo do braço ao cemitério. Ele finalmente encontrou serviço com o então mestre pedreiro Carlos Werneck, o mesmo da Catedral.

Construíram uma casa para o senhor Jesuíno Lopes, do jornal, filho de Cândido Lopes, paranaense íntegro e honesto como poucos, mais tarde o conheci. Eu levava, da rua Cabral à rua Mato Grosso, numa cesta o frugal almoço de meu pai operário. A distância era de menos de um quilômetro, mas, enfraquecido pelo amarelão que contrai na viagem e desnutrido pelos escassos alimentos, neste curto trajeto, tinha que descansar algumas vezes, tão grande era minha fraqueza, então menino com menos de 9 anos.

Com tanta história e estórias, nossa Catedral Basílica de Nossa Senhora da Luz dos Pinhais, ícone da imigração europeia em Curitiba, até hoje não é tombada pelo Patrimônio Histórico do Paraná e do Brasil. Burocratas puristas advogam a demolição de seu anexo – ou casa canônica –, sobrado em estilo neogótico de 1947, projetado pelo arquiteto Barontini e erguido por João de Mio, sob encomenda do arcebispo Dom Ático Eusébio da Rocha.

Outro grande construtor alemão da beleza arquitetônica de Curitiba foi o arquiteto Karl Neumann, responsável pelo Palacete Hauer, atrás da Catedral, pelo Castelinho Hauer da rua do Rosário e pela Casa Hofmann.

Industriais “curitibanos” de língua germânica, prussianos, bávaros, austríacos, suíços, foram ainda os Schmidlin, fabricantes de primorosas esquadrias





Vista aérea da atual praça Tiradentes com Catedral.

de madeira; os Iwersen, fabricantes e comerciantes de tintas; os Schier, fabricantes de colchões de crina; os Obladen, fabricantes de camas e móveis na rua do Lavapés (hoje Almirante Barroso), vizinhos da casa de meus avós e depois de minha tia Chiquita, cenário da minha infância; os Stenzel e os Lungua, entalhadores de primoroso talento; os Groetzner, da fábrica de bolachas Lucinda, no alto do Cabral; os Wenski, da famosa fábrica de fitas e bandeiras naquela que seria depois a praça do Expedicionário.

Era grande esse Wenski. Contava-se em Curitiba uma estória de humor negro sobre



Anúncio Lucinda. Almanaque 1914.

o seu enterro. Na hora de fechar o caixão, o pé muito proeminente não permitia. O papa-defuntos da funerária Stepheld deu seu jeito: quebrou-lhe os artelhos. O estalo dos ossos sendo quebrados ficou na memória de quem lá velava o finado.

Na indústria litográfica, mormente a *Impressora Paranaense*, criada pela família Lopes, fomentada pelo capital do Barão do Serro Azul, brilharam os litógrafos Schroeder e Kirsten, mestres na



Vista aérea praça Tiradentes com Catedral nos anos 60.

arte de imprimir rótulos coloridos para as barricas das diferentes marcas de erva-mate e gravuras artísticas, como as das revistas *Ilustração Paranaense*, ou as estampas de Nossa Senhora da Glória e de Nossa Senhora da Luz, impressas em preto e branco, com texturas e filigranas em ouro e prata.

A famosa gravura de Nossa Senhora da Glória foi criada para celebrar a virada do século XIX para o XX, considerada por Newton Carneiro como uma das gravuras mais perfeitas do Brasil. A gravura de Nossa Senhora da Luz dos Pinhais atravessou quase um século, datada da festa de 8 de setembro de 1903. Encontrei-a no chão, numa minúscula antiga capela rural, junto

ao ramal ferroviário – Engenheiro Bley-Pinhais – que atravessa a periferia leste de Curitiba, quando fui demarcar, entre o Sítio Cercado, a vila Osternack e o Umbará, o meu Bairro Novo.

A estampa, da Imprensa Paranaense, estava jogada no chão, semicorroída, esperando pelo Prefeito de Curitiba, devoto desde seu berço da nossa excelsa Padroeira. Recolhi-a, pedi a Maria Esther Teixeira Cruz que a restaurasse e a entronizei no meu gabinete. Mais tarde levei-a comigo a Brasília, e depois ao meu escritório da Cohapar. Chamei-a Nossa Senhora da Luz do Bairro Novo. Mandeí que a ermida onde foi encontrada fosse preservada e acertei, por permutas legais, que a Mitra Arquidiocesana ficasse com aquele terreno para construção de uma igreja que lá está, espaço de culto divino, dedicada a Nossa Senhora da Luz.

Os imigrantes de língua alemã ocuparam o centro da cidade. Logo estabeleceram, nas imediações da Matriz, o que seria o melhor comércio de Curitiba.

Augusto Stellfeld, dinamarquês, formado farmacêutico na Alemanha, abriu sua botica em 1857, numa casa de propriedade da Irmandade da Misericórdia, na então rua Direita, depois rua dos Alemães, hoje Treze de Maio. Atendia auxiliado por sua bela mulher, dona Carlota Kalckmann Stellfeld. Logo mudaram para outro ponto comercial, ainda na mesma rua, esquina com rua do Nogueira, hoje avenida Barrão do Serro Azul. O novo imóvel pertencia ao próspero ferreiro Müller.

Lê-se no jornal *Dezenove de Dezembro* o anúncio do novo estabelecimento: *Augusto Stellfeld, cidadão brasileiro, boticário formado na Alemanha e aprovado pela Academia do Rio de Janeiro, participa ao respeitável público que se acha estabelecido com botica completamente sortida, e residindo provisoriamente no Hospital da Santa Casa de Misericórdia. O anunciante declara que brevemente passará seu estabelecimento para a rua Direita, casa do senhor Miguel Müller.*

Em 1866, o boticário, protegido do imperador Dom Pedro II, estabeleceu-se em prédio próprio no Largo da Matriz – hoje Praça Tiradentes –, o frontão encimado por relógio de sol que até hoje existe. Foi nossa farmácia pioneira.

Stellfeld lançou em Curitiba a pasta de dentes Dontiphainos, o primeiro dentífrico feito em tubo no Brasil. Para promover as vendas e provocar o hábito de escovação nas crianças, passou a distribuir aos compradores os primeiros balões de gás hélio que a cidade viu. Novidade estonteante.

Sua bisneta Marilú Stellfeld Cavalcanti de Albuquerque, incansável na luta pela preservação do acervo da Pharmácia Stellfeld, estimulada por mim através da Casa da Memória e do Projeto Nacional de Inventário de Boticas e Pharmácias da Fundação Roberto Marinho, depois que a centenária firma fechou, promoveu a conservação e o inventário do acervo: vasos cerâmicos brasãozados, balanças, pilões de porcelana para preparo de unguentos, livros farmacêuticos e belíssimo mobiliário entalhado em nogueira. Marilú conseguiu inaugurar um “Museu da Farmácia Stellfeld”, apoiada pelo grupo O Boticário, no espaço preser-



100 anos da Farmácia Stellfeld, 1951. Casa da Memória de Curitiba.

vado da Velha Estação Ferroviária de Curitiba. Quando Marilú deixou este mundo, o Museu decaiu.

Em 2003, pedi a Gehad Hajar que fosse até o local fotografar objetos de época, almofarizes, frascos para guarda de princípios, microscópios, balanças de precisão. Ele encontrou restos de estoque de medicamentos do século XIX. Nesse estoque, o dentífrico Dontiphainos, hermeticamente fechado numa cápsula do tempo. A bondade de Marilú Stellfeld insistiu em abrir o invólucro para a fotografia. Na proporção em que o novo ar entrava, o tubo, até então perfeitamente intacto, foi-se contorcendo. É a impermanência das coisas.

Curitiba teve outras farmácias, entre o final do século XIX e a primeira metade do século XX: a *Pharmácia Cypriano*, na Luiz Xavier; a *Pharmácia de José Ricardo Pereira Pitta*, à rua XV nº 74; a *Drogaria Suissa Sigel & Etzel*, estabelecida no nº 54 da Rua



do Riachuelo, e sua filial, *Pharmácia Tell*, à Rua XV nº 90; a *Pharmácia Poloneza, de Danielewicz & Cia*, aberta à rua XV nº 5, esquina com travessa Oliveira Belo, em frente da loja de tecidos por atacado aberta pelo turco Feres Merhy.

E ainda a *Pharmácia Arruda*, na praça Tiradentes nº 41; a *Pharmácia São José*, na praça Generoso Marques; a *Pharmácia Requião*, no Largo da Matriz, nº 48; a *Pharmácia Corrêa*, na rua XV, fundada por João Corrêa em 1887; a *Pharmácia Violani*, localizada na rua Bispo Dom José; a *Pharmácia Progresso*, na rua XV de Novembro; a *Pharmácia Internacional*, dos irmãos Oncken, na rua Monsenhor Celso; a *Farmácia Tiradentes*, na praça de mesmo nome; a *Farmácia Juvevê*, fundada em 1931 por Afonso Borelli; a *Pharmácia América*, na rua Barão Rio Branco, no sobrado onde funcionou o hotel de Agostinho Leandro, local onde também residiu o poeta Emiliano Pernetta.

Sem falar nas farmácias homeopáticas, com seus célebres específicos naturais: a *Pharmácia Homeopática* do dr. Duarte Velloso, na rua XV nº 86; a farmácia do doutor Nilo Cairo, aberta em 1912, até hoje em atividade na rua Doutor Kellers, ao lado da



50 anos da imigração alemã, 1851 -1901. Em pé: Jacob Schmidlin, Sebastian Müller, Johann Hansen, J. Schmidlin, Heinrich Morking. Sentadas: Anna Ogg Schmidlin, Elizabeth Hansen Müller, Karolina Morking Roskamp. Foto J. Weiss. Casa da Memória de Curitiba.

Mesquita de Curitiba; e a Farmácia do doutor Valdomiro Pereira.

Farmacêuticos também, os Kopp, família que traz seu nome de uma aldeia medieval da região alemã Renânia-Palatinado, criaram, em 1919, a primeira rede de farmácias de Curitiba, a famosa Drogaria Minerva.

Margarita e eu conhecemos a bela casa de dona Hilda e Máximo Kopp, na avenida Batel, lá levados em jantares de cerimônia

por sua filha Lilian Kopp, nossa estimada amiga, diretora da empresa com seu irmão e seu cunhado.

Ali pudemos ver entre as maravilhas da coleção familiar aquele que talvez tenha sido o único quadro renascentista em Curitiba: “Martinho Lutero assiste Deposição de Jesus da Sua Cruz”, do famoso pintor, nascido em Wittenberg, a mesma cidade da Reforma Protestante, Lucas Cranach, o Jovem (1515-1586). Onde estará esse tesouro de arte?

Curiosidade é que Frau Kopp usava o seu fabuloso serviço de jantar Porcelanas Rosenthal estampadas em rosas nas recepções, para depois dispensar as empregadas e ela mesma lavar a louça, para que nenhuma das peças se rompesse. Sorrindo, com bom humor, exclamava: “se quebrarem, melhor que seja nas minhas mãos”. O senhor Máximo Kopp, um dos fundadores do Graciosa Country Clube, foi muito considerado na sociedade curitibana.

Na Curitiba dos séculos XIX e XX, fizeram sua fortuna e boa história de sucesso comercial a Casa Strobel, a Casa Orion, a Casa Freyesleben, a Loja de Brinquedos Amhoff e a Peleteria Amhoff, vizinhas da casa de morada das famílias Inácio de Paula França, Tabora Ribas e Enéas Marques dos Santos, endereços do Largo da Ordem e da rua de São Francisco, instalados em belos sobrados ecléticos no que viria a ser o nosso atual centro histórico.

Foram expressões desse requintado e próspero comércio alemão lojas que, portas abertas, atravessaram quase dois séculos, até serem dizimadas, em sua maioria, pelo desaparecimento dos fundadores e a tibieza de seus herdeiros em resistir à era dos *shopping centers*, ao parcelamento dos palacetes, sua decadência por falta de manutenção e seu aluguel para brechós e lojas de R\$ 1,99.

A Casa da Louça, fundada em 1880, por Carlos Meissner e seu sócio Herr Meien, na rua do Riachuelo nº 34, esquina com rua de São Francisco, foi anunciada em 1885, em “reclame comercial” publicado no jornal *Dezenove de Dezembro*, como “Grande Empório Universal – Casa da Louça”. Lindo sortimento de lampiões de 1\$800 a 60\$000 réis, chécaras de porcelana de 5\$000 a 12\$000, vasos de 2\$000 a 50\$000 o par, aparelhos de jantar e chá. Leques e chapéus de sol para senhoras, álbuns fotográficos encadernados de 2\$000 a 20\$000, bordados e rendas de todas as qualidades, máquinas de costura de 28\$000 a 36\$000. Caixas de música de 2\$500



Almanaque, 1914. Folha de rosto.

a 70\$000, maravilhas importadas de Berlim e de Viena. A loja vendia cristais da Bohemia, mobílias austríacas e ferragens britânicas e prussianas. Tivesse sido lacrada como cápsula do tempo, seria hoje um museu completo da civilização industrial e do consumo no século XIX.

Num dos primeiros livros da Junta Comercial do Paraná consta ainda a abertura, em Curitiba, em 1886, do Armazém de Secos & Molhados de Gustavo Hintz, firma registrada em 3 de julho de 1893.

A Casa Glaser foi fundada em 1887, com registro de marca na Junta Comercial datado de 28 de março de 1893, na então Estrada do Mato Grosso, hoje Comendador Araújo – resistente até este ano de 2016. Começou como armazém de secos e molhados, com atendentes que visitavam as famílias em casa, anotando num caderno os pedidos do dia. Prosperou a ponto de Wenceslau Glaser erguer palacete comercial e esplêndida casa de morada na mesma rua.

A preservação do endereço histórico para o comércio paranaense, com recursos de Potencial Construtivo, que criamos no IPPUC, gerou o Centro Empresarial Glaser, com espaços culturais e comerciais, inaugurado em 2001.

A Casa Hauer, de Augusto e Francisco Hauer, loja aberta em 1884, no ramo de ferragens, louças e tecidos, em palacete próprio na rua José Bonifácio, atrás da Catedral Basílica, resistiu mais de um século, até ser incendiada em 1997, num sinistro cujas chamas chegaram a ameaçar a Sé que havíamos restaurado em 1993. Recentemente, refizeram sua fachada de repetidas janelas. Infelizmente perdemos para sempre os elegantes salões superiores, de pé-direito alto, com tetos decorados em afrescos, além de uma notável lajeira de porcelana verde, importada da Prússia. Foi-se também o terraço da cobertura, revestido de tijolos maciços, um gazebo coberto por graciosa parreira, donde se tinha esplêndida vista dos arcos botantes do *chevaux* da Catedral.

A Casa Hoffmann, de Joachim Hoffmann, era contígua à tecelagem da mesma família, no Largo da Ordem, onde se deu o casamento de dona Anna Hoffmann com o engenheiro Carlos Heller, que seria Prefeito de Curitiba. Ao me contar do seu casamento, em depoimento para a Casa Romário Martins, dona Anna disse, bem humorada: *Foi tudo do muito fino, muito chic e muito bom.* Ali ainda fui, levado pelas

mãos da minha tia Chiquita, atendido por Norberto Heller, comprar tecido xadrez branco e azul, para as camisas do meu uniforme de aluno da Escolinha “Tia Paula”.

A Casa Cristal, da família Wendler, em prédio próprio, na rua XV nº 96, de Ewald Wendler, Theodor Schneider e Gustavo Keil, foi fundada em 1907. Vendia louças, porcelanas, cristais, tapetes, baixelas e ferragens. Sua linda vitrine, a cada colheita de verão, exibia “abóboras” premiadas, selecionadas nas chácaras coloniais dos arredores de Curitiba. Sementes envelopadas eram oferecidas à freguesia.

Na José Bonifácio, a meio caminho entre a Catedral e a Igreja da Ordem, tínhamos o famoso Açougue Garmatter, próximo à Leitaria do Senff, onde os colonos consumiam grandes canecas de leite com nacos de pão e salsichas. Esse singelo estabelecimento seria o embrião do império comercial da família de Rodolpho Senff, com o empório da esquina da Ratcliff (hoje rua Desembargador Westphalen) com a rua da Misericórdia (hoje André de Barros). Na modernidade, os Senff tiveram um supermercado.

O açougue Garmatter, onde eram freguesas de caderno dona Cidinha Portugal Alves, dona Dalila de Castro Lacerda e minhas tias da família Greca, sofreu percalços na



Anúncios de época em Curitiba, inclusive em alemão.





Mercado de carroças na rua São Francisco.

época da II Guerra Mundial, com filas formando-se à sua porta, pelo racionamento de carne. Naquela época, no dialeto em Curitiba, uma fila era uma “bicha”, como se dizia em português arcaico ainda vivo em Lisboa. Hoje causaria espanto a leitura dos jornais “Grande bicha às portas do Açougue Garmatter”. Não faz muito – talvez 50 anos – que a conotação preconceituosa que hoje a palavra possui prevaleceu sobre o seu antigo uso.

Zona era outra palavra muito empregada em “curitibanês”, no sentido de bairro, região. Só recentemente, com a maciça migração de habitantes do norte do Paraná, os chamados “pés vermelhos”, é que prevaleceu o sentido de zona para ‘bagunça’, ‘zona de meretrício’, ‘local de transgressão’.



Fila no açougue Garmatter em 1944. Racionamento de carne.

O dono desse açougue e de um próspero frigorífico, Júlio Garmatter, a partir de 1928, edificou o Palácio São Francisco, na rua Doutor Kellers, perto das famosas Ruínas. Era uma réplica de mansão germânica que, anos antes, encantara a família numa estada

em Wiesbaden. Compraram o direito de uso da planta, trazendo o projeto para Curitiba, onde a construção ficou aos cuidados do engenheiro arquiteto Eduardo Fernando Chaves, o *Chaveco*.

Dois pavimentos, porão e sótão, trinta cômodos, preciosos lambris e escadarias em imbuia maciça, foi a primeira casa de Curitiba em que a garagem dava acesso direto à moradia. Nela, Chaveco utilizou concreto armado, então novidade construtiva no Brasil. A família Garmatter viveu confortavelmente ali entre 1929 e 1938, quando o Governo do Paraná comprou a residência, transformando-a no Palácio São Francisco.

Ali viveram dona Anita e o interventor Manoel Ribas, dona Hermínia e o governador Moysés Lupion de Troya, dona Flora (Camargo) e o governador Bento Munhoz da Rocha Netto. Em 1954, o governo estadual foi transferido para o novo Centro Cívico, com a inauguração do Palácio Iguazu. O local foi transformado em sede do Tribunal Regional Eleitoral e do Museu de Arte do Paraná, para ser reciclado em uso em 2002, quando se tornou sede do Museu Paranaense, por decisão do governador Jaime Lerner.

Adiante, na Praça Garibaldi, fronteiro às igrejas do Rosário e Presbiteriana Independente, exemplar de arquitetura germânica, encontra-se o Palacete Wolf. Foi construído em 1880, pelo imigrante austríaco Fredolin Wolf, que mantinha chácara e moinho numa colina junto ao rio Barigui, na rua que hoje leva seu nome.

O Palacete Wolf foi escolhido pelo arquiteto Alfred Willer para sede da Fundação Cultural de Curitiba até 2006. Ali funcionaram os colégios Curitiba-no, Parthenon Paranaense, Internacional, Pereira Pitta e a seção masculina do Colégio Bom Jesus. De 1886 a 1891, o imóvel foi alugado para o Corpo Policial da Província. Serviu de Palácio do Governo em 1892. Na Revolução Federalista de 1894, era o Quartel General do 5º Distrito do Exército. Seu porão de alvenaria de pedra teria sido a sinistra masmorra do Barão do Serro Azul e seus companheiros.

Entre 1912 e 1913, o casarão Wolf sediou a Câmara Municipal. No ano seguinte, o andar superior foi ocupado pela Loja Maçônica de Curitiba.

Nessa época, a família Bianchi – dona Gina e sua filha Bianca – passou a residir no térreo, com escola particular de pintura e de violino ocupando o imóvel por 42 anos.

Ali formou-se o talento da grande violinista Bianca Bianchi (1904-2002). A mãe de Bianca, dona Gina, artista de grande prestígio, ensinava pintura às senhoritas das melhores famílias da cidade. Vinha da Itália, onde havia participado da restauração de uma capela fiorentina. Ao voltar a Curitiba, em

1942, expôs suas “rosas”, entre outras telas de arte decorativa no *foyer* do Teatro Avenida.

Admitiu alguns alunos homens, entre eles o então jovem e talentoso Theodoro de Bona. A filha Bianca enamorou-se dele. Casa liberal, acabou retratada nua pelo artista. O quadro, pouco convencional para o provincianismo curitibano, ficava em cima do piano da sala. Quando recebia amigas para o chá, Dona Gina Bianchi desculpava-se: *Bianca, mia figlia, é “artiste”... E artiste tudo pode!*

Bianca Bianchi, virtuosa violinista, fundadora da Escola de Belas Artes, formou o Trio Paranaense (1932-1968), com a pianista Renée Devrainne Frank (1902-1979) e a violoncelista Charlotte Frank (1903-1984). No final da vida, dedicou-se a lecionar o revolucionário método de violino Susuki, formando a Orquestra da Associação da Educação do Talento Musical do Paraná, reunindo alunos de violino, viola d’arco e cello.

Era nossa conhecida, depois vizinha da rua Almirante Barroso. Fez-se amiga das minhas tias, com quem fazia escambo de cheiro verde e manjerição por leite, requeijão e queijos da chácara. Ali, já idosa, jogava a chave do sobrado com uma cestinha para não ter que descer as escadas e abrir a porta para seus alunos. Na festa dos 300 anos de Curitiba, ela me pediu que mandasse buscá-la, na noite de 4 de abril de 1993, para o concerto do tenor José Carreras e da Orquestra Sinfônica Brasileira na pedreira Paulo Leminski. Assim determinei.

A violinista Bianca, o artista plástico Poty Lazzarotto e a poeta Helena Kolody foram meus convidados de honra, sentados na primeira fila, ao meu lado, de Margarita, de Tânia e do senador José Eduardo de Andrade Vieira, e do ministro Henrique Hargreaves, representante do presidente Itamar Franco, de quem era Chefe da Casa Civil.

No térreo do Palacete Wolf também funcionou a sortida livraria de Otto Braun (1940), especializada em figurinos Burda e moldes de costura importados de Berlim.

Nas salas da Livraria Braun, no apogeu da

Fundação Cultural de Curitiba, instalamos a Livraria Dario Velozzo, especializada em publicações sobre a Cidade, ao tempo da segunda gestão de Jaime Lerner como prefeito nomeado.

Concorrentes da Braun, havia a Papelaria João Haupt, ocupando gracioso sobrado em mansarda, na rua de São Francisco, hoje esquina com Barão do Serro Azul; e a papelaria Urânia, especializada em revistas em alemão. Lá se compravam os graciosos *calendários de Advento*, em cartão colorido. Costume germânico de marcar, dia a dia, a chegada do Natal, à espera de uma “Frohle Weinachten”, ‘Noite Feliz’.

A lista continua: casa Cezar Schulz – “typographia”, “estereotypia”, fábrica de carimbos de borracha, encadernadora, sortida papelaria. Ativa já em 1910, na rua da Liberdade, depois Barão do Rio Branco. Então menino, ainda pude frequentá-la na década de 1960, levado pelas mãos bondosas de minha tia Chiquita em busca de carneirinhos de presépio e cometas de ouropel para encimar as árvores de Natal. Dela vizinhas, a Casa Continental, de J. Procopiak & Irmãos, com grande sortimento de brinquedos importados da Alemanha, a firma Garbers & Cia. a Casa Nickel, mecânica e autopeças, especializada em automóveis Chevrolet, e a Tinturaria a Vapor “Guarany”, de Júlio Meister Sobrinho.

Era naquela rua o famoso ateliê fotográfico de Josef Weiss, que oferecia requintados cenários para as poses familiares enquanto queimava as chapas de vidro de seus daguerreótipos. Esse fotógrafo foi o grande documentarista das famílias curitubanas de seu tempo.

Mais adiante, já defronte ao Palácio do Governo, o confortável palacete do Hotel Johnscher, administrado pelo competente herr Franz Johnscher desde 1917 até sua morte em 1962. O hoteleiro só deixava Curitiba para temporadas na bela casa avarandada imersa na vegetação da Mata Atlântica na encosta da baía de Guaratuba.



Papelaria Cezar Schultz, rua da Liberdade (ou Barão do Rio Branco).





Papeleria Max Rosner na rua da Liberdade.

No Hotel Johnscher, em 1976, o cineasta Silvio Back fez o set de filmagem de “Aleluia, Gretchen”, drama sobre Curitiba nos anos da II Grande Guerra, com direção de fotografia de José Medeiros. Quando exerci a Prefeitura, desapropriei o prédio e o terreno da rua Barão do Rio Branco 354. Comecei sua restauração, termina-

da por meu sucessor, Cássio Taniguchi, que licitou o uso do espaço para hotelaria. Hoje funciona ali um hotel boutique da rede San Juan. Eu, tivesse tido tempo, teria feito ali uma escola suíça profissionalizante de hotelaria.

Na rua XV, entre os Correios e a rua Barão, havia a Casa da Manteiga, endereço de delícias importadas, de requintados produtos de mesa. Era vizinha da Casa Roskamp, especializada em bandeiras nacionais e estrangeiras, flâmulas e adesivos cívicos e esportivos. Na quadra seguinte, as Joalherias Kopp, Fleiszfresser e Heisler. Adiante, a Importadora Tigges, que trazia, desde o porto de Hamburgo, carregamentos de porcelanas Rosenthal, bonecas de louça alemã, brinquedos mecanizados e de corda, pince-nez, óculos, binóculos e instrumentos de precisão. Ficavam na mesma quadra do Café Alvorada, da bomboniére Kopenhagen, do prédio do Clube Curitibano e do bellissimo Grande Hotel Moderno – que foi dos alemães Johnscher e do italiano Ginno Zanchetta. Nesse hotel ficaram hospedados Santos Dumont e Olavo Bilac em suas visitas à nossa Curitiba.

Santos Dumont veio em maio de 1916. A Associação Paranaense de Esportes Atléticos ofereceu-lhe um banquete nos salões do Grande Hotel, onde discursou o professor Dario Vellozzo. O “pai da aviação” visitou o Colégio que tinha seu nome, dirigido por dona Mariana Coelho, e mereceu recepção no Palácio do Governo, acolhido pelo presidente do Estado. Assistiu a uma partida de futebol no campo do Atlético, então denominado Internacional Foot Ball Clube. Anotou

tudo em seu diário de viagem, conforme informou o cronista do jornal curitibano *A República*.

Na atual Avenida República Argentina, antigo caminho do Portão, ficava a Casa Schier, de selaria, arreios, sapatos e botinas. Gustavo Schier desembarcou no Brasil em 1875. Na época, com dois anos de idade, sua família se estabeleceu em São Francisco do Sul, Santa Catarina. Aos dez anos, veio com seus pais morar em Curitiba. Gustavo era seleiro de profissão. Fez-se famoso no Portão, caminho de tropeiros, no trotar entre a Fazenda Rio Grande, a Fazendinha, o centro da Cidade e a Estrada do Mato Grosso.

Sua habilidade com o couro era típica de um grande artesão, tornando-se facilmente conhecido na



(em cima) Santos Dumont em Curitiba, hóspede do Grande Hotel Moderno, tendo por anfitrião Enéas Marques dos Santos, no dia 7 de maio de 1916, antes de ir ao jogo de futebol do Internacional, hoje Clube Atlético Paranaense.

(embaixo) Santos Dumont visitando a escola de Dona Mariana Coelho, em Curitiba.

cidade. Com o passar dos anos, Gustavo teve vários filhos, mas Feliciano Schier, conhecido como Tito Schier, foi quem mais se identificou com a profissão do pai, dando continuidade ao trabalho artesanal de selaria.

A família e o comércio persistem até nossos dias. Sua neta, Márcia Schier, foi vereadora de Curitiba. Eu, prefeito, tive a honra de nominar com seu nome uma praça no bairro do Portão, remanescente da antiga ferrovia.

No comércio de couros foi famoso em Curitiba o Curtume dos Pugsley, com fábrica à beira da estrada da Graciosa, no trecho que hoje se chama avenida Munhoz da Rocha, próximo ao Country Clube. Empresa familiar centenária, atravessou o século, sendo extinta com a globalização.

Na colina das Mercês, foi famoso o armazém da família Mann, doadora do terreno onde os capuchinhos italianos ergueriam sua bela igreja. Do outro lado da avenida Manoel Ribas, instituição quase secular, resiste aberto até hoje o Armazém da Alice. A simpática comerciante da família Dunche, olhos de um azul profundo, rosto gordinho, cara de “bom apetite”, oferece gastronomia colonial, compotas de pepino azedo, cremes de raiz forte, petúnias e tulipas cultivadas no seu jardim, e também uma “fezinha” de Jogo do Bicho, esta instituição nacional assimilada por todas as etnias.

Voltando ao centro da cidade, rua XV de Novembro quase esquina com Barão do Rio Branco. Era o endereço da elegantíssima Perfumaria Lá no Luhm. Dona Margarita Fany Araceli Pericás, minha sogra, mãe de minha amada Margarita, nascida e criada na rua XV, tem boas lembranças dali:

As funcionárias atendiam uniformizadas: saias preta, blusas de seda branca, longas mangas bufantes, laçarotes pretos no pescoço, apresentavam os produtos, maquiagem e perfumes importados, em bandejas de imbuía, forradas de couro verde escuro, com molduras pirografadas em ouro.

As embalagens para presente, em papel de seda branca, não conheciam as marcas de durex ou fita adesiva. Eram arrematadas por barbante dourado e fitas de cetim, vermelho para homens, cor de rosa para mulheres e azul claro para jovens de ambos os sexos. Como arremate, as embalagens masculinas ganhavam pequena “chupeta de bebê”, as femininas, rosas ou camélias de cetim. Tudo era coberto por aparas de papelão e nova embalagem em papel mais forte, para que chegasse incólume aos destinatários.

Herr Luhm tinha grande tino comercial, refinada educação e senso de humor: Ao atender cavalheiros abonados, ia logo perguntando: “O senhor deseja um presente para sua mulher? Ou prefere uma coisinha melhor?”

Em geral, quando o interessado tinha intenções de Dom Juan, Luhm acabava vendendo um caríssimo perfume francês.

O cronista curitibano Malu (Luiz Alfredo Malucelli), na sua coluna semanal do jornal *Gazeta do Povo*, também referiu outra anedota sobre Herr Luhm: “Dizia o Harry que nos idos de 1942 – quando tinha 13 anos –, com a Segunda Grande Guerra em andamento, houve um ‘quebra-quebra’ em Curitiba, com brasileiros ‘revoltados’, com

os então ‘inimigos’ alemães.

As lojas da Casa da Manteiga, Casa Cristal, Casa Metal e Impressora Paranaense, entre outras, foram depredadas. Quando a turma chegou defronte a perfumaria Lá no Luhm, o então conhecido pinguço Dias, que vivia de facas, postou-se à frente e alertou: “Sereninho, o dono, é brasileiro e só passando por cima do meu cadáver vocês vão fazer danos à loja dele!”. “Sereninho” era o apelido do pai de Harry, que garantiu a mesada ao Dias, a partir daquela ocasião, com aumento.

Nesse tempo sombrio, há um episódio semelhante, narrado por Liamir Santos Hauer no seu livro *O Circo: a tentativa de depredação da doceria da Frau Esser*, afamado endereço da rua XV. Entre os brasileiros que então discursaram, alegando que a gordíssima Frau Esser era mãe de filhos curitibanos, muito trabalhadora, jamais foi nazista, estava seu pai, Dario Nogueira dos Santos, que falou trepado numa mesa. Na



seqüência, vitrines e afamados quitutes foram defendidos pela freguesia, que, diante da turba nacionalista, cercou a loja, exigindo respeito.

Esses dias de declaração de guerra infelicitaram Curitiba. No germânico *Deutscher Saengerbund* – depois Clube Concórdia – e na italiana Sociedade Garibaldi, a depredação chegou ao ponto de jogarem os pianos de cauda sacadas abaixo. No Concórdia, foi instalado o Clube Atlético Paranaense. A Garibaldi foi ocupada à força pelo Tribunal de Justiça do Paraná.

Pessoalmente, lembro do ambiente belíssimo da loja Lá no Luhm: os armários de imbuía até o teto, iluminados como se fossem de um museu, com vitri-





Tempos Sombrios

(acima) Biblioteca do consulado alemão em Curitiba. Acervo Heisler, Casa da Memória de Curitiba.

(embaixo) Bandeira nazista hasteada no consulado Alemão no primeiro andar do Edifício Garcez, na Avenida Luiz Xavier em Curitiba. Acervo Casa da Memória de Curitiba.



A banalidade do mal fez com que ele se alastrasse além do continente europeu, gerando um conflito mundial, ao qual nossa Curitiba não ficou imune.

A bandeira nazista chegou a ser hasteada no Edifício Garcez, na bem instalada sede do consulado da Alemanha.

O “III Reich” era então apenas uma promessa da modernidade, propagandeada pelo voo de possantes dirigíveis, como o dirigível alemão Hindenburg, da empresa *Luftschiffbau-Zeppelin GmbH*, que sobrevoou Curitiba em 1º de dezembro de 1936.

O moderno balão transatlântico dirigível, com 245 m de envergadura, 13 passageiros e 22 tripulantes, provocou entusiasmados gritos de “*Deutschland über alles!*”



Hindenburg alemão sobrevoa praça Tiradentes em 1o de dezembro de 1936.



(acima) A tenente-enfermeira Jurgleide Doriz de Castro entre dois prisioneiros alemães enfermos. Foto tirada em 1944. Acervo Casa da Memória de Curitiba.

(embaixo) Bronze de João Turin, em homenagem ao tenente Max Wolf. Museu do Expedicionário em Curitiba. Acervo Casa da Memória de Curitiba.



Tenente Max Wolf em ação no front italiano, 1944.

O Brasil declarou guerra à Alemanha, Itália e Japão, enviando Força Expedicionária à Europa, para combater com os Aliados, oponentes de Hitler e Mussolini. Na foto, de 1944, conservada na Casa da Memória de Curitiba, a enfermeira curitibana Jurgleide Doriz de Castro aparece entre dois prisioneiros alemães, tratados com humanidade.

Por ironia da história, seria um filho de alemães o pracinha paranaense agraciado com “medalha de sangue”.

Max Wolf Filho (1911-1945) tombou, abatido por rajada de metralhadora do exército nazista, no dia 12 de abril de 1945, num reconhecimento militar entre Monteforte e Bisciaia, no centro da Itália, então chamado de “terra de ninguém”, território disputado, palmo a palmo, entre os batalhões aliados e os do III Reich. O momento foi imortalizado em Curitiba no conjunto de bronze que encima a fachada do Museu do Expedicionário.



”

nes em cristal bisotée; os balcões, também em imbuia, teatralmente iluminados por lampadários alemães, de desenho modernista Bauhaus.

Quando a loja fechou, já tendo se mudado para imóvel na rua Barão do Rio Branco, no começo da década de 1980, dona Marly Luhn, elegante nora do fundador, amiga prestimosa das minhas Margaritas, mãe e filha, quis nos vender os armários e os lampadários Bauhaus para a chácara São Rafael das Laranjeiras. Num minuto de burrice e fraqueza, recusei.

Também expressão de refinamento do comércio alemão em Curitiba, abriu na rua do Riachuelo, em 1929, a Joalheria Heisler, de Fritz Lachmann e Alfredo Heisler. A família residia na parte superior do prédio. Os relojoeiros eram amigos de meu avô Manoel Valdomiro de Macedo, que ali comprou, do Eurico Heisler, em 1963, aos meus 7 anos, o meu primeiro relógio de pulso, um vistoso cebolão suíço Ômega, com pulseira de marroquim avermelhado.

Dali vizinha era a Casa Favorita, do imigrante austríaco Rudolph Hatschbach e herdeiros. Seu alvará de lombilheiro, oficina de arreios e artesão de couros remonta a 1892, quando foi autorizado a instalar sua fábrica junto à casa de seu pai, o alfaiate Johann Hatschbach. A Favorita passou a fabricar e vender também calçados, baús, malas e valises de couro, produtos importados para a arte da sapataria e da confecção de bolsas, escovas e graxas. Em 1926 foi ampliada. Os Hatschbach ergueram ali o seu suntuoso sobrado. Nesse endereço, em 1964, as tias compraram minha primeira pasta de colégio, de couro negro e legítimo, com duas alças, forrada de seda.

Realismo fantástico contempla a história da Ótica e Relojoaria Raeder, estabelecimento de muito prestígio, aberto em 1891, na mesma rua do Riachuelo. Ali, no ano de 1897, Roberto Raeder fez instalar, apenso às empenas do prédio, vistoso relógio de ferro lavrado, com mostrador de porcelana e horas em vistosos algarismos romanos. Uma “joia urbana” importada de Leipzig, mantida nas três reformas da fachada, a última em 1925.

Durante mais de um século, todos os dias, um relojoeiro Raeder dava cordas no relógio, zelando pela pontualidade de seus ponteiros. O curioso, digno de um filme de Ingmar Bergman, é que o relógio só parou na hora e no dia da morte de seu filho e sucessor Karl Raeder. Aquelas 9:30 horas do dia aziago ainda estão lá, sinalizando a entrada do mestre relojoeiro na Eternidade.

No tempo áureo dos imigrantes, os sábados e domingos de Curitiba passaram a ser animados por bailes de sanfona, à moda germânica, chamados *sumpfs*.



Fábrica de Calçados Hatschbach localizada nos fundos da Casa A Favorita. Funcionou entre 1890 e 1926. Foto Volk.

A tendência germânica ao associativismo logo povoou a cidade de salões alemães – como o Salão Lindermann, na rua de São Francisco, e o Theatro Hauer, na esquina da rua dos Alemães com o caminho do Açungui (hoje Treze de Maio com Mateus Leme).

Surgiram também as tradicionais sociedades



Relojoaria Raeder, primeira sede na Rua Riachuelo, já com o relógio trazido de Leipzig.

musicais qual o Deutscher Saengerbund (1875), que seria o tradicional Clube Concórdia, prédio monumental na antiga rua do Serrito, depois Conselheiro Barradas, hoje rua Carlos Cavalcanti. Assemelha-se a uma Casa de Ópera da velha Europa.

Seu antigo presidente, o engenheiro Hans Klaus Garbers (1924-2014), queria que eu prefeito fizesse ali um Teatro Municipal. Em junho de 2012, numa assembleia geral do que restou do quadro associativo, o Clube Concórdia foi incorporado ao patrimônio do também tradicional Clube Curitibano, agremiação fundada pelo Barão do Serro Azul em 1882.



Teatro Hauer, vista externa, 1890. Casa da Memória de Curitiba.

Os alemães fundariam ainda a tradicional Sociedade Thalia (1882) – que tem por patrona a *Musa da Música* –, erguendo esplêndida sede social na rua Comendador Araújo, o salão nobre com piano de cauda e grandes telas a óleo com cenas de óperas e



Antigo Clube Concórdia, ou Sociedade de Cantores Alemães de Curitiba, Deutsche Saengerbund.

uma escada monumental em mármore arrematada por precioso vitral.

Digno de nota também o *Handwerker* (1884), sociedade beneficente dos artesãos ou trabalhadores braçais, depois chamada Rio Branco. O núcleo central dessa agremiação eram os trabalhadores da Cervejaria Glória, cujas barricadas e carroções também deram origem ao corpo de bombeiros voluntário de Curitiba. Esses homens simples ergueriam, na Carlos de Carvalho com Visconde do Rio Branco, belo palácio neoclássico para sua sede social, o grande salão de festas dotado de expressivo palco, com profundidade e urdimentos para cenários móveis. Espaço cultural ativo por um século, foi desativado quando a Sociedade Rio Branco vendeu o terreno para o capitalista Sílvio Name, de origem sírio-libanesa.

Também foram criados dois clubes para atrair jogadores. O “Caça e Tiro”, no bairro do Bacacheri, e o “Tiro ao Alvo”, na rua Jacarezinho, bairro Vista Ale-

gre das Mercês. Neles, os competidores, com chapéus tiroleses de penacho, empenhavam-se em estandes de competição de “Rei do Tiro”, nas modalidades de Tiro ao Pombo, Tiro ao Prato e Tiro à Bala ao Alvo. Eram famosos, entre os jovens de Curitiba, os “Reis do Tiro”. Foto publicada por Valêncio Xavier, ao referir “O Lazer na Curitiba Antiga”, boletim nº 7 da Casa Romário Martins, revela reunião da agremiação em 1897. A Sociedade de Tiro ao Alvo foi mais tarde incorporada ao patrimônio do Clube Concórdia, na



Diretoria da Sociedade Alemã Operária Handwerker, 1890. Casa da Memória de Curitiba.

gestão de seu “eterno” presidente, o engenheiro Hans Klaus Garbers (1924-2014). Essas duas agremiações remetem à caça, antigo costume europeu – hoje politicamente incorreto. Era comum a presença, nos campos de Curitiba e nos Campos Gerais, de animados grupos de caçadores, armados de espingardas Von Krupp, acompanhados de matilhas de cães perdigueiros, a perseguir codornas, perdizes, narcejas, jacus, pacas, cutias, veados e capivaras.

Germânica também a briosa Teuto Brasilianischer Turnverein zu Curityba (1890), Sociedade de Ginástica Teuto-Brasileira de Curitiba – por efeito da II Guerra Mundial, agora chamada de Clube Duque de Caxias. Os fundadores dessa singular sociedade de ginastas foram os imigrantes Heinrich Hilmann, Paul e Rudolf Müller, Hermann Behrens, Ferdinand Senff Jr., August e Anton Loeser, Wilhelm Lindroth e Robert Langer, alemães vindos da Baviera e da Suábia. A sessão solene de fundação foi em 1890 no Teatro Hauer, na rua dos Alemães (Treze de Maio). Em 1911, os ginastas teuto-brasileiros compraram terreno na rua Doutor Muricy, onde, em 1913, inauguraram a sede social. Em 1933 compraram sede campestre no Bacacheri. Em 1975 venderam a sede central, que foi animado palco dos “Chás de Engenharia”.

Em 1909, Frederico Fritz Essenfelder, filho do berlinense fabricante de pianos Florian Helmuth Essenfelder, viajou a Buenos Aires em busca de mercado para instrumentos. Lá adquiriu as primeiras bolas de





Festa do “Rei do Tiro” da Deutsche Schützenverein (ou Sociedade dos Atiradores Alemães), 1900. “Bosque dos Atiradores” no vale do rio Belém. A sede urbana desde 1889 ficava na rua de Mato Grosso (hoje Comendador Araújo). Notável o telhado de tabuinhas, típicas telhas alemãs. Foto J. Weiss, reproduzida por Arthur Wischral.

football e fardamentos ingleses, trazendo-os a Curitiba. Seria o começo do glorioso *Coritiba Futebol Clube*. Brilharia no time, mais tarde, o jovem goleiro João Viana Seiler, industrial madeireiro.

Numa viagem de negócios a Berlim, trouxe para cá novo modelo europeu de um calção de futebol mais curto. “Goalkeeper” – goleiro – de um Athletica usou a novidade. Foi o bastante para que a torcida do Atlético (1924) gritasse: *Coxa Branca!* O interessante é que foram os nossos mais ferrenhos adversários que acabaram criando o consagrado adjetivo, até hoje apelido do nosso time: o Coxa.

João Viana Seiler, capitalista, trabalhou na Fábrica de Louças Colombo e depois na sua firma madeireira. Casou-se com a irmã de meu avô, tia Mimi (Semiramis de Macedo Seiler). Juntos construíram esplêndida casa, com refinados lambris em imbuia, na rua Brigadeiro Franco, entre a Comendador Araújo e a Vicente Machado. A casa de tia Mimi e tio João seria o cenário da festa de noivado de meus pais, Therezinha Gaspa-



Grupo de ginastas alemãs em Curitiba. Década de 1900. Sociedade Teuto-Brasileira.

rim Greca e Eurico Dacheux de Macedo, e também do almoço do meu batizado.

Isso após eu ter recebido, do primo bispo, Dom Jerônimo Mazarotto, a unção do crisma e as águas lustrais do batismo, na Catedral de Curitiba. Era o dia Treze de maio de 1956. Foram meus padrinhos, a irmã de



Estádio Belfort Duarte, 1932. Atual Couto Pereira.

minha mãe, Francisca Greca, e meu avô Manoel Valdomiro de Macedo, irmão da dona da casa onde deu-se a festa.

Aqui diziam que onde havia dois alemães, fundavam-se 3 sociedades. Herança do famoso associativismo germânico é também o Graciosa Country Clube. Em novembro de 1914, rapazes adeptos do tênis abriram, no Parque Graciosa, à margem da estrada do mesmo nome, entre os arrabaldes Cabral e Bacacheri, o Sport Club Germânia, com duas singelas quadras de terra. Em janeiro de 1919, o nome foi alterado para Tennis Club. Em 1921, o local já era conhecido como Graciosa Tennis Club.

No inverno de 1926, a diretoria do Graciosa Tennis Club propôs união aos componentes do Curitiba Golf Club, para que formassem um único clube. A proposta foi aceita. A diretoria de então solicitou ao arquiteto Francisco Pinow um projeto para a construção de uma ampla sede social em estilo normando. No dia 28 de fevereiro de 1927, as plantas foram assinadas e apresentadas à Prefeitura de Curitiba.

Foi proclamado novo estatuto social, aprovado em assembleia, a 14 de junho. Um mês depois, 14 de julho de 1927, a primeira diretoria do Graciosa Country Club foi empossada.

Entre os 175 fundadores do Country, muitos sobrenomes alemães: Ritzmann, Cremer, Fleishfresser, Schlemm, Stellfeld, Schubert, Lipmann, Kopp, Kimmel, Krueger, Kempfer, Krebs, Maeder, Büchner, Iwersen, Hatschbach, Hauer, Hirsch, Schulz, Ei-

senbach, Wolff, Wagner, Scherer. Havia também os sócios brasileiros tradicionais: Rivadavia de Macedo, Leão, Itiberê da Cunha, Junqueira, Santos, Carvalho, Suplicy de Lacerda, Azeredo, Monteiro, Machado, Barros Alves e Carneiro de Souza, amálgama da gente curitibana patricía.

Um ano depois, em 14 de julho de 1928, aconteceu o primeiro baile de aniversário daquele que se tornaria um dos mais refinados endereços sociais e esportivos de Curitiba.



Sócios fundadores do Graciosa Country Clube.

Mas voltemos à influência dos imigrantes na urbanização da cidade. Em 1857, foi fundado, no Alto da Glória, o Cemitério Luterano de Curitiba, anterior mesmo à existência de uma igreja daquela confissão cristã reformada.

A igreja seria erigida entre 1866 e 1876, em enxaimel, na rua América, entre as ruas do Serrito e rua dos Alemães (hoje a quadra da rua Trajano Reis entre Carlos Cavalcanti e Treze de Maio). Como já vimos, foi documentada pelo artista alemão Hugo Calgan em aquarela e também por fotografias em daguerreótipos (ou chapas de vidro).

Esse primeiro Templo Luterano, símbolo de que os alemães trouxeram modificações na arquitetura, foi esplêndida construção em estilo romântico bávaro, erguido com a técnica de enxaimel. Parecia uma casa de açúcar e mel, sonhada num conto de fadas pelos Irmãos Grimm. Tinha projeto do construtor Gottlieb Wieland. O crítico Marquês de Santos fala que se tratou da mais requintada obra utilizando enxaimel como matéria-prima no Brasil da época.

O enxaimel, que deriva do vocábulo ‘fach’ (‘compartmento’) é uma apurada técnica de construção que remonta à antiguidade. Consiste em paredes montadas com hastes de madeira encaixadas entre si em posições horizontais, verticais e inclinadas. Os espaços são preenchidos por pedras ou tijolos. Os tirantes de madeira dão estilo e beleza às construções, assegurando sua robustez e a grande inclinação dos telhados.

O sonho desmanchou com o clima úmido de Curitiba. A igreja não resistiu por muito tempo, logo consumida pelos ávidos cupins. Os primorosos mestres construtores, marceneiros e pedreiros, aprenderam duramente a lição. O novo templo luterano, dito Igreja do Redentor, no mesmo terreno, só seria consa-



Igreja Luterana em estilo enxaimel. Durou de 1866 a 1876, a estrutura foi devorada por cupins.

grado ao Culto Divino em 1897.

Lembro-me de ter discursado no púlpito da Igreja Luterana do Redentor, na condição de Prefeito de Curitiba, no culto gratulatório pelos 100 anos da Comunidade Evangélica Luterana. Na ocasião, recordando operosas vizinhas, como Frau Zimmermann, avó do pintor Carlos Eduardo, e Fraulein Margaretha, costureira das minhas tias, gente que varria as calçadas defronte de casa e até lavava a rua, disse à plateia: fosse toda a gente curitibana similar aos paroquianos luteranos e talvez Curitiba nem precisasse de Prefeito.

Existe uma outra igreja luterana, Christus Kirche, no centro histórico de Curitiba, verdadeira joia da imigração: aprazível jardim sombreado por aleia de butiás, interior aconchegante, nave arrematada por pintura a óleo no retábulo do altar: “Cristo chora sobre Jerusalém”.

Fica na rua onde me criei, a Inácio Lustosa. Nos idos de 1913, foi erguida por dissidentes luteranos da Paróquia do Redentor, quinze famílias, entre elas os Erlund, Graeml, Müller, Gaertner e Wendler. A consagração bíblica do gracioso templo, coroado por zimbório em folha de flandres recortada ao estilo bávaro, deu-se em 26 de janeiro daquele ano.

O motivo do cisma foi a reclamação desse grupo mais purista de luteranos pelo ensino religioso na Escola Progresso, então mantida pela comunidade na atual praça 19 de Dezembro.

Anos depois, o bondoso e carismático Pastor Karl Frank, nosso vizinho do topo da rua Inácio Lustosa, ao assumir os encargos paroquiais da Christus Kirche, reconciliou-a com a Comunidade Evangélica Luterana de Curitiba.

Tive a alegria de estudar a Reforma Luterana tendo o Pastor Frank por professor. Aluno dos padres jesuítas, no tempo do ecu-





Vista de Curitiba em 1916, ao fundo vê-se a Torre da Christus Kirche da rua Inácio Lustosa.

menismo pregado pelo Concílio Vaticano, tendo que fazer um trabalho sobre Lutero, não tive dúvidas, atravessei a rua e fui direto na fonte. Pedi a sua filha Maureen que permitisse conversar com o santo homem. Ganhei um mestre de Bíblia e de fé cristã. Meu professor, padre Vendelino Estanislau Bierger, adorou.

Vereador de Curitiba, entre 1983 e 1986, propus o honrado nome do Pastor Karl Frank para uma rua, localizada no Boqueirão. Além de seus méritos de pacificador, exaltei seu amor pela música e pela Bíblia.

Na Christus Kirche conserva-se precioso órgão de foles, montado pela Casa Herthel. Talvez órgãos mais antigos do que ele sejam apenas o da Igreja da Ordem e o órgão francês da Matriz de Campo Largo da Piedade, fabricado em 1892 por Aristide Cavallè Coll. Esse instrumento serviu ao culto católico, na Catedral de Curitiba, até 1902, quando foi dispensado porque a Diocese comprou um maior. É dos quinhentos Cavallè Coll que estão espalhados pelo mundo, dos quais apenas quatorze no Brasil.

Dona Ingrid Müller Seraphim, cravista e maestrina da Camerata Antiqua de Curitiba, que, quando Ministro de Estado do Brasil, indiquei ao presidente Fernando Henrique Cardoso como merecedora da condecoração “Ordem do Cruzeiro do Sul”, nesta Christus Kirche de Curitiba, nos cultos de domingo, costumava executar os Motetos de Bach.

O endereço foi o primeiro jardim de infância de Curitiba, em 1928. Esse *Kindergarten* estava na razão da criação da Capela de Cristo, adendo do Colégio Progresso. Ali, no Colégio Progresso (ou *Deutsch Schule*, Escola Alemã de Curitiba), estão as raízes do

moderno Colégio Martinus, depois também Faculdades Martinus. Adalice Araújo, no seu Dicionário de Artes Plásticas, refere que Alfredo Andersen lecionava desenho e composição nesta *Deutsche Schule*.

O primeiro jardim de infância do Paraná surgiu em 1862, iniciativa pioneira da professora Emília Erichsen. Ela foi aluna de José Bonifácio de Andrada e Silva. Era versada em inglês, alemão, francês e italiano. Com 23 anos, em 1840, casou-se com o navegador dinamarquês Conrado Erichsen. Viveu na Europa, depois voltou ao Brasil por São Vicente, donde rumou ao Paraná, na Colônia do Assungui, atual município de Cerro Azul. Em 1856, o casal mudou-se para Castro. Quando Conrado faleceu, em 1862, viúva com 5 filhos, a educadora abriu seu jardim de infância, no qual recebia alunos de 4 a 6 anos de idade, inclusive filhos de escravos de fazendas da região, os quais educava nos moldes da concepção de Froebel.

Em 1900, a professora Erichsen, já idosa, foi morar em Palmeira, onde já vivia um genro seu. Viveu até seus 89 anos, passando



Colégio Progresso (ou Deutsche Schule), atual Praça 19 de Dezembro, na época Largo da carioca de baixo.



Alunos da escola alemã (ou Deutsche Schule).



Paulo Bomker, professor particular a domicílio. Foto do início do século XX. Coleção Museu Tingui-Cuera, Araucária.

nea da obra poética de Carmem Carneiro, considerada poeta simbolista comparável a Helena Kolody e Tasso da Silveira.

Curitiba recebeu muitos alemães fiéis à Igreja Católica Romana. Para apascentá-los, por volta de 1896, chegou à cidade o padre Alfred Auling, fixando residência na Igreja da Ordem. Durou até 1903 sua *Capelania dos Alemães*, voltada também para as freiras alemãs do Colégio da Divina Providência, instalado no Palacete Hauer da rua do Rosário. Até 1937, os frades alemães serviram na Igreja da Ordem, quando foram expulsos por nacionalistas exaltados.

Essa Capelania atraiu a Curitiba frei Xisto Meives e frei Redempto Kullmann, franciscanos observantes. A princípio instalados na capela de São Francisco de Paula, a convite do bispo Dom José de Camargo Barros, esses frades assumiriam a capela da Irmandade do Senhor Bom Jesus dos Perdões, do então Largo da Misericórdia. Ao lado do Hospital de Caridade, a partir de 15 de agosto de 1886, num terreno a leste da praça Rui Barbosa, ergueriam bela igreja, amplo convento e colégio para meninos. O convento – ainda de madeira – foi abençoado pelos frades e por Monsenhor Celso Itiberê da Cunha, em 7 de julho de 1901. Ao seu lado, os frades também fundaram, em 1902, o jornal católico *Der Kompass* – ‘A Bússola’, em português.

Esse jornal de Curitiba durou até 1942, quando, em tempo de guerra contra a Alemanha, teve seu registro negado pelo DIP de Getúlio Vargas. Por ser publicado em alemão, teve problemas ao tempo das duas grandes guerras, quando a história política opôs nosso Brasil à Alemanha. A sede do *Der Kompass* junto à igreja dos franciscanos foi apedrejada em 11 de abril de 1917, por

à Eternidade em 28 de setembro de 1907. Netas dessa mulher admirável foram dona Zaira, dona Silvia e dona Carmem Carneiro, filhas do professor Petit Carneiro, fundador da Universidade do Paraná, as duas últimas professoras da minha Margarita. Dei o nome de Sílvia Carneiro a uma das creches de Curitiba, que ergui no Jardim Pinheiros. Publiquei, na *Coleção Farol do Saber*, coletânea

uma pequena multidão de aproximadamente 500 pessoas, publicou o jornal *Commercio do Paraná*.

A igreja neogótica e o convento em alvenaria, projeto do irmão arquiteto frei Feliciano Schlag, foram concluídos entre 1909 e 1910. Na igreja, de belos altares entalhados pelos frades em madeira de lei no estilo gótico, os tetos afrescados com a visão do Paraíso em pinturas murais, o órgão harmonioso trazido da Alemanha, os frades incentivaram o “Pão dos Pobres”, através da benemérita Pia União de Santo Antônio e ainda a Irmandade de Santa Zita, pioneira na defesa dos direitos das empregadas domésticas.

Na associação das “Zitinhas”, memória de Santa Zita de Lucca, serva canonizada nos idos de 1300, destacou-se dona Eulália Brambilla, desde 1944. Nascida em Terra Cortada, município de Prudentópolis, desde os onze anos serviu à família Franco de Souza. Militante da JUC – Juventude da Ação Católica –, Eulália desenvolveu intensa ação social, chegando a criar um Abrigo de Velhas Domésticas no bairro de Uberaba.

Da irmandade de Santa Zita saíram algumas das empregadas de minha mãe e minhas tias, só gente boa: uma polaca de Papanduva (SC), dona Severa Francisca Rita Schimagogeswski, que criticava a sociedade curitibana: *Vocês aqui dão valor pra uma gente que não tem nem erval* (sic); Thereza, Luci e



Igreja do Senhor Bom Jesus dos Perdões, convento dos frades alemães e sede do Jornal *Der Kompass*.

Lourdes, filhas de dona Benedita Ferreira Gomes, bela mulher negra extremamente bem humorada, trabalhadora exemplar.

A Lourdes serviu minhas tias Chiquita, Loly e Mafalda, no casarão da rua Almirante Barroso, até se casar na Igreja do Rosário. Saiu dali vestida de noiva, as tias a arrumar-lhe a grinalda no salão da casa da



família. Era a “Uia”, minha querida babá, uma atenciosa educadora, talentosa cozinheira, muito amiga da gurizada. Fui padrinho de seu filho André. Tia Chiquita foi madrinha. O batizado deu-se na Igreja da Ordem, com padre Júlio Pereda oficiando. Anos atrás fui ao seu enterro no Jardim da Saudade. Pude fazer uma oração, a pedido da família, onde exaltei-lhe as virtudes e a bondade.

Eulália Brambilla também arranjou para minha mãe outra adorável secretária do lar, Nhá Isabel Silva. Cabocla, quase índia, de olhos grandes, pele dourada, morreu na casa da Inácio Lustosa. Meus pais cuidaram dela até o fim, sendo sepultada por nós, tão amiga e fiel foi em vida. Esses três anjos tutelares – Severa, Lourdes e Isabel – velaram meus dias de menino.

O conjunto arquitetônico franciscano, volumetria e telhados de rigidez prussiana, seria ampliado em 1926 com a edificação do novo Colégio, no terreno vizinho à rua Alferes Poli, hoje patrimônio histórico e cultural de Curitiba.

Deu certo a missão dos freis Auling, Meiwes e Kullmann. Hoje a Associação Franciscana de Ensino Senhor Bom Jesus, sediada junto à igreja da praça Rui Barbosa, é mantenedora de 34 colégios, entre eles o Bom Jesus, o Bom Jesus da Aldeia e o Nossa Senhora de Lourdes, e ainda a FAE Centro Universitário, o Sesc São José, o Lace Language Center, a Viva Esporte Academia e a Escola de Negócios Valor Brasil.

Os frades, que tiveram entre seus integrantes Dom Paulo Evaristo, Cardeal Arns, e entre suas devotas a criadora da Pastoral da Criança, doutora Zilda Arns Neumann, suplantaram as fronteiras do Paraná e levaram sua rede de ensino também a Santa Catarina, Rio Grande do Sul, São Paulo e Rio de Janeiro.

Os germânicos também influenciaram a mesa curitibana, com seu creme de raiz forte (crem), as conservas de pepino azedo, broas de centeio (*roggenbrots*), pães pretos (*scharwtzbrots*), os pratos de marreco com maçã, Joelho de porco com repolho-roxo ou chucrute, chineques, choriços e salsichas (*wurst*), brancas e coradas, e as famosas *wienerwurst*, ou salsichas vienenses, aqui intimamente comandadas como “vinas”. A mesa curitibana, por influência germânica e polonesa, também conheceu fartura de receitas com batata (*kartoffel*).

Herança teutônica pode ser encontrada no cardápio dos restaurantes no Largo da Ordem, quais o moderno Schwartzwald – ou Bar do Alemão –, instalado no depósito da Casa Strobel e no grande salão

da Casa Vermelha; e o Hummel Hummel, da saudosa chef Ingborg Rost, mãe do cineasta Frederico Fülgraff. Sem esquecer do delicioso restaurante e café colonial da chef Dorothea Ritchen, na varanda do Solar do Rosário. Entre 1993 e 1996, essa adorável senhora foi chef da cozinha na casa de recepções do Parque Barigui, o Salão de Atos da nossa Prefeitura.

O livro de Registros, Marcas e Patentes da Junta Comercial do Paraná revela que a cerveja do alemão Eduardo Engelhardt, fabricada em Curitiba pela firma Engelhardt’s Brauerei, foi registrada a 26 de julho de 1893. O mestre cervejeiro, utilizando suas grandes barricas de pinho para armazenar água, era engajado entre os Bombeiros Voluntários de Curitiba.

A Sociedade Teuto-Brasileira de Bombeiros Voluntários, em Curitiba, foi autorizada pelo presidente Carlos Cavalcanti de Albuquerque em 1882. O Estado só teria um Corpo de Bombeiros Militar em 8 de outubro de 1912, quando assumiu o comando o Major Fabriciano do Rego Barros.

Desde 1913, brilha na rua América, hoje Trajano Reis, a padaria América, que já foi do estimado amigo Bruda Engelhardt. Conhecida entre as famílias tradicionais pelo nome de “Padaria da Dona Elza”, mãe do Bruda e mulher do antigo mestre cervejeiro, depois padeiro e confeitiro, Eduardo Engelhardt.

Ali, além das broas e outras delícias típicas, uma torta Aída, símbolo da virada do século, dos anos 1800 para 1900. Criada quando Giuseppe Verdi morreu, por frau Júlia Grampbell, mãe da Anny, senhora Wilson Martins, nossos vizinhos da rua Paula Gomes no bairro de São Francisco. Feita de massa muito fina, imersa em rum e polvilhada de chocolate ralado, a torta amanteigada, com sabor de Natal o ano todo, fica tanto melhor quanto mais velha. Uma delícia!



Bombeiro voluntário alemão da primeira corporação curitibana em 1900.

Uma vez comprei manteiga feita em casa, queijo branco de chácara e pepinos azedos, na Padaria América. Quando coloquei na mesa, em São Rafael das Laranjeiras, minhas tias Loly e Mafalda começaram a rir. “Você comprou? Fomos nós que fizemos”. E logo me contaram que faziam “escambo” com o Bruda, dando-lhe delícias da chácara para vender em troca do pão nosso de cada dia.



Cervejaria Atlântica. Foto de 1925. Casa da Memória.



A saga dos Engelhardt foi registrada no livro da historiadora Juliana Cristina Reinhardt *A Padaria América e o Pão das Gerações Curitiba*. Juliana, como se diz em Curitiba, também uma menina da nossa zona (no sentido de moradora do mesmo bairro São Francisco), é filha da Rose, sobrinha do antiquário Raul Reinhardt e neta de uma famosa parteira da rua Inácio Lustosa, pelas mãos da qual minha mãe e minhas tias vieram a este mundo.

Memória da requintada culinária germânica, a Leitaria Schaffer funcionou na rua XV nº 420, a partir de 1944, em prédio alugado da família Heisler, merecendo até um arranjo cultural da Prefeitura, em 1980, para ter uma sobrevida. Suas mudas de coalhada foram preservadas e hoje são comercializadas por um genro do último proprietário.

Francisco Schaffer, leiteiro desde 1918, teria introduzido em Curitiba as simpáticas garrafas de leite bojudas, reaproveitadas a cada dia, a partir da chácara da sua família, no caminho da Cruz do Pilarzinho. Estabeleceu-se no centro da cidade, com admirado estabelecimento, contando entre



Na centenária Padaria América, Eduardo Engelhardt mantém a tradição.

seus fregueses com intelectuais do porte de João Turin, Theodoro de Bona, Lange de Morretes, Zaco Paraná, Wilson Martins, Poty Lazzarotto e Dalton Trevisan.

Quando o prédio pegou fogo, em 1978, o arquiteto Rafael Dely, presidente do IPPUC, e o publicitário Sérgio Mercer, presidente da Fundação Cultural de Curitiba, promoveram a campanha publicitária “Por Amor à Schaffer”. Em 1981, nasceu a Galeria Schaffer, um mix de leiteria, cinema e galeria comercial, atrás da fachada preservada, que duraria até o ano 2000, na gestão do prefeito Cássio Taniguchi.

A Fundação Cultural de Curitiba subsidia o aluguel, pago ao senhor Bubi Heisler. A severidade da Lei de Responsabilidade Fiscal liquidou o acordo. Quando tudo acabou, Tânia Ghignone – vizinha da frente, no prédio de porta espelhada da tradicional Livraria Ghignone – comprou as mesinhas de tampo de mármore e pé central em ferro alemão, conservadas por mais 20 anos no Café Ghignone, junto à Livraria, na rua Comendador Araújo. Este ano, com a morte do seu pai, o simpático livreiro José Eugênio Ghignone, aquele ponto também fechou.

No Jardim Schaffer, entre a Vista Alegre das Mercês e a Cruz do Pilarzinho, fiz erguer o Bosque Alemão, Memorial da Imigração em Curitiba. A área estava degradada. Um belo dia, então prefeito, o ex-governador Paulo Pimentel contou-me que, no fundo de vale ao lado de sua mansão, vivia uma família vulnerável de supostos leprosos envergonhados de suas chagas. Pedi à Fundação de Ação Social que ali fizesse o devido resgate humanitário. Infelizmente a



informação procedia. Foram acolhidos na Fazenda Solidariedade, equipamento valioso posteriormente fechado.

Concebi a preservação de 38 mil metros quadrados de fundo de vale e a recuperação da nascente encachoeirada que corre por entre a mata nativa. No terreno de acesso, depois de um romântico jardim, no que chamei de *Praça dos Poetas Alemães*, mandei fazer o *deposé* da fachada da antiga Casa Mylla, uma das primeiras edificações germânicas de Curitiba, projetada por Gottlieb Müller, com repetidas janelas em



Johann Schaffer, pioneiro dos arredores do Pilarzinho, em 1863. Pai de Francisco Schaffer.

arco, frontão com mansarda avarandada, à maneira do casario prussiano de Berlim e Hamburgo – a mesma arquitetura do Solar do Rosário, onde funciona a editora deste livro.

A Casa Mylla era a última fora do alinhamento, depois do alargamento da rua do Nogueira, quando foi transformada em rua Barão do Serro Azul. Ficava ao lado do bar *Scaps*, endereço boêmio da boemíssima *barwoman* Mara. Seus muros criavam um cone de sombra insalubre e anti-higiênico, preferido para bêbados se aliviarem. Ao decidir por sua demolição, entre 1994 e 1995, mandei que fosse medida, fotografada, que o gradil de ferro fosse preservado e que fossem numerados os tijolos maciços. A Casa Mylla hoje é um dos ícones mais fotografados de Curitiba.

Depois dela, o Bosque Alemão contempla a trilha de “Hanz und Gretzel”, evocação do conto dos Irmãos Grimm, traduzido em por-

tuguês como “João e Maria”. Nela, edículas evocando torreões em enxaimel guardam azulejos desenhados por Denise Roman com a estória infantil. No meio do caminho, uma biblioteca, Casa Encantada, evoca a bruxa da estória. Lá, professoras municipais tornaram-se competentes contadoras de estórias, vestidas de bruxa, sucesso entre visitantes e crianças curitibanas.

Tudo termina no mirante *Torre das Vertigens do Espírito*, minha homenagem ao pensamento dos filósofos germânicos, de Goethe a Nietzsche. Depois da cachoeira com as águas das nascentes, a praça com o Oratório Bach.

Nos quatro anos em que fui prefeito de Curitiba, sempre ao meio-dia da sexta-feira santa, promovi na Catedral Basílica a execução, alternada, da Paixão Segundo São Mateus (1727) e da Paixão Segundo São João (1724), os dois monumentos musicais de Bach dedicados ao Sacrifício da Cruz e à Misericórdia de Jesus, obras-primas da música ocidental. O maestro Roberto de Regina regia coro e orquestra da Camerata Antiqua de Curitiba diante do altar-mor da igreja. O ator Emílio Pitta, num dos púlpitos, declamava em português os recitativos, para compreensão do povo.

No dia em que me disseram, dentro da Prefeitura, que não havia dinheiro para construir em madeira um Oratório Musical dedicado a Bach, a Divina Providência agiu: na tarde daquele mesmo dia, veio à audiência pública no Palácio 29 de Março o pastor da Comunidade Evangélica da avenida Silva Jardim, pedindo para demolir seu antigo templo de madeira que, por arcaico, seria substituído por moderno espaço em alvenaria de tijolos. Ganhei de presente o Oratório antigo, hoje lá colocado, dedicado à memória de Johann Sebastian Bach (1685-1750), o músico angélico. A única coisa que não consegui foi lá instalar um imenso órgão, que sonhava ver construído por Ricardo Hermann, organista, fabricante de órgãos e experiente luthier.

No quiosque gastronômico do nosso Bosque Alemão, instalei a Erika Zeilinger, doceira curitibana de pães de mel e biscoitos artesanais, bolachas em forma de estrela, capaz de reproduzir aqui *dresdenstölen*, *marzipan*,



Jardim Schaffer, Bosque Alemão, Memorial da Imigração, oratório Bach, torre dos filósofos e praça dos poetas germânicos.

***weinachtenstölen* e outras maravilhas. Começou na sua residência, no Pilarzinho, em 1979. Minha mãe e minhas tias iam lá comprar delícias para a mesa do Natal. Vi que era eficiente, porque a casa era cercada de uma nuvem de alegres abelhas.**

Ida Hannemann nasceu perto donde fizemos o Bosque Alemão, numa outra colina entre o Jardim Schaffer e o Pilarzinho. Em 1922, veio ao mundo a filhinha de Luiza Carlota Balim Hannemann e Henrique Hannemann. Feliz criança descalça na rua de saibro onde ficava o armazém de secos&molhados da família, edificação de tábuas e ripas, aberta para a rua com varanda bordada de lambrequins, ponto de encontro de carroceiros e sanfoneiros.

A menina foi matriculada para cursar o primário no Grupo Escolar no Ahú, onde começou a desenhar e pintar. Tinha apenas 8 anos. Desenvolveu o talento artístico na proporção em que avançava na sua formação ginásiana do Colégio da Divina Providência, das freiras alemãs moradoras do antigo Castelhinho

Hauer, na rua do Rosário. Em 1941, procurou a escola de pintura do mestre Guido Viaro, na época instalada na Dante Alighieri, na rua Ratcliff, hoje Desembargador Westphalen.

Ela mesma conta: *Recuando, lembro a casa antiga, assoalho frouxo, goteiras, paredes grossas. Ouço a voz do mestre Viaro: “Pintar o espírito das coisas! Jamais pintar pelo em ovo”. Colegas, comigo, diante dos cavaletes, Nilo Previdi, Leonor Botteri, Blasi, Bakun, Euro Brandão. De vez em quando apareciam, para dois dedos de prosa, Dalton Trevisan, Oswald Lopes, Erasmo e Oswald Pilotto, mestre Turin. A cada novo número da revista Joaquim um debate. Éramos inquietos. Quando chovia, as aulas ficavam impossíveis, a praça Zacarias alagava, a enxurrada lavava as paredes e o interior da Dante Alighieri.*

Em 1946, casou com o dentista André Campos, professor e cirurgião entusiasmado com o trabalho da amada. Tiveram três filhos, Heloísa Maria, que seria minha eficiente colaboradora no IPPUC; Luís Roberto, que foi meu colega no Colégio Medianeira; e José Luiz.



A obra pictórica evoluiu. Dona Ida fez sucesso na Cocaco, galeria que animava a vida cultural de Curitiba em 1959. Foi premiada nos Salões de Primavera do Clube Concórdia, no Salão Paranaense e no Salão de Arte Religiosa de Londrina. Deu de pintar cartões e bordar tapeçarias. De tudo o que fez, eu pessoalmente gosto mesmo das paisagens e das gralhas azuis.

Fiquei fascinado com o painel que executou para a Biblioteca da PUC, inaugurado em 1994. Quis colocar algo semelhante na nossa cidade, dentro da coleção de arte alusiva aos 300 anos de Curitiba.

Ida Hannemann de Campos sabe exprimir com precisão o processo de formação das araucárias, o desembrulhar das pinhas pelo vento, o voo das gralhas-piçavas e das gralhas-azuis. Gosta da frase de Romário Martins referindo o pinheiro: “Foi pão e sombra, foi a casa, foi o berço, foi a mesa e o esquife dos que aqui habitavam”.

Pedi e a artista atendeu o prefeito. Em 1996, inauguramos juntos “A Gralha-azul e o Alvorecer”, painel colocado em local de visão privilegiada, na perspectiva da via rápida que liga o centro da cidade ao Cabral. São 14 metros de largura por 4,5 metros de altura, num *panneau* urbano, em cerâmica quei-



Gralhas-Azuis plantam Araucárias. Painel de Ida Hannemann de Campos sobre o muro do Asilo São Vicente. Bairro do Cabral, Curitiba. Foto Nani Góis, 1996.

mada por Adroaldo Lenzi, para revitalização do muro do antigo Asilo São Vicente de Paulo. Aos 90 anos, dona Ida Hannemann de Campos acaba de merecer a edição de *Entre o Pincel e a Pena*, livro autobiográfico, com sua fortuna crítica. Bela vida a dessa menina alemã do Pilarzinho curitibano.

Foi outro alemão, este natural de Karlsruhe, o arquiteto Federico Kirchgässner, o criador, em Curitiba, da primeira casa modernista do Brasil. Nasceu em 12 de abril de 1899, um pouco antes da imigração da sua família, que entrou no Brasil pela colônia Hansa Harmonia, em Ibirama, Santa Catarina, para logo depois transferir-se para Curitiba. Aqui, o menino Federico estudou na *Deutsche Schule* – o famoso Colégio Progresso.

Na gestão do prefeito Cândido de Abreu, o jovem Kirchgässner foi admitido como desenhista na Prefeitura de Curitiba. Ele mesmo me disse, em depoimento prestado à Casa Romário Martins, que ajudou a desenhar e implantar o belíssimo portal art nouveau do Passeio Público. Na ocasião, me mostrou seus cadernos de desenhos, onde registrou, dia por dia, impressões da cidade. Disse-lhe: O senhor é um repórter das mudanças de Curitiba.

Em 1917, Federico enviou seus desenhos a um tio em Baden Württemberg, que lhe sugeriu cursar Arquitetura e Belas Artes por correspondência na *Architektur System Karnach Hachfeld*, de Potsdam. Os horrores da Primeira Guerra Mundial atrasaram seus estudos. Só em 1928 foi à Alemanha prestar exames e concluir o curso. Depois de um ano, já em 1929, Federico voltou a Curitiba, casado com sua amada Hilda, também artista plástica, ambos bafejados pelo movimento modernista Bauhaus.

Fundada por Walter Gropius em 1919, tendo entre seus mestres Mies Van Der Rohe e Wassily Kandinsky, a *Staatliches-Bauhaus* foi admirada escola de design, artes plásticas e arquitetura de vanguarda na Alemanha. Começou em Weimar, a cidade de Goethe, com sedes posteriores em Dessau e Berlim. Foi talvez a mais importante expressão do Modernismo europeu do século XX no design e na arquitetura. A primeira escola de design do mundo, vanguarda do seu tempo.

A casa de morada dos Kirchgässner foi construída entre 1930 e 1932, num terreno em desnível na colina, no jardinete onde se encontravam as ruas Portugal, Treze de Maio e Jaime Reis, atual trincheira do Alto de São Francisco. Nessa construção, vocabu-



Casa Federico Kirchgässner, 1930. Alto de São Francisco. Primeira casa modernista de Curitiba.



Casal em trajes de carnaval na Teuto Brazilianischer Turverein, Clube Duque de Caxias.

lário modernista, telhados em terraço e sucessão de mirantes para aproveitar a esplêndida vista da Serra do Mar.

Espantosa para os padrões curitibanos de então, a suíte do casal era dotada de banheiro ao lado do quarto. Solução higiênica inusitada numa cidade que ainda segurava penicos; as casinhas, servidas por fossas, no fundo do quintal; ou, nas residências mais abonadas, a sala de banhos separada do gabinete com a patente e o bidê. Murmurações e reações granjearam ao incompreendido artista a fama de excêntrico ou libertino. A qualificação variava segundo o grau de perversidade e desinformação do fofoqueiro.

Dona Hilda e seu Federico eram pessoas formidáveis, nossos vizinhos e bons amigos. Levei muitos visitantes lá, inclusive o conde Rudi Crespi, editor mundial da revista *Vogue* quando visitou Curitiba, em 1979, a convite da minha Margarita, então jornalista daquela revista. Ficou fascinado com o interior requintado, o mobiliário, as luminárias modernistas, portas e janelas em *azul klein*, paredes amarelas – cobertas de telas dadaístas supercoloridas e desenhos em crayon sanguíneo, inclusive um que mostrava do alto a vizinha casa de meu avô com um grande cedro, que eu não conheci.

Revolucionária, inclusive no emprego do concreto armado, a casa Kirchgässner foi um espanto para uma Curitiba acostumada às pompas da arquitetura neoclássica. O professor Key Imaguire Júnior diz que *é a primeira casa modernista do Brasil*. O imóvel foi tombado pelo Patrimônio Histórico Estadual em 1991.

Federico Kirchgässner ainda projetou e construiu, em 1936, outra casa modernista, para moradia da família de seu irmão Bernardo, no alto das Mercês, começo da alameda Visconde de Nacar, hoje residência do contratador Paulo de Macedo Mestre.

Também foi nossa vizinha, no Alto de São Francisco, a pintora dona Isolde Hötte Johann (1902-1994). Aluna de Alfredo Andersen, no dizer da

crítica de arte Adalice Araújo, foi a mais inovadora de todos os seus discípulos. Era avó de Quico e Peppe Höpker, hoje os engenheiros Francisco e Milton Höpker, meus colegas de Ccolégio Medianeira. A mãe dos meninos, muito simpática, Titchi, era filha do charuteiro Miroslau Florecki – estabelecido na rua Saldanha Marinho. O pai era o engenheiro Frans Höpker.

A casa da família, na esquina das ruas Celestino Júnior e Parnaíba, fez-se verdadeiro memorial da pintura expressionista de Frau Hötte. Ela nasceu em Curitiba em 1902. Frequentou o ateliê da rua do Assungui entre 1917 e 1920, surpreendendo Andersen com a vivacidade do colorido de suas telas e o inusitado de suas composições. Viajou para Berlim, onde frequentou a *Deutsche Kunst Akademie*. Na volta a Curitiba matriculou-se no Curso Livre de Lange de Morretes. Convivia no círculo de Traple, Freyesleben e Viaro. Quando a família mudou-se para Porto Alegre, em 1950, estudou cerâmica com a mestra Adelaide Knauer, motivo pelo qual sua casa era repleta de vasos inusitados, todos fora de série, terra queimada deste Brasil com geologia tão rica. Eu adorava ir estudar lá.

Nos devaneios, quando Titchi trazia o lanche, Pepe me mostrava os trabalhos da avó. Curiosamente, frau Hötte foi “descoberta” para o meio artístico do Paraná pela pesquisadora Janice Paganelli, cunhada do meu irmão Carlos Eurico. Na sua monografia para a Escola de Música e Belas Artes, ela escolheu dedicar-se a essa discípula esquecida de Andersen, artista que a vida doméstica escondeu. A professora Maria José Justino emocionou-se ao promover uma visita da Associação Brasileira de Críticos de Arte à coleção amorosamente conservada pela família de Hötte. De todos os seus quadros, o que mais me emocionava era aquele de cima da lareira, na sala de jantar: um pinheiro, hierático, à luz do sol nascente em manhã de cerração.

Outra insígne expressão da população germânica de Curitiba no século XX, talvez o mais erudito de todos, foi o renomado Reinhard Maack (1892-1969), autor do monumental livro *Geografia Física do Paraná*, publicado em primeira mão pela Editora Brasil Diferente e republicado em 1981 pela Livraria José Olímpio Editora, com apresentação da historiadora Altiva Pilatti Balhana, da UFPR.

Reinhard Maack, formado pelo Instituto de Geografia e Geologia da Universidade de Berlim, orientador de Riad Salamuni e João José Bigarella, especialista no estudo dos paleoclimas da África e da América, sabia tudo sobre a migração dos continentes, tendo formulado a Teoria da Deriva dos Continentes, que remete ao desaparecido *Continente de Godwana*.

O professor Maack era um mestre no combate à





(acima) Olaria Klemtz no bairro da Fazendinha.

(embaixo) Toras de imbuia e pinho em serraria.

erosão. Ocupou-se insistentemente dos problemas de devastação das matas e do rompimento do equilíbrio natural entre os fatores climáticos e a qualidade dos solos, bem como da necessidade de perene reflorestamento.

Embora a Prefeitura da Cidade de Curitiba, em 1989, na gestão Jaime Lerner, tenha criado o *Bosque Reinhard Maack* num capão de mata nativa na Vila Hauer – conservado desde 1860 pela família de Alfredo Hauer –, tenho o sonho de erguer aqui em Curitiba o *Museu de Godwana*, para acolher e exibir o imenso acervo de Reinhard Maack, que começou a ser reunido na Namíbia, em janeiro de 1918, durante pesquisas nas encostas da Montanha Brandberg, ponto culminante daquele país africano. Maack descobriu pinturas rupestres pré-históricas, hoje mundialmente famosas, retratando uma *Dama de Branco*, líder de um cortejo de figuras humanas e uma espécie de antílope chamada *Órix*. Tudo isso poderia ser contrastado com outras descobertas suas no Brasil e no Paraná, onde travou contato com os índios Xetá, explorando o vale do rio Ivaí.

Ano passado tive a honra de receber Úrsula Maack, filha e herdeira do legado de Reinhard, em almoço na chácara São Rafael das Laranjeiras, ocasião em que comparti-

lhamos o sonho de erguer em Curitiba um Museu de Godwana, forma de perpetuar a memória desse grande humanista, talvez a maior expressão germânica na cultura paranaense.

O sábio ambientalista Maack veio da Alemanha para o Brasil em 1923, para ser engenheiro de minas da Companhia de Mineração e Colonização do Norte do Paraná. Foi ele quem descobriu e mediu o ponto mais alto do Estado, o Pico do Paraná, localizado na Serra do Mar, com seus 1.922 metros de altura.

Maack era cartógrafo, geógrafo, paleontólogo, engenheiro de minas, geólogo. Ele organizou e participou de grandes expedições pela África, América do Sul e América do Norte. Realizou pesquisas na Patagônia, Andes, Tunísia, Himalaia e Kilimandjaro. Foi professor de Geologia e Paleontologia na Universidade Federal do Paraná.

Também professor da nossa Universidade mais antiga, conheci pessoalmente o pensador Ernani Reichmann, nosso vizinho existencialista. Viveu na rua Paula Gomes, quase esquina com Portugal, num trecho da ladeira que dá acesso ao Alto de São Francisco. O professor Ernani Reichmann (1920-1984), gaúcho de Erechim radicado no Paraná, foi o maior intérprete e discípulo de Kierkegaard (1813-1855) nos trópicos. A residência da família ficava num sobrado dos anos quarenta, de frente para a rua, no trecho em que cresce grama entre os paralelepípedos da Paula Gomes.

Autor de dezenas de livros e centenas de páginas de anotações ainda a serem publicadas, Ernani Reichmann não só foi o primeiro biógrafo de Kierkegaard no Brasil e no continente americano, como arriscou-se a reviver seus conceitos existencialistas de “temor e tremor”, bem abaixo da linha do Equador. Para tal, chegou a aprender a língua do mestre dinamarquês – quis lê-lo e reinterpretá-lo no original.

Meu amado pai, Eurico Dacheux de Macedo, colega de universidade do professor Reichmann, quando o encontrava, passava várias horas conversando sobre o filósofo existencialista cristão Soren Kierkegaard, que nasceu e viveu na gélida e sombria Copenhagen.

Lembro-me de um dia em que meu pai desapareceu perto da hora do almoço. Minha mãe pediu-me que fosse até a casa do professor Reichmann para chamá-lo. Seu genro, Losso, me informou que não estavam lá. Tinham ido ao cemitério municipal, procurar lápides com dizeres existencialistas, para fortalecer o imaginário e aprimorar mais um livro que Ernani estava escrevendo sobre o teólogo e filósofo dinamarquês.

O inquieto espírito do brasileiro Reichmann entendia Kierkegaard, era médium da sua angústia

– “angst”, palavra que vale tanto para o idioma de Goethe como quando é pronunciada na Holanda, Noruega ou Dinamarca.

Ousar é perder o equilíbrio momentaneamente; não ousar é perder-se, escreveu num de seus vários cadernos, citando seu mestre que viveu no frio. Conserve-os todos, dedicados a meu pai, na biblioteca de São Rafael das Laranjeiras. Um dia, com calma,

vou me debruçar sobre eles, subindo na gangorra onde oscilam, entre altos e baixos, meu egoísmo de indivíduo e a impessoalidade do coletivo; a ética e a estética; o ceticismo e a fé; a racionalidade e a transcendência.

Ernani Reichmann, tão próximo e tão distante, faz parte da Luz dos Pinhais.



Bosque da Fazendinha, antiga olaria Klemtz, casa Francisco Klemtz.



Liga de ciclistas alemães, 1905. Acervo Frederico Lange. Acervo Casa da Memória.



2.ª SECÇÃO



do Ilustre Director da Bibliotheca Nacional - Curitiba, 10 de agosto de 1923.

J. Soares de Lima

SEMEADORES DE ARTE E BELEZA



Antônio Mariano de Lima em foto de H. A. Volk, feita em Curitiba em 1888. O professor de pintura e diretor da Escola de Artes e Indústrias do Paraná dedicou o retrato, no dia 14 de janeiro de 1888, “ao meu discípulo Sr. Joaquim Miró como prova de distinção”. Foto da Casa da Memória de Curitiba, Acervo Joaquim Miró.

(página oposta) Painel fotográfico, relatório das instalações da Escola de Artes e Ofícios do Paraná, na rua Aquidaban, em Curitiba, atual Emiliano Pernetta. Fotografias dos vários ateliers dedicadas de próprio punho, em 10 de agosto de 1893, por Mariano de Lima ao “director da Biblioteca Nacional”. Acervo da Biblioteca Nacional, Rio de Janeiro.

A imigração europeia coincide com a chegada a Curitiba de Antônio Mariano de Lima (1861-1942), um Mestre de Artes português que, curiosamente, se transformou no maior divulgador do gosto ítalo-germânico que prevaleceu entre nós.

Para Mariano de Lima, no dizer de Newton Carneiro, *o estilo neogótico orientava os construtores alemães. O modo de fazer neo-renascentista inspirava os construtores italianos. Tanto assim que, conforme as atas da Câmara, no ano de 1852, a paisagem de Curitiba é acrescida de 52 novas edificações, das quais dez são casas ou palacetes de alemães.*

O Brasil só tinha conhecido na Corte do Rio de Janeiro organização escolar específica para a Arte e o Artesanato, pelos méritos do Conde da Barca, que, ainda no período colonial, criou a Escola Nacional de Belas Artes. Foi sucedido por Bethencourt da Silva, com seu Liceu de Artes e Ofícios do Rio de Janeiro, aberto em 1856. Em 1872, foi criado na Bahia o Centro de Aprendizado Artístico de Salvador.

O despertar europeu de uma Curitiba que dormiu sertaneja deve-se muito à criação da Aula de Desenho e Pintura de Mariano de Lima, em 22 de julho de 1886. Nascido no Porto, o artista português tinha 23 anos quando decidiu vir para cá, atrás de um emprego de pintor de cenários e panos de boca para o novo Theatro São Theodoro, na rua Cândido Lopes – erguido no terreno hoje ocupado pela Biblioteca Pública do Paraná.

A primeira casa de espetáculos de Curitiba estava pronta, mas não funcionava *por falta de verba para decoração*. O salário era tão modesto que Mariano chegou a publicar anúncio oferecendo seus préstimos decorativos às distintas famílias patricias, no jornal *Dezenove de Dezembro* (janeiro de 1885).

O advogado e político Joaquim de Almeida Faria Sobrinho interessou-se pelos talentos do jovem esteta. Encorajou seus projetos de Educação Artística. Quando se tornou o presidente Faria, chefe do governo da Província do Paraná, mandou logo que o tesouro provincial lhe desse um auxílio de 10 contos de réis, quantia significativa para a época, desde que Mariano de Lima oferecesse cursos gratuitos de arte.

A Secretaria de Instrução Pública estabeleceu matrículas até 31 de agosto de 1886. Quando o prazo se encerrou, constatou-se que o Tesouro do Paraná sequer tinha recursos para mobiliar a nova escola.

Então, no destemor de Mariano de Lima, brilhou a Luz dos Pinhais. Mariano não desanimou. Convocou espetáculo em benefício das Artes, no Theatro São Theodoro, para a noite do dia 2 de dezembro, aniversário de Sua Majestade, o Imperador. O concerto com orquestra formada por





Escola de Belas Artes e Indústrias de Mariano de Lima, no prédio da Escola Carvalho, na rua Aquidaban. Foto de 1886. Primeira Escola de Artes de Curitiba. Acervo Domício Pedroso.

dezoito músicos rendeu quase um conto de réis. No dia de Reis, 6 de janeiro de 1887, a Escola de Artes e Ofícios de Curitiba abriu suas portas com 99 alunos matriculados, sendo 38 moças e 61 rapazes. Laurindinha, Semíramis e Odaléa, três das irmãs de meu avô Manoel Valdomiro de Macedo, estavam entre as alunas.

O presidente Faria conseguiu-lhe o prédio da Escola Carvalho, na rua Aquidaban – atual rua Emiliano Pernetta. Mariano de Lima reformou o local, transformando-o em lindo chalé de janelas neogóticas, como se vê em litografia de Narciso Figueres, reproduzida na *Revista Paranaense*, publicação recém-lançada em Curitiba pela ousadia de Nivaldo Braga.



Francisca Munhoz, na Escola de Artes e Ofícios, em 1887. Litografia.

Na mesma revista, ao pé de um cavalete de boa altura, num ateliê elegante, posou uma aplicada aluna armada de pincéis, a curitibana Francisca Munhoz, que viria a ser primeira-dama do Paraná em 1912, depois do seu casamento com Carlos Cavalcanti de Albuquerque. A Escola de Artes e Ofícios logo ganhou prestígio. Rocha Pombo não se cansava de elogiá-la em artigos no *Diário Popular*: *O distinto moço que ali está ensinando presta à Província, com dedicação*

e interesse, o serviço enorme de aproveitar as melhores aptidões de seus filhos.

O primeiro Salão Curitibano de Artes, os quadros afixados em biombos de pinho erguidos pelo marceneiro Gaertner, decorados com vinhetas pelo pintor Paiva, foi um sucesso. Exibiu 60 quadros a óleo e crayon, grande número deles tomados “do natural”: trabalhos de Raquel Munhoz, Balbina de Loyola Pinho, Francisca Cândida Munhoz, Maria Rosa Gomes da Costa, Olympia da Costa Neto, Aidê Guimarães Carneiro, Castorina Ramires, Joaquim Miró, Manoel Azevedo da Silveira Neto e os estrangeiros Jorge Schmidlin e Francisco Doubek.

A Assembleia Provincial, em 6 de setembro de 1888, votou e o presidente Balbino da Cunha sancionou a Lei nº 925, criando Medalhas de Ouro, Prata e Cobre para premiar alunos da Escola de Desenho e Pintura da capital.

Nossa então pequena Curitiba já contava com um periódico, *A Arte*, do qual se conheceram oito números, a última edição em 1887. Revista bem servida pelas penas escorreitas de Emiliano Pernetta, Pâmphilo de Assumpção, Leôncio Correa, Nestor Vítor e Justiniano de Mello e Silva.

O doutor Justiniano de Mello e Silva (1852-1940), sergipano tão erudito quanto inquieto, veio do sertão nordestino para Curitiba, nomeado Secretário do Governo da Província, em 1876. Assumiu a tarefa de organizar e dirigir o Instituto Paranaense, depois Gymnásio Paranaense, mais tarde Colégio Estadual do Paraná. “Catedrático de Pedagogia e Português, era jornalista terso e poderoso”, escreveu Nestor Vítor. Com o pseudônimo “A. Sergipe”, em 1907, publicou, pela Imprensa Nacional, obra que Andrade Muricy considera inaudita de tom e insólita: *Nova Luz sobre o Passado / A Humanidade Primitiva e os Povos Pelágicos/ O Egito e o Mundo*, livro de 686 páginas. Em Curitiba, editou o jornal *Sete de Março – Órgão das Reformas Sociais*. Tinha o mesmo DNA – seria bisavô de Roberto Requião de Mello e Silva (na virada para o século XXI, senador da República e três vezes governador do Paraná).

O Decreto Estadual nº 1, de 29 de novembro de 1889, firmado pelo primeiro chefe do executivo paranaense na República, Coronel Cardoso Júnior, conquistou para Curitiba a glória de possuir uma “Escola Pública de Belas Artes e Indústrias”.

Mariano de Lima ainda se esforça para abrir aqui um Palácio das Artes, sede dessa Escola Pública de Artes e Indústrias do Paraná. A Câmara Municipal

concede-lhe, em junho de 1890, terreno excedente da praça Euphrásio Correa. O engenheiro Cândido de Abreu, formado em Paris, então diretor de obras públicas, desenhou o anteprojeto do edifício. Esse Palácio da Cultura – que nunca chegou a ser construído – abrigaria também o Museu Paranaense e a Biblioteca Pública. Só após 1912, quando Curitiba ousou erguer a primeira sede da Universidade do Paraná, o edifício com cúpula, à maneira da Sorbonne de Paris, reapareceria no imaginário local. Essa Escola de Artes e Ofícios foi inverossímil para os padrões de avareza com a cultura, vigentes desde então e até hoje, no Brasil.



Projeto de Cândido de Abreu, para um Palácio de Cultura da Escola de Belas Artes e Indústrias do Paraná. 1890.

Mariano de Lima mantinha oito cursos: *Línguas e Ciências, Música, Desenho, Arquitetura, Gravura, Escultura, Pintura e Artes Industriais*. O curso de Artes Industriais ensinava desenho a lápis, à pena e a colorido, para aplicação na litografia; prendas domésticas; mecânica; tipografia; litografia; fotografia; marcenaria; funilaria; e encadernação.

Foi quando o sucesso de Mariano de Lima atraiu sobre si sórdida perseguição, misto de inveja profissional com ciúmes doentios pelos seus amores por dona Mariquinha Aguiar, aluna e bem-amada.

A oposição atacou, insidiosamente, na ocasião em que se preparava a participação da Escola de Artes e Ofícios do Paraná na Exposição Universal de Chicago. Ali seriam exibidos os croquis de Cândido de Abreu e as telas da talentosa e bela Mariquinha Aguiar, mais os de Minervina Wanderley, Alberto Bardhal, Paulo Freier, Oscar Sabhte e Benedito Antônio dos Santos – o primeiro pensionista de Arte custeado pelo Tesouro do Estado. Foi organizada uma mostra prévia em Curitiba, num salão da rua XV, então anexo alugado pela Escola de Artes e Ofícios.

A 15 de março de 1893 – numa mesma edição do jornal *A República* – enquanto o poeta Leôncio Correa elevou a Escola às nuvens, elogiando a pintura de Mariquinha Aguiar, dizendo que *a grande artista fazia-se representar pelos partos augustos da imaginação e do talento*, o escultor e ex-aluno Paulo Idelfonso de Assumpção inseriu crítica barbaramente agressiva contra Mariano de Lima, na forma de uma carta dirigida à sua pupila Mariquinha Aguiar: *Tendes um mestre inconsciente da Arte, ignorante do Belo, fátuo e sem talento; na ambição de figura ruidosa para si, vos ilude e quer amesquinhar o merecimento intelectual dos nossos compatriotas. A esta hora sem dúvida, lá vão eles, esses atestados ridículos da nossa ignorância artística, a caminho da grande cidade norte-americana.*

Como ensina a história antiga, e o presidente Fernando Henrique Cardoso gostava de citar, *os bárbaros jamais querem destruir Roma. Eles apenas querem ser como os romanos*. O invejoso Paulo Assumpção mostraria as garras ao fundar em Curitiba, em 22 de outubro de 1894, um outro Conservatório de Belas Artes, apoiado financeiramente pelo poderoso diretor da Estrada de Ferro Albert Gaston Sangés e outras figuras de Curitiba.

O entusiasmo de Mariano arrefeceu, se bem que ainda ajudou Ermelino de Leão na restauração da sede do Museu Paranaense na praça Zacarias e chegou a pintar retratos do coronel Amazonas Marcondes, Barão do Serro Azul, Carvalho Chaves e Jesuíno Lopes.

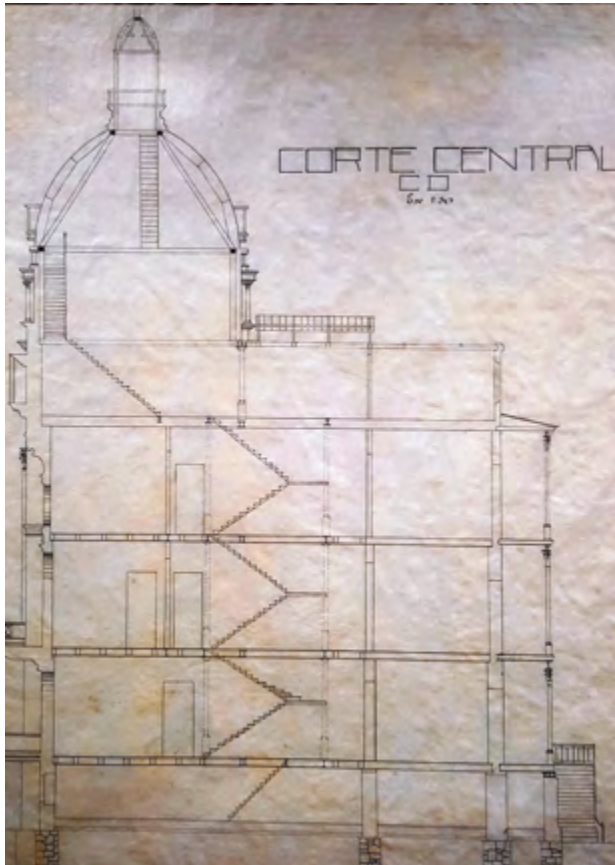


Conservatório de Belas Artes de Paulo Assumpção, na praça Carlos Gomes. Fundado a 22 de outubro de 1894.

Em 1900, viu, com orgulho, coro e orquestra da sua escola, a pedido da colônia italiana, entoarem o réquiem *in memoriam* do Rei Umberto I, assassinado na Itália por militante anarquista. Os alunos de Mariano de Lima foram aclamados pelo público, que lotou nave e tribunas da Catedral de Curitiba, as torres cobertas por negros véus de luto, costume da época.

Em 1902, mudou-se para Manaus, onde recomeçou. Fundou sua casa-ateliê diante de um Palácio das Artes materializado pelo dinheiro da borracha, o portentoso Theatro Amazonas, sonho delirante de cultura





Originais do projeto do Palácio da Luz. Acervo da Faculdade de Direito da UFPR, Sala Lamartine Correia.

clássica, imerso na floresta úmida do Brasil. Viveu ali, ensinando, até morrer em 1942. A casa-ateliê de Marquinhos Aguiar e Mariano de Lima, numa esquina da praça fronteira ao teatro, é hoje um Museu com seu nome.

Em 1999, depois de um inusitado espetáculo em nossa honra no grande palco do Teatro Amazonas – onde uma orquestra composta de músicos russos e búlgaros, fugidos da recém-extinta União Soviética, soava para danças de índias e índios manuaras seminus – Margarita e eu, então ministro de Estado, deputado federal pelo Paraná, visitamos o local.

Fomos ao Museu Mariano de Lima acompanhados do governador Amazonino Mendes e seu secretário de cultura, Robélio Braga. Deixamos no livro de honra, em reparação à injustiça aqui sofrida, sentida homenagem dos nossos corações curitibanos a esse português do Minho que, pelo ensino das Artes, fez brilhar em Curitiba a Luz dos Pinhais.

Na opinião de Newton Carneiro, pela influência de Mariano de Lima, entusiasta das tradições italianas e germânicas, *a capital paranaense, mais do*

Palácio da Luz, sede da Universidade do Paraná, em 1918. A fachada monumental inspirada no projeto do Palácio de Cultura da Escola de Belas Artes e Indústrias, criado por Cândido de Abreu em 1890.



que São Paulo ou Porto Alegre, evidencia a influência que a imigração europeia exerceu sobre as artes e o sentimento estético da população. [...] Como sinais de evidente influência europeia via imigração, devem ser considerados não só o neoclássico tardio que inspirou as construções curitibanas a partir de 1850 até o modernismo, como o mobiliário, a composição tipográfica e litográfica, a escultura e o desenho decorativo.

Quis a Divina Providência que Alfredo Andersen chegasse a Curitiba em 1902, no exato momento em que partia Antônio Mariano de Lima. Um mestre sucederia ao outro na tarefa de educar para a Arte e a Beleza.



ANDERSEN & SEUS DISCÍPULOS



Busto de Alfredo Andersen.
Foto Nani Góis.



Andersen com alunas.

Em 1902, chegou a Curitiba, mudando-se desde Paranaguá, o mestre pintor norueguês Alfredo Andersen (1860-1935). Tinha então 42 anos. Alugou casa de morada junto com o ateliê na rua Marechal Deodoro, espaço luminoso e amplo, que já havia servido de estúdio para o fotógrafo alemão Adolpho Volk, mestre da imagem famoso por seus daguerreótipos panorâmicos de Curitiba.

Casado com a bela parnanguara Ana de Oliveira (1882-1945), pai de três filhos, Andersen tentou viver em Curitiba como se na Europa fôsse. Incentivou o mercado da arte, ofereceu aulas de pintura e promoveu exposições individuais e mostras coletivas.

Em 1910, Alfredo Andersen já lecionava desenho em três estabelecimentos de ensino: *Deutsche Schule* (ou Escola Alemã), *Gymnásio Paranaense* e *Escola de Belas Artes e Indústrias*, instituição que já o impactara numa visita a Curitiba em 1893.

Foi convidado a desenhar o primeiro projeto de um brasão de armas para o Estado do Paraná.

Em 1915, um ano após o nascimento de sua última filha, o pintor mudou sua escola-ateliê para o sobrado defronte à elegante *Padaria Austríaca*, na rua do Assungui.

Ainda conheci intacta a paisagem da rua Mateus Leme esquina com a Inácio Lustosa. Em frente do antigo ateliê, atual Museu Alfredo Andersen, ficava a Padaria Austríaca, magnífica edificação neoclássica, colunata clássica a arrematar-lhe a graciosa varanda aberta no sótão. No térreo funcionavam duas lojas, a padaria propriamente dita e uma casa que fazia *plissées* em saias e vestidos, tendo minhas tias e primas por freguesas. Num momento de vandalismo pecuniário, a bela casa foi demolida em 1973, quando estava na iminência de ser tombada pelo Patrimônio Histórico. Um gesto de favorecimento político do governador interino, deputado João Mansur, ao proprietário inconformado.

ALFRED EMIL ANDERSEN, o nosso “Alfredo” Andersen, nasceu em *Khristiansand*, ao sul da gelada Noruega, a 3 de novembro de 1860, único filho homem das cinco crianças de Hanna Carina e Tobias Andersen. Coursou aulas de pintura e desenho na Noruega e Dinamarca. Graduou-se pela Academia Real de Belas Artes de Copenhague, tendo por mestres os grandes artistas locais Wilhelm Krogh e Carl Andersen.

Filho de um oficial da Real Marinha Mercante, teve chance de ganhar o mundo ainda jovem. Viajou muito. Espírito inquieto, conviveu com alguns dos maiores artistas do seu tempo, como o dramaturgo Ibsen (1828-1906) e o compositor Grieg (1843-1907). Além de pintar e dese-





Alfredo Andersen (1860-1935). Queimada, óleo sobre tela. Acervo do Palácio Iguçu.

nhar, gostava de escrever. Na condição de jornalista, cobriu a Exposição Universal de Paris e o Salão de Belas Artes, em 1889. Na ocasião, viu a inauguração da Torre Eiffel, colossal estrutura em ferro, marco da engenharia mundial, símbolo de novos tempos. Singrou os sete mares: Europa, África, Índia, Estados Unidos. Pisou pela primeira vez no Brasil em 1891, no ensolarado porto de Cabedelo, na Paraíba, donde retornou à Noruega.

Em nova aventura, no ano de 1893, desembarcou em Paranaguá por acaso, retido por avaria no navio em que viajava. Aí entrou a mão forte do seu destino. Apaixonou-se pela beleza caíçara de dona Ana de Oliveira. Casaram. A nova família passou a viver dos rendimentos de serviços de pintura e decoração de paredes. Alfredo Andersen pintou, com cenas mitológicas, a sala de jantar do palacete da família Veiga, maravilha infelizmente já destruída, quando da casa – transformada em loja de departamentos – sobrou apenas a fachada. Andersen viveu dez anos em Paranaguá. Encantado com os dias ensolarados às margens do rio Itiberê, passava as tardes de verão a retratar canoas no Rocio, catadoras de ostras, pontes no Pontal do Paraná e na Ilha do Mel.

Apesar da dificuldade com a língua portuguesa e das diferenças culturais entre sua pátria gelada e



Alfredo Andersen (1860-1935). Cadeado, óleo sobre tela. Coleção Maria de Lourdes Fontes.



Alfredo Andersen (1860-1935). Passeio Público, óleo sobre tela. Acervo João Moreira Garcez.

nosso país tropical, o norueguês adaptou-se à sociedade brasileira. Foi pintor, educador e agente cultural. Sua reputação profissional solidificou-se, demonstrando como a burguesia curitibana apreciava as tradições artísticas europeias.



Andersen. Rocio de Paranaguá.

Ainda em 1927, o mestre retornou à Noruega. Foi rever a família e reencontrar seu antigo professor, Wilhelm Krogh. Convidado para dirigir a prestigiosa Escola de Belas Artes de Oslo, preferiu voltar ao ensolarado Brasil. Já não era Alfred, mas o nosso Alfredo Andersen, tocado pela Luz dos Pinhais.

Colaborou com a revista *Ilustração Paranaense*, de João Baptista Groff. Publicação de refinada qualidade visual, no seu número 18 estampa um desenho seu, feito a bico de pena: “A Última Procissão de Monsenhor Celso”. Retrato perfeito, do corpo e da alma do velho padre da Catedral, que, tendo servido o povo curitibano desde 1901 até 1930, acabara de falecer. O pároco foi desenhado paramentado com solene pluvial (ou capa de aspensão). Serena mansietude no semblante, penhor de sua comovente caridade, o bom cura foi revelado no ápice de sua vida exercida com virtudes peregrinas. Andersen acabaria pintando um grande retrato a óleo de Monsenhor Celso Itiberê da Cunha (1849-1930), considerado um de seus melhores trabalhos.



Andersen, Turin e outros artistas.

Mestre Andersen, assim como Monsenhor Celso, virou personagem da Curitiba do seu tempo. Mereceu reconhecimento em vida e após ela. *Cidadão Honorário de Curitiba* em 1931, morreu aqui a 9 de agosto de 1935. A cidade pranteou sua memória.

Em 1951 foi tema do Salão de Primavera do Clube Concórdia, na época a mais importante manifestação cultural da capital do Paraná. Em 1960, quando do seu centenário, mereceu bela mostra de sua notável obra no 17º Salão Paranaense de Belas Artes, na Biblioteca Pública do Paraná. Entre seus discípulos: Traple, Freyesleben, Lange de Morretes, Ghelfi, De Bona, Amélia Assumpção, Pedro Macedo, Isolde Hötte. Alfredo Andersen é considerado o “Pai da Pintura Paranaense”.

FREDERICO LANGE DE MORRETES (1892-1954), filho do engenheiro alemão Rodolpho Lange e de sua mulher Anna, nasceu em Morretes, ao sopé do pico Marumby, em maio de 1892. A paisagem verde e azul do outono viu chegar ao mundo o artista que imortalizaria pinhas e pinhões, criando a semiótica paranista, minha paixão, orgulho da gente de Curitiba.



Lange de Morretes na Serra do Mar.

Além da Linha Pinhão – roteiro cultural entre a Universidade, a Boca Maldita e o



Lange de Morretes (1892-1954). Rei Solitário, óleo sobre tela, 1953. Coleção Wladimir Trombini.

Centro Histórico –, e de outras belas calçadas de Curitiba, em *petit pavé* de mármore branco, diabásio negro e balsalto vermelho, no ano de 1993, com a semiótica de Lange de Morretes, mandei tecer, no ateliê brasileiro Casa Nova, tapetes de lã azul-noite e *bordeaux royale* para o Palácio 29 de Março, sede da Prefeitura de Curitiba, e amarelo e *bordeaux royale* para a nossa Catedral.

Frederico Lange de Morretes, aos 13 anos, começou a estudar desenho e pintura com Alfredo Andersen, no ano de 1905. Viajou à Alemanha, onde cursou Artes Gráficas durante cinco anos, na Escola de Leipzig, e outros cinco anos de Belas Artes na Escola de Munique. Expôs, com sucesso, numa galeria junto à catedral gótica dos Três Reis Magos, em Colônia.

De volta ao Brasil, a partir de 1920, o mestre assumiu aulas de desenho na Escola Normal de Curitiba – hoje Instituto de Educação do Paraná. Fundou sua própria Escola de Desenho e Pintura, que durou até 1932. Teve entre seus discípulos o grande escultor e pintor Oswald Lopes, Artur Nísio, Augusto Conte e Kurt Boiger. A partir de 1948, lecionou Anatomia e Fisiologia na Escola de Música e Belas Artes do Paraná.

Ao lado de João Turin, João Ghelfi e Zaco Paraná, inspirado pelo poeta Domingos Nascimento e pelo historiador Alfredo Romário Martins, Lange criou o Movimento Paranista. Surgiram aí as pinhas e pinhões estilizados geometricamente que vieram a compor



nossas calçadas.

Sua paixão pela natureza do Paraná ocupou toda sua vida. Notável é a grande tela a óleo que se conserva no Salão Nobre da Assembleia Legislativa do Paraná. A deusa da Natureza, a Mãe Terra, pranteia, desolada, uma araucária abatida. Um trabalho pré-ecológico, símbolo do panteísmo do artista.

Lange de Morretes, nas prescrições para seu enterro, ambicionou reeditar os pinhões no seu tropismo, a busca pelo calor do sol, pela Luz dos Pinhais.

Mandou fazer, previamente, um belo esquife, de madeira de lei, na forma da semente de araucária. Deu o maior trabalho aos seus amigos, pedindo para ser enterrado em pé, a contemplar o Pico Marumbi, em jazigo no poético cemitério de Morretes. Depois de um impasse, o amigo engenheiro Mikare Thá realizou a sua vontade, levando, de Curitiba, dois imensos tubos de concreto armado que lhe sustentaram o sepultamento na posição desejada. Era já a hora do sol poente, 19 de janeiro de 1954. Sobre a tumba, foram dispostas pedras do alto do pico Marumbi, bromélias e plantas nativas da Mata Atlântica e uma crosta de caramujos. Esse inquieto Frederico, que o Paraná reverencia como Lange de Morretes, também foi pesquisador de moluscos, apaixonado por seres submarinos.

ESTANISLAU TRAPLE (1898-1958) nasceu em Curitiba. Iniciou seu aprendizado em 1914, na Imprensa Paranaense, com o mestre litógrafo alemão Alexandre Pohl. Foi gravador tanto em Curitiba como em Joinville. Em novembro de 1916 entrou na escola de pintura da rua do Assungui. Dos discípulos de Andersen, Traple tornou-se o melhor retratista, o mais próximo ao realismo visual do Mestre. Em 1931, foi lecionar desenho em Florianópolis. Voltou para sua Curitiba natal, onde, em 1948, foi um fundadores da Escola de Música e Belas Artes do Paraná (Embap). Ali lecionou até falecer, em 1958. Jurado do Salão Paranaense desde 1949, deu aulas particulares de pintura e desenho no seu ateliê para Álvaro Borges, Werner Jehring e Carmen Pontoni, entre outros artistas.

WALDEMAR CURT FREYESLEBEN (1899-1970) nasceu em Curitiba, num sobrado do Largo da Ordem, arrematado por repetidas janelas neoclássicas. Levado a viver com os avós em Istambul, conheceu as tonalidades da luz refletidas no estreito de Bósforo, o mar de Mármara a dividir a Ásia da Europa. Voltou a Curitiba em 1916, quando se matriculou na Escola de Alfredo Andersen. De 1920 a 1925 estudou no Rio, em São Paulo e Porto Alegre. Sua primeira individual deu-se em Curitiba, em 1921.

Escreveu Valfrido Pilotto, no livro *O Acontecimento Andersen: Em 1947, quando Freyesleben deu*

por concluído seu autorretrato e o expôs numa vitrine da rua 15, notamos que passava a haver uma pin-celada verde sobre a pintura paranaense. E que fora



Curt Freysleben (1899-1970). Paisagem Paranaense, óleo sobre tela, 1943. Coleção Tribunal de Justiça do Paraná.

posta a propósito. Exprimia um acontecimento. Arrojo, deliberação, integração. Ansia criadora que já se satisfazia um pouco.

Nos fundos da farmácia conhecida como “A Botica do Carvalho”, onde o poeta Rodrigo Júnior mantinha seu gabinete literário, levado por seu amigo Coelho Júnior, conviveu com Otávio de Sá Barreto, Pinto Rosas, Ada Macaggi e Maria Nicolas. Lançado por Rodrigo Júnior, estreou na imprensa como crítico de Arte, usando o pseudônimo Alfredo Emílio.

Em 1925 morou no Rio, ocasião em que o poeta Olegário Mariano organizou mostra de suas obras, sucesso de público e crítica. Brilhou no Salão Paranaense, de 1944 a 1968, foi premiado no Salão Nacional de Belas Artes de 1954 e recebeu destaque no Salão de Primavera do Clube Concórdia em 1957. Fundador e professor catedrático de Pintura de Paisagem na Escola de Música e Belas Artes do Paraná até sua morte, em 1970.

ARTHUR NÍSIO (1906-1974) nasceu em Curitiba, filho primogênito de Inês e Júlio Reginato Nísio. Mudou-se para Porto Alegre, onde, a partir de 1923, cursou o Instituto de Belas Artes. De volta a Curitiba, ingressou no ateliê de Lange de Morretes, onde permaneceu de 1924 a 1928. Ao mesmo tempo estudou escultura e modelagem com João Turin.

Depois do sucesso de uma individual na rua XV, à qual compareceram dona Biluca e o governador Affonso Camargo, com bolsa do Município e do Governo do Estado, Nísio embarcou para a Alemanha, em 1928. Admitido na Academia de Belas Artes de Munique, foi aluno dos grandes pintores animalistas Max Bergmann e Angelo Jank, gênero no qual consolidou sua marca artística. Bem recebido pela crítica

alemã, participou do Salão de Baden-Baden. Mereceu sala especial na Prefeitura de Landau, em 1938, quando o burgomestre comprou-lhe cinco telas. A de-



Arthur Nísio (1906-1974). Procissão em Tamanduá, óleo sobre tela. Coleção Raul Trombini.

claração da Segunda Guerra Mundial surpreendeu-o na Alemanha, onde ficou retido.

Casado em 1940 com sua amada alemã Katharina, tiveram em 1942, dentro das muralhas de Karlsruhe, sua filha batizada Gudrun. A partir de 1943, com o agravamento do conflito mundial, foram obrigados a trabalhos forçados na lavoura. Em 1945, passados os horrores da guerra, foram transferidos para campo de refugiados na França. A partir dali, Arthur Nísio acabou repatriado, trazendo consigo sua família alemã. Reviu Curitiba, não sem emoção, em maio de 1946.

Embora tenha sido fundador da Embap, devido à perda total de sua documentação artística na Alemanha bombardeada, só pode assumir a cátedra de Modelagem em 1964, após o falecimento do professor Oswald Lopes. Na ocasião do centenário do Paraná, a convite do governador Bento Munhoz da Rocha Netto, executou a tela de grandes proporções que está no salão de banquetes do Palácio Iguçu: “Chegada de Zacarias de Góes e Vasconcellos a Curitiba em 1853”. Nela, uma curiosidade que me foi revelada pelo astuto deputado Aníbal Khury: o cavalo do governador não tem estribo, para que ninguém pense em subir nele.

A pintura de Nísio revela cultura pictórica romântico-naturalista, com pinceladas impressionistas. O artista morreu em Curitiba no ano de 1974. Nos anos sessenta, a maioria dos salões das famílias curitibanas exibia um Nísio, cenas campestres com profusão de marrecos, cavalos e bois, galos e galinhas. Sua filha Gudrun, residente em Curitiba, é ainda herdeira de expressivo acervo.

Em 1998, no mês de setembro, foi realizada na Alemanha exposição retrospectiva da sua obra, na Galerie Altes Rathaus, Prefeitura

medieval da cidade de Worth and Rhein. Na ocasião, em presença de sua filha Gudrun Nísio, a municipalidade inaugurou a rua Arthur Nísio, no bairro dos artistas, à beira do romântico rio Reno.

Na ocasião do Sesquicentenário do Paraná, em 2003, fiz o Poder Público comprar do espólio Arthur Nísio, para acervo da Assembleia Legislativa do Paraná, tela a óleo evocativa da inauguração do Palácio Legislativo em 1953, mostrando a posse dos primeiros deputados no Centro Cívico de Curitiba, o Palácio Iguçu ainda em construção.

Considerável também a contribuição para o acervo curitibano de três pintores alemães que escolheram viver aqui: Boiger, Schiefelbein e Matter.

KURT BOIGER (1909-1976), pintor paisagista e retratista, chegou a Curitiba aos 19 anos, em 1928, vindo da Alemanha, onde nasceu em 1909. Estudou pintura na Academia de Artes de Nuremberg. Em Curitiba, frequentou o ateliê de Lange de Morretes.

Frequentou Alfredo Andersen no seu ateliê na rua do Assungui, embora não tenha sido aluno do mestre. Durante muitos anos, nas tardes de domingo, nos arredores de Curitiba, pintava a natureza, junto com Freyesleben e Traple, fixando a Luz dos Pinhais. Adalice Araújo diz que o retrato que Boiger fez de sua neta Luciane aproxima-se do impressionismo de Renoir.

Kurt Boiger foi designer da fábrica de Móveis



Kurt Boiger (1909-1974). Paisagem, óleo sobre tela, 1948. Coleção Biblioteca Pública do Paraná.

Ritzmann, que ficava num bosque além do Portão, antes das curvas do rio Barigui, hoje Vila Nossa Senhora da Luz dos Pinhais. Seu ateliê, Arte Mobiliária, criado em 1934, chegou a fornecer móveis de imbuia para o Palácio do Catete, então residência do presidente Getúlio Vargas no Rio de Janeiro.

Com a Segunda Guerra Mundial, em 1942 foi preso com outros alemães e italianos, tendo seus bens



confiscados, até mesmo a própria casa onde a família residia. Transferido para a Ilha Grande, no Rio de Janeiro, obteve no cárcere material de pintura, ocasião em que produziu algumas de suas mais belas paisagens.

Em 1944, sua esposa conseguiu comprovar sua inocência, desvinculando-o de qualquer atividade pró-nazismo. Libertado, começou a trabalhar em móveis e pintura. Neo-impressionista, foi distinguido nos salões paranaenses, no Salão Paulista de Belas Artes de 1949, no Salão Nacional de 1954 e no Salão Pan-Americano de Arte em 1958. Ensinava arte e pintava marinhas quando faleceu, repentinamente, em Guaratuba, no ano de 1976.

GUILHERME MATTER (1904-1978) é outro alemão que escolheu viver em Curitiba. Nasceu em Wiesbaden, em 1904. Mereceu bolsa de estudos para a Escola de Belas Artes de Munique, onde estudava com o mestre Van Anger Müller, quando o curso foi interrompido pelos bombardeios da Primeira Guerra Mundial. Viajou rumo à Holanda, Suíça, França e Itália. Vindo ao Brasil, veio morar em Curitiba em 1924. Desprezou os costumes burgueses da cidade: *Naquele tempo não dava para viver de arte, pois os ricos de Curitiba usavam em suas casas folhinhas emolduradas.* Ficou dez anos sem pintar, retomando a paleta em 1936. A partir de 1943, passou a fazer pinturas modernas, assinando-as com o pseudônimo *Rettam*. Repudia o Surrealismo, que considera triste consequência dos conflitos europeus e não aceita as últimas tendências contemporâneas.

Afirmou: *No meu tempo fui um revolucionário. Nunca admiti fazer uma coisa que a máquina fotográfica fazia. E depois, pintar águas, rios, montanhas não é tarefa fácil, como muita gente pensa. Diversas pessoas têm cerca de 26 telas minhas. O mercado parana-*



Guilherme Matter (1904-1978). Plantação de Trigo, óleo sobre tela. Coleção Elizabeth Matter.

ense está tão bom quanto o do Rio e São Paulo.

Até falecer em 1978, manteve em Curitiba uma afamada escola de desenho e pintura, que promovia um salão anual de seus alunos.

HERMANN SCHIEFELBEIN (1885-1933), a quem a crítica de arte Adalice Araújo dá destaque especial – “um dos mais sensíveis artistas de toda a História da Arte no Paraná” –, nasceu na Alemanha em 1885. Estudou em Düsseldorf, na famosa Academia de Artes, especializando-se em pintura de animais.

Com a tragédia da Primeira Grande Guerra Mundial, fugiu para o Brasil, fixando-se no Paraná, na Colônia de Porto Vitória, junto ao rio Iguaçu. Naquele tempo, Porto Vitória já era famoso pelo seu salão de baile com molas sobre o assoalho – única forma de fazer balançar os dançarinos polacos e alemães, duros no molejo dos quadris, fato que Schiefelbein referiu em suas memórias.

Schiefelbein viu de perto os costumes campeiros do interior do Paraná, terra de homens que vestiam poncho e bombachas, fixando o “Sapeco da Erva-Mate” – três caboclos junto a um “barbaquá”, suando dentro da mata das encostas do rio Iguaçu (tela de grandes proporções, que se conserva no Salão Azul do Clube Concórdia, hoje patrimônio do Clube Curitibaano).

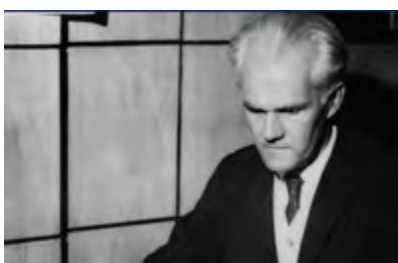
Expôs no Clube Rhenânia (sociedade germânica de São Paulo), no Clube Thalia de Curitiba e no salão de Primavera do Clube Concórdia. Morreu em abril de 1903, dentro da mata nativa. Ao derrubar uma árvore, seu tronco o atingiu.

A sutileza de suas pinceladas foi assim elogiada pela crítica Adalice Araújo: *A Pinacoteca do Colégio Estadual do Paraná, em Curitiba, possui composição de sua autoria Carroças e Cavaleiros, na qual, além da fluidez com que trata a natureza, chega a lembrar Turner; a transparência da água na estrada após a chuva reflete o passo dos tropeiros.*



Hermann Schiefelbein (1885-1933). Carroças e Cavalos, óleo sobre tela. Coleção Colégio Estadual do Paraná.

STENZEL & DOUBEK: FAMÍLIA DE ARTISTAS



Erbo Stenzel (1911-1980).

Expressão da alma europeia, desta Curitiba de mestres litógrafos, são nossos vizinhos do caminho do Bom Retiro, moradores das ruas Trajano Reis e Nilo Peçanha, as famílias Doubek e Stenzel. Berço de Rodolfo Doubek – seu Rudi –, litógrafo, cartógrafo e pintor, e de seu primo Erbo Stenzel, escultor.

Os Doubek descendem de José Henrique Raschendorfer, nascido em 1829, em Königslosen, Morávia. Chegou ao Brasil em 1862, via São Francisco do Sul, e dali a Curitiba, onde casou com Amália, também da Morávia. Foram morar na rua Nilo Peçanha, onde tiveram onze filhos, entre os quais Ema Ida Raschendorfer, que casou com Antonio Doubek, nascido em 1875 em Tabor, na antiga Tchecoslováquia. Tiveram 4 filhos, entre eles nosso amigo seu Rudi, ou Rodolfo Doubek (1906), famoso litógrafo, cartógrafo, calígrafo e pintor, que viria a casar com dona Pequena, a descendente de poloneses Erica Urban. Rodolfo foi aluno de Alfredo Andersen.

Rudi e Pequena foram pais de três filhos, entre eles nosso colaborador, o arquiteto Rodolfo Doubek Filho, autor do projeto do Belvedere do Parque Tanguá.

Rodolfo me conta que *ia pela mão do pai acompanhá-lo em busca de belas paisagens, tanto em Curitiba como no litoral. Lembra do pai quando pintou o lago/tanque do Bacacheri, os bosques, os pinheirais, a praia deserta de Caiobá. Doubek Filho guarda ainda quatro retratos seus pintados por seu pai, ao longo de sua infância e adolescência. A pedido do historiador David Carneiro, Doubek pintou uma grande e notável tela retratando a Batalha do Cormorant.*

Meu pai desenhou todos os mapas do Estado para os governos de Bento Munhoz da Rocha e Ney Braga. Os geólogos Riad Salamuni, João José Bigarella e Reinhard Maack eram visitas constantes em nossa casa da Nilo Peçanha. Meu pai desenhou a maioria das imagens, em bico de pena, para seus livros. Presidentes, reis e outras notáveis autoridades que visitavam o Paraná mereciam sua refinada caligrafia gótica nos diplomas desenhados sobre pergaminho. Também para a Reitoria da UFPR meu pai criava os diplomas de Doutor Honoris Causa ali conferidos.

Sua mãe, mulher de grande estatura, mãos largas, que a sociedade curitibana conhecia pelo apelido de dona Pequena (Erica Urban), por mais de quarenta anos criou belíssimos enxovais monogramados para três gerações de noivas. Era refinado costume no século XX fazer o enxoval das noivas. Marcas e monogramas, além do bordado perfeito, tinham o desenho das iniciais dos proprietários criado pelo marido Rudi.

Doubek Filho recorda que os outros três irmãos de seu pai, seus tios, também eram virtuosos artistas: Hugo, violinista, e Amanda e Amália, cantoras e pianistas. Quase mensalmente, reuniam-se todos os familiares para audições do bel canto e *lieder* em concertos, declamações e danças.



Erbo Stenzel, Torso de Trabalhador, jardim do Museu Paranaense.



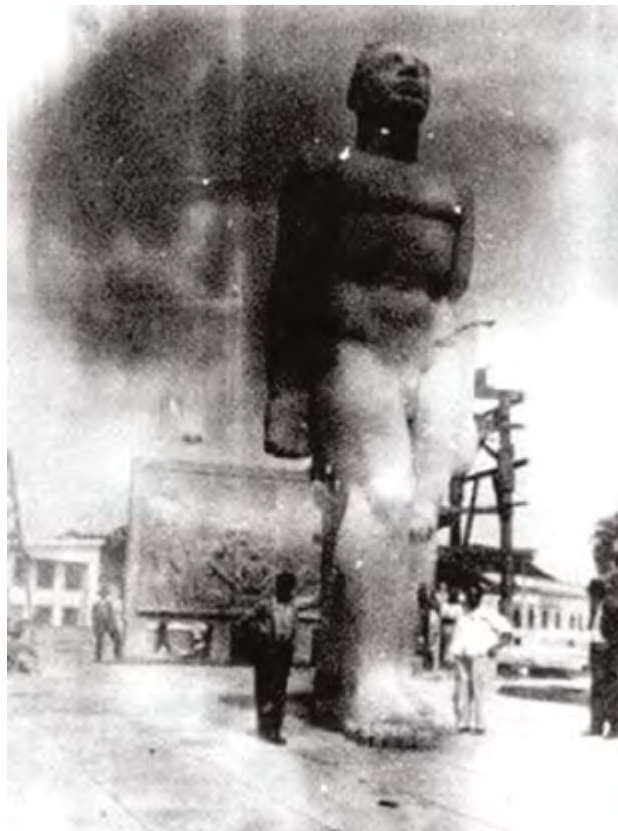


Erbo Stenzel na montagem do Homem Nu (1953).

Maria Luisa Raschendorfer, casada com João Stenzel, teve 10 filhos, o último dos rebentos, Erbo Stenzel, grande escultor curitibano, nascido em 1911. Da família também o entalhador de madeiras e mestre de marcenaria Nestor Stenzel e a competente chapeleira Sarah Stenzel, uma das primeiras estilistas de chapéus em Curitiba.

Doubek Filho conta: *Erbo Stenzel, escultor e campeão de xadrez paranaense, era meu primo. Lembro de ficar sentado no chão do seu ateliê, ao lado de minha casa, vendo e ouvindo o artista esculpir grandes blocos de granito e tirar deles o busto de Júlia Wanderley e outros personagens. Vi a Mulata sensual posando com a lata d'água na cabeça para a grande escultura que depois o prefeito Rafael Greca fundiu em bronze para colocar numa fonte glorieta atrás do Paço Municipal. Lembro de uma enorme escultura em gesso (mais ou menos 4 metros de altura) do Monsenhor Celso Itiberê da Cunha sendo confeccionada primeiro só os mantos sem a cabeça. Que fim terá levado? Onde a colocaram? Ainda possuo três notáveis trabalhos do primo Erbo, no meu acervo de arte.*

Mandei fundir em bronze, em 1995, uma réplica da “Água para o Morro”, colocando-a numa glorieta, nas Arcadas do Pelourinho, junto ao Mercado das Flores, atrás do Paço Municipal. O arquiteto Fernando Canali desenhou a graciosa fonte que fiz construir



Erbo Stenzel e Humberto Cozzo na montagem do Homem Nu (1953).

e inaugurei. Hoje o espaço é ponto de referência da identidade afro-brasileira em Curitiba.

Há um cortejo anual que sai da Igreja do Rosário em direção à fonte, nas comemorações de novembro, memória de Zumbi dos Palmares. Melhor assim: onde antes houve o lúgubre Pelourinho, agora temos uma alegre e romântica fonte, penhor de um amor multirracial eternizado.

Também mandei fundir em bronze o “Torso do Trabalhador”, trabalho de Erbo Stenzel cujo gesso pertencia ao Museu de Arte do Paraná. Mais tarde, no advento do Jardim de Esculturas do MON, meu amigo Alexandre Fontana Beltrão mandou fundir mais dois múltiplos de ambas as esculturas, que hoje integram o acervo do principal museu do Paraná, o Museu Oscar Niemeyer.

Erbo Stenzel estudou na *Deutsche Schule*, na praça 19 de Dezembro, junto com seus três irmãos e quatro irmãs. Foi iniciado nas artes plásticas pelos mestres Turin e Lange de Morretes. Frequentou, no Rio de Janeiro, a Escola Nacional de Belas Artes. Para ganhar seu pão de cada dia, trabalhou na indústria, empregado da Machine Cottons, e na Fábrica de Mó-

veis e Imagens de Gerd Claassen & Kaminski, onde foi modelador de florões, frontões e santos.

Também foi desenhista do Departamento de Terras e Colonização. Viveu no Rio por 10 anos, período em que aprofundou seus estudos como escultor e gravador. A partir de 1949, passou a lecionar Anatomia na Escola de Música e Belas Artes do Paraná. Só seria professor efetivo em 1968. A partir de 1950, montou seu ateliê no Bom Retiro. A casa, preservada pela Fundação Cultural de Curitiba, com *deposé* realizado em 1997, hoje está no Parque São Lourenço. Morreu em 1980, num lar menonita.

Erbo Stenzel foi um dos integrantes da comissão de alto nível que, dispensando licitação, avalizou a aquisição da escultura de Turin “Luar do Sertão”, em 1965, para o patrimônio da cidade de Curitiba. Junto com Humberto Cozzo, é autor do painel em granito que relata os ciclos econômicos do Paraná, contraposto aos azulejos de Poty Lazzarotto, no conjunto monumental da praça 19 de Dezembro.

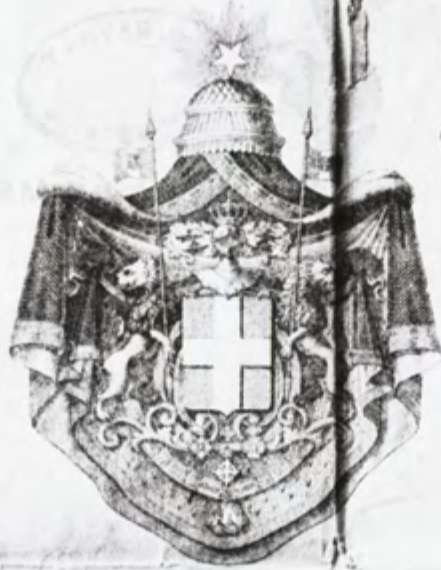


Erbo Stenzel - Água para o Morro. Diretoria de Patrimônio, Fundação Cultural de Curitiba.



Erbo Stenzel - Água para o Morro. Praça José Borges de Macedo.





et. B. Depono per omnes justitias meas
in nomine in patria della reale alle
potenti imperanti da me sofferta
imperiale stant inabili al l'anno
d'oggi l'anno 1862

IN NOME DI SUA MAESTÀ

V V V V V V V V V V

PER GRAZIA DI DIO E PER VOLONTÀ DELLA NAZIONE

RE D'ITALIA

N. del Regno 18

N. del Passaporto 962

Connotati

Statura metri 1.60

Capelli castani

Sopraciglia verdi

Occhi verdi

Barba

Segni particolari

3

Condizione aquilone

3

Nato a Capella d'Alba

3

Domicilio Torino

3

Firma del latore

Leoneato

Carlo

Luigi

Il Ministro per gli Affari Esteri
prega le Autorità Civili e Militari di Sua Maestà
e delle Potenze amiche e alleate di lasciar liberamente passare
Leoneato Angelosoligo di Enrico e Maria di Enrico

3 3 3

Il presente Passaporto rilasciato a Venezia
il 11 novembre milleottocento ottanta otto
vale nulla se non per il Delegato di S. S. Mirano
e vale per un anno

Giuseppe
Carapozzo
M. S. P.

Per delegazione
del Ministro per gli Affari Esteri



M. S. P.

ORIUNDI SOB A LUZ DOS PINHAIS



Anúncio de imigração.



Terra Prometida, óleo de Theodoro de Bona, 1934. Acervo Pinacoteca do Colégio Estadual do Paraná.

(página oposta) Passaporte de imigrante.

A saga dos imigrantes italianos, chegados a Curitiba no final da década de 1870, passa pela estratégia do governo imperial do Brasil de contemplar os compatriotas da imperatriz Teresa Cristina, consorte napolitana de Dom Pedro II. O pintor paranaense Theodoro de Bona, em 1934, retratou o alumbramento da chegada dos “oriundi” ao Brasil num óleo sobre tela que se conserva na Pinacoteca do Colégio Estadual do Paraná. Na época da grande imigração para o Novo Mundo, o Brasil incluído, a Itália começava a superar a grave crise desencadeada pelas lutas do processo de unificação.

O *Risorgimento* deu-se entre 1815 e 1870, com o objetivo de unificar a bela península mediterrânea, “la nostra Itália”, num só estado. Só terminou quando os patriotas tiveram sucesso, formando a Nação Estado, instituída monarquia constitucional, em 17 de março de 1861. Vittorio Emmanuelle II, da Casa de Savoia, a partir de Turim, assumiu o título de Rei da Itália pela graça de Deus e por vontade da Nação.

O processo revolucionário envolveu anarquistas, maçons carbonários, jacobinos, republicanos e democratas. Foram protagonistas três Giuseppe: Mazzini pelas ideias; Verdi, pela música; Garibaldi, pelas armas.

Os ideais de Mazzini inspiraram o famoso coro “Va, pensiero...”, em que Verdi propositalmente abordava a resistência do povo eleito à tirania, evocando os judeus cativos na Babilônia, escravizados pelo rei Nabucodonosor. Metáfora do povo italiano, dominado em Veneza pelo Império Austro-Húngaro, em Roma pelo Reino dos Papas, em Nápoles pelo Reino das Duas Sicílias.

Garibaldi (1807-1882), lutando bravamente ao lado de Anita, sua amada brasileira, trazida desde Laguna, materializaria a Itália *Una, Independente, Libera e Republicana*. Era então herói temido pelos reis, admirado pelo povo, mundialmente famoso. Sua biografia virou *best-seller* nas livrarias de Nova York, Paris e Londres, com texto romântico do grande Victor Hugo, autor de “Les Misérables”. Como nem tudo é perfeito, a República Italiana só nasceria num plesbicitto após a II Guerra Mundial, em 2 de junho de 1946.

Para escapar da fome, motivados pelo sonho de enriquecer no Novo Mundo, “fazer a América”, e também pela propaganda do governo imperial de que o sul do Brasil precisava da mão de obra de homens livres,





Colônia Dantas, hoje bairro Água Verde. Atestado de Boa Conduta dado em 1888 pelo reino da Itália ao imigrante Luigi Levoratto.

milhares de italianos atravessaram o Atlântico, saindo dos portos de Gênova e Nápoles, rumo a Santos, Paranaguá e São Francisco do Sul.

No Paraná, depois de um período de isolamento na Ilha das Cobras, foram acolhidos no litoral, em casas e hospedaria mantidas pela Sociedade de Imigração, no município de Morretes, mais precisamente no Porto de Cima. Começaram a trabalhar duro, quebrando pedras, nas fraldas do maciço Marumbi. Preparavam blocos de granito para os muros de contenção da Estrada da Graciosa, concluída em 1873, e da Estrada de Ferro Paranaguá, construída entre 1880 e 1885.

Ao inaugurar a ferrovia, em carta, desde o Paraná, enviada ao seu pai, Dom Pedro II, a princesa Isabel escreveu com orgulho: *Esta é a primeira obra do império construída integralmente com o trabalho de homens livres.*

Vigorosos jovens Prosdócimo, Petrelli, Malucelli, Trombini, Romani, Códega, Parolim e Greca contam dos *in folios* de papel almaço, folha de pagamentos da Pedreira Marumbi, verdadeira coluna social dos capitalistas de Curitiba, que depus no acervo da Casa da Memória de Curitiba. Além dos mestres pedreiros, a maioria dos italianos estabelecidos no litoral ali não se aclimatou. Logo subiram a Serra do Mar, fugindo do calor e das febres palustres.

Ficariam em Morretes, estabelecendo raízes, os troncos Malucelli e Trombini. Mas, com o tempo, também estabeleceriam seus negócios em Curitiba. A Malucelli da Visconde, multiloja na avenida Visconde de Guarapava, era famosa em antigos Natais pela sua Orquestra de Cachorrinhos Amestrados, capazes de dançar no palco sobre a marquise. O engenheiro Joel Malucelli, bisneto dos pioneiros, seria empreiteiro de estradas, fundador do Paraná Banco, concessionário da rede de TV Bandeirantes e editor do jornal *Metro*.

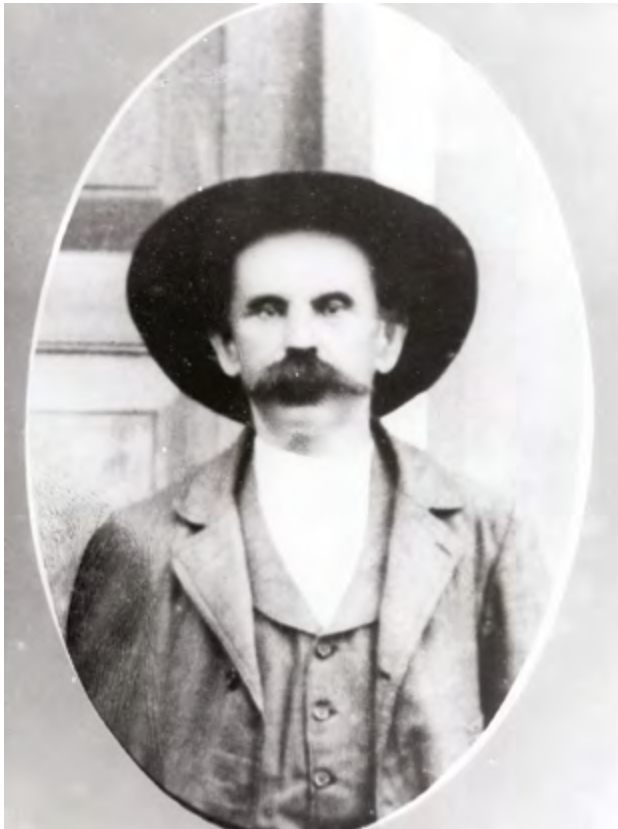
E também as Indústrias Trombini – fábrica de sacos de papel multifoliados e papelão ondulado, iniciativa de Mirtilo Trombini, desde 1941, junto ao rio Barigui, na Vila São João. O grupo empresarial da grande família, residente em Curitiba num condomínio horizontal conhecido por Vila Nina, tem hoje indústrias em três estados do Brasil, empregando 2.000 funcionários.

Súditos da Áustria, 300 italianos da região dos Alpes, 59 famílias registradas por batismo e casamentos nos livros da antiga Trento, fundaram, em Piraquara, a pitoresca Colônia de Santa Maria do Novo Tirol da Boca da Serra (1878), colocando na igreja de Santa Maria Assunta in Cielo imagens de massa com vestes em estopa armada com cola. No cemitério, cruzeiros e lápides entalhadas em madeira, com detalhes coriformes, como é uso nos Alpes.

No que depois seria o município de Colombo, imigrantes vênéticos ergueram as colônias Presidente Faria, Antônio Chaves e Antonio Prado.

Em novembro de 1877, 162 colonos, sendo 48 homens, 42 mulheres, 42 meninos e 30 meninas, liderados pelo padre Angelo Cavalli, saíram do Norte da Itália, de aldeias quais Cismon del Grapa, Maróstica, Bassano del Grapa e Valstagna, rumo ao Paraná. Estabelecidos em Morretes, pela Sociedade Paranaense de Imigração, na Colônia Nova Itália, menos de um ano depois abandonaram a tórrida planície litorânea, buscando o frescor das manhãs de cerração, à luz dos pinhais de Curitiba.

Em setembro de 1878, um grupo de 40 famílias recebeu do Governo Provincial terras demarcadas em 80 lotes, 40 urbanos e 40 rurais, localizados a 23 quilômetros da catedral de Curitiba, nas então chamadas terras de Butiatumirim. O local foi batizado oficialmente “Colônia Alfredo Chaves”, em homenagem ao então Inspetor Geral de Terras e Colonização, doutor Alfredo Rodrigues Fernandes Chaves. Esse próspero núcleo colonial foi o embrião do município



Domingos Strapasson. Medalhão sobre cartão. Fotografia Weiss, rua Barão do Rio Branco 103, Curitiba.

de Colombo, homenagem ao mítico navegador genovês, Cristóforo Colombo, descobridor da América.

Ali, em 1880, o pioneiro Francesco Busato represou o rio Tumiri, fundando seu famoso Moinho de Fubá. Mais tarde seria parceiro do coronel Zacharias de Paula Xavier na Fábrica de Louças cuja saga também consta deste livro.

No ano de 1886, ao norte de Curitiba, foi criada a Colônia Antonio Prado, com imigrantes italianos e polacos. Nesse mesmo ano, fundaram a Colônia Presidente Faria, onde as famílias italianas ergueriam a bela matriz da *Madonna dela Salute*. Na benção, a presença do padre Pedro Cobalchini, missionário italiano que chegou ao Paraná em maio de 1886.

Esse mesmo padre ergueria, em 1888, a Igreja do Coração de Jesus, na Colônia Dantas, hoje o populoso bairro da Água Verde, núcleo colonial dos arrabaldes de Curitiba que começara a ser povoado dez anos antes, em 1878. Na colônia, além do cemitério paroquial, a piedade dos italianos devotos ergueria a Capelinha da Água Verde, na encruzilhada com o caminho do Portão. Nessa colônia ficou famoso o armazém de secos e molhaods da *famiglia* Merlin, italianos de sobrenome que lembra o lendário mago celta da saga do rei Arthur e sua Távola Redonda.

O pioneiro Liberato Domenico Merlin foi fixado pelas autoridades de imigração em propriedade na colônia Dantas, junto aos meandros do rio Água

Verde. Arthur Virmond de Lacerda refere ter lido, no jornal *Dezenove de Dezembro*, que o menino italiano Luiz Merlin, de sete anos, sobressaiu-se nos exames escolares com a habilidade com que resolveu as operações de dividir, sendo merecedor de notícia publicada em dezembro de 1883.

Memória dessa família, informação que veio por cortesia da *internet*, piço de uma rede social, no perfil “Antigamente em Curitiba”, post de Sílvia Elena Merlin Plotz recordando seu bisavô Liberato Domênico, de profundos olhos azuis. Entre os meninos vestidos de xadrez da foto amarelecida, Sílvia destaca seu avô mestre sapateiro Plácido Antônio, famoso fornecedor de calçados para a sociedade curitibana. No álbum da família, foto tirada na velha Itália, antes da imigração, revela os trisavós de Sílvia, Giuditta (Berni) e Giuseppe Merlin. Entre seus filhos, o bisavô Domênico Merlin e seu irmão Agostinho Merlin, hoje nome de rua no bairro de Santa Quitéria.



Santa Felicidade. Montes de feno, provisão de inverno.





Colombo, Colônia Alfredo Chaves, 1904. Anotação manuscrita de Alfredo Chaves.



Família Merlin - Itália.



Família Merlin - Brasil.

SANTA FELICIDADE: VINHO VERTIDO, VIME TRANÇADO



Santa Felicidade. Estrada do Cerne, hoje av. Manoel Ribas. Cortejo de carroções, rumo ao Largo da Ordem, para venda de lenha e hortifrutigranjeiros em Curitiba, 1950. Imagem da Casa da Memória, adquirida do colecionador Cid Destefani.



Primeira igreja de Santa Felicidade. Imagem de almanaque da imigração, 1900.

O ano de 1878 marca a fundação de Santa Felicidade, a bela e próspera colônia, com tanto vinho vertido, tanto vime trançado, hoje famoso bairro gastronômico da polenta com galinha frita. As famílias que formaram Santa Felicidade aportaram em Paranaguá a 12 de janeiro de 1878. Haviam embarcado no porto de Gênova, num navio com 900 imigrantes, em 5 de novembro de 1877. O nome Santa Felicidade foi desejo de Antônio Bandeira, proprietário da gleba de terra, que quis homenagear sua irmã, dona Felicidade Borges. A princípio eram apenas 14 famílias, fixadas cada qual na sua chácara. Já eram 70 famílias em 1885, quando o padre italiano João Cybeo visitou a colônia. O culto divino dava-se no oratório da casa do lavrador Giaretta.

O Bispo de São Paulo, Dom Lino Deodato Rodrigues de Carvalho, em 14 de fevereiro de 1888, criou canonicamente a *Capelania Curada da Água Verde e de Santa Felicidade*, designando como seu primeiro reitor o padre Pedro Cobalchini.

Com o fruto das primeiras colheitas, Marco Mocellin e Sebastiano Dal Santo doaram terreno para que a comunidade em mutirão erguesse sua capela, primeiro em madeira, mas já em 1891 em alvenaria de pedra. Templo abençoado pelo padre Cobalchini na noite de Natal daquele ano.

Mandei erguer, no Memorial Italiano de Santa Felicidade, uma réplica dessa graciosa e pioneira igreja, junto ao Bosque São Cristóvão, recinto das Festas da Polenta, do Vinho e da Uva, em parceria com a Paróquia Católica, quando prefeito de Curitiba. Fizemos então um piso que evoca a Piazza Capitólio de Roma, apropriando o mesmo desenho de Michelangelo Buonarroti. Lá também colocamos em coluna votiva uma imagem em bronze da Madona do Monte Bérico, santa da devoção dos vênetsos que vieram para Curitiba.

No princípio da rua Manoel Ribas, também em coluna votiva, entronizei o “Leão Alado de Veneza”, fera rompante dotada de asas, símbolo místico da força da imaginação, atributo teológico do evangelho de São Marcos, padroeiro da sereníssima cidade das gôndolas.

A Matriz – dedicada a São José – foi ampliada. Nave, presbitério e fachada renovados, acrescidos, ao alvorecer do século XX, de uma torre sineira, esplêndido campanário em estilo vênetsos, traço e obra de Antonio Fanchin, segundo João de Mio. Para a historiadora Altiava Pilatti Balhana, o construtor dessa Matriz seria o engenheiro Vanini. No adro da Igreja,





Bosque São Cristóvão, Memorial italiano.

cenográfica escadaria em granito apicoado, obra dos pedreiros de meu avô Raphael Greca. No tímpano do pórtico da matriz, um afresco revela o milagre do lavrador salvo do veneno de uma serpente pela intercessão do Santo Anjo da Guarda. A fé daquela gente foi instrumento valioso para enfrentar a mata e os perigos do Brasil tropical.

Também em 1891, deu-se a urbanização do cemitério, arrematado por notável Pórtico do Paraíso, colunata em alvenaria de tijolos maciços. Ali repousam os pioneiros Amália (Gasparim) e Angelo Mazzarotto e seu filho bispo Dom Jerônimo Mazzarotto, primeiro reitor da Universidade Católica (PUC-PR). Outro filho do casal também foi bispo da Igreja Católica, Dom Antônio Mazzarotto, sepultado na sua diocese de Ponta Grossa. Os Gasparim Mazzarotto eram tios e primos de minha mãe, nascida Therezinha Gasparim Greca. Minha avó Emília tinha, entre suas irmãs, Amália, que se casaria com um Mazzarotto, e Ema, que se casaria com um Deconto.

Quando fizemos no IPPUC o levantamento das Unidades de Interesse de Preservação, dentro do programa que criou o “potencial construtivo” pela primeira vez numa cidade brasileira, várias casas de Santa Felicidade entraram na lista. Lindos exemplares de arquitetura vêneta, transplantadas para esse lado do Atlântico.

Na rua Toaldo Túlio, a casa da família Santo Cuman. Na rua Napoleão Manosso, a casa da família Giovanni Manfron. Num bela chácara no talvegue entre os vales dos rios Barigui e Uvu, na rua Nicola José

Gravina, a Casa Calixto Cumin, as paredes cor-de-rosa imersas no arvoredo. Na mesma rua, a Casa do Alpendre, construída pelos pedreiros Angelo Peolim e Baptista Gau, com telhados, pingadeiras em lambrequim na varanda, escadaria e esquadrias a cargo do mestre carpinteiro João Benato Vale. Documento familiar revela que custou 7 contos de réis. A família do construtor Peolim vivia ali até 1978, quando da pesquisa coordenada pelo arquiteto Key Imaguire Júnior, então coordenador da Casa Romário Martins.

Na antiga Estrada do Cerne, hoje avenida Manoel Ribas, o roteiro contempla sete endereços.

A Casa dos Gerânios, anexa a paiol e moinho movido pelas águas do rio Uvu, já residência da família Boscardim, parentes de Santa Bertila – freira italiana que nunca veio a Curitiba, mas é cultuada por aqui.

A Casa das Pinturas, residência da família Mene-gusso, que guarda na sua varanda painéis em afresco do pintor autodidata Gardênio Scorzato (1899-1963). O mais significativo deles retrata o “navio dos imigrantes”.

O pintor Gardênio Scorzato era natural de um arrabalde de Vicenza, aldeia de Santo Antonio de Malo, soldado da Itália na I Guerra Mundial, que ao dar baixa veio para o Brasil, onde chegou em 1922, via porto de Santos. Veio para Santa Felicidade como agregado da chácara da família Ceschim. Quando foi trabalhar na fábrica de móveis do judeu Salomão Guelmann, a partir de

1924, começou a se dedicar à pintura em murais e afrescos de parede. Casou com a filha de poloneses Clara Krainski, mãe de seus seis filhos, João, Amilda, Cílio, Gardênia, Elói e Hilário. Além dos painéis da varanda da Casa Menegusso, vi afrescos seus na chácara do Passaúna, residência de José Caporássio, e na chácara da família Durigan.

A Casa dos Arcos, tentativa de reproduzir na rua principal de Santa Felicidade as famosas arcadas que cobrem todas as calçadas de Pádua, no acesso à Basílica de Santo Antônio. Foi erguida em 1895 pelo cons-

trutor Brasília Gichelle, para comércio e residência de Marco Mocelin, que ali viveu com sua família até morrer em 1914. Em 1918, a viúva Mocelin vendeu o imóvel para Bartolo Tulio.

A Casa Culpi, erguida no começo da colônia, em 1887, por Giovanni Baptista Culpi, para residência de sua família, foi ampliada em 1897 já para abrigar o filho casadoiro e sua mulher. Nela fizemos um Centro de Cultura Italiana, com aulas gratuitas da língua de Dante Alighieri, ponto de encontro dos corais e do grupo folclórico Anima Dantis.

E ainda as casas dos Bosa (1913), de Francesco Boscardin (1910) e dos Slompo.



Memorial italiano.



Santa Felicidade: Casa dos Gerânios, 1891. Residencial da Família Boscardin. Coleção David Carneiro.



Casa dos Gerânios. Foto Julio Covello. 1980.



Casa das Pinturas. Obra de Gardênio Scorzato na av. Manoel Ribas, 5438.



Casa dos Arcos na av. Manoel Ribas, 5999. Residência da família Mocelin, 1979. Foto Haraton Maravalhas.



O GRANDE NEGÓCIO DA POLENTA



Casa Trevisan em 1979, Restaurante Cascatinha, na av. Manoel Ribas 4289.



Família Culpi em 1912.

A polenta com o frango frito, o risoto de moelas de frango e o brodo de galo velho são patrimônio imaterial de Curitiba.

O próspero distrito gastronômico de Santa Felicidade, importante fonte de empregos e renda da nossa cidade, só seria inventado em 1949, quando os casais Fior d’Lice (Lugarini) e seu marido Ogênio Trevisan, e Palmira (Volpe) e Pedro Trevisan resolveram servir “o rancho” em sua chácara, à beira da Estrada do Cerne. Varanda e salão de refeições com vista para a cascatinha do rio Uvu.

Foi um achado. Carroceiros, carreteiros e caminhoneiros passaram a desfrutar da cantina, saboreando polenta, frango frito, salada de *radicchio*, lasagna, maionese caseira e vinho da casa, branco e tinto. Para saciar vorazes comensais, acostumados a devorar “passarinhas” – hecatombe de sabiás e perdizes politicamente incorreta –, passaram a servir “frango à passarinho”, até hoje atração na mesa espantosamente farta.

Os dois casais criaram seus filhos com a renda do restaurante somada aos ganhos de um antigo moinho de milho – comprado da *famiglia* Manosso –, fábrica de farinha e fubá movida pelas águas do rio Uvu.

Hoje, os filhos de Fior d’Lice e Ogênio, meus amigos Altevir e Arnaldo, mantêm os restaurantes Cascatinha e Verona. Os filhos de Palmira e Pedro, meus amigos Renato e Gilberto, mantêm o Castelo Treviso, edificado como se fortaleza medieval fosse.

O tino comercial da família viu oportunidade de bons negócios no intenso tráfego de caminhões carregados de madeira e café, que iam e vinham pela Estrada do Cerne – a via que, depois de urbanizada e asfaltada (1954) pelo então prefeito Ernani Santiago de Oliveira (1912-1981), seria chamada de avenida Manoel Ribas, até a inauguração da Rodovia do Café, a única ligação entre Curitiba e o Norte Pioneiro.

O advogado e vereador Ernani Santiago de Oliveira foi escolhido prefeito de Curitiba por seu amigo governador Bento Munhoz da Rocha Netto. Naquela época, ainda resquício da legislação ditatorial do Estado Novo, os prefeitos das capitais eram cargos em comissão dos governadores dos Estados.

A Câmara Municipal de Curitiba, no mesmo dia, elegeu o vereador Toaldo Túlio, empossando-o no cargo de prefeito. Foi então que Curitiba amanheceu com dois prefeitos. O Ernani no gabinete executivo do Paço Municipal e o Toaldo Túlio no andar de baixo, no gabinete da presidência da Câmara. Isso fez com que Curitiba fosse a única cidade do mundo com dois prefeitos oficialmente empossados, até que o Tribunal de Justiça, depois de três dias, proferisse sentença definindo o governador como detentor do direito de nomeação.



Carroça em Santa Felicidade, Curitiba. Acervo Casa da Memória.



Prefeito Major Ney Braga (1917-2000).

Ernani mandou asfaltar a estrada até Santa Felicidade, de olho na próxima eleição – que seria por voto direto – do seu candidato, major Ney Braga (então chefe de polícia e casado com d. Sílvia Munhoz da Rocha, irmã do governador). Esse pleito foi disputado entre Ney Braga e o médico Wallace Thadeu de Mello e Silva, casado com dona Luci (Requião), mãe de Roberto Requião de Mello e Silva, que foi eleito prefeito de Curitiba, três vezes governador do Paraná e senador da República. O doutor Wallace teve entre seus oponentes o clero, liderado pelo arcebispo Dom Manuel da Silveira D’Elboux, simpatizante de Ney Braga. Teriam sido os votos de Santa Felicidade, superado o episódio Túlio, o diferencial da vitória.

A memória desse fato histórico singular tem fonte primária no testemunho da viúva de Ernani Santiago de Oliveira, a esfuziante escritora curitibana Liamir Santos Hauer – Hauer por um terceiro casamento. Tudo está registrado no livro *Curitiba: Visões*, das Edições Guairacá (2016).

Quando fui prefeito de Curitiba, entre 1993 e 1996, havia em Santa Felicidade 99 estabelecimentos comerciais, entre restaurantes, bares, casas noturnas, casas de artesanato, mobiliário e jardinagem. O bairro rendia cerca de R\$ 4 milhões por mês em ISS (Impos-

to sobre Serviços), sem dúvida uma prova cabal do êxito da indústria sem chaminés que é o turismo.

O mais amplo e mais famoso dos atuais 9.335 restaurantes de Curitiba, metáfora gastronômica da fartura da colônia de Santa Felicidade, é o Madalosso. As origens remontam à plantação de uvas, existente já em 1949, do casal Rosa (Fadanelli) e Antonio Domingos Madalosso.

A segunda filha do casal Madalosso, Flora, e seu marido, Ademar Bertoli, em 1963, compraram o restaurante Florida, na avenida Manoel Ribas 5852. Em 1970, o Madalosso já tinha dois salões, Roma e Verona, capazes de servir para 400 talheres.

O negócio cresceu muito, a partir da divulgação do cardápio de Santa Felicidade nas Feiras da Providência do Rio de Janeiro (eventos beneficentes promovidos pela Igreja Católica), em barraca do Paraná com a cozinha comandada pessoalmente por dona Flora. O *maitre* e *promoter* Ernâni Ribas do Valle, apelidado “o Gordo do Madalosso”, nos seus 43 anos de serviço, consolidaria a fama, inclusive com a inteligente estratégia de ir a congressos, dos mais diversos segmentos, em diferentes partes do Brasil, para fazer aprovar o próximo congresso em Curitiba e já oferecendo refeições no Madalosso.

Incansável trabalhadora, sem fazer caso para a fortuna amealhada, Dona Flora Madalosso Bertoli é a alma do restaurante, presente, com energia contagiante, todos os dias do ano, da manhã à noite, junto ao imenso fogão de frituras. Vez por outra vai ao salão acolher, em nome da família, os comensais ilustres. Passa a maior parte do tempo controlando a hecatombe de frangos sacrificados, tantos que – asinhas dadas umas às outras – poderiam ser capazes de dar a volta ao mundo.

O Madalosso, em 1995, foi considerado o maior restaurante das Américas, entrando para o *Guinness Book*, o Livro dos Records, com seus 4.645 talhares, com salões somando 7.671 metros quadrados. Pelas suas dimensões dantescas, permitindo acolher numeroso público, o Madalosso é palco de ágapes de todas as vertentes da política brasileira.

Quando Ministro do Turismo do Brasil, na gestão do presidente Fernando Henrique Cardoso, contei à RAI (Rádio e Televisão Italiana) que o Madalosso, na minha cidade, obra de *oriundi*, servia milhares de pratos diários de pasta e polenta. Acostumados a uma refinada culinária artesanal, onde *mammas* e *nonas*, *chefs* exigentes e talentosos, cozinham para poucos, os jornalistas italianos não acreditaram. Aceita a pauta, vieram conferir e concordaram comigo, sendo a reportagem transmitida em rede mundial. Em 2007, o Madalosso recebeu a *Stella della Identità Italiana*, diploma do Governo da Itália.





Santa Felicidade. Carroção em vereda de chácara.

Dona Flora Madalosso atribui o começo da indústria da polenta e do risoto, o prato feito com arroz em papas e moela de frango, na década de 1920, à cozinha de *mamma* Júlia Toaldo, que fornecia comida na Casa dos Arcos, sob encomenda.

No outro extremo da cidade, no Capanema, outra dona Júlia, *mamma* Lazzarotto, mulher do seu Isaac, guarda-freios, mãe de Poty e João, já em 1937 servia o prato, em mesa de 45 talheres, no Vagão do Armistício, cuja saga está publicada neste livro, páginas adiante, quando tratamos dos Lazzarotto, a tribo de Poty.

Há ainda, na gloriosa indústria da polenta e do risoto, outras expressões curitibaníssimas. Fortunas nascidas em empresas familiares, símbolos de superação. O *ristorante* Dom Antônio, também em Santa Felicidade, saga de trabalho intenso dos *nonos* Maria Madalena e Gigio Esmanhotto, sucedidos por Severino Esmanhotto e sua mulher Helena Fadanelli Esmanhotto, irmã da Flora do concorrente e vizinho restaurante Madalosso.

A colossal Risotolândia começou em 1953, num restaurante na Sociedade Beneficente 5 de julho do bairro do Xaxim, comandado por dona Cenira Gusso, nos idos de 1950. Seu filho, Carlos Antonio Gusso, fazia realidade um complexo industrial de proporções dantescas: meio milhão de refeições por dia, consumo mensal de 142 toneladas de arroz, 56 toneladas de feijão e 286 mil unidades de ovos brancos. Os contratos de nutrição para escolas e corporações atendem 350 mil crianças e trabalhadores de fábricas no Paraná e Santa Catarina. A Risotolândia tem 4.000 funcionários.

Ainda a propósito de polenta e macarrão, na



Santa Felicidade. Família Budel: Giovanni, Luiza, Rosa, Tereza (sentados). Felix, Antonio, Domingos, Catarina, Agapito, Sebastião (em pé). Coleção Terezinha Budel Murara, Casa da Memória.

Curitiba de 1902, quando o jovem Raphael Greca estava para noivar com sua amada Emília Gasparim, a família vêneta, moradora da Colônia Gabriela, preparou um almoço com polenta. O rapaz, para surpresa de todos, não conhecia a iguaria típica de Veneza, Verona e região, onde é consumida com ovos de suculenta gema, carnes, aves e até bacalhau amanteigado. Os italianos meridionais, napolitanos e calabreses, até hoje só comem tomates, azeitonas, queijo de cabras, copioso macarrão com massa de tomates, as pizzas feitas em casa e, aos domingos e dias santos, um *abaccio*, isto é, assado de cordeiro tenro. Meu avô morreria chamando seus cunhados e amigos de Santa Felicidade de “i polentoni”.

Fruto da terra que desembarcou na Europa quando das viagens de Cristóforo Colombo, trazido da América, onde é planta nativa entre maias, incas e astecas, o milho engrossou a polenta. Esse alimento foi capaz de eliminar carestia e penúria, salvando da fome o povo humilde do norte da península italiana.

O episódio se reproduziu na família da minha sogra, meio século depois, quando Francisco Sansone, paulistano de família de metalúrgicos oriundos de Castelamare di Stabia, Reino de Nápoles, veio estudar Medicina em Curitiba. Depois de muitos flertes no curso da rua XV, conseguiu ser convidado para a casa da família Pericás. Rosário Milla, a aia de minha sogra, governanta da casa, programou um jantar à base de polenta para receber o futuro noivo. Dona Paqueta e o doutor Bernardo Pericás, ao verem que Francisco não conhecia a polenta, logo pensaram: ele se diz italiano, mas não conhece polenta, não é italiano coisíssima nenhuma, deve ser um impostor. O equívoco se desfez quando aquele que seria o pai da minha Margaritinha explicou as sutilezas regionais de uma Itália que custou a ser unificada, mosaico de culturas, relicário de História intensa, plena de Humanismo. Os catalães compreenderam, o casamento se fez, celebrado em São Paulo, na igreja do Mosteiro de São Bento, e minha Margarita nasceu.



I. Portal de Santa Felicidade. 2. Vinho sendo amassado no lagar. Gravura de Poty Lazzarotto. 3. Família Tulio trançando vime. 4. Igreja de Santa Felicidade. 5. O autor com cozinheiras do Restaurante Cascatinha. 6. Polenta cremosa.

(ao lado) Leão de São Marcos, símbolo vênето.





Nonna Ermínia, a última carroceira de Curitiba. Foto de Haraton Maravilhas.



A CIDADE, O TEMPO E O SONHO
Houve um tempo em que Curitiba despertava ao som do trote de animais puxando carroções conduzidos por semeadores imigrantes. Traziam aos mercados da Cidade os frutos da terra ainda cobertos de orvalho. Vinham por entre pinheirais, nos velhos caminhos envoltos em véus de cerração. Hoje só cavalos de sonho vencem as barreiras da modernidade para, afinal, matar sua sede no velho bebedouro do Largo da Ordem. Para memória da Cidade e do Sonho foi colocada aqui esta escultura do curitibano Ricardo Tod no mês de maio de 1995 sendo Prefeito Rafael Greca de Macedo.

Todas as manhãs, em caminho de névoas, ela vinha - desde a chácara, em Santa Felicidade - para o Largo da Ordem. Vendia verduras, lenha, copos de leite dos banhados. No final, era trazida pelo cavalo, que já sabia o caminho, enquanto cochilava, dedilhando as contas do rosário. Nonna Ermínia, quanta saudade. A última carroceira de Curitiba, aqui em foto magistral de Haraton Maravilhas. Quando o cavalo foi atropelado, pedi ao Ricardo Tod que o encantasse em bronze, na Fonte da Memória (acima), que o povo chamou "O Cavalo Babão".

(acima) Fonte da memória.

(embaixo) Detalhe da placa Fonte da Memória.

GENGIBIRRA, A GASOSA FEITA POR ANARQUISTAS



Ezízio Cini.

Ao recordar as gasosas Zanier, lembro as gasosas e a gengibirra da Fábrica de Bebidas de Hugo Cini, até hoje atuante, notável expressão da gastronomia e da identidade curitibana.

Tudo começou, quando Egízio Cini imigrou desde o Vêneto até o Paraná, para fixar lavoura e residência na Colônia Cecília, nos campos de Palmeira, seguindo o líder anarquista Giovanni Rossi.

Curiosamente, os anarquistas, gente regicida e carbonária, vieram ao Brasil a convite de Dom Pedro II. O imperador, numa de suas muitas viagens à Itália, hospedado no Grand Hotel et de Milan, na mesma rua do Teatro alla Scala, mandou chamar o idealista Giovanni Rossi (1856-1943). Quis conhecer o italiano de Pisa, jornalista, agrônomo, veterinário, impressionado com o que lera no livro *Il Commune in Riva al Mare* – sonho revolucionário de uma suposta colônia, libertária e experimental, num país da América, onde o individualismo e o coletivismo encontrariam liberdade nas relações sociais, amor livre, ausência de hierarquia e dogmas e abolição da propriedade privada.

Informado que Rossi, de codinome revolucionário “Cárdias”, não prosperara em Cremona, com sua Colônia Agrícola Experimental Cita-della, Dom Pedro II convidou-o a fixar seu experimento político-sociológico no sul do Brasil, no Paraná, *terra de homens livres*.

Ao ouvir de Rossi a incrível observação *Ma io sonno anarchico...*, o monarca brasileiro teria respondido: *O Brasil é suficientemente grande para abrigar nós dois*.

Em agosto de 1888, às vésperas da proclamação da República, Dom Pedro II escreveu para Rossi propondo-lhe que efetivasse sua Comuna Livre no Paraná, em 300 alqueires de terra, perto de Palmeira, em gleba obtida do feudo de dona Cherubina Marcondes, mãe do senador Jesuíno Marcondes, Viscondessa de Tibagi. Assim foi feito.

Rossi imigrou. Deslumbrou-se com a fartura do Brasil, conforme se lê no seu diário. Já ao ser servido com uma imensa fatia de pão besuntado de requeijão cremoso, ainda na Hospedaria de Imigrantes do Rio de Janeiro, viu possibilidade de ver triunfar seu ideal por aqui. Fundou, em 1890, a Colônia Cecília, *Comuna Libera*.

Ainda nos Campos Gerais, fixado na Colônia Cecília, Ezízio Cini conheceu Aldina Benedetti. Com os irmãos dela, Catarina e Evangelista Benedetti, o casal enamorado construiu moinho de fubá. Ali nasceu Hugo Cini, a 1º de outubro de 1891.

A Colônia Cecília durou apenas três anos. A maioria dos homens foi trabalhar nas vizinhanças ou veio para a capital. As mulheres, não afeitas a pertencer a vários homens, pediam aos seus companheiros para sair daquela comuna livre, vindo morar em Curitiba, Palmeira ou Ponta Grossa. A violência da Revolução Federalista também prejudicou o empreendimento. A dívida colonial cresceu e nunca foi paga. Egízio Cini, amigo de liberais antipresidente Floriano Peixoto, sobreviveu 40 dias,



escondido no fundo de um poço, na Lapa. Aldina, o filho Hugo e alguns companheiros refugiaram-se em Palmeira, numa casa amiga. Já reunidos, ao alvorecer do século XX, tentaram recomeçar a vida mais próximos a Curitiba.

Ezízio Cini, intelectual carbonário, em 1899 fundou, dirigiu e distribuiu entre o proletariado curitibano o jornal *Il Diritto Libertário - periódico comunista anarchico*, com redação à rua Silva Jardim nº 60. Num dos exemplares que se conservam na Biblioteca Pública do Paraná, pode ser apreciado eloquente “Apelo aos Operários”, saído de sua pena: *Todos aqueles que receberem maus tratos dos assim chamados patrões são convidados a informar esta, a fim de que pelas colunas deste jornal possam valer os direitos dos disfructados contra os disfructadores.*



Dia do Trabalho na Sociedade Garibaldi, 1900. Foto Adolpho Volk.

Desfeitos os sonhos anarquistas, em 1904, Aldina e Egízio Cini associaram-se ao também companheiro de luta Carlos Chelli, para fundar a Cervejaria Esperança, num arrabalde de São José dos Pinhais. A nova fábrica produziu água carbonatada, base das gasosas, além do *amaro Fernet* e da cerveja artesanal *Águia*, fermentada na própria garrafa, rolha presa no gargalo de vidro por metais, como se champagne fôsse.

Os meios de produção eram máquina manual movida a pedal, tanque para a lavagem das garrafas e tonéis de carvalho para a cerveja. O lúpulo, matéria-prima da cerveja, vinha da Boêmia (República Tcheca), em caixas lacradas com zinco, para evitar a passagem de umidade. Ia direto para o moinho, depois para a fermentação durante 30 dias, e então, para evitar o azedume provocado pelo resfriamento, o néctar era acondicionado em pipas. O encarregado não dormia durante o processo. Velava pela qualidade da cerveja fazendo serão.

Com a morte do patriarca Ezízio Cini, dona Aldina ficou sócia de Chelli na fábrica. Mais tarde, seu filho mais velho, Hugo, comprou a parte do sócio. Com ele viriam as gasosas de limão, abacaxi, frambo-

esa e a famosa, inconfundível – e apreciada – Gengibirra Cini, presentes nos aniversários da piazada curitibana por mais de um século.

A firma instalou-se em Curitiba a partir de 1928, num barracão perto da praça do Batel (rua Gonçalves Dias), em área que havia servido ao antigo engenho de erva-mate da baronesa viúva do Serro Azul. O maquinário era alemão.

Carroças percorriam a cidade, com 60 dúzias de garrafas, levando capilé, aguardente, gasosa, gengibirra e cerveja. A carestia da importação durante a II Guerra acabou com a fabricação de cerveja – o lúpulo boêmio já não podia chegar até Curitiba. Resquício da cervejaria, a Família Cini passou a oferecer a famosa “colinha”, refrigerante com gosto puxado para malte.

A saga continuou, quando a viúva de Hugo, Amélia (Gobbo) Cini e os filhos Carlos Ezízio, Carolina Isolina, Aldina, Orlando, Espéride, Nilo e Ginete assumiram a fábrica de gengibirra e gasosas. Em 2004, a Hugo Cini comemorou seu centenário.

Lembro-me de ter dito aos herdeiros – liderados por meu amigo Nilo Cini – que sinal de efetiva globalização seria nós curitibanos chegarmos a Times Square, em Nova York, e vermos o neon coruscante como anúncio: *Drink Gen-gi-bir-ra Cini!* Nos 300 anos de Curitiba, em todos os brindes oficiais, eu prefeito substituí o champagne cerimonial por Gengibirra Cini, nossa bebida mais característica.

Em 2016, as gasosas e gengibirras Cini passaram a ser comercializadas em modernas latinhas de alumínio reciclável, com impecável design.

A Gengibirra persiste, resiste, já ícone da identidade curitibana.



Rótulo de cerveja Águia, produzida pela Cervejaria Esperança, de Hugo Cini.



UMBARÁ, O BAIRRO EXCOMUNGADO PELO BISPO



(acima) Umbará, 1910. Barricaria dos Gabardo.

(ao lado) Umbará. Procissão passando diante do Armazém Victor Gabardo.



No outro extremo da planta urbana de Curitiba, foi implantada capela erguida em 1887: a Colônia de São Pedro do Umbará. Ali, a terra fértil das chácaras sombreadas por matas nativas e altaneiras araucárias somou-se à areia e à argila do berço do Iguaçu, desenvolvendo também intensa atividade de mineração, muitas olarias e serrarias de pinho e imbuia.

A Colônia teve por animador o pioneiro missionário padre Pietro Cobalchini, o mesmo que lançou as pedras fundamentais das igrejas da Água Verde, Santa Felicidade e Colombo.

O nome Umbará já aparece nas Atas da Câmara Municipal de Curitiba em registros de 1815 e 1832, referindo a conservação do leito das estradas na encruzilhada do caminho entre o Tatuquara e São José dos Pinhais com aquele outro que levava desde o Portão e Sítio Cercado até o *passo a vau* do Iguaçu, também chamado de Rio Grande de Curitiba, início da atual cidade de Fazenda Rio Grande.

O vocábulo Umbará – ou *uambará*, em tupi-guarani – significa *vermelho* ou *alaranjado*, tom das frutas silvestres quando começam a amadurecer. Igor Chmyz, nas suas pesquisas arqueológicas, atesta povoamento indígena da região e ainda ataques de bugres a viajantes e moradores naquela margem do Iguaçu. Tradição oral do bairro diz que o nome significaria “um barrá”, ou seja, barral, barreiro, lamaçal de barro vermelho. Coisa comum nesse planalto úmido antes da pavimentação com pedras ou asfalto.





Umbará: Construção da torre da Matriz de São Pedro, 1950. Obra de João de Mío.

As terras começaram a ser comercializadas na região, adquiridas por colonos poloneses e italianos, na década de 1880, intensificando-se os negócios fundiários entre 1890 e 1905. Reginaldo Wacheski, em depoimento dado em 1983, referiu: *O falecido pai contava que o primeiro polonês que veio morar em Umbará foi o Francisco Zela, chamado Francisco Sila. Veio morar onde hoje vive a viúva do falecido Agostinho Pellanda. E o primeiro italiano que veio foi o Valentim Gabardo.*

A acanhada capela de madeira durou de 1887 a 1897.

Ao final de 1896, o primeiro Bispo de Curitiba, Dom José de Camargo Barros, deu licença para se erigir uma igreja de tijolos, recomendando fôsse erguida em lugar alto e conveniente. Nomeou a comissão das obras: Bortolo Pellanda, Francisco Bonato, Antônio Negrello e Valentim Gabardo.

O novo terreno para casa de São Pedro foi doado pelo casal Guilherme Waiger. A terra para o Campo Santo foi doação de Valentim Gabardo, conforme assentos no Livro do Tombo da paróquia.

Em 3 de fevereiro de 1896, o padre Faustino Consoni benzeu o cemitério e lançou a pedra fun-



São Pedro de Umbará.

damental da nova igreja, com grossas paredes em alvenaria de tijolos maciços, cuja construção começou rapidamente já no dia 15 de fevereiro. O templo ficou pronto para a festa de São Pedro do ano seguinte, 29 de junho de 1897, quando celebrou missa cantada o padre Francesco Brescianini.

Curiosamente, esse Valentim Gabardo, além de doador do terreno, foi o primeiro defunto do cemitério do Umbará. Isso depois de ter sido assassinado numa briga dentro do seu armazém. O empório foi depois tocado pela viúva Antônia Bisoto Gabardo. O povo chamava a venda de “armazém da viúva Gabarda”. O livro de lançamentos de impostos da prefeitura de Curitiba do ano de 1899 lança tributos sobre o que se nota ser o armazém da viúva Gabardo.

Desde a Itália, o Bispo João Batista Scalabrini, em carta, orientou os padres da sua missão que atendiam as colônias italianas de Curitiba: *Naquelas jovens comunidades o Bem nunca deve andar separado do Útil. Será conveniente fundarem estas localidades de pessoas abandonadas, ao lado da igreja e da escola, também dispensários farmacêuticos [...] assim a Igreja de Deus será abençoada pelas multidões, pois como seu divino Redentor; terá passado fazendo o bem e curando a todos.*

E assim foi feito. Paulo Stephano Cavichiolo, em testemunho oral, assegurou: *O farmacêutico era um tal de Fernando. Mas ele só sabia fazer o remédio pela receita do padre Claudio Morelli, aquele padre, se fosse médico, seria excelente. Quando gurizinho eu sofria de reumatismo no joelho. Mesmo assim gostava de me esbaldar numa poça d'água do pátio da igreja, junto*

com os outros piás. Um dia ele me passou um raspe dizendo amanhã você vai ficar de cama e daí vocês vêm me chamar. Saia já da água e vá andando pra casa. No outro dia precisaram chamar ele, e olha que ele me receitou um unguento para passar no joelho, e não é que estou bom até hoje!

Em 1913, a igreja ganhou seu sino, até hoje conservado no campanário da atual Matriz. Nele se lê, gravada em bronze eterno, a convocação de Pedro por Jesus Cristo: *Tu es Petrus et super hanc petram aedificabo Ecclesiam meam* – “Tu és Pedro e sobre tua pedra edificarei a minha Igreja”.

Meu amigo Tadeu Orso, oleiro, ministro da Eucaristia, assegura que as famílias plantaram uma roça durante alguns anos para poder comprar a bela peça de bronze. O mutirão repetiu-se também para adquirir o sino da capela de São Sebastião. O fato é confirmado pelos registros da igreja.

O livro de Dom Pedro Fedalto assegura que em 1912 o padre Cláudio Morelli organizou a vida espiritual, adquiriu os sinos e novas imagens de santos do padroeiro São Pedro e da Virgem Maria. Abriu a escola paroquial confiada às freiras italianas Zeladoras do Sagrado Coração de Jesus. Depois faleceu repentinamente, com apenas 33 anos, em 27 de junho de 1915. Foi enterrado dentro da igreja, em solo sagrado.

Vem depois a epopeia comunitária da construção da atual e majestosa igreja de São Pedro do Umbará.

Em 1928, a paróquia foi confiada a frades capuchinhos vênets. Os “fábriheiros” de São Pedro eram Giovanni Parolim, Valentim Nichelle, Angelo Bossa, Luigi Costa, Angelo Nichelle e Luigi Micheletto. Decidiram, em 1932, erigir ambicioso desenho do talentoso mestre construtor João de Mio, projeto baseado na *Chiesa de San Giorgio Maggiore* de Veneza. Ficaria pronta em 1939.

Esse genial João de Mio, filho de Assunta Beatrice Marmolada e Giovanni Baptista Fortunatto de Mio, segundo testemunho de seus netos, o deputado federal Amadeu e o líder empresarial Gláucio Geara, e de seu sobrinho Lívio Batista de Mio, nasceu em Belluno, à sombra dos Montes Dolomitas, no Vêneto, em 1879. Veio para o Brasil a bordo do vapor Sírio, aportando no Desterro (hoje Florianópolis) aos 7 anos de idade, em 1886.

A família, depois de sofrer dois anos na Colônia Luís Alves (SC), subiu a serra rumo a Curitiba, em 1888, onde também passou por dificuldades.

João de Mio aprendeu seu ofício com o tio, o pai e os irmãos, empregados no canteiro

de obras da Catedral de Curitiba. Arquiteto e engenheiro autodidata, João de Mio era capaz de citar de memória postulados de Vitruvius, Palladio e Vignola, mestres das proporções da arquitetura clássica. O primeiro era arquiteto do imperador Augusto, o segundo fez as maravilhas de Vicenza e Veneza e o terceiro ergueu a igreja de Gesù em Roma.

Entre as belas obras que De Mio ajudou a construir – algumas projetadas pelo arquiteto Alfredo Eduardo Chaves –, estão os colégios maristas Marcelino Champagnat e Santa Maria. O primeiro prédio, já ocupado pela Faculdade Tuiuti, desapareceu em 2008. Do segundo, sobrou a Capela dessacralizada, abandonada por 25 anos de disputas judiciais, finalmente reciclada em Oratório Musical, sala de espetáculos aberta na Oficina de Música de 2008.

Além da bela Matriz de Umbará (1939), João de Mio é também responsável pela finalização da fachada do Palácio Garibaldi (1933) – segundo traço do arquiteto italiano Ernesto Guaita –, e pelas igrejas das Mercês (1928), Santa Terezinha (1941), N. S. Aparecida do Barigui – feitas segundo projeto do engenheiro arquiteto genovês Carlo Barontini – e pelo campanário da matriz Nossa Senhora do Campo Comprido (1941), mais a fachada veneziana do Círculo de Estudos Bandeirantes (1945), centro cultural e preciosa biblioteca na rua XV, hoje adquirido e mantido pela PUC.

Com o grande pintor Sigaud, João de Mio realizou, no Norte Pioneiro, a belíssima Catedral de Santo Antônio da Platina (1940). Trabalhou também, ao longo de sua vida, com os pintores sacros Paul Kohl e Carlos e Anacleto Garbaccio. Kohl pintou o interior da Igreja de Santa Terezinha e os Garbaccio decoraram à italiana, em 1948, o interior da Catedral de Curitiba.

De Mio, artífice da beleza neoclássica entre nós, faleceu em 1971, aos 92 anos. Foi sepultado no cemitério da Água Verde, ao lado de sua amada esposa Catarina.

No bairro de Umbará, após a demolição da igreja velha, as obras da nova Matriz pararam nos alicerces. O motivo: grave briga dos fiéis com o voluntarioso pároco Frei Anselmo di San Mauro di Saline, que ter-





Família Pelanda. Aparecem Benevento, Angelo, Nicola, Domingos, Maria e Bortolo. Pai e tios do bispo Dom Geraldo Pelanda.



Família Pelanda, que deu à Igreja Católica o Bispo Dom Geraldo.

minou em pancadaria com xingamentos mútuos.

Depois do entrevero, o padre acabou expulso, colocado amordaçado numa carroça de feno, puxada por João Bonn, que o levou assim até a Catedral, para o escândalo de toda Curitiba.

O primeiro Arcebispo de Curitiba, Dom João Francisco Braga, severo gaúcho de fidalga família de Pelotas, educado na Alemanha, lançou sobre o povo de Umbará um *interdito proibitório*, suspendendo o Culto Divino, até então a única excomunhão da Igreja Católica de Curitiba tornada pública. Verdadeiro castigo para as almas piedosas. A punição durou quatro tenebrosos e dolorosos anos, desde 1932 até 1936.

A [construção] da igreja parou na altura do *joe-lho*. Nós íamos no catecismo do velho Bozza... do Beppi Pelanda. Vivíamos correndo em volta daquelas paredes *inacabadas*, testemunhou Anibaldo Tibério Deconto.

Dom João Braga morreu rompido com Umbará, legando à Arquidiocese valiosos terrenos adquiridos

com sua herança familiar, além de um belíssimo re-lógio francês em alabastro verde e bronze dourado e preciosas baixelas de prata, que se conservam no acervo do Museu de Arte Sacra que Margarita e eu, inspirados por Dom Pedro Fedalto, em 1981, fizemos instalar junto à Igreja da Ordem.

Seria o doce baiano Dom Ático Euzébio da Rocha, segundo Arcebispo de Curitiba, quem perdoaria geniosa italianada. Levantou a interdição em 7 de junho de 1936, enviando para rezar missa em Umbará o padre Orestes Tondelli. Até hoje no bairro há quem acredite que foi essa excomunhão a causa do atraso no progresso local.

Na festa de São Pedro de 1940, num frio 29 de junho, o padre Primo Bernardi benzeu o novo templo, após adquirir bancos e púlpitos de imbuia e alfaias bordadas em seda.

O baixo relevo do tímpano de entrada na Igreja foi doação de dona Anita e do governador Manoel Ribas, ele interventor do Paraná nomeado por Getúlio Vargas. A benfeitoria foi solenemente abençoada em 5 de janeiro de 1941, véspera da Epifania.

Em 16 de setembro de 1949, o prefeito de Curitiba, Lineu Ferreira do Amaral, inaugurou o primeiro telefone do distrito de Umbará, com benção solene do vigário local. O novo equipamento público salvaria a vida do velho oleiro Parolim. Picado por cobra peçonhenta, pode chamar socorro e ser medicado a tempo pelo médico Adalberto Scherer. Foi um sucesso popular saber que Umbará já tinha telefone para pedir socorro.

O distante bairro de Umbará começava a fazer parte da capital do Paraná.

Ali, a 26 de abril de 1951, na casa de Faustina e João, nasceu o quarto filho da família Zonta. A mãe quis chamá-lo Joanir, mas a parteira diante da fragilidade do bebê, confiou à Divina Providência sua saúde, chamando-o Pedro Joanir. Contava assim com a proteção de São Pedro, o primeiro Apóstolo de Jesus, padroeiro do bairro.

O menino era bisneto do pioneiro Biaggio Zonta, casado com Catarina Moleta, ambos passageiros do navio “La Savoie” que zar-pou do porto de Gênova, a 22 de julho de 1887, e aportou no Brasil depois de 33 dias de navegação a vapor. Seus avós paternos foram Francisco Zonta e sua mulher Vitória Gai, de clã numeroso onde se contavam 16 os tios e as tias.

Numa família tão grande, Pedro Zoanir, para seus irmãos - Maria, Leonildo e

Francisco Antônio - seria por toda a vida o “Nenê”.

O pai lutou com dificuldades para criar os quatro filhos, trabalhando nas atividades comuns da colônia, fez-se leiteiro, agricultor, matador de porcos, retirou areia do Rio Iguaçu, moldou tijolos em olaria.

O menino Pedro Joanir trabalhou desde cedo, ensacador de linguças, vendedor de ameixas, auxiliar de areal, operário de olaria, ajudante no abatedouro de porcos, motorista de caminhão até se fazer negociante. Seu tino comercial estreou em 1974, numa primeira loja com cinco empregados, na Avenida Churchill, no Pinheirinho.

O nome “Condor” foi sétimo de uma lista de dez opções que foi lhe apresentada pelo contador Darci Borghesani quando, num momento de vitória, Joanir Zonta conseguiu abrir sua própria empresa.

Era pescador de águas profundas, este Pedro Joanir. Sabia lançar suas redes com tenacidade e determinação. Comprou a primeira loja em 1974, uma filial decadente dos Mercados Biazi, de empresários oriundos de Caçador, em Santa Catarina. Empenhou-se no fornecimento das cozinhas que alimentavam o operariado da Refinaria de Araucária, então em construção. E daí não parou mais.

Tendo incorporado o mercado Zum Zum, da Lapa, e o mercado Tulmann, em Ponta Grossa - ao completar quarenta anos, em março de 2014 -, a rede Condor somava quarenta lojas em quinze cidades do Paraná, além de duas grandes centrais de distribuição de alimentos. Seu faturamento de 3,6 bilhões de reais garantia o emprego de dez mil chefes de família.

Joanir Zonta tornou-se a maior expressão empresarial de Umbará, um dos melhores empreendedores de Curitiba e do Paraná. Casado, desde 2008, com Lindacir, com quem não teve filhos, é pai de Sandra, Andréa e Ricardo Zonta.

O jovem filho Ricardo Zonta, herdou do pai, Joanir, a paixão pelos automóveis, a ponto de viver 10 anos no Principado de Mônaco como piloto de provas da Fórmula 1.



Ricardo Zonta, piá curitibano do Umbará, chegou a Fórmula 1.
Foto Divulgação/MS2

Pedro Joanir foi biografado com entusiasmo pelo escritor Nilson Monteiro, da Academia Paranaense de Letras, no bem cuidado livro “Joanir Zonta, Um Paranaense”, publicado pela Posigraf em 2015.

Pedro Joanir, com simplicidade, me contou: “- só fiz até o terceiro ano primário prefeito, mas sabe, como o senhor, eu adoro os livros. Além deste, a meu respeito, espero incentivar a publicação de muitos outros”.



Casamento de Joanir Zonta e Lindacir na igreja da Paróquia São Pedro no Umbará.



Zonta é um dos principais mecenas da Lei de Incentivo à Cultura em Curitiba e no Paraná. Entusiasta das ações culturais, no Natal de 2017, permitiu à Fundação Cultural de Curitiba encenar flash-mobs de ópera em suas lojas, para deleite da clientela diante do inusitado espetáculo. Zonta foi o principal patrocinador do Natal 2017 Luz dos Pinhais da Cidade de Curitiba, esforço revitalizador da nossa Prefeitura.

Compareceu, ao lado de sua amada Lindacir, comigo e com Margarita, a quase todos os concertos de Advento, sempre com o sorriso, de homem vitorioso que é, estampado no seu rosto radiante.

No dia em que inauguramos o presépio na farinheira da família Cai, no parque do Lago Azul, Zonta se fez fonte memória de história, ao recordar:

Ficaram no passado as lembranças de Umbará. A bela torre sineira, separada da nave da Igreja, como se usa em Veneza, começou a ser erguida em 1956. Concluída um ano depois, ganharia preciso relógio em 1960.

Foi à sombra deste campanário que conheci Pedro Joanir Zonta. Era um domingo, tinha ido à missa na igreja de São Pedro. Na saída

fiquei conversando com meus amigos das famílias Orso, Zen e Pilatto, quando passou uma veloz Ferrari, o ronco dos motores coincidindo com as badaladas festivas do meio dia de domingo.

Senti-me no interior da Itália. Na direção precisa do vermelho bólido flamejante, usando óculos e luvas de piloto, flanava Pedro Joanir Zonta, piá curitibano vitorioso, referência do nosso querido Umbará.

No IPPUC, era consenso que a conservação de Umbará seria preciosa para a memória de Curitiba. O eixo estrutural sul foi barrado no Pinheirinho, para conservar a colônia, espécie de cinturão verde da capital. Lembro-me de que mandei tirar as placas da Nicola Pellanda, que, à altura da Igreja Preta do Pinheirinho, diziam “Curitiba a 19 km”. Umbará também é Curitiba, alma e luz dos Pinhais de Curitiba.

Em 2010, pedi ao filho do pintor Martinho de Haro – o também famoso artista plástico Rodrigo de Haro, nascido em Paris, com ateliê no Morro do Asopro, em Florianópolis, que, auxiliado por seu discípulo Idésio Leal, pintasse um retábulo para a Igreja de São Pedro, a revelar o episódio bíblico da entrega das Chaves do Reino por Jesus ao discípulo Pedro. Assim foi feito, em óleo sobre tela. Para isso contribuíram cultura e descortínio do pároco Miguel Longhi, que também fez publicar livro com memória da igreja e do bairro.



Em 2010 Joanir Zonta, recebe o prêmio Personalidade AECIC.

ITALIANOS, MESTRES CONSTRUTORES



Palácio Rio Branco, obra de Ernesto Guaita.

(ao lado) Palácio da Luz, segunda sede da Universidade do Paraná na Praça Santos Andrade, com torreão original, 1930. Coleção Rodolfo Doubek.



Sua virtude consistia, por meio da devoção ao trabalho, do apuro da técnica e da habilidade no ofício, em descobrir para si a magia e o espírito das pedras.

Gente iniciada numa arte milenar, *oriundi* e seus filhos deram notável contribuição à Construção Civil, à Engenharia e à Arquitetura em Curitiba: Ernesto Guaita, Angelo Vendramin, Batista Casagrande, Antônio Fanchisi, Bortolo Bergonse, Carlo Barontini, João de Mio – já referido na história da Matriz de São Pedro de Umbará –, meu bisavô Francesco Greca e seus filhos Raphael e Domingos, Maurício mais os irmãos Thá, Hugo Peretti e tantos outros.

“A eles devem-se alguns dos mais representativos monumentos ecléticos construídos em território nacional no século XIX e início do século XX”, disse Adalice Maria de Araújo (1931-2012) na sua *Síntese da História da Arte no Paraná*, primeiro volume de um magistral *Dicionário das Artes Plásticas* (2006).

O livro de Adalice Araújo começou a ser escrito em 1968, obra de uma vida toda, dedicada ao seu filho Marco Francesco Gianatti, falecido aos 40 anos, em Curitiba, no ano de 2003. O primeiro volume, em edição de 1.500 exemplares, impresso pela Lei Rouanet e Lei Municipal de Incentivo à Cultura – que tive a honra de sancionar –, foi lançado em 6 de junho de 2006, no Museu Oscar Niemeyer. Apesar da data cabalística do lançamento, 06/06/06, a obra ainda não foi totalmente publicada, sendo publicados apenas os verbetes de A a C. Há que fazê-lo.





Edifício do antigo Banestado na rua XV de Novembro, obra de 1894.

Amiga de meus pais, estimada por mim e por Margarita, muito atenciosa e precisa, a professora e crítica de Arte Adalice Araújo morava num belo apartamento-arquivo-biblioteca no Bigorrião. Era irmã de Ada Araújo, fundadora da escola Meu Cantinho, que existiu na rua Ângelo Sampaio, e da minha querida prima, mais que cabo, “general” eleitoral, advogada Adaline de Araújo Caron, líder das Soroptimistas de Curitiba, casada com o procurador José Manoel de Macedo Caron, filho de nossa tia Odaléa e de Mário Caron.

Quando, no começo de seu pontificado, o arcebispo Dom Pedro Fedalto empreendeu reforma da Catedral Metropolitana para adaptação às normas litúrgicas do Concílio Vaticano II, eu, então adolescente, me insurji contra a demolição do altar-mor. Meus primeiros artigos polêmicos foram republicados por Adalice, na coluna de crítica de arte que mantinha na Gazeta do Povo. Na ocasião, houve até um debate na TV Paraná, canal 6, onde a Mitra Arquidiocesana foi representada por Monsenhor Vicente Vítola. Marília Zugueib Vidal e eu fomos debater, em nome dos jovens estudantes de Curitiba, pedindo a preservação da memória urbana.

A decoradora Eleonora Withers Valente – senhora tão elegante quanto desligada dos cânones de Vitruvius – propôs para a imagem da Padroeira um trono inusitado no topo de coluna em madeira revestida de veludo cor de ouro, bem atrás do trono arquiépiscopal, no centro do presbitério esvaziado. Houve resistência; os fiéis não

aprovaram. Alguns anos depois, o arcebispo mandou reerguer o altar-mor, então abatido. Sinal de sua grandeza de espírito o reconhecimento do erro estético – felizmente reparado.

Sobre benfeitores estéticos de Curitiba, a obra de Adalice é generosa em informações.

Ernesto Guaita nasceu em Turim, na Itália, em 1843. Graduou-se em Engenharia pela Academia Militar de sua cidade natal em 1867. Nesse mesmo ano foi confirmado subtenente da Artilharia. Cadete, foi condecorado com Medalha de Ouro da Emancipação Italiana. Em 1870 deixou o exército. Seu sonho era dedicar-se à arquitetura. Segundo Newton Carneiro, seu biógrafo, logo depois integrou missão técnica enviada pela Itália ao Brasil. Ao término do serviço, resolveu viver no Paraná, fixando residência em Curitiba.

Renzo Maria Grosseli, sociólogo italiano, estudioso de assuntos trentinos no Brasil, no seu livro *Dove Cresce L’Araucaria* (Trento, 1989), mostra resultados de suas pesquisas em Curitiba e Piraquara, na antiga Colônia Nova Tirol de Santa Maria da Boca da Serra. Ali publica sobre Guaita.

Ernesto Guaita também era agrimensor. Em 1878 pediu 100 hectares de terra em uma colônia italiana vizinha à capital, comprometendo-se a iniciar os colonos nas artes de produção de seda e vinho.

Obteve-as em Nova Tirol de Santa Maria da Boca da Serra. Ali abriu negócio, pedindo licença para instalar pequena olaria. Logo depois engajou-se na obra da Estrada de Ferro Curitiba-Paranaguá, integrando grupo de *lavoratori italiani* chefiado pelo engenheiro Antonio Ferrucci, até 1882. Em 1884 foi nomeado Agente Consular do Reino da Itália em Curitiba. Foi quando Guaita montou escritório de engenharia com o conterrâneo Ludovico Taddei, estabelecidos à rua do Riachuelo.

Texto de João de Mio assegura que Guaita planejou a topografia de ampliação do quadro urbano de Curitiba, nos idos de 1885-1890: *A planta da cidade que compreende as avenidas Visconde de Guarapuava, Sete de Setembro, Silva Jardim, Iguazu e Ivai, avenidas estas com 30 metros de largura, demonstra o senso prático que o engenheiro Guaita tinha da estética, como da necessidade de espaço para um intenso movimento de veículos, previsão do grande futuro de Curitiba. A Guaita a cidade deve o planejamento desse melhor arruamento.*

Adalice Araújo refere: *Newton Carneiro contou ter sido Ernesto Guaita, em 1888, incumbido pela Municipalidade de elaborar o primeiro cadastro urbano de Curitiba. Em 1891, o presidente do Estado do Pa-*



Interior do Palácio Rio Branco.

raná, Generoso Marques dos Santos, encomendou-lhe o projeto do novo Palácio Legislativo, conhecido como Palácio Rio Branco. Neste belo exemplar do ecletismo no Brasil há uma nítida influência renascentista de inspiração greco-romana. Uma escadaria conduz ao adro, onde belvederes, à direita e a esquerda, são cobertos por graciosas colunatas arrematadas em arcos.

Adalice Araújo, penhor de sua ampla cultura humanista, compara nosso Palácio Rio Branco ao Palácio Ducal de Urbino, erguido no século XV, obra-prima de Francisco Laurana, e ainda ao Palácio Bevilacqua, glória de Bologna, com seus arcos de pleno cintro.

Guaita construiria ainda o Palácio Garibaldi, sede da Sociedade Operária Italiana de Mútuo Socorro, mais o Palácio do Governo da rua da Liberdade, hoje sede do Museu da Imagem e do Som do Paraná. João de Mío atribui-lhe ainda a residência de Manoel de Macedo, de arcadas neogóticas, na esquina da rua XV com Monsenhor Celso, depois sede do Banestado e Banco Itaú. Esse palacete notável tem 64 portas e nenhuma janela. Esplêndida cantaria de granito, elegantes ladrilhos glazurados amarelos e gradis de ferro lavrado.

Também foram obras de Guaita a Villa Grotzna na avenida Anita Garibaldi e o Juvenato Marista Marcelino Champagnat, na colina sobre o campo da Galícia, entre o Bigorrrilho e as Mercês.

O Colégio Champagnat, depois Universidade Tuiuti, Unidade de Interesse de Preservação

de Curitiba, até ser incendiado em fevereiro de 2008, fazia a delícia dos corretores imobiliários, que passaram a chamar o bairro do Bigorrrilho pelo galicismo “Champagnat”, como se, anunciado em francês, o imóvel valorizasse.

Mestres arquitetos italianos Angelo Vendramin e Batista Casagrande seriam os responsáveis pelo projeto do Solar do Barão do Serro Azul, notável residência neoclássica, erguida em 1885 na rua do Serrito, hoje Carlos Cavalcanti.

A empresa construtora de Bortolo Bergonse ergueria o Palácio da Luz, prédio central, sodalício da Universidade do Paraná, na praça Santos Andrade. Bortolo empregou para a tarefa o engenheiro Baeta de Faria, coronel mineiro radicado em Curitiba até sua morte, em 1936 (juntos, ergueram o Castelo do Batel, o Palácio Avenida e a majestosa sede urbana do Clube Curitibano na esquina da Barão do Rio Branco com a rua XV).

Num primeiro momento, palacete em estilo *art nouveau*, com imponente cúpula central, óculos abertos para os quatro pontos cardeais na superfície em folha de flandres. Desenho coincidente, talvez inspirado de propósito, com o croqui do pintor Mariano de Lima, ainda no século XIX, para seu sonhado Palácio da Cultura do Paraná, espaço que deveria abrigar a Escola de Artes e Ofícios, o Museu Paranaense e a Biblioteca Pública.



O projeto desse sonhado Palácio da Cultura chegou a ser confiado a Cândido de Abreu. Desenhado em Curitiba no ano de 1890, foi enviado pelo Paraná para o estande do Brasil na Exposição Internacional de Chicago em 1892, comemorativa dos 400 anos da Descoberta da América.

Com a federalização da Universidade do Paraná – transformada em UFPR a partir de 1948 – até a exitosa gestão do reitor Flávio Suplicy de Lacerda, a instituição empreendeu uma “purificação de estilo” do seu prédio central, com forte apelo neoclássico pitagórico. Cúpula e atributos *art nouveau* do Palácio da Luz foram então abatidos, por sugestão do engenheiro e arquiteto genovês formado em Pisa, Carlo Barontini (1896-1973), que já atuava em Curitiba.

Dentro do prédio, no corpo do edifício da Faculdade de Direito, resistem lampadários e tímpanos de portas em estilo *art nouveau* característicos do esplendor da Curitiba da erva-mate.

Carlo Barontini, informa a pesquisadora Adalice Araújo, fez ainda a casa canônica anexa à Catedral Metropolitana e a igreja de Santa Therezinha, na Visconde de Guaparuava – devoção que contou com o empenho pessoal de Dom Jerônimo Mazzarotto, bispo que passou a residir ao lado da igreja até falecer, aos 104 anos. Traçou ainda a cúpula colossal da igreja do Divino Espírito Santo, na rua Mateus Leme; a igreja de Santo Antônio da Boa Vista, na avenida Paraná; e a igreja de Nossa Senhora Aparecida, no Seminário, todas obras confiadas ao construtor João de Mio. Também projetou o edifício para a Saúde Pública, na rua Barão do Rio Branco com André de Barros, e o Pavilhão do Centenário do Paraná (1953). A partir de 1950, lecionou na Escola de Música e Belas Artes do Paraná. Ensinava Estética e História da Arte, com apaixonada ênfase na obra do pintor Giotto.

As impecáveis escadarias em granito da atual fachada-monumento da Universidade Federal do Paraná foram talhadas e assentadas por mãos de construtores italianos, a minha gente: meu bisavô Francesco Greca, meu avô Raphael Francesco Greca e seu irmão, Domingos Greca, além de seu sócio André Petrelli. Mas isso é história para o próximo capítulo.

Também contribuíram no ramo da construção civil os Thá, família de mestres construtores italianos *orùndi* de Livorno. Não desembarcaram diretamente no Paraná. Chegaram à América do Sul via porto de Buenos Aires.

Na capital argentina, trabalharam num tempo

em que o tango nascia nas cantigas da Boca e do Riachuelo, junto ao cais do porto, dançado por operários, enquanto faustosos palacetes ecléticos eram edificadas. Maurício Thá, o patriarca, contava que ganhou dinheiro no canteiro de obras do atual Teatro Colón, cujas obras começaram em 1888.

O segundo edifício do Colón, palco-templo mundial da Ópera, foi erguido entre 1888 e 1908, ano em que, no dia 25 de março, com a estreia em Buenos Aires da ópera Aída, de Giuseppe Verdi, o Teatro foi reaberto. O Teatro Colón, glória da música, remonta a 1857.

Já em Curitiba, no ano de 1895, Maurício Thá começou a construção de históricos chalés em alvenaria, muito ao gosto das famílias de imigrantes, prósperos já na segunda ou terceira geração. Na gestão Cândido de Abreu, Maurício Thá participou da construção do Paço Municipal de Curitiba, concluído em 1916. No ano de 1931, seus filhos fundaram a Irmãos Thá, a diretoria composta por Eduardo, Mikare e Reinaldo Thá. A família tem grande orgulho da participação da empresa na edificação da bela Matriz de Nossa Senhora da Piedade, em Campo Largo. Em 1950, a empresa ergueu a Estação Ferroviária de Londrina, marco da civilização do café, hoje Museu Histórico daquela cidade. Em 1983, os Thá reciclaram a Fundação Mueller, transformando-a no Shopping Mueller, o primeiro que Curitiba viu.

Através de cinco gerações, a empresa Thá, ao completar 100 anos em 1995, tinha em seu acervo mais de 3 milhões de metros quadrados de área construída, seja em alvenaria de tijolos, seja em concreto armado.

Nenhum dos velhos Thá era engenheiro – a arte da construção estava no sangue, coisa genética de mestres italianos. Sabiam mais que os profissionais saídos das universidades. Idealista e futurista, Eduardo Thá chegou a desenvolver uma curiosa teoria, pré-ecológica, revolucionária para os padrões de 1930: construções com arquitetura sustentável, ou – como ele chamou – Arcologia. Casas e prédios com telhados de grama, os telhados verdes hoje preconizados como solução para o aquecimento global.

A firma Thá foi escola de construção civil. Hugo Peretti, também próspero e produtivo construtor curitibano, foi ali aprendiz. Chegou a mestre de obras e fez seu próprio negócio.

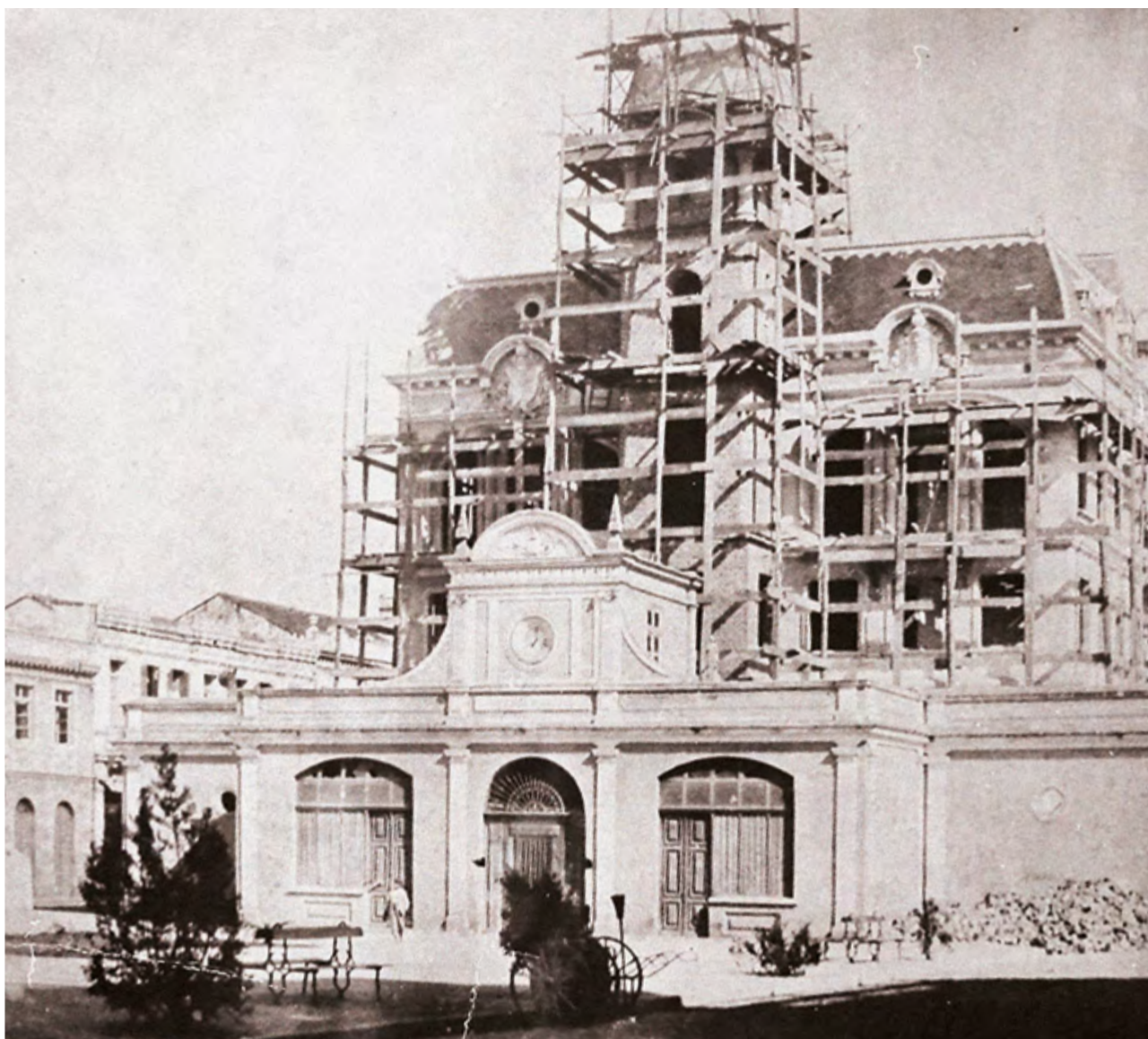
O ápice da Irmãos Thá, que chegou a ter 2.000 funcionários, é o Edifício Curitiba Trade Center (1997) – chamado pelo povo de “Edifício dos Relógios” –, projeto do arquiteto sênior Eli Loyola, com 111,245 metros de altura, 34 andares, dois subsolos e área de 20 mil metros quadrados, na alameda Carlos

de Carvalho nº 417. Os relógios foram construídos especialmente para o prédio pela empresa Gunter & Müller.

No ano 2000, a Irmãos Thá construiu o amplo *campus* da Universidade Positivo, no bairro de Campo Comprido, segundo projeto do arquiteto Manoel Coelho. Celebraram *joint ventures* com as imobiliárias Rossi e Lopes, de presença nacional, até que em 2011, fruto da globalização da economia, a Irmãos Thá foi adquirida pelo fundo de investimentos Equity International, controlado pelo megainvestidor norte-americano Sam Zell, um dos mais destacados magnatas do mercado imobiliário mundial. A família Thá ficou com 25% das ações. Em 2015, em cima dos antigos terrenos da ferrovia Curitiba-Paranaguá, a cavaleiro da histórica Ponte Preta, entregaram o conjunto imobiliário multiuso 7th Avenue Live & Work.



Anexo da Catedral de Curitiba, projeto do arquiteto Carlo Barontini.



Paço Municipal de Curitiba, construtor Maurício Thá.

ITALIANOS, MESTRES DO PINCEL E DO CINZEL



João Turin modelando em seu ateliê em Bruxelas. Aluno do mestre Pierre-Charles Van der Stappen. 1910. Obra, premiada no salão de artes da França de 1912.



Turin modelando busto do Barão do Serro Azul.



“Luar do Sertão”.

Entre os artífices da beleza em Curitiba, além de meu amigo Poty Lazzarotto – lembrado em capítulo só dele –, destaco o sangue italiano de cinco expressivos mestres: o escultor João Turin (1878-1949) e os pintores João Ghelfi (1890-1925), Theodoro de Bona (1904-1990), Guido Viaro (1897-1971) e Ruben Esmanhotto.

João Turin nasceu em 1878, no Porto de Cima, arrabalde de Morretes, entre o rio Nhundiaquara e o maciço Marumbi, filho de Maria Angela (Zanin) e Giovanni Baptista Turin, operário da construção na obra da estrada de ferro Curitiba-Paranaguá. Fixou a lembrança do pai no baixo relevo “O Túnel”, penhor de sua arte empregnada de caráter social, identificando o trabalhador como um herói a ser para sempre cultuado.

Com a inauguração da ferrovia, em 1885, a família Zanin Turin



Turin no seu ateliê com modelo.

adquiriu pequena chácara em Curitiba, à sombra dos jacarandás e sibipurunas da rua Doutor Pedrosa, passando a sobreviver de agricultura. Com o falecimento da mãe Maria Angela, em 1887, a família mudou-se para a “chácara do Franco”. João Turin, transformado em piá descalço nas verdes várzeas de Curitiba, descreveu sua infância no ambiente campestre como um tempo feliz e lúdico.

Sua habilidade para a modelagem nasceu da brincadeira de piá de cobrir o corpo com argila, deixando-a secar o máximo possível para só então retirá-la. Assim aprendeu a anatomia humana; assim soube como representar em máscaras as expressões do rosto dos modelos.

Foi então iniciado pelo pai patrão, dentro do costume comum aos imigrantes italianos, no manejo da forja. Já rapazote, virou operário, ferreiro, torneiro, depois marceneiro e entalhador. O adolescente João escapou da dureza da vida proletária ao frequentar o Seminário Menor por dois anos.

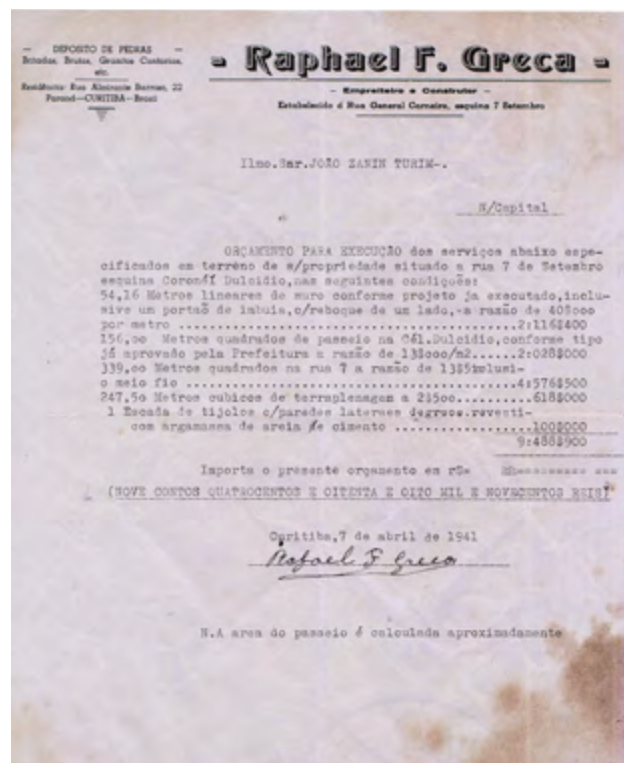
Pouco antes de embarcar para a Europa, foi iniciado em Curitiba nos mistérios da Arte pelo mestre Antônio Mariano de Lima e sua amada dona Mariquinha Aguiar, na pioneira Escola de Artes e Ofícios do Paraná. Era o ano de 1896, e João Turin já contava 18 anos, belo *ragazzo* de farta cabeleira à moda dos poetas.

O *italianinho* João Turin e o *polaquinho* Zaco Paraná, grandes amigos da vida toda, foram enviados como bolsistas a Bruxelas, por terem se destacado na escultura, num generoso programa de fomento cultural, então empreendido pelo Governo do Paraná. Cur-saram a *Académie Royale des Beaux-Arts de Bruxelles*, tendo por professor de escultura o grande mestre belga Charles Van der Stappen.

Ao retornar ao Brasil, em 1922, Turin expôs no Rio de Janeiro uma impressionante estátua de Tira-



Turin em frente ao ateliê que ficava na av. 7 de Setembro esquina com rua Coronel Dulcídio.



Orçamento de Raphael Francisco Greca a João Turin pela construção do ateliê do artista onde avenida Sete de Setembro encontra a rua Coronel Dulcídio. A edificação seria demolida décadas depois quando da construção da quadra de tênis da mansão da família do Governador Jayme Canet Junior.





Turin mostrando o “Tigre Esmagando a Cobra” para o escultor Gaspar Velozzo e para Valfrido Pilotto.



João Turin. “Tigre Esmagando a Cobra” na Casa do Meio Ambiente. Parque Barigüi.

dentes, obra executada em Paris no mesmo ano, merecedora de comentários elogiosos na imprensa francesa. A escultura seria comissionada pela Prefeitura de Curitiba para um pedestal de granito na praça Tiradentes, defronte à Catedral.

Turin, internacionalmente conhecido como excelente escultor animalista, foi agraciado com a medalha de prata do Salão Nacional de Belas Artes de 1944, no Rio de Janeiro, pela escultura “Tigre Esmagando a Cobra”. Três anos depois, obteve medalha de ouro no Salão Nacional de 1947, com a escultura “Luar do Sertão”.

A bela onça “Luar do Sertão” foi adquirida pela Prefeitura de Curitiba e exposta no gramado do Palácio 29 de Março desde sua inauguração em 1969. Quando prefeito de Curitiba, quis valorizá-la. Coloquei-a sobre pedestal de granito, numa rosácea de flores, na rótula do Centro Cívico defronte da sede da Prefeitura. Uma onça para me defender dos ‘desembargadores’ do Tribunal de Justiça. Pelo jeito deu certo, já que não sofri processo do qual não tenha podido me defender com provas plenas.

Da outra magnífica estátua premiada no Salão Nacional – o “Tigre matando a Cobra” –, comprei o molde, em gesso, do Jomar Turin, herdeiro do escultor, para colocar no portal da Secretaria do Meio Ambiente no Parque Barigüi, onde também ficava a Casa do Meio Ambiente, salão de atos e recepções a hóspedes em visita oficial a nossa Cidade.

A cidade do Rio de Janeiro possui também múltiplos dessas peças, na praça General Osório, em Ipanema, e na Quinta da Boa Vista. Ainda para o Rio, Turin executou o busto do Barão do Rio Branco, que está no Jardim do Méier, e o busto do poeta satírico curitibano Emílio de Menezes, que está no Largo do Machado.

O também escultor Erbo Stenzel, que finalizou e retocou sua obra “As Quatro Estações”, admirador e discípulo, enfatiza que *a obra de Turin tinha o poder*

de transmitir emoções. Na fase “paranista” passou a construir mitos, unindo-os ao social.

Quando prefeito, comprei, para o acervo do Memorial de Curitiba, essas “Quatro Estações”, quatro painéis de expressivas dimensões, então guardados no barracão de Jomar Turin, por mim fundidos em bronze.

Escultor aplicado, militante da brasilidade, João Turin foi responsável, a partir de convocação literária de Domingos Nascimento e Romário Martins, pelo *Movimento Paranista*. Nele também atuaram seus amigos Lange de Morretes e Zaco Paraná. A ideia-força pregava uma estética paranaense: capitéis coríntios perdendo as folhas de louro e acanto, as ramas míticas do classicismo substituídas por pinhas e pinhões, galhos verdes das nossas araucárias. Modelo a ser repetido nas calçadas de Curitiba, em pedrinhas de mármore branco e diabásio negro, numa semiótica que Lange de Morretes executou com primor. Modelo a ser seguido até na moda. Turin chegou a desenhar vestidos para elegantes melindrosas que quisessem cantar a sua terra, a paisagem da nossa aldeia.

Obra-prima desse estilo paranista foi a residência do doutor Bernardo Leining, decorada com os elementos nativos da terra do Paraná, situada na rua José Loureiro, nº 245, infelizmente demolida na década de 1970.

Foi o alvará da sua demolição, dando lugar no lote a um mediocre estacionamento com frutaria, que, então engenheiro do IPPUC e coordenador da Casa Romário Martins, usei como argumento para convencer o prefeito Jaime Lerner a propor o Decreto Municipal das Unidades de Interesse de Preservação (Decreto 161/81).

Este Decreto, contestado por ação popular de Cândido Gomes Chagas, foi fundamental para que Curitiba não perdesse seu





Turin, “Quatro Estações” no Memorial de Curitiba.

rosto urbano. Deu origem à Lei Municipal 6.337/82 – *Lei do Solo Criado, que dispõe sobre o Incentivo Construtivo para a Preservação de Imóveis de Valor Cultural, Histórico ou Arquitetônico* –, instrumento que permitiu avanço significativo no trato e na recuperação do patrimônio cultural edificado da Cidade de Curitiba.

Mais tarde, quando prefeito, na ocasião dos 300 anos de Curitiba, ampliei esse instituto do “incentivo construtivo ou solo criado”, para favorecer a preservação de três unidades monumentais de Curitiba, a saber: a Catedral Basílica, o Palácio Garibaldi e o prédio histórico central da UFPR – socialício chamado *Palácio da Luz*. No mesmo Decreto 380/93, determinei que o produto da venda do potencial construtivo de uma unidade de preservação deveria ser usado na sua restauração, impedindo que usassem o potencial construtivo e deixassem o imóvel histórico ruir.

João Turin, “Tigre Esmagando a Cobra”.



Nossa política de preservação atraiu a atenção da Fundação Roberto Marinho e das Tintas Renner, com quem a Prefeitura de Curitiba realizou o projeto “Cores da Cidade”, de revitalização de todo o centro histórico. Coisa que deve ser feita a cada 5 anos. A inauguração do “Cores da Cidade” nos deu, a Margarita e a mim, o prazer de receber em Curitiba, como nossos hóspedes, Lily (de Carvalho) e Roberto Marinho.



“Águia” de João Turin. Detalhe do monumento à Rui Barbosa na praça Santos Andrade.

João Turin, grande mestre ítalo-brasileiro e paranaense, faleceu em Curitiba a 9 de julho de 1949. Curitiba e o Paraná prantearam sua admirada existência. Uma *Casa João Turin* foi criada, no âmbito da Secretaria da Cultura do Paraná, em dezembro de 1953, pela Lei Estadual 1.538, com a finalidade de manter o ateliê do escultor, preservar seu acervo e cultuar a sua memória. Instalada na rua Mateus Leme, na antiga casa onde morou até o final de sua vida minha tia Odaléa de Macedo Caron, a Casa João Turin teve



intensa vida cultural, confiada à sua sobrinha Elizabeth Turin. Foi extinta em 2012.

Recentemente, o empresário e colecionador Samuel Lago comprou, do sobrinho Jomar Turin, os direitos de propriedade das peças que restaram no espólio João Turin. Foi realizado um levantamento do acervo e, após negociações entre a família Lago, o poder público e descendentes de Turin, o projeto foi viabilizado.



Passeio Público - óleo sob tela de J. Ghelfi, retratando o local de entretenimento curitibano no início do século XX.

O produtor cultural Maurício Appel, gestor do acervo, assegura que é a primeira vez que uma restauração ponta a ponta da obra de um artista é realizada no Brasil. O trabalho foi acompanhado pelo Ministério da Cultura, pelo interesse museológico.

Seu produto final foi exposto no Museu Oscar Niemeyer em Curitiba, em 2014, atraindo público de 266 mil visitantes. A mesma mostra seguiu para o Museu Nacional de Belas Artes do Rio de Janeiro, onde foi exibida entre maio e agosto de 2015. Samuel Lago promoveu ambicioso resgate e fundição das esculturas que, postumamente ao artista, restavam às dezenas, em moldes em gesso, correndo o risco de desaparecer.

Também de sangue italiano o pintor do Paço Municipal, João Ghelfi (1890-1925). Nascido em Buenos Aires, Ghelfi chegou a Curitiba com sua família aos cinco anos. Na época era intenso o ir e vir entre nossa cidade e a capital portenha, por conta do comércio de exportação da nossa erva-mate. Esse Ghelfi foi pintor, escultor e crítico de arte. Morou na colina do Alto de São Francisco, sua família vizinha de meus avós nas imediações da rua Inácio Lustosa. Foi aluno do ateliê de Alfredo Andersen, no sobrado (hoje Museu) da rua do Assungui (Mateus Leme) esquina com Inácio Lustosa, defronte à Padaria Austríaca, entre 1909 e 1911.

Assinava suas críticas de arte com o pseudônimo “Ghibellinus”, bem humorada alusão aos oponentes dos “Guelfos” – ou “Ghelfi” – na política italiana da Idade Média.

Citados por Dante Alighieri na Divina Comédia, os guelfos (partidários do Papado) e os gibelinos (partidários do Imperador Romano Germânico) – em italiano, *ghelfi e ghibellini* –, constituíam facções políticas que, a partir do século XII, estiveram em luta na Itália, especialmente na República Florentina.



Turin, Ghelfi, Lange de Morretes, Lewandowski e um amigo, 1926.

Os conflitos se intensificaram no século XIII. Tudo começou quando o imperador Henrique V (1081-1125) morreu sem deixar herdeiros diretos. Na disputa pelo trono do Sacro Império Romano Germânico, o Papa, desde Roma, apoiou a Casa de Welf, donde vem o termo “guelfo”; os barões germânicos e os poderosos banqueiros florentinos apoiaram os Hohenstaufen, senhores do Castelo de Waiblingen, donde vem o termo “gibelino”.

João Ghelfi, e não João Turin, teria sido o verdadeiro inspirador do “Estilo Paranista”. Lange de Morretes atribuiu-lhe o primeiro esboço a carvão da “Coluna Paranista”, o capitel com pinhas, pinhões e ramos de araucária, desenhada de *impromptu* numa das paredes de seu ateliê.

São de Ghelfi os afrescos do Salão Nobre do Paço Municipal de Curitiba (1916). Deuses e titãs ali encontram o “Ethos” da Cidade de Curitiba entre preciosas molduras de madeira, as portas encimadas pelo brasão de armas com altiva araucária, aquela da legenda “Semper ad Excelsa” – “Sempre para o Alto”.

Com o dinheiro ganho na obra do Paço, apoiado pelo prefeito iluminista Cândido de Abreu, Ghelfi conseguiu financiar viagem de estudos a Paris. Ficou lá um ano. Ao voltar, dizia o também talentoso pintor Freyesleben, Ghelfi trouxe na bagagem, em seus croquis e cadernos de notas, *diversos homens e mulheres quadrados*. Se verdadeiro esse testemunho, seria um



Theodoro de Bona: Autorretrato quando jovem em Curitiba, 1937.

dos primeiros artistas cubistas do continente sul-americano. Adalice Araújo escreveu que tais obras nunca foram localizadas.

Ghelfi morreu em Curitiba, em 1925, com apenas 35 anos, em trágicas circunstâncias, devido a um acidente familiar. O episódio deixou sequelas. Freyesleben contava que sua viúva, em desalento, destruiu boa parte do legado do artista.

Pai de Iracema de Bona Foltran e de Gioconda de Bona Moraes, o pintor paranaense Theodoro de Bona (1904-1990) também foi um dos artífices da beleza entre nós. Os nomes de suas filhas, nascidas no Rio de Janeiro, por nós muito estimadas, refletem sua devoção à causa da beleza, seu compromisso com os dois mundos onde viveu.

Iracema, como a “virgem dos lábios de mel” do romancista José de Alencar; Gioconda, como a musa de sorriso enigmático do grande Leonardo da Vinci.

De Bona supera a simples classificação de discípulo de Andersen para projetar-se como um dos mais significativos pintores paranaenses do século XX.

Nasceu em Morretes em 1904 e ainda criança veio para Curitiba. Estudou desenho com Gina Bianchi e Ersilia Cecchi. Mais tarde foi orientado por Alfredo Andersen e colega de Estanislau Traple (1898-1958) e Waldemar Freyesleben (1899-1970).

Em 1927, com bolsa de estudos do Município de Morretes e do Governo do Paraná, partiu para a Itália rumo a Veneza, onde permaneceu por dez anos. Na sereníssima cidade, foi admitido na Real Academia de Veneza. Pôde estudar composição e pintura com



Theodoro de Bona: Autorretrato quando idoso em Curitiba.

Ette Tito e Vincenzo de Steffani. Engajou-se no grupo de vanguarda artística *Ca Pesaro*, ao lado de Fioravante e Giuseppe Santomaso.

Talvez tenha sido o único artista curitibano a participar de várias bienais internacionais de Veneza, suas telas adquiridas para o acervo da Galeria de Arte Moderna de Veneza e para a Pinacoteca Sabáudia. Na XVII Bienal de Veneza, o rei da Itália, Vittorio Emanuele II, comprou sua tela “Paese sotto la Neve”.

Voltou ao Brasil em 1936, quando realizou inúmeras exposições nos principais salões de arte do país e participou de mostras coletivas. De 1947 até 1958 residiu no Rio de Janeiro. Em 1959 regressou a Curitiba, quando assumiu a cátedra de pintura da Escola



Theodoro de Bona. Paisagem do Porto de Cima com maciço Marumby.





Theodoro de Bona no seu ateliê no bairro Água Verde, em Curitiba.

de Música e Belas Artes do Paraná (Embap). Seria mais tarde eficiente e animado diretor dessa entidade de ensino, orgulho da nossa terra.

Entre 1947 e 1948, sob encomenda do Governo do Estado, pintou notáveis composições históricas, óleos sobre tela de colossais proporções: “Instalação da Província do Paraná”, atualmente ponto focal das cerimônias no salão nobre do Palácio Iguazu, e



Theodoro de Bona, “Paisagem Paranaense”, óleo sobre tela, 1921. Coleção Octávio de Sá Barreto.



Theodoro de Bona, “Paisagem Curitibana”, óleo sobre tela, 1925. Coleção Clube Curitibano.

“Fundação de Curitiba”, na Pinacoteca do Colégio Estadual do Paraná.

O mesmo salão nobre do Colégio Estadual da avenida João Gualberto guarda comovente óleo sobre tela da chegada dos imigrantes italianos, em que a sensibilidade do mestre De Bona fixa o alumbramento dos *oriundi* diante da nossa paisagem.

Paisagista, pinto o mundo sem deformá-lo, por um excesso de subjetivismo, disse Theodoro de si mesmo.

De Bona pintou ainda festas domingueiras nas colônias, manhãs de inverno, tardes de sol, múltiplas araucárias, admiradas nos arrabaldes de Curitiba. Com Adalice Araújo, fui visitá-lo em seu ateliê da Água Verde, em 1978, quando concluiu as quatorze estações da Via Sacra que legou à igreja de Nossa Senhora do Porto de Morretes, local do seu batizado em 1904. O mestre morreu em Curitiba em 1990.



Guido Viaro: Autorretrato.

Gostei imensamente do seu filme biográfico “De Bona – Caro Nome” (1990), documentário dirigido pelos talentosos irmãos Werner e Willy Schumann, com narração de José Wilker, edição de Eduardo Pioli Alberti. O filme recebeu o Prêmio Fiat 1991. Pode ser visto no YouTube. Dura 30 minutos.

Adepto do ideal generoso, fomentador de escolinhas de arte nos bairros de Curitiba, precursor no Brasil da “Arte-Educação”, felizmente também viveu entre nós o pintor Guido Viaro (1897-1971).

Nasceu na pequena aldeia de Badia Polesine, província de Rovigo, na região da mítica Veneza, talvez um dos lugares mais lindos e luminosos da Itália. Guido iniciou seus estudos artísticos em Veneza, depois Bolonha. Passou anos boêmios, no fulgor da



Guido Viaro (1897-1971): “Lavadeiras”, óleo sobre tela, 1944. Coleção Prefeitura Municipal de Curitiba.

juventude, artista *gauche* em Paris.

Em 1926, desembarcou no Rio. Pegou o trem e foi morar em São Paulo, então a maior cidade italiana do mundo. Dois anos depois, veio para Curitiba, onde fixou residência e constituiu família.

No ano de 1937, abriu experiência pioneira no Brasil: a escolinha de artes do Colégio Belmiro César, na avenida Vicente Machado, embrião de seus outros projetos de arte-educação. Foi um dos fundadores, em 1948, da Escola de Música e Belas Artes do Paraná (Embap). Sua “Escolinha de Artes”, com o tempo, foi transformada pela Secretaria de Cultura do Paraná no Centro Juvenil de Artes Plásticas (1953).

Viaro registrou o cotidiano de Curitiba, *compreendendo o ser humano com todas as suas qualidades e fraquezas*. Pintou vendedoras de girassóis, a vida pacata nos arredores de Curitiba, o limpador de chaminés subindo os telhados, o leiteiro entregando as garrafas de leite fresco nas portas das casas, brigas nos bares e a boêmia local. Na sua última, e mais importante, fase, fez-se merecedor da Eternidade, retratando cenas bíblicas, Jesus, os Apóstolos, os Patriarcas.

Viaro, em 1956, escreveu: *Nas escolas de bairro de Curitiba encontrei crianças com grande sensibilidade que expressavam com total pureza e espontaneidade seu mundo interior. E à criança se deve prestar o maior respeito. Já se foi o tempo que os adultos a oprimiam*. Faleceu em Curitiba, em 1971, deixando intenso legado, hoje preservado pelo filho Constantino e os netos Mariana, Túlio e Guido no Museu Guido Viaro, instalado em prédio próprio, onde a rua XV de Novembro encontra a rua General Carneiro.

Curiosa a história do encontro entre a ferroviária Hedwiges Mizerkowski Macanhan e mestre Viaro. Bela mulher, Hedwiges, em 1935, serviu de modelo para uma das mais belas telas do artista italiano. “A Polaca”, no esplendor de sua juventude, reflete o



João Turin e Guido Viaro em Guaratuba. 1948.

alumbramento de Guido Viaro diante da beleza da modelo.

Teria sido uma paixão de juventude, já que se conheceram em Curitiba, ainda em 1929, quando ele chegou da Itália. Viaro fixou seu rosto, pediu que posasse para ele, pintou a obra-prima. Mais tarde casou-se com Yolanda Stroppa. Hedwiges tornou-se a senhora Guerino Macanhan.

Hedwiges esqueceu de Guido Viaro. Cada qual seguiu sua vida. Em 2007 foi ao Museu Oscar Niemeyer ver a retrospectiva do pintor. Deparou com seu belo retrato. Pensou, como Neruda: “Nosotros, los de entonces, ya no somos los mismos”. De noite, sonhou com Guido, que lhe confessava, em dimensão órfica, um amor impossível. A narrativa do sonho chegou ao conhecimento do cineasta curitibano Fernando Severo. A história virou um longa metragem muito festejado em Curitiba.

Sobre a beleza perdida na idade madura, Margarita e eu presenciamos a aflição do talentoso ator italiano Marcello Mastroianni diante do espelho, dentro de um elevador do Hotel Caesar Park no Rio de Janeiro. No Brasil, para filmar “Gabriela, Cravo e Canela”, onde viveu o turco *Nassib*, apaixonado por Sônia Braga no melhor de sua forma, Mastroianni descia para jantar. Nós também. No percurso, cutucou várias vezes as pálpebras, observando seus “pés de galinha”. Quando percebeu que estávamos no elevador, o “divo”, beleza lendária dentre todos os *latin lovers*, virou-se para nós e disse: *la vechiaia é brutta*. Dissemos que não. Hoje concordamos com ele.

Conheci Hedwiges, famosa beldade curitibana, numa tarde do outono de 2012, na sala de espera do cirurgião-plástico Wanderley Mackert, no seu consultório da rua Carlos de Carvalho. Tinha ido visitar meu amigo, pois começávamos a preparar a eleição daquele ano. Na conversa agradável, ela me contou



que iria fazer uma plástica, aos 102 anos, dar umas “puxadinhas” para ficar mais faceira num filme onde seria a principal personagem e a estrela. Achei graça no seu ânimo, disposição e vaidade.

Ainda era uma mulher muito bonita. O longa-metragem foi rodado, promovendo o encontro de Hedwiges com o “estro” de seu primeiro amor. Constantino Viaro e Guido Neto ficaram encantados em conhecer o primeiro flerte de seu pai e avô com a beleza das mocinhas da cidade.

Os Irmãos Garbaccio, pintores muralistas de igrejas e interiores, foram contemporâneos de Guido Viaro e Theodoro de Bona. Eram piemonteses, esses irmãos: Anacleto (1886-1956) e Carlos (1901-1961), ambos nascidos em Mosso di Santa Maria.

Conheci seu Carlos, vizinho de cerca de minhas tias, na sua casa da rua Inácio Lustosa, onde vivia com a mulher, dona Eglê, e as filhas professoras Yole e Lia. Era muito amigo da nossa família. Tão amigo que pintou uma Virgem Maria Assunta para a cabeceira da cama de meus pais, Therezinha e Eurico, talvez o mais apreciado dos presentes que receberam



Ruben Esmanhotto (1954-2015), em seu ateliê da rua João Manoel com 13 de Maio. Foto de 1979.

no seu casamento.

Anacleto especializou-se em pintura mural na Academia de Belas Artes de Turim. Quando vieram para o Brasil em 1912, tomou o irmão mais moço por auxiliar e aprendiz. Ambos cultivavam o cânon clássico, irritados com o desconstrutivismo e a arte modernista de seus contemporâneos. Anacleto, em 1929, foi a Nova York. Estudou nos Estados Unidos técnica japonesa de pintura em laca e ouro. Retornou em 1932, dedicando-se às artes decorativas.

Os interiores da Catedral de Curitiba, da igreja São Vicente de Paulo, da igreja de Santa Terezinha do Batel, da matriz de Nossa Senhora da Piedade de Campo Largo, da igreja São Miguel Arcanjo de Colombo, da capela do Colégio São Paulo da Lapa, da matriz de Mafra, dos salões do palacete do governador Caetano Munhoz da Rocha, da sala de audiências



Esmanhotto: Bar Palácio, rua Barão do Rio Branco.

do Fórum da Comarca de Rio Negro compõem o acervo de edifícios com murais dos irmãos Garbaccio.

Da minha geração, destaco o pintor Ruben Esmanhotto (1955-2015), piá curitibano do meu tempo, que nasceu e viveu no sobrado da família no Alto de São Francisco, onde a rua Treze de Maio encontra a João Manoel. Era filho do Romeu, sobrinho da Lina,



Esmanhotto: Casa de tábuas e ripas.

a moça Esmanhotto que foi enamorada de meu tio Orlando Greca – romance cujo insucesso as duas famílias lamentaram –, e sobrinho também do mestre ceramista Lycio Esmanhotto.

Vi quando, sob influência do mestre gaúcho Carlos Seliar (1920-2001), começou a pintar casarões curitibanos, velhos palacetes, antigos armazéns de secos e molhados. Seliar chamava-o de “filhotinho”. Nos seus belíssimos ateliês instalados em casas históricas de Cabo Frio e de Ouro Preto, Seliar iniciou Rubinho na preparação de tintas, no mistério das cores. Certa feita, o mestre veio ao Paraná. Fizemos uma excursão a Antonina. Levei todos no meu chevette azul elétrico: Seliar, Rubinho, Bia Wouk e Carlos Eduardo Zimmermann. Os três artistas plásticos eram meus vizinhos. O único que não pintava era eu.

A obra de Ruben Esmanhotto, com o passar do

tempo, tornou-se precioso inventário do patrimônio arquitetônico de Curitiba.

No livro *A Poesia Secreta de Curitiba* (1979), Adalice Araújo escreveu: *Assim como De Chirico faz com a “piazzza italiana” ou Hopper com a “american town”, Ruben transforma Curitiba num ícone, dele arrancando o “precioso silêncio” que envolve as cidades sul-brasileiras, que, sem exceção, cultivam a sacralidade das suas qualidades provincianas.*

Encomendei um tríptico de Ruben Esmanhotto para a coleção “Curitiba 300 anos”, com a qual busquei enriquecer a Pinacoteca da Prefeitura de Curitiba. Generoso, Rubinho não só entregou os três conjuntos de telas de grandes dimensões, para exposição nos salões do Paço 29 de Março, como me presenteou com uma série de gravuras de Carlos Seliar chamada “Os Telhados de Ouro Preto”. Ao sair da Prefeitura, deixei o presente para o acervo público.

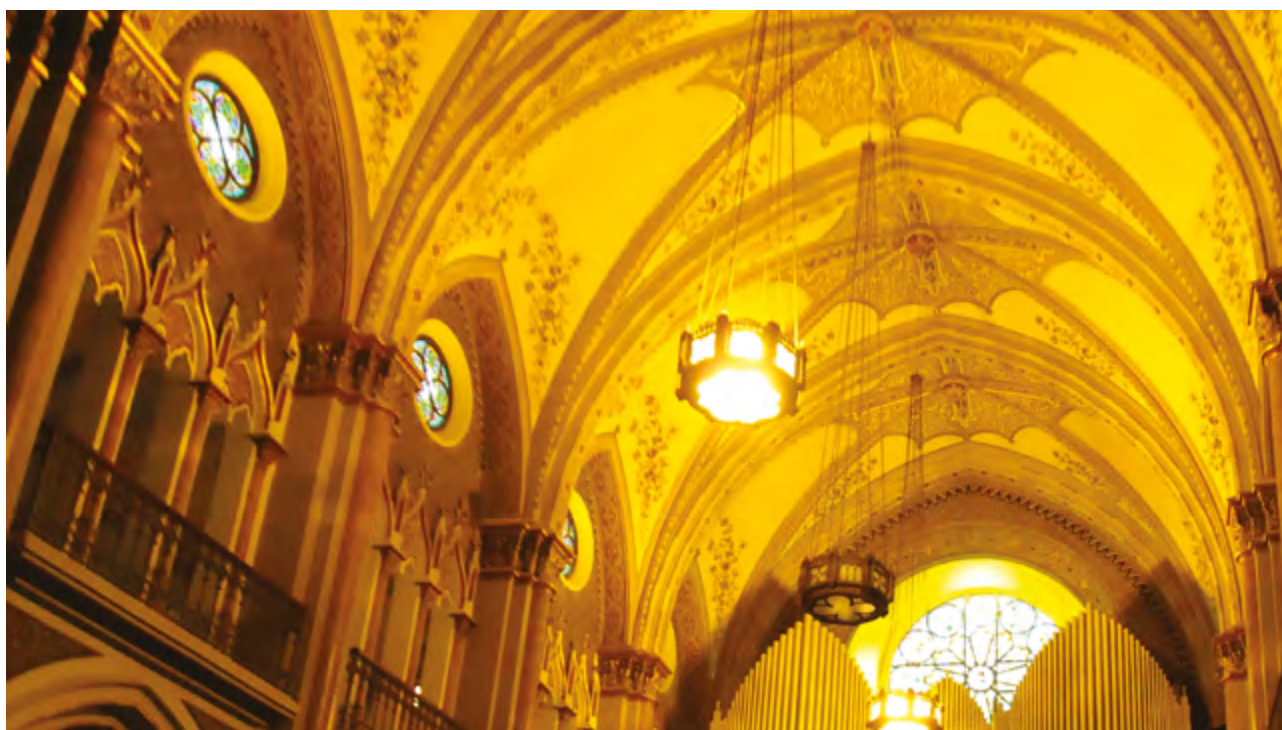
Em 1998, Rubinho fez belíssima exposição individual no Memorial de Curitiba. A última das 20 mostras individuais de sua brilhante carreira. Morreu aos 60 anos, num trágico acidente na esquina das ruas Emiliano Pernetta e Brigadeiro Franco, sua motocicleta colhida por um ônibus. Deixou-nos seu livro *Momento Suspenso*. O produtor Antônio Cava estava

preparando uma grande mostra nacional do artista e sua obra para o circuito da Caixa Econômica Federal. Margarita e eu fomos ao Cemitério São Francisco de Paula pedir aos Anjos que velassem seu repouso com cânticos de glória. Em Rubinho também brilhava a centelha da Luz dos Pinhais.

Curitiba também foi embelezada pela arte de seu filho Sérgio Ferro, artista mundialmente consagrado. Convidei-o a retornar a nossa cidade natal, desde seu exílio voluntário na França, onde vive em Grignan. Pela sua importância na obra do Memorial de Curitiba, marco dos 300 anos da cidade, ele mereceu um capítulo só seu, que você vai poder ler adiante.



Esmanhotto: Casa Mylla, rua Barão do Serro Azul, depois Bosque Alemão.



Catedral de Curitiba, pintura de Carlos e Anacleto Garbaccio.



MINHA FAMÍLIA VÊNETO-CALABRESA



Seda da Pedra. Pedreira da Borda do Campo, após tiro de dinamite.



Família Greca posa para a câmera de Arthur Wischral na calçada diante da casa à rua Almirante Barroso, 22.

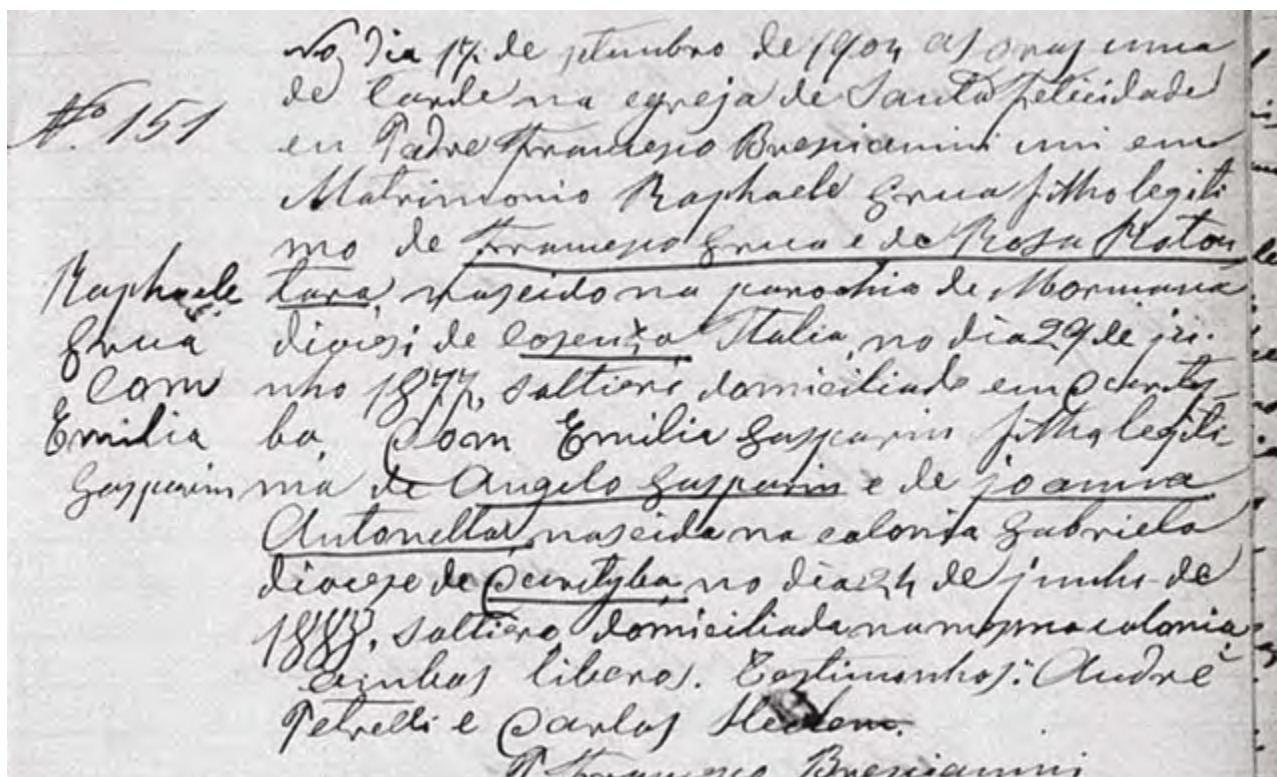
A união de vênetos com calabreses, quase impossível na Itália do século XIX, pelas guerras, distâncias e preconceitos, aconteceu em Curitiba, na minha família, os Gasparim Greca.

Meus antepassados de origem italiana, em 1886, já viviam numa casa na rua da América, atual Trajano Reis, ao sopé da antiga pedreira do Alto de São Francisco. A mesma pedreira documentada por Debret em aquarela datada 1827, onde se vê escravo usando barrete frígio, no ato de lavar bloco de granito, e a pequena Curitiba, de 220 casas e três igrejas, desenhada ao fundo, o horizonte marcado pela serra azul e o verde das matas ciliares dos rios que formam o Iguaçu.

Próximo dali, havia outra pedreira, aberta no século XIX, na nascente do rio Lavapés, que gerou o desnível atualmente ocupado pelo prédio do IPE (Instituto de Previdência do Estado do Paraná).

Nesse local, hoje esquina das ruas Inácio Lustosa com João Manoel, depois seria instalada a serraria do alemão Rogue, demolida pelo governador Paulo Pimentel para a construção do IPE, prédio em concreto armado, projeto dos arquitetos Forte e Gandolfi.

Meu bisavô Francesco Greca imigrou da Itália com seus irmãos Giuseppe, Vincenzo e Luigi, desde uma aldeia ao sopé do Aspromonte, nas imediações da cidade de Cosenza, Reggio Calabria. Visitei Morano Calabro e pude perceber que o casco urbano da aldeia é uma *casbah* – as casinhas cavadas na rocha, edificadas compartilhando paredes, apoiadas



Registro do casamento de Emília Gasparim e Raphael Francesco Greca, em 1904, na Igreja de S. Felicidade, pelo Pe. Brescianini.

das umas às outras, sem vão algum. Tudo encimado por uma igreja branca, outrora mesquita sarracena, coberta com imensa cúpula de pedra pintada em azul, como o céu do Mar Mediterrâneo. Ali, quebrar pedras, cultivar olivas, pastorear cabras ou guerrear eram as únicas atividades possíveis.

Em 1891, já estabelecido em Curitiba, Francesco Greca mandou buscar sua mulher Rosa Rotondaro e seus três filhos, Domingos, Antônio e Raphael Francesco. Este último seria o pai da minha mãe, o “nonno” de quem herdei o nome. Nós ambos confiados à proteção do Arcanjo Rafael, personagem bíblico do Livro de Tobias, dispensador da bênção da Saúde, muito cultuado no carente sul da Itália.

Já em Curitiba, na primavera seguinte, Rosa e Francesco Greca veriam nascer sua filha Maria Estela, irmã de meu avô, a primeira Greca curitibana. O baú de carvalho com o enxoval familiar, conservado na Chácara São Rafael, revela vários carimbos *Francesco Greca, canteiro*, impressos em tinta azul no verso de sua tampa.

A designação “canteiro” para mestres pedreiros vem do costume de quebrar, apicoar e abujardar as pedras, cantando, no mesmo compasso das batidas das marretas nos afiados ponteiros.

Aqueles Greca sabiam da *seda das pedras*: onde colocar a dinamite para que o granito se rompesse como se tecido rasgado fosse. Partindo-se na vertical, sem esmigalhar. Meu falecido tio Angelim ensinou-me o que era essa seda da pedra. Um pouco antes de morrer, lá na chácara, me disse: *Rafa, você precisa*

saber; é engenheiro, é um Greca. Veja onde nasce o sol, vire num ângulo de 45°. Ali mande colocar em linha as bananas de dinamite. Assim não perderá a integridade da pedra arrancada à montanha. Assim meu pai Raphael, meu tio Domingos e meu avô Francesco fizeram para obter os famosos blocos Marumbi, hoje comendo belos monumentos de Curitiba, como os de Santos Dumont e Rui Barbosa, na praça Santos Andrade, as fundações da Garibaldi, do Palácio Rio Branco e do Paço Municipal.

Nossa gente vem das cidades italianas famosas pelos seus *scalpellini* – canteiros que trabalharam as rochas durante milênios. É só recordar o exemplar calçamento em granito negro, com junta seca, da *Piazza de San Pietro in Vaticano*, obra-prima de Michelangelo



Igreja do casamento Gasparim Greca e Casa dos Arcos, local da festa, 1904.





Meninas da família Greca, 1920.



Raphael Francesco Greca e o filho Olívio.



Raphael Francesco Greca e os filhos Orlando e Angelim.

Buonarroti (1465-1564), criador do pavimento em paralelepípedos, aos quais chamou *sanpietrini*.

Pequenas modificações daquele piso são os paralelepípedos das ruas de Curitiba e as louzinhas das nossas calçadas. Peças de artesanato talhadas em granito da Serra do Mar, quando brancas ou pretas, extraídas das pedreiras do Anhangava na Borda do Campo (hoje Quatro Barras); em diabásio ou basalto, quando extraídas das pedreiras da Cachoeira, depois da Barreirinha, ou das fraldas da Serra, em São Luís do Purunã; mármore branco, se o mineral viesse das lavras da Ribeira de Iguape.

Em 17 de setembro de 1904, Raphael Francesco Greca, então com 27 anos, casou com Emília Gasparim, na Igreja de Santa Felicidade. Ela, com 16 anos, filha de Joanna Antonella e Angelo Gasparim, residentes na colônia Gabriela.

Um cortejo de cavaleiros, caleças e carroças saiu às 8:00 horas da manhã da rua da América (Trajano Reis) em direção à colônia. A jovem noiva seguiu em outro cortejo, desde sua residência na Colônia Santa Gabriela do Tanguá. Depois da benção nupcial, à uma da tarde, oficiada pelo padre Francesco Brescianini, na matriz de Santa Felicidade, o “brindisi” com alegre almoço na Casa dos Arcos, então cantina e hospedaria da família Marco Mocolini, ou Mocolim, reuniu a família. Os amigos de meu avô, André Petrelli e Carlos Heclém, seus parceiros nas pedreiras do Taboão, foram padrinhos.

Conservo na chácara São Rafael das Laranjeiras fragmento do convite desse casamento, datado de 5 de setembro de 1904, com doze dias de antecedência. Mais precisamente o texto tipografado, já que a parte alegórica, com pombinhos e alianças entrelaçadas, im-

pressa em rendas de papel acetinado, traças e o tempo corroeram. O texto tipografado tem erros de grafia nos nomes dos noivos. Coisa que o assento paroquial, manuscrito pelo oficiante das bodas, desmente.

Ao postar no facebook, em 26 de fevereiro deste ano, o fac-símile do convite, aconteceu um milagre da memória. Cássio Stival Strapassom, jovem pesquisador de história dos *oriundi* do Paraná, mandou-me imagem virtual com o assento número 151, do Livro da Igreja de Santa Felicidade, onde se lê: *No dia 17 de setembro de 1904, uma da tarde, na igreja de Santa Felicidade, eu padre Francesco Brescianini uni em matrimônio, Raphael Greca, filho legítimo de Francesco Greca e Rosa Rotondaro, nascido na paróquia de Morana, diocese de Cosenza, Itália, no dia 29 de junho de 1877, solteiro domiciliado em Curitiba, com Emília Gasparim, filha legítima de Angelo Gasparim e de Joanna Antonella, nascida na colônia Gabriela, diocese de Curitiba, no dia 24 de junho de 1888, solteira domiciliada na mesma colônia. ambos liberos. Testemunhas: André Petrelli e Carlos Heclém. Assinado: Padre Francisco Brescianini.*

Logo depois do casamento, a nova família Gasparim Greca comprou terreno à rua do Lavapés (Almirante Barroso), erguendo casa de morada. Berço dos 13 filhos de minha avó.

Cheguei a conhecer os tios Carmela, Olívio (Lívio), Francisco (Chico), Francisca (Chiquita), Orlando (Lando), Angelo (Angelim), Rosa (Loly), Mafalda (Fada), irmãos de minha mãe Therezinha, a caçula. Quatro tios morreram crianças ou adolescentes, vítimas de tifo, crupe e pneumonia, naquele mundo

ainda sem penicilina: a primeira batizada como Francisca, sendo os outros Anita, Rosinha e Rafaelzinho.

Pela imensa casa patriarcal também transitaram os genros, Verito Gonçalves Pereira, despachante do porto de Antonina, marido de Carmela; Omar Tuaf, paulistano de origem libanesa, dentista formado em Curitiba, marido de Mafalda; meu amado pai Eurico Dacheux de Macedo, engenheiro rodoviário e professor de Cálculo Numérico na Faculdade de Engenharia; e as noras Albina Loyola Greca, mulher de Olívio, de tradicional família espanhola do Pilarzinho; Esther Molinari Greca, telefonista no tempo em que só se falava por intervenção de operadoras, a central instalada na rua Lourenço Pinto, mulher do tio Chico; e Maria Rosa Hintz Greca, mulher do médico Orlando, filha do professor de Agronomia Adolar Hingreville Hintz, neta do presidente da Província do Paraná, Heitor Soares Gomes, dito o “Xererê Pintado”, alcunha que lhe atribuíram os adversários políticos porque pintava barba, cabelos e bigode. A tinta escorria pelo *plastron* de seu fraque, manchando o tecido branco impecavelmente engomado.

Havia ainda o tio Angelim, boêmio e divertido, aficionado do turfe, criador de cavalos, namorado. Terminou seus dias ao lado de sua amada Zuleide Azamor, bela morena de família caíçara. Lembro deles porque creio no dito do povo mexicano: “Os mortos desaparecem duas vezes. Quando morrem e são sepultados, e quando ninguém mais recorda seus nomes”.

O casarão da rua Almirante Barroso nº 22 era assentado sobre arcadas de pedra. Tão fortes que não puderam ser demolidas, ao edificarem novo prédio, ao final da década de 1970. Testemunhei a impotência de dois grandes tratores de esteira *Caterpillar* ao tentar abatê-las. O novo edifício, casa da família e escritório da firma, projetado pelo arquiteto Roberto Portugal Alves, tem alicerces nas antigas arcadas.

O casarão tinha, encimados por tetos em abóbadas de pedra, vários porões: o do Vinho, o dos Grãos, o do Azeite, o da Lenha, o do Óleo e Dinamite, a Lavanderia, o Quarto de passar roupas, o Arquivo e, com gateiras para a rua, o Escritório da firma Raphael Greca.

No porão do Vinho, adega repleta de garrafas de



Moças da família Greca e amigas a caminho do curso de carnaval em Curitiba. Década de 1920.

vidro colorido, algumas importadas da Itália, imensas pipas e dornas de carvalho antigo armazenavam o vinho da casa. Quase sempre ruim, para o paladar atual – era doce, suave, feito a cada ano pelas mãos imensas do primo David Gasparim, homem tão rústico quanto bondoso, morador da colônia Santa Gabriela do Tanguá, que viveu trabalhando até os seus 97 anos.

David, sobrinho da minha avó Emília, vinha desde a Colônia Gabriela quando solicitado, disposto a fazer vinho e *grappa*, à época da colheita das uvas nas chácaras da família, e a prensar azeite, quando as oliveiras de São Rafael das Laranjeiras ficavam carregadas de azeitonas verdes. Meu avô conseguiu o prodígio importando mudas de oliveira de patrícios italianos da Argentina. David também era encarregado do dia sangrento, dedicado a matar e carnear porcos. Depois da sangreira, viravam profusão de choriços, linguças, mortadelas, tudo feito em casa.

A carne para consumo era armazenada em latas com a própria banha do finado suíno. Expediente comum antes da popularização dos congeladores. Lembro ainda do gosto do chouriço fresco, ou da linguça temperada com pimenta calabresa, consumidos em pães d’água trazidos da padaria da dona Elza, feitos pelo Bruda Engelhardt. O nome *Engel*, em alemão, significa Anjo. Quentinho, recém-saído do forno, aquele era o verdadeiro *pão dos anjos*.

O honrado nome *Engelhardt*, depois título de nobilíssima família baronial alemã e russa, vem de um guerreiro da III Cruzada, a quem as canções de cavalaria atribuíram força angelical, pela forma destemida com que salvou a vida do rei Felipe II da França no cerco da fortaleza de São João de Acre.

Minha avó e minhas tias, durante anos, fabricaram profusão de compotas: tomates em conserva, marmeladas, goiabadas, geleias de uvas, morangos, amoras, mimosas e laranja azeda. A conserva de pepino azedo era uma experiência química de fermentação,





Raphael Francesco Greca em reunião na Sociedade Garibaldi.



Casamento da família na Colônia Gabriela, Raphael F. Greca já viúvo.

acompanhada com curiosa torcida pela piaçada da família. Os pepinos eram colocados em grandes vidros, entre folhas de parreira, em salmoura temperada com ramos verdes de coentro e salsinha, junto com um ovo cozido, que se depositava ao fundo. Quando o ovo emborcava e flutuava, a conserva já estava no ponto para ser consumida. Simplesmente, uma delícia.

Naquela casa também se fazia sabão com soda cáustica e cinzas. No tempo das guerras e revoluções, eram feitas ainda velas, para consumo doméstico ou devocional.

Desnecessário dizer que eram caseiros o pão nosso de cada dia e o abençoado macarrão dos domingos. Comia-se divinamente: no verão, torta gelada de salmão com ovos e azeitonas, especialidade da tia Chiquita, aprendida de mestre Klécio de Assis; no inverno, sopa de grãos de bico com talharim muito fino, receita da *nonna*. No tempo do Natal, enrolavam, em varetas de fazer macarrão, os *canulettis*, canudinhos de massa de trigo fino fritos em azeite novo. Eram servidos lambuzados de mel e açúcar. Deviam ser consumidos entre a ceia do 24 de dezembro e o almoço festivo da Epifania, festa da Befana, dia dos Santos Reis.

Este ano ainda comi *canulettis*, a receita conservada, a tradição mantida pelas minhas primas Regina Emília e Rosi Hermínia, filhas de tio Olívio e tia Albina.

Na Páscoa, era assado, no forno à lenha da casa, um imenso pão cerimonial, metáfora de fartura e bênçãos, especialmente pincelado com claras de ovos, para ficar brilhante como se envernizado fosse. Era a “coduri” calabresa, encimada por ovos incrustados, símbolo de Ressurreição, e cobertos por cruzes de farinha, memória da Redenção.

Minha tia Loly ainda os fez, a meu pedido. Levei-os a uma benção de alimentos – *Swieconka*, celebração da Páscoa eslava – no

Bosque do Papa, em 1982, provocando a (boa) inveja das avós polonesas: *Créeeedo Gréquinha, nunca vi pão tão bonito!*

Todo santo dia, com as sobras do leite vindo das chácaras, minhas tias tinham a paciência de produzir nata doméstica, queijos e coalhadas caseiras. Uma trabalhadeira sem fim, que conhecia sua apoteose no café da tarde, servido junto ao fogão à lenha.

O empório doméstico completava-se com um quarto de costuras, num torreão mirante, uma janela em cada ponto cardeal, onde minha avó Emília e minhas tias costuravam e controlavam os ventos, a garoa, as enchentes do rio Lavapés – que alagava a rua Inácio Lustosa –, o movimento da vizinhança, ou da “nossa zona”, como tradicionalmente chamávamos o bairro São Francisco, na Curitiba de antes dos pés vermelhos chegarem, porque depois zona virou palavra proibida.

O casarão tinha ainda um sótão, com quatro quartos, encimado por uma cruz vazada entre os tijolos da cumeeira – diziam-me que era para espantar vampiros. Brinquei muito no salão do sótão, dominado por um oratório de São Rafael, imagem de gesso antigo, vestida de verde e rosa, as asas das cores da aurora, que doamos para a Igreja do Rosário, no tempo em que era seu reitor o padre jesuíta Afonso Gessinger.

Na mesma sala, outro móvel guardava incrível coleção de discos em 78 rotações, radiola arcaica, velho rádio de grande potência. Nos vãos do sótão, caixas de madeira com publicações em italiano, inclusive preciosa coleção da revista *Fanfulla*, ali escondida no tempo de II Guerra Mundial, quando o Brasil se tornou inimigo do “Eixo” formado pela Itália, Alemanha e Japão. Aqueles foram dias e noites de medo para os imigrantes e suas famílias.

Publicação feita no Brasil em língua italiana, fundada em 1893 por *Vitaliano Rotelini*,

apelidado “o Fanfulla”. Começou como um semanário domingueiro até 1898. De 1899 até fins de 1900, mudou o nome para *Gazzetta del Popolo*, mantendo a epígrafe *Fanfulla*. Posteriormente, retornou ao título inicial e tornou-se um diário vespertino. Perseguido e empastelado no tempo da II Guerra, foi depois restaurado por nova geração de jornalistas, durando, impresso em São Paulo, até 2014.

No jardim do casarão dos Greca, que ocupava quase meia quadra, na esquina da rua Almirante Barroso com Inácio Lustosa, imensa e antiga goiabeira sombreava o pátio revestido de paralelepípedos. No acesso às portas da sala de visitas e, mais para o fundo, da sala de jantar, havia imensa e acolhedora varanda, bordada de pingadeiras de pinho – ou lambrequins – que, ao anúncio de cada primavera, se confundiam com os cachos lilases de glicínias.

Dali caíam bichos cabeludos e verdes bichos “cachorrinho” chifrudos, que eu e meus primos, piás nada ecológicos, executávamos queimados em álcool, temerosos dos vergões de seu terrível veneno, sem atentar que estávamos matando futuras borboletas. Logo me dava remorso, encantado que ainda sou com o voo azul das borboletas papaná.

Também no jardim, talhado em sólido granito apicoado, havia um banco de pedra, para duas pessoas. E uma gruta de seixos rolados, trazidos do rio de uma das pedreiras da Borda do Campo, cenário das brincadeiras dos 40 netos, as crianças da casa.

Além do jardim, a ladeira íngreme da rua Almirante Barroso era também aproveitada em disputadas corridas de “carrinhos de rolimã”, animadas disputas de “pular corda foguinho”, jogar beto ombro, pular caracol...

O jardineiro e lenhador era um homem pequenino, tímido, egresso da penitenciária, condenado por um assassinato, acolhido pelos meus avós depois de cumprir pena. Sebastião Ferreira da Silva era seu nome. Tinha tatuagens grosseiras, feitas com pregos, em tons fortes de azul, uma mulher nua e uma âncora da Esperança que nunca morre, gravadas nos braços. Bastião, por isso, envergonhado, vivia de camisas com mangas compridas. Era alcoólatra, inofensivo.

Ao trabalhador incansável e infeliz, dediquei meu primeiro conto, “Bastião, o Herói da Pá de Lixo”, vencedor do concurso literário promovido entre os melhores colégios de Curitiba, em 1970, pela FIEL (Feira Intercontinental e Estudantil do Livro de

Curitiba), promoção da irmã Dionísia da Divina Providência e do padre Afonso de Santa Cruz SJ, da igreja do Rosário. A FIEL tinha barraquinhas colegiais pró-boua leitura, na Praça Osório, em maio, antes do dia das mães.

Na sala de jantar, o grande relógio pendular, asseguravam as tias, era a morada do “Monaquedo”, monge lendário do sul da Itália, que disciplinava as crianças desobedientes. Havia também um oratório de madeira com a imagem em terracota arcaica de São Francisco de Paula, o santo padroeiro da Calábria, de lá trazido pelo nosso bisavô. Junto dela, ao sopé de um crucifixo, ardiam velas perpétuas. A chama que se extinguiu acendia nova vela. Até hoje conservo essa relíquia, também merecedora de velas acesas todos os domingos, sobre a pedra da lareira da chácara São Rafael das Laranjeiras.

Os aniversários dos donos da casa eram comemorados com a oração das ladainhas e do terço em família. O de “mamma” Emília, a 24 de junho, dia de São João Batista. O de “papa” Raphael, a 29 de junho, dia de São Pedro. Ambas as datas tinham almoços festivos, fogueira, foguetório e mastro com a efigie dos Santos erguidos no amplo quintal. Assim



Dom Jerônimo Mazzarotto (1898-1999). Bispo de Arsinoé, na Arcádia Romana. Bispo Auxiliar de Curitiba. Foi quem me batizou.



foi até ela falecer, aos 61 anos, em 1949; ele, aos 77 anos, em 1954.

Era muito católica toda a família. Sobrinhos de minha avó Emília: bispos Dom Antônio Mazzarotto – primeiro bispo de Ponta Grossa – e Dom Jerônimo Mazzarotto – bispo auxiliar de Curitiba, titular de Arsinoé, na Arcádia Romana, e primeiro reitor da Universidade Católica do Paraná (PUC-PR). E ainda Pe. Eugênio Mazzarotto, reitor do Seminário de Curitiba; padre Sílvio Mazzarotto, missionário passionista; as irmãs Amália e Emília, e a sobrinha em segundo grau Carmelina, todas freiras da Congregação Zeladoras do Sagrado Coração de Jesus. A casa de Angelo Mazzarotto e Amália Gasparim Mazzarotto, irmã de minha avó Emília, em Santa Felicidade, acabou legada como herança para a Igreja.

Um belo dia, Dom Jerônimo e seu irmão, padre Eugênio, então reitor do Seminário, sabendo que eu gostava de ajudar missa, nas igrejas da Ordem e do Rosário, e de assistir as cerimônias pontificais da Catedral, vieram me buscar para ser padre. Escondi-me embaixo da cama, no quarto dos meninos, dividindo o esconderijo com um gato e um penico – àquela hora do dia felizmente vazio e limpo. O bispo e o padre, amáveis primos, foram embora sem me encontrar. Disse então a meus pais, apoiado por minha querida tia Chiquita, que gostava demais da minha vida para entrar num convento.

A economia doméstica das mulheres, no casarão que era verdadeira unidade produtiva, somada ao duro trabalho dos homens, teria sido a origem da fortuna da família Greca, pelo menos era o que se dizia, insistindo-se no místico poder do trabalho ininterrupto. E na ideia de que o dinheiro não aceita desaforos.

Tudo começou nas pedreiras das fraldas do tanque São Lourenço, junto ao curso do rio Belém, no distrito de São Casemiro do Taboão. E ainda nas pedreiras do Pilarzinho, estas divididas com a família Gava e outros tarefeiros e canteiros.

Houve um tempo em que meu bisavô Francesco e seus irmãos, então ainda tarefeiros, trabalharam por empreitada com o já endinheirado compadre André Petrelli, simpático patrício italiano, festeiro das novenas de São Roque (San Rocco) na Catedral. Dessa época é uma foto muito bonita, os rapazes com lenços vermelhos e brancos, insígnias da Revolução Federalista de 1894, posando a talhar as rochas.



Dom Antônio Mazzarotto (1890-1980). Primeiro bispo de Ponta Grossa.

Conservo essa fotografia impressa em azulejo na varanda da casa da chácara. O original foi doado para o arquivo de imagens da Casa da Memória de Curitiba.

Curitiba então mudava. Era preciso trazer as lembranças da Europa distante para as novas feições da cidade. Criar cenário de urbanidade e esplendor para a prosperidade dos capitalistas que negociavam erva-mate, madeira, tijolos e cerâmicas. As ruas de comércio pediam pavimento para a *flânerie* da nova burguesia, os passantes interessados nas vitrines, onde eram exibidos produtos importados e novidades da principiante indústria local.

Os pavimentos produzidos por Francesco Greca e André Petrelli eram em pedras poliédricas, disformes, *grand-pavês*, matacões, como ainda pude ver nas calçadas da rua Treze de Maio e de algumas vias do Cemitério Municipal e do Cemitério Luterano.

Sucederam os matacões coloniais, talhados por mãos escravas, como os que ainda se conservam na rua Mateus Leme, à sombra da capela-mor da Igreja da Ordem, em direção ao muro antigo que marca o Hospício da Ordem Terceira – ruína de parede que pode ser vista dentro do prédio onde funcionou a Casa do Artesanato.

Foram dessa pedreira do Taboão os antigos pavimentos da rua dos Alemães (Treze de Maio), da rua América (Trajano Reis), da praça Tiradentes, da rua do Riachuelo, da rua de São Francisco, da rua da Liberdade (Barão do Rio Branco), da rua do Nogueira (Barão do Serro Azul), da rua do Comércio (Marchal Deodoro) e da rua das Flores (rua XV). Nesta última, houve um tempo em que as calçadas eram elevadas, em nível superior ao leito da rua, obrigando as senhoras de saias fartas e os transeuntes menos ágeis a procurarem degraus para atravessar a rua. Isso para que a lama não espirrasse em nenhum transeunte.

Em 1912, Maria Estela Rotondaro Greca, irmã de



Casamento de Maria Estela Rotandaro Greca com Giuseppe Vesiere, engenheiro da eletrificação da linha de bondes, 1912.

meu avô, casou-se na Catedral de Curitiba com José Vesiere, engenheiro francês, que veio para trabalhar na instalação da primeira linha de bondes elétricos, sucessores daqueles tirados a burros, que já serviam desde 1895. O casamento de Maria Estela simboliza a aceitação da família Greca pela sociedade tradicional de Curitiba, tendo entre seus convidados o engenheiro Cândido de Abreu.

Recordo-me de alguns vizinhos muito amigos da casa de meus avós, tias e tios, moradores do entorno do casarão da rua Almirante Barroso esquina com Inácio Lustosa: o barbeiro Fraxino, de suíças brancas, pele rosada, calabrês como os Greca; sua filha professora Maria Elvira Fraxino, que me preparou para o “Exame de Admissão”; as “Queixudas”, duas irmãs solteironas, tão boas e simpáticas quanto feias, filhas do alfaiate Sperandio. Na sua casa também vivia Léo, irmão também solteirão, bom desenhista a crayon. Fazia os moldes do pai e alguns desenhos eróticos que compartilhava com a piaçada da redondeza, de forma velada, como pediam os costumes do tempo.

Havia também as irmãs Ciccarino, herdeiras de posto de gasolina perto do Passeio Público; dona Elvira Estrela, impecável professora de português, guardiã da pureza da magna língua lusitana; miss Clair e miss Maggy, duas senhorinhas britânicas que tinham na sala de visitas um fascinante gramofone (foram minhas primeiras professoras de inglês – tinha medo do seu imenso cachorro pastor alemão Astor, que velava pela casa); dona Anita Patitucci, amiga de tia Carmela, que, dotada de mediunidade, produzia “águas fluidas” repartidas com a vizinhança (foi governanta do Castelo

do Batel, servindo a primeira-dama, dona Hermínia Lupion); Frau Zimmermann, avó do famoso artista plástico (tão cívica que, mesmo em idade avançada, varria cotidianamente as folhas de magnólias de sua calçada e lavava as louzinhas de pedra).

Não posso deixar de recordar meus amados tios Maria Antonieta e Leandrino Dacheux do Nascimento, ele irmão de minha avó Lolé, Aurélia Dacheux de Macedo. O casal sem filhos morava numa casa *art déco*, planta em escadinha, na esquina da João Manoel com Duque de Caxias. Ela era a tia Nena; ele, o tio Dacheux, o “Chézito”. Era coletor de rendas da Receita Estadual, funcionário público exemplar. Metódico, organizado. Ela me ensinou datilografia, no método Remington, com um caixote cobrindo o teclado. Ele me ensinou filosofia e filologia. Estava escrevendo um “Dicionário de Nomes e Topônimos Tropeiros”. Pena que os originais se perderam após sua morte. Ela era adorada por ele e muito cuidadosa. Obrigava-o a ir aos enterros de gravata vermelha, “para espantar a Morte, exorcizar a indesejada”. Ele morria de vergonha. Colocava o chapéu panamá no peito, tapando a gravata. Compraram um DKW. Ele parava em cada esquina, nas avenidas, olhava para os dois lados e dizia: “Estrada de Ferro esta esquina, o trem invisível pode matar a gente”. Tio Chézito e tia Nena foram os “cupidos” do namoro de Therezinha e Eurico, meus pais.



Calçamento da rua Conselheiro Laurindo, 1930. Foto Arthur Wischral.

E ainda dos primos Greca, filhos de tia Ercília e tio Domingos, irmão do meu avô, vizinhos de cerca, no fundo dos quintais: Guerda (Janz) e Dante Greca, pais de 5



filhos; as primas solteironas Elisa, Elmira, Eloína e Estela. Elisa Greca, afamada professora de piano, educou gerações – promovia recitais, os primeiros concertos que ouvi. Elmira e Eloína foram dedicadas professoras. Elmira lecionou toda a vida no Grupo Escolar Tiradentes. Eloína foi secretária de Educação da Prefeitura, na gestão Ivo Arzua Pereira. Estela, pobrezinha, matou-se por desilusão amorosa. Tomou veneno, sentou-se ao piano, tocou “Clair de Lune” e partiu, levando consigo amarguras não resolvidas. Paz para sua alma.



Meu avô arremata o calçamento da então rua Garibaldi, hoje Presidente Faria. Foto Arthur Wischral.

Em 1914, morreu o patriarca Francesco Greca. O sino triste da Igrejinha das Almas (ou do Rosário) dobrou a Finados, para assinalar seu sepultamento em túmulo próprio no Cemitério Municipal São Francisco de Paula.

Foi sucedido pelos filhos Raphael e Domingos. Artífices do revestimento de ruas e calçadas com louzinhas e paralelepípedos de granito e de notáveis obras de cantaria, hoje preciosos monumentos de Curitiba.

Aquele da República, na Praça Tiradentes, supedâneo de estátuas de Benjamin Constant e da Alegoria da Pátria Livre. Os monumentos de Santos Dumont e Ruy Barbosa, da professora Júlia Wanderley e dos Fundadores da Universidade, na Praça Santos Andrade. O do maestro Carlos Gomes na praça do mesmo nome. O do Monsenhor Celso Itiberê da Cunha, na Praça Garibaldi. E quase todas as hermas de Curitiba, talhadas em granito, nas praças e nos cemitérios de Curitiba.

Ao final da década de 1920, chegaram os concorrentes *Manoel Rodrigues & Rodrigues*, *Manoel Antonio Machado* e *Anastácio de Castro*, calceteiros especialistas em *petit-pavê* (ou pedras portuguesas), executores das famosas rosáceas paranistas, desenhadas pelo gênio de Lange de Morretes. Eram lusitanos, como seus nomes indicam.

Mais tarde, do hemisfério Norte, chegaram a Curitiba as novidades dos pavimentos revestidos com macadame e das ruas cobertas de asfalto, o “cbruq” (concreto betuminoso usinado a quente).

O chamado “macadame” consiste em assentar três camadas de pedras postas numa fundação com valas laterais para drenar águas pluviais. Cada camada é calcada, ou esmagada, com um rolo compressor dotado de cilindro, fazendo com que as pedras se acomodem umas sobre as outras.

Esse assentamento de sucessivas camadas de pedras gradualmente menores, de modo que as pedras maiores sirvam de base sólida e o cascalho fino nivele o solo, é o método criado pelo engenheiro escocês Mac Adam, em 1820.

Chamado desde então de “macadam water-bound”, requer intensa mão de obra para obtenção de um pavimento forte e enxuto. O moderno asfalto, feito de petróleo, reforça a técnica macadame, criando ruas e avenidas de agradável circulação, novidade na engenharia a partir de 1909, no Reino Unido e nos EUA, depois importada pelo Brasil.



Obra de drenagem e calçamento da Avenida Marechal Floriano Peixoto, 1934. Foto Arthur Wischral.

Raphael Francesco Greca adaptou-se, sem desistir da cantaria, comprando um moderno britador importado da Alemanha, instalado, por muitos anos, num terreno na esquina da rua Carneiro Lobo com 7 de Setembro, onde o prefeito Ney Braga faria o moderno Mercado Municipal de Curitiba.

O engenheiro sênior da Prefeitura de Curitiba, João Macedo Souza (Junim), diretor de Obras Públicas a partir de 1928, Prefeito interino de Curitiba em 1946, exaltou o conhecimento e a honestidade do meu avô, enquanto empreiteiro de obras públicas, em depoimento que, estudante de engenharia, colhi para



Calçamento na Visconde de Guarapuava. Foto Arthur Wischral.



Calçamento da então rua Dr. Pedrosa, hoje Benjamin Lins, no Batel. Vê-se a casa de Manoel de Macedo-Museu Paranaense, já demolida. Foto Arthur Wischral.

instruir minha pesquisa publicada no Boletim nº 2 da Casa Romário Martins, “Os Caminhos da Pavimentação em Curitiba” (outubro de 1974).

O engenheiro Junim informou: “*O velho Raphael Greca recebeu por seus serviços de calçamento na rua Conselheiro Laurindo (1934) perto dos 130 contos de réis. A avenida do Cruzeiro, em 1943, custou aos cofres municipais cerca de 300 contos. A moeda nacional já não eram réis, mas os “cruzeiros” antigos. Essa avenida, caminho de Santa Felicidade, começo da estrada do Cerne, levaria depois o nome de Manoel Ribas, grande amigo do meu avô.*”

Durante a II Guerra Mundial, para livrá-lo de perseguições da turba nacionalista contra os súditos do “Eixo”, o então interventor do Paraná, seu Ribas, mandou que a Chefatura de Polícia lhe desse identidade e passaporte brasileiros, e advogou que o Instituto de Engenharia o considerasse seu “sócio honorário”, com carteira e tudo. Considerou para tal sua habilidade em pavimentar e construir, comprovada em exitosas obras públicas que duram até hoje.

Lembro-me de que, em 24 de agosto de 2012, quando ia à missa na Capela de São Bartolomeu – entre os bairros de São Brás e Santa Felicidade –, ao sair do meu apartamento em Curitiba, na rua Vicente Machado, vi trecho de recape em asfalto mal-executado.

Mandei que parassem o carro, chamei o operador de câmera de TV da campanha eleitoral e arranquei o asfalto com as mãos, em torreões, como se fossem pedaços de cobertura de bolo. O vídeo viralizou, bombando na internet, como se cena “punk” fosse. Era só um tributo de um Greca indignado com um serviço de engenharia executado às pressas, sem atender ao interesse público.

Qual não foi minha alegria quando notei que, sob o pavimento betuminoso, persistiam, solenes e impecáveis, eternos, os paralelepípedos de granito assentados por meu avô entre 1937 e 1938. Só foram cobertos de asfalto pelo prefeito Saul Raiz (1975-1979), porque estavam muito lisos. Na época, os que amam Curitiba lamentaram perder a bela perspectiva da rua de granito negro com a faixa central em quatro pedras de granito branco.

Meu avô nasceu a 29 de junho de 1877, em Morano Calabro. Faleceu a 6 de julho de 1954, em Curitiba, na sua casa da rua Almirante Barroso, assistido pelo médico Mário Braga de Abreu e por seu sobrinho, Monsenhor Jerônimo Mazzarotto.

Deixou um legado de honradez, com dezenas de ruas pavimentadas e monumentos talhados por sua determinação. Virou nome de rua na Água Verde, por proposição do vereador Antônio Domakoski, de família polonesa dona de um próspero açougue em Curitiba. Mais que isso, virou lenda urbana.

Mestre Poty Lazzarotto imortalizou-o num desenho magistral e numa série de gravuras retratando-o, de terno, colete e chapéu, medindo a prumada do alinhamento da avenida Sete de Setembro, com o esquadro e o martelo de pedreiro diante dos olhos, o braço estendido rumo ao horizonte, como se fosse um artista definindo as proporções de uma perspectiva.

Entreguei seu acervo de fotografias com centenas de obras públicas, as ruas fotografadas antes, durante e depois da execução, para o *Arquivo Fotográfico da Casa Romário Martins*. Seriam o embrião do grande arquivo de imagens da Casa da Memória que criei em 1981 e instalei em prédio próprio, climatizado, entre 1993-1997, pois só ficou pronta meses depois que deixei a Prefeitura.

Os filhos de Raphael Francesco Greca – Olívio,



Francisco, Angelo e Francisca Greca – continuaram sua obra de construção e cantaria de pedras, em diferentes firmas familiares. Alguns de seus netos e bisnetos persistem na atividade. Seu filho Orlando foi conceituado médico, criador, com seus colegas Cícero Tizzot e Gastão Romanó, do Hospital e Maternidade Nossa Senhora do Rosário, onde eu nasci, em 17 de março de 1956.

Escolhi essa maternidade para cenário do lançamento do programa de proteção da mortalidade materno-infantil, primeiramente chamado “Nascer em Curitiba vale a Vida”, depois “Mãe Curitibana”. Margarita e eu, com o secretário municipal de Saúde, Armando Raggio, lá estivemos, às 15 horas do dia 29 de março de 1993, para lançamento do programa. A primeira criança cadastrada levou o nome de Rafael, e foi presenteada por Margarita com um enxoval. O programa culminaria, em 1996, com a construção em tempo recorde do Hospital do Bairro Novo, que dediquei à memória de Orlando Greca quando de sua inauguração. Esse Hospital foi considerado pela Unesco como “Hospital Amigo da Criança”, dois anos depois.



Reunião de construtores e empreiteiros de obras públicas em 1915. Sentados: André Petrelli (terno escuro) e os irmãos Raphael, Domingos e Antonio Greca. Também Carmelo Greca e outros titulares do setor de obras da prefeitura municipal. Pioneiros que ajudaram a construir Curitiba.

A empresa familiar Raphael F. Greca & Filhos Ltda. chegou a ser incluída, pela Associação Comercial do Paraná, entre as empresas paranaenses que, a exemplo dos Pianos Essenfelder, da Impressora Paranaense, do Matte Leão e das Massas Todeschini, atravessaram mais de um século com o mesmo registro na Junta Comercial.



Raphael F. Greca e seus filhos Olívio, Orlando e Francisco e mestres canteiros na pedreira da Borda do Campo, ao sopé do Anhangava. Foto Arthur Wischral.

TODESCHINI: MASCATE DE MACARRÃO



Anúncio Todechini, anos 40.

Em 1877, chegou ao Paraná Giuseppe Todechini (1851-1922), jovem veronese que aliava seus dotes físicos, enfiado em colete e terno de janota, com as habilidades de trabalhador e bom vendedor. Judeu observante, nascido e circuncidado em Arcole, província de Verona, em 3 de agosto de 1851, conforme testemunho de suas bisnetas, nos primeiros sete anos trabalhou como mestre carpinteiro, erguendo casas de pinho na Colônia Muricy (São José dos Pinhais) e na Colônia Bella Vista (Imbituva).

Voltou à capital em 1878, onde casou com moça de família católica, Domenica Cemin, exímia cozinheira, para quem montaria casa numa chácara comprada ao seu sogro, a meio caminho entre o centro e a Colônia Dantas, hoje avenida Sete de Setembro.

Ali, os Cemin Todechini fundariam sua fábrica doméstica de *pastasciutta*.

Apresentar o macarrão a Curitiba revelou-se um ótimo negócio. A *pasta* – de ovos e farinha de trigo – feita em casa por *mamma* Domenica faria a fortuna dos Todechini, na proporção em que iam nascendo os oito filhos e três filhas do casal empreendedor.

Alegre e extrovertido, a princípio Giuseppe pegava o macarrão feito em casa e batia de porta em porta, apresentando a novidade, oferecendo seu macarrão, o talharim já seco, polvilhado de farinha alvíssima, enrolado nos braços, como se meadas de lã fosse.

As tradicionais famílias curitibanas, ao abrir a porta ao *mascate do macarrão*, tomaram conhecimento do saboroso alimento até então desconhecido. Não raras vezes, Giuseppe entrava na cozinha, improvisado em *chef*, para ensinar a ferver a água, buscar o ponto *al dente*, fazer o molho de tomate, enfim, preparar corretamente o produto. Isso garantiu ao simpático Todechini festivos almoços na alta sociedade curitibana, penhor de lendárias amizades, quando Todechini ensinava até a enrolar os fios de pasta no garfo, horrorizado como soem fazer os bons italianos quando alguém ameaça usar a faca para talhar a sagrada pasta.

Afinal, a alma do negócio, motivo da fabricação trabalhosa do macarrão, é conseguir os fios mais longos possíveis. Isso desde os tempos em que, diz a lenda, o mercador Marco Polo trouxe a iguaria da China até Veneza.

Já em 1885, dentro de casa, com seis funcionários, foi aberta a *Fabbrica di Paste Alimenticie di Giuseppe Todechini*, a segunda indústria de macarrão do Brasil, precedida apenas por uma outra aberta em São Paulo, perto da igreja da Madona Achirópita, no bairro do Bexiga. Em sua primeira fábrica, o próprio Giuseppe desenhou o maquinário, as facas, prensas e peças em metal, forjadas na Metalúrgica Müller.

Em 1906, ampliou o negócio, com nova fábrica: edifício próprio dotado de colossal prensa de macarrão movida a tração animal – o “engenho de macarrão”, movido a cavalos que trotavam em círculo. As Indústrias Todechini fizeram parte da paisagem da Sete de Setembro nº 3029 antes



do paredão de edifícios criado pela lei de uso do solo de 1975.

O filho primogênito, João Todeschini, quando cresceu, foi encarregado da venda do macarrão pelas ruas de Curitiba, coisa que fazia todas as manhãs, à hora do mercado. Na carroça da família, carregada de macarrão, João percorria os bairros até o centro. Conselho do pai judeu, mercador no sangue: *Passa drito dei negocianti et aspetta chi te chiami* – ou seja, fingir que não estava precisando vender, tão bom é o produto em oferta que outros já tinham-no encomendado. Expediente mediterrâneo para provocar desejo nos consumidores.

Giuseppe Todeschini deixou este mundo a 7 de agosto de 1922. Em 1932, os Todeschini somaram ao negócio do macarrão uma fábrica de balas e caramelos. Em 1951, diversificaram ainda mais, passando a também fabricar biscoitos e copinhos de sorvete. Em 1971, a fábrica Todeschini mudou para o bairro do Pinheirinho, em terreno de 62 mil m², seguindo a tendência do planejamento urbano que criaria a CIC (Cidade Industrial de Curitiba). A fábrica fechou em 2013, para tristeza dos que amamos Curitiba e o saboroso macarrão.

Quando os Todeschini passaram a fabricar bolachas e biscoitos, tornaram-se os principais concorrentes da Fábrica Lucinda, de Paulo Groetzner, família

suíça, estabelecida, desde 10 de dezembro de 1912, na esquina da rua Bom Jesus do Cabral com Anita Garibaldi, fabricante de delícias de farinha e café moído, cujas receitas remontavam à Padaria Groetzner, aberta na futura avenida Luís Xavier, em 1895. Os Groetzner eram também exímios violinistas.

Na década de 1980, conheci dona Elvira Groetzner, mãe de engenheiro diretor da Copel, que me deu depoimento sobre a história familiar, na sua encantadora residência, solar erguido entre cedros alemães na rua Bom Jesus. A seu pedido, o vizinho, prefeito Jaime Lerner, faria a Praça da Suíça, que, depois, eu prefeito embelezei.

Lembro também dos Biscoitos Glória, sabor da minha infância. A indústria curitibana Vendrametto e Cia. Ltda. iniciou suas atividades em 1907, quando a família de imigrantes italianos Vendrametto passou a fabricar biscoitos caseiros. A empresa familiar, com um século de existência, é hoje administrada pela quarta geração da família. Mantém uma linha de biscoitos tradicionais, com as mesmas receitas utilizadas desde a criação da empresa. A primeira marca comercial utilizada pelos Vendrametto chamava-se “Biscoitos Glória”. Durou até 1994, quando, contra a sua vontade, foram obrigados mudar de marca, passando a se chamar “Villa Anna Biscoitos Caseiros”, endereço tradicional do bairro do Cabral.



Indústrias Todeschini. Acervo Casa da Memória.

Indústrias **Todeschini** S.A.

COMERCIANTES ITALIANOS EM CURITIBA



Armazém Emílio Romani e Alfaiataria Biella, de Rômulo Bindo, 1919. Ao lado da Catedral.

A maioria dos imigrantes italianos não lavradores fixou residência no quadro urbano de Curitiba. Há memória de uma Casa Farâni, já em 1846, instalada na então rua das Flores, depois rua da Imperatriz. Ofertava brinquedos importados, objetos de arte, joias e bijuterias trazidas da Europa e do Oriente. Seu titular tinha sobrenome da Itália meridional.

O sangue ficou na cidade. São seus descendentes o professor e filólogo Rosário Farâni de Mansur Guérios, autor do *Dicionário Etimológico de Nomes e Sobrenomes* (1981 – Editora Ave Maria), e a freira passionista Irmã Antonieta Farâni (1906-1963), alma do Asilo São Vicente de Paulo.

Antonieta Farâni, filha dos imigrantes Rafaela (Milito) e Giuseppe Farâni, vindos de Salerno, via porto de Nápoles, nasceu em Curitiba. Seguiu vida religiosa, ajudando a erguer a capela do Asilo São Vicente de Paulo, onde teria ela mesma feito o assoalho em mosaico com madeiras preciosas. Serviu intensamente à causa dos pobres. Morreu em cheiro de santidade. Sua congregação pediu ao Vaticano abertura de processo de beatificação, que, bem sucedido, dará à nossa Curitiba sua primeira santa na Igreja Católica.

A casa-clausura – de tábuas e ripas – onde a venerável madre Farâni e suas irmãs viveram, ficava na praça da Igreja do Cabral, listada como de interesse de preservação da cidade de Curitiba. Com a supervalorização do terreno, a Congregação Passionista promoveu o seu *deposé*, com trans-





Família Bleggi em 1905.

lado para o Santuário Nossa Senhora do Caravaggio, no bairro do Capivari, em Colombo. No antigo endereço da santa, imenso edifício deve ser lar abençoado daqueles que compraram o empreendimento.

No *Almanach do Paraná*, volumosa publicação comercial de 1903, temos registro de um Armazém Furiatti & Cia. nos números 39 e 41 da rua da Liberdade (hoje Barão do Rio Branco), que vendia, no atacado e varejo, arroz, açúcar, sal, farinha de mandioca, trigo, milho, feijão e café, assim como todos os produtos coloniais: aguardente, querosene para lâmpadas, velas, goma, miudezas, fumo e bacalhau.

Registro também do Armazém Emílio Romani & Weiss, grande empório localizado no Largo Tiradentes nº 42, num sobrado ao lado do palacete Macedo-Pinheiro Lima, vizinho da casa dos padres e da casa da família Lysímaco Ferreira da Costa, depois demolidas para alargamento da rua do Nogueira (Barão do Serro Azul).

Ofertava *secos e molhados*, vinhos italianos em bordalesas, vinhos *chianti* em caixas, *cognacs* legítimos trazidos de França, *Fernet Branca*, *Vermouth* e licores europeus. Aguardente em pipas, querosene, “phosphoros”, puríssima farinha de trigo, sal marinho, açúcar, café e bacalhau norueguês importado de Portugal. Cerveja alemã *Franziskaner* e de outros gêneros do estrangeiro e do país. Prometia preços razoáveis.

O negócio seria o embrião da próspera indústria curitibana de Açúcar e Café Diana, de Emílio Romani e seus descendentes, existente até hoje.

João Lazzarotto, hoje com 85 anos, irmão do grande artista Poty, me contou que *il signor Emílio Romani* cultivava hábil estratégia para arrumar clientes para o seu mercado atacadista: *acompanhava todos os enterros nas colônias em redor de Curitiba. Quando os cortejos paravam diante dos armazéns para os homens tomarem pequeno trago consolador; ele entrava e oferecia seu açúcar. Na versão teria ficado*

rico assim, esforçado e bom vendedor. Lazzarotto contou ainda que Emílio Romani era generoso com seus caixeiros e carregadores. Periodicamente levava-os ao Vagão do Armistício. Oferecia-lhes almoço. O risoto delicioso preparado por minha mamma Júlia Tortato Lazzarotto. O vinho Chianti, que o velho Romani trazia em caixas, servido por meu pai Isaac Lazzarotto. Lembro-me que, no verão, ao tempo da colheita, Romani também trazia muitas caixas de deliciosas uvas de Santa Felicidade e Colombo. Tantas que acabava sobrando. Então, Poty e eu as distribuíamos à piazzada da vizinhança do Vagão.

Conheci o esguio e elegante Mário Romani, amigo da família da Margarita, homem refinado, de porte aristocrático. Parceiro de Newton Carneiro, então secretário da Cultura do Paraná, quando da inauguração da Biblioteca Pública, importou desde a Itália centenas de Livros de Arte, Arquitetura e Filosofia, doados com propósito civilizatório. Presente em todos os concertos da Pró-Música, Mário vivia meio ano aqui, meio ano na Itália. Sua sobrinha Diana Romani, casada com o pintor florentino Carlo Fineschi, erigiu uma “Villa” à beira-mar na ponta da Praia Mansa de Caiobá, com torreão em cantaria de pedra, obra predileta de meu tio Angelim Greca. Mário, após os espetáculos no teatro e os concertos, costumava jantar no Ile de France.

Era um árbitro de elegância. No restaurante Ile de France, Margarita e eu saboreávamos sua prosa bem informada, narrando as exposições dos museus italianos, os restauros de arte em voga na península e a temporada de ópera, fosse em Roma, fosse no Teatro alla Scala em Milão, fosse no exigente Teatro San Carlo de Nápoles. Distraindo, um dia veio jantar com um pulôver azul-marinho puído no cotovelo. Quando percebeu, sorriu e, com olhar de “não estou dando bola”, disse: “Scuzzi, rato roeu...”. Brinquei com ele: *o rato roeu a roupa do rei de Roma*. Era assim que o víamos. Não fomos ao seu enterro. Deixou Curitiba e foi morrer na Cidade Eterna.

Ainda entre as muitas firmas artesanais, industriais e comerciais curitibanas criadas por *oriundi*, destaca-se a Marmoraria Vardânega. O jornal *Dezenove de Dezembro* da quinta-feira de 27 de fevereiro de 1879, então já propriedade da viúva Lopes, publicou anúncio sobre a “Grande Officina de Mármore” do mestre Bortolo Vardânega, instalada no número 84 da



Fachada da Marmoraria Vardânega.

rua das Flores esquina com Rua da Assembleia.

Assegura ter recebido grande sortimento de mármore italiano vindo no último vapor, com estátuas, colunas, urnas e cruzeiros trazidas de Veneza e Carrara. Oferece arte cemiterial, com túmulos para adultos e “anjos”, as lápides com letras douradas ou pretas, bordadas ou góticas; detalhes de arquitetura e mobiliário, almofarizes, pedras para mesas e sacadas. Promete fazer qualquer trabalho pertencente à sua arte com grande perfeição e prontidão.

No ano seguinte, a marmoraria mudou-se para a rua do Cemitério, perto da atual praça Garibaldi. Em 1893, quando o patriarca e fundador Bortolo Vardânega voltou para a Itália, seu filho Francisco associou-se a Ricardo Baggio, fundando nova firma, a Vardânega & Baggio, estabelecidos no Largo Tiradentes nº 43, perto da nova Catedral. Sua empresa foi distinguida com Medalha de Prata na Exposição Nacional de 1908, no Rio de Janeiro. Os Vardânega usavam mármore de Carrara importado da Itália e mármore do Paraná – quase lunar na sua textura –, das pedreiras do maciço da Ribeira, Purunã e Cerro Azul.

Também fabricavam belíssimos “ladrilhos hidráulicos” com desenhos e texturas clássicas, além de painéis em mosaico veneziano.

Depois de nova mudança, agora para o nº 12 da rua do Rosário, Francisco Vardânega viajou à Itália para promover a firma, trazendo outra medalha de prata, dessa vez da Exposição Internacional da Indús-

tria de 1901, em Turim, capital real do Piemonte, cidade dos reis Savoia. Quando Ricardo Baggio morreu, em 1918, a firma passou a ter outro sócio, dessa feita Eduardo Vardânega, filho e aprendiz de Francisco.

Chega a energia elétrica para acionar prensas e máquinas de polimento.

Em 1927, aos 68 anos de idade, Francisco Vardânega aposentou-se. Eduardo mudou o nome do negócio para Marmoraria Vêneta – evocação das origens da família. Ele era um artista completo, capaz de esculpir em mármore e modelar em cimento e gesso. Mereceu a Medalha de Ouro da Exposição do Paraná de 1929. Em 1944, a firma torna-se Vardânega & Filhos, com a entrada de Álvaro e Renato Hugo. Em 1952, a morte súbita leva o pai para a Eternidade. Os Irmãos Vardânega registram sua empresa que, na quinta geração, dura até hoje.

Em 1901, o italiano Biaggio Grisolia, aqui chamado seu Braz, comprou, na rua Riachuelo, um imóvel de propriedade de Pedro Pacheco da Silva Neto, para ali abrir sua Sapataria Perseverança. Morava no apartamento sobre a loja com a mulher, Diomira Carnasciali Grisolia. Mais tarde, em sociedade com o cunhado Antônio Carnasciali, abriu sortido armazém de secos & molhados na praça Generoso Marques, defronte ao então Mercado Municipal, que seria demolido para dar lugar ao Paço.

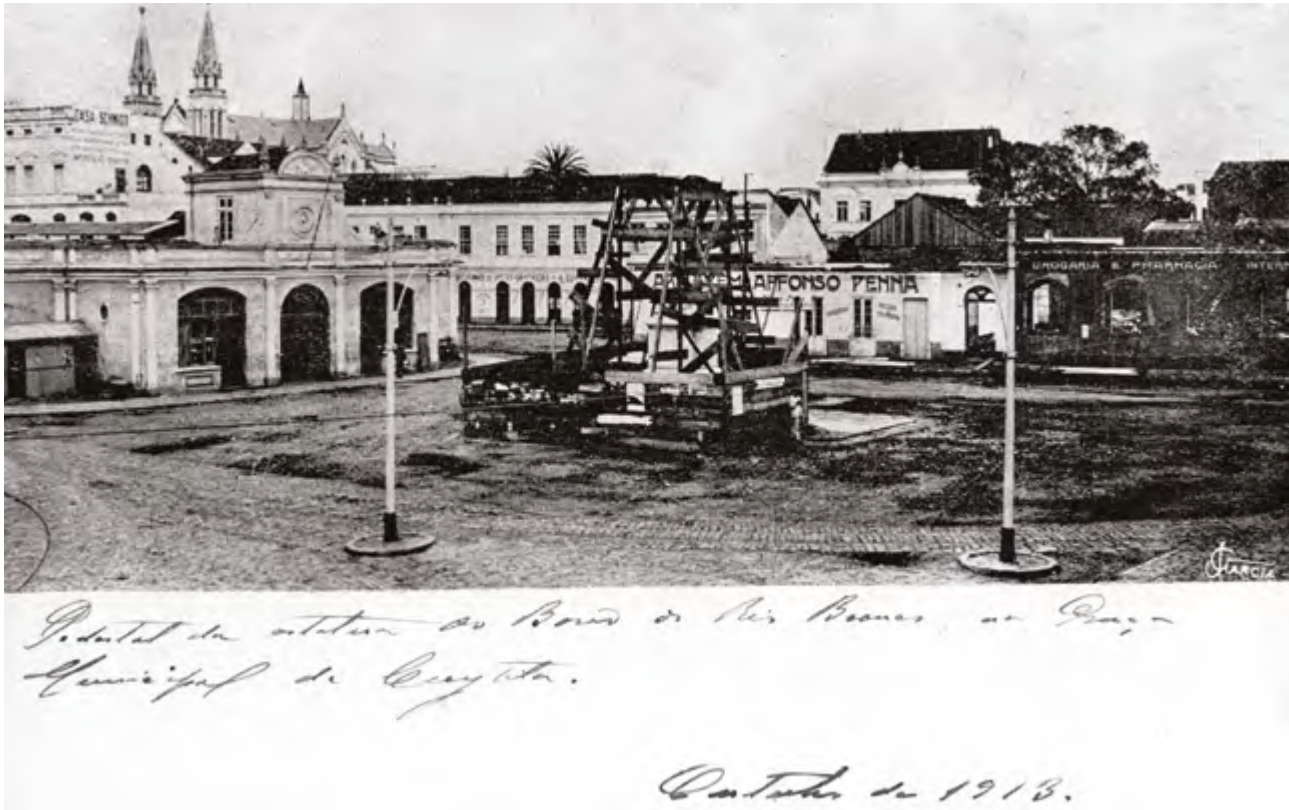
Conheci nora e neta desse Braz Grisolia. A nora, dona Annunziata Grisolia, era uma das mais serenas e bonitas senhoras da sociedade curitibana, de porte hierático e lindos cabelos, sempre muito bem arranjados em coque. A neta, Lêda Grisolia, colega da minha sogra Margarita Fany Aracelli Pericás, foi diligente bibliotecária do Clube Curitibano, dileta amiga da família e devota fervorosa de Santo Antônio de Pádua.

Quando eram moças, Margarita Fany e Lêda divertiam-se com o apelido “a Galinha”, dado a uma amiga. E não é que se parecia mesmo com uma penosa! Olhinhos pequenos redondos, pescoço curto, cabelos cor de palha.

Leda e dona Annunziata contavam com orgulho sobre o irmão e filho “pracinha”, Alceu Grisolia. Engenheiro convocado ao front da II Guerra Mundial, sobreviveu. Enfrentou o desafio de lutar contra a Itália de seus avós pelo Brasil que os acolhera. Lêda viveu até quase o final de sua vida no centro de Curitiba.

Na idade madura, as Grisolia foram morar





Largo do Mercado Municipal, 1913. Atual praça Generoso Marques.

em confortável apartamento no Edifício do Inter-Americano, no Largo Bittencourt, ao lado do Teatro Guaíra, vizinhas de porta da avó da atriz Leticia Sabatella. Dona Annunziata foi sepultada em Curitiba, com o carinho da filha e dos amigos. Lêda morreu fora da cidade, em casa de parentes paulistas. Não mereceu, como penso seria seu desejo, descanso no túmulo da família no Cemitério Municipal, onde repousam sua mãe e seus avós.

Não longe da rua Riachuelo, na quadra debaixo, Treze de Maio esquina com Presidente Faria, existiu o posto de gasolina da família Ciccarino, com bombas fornecedoras de diesel e gasolina marca *Texaco*. Dona Olga Ciccarino e a irmã, vizinhas de meus avós, eram as proprietárias. A firma Raphael F. Greca tinha ali conta corrente, com pagamento no final do mês.

Os bairros de Curitiba conheceram várias bodegas e armazéns abertos por *oriundi*. É o caso do famoso Botequim do Fortunato, o primeiro armazém no bairro do Parolim, aberto em 1936, na avenida Marechal Floriano, por Fortunato Berno.

Ou do Bar Botafogo, na avenida Manoel Ribas 750, do meu primo “Queixo”, um neto de tia Amália Gasparim Mazzarotto que não virou padre, numa família onde quase todos os homens foram consagrados.

Na esquina da Trajano Reis com a Inácio Lustosa, ficava o “Armazém Hilário” desde 1941. Proprie-

dade do próspero comerciante Hilário Manoel Moro, casado com nossa prima Rosalinda Gasparim Moro, pais do nosso compadre Marlus Moro, famoso cirurgião preventivo de epilepsia e professor de Neurocirurgia da Faculdade de Medicina da Universidade do Paraná. Marlus é casado com a uruguaia Marta Fabri Moro, nascida em Montevidéu, hoje curitibana apaixonada. Mais tarde, os Moro construíram um prédio na esquina da Mateus Leme com Xavier da Silva, no terreno onde haviam fundado o armazém nos idos de 1938.

O Armazém Hilário resistiu ainda por longos anos após o falecimento do proprietário, em 1973. Vendiam lúpulo americano para fabricação de cervejas caseiras, tamancos e alpargatas, sal grosso, urinóis de ágata, ferros de engomar aquecidos por brasas, bacalhau norueguês, móveis de polaco estofados com palha de milho trançada, azeite e vinagre a granel. Açúcar mascavo para colorir “pés de moleque”, polvilho da Lapa, gêneros alimentícios. O gerente era Vitório Gasparim, também nosso primo da Colônia Gabriela. Garantiu o suprimento do estoque por 45 anos. Começou a trabalhar aos 13 anos. Contou-me que, *no racionamento do tempo da II Guerra, cada freguês só podia comprar 5 quilos de cada gênero alimentício por mês.*

Em 1904, imigrante com o mesmo sobrenome do famoso tenor napolitano, Giuseppe Caruso chegou a Curitiba, a esposa Rosa Cesarino grávida de Nerone,



Família Dariva no bairro Campina do Siqueira, quarteirão do Paiva.

seu terceiro filho. Antonio Nerone Caruso, nascido em Curitiba, começou logo cedo a trabalhar com a família Romanó – tradicional casta de confeiteiros. Tornou-se especialista em docinhos miúdos e salgados pequenos, apropriados para recepções e aperitivos, servindo na Confeitaria Romanó. Casou com Erna Victoria Wittig, filha do alemão doutor Paul Wittig. Em 1926, tiveram o primeiro filho, Nerino Caruso, conhecido como “Bábi”, e seis anos depois, em 1932, Enrico Caruso, o caçula.

Quando ficou em idade de namorar, este Enrico Caruso – homônimo do cantor de óperas – conheceu a também curitibana Gladis Heidmann, neta de alemães e italianos, com a qual se casou em 1954. No mesmo ano, abriu a Merceria Caruso, na Visconde do Rio Branco quase esquina com a rua do rio sombreado de chorões. Nunca me disseram se gostavam de ópera, esses “Caruso” curitibanos.

O maior cantor de óperas de todos os tempos, Enrico Caruso (1873-1921) nasceu em Nápoles, ao sopé do Vesúvio, onde o litoral mediterrâneo recorta a praia de Santa Lucia. Formou-se para a música junto ao Teatro San Carlo, ao lado da Reggia de Nápoles, o palácio dos soberanos locais. Estreou no San Carlo em 1894, aos 21 anos, ovacionado pela exigente plateia e pela crítica italiana. Tinha um potente agudo jamais registrado entre cantores. Gravou sua voz nos primeiros discos de cera, em Milão, já em 1895. Empolgou Nova York, atuando no Metropolitan Opera House e gravando LPs de 48 rotações da RCA Victor. Chegou a vender 1 milhão de cópias da sua interpretação da ária “Vesti la Giubba”, da ópera “I Pagliacci” de Leoncavallo. Brilhou como Radamés na “Aída” de Giuseppe Verdi. Giacomo Puccini compôs especialmente para ele. Lucio Dalla imortalizou-o em “Caruso”, canção popular



Bairro dos Parolim. Casa de Antônio Parolim na Brigadeiro Franco, 4527, entre travessa Livorno e rua Acácio Correa.

italiana. Margarita e eu adoramos ouvi-lo cantar “Una Furtiva Lágrima, nei ochi suoi spuntó...”, ária da ópera “L’elisir d’amore”.

Nas décadas de 1960 e 1970, vizinha da loja de lãs e artefatos de tricô de dona Gladys, a Merceria Caruso vendia de tudo: salames, presuntos, queijos. Distinguiram-se as coisas feitas em casa – fabricação própria –, quais sorvetes cremosos de leite fresco, *apfelstrudell* (torta de maçã com massa folhada muito fina, receita da avó Heidmann), sonhos recheados com nata batida na hora e empadas de massa “podre” e folhada, preparadas por Enrico Caruso.



Empadas Caruso. Apoiado no balcão da Merceria, Enrico Caruso, 1957.

Os produtos típicos de merceria foram desaparecendo do balcão na proporção em que as empadinhas do Caruso seduziam os *gourmets* curitibanos, recheadas de palmito, frango, camarão, ovos e linguças Bizinelli. O estabelecimento tradicional, componente do que eu chamo de “sabores de Curitiba”, persiste na terceira geração, dirigido por Guilherme, neto de Enrico, filho de Silvana Caruso.

No vale do rio Barigui, a meio caminho entre o Seminário, a antiga chácara de Santos Andrade e a



Colônia de Campo Comprido, os Bizinelli, em 1936, abriram seu frigorífico. As linguiças Bizinelli, feitas artesanalmente, com carnes escolhidas e caprichoso preparo, tornaram-se desde então um dos “sabores de Curitiba”.

Tive a alegria de conviver com dona Maria Bizinelli, funcionária exemplar da Prefeitura de Curitiba. Alma bondosa, servidora atenciosa, morava numa viela atrás da igreja de Nossa Senhora Aparecida do Seminário. Fazia o cafezinho no gabinete dos prefeitos. Muito carinhosa comigo, ficou junto do primeiro ao último momento da gestão. Era da nossa extrema confiança. A 31 de janeiro de 1996, quando deixamos o gabinete no Paço 29 de Março, dona Maria nos serviu um cafezinho, dizendo: “Um bom prefeito merece café quentinho, passado na hora, até o último momento. Comigo não tem essa história de oferecer café frio na hora em que o prefeito está de saída, perdendo o poder”. Hoje, Maria Bizinelli empresta seu honrado nome à rua do frigorífico onde são fabricadas as linguiças Bizinelli.

Ao contemplar o armazém do Nelson Geronasso, aberto em 1947, a noroeste de Curitiba, impossível esquecer a saga de Ludovico, o patriarca da colina da Boa Vista, nascido na Itália em 1843. Chegou a Curitiba em meados de 1880, onde casou com Judith Coper, mãe de seus sete filhos. Deles nasceram 47 netos. Quando Ludovico comprou as terras de dona Escolástica Silveira Meira – quase todo o atual bairro da Boa Vista, uns nacos do Cabral e do Bacacheri –, introduziu nova modalidade de cultivo de cereais, aveia, trigo, centeio e milho. Morreu em 1918. Na proporção em que seu espólio foi sendo partilhado, nasceu o bairro atual.

Tem mão dos Geronasso nas paredes da igreja de Santo Antônio da Boa Vista, dos colégios N. Sra. do Rosário, Ermelino de Leão e Papa João Paulo I. Até a Escola Municipal Ricardo Krieger, que eu construí e inaugurei, foi erguida num terreno deles, com desapropriação amigável.

Defronte à Estação Central de Curitiba, no término da linha férrea, onde a rua Barão do Rio Branco, antiga rua da Liberdade, encontra a Sete de Setembro, tornou-se muito cobiçado o ponto comercial. Lá funcionaram endereços curitibanos de hospitalidade, o Hotel Tassi e o vizinho Hotel Roma, este da *famiglia* Mattana, que também deu a Curitiba as famosas estilistas de moda e bordadeiras Sorelle Mattana, duas irmãs de quem se dizia possuírem au-

tênticas *mãos de fada*.

Hoje o Hostel Roma, no número 805 da rua Barão do Rio Branco, funciona no edifício restaurado, padrão quatro estrelas, bem defronte da estátua do “Semeador”, de Zaco Paraná. Ao seu lado, incendiado por volta de 1960, resta em ruínas, a merecer restauração, o antigo Hotel Tassi.

Publicado pela Fundação Cultural de Curitiba em 1991, o livro *Hotel Tassi – O Antigo Hotel da Estação*, escrito por Elisabeth Tassi Teixeira e ilustrado por Poty Lazzarotto, promove na nossa memória a sua reconstrução, através de 96 fotografias de Santo Tassi, filho dos fundadores do estabelecimento, os imigrantes vindos desde Mantova, na Itália, Angela (Puglia) e Angelo Tassi.

Durante a travessia do oceano Atlântico, a bordo do navio francês Hindoustan, a família Puglia – Dona Annunziata e seus quatro filhos – sofreu uma tragédia, a morte repentina do marido. A viúva grávida e quatro órfãos comoveram todos os passageiros, pelo seu pranto copioso, no momento em que o corpo do bem amado era sepultado no mar.

A filha mais velha de Puglia, Angela, tinha então apenas 16 anos. O jovem imigrante Angelo Tassi, *ragazzo* de 27 anos, enamorou-se da bela menina. Compartilhou a dor da perda, desistiu de desembarcar em seu destino pré-marcado para o porto de Santos, para acompanhar os Puglia até Paranaguá, com destino final em Curitiba.

Aqui chegados, Angela Puglia e Angelo Tassi casaram. Embora tivesse, anteriormente, trabalhado em hotelaria na Suíça, Tassi engajou-se no operariado italiano da ferrovia em acabamento. Moraram um tempo numa chácara, até conseguirem comprar, do padre Domenico Piacente, o terreno na esquina da rua da Liberdade com a rua da Estação, onde construíram, com muito sacrifício, modesto armazém e casa de morada, fruto de suas economias.

Ali vendiam pratos feitos para carroceiros, soldados, operários e viajantes desembarcados dos trens. Com o passar do tempo, vendo que muitos fregueses pediam “pouso”, os Puglia Tassi abriram, em 1890, o Hotel Estrada de Ferro, ou, como diziam entre si, “Il Albergo Ferrocarrile”.

Tiveram sete filhos: Santo (1890-1975), João (1891-1968), Catarina (1893-1973), Paulina (1897-1967), Ignez (1898-1971), Afonso (1909-1985) e Carlo, que morreu aos 17 anos, em 1917, quando estudava na Itália. Criaram ainda uma sobrinha, Zuzette Puglia Podelecha Boué, que perdeu os pais aos 7 anos e veio morar com os tios, considerada filha.

Prosperaram e ergueram o complexo arquitetônico do Hotel Tassi, que se tornou confortável, depois luxuoso para a Curitiba da época. Funcionou além-morte de Angela, em fevereiro de 1933. Hotel afama-

do em todo o Brasil, durou até 1942. O pintor italiano Guido Viaro, ao chegar em Curitiba, morou ali.

Alugado, o hotel passou a se chamar Continental. Mesmo assim, dois herdeiros solteiros, João e Paulina Tassi, continuaram morando numa parte do prédio. Em março de 1951, Angelo Tassi morreu, dias antes de completar 90 anos. A família vendeu a propriedade para o grupo madeireiro industrial Slaviero.

Entre os herdeiros dos *nomos* Angela (Puglia) e Angelo Tassi está a talentosa pintora Maria Angela Tassi, senhora desembargador Simões. Ela era o mais belo dos “Anjos de Primeira Comunhão” da Igreja do Rosário quando dona Gabrielinha Macedo ali promovia o encerramento da catequese dos alunos da Escola Particular Dona Lulú Seiler Veiga. A escola, de primeira a quarta série, funcionava junto à residência da dedicada educadora, na rua Treze de Maio.

Loira como um anjo de Botticelli, Maria Angela Tassi luzia asas de plumas brancas, diadema e cinturão de metal dourado, o camisolão de cetim azul a combinar com seus belos olhos. Tinha por missão litúrgica acompanhar os catecúmenos até a mesa sagrada. Enquanto acompanhados pelo sonoro órgão, as crianças cantavam: *Chegou o dia da querida festa / Chegou a hora em que vamos comungar! / A inocência brilha em nossa testa / Queremos Deus a Jesus amar.*

Essa piedosa Gabrielinha Macedo, prima de meu pai, moradora de confortável sobrado na subida da rua Trajano Reis, mantinha afamada escola de culinária, onde as moças casadoiras das melhores famílias curitibanas aprendiam a fazer o cardápio “trivial ligeiro”. Lá, durante vários anos, o *chef* parnanguara mestre Klecius de Assis também ministrou cursos de banquetes e de arranjos de Natal e de Páscoa.

Nas imediações da estação de trens também funcionou o antigo “Hotel Brotto”. O palacete de dois andares lá está a merecer restauro.

Entre os comerciantes italianos de Curitiba, fabulosos mestres sapateiros, artífices do corte, recorte e modelagem de couros e tecidos. Lembro do velho *calzolaio* Bini, avô do professor e crítico de arte Fernando Bini, nosso vizinho do Alto de São Francisco. Recordo-me ainda do Signore Daquino – ou Seo Daquino –, na minha infância uma sapataria muito movimentada e requisitada. Ficava na rua Barão de Antonina, quase esquina com a Mateus Leme.

Outra saga de *oriundi* é a dos proprietários da fábrica de chocolates ICAB – parte da identidade de Curitiba no século XX. Em 1934, Tagliere Vergano abriu na rua XV, em Curitiba, sua *fattoria di cioccolato*, com a proposta de empregar cacau brasileiro na confecção de delícias de chocolate, conforme aprendera na Itália, na *Antica Industria di Cioccolato Affini*, endereço tradicional da cidade de Bologna, conhecida como *la dotta e la grassa* – cidade “douta”, porque é dali a primeira universidade da Europa, e cidade “gorda”, porque são inigualáveis suas possibilidades gastronômicas.

O negócio, chamado *ICAB – Indústria de Cacau Brasileiro* –, foi comprado por outro italiano, Luigi Muffone, em 1950. Luigi era casado com Dejanira Lacerda Muffone, dona Dejá, da tradicional família baiana do engenheiro Lacerda, construtor do elevador que liga a Cidade Alta à Cidade Baixa, no centro de Salvador. Dona Dejá divertia-se ao lembrar que sua cidade natal e Curitiba comemoravam fundação no mesmo dia 29 de março. *Só que a minha é mais velha*, sorria, com todo o sotaque e a doçura da sua baianidade. O casal Lacerda Muffone é pai de Giovanna Muffone (Tutuca), dono do antiquário Porta Portese – loja de móveis, tapetes, telas, porcelanas, prataria, lampadários e fotografias, na praça Garibaldi, vistosa vitrine na esquina das ruas Doutor Kellers e Muricy, ao lado do Relógio das Flores e dos tradicionais restaurantes Baviera e Sacristia, endereços do centro histórico de Curitiba.

Curitiba, por herança europeia, teve outros antiquários de bom acervo: o *Louvre* de dona Ketty Meiss, alemã elegante, cabelos avermelhados e pele clara e muito bem tratada. Oferecia notáveis objetos de adorno, em sua maioria franceses e alemães. Seu último endereço foi a loja da rua Saldanha Marinho com Muricy. Também ofereceram antiquariato o italiano Ivo Ferro, na rua Cruz Machado, e o alemão Raul Reinhardt, na sua residência à sombra das magnólias da rua Inácio Lustosa. Coisas do século passado, o nosso século XX. Notável ainda a galerista de arte Nini Barontini, animadora cultural da nossa cidade.

Imigrantes chegados depois da Segunda Guerra Mundial, a *famiglia* Caliceti, vinda de Bologna, abriu em Curitiba apreciado endereço gastronômico. Primeiro, empório e salão de pasto, no começo da rua Carlos de Carvalho, entre a Cabral e a Voluntários. Entrava-se pela cozinha, o laboratório de fabricação das massas visível de todos, através da vitrine que iluminava o corredor de acesso. No centro do aconchegante salão decorado com “memorabilia” penin-





Praça da Estação, atual Eufrásio Correia, 1915.

sular, uma grande lareira onde ardiam nós de pinho, nas noites de inverno.

Serviam ali – Mima, sua Mama, seu pai, seus irmãos – especialidades da mesa bolognesa, como *tortellini* verde com ricota e molho de quatro queijos, nhoque ou talharim na manteiga, vitela assada ao forno, fartura de antepastos, presunto cru, alcachofras, tomates confitados, burrata e cesta de pães rústicos.

O restaurante dos Caliceti também se tornou um centro cultural, seja pela acolhida de visitantes ilustres da cidade, seja pelas suas promoções gastronômicas. Certa feita, a convite da Mima, vieram para uma palestra, no “restaurante” da rua Carlos de Carvalho, as Sorelle Simili, descendentes de uma dinastia de fabricantes de pasta fresca e pães. Duas adoráveis senhoras, dirigentes da escola de culinária mais respeitada da cidade de Bologna, um fenômeno midiático na Itália e na Europa.

Lembro-me de ter ouvido Margherita contar que seu pai e seu tio, todas as madrugadas, levantavam ainda antes da aurora, para olhar o barômetro, sentir a brisa, e só então definir qual tipo de levedura de fermento usariam. O sucesso do pão e da pasta era saber usar um fermento adequado à umidade do ar; especifica a cada dia.

As chefs Margherita e Valeria Simili, as Sorelle Simili, irmãs gêmeas, mestras na arte de fazer massas e pães artesanais, publicaram na Itália *Sfida al Mattarello – ou Desafio ao Rolo de Macarrão* –, ilustrado com 1.080

fotos de diferentes receitas, 70 mil exemplares já vendidos até 2015.

Foi após um jantar no Bologna, que reuniu a equipe do Habitat/ONU, o presidente do BID Enrique Iglesias e eu, então prefeito de Curitiba, que consegui a maior parte dos recursos do BID (Banco Interamericano de Desenvolvimento) para nossa cidade, num empréstimo internacional que nos permitiu construir todas as Ruas da Cidadania, asfaltar 140 km de vias onde transitavam ônibus urbanos e implantar a Rede Integrada de Transporte Metropolitano. Os comensais, encantados com Curitiba e com a boa mesa, me desafiaram a ver se os serviços municipais realmente funcionavam.

À sobremesa, já meia noite passada, mandei vir uma van, coloquei todos dentro, e lá fomos nós aos postos de saúde do Sítio Cercado, da Fazendinha e do Campo Comprido, ver o atendimento. Felizmente, tudo estava em serena ordem, todos os médicos nos seus postos, até sobravam alguns, dormindo no alojamento do posto. Depois seguimos para a FAS SOS na rua Conselheiro Laurindo, o local de acolhida das populações em risco de rua. A inspeção revelou um serviço humanitário, em ambientes muito limpos e saudáveis. À saída, lavavam a rua com água e sabão, e um funcionário da URBS lavava a estação tubo. Naquela noite, em outubro de 1995, com esse passeio insólito, conseguimos do Banco Interamericano tudo o que pedimos e mais um pouco. Enrique Iglesias, sempre espirituoso, saiu-se com esta: *Isto não é uma cidade, é uma ópera italiana!*

MARIA FALCE DE MACEDO, A PRIMEIRA MÉDICA



Registro profissional da primeira médica de Curitiba e do Paraná. Formada em 1919.

Nasceu filha de imigrantes italianos, a menina curitibana Maria Falce, a 15 de janeiro de 1897. Seus pais, Pietro e Philomena Falce, eram proprietários da Empresa Funerária Falce, a primeira a providenciar pompas fúnebres à altura de uma capital europeia. A empresa, localizada na rua Saldanha Marinho esquina com rua do Rosário, além do amplo armazém e depósito de caixões, possuía estábulos para abrigar as carruagens fúnebres e as parelhas de cavalos para os enterros. Brancos para inocentes crianças e finadas donzelas, pretos para defuntos adultos, fôssem homens ou mulheres. Assim pediam o costume e os ritos fúnebres da época.

A alegre família de *oriundi* morava no andar superior do prédio onde funcionava a funerária – necessária indústria que serve à tristeza do final da vida. O negócio, tendo concorrentes como a Funerária Stepheld e a Funerária São Francisco, durou meio século, mantido pelos Falce até o final da década de 1940, quando foi vendido à hoje também tradicional Funerária Pires.

Desafiando os costumes da então conservadora Curitiba, Maria Falce, filha do papa-defuntos, entrou na primeira turma de alunos da Faculdade de Medicina da recém-criada Universidade do Paraná, já em março de 1914. Recebeu anel de esmeralda e graduação em Medicina em 12 de dezembro de 1919. No exame final, aprovada com *summa laude*, mereceu a nota 9,9, pois a nota 10 era exclusivamente reservada aos professores, como lhe explicaram os membros da banca examinadora.



Logo depois da colação de grau, casou-se com seu colega de curso, doutor José Pereira de Macedo.

Em 1925, a doutora Maria Falce de Macedo enfrentou outro desafio ao aceitar a regência da disciplina de Química Orgânica e Biologia Médica dos cursos de Medicina e Farmácia da Universidade do Paraná. Quatro anos mais tarde, ascendeu às cátedras dessas mesmas disciplinas. Acontecimento inédito no Brasil. Curitiba tinha sua primeira médica elevada à primeira mulher catedrática. Lecionou por 41 longos anos, muito popular entre os alunos e alunas. Aposentada, recebeu, das mãos do reitor José Nicolau dos Santos, em sessão solene da UFPR, o título de “Professora Emérita”.

No final da vida, entrevistada pela revista *Manchete*, editada por Adolpho Bloch no Rio de Janeiro, Maria Falce disse: “As moças de Curitiba não falavam comigo, porque era feio o que eu fazia. Onde já se viu mulheres e homens na mesma sala de aula, mexendo em cadáveres sem roupa!”.

Maria e o marido, em 1922, propuseram-se fundar pioneiro Laboratório de Análises Clínicas, o primeiro de Curitiba e do Estado, na rua Conselheiro Laurindo esquina com Marechal Deodoro. O Labo-

ratório Falce de Macedo prestou serviços de análises clínicas por mais de 20 anos.

A doutora Maria Falce teve por estagiária Fani Frischmann, habilidosa moça judia que, depois de formada, assumiria o Laboratório, junto com seu marido, o também médico Oscar Aisengart. Era já o ano de 1945.

Quando ficou viúva, em 1965, Maria Falce de Macedo foi morar com seu filho Diogo e seus netos, numa chácara sombreada de araucárias, no chamado Ahú de Baixo. O endereço então era Estrada do Cassino Ahú 253. Hoje rua Brasilino Moura, local do antigo potreiro para alimentar os cavalinhos da Funerária Falce.

Ali, a cientista e médica pioneira passou seus últimos anos de vida, cercada do carinho dos netos. Doceira de mão cheia, pianista e poliglota, fluente em italiano, francês, inglês e latim, divertia-se tentando ensinar alguma coisa à piaçada. Entrou para a Eternidade em 24 de abril de 1972. Foi biografada pela professora Maria Nicolas, no seu livro *Pioneiras do Brasil*. Os descendentes viveram até 2005 na residência de Maria Falce de Macedo, quando o imóvel foi vendido. Naquele endereço ergue-se hoje a sede da OAB-PR.



A Funerária Falce preparou o funeral do Cel. João Gualberto Gomes de Sá, morto no Combate do Irani a 22 de outubro de 1912.



Funeral de João Gualberto.



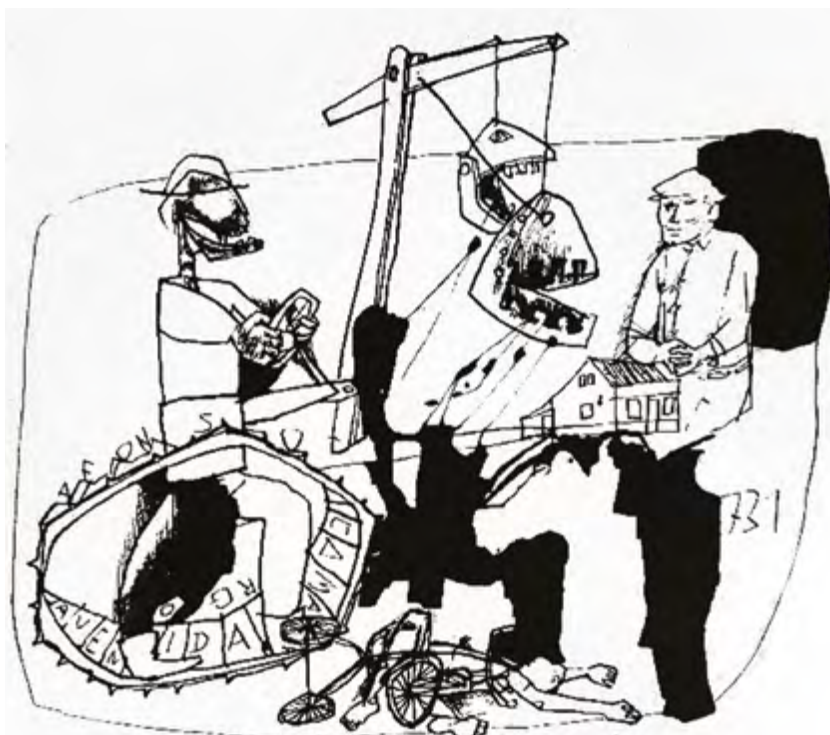
Alunos da doutora Maria Falce, turma Mário Braga de Abreu.

OS LAZZAROTTO, A TRIBO DE POTY



Desenho feito por Poty junto com o autógrafo do seu livro biográfico, escrito por Valêncio Xavier.

(embaixo) Desenho autorretrato de Poty no final da vida, com chinelo de dedo e boné.



Desenho do requerimento de Poty ao prefeito Jaime Lerner pedindo que evite a demolição da casa dos Lazzarotto na Av. Afonso Camargo.

Os Lazzarotto, a tribo do Poty, tinguís transplantados do velho mundo, moraram no nº 731 do caminho do Cajuru, avenida Barão de Capanema, hoje Affonso Camargo. A casa da família, de fachada em alvenaria e paredes internas de madeira, tinha um sótão sob o telhado, apoiado em sólido frontão. Era casa mista, atendendo antiga postura municipal proibindo, por serem acanhadas e indecentes, fachadas em tábuas e ripas de madeira nas avenidas de Curitiba.

Eu, quando prefeito, em 1993, revoguei essa obtusa proibição, postura municipal de 1905. Sei do valor e do acolhimento das casas de madeira, úteros da nossa terra a abrigar a nossa gente. Imaginem proibir madeira, logo na capital do Paraná, que então vivia da extração de pinho e da imbuia.

Quando a casa foi demolida, para alargar a avenida Affonso Camargo, em 1974, Poty Lazzarotto dirigiu ao então prefeito Jaime Lerner um peculiar requerimento ilustrado: a Morte pilotando o terrível trator demolidor, a bicicleta do piá esmagada pela máquina, o vulto do pai tentando proteger a casa da família. Na mudança, Poty subiu no sótão, distraído, já tinham tirado as tábuas, caiu de boa altura, quebrou-se, indo





Poty Lazzarotto e Helena Kolody na Festa da Ordem em 1993. Ambos autografavam um poster com a reprodução de uma obra do artista.

parar nas mãos do ortopedista Hanz Riegler.

O maior artista de seu tempo, expressão da Luz dos Pinhais, alma curitibana, mestre de vida, Poty Lazzarotto, amigo de meus tios e do meu avô Raphael Francesco Greca, me tratava por “Grequinha”. Conheci-o ainda menino no britador de granito da avenida Sete de Setembro, propriedade da minha família.

Napoleon Potyguara Lazzarotto nasceu a 29 de março de 1924, no mesmo dia de Curitiba, numa casinha de madeira no Capanema, bairro pobre de ferroviários. O menino recém-nascido ganhou nome de imperador.

O horizonte era dominado pelo imponente Colégio Cajuru, erguido pelas freiras francesas de São José de Chambéry, orgulho das famílias católicas da capital. Ali também o moinho *Anaconda* – de farinha de trigo –, processado por moleiros portugueses.

A paisagem compunha-se com banhados cobertos de juncos e copos de leite, meandros da foz do rio Juvevê que, correndo a céu aberto, despejava suas águas em degrau no caudaloso rio Belém. Havia as casas de tábuas e ripas, alugadas pelos ferroviários,

do velho Tassi. Mais para o centro da cidade, a Estação Central da Estrada de Ferro, depois dos barrancos da Ponte Preta, apoiados em sólidas muralhas de granito rosa erguidas por meu avô pedreiro.

O pátio de manobras da estrada de ferro era o local de trabalho do pai do artista, o ferroviário Isaac Lazzarotto, guarda-freios que chegou a chefe de trem. Poty fez seu retrato caminhando por sobre os vagões, pulando em cima do trem em movimento, o cachecol desenrolado ao vento frio das manhãs de Curitiba.

Dele escreveu: *Meu pai me incentivava bastante nos desenhos. Com muito sacrifício comprava cadernos e lápis para eu desenhar. Como ficou “descontado”, num acidente de trem, foi aposentado por invalidez antes de eu nascer. Tinha penhores artísticos, esculpia coronhas de espingarda em imbuía de dormentes, fixando nelas a cara do freguês, fosse gordo ou fosse magro. Para cada um tinha um tipo, o serviço personalizado.*

Também fundia “Santas Ceias” em metal, moda nas salas de jantar da burguesia daquele tempo. Não

sei como arranjou um molde para fundição. Comprava e catava tudo que fosse de alumínio – panelas velhas, leiteiras furadas, colheres tortas – e fundia. Eu e a gurizada da vinhança íamos mover o fole, alimentar a fornalha.

Mais tarde, meu pai ergueu um estábulo onde criava vacas e vendia leite. Abriu botequim na frente de casa, minha mãe é que cuidava. Depois, num vagão abandonado, reciclado em uso, minha mãe e ele passaram a servir risoto por encomenda. Nasceu o nosso “Vagão do Armistício”, alusão a um vagão ferroviário onde foi assinada a paz que pôs fim à I Guerra Mundial.



Dona Júlia e auxiliares na cozinha do Vagão do Armistício. A foto tem manuscrito de Poty evocando a memória de sua mãe.



Júlia Lazzarotto preparando a polenta - desenho de Poty no teto do Vagão do Armistício.



Isaac Lazzarotto servindo polenta. Desenho de Poty no teto do Vagão do Armistício.

Poty pintaria, já no final de sua vida, o teto desse “Vagão” com suas lembranças de infância: a mãe, os colegas ferroviários do pai, os avós proletários. Ali nós celebramos o seu último aniversário. Éramos três prefeitos de Curitiba à mesa: o Jaime, o Cássio e eu. Na época, Jaime Lerner era governador do Paraná. Margarita, que então presidia a Fundação Cultural de Curitiba, convidou um tenor italiano, munido de mandolim e sanfona, para fazer-lhe serenata. A Banda Lyra Curitibaense foi tocar o Hino de Curitiba e o Parabéns a Você. A família Lazzarotto providenciou o almoço, com copiosa e cremosa polenta brustolada, ao som de *Quel mazzolin di fiori*.

O prato foi servido cotidianamente a proletários, soldados, políticos e artistas. João Lazzarotto desfia a lista das estrelas que pisaram o seu chão, começando pelo seresteiro Sílvio Caldas; Vicente Celestino, o tenor de “O Ébrio” e de “Corcovado”; as irmãs “rainhas do rádio”, Linda e Dircinha Batista; a bela atriz loira Maria Della Costa e seu marido careca Sandro Polloni; Hebe Camargo, pioneira da televisão no Brasil; a grande poeta lírica Cecília Meirelles, com sua filha atriz Maria Fernanda; e os príncipes imperiais de Orleans e Bragança. Pena que perdeu-se o “Livro de Ouro” do Vagão do Armistício.

O interventor Manoel Ribas era frequentador assíduo. *Seu Ribas* até mandou instalar ali o telefone 2872, para poder fazer as reservas desde o Palácio São Francisco, sede do governo do Paraná. Foi ele quem deu a Poty a primeira oportunidade da sua brilhante carreira: uma bolsa de estudos na Escola Nacional de Belas Artes, no Rio de Janeiro, concluída em 1945.

Dali Poty seguiu para Paris, em 1946, onde aprendeu litografia, como bolsista do governo francês, durante 2 anos.

O menino era talentoso. Já em 1938, quando tinha apenas 14 anos, empolgara Curitiba ao publicar, no *Diário da Tarde*, a história em quadrinhos “Haroldo, o Homem-Relâmpago”. Desenhava como quem filmando estivesse. Olho mágico o desse Poty.

Júlia Lazzarotto, na cantina que funcionou de 1937 a 1960, servia 45 pessoas de cada vez, numa única mesa de pranchões de pinho. Às vezes fazia galinhadas e sopa de galo, o brodo. João Lazzarotto lembra: *Matávamos, num dia, 40 galinhas, todas degoladas, penduradas na cerca. Uma hecatombe. Quando o frango era duro, minha mãe fazia uma simpatia, colocava um prego de ferro na panela. Sabem que amolecia...*

Isso muito antes de começar a saga gastronômica e pantagruélica da polenta e risoto em Santa Felicidade. Bento, Lupion, Ney, Iberê, Ivo Arzua, Carlos Alberto Moro, Rosalino Mazziotti e Aristides Simão, estavam entre os políticos, de diferentes partidos, que





João Lazzarotto, irmão e curador da obra de Poty, dentro do Vagão do Armistício.

ali compartilharam a mesa.

David Carneiro, Valério Hoerner Júnior, Valêncio Xavier, Dalton Trevisan e Paulo Koehler foram alguns dos cronistas curitibanos desse endereço mágico. De Koehler, produtor de belo vídeo sobre o “Vagão do Armistício”, pinço dois parágrafos:

Sabe-se pouco sobre o risoto que ali chegava aos pratos. Seguiu a tradição. “Minha mãe colocava o sal na palma da mão, nivelava com a colher de pau, e nunca errava”, resume João. Os primeiros fregueses foram homens do Exército, que serviam no quartel da Silva Jardim. Os demais, artistas e políticos de cepa. Os desenhos de Poty sobre esse cenário mostram oficiais comendo sob a sombra de um chorão. Havia um quintal cheio de galinhas e de copos de leite lotando os banheiros. Nascera para ser simples como isso. Virou uma página da história local. Eis a graça.[...]

Parece mentira, tão incrível é. O “Vagão” somava três metros de largura por seis de comprimento. Pequeno e comprido, obrigava inimigos de partido a sentarem de frente uns para os outros, em armistício, muitas vezes à mercê do clique de fotógrafos do temido DIP, departamento do governo Vargas que infernizava a imprensa. Era o Brasil irmanado por um prato de risoto.

O avô materno de Poty foi Angelo Tortato, hábil marceneiro, mestre no seu ofício, primo da famosa massagista e milagrosa curandeira, hoje santa popular, *Maria Polenta*, dona Júlia Trevisan Tortato, casada com um carroceiro, depois cocheiro de enterros. Gente da Água Verde, então Colônia Dantas. Tia-avó do meu secretário Almir Tortato Bornancin.

O avô paterno, Antônio Domenico Lazzarotto, foi operário de construção. Dele contou-me o próprio Poty: *Meu avô chegou no Brasil, foi trabalhar em construção. Teve um acidente com telhas de vidro que quebraram e acabou ficando cego. Morreu quando eu tinha uns dez, doze anos. Sua mulher era francesa, Maria Roth.*



Vagão do Armistício.

Do romance, que acabou em casamento, escreveu Poty: *Minha avó, essa que aparece nos desenhos do livro “Curitiba, de nós”, eu acompanhava quando ela ia vender verduras pelas ruas de Curitiba. O nome dela era Maria Roth, casada com Antônio Lazzarotto, operário italiano que fora trabalhar em Strasburgo e dali emigrara para o Brasil. Além do meu pai, que já nasceu na Lapa, no Paraná, eles tinham uma filha nascida em Strasburgo. A avó era de Mulhose, Alsácia. Trouxe com ela livros antigos do colégio.*

O irmão, João Lazzarotto, num dos nossos jantares, entre talharim e goles de vinho tinto, revelou que a avó francesa passou a II Guerra Mundial tricotando agasalhos para os soldados do front. Foi a forma que encontrou, desde a longínqua Curitiba, de se associar à resistência ao nazismo e a bradar corajosamente “*Vive la France!*”.



Busto de Maria Polenta, parente de Poty, na praçinha da Água Verde. Obra de João Turin.

Maria Roth, pela afinidade da língua natal, era amiga de *Mère* Julia de Chamberry, freira priora do vizinho Colégio Cajuru, e do simpático capelão, Monsenhor Maurice Dunant, que as alunas e o povo tratavam por “*notre Père*” ou “*mon Père*”.

Esse venerável padre, que eu conheci, nos bolsos largos da batina guardava pirulitos “chicle doge”, de açúcar branco listado de verde e vermelho, para presentear-los à gurizada. Na capela do Colégio, impressionava a piaçada ao narrar, com carregado sotaque francês, a romântica epopeia de Santa Joana D’Arc, diante da bela imagem policromada, que ali se venera, da camponesa guerreira que, vestindo armadura de cavaleiro, ajudou a criar o Reino de França. Nos dias 19 de março, minha mãe e minhas tias, minha sogra e a Thereza Brito de Lacerda, e quase todas as gurias do seu tempo, compareciam à capela, enfeitada com lírios lilases de São José, para celebrar o padroeiro. Monsenhor Dunant, em casula dourada, oficiava a missa de costas no belo retábulo de mármore branco.



Orfanato e Colégio do Cajuru com locomotiva a vapor, 1906. Foto Estúdio Cezar Schulz.

João Lazzarotto, aos 85 anos, neste 2016, ainda ajuda as duas últimas freiras do Colégio Cajuru. Moradoras solitárias do imenso convento, vivem na antiga clausura, mobiliada com nobreza, guardiãs de bela capela. João é amigo da *Mère* Maria de Lourdes Sávio, 94 anos, freira enfermeira, curitibana heroína de guerra. Em 1939 foi mandada para a França, servindo no *front*. O pai, desde Curitiba, levou a noviça até lá. *Mère* Sávio, conta João, tem mãos para a cura. Impõe energia aos doentes, além de ministrar curativos e remédios, até hoje. Santa filha de Deus, devota da Virgem Maria, a freira escondia os judeus, “primos” de Jesus, no sótão do convento em Chamberry, para, assim, evitar-lhes o suplício do campo de concentração de Auschwitz.

João Lazzarotto não esquece as noitadas de *três por sete, truco e bocha* no armazém do pai. Poty imortalizaria, em belos desenhos, as disputas sonoras e acaloradas, presenciadas por seu Isaac, entre os “fregueses de caderno”, Piero e Antônio Giacomassi, Angelo Vercese, Oswaldo Thá, Dino Bertoldi e Paulo Joly (o dono da Casa Colosso, na praça Generoso Marques). Os dois últimos empolgaram o bairro numa lendária partida de bocha que durou dois dias e duas noites.

A cancha de bocha era visível do balcão, onde Isaac Lazzarotto oferecia café no bule, tragos de cachaça e vinho caseiro, pão com salsicha feita em casa besuntado de banha ou manteiga batida. Eram *fregueses de caderno* donos de outros armazéns, comerciantes daquela zona da cidade, soldados, ferroviários, operários, poloneses e italianos, e até negros da Vila Tassi, berço do samba em Curitiba, que ficava do outro lado da rua.

Aquele trecho do caudal do rio Juvevê só foi canalizado em 1955, pelo prefeito Ney Braga.

Antes de sua eleição, quando ainda era major e chefe de polícia, Ney Braga tornou-se amigo dos ferroviários. Frequentou o armazém Lazzarotto e comeu no Vagão do Armistício, conquistando a simpatia de Isaac Lazzarotto, que se tornou seu cabo eleitoral. Na campanha acirrada pela Prefeitura, adversário do médico Wallace Thadeu de Mello e Silva (pai do senador e governador Roberto Requião), Ney fazia comícios de madrugada, em cima de um vagão, o hálito quente soltando fumaça junto com suas promessas de melhorias para a cidade imersa em cerração fria.

Quando ganhou a eleição, Ney Braga demorou a canalizar o rio Juvevê, domar suas enchentes constantes, pois era represado pelo caudal do Belém. O patriarca Lazzarotto não perdoou. Tratou de telefonar para o prefeito, passou-lhe um raspe: *Isto não se faz!* As obras começaram na semana seguinte. Ney contratou uma empreiteira canadense para encamisar em concreto o rio Juvevê, abolindo seus meandros, o curso retificado num canal que jaz sob o atual leito da rua Aúlio Bório.

O prefeito Ney Braga também inaugurou no Capanema o então moderno Mercado Municipal. Ao lado, na esquina da rua Carneiro Lobo com a Sete de Setembro, ficava o britador *Von Krupp*, onde meu avô Raphael Francesco Greca moía granito trazido da pedreira do morro Anhangava, transformado em moledo e brita graduada para pavimentação.

Não conheci meu avô. Poty foi um dos que me falaram dele, com encantamento. Diversas vezes, em palavras e desenhos, referiu sua lembrança do mestre canteiro calabrês, seja tirando o nível do calçamento com esquadro e martelo nas mãos, como se fosse um artista a definir proporções, a linha do horizonte na





São Francisco de Assis e das Chagas. Desenho para cartaz da Festa da Igreja da Ordem, que se realizou de 1978 a 2011.

perspectiva, seja de marreta nas mãos, a quebrar pedras.

Quando, em 1994, então prefeito, mandei publicar o livro de Valêncio Xavier *Poty, trilhos, trilhas e traços*, o artista voltou a lembrar meu avô, desenhando-o em efígie junto com a dedicatória. Ao reler o volume para esta pesquisa, com alegria, revi o belo e comovente desenho feito num ímpeto instantâneo. Um milagre do talento e da memória.

Poty era dez anos mais velho que João, seu único irmão, hoje guardião do seu legado. Ambos estudaram no *Gymnásio Paranaense*, embrião do atual Colégio Estadual do Paraná, então instalado no belo palácio da rua Ébano Pereira. Ali foram alunos de expressivos mestres: o professor de inglês Butler, o professor de latim João Mazzarotto (o único que não foi padre naquela família) e o professor de português Francisco Gomes Ribeiro, também diretor do *Gymnásio*.

Este professor Ribeiro, casado com dona Égide – nome grego que significa “proteção”, em alusão ao escudo mágico de Atena, a deusa da Sabedoria –, não saía do Cajuru. O casal, catolicíssimo, frequentava a igreja de Cristo Rei, ambos amigos do pároco, padre Germano Mayer, hoje nome da rua. Trouxeram para Curitiba a devoção ao milagroso Apóstolo São Judas Tadeu, custeando a confecção da sua colossal imagem

que até hoje é venerada na igreja do bairro, sob vitrais que filtram a luz em desenhos de Poty.

Dona Égide e o professor Ribeiro moravam no Alto de São Francisco, na avenida Manoel Ribas, num terreno que fazia fundos para nossa casa da rua Inácio Lustosa. Dona Égide era surda – foi a primeira pessoa que vi falar na linguagem de Libras. Eram muito amigos de meus pais, Eurico e Therezinha. Foi o professor Ribeiro quem decidiu onde eu deveria cursar o Ginásio: *Nada de Santa Maria, os maristas são moles. Faça-o jesuíta. Je-su-í-ta! Ponha nos jesuítas. Mande o Rafaelzinho pro Medianeira*, sentenciou, autoritário.

Foi o primeiro defunto que vi. No domingo em que morreu, lembro-me de que, voltando da missa na igreja de São Vicente, correndo as mãos de minha mãe e, ao ver aberta a porta da casa do professor Ribeiro, piá curioso, lá entrei. Havia silêncio na sala, soluços abafados no quarto. Deparei, na grande cama de casal, ainda fora do caixão, com o defunto em solene repouso. Morrera de icterícia. Estava muito amarelo, o que contrastava – de forma impressionante – com as vestes talares roxas de lente em Filosofia na Universidade do Paraná. Foi como o sepultaram. Nunca esqueci. Grande e nosso. Sua neta, minha contemporânea, professora Égide Maria, por muitos anos seguiu-lhe os passos, lecionando com amor no Colégio Estadual do Paraná.

Nem só dos filmes em cartaz no cinema do bairro, o lendário Cine Morgenau, vivia a imaginação da piazada do Capanema.

Poty e João contavam que a mãe e o pai, para acalmar a bulha da gurizada no Vagão do Armistício, inventavam que estava no poleiro uma galinha de duas cabeças. Então os piás corriam até o galinheiro para vê-las. Reinava paz na cozinha.

Na visita dos Orleans e Bragança, dois principinhos fizeram bagunça. Seu Isaac repetiu o argumento. Poty desenhou os dois herdeiros olhando uma galinha de duas cabeças. Combinava com o brasão de armas de sua augusta bisavó dona Leopoldina, Habsburga, família cujo escudo tem uma água bifronte.

Quase todos os piás daquele tempo, no Capanema, passaram a vida jurando que viram o *lobisomem* do bairro: Primo Vicentini, vizinho dos Lazzarotto, italianinho tímido, gambaio, os pés tortos sempre em tamancos amplos. Inseparável do seu amigo Emílio Storer, a quem apelidaram “O Polenta”. Quando



Mercado de carroções junto ao bebedouro. Desenho para cartaz da festa da Igreja da Ordem.

anoiteciam as sextas-feiras, a vizinhança logo ouvia reboiço nos galinheiros. Nas casas à beira dos trilhos, as mães advertiam: “Lá vai o Primo!”. Um silêncio temeroso reinava entre o Capanema e o Cajuru. Primo era “lobisomem”. Poty jurava e João ainda jura que ambos viram a espantosa aparição. E nem precisava de lua cheia.

Esse universo fantástico aproximou Poty de seu contemporâneo, e primo distante, Dalton Trevisan, o famoso contista, aclamado como “O Vampiro de Curitiba”. Imaginem como fervia a imaginação do Dalton ao ouvir relatos como este do “Vampiro do Capanema” e tantas outras estórias da nossa história que Poty absorveu, na sua condição de alma sensível, autor das melhores gravuras que o “ethos” de Curitiba escolheu imprimir.

Ambos fundaram, em abril de 1946, *Joaquim*, primeira revista modernista do Paraná, impregnada de humanismo social. Nela colaboraram também Erasmo Pilotto, Guido Viaro, Temístocles Linhares, Sérgio Milliet, Wilson Martins, Menotti del Picchia, Quirino Campofioritto, Cassiano Ricardo e até os poetas Carlos Drummond de Andrade e Vinicius de Moraes. Drummond percebeu o espírito irreverente de *Joaquim* ao dizer: *É uma revista tão vanguarda que mete o pau no poeta Emiliano Pernetta e tem sua redação logo na rua Emiliano Pernetta, em Curitiba.*

A *Joaquim* era patrocinada por anúncios do Cassino Ahú, “palácio encantado com arte, luxo e elegância – show à meia-noite com a Orquestra Manon”,



Poty Lazzarotto e Dalton Trevisan posam para fotógrafo lambe-lambe no Rio de Janeiro.



Darcy Ribeiro com Poty na chácara São Rafael Das Laranjeiras.

bem como da Fábrica de Louças, Refratários e Vidros de João Evaristo Trevisan, com vendas à rua Emiliano Pernetta nº 466, telefones 2 e 8. Dalton cunhou, para o patrocinador familiar, o slogan “Trevisan, esta Marca Vale um Anúncio!”. Assim a literatura e a arte foram promovidas pela fábrica de copos, taças, garrafas, pratos e xícaras, jogos de café e jantar.

Intenso em cantar a sua aldeia, Poty Lazzarotto foi-se tornando cada vez mais universal. Depois de cursar Belas Artes no Rio, viveu em Paris, deu cursos de gravura no Masp, embrenhou-se no Xingu (em 1960, com Darcy Ribeiro, Noel Nutels e Orlando Villas Bôas) e ilustrou livros de grandes escritores brasileiros, entre eles Graciliano Ramos e Dinah Silveira de Queiroz. Seu traço, já em 1943, chamou a atenção do mercado editorial carioca, quando ilustrou o livro *A Lenda da Erva-Mate Sapecada*, de Hermínio da Cunha César.

Poty traria Orlando Villas Bôas à chácara São Rafael das Laranjeiras, num dos muitos almoços festivos que tivemos com Darcy Ribeiro, Marcito Moreira Alves, Leonel Brizola e Doutel de Andrade. Meu pai, boa prosa, encantava-se com tanta história dentro de



casa. Quando ministro, fui por um dia, com Orlando, a uma aldeia do Xingu. Também eu mergulhei no Brasil profundo, batizado no rio de águas tépidas. De suas mãos ganhei, em 1999, o *Almanaque do Sertão, História de Visitantes Sertanejos e Índios*, livro escrito em parceria com seu irmão Cláudio Villas Bôas. Na dedicatória, Orlando caprichou: *Ao possante Greca, mestre andante deste país, este livreto que conta como os sertões dispensam ficção. Tudo aqui foi visto, ouvido, ou assistido. Com todo apreço da tribo subdesenvolvida dos Villas Bôas. Orlando. Em maio de 1999.*

Artista consagrado em Genebra, como o maior dos gravadores brasileiros, expôs ainda em Londres, Bruxelas e Washington.

No Rio, fez o mural “O Processo de Kafka”, na sede da UNE na praia do Flamengo, prédio destruído pelo regime militar após o golpe de 1964.

Outros painéis de Poty, em concreto ou lajotas cerâmicas, viriam a ser patrimônio inestimável da nossa cidade.

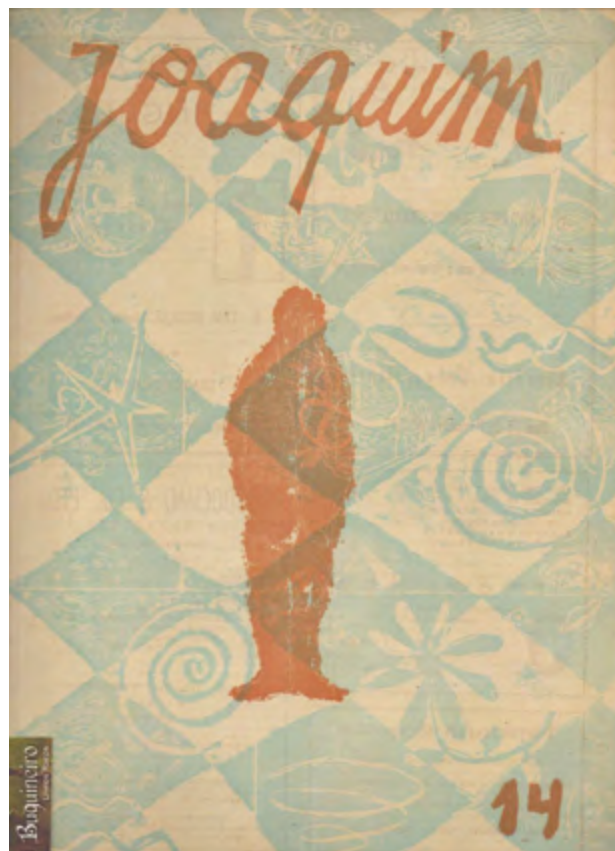
“História do Paraná”, em azulejos brancos e azuis, na praça 19 de Dezembro, junto ao monumento do Centenário do Paraná, é o primeiro e o mais bonito de todos, inaugurado em 1953, pelo governador Bento Munhoz da Rocha Netto. Narra com precisão a ocupação do território, a saga de índios, negros e pioneiros lusitanos, até a chegada de Zacarias, seguida pelo desembarque dos imigrantes europeus, que vieram viver à Luz dos Pinhais.

A obra “História de Curitiba, da fundação da Vila à criação do IPPUC”, em relevo sobre o muro de cimento armado da praça 29 de Março, foi inaugurada pelo prefeito Ivo Arzua em 1968.

“História da Tecnologia”, em lajotas cerâmicas, no Centro Politécnico, saguão da nossa Escola de Engenharia, registra o início da trajetória humana, o domínio da linguagem escrita, todas as principais conquistas, a bússola, as grandes navegações, a máquina a vapor, a eletricidade, até chegar à descoberta das partículas dos átomos e à energia nuclear.

“História da Aviação”, no aeroporto Afonso Pena, painel em azulejo, propõe compreendermos a lição dos telescópios e astrolábios. Embarcamos na Passarola, o incrível dirigível do padre Bartolomeu de Gusmão, voamos a bordo do Demoiselle, a frágil avioneta de Santos Dumond, e tripulamos Sputniks – o olhar fixo no mistério das estrelas.

“História do Teatro”, concreto talhado à mão, no frontão do Teatro Guaíra, revela dionisíacas e coros de Eurípedes, máscaras e coturnos, tragédia e comédia em palcos gregos e romanos, carroções



Revista *Joaquim*, nº 14.

de saltimbancos, estrepolias de circo, a magia dos palcos abençoada para sempre pelo olhar de William Shakespeare.

“História do Abastecimento de Água”, painel cerâmico junto à Caixa d’Água do Alto da rua XV, permite compreender as entranhas da nossa terra, os mananciais e o berço do rio Iguaçu, da represa de Piraquara imersa na Mata Atlântica, passando pelo chafariz da praça Zacarias até o Reservatório do Alto de São Francisco.

Em 1991, fez “Manhã de Mercado”, em azulejos, na empena da Casa Freyesleben, limite do Largo da Ordem com a rua Nestor de Castro, primeira evocação dos 300 anos de Curitiba, obra que ajudei a viabilizar junto à Caixa Econômica. No mesmo ano, em óleo sobre o reboco do sobrado das Lojas Omar, na esquina da rua XV com Marechal, pintou, por sugestão minha, o painel alusivo à futura comemoração dos Cem Anos da Catedral (1993). Nele, Poty fixou sua lembrança de piá dum operário merendando num andaime entre as torres, no dia exato em que o dirigível Hindenburg sobrevoou Curitiba.

Neste ano de 2016, Dilza de Lucca, a pedido das Lojas Omar, me diz que vai tentar restaurar o painel, reavivando-lhe as cores esmaecidas pelo sol de mais de vinte anos.

(embaixo) História do Paraná. Painel da praça 19 de Dezembro.





Revista Joaquim, nº 10.



Revista Joaquim, nº 13.



Revista Joaquim, nº 17.

Digo-lhe que seria melhor refazê-lo em azulejos e lembro-me de que Poty me disse: “Em azulejos, Grequinha, dura 300 anos. Se for concreto, dura mais”. Isso quando discutíamos o material do painel dos 300 anos da cidade...



Painel de Poty comemorativo aos 300 anos de Curitiba, 1993.

“Curitiba 300 anos de Luz”, também na rua Nestor de Castro, obra que, já prefeito de Curitiba, encomendei a Poty, para revelar aos transeuntes como era forte a identidade curitibana na alma do artista. Ali, gralhas azuis em revoada, varandas recortadas em lambrequins, piás escalando araucárias para catar pinhões, carroções das colônias, o cotidiano de Curitiba ao tempo da infância do artista e a evolução urbana, obras e edificações, até o advento dos tubos do ônibus Ligeirinho. Um primor. Alegria de tê-lo provocado a fazer.

Em 1993, no dia 29 de março, entreguei ao primeiro bebê que nasceu no programa “Mãe Curitibana / Nascer em Curitiba vale a vida” sua carteirinha de

cidadania desenhada por Poty. Ao invés da cegonha levando o bebê no bico, uma gralha azul com o pinhão na boca.

Num almoço de domingo, na nossa chácara São Rafael das Laranjeiras, contei a Poty que quem inventou o garfo foi a rainha de França Maria de Médicis, e que quem criou os modernos guardanapos foi o genial Leonardo da Vinci, ao cortar grande toalha de seda veneziana para uso dos convidados do banquete de núpcias de Beatriz D’Este, duquesa de Bari, com Ludovico Sforza, duque de Milão, *nobile gente* do Renascimento.

Passados alguns dias, Poty voltou à chácara com expressiva efígie de Leonardo da Vinci esculpida em concreto. Foi logo dizendo: *Grequinha, ponha na parede da sua sala de jantar; este benfeitor da humanidade, inventor do guardanapo. Pense, não fosse ele ainda estaríamos limpando a boca no pelo do lombo de coelhos, conforme o antigo costume medieval.*

Margarita e eu guardamos outro comovente trabalho de Poty: seu “discurso testamento” em gratidão quando, então vereador, propus fosse considerado *Fulto Emérito de Curitiba*, o que se materializou pela Lei nº 6.544, de 27 de setembro de 1984, sancionada pelo prefeito Maurício Roslindo Fruet.

Grequinha, eu não sei falar como você, aliás, nem gosto de falar muito, por isso desenhei meu amor pela cidade. Aqui coloquei as pescarias de piá; as casas de tábuas e ripas; as hortas dos arrabaldes; os pinheirais envoltos em cerração; a melancolia dos enterros em tardes de chuva; o carro de placa nº 1 em Curitiba, pertencente ao Fido Fontana; o avião que espatifou-se no largo do Novo Mundo; a polaca verdureira que morreu atropelada pela Maria Fumaça, deixando a cestinha com ovos do lado da ferragem ensaguentada do trem; o bonde urbano; Dalton Trevisan perseguindo seus personagens à luz de um lampião; seu avô Greca



definindo o prumo do calçamento da avenida Sete de Setembro; a milagrosa massagista Maria Polenta curando a torção de joelho dum jogador do Ferroviário; as encenações da Paixão de Cristo no circo, onde o frágil palhaço Mosquitinho representava Nosso Senhor: E a pi lazada, depois do canto da Verônica, bradava: - Força, Mosquitinho, força! Coitado, estava a caminho do Calvário, a pesada cruz do Redentor às costas.

E mais: a saída da missa de domingo na Catedral; o curso na rua XV; as verdureiras do Largo da Ordem. Tudo centrado na ferrovia, eixo e metáfora da caminhada da minha vida. Fiz meu retrato de menino, calunga encantado a percorrer dormentes da ferrovia. Agora, já sombra de mim mesmo, a contemplar a Eternidade, na visão de São Francisco quando recebeu as Chagas de Cristo no Monte Subásio, coloquei-me às portas da nossa Igreja da Ordem. Isso tudo numa moldura de mãos que trabalharam muito, braços de homens livres: açougueiros cortando carne, marreteiros quebrando pedras, metalúrgicos forjando ferro.

Poty era o encarregado da produção anual do cartaz das Festas da Ordem Terceira, quando Margarita e eu promovíamos a celebração da memória de São Francisco de Assis em Curitiba. Fizemos isso durante mais de trinta anos, a partir de 1978, num animado mutirão de cultura e caridade, sob imensa tenda, junto à nossa igreja mais antiga (1737).

São Francisco de Assis e das Chagas foi também a capa escolhida por ele para o primeiro LP em vinil da Camerata Antiqua de Curitiba, em que o maestro Roberto de Regina gravou magistral *Te Deum* barroco de Luís Álvares Pinto, considerada a primeira partitura escrita no Brasil.

A mesma peça seria regravada pela Camerata no CD que, então ministro de FHC, mandei fazer no ano 2000, comemorativo aos 500 anos do Brasil. A peça foi executada pela Orquestra e Coro da Camerata de Curitiba, na nave da igreja de Nossa Senhora da Pena, em Porto Seguro, no *Te Deum* dos 500 anos do Brasil. Era a tarde de 22 de abril do ano 2000. Estavam presentes o presidente de Portugal, Mário Soares, com sua mulher, dona Maria Barrozo, e o presidente do Brasil, Fernando Henrique Cardoso, com a primeira dama, Dona Ruth.

Santo padroeiro da Itália, menestrel ecológico, poeta do “Cântico das Criaturas”, símbolo de renúncia ao mundo material, luminoso serafim da caridade, o “poverello” de Assis, nosso querido São Francisco, era o santo predileto do Poty. Foi o tema que escolheu para os painéis do túmulo dos Lazzarotto na rua principal do cemitério da Água Verde.

Ali depositamos seu corpo mortal, na tarde triste da despedida, em maio de 1998. Na ocasião, ao fazer seu elogio fúnebre, recordei preciosa lição que me dera: *Os pinhões se deitam na terra, adormecem com*



Painel de Poty no paredão da Casa Freysleben. Portal do Largo da Ordem na Rua Nestor de Castro com José Bonifácio. Evocação da avó verdureira.

(página oposta) Testamento visual de Poty Lazzarotto. Homenageado como Vulto Emérito de Curitiba, o artista Poty Lazzarotto, dizendo que não sabia discursar, desenhou e aquarelou sua memória de vida. O piá curitibano criado junto ao “Vagão do Armistício”, percorre a ferrovia da vida, transformado em alma bendita, alumbrada com a visão seráfica de São Francisco diante de Deus, às portas da Igreja da Ordem.

a ponta cravada no chão. Com o passar do tempo, por fototropismo, buscam a luz, dão a volta por cima, e então acordam pinheiros.

Lembro-me de ter-lhe encomendado: *Vai em paz, alma cristã, devoto de São Francisco, maior artista do nosso tempo, curitibano amoroso, brasileiro convicto. Deitado hoje na nossa terra sagrada, desperta logo, volta para nós, ressuscita à Luz dos Pinhais.*

Poty e sua mulher Célia – mineira, da família Neves, parente do Tancredo – reuniram grande coleção de arte: 4 gravuras de Picasso, sobre o tema de “Guernica”, compradas por ele em Paris, das mãos do próprio gênio catalão, numa quermesse do Partido Comunista em benefício da resistência francesa. Reuniram vários Guignard, que Poty conheceu como professor de arte infantil na Pampulha, no tempo generoso do então prefeito JK. Mais uma mulata de Di Cavalcanti, utensílios indígenas trazidos do Xingu, Arte Sacra brasileira, inclusive um São Francisco em pedra-sabão atribuído ao Aleijadinho, peças hoje acervadas no Museu Metropolitano de Arte de Curitiba, no Museu Oscar Niemeyer e no Museu de Arte Sacra da Arquidiocese junto à Igreja da Ordem.

O artista deixou ainda impressionante acervo na sua casa-ateliê da rua da Paz. São 7.600 trabalhos inéditos, entre desenhos aquarelados, sanguíneas e litografias, revela seu irmão cartorário João Lazzarotto, que, muito vivo aos 85 anos, ainda sonha realizar um merecido Museu Poty Lazzarotto – que poderia ser acomodado no amplo Memorial de Curitiba que construí. Afinal, nascidos no mesmo dia 29 de março, Poty e Curitiba, Curitiba e Poty são reflexos da bendita Luz dos Pinhais.



O VAMPIRO DE CURITIBA



Dalton Trevisan quando jovem.

A esculhambação é para mim o melhor estímulo. Reduzi um conto de 46 para 26 páginas. Apertei as malhas como você recomendou. Com umas 15 páginas pode ser que fique boa história, diz a correspondência de Dalton Trevisan para o jornalista Carlos Castello Branco, acervada na Casa Rui Barbosa, no Rio, conforme li na *Folha Ilustrada* (1º de agosto de 2015).

Lá estão 49 cartas e bilhetes que o mais recluso dos escritores do país enviou a colegas, desde o início de sua carreira. Diálogos manuscritos, copiados com folhas de papel carbono, enviados pelo correio para Pedro Nava, Otto Lara Resende, Mário de Andrade, Rubem Braga e Antônio Callado. *Ahimè – ai de mim, em italiano – de como éramos jovens e tanto nos queríamos...*

A síntese é seu segredo. Escreve enxuto esse mestre das letras. Dalton Jérsen Trevisan, o mais famoso dos nossos literatos, nasceu no inverno de Curitiba, a 14 de junho de 1925, em família *oriundi* vêneta. Sua personalidade confunde-se com o título de seu livro de contos publicado em 1965, *O Vampiro de Curitiba*: peripécias de um tal de Nelsinho, perseguidor de mulheres, a quem nada escapa, tampouco velhas e virgens.

Assina apenas “D. Trevis”, repudia a visita de estranhos, detesta intromissões e prefere que ninguém atravesse sua sombra.

Ainda que se considere melancólico e sombrio, nele brilha a Luz dos Pinhais. Tenho certeza de que vai odiar minha frase. Anseio por sua vingança – forma de entrar na sua literatura. Aliás, uma vez entrei num poema, e como não me ofendi, até elogiei, fui banido na edição seguinte.

Dalton começou a escrever entre 1940 e 1943, quando editou em Curitiba o jornal estudantil *Tingüü*, onde foi redator, repórter, crítico e cronista.

Trabalhou na famosa fábrica de vidros de sua família, na rua Emilianio Pernetta esquina com Visconde de Nacar, defronte à igreja dos



Dalton Trevisan em bico de pena, por Marcelo Lopes.

polacos, dedicada a Santo Estanislau. Formou-se pela Faculdade de Direito da Universidade do Paraná, mas trabalhou apenas sete anos na profissão. Foi casado por 40 anos com dona Yole Bonato Trevisan.

Como já relatei na biografia de meu estimado amigo Poty Lazzarotto, Dalton editou, entre 1946 e 1948, a revista *Joaquim*. O nome, segundo ele colocou em epígrafe, era homenagem a todos os *Joaquins do Brasil*. Com redação na rua Emiliano Pernetta, anexa à fábrica de vidros, *Joaquim* – ilustrada por gravuras originais de Poty, Heitor dos Prazeres e Di Cavalcanti – publicou textos e poemas inéditos de Antônio Cândido, Otto Maria Carpeaux, Mário de Andrade, Vinicius de Moraes e Carlos Drummond de Andrade. Vanguardista, traduziu para o português as perplexidades de Joyce e Kafka, as minúcias de Proust, os pensamentos de Sartre e as perversidades de Gide.

Foi na *Joaquim* que Dalton estampou o material de seus primeiros livros de ficção: *Sonata ao Luar* (1945) e *Sete Anos de Pastor* (1948). Renegou ambos os textos.

Um dia foi ao arquivo da Casa da Memória pensando em destruir exemplares lá conservados. Prendi sua mão na gaveta do arquivo metálico. Fui xingado, mas salvei nossa história, à revelia do autor.

Com Margarita foi gentil. Consentiu em entregar para publicação na revista *Vogue*, que ela representava no Paraná, o conto inédito “A Gorda do Tiki Bar”. Memória boêmia da noite profunda de Curitiba. *Que fim levou a tua paixão de amor louco? Em que velho sapato se esconde a aranha marrom do teu desejo?*

A partir de 1954 publicou *Guia Histórico de Curitiba*, *Crônicas da Província de Curitiba*, *O Dia de Marcos*, *Os Domingos* ou *Ao Armazém do Lucas*, edições populares à maneira dos folhetos de feira. Foi à Europa uma única vez, em 1950.

Fez-se universal cantando achaques, grandezas e mesquinhas da nossa aldeia. Inspirado nos moradores de nossa cidade, criou personagens e situações de significado universal, em que as tramas psicológicas e os costumes são recriados através de linguagem concisa e popular, expressões de um cotidiano sofrido e angustiante, nos 75 bairros de Curitiba.

Notáveis suas *Novelas Nada Exemplares* (1959), *Morte na Praça* (1964) e *Cemitério de Elefantes* (1964). Em 1968, concorrendo sob pseudônimo, Trevisan conquistou o primeiro lugar do I Concurso Nacional de Contos do Estado do Paraná. Agraciado ainda com o Prêmio Jabuti de Literatura por vários anos, com o Prêmio de Literatura 1996 do Ministério da Cultura e com o Prêmio Camões 2012 – o mais importante da língua portuguesa.

Em 1969, publicou *A Guerra Conjugal* (1969), argumento do premiado filme de Joaquim Pedro de

Andrade, lançado em 1976. Escreveu ainda *Crimes da Paixão* (1978), *Lincha Tarado* (1980), *A Polaquinha* (1985), *Ah, é?* (1994) e *Desgracida* (2010).

A loiríssima Guta Stresser ficou famosa quando se pôs nua em pelo, no palco do teatro Novelas Curitibanas, vivendo “O Vampiro e a Polaquinha”. Esse teatro foi viabilizado pela Fundação Cultural de Curitiba, na gestão do prefeito Lerner (1989-1992), num dos chalés da antiga rua do Serrito, exatamente onde viveu o governador Carlos Cavalcanti, que hoje dá seu nome à via.

Aos 90 anos, há quase 50 sem dar entrevista, magro e aparentando 20 anos menos do que os que viveu, Dalton Trevisan, nosso “Vampiro”, ainda habita a casa de frente para a rua Ubaldino do Amaral na esquina com Amintas de Barros. Nos dias de sol, pode ser visto no grande jardim, lagarteando no vasto gramado. Reclamou muito da vizinhança de muro com uma sauna gay – os gemidos e gritinhos agora já incorporados à sua literatura. Livrou-se do carro e, antes do almoço, todos os dias, anda a pé pela cidade. Seus (poucos) retratos são andando, já que se recusa a parar e posar para os eventuais fotógrafos. Frequenta a Livraria do Chaim, onde circula à sombra das prateleiras, obcecado pelo anonimato. Coisa difícil para quem é precedido por sua fama.

Dalton poeta fala da nossa cidade, nossa casa comum, no magistral *Em Busca da Curitiba Perdida*, o canto da epifania curitibana, revelador da nossa alma:

Curitiba, que não tem pinheiros, esta Curitiba eu viajo. Curitiba, onde o céu azul não é azul, Curitiba que viajo. Não a Curitiba para inglês ver; Curitiba me viaja. Curitiba cedo chegam as carrocinhas com as polacas de lenço colorido na cabeça – galiü-nha-óóó-vos – não é a protofonia do Guarani? Um aluno de avental branco discursa para a estátua do Tiradentes.

Viajo Curitiba dos conquistadores de chapéu coco e bengalinha na esquina da Escola Normal; do Gigi, que é o maior pidão e nada não ganha (a mãe aflita suplica pelo jornal: Não dê dinheiro ao Gigi); com as filas de ônibus, às seis da tarde, ao crepúsculo você e eu somos dois rufiões de François Villon.

Curitiba, não a da Academia Paranaense de Letras, com seus trezentos milhões de imortais, mas a dos bailes no 14, que é a Sociedade Operária Internacional Beneficente O 14 de Janeiro; das meninas de subúrbio pálidas, pálidas que envelhecem de pé no balcão, mais gostariam de chupar bala Zequinha e bater palmas ao palhaço Chic-Chic; dos Chás de Engenharia, onde as donzelas aprendem de tudo, menos a tomar chá; das normalistas de gravatinha que nos verdes mares bravios são as naus Santa Maria, Pinta e Niña, viajo que me viaja.



*Curitiba das ruas de barro com mil e uma jane-
linhas e seus gatinhos brancos de fita encarnada no
pescoço; da zona da Estação em que à noite um povo
ergue a pedra do túmulo, bebe amor no prostíbulo e se
envenena com dor de cotovelo; a Curitiba dos cafetões
– com seu rei Candinho – e da sociedade secreta dos
Tulipas Negras eu viajo.*

*Não a do Museu Paranaense com o esqueleto do
Pithecanthropus erectus, mas do Templo das Musas,
com os versos dourados de Pitágoras, desde o Sócrates
II até os Sócrates III, IV e V; do expresso de Xangai que
apita na estação, último trenzinho da Revolução de 30,
Curitiba que me viaja.*

*Dos bailes familiares de várzea, o mestre-sala
interrompe a marchinha se você dança aconchegado;
do pavilhão Carlos Gomes onde será HOJE! SÓ HOJE!
apresentado o maior drama de todos os tempos – “A
Ré Misteriosa”; dos varredores na madrugada com
longas vassouras de pó que nem os vira-latas da lua.*

*Curitiba em passinho floreado de tango que gira
nos braços do grande Ney Traple e das pensões fa-
miliares de estudantes, ah! que se incendeie o resto de
Curitiba porque uma pensão é maior que a “República
de Platão”, eu viajo.*

*Curitiba da briosa bandinha do Tiro Rio Bran-
co que desfila aos domingos na Rua 15, de volta da
Guerra do Paraguai, esta Curitiba ao som da valsinha
“Sobre as Ondas do Japó”, do maestro Mossurunga, eu
viajo.*

*Não viajo todas as Curitiba, a de Emiliano, onde
o pinheiro é uma taça de luz; de Alberto de Oliveira do
céu azulíssimo; a de Romário Martins em que o índio
caraíba puro bate a matraca, barquilhas duas por um
tostão; essa Curitiba merdosa não é a que viajo.*

*Eu sou da outra, do relógio na Praça Osório que
marca implacável seis horas em ponto; dos sinos da
Igreja dos Polacos, lá vem o crepúsculo nas asas de um
morcego; do bebedouro na praçinha da Ordem, onde os
cavalos de sonho dos piás vão beber água.*

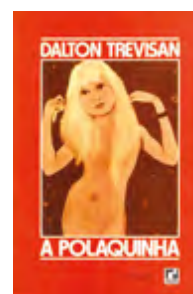
*Viajo Curitiba das conferências positivistas, eles
são onze em Curitiba, há treze no mundo inteiro; do
tocador de realejo que não roda a manivela desde que
o macaquinho morreu; dos bravos soldados do fogo
que passam chispando no carro vermelho atrás do
incêndio que ninguém não viu, esta Curitiba é a do
cachorro-quente com chope duplo no Buraco do Tatu,
eu viajo.*

*Curitiba, aquela do Burro Brabo, um cidadão
misterioso morreu nos braços da Rosicle; quem foi?
quem não foi? foi o reizinho do Sião; da Ponte Preta da
estação, a única ponte da cidade, sem rio por baixo,
esta Curitiba viajo.*

*Curitiba sem pinheiro ou céu azul, pelo que vosme-
cê é – província, cárcere, lar –, esta Curitiba, e não a
outra para inglês ver; com amor eu viajo, viajo, viajo.*

Essa Epifania Curitibaense foi trabalhada por Dalton Trevisan ao longo de 46 anos, escreveu o acadêmico Roberto Muggiatti. Começou na revista *Joaquim* em 1946, com o título “Minha Cidade”, passou pelo “Guia Histórico de Curitiba” (cordel do autor publicado em 1953), amadureceu em 1968 no livro *Mistérios de Curitiba*, para desaguar, caudalosa e densa, em 1992, com o título “Em Busca da Curitiba Perdida”, em livro publicado pela Editora Record.

(embaixo) Capas de livros de Dalton Trevisan.



PROSDÓCIMO: BICICLETAS & GELADEIRAS



Prosdócimo - Loja de departamentos decorada para o Natal na década de 1940. Foto Arthur Wischral.

Também na face norte da praça Tiradentes, do lado oposto da Catedral e do empório Romani & Weiss, outro endereço da criatividade italiana atravessou o século XX: as Lojas Prosdócimo. Primeiro, uma loja de conserto e aluguel de bicicletas, do velho João Prosdócimo – apelidado carinhosamente de Joanim. Nos anos de 1930, ele montava bicicletas com componentes da marca alemã *Diirkopp*. Na década 1940, as Lojas Prosdócimo firmaram contrato com a *Nymnabolagen AG*, para produção de bicicletas de tecnologia nórdica, mas com a marca brasileira Prosdócimo. As bicicletas prosdócimo foram feitas na Suécia e trazidas para cá com a marca curitibana até 1955, quando a produção passou a ser feita aqui.

As Lojas Prosdócimo tornaram-se uma rede no setor de eletromóveis. Seu edifício era suntuoso, um dos primeiros a ter escadas rolantes, belas vitrines e um porão, que – assegurava-se na época – seria perfeito abrigo antiaéreo no caso de Curitiba ser bombardeada na II Guerra Mundial.

No final de sua trajetória, foram vendidas para o grupo Arapuã,





Adyr de Lima na chegada da centésima volta em torno da praça Rui Barbosa, em 11 de abril de 1954, vencendo o III Grande Prêmio Prosdócimo.

num período difícil para o setor, quando outras grandes lojas brasileiras, quais Mappin, Mesbla, Disapel e a curitibaníssima Hermes Macedo, fecharam as portas.

Em 1949, os Prosdócimo fundaram em Curitiba a indústria Refrigeração Paraná S/A (Refripar) e passaram a comercializar a linha de produtos com a marca do nome da família, Prosdócimo. A fábrica, no bairro Guabirota, foi sucesso nacional com linha branca: freezers, geladeiras e condicionadores de ar. Chegou a ser a segunda do Brasil, muito apreciada pelas famílias curitubanas. A velha e valente geladeira Prosdócimo do apartamento de minha sogra, já jubilada, com quase 70 anos de uso, ainda funciona perfeitamente. Em 1982, a Refripar assumiu o controle acionário das Indústrias Pereira Lopes, de São Carlos, SP. Em 1995, incorporou a Clímax.

Sérgio Prosdócimo, filho do fundador, então dirigente e controlador, vendeu as empresas do grupo para o conglomerado sueco Electrolux em 1996. Fez-se em Curitiba a base da expansão dessa multinacional no Brasil. Em 1997, a Refripar mudou sua razão social para Electrolux do Brasil S/A, e a marca Prosdócimo foi extinta.

Ainda em 1903, no *Almanach do Paraná*, havia a propaganda da firma de Ludovico Zanier: secos & molhados, atacado e varejo, na rua do Riachuelo, número 27, telefone número 150. Zanier vendia vinhos nacionais e estrangeiros, álcool e vinho real – de

puras uvas –, engarrafado pelo dono. Esse negócio foi a base da indústria de bebidas e Gasosas Zanier, famosas no século XX em Curitiba.

O barracão Zanier transferiu-se para o Largo da Bica do Campo, depois Largo da Carioca, hoje praça 19 de Dezembro, bem defronte ao portão do Passeio Público. Depois que fechou, no espaço funcionou por um tempo um cinema pornô, pioneiro em Curitiba. Nós, piás, proibidos até de olhar os cartazes.



Estacionamento de vespas e lambretas diante do Prosdócimo, na rua Cruz Machado.

ORIUNDI ENTRE OS MESTRES DO DIREITO



João Casillo.



Casa dos Arcos na praça Eufrásio Correia - Sede Casillo Advogados.

Na crônica dos *oriundi* ilustres com atuação em Curitiba, lembro dos advogados curitibanos Giovani Gionédis e João Casillo, profissionais contemporâneos de destacada carreira jurídica, líderes de importantes bancas de advocacia.

O advogado João Casillo chefia um dos mais importantes escritórios de advocacia tributária e comercial do Mercosul. Líder da Associação de Empresários da Cidade Industrial de Curitiba, atua no exterior, da União Europeia aos Estados Unidos, e também nos mercados da China e extremo Oriente. Reciclou em uso o palacete das arcadas da praça Eufrásio Correia em Curitiba, onde instalou preciosa e extensa biblioteca e coleção de arte. Também reciclou o Solar de Inácio de Paula França, no centro histórico, hoje Solar do Rosário, onde atuam sua mulher Regina de Barros Correa Casillo e sua filha Lucia Casillo Malucelli, com galeria de arte, editora, biblioteca, centro cultural e bistrô.

Giovani Gionédis, meu colega de Colégio Medianeira, defensor no Supremo Tribunal Eleitoral da causa de Jaime Lerner na chamada *campanha dos 12 dias*, nas eleições municipais de 1988, venceu com destemor a impugnação do registro da candidatura feita com base em disposições transitórias da Constituição. Na época, muito jovem, atuou diante de luminares, tal o ministro Sepúlveda Pertence. Procurador do Município de Curitiba na minha gestão de prefeito (1993-1996), Secretário de Estado da Casa Civil e da Fazenda no governo Lerner, presidiu o Curitiba Futebol Clube.



Somam-se aos dois advogados os magistrados Luiz Edson Fachin e Sérgio Moro.

O professor Fachin, lente da UFPR, com carreira jurídica em Curitiba, embora nascido no Rio Grande do Sul, é considerado, depois do Ministro Ubaldino do Amaral, o único indicado pelo Paraná a ascender ao cargo de Ministro do Supremo Tribunal Federal.

O juiz federal Moro, nascido em Ponta Grossa, mas criado em Maringá e atuante em Curitiba, junto à força-tarefa do Ministério Público Federal chefiada pelo procurador Deltan Dallagnol, ascendeu à fama nacional e internacional pela sua atuação, sentenças e questionamentos no processo Lava Jato, que o ex-presidente Lula chamou de “A República de Curitiba”.

Oriundi também, a advogada curitibana Maitê Fabri Moro, residente em São Paulo, viveu curioso episódio. A Polícia Federal do Brasil buscava um dos indiciados da “Operação Lava Jato” residente no prédio do bairro dos Jardins, onde Maitê vive com a família. Descia do elevador quando deu de cara com os federais em captura ao seu vizinho. Ao abrir-se a porta, um agente foi logo mostrando credenciais e dizendo: “Somos da PF, como é seu nome?”. Maitê respondeu: “Meu nome é Moro”. O agente abriu-lhe o caminho em silêncio. Um detalhe, o sobrenome é o mesmo, mas a advogada e o juiz não têm parentesco.

Maitê Moro é mestra e doutora em Direito pela PUC-SP, *Visiting Schollar* da Fordham University de Nova York, uma das consultoras pioneiras no Brasil em estratégias de proteção de bens de propriedade intelectual. Maitê é casada com André Ramos Tavares – professor titular de Direito Econômico, Financeiro e Tributário da Faculdade de Direito do Largo de São Francisco da USP, docente da PUC-SP, diretor da Escola Judiciária Eleitoral Nacional (eleito pelos ministros do TSE) e presidente do conselho consultivo da Presidência do CNJ.



Giovanni Gionédís



Maitê Moro



Luis Edson Fachin



Sérgio Moro

SOCIEDADES OPERÁRIAS DE MÚTUO SOCORRO



Diploma de Antonio Greca. *Società Italiana di Beneficenza*.



Sociedade Beneficente dos Operários no Alto de São Francisco. Mobilização para greve, 22 de julho de 1917.

Pelo menos dez associações de mútuo socorro existiram entre os italianos de Curitiba e região: *Società Italiana di Mutuo Soccorso Giuseppe Garibaldi* (1883); *Società Regina Margherita* – braço feminino da *Società Garibaldi* (1895); *Círculo 20 de Setembro* (1896); *Società Dante Alighieri* (1896); *Società di Mutuo Soccorso Vittorio Emanuele III* (1896); *Società Italiana di Beneficenza di Santa Felicidade* (1904); *Società Rosa di Natale* – para as moças filhas dos associados da *Società Garibaldi* (1905); *Società Italiana di Mutuo Soccorso Cristoforo Colombo* (1905); *Società Operária Beneficente Internazionale di Água Verde* (1905); e *Società Italiana di Beneficenza Livorno Ítalo-Brasileira* (1916), que se transformaria na Sociedade Dom Pedro II.

Dessas, quatro tinham objetivo específico de educar “i bambini”, com instrução na língua materna para que não se perdessem as memórias *della Patria lontana*: a *Società Italiana di Beneficenza Giuseppe Garibaldi* (1883), a *Società Italiana Dante Alighieri* (1896), a *Società di Mutuo Soccorso Vittorio Emanuele III* (1896) e a *Società Italiana di Mutuo Soccorso Cristoforo Colombo* (1905).

A *Società Italiana de Mutuo Soccorso Giuseppe Garibaldi*, mais tarde chamada *Società Italiana di Beneficenza Giuseppe Garibaldi fra gli Italiani Dimoranti al Paraná*, foi fundada por imigrantes, em Curitiba, em 1º de julho de 1883.

Em 30 de julho de 1887, teve início a construção de sua sede, num terreno doado pela municipalidade, no Alto de São Francisco, no Largo da Igreja do Rosário, que viria a ser a atual Praça Garibaldi. O engenheiro arquiteto Ernesto Guaita (Turim, 1843 - Curitiba, 1915), como já havíamos informado, fez o projeto. Ele era também agente consular do Reino da Itália em Curitiba.

Naquele dia, em discurso inflamado, publicado pela *Gazeta Parana-*





Sociedade Garibaldi em construção, com quiosque do jogo do bicho na praça. Foto Frederico Lange, 1910.

ense, Guaita expôs suas diferenças com o padre Pietro Cobalchini, capelão dos imigrantes em Curitiba: *Devo deplorar a passagem sobre o horizonte de Curitiba de uma negra e nefasta ave notívaga que, com perfídia jesuítica, abusando da influência que exerce sobre a ignorância, procura atravessar o desenvolvimento da Sociedade Garibaldi acusando-a de maçônica e afastando dela os que mais precisam da instituição.*

Naquele tempo já se dizia que não é bom brigar com gente de saia: *padre, juiz e mulher*. Guaita sofreu represálias. Fizerem correr um abaixo-assinado nas capelas italianas assistidas pelo padre Cobalchini, a fim de rechaçar o agente consular. O fato também foi noticiado pela *Gazeta Paranaense*.

No dia 21 de agosto de 1887, foi ainda publicado um “contraprotesto”, em que imigrantes confessavam ter sido enganados pelo padre Cobalchini, pensando assinar uma confissão de fé católica e não um repúdio a Guaita: *Apesar de que algumas centenas de assinaturas de analfabetos, extorquidas com a miserável arte do engano, nunca possam representar os sentimentos de uma Colônia [...] os abaixo-assinados aproveitam a ocasião para publicamente, francamente, e espontaneamente declarar que não só se honram em ter o senhor engenheiro Ernesto Guaita como agente consular; representante do rei Umberto, como deploram as causas de tanta desunião entre os próprios compatriotas.*

A *Scuola Regina Margherita* não foi fechada. Ernesto Guaita deixou o cargo de agente consular – não se sabe se destituído ou desiludido da representação.

A 28 de maio de 1888, o padre Cobalchini escreveu para Roma, dizendo: *Entre os nossos existem aqueles que aqui foram trazidos pelo demônio. Destes sofri perseguições de toda espécie. Combati e venci o agente consular Senhor Ernesto Guaita que designava-me como ave notívaga perigosa para Curitiba. [...] Aqui e ali existem aqueles que me querem morto,*

ou porque lhes tirei a concubina, ou porque avisei a polícia das perturbações que traziam a certos colonos. Temo apenas a Deus, prossigo no mesmo caminho.

O agente consular Rogeri de Vilanova assina relatório em 1896, dizendo que subsidiava em Curitiba a única escola italiana existente junto à Sociedade Garibaldi.

A professora de História da UFPR, Elaine Maschio, no seu apreciado estudo sobre as escolas e sociedades italianas, informa que *esta escola fechou por volta de 1915, quando a lei estadual impôs critérios mais rígidos sobre escolas étnicas.*

O palácio neoclássico da Garibaldi só seria finalizado, com completo acabamento, em 1932, já sob a supervisão do construtor autodidata João de Mio. Em 1906, o local foi sede de um Congresso Estadual Proletário, que resultou na criação da Federação Operária no Paraná. Infelizmente há pouco registro das mobilizações proletárias.

Após 31 de agosto de 1942, quando o Brasil declarou guerra ao Eixo, aliança que unia a Alemanha nazista ao Reino da Itália e ao Império do Japão, o Palácio Garibaldi foi expropriado pelo Governo do Paraná, sendo instalada ali a Liga da Defesa Nacional. Lá também funcionaram o Centro de Letras do Paraná, a Academia Paranaense de Letras e o Tribunal de Justiça do Estado. Somente na década de 1960, terreno e esplêndido edifício seriam devolvidos à Sociedade Beneficente Garibaldi.

Esse palácio, erguido por mãos operárias, é símbolo do refinamento da herança cultural italiana, com seus arcos e janelas coríntios, de mesmo cânon arquitetônico daquele acolhido por Michelangelo no Palazzo Farnese, sua obra-prima em Roma. Platibanda com coruchéus, cornijas, sobrevergas, vãos em arco pleno guarnecidos de bandeiras e muros adornados de balaústres. Nos jardins, araucárias, uma delas van-



Sociedade Garibaldi.

te Alighieri. O colossal bloco de pedra, foi transportado até o Alto de São Francisco sobre pranchões que rolavam sobre toras, num grande esforço, quais Sísifos curitibanos fossem.

O Palácio Garibaldi é tão lindo e importante que foi tombado pelo Patrimônio como monumento do Paraná. Fiz dele uma Unidade Especial de Preservação, permitindo que fosse comercializado seu potencial construtivo em benefício do seu necessário restauro no ano de 1993, e a cada dez anos.

As esplêndidas escadarias de granito apicoado e abujardado – obra-prima da cantaria de meu bisavô Francesco Greca e seus filhos Raphael, Domingos, Antônio, Luigi e Carmelo – são arrematadas por magnífico portão em ferro fundido, com desenhos fitomorfos, evocando as folhas de louro das glórias clássicas.

Nós, os piás da família Greca, crescemos sendo exortados a olhar com orgulho para aquelas pedras. Sempre que passávamos por ali, alguém da família contava uma estória: era como se as pedras falassem.

Fui apresentado recentemente, pelo produtor de cinema Rubens Gennaro, com o diploma de “Sócio da Garibaldi”, concedido a meu tio avô Antônio Greca, a 18 de setembro de 1897, belíssima imagem que, por oportuna, reproduzo na abertura deste capítulo.

No Palácio Garibaldi, Rubens Gennaro produziu e filmou, em 1999, muitas cenas de “*Oriundi*”, com o ator mundialmente famoso Anthony Quinn, que veio de Hollywood para ser protagonista. Até um afresco chegou a ser pintado num dos salões da Garibaldi para servir de *set* à filmagem. O mes-



Aula Magna da Garibaldi presidida por Domingos Frascino. Herma com Estandarte Rainha Margherita.

mo produtor concluiu curta metragem sobre a construção e a história da Sociedade Garibaldi, em que dei meu testemunho na condição de neto e bisneto de sócios pioneiros e de prefeito de Curitiba que resgatou a edificação da ruína iminente.

Também produzido por Rubens Gennaro o filme “Anita e Garibaldi”, com o diretor italiano Alberto Rondalli. Os românticos revolucionários foram vividos por Gabriel Braga Nunes e Ana Paula Arósio. As filmagens começaram em 2005, com estreia em 2013.

Baseado no diário de Giuseppe Garibaldi, o filme narra a história do revolucionário comandante (então com 32 anos) dos rebeldes republicanos que invadiram Laguna (SC) durante a Guerra dos Farrapos (1835-1845). Lá ele encontrou sua alma gêmea na bela e fogueira Anita, 18 anos, mulher do sapateiro local. A partir do momento em que se encontram, suas vidas tomam outro rumo e ambos vão influenciar a revolução no Brasil e a unificação da Itália.

Outro endereço cultural italiano importante em Curitiba é, sem sombra de dúvida, o Centro Cultural Ítalo-Brasileiro Dante Alighieri. Fundado em 1896 como *Società Dante Alighieri*, funcionou numa casa da atual praça Santos Andrade, em 1900.

Lembro-me de ter ouvido, em casa, referências a uma briga que impôs rompimento entre os sócios da Garibaldi e os da Dante Alighieri. Nessa briga, tiraram a pedra da Batalha de Monte Grappa de dentro da Dante Alighieri e transportaram-na para o jardim do Palácio Garibaldi. Não vou pesquisar isso, porque *o passado é só o que de bom ficou do passado*.

O Centro D’Instruzione Dante Alighieri seria

refundado em 1950, com o objetivo de reavivar a cultura italiana no Paraná. O ensino da língua havia sido proibido, por decreto de Getúlio Vargas, ao tempo em que o Brasil declarou guerra ao Eixo (Itália, Alemanha e Japão).

Em 1950, quando a Itália recuperava-se das feridas da Grande Guerra, o conde Francesco Matarazzo doou o terreno na esquina da rua Westphalen com Emiliano Pernetta (na praça Zacarias). Foi demolida a antiga casa existente para que a empresa Gutierrez Paula Munhoz ali empreendesse edifício de vinte andares.

Entre os entusiastas da ideia estava o proprietário da ICAB, Luigi Muffone. O círculo Dante Alighieri ficou, no térreo, com quatro lojas e um auditório, o *Spazio Culturale Dante Alighieri*. No primeiro andar, salas de aula, biblioteca e cinemateca. No nono andar, uma sede administrativa.

O Centro Cultural Dante Alighieri atualmente gerencia acordos de ensino da língua e da cultura italiana feitos pelo Consulado General da Itália com as prefeituras de Curitiba e Ponta Grossa. Por ter celebrado tais acordos, intermediados pelo embaixador Antonio Oliviero Rossi, fui condecorado pelo presidente Ciampi como “Grande Ufficiale della Repubblica Italiana”. Recebi a condecoração em Curitiba, no Palácio Garibaldi, das mãos do embaixador da Itália no Brasil.

São dezenas as sociedades operárias e beneficentes de Curitiba. Muitas delas – alemãs e polonesas – já mencionadas na nossa narrativa. A maioria perdeu-se por envelhecimento do quadro associativo. Desapareceram por pressão da cobiça imobiliária sobre suas sedes, já que situadas em terrenos quase sempre vistosos e valorizados com o crescimento da Cidade.

Já não há a Sociedade Benéfica Protetora dos Operários, datada de 1883, construída pelo mestre pedreiro Benedito Marques. Em prédio imponente no Alto de São Francisco, praça João Cândido, prestava auxílio de pecúlio e doença aos trabalhadores. À noite mantinha aulas para qualificação de seus associados. No final do século XX, teve destino mais festivo.

O salão serviu de palco para animados bailes de carnaval, com pioneiros desfiles de travestis vindos de todo o país – profetas do respeito à diversidade.

Os bailes eram comandados pelo simpático presidente Tatu, homem negro, gordinho, com barriga envolta em elegante colete e sorriso de “bom apetite”. Ali funcionou a seção da I zona eleitoral de Curitiba, quando, candidato a prefeito, fui votar em mim mesmo, na eleição municipal de 1992.

O Operário pegou fogo no ano 2000 e hoje, abandonado, é espaço depreciado.

Gloriosa a história da Sociedade Operária e



Formatura da 1.ª turma da Escola Dante Alighieri na Garibaldi, 1916.



Quermesse no jardim da Sociedade Garibaldi, 1920. Praça João Cândido.



Sociedade Garibaldi. Festa da Befana, dia de Reis, Epifania de 1927. Acervo Família Pereira.

Benéfica Treze de Maio, também no Alto de São Francisco. A Associação de Homens Livres, fundada nos idos de 1888, após a abolição da escravatura no Brasil, resiste na rua Clotário Portugal, hoje espaço apropriado pelo movimento afro-brasileiro.

Quando terá fechado suas portas o animado salão da Sociedade Estrela da Manhã, que brilhou tantas noites no Alto da Glória? Por que emudeceu,



vendida a peso a antiga mobília austríaca, o salão pioneiro da Sociedade Juventus, onde servia *pierogi* a cozinheira Anastácia? Já não tem o mesmo encanto na sede nova do Campo Comprido.

Quem nos dirá porque a Sociedade Operário Internacional Beneficente 14 de Janeiro, animada gafeira da rua Lourenço Pinto, citada na obra literária de Dalton Trevisan, encerrou suas atividades? O Palacete dos Arcos é agora sede do escritório do advogado Casillo.

Quem fechou as portas da Sociedade de Caça e Pesca, que ficava ao lado do grupo escolar da rua Ubaldino do Amaral? Por que brotou um supermercado no lugar da operosa União Recreativa e Cultural do Ahú?

Agregaram-se ares de modernidade, transformando em sede de “coworking” os antigos salões e balcões da Sociedade Beneficente dos Operários Batel, que congregava, desde 1905, os trabalhadores dos engenhos e fábricas daquela região da cidade. Começou num amplo barracão de madeira. A fachada imponente, erguida em 1932, ainda recorda o sucesso das noites de Carnaval do Batelzinho, em que



Os Patitucci diante da *Società di Mutuo Soccorso Vittorio Emanuele III*, no bairro do Ahú, Curitiba.

ali reboavam, a partir de 1969, as “Garotas Bem Boladas”, promoção dos jornalistas boêmios do jornal *Tribuna do Paraná*. Na época, o jornal dizia: *Curitiba é a capital que não pula o Carnaval, mas pula no Batelzinho...*

Consegui, quando prefeito, evitar que derrubassem o imponente frontão neoclássico da Sociedade Operária e Beneficente Mercês. Sua sede histórica, datada de 1919, reciclada em uso, abriga hoje uma agência do Banco do Brasil. No seu apogeu, eram lendários os seus bailes de final de semana, época em que a Manoel Ribas ainda era chamada de avenida Cruzeiro.

O que é feito do Cabralzinho, da Sociedade dos Padeiros, da Sociedade Vasco da Gama e da Sociedade dos Leiteiros, antigas agremiações que animavam nossa gente?

Má notícia informa que apenas 16 sócios, reunidos em assembleia, neste 2016, acabam de extinguir a trajetória da Sociedade Literária do Portão, sob protestos de Marcos Schier, sócio benemérito. Felizmente ainda resiste, na avenida Iguaçu, a Sociedade Água Verde.

Na avenida Souza Naves, havia a Sociedade Operária Beneficente e Recreativa Vila Morgenau, endereço fundamental para o desenvolvimento do bairro, vizinho à igreja do Cristo Rei e ao Colégio Cajuru. Fundada por imigrantes italianos em 1918, seu nome seria referência a uma família francesa proprietária do loteamento daquele trecho do Capanema. O nome coincide com o do famoso Cine Morgenau, onde Poty e João Lazzarotto começaram a desenvolver sua fértil imaginação.

O Cine Morgenau funcionou no Capanema de 1918 a 1983, na rua Schiller 203. No final era explorado pelos irmãos Jorge, Joaquim e Erasmo Souza. Seu fundador, inclusive proprietário do prédio, foi o ferroviário Bernardo Quicksttdt



Scuola Italiana Dante Alighieri. Curitiba, idos de 1900. Foto de Salvador Cassini.

(1898-1976), que depois abriu o Cine Guarani, no Portão.

A Sociedade Morgenau foi tradicional palco de comícios e convenções políticas. Ali, o senador Abilon de Souza Naves, líder do PTB, então chamado partido dos “calças largas”, recebeu suas últimas homenagens, ao falecer, no dia 3 de outubro de 1958, vítima de colapso, num banquete no Salão da Morgenau, já na sua campanha para governador do Paraná. Tinha 54 anos. Com a morte de Souza Naves, o prefeito de Curitiba, Ney Braga, teve condições, como candidato pelo PDC, de ser eleito governador.

Ali, a 24 de junho de 1992, deu-se a convenção partidária que me indicou candidato a prefeito de Curitiba. Na ocasião, revogada a lei da gravidade, fiquei leve e fui carregado sobre os ombros da multidão.

FREI MIGUEL, O EXORCISTA DA VILA



Busto em gesso de Frei Miguel Bottacin executado pelo artista Carlos Tulio. Acervo Solar do Rosário.

Ilário Bottacin nasceu na aldeia de Loreggiola, a 14 de agosto de 1921, filho de Maria Ceccon e Graziano Bottacin. Foi confiado à proteção da Madona Assunta aos Céus, batizado em 15 de agosto, com menos de um dia de vida. O mesmo padre que o batizou oficiou o enterro de sua mãe – a pobrezinha morreu ao dar à luz o menino. Os parentes mandaram-no, em 1938, para o Seminário Seráfico de Rovigo. Em 1939, professou em Bassano del Grappa, mesmo local em que, no ano seguinte, proferiu votos de pobreza, castidade e obediência. Na religião, recebido entre os frades capuchinhos, mudou seu nome, passando a ser Frei Miguel.

Foi dura a guerra. No norte da Itália conflagrado, acabou com outros frades de seu convento num campo de concentração nazista. Levado ao pelotão de fuzilamento, num lote de “imprestáveis”, foi salvo pela Medalha Milagrosa que sempre trazia no peito, herança de sua *mamma*: a bala ricocheteou. *Mi-ra-co-lo!* Multiplicou o fervor de sua devoção pela Madona.

Fingiu-se de morto, chafurdando na lama úmida, entre os cadáveres, até conseguir escapar, arrastando-se sob os véus da cerração de um inverno que parecia não querer terminar. Professou votos perpétuos no convento capuchinho de Vila Franca, no dia de São José, no ano em que





Vila Nossa Senhora da Luz, 1965 (vista aérea).

a guerra acabou (19 de março de 1945).

Conviveu com o frei Leopoldo Mandic, mais tarde canonizado. Teve oportunidade de ser ouvido em confissão pelo santo a quem serviu na condição de humilde oblato. Experimentou a Divina Misericórdia, a graça infinita da confiança dos que se entregam a Deus.

Em 1957, no mês de julho, foi mandado para o Brasil, para servir aos pobres na Província dos Capuchinhos do Paraná e Santa Catarina. Foi enfermeiro, porteiro e mestre de noviços no convento das Mercês, em Curitiba. Estudou teologia, pois queria ser ordenado sacerdote.

Dom Pedro Fedalto, arcebispo de Curitiba, concordou. Impôs-lhe as mãos na Catedral de Curitiba. Era 8 de dezembro de 1973, Festa da Imaculada Conceição. Foi rezar sua primeira missa na Vila Nossa Senhora da Luz dos Pinhais, na igreja matriz do bairro mais populoso e, na época, o mais problemático da Cidade Industrial de Curitiba.

Primeiro empreendimento construído pela Cohab, com 2.100 casas, em uma área de 800 mil metros quadrados, a Vila Nossa Senhora da Luz teve suas primeiras unidades entregues em novembro de 1966 e o restante em janeiro de 1967. Era um “troféu” do governo militar, um dos primeiros frutos do Sistema Financeiro da Habitação (SFH), em fase de implantação, tocado com a mão direita pela deputada carioca Sandra Cavalcanti.

O BNH (Banco Nacional de Habitação) financiou 1.700 casas, as demais 400 tiveram recursos da

USAID – agência de cooperação norte-americana que buscava atenuar os efeitos da guerra fria nos países em desenvolvimento. A ideia do prefeito Ivo Arzua era “acabar com as favelas em Curitiba”, mas a exigência burocrática do BNH, que condicionava a assinatura de contrato à existência de vínculo formal de emprego do chefe de família, impediu o acesso dos mais despossuídos. A maior parte dos moradores de favela, à época, não tinha carteira de trabalho assinada, motivo pelo qual muita gente ficou de fora.

No projeto da Vila, atuaram os arquitetos Alfred Willer, Roberto Gandolfi, Lubomir Ficinski e Cyro Correa Lyra. Passados 50 anos, algumas casas ainda mantêm detalhes da sua concepção original, como o sótão em madeira. Outras foram completamente alteradas, o que faz parte do processo de evolução de um núcleo habitacional. Naquele tempo, a Cohab deixava área nos terrenos para ampliação das unidades.

Frei Miguel entendeu onde estava pisando. Tornou-se parte da alma da Vila Nossa Senhora da Luz, promovendo o desenvolvimento humano de seu povo.

Através da rádio PRB2, ganhou fama em toda a cidade, sendo considerado o exorcista da Arquidiocese. Dava eficiente combate ao mal e ao maligno. Por isso metade das dores do mundo que grassavam em Curitiba caíram-lhe no colo. Esgrimava-as com o rosário e o crucifixo. Mandava embora o tihoso.

Visitava as famílias humildes e as abonadas, sempre com a mesma simplicidade. Frequentava as melhores casas de Curitiba, esmolava, conseguia aquilo de que seus pobres precisavam. Fani Lerner, minhas

tias, Marta Moro, Cirene Simões de Assis, Margarita e eu, dentro da obra de São Francisco, o ajudamos no que pudemos. Juntos fizemos creche e igreja, escola e capela mortuária. Ele também nos auxiliava na Casa dos Pobres São João Batista, nas festas da Igreja da Ordem.

Foi então que se mudou da igreja matriz da Vila para o Conjunto Oswaldo Cruz. Com ajuda do povo, já exercendo seu forte carisma de pastor e confessor, Frei Miguel construiu a capela do Beato Leopoldo Mandic. Tornou-se confessor como o Frade Mandic, cuja causa de canonização passou a defender. Tornou-se o mais requisitado confessor da Arquidiocese. Como meu diretor espiritual, aproveitei sua caridosa sabedoria. Frei Miguel Bottacin dava, com meridiana clareza e absoluta certeza, os conselhos que lhe pediam. Sua palavra, como a de seu mestre, era sempre de prudência e da mais elevada sabedoria.

Consegui que Frei Miguel fosse nominado “Cidadão Honorário de Curitiba”, em proposição enquanto vereador junto à Câmara Municipal de Curitiba. Recebeu o pergaminho de honra junto com Poty Lazarotto, a quem propus e entreguei na mesma ocasião o título de “Vulto Emérito de Curitiba”. Foi a noite dos dois franciscanos, um crente, outro agnóstico, no Palácio Rio Branco lotado.

Frei Miguel Bottacin queixava-se do peso das dores do mundo, de como dói ouvir confissões, absorver as culpas alheias. Um dia chegou a dizer que *era estupidamente invejado, até pelo clero, por ser confessor de muitas pessoas, merecedor de tanta confiança: – como são loucos os mortais. Nada pode ser*



Foto da inauguração da Vila Nossa Sra. da Luz.

mais penoso que ouvir uma confissão cabeluda, de um pecador renitente. E ainda assim me invejam. Como se ouvir confissão fosse prazeroso... calcule isso, meu amigo Rafa, disse sorrindo. Divertia-se com o paradoxo.

Deixou este mundo a IO de abril de 1997, na Santa Casa de Misericórdia de Curitiba, atendido pelas irmãs e pranteado pelos seus filhos espirituais. Foi sepultado no túmulo que construiu, ao lado da igreja, no meio da Vila, na franja de um capão de mata nativa.

Morreu em odor de santidade. O povo murmura até hoje fenômenos espirituais que se sucederam depois da sua partida – Frei Alvir, o novo confessor que o diga. A Prefeitura de Curitiba colocou seu honrado nome num Farol do Saber. A Igreja Católica prepara-se para receber, em Roma, seu pedido de beatificação. Para nós, Frei Miguel já é o santo da CIC, o santo da Vila.



Vila Nossa Senhora da Luz, 1967.



IRMÃOS QUEIROLO: O CIRCO CHEGOU!



Pavilhão Carlos Gomes - Os Queirolo apresentam seu número, 1943.



Cigano de circo conduz urso cativo pelas ruas de Curitiba. Esquina da avenida Marechal Floriano com Iguaçú. 2 de março de 1910. Coleção IHGPR.



Público numeroso na entrada do Pavilhão Carlos Gomes.



Queirolo Jazz Band no Pavilhão Carlos Gomes.

Giuseppe Queirolo era genovês, conterrâneo de Cristóvão Colombo. Na *Scuola Lirica* do imponente Teatro Carlo Felice, aprendeu a cantar ópera, fazendo-se tenor. Em busca de fama e fortuna, atravessou o Atlântico e aportou em Buenos Aires, onde passou a atuar em cafés-concerto, protagonista de zarzuelas. Casou com a atriz portenha Petrona Salas, em 1881, na Igreja del Socorro, no bairro do Retiro. Abençoados pelo *Senhor de los Milagros*, que ali se cultua, tiveram nove filhos: Francisco (Poncho), Alcides (Gato Félix), Irma (que viria a ser avó da atriz Bibi Ferreira), Carlos (Chicharrão), Aída, Maria Ester, Julian (Harris), Otello (Chic-Chic) e Ricardo (Negrito).

Com a morte do pai, Petrona, mulher corajosa e sensível, ensinou aos filhos as atividades circenses. Viraram saltimbancos e trapezistas. Já eram os Irmãos Queirolo, a colher pesos nas ruas portenhas, com micagens e pequenos números de acrobacia, quando chamaram atenção de um empresário do entretenimento mundial.

Um contrato com o Circo Albert Schulmann fez com que ganhassem o mundo. Levados aos Estados Unidos, chegaram ao Hipódromo Circus de Nova York. Na Europa foram condecorados pelo Kaiser Wilhelm II, em cerimônia no palácio real de Berlim em 1912. Voltaram para a América do Sul, contratados para a semana de espetáculos que inaugurou o colossal Teatro Amazonas, na Manaus endinheirada com o florescente comércio da borracha.

Capazes de proezas que pareciam revogar a gravidade, encenavam



Os Queirolo. Foto de Nani Góis.

o “Charivari” (carnaval dos indignados), a “Ponte Humana” e a “Marcha das Estátuas de Mármore”. Chamados de *os maiores acrobatas do mundo*, pisaram o cais da praça Mauá, no Rio de Janeiro. Em 14 de julho de 1917, na Praça Saens Pena, desfraldaram lona e mastaréus do Circo dos Irmãos Queirolo. Sua alegria contagiou a imprensa carioca – a “capital federal” do Brasil tinha sido conquistada.

Excursionaram pelo imenso Brasil, acompanhados da Banda Queirolo, capaz de furiosos dobrados, harmoniosas valsas, saltitantes marchas, animados maxixes.

Só chegaram a Curitiba em 1942. Não acreditaram, voz corrente no meio circense brasileiro, que houvesse uma “caveira de burro” enterrada na capital do Paraná. No Pavilhão Carlos Gomes, Julian e Otello Queirolo espantavam as tristes notícias da II Guerra Mundial, ao entrarem em cena, na pele dos Reis da Galhofa, *Harris* e *Chic-Chic*, este palhaço impagável, inseparável de sua cachorrinha de pano, *Violeta*, que tremia em frenesi quando seu mestre ordenava: *pula, Violeta! Violeta, pula!*

Encarnaram os personagens dos *Cinco Diabos Brancos*, acrobatas destemidos, sensuais, que se exibiam de peito nu, bíceps à mostra. No palco do Casino Ahú, nos intervalos da jogatina, empolgavam o público adulto. Versáteis, mergulhavam nas harmonias do *Jazz Queirolo*.

Por duas décadas, sob a lona iluminada do seu próprio circo, percorreram todos os bairros de Curitiba, levando música e entretenimento, alegria e esperança. O repertório ia da “comédia dell’arte” à paixão de Cristo. O felpudo “Mosquitinho” vivia Nosso Senhor. A piazada, na geral, pulava e apupava, ao vê-lo em dificuldades com o peso da Cruz: “Força, Mosquitinho!” gritavam, quebrando a solenidade do momento redentor. Com os caraminguás da bilheteria, quase sempre modesta, criaram os filhos, fizeram pé-de-meia, constituíram patrimônio e compraram casa de morada, sentindo-se a cada dia mais curitibanos.

Quando a televisão chegou a Curitiba, ajudaram a consolidar sua audiência com o formidável “Cirquinho Canal 6”, o “Fiorela” e “o Clube do Capitão Furacão”. Foi premiado pelo “Chic-Chic”: ganhei, encantado, um submarino de plástico verde das mãos do “Capitão Furacão”.

Na década de 1970, a Prefeitura de Curitiba quis retribuir-lhes tanta alegria. Acabaram ganhando uma lona nova para o circo, um circo novo para os Queirolo. Zeferina e Laffayette Queirolo fizeram uma escola da dura vida no circo. *Não existe no mundo espetáculo mais puro que o Circo*, ensinavam.

Depois de 80 anos dedicados à arte circense, Tio Quilin Queirolo, o Palhaço Gafanhoto, foi agraciado com a *Ordem do Mérito Cultural do Brasil*.

Queirolos de quarta e quinta geração, atuando em redes sociais, persistem em alegrar a piazada curitibana. Fantasias e máscaras dos patriarcas foram emolduradas e brilham nas paredes do “Joker’s”, celebrado espaço cultural da rua São Francisco. Elas comprovam que o palhaço Chic-Chic e a cachorrinha Violeta, encantados no céu e no coração das crianças, foram promovidos a Anjos da Guarda da identidade curitibana.



Natal de 1995. Os Queirolo com Margarita Sansone e prefeito Greca na troca de lixo reciclável por brinquedos. Ópera de Arame.



A mesma festa no Natal de 1996.



ESPAANHÓIS ENCANTAM CURITIBA



Balão de Maria Aída no Passeio Público.

O primeiro homem a voar nos céus de Curitiba foi Theodulo Ceballos. No “União”, um balão aerostático, em 6 de fevereiro de 1876, alçou voo diante da Matriz de Nossa Senhora da Luz, subindo a 2 mil metros para descer a 2 quilômetros dali, no meio do campo, levado pelo vento. Dia 23 de fevereiro repetiu a façanha, dessa vez levando o público ao delírio ao alçar voo levando consigo um cãozinho que, atado a um paraquedas, foi lançado à terra de uma altura de aproximadamente 500 metros. O circo de Ceballos era mexicano, mas soube-se na cidade de sua nacionalidade espanhola.

O terceiro voo de balão sobre Curitiba foi bem mais curto. Em abril de 1909, a aeronauta espanhola Maria Aída subiu ao céu com seu balão dirigível “Granada”, diante de uma multidão reunida numa clareira do Passeio Público. Algo deu errado, quando o vento dominante impeliu o Granada para cima do telhado da Catedral de Curitiba.

Maria Aída nada sofreu com o acidente. Desceu do telhado da Catedral aclamada pelo povo na praça Tiradentes. Artista profissional, desmanchou-se em reverências de agradecimento e excusas. Era casada com o militar e aeronauta português Guilherme Antonio Magalhães Costa, um dos pioneiros das exibições com balões no Brasil. Ambos estudaram balonismo em Paris com Emile Carton, os dirigíveis adquiridos na prestigiosa casa francesa Lachambre. O escritor Pedro Nava, grande memorialista brasileiro, muito moço, assistiu sua exibição em Juiz de Fora, em setembro de 1908.

Desde então, permaneceu quebrada a agulha do lanternim de folha de Flandres e vitrais que ilumina a nave da igreja. Só seria consertada a meu pedido no restauro de 1993, quando aquela Catedral tornou-se Basílica Menor. Mandei reproduzir o mesmo lanternim no corpo do moderno edifício da Casa da Memória, como recordação desse fato pitoresco, e também como sinal da “iluminação” por mim desejada sobre a nossa Memória curitibana.

Além de Ceballos e Maria Aída, outros imigrantes espanhóis seriam pioneiros da indústria do entretenimento em Curitiba.

Era dezembro de 1872 quando Francisco Serrador Carbonell nasceu em Valência, já cidade romana, trono de ducado cristão visigodo, porto mediterrâneo entre a Catalunha e a Andaluzia. Na cidade da *paella*, o menino Francisco passou a ajudar o pai em pregões no mercado: vendia açafraão, arroz pilaf, peixes e mariscos para a preparação do saboroso prato típico andaluz.

Era muito difícil a vida dos pobres no Reino de Espanha naquela quadra do século XIX. Viviam recorrendo à Virgem dos Desamparados, padroeira de Valência, a quem o povo consagra a colorida festa de *Les Falles* cada dia 19 de março, celebração de São José.



Tourada em Curitiba, 1895, na atual praça Santos Andrade. Havia pinheiros no horizonte do Alto da Rua XV.

Com a morte do pai, Serrador veio para o Novo Mundo. Aos 16 anos já vivia no porto de Santos. Ao amealhar seu primerio pé-de-meia, mudou-se para Curitiba. Associado ao mouro Manuel Laffite, abriu aqui um quiosque onde vendiam frutas, rapaduras e passarinhos cantadores e ofereciam serviço de mensagens. Por baixo do pano, eram “corretores zoológicos”, isto é, operavam o *jogo do bicho*. Em poucos anos tinham uma rede de quiosques espalhada pela cidade. Esse Lafitte, mouro dos bons, andaluz, empre-sariava touradas.

Belo o registro fotográfico da “Plaza de Toros de Curitiba”, em 1896, no descampado daquela que seria chamada em 1903 de praça Santos Andrade. O atual Alto da Rua XV, onde corre a rua Ubaldino do Amaral, era apenas um horizonte bordado de centenárias e portentosas araucárias. O palacete atrás da arquibancada era então o Colégio Notre Dame de Sion, o primeiro desse nome em Curitiba, que ali funcionou até a gripe espanhola de 1917. Hoje é a Capela Santa Maria, depois de ter sido vendido aos Irmãos Maristas pelas freiras de Sion em fuga por motivos sanitários.

Francisco Serrador, Miguel Laffite e Antonio Gadotti diversificaram os investimentos. Abriam ainda uma cancha de jogo de pelota basca, chamado em Curitiba de *jogo de frontão*. Em 1902, os três inauguraram o Parque Coliseu Curitibano, admirável centro de atrações e animação. Ali, em 1904, instalaram nosso primeiro cinema regular – filmes mudos exibidos ao som de agradável pianola, ou de orquestrinha de cordas. Em 1907, Serrador criou a Empresa de Entretenimento Richembourg e foi abrir em São Paulo

o Cine Bijou.

Murmurava-se em Curitiba que o motivo causador de sua retirada estratégica deveu-se à repressão ao jogo do bicho. A agência de mensagens da rede de quiosques montada com o sócio mouro Laffite nada mais seria do que uma banca do mais famoso jogo popular brasileiro. É lenda urbana que a infeliz Baronesa do Serro Azul perdeu parte de sua fortuna jogando na *borboleta*. Ela só jogava na borboleta. Pobre viúva, esperando uma compensação para criar o Barãozinho, inconformada e abandonada pela sorte, depois que seu infeliz marido foi traiçoeiramente assassinado na Serra do Mar, num desdobramento da Revolução Federalista, em maio de 1894.

O valenciano Serrador fez fortuna nacional. Com pouco mais de 30, já pai de oito filhos – dois deles curitibanos –, possuía rede de cinemas em São Paulo, Santos, Campinas e Rio de Janeiro. Na capital federal, começou em 1910, com o Cine Chantecler. Em 1922, nas comemorações do primeiro centenário da Independência do Brasil, já era o mentor da Cinelândia Carioca. Era dono da Empresa Brasil de Filmes, distribuidora de películas mudas para todo o país, chamada pela imprensa de *Circuito Serrador*.

Serrador morreu no Rio em 1941. Era tão rico que sua família, para homenageá-lo, ergueu na rua Senador Dantas um dos prédios *art déco* mais imponentes da capital da República: o edifício Francisco Serrador, joia da Cinelândia, com 23 mil metros quadrados de área construída, uma das mais belas vistas da *Cidade Maravilhosa*.

O Hotel Serrador funcionou ali até 1970. Meu pai, numa das muitas viagens que fizemos juntos





Anúncio da ótica do doutor Pericás no Almanaque do Paraná, 1923.

ao Rio, quis que nos hospedássemos ali só para não perder a estória do espanhol que fazia touradas, apresentou o cinema a Curitiba, enriqueceu com o jogo do bicho e acabou dono da Cinelândia. Na época, era atração no Hotel Serrador a boate Night and Day, lendário ponto de encontro dos parlamentares, vedetes e boêmios da Capital Federal.

A 15 de janeiro de 1919, foi inaugurada na rua XV a Óptica Americana, a primeira ótica de Curitiba. Fundada pelo médico Bernardo Pericás Moyá (1833-1955), muito amado avô da minha Margarita. Doutor Bernardo Pericás nasceu em Palma de Mallorca, nas ilhas Baleares. Formou-se nas Universidades de Barcelona e de Madri. Fez pós-graduação em oftalmologia nos Estados Unidos, cursando o exclusivo *South Bend College in Optics*, em Boston.

A Óptica Americana, na rua XV de Novembro nº 65, funcionava em imóvel alugado junto ao Clube Curitibano – que no andar superior mantinha os salões de sua primeira sede social. Era quase esquina com rua 1º de Março – hoje Monsenhor Celso.

O *Almanaque do Estado do Paraná 1923*, publicado em São Paulo, por Capri & Olivero, dá referências: *É este estabelecimento modelar, perfeito e completo, que muito honra o senhor doutor Bernardo Pericás, seu diretor profissional, de reconhecido valor. É a única casa especialista no gênero que há no Paraná, dispondo de bem montado Gabinete Optométrico, para exames de Ophtalmoscopia e Schiascopia; de oficinas movidas a eletricidade para fabricação de lentes para corrigir qualquer defeito da vista, e dos demais aparelhos ópticos os mais modernos. Executam-se com perfeição as receitas dos senhores Médicos Oculistas, dispondo a casa para este fim de escolhidos e competentes mecânicos.*

Defronte à ótica, do outro lado da rua, ficavam o palacete de 64 ogivas do ervateiro Manoel de Macedo, a Tabacaria Aymoré, de nhá Salomé e nhô Laurindo Lopes, e o palacete da família Abílio Abreu. Ao lado

da Óptica Americana, a partir de 1934, Tagliere Vergano abriu a bomboniére ICAB (Indústria de Cacau Brasileiro), negócio vendido para o senhor Luigi Muffone em 1950.

Perto dali, num outro imóvel, também na rua XV, a casa de morada da família Pericás, onde habitavam a mulher, Paqueta Pericás Duran, natural de Barcelona, os filhos Jaime e Bernardo e as filhas Paqueta e Margarita Fany Aracelli – que viria a ser minha sogra. As crianças foram educadas com rigor, dentro da religião católica e dos princípios de civilidade, criadas sob o olhar compassivo e vigilante da bondosa aia Rosário Mylla, espanhola de Valência, que imigrou com a família desde o Velho Mundo.

Clarissa Grassi, no seu livro *Guia de Visitação ao Cemitério Municipal São Francisco de Paula – Arte e Memória no Espaço Urbano*, ao elogiar o bom gosto da arte cemiterial do jazigo da família, escreveu: *O objetivo do doutor Pericás não era o lucro e sim a qualidade de vida, na medida em que se dedicava também aos seus pacientes pobres, sobremaneira nas enfermarias da Santa Casa de Misericórdia de Curitiba. O médico humanitário também lecionou na Faculdade de Medicina da Universidade do Paraná. Era muito benquisto na sociedade, um dos poucos que sabia curar os olhos doentes, hábil em preparar colírios específicos que ele mesmo manipulava com científica habilidade.*

O cordial doutor Pericás costumava pregar: *Con un sombrero en manos se conquista el mundo*. Tornou-se um dos personagens da passagem de Getúlio Vargas por Curitiba, ao presentear o revolucionário, em outubro de 1930, com um binóculo da sua ótica.

A família Pericás cultivou intenso relacionamento com a sociedade tradicional. Dona Paqueta fez-se amiga da infeliz Baronesa do Serro Azul, de seu filho e de sua nora, assim como da família Victor Ferreira do Amaral, dos cônsules do Uruguai em Curitiba e da elegante Madame Laforge (mulher do diretor da Estrada de Ferro), retratada por Andersen no célebre quadro “Residência de Madame Laforge” (1912). Madame presenteou os Pericás com um óleo de Andersen, “O Amanhecer no Rocio de Paranaguá”. O monsenhor Celso Itiberê da Cunha, pároco da Catedral, e os bispos Dom Antônio e Dom Jerônimo Mazzarotto também estavam entre os frequentadores da casa, onde os membros do corpo consular aqui creditados eram presenças frequentes. Entre os amigos espanhóis da família estava a competente costureira dona Victória Garcia, estilista completa, como as melhores de Madri e Barcelona.

(página oposta) Óleo sobre tela dedicado de próprio punho pelo autor Victorino Balasanz, no ateliê em Barcelona em 1913, retrata o médico oftalmologista Bernardo Pericás Moyá.



Al amigo Dr. Bernardo Pericás
su amigo V. F. P.



Bernardo Pericás Moyá em Palma de Mallorca, onde nasceu, fotografado em estúdio numa cadeira de vime mediterrâneo.



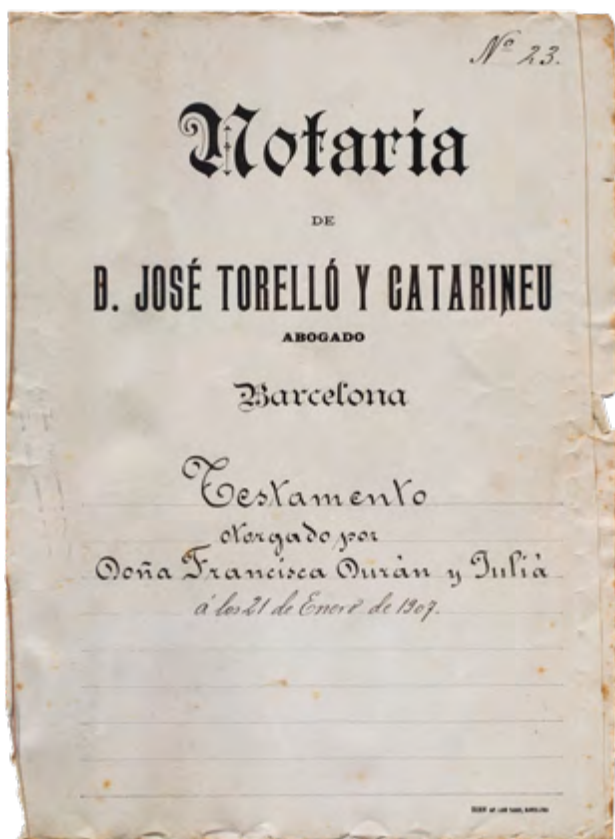
Paquita Pericás Duran fotografada em estúdio de Barcelona em trajes da “belle époque”. Foto dedicada ao noivo Bernardo.



Dona Paquita Pericás Duran em Barcelona, antes de vir para o Brasil, com seus filhos Jaime, Francisca e no colo Bernardo ainda bebê.



O bebê Margarita Fany Araceli Pericás, no estúdio da photo Weiss, em Curitiba onde nasceu em 1923, logo depois da chegada de seus pais e três irmãos, vindos do Reino da Espanha, então já convulsionado pelo conflito social que antecedeu a triste Guerra Civil Espanhola.



Na ocasião do casamento, Paquita ou Francisca Duran y Juliá, legou seus bens e seu dote ao marido conforme o uso e a lei do Reino da Espanha. (Manuscrito sobre pergaminho do cartório de Barcelona)



(esquerda) Margarita e primo Bernardo Pericás Neto (que mais tarde seria embaixador em Washington), momentos antes do baile de Carnaval do Clube Curitibano.

(direita) Margarita Pericás Sansone bebê. Foto Brasil.



Paquita Pericás Duran posou em estúdio em Barcelona com pente e mantilha de renda, tradicionais de sua família catalã, durante o reinado de Alfonso XIII.





Em Curitiba a menina Margarita Elizabeth Pericás Sansone, que seria a minha Margarita, posou para a câmera Leica de seu tio Jaime Pericás usando a mantilha, “peineta” e “abanico” de sua adorável avó.



Margarita e seu primo Bernardo Pericás Neto (1941-2015), Embaixador do Brasil junto à OEA em Washington.

Dois dos quatro filhos do casal Pericás formaram-se em Medicina. Jaime Pericás Duran casou na Lapa com Maria Lacerda. Bernardo Pericás Filho casou com Rachel Silveira da Mota. Tiveram dois filhos, Marisa Pericás e Bernardo Pericás Neto, que fez carreira no Itamaraty, um dos mais importantes embaixadores a serviço do Brasil da criteriosa escola de Santiago Dantas.

A Óptica Americana ainda existe em Curitiba, na praça Tiradentes 86, razão social com 97 anos de registro na Junta Comercial do Paraná. Seu atual proprietário é Amaury Gonçalves Pereira Júnior. A ótica foi comprada por seus pais em 1960, do médico oftalmologista Jaime Pericás Duran, que se mudou para o Rio de Janeiro, onde viveu até falecer.

Quando a II Guerra Mundial terminou, no ano de 1945, o imigrante espanhol Jesus Alvarez Terzado abriu, na rua XV, a sua *Confeitaria das Famílias*. Há 70 anos aquela empresa familiar funciona ininterruptamente de domingo a domingo, num gracioso sobrado *art nouveau*. Antes de se tornar sede da confeitaria, o prédio abrigou salão de *snooker* e estúdio fotográfico. *Este era o único prédio que estava para vender, por isto foi o escolhido pelo meu marido. Ele estava bem velho e precisou ser reformado para receber a confeitaria*, contou dona Nair Costa Terzado, que administra a confeitaria desde a morte do marido em 1980. Já são sabores curitibanos, patrimônio imaterial da cidade, os folheados, bombas de chocolate, ratinhos de açúcar, quindins, roscas de chocolate e doces madrilenos, receitas de confeitaria trazidas da Espanha por Jesus Terzado.



Igreja dos padres catalães devotos do Coração de Maria, construída em 1925. Altar da igreja. Foto Daniel Castellano.

No mercado de arte de Curitiba, notável a contribuição do *marchand aux tableux* e artista plástico Manolo Saez. Aos 80 anos, esse espanhol de Valência persiste produzindo e negociando com arte, agora numa galeria na avenida Iguazu. Seu irmão, Fernando Saez, é animador cultural, sobremaneira quando, em festas cívicas ou infantis, veste-se a caráter, encarnando o Palhaço Piri. Os Saez, que ainda têm sua mãe, são exímios preparadores de *paella valenciana* em Curitiba.

Os padres catalães da congregação fundada em 1848 por santo Antônio Maria Claret chegaram a Curitiba em outubro de 1905. Os padres Geraldo Palomera e João Sadurni foram os primeiros missionários. O bispo Dom Duarte Leopoldo e Silva pediu que colaborassem na igreja da colônia italiana da Água Verde, base das “Santas Missões”, que passaram a pregar na cidade e seus arrabaldes. Em 1906, com a vinda de mais padres, os claretianos assumiram as paróquias de Votuverava (hoje Rio Branco do Sul) e Almirante Tamandaré, o curato de Umbará e a freguesia do Assungui de Cima (hoje Cerro Azul).

Obviamente, foi na cidade que os padres de Barcelona fizeram sucesso. Na praça Ouvidor Pardini, ergueram o Santuário do Imaculado Coração de Maria. No anexo, seminário e um centro de imprensa católico. Ali começaram a ser impressos o *Clarim Mariano* (1947) e o semanário católico *Voz do Paraná* (1956). Eram 14 sacerdotes e 23 alunos de teologia, em 1959, quando do seu primeiro jubileu. O trabalho persiste.

Também na Igreja da Ordem tivemos padres espanhóis da Congregação dos Sagrados Corações. Con-



vidados pelo arcebispo Dom Ático Euzébio da Rocha, em 1949, aqui chegaram os padres Nicolau Guardia e Serafim Hernandez. O primeiro foi feito reitor da nossa igreja mais antiga. O segundo, nomeado vigário da paróquia de Porto Amazonas. Em 1951, inspirado pelo novo arcebispo, Dom Manuel da Silveira D'Elboux, padre Nicolau Guardia começou a Adoração Perpétua do Santíssimo Sacramento no altar dedicado a São Francisco de Assis e das Chagas.

Dom Manuel colocou um padre secular em Porto Amazonas e ordenou ao padre Serafim que percorresse as paróquias de Curitiba instituindo o “Apostolado da Oração”, organização feminina voltada à piedade cristã. Foi um triunfo católico a adesão das curitubanas, lideradas por dona Walquíria Silveira da Mota. Padre Nicolau Guardia oficiou a cerimônia de casamento de meus pais, a 28 de maio de 1955, a Igreja da Ordem enfeitada com camélias, numa tarde de muito frio. Notável na Igreja da Ordem a presença do reitor, padre Júlio Pereda.

O “nosso” padre espanhol, contemporâneo dos 35 anos da Festa da Ordem, reinava soberano sobre as beatas e o povo, impondo-se até no meio cultural. Severo, cobria os decotes das noivas mais ousadas com um pluvial litúrgico, porque Deus não gostava de moças encaloradas. Padre Júlio era impagável. Um dia pichou as paredes da igreja, ele mesmo.

Acordou cedo e foi levar o viático a doentes do Hospital São Francisco, como fazia todas as manhãs. Ao voltar para casa, alguém havia escrito na pintura recém-restaurada do templo: “O mundo só vai melhorar quando enforcarem o último padre com as tripas do último rei”. Padre Júlio, indignado, foi até a Casa Vermelha, na época uma sortida loja de ferragens, comprou um spray e escreveu embaixo: “Cobardes!”. Encarregado das obras de revitalização da Igreja, eu reclamei. Ele perguntou: “Como descobriu que fui eu?” Eu lhe disse: “Só o senhor escreveria em espanhol por aqui”. Havia escrito com “b” ao invés do “v” o sonoro “Covardes!”. Viveu até quase cem anos. Ia a pé além do Bom Retiro, atender doentes. Ficou célebre pelos seus chistes no palco da Festa da Ordem, nas manhãs em que promovíamos a benção dos animais.

Num casarão de madeira à rua Inácio Lustosa nº 1024, vizinhas da casa de meus pais, viveram em Curitiba as Irmãs Oblatas do Santíssimo Sacramento. Freiras espanholas, tinham por carisma a reabilitação do que chamavam de *juvens transviadas*, o acolhimento de mulheres de rua, “moças perdidas” obrigadas a se prostituir, levadas pela amarga miséria de suas vidas precoces. Eram seis religiosas lideradas pela enérgica madre Encarnación. Viviam de bordar enxovais, monogramar lenços, lençóis e toalhas. Assim amealharam dinheiro para erguer o Educandário da Imaculada Conceição, atrás das cocheiras do Hipó-



Confeitaria das famílias na rua XV em Curitiba.

dromo do Tarumã. Entraram na cidade pelas mãos do arcebispo Dom Manuel da Silveira D'Elboux, em janeiro de 1954. Obra e terreno no Tarumã cumpriram seu elevado propósito, até que as freiras inexplicavelmente partiram. O magnífico educandário, erguido com tanto sacrifício pelas Irmãs Oblatas, a partir do ano 2000 foi ocupado pelo *campus* universitário Unibrasil.

Notável, nascida em El Ferrol del Caudillo, na Espanha, viveu entre nós a artista plástica Teresa Isabel Soto de Bakker (1940-1979). Fugiu da ditadura franquista, deixando a Espanha devastada pelos efeitos da Guerra Civil que começou no triste episódio de Guernica. Chegou a Curitiba em 1968, já naturalizada brasileira. Era autodidata. Pintora de linguagem universal, desenhista maiúscula. Premiada no 26º Salão Paranaense, em 1969, mereceu o Grande Prêmio Internacional de Arte Contemporânea do Salão de Lyon, em 1977. Estava despontando para carreira internacional, sendo convidada para mostras na Espanha e na Suíça, quando foi surpreendida pela indesejada das gentes, a morte por câncer, em 1979. Lástima. Tinha apenas 39 anos.

Quando da mostra individual “Festa das

Cores” na Galeria Acaiaca, na praça Garibaldi, comprei um dos quadros de Isabel Soto de Bakker. Em tom de azul-fumaça e marrom, a pintura revela, dentro de uma chícara, um monge embuçado, sem rosto, portando um “mata-cristão” (ou maça), o porrete dos cruzados medievais que deu origem ao sobrenome Macedo. A qualquer momento o destino pode agir e quebrar a fragilidade da louça, metáfora da vida que se ia se esvaindo para a talentosa pintora. Surpreendida que eu, tão moço, amigo de suas filhas, escolhesse quadro tão triste, Isabel Bakker escreveu atrás sua dedicatória: *Para você, Rafael, que transforma a vida numa paisagem feliz.*

Cume da presença católica espanhola em Curitiba é o Carmelo de Nossa Senhora da Assunção e São José, na colina do Guabirota. Mosteiro de contemplação e clausura perpétua, o Carmelo segue as regras de Santa Tereza D’Ávila e San Juan de La Cruz. Começou em 10 de fevereiro de 1960, quando chegaram dez carmelitas de estrita observância, lideradas pelas madres Maria Leopoldina de Santa Tereza e Isabel dos Anjos. As monjas foram convidadas pelo arcebispo Dom Manuel da Silveira D’Elboux. O local é muito procurado para aconselhamento espiritual e para mandar bordar enxovais de noivas e bebês pelas monjas enclausuradas.

Quando prefeito de Curitiba, liberei a instalação de um cemitério dentro dos muros do Carmelo do Guabirota, para atender o preceito da Ordem que pede o sepultamento das irmãs na comunidade.

Quando ministro de estado, tive a honra de ser encarregado por Madre Isabel dos Anjos de liberar, na alfândega do Porto de Santos, as imagens dos místicos espanhóis San Juan de La Cruz e Santa Tereza D’Ávila, inspiradores da vida carmelita. Fui até Everaldo Maciel, enfrentei a burocracia, e as duas imagens chegaram ao Guabirota. O que foi curioso é que o processo demorou muito, mesmo nas mãos de um ministro... Mas as imagens entraram no Carmelo a 17 de outubro, exatamente a festa litúrgica do grande místico autor do livro *A Noite Escura da Alma*.

Embora a presença espanhola no estado remonte ao tempo lendário em que Dom Álvar Núñez Cabeza de Vaca batizou nossa terra de Província de Vera, e prossiga com a saga de índios guaranis aldeados por jesuítas nas reduções del Guayrá, e embora ainda um dos primeiros engenhos de mate da cidade, datado de 1834, tenha sido de José Caetano Munhoz, descendente de espanhóis, foi só em 1969 que abriu em Curitiba o *Centro Espanhol do Paraná*.

O cônsul honorário do Reino de Espanha entre nós é Saturnino Hernando Gordo, vendedor de mesas



Vista aérea Praça Espanha. Foto Daniel Castellano.

de bilhar, muito popular em todos os bares e bairros de Curitiba, onde cultivou extensa freguesia numa longa vida de muito trabalho. Segundo Saturnino, hoje está perto de 500 o número de famílias espanholas da cidade, reunindo aproximadamente 4 mil pessoas.

O Centro Espanhol, em sede própria no bairro Prado Velho, mantém um apreciado Corpo de Baile, dirigido por Blanca Hernando Barco, filha de Santiago. Lá são celebradas as *fiestas* da nacionalidade, a maior delas a de *Nuestra Señora del Pilar*, com *paellas* e sangrias, num amplo salão com espaçoso palco onde alternam-se dançarinos de flamenco, bulerias e danças ciganas da Andaluzia, com galegos e bascos dançando cirandas ao som de gaitas de folclore celta.



Folclore Espanhol de Curitiba. Foto Nani Góis.



FRANCESES EM CURITIBA



Alunas do Colégio Sion. Década de 1930.

O primeiro plano diretor viário da cidade é criação do engenheiro Pierre Taulois, trazido a Curitiba pelo segundo presidente da Província do Paraná, nosso governador de julho de 1855 a março de 1856, Visconde de Beaurepaire Rohan.

Henry Pierre Charles de Beaurepaire Rohan, visconde de Beaurepaire, nascido no Rio de Janeiro, era filho do conde de Beaurepaire, cavaleiro de antiga nobreza, perseguido por Napoleão, que seguiu Dom João VI ao Brasil. Nunca mais voltou a Paris, falecendo aqui em 1838. O jovem Beaurepaire Rohan fez carreira militar no Exército Imperial, chegando a Marechal. Em 1843, elaborou plano para modernização do Rio de Janeiro. Quando entrou no Paraná, era major engenheiro, encarregado de principiar as obras da Estrada da Graciosa, melhorando o antigo caminho.

Romário Martins refere que já havia 338 franceses entre os colonos da pioneira colônia do Assungui, ao sopé do Cerro Azul. O governo provincial do Paraná promoveu a vinda de imigrantes franceses argelinos em três levas, a partir de 1865. A fundação oficial da Colônia Argelina, no vale do rio Bacacheri, é de 1869. Em 1875, foram acolhidas famílias argelinas francesas – junto com imigrantes de outras nacionalidades – nas colônias Santa Cândida, São Brás e Santo Antônio de Orleans.

Eram de propriedade ou dirigidos por franceses o Hotel Curitibano (1872), o Hotel Francês da rua das Flores, o Hotel França na rua Primeiro de Março, o Hotel Franco-Brasileiro na rua da Graciosa, o Hotel dos Estrangeiros e o Hotel Cosmopolita (1875) na rua Direita, além de um hotel e bilhar na rua dos Alemães.

A Estrada de Ferro Curitiba-Paranaguá contou com expressivo contingente de operários e técnicos franceses e belgas, entre eles os engenheiros Sibut e Laforge. Nossa ferrovia, por influência do Conde D'Eu e da Princesa Isabel, foi construída pela *Compagnie Generale de Chemins de Fer Brésiliens*, sediada em Paris, subestabelecidas as obras para a empresa belga *Societé Anonyme de Travaux Dyle et Bacalau*.

Alfredo Andersen pintou tanto a paisagem da ferrovia, depois de concluída, quanto o jardim e o alpendre da casa de Madame Laforge. Esta casa era requintada. O engenheiro Laforge mantinha extensa criada-gem, inclusive um *valet de chambre* que o auxiliava a se vestir, luxo que Curitiba nunca tinha visto.

A leitura do periódico *Dezenove de Dezembro* revela anúncio de um “Colégio Francês de Curitiba”, dirigido pelo mestre J. B. Clement, que oferecia serviços da funerária de Gabriel Choriol (1885), prometendo *pompes funébrès* consoladoras às famílias enlutadas, com cavalos emplu-

mados, convenientemente ajazados em preto e prata. O mesmo jornal apresenta uma Casa Franco-Brasileira de vinhos, bebidas e tecidos, onde atende modista francesa, com figurinos trazidos de Paris (1856). O mesmo jornal estampa a novidade de um relógio instalado na torre da Matriz, obra confiada à perícia do relojoeiro M. Nicoud.

Foi um presidente da Província de sangue francês, o Visconde de Taunay, quem deu a Curitiba o Passeio Público e melhorou nossa Biblioteca Pública.

Alfredo D’Escragnole Taunay governou o Paraná de 1885 a 1886, sucedido pelo presidente Faria. Filho do Barão Felix Emílio Taunay, neto do famoso pintor Nicolas Antoine Taunay, destacado membro da Missão Artística Francesa que Dom João VI trouxe ao Brasil em 1816. Por parte de mãe, era neto do Conde D’Escragnole, também fidalgo francês emigrado pelas contingências da Revolução Francesa. O Visconde de Taunay é detentor de expressiva obra literária. Escreveu “A Retirada da Laguna”. Era também músico refinado, pianista e compositor; propagador da obra do Padre José Maurício Nunes Garcia, de quem apreciava particularmente os “Responsórios de Natal” – no dizer de Andrade Muricy.

Em 1896, a pedido do primeiro bispo Dom Duarte Leopoldo da Silva, chegaram a Curitiba as freiras francesas de São José de Chambér, sua clausura instalada no Hospital de Caridade da Santa Casa de Misericórdia. Em 1907 abriram o “Orphanato São José” e o “Colégio Nossa Senhora de Lourdes”, que o povo chamou de Colégio Cajuru.

Minha sogra Maragarita Fany Aracelli estudou lá. Minha mãe Therezinha também. Entre suas lembranças de infância, o triste fim de uma freira, a quem chamavam “irmã Francesinha”. Ao montar a árvore de Natal, a freirinha espetou o dedo indicador num arame arruinado, quando dependurava um pingente. Morreu de tétano. *Enfant de Mère Julia*, minha mãe não teve dificuldades ao frequentar a requintada família de seu noivo, os Dacheux de Macedo.

Meu pai tinha descendência francesa. Sua bisavó, Madame Estela Taverny Dacheux, foi a primeira parteira diplomada de Parana-guá. Sua residência é hoje a Casa Dacheux, sobrado colonial restaurado no centro histórico daquela cidade portuária. Meu pai falava fluentemente o francês, aprendido



Colégio Sion em Curitiba funcionou na praça Santos Andrade. O pinhal no terreno onde seria erguido o Teatro Guaíra. Foto de 1927, numa festa da Pátria.

desde o berço dos lábios de sua mãe Lolé e de sua avó Edeltrudes.

Em 1906, num terreno de esquina, onde a rua XV encontra a Conselheiro Laurindo, foi fundado o Colégio Sion de Curitiba. As freiras lecionaram ali, acolhendo moças das mais ilustres famílias, entre elas Sara Soares Gomes, minhas tias Odaléa e Rosinha Loyola de Macedo, de fitão azul e avental xadrez, numa formação aristocrática, capaz de transformá-las em *enfants de Sion*. O estabelecimento fechou com a epidemia de tifo de 1918. As freiras foram embora. No local, os Irmãos Maristas ergueriam, anos mais tarde, o também tradicional Colégio Santa Maria.

As freiras de Sion voltaram a Curitiba só em 1949. Estabeleceram-se na alameda Presidente Taunay, onde estão até hoje. A freira curitibana *Mère Belém* – da ilustre família de Arthur Martins Franco, um dos fundadores da Universidade do Paraná – fundou, na periferia leste de Curitiba, junto ao rio Iguaçu, o Mosteiro da Solitude, onde viveu em oração até o fim de seus dias, com mais de cem anos. Ali abriu a Escola Comunitária Professor Joaquim Franco, desde 1998 Colégio Sion Solitude.

Mère Belém* era muito nossa amiga. Diver-tiu-se muito, já centenária, quando um jornalista publicou na Gazeta do Povo a manchete “Os sinos dobram por *Mère Belém*” (sic), ao noticiar a celebração de seu aniversário. Na Igreja Católica, sinos dobram pelos fiéis defuntos, repicando alegremente nos dias festivos. *Mère Belém* mandou informar ao colunista: *C’est pas l’heure terrible! Ainda não é minha hora, os sinos não dobram por mim. Estou viva, centenária, eles apenas repicam festivamente.

Em 1956, as freiras de Sion adotaram o método pedagógico Maria Montessori. Em 1961, fruto dos ventos renovadores do Concílio Vaticano II, o Sion despojou-se, admitiu meninos, passou a manter a Escola



Social São Francisco de Paula. Em 1969 foi adotado o método Ramain, contou-me soeur Cristina. Minha Margarita e a maioria das moças da sua geração foram ali assim educadas. Crianças sentadas em tatames, tendo o chão por base e o céu por horizonte.

Notável o trabalho científico do ornitólogo Jean Dobignies, documentarista da biodiversidade do Brasil, em aquarelas naturalistas que a Casa Romário Martins expôs na mostra “Pássaros de Curitiba”. Foi dedicado pesquisador do Museu de História Natural de Curitiba, sediado no Capão da Imbuia.

Durante décadas a melhor casa para compra de reagentes químicos, vidros, provetas, tubos de ensaio, equipamentos para estudo de ciências e equipamentos cirúrgicos e de reabilitação foi a Lapalu, loja estabelecida na esquina da Doutor Muricy com rua José Loureiro, no térreo do prédio do Instituto Histórico e Geográfico do Paraná.

Mas no comércio francês de Curitiba também brotaram raízes da luta operária. Newton Carneiro refere: *Em 1906, na Sociedade Garibaldi, quando nasceu a Federação Operária Paranaense, destacou-se o socialista francês Maurice Francfort, então agente consular no Paraná. Monsieur Francfort era natural de Paris e comerciante em Curitiba. Sua primeira atividade de militante foi liderar a greve de julho de 1906 nas sapatarias e fábricas de calçados da capital do Paraná. A sede improvisada da Federação funcionava nos fundos da barbearia de Ermenegildo Cobbe, na rua XV número 84.*

No centro de Curitiba, algumas lojas de influência francesa: a casa Aismée, especializada em presentes, no sobrado contíguo ao Palácio Avenida (resistiu até há pouco tempo, fechando só com o desaparecimento das duas irmãs proprietárias), a Três Jolie, próxima à Confeitaria das Famílias, o Louvre e a Maison Blanche (historiados em outro capítulo) e a loja Menilmontant, de moda feminina e artigos finos para senhoras.

Criada pelo proprietário lapeano Seu Antoninho, ali serviam a costureira Edith e a atendente Estela. A loja, sucesso entre 1950 e 1970, estava localizada no térreo do edifício Santa Júlia, mesmo endereço da tradicional Casa Coelho, de artigos masculinos. Nesse mesmo prédio funcionou, no último andar, a “Alliance Française”, cuja fundadora, Madame Garfunkel, dizia: *en Paris, Menilmontant c’est pas elegant, c’est banlieu! Não é um bairro elegante, é periferia, não sei porque o Antoninho pôs este nome nesta loja tão fina.*

A Aliança Francesa de Curitiba foi fundada em 1945. Teve sua origem em um centro de leitura numa pensão de um casal belga onde Geneviève Pardessus, Madame de Lespinasse, promovia leituras em francês, pretexto para aglutinar os franceses aqui residentes. Essa entusiasmada professora tornou-se membro fun-

dador da primeira Aliança Francesa de Curitiba.

Criada em julho de 1883 por personalidades como Jules Verne e Louis Pasteur, a Alliance Française é uma instituição sem fins lucrativos que visa a difusão da língua francesa e das culturas francófonas e a promoção da diversidade cultural. Seus valores são a ética, o respeito mútuo, a responsabilidade social, o espírito de equipe e o comprometimento. Esses são os princípios da Aliança Francesa ao promover o ensino do francês como idioma estrangeiro.

Porém o grande nome da história da Aliança Francesa em Curitiba é o de Hélène Fanny Ginvert Garfunkel (1900-1982). Madame Garfunkel, parisiense nascida em 1900, era engenheira formada pela *École Centrale des Arts et Manufactures*. Casou-se com Paul Garfunkel, também engenheiro. Vieram para o Brasil em 1926, instalando-se primeiramente na capital de São Paulo e depois em Santos, onde Hélène dava aulas particulares e fundou a Aliança Francesa Santista.

Em 1942, vieram de Santos para Curitiba, onde a família se radicou. Aos poucos, Paul Garfunkel passou a se dedicar à pintura e Madame Garfunkel começou a lecionar na sede da rua Monsenhor Celso, depois no Edifício Santa Júlia, na praça Osório.

Após isso, a Aliança Francesa mudou-se para o Edifício Maringá, depois Edifício Rio Grande do Sul, na rua Comendador Araújo, até finalmente ser construída a sede própria, na alameda Prudente de Moraes nº 1101, com uma filial na antiga fábrica de fitas Venski, chamada de “A Fabrika”, à rua Fernando Amaro nº 154.

Sobre a Aliança, diz a professora Marisa Pericás: *Desde sua criação, sua contribuição para a difusão das culturas francófonas e da língua francesa em Curitiba foi enorme, reforçando os laços com a comunidade local, fortalecendo a amizade entre a França e o Brasil e permitindo que a cidade recebesse os investimentos de uma empresa do porte da Renault.*

Paul Garfunkel era um francês com olhar triste, rosto caído. Tinha um cachorro chamado Oscar e um carro Citroen. Os três eram muito parecidos. Dedicou-se tanto à pintura que, durante os concertos da Pró-Música, ou no Teatro Guaíra, passava o recital desenhando em cadernos de nota e rabisco, para depois transformar as imagens em aquarelas.

Madame e Monsieur Garfunkel eram pais de Fanchette, na vida pública Francisca Maria Rischbieter (1929-1989), a segunda engenheira formada pela Escola de Engenharia da Universidade do Paraná



Didi Caillet, *Vênus* Curitibana

Era de origem francesa, a primeira “Miss Paraná”, segunda colocada no concurso Miss Brasil 1929, mulher de grande beleza e refinado espírito, chamada por Paulo Koehler, em livro biográfico e documentário, de “*A Musa dos Paranistas*”.

A primeira paranaense a disputar o concurso de Miss Brasil, em 1929, não saiu vitoriosa, mas demonstrou elegância e nobreza, conquistando o público carioca presente na aristocrática sede do Fluminense, ocasião de promoção de imagem positiva para o Paraná.

Era mesmo especial, a nossa Didi. Encantou



Curitiba, nos anos 20, quando voltaram, ela e a irmã, desde Paris, com os cabelos tingidos e vestidos na moda *melindrosa*.

Didi foi uma das pioneiras do automobilismo em Curitiba, dirigindo sua “baratinha”, conversível Nash, que também servia-lhe para o curso de Carnaval na rua XV, costume curitibano na época



Marie Delfine Caillet foi a primeira mulher a gravar um disco de poesia no Brasil. Minha sogra, Margarita Fany Aracelli Pericás, sua contemporânea, me assegura que era dona de maravilhosa caligrafia. Alma inspirada, escreveu três livros de poesia, *Taú*, *Reviver* e *Eu sou Assim*.

Casou-se com o ervateiro Luís Ermelino de Leão, da alta sociedade curitibana. Foi mãe de numerosa prole, liderada pelo vereador Luiz Gil de Leão.

Sua irmã casou-se com o famoso historiador baiano Pedro Calmón. Ambas frequentaram e pertenceram à alta sociedade brasileira.

Didi Caillet de Leão foi imortalizada pela nossa cidade, quando da minha Prefeitura (1993-1996), na praça que leva seu nome, sombreada pela frondosa nogueira que plantou. Na fonte, fiz colocar estátua da *Vênus Curitibana*, obra de Maria Inês Di Bella, evocação da lenda urbana de Didi, assim comparada à deusa romana da Beleza.



(1951). Foi, com Dulcia Auríquio, dedicada guardadora das posturas municipais.

Sobre Fanchette, testemunhou o prefeito Saul Raiz: *Ela sempre foi uma espécie de freio, de consciência crítica, tanto para mim como para Jaime (Lerner). Jamais deixou de fazer suas colocações com a maior sinceridade e sempre com o bom senso que tão bem a caracterizava.*

No começo da década de 1950, sobreviventes das agruras da II Guerra Mundial, chegaram a Curitiba os franceses Jeaninne e Emile Decock. Abriram seu *Bar Normandie*, na rua Cruz Machado, no edifício Pires, defronte às Lojas Prosdócimo e à Casa do Pequeno Jornaleiro.

O sucesso gastronômico, aliado à gentileza no atendimento, foi tão grande que logo provocou a criação do restaurante *Ile de France*, numa casa alugada na rua Doutor Muricy, quase vizinhos da residência dos Plácido e Silva Carnasciali, um pouco adiante da Sociedade Duque de Caxias, onde aconteciam os animados chás-dançantes da Escola de Engenharia nas tardes de domingo.

Era o ano de 1953, comemoração do Centenário do Paraná. Em 1957, mudaram para sede própria, defronte ao conjunto monumental da praça Dezenove de Dezembro. Estão lá, à sombra do obelisco do Centenário, contemplando os tons de azul do painel com azulejos do Poty Lazzarotto. Há 62 anos no mesmo endereço, com o mesmo menu, cozinha provençal francesa, impecável: *escargots, crêpes, filets au poivre vert et noir, boeuf stroganoff* de carne e de camarão, *profiteroles* servidos com calda de chocolate...

Ali espoca o champagne gelado com eficiência extraordinária – o segredo é colocar sal nas champneiras, para manter a temperatura polar, sem medo da oxidação dos metais, diz Jean Paul Decock, herdeiro e sucessor. Arquiteto de IPPUC, Jean Paul divide a direção do restaurante com sua mulher, Clara Chao Decock. Ela é chinesa, de família tradicional. Seu pai e seus tios, da estirpe dos mandarins, educados no credo confuciano, fugiram do comunismo e vieram a Curitiba fundar os Moinhos Graciosa.

Ali também são servidos *champignons à la crème*, originalmente cultivados em caves junto ao rio Iguazu, nas terras de Araucária, por Pierre Charvet e sua família, de ascendência franco-belga. Charvet cultiva até hoje um visual de personagem de pintura flamenga, os bigodes espetados como se modelo de Van Eyck fôra.

Em 1950, o ator e cantor francês Francis Linel ganhou o primeiro *Grand Prix* da canção francesa, no Festival de Deauville, interpretando uma música que tinha pretensões de ser um samba-canção, intitulada *Monsieur le Consul à Curitiba*.

A música, de autoria de Marc Heyral, com letra

de Fernand Vimont e Henry Le Marchand, trazia as marcas de seu tempo: o clima geral romântico, de um mundo cor-de-rosa, que tentava fazer o público esquecer dos horrores da guerra mundial.

Monsieur le Consul à Curitiba

*Il est au Brésil une ville
Un charmant petit coin tranquille
Où la vie est douce et facile
Et qu'on nomme Curitiba
D'un consul j'y fis connaissance
Ce n'était pas le Consul de France
Mais pour un consul quelle chance
D'habiter ce pays là*

O Senhor Cônsul em Curitiba

*Há no Brasil uma cidade
Um charmoso cantinho tranquilo
Onde a vida é doce e fácil
E que se chama Curitiba
Com um cônsul lá eu fiz amizade
Ele não era cônsul da França
Mas para um cônsul, que grande sorte
Morar naquele lugar:*

Quem terá sido esse cônsul, que gostou tanto da nossa cidade a ponto de qualificá-la como *um charmoso cantinho tranquilo, un charmant petit coin tranquille*?

A canção é famosa na França até hoje. Certa feita, ao chegarmos em Paris, Margarita e eu pegamos um táxi citroen – numa das poucas vezes em que os táxis da Cidade Luz não estavam pilotados por árabes marroquinos ou argelinos. O motorista, surpreendentemente, era francês, parisiense. Viajava tendo por copiloto um imenso, porém amigável, cachorro labrador.

Perguntou donde vínhamos; dissemos que éramos de Curitiba. Não há de ver que ele se pôs a cantarolar “Monsieur le Cônsul a Curitiba”? Ao ver nossa satisfação, sacou uma fita k7 e colocou no toca-fitas do carro. E lá fomos nós, entrar triunfalmente em Paris, cantando a nossa aldeia. Tinha razão o companheiro Tolstoi: *quem quer ser universal, canta a sua aldeia.*



Os engenheiros Ayrton Cornelsen (Loló) e Eurico Dacheux de Macedo na inspeção da primeira usina de asfalto do DER-PR. Cerca de 1950.

Os Dacheux de Curitiba

Meu amado pai tinha apreciado sobrenome francês: Eurico Dacheux de Macedo. Era conhecido por muitos, no DER (Departamento de Estradas de Rodagem do Paraná) e na Escola de Engenharia da UFPR como doutor Dacheux, professor Dacheux, pela sonoridade do apelido. Minha avó, Aurélia, apelidada “Lolé”, era dessa antiga família radicada em Paranaguá. Todos em casa escreviam e falavam fluentemente o idioma de Racine, nele alfabetizados pela bisavó Edeltrudes, filha de Estela Taverny Dacheux, Madame Dacheux, famosa parteira em Paranaguá.

Entre os parentes desse ramo da família, recordo dos filhos de tia Tudinha: Reinaldo Dacheux Pereira, advogado, apaixonado conselheiro do Curitiba Futebol Clube, e seu irmão Expedito Fausto Dacheux Pereira, engenheiro chefe do Departamento Nacional de Obras e Saneamento – responsável pela dragagem dos rios de Curitiba, formadores do Iguaçu – serviço imprescindível para evitar desastrosas cheias.

E ainda tio Dacheux, ou “Chézito”, Leandro Dacheux do Nascimento, honesto e preciso coletor de rendas do Estado do Paraná. Personagem da minha infância, viveu toda a vida na casa *art déco* da esquina da rua João Manoel com a Inácio Lustosa. Ele

e sua mulher, Maria Antonieta, ou “tia Nena”, fizeram as vezes de “cupido”, apresentando meus pais um ao outro. Tia Nena me ensinou a datilografar. Tio Chézito, ao morrer, estava organizando um “Dicionário Paranaense de Nomes e Termos Tropeiros”.

A Casa Dacheux, solar de dois andares no Largo da Matriz, vizinho da casa onde nasceram Monseñor Celso e Brasília Itiberê da Cunha, recentemente restaurada, foi transformada em centro cultural de Paranaguá.

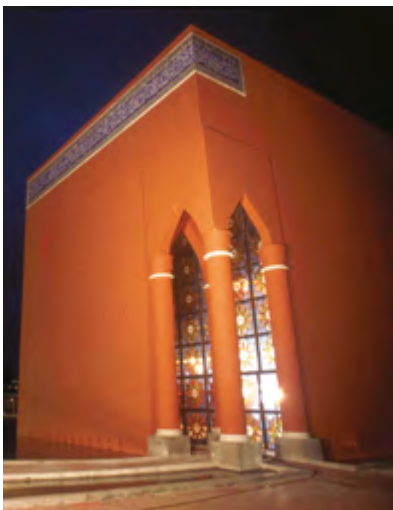


Eurico Dacheux de Macedo e Darci Ribeiro, encontro de professores na chácara São Rafael das Laranjeiras.

FILHOS DE ABRAÃO EM CURITIBA



Fonte de Jerusalém.



Memorial Árabe. Foto Nani Góis.

Arabes imigrantes premidos pela necessidade e judeus em diásporas sucessivas também chegaram a Curitiba. Vamos recordar conjuntamente a sua contribuição, numa espécie de prece literária à necessária paz que sonhamos para Jerusalém.

Em 1996, quando terminava meu mandato de prefeito dos 300 anos de Curitiba, o então prefeito de Jerusalém, Ehud Olmert, mais tarde chanceler de Israel, visitou nossa capital. Nosso hóspede de honra inaugurou ao nosso lado, em presença do então governador do Paraná, Jaime Lerner, a Fonte de Jerusalém, na perspectiva monumental das avenidas Sete de Setembro, Silva Jardim e Mário Tourinho/Arthur Bernardes.

Havia idealizado o monumento para recordar as três vertentes de espiritualidade que brotam do rochedo da Cidade Santa: o Judaísmo, o Cristianismo e o Islamismo. No grande prisma que sustenta as três esculturas aladas – os Anjos comuns às tradições monoteístas –, fiz gravar trechos dos Salmos do rei Davi, poeta e profeta.

Em 1995, na praça Gibran Khalil Gibran, onde a avenida João Gualberto encontra as ruas Luiz Leão e Fontana, mandei edificar um Memorial Árabe, para homenagear cristãos e muçulmanos vindos do Oriente, em sua maioria do antigo Império Otomano, para nossa cidade.

Concebi um edifício laico, cubo em estilo mourisco, cercado por espelho d'água, onde a biblioteca dedicada ao poeta libanês cristão, com títulos da literatura universal, é encimada por azulejos – trazidos desde a manufatura de Isfahan – com a primeira “surata” do Alcorão, o livro sagrado dos muçulmanos. Exatamente aquele versículo que fala da infinita Misericórdia de Deus: “Em nome de Deus, o Clemente, o Misericordioso”.

O governo dos aiatolás do Irã gentilmente concordou em mandar artesãos capazes de afixar a frisa com o texto islâmico no monumento. Na ocasião, no mesmo avião, também trouxeram cerâmicas que ornamentam a nova mesquita de Curitiba, na rua Doutor Kellers.

O primeiro semita morador do Paraná teria sido um certo *Bassan*, escriba de Gabriel de Lara, referido nas Atas de Paranaguá, da elevação do Pelourinho (1646) e do reconhecimento das lavras de ouro. Esse pioneiro, possivelmente um “marrano”, ou cristão novo batizado *na marra*, pode ter tido sucessores em escravos negros islâmicos trazidos para cá ao longo de dois séculos.

Mas foi na segunda metade do século XIX, entre 1860 e 1920, que a maioria das famílias semitas entrou no Brasil, com passaportes dos

grandes impérios que então dominavam o centro da Europa e o Mediterrâneo: os impérios cristãos germânico, austro-húngaro e russo; e o império islâmico turco-otomano.

O imperador do Brasil, Dom Pedro II, homem erudito, estudioso das Sagradas Escrituras, que falava e lia em árabe e hebraico, empreendeu três peregrinações ao Oriente Médio, motivado pela devoção cristã aos santuários da Terra Santa, e pela curiosidade de seu espírito humanista. Viajou em 1871, 1876 e 1879. Deixou em manuscrito, nos seus minuciosos diários de viagem, o testemunho pessoal de haver convidado árabes e judeus a vir morar no Brasil.

André Gattaz, no seu livro *História Oral da Imigração Libanesa para o Brasil*, divide os fluxos de chegada em quatro levas: a primeira, entre 1880 e 1920, teve clara predominância de famílias cristãs, maronitas, ortodoxas e católico-romanas, à época insatisfeitos com o domínio islâmico turco-otomano em suas aldeias e cidades de origem. Viam no Brasil uma terra prometida, tolerante com sua crença. A segunda leva deu-se entre 1921 e 1940, já com famílias muçulmanas nas listas de imigrantes. Vinham buscar prosperidade e bons negócios. Nessa leva predominaram famílias do meio rural, oriundas das encostas cobertas de cedros do poético Monte Líbano, Vale do Bekaa, encostas do Monte Hermon, fronteira com o vale do Jordão e o Mar da Galileia.



O sírio Ibrahim Isskandar, mercador de frutas na praça Zacarias, em 1952, veio na terceira leva de imigrantes. Foto do acervo de seu filho Faisal Iskandar, artista plástico e fotógrafo.

A terceira leva – de 1941 a 1970 – foi motivada pelos traumas da II Guerra Mundial e pelas lutas dela advindas, com o controle político interno das minorias étnicas no Líbano. A predominância, a partir de 1950,



Album - Part III.
HUGO DANZ. Hof-Photograph. Berlin Jerusalem, StraÙe-28

Dom Pedro II posa sobre camelo, seguro por um beduíno, numa viagem ao Oriente Médio.

foi de famílias do meio urbano. A quarta leva, a partir da guerra civil que dilacerou o Líbano, tem forte presença de famílias muçulmanas, sobremaneira da vertente xiita. Avançando na análise de Gattaz, ousaria dizer que presenciamos nestes anos conflituosos da nossa década uma outra leva migratória de refugiados sírios e palestinos.

Gehad Hajar localizou no Arquivo Público do Paraná o registro de operários egípcios, de saber ferroviário, antes engajados em empreendimentos britânicos, que teriam vindo trabalhar no canteiro da ferrovia Curitiba-Paranaguá (1880-1885). Ele também me diz, e eu acredito, que, mascates, comerciantes natos, os árabes percorriam a América do Sul e o Brasil em busca de bons negócios. Nem sempre chegaram diretamente ao Paraná; muitos vieram via Montevidéu e Buenos Aires, ou através dos portos do Rio e de Santos e da cidade de São Paulo, aquela que um presidente do Líbano já proclamou a maior cidade libanesa do mundo.

Nos registros do Arquivo Público do Paraná, encontramos registros datados a partir de 1860 para a chegada dos Buffara, Bufrem, Bacilla e Fatuch, famílias árabes pioneiras por aqui. Chegavam com passa-





Palácio Tigre Royal, de Jorge Pacífico Fatuch.

porte do Império Otomano, conhecido como *Império Turco*.

Em 1895, abriu em Curitiba a Casa do Anad, também chamada de *Bazar da Turquia*. Oferecia armários, brinquedos, fazendas e “bresentes”, no número 39 da rua XV de Novembro, asseguram livros de atas conservados pela Junta Comercial do Paraná.

Sobre esse costume brasileiro de chamar árabes e sírio libaneses, incorretamente, de “turcos”, tenho um episódio da minha infância. Perto da nossa casa do alto da rua Inácio Lustosa, na rua Parnaíba, numa casa colonial de paredes vetustas – edificada fora do alinhamento predial –, vivia dona Maria Saad. Senhora sírio-libanesa de expressão forte. Eram emoldurados por expressivas olheiras, seus olhos grandes, fundos e negros, penetrantes como se duas jaboticabas fossem. Pareciam coruscar.

Dona Maria era tão rechonchuda quanto piedosa. Tesoureira do Apostolado da Oração, calçava cômodos sapatos de *tressé*, ventilados na ponta, o bico deixando dois dedos à mostra, e subia a ladeira ao lado do Convento da Medalha Milagrosa, sempre desfiando seu rosário. Carregava com sofreguidão a grande bolsa de couro, a pesada capelinha – de madeira e nicho envidraçado com a imagem da Virgem Maria – apertada ao peito. Quase sempre já vinha com a cabeça



Palácio Riachuelo, de Jorge Pacífico Fatuch.

coberta pela mantilha rendada da comunhão, em sinal de veneração pela santinha, uma fita de gorgorão vermelho ao pescoço, donde pendia, em efígie de prata, o Sagrado Coração de Jesus.

Um dia apareceu lá em casa, para cobrar a mensalidade da Capelinha. Bateu palmas no portão. Eu a vi, saí disparando, querendo ajudar: *Mãe, mãe, dona Maria Turca está aí!* Ficou braba, chamou nossa atenção: *Maria Turca, não! Menino Rafaelzinho! Maria Síria, ou Maria Saad, que este é meu nome com sobrenome. Ensine isto ao seu filho, dona Therezinha!* Minha mãe, na maior saia justa com a minha incorreção geopolítica, aquiesceu constrangida, e todos aprendemos a lição.

Na sequência, ao alvorecer do século XX, a partir de 1900, chegaram ao Paraná as famílias Cheida, Ched, Genon, Assel e Kayel. Logo depois, as famílias Assal, Fayad, Inhari, Saleh, Hamoud, Bark e Zugueib.

Em 1925, Khalil Karam abriria sua Casa Edith na praça Generoso Marques, até hoje expressivo comércio de chapéus Panamá e de feltro, meias, lenços, patufas, abotoaduras e roupas em geral. As bem sortidas prateleiras guardam relíquias que atravessaram o século XX. No tempo do carnaval, ali eram ofertadas máscaras e fantasias. Nas vitrines também, dourados e prateados, os românticos lança-perfumes, sucesso nos salões até serem proibidos.

Teria sido o sucesso da Casa Edith quem definiu o “Saara” curitibano, região do centro onde a barganha aprendeu a falar português? Nosso Saara compreende o polígono definido pelas praças Tiradentes e Generoso Marques e ruas Riachuelo, Barão do Rio Branco e XV de Novembro.

Jorge Pacífico Fatuch, imigrante sírio, logo que prosperou, foi adquirindo imóveis na região do “Saara” curitibano. Foi dele o Palácio Tigre Royal, na esquina da Riachuelo com a praça Generoso Marques, já no começo do século XX. Em 1926, arrematou imóvel decorrente da falência da firma José Farani & Irmão, terreno hipotecado à família Hauer e as-



Árabe com carrinho ambulante. Foto Arthur Wischral.

sociados. Fatuch comprou o velho casarão Farani na esquina da Riachuelo com a rua de São Francisco de Ângelo Guarinello e Alexandre Hauer.

Pôs abaixo as ruínas, para ali inaugurar, em 1929, o suntuoso Palácio Riachuelo – que ainda ostenta as suas iniciais no frontão da esquina, onde um pórtico abriga loja e duas grandes sacadas com amplas portas e janelas. A ideia de Fatuch era instalar hotel ou moradias unifamiliares nos pavimentos superiores e lojas no térreo. De 1935 até o final da década de 1940, alugou o excelente ponto de esquina para as Casas Pernambucanas, que mais tarde se mudaram para a praça Tiradentes, esquina com Monsenhor Celso.

Em 1946, a família Fatuch vendeu o imóvel para a Feira dos Retalhos. Aquele ponto era propício ao mercado de tecidos, atividade típica do Oriente Médio. A tradicional Casa Hilú, de tecidos finos e utilitários, teve ali seu terceiro endereço, vinda da praça Generoso Marques. Persistiu até 1993. Quando fechou, em 2013, já estava em prédio próprio mais moderno na mesma rua Riachuelo. No caixa, por cinco décadas, dona Otília Nicolatti Hilú atendia a seleta freguesia. Fui diversas vezes lá comprar tecidos para guarda-roupa de procissões, peças teatrais, cenários e eventos culturais. Dona Otília era amiga da minha tia Chiquita e nos dava desconto.

Também naquela esquina da São Francisco, do outro lado da rua Riachuelo, a partir de 1926, o confortável e vistoso sobrado do italiano Nicolau Petrelli passou a abrigar, no térreo, o Armazém Oriente, de Miguel Jorge Aisse. Portas abertas exibiam profusão de tâmaras, lentilhas, damascos, pistaches, avelãs, “homos”, gergelim, “zattar” e gomas de Istambul, entre outros produtos e ingredientes imprescindíveis à boa culinária sarracena. Quando seu Miguel faleceu, ficou em seu lugar Antônio, filho e herdeiro, sucedido, ao deixar este mundo, pela viúva Martha Mansur Aisse. Mulher de fibra, manteve o negócio familiar até 1965, quando definitivamente fechou as portas.

Minha Margarita, quando menina, saía da casa de seus avós espanhóis, Paquita e Bernardo Pericás, pelas mãos da aia Rosário Mylla, para ir comprar caramelos coloridos na frutaria A Sultana. Esse era também o nome da menina de olhos negros, filha dos donos da “luja” embaixo do palácio da Associação Comercial. O alumbramento da Margarita pelo Oriente, seu fascínio pelos povos do deserto, do qual também compartilho, teria começado ali, na colorida e pequena loja da nossa rua principal.

Além da Sultana, na XV, outros endereços de comércio árabe. O sírio Miguel Calluf sucederia comerciante alemão na propriedade do elegante salão de vendas que Curitiba conhecia por “Louvre, Rei das





Anúncio comercial em alemão de Azulay - Loja A la Ville de Paris.



Mulheres muçulmanas na praça Santos Andrade. Foto de Andrei Pacher.

Sedas e Imperador dos Preços”. Esse Miguel Calluf ergueu o belo edifício moderno, depois alugado para o Lord Hotel, na esquina da Marechal com a rua Cândido de Leão, antiga rua Feliz.

Na loja vizinha ao “Louvre” curitibano, o imigrante Elias Tacla abriu sua Capital das Modas. A tradição oriental e familiar de vender bons tecidos foi continuada por seus filhos Elias e Edmundo.

No começo do século XX, as senhoras elegantes de Curitiba tinham passagem obrigatória pela esquina da rua XV com a então alameda Doutor Muricy. No local do atual Edifício Azulay, erguia-se a bela loja *A La Ville de Paris*, de J. Azulay & Cia., anexa à fábrica de chapéus da mesma família, num sobrado com as paredes recortadas por repetidas portas e janelas, em elegantes arcos. O velho Azulay, de tez morena e olhos mouros, podia ser judeu ou árabe; enfim, era filho de Abraão, vindo com imigrantes espanhóis. Cosmopolita, publicou anúncio em 1914 no Almanaque Alemão. Não existe fronteira para os bons negócios.

Os artigos ali fabricados rivalizavam com os ofertados, também na rua XV, por Estanislau Woiski, na sua Chapelaria Vênus. E ainda com os expostos na vitrine da Cha-

pelaria Cosmos, de Ottoni Belo. Essa “Casa Ottoni” abria às 7:00 da manhã, à hora em que a rua era percorrida por carroças de leiteiros e colonas vendedoras de lenha, nunca fechava para almoço ou jantar; permanecia aberta até a noite fechando portas só às 22:00 horas. Isto para aproveitar o movimento da “Cinelândia Curitibana”, o footing da rua XV a pé ou em carros de passeio, escreveu Oswaldo Nascimento Júnior, herdeiro da tradicional Camisaria Pinheiro, combativo presidente do Clube de Diretores Lojistas de Curitiba, no seu opúsculo *300 Anos de Comércio* (1993).

Eram bonitos os chapéus das Casas Vênus, Azulay e Ottoni, mas nada parecido com os modelos que criaram as estilistas e chapeleiras Elvira e Marina Derviche Lafitte. As *Irmãs Lafitte* estrearam no Saara, imediações do Paço Municipal. Hábeis também em recortar luvas finas de cetim e de seda, de passeio ou de grande gala, artigo raro de ser encontrado em Curitiba mas imprescindível nas *toilettes* das mulheres elegantes até o final dos anos 1960.

Na década de 1950, as irmãs Lafitte abriram refinada loja na praça Osório, na então “moderna”



“Saara” curitibano na praça Tiradentes e Marechal Floriano. Foto João Marcondes Loureiro.

galeria do Edifício Ana Cristina, empreendido pelo espanhol Jayme Canet Júnior, que seria governador do Paraná de 1975 a 1979, nomeado pela Ditadura Militar.

As irmãs Laffite eram convocadas, cada ano, para a cívica tarefa de vestir em traje de gala e criar o traje típico da Miss Paraná. Um sucesso quando vestiram a bela Angela Vasconcellos, vencedora do concurso Miss Brasil 1964, com o traje “Colhedora de Café”, concepção de muito bom gosto, realçada pelo lindo rosto da moça. Um desastre quando ousaram, em profusão de plumas em todos os tons de azul, vestir outra Miss de “Cataratas do Iguaçu”. A pobre moça foi desclassificada.

Fizeram vestido e grinalda de noiva de minha mãe, Therezinha Greca, e os chapéus das madrinhas e convidadas do casamento com meu pai, Eurico Dacheux de Macedo. A cerimônia na Igreja da Ordem deu-se às 15:00 horas do dia 28 de maio de 1956 – como se dizia na época, num horário que *pedia chapéu*.

Eu, piá encantado com a bela loja, conheci as Irmãs Laffite, levado pelas mãos de minhas tias Chiquita e Loly, acho que na ocasião em que encomendavam a grinalda de noiva da tia Mafalda, que casou em casa, no civil e no rito muçulmano, tornando-se senhora Omar Tuaf, numa união mediterrânea celebrada em Curitiba.

Essa minha tia casou-se com o tio Omar, moço bonito, que veio estudar Odontologia em Curitiba. Era filho de um santo homem, o primeiro *sheik* da Mesquita de São Paulo, dono de frutaria no Mercado Municipal de lá. Com seu “Miguel”, na verdade Mohamed Salomon Tuaf, que tinha cabelos



Comércio da rua XV em foto de Arthur Wischral na década de 1940.

brancos e um rosto sereníssimo, eu menino aprendi as primeiras lições de Oriente. Vi-o fazer abluções rituais, estender seu “msalye” (ou tapete de orações), rezar voltado para Meca, no quarto de hóspedes da casa dos Greca da rua Almirante Barroso, 22. Para tal, nós, meninos, subíamos em cima do guarda-roupa do quarto vizinho e espiávamos pelo vitral azul da bandeira que encimava a porta dupla, naquele casarão de pé-direito altíssimo. Isso até que dona Maria, mulher portuguesa de seu Miguel, viesse nos surpreender dizendo: *Meninos, isto não se faz. É a religião dele...*

Demonstrei tanta curiosidade e interesse que o “Gido” sheik, bom avô que era, acabou me presenteando com um exemplar do Alcorão, na primeira edição em português do professor cristão Mansour Chalita. Eu me deliciava ao saber que os muçulmanos reverenciam Maria, Mãe de Jesus, contando que a puríssima Virgem deu à luz seu Menino Profeta à sombra de tamareiras. E que seu primeiro milagre, no Alcorão, foi ter falado com apenas um dia de vida, para defender a Virgindade de sua Mãe.





Vista aérea da rua Riachuelo e centro histórico de Curitiba, 1935. Na atual praça 19 de Dezembro, o Colégio Progresso ainda estava em pé.

Na praça Tiradentes, o negociante Feres Messmar abriu a *Casa Feres – pequena por fora e grande por dentro*. Endereço também servido pela simpatia esfuziante de Anice Messmar, sua mulher, militante política do MDB velho de guerra.

Ali começava uma das fronteiras do “Saara” curitibano, que, com as sucessivas levas de árabes aqui chegados, estendeu-se ainda mais, por lojas das ruas José Bonifácio, Marechal Floriano Peixoto, Muricy e Saldanha Marinho, com ramificações na José Loureiro, Barão do Rio Branco, João Negrão e Pedro Ivo. Ali ainda está o ponto comercial do meu dileto amigo Ismail Hajar, com sua Casa Milagrosa, onde o verdadeiro milagre é o preço baixo e o lucro do honesto comerciante.

Nesse grande bazar do centro de Curitiba, a barganha aprendeu a falar português, nas vozes dos Irmãos Abagge, Hajar, Hamdar, Domit, Zacharias, Karam, Akel, Zogueib, Fatuch, Schoueri, Kalabaide, Geara, Seleme, Baduy, Bittar e tantos outros “brimos”, que, árabes, não conseguem dizer o fonema “p”, trocando-o pelo “b”.

Alguns dizem *gombrei beito de berú, bra fazer bosta branca na banela*, divertindo as novas gerações.

Apesar da forte barreira linguística, vencida pelo talento nato para as vendas, os imigrantes sírio-liba-

neses logo se integraram à nova terra. *Entre 1906 e 1907, 28 bebês, filhos de otomanos, já nasceram em Curitiba. De 1872 a 1921, não houve registro de naturalizações. Quinze processos aparecem em documentos datados entre 1922 e 1940. Em 1940, o censo paranaense registra 1.516 sírio-libaneses no Estado, sendo 961 homens e 555 mulheres. Desses, 296 já eram naturalizados.* É o que nos informa a pesquisadora Márcia Dalledone Siqueira, no livro *Da Imigração à Fundação do Clube Sírio-Libanês do Paraná*.

Em março de 1933, vindo da Síria, chegou ao Brasil o comerciante Mounif Tacla, filho de Istinas (Dunah) e Ibrahim Sleiman Tacla, nascido em 1916, em Beith Chbat-Safita. Abriu em Curitiba a Tecelagem Imperial, loja de tecidos finos que teve endereço na Ébano Pereira, depois na rua XV de Novembro. Casou em 1949 com Lourete Gebran Fayad. No ano seguinte, abriu a loja Quinta Avenida, onde a Doutor Muricy encontra a XV de Novembro. Integrou-se de tal forma à sociedade curitibana que, em 1958, naturalizou-se brasileiro. O casal Tacla assumiu papel destacado na comunidade curitibana: Mounif foi orador oficial da Irmandade Ortodoxa de São Jorge; Lourete, auxiliada por sua irmã Mirna Lopes, líder de bazares e eventos beneficentes.

A casa dos Tacla, na rua Padre Anchieta, tornou-

-se cenário de frequentes recepções. Ali também foi recebido, em 1967, o arcebispo ortodoxo Dom Ignátios Ferzly, prelado da Igreja Ortodoxa de Antioquia, quando veio de São Paulo celebrar a festa de São Jorge. Lourete e Mounif passaram a liderar a comunidade sírio-libanesa de Curitiba. Fundaram o Folclore Árabe do Paraná. Comandaram a Barraca Árabe da Feira das Bandeiras, criada por dona Egypcialinda (Velloso), mulher do governador Parigot de Souza. Naquela festa, a Barraca da Itália foi liderada pela elegante consulesa Giovanna Bottarelli, vizinha e grande amiga de Lourete. A feira, em benefício do Hospital do Câncer Erasto Gaertner, foi realizada na marquise de concreto do atual Museu Oscar Niemeyer. Mais tarde, Mounif e seus irmãos doariam à Associação Paranaense de Reabilitação (APR) a Escola Nabil Tacla, no bairro do Cabral. Mounif voltou ao Líbano, para rever a aldeia natal e os parentes que lá ficaram.

No roteiro emotivo, em Beith Chbat, foi reverenciado, virou nome de rua. Na escola onde estudou, soube que um de seus professores, em idade avançada, vivia nas montanhas. Não mediu esforços para reencontrá-lo após 40 anos.

Morreu em 1976. Lourete e seus filhos, Aníbal, Ricardo e Morvan, colocaram seu nome num shopping na praça Generoso Marques, em imóvel adquirido em 1986. O local tinha sido endereço da Casa Hertel, que encerrou suas atividades em 1985, após 87 anos de funcionamento. Ali também funcionaram a *Casa Globo*, de Virgil Trifan, a casa de *Calçados Ideal*, de Eurico José Elias, e a *Casa dos Brinquedos*, de Frederick Einsiedel.

O empreendimento Tacla, a partir de 1986, apropriou terreno, preservando apenas a bela fachada neoclássica do sobrado da família Labsh, construído no final do século XIX, num terreno com fundos que davam para a atual rua Presidente Faria. Na primeira década do século XX, o térreo era dividido em duas lojas: a Casa Hertel, de partituras e instrumentos musiciais, que ali mantinha uma oficina de reparações e luteria, e o comércio de brinquedos de Frederick Einsiedel.

O imóvel foi vendido para Paulina Haritsch Elias e seu filho Eurico José Elias. Dona Paulina era viúva de Alberto C. Elias, fundador de casa de calçados na rua José Bonifácio nº 9, conforme o Almanaque do Comércio Alemão de 1914. Seu filho, Eurico Elias, manteve a Casa Ideal, de venda de calçados na rua XV, rival dos Calçados Clark. Mais tarde mudou-se para a Generoso Marques.

Em 1934, Eurico Elias reformou o sobrado para nele viver com sua mulher Isolde (Schultz), ambos pais de Lourdes, Marisa e Regina Carmem. Esta última, nossa prima muito querida, casada com nosso primo engenheiro Amílcar Rafael Greca, mãe de Olívio Neto, Eurico Alberto e Simone. Lourdes casou com o médico Diniz Andrusko; Marisa, com o *restauranteur* Ariberto Romano.

Os primos em segundo grau, netos do seu Eurico e dona Isolda, de tia Albina e tio Olívio, na infância e adolescência foram muito próximos a mim e a meus irmãos. Tanto que o casamento de Simone Elias Greca com o médico Arlindo Brun foi na nossa casa na Chácara São Rafael das Laranjeiras. Cerimônia e recepção sob os pinheiros, num dia de sol e céu azul.

Aníbal Tacla, ao lado de seus irmãos, seguiu empreendendo shoppings. Abriu o Crystal Palace, na grande área entre a Comendador Araújo e a avenida Batel, comprada à família Schrappe, antigo endereço da Impressora Paranaense. Dali guardo feliz memória. O imóvel nos foi emprestado, em 1992, para ser meu comitê eleitoral, quando, ao lado do meu vice, José Carlos Gomes de Carvalho – o Carvalhinho –, venci eleições para Prefeito de Curitiba no primeiro turno.

No desfile dos 300 anos de Curitiba, ao recrutar representantes da etnia árabe para a festa, tive o prazer de conhecer meu amigo – *habibe kbir* – Ismail Hajar, já referido anteriormente. Imigrante libanês aqui chegado em 1969, foi o fundador da Casa Milagrosa, que funcionou, primeiro, junto à estação de trens, depois no atual endereço da rua Pedro Ivo. Habibe Hajar foi casado com a belíssima Leila, mãe dos também meus amigos Gehad, Bassam e Geber, piás curitibanos.

A família Hajar designou o menino Gehad, então com apenas 10 anos, para vestir os trajes do deserto e desfilarem no carro alegórico pela Marechal Deodoro, na manhã de 29 de março de 1993. O menino-prodígio, que me auxilia na pesquisa deste livro, já apaixonado pelas letras, pela música e pela história, é até hoje o orgulho de sua avó, dona Watfe, a primeira mulher do seu tempo a frequentar uma escola no Líbano. Dona Watfe, islâmica sunita, envolta em véu negro, só foi aprender português em Curitiba.

Lembrei que as roupas dos piás curitibanos eram compradas num elegante endereço de comércio árabe, como eles gostam, com nome francês: *A Maison Blanche*. Linda loja no começo da rua XV, administrada pelo gentil e atencioso Munir Cury. No fundo da loja, num deck iluminado, eram expostos vistosos carri-



nhos de bebê, num cenário com céu azul onde voava uma cândida cegonha, de cujo bico pendia trouxa de fraldas com um sorridente bebê curitibano.

Quando, prefeito dos 300 anos de Curitiba, em 29 de março de 1993, lancei o programa “Mãe Curitibana – Nascer em Curitiba Vale a Vida”, pedi ao Poty que fizesse uma releitura dessa cegonha. O mestre substituiu-a por uma gralha-azul com um pinhão no bico.

Também dedicada ao comércio de roupas para crianças, a casa Kiko – Modas Infantis, na rua XV, pertencia a Naim Akel. Um dos filhos de Naim, o arquiteto Omar Akel, seria depois presidente do IPPUC, administrador da regional da Matriz e dirigente da COMEC. Um membro da família, o professor Zaki Akel Sobrinho, seria o reitor do Centenário da Universidade do Paraná em 2012.

Guardo boa lembrança da loja A Jerusalém, da família Kalluf. Evocativa da presença árabe na Cidade Santa, essa loja de enxovais e armarinhos, estabelecida na rua Ébano Pereira, atravessou famosa três gerações. Uma muralha de aviamentos, caixas de retrós, fechos-éclair, botões, agulhas, alfinetes, alfinetes de gancho, peças de bordado inglês, sinhaninhas, rendas. E ainda enxovais completos. A casa atendia noivas e suas mães na preparação das alfaias de suas futuras casas. Ali, muito simpático, gerenciava nosso amigo Nelsinho Kalluf, mediterrâneo gordinho de olhos vivos, alma generosa, que cultivava expressivo bigode.

Quando, em cima da hora, em novembro de 1988, conseguimos candidatar Jaime Lerner a prefeito de Curitiba, na chamada “eleição dos 12 dias”, o criativo Nelsinho não falhou: ofereceu centenas de corações vermelhos, arrancados das caixas das camisolas Valisère. Prestaram-se para ilustrar, pregados pelo avesso, para esconder a marca, com alfinetes de gancho, no lado esquerdo do peito dos nossos militantes, o mote da campanha “o coração curitibano é o nosso coração”.

Nem só de frutarias, lojas de tecidos e armarinhos fez-se a história dos árabes de Curitiba. Também no ramo da construção civil tivemos sírio-libaneses como importantes empreendedores. É o caso dos irmãos Mauad. Sua firma foi encarregada da construção do estádio de concreto do Curitiba Foot Ball Club, no Alto da Glória, nos idos de 1953.

Tudo começou em 1953, quando o então presidente do clube, Arion Cornelsen, pediu ao Lolô (Airton Cornelsen), seu irmão arquiteto, que desenhasse um estádio moder-

no para o Coxa. Nascia o projeto do estádio Belfort Duarte, depois chamado Couto Pereira. Lolô testemunha: *A proposta era revolucionária para a época. Usei o mesmo conceito dos cachos de banana do outro projeto e acrescentei junto às arquibancadas da rua Mauá um shopping com 74 lojas, que seria o primeiro de Curitiba. O aluguel destas lojas produziria uma fonte de recursos adicional para o clube.* A praça esportiva teria capacidade para 45 mil pessoas. Apenas a primeira parte do projeto foi levada adiante – hoje são as arquibancadas sociais da rua Ubaldino do Amaral. O sucessor de Arion Cornelsen, o presidente Evangelino Costa Neves – o Chinês –, entregou a obra aos irmãos Mauad.

O engenheiro Mauad também tinha olhos vivos. Dado a adivinhações, lia as mãos das pessoas. Um dia, diante da Fanchette Rischbieter, na Prefeitura, pediu para ler minhas mãos e afirmou que eu seria prefeito de Curitiba. Foram eles que empreenderam o Shopping Curitiba, reciclando em uso o antigo e histórico Quartel da Cavalaria do Exército (CPOR) na praça Oswaldo Cruz. Na condição de prefeito municipal, negocieei com os Mauad o máximo possível de preservação dos espaços e fachadas, num resultado final atraente.

Da família Mauad guardo também excelente lembrança de Eloá Mauad e suas irmãs da família Cercal, moradoras de acolhedor sobrado na rua Clotário Portugal, vizinhas de nossos primos Dulce e desembargador João Cid, pais do humorista Diogo Portugal. As três, catolicíssimas devotas, eram frequentadoras diárias das missas na igreja do Rosário. Foram valiosas colaboradoras nossas nas obras de misericórdia da Festa de São Francisco, que celebramos junto à Igreja da Ordem por mais de 30 anos, a partir de 1978.

Na paisagem de Curitiba, são inúmeros os edifícios erguidos pelo engenheiro empreendedor Farid Surugi, casado com a curitibana Suely Reichmann. Entre suas obras mais destacadas está o luxuoso edifício Amazonas, ao lado do antigo Hotel Iguaçu – hoje Bourbon –, de planta similar à dos melhores apartamentos da orla de Copacabana.

O empreendimento, entregue em 1964, atraiu moradores das mais expressivas famílias da cidade. Nos apartamentos de quinhentos m², um por andar, servido por dois elevadores, várias suítes e amplos salões, residiram o milionário dos frigoríficos Pedro Alípio Camargo, casado com Mena Marçal, pais do se-

nador Affonso Camargo Neto; dona Nazira e o senador Alô Guimarães; Marilu e Dogo Guimarães; dona Adalgiza, viúva do banqueiro Raphael Papa, e sua filha Anete, então casada com Edmundo Lemanski; Carmem Aurélia Lage, então casada com o exportador Gilberto Buffara; dona Lula e o engenheiro Raul de Lacerda.

Também morava no edifício Amazonas o jornalista Adherbal Stresser, sócio paranaense de Assis Chateaubriand nos *Diários Associados*, representados em Curitiba pela TV Paraná Canal 6 e pelo jornal *Diário do Paraná*. Vivia no amplo apartamento com a mulher, dona Mercedes Stresser – pioneira no ensino de crianças especiais –, e seu filho, o também jornalista Ronald Sanson Stresser.

Neto do compositor Augusto Stresser, autor de “Sydéria”, Ronald Stresser casou-se com a loiríssima Diva Labatut, ambos presenças elegantes nos salões de Curitiba. É sua filha a famosa atriz Guta Stresser, que estreou encenando “O Vampiro e a Polaquinha”, de Dalton Trevisan, no teatro Novelas Curitiba-banas, lançando-se em promissora carreira nacional, estrela da TV Globo.

Moravam ainda no Amazonas, prédio erguido por Farid Surugi, os donos da Agricol (empresa representante da Mercedes Benz e da Bardhal no Paraná): Eduardo Luiz Sayão de Carvalho com sua mulher dona Marina e o médico Francisco Sansone com dona Margarita Fany Aracelli Pericás, que viriam a ser meus sogros.

Na portaria do edifício Amazonas, serviu, durante mais de 40 anos, o gaúcho Cláudio Baldissera. Tanto conversei com ele, nas tantas vezes que levei e busquei minha amada Margarita, que acabou sendo meu compadre.

Farid Surugi seria sócio do meu tio Angelo Greca na empresa misturadora de concreto Ricamix, que trouxe os primeiros caminhões-betoneira até Curitiba.

Outro belo empreendimento que leva a assinatura Farid Surugi é o edifício Rio de Janeiro, com fachada em mármore Paraná, na rua XV, entre a Doutor Faivre e a Francisco Torres. Ali, ao lado, a antiga redação do jornal Diário Popular, de Abdo Aref Kudri (1928-2009). Abdo nasceu em Paranaguá, mas viveu sua vida entre Curitiba, Rio de Janeiro e Paris. Grande *causeur*, dileto amigo do colunista social Ibrahim Sued, sócio das empresas dirigidas por Francisco Cunha Pereira e Edmundo Lemanski, Kudri amealhou grande fortuna.

Abdo Kudri, para comemorar seus 80 anos,

escolheu Buenos Aires e o Hotel Alvear Palace. O feliz acaso nos levou a estar entre seus convidados no elegante jantar comemorativo, profusamente regado a champagne Don Pérignon, no restaurante La Bourgogne, do estrelado *chef* Jean-Paul Bondoux, um dos poucos *relais et chateau* da América do Sul. Conosco também estiveram nossos primos e compadres Marta (Fabri) e Marlus Moro, médico de Kudri.

Nas redações dos jornais, enquanto Abdo Kudri era poderosa opinião representando os patrões, do outro lado da trincheira, por boa parte do século XX, atuou outro árabe menos abonado, o irreverente jornalista e dramaturgo Manoel Carlos Karam (1947-2007).

Manoel Karam nasceu em Rio do Sul (SC) e passou a viver em Curitiba a partir de 1966. Escreveu e dirigiu vinte peças de teatro na década de 1970. Foi editor da TV Paranaense, dos jornais *O Estado do Paraná* e *Tribuna do Paraná*. Foi assessor de imprensa da prefeitura e do governo do Paraná, indicado por Jaime Lerner. Em 2008, a Prefeitura recebeu em doação 3 mil livros de sua biblioteca, instalando-os numa Casa de Leitura no Parque Barigui, que leva seu nome.

Também na redação dos jornais curitibanos brilhou o talento de Mussa José Assis (1944-2013). Professor e jornalista brasileiro, nasceu em Pompeia e faleceu em Curitiba. Pena arguta, mente atilada, aos 21 anos, em parceria com o grande jornalista Samuel Wainer, foi secretário de redação do jornal *Última Hora*, celeiro de talentos, marco de resistência contra o regime militar. Em Curitiba, chefiou a redação do jornal *Correio de Notícias* (empreendimento de Max Rosenmann e Adolphinho de Oliveira Franco) e dirigiu os jornais *O Estado do Paraná* e *Tribuna do Paraná*. Lecionou Diagramação e Técnica de Jornal na PUC do Paraná e na UFPR.

Mas nada se compara ao estilo e contundência do “Turco”, Jamil Snege (1939-2003), a pena mais atilada da colônia sírio-libanesa, um dos melhores escritores de Curitiba. Filho do seu Antônio Snege, tipógrafo e fabricante de carimbos, e de dona Anita Bassani, descendente de vênets da Colônia Dantas, cresceu na Água Verde.

Aos 16 anos, Jamil já colaborava com colunas sociais. Aos 18 foi fazer CPOR, no histórico quartel da praça Oswaldo Cruz, hoje reciclado em Shopping Curitiba. Lá, por brincadeira, tocou fogo numa sala, sendo expulso da corporação.

O quartel é o mesmo em que, diz lenda ur-



bana, Roberto Requião de Mello e Silva teria pintado de tinta cor-de-rosa o cavalo do comandante e Juarez Machado teria pintado afresco na parede do refeitório com todos os soldados sem boca – com boca apenas o comandante, aquele que dava voz de comando.

Jamil Snege viajou então para o Rio, onde concluiu o serviço militar como paraquedista da FAB. Paralelamente, foi estagiário na *Tribuna de Imprensa*, outra escola brasileira de jornalismo. Jamil começou a publicar seus contos nesse famoso jornal. Era 1960. Voltou para Curitiba e passou a frequentar os círculos intelectuais, convivendo até com Dalton Trevisan.

A casa de seus pais, na rua Engenheiros Rebouças, no Capanema, tinha noites animadas. O pai, o bondoso seu Snege, adepto do espiritismo afro-brasileiro, recebia *caboclos* e dava consultas de caridade às segundas-feiras. Nas noites de sábado e domingo, Jamil promovia saraus literários e políticos: Wilson Bueno, Wilson Galvão do Rio Apa, Fábio Campana e Requião entre os frequentadores.

Jamil dedicou-se à publicidade. Foi redator e depois dono da agência Beta. Contundente no marketing político, atuou na redemocratização. Famoso seu bordão “Requião, Irmão!” na campanha municipal de 1985, quando o então deputado estadual derrotou o urbanista Jaime Lerner. E aquele outro bordão, que deu milhares de votos ao MDB: “Saque seu título de eleitor e atire na arma que matou Heitor” (alusão à morte trágica do jovem deputado Heitor Alencar Furtado).

Nosso amigo Jamil Snege, espírito sagaz, olhos brilhantes, foi muito respeitado no meio literário brasileiro. Entre seus amigos escritores, contam-se Moacyr Scliar, Marina Colassanti, Affonso Romano de Sant’Anna, Hilda Hilst, Domingos Pellegrini e Paulo Leminski.

Snege deixou inédito e inacabado um romance de fundo histórico intitulado “O grande mar redondo”, sobre a vida do cronista português Antonio Vieira dos Santos, autor das Memórias Históricas de Paranaguá e Morretes, autor considerado como “Pai da historiografia paranaense”. “Grande mar redondo” é a tradução para o português da palavra tupi-guarani ‘Paranaguá’, nome da bela baía, porto, primeira povoação do Paraná, conta seu amigo e editor Fábio Campana, também jornalista.

Da sua extensa obra, aprecio três livros: “Tempo Sujo” (1968), “Como eu se fiz por si mesmo” (1994) e “Como tornar-se invisível em Curitiba” (2000). Este último, oposição à Luz dos Pinhais, é contundente denúncia da *mediania* ou do *pacto de mediocridade* que tantas vezes assola essa parte fria do planeta, nossa província úmida, onde soem prosperar

os invejosos.

Como ficar invisível em Curitiba. Você pode começar treinando numa dessas manhãs de muita neblina, à margem de um lago ou num bairro bem afastado do centro da cidade. Pode optar por uma rua deserta, no começo da noite ou numa véspera de feriado.

Pode vestir um uniforme camuflado ou levar o seu “personal trainer” a tiracolo, pouco importa.

Esteja você com a síndrome do pânico ou com o coração amargurado, existe um método muito mais eficiente para tornar-se invisível em Curitiba do que essas deambulações (sic) pelos ermos da cidade. Embora não esteja ao alcance de todos, convém conhecê-lo, já que é absolutamente infalível e seus resultados, surpreendentes.

Primeira condição: você precisa ter talento genuíno. Estudar bastante também ajuda, mas não substitui aquele toque de gênio inconfundível que marca e distingue certas pessoas desde o berço. Pois bem. De posse desse talento que Deus lhe deu – e contra a falta de estímulo da família, do meio e particularmente da própria cidade – você deve se atirar de corpo e alma na consecução de seu destino. Guiado unicamente pelo seu daimon, pelo seu anjo tutelar, você dará início à construção de sua lenda pessoal e dos projetos que dela advirão. Você estará, finalmente, a caminho de tornar-se invisível.

Cada conquista, cada livro publicado, cada poema, escultura ou canção, cada tela, espetáculo, disco, filme ou fotografia, cada intervenção bem sucedida no esporte, no direito ou na medicina, cada vez que alguém, lá fora, reconhecer com isenção de ânimo que você está produzindo obra ou feito significativo – o seu grau de invisibilidade aumenta em Curitiba. E é muito fácil perceber isso.

Primeiro, não faltarão pessoas tentando dissuadi-lo de seu próprio talento. Tudo farão para reconduzi-lo de volta à mediania, ou melhor, à mediocracia, que é o sistema vigente nesse estrato a que denominamos cultura.

OS KARAM NO ENTERRO DE CRISTO



Senhor dos Passos da antiga matriz de Curitiba. Imagem barroca - de roca -, século XVIII.



Via Crucis, obra de Guido Viaro.

Inesquecível, na memória dos árabes de Curitiba, a carinhosa presença do vereador Elias Karam, que chegou a ser prefeito interino de cidade em 1958. Costumava frequentar todos os enterros importantes – parte de sua estratégia para vencer repetidas eleições. Meu avô contava que, um dia, esse Elias chegou esbaforido no cemitério, a cova aberta, o defunto já acomodado, ajustou a gravata desalinhada, pigarreou, pediu licença e deitou falação.

Ao ver a estranheza da família enlutada, foi percebendo que errara de defunto. O elogio soava estranho, porque equivocado. Dobrou a folha do “discurso”, colocou no bolso interno, do lado esquerdo do paletó, e disse: *Por favor me desculpem, errei de defunto. Mas considerem que o sentimento de carinho e o elogio aqui prestados valem para todos os filhos de Deus.* Saiu correndo, em busca do sepultamento correto, que permitisse o adequado panegírico. Elias Karam acabava por oferecer às famílias enlutadas um “nome de rua” para o seu finado. Nem sempre dava voto. Com o desenvolvimento da cidade, a Prefeitura acabava localizando a homenagem em longínqua rua de periferia. Daí tiravam satisfação: *por que não deram uma rua central pro meu avô?*

O simpático vereador Karam foi católico fervoroso, como toda sua família. Lembro-me dele, nas missas da Catedral, sempre com uma balinha de hortelã no bolso do colete, para dar aos meninos que o saudavam.

A família Karam era responsável pela cerimônia do “Enterro de Cristo”, celebrada ao cair da noite de Sexta-Feira Santa, na Catedral de Curitiba.

Assim que a grande lua da Páscoa iluminava o horizonte, surgindo sobre a Serra do Mar, um outro “brimo” do vereador, homenzarrão, tão bonachão quanto bondoso, o sacristão Michel Karam, começava a bater as matracas, ruidosos instrumentos de madeira soados com ferro, a fazer *tac,tac,tac,tac,tac,tac*, numa abafada onomatopeia, recordação do luto dos sinos, mudos nas torres da igreja, naquele dia da morte do Salvador.





Procissão na rua XV em 1916. Foto do acervo Júlia Wanderley.

Arsênio Misker, o sineiro da Catedral, um alinhado polaco, sempre de colete, camisa de mangas longas e calça listrada de fraque, nesse dia santo não atuava. Acompanhava a procissão contrito, chapéu entre as mãos, sobre o peito. Só entraria em cena no Sábado de Aleluia, quando os carrilhões faziam a trilha sonora da solene proclamação da Páscoa da Ressurreição.

Outras senhoras libanesas, interpretando Maria Madalena e as santas mulheres de Jerusalém, ou “beguns”, também participavam das cerimônias. Vestidas de preto e de roxo, com espessos véus sobre as faces, prorrompiam em bíblica lamentação, mistura da murmuração dos “Impropérios” do profeta Isaías com sentido pranto, lágrimas verdadeiras a lavar seu rosto.

Após a deposição de Cristo da Cruz, quando irmãos de opas roxas, servindo-se de sudário de linho, desciam a imagem de Jesus do seu patíbulo de cedro negro, um impressionante cortejo era montado na nave da Catedral.

Jesus era então preparado para sua sepultura, penhor de gloriosa Ressurreição. Uma das moças Karam derramava bálsamo de sândalo, muito oleoso e perfumado, lavando o pó das feridas de Nosso Senhor. Avivava-se o vermelho das Cinco Chagas de Cristo, o Justo, que, por amor à Humanidade pecadora, passava o ano todo dependurado na Cruz da entrada da Catedral.

A impressionante escultura de madeira barroca era então disposta, com os braços estendidos ao longo do corpo, pelos titulares da guarda do Senhor Morto, numa espécie de berço de imbuia torneada, o corpo amortalhado com lençóis de linho e tecido branco rendado impecavelmente engomado. Alguns irmãos do Santíssimo Sacramento armavam sobre o esquife um pálio de seda roxa franjeado de ouropel dourado, sustentado por grandes varapaus de ébano envernizado. Outros irmãos empunhavam tocheiros de ébano, fazendo guarda de honra.

Eu, menino, arregalava os olhos, vivendo na imaginação, diante de tanto realismo fantástico, a cena bíblica do Calvário e do enterro de Cristo, meu Santo Sepulcro naquela Jerusalém transplantada. Tinha o privilégio de ver tudo de perto, ao contrário dos outros piás, que ficavam com a multidão dos fiéis atrás das cordas de isolamento, empurrados pelos escoteiros do grupo São Luiz de Gonzaga. Isso porque era levado pelas mãos de meu pai e de meu avô, os de Macedo, membros da tradicional



Procissão entra na Igreja da Ordem. Idos de 1900.



Procissão na Rua de São Francisco diante do atual Solar do Rosário. Final do século XIX.

Irmandade desde o século XVIII.

Um estandarte púrpura e amarelo de proporções colossais abria a procissão. Nele, a legenda de Roma, *S.P.Q.R.* Latinista, Monsenhor Boleslau Falarz explicava ao povo curioso tratar-se de “*Senatus Populusque Romanus*”, coisa do procurador Pôncio Pilatos, aquele que lavou as mãos sobre o sangue inocente de Nosso Senhor. Soldados da banda da Polícia Militar do Paraná rufavam tambores, soando o dobre fúnebre nos clarins.

Santa Verônica (a virtuosa soprano Odete Fruet) subia no púlpito carregado por escoteiros e lentamente desenrolava o lenço do Santo Sudário, ícone com o rosto de Jesus gravado a suor e sangue. A voz sentida, tremebunda, cantava: *O vos omnes qui transitis, qui transitis per viam: attendite et videte si est dolor sicut dolor meus.* Conforme a profecia de Jeremias: *Ó, vós, homens que passais pelos caminhos: atendei e vede, se existe dor maior que a minha dor.*

O povo, comovido, respondia cantando: *Perdoai, Senhor; por piedade, perdoai a minha maldade, Senhor. Antes morrei; antes sofrer; que vos ofender.* O pitoresco era que cantavam todos, hipócritas, agiotas, profanos, malandros e até as moças das casas de cômodos das vizinhanças, as pernas roxas presas nas cintas ligas próprias do seu ofício. Na minha inocência já pensava: elas são amigas da Madalena, aquela que Jesus salvou do apedrejamento, ao dizer aos fariseus: *Quem estiver sem pecado atire a primeira pedra* (João 8: I-II).

NAGIB, QUE NOS REVELOU A TELEVISÃO



Nagib Chede discursando na inauguração do canal 12, TV Paranaense, pioneira em Curitiba.

Nagib Chede Abrahão, árabe de olhos vivos e brilhantes, sempre sorrindo, homem que sabia ser o otimismo o perfume da vida, foi pioneiro da televisão no Paraná. Filho dos imigrantes Rosa e Chede Abrahão, sua história começa em Palmeira, onde nasceu a 28 de maio de 1911.

Aos 9 anos, o pequeno Nagib ganhou do pai um aparelho de rádio, prefixo PY5CD – alumbramento que durou toda a vida. Em 1930, já vivendo em Curitiba, ingressou na Faculdade de Direito da Universidade do Paraná. Formado em 1935, ganhou a carteira 209 da OAB. Em 1934 casou com sua eleita, Sylmira Takues Chede, mãe de Marisa, a única filha do casal.

Em 1948, Nagib Chede abriu a Sociedade Rádio Emissora Paranaense, emissora que deu origem à então Rádio Curitiba, depois Rádio Cidade, bem como à Rádio Universo, depois Rádio Apolo FM e finalmente Rádio Scala.

Numa viagem aos Estados Unidos, em convenção promovida pelo Lions Clube de Nova York, Nagib conheceu um engenheiro eletrônico que lhe mostrou uma câmera filmadora marca RCA, coqueluche da época, vendida na Quinta Avenida por US\$ 100. Ao saber que com ela poderia fazer pequenas transmissões de imagem em circuito fechado, o inquieto e sagaz Nagib Chede adquiriu a novidade, trazendo-a para Curitiba.

Com a pequena câmera, que cabia numa caixa de sapatos masculinos, Nagib passou a fazer experimentos: trouxe um técnico carioca para instalar um transmissor de TV. Empréstava filmes do consulado norte-americano, projetava-os na parede e os reproduzia com sua pequena câmera RCA.

Ao saborear o sucesso, quis compartilhar sua exitosa experiência com os curitibanos: instalou o aparelho receptor numa das vitrines das Lojas Tarobá, no térreo do edifício Garcez. Assim, o primeiro arranha-céu da cidade também revelou a primeira televisão que Curitiba viu. O sinal era retransmitido para a tela de uma tosca televisão. O aparelho só transmitia imagem. O som, numa “dublagem” à distância, vinha da rádio Curitiba, de aparelho ligado dentro da vitrine. Um arranjo criativo. Ali brilhou também a Luz dos Pinhais.

A afluência do público foi grande, coincidindo com o movimento da “Cinelândia”: as filas dos cines Palácio, Avenida e Ópera somadas ao público gerado pelo vaivém dos hotéis, confeitarias, restaurantes e do próspero comércio então estabelecido na região da praça Osório, da avenida Luís Xavier e da rua XV.

Nagib Chede foi além. Acreditava na máxima de Shakespeare de que *somos feitos da mesma matéria dos sonhos*. Mas, ainda que sonhador, era advogado. Contou ao amigo Francisco Sansone que teve medo de cair na ilegalidade ao ler a notícia de que o poderoso homem de comunicação Assis Chateaubriand, fundador dos “Diários Associados”, pretendia levar sua TV Tupi a todo o Brasil e detinha os direitos da televisão para o território nacional.



Dr. Nagib exhibe a primeira câmera RCA TV EYE, com a qual foram realizadas as primeiras demonstrações de televisão em Curitiba e que foi utilizada durante toda a fase experimental.



Foi então que Nagib procurou o governador Moysés Lupion. Entusiasmado com o projeto de uma “TV Paranaense”, Lupion marcou audiência com o presidente JK, no “Catetinho”, palácio de madeira onde ele despachava nos primeiros dias de Brasília. Juscelino Kubitschek, tão otimista quanto dinâmico, empenhado em apressar o futuro, tornou a concessão uma realidade, sem qualquer burocracia. O sonho de Dom Bosco certamente abençoou o encontro dos visionários, homens à altura da grandeza do Brasil.

A TV Paranaense, canal 12, o primeiro sinal de imagem que Curitiba viu, foi inaugurada às 19 horas do dia 29 de outubro de 1960, após a benção das instalações e equipamentos pelo arcebispo Dom Manuel da Silveira D’Elboux, em presença do prefeito general Iberê de Mattos.

Na transmissão inaugural, o discurso do visionário Nagib foi seguido do enlatado norte-americano “Susie, Minha Secretária Favorita”. Na programação pioneira, “Histórias do Vovô Moraes”, “Aventuras Submarinas” e o telejornal “O Estado do Paraná na TV”, apresentado pelo jovem patricio Jamur Júnior.

O estúdio pioneiro definitivo da TV Paranaense foi o pavilhão da rua Emiliano Pernetta, ao lado do Instituto de Engenharia do Paraná, em frente ao prédio histórico da Escola de Música e Belas Artes do Paraná. O imóvel deveria ter uso cultural, listado entre as Unidades de Interesse de Preservação de Curitiba.

Nagib Chede Abrahão morreu a 25 de outubro de 2002, aos 91 anos, pranteado pela sociedade paranaense com muita justiça, por todo o bem e modernidade que semeou em vida.

METRY BACILLA, QUASE PRÊMIO NOBEL



Professor Metry Bacilla consagrado ao final da carreira.



Metry Bacilla com companheiros de pesquisa no laboratório.

Metry Bacilla foi grande e foi nosso. Descobriu a molécula do carboidrato. Suas pesquisas são consideradas avanço no caminho da cura do câncer e das neoplasias. Fez brilhar, aos olhos da Ciência mais elevada, a Luz dos Pinhais.

Imaginem um *habibe kbir* – um grande amigo – cujo doutorado, em 1970, foi orientado pelo Prêmio Nobel de Química 1970, professor Luis Federico Leloir. Um cientista brasileiro, radicado em Curitiba, no sul do mundo, com trajetória acompanhada, par e passo, pelo Prêmio Nobel de Fisiologia e Medicina 1967, o norte-americano George Wald.

Homem tão simples quanto ilustre, o médico e cientista professor Bacilla, de fama nacional e internacional, no pouco tempo em que convivemos nos cafês da Academia Paranaense de Letras, revelou-se instigante em seus raciocínios, as ideias luzindo na proporção em que brilhavam seus belos olhos negros, atributo dos homens do deserto.

Conterrâneo de Nagib Chede, nasceu em Palmeira, no ano de 1922, quando o Brasil lançava sua primeira Semana de Arte Moderna. Coursou Medicina em Curitiba, graduado pela Universidade do Paraná. Em 1951, Metry Bacilla foi admitido para lecionar Bioquímica na UFPR, e em 1954 criou o curso de Medicina da Universidade Católica do Paraná.

Nessa tarefa, teve como parceiros os médicos Brasília Vicente de Castro, mestre de Anatomia, e Ayrton José Russo, mestre de Histologia. Metry Bacilla foi aceito como conferencista da New York University Medical School e do Albert Einstein College of Medicine, renomados centros de Ciência dos EUA. Catedrático da Universidade de São Paulo, pesquisador visitante das principais universidades do mundo, idealizou o Centro



de Estudos do Mar no litoral do Paraná.

Tornou-se precursor das pesquisas da nossa Universidade na Antártica. Embarcou para o continente gelado em 1984, implantando seu laboratório na Base Comandante Ferraz.

Pela descoberta e descrição da molécula do carboidrato, feito inovador, o mundo científico acumulou-o de prêmios, passando a estudar com atenção seu livro *Bioquímica Veterinária*. Empossado na Academia

Brasileira de Ciências, também foi nominado *Doutor Honoris Causa* pela PUC-PR, instituição onde ainda fundou a cátedra de Bioquímica. Faleceu em Curitiba, aos 90 anos, quando amanhecia o terceiro dia de maio de 2012. Era casado com dona Célia Schaffer Bacila, com quem teve três filhos: Celinha, Maurício e Maria Sílvia. Maurício Bacila fundou o curso de Medicina Veterinária da PUC-PR.



Comemoração do Dia da Raça em 4 de setembro de 1934, em flagrante de Groff.



Portal da PUCPR, por Jairo Culau.

OS ÁRABES DO PALÁCIO AVENIDA



Palácio Avenida em vista aérea. Foto de João Baptista Groff na coleção Júlio Moreira.

Quando, em 1895, Feres Merhy chegou a Curitiba, tendo o braço direito tatuado com o seu número de embarque para o Brasil, conforme severo costume otomano, que mandava marcar a ferro os imigrantes, ninguém podia prever o sucesso de seu tino comercial e empreendedor, tampouco que um edifício por ele construído se tornaria sede do mais importante banco particular do Paraná, posteriormente de um banco sediado em Hong Kong e Shangai.

Feres Merhy trabalhou duro por 30 anos. Empenhou fortuna comprando a *Schlacht Wurts-Geschaft*, cervejaria e salsicharia alemã de Walter Krause, ponto de encontro de estudantes e boêmios, no começo da rua XV, conforme me contou Poty Lazzarotto. Feres demoliu o casarão erguido antes de 1894.

Merhy ergueu o Palácio Avenida, primeiro edifício de apartamentos da cidade, uma ousadia para a Curitiba daquele tempo, em que predominavam casas unifamiliares, grandes quintais e pomares, sobrados de dois andares conjugando o negócio e a casa de morada, palacetes de madeiros e ervateiros e as casinhas de tábuas e ripas do povo trabalhador.

O projeto e a construção do Palácio Avenida foram contratados por seu Feres a Valentim Freitas, Bortolo Bergonsen e Bernardino d'Assumpção de Oliveira. O “turco” fazia um expressivo investimento de muitos contos de réis, em 17.700 m² de área construída. A obra ficou pronta em apenas dois anos, na esquina da avenida Luís Xavier com a travessa Oliveira Belo. Começava ali a “Cinelândia” curitibana, por décadas o coração pulsante da vida cultural e social de Curitiba.

Na noite de 4 de abril de 1929, na fachada do Palácio Avenida, brilhou vistoso letreiro em gás neon. Anunciava a grande estreia do primeiro cineteatro do Paraná. Toda a Curitiba, em trajes de festa, lotou plateia, balcões e camarotes. Abria o Cine Theatro Avenida, tendo, no seu anexo,





Tropas da Revolução de 1930 passam diante do Palácio Avenida.

o Bar e Confeitaria Guairacá, programa para depois das sempre lotadas sessões de cinema.

Depois da morte de Merhy, o Palácio Avenida decaiu, virando pardieiro. Unidade de Interesse de Preservação da nossa Curitiba, foi reciclado em seu uso, ao ser adquirido pelo Banco Bamerindus para instalação de sua sede nacional. Reinaugurado em 1991, com projeto dos arquitetos Rubens Meister e Elias Lipatin Furman, contemplando espaços corporativos do “banco da nossa terra” e, no térreo, um teatro de 250 lugares, memória do lendário cine Avenida.

Tal qual o empreendedor Feres Merhy, tiveram origem árabe os donos do Bamerindus, contou-me meu amigo, o banqueiro e senador do Paraná José Eduardo de Andrade: *Nossa família teve seu nome árabe aportuguesado, modificado, quando desembarcou no Brasil meu avô, pai de meu pai, Avelino Vieira (1905-1974).*

Seu Avelino, que também conheci, foi um paranaense sagaz. Fundou o grande banco Bamerindus, a partir dos cafezais no Norte Pioneiro. Indo além da sua Tomazina natal, empreendeu notável trajetória do tamanho do Brasil, num banco que chegou até Londres e Nova York. A Avelino Vieira a história econômica do Paraná deve o “banco da nossa terra”, orgulho da nossa gente. Na memória coletiva ecoam as grandes campanhas publicitárias de Sérgio Reis: *O tempo passa, o tempo voa, e a poupança Bamerindus continua numa boa.*

Zé Eduardo assumiu o comando do Bamerindus após o trágico acidente de avião que vitimou seus irmãos Thomás Edison e Cláudio Enoch, provocado pelas névoas de julho, na região de Piraí do Sul, no inverno paranaense de 1981. Seu irmão mais moço, Luís Antônio, aos 36 anos, já havia falecido repentinamente, em 1974, mesmo ano que o pai Avelino.

Depois da tragédia múltipla que enlutou a família, a diretoria e o conselho do Bamerindus, sob a presidência de José Eduardo Vieira, passou a contar com a participação do seu tio Mathias Vilhena de



Palácio Avenida, na Cinelândia Curitibana. Foto da década de 1940.

Andrade e de suas irmãs Lucinha, Glorinha, Norma e Maria Cristina de Andrade Vieira.

José Eduardo foi um aliado valioso no processo político que me conduziu à Prefeitura de Curitiba. Seu partido, o PTB, indicou meu vice-prefeito, Carvalhinho. José Eduardo manteve sua palavra e trouxe para nossa campanha o talento de Thereza de Souza, Sérgio Reis e Vianey Pinheiro. Assumiu a produção de rádio e televisão para os horários do TRE.

Depois da eleição, nunca me pediu nada. Pelo contrário, foi generoso com Curitiba, financiando o espetáculo dos 300 anos da cidade, o grande concerto do tenor José Carreras, com a Orquestra Sinfônica Brasileira, na Pedreira Paulo Leminski, no dia 4 de abril de 1993.

Naquela noite gloriosa, ele e sua família, Carvalhinho e sua família, o ministro-chefe da Casa Civil, Henrique Hargreaves (representando o presidente Itamar Franco), Fani e Jaime Lerner, Poty Lazzarotto, Helena Kolody e Bianca Bianchi sentaram-se ao nosso lado, aplaudindo a festa de luzes na primeira fila. O público da Pedreira, estimado pela Polícia Militar em 60 mil pessoas, foi ao delírio. Ali brilhava a Luz dos Pinhais.

Força econômica do Estado do Paraná, grande empregador na capital, o Bamerindus, também na nossa gestão, permaneceu, ao lado do Banco do Brasil e da Caixa Econômica, participando da administração das contas corporativas da Prefeitura. Era uma compensação para o expressivo ISS recolhido pelo Bamerindus aos cofres municipais, pelo fato de a sede nacional estar em Curitiba. O conglomerado de 32 empresas empregava 27 mil brasileiros, tendo 42 diretores. Tinha 660 agências bancárias e 58 lojas de poupança, administrando 3,1 milhões de cadernetas. Possuía a Fábrica de Papel Inpacel, em Arapoti (PR), fazendas de gado na Amazônia e o maior castanhal do mundo, com 50 milhões de árvores, no Pará.

No Palácio Avenida, cheguei a conhecer, exposto no salão da presidência, três óleos sobre tela de proporções colossais, visão do maior pintor brasileiro, Cândido Portinari, sobre o ciclo do café. Não me



Foto de Synval Stocchero, anos 50.

cansava de admirá-los quando ia até lá, conversar com meu amigo, senador e ministro José Eduardo de Andrade Vieira, acompanhado do então vice-prefeito Carvalhinho. Com a dissolução do Bamerindus, essas obras foram a leilão. Hoje, consideradas patrimônio do Banco Central do Brasil, jazem na escuridão do seu cofre na sede em Brasília. Ninguém os vê – emoção e consciência de brasilidade reduzidas ao seu

mero valor material.

O Palácio Avenida ganhou visibilidade nacional pelas Serenatas de Natal, com crianças cantoras em cada um de seus múltiplos balcões, interpretando canções próprias do tempo festivo, num espetáculo de som e luz. Durante anos, o espetáculo foi cuidadosamente produzido pelo

bom gosto de Maria Cristina de Andrade Vieira, filha do banqueiro Avelino, que presidiu a Associação Comercial do Paraná. A tradição persiste, mesmo depois da venda do Bamerindus para o banco anglo-chinês HSBC. E ainda depois da venda do HSBC ao Bradesco.



Desfile de 7 de Setembro diante do Palácio Avenida. Foto dos anos 50.



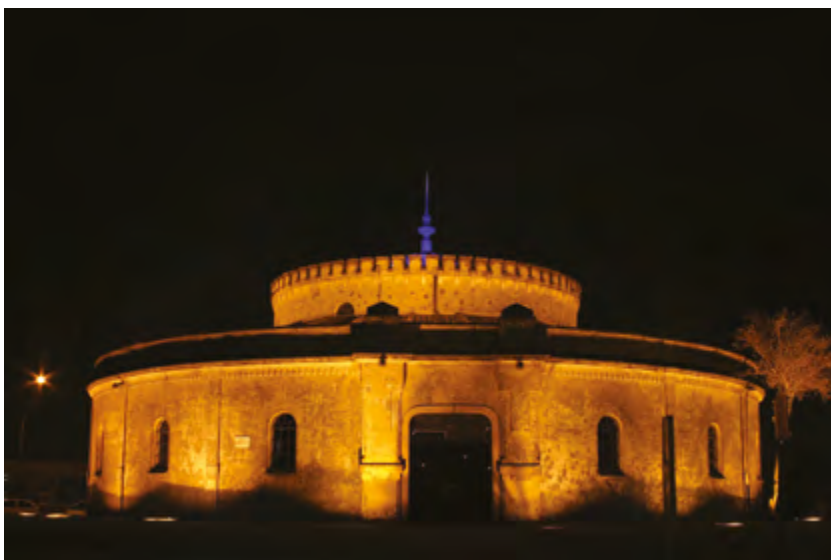
Decoração de Natal do Palácio Avenida.



ASSAD, UM ABRÃO FUTURISTA



Teatro Paiol.



Teatro Paiol.

Os equipamentos urbanos instalados quando da transformação urbanística de Curitiba – na primeira gestão do então prefeito nomeado, Jaime Lerner – tiveram a assinatura de um criativo membro da colônia árabe, o artista plástico e arquiteto Abrão Anis Assad, nascido em Curitiba, em 1940. Graduado em Escultura pela Embap na turma de 1962, formou-se em 1964 nos cursos de Ciências Econômicas e de Arquitetura e Urbanismo pela UFPR. Venceu concurso público nacional para o Centro Cultural do Portão (hoje MuMa), bem como o concurso nacional de anteprojetos da sede da Petrobrás no Rio de Janeiro – edifício que, quando de sua conclusão, em 1973, foi considerado o maior edifício da América do Sul.

Abrão restaurou o que deu e reciclou em uso o velho Paiol de Pólvora de Curitiba, arsenal de pólvora e munições desde 1874, em edificação circular, neoclássica, com expressiva cobertura em vigas de madeira de lei que remonta ao apogeu do Império do Brasil. De suas mãos, e da vontade do prefeito Lerner, nasceu o Teatro Paiol, primeira unidade e logomarca da Fundação Cultural de Curitiba.

A inauguração, em 27 de dezembro de 1971, trouxe a Curitiba os cantores Marília Medalha e Toquinho, acompanhando o poeta e compositor carioca Vinícius de Moraes. O “poetinha” batizou o Paiol com gotas de uísque e muito samba.

O traço de Assad definiu floreiras, luminárias e quiosques, os domos de acrílico roxo sustentados por treliças de ferro, composição renovadora para o mobiliário urbano da rua XV, redenominada rua das Flores, a partir do calçadão instalado em 1972. Ali também definiu a pintura e reciclagem do Bondinho, um bonde urbano trazido da cidade de Santos



Jardim Botânico.



Galeria Franz Krajcberg - Jardim Botânico.

e pintado de forma inusitada, transformado em “estacionamento de crianças”, com a proposta de as mães ali deixarem seus filhos enquanto faziam compras no centro da cidade.

Em 1974, junto com o arquiteto Cyro Correia Lyra, Abrão Assad reciclou em uso o Paço Municipal, instalando ali a exposição permanente do Museu Paranaense, uso que perdurou até 2002. O espaço foi tombado pelo IPHAN em 1984.

Criou a estrutura encimada por gigantesco relógio da rua 24 Horas, que funcionou em Curitiba de 1991 a 2011.

Na equipe do urbanista Jaime Lerner, Abrão Assad desenhou ainda as estações tubo, trazidas em 1992 para Curitiba – o primeiro protótipo foi instalado no Rio de Janeiro, numa consultoria ao governo Leonel Brizola. Também do Rio veio o ônibus Jardineira, que eu consagrei como “Linha Turismo”.

Com as arquitetas do IPPUC Célia Bim e Simone Soares, Abrão Assad projetou a transformação do antigo “Parque da Cidade” (chácara do Barão de Capanema e da família Martins Franco) em Jardim Botânico de Curitiba. Dele a estufa de ferro, réplica de conservatórios de hortos europeus, uma espécie de “lanterna gigante” acesa sobre nossa cidade a partir de 1991.

Eu completaria o conjunto com a edificação em semicírculo da ampla Galeria Frans Krajcberg, onde expusemos com sucesso,

em 1995, expressivo acervo do consagrado artista polonês, ativista e militante ambientalista internacional. O prefeito Gustavo Fruet abandonou e desmanchou a galeria, para tristeza dos que amamos Curitiba.

Abrão Anis Assad esculpiu o monumento evocativo aos 35 anos de funcionamento da Boca Maldita. Os dentes de ferro, cravados no granito, considerados perigosos e agressivos, por determinação da Justiça, foram retirados pela Prefeitura. Talhou em concreto o painel do edifício-sede da Telepar, os painéis em madeira do Clube Curitibano, o painel-biombo do Teatro Paiol e outras talhas acervadas em coleções locais e nacionais.

Sobre a veia artística de Abrão Assad, a saudosa Adalice Araújo opinou: *Em suas esculturas de madeira ou cimento aparecem frequentemente formas abstrato-geométricas que, no conjunto, revelam uma intenção orgânica. Para este artista, que vê na sua obra de arte, acima de tudo, a liberdade de criar; não existe apenas o registro automático do pré-existente. O processo criador começa justamente quando os aspectos estruturais se desligam para inventar formas novas, mais puras e lógicas. Tais formas integram volumes bidimensionais e tridimensionais, num jogo de volumes rítmicos.*



EL ASSAL, ARTISTA EM MOTO-CONTÍNUO



Centro de Criatividade do Parque São Lourenço.

(ao lado) Detalhe de pintura de el Assal.



Na minha geração, viveu em Curitiba Mohamed Ali el Assal (1957-1987), nascido em Rio Negro (PR). Pintor, desenhista, gravador e designer gráfico, era formado em Arquitetura na PUC-PR e em Comunicação Visual na UFPR. De ascendência árabe, foi o terceiro de dez irmãos, um deles, Said El Assal, também artista plástico.

Para a crítica de arte Adalice Araújo, trata-se de *um dos nomes mais expressivos das artes plásticas paranaenses na década de 1980. Embora tenha cursado Comunicação Visual na UFPR e Arquitetura na PUC-PR, é basicamente um autodidata. Na infância, no balcão da loja do pai, desenhava nos papéis de embrulho e faz seus próprios carrinhos para brincar. Aos 19 anos já realiza sua primeira individual, em 1977, na Galeria do Centro Cultural Brasil-Estados Unidos, em Curitiba. Artista fértil e inquieto, trabalha com publicidade, animação, ilustração, artes gráficas e confecção de bonecos; escreve várias peças de teatro, pequenos ensaios e poemas.*

Em 1978, participa de um Projeto de Pintura de Outdoors, cuja temática é a ecologia, coordenado por Reinaldo Jardim e promovido pela FCC e pelo Instituto de Arquitetos do Brasil. Seu trabalho – exposto na rua Vicente Machado, no centro de Curitiba – obtém grande repercussão. Provoca curiosidade a utilização significativa do outdoor todo em branco, em contraste com um pinheiro tombado sobre a calçada, com a copa desfolhando e as raízes à mostra.

Vivia no ateliê do Centro de Criatividade de Curitiba, onde encontrava Aldo Dallago, Denise Roman, Leila Pugnaroni, Raul Cruz e Rogério Dias. Segundo o crítico Geraldo Leão, “sua maturidade artística é atendida com os caligrafismos, apresentados na “Coletiva Moto-Contínuo”, na sede da FCC em 1983. No dia primeiro de janeiro de 1987, vítima de grave acidente envolvendo a motocicleta que dirigia, Mohamed Ali el Assal morreu prematuramente em Curitiba, aos 30 anos de idade. Seu acervo foi doado integralmente para o Centro Cultural do Portão, que chamamos MuMA – Museu Metropolitano de Arte.

Mohamed vive na obra plena de essência, luz e grito do universo. Na sua obra brilha a Luz dos Pinhais.

EMIR CALLUF, NOSSO PADRE CASADO



A viúva do padre Emir Calluf evoca sua memória.



Edifício Miguel Calluf na praça Tiradentes, 1956. Coleção Rosnel Bond. Casa da Memória.

Nas décadas de 1960 e 1970, fez sucesso entre a mocidade curitibana a pregação do padre Emir Calluf, filho do capitalista Miguel Calluf, dono do “Louvre – Rei das Sedas e Imperador dos Preços”, construtor do edifício do Lord Hotel e da casa com colunata neoclássica defronte à Garibaldi e às Ruínas de São Francisco, no final da rua Jaime Reis.

Padre Emir empolgava a juventude. Era *prafrentex*, como se dizia na época, capaz de permitir que banda e coro de jovens cabeludos com calças *boca de sino* tocassem Geraldo Vandré e Elis Regina para acompanhar a Eucaristia, incrementando a Divina Liturgia. Aliava os conhecimentos de teologia e psicologia com o talento de grande orador.

Bolsista da Fulbright, graduado em Harvard University, padre Emir voltou a Curitiba meio como um peixe fora da água. O pai cedeu um apartamento para que morasse em clausura com os outros padres jesuítas, seus colegas, que começavam a construir o Colégio Medianeira. Celebrava Missas da Juventude na capela do Colégio Santa Maria, ao meio-dia, e na Igrejinha do Rosário às oito da noite. Em ambas as celebrações sobravam fiéis fora dos templos.

Eu ia ouvi-lo para aprender a discursar, pois já gostava de falar em público. Ia, a uma ou outra igreja, levado por minha prima Regina Emília Greca e sua amiga, nossa vizinha Liete Blume. Esta, que chamávamos “Fide”, era filha de espanhola com alemão: dona Arminda (Rocha) e o engenheiro da Prefeitura, doutor Otto Blume, tão eficiente quanto bonachão.

Padre Emir fez tanto sucesso que acabou na televisão, com o programa “Um Lugar ao Sol”, que ia ao ar todos os dias às cinco para meio-dia, pelo canal 6, emissora de Adherbal Stresser, ligada aos *Diários Associados*. Seu sermão quando da morte de Leila Diniz, num desastre de avião em 1972, causou revolta entre público diverso – desde os fãs da irreverente atriz carioca até as mais piedosas Filhas de Maria. Não carecia ser tão severo.

Em 1976, para espanto do arcebispado, um boato sacudiu Curitiba. “Padre Emir pendurou a batina. Casou-se com sua amada Munira”. União que pode ter sido inspirada no Líbano de seus avós, onde os padres católicos, maronitas e ortodoxos, podem casar desde tempos imemoriais.

O polêmico Emir Calluf continuou a exercer palavra e pena. Assinava coluna na *Gazeta do Povo* e falava nas mídias. Tentou se eleger vereador de Curitiba, mas não conseguiu.

Escreveu vários livros de psicologia. Tornou-se um crítico do que considerava erro e hipocrisia da hierarquia da Igreja Católica. Afinal, não é bíblico? Não foi Deus quem nos criou, homem e mulher? Não mandou que crescêssemos e nos multiplicássemos? Não curou o próprio Jesus a “sogra de São Pedro”?

Até hoje sua simpática viúva Munira, boa *marchand aux tableaux*, mantém a galeria de arte Um Lugar ao Sol, na rua Jaime Reis, ao lado da mansão da família Calluf, transformada em sede da banca internacional de advogados liderados por Wilson Andersen Balão, neto de Alfredo Andersen.



POR UM PENTE, CURITIBA QUASE PERDEU A CABEÇA



Ahmed Najar - pivô da Guerra do Pente, 1959. Foto da revista *O Cruzeiro*.

Com essa manchete, a revista *O Cruzeiro* definiu a onda de distúrbios, nos dias 8, 9 e 10 de dezembro de 1959, a partir das portas do Bazar Centenário, do libanês Ahmed Najar.

A compra de um pente naquela loja na praça Tiradentes foi o estopim para três dias de quebra-quebra e violência. Houve duas mortes, publicaram os jornais da época – informação que não se confirma nos registros da polícia e do Instituto Médico Legal. O Exército interveio. O quiproquó teve repercussão nacional.

No fim da tarde de 8 de dezembro de 1959, o subtenente Antônio Tavares, da Polícia Militar, entrou no Bazar Centenário para comprar um pente e exigiu a nota fiscal de compra, no valor de 15 cruzeiros. Houve discussão. Tavares e Najar começaram a brigar.

Na época, o governo Moisés Lupion promovia uma campanha chamada *Seu Talão Vale 1 Milhão*, para aumentar a arrecadação tributária do estado. O consumidor que reunisse notas fiscais no valor de Cr\$ 3 mil poderia trocá-las por um cupom que daria direito ao sorteio de Cr\$ 1 milhão. Um *outdoor* publicitário, em gás neon, muito vistoso, foi colocado na perspectiva da avenida João Pessoa, com moedinhas saltitantes que iam se somando até fazer o milhão.

O cliente Tavares acreditou na propaganda, mas o dono da loja, o libanês Ahmed Najar, recusou-se a dar a nota, em razão do valor irrisório. Pela legislação da época, os comerciantes não eram obrigados a fornecer nota fiscal abaixo de determinado valor. Na confusão, o pente foi quebrado – assim como a perna do subtenente, retirado da loja por seguranças. A comoção de populares nos pontos de ônibus da Tiradentes gerou solidariedade. Em três dias de distúrbios, cerca de 120 lojas foram depredadas, em diversas ruas. Acalmaram a sucessão de distúrbios a comoção popular pelo falecimento repentino do senador do PTB, Abilon de Souza Naves, candidato favorito às futuras eleições de governador.

Em 1983, Nivaldo Lopes, o poeta Palito, em parceria com o cineasta Ronaldo Duque, filmou a “Guerra do Pente” com os atores curitibanos Emílio Pita, Luís Melo e Paulo Friebe. Dirceu Mendes de Brito produziu o filme, apoiado por Valêncio Xavier. O documentário estreou no Cine Groff, em Curitiba, exibido em versão compacta na TV Cultura de SP e na TV Educativa do Paraná. O então prefeito Iberê de Matos e Ahmed Najar, fontes primárias da História, deram seus depoimentos.

Os alvos da Guerra do Pente foram comerciantes árabes, judeus e italianos, todos conhecidos pejorativamente como “turcos”. *A Guerra do Pente acabou até o dia em que outro protesto lança o povo às ruas para externar seu descontentamento principalmente contra a carestia e a corrupção*, disse editorial da revista *Panorama*.

MAKTUB, OS “BRIMOS” NO PODER



Aníbal Khury.

Maktub, ‘está escrito’, os árabes do Paraná, seus primos, próximos ou distantes, têm mandado muito.

O poder dos descendentes de imigrantes sírio-libaneses no Paraná também cresceu na proporção da astúcia, sagacidade e esforço do deputado Aníbal Khury (1924-1999). Esse nosso Aníbal, tão conquistador como aquele que montava elefantes e lhe deu o lendário nome, era filho de Salomão Khury e Wadia Kassad Khury, comerciantes que migraram de Beirute para São Paulo. Acabaram estabelecidos entre Porto União (SC) e União da Vitória (PR), onde seu pai, Salomão Khury foi vereador presidente da Câmara Municipal, influenciando o jovem Aníbal a trilhar o caminho da política.

Fez parte da ala jovem da UDN, quando, aos 24 anos, elegeu-se vereador. Foi deputado estadual por várias legislaturas, a partir de 1954. Mestre em pragmatismo, talvez o maior articulador da política paranaense, foi o político com o maior número de mandatos sucessivos.

Era tão talentoso e grande formulador de estratégias de permanência no poder que, à medida que foram se passando os anos de sua morte, a Assembleia Legislativa do Paraná foi decaindo aos olhos da crônica e do público. Aníbal fez vários prefeitos e governadores. Nomeou grande número de cartorários da capital e do interior do Estado. Em 1965, tornou-se presidente estadual do PTB e lançou a candidatura do secretário de agricultura Paulo Pimentel a governador do Paraná, que resultou vitoriosa, derrotando o ex-governador Bento Munhoz da Rocha Netto. Foi cassado, com direitos políticos suspensos por dez anos, nos idos de 1969, na repressão que sucedeu à publicação do Ato Institucional nº 5, medida de exceção que lançou o Brasil na ditadura militar.

Voltou com a redemocratização, apoiando o PP, a corrente do PMDB ligada ao governador Jayme Canet Júnior e ao ex-premiê Tancredo Neves, candidato indireto a presidente do Brasil. Ajudou a eleger José Richa governador do Paraná, derrotando o poderoso governador general Ney Braga. Participou da eleição de Roberto Requião como prefeito de Curitiba. Articulou comigo a eleição de Jaime Lerner em apenas 12 dias para prefeito, no ano de 1988. Foi decisivo na definição do meu nome, então jovem deputado estadual pelo PDT, para suceder Lerner na Prefeitura de Curitiba.

Numa reunião em que tinham assento José Richa, Jayme Canet, Karlos Rischbieter, Maurício Schulmann, Carvalhinho e José Eduardo de Andrade Vieira, perguntou ao Jaime, que se declarava “indeciso”: *Se você for atravessar uma praça e tiver que encontrar o Requião para debate, quem você levaria consigo? O Taniguchi, o Ceneviva ou o Rafaelzinho?* Virei candidato do grupo a prefeito. Ganhamos no primeiro turno, derrotando vários candidatos.

Foi sustentáculo da base das duas administrações Lerner como governador do Paraná. Em 1998, vi quando sugeri a Jaime Lerner que abaixasse o pedágio das rodovias paranaenses em véspera da reeleição.



Quando fui eleito o deputado federal mais votado do Brasil, em 1998, e feito Ministro de Esporte e Turismo do presidente Fernando Henrique Cardoso, em 1999, Aníbal me chamou na Assembleia e advertiu que não mexesse com a regulação dos jogos de bingo. Acertou. Eu tentei moralizar o financiamento do esporte brasileiro sem sucesso. Deixei o Ministério em 2000. Fiz tudo o que devia e Brasília fez o que costuma.

Aníbal sabia tudo. O deputado de sangue libanês também muito influiu no Tribunal de Justiça, principalmente com seus dois grandes amigos desembargadores presidentes: Henrique Chesnau Lenz César, a quem chamava “o Cigano”, e Abraão Miguel, que considerava seu irmão. Foi casado com dona Niva Sabóia Khury. Tiveram dois filhos: Ricardo Khury e Aníbal Khury Júnior. Seu apartamento na avenida Visconde de Guarapuava, em Curitiba, à hora de concorrido café da manhã, foi cenário dos mais importantes acordos e reuniões da história do Paraná no seu tempo. Aníbal Khury criou 88 municípios do Paraná, entre eles Pinhais, o mais novo.

Outras expressões de ativismo político teve a colônia árabe de Curitiba: foram prefeitos interinos o gentil vereador católico doutor Elias Karam, em 1958, e o vereador Acyr Haffez José, em 1967.

Luiz Filipe Haji Mussi e Vera Mussi Augusto foram destacados militantes do MDB e PMDB, nomeados secretários de Estado da Justiça e da Cultura. Vera Mussi, leal e atenciosa, fez comigo o programa “Bibliotecas Cidadãs”, em 300 municípios do Paraná, no terceiro mandato do governador Requião. Foi uma secretária de Cultura presente no interior do estado e na capital, multiplicando esforços e recursos públicos.

Galgaram a condição de deputados federais eleitos em Curitiba, filhos ou netos de imigrantes, Zacarias Seleme, Amadeu Geara e, na última eleição, Cristiane Yared, a mais votada.

A expressiva colônia sírio-libanesa gerou notáveis figuras na Cultura e na Universidade. Destaco meu estimado professor na Faculdade de Engenharia, o geólogo doutor Riad Salamuni (1927-2002), o primeiro reitor eleito da Universidade Federal do Paraná (1986-1990). Discípulo do grande cientista Reinhard Maack, ambos autores de detalhado mapa geológico do nosso Estado, Riad Salamuni presidiu a Mineropar.

Distingo também contribuição do professor e editor Said Mohamed el Kathib, fundador da Grafipar. Com seus filhos e sucessores, Faissal e Farouk, El Kathib publicou em Curitiba, no ano de 1969, ambiciosa e bem cuidada edição de uma *História do Paraná*, em 4 volumes encadernados em couro verde com letras douradas. A publicação reuniu contribuições dos professores historiadores Cecília Westphalen, Altiva Balhana e Ruy Wachowicz, somadas a análises dos jornalistas Rosy de Sá Cardoso, Aramis Millarch e outros.



Governador José Richa e dona Arlete com os filhos Bepe, Beto e Adriano.



José Richa deflagra a campanha Diretas Já, com Enéas Faria, Tancredo Neves, Ulisses Guimarães e Franco Montoro. O comício de Curitiba foi a 12 de janeiro de 1984.

IRMÃOS SABBAG: O MÚSICO E O PREFEITO



Gebran Sabbag jovem, na boate Caverna Curitibana.



Conjunto de jazz hot com Gebran Sabbag ao piano no Clube Sírio Libanês, em Curitiba.

Recordo a feliz memória do bom amigo Gebran, talentoso pianista, colecionador de discos, grande sonoplasta do Teatro Paiol, nosso companheiro na criação da Fundação Cultural de Curitiba. Mestre de jazz, parceiro de maestros, mentor de mais de uma geração de músicos e intérpretes, sua música refinada poderia ser trilha sonora para os versos de Elias Farhat, um dos maiores poetas da língua árabe, que viveu na nossa amada cidade.

Gebran faleceu em Curitiba, em novembro de 2015. Para pranteá-lo, a grande pena do cronista Adherbal Fortes de Sá Júnior escreveu: *A despeito de tudo o que a sociedade curitibana pensava sobre o músico da noite – boêmio, malandro, ser estranho que dorme enquanto os outros trabalham –, Gebran, menino nascido em Rio Negro, seria um deles. Provavelmente o mais importante, o mais talentoso e o mais difícil de entender. Uma vez alguém falou em destino, ele filosofou: “Somos nós que escolhemos o caminho ou é o caminho que nos escolhe?”.*

Filho de família tradicional, nasceu para ser médico, engenheiro ou advogado, as profissões de elite. Mas suas paixões não eram as dos bem-nascidos. Gostava de eletrônica: aos 9 anos já desmontava rádios, à custa de choques, e montou seu primeiro galena aos 11. A outra paixão era a música, mas – que contradição! – nunca com instrumento eletrônico. Tem que ser acústico, “porque é este o som de Deus”.

Convém explicar que havia música dentro de casa. Gebran tinha discos, revistas, instrumentos musicais. Com os irmãos, ouvia o grande jazz dos anos 1930 e 1940. Todos tocavam um pouquinho. Omar Sabbag, que depois foi prefeito de Curitiba, passou pelo violão e pelo piano. Uma irmã



estudava violino. Outras duas, piano, o instrumento da moda. Havia centenas de Essenfelder, fabricados na cidade; e muitos Schneider, uma dissidência da Essenfelder. E Fritz Dobbert, produzidos em São Paulo. E Steinway importados dos Estados Unidos, privilégio de poucos. Com tantos pianos nas casas, só faltava mudar o nome da cidade: Pianópolis.

Provou do violão, da gaitinha de boca e acabou encontrando tudo que queria no piano, não como diletantismo, mas como complemento da formação cultural. O piano virou profissão para o resto da vida, liturgia – e isso era proibido. Nos anos 1950, músico era um verme, daqueles que moram debaixo da pedra. Para o pai, a mãe, os irmãos, foi doloroso. A família não estimulou, muito ao contrário. Ele foi aprendendo como pode.

Começou com um método para piano que encontrou no sótão da casa do primo Alfredo, em Rio Negro. O teclado e a posição dos dedos. “Ah, foi um prato cheio. Podia acompanhar um monte de músicas só com aqueles acordes”. Logo, aquilo deixou de ser suficiente e procurou mais.

Em 1951, com 19 anos, encontrou Waltel Branco. Gebran no piano, Waltel na guitarra, mais o baixista Dario começaram a tocar juntos, nos shows do Clube dos Desesperados, um time de boliche do Curitibano. Depois virou profissional, criando um trio fantástico, com Norton Morozowicz no baixo e Guarani Nogueira na bateria.

O Ludus Tertius era jazz de altíssimo nível, talvez nunca igualado. A carreira prosseguiu em Curitiba. Luizinho Eça, com quem tocou em memorável *jam session* em sua casa no bairro do Ahú, insistiu em levá-lo para o Rio de Janeiro, onde o bebop explodia

no Beco das Garrafas. A resposta foi não, não e não.

Ninguém foi mais curitibano do que Gebran Sabbag. Nem o Dalton Trevisan.

Irmão de Gebran, nosso antecessor, engenheiro Omar Sabbag (1923-1987), marido da suave dona Branca, foi prefeito de Curitiba de 1967 a 1971, escolhido, em plena ditadura militar, pelo então governador Paulo Pimentel. Era filho de Maria (Gebran) e Zake Sabbag. Nasceu num dos casarões defronte ao Paço Municipal. Atravessaria a praça Generoso Marques, ao ser nomeado prefeito.

Formou-se em engenharia pela Universidade do Paraná no ano de 1947. Fez pós-graduação na Universidade de Harvard em 1953, seguida de mestrado em Ciências de Engenharia Sanitária. Trabalhou no Departamento de Água e Esgotos e na Secretaria de Viação e Obras Públicas do Paraná. Lecionou na Universidade Federal do Paraná. Dirigiu a Sanepar e o DNOS, Departamento Nacional de Obras e Saneamento, quando implantou a política de dragagem dos rios formadores do Iguaçu na região de Curitiba.

Na sua gestão, instituiu o atual brasão de armas da Cidade de Curitiba. Mudou a sede da Prefeitura para o Centro Cívico, trocando o Paço Municipal erigido pelo prefeito Cândido de Abreu pelo Palácio 29 de Março, edifício funcional projetado pelo arquiteto Rubens Meister. Canalizou um trecho do rio Ivo, obra que eu ampliaria entre 1993 e 1996. Fez o viaduto do Capanema, acesso à avenida Centenário e à autoestrada Curitiba-Paranaguá. A cidade de Curitiba homenageou sua memória com a grandiosa Escola Municipal Omar Sabbag, no bairro ferroviário Vila Oficinas.



Paço 29 de Março no Centro Cívico, construído e inaugurado pelo prefeito Omar Sabbag em 1966.

MESQUITA, IGREJA ORTODOXA, SOCIEDADES



Igreja Ortodoxa Antioquina de São Jorge.



Mesquita de Curitiba. Foto Daniel Castellano.

Cumpra lembrar o caráter cordial e associativo da gente árabe sírio-libanesa. Em 1917, abriram em Curitiba a União Síria Paranaense. Viriam depois o Clube Sírio Libanês, o Centro Cultural Árabe e a Federação das Entidades Árabes Brasileiras do Paraná.

O terreno da Igreja Ortodoxa Antioquina de São Jorge, na rua Brigadeiro Franco, foi adquirido em 17 de fevereiro de 1954. No local foi erguida capela de madeira para que se acabasse a provação das missas celebradas nas casas das famílias árabes cristãs ortodoxas. O belo templo ficou pronto em 1960, luzindo sagrado iconostásio com belas pinturas a óleo. O solene ritual de benção e consagração, em louvor de Cristo, da Virgem Maria e do santo guerreiro da Capadócia, deu-se em 1962, pelo arcebispo ortodoxo Dom Ignátios Ferzli. Lá serviram os padres Lázaro Nehme (sobrenome que em árabe quer dizer *benção*), de 1954 a 1965, e Antônio Ward, de 1965 a 1998. Entre os beneméritos da construção do templo, estão os pioneiros Elias Abdo Bittar, Zake Sabbag, Gabriel Hilú, Elias Tacla, Aléxis Gid e Nassib Abdo Abage.

A palavra *nassib*, em árabe, quer dizer ‘predestinado’. Meu amigo Nassibinho Abage, comerciante do setor elétrico e de antiquário, é destacado membro da obra espírita *Capa dos Pobres*. O bondoso árabe, seu Abib Isfer, foi um dos mais atuantes membros da Federação Espírita do Paraná, fundador do Lar Icléa, do Colégio de Lins de Vasconcelos e do Sanatório e Hospital Bom Retiro, instituições que infelizmente Curitiba já perdeu para a especulação imobiliária.

A Sociedade Beneficente Muçulmana do Paraná é de 18 de julho de 1957, tendo sido seu primeiro presidente Hussein Omairi. Ali foi aberta, em 1962, a Escola Islâmica, que ensina língua árabe dentro do currículo escolar brasileiro. Em 1972, o conjunto foi acrescido de ampla e bela mesquita, tendo por primeiro *sheik* o clérigo egípcio Muhamad Hassan Iddin. Esta é uma das poucas mesquitas do mundo onde rezam em paz, unidos pela mesma fé, os muçulmanos shiitas e sunitas.

Na bela Mesquita de Curitiba, projeto do engenheiro cristão Kamal David, meu estimado professor, interior, cúpula e minaretes foram decorados com mosaicos da cidade de Isfahan, cenário da narrativa fabulosa das “Mil e uma Noites”. Sobre a alvenaria, foi assentada preciosa cerâmica profusamente colorida, imersa em muito azul. Tanto em árabe como em português, *azul* sugere *azulejos*, tão azuis como Deus – o *Clemente*, o *Misericordioso* quis ladrilhar o Céu.



ELIAS FARHAT, O “PRÍNCIPE DOS POETAS ÁRABES”



Elias Farhat.

A constatação de Jamil Snege – de que Curitiba anula os gênios, tornando-os invisíveis – aplica-se à memória de vida do seu patrício, o poeta libanês Elias Farhat (1893-1976). Viveu na nossa cidade grande parte de seus dias aquele que em 1940 venceu o “Concurso Mundial de Poesia em Língua Árabe”. Nele também brilhou a Luz dos Pinhais.

Foi chamado pela imprensa do Cairo de “Príncipe dos Poetas Árabes”. O neto Filipe Farhat testemunha: *Meu avô era recebido com honras de estado nos países árabes que visitava. Multidões se aglomeravam para ouvi-lo declamar.* Seus livros estão entre os mais vendidos e lidos no mundo árabe. Aqui poucos sabem dele, ou recordam-lhe os versos.

Opunha-se à dominação anglo-francesa no Oriente Médio, que sucedeu à derrocada do Império Otomano. Sobre imperialismos, escreveu: *Se os carneiros tivessem a bravura dos leões, não haveria quem apreciasse a sua carne...*

Sua obra é leitura obrigatória nas escolas do mundo árabe, e seu honrado nome denomina ruas em inúmeras cidades do Oriente Médio. É o sucessor de Gibran Khalil Gibran (1883-1931), o poeta árabe mais popular do século XX.

Quando fiz o Memorial Árabe de Curitiba, em 1995, não conhecia a sua obra. Tivesse-a lido e mandaria gravar em lápides de mármore seus versos juntos com os de Gibran, em reconhecimento à sua grandeza. Um dia ainda faço isso.

Elias Farhat veio do Líbano. Lá deixou um amor impossível. Ao se despedir, recebeu mecha de cabelos de sua amada. Trouxe-a consigo. Já no nosso hemisfério, escreveu:

*[...] contemplo a mecha de cabelos,
imagino-a, cadáver de um amor;
entre ruínas orvalhadas de lágrimas.*

Foi mascate nas praças do interior de Minas, de São Paulo e do Paraná. Em 1922, venceu concurso da Colônia Árabe com um poema sobre o Brasil, que está gravado em bronze num monumento do Parque do Ibirapuera. Todos os filhos de árabes letrados conhecem-no de cor:

**Se cortássemos todos os cedros do Líbano
– e os cedros são fonte de inspiração –,
e com eles erigíssemos aqui um templo
cujas torres atravessassem as nuvens;
se arrebatássemos de Baalbeck e de Palmira
vestígios do nosso passado glorioso;
se arrancássemos de Damasco o túmulo de Saladino e de
Jerusalém, o sepulcro do Redentor dos homens;**

**se doássemos todos esses tesouros
à grande nação independente
e a seus generosos filhos,
sentiríamos que ainda assim
não pagamos tudo o que devemos
ao Brasil e aos brasileiros.**

Cristão, casou na igreja de Santo Antônio da Lapa, em 1930, com Julie Gibran, prima do glorioso poeta Gibran Khalil Gibran. Tiveram 4 filhos: Laila, Issam, Khaled e Muna. Veio para nossa Curitiba no final dos anos 30, onde abriu bazar. Estava em viagem

por Minas Gerais quando morreu, em 1976, conforme registro do Instituto de Cultura Árabe da USP.

De Elias Farhat pinço outros versos, que pregam a tolerância entre libaneses, palestinos e judeus, apropriando tradução do seu poema “Vizinho”, feita do árabe para o português por Youssef Moussmar:

Deus é o mesmo. O patriarca bíblico Abraão, pai de Ismael e de Isaac, é o pai de todos.

Estes versos preparam o próximo capítulo, sobre os judeus de Curitiba, vizinhos fraternos dos árabes, lá e cá.

*Sofremos demais, meu caro vizinho
Pelos opressores, sofremos nós dois
Você sofre sozinho, eu sofri sozinho
Nunca imigramos e nos revoltamos nós dois*

*Temos um medo enorme dos tiranos
Tiranos estrangeiros e tiranos parentes
Procuramos sempre diminuir os danos
Reclamando sofrimentos diante da Lua Crescente*

*Porque em desacordo ficamos
Se neste país todos moramos
Caro vizinho, nós temos
Que lavar e limpar nossa mente*

*Enquanto meus direitos
Respeitados forem por você
Você fica meu irmão
Não levando em conta
A sua adoração.*



CABALA SOB A LUZ DOS PINHAIS



Primeira Sinagoga de Curitiba em 1929.
Coleção Heisler, Casa da Memória.

A Cabala é um conjunto de ensinamentos esotéricos feitos para explicar a relação entre um Ser imutável, eterno e misterioso – *Ain Soph, o Sem Limites* –, e o universo mortal e finito. A Consciência da Luz forma os fundamentos da interpretação religiosa mística. A Cabala procura definir a natureza do universo e do ser humano, a natureza e o propósito da existência. Nós invocamos tão antiga sabedoria para contar história e estórias do “Povo do Livro” entre nós.

No Brasil, há registro da presença de judeus desde o século 17. É lendária a Sinagoga do Recife – *Kahal Zur Israel*, ‘Rochedo de Israel’ –, a primeira sinagoga das Américas, aberta entre 1630 e 1657, durante a dominação de Pernambuco pelo principado holandês de João Maurício de Nassau-Siegen.

Congregava judeus sefarditas de origem portuguesa e espanhola refugiados nos Países Baixos, que acabaram vindo para o Brasil, atraídos pelas oportunidades de comércio e pela liberdade de culto religioso. Tiveram por primeiro rabino o venerável Rav Isaac Aboab da Fonseca (1605-1693), que, por 13 anos, orientou sua comunidade.

Com a expulsão dos holandeses do Brasil, após a segunda Batalha dos Guararapes (19 de fevereiro de 1649), as famílias judias (400 pessoas residentes entre Recife e Olinda) tiveram três meses para encerrar seus negócios. Expulsos, temerosos da Inquisição, os judeus de Pernambuco conheceram nova diáspora que, para muitos deles, terminou com final feliz no porto de Nova Amsterdam. Na atual Nova York, fundaram a sinagoga *Shearit Israel*, a primeira da América do Norte.

Quando ministro de Estado e presidente da Comissão Binacional de Ministros para a Comemoração dos 500 Anos do Descobrimento, visitei a Sinagoga da rua do Bom Jesus, no Recife Antigo, acompanhado de meus colegas brasileiros Francisco Weffort, Andrea Mattarazzo e Luiz Felipe Lampreia, do lusitano Joaquim Romero de Magalhães, do governador Jarbas Vasconcelos e do artista Francisco Brennand.

Em outubro de 2007, visitei a primeira Sinagoga de Nova York, quando, então deputado estadual, acompanhei o governador do Paraná Roberto Requião ao primeiro pregão de ações da Copel na Bolsa de Nova York.

Na sinagoga do Recife, lembro-me de ouvir dizer sobre pesquisas arqueológicas do IPHAN e da Universidade Federal de Pernambuco comprobatórias da tradição oral centenária. Ali foi encontrada piscina ritual com sete degraus – *mikvê* – utilizada em banhos de purificação previstos na *Torah* e no *Talmud*.

Especificamente no Paraná, os primeiros judeus chegaram a partir de 1880, em levas de imigrantes vindas dos impérios russo, germânico e

(página oposta) Casa Flacks - original de Colônia Tomás Coelho.





Relógio das Flores de Curitiba, doado pelos joalheiros Manoel e Max Rosenmann em 1972. Foto Nani Góis.

austro-húngaro.

Segundo pesquisas no Arquivo Público, eram oriundos da Galícia Austríaca, com cinco homens e três mulheres da família Flacks e dois irmãos da família Rosenmann. Eles se estabeleceram nas recém-criadas colônias agrícolas da Colônia Tomás Coelho, hoje área de inundação da represa do rio Passaúna, edificada pela Sanepar para abastecimento de água da grande Curitiba.

Ao se instalarem em solo paranaense, à semelhança do que ocorreu em outros estados do Brasil, os judeus se dedicaram às atividades comerciais, vendendo utilitários, ferramentas e sementes de cereais, o que facilitou sua relação com os colonos católicos da Colônia Tomás Coelho e Guajuvira, onde os Flacks e os Rosenmann, associados, foram logo abrindo armazém de secos e molhados.

Quando, em 1980, coordenador da Casa Romário Martins, no sítio histórico da Colônia Tomás Coelho, resgatei da área de inundação da represa do Passaúna as casas de troncos de araucárias, percebi que a maioria delas, de famílias cristãs, tinha na viga mestra da sala principal uma marca com o as letras JHS – *Jesus Hostia Sanctorum*, ‘Jesus Hóstia Santa’ – mais o ano da construção, ali variável entre 1877, 1880, 1884. Havia duas casinhas de troncos que, na viga mestra, ao lado da data de 1884, tinham gravada

a Estrela de David – *Magen David* –, ao invés do monograma cristão.

Ao deixar a colônia de Tomás Coelho, apenas o moleiro Max Rosenmann foi morar no centro de Curitiba, na esquina da rua do Rosário com a Cruz Machado, numa antiga casa de alvenaria de pedra e telhas coloniais.

Mais tarde, casa e moinho seriam demolidos para dar lugar à oficina de bicicletas de Joanim Prosdócimo, depois Edifício Prosdócimo, e à Casa do Pequeno Jornaleiro, obra social da primeira dama dona Anita Ribas, esposa do interventor Manoel Ribas.

Os Flacks retornaram à Europa, a fim de casarem seus filhos com pessoas da comunidade judaica askenazi, buscando garantir sua tradição.

Josefina Flacks graduou-se em Medicina na turma de 1929 da Universidade do Paraná. No dizer de Sara Schulmann, foi a primeira formanda da comunidade judaica local. Em 1930, formou-se também médico, na nossa universidade, Dório Stolzenberg, filho de Julio Stolzenberg, de família pioneira.

Os também pioneiros Theophila Karpinski e Francisco Wilki deixariam a Colônia Tomás Coelho para fixar residência numa chácara em Balsa Nova, dedicada a abastecer, também no caminho de Balsa Nova, o armazém recém-inaugurado da família Paciornik. Assim, o casal criou com pão honesto e abençoado os filhos Francisca, Sofia, Thomaz, Antônio, Josepha, Rosa e Cândida.

O patriarca Max Rosenmann instalou em Curitiba um moderno moinho a vapor. Fez-se líder da comunidade judaica, que aos poucos foi sendo acrescida de novas famílias. Era Rosenmann quem convocava os *Shabat*, provia a ceia ritual de Páscoa (*Sêder de Pêssach*, memória da libertação da terra do Egito) e soava as trombetas do *Yom Kippur* (Dia do Perdão) e do *Rosh Hashanah* (ano novo judaico baseado no calendário lunar).

Descendem do patriarca Rosenmann os joalheiros Max e Manoel que, em 1972, doaram à Cidade de Curitiba o mecanismo do Relógio das Flores. Os irmãos Rosenmann, na segunda metade do século XX, chegaram a ter 21 joalherias no Brasil, loja em Caracas e em Nova York. Associaram-se a Adolphinho Oliveira Franco no jornal *Correio de Notícias*. Manoel casou-se com Maria Cecília de Leão Rosenmann, de família tradicional, herdeira do Mate Leão, moça católica formada no Colégio Saere Coeur de Jésus. Max casou-se com Marislei Santos, da família do Magazin Avenida, neta de Natálio Santos,

respeitado patriarca da Federação Espírita do Paraná. Max era muito espirituoso. Me ajudou muito na Prefeitura, trazendo recursos federais e internacionais para Curitiba.

De Max Rosenmann, Margarita e eu ouvimos um episódio político, que paira entre o trágico e o engraçado. Borges poderia tê-lo incluído na sua *História Universal da Infâmia*. Contou Max Rosenmann: *Perdemos a eleição. Fui a Porto Amazonas falar com o cara que havia colocado no diretório municipal do PMDB. Fui logo perguntando: “O que foi que aconteceu? Como você não fez nenhum voto para mim aqui? E nem pro nosso partido?”. O matuto arregalou os olhos e respondeu: “Pois, é, seu deputado, o homem do cartório se vendeu, a professora chefe do núcleo de educação se vendeu, o dono do armazém se vendeu, o dono do posto de gasolina se vendeu, o padre se vendeu, o pastor dos crentes se vendeu, o capitão do time de várzea se vendeu, o dirigente do sindicato agrícola se vendeu, o homem do Ciretran se vendeu, o pai de santo se vendeu, o presidente do clube se vendeu... tudo mundo se vendeu... até eu se vendi!”.*

Nos primeiros anos da comunidade israelita em Curitiba, o velho Rosenmann também presidia as cerimônias de iniciação dos meninos – circuncisões (*Brit Milá*) –, bem como entoava os lamentos rituais do *Chevra Kadisha*, quando reunia outros nove homens da comunidade para o ritual de lavar os corpos e amortilhar os defuntos, preparando-os para a sepultura.

Pouco a pouco a comunidade judaica de Curitiba foi crescendo, e logo providenciaram uma caixa de auxílio mútuo para os refugiados de guerra da velha Europa. Em 1917, ano duro da gripe espanhola na capital do Paraná, foi fundado o Comitê Feminino Israelita – *Na’Amat-Pioneiras* –, formado pelas esposas dos judeus já estabelecidos, para apoiar as novas famílias que iam chegando, bem como socorrer os mais pobres.

A *Kehilá* capaz de congregar a todos criou o Centro Israelita do Paraná. Era o ano de 1920. Em 1925, em terreno doado pelo bispado, ao lado do Cemitério da Matriz da Colônia Dantas, no talvegue do rio Água Verde, os judeus de Curitiba ganharam seu primeiro cemitério.

Mais tarde adquiriram mais dois espaços rituais de sepultamento, um ao lado do Cemitério Municipal de Santa Cândida e outro, viabilizado pela minha prefeitura, em 1996, ao lado do Cemitério de São

Pedro de Umbará. Os israelitas só podem ter túmulo individual. Uma cova, aberta no solo vivo, para cada filho de Deus aguardar o Messias. Os suicidas são sepultados à parte da comunidade, de costas para o muro. As sepulturas, passado o luto, podem ser adornadas com uma lápide, a *matseivá*.

A Escola Israelita do Paraná, com lições de iídiche – língua de diáspora formada com elementos do alemão e do hebraico –, foi aberta em 1935, em terreno doado pelo fabricante de móveis Salomão Guelmann. Primeiro funcionou na rua Lourenço Pinto, a mesma onde o médico Moysés Paciornik ergueria seu Hospital – ao seu tempo um dos mais modernos e eficientes da cidade.

Foi transferida, por volta de 1970, para uma colina do Bom Retiro, com acesso pela rua Nilo Peçanha, onde também foi edificado o Centro Israelita do Paraná e, modernamente, uma nova Sinagoga. Sucedeu a Sinagoga Francisco Frischmann, hoje desativada, na rua Saldanha Marinho. Desde 1980, Curitiba dispõe de uma congregação judaica ortodoxa, o *Beit Chabad*, com templo na Água Verde, à rua Angelo Sampaio. O rabino Yossef *Fitche* Dubrawsky, nascido nos EUA, veio de Buenos Aires.

Fitche um dia veio até a prefeitura de Curitiba me pedir autorização para celebrar na nossa cidade *Chanuká* (*Hanu’ka*). Essa Festa das Luzes é memória da Consagração do Templo por Judas Macabeu, no ano 165 antes de Cristo, após a vitória contra o rei selêucida Antíoco IV. No calendário judeu, a semana festiva coincide com o tempo do Natal cristão, sempre em dezembro.

Ao acolher a ideia com entusiasmo, pois sou fascinado pela Luz que vem do Alto, mandei erguer a *Chanucá* (candelabro de nove braços) cenográfica, na praça 29 de Março, até hoje utilizada na celebração.

Lembro-me que, ao entrar no gabinete do Prefeito, Fitche, ortodoxo observante, não deu a mão para minhas assessoras, porque elas poderiam estar ritualmente “impuras”, pelo fluxo de sangue da sua natureza. Diante do constrangimento das mãos estendidas, o rabino, com ternura, colocava sua mão direita sobre o coração, dizendo: “Não lhe estendo minha mão, mas lhe dou meu coração”.

Entre os que presidiram o Centro Israelita do Paraná, estão Henrique Knopfholz, Moisés Bronfmann, Aron Galperin, David e Manoel Knopfholz, Léo Kriger, Samuel e Rubens Teig e Simão



Blinder. Sou grato ao Centro Israelita do Paraná por haver me distinguido, quando vereador da Cidade de Curitiba (1983-1986), com uma viagem oficial a Israel, no inverno de 1984.

Margarita e eu fomos à Terra Santa, lá recebidos com distinção pela Prefeitura de Jerusalém e pelos curitibanos Márcia Proveller Krüger (filha de Esther Proveller e sobrinha de Fani Lerner) mais Aninha e Moisés Fucks, radicados na cidade dourada. Muito aproveitei daquela incursão na terra dos reis David e Salomão, dos profetas Isaías Jonas e Abacuc e do bem amado Jesus de Nazaré.



Fábrica de Móveis de Salomão Guelmann na rua 24 de Maio nº 32, em 1929.

Uma tarde, à hora do pôr do sol no Horto das Oliveiras, colina de Getsêmani, fomos à missa na capela *Dominus Flevit* (“O Senhor Chorou”), santuário que a piedade cristã erigiu para recordar as lágrimas de Jesus sobre Jerusalém, profecia das muitas dores que se abateriam sobre a cidade. Ecoam ali suas palavras proféticas: *Filhas de Jerusalém, não choreis por mim. Chorai, antes, por vós mesmas e por vossos filhos! Pois virão dias de dor; guerra e abominação, em que se dirá: Felizes as mulheres estéreis, as entranhas que não conceberam, os seios que não amamentaram!* (Lucas, 28, 29).

Queria muito conhecer a igreja, até porque é esplêndido mirante sobre a cidade velha de Jerusalém. O amigo Fucks nos levou até lá no seu carro. Na hora da missa, uma severa freira francesa, investida em porteira, indagava a quem queria entrar se era ou não cristão, porque havia poucos lugares. Fucks empacou na porta.

Eu o empurrei, dizendo: *Entrée, vous avez le droite. Vous êtes de la famiglie de Notre Seigneur.* De noite, Fucks e sua Aninha, Margariti-

nha e eu, nos divertiríamos recordando o episódio, num bistrô junto à Porta de Jaffa, tomando vinho da Galileia e saboreando o *peixe de São Pedro*, consumido com nacos de *pitta*, o delicioso pão árabe temperado com a especiaria *zattar*, delícias dessa Jerusalém dos herdeiros de Abraão – judeus, árabes e cristãos.

Margarita já estivera em Jerusalém, acompanhada de sua mãe, em 1967, logo após a Guerra dos Seis Dias. Fomos ao Colégio Sion, ver o *Litostathos*, ou pavimento do tribunal de Pilatos, onde Jesus foi flagelado; a cisterna de Herodes; a Piscina Probática – segundo a Bíblia, abençoada pelos fluidos do Arcanjo Rafael (*Deus quando Cura*); a *Via Crucis*; o Calvário; a Pedra da Unção; e o Sepulcro vazio, na ampla igreja “*Anastazias*” (em grego, ‘lugar da Ressurreição’).

Recordo-me de que o Governo de Israel nos disponibilizou um carro Subaru japonês, muito confortável e econômico em combustível, para as viagens ao interior. Sai dirigindo, pela torrente do Cedron, com Margarita e Márcia Krüger – que fala hebraico com perfeição –, rumo a Nazaré, Monte Carmelo, Monte Tabor, rio Jordão, Caná da Galileia, sinagoga de Cafarnaum e fortaleza de Massada. No Monte das Bem-Aventuranças, víamos, ao longe, o cume nevado do Monte Hermon, já nos limites da terra do Líbano. Aviões de guerra iam e vinham, sobrevoando a Terra Santa. Margarita derramou uma lágrima, ao antever o bombardeio além da fronteira. Uma freirinha francesa, sentada na varanda do santuário, parou de bordar um corporal de linho com o nome de Jesus, olhou fixo para nós e sentenciou: *Des hommes sont des brutes, madame.*

Enquanto é doce e florida a paisagem da Galileia, cenário da infância e dos milagres de Jesus, a paisagem da Judeia, onde Nosso Senhor sofreu seu martírio, é árida e espinhosa. De volta a Jerusalém, olhando as muralhas de pedra dourada, hospedados no bellissimo Hotel King David, disse a Margarita: *Depois de dois dias, percorremos a Bíblia inteira e ainda não gastamos um tanque de gasolina.* Na volta a Curitiba, proferi palestra no Centro Israelita do Paraná relatando o emocionante roteiro.

As mil famílias judias de Curitiba, na sua maio-



Na foto de Arthur Wischral, a rua XV no final dos anos 1940 tem prédio encimado por anúncio dos Móveis Paciornick e expressivo comércio judeu.

ria gente cordial da nossa amizade, são influentes no comércio, na indústria, na medicina, na engenharia, na música e na história da cidade. Etiquetas curitibanas de qualidade, já tivemos as Malas Ika, os populares Móveis Guelmann e Móveis Pinheiro (da família Grupenmacher), os refinados Móveis Paciornik, as joalherias Bergerson (empresas distintas dos simpáticos irmãos Moisés e Marcus), Rosenmann Joalheiros (dos irmãos Max e Manoel) e Frichmann's, o Amigão, grande loja de departamentos que sucedeu a majestosa casa Paulo Hauer, na esquina da praça Tiradentes com a rua Monsenhor Celso.

Recordo também o Bazar Tiradentes, da família Goldebaum, a Casa Cila, da família Schulman, e a tradicional Casa das Rendas, na avenida João Pessoa, que daria origem à criativa rede de boutiques Noi, de Léo e Sabina Wårhaftig e suas filhas Sheila e Sandra.

Na avenida Luiz Xavier, o judeu-russo Alberto Assmé ergueu seu sobrado de três andares, com loja térrea, ao lado do Palácio Avenida do “turco” Feres Merhy. Assmé era ourives de refinada competência, hábil em tecer filigranas em metal precioso. Homem cosmopolita, natural da esplêndida cidade de São Petersburgo, com a queda do tzar Nicolau II veio para o Novo Mundo. Desembarcou em São Francisco do Sul, casou em Blumenau com uma *früulein* Hering e subiu a serra rumo a Curitiba. Multiplicou a fortuna. Lenda

familiar diz que teria financiado a famosa cristaleria e malharia de Blumenau. Aqui ergueu os edifícios Tiradentes, Osório e Riachuelo. Deixou três filhas, Frida, Helen e uma outra de cujo nome não me recordo. Eu as visitei, acompanhado do então senador José Eduardo de Andrade Vieira, para pedir que permitissem a restauração do seu predinho, contíguo ao Palácio Avenida. Testemunhei a altivez das velhas senhoras, ainda com a loja aberta, apesar das vitrines empoeiradas, dizendo um rotundo “não!” ao banqueiro. O predinho persistiu decadente e *delabrée* até a morte da última das irmãs, que viveu seus derradeiros dias isolada, pelo temperamento. Quase foi enterrada como indigente, não tivessem os parentes chegado à última hora. Hoje, o espólio está com sete sobrinhos-netos, três Assmé e quatro Hering, conta-me o meu amigo Antônio César Assmé.

Boa lembrança também da Casa Mazer, aberta em 1935, por Hermann Leon Mazer, judeu polonês. Quando o cantor Roberto Carlos, suavizando o ano triste de 1964, lançou a música “O Calhambeque” e abriu pioneira franquia nacional com a marca de roupas “Jovem Guarda”, a Casa Mazer ferveu. Piás curitibanos, meninos e meninas, ali buscavam, em frenesi, as roupinhas em tons psicodélicos. Usávamos camisas cítricas, cor de abóbora, verde-limão, azul elétrico sobre jeans – por aqui chamados de calças “Curitex”, porque confeccionadas pela fábrica estabelecida na subida da rua Barão de Antonina, antes do Cemitério Municipal. As calças eram feitas de “brim coringa”, tecido sanforizado pré-encolhido durante o processo de fabricação, produto Alpargatas. Quem não as portasse estava banido da tribo.

Os médicos Fany Frischmann e Oscar Aisengart fundaram o Laboratório de Análises Clínicas Frischmann-Aisengart, apropriadamente localizado na rua Pasteur. Para tal, foram orientados pela doutora Maria Falce de Macedo, nossa prima diletta, primeira médica do Paraná, primeira professora catedrática do Brasil (aprovada com nota 99,9 – para que a banca não sofresse a humilhação de dar nota máxima a uma mulher) e fundadora do setor de Análises Clínicas da nossa Faculdade de Medicina e também da Faculdade de Farmácia da UFPR.

Expressões de competência profissional e correção na trajetória de vida: o historiador e professor José Zokner (Juca), redator da revista *O Macabeu* e amigo pessoal do escritor uruguaio Eduardo Galeano – aquele das *Veias Abertas da América Latina*, que Juca me apresentou em Curitiba; as doutoras Sara Schulman e Célia Paciornik Galbinski; professores da Universidade, entre eles Sigismundo Morgenstern, Alfredo Jacobowicz (meu professor de Materiais de Construção), Saul Küllig (também meu simpático professor de Geometria Analítica) e seu irmão melômano





Prefeito engenheiro Saul Raiz.



Samuel Chamecki e Ayrton Cornelsen no Palácio Iguazu, quando receberam medalha Santos Dumont, 1958.



Prefeito urbanista Jaime Lerner.

Michel Küllig (entusiasta da Orquestra Sinfônica do Paraná); o arquiteto Léo Grosman.

O professor Samuel Chamecki, mestre de geotecnologia, cientista de fama mundial, viveu 18 anos em Paris como diretor de Ciência e Tecnologia da Unesco. Criou um sistema precursor do moderno videogame. Espírito inquieto, deu seu honrado nome a um Farol do Saber na rua Paulo de Frontin, no bairro do Cajuru, diante da escola pública que construiu e chamei de Elza Lerner. Juntei no mesmo local duas memórias. A da mãe do governador e prefeito Jaime Lerner, que, ao seu tempo de menina, não teve o direito de

estudar. Pela discriminação imposta pelo império austro-húngaro, só aprendeu bem a ler e a escrever com o marido Félix, já em Curitiba. E a do professor curitibano que brilhou no mundo pelo seu conhecimento.

Figura simpática e valorosa, o advogado curitibano Dálio Zippin. Formidável é a lenda urbana de que teria matriculado um asno na Universidade do Paraná. Já aluno da Faculdade de Direito, Dálio era, por vezes, obrigado a faltar às aulas, porque devia fazer entrega dos colchões fabricados e vendidos por sua mãe. O transporte dos colchões era feito na charrete da família, puxada por um esforçado burrico. Vez por outra, o burrinho, preso à charrete, ficava parado em frente da universidade, à espera do carroceiro que estava em aula. O folclore, entre os colegas, era dizer que Dálio e seu burrico fizeram o curso de Direito. Conheci, já em idade avançada, o doutor Dálio Zippin. Sempre tinha uma balinha em mãos para oferecer aos seus interlocutores. Na área do Direito, a colônia teria o desembargador estadual Ronald Schulman e o desembargador federal Joel Ilan Paciornik.



Doutor Moysés Paciornick (1914-2008), médico e escritor.

Grande figura humana o médico Moysés Goldstein Paciornik (1914-2008), formado na Universidade do Paraná na turma de 1935. Cientista curioso, pesquisador de obstetrícia, resgatou a tradição indígena do parto de cócoras. Sua vida está em simbiose com a história da obstetrícia paranaense. Recém-formado, entrou para o corpo clínico do



Doutora Fani Frischmann Aisengart (1921-2011) médica laboratorista.



Arquiteto Júlio Pechman (1942-2009).



Arquiteto urbanista Rafael Dely (1939-2007).

Hospital de Crianças de Curitiba, dirigido por César Pernetta, onde permaneceu até 1943. Em 1948, instalou seu próprio hospital-maternidade, a Casa de Saúde Moysés Paciornik. Poucos anos depois, passou a difundir os preceitos da anestesia peridural contínua durante o parto.

A sua vocação para os cuidados com a maternidade não parou por aí. Moysés foi professor fundador da cadeira de Higiene Pré-Natal da UFPR, em 1952, obtendo o Título de Especialista em Ginecologia e Obstetrícia, em 1969. Em 1977, obteve o título de Especialista em Cancerologia.

Em 1942, Moysés casou-se com Helena Schargel, com quem teve três filhos: Silmara, Cláudio e Ernane. Formou preciosa pinacoteca. Bom poeta, apreciado cronista e *causeur*, era meu confrade da Academia Paranaense de Letras. Sabia receber bem, ao lado de sua “Hélène”, um dos mais elegantes casais da alta sociedade de Curitiba.

Também destaque o professor e médico Rodolfo Paciornik, autor do primeiro *Dicionário Brasileiro de Termos Médicos*, livro sempre consultado por estudantes e profissionais da Medicina, editado em Curitiba.

Ainda formados pela Universidade do Paraná, israelitas curitibanos, os médicos Felipe Lerner (clínico geral, atuante na Santa Casa de Misericórdia e professor da Faculdade de Medicina da Universidade do Paraná), Hermes Paciornik (médico e professor da Faculdade de Medicina, especialista em gastroenterologia), José Weniger (professor da Universidade Federal e médico pediatra de toda uma geração de cidadãos curitibanos) e Izrail Cat, competente pediatra do nosso Hospital de Clínicas.

Pessoa adorável, o cirurgião dentista Manoel Paciornik, sempre sorridente, o rosto grande emoldurado por costeletas suíças que ficaram mais simpáticas quando os cabelos embraqueceram. Atendia num consultório decorado com mobília modernista – móveis Cimo: sofás em forma de amebas, mesas e cadeiras com pés de palito. Melômano, viajava a São Paulo, Rio ou Buenos Aires em busca da música. Amava os grandes concertos, a ópera, as musas, os espetáculos da harmonia celestial. Presença constante na plateia do Teatro Guaíra, nos concertos da Camerata Antiqua de Curitiba, nos concertos da Pró Música e da Scabi – Sociedade Cultural e Artística Brasília Itiberê.

Com Maneco, no amor à música, rivalizou um outro membro da colônia israelita, o refinado médico ginecologista Jayme Guelmann, também nosso dileto amigo. Grande anfitrião com sua mulher Judy, na bela casa da colina sobre o rio Barigui, a meio caminho entre o Seminário e o Campo Comprido, elegante salão aberto para esplêndidos jardins, entre a piscina e a mata nativa. Talvez o jardim dos Guelmann, onde comemoramos um dos meus aniversários, num simpático almoço, fosse o mais bonito de Curitiba naquele tempo.

Dotada de membros de ousadia incomum, a colônia israelita do Paraná agrega ainda notáveis empreendedores: Salomão Soifer (criador do primeiro shopping center de Curitiba, o Shopping Mueller), Haroldo Jacobowicz (líder na área de Tecnologia da Informação no Brasil) e Miguel Krigsner, fundador de *O Boticário*, marca de cosméticos curitibana mundialmente famosa.

Requintada, a Galeria de Arte Ida & Anita foi espaço de promoção de grandes artistas, dotada de





Primeira Vila de Oficinas de Curitiba (1993), junto ao rio Belém.

importante acervo. Funcionou em Curitiba, de 1969 até 1978, na Doutor Pedrosa, junto ao *show room* dos Móveis Paciornik. Em 1979, mudaram para a alameda Dom Pedro II, numa loja do shopping Novo Batel. Anita Paciornik e Ida Axelrud eram ativas *marchand aux tableaux*. Iam além do gosto pelos bons negócios; promoviam a cultura brasileira. O acervo contemplava Di Cavalcanti, Milton da Costa, Darci Penteado, Aldemir Martins e Cícero Dias. Fecharam em 1993, infelizmente para Curitiba.

Nessa galeria tivemos a honra de conhecer Carlos Scliar, mestre da arte de dimensão nacional, que se tornou nosso estimado amigo. Carlos Bracher ali expôs em 1982; Siron Franco, notável criador goiano, em 1983; Xico Stockinger, em 1987; Kenji Fukuda, em 1989. Em 1984, Ida & Anita realizaram uma admirável mostra de Theodoro de Bona, prestando grande tributo ao notável pintor paranaense, o único que tem suas telas na Pinacoteca Real da Itália.

Delicada, pouco antes de falecer, Ida Axelrud, mãe do meu colega de engenharia Sidney Axelrud, nos presenteou com um ícone de Santa Olga, rainha ucraniana, peça do século XIX pintada à folha de ouro e tinta esmaltada. Perguntei-lhe por que me distinguia logo com essa santa. Ela, demonstrando conhecimento de arte e história, saiu-se com esta: *Porque a rainha Olga foi mulher do*

rei Valdomiro, ambos civilizadores de Kiev. Você não se chama Rafael Valdomiro? Então merece uma Olga por perto. E que a Margarita não fique com ciúmes.

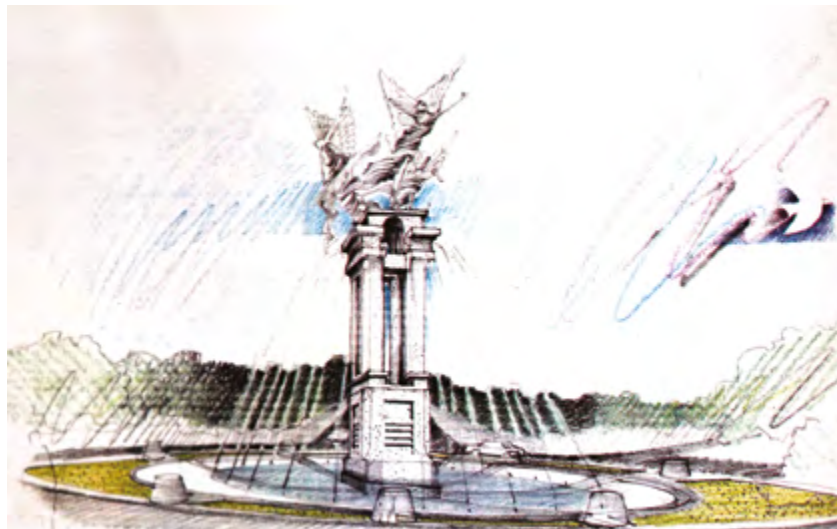
Na arquitetura e urbanismo, destaco a contribuição dos arquitetos Júlio Pechman e Rafael Dely, trajetórias profissionais impecáveis, um mais voltado para arquitetura de luxo, outro para a justiça social. Ambos morreram cedo.

Julinho Pechman (1942-2009) projetou o nome de Curitiba nacionalmente, com suas linhas arroçadas, privilegiando espaços em retângulos, salões com vários planos, lofts vertiginosos. Mecenaz e mentor do artista plástico curitibano Carlos Eduardo Zimmermann, promoveu sua arte no Brasil e no exterior, projetando sua residência numa colina sobre o lago do Parque Barigui. Pechman também criou as modernas instalações do Hospital Angelina Caron, espaços e residências aqui, em São Paulo, no Rio e em Nova York. Grande anfitrião, recebia em seu endereço, na colina do Bigorrião, personalidades que visitavam Curitiba.

Rafael Bernardo Dely (1939-2007) foi notável urbanista, numa carreira de 40 anos, em parceria com Jaime Lerner. Foi secretário de Estado de Habitação e presidiu o IPPUC, a Cohab de Curitiba e a Cohapar. Teve grande influência na transformação de Curitiba, que nos deu fama mundial. Casado com Lydia Bindo, sua casa foi espaço de animados debates



Livro de Bernardo Schulman.



Projeto da Fonte de Jerusalém. IPPUC, 1996.

sobre o futuro da cidade.

Seria o criador do sistema viário trinário, via expressa central e duas vias rápidas com tráfego em sentidos opostos. Na minha gestão de prefeito, nomeado presidente da Cohab, criou o projeto “Vilas de Ofícios”, em que os mutuários podiam trabalhar e viver no mesmo domicílio. Fiz mais de 500 moradias em “Vilas de Ofício” em 4 anos, já tendo por presidente da Cohab o engenheiro Ivo Mendes Lima.

Presidente da Cohapar, Rafael Dely desenvolveu o projeto “Vilas Rurais do Paraná”, desdobramento da ideia de Jaime Lerner de “Comunidades Rurais”, a primeira delas no Campo de Santana, inaugurada pelo presidente João Batista Figueiredo em 1982. Dely era um entusiasta da autoconstrução. Foi internacionalmente premiado.

Os prefeitos Saul Raiz e Jaime Lerner, exemplos nas suas trajetórias de engenharia, urbanismo e arquitetura, meus prezados antecessores, têm sua memória de vida narrada em outros momentos deste livro, nas crônicas da urbanização da Cidade de Curitiba, da qual também foram eficientes artífices.

Na área de engenharia, também destacou-se o engenheiro Maurício Schulman. Ele foi presidente da Copel, Secretário de Estado das Finanças, presidente da Eletrobrás, presidente do BNH (Banco Nacional de Habitação) e também conselheiro do Badep e do Bamerindus (até sua lamentável incorporação pelo HSBC). Com Martinha, sua mulher, Maurício é figura sempre presente nos salões curitibanos. Sua filha, jornalista Cila Schulman, foi minha secretária de Comunicação Social na ocasião da comemoração dos 300 anos de Curitiba. Depois, a partir de São Paulo e Brasília, Cila fez carreira nacional.

Do pai de Maurício, genro do pioneiro Max Rossmann (1889-1941), seu Bernardino Schulman,

figura viva e adorável, pinço depoimento que merece permanecer na história da cidade: “*Os meninos deram certo*”, brinca Bernardino, ressaltando que por terem feito suas próprias carreiras, seus filhos não dividiram com ele seus negócios: “*Sou um homem que começou vendendo grãos*”, lembrando seus tempos de juventude, em Araucária, onde seu pai, Bernardo, foi um dos primeiros comerciantes a trabalhar na venda de cereais, exportando inclusive para muitos países.

Foi ali que Bernardino fez sua aprendizagem para o comércio, enquanto seu irmão mais velho, Leão, viria a se formar em engenharia e seria um dos grandes especialistas na área de energia elétrica. Foi o primeiro técnico a presidir a Copel e um de seus filhos, Roberto, é hoje diretor da Itaipu. A irmã, Ermínia, casaria com o médico e professor Abrão Ackerman (1914-1986), considerado um dos grandes neurologistas brasileiros.

O avô de Maurício, Bernardo Schulman, veio da Rússia no século passado. Era homem sensível à cultura, poliglota, primeiro campeão de xadrez no Paraná. A avó, Azalia Paciornik, lia, nos originais, os intérpretes da grande alma russa: Tolstói, Dostoiévski, Tchekov. Ensinou a língua ao filho Bernardino. Quis que compreendesse as harmonias de Tchaikovsky, matriculando-o nas aulas de violino do professor Ludovico Zayer.

Em 1937, Bernardo Schulman, ainda antes do início da II Guerra Mundial, bradou em Curitiba contra o nazismo, publicando o livro *Em Legítima Defesa - A Voz de um Judeu Brasileiro*, com apresentação do professor Dario Velloso, mentor do Templo das Musas e do Instituto Neo-Pitagórico, e prefácio do advogado negro Pamphilo d’Assumpção, fundador do Instituto dos Advogados do Paraná. Nesse momento, pela sua coragem, fez brilhar a Luz dos Pinhais.





UCRANIANOS: PÊSSANKAS E POESIA



Família Jurkiw, pioneiros ucranianos, na Colônia Antônio Olinto.

Uma igreja com troncos de imbuia, coberta por telhas de tabuinhas de pinho, com sua cúpula oitavada, zimbório oriental, recorta o horizonte, muda a paisagem do sul do Brasil. Muitas igrejas somam-se a esta, nos vilarejos do interior, nos bairros da capital, pelos vales dos rios que desaguam no Iguaçu.

São os ucranianos que chegam até nós. Vêm viver entre nós. Levas de imigrantes inconformados com a opressão, sonhadores de uma Liberdade perdida, filhos das estepes do leste da Europa. O povo dos ovos de Páscoa pintados em filigranas de cores – os que trocam “pêssankas” na manhã da Ressurreição.

Filhos de São Valdomiro e Santa Olga, a gente do alfabeto cirílico, dos bordados em ponto de cruz, dos trigais dourados salpicados de papoulas vermelhas.

Uma das muitas correntes que deram à nossa Cidade e ao nosso Paraná as cores e sabores de um Brasil Diferente. Hoje gente como nós, brasileiros de coração e alma, perfeitamente integrados na cidadania. Hoje, como ontem, personagens de fascinante epopeia de lutas que só dignifica a aventura humana nesta Terra.

Foi o que eu disse no discurso de saudação ao presidente da Ucrânia, Leonid Kutchma, em 26 de outubro de 1995. Nesse dia, juntos abrimos o Memorial Ucraniano de Curitiba, parque temático edificado pela Prefeitura de Curitiba, marco do primeiro centenário dessa imigração.

Localizei o Memorial Ucraniano de Curitiba numa colina sobre uma curva do rio Barigui, dentro do Parque Tingui, fundo de vale por mim urbanizado entre os bairros Pilarzinho, Vista Alegre, São João e Santa Felicidade. O conjunto arquitetônico em madeira de lei, verdadeira joia da arquitetura em madeira, é emoldurado por mata nativa preservada.

Ali o visitante contempla o Pórtico Monumental (réplica dos torreões da Bukovina e dos Montes Cárpatos) e o Museu Memorial, réplica da antiga capela de São Miguel Arcanjo, da Serra do Tigre, localizada em Marechal Mallet, sul do Paraná. A imponente edificação, com sua cúpula de bronze oitavada, em estilo bizantino, abriga exposição permanente de pêssankas (ovos pintados à mão), ícones e bordados em ponto cruz.

Ao lado da capela estão um Campanário, que serve de mirante, e casa típica de troncos empilhados, que abriga quiosque do rico artesanato da etnia. Completam o conjunto um palco para as “Haiulkas” (ou “Cirandas de Páscoa”) e uma pêssanka gigante, obra do artista Jorge Seratiuk.

No local, todos os anos, desde sua fundação, têm se repetido as celebrações da Páscoa da Ressurreição, com a Bênção dos Alimentos na tarde do Sábado de Aleluia. Também ali acontecem a Festa Nacional da Ucrânia, em agosto, a Festa



Família Bilinski, pioneiros ucranianos no Paraná.

(página oposta) Memorial Ucraniano de Curitiba, Parque Tingui, 1995. Foto Marcos Bechkert.





Escola Prosvita em Curitiba, 1909. Acervo Oksana Boruszenko.



Acolhida ao Legado Apostólico Dom Iwan Butchko na igreja de N. S. Auxiliadora, rua Martim Afonso. Curitiba, 1930.

da Colheita, em outubro, e a Festa de São Nicolau, em dezembro.

Deu certo minha estratégia de geração de empregos e de renda através do turismo, ao criar esse Memorial Ucrâniano juntamente com outros parques temáticos das diferentes etnias. Todos ligados num roteiro da Linha Turismo de Curitiba, circuito de ônibus especial, movido a combustível verde não poluente, sucesso de público.

Embora as oito famílias da Colônia Santa Bárbara – entre Palmeira e Ponta Grossa – tenham chegado ao Paraná já em 1881, a historiadora Oksana Boruszenko fixa o ano de 1895 como inaugural da imigração ucraniana na capital. Diz a doutora em História do Leste Europeu: *[...] as maiores levas foram as de 1895, 1896 e 1897, quando chegaram cerca de 20 mil imigrantes aos portos de Paranaguá e Santos, sendo que a maioria dos de 1895 seguiu para Curitiba e os de 1896 e 1897 para Prudentópolis e Marechal Mallet. No começo do século XX, o grupo ucraniano chegava a contar no Paraná cerca de 24 mil integrantes, não sendo considerado um grande número dos que foram vítimas de epidemias ou pereceram de outros infortúnios.*

Nova leva maciça se deu de 1908 a 1914, em maioria ucranianos provenientes da Galícia. A motivação dessa leva foi a campanha brasileira para a construção da estrada de ferro São Paulo–Rio Grande do Sul, quando 18.500 pessoas, vendo oportunidade de trabalho, se transferiram para o Paraná. Desse modo, até o princípio da I Guerra Mundial, o número de imigrantes ucranianos eleva-se a 45 mil pessoas. [...] Após cem anos de imigração, registra-se, como observado, a vinda ao Paraná de 61 mil ucranianos.

Oksana Boruszenko, irmã da pianista Larissa Boruszenko, nasceu na Ucrânia em 1939. Imigrou para o Brasil com os pais em 1949. Vive em Curitiba desde 1952. Professora doutora em História Eslava

pela Universidade de Munique e professora visitante das Universidades de Lviv e Kiev, foi minha coordenadora da Casa da Memória de Curitiba quando, então prefeito, implantei e inaugurei o Memorial Ucrâniano, em 1995.

A maioria das famílias ucranianas residentes em Curitiba fixou-se, já em 1895, em torno do Campo da Galícia – região das atuais praças 29 de Março e da Ucrânia, na colina onde nasce o arroio Bigorrrilho. Há endereços, em menor concentração, na Vila Guáira, Portão, Fazendinha, Pinheirinho, Pilarzinho e Abranchedes.

Os imigrantes recém-chegados preocuparam-se com a educação das crianças. Já em 1898 fundaram, na Comendador Araújo, entre a Brigadeiro Franco e a Visconde do Rio Branco, a *Prosvita* – associação cujo nome significa *Iluminação* –, para que ninguém esquecesse a pátria de origem. Ali, biblioteca com livros em cirílico, escola de agricultores e cursos de arte e literatura.

Até hoje, com sede na Augusto Stelfeld, resiste a Sociedade União Agrícola Instrutiva, aberta em 1947.

A comunidade foi apoiada por padres e freiras vindos de Kiev – basilianos e servas da Imaculada Virgem Maria. O pioneiro basiliano, padre Silvester Kizma, chegou em 1897. As irmãs a partir de 1911.

Em 1898, o primeiro bispo de Curitiba, Dom José de Camargo Barros, observou isto no relatório de sua visita pastoral aos colonos: *Existe dificuldade em trazer para cá padres ucranianos, devido ao fato do celibato sacerdotal não ser obrigatório no rito oriental.*

As primeiras 50 famílias moradoras em torno do Campo da Galícia compraram, em 1902, o terreno daquela que seria a paróquia ucraniana mais antiga de Curitiba. Ergueram a igreja de Nossa Senhora Auxiliadora na esquina das ruas Martim Afonso com Visconde do Rio Branco.

A construção da graciosa igreja de alvenaria durou de 1920 a 1943, com iconostásio em imbuia,



Atual Igreja Ortodoxa de São Demétrio na Cândido Hartmann, Curitiba.

colunas salomônicas, serpentinas com cachos de uvas douradas, trabalho de entalhe feito por Pedro Hatka, mestre carpinteiro com fábrica de móveis e molduras na rua Saldanha Marinho. Surgiria a partir dali a galeria de Arte Cocaco.

Padre Nicolau Iwaniv e o arcebispo de Curitiba, Dom Ático Eusébio da Rocha, consagraram o templo. Entre 1963 e 1970, de maneira curiosa, o espaço litúrgico seria ampliado, engrandecido, uma igreja maior erguida envelopando a outra. A segunda paróquia ucraniana foi erguida na Vila Guáira, hoje Catedral de São João Batista, datada de 1953, assentada sobre promontório na avenida Kennedy. A terceira paróquia, dedicada a Sant'Ana, foi edificada no bairro do Pinheirinho.

As três igrejas ucranianas estão entre as mais bonitas de Curitiba.

Os católicos do rito ucraniano eram confiados, ao tempo do pontificado do Papa Pio XII, ao cardeal do Rio de Janeiro, Dom Jaime de Barros Câmara. Em 1958, a Santa Sé criou o bispado ucraniano do Brasil. O Papa João XXIII sagrou em Roma o bispo Dom José Martenetz, promovido a Exarca dos Ucranianos em 1962. Em 1971, o papa Paulo VI criou a Eparquia de São João Batista, com sede em Curitiba, empossando como titular Dom Efraim Basílio Krevey.



Igreja Ortodoxa Ucraniana de São Demétrio, ainda em madeira, na rua Cândido Hartmann, em Curitiba, 1934.

Uma parcela dos imigrantes ucranianos pertence a um ramo da Igreja Ortodoxa que obedece a um *Metropolita* com sede nos Estados Unidos. Curitiba conta com duas lindas igrejas ortodoxas ucranianas: a de São Demétrio, na rua Cândido Hartmann, no Bigorrião, e a de São Miguel Arcanjo, entre a Vila Guáira e o Portão. Ambas abençoadas pelo *metropolita* Dom Ioan Teodorowytch, vindo desde os EUA, quando da visita pastoral de 1954.

Se não é grande em quantidade, a presença ucraniana é em qualidade: Miguel Bakun (1909-1963) na Pintura, Helena Kolody (1912-2004) na Literatura, Serafim Voloschen na Engenharia, Affonso Antoniuk na Neurocirurgia, Miguel Wouk nos estudos



Eugênia Mazepa e Oksana Boruszenko no folclore ucraniano de Curitiba na década de 1950.



linguísticos e Igor Chmyz na Arqueologia.

O arqueólogo Igor Chmyz nasceu em União da Vitória em 1937. Vive em Curitiba. Formou-se em Geografia e História pela Universidade Federal do Paraná. Desde 1973 é doutor em Antropologia e Arqueologia pela USP. Participou de praticamente todos os projetos de escavação arqueológica do nosso tempo, em especial aqueles ligados a áreas de inundação de futuras hidrelétricas. Definiu a ocupação do solo na pré-história em Curitiba em sucessivos estudos: Vila-nha do Atuba e vale do Passaúna (1985); Contorno Leste de Curitiba (1996); Itupava (2001). Importante sua participação na área de inundação de Itaipu, a



Hryhorij Nedorub, funileiro artesão de cúpulas para igrejas ucranianas. Nasceu em Poltava. Aceita ser chamado Gregório. Foto Letícia Akemi.

partir de 1983, preservando testemunhos e vestígios de Ciudad Real del Guairá, Vila Rica del Espiritu Santu e reduções jesuíticas.

Ucranianos também os Demeterco, do famoso armazém, depois supermercado com matriz na praça Tiradentes. Tão notáveis no comércio quanto nos grandes negócios imobiliários. Rui Demeterco foi o responsável pelo loteamento de bairros novos de Curitiba, para além do Pinheirinho: o Rio Bonito do Iguaçu e o conjunto Vitória Régia, empreendidos em parceria público-privada com o então prefeito Cássio Taniguchi, no alvorecer do século XXI.



Benção de pêsankas e cestas de alimento para o dia de Páscoa.



Menina pintando pêsanka. Acervo Casa da Memória.

A ALMA TRISTE DE MIGUEL BAKUN



Miguel Bakun de paleta e pincel.



Bakun engajado na Marinha.

Miguel Bakun nasceu em 1909, numa casinha de tábuas de pinho, junto à estação de trens de Marechal Mallet, filho dos imigrantes Pedro Bakun, ruteno, e Julia Marcienovicz, ucraniana. O pai era empregado da Estrada de Ferro São Paulo-Rio Grande. O menino pobre cresceu na colônia fria e úmida, brincando com luz e sombras, na paisagem desanimada entre a igreja paroquial polonesa do Sagrado Coração de Jesus e a igreja ucraniana de São Miguel Arcanjo, à sombra da Serra do Tigre. Ali, o único movimento era o ir e vir das composições ferroviárias abarrotadas de toras abatidas, o ar deslocado pelo apito dos trens.

Em 1916, quando o pai foi transferido para a estação de Ponta Grossa, Bakun tentou aprender o ofício de alfaiate. No risco dos moldes, o giz colorido sobre os tecidos, começou a desenhar. Marinheiro engajado no porto de Paranaguá, em 1926, seguiu depois para a Escola de Grumetes no Rio. Bakun conheceu, na caserna da Ilha de Villegagnon, mestre Pancetti, com quem trocou intensa experiência criativa. O espírito solar do cabo Giuseppe Giannini Pancetti (1902-1958), consagrado pintor modernista brasileiro, mestre em retratar marinhas, provocou o gosto de pintar paisagens marítimas no menino melancólico de olhos azuis.

Coisa que ficou difícil quando, em 1930, um mastro de navio caiu sobre suas costas. Bakun ficou incapacitado para seguir no serviço naval. Descontado, voltou ao Paraná. Passou dificuldades, quase fome. Em Curitiba, tentou a vida como fotógrafo ambulante – daqueles que ficavam nas calçadas da rua XV colhendo flagrantes, os *instantâneos* revelados rapidamente e oferecidos como *recordação* aos burgueses de passo. Incentivado por Guido Viaro e João Baptista Groff, começou a pintar óleo sobre tela. Alguns perfeitos, como aquele que veio para a minha sala na Casa da Memória, parte da coleção simbolista de José de Andrade Muricy (1895-1984): um brejo, que parecia derramar seus sapos no assoalho.

Em 1950, acolhido por dona Hermínia e o governador Moysés Lupion como “hóspede”, morador do sótão do Castelo do Batel, em sinal de gratidão pela acolhida, pintou diário de bordo da sua vida de marinheiro, onírica volta ao mundo, sobre o forro do sótão – as paredes curvas do torreão transformadas no horizonte infinito do oceano Atlântico, qual mirante de um navio, as gaivotas pairando entre o vento e o mar revolto.

Adalice Araújo descreveu-o: *Sentia o fantasma da solidão, mesmo quando estava com os outros. Era um personagem de Dostoiévski, vestido displicentemente, no rosto anguloso brilhavam sua angústia existencial e seus grandes olhos azuis.*

A depressão tirou-lhe a vida, em fevereiro de 1963. Em dezembro do ano anterior, no *Salão de Arte Comemorativo ao Cinquentenário da Universidade do Paraná*, recebeu um prêmio secundário, um estojo de pintura da casa Arno Iwersen. Tinha apenas 53 anos quando amanheceu enforcado.

O mestre e amigo Guido Viaro havia percebido seu sofrimento, a





Pinheiros por Miguel Bakun.

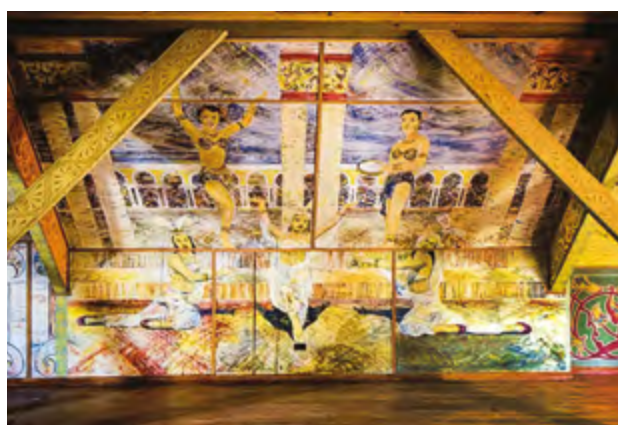
tragédia anunciada de seu patético final, tanto assim que escrevera, anos antes: *A pintura de Miguel Bakun é subjetiva, sem sol, sem ar, como a alma dele.*

Quando completaria cem anos, vivo fosse, a colônia ucraniana de Curitiba acalentou sua memória com um concerto de bandurras (cítaras ucranianas) na casa Andrade Muricy, em Curitiba. Na internet, a Secretaria de Cultura do Paraná colocou no ar um Museu Virtual Bakun. A exibição do filme “O Autorretrato de Bakun”, do cineasta Sílvio Back, completou a celebração.

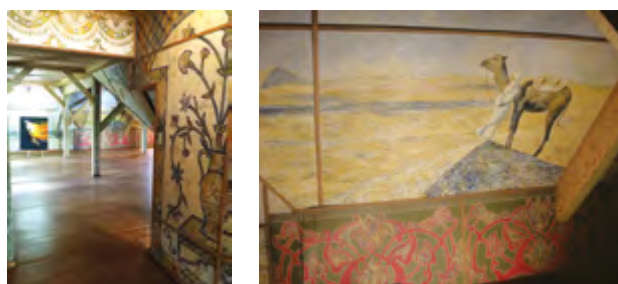
Nenhum artista até hoje superou a arte magistral de suas paisagens encantadas em névoas, suas araucárias altivas emergindo da cerração das manhãs de inverno. Grande e nosso, Bakun vive na sua obra imortal.



Bakun com sua família em Curitiba.



Afrescos de Bakun no sótão do Castelo do Batel, em Curitiba.



Afrescos de Bakun no sótão do Castelo do Batel, em Curitiba.



Castelo do Batel residência de d. Hermínia e governador Lupion.

OS OLHOS AZUIS DE HELENA KOLODY



Helena Kolody. Foto Orlando Azevedo.



Farol do Saber com Helena Kolody e Greca.

*Merenda agreste:
Leite crioulo,
Pão feito em casa,
Com mel dourado,
Cheirando a favo.*

*Do tempo, só se sabia
Que no ano sempre existia
O bom tempo das laranjas
E o doce tempo dos figos...*

(trecho do poema *Infância*)

Antes de edificarmos o Memorial Ucrâniano de Curitiba, a Luz dos Pinhais já contemplava a memória dessa saga, nos versos imortais da querida poeta Helena Kolody:

*Vim da Ucrânia valorosa,
que foi Russ e foi Rutênia.*

*Vim de meu berço selvagem,
lar singelo à beira d'água,
no sertão paranaense.*

*Feliz menina descalça,
vim das cantigas de roda,
dos jogos de amarelinha,
do tempo do “era uma vez...”.*

Gehad Hajar jura que Helena Kolody foi a primeira criança de sua etnia a nascer em Cruz Machado, sul do Paraná. Seus pais, imigrantes ucranianos, já se conheceram no Brasil. Helena passou a infância no interior. Fez o primário em Rio Negro. Estudou piano, pintura e, aos doze anos, escreveu seus primeiros versos. O primeiro poema completo veio aos 16 anos: “A Lágrima”, publicada na revista *Marinha*, em Paranaguá.

Aos 20 anos, Helena iniciou a carreira de professora. Nos finais de semana, ia a Castro, ensinar as filhas do coronel Cardoso – Judith e Elcídia –, que a veneraram até o final da vida. Judith seria a criadora do Museu do Tropeiro do Paraná. Em Curitiba, lecionou no Instituto de Educação por 23 anos. Também deu aulas em Jacarezinho, memórias que expõe no livro *Viagem no Espelho*. O primeiro livro, publicado em 1941, foi *Paisagem Interior*, dedicado a seu pai, Miguel Kolody, que faleceu dois meses antes da publicação. Viveu até o final da vida com a irmã Olga, que é cega. Helena se tornou uma das poetisas mais importantes do Paraná, capaz até de praticar haicai, a sucinta forma poética japonesa, arte de dizer o máximo com o mínimo. Por causa disso, conquistou o coração boêmio de Paulo Leminski.

A vida simples das famílias imigrantes foi sintetizada pela poeta de olhos azuis, professora de português de várias gerações. Contemporânea de Carmem Carneiro, foi sua amiga e confidente. Deu-me a honra de, em cadeira de rodas, comparecer à minha sessão de investidura na Academia Paranaense de Letras, realizada no Memorial de Curitiba, a 23 de outubro de 2001, em sessão presidida por Túlio Vargas. Helena Kolody, num de seus livros, penhor de genial simplicidade, escreveu (ao lado):





PÃO E SAL ÀS PORTAS DE CURITIBA



Óleo sobre tela de Guido Viaro.

Os primeiros poloneses chegaram a partir de 1871 até 1876. Estabeleceram-se na Colônia Tomás Coelho, na várzea do rio Barigui, limite com Tindiquera e Araucária, assim como também na Colônia Muricy, hoje município de São José dos Pinhais. Depois nas Colônias de Santa Cândida, Orleans, Lamenha, Pilarzinho e

Abranches.

Carroções coloniais, feitos de tábuas de pinho, cobertos de toldos cilíndricos, de desenho similar aos usados nas margens do rio Vístula, passaram a povoar os caminhos de Curitiba com homens lenhadores, mulheres verdureiras, floristas, leiteiras.

Aquele foi um tempo, em dias de mutirão colonial, de derrubar as matas, falquejar as toras, fazer à mão as casas de morada, cozinhas e celeiros, empilhando tronco sobre tronco, recortando as tabuinhas para os telhados perfeitamente inclinados, como se estivessem à espera da neve e do granizo do leste da Europa.

Fui apresentado às fascinantes casas polacas de troncos de pinho levado por Edwino Tempski ao vale do rio Passaúna, na colônia polonesa de Tomás Coelho, paróquia de São Miguel, limites entre Curitiba e Araucária, no ano de 1979. O conjunto colonial estava ameaçado pela inundação do lago do Passaúna, após fechamento das comportas da represa da Sanepar para captação de água pura. Logo imaginei um meio de salvar tais casas pioneiras.

Em 1980, quando surgiu a possibilidade de uma visita do herói polonês Karol Wojtyła, o carismático Papa João Paulo II, a Curitiba, propus uma casa de troncos como cenário do seu encontro com seu povo. Foi o embrião do Bosque João Paulo II, Memorial da Imigração Polonesa, no pinhal atrás do Palácio Iguaçu, às margens do rio Belém, que o generoso olhar urbano do prefeito Jaime Lerner permitiu que Tempski e eu concretizássemos. Sua Santidade encantou-se com a lembrança, já que sua mãe e sua avó haviam nascido em edificação semelhante, na fria região de Biskupin, na Silésia. O modelo de construção, por encaixe, remonta à pré-história. O bispo Wesoly e o Cardeal Primaz da Polônia, Józef Glemp, em visita a Curitiba, confirmaram que na Polônia existem exemplares similares preservados.

Além das sete casas do Bosque do Papa, Memorial da Imigração Polonesa, e de outras conservadas no Parque Tindiquera, em Araucária, existem ainda três outras casas de troncos que hoje estariam submersas nas águas da represa

(página oposta) Pioneira, D. Maria Grzybowski, nascida na Polônia em 1862, chegou ao Pilarzinho em 1875. Foto Volk, 1900. Acervo Casa da Memória.





Mãe curitibana de origem polonesa com sua filhinha na varanda de sua casa de tábuas e ripas. Foto de Zygmunt Strzemieczny.

da Sanepar, edificada no vale do rio Pasauína, parte da antiga colônia de Tomás Coelho, no século XIX.

Uma delas, na colina do Bom Retiro, em Curitiba, perto da Universidade Livre do Meio Ambiente, foi comprada e reciclada em uso pelo arquiteto Oswaldo Navarro, ativo membro do IPPUC. Duas outras são conservadas e admiradas hoje na nossa chácara São Rafael das Laranjeiras, em Pirajuara. Uma, de 1884, é a nossa Casa Polaca, biblioteca paranista. Pertenceu à família Filipak, de cujos herdeiros adquiri em 1981, com registro de compra e venda no cartório de Araucária. A segunda foi comprada pelo arquiteto Laércio Licheski, que a transplantou para um terreno no Jardim Social, em Curitiba. Depois de nela ter fixado moradia, ali criando seus filhos, vendeu-a para mim. Em 2008, juntos fizemos novo *deposé* até a chácara São Rafael das Laranjeiras.

Nos primeiros anos depois de sua chegada ao Paraná, instalados nessas primitivas casas de troncos de araucária, os imigrantes polacos atuaram basicamente na lavoura, e só depois no pequeno comércio. Hoje



Casa de troncos de pinho de 1877. Chácara São Rafael das Laranjeiras.

formam em Curitiba a maior colônia polonesa no Brasil e uma das maiores concentrações de descendentes poloneses no mundo fora da pátria mãe.

As casas de tábuas e ripas, de varandas recortadas em lambrequins, só viriam anos mais tarde, com o sucesso da Serraria da Roseira, fábrica de beneficiar madeira movida a vapor, empreendida por Antônio Rebouças e Barão do Serro Azul. Isso é tema do próximo capítulo, exatamente sobre o extrativismo de madeira na região de Curitiba.

Ermelino de Leão, que foi vice-presidente da Província do Paraná, no seu texto *Curitiba*, refere que no período de 1825 a 1871 foram estabelecidos, nas colônias dos arredores da capital, 1450 imigrantes, sendo: 917 prussianos; 11 austríacos; 85 suíços; 78 polacos; 50 saxônicos; 53 franceses; 39 tirolezes; 27 portugueses; 21 romanos; 19 hamburgueses; 8 badenses; 6 hannoverianos; e outras nacionalidades em menor número.

Predominavam os alemães no quadro urbano. Posteriormente foram fundados novos núcleos, povoados por polacos prussianos, galicianos, silesianos, como os de Santa Cândida, Orleans, Dom Pedro, Dom Augusto, Colônia Lamenha, Santo Ignácio, Colônia Riviére. [...] Mas, patriótico, Ermelino de Leão ressalva: “[...] entretanto, apesar da notável infusão de sangue eslavo e germânico, Curitiba é uma das cidades que se pode orgulhar do civismo de seus filhos. O caldeamento das raças concorre para melhorar as condições étnicas do povo, sem deprimir o instinto de nacionalidade brasileira”.

Deixemos que a emocionada pena do historiador polono-brasileiro Ruy Wachowicz (1939-2000) narre sua saga:

[...] a imigração polonesa no Brasil caracterizou-se por ser constituída de agricultores retirados de condições semifeudais de vida, muitos deles inclusive



Colonos poloneses melhoram uma estrada. Curitiba, 1900. Coleção Instituto Histórico e Geográfico do Paraná.



Polonesas no Largo da Ordem. Cerca de 1920. Foto Groff. Acervo Casa da Memória.

com lembranças ainda bastante fortes do sistema no qual viveram. Portadores de estereótipos seculares, é natural que viessem a se caracterizar no Brasil como refratários às inovações. Sua falta de adaptabilidade às condições de concorrência comercial, no sistema capitalista, era notória. [...] Os poloneses em sua grande maioria preferiam permanecer camponeses, ao contrário dos imigrantes espanhóis, alemães ou italianos, que sempre tinham algo a fazer no meio urbano, mesmo nos momentos difíceis, quando nada tinham de seu. [...]

Das colônias polonesas nos arredores de Curitiba, a maior parte penetrava, através das novas gerações, para o sertão inculto, ainda por desbravar; voltando as costas para o quadro urbano. O cheiro do mato, o panorama da criação doméstica e os celeiros abarrotados, faziam-lhe bem à alma.

Em todos os campos da atividade do imigrante polonês manifestava-se o seu conservadorismo [...] seja na preparação do solo, ou mesmo na escolha das sementes e do instrumental agrário arcaico a ser utiliza-

do. Em toda parte a mesma teimosia [...] teimosamente procuraram manter aqui suas culturas tradicionais, como o centeio e a “tatarca” – ou trigo sarraceno – para preparação de seu pão de cada dia, a broa preta de centeio.

Uma das maravilhas da mesa curitibana do passado século XX foi a broa de centeio da tradicional Padaria Kaminski, sucessora da panificadora “Universal”, de Alexandre Kaminski, filho de imigrantes poloneses. Em 1930, a partir da padaria com forno na Água Verde, a firma Kaminski percorria uma parte da cidade com 30 carroças puxadas por cavalos para venda de pão e leite, porta a porta. Os Kaminski, pai, filhos e empregados, de manhã cedinho, ofereciam também cestos com bolos, sonhos recheados de goibada e creme de leite e biscoitos amanteigados temperados com sementes de papoula.



Colono polonês prepara broa de trigo sarraceno. Colônia Tomás Coelho, 1980. Pesquisa de Edwino Tempki. Foto Haraton Maravalhas. Acervo Casa da Memória.



Colono transporta água com cangalha. Colônia Tomás Coelho, 1980. Pesquisa de Edwino Tempki. Foto Haraton Maravalhas. Acervo Casa da Memória.



Peitoral de cavalo para puxar carroça. Utensílio típico. Colônia Tomás Coelho, 1980. Pesquisa de Edwino Tempki. Foto Haraton Maravalhas. Acervo Casa da Memória.



Em 1960, Nelson Kaminski sucedeu o pai. Abriu moderna fábrica de pães no bairro de Santa Quitéria, filial perto do Passeio Público. Cristine Kaminski hoje dirige a empresa com o nome “Empório Kaminski”, os produtos agora embalados em moderno marketing.

No Paraná do século XIX não havia proletariado para servir às propriedades agrícolas, motivo pelo qual a família numerosa era considerada pelo agricultor polonês como indispensável graça de Deus.

Foi difícil o processo de adaptação urbana e de completa integração dos isolados imigrantes poloneses à sociedade brasileira. Havia preconceito contra os “polacos” e autopreconceito dos poloneses consigo mesmos. Isso se refletia numa sentença injuriosa, muito repetida em Curitiba: *Polaco não tem bandeira*.

A expressão refletia a dolorosa história da Pátria-Mãe, cujas dores são bem retratadas na cicatriz do rosto do ícone da padroeira da Polônia, Nossa Senhora de Montes Claros – ou Matka Boska Czestochowa.

Houve três partilhas imperiais da Polônia, em 1772, 1793 e 1795: o território dividido entre o czar da Rússia, o kaiser da Prússia e o kaiser da Áustria. Os bravos poloneses repetidas vezes reagiram.



Família Flessak em sua chácara. Colônia Marmeleiro, Paraná. Acervo Casa da Memória.

Em 1807, Napoleão restabeleceu um Estado polaco, o Ducado de Varsóvia, mas em 1815, após as guerras napoleônicas, o Congresso de Viena tornou a partilhar o país. O imperador francês declarou que a condessa polonesa Maria Waleska Leczinska foi a única mulher que realmente amou. Por razões de estado, quando de seu divórcio da imperatriz Josefina, levaram-no a desistir desse amor pelo casamento com Maria Luisa, Arquiduquesa de Parma, filha do Imperador da Áustria.



Família Prulik, Pilarzinho. Nicolau com a filha Maria, Inês com Madalena ao colo. Em pé o piazinho Pedro. Acervo Francisca Carneiro Macedo.

A imigração para o Brasil deu-se após um período de provação e de diáspora da nação polonesa. Aquele era um tempo em que as feridas da alma polaca só encontravam bálsamo romântico nos acordes da “Polonaise” de Chopin. Margarita e eu entendemos isso, em 1994, quando, então Prefeito de Curitiba, visitamos Varsóvia, acompanhados pelo embaixador brasileiro Zoza Médicis, que já havia sido nosso companheiro na organização da visita do Papa João Paulo II ao Paraná em 1980. No bosque dos arredores de Varsóvia, o chalé de Chopin tem um piano no salão que dá para a varanda. O dia todo, nele se revezam pianistas – a “Polonaise” não para de ecoar.

Durante a Primeira Guerra Mundial (1914-1918), os Aliados concordaram em restabelecer a Polônia, acatando proposta do presidente Woodrow Wilson, dos EUA. Depois do armistício alemão de novembro de 1918, a Polônia recuperou sua independência, numa fase histórica, conhecida como “Segunda República Polaca”.

A valiosa força de trabalho braçal do Paraná foi aos poucos ganhando a Universidade e galgando posições de destaque social, processo mais ou menos coincidente com a restauração da Polônia como país independente no entre-guerras. No centro de Curitiba, esquina da rua XV com travessa Oliveira Belo, fez sucesso a Farmácia Polonesa, de Danielewicz & Cia., instalada em sobrado com torreão, hoje demolido, no lado oposto do Palácio Avenida, onde funcionava na época a loja de tecidos por atacado do imigrante, súdito turco-otomano, Feres Merhy. Este, conta-me antiga senhora, usava mangas compridas por pudor

da tatuagem, com seu número de imigração marcado na pele do braço.

Em 1875 chegou aqui o primeiro sacerdote polonês, Pe. Józef Przytarski. Depois vieram as abnegadas Irmãs Franciscanas da Sagrada Família. A vida comunitária cresceu, na zona rural, à sombra das igrejas das colônias; no quadro urbano, junto à bela igreja de Santo Estanislau, consagrada em 1909 na rua *Aquidaban*, hoje Emiliano Pernetta. Nessa comunidade congregavam-se os poloneses urbanos, não lavradores, muitos extremamente refinados.

Minha Margarita me lembra do Seu Ernesto, sapateiro polonês cujo sobrenome perdeu-se nas névoas do tempo, estabelecido numa pequena loja alugada na rua XV, defronte ao atual Guairinha. Habilíssimo, fazia sapatos revestidos de tecido, sob encomenda, para noivas, debutantes ou mulheres que quisessem combinar o calçado com seus vestidos de *soirée*. Tudo era muito bem feito. Às vezes, o sapato saía um pouco apertado para a Cinderela curitibana. Daí tinha que levar para alargar, lacear o couro, pondo na fôrma. Seu Ernesto vendia os produtos “Casablanca” – como o romântico filme de Humphrey Bogart, Victor Lazlo e Ingrid Bergmann. Os calçados eram embalados em refinadas caixas listradas de verde e branco. *Chic*, como se fora em Copacabana ou Paris, diziam as freguesas.

Esse processo de aculturação dos poloneses ocorreu em torno de igrejas e escolas católicas, estimulado por eruditos poloneses, professores na língua materna. Só em 1938, fruto do trabalho dos padres lazaristas, seria consagrada a igreja de São Vicente de Paulo, na rua Jaime Reis, tendo em anexo um Seminário, com ensino em latim e polonês e gráfica, onde passou a ser impresso o jornal *Lud*.

Nesse convento conheci o segundo bispo auxiliar de Curitiba, Dom Inácio Krause. Batizado em 1896, na Igreja de Mielnie, na Polônia, Ignacy Krauze, faleceu em Araucária em 1984, depois de venturosa e aventureira vida. Ordenado sacerdote em 1919, foi enviado ao Brasil pela Congregação da Missão de Cracóvia. Pároco em Prudentópolis, então pertencente à Diocese de Curitiba, permaneceu aqui de 1920 a 1929, ano em que foi enviado à China, por ordem do Vaticano, na chefia de uma Missão Católica na província de Hopei, onde chegou a ser sagrado bispo local. Em 1947, com a Revolução Comunista, foi preso quatro vezes, condenado



Padres da missão polonesa partem a cavalo em visita às colônias. 1906. Colônia Tomás Coelho.

por Tribunais do Povo, e finalmente expulso do país. Voltou ao Brasil, onde foi administrador apostólico de Joinville e Foz do Iguaçu e ainda Bispo Auxiliar de Curitiba. Além de sua língua natal, falava corretamente português, inglês, francês, alemão e chinês. Era venerado, já em vida, como um expoente da chamada *Igreja do Silêncio*, oprimida pelo regime marxista ateu.

Surgiram também agremiações polonesas voltadas à leitura, teatro, música e dança, como a Sociedade Tadeusz Kosciuszko, fundada em junho de 1890, com sede histórica ainda conservada na colina do Alto de São Francisco, na ladeira da Ébano Pereira. Esse mesmo ano de 1890 marca o lançamento em Curitiba



Colonos lendo LUD, jornal polonês de Curitiba.

da *Gazeta Polska w Brazylji*, editada por Edmundo Saporski, família pioneira, depois moradora da colina das Mercês.

A Sociedade União Juventus foi fundada em 1898. Sua sede na rua Carlos de Carvalho era um salão europeu, com palco à maneira de teatro próprio





Sociedade Polonesa Dom Ludowy 1918. Foto Weiss.



Festa da Sociedade Tadeusz Kosciuszko no Alto de São Francisco, 1899. Ao longo vê-se o prédio da Santa Casa.

para óperas e operetas, espaço mobiliado com cadeiras austríacas Taunay originais, de palhinha trançada e espaldar arqueado. Infelizmente, do monumento hoje só se conservou a fachada, apropriada a um empreendimento imobiliário moderno.

Na colônia Abranches, junto à igreja de Santana, ao norte de Curitiba, no talvegue que divide as nascentes dos rios Barigui e Belém, em 1910, surgiu a Sociedade Beneficente Wladislava Jagiello, palco de animados bailes e festas de casamento ao som de valsas, polcas e mazurcas.

O nome evocava antigo rei polonês, venerado por seu povo pelos seus méritos humanitários. Esse rei Wladyslaw II Jagiello, conhecido como rei Jagelão (1351-1434), era marido da rainha Santa Edwiges, membro da Ordem Terceira Franciscana – no Brasil, a popular santa padroeira dos endividados.

Era o domingo 15 de agosto de 1910. A primeira reunião dos associados aconteceu embaixo do arvoredor, no adro da Igreja. O novo clube propunha auxílio-doença, auxílio-funeral e sepultamento no cemitério da colônia, situado entre a Matriz e o terreno onde ergueriam a sede social. O primeiro presidente foi Hipólito Kowalski.

Em 10 de junho de 1935, ao ser inaugurada a atual sede, mudou de nome para *Sociedade Polonesa Operária Beneficente Rei Ladislau Jagiello – Towarzystwo Polskie Dobroczynne Robotnicze Krola Wladyslawa Jagielly*. Para simplificar, foi rebatizada, em 1938, como *Sociedade Operária Beneficente Abranches*. A última mudança aconteceu em 1988, quando o clube recebeu o nome atual de *Sociedade Cultural do Abranches*.

A Ladislau Jagiello teve uma correlata em Araucária, a Sociedade Polonesa Dom Ludowy, que ergue

seu frontão em arquitetura neoclássica no ano de 1918, tendo contratado o fotógrafo curitibano Alfred Weiss para bater a chapa de vidro da diretoria diante da sua obra.

A imagem é uma das 3.500 chapas de vidro do fotógrafo curitibano A. Weiss (1860-1960), acervadas pelo também fotógrafo Orlando Azevedo, açoriano aqui radicado, apaixonado pela Memória de Curitiba, já integrante do conjunto musical “A Chave”, casado com a também talentosa fotógrafa Vilma Slomp, Orlando foi curador das nossas Bienais Internacionais de Fotografia de Curitiba, que tivemos a alegria de promover, eu prefeito (de 1994 a 1996), e minha amada Margarita quando presidiu a Fundação Cultural de Curitiba (em 1998 e 2000).

O cenário social e cultural de Curitiba foi ainda enriquecido pela CZP, Associação Beneficente e Cultural dos Poloneses no Brasil, criada entre as duas guerras mundiais, reavivada a partir de abril de 1971, hoje extinta. Ocupou belo prédio, com vasta biblioteca, na rua Carlos de Carvalho 305. Ativa até hoje, sede do Grupo Folclórico *Wisla*, existe a Sociedade Marechal Pilsudski, na rua Clotário Portugal, centro histórico da nossa cidade.

Essas foram algumas das muitas sociedades operárias, beneficentes e culturais da região de Curitiba. Infelizmente poucas sobreviveram à especulação imobiliária e à mudança dos costumes após a integração dos netos de imigrantes à sociedade curitibana.

A cultura e a sociedade paranaenses receberam intensa influência da alma polonesa. Sua maior expressão entre nós foi o escultor João Zaco Paraná (1884-1961).

O menino Jan Zak nasceu em Berezhani, aldeia

do leste da Polônia, em 3 de julho de 1884, segundo seu apaixonado biógrafo, meu amigo Edwino Tempski. Com o pequeno no colo, em 1887, seus pais, lavradores empobrecidos, migraram para o Brasil, fixados em Restinga Seca, colônia na região de Palmeira.

Miguel, o pai de Jan Zak, engajou-se como operário da Estrada de Ferro São Paulo-Rio Grande. Paralelamente, abriu carpintaria e serralheria às margens dos trilhos, fabricando também ancinhos e arados. Quando o piá demonstrou habilidade para a arte, Miguel pediu-lhe que entalhasse santos e decorassem cuias de chimarrão, peças vendidas na estação de trens de Restinga Seca para aumentar a renda da família.

Ali, o engenheiro belga François Gheur, espírito tão refinado quanto generoso, descobriu o talento de Zak, tornando-se seu mecenas. Em Curitiba, matriculou o menino na Escola de Artes e Indústrias. Jan Zak, em gratidão à terra que o acolhera, quis então mudar seu nome, abraqueirando-o para João Zaco Paraná.



Praça Eufrásio Correia na década de 1930.

Com o novo nome, foi matriculado, como tantos meninos pobres da época, no Seminário da Diocese de Curitiba. Estudar para padre era a fórmula mais barata possível. De 1901 até 1903, com bolsa do Governo do Paraná, Zaco cursou a Escola Nacional de Belas Artes.

Protegido também pelo engenheiro Afonso Sotheid, ainda com bolsa do Governo, acompanhado do também escultor João Turin – seu grande amigo –, Zaco Paraná foi cursar a Academia Real de Belas Artes de Bruxelas. No Reino da Bélgica, ambos estudaram sob a orientação do grande escultor Charles van der Stappen. Nas névoas tristes de Bruxelas, nostalgia da Luz dos Pinhais, nascia o amor paranista.

Em 1908, Zaco Paraná foi distinguido com o primeiro prêmio de Composição de Escultura da Bélgica, merecendo viagem a Nova York, onde ficou apenas dez dias. Em 1909, ao graduar-se em Bruxelas,

recebeu da Real Academia a distinção de custeio por um ano inteiro de um ateliê próprio, todas as despesas pagas pelo reino.

Em 1910, retornou ao Brasil, profundamente abalado com o falecimento do seu professor Van der Stappen. Ia viver em São Paulo, mas voltou à Europa. Em 1912, obteve o terceiro lugar entre 120 concorrentes no exame de admissão da *Beaux Arts* de Paris. Viveu na Cidade Luz os dez anos subsequentes. [...] *Valeu a pena estar lá naquela época. Conheci muita gente que depois se tornaria famosa: Soutine, Modigliani, Picasso, Gris, Brancusi, Chagall, Lipchitz, Van Dongen, os poloneses Meassis e Eugene Zak... Ah! Ainda havia o Fujita, japonês, e o Joaquim Torres Garcia, uruguaio.*

Com grande bagagem cultural, retornou ao Brasil em 1922, fixando residência no Rio. Pela comemoração do Centenário da Independência do Brasil, recebeu a encomenda de esculpir “Ordem” e “Progresso”, dois blocos escultóricos com cerca de quatro metros de altura, instalados na fachada do Palácio



Escultura “Mãe Curitibana” de Zaco Paraná. Jardim Botânico de Curitiba. Maio de 1993.

Tiradentes, então sede da Câmara dos Deputados da capital federal.

Em Curitiba, aceitou encargo da colônia polonesa de produzir uma homenagem à sua segunda pátria. Foi quando esculpiu e fundiu, em bronze, o “Semeador”, peça com três metros de altura, inaugurada na praça Eufrásio Correia, em Curitiba, a 15 de fevereiro de 1925.

O vigor da obra-prima está na expressão do camponês destemido, a caminhar enquanto lança sementes na terra. A rigidez das estátuas frontais é rompida por esse colono que caminha, avançando para além do pedestal de granito. A escultura lembra a parábola do Evangelho de São Mateus, narrada por Jesus: “E saiu o Semeador, a semear...”.

Para homenagear os 300 anos de Curitiba, a colônia polonesa, encabeçada pelo professor Edwino Tempski, doou à cidade, em 1993, uma escultura em bronze, modelada a partir de um original em gesso,



intitulada “Maternidade”, a Mãe Curitibana que eu, prefeito, fiz colocar na fonte do Jardim Botânico.

Lembro-me do meu encantamento quando a estátua, já fundida, chegou ao meu gabinete, no Palácio 29 de Março, em maio de 1993. Era antevéspera do dia das mães. Chamei Therezinha, minha “Mãe Tele”, até a Prefeitura, para que visse a belíssima imagem da mulher nua a segurar sua criança, expressão do infinito amor materno. No dizer de Adalice Araújo, a peça fala tanto da própria mãe de Zaco Paraná quanto da Mãe do Universo. Novamente, aqui, o grande artista quebra a rigidez da frontalidade, fazendo com que o corpo da mãe se incline para beijar o filho. O movimento amoroso cativa aqueles que contemplam a escultura.

No Rio, Zaco Paraná fez ainda o busto em bronze do grande pintor Eliseu Visconti – autor dos afrescos do Theatro Municipal. Em retribuição, o mestre das cores pintou-lhe um retrato a óleo, que se conserva no acervo do Museu Oscar Niemeyer, em Curitiba. Referem os cronistas que, ao morrer, a 10 de julho de 1961, foi sepultado em cova rasa no Cemitério do Caju.

O Paraná, em sua vilania primitiva, como costumam fazer as províncias, sequer ofereceu sepultura ao grande artista que quis honrar o seu nome.

Poucas etnias viveram tão de perto as amarguras do preconceito, o sofrimento da diáspora, a alegria da reconstrução da Pátria e a gratidão por terem encontrado entre pinhais a sua “Terra Prometida”. Os poloneses do Paraná, em sua expressão cultural, somaram-se à herança estética da milenar Nação europeia.

A família Morozowicz é um belo exemplo. Tadeu Morozowicz (1900-1982), dançarino e coreógrafo formado na Polônia, após trabalhar no Teatro Scala de Milão, emigrou para Curitiba em 1926, comissionado pela colônia polonesa, no afã de criar, aqui, o Teatro Polonês do Paraná. Em 1927, abriu na nossa cidade o Ballet Thalia, escola de dança pioneira em Curitiba, segunda do gênero no Brasil inteiro.

Casou aqui com Wanda Lachowski, de família proprietária de fábrica de doces na alameda Cabral. Também foram artistas, grandes e nossos, os filhos do casal: Zbigniew Henrique Morozowicz (1934-2008) – que simplificou seu nome artístico de notável compositor para Henrique de Curitiba – e meus amigos Milena, mestra de dança, e Norton Morozowicz, flautista habilíssimo, já solista da Orquestra Sinfônica Brasileira. Na Oficina de Música de Curitiba de 1994, pedi que se apresentasse em dueto com o grande mestre de flauta francês Jean Pierre Rampall, para nosso



Foto de 1905 revela a igreja de Santo Antonio da Colônia Orleans em Curitiba em dia de festa. Coleção Júlia Wanderlei. Acervo Casa da Memória.



Professor Tadeu Morozowicz e alunos do corpo de baile que deu origem ao Grupo Folclórico Polonês, em trajes cracovianos. Curitiba, 1928.



Balé Morozowicz da Sociedade Thalia do qual faziam parte Liana Essenfelder, Yeda Meirelles, Pureza Macedo, Gilka Correa.

deleite.

Conheci ainda, em sua casa-ateliê da rua Mateus Leme, perto do Bosque do Papa, o pintor polonês Czeslaw Lewandowski. Nascido em 1890, graduado em Pintura pela Escola Nacional de Belas Artes de Cracóvia, veio para cá em 1927, fugindo do medo de uma nova guerra na Europa, coisa que acabou acontecendo em 1939, quando a Alemanha invadiu a Polô-



Escola da Colônia Augusta na casa da família Mazuroski. Curitiba, 1928.



Chalé e escola de tábuas e ripas de pinho com beirais bordados de lambrequins. Arrabalde de Curitiba, cerca de 1890. Acervo Casa da Memória.



Rua da Liberdade, antiga rua Leitner, hoje Barão do Rio Branco. Foto de 1905, com bondes de mulas em trânsito.

nia, tomando Dantzig. Tinha aversão à arte moderna, que considerava a negação da beleza. Era avô da Kátia, minha atenciosa secretária na Casa Romário Martins. Voltou à Polônia para morrer, em 1995.

Admirável ainda a pintura de dona Sofia Dyminski, alma eslava encantada com a luz do Brasil. Nascida em Oremburgo, nas estepes da Rússia, num campo de refugiados da I Guerra Mundial, Sofia era

filha de pais poloneses. Viveu em Varsóvia de 1920 a 1929, quando, pressentindo tempos sombrios na Velha Europa, a família resolveu vir para o Brasil. Dona Sofia amava palmeiras, orquídeas, laranjas, mimosas e caíçaras, tipos populares de Paranaguá, cidade onde desembarcou em 1932. Amava Curitiba – aqui viveu, até idade avançada, de 1950 a 2011. Guido Viaro foi seu mestre. Meu irmão, Carlos Eurico, foi seu médico. Ela era a própria doçura encarnada. Eram lilases, cor mística da transmutação, os céus de suas obras.

Dyminski, Lewandowski e os Morozowicz são belos exemplos de integração social e contribuição à vida cultural de Curitiba. Muitos outros bons exemplos pediriam uma série de relatos e livros. Ressalto aqui os Saporski, Ficinski e Lerner.

A professora curitibana Rosa Leining Saporski (1895-1961), casada com o engenheiro agrimensor Edmundo Saporski, foi fundadora da primeira escola no norte do Paraná, entre os cafezais de Cambará, nos idos de 1924. Em Curitiba, dirigiu grupo escolar, no qual aposentou-se em 1959. Em 1962, essa escola e a rua de sua residência, na colina das Mercês, receberiam o seu honrado nome. Uma Saporski, Mercedes, seria a senhora Ministro Delfim Netto, o poderoso czar da economia na época do chamado “Milagre Brasileiro” do regime militar de 1964-1985.

O urbanista curitibano Lubomir Ficinski, nascido em 1929, pós-graduado em Paris, engenheiro civil pela UFPR formado em 1961, arquiteto formado em 1964, seria criativo presidente do IPPUC na década de 1970, em dois períodos: 1971-1972 e 1975-1979. Foi membro do Conselho Nacional de Desenvolvimento Urbano e Secretário de Desenvolvimento Urbano do Paraná.

Extraordinária a contribuição do urbanista curitibano Jaime Lerner, nascido a 17 de dezembro de 1937. Filho de dona Elza e seu Félix Lerner, imigrantes judeus poloneses, vindos da cidade de Łódź, cujo nome significa ‘Barco’. Notável centro medieval, fundada em 1423, Łódź tem a maior rua comercial da Europa, com mais de quatro quilômetros de extensão.

Os Lerner, assim que chegaram a Curitiba, como a maioria dos imigrantes judeus europeus, dedicaram-se ao comércio. Assim que puderam, abriram notável casa de comércio na rua da Liberdade, hoje Barão do Rio Branco, a famosa casa Félix. Jaime ali exerceria sua iniciação estética, fazendo as atraentes vitrines até se formar engenheiro civil e depois arquiteto pela UFPR, em 1964. Tive a alegria de conviver e aprender com dona Elza e seu Félix, que, em primeira pessoa, ensinaram-me a repudiar a discriminação religiosa que sofreram no Velho Mundo. Seu Félix só ensinaria dona Elza a ler, respirando ares de liberdade, em Curitiba, isso porque o ensino das pri-





Dona Ana Woller Proveller com as filhas Fani e Esther.



João Paulo II abençoa pão e sal, símbolo das boas-vindas de Genoveva e Silvestre Pianowski, doadores da casa de troncos para sua recepção.



Poloneses no Largo da Ordem e suas carroças junto ao bebedouro. Foto Groff. Acervo Casa da Memória.

meiras letras era vedado às meninas judias no Império Austro-Húngaro.

No mesmo ano da formatura, Jaime casou-se com a adorável Fani Woller Proveller (1946-2009), curitibana moradora – com sua irmã Esther e sua mãe, dona Ana – da Sete de Setembro, entre as ruas Alferes Poli e 24 de Maio.

As três Proveller eram vizinhas e amigas de dona Fraya Schrappe, de minha tia Carmela Greca Gonçalves Pereira e suas cunhadas solteironas Xandi, Mariquita e Donana Gonçalves Pereira, que também viveram nessa avenida. Fani, ao tempo de seu noivado, era professora normalista, na Escola Municipal da Vila Lindoia, vizinha da Vila Fanny, esta com seu nome devido a uma xará, a senhora Roberto Hauer.

Testemunhei seu espírito humanitário, quando nossa companheira, com Margarita, Tia Chiquita e Marta Fabri Moro, na diretoria do Albergue e Casa dos Pobres São João Batista. Fani foi inspiradora e fundadora do Programa do Voluntariado do Paraná e da política municipal de creches. Foi Secretária da Criança, promotora da disseminação de berçários nos bairros periféricos da cidade, quando fui prefeito de Curitiba, nos anos de 1993 e 1994. Multiplicou sua ação solidária como primeira dama do Paraná.

Dela, a mais distinguida lembrança foi ter se recusado a ir à convenção do PFL votar contra mim. Sua comovente lealdade à época fez com que dissesse: *Contra o Rafa não posso votar!*

Na gestão do prefeito Ivo Arzua Pereira (Palmeira, 1925 – Curitiba, 2012), Jaime Lerner foi o líder da equipe local que, inspirada pelo arquiteto consultor judeu-italiano Jorge Wilhelm (Trieste, 1928 – São Paulo, 2014), criou e estruturou o IPPUC – Instituto

de Planejamento Urbano de Curitiba (1965), implantando o primeiro Plano Diretor de Curitiba, que resultou no processo de transformação física, econômica e cultural da cidade.

Escolhido pelo governador Haroldo Leon Peres, no governo do presidente Emílio Garrastazu Médici, foi prefeito nomeado de Curitiba entre 1971 e 1975, quando foi substituído pelo engenheiro Saul Raiz.

Saul Raiz (Curitiba, 1930), filho do casal polonês Etila e Leizor Raiz, estudou urbanismo na França em 1952. Começou como auxiliar de topógrafo na Prefeitura e tornou-se Diretor de Urbanismo de 1954 a 1958. Depois de trabalhar como engenheiro-chefe do DER, comandando, de 1961 a 1965, a construção da Rodovia do Café, no governo Ney Braga, foi indicado prefeito pelo governador biônico Jayme Canet Júnior. Aprovou a Lei de Zoneamento Urbano de 1975, impedindo várias construções por questões ambientais. Canalizou o rio Belém no trecho sob a rua Mariano Torres até o Estádio Durival de Brito, antigo Campo do Ferroviário. Definiu os limites dos 75 bairros de Curitiba, divisão que persiste até hoje. Apesar de estar vigente o regime militar, Saul empenhou-se em ser um prefeito dos bairros, construindo rede de creches e escolas públicas municipais, sempre na periferia. Enfrentou o grande crescimento da cidade pós-geada negra de 1975, com a migração em massa dos deserdados da extinção da cultura do café.

Em 1982, Saul se candidatou ao governo do estado pelo PDS, quando foi derrotado por José Richa, então o candidato do PMDB.

Jaime Lerner seria reconduzido ao cargo de prefeito de Curitiba, após temporada na *Universidade de Berkeley*, nomeado pelo governador Ney Braga, ainda na ditadura militar, sendo presidente o General Geisel, no período 1979 a 1983, ano em que passou o cargo para o prefeito Maurício Roslindo Fruet, nomeado pelo governador José Richa. Voltaremos ao sucesso de suas intervenções em Curitiba no capítulo da estruturação urbana da nossa amada Curitiba.

Para sorte da cidade, o urbanista Jaime Lerner



Fani (Proveller) Lerner e prefeito Jaime Lerner recebem o Papa João Paulo II em Curitiba, 1980.



Casa Pianowski no cenário do encontro do Papa com os poloneses do Paraná. Estádio Couto Pereira. 1980.



Margarita (Pericás Sansone) e prefeito eleito Rafael Greca de Macedo com o Papa João Paulo II em Roma, 1992.

foi eleito por voto direto na consagradora eleição, conhecido como “Eleição dos 12 dias”, em 1988, movimento de cidadania que, na condição de deputado estadual do PDT, líder da oposição na época, tive a alegria de liderar, usando como comitê eleitoral a casa da minha Tia Chiquita – Francisca Greca (1912-1994) –, na rua Almirante Barroso 22, no bairro de São Francisco, que descrevi ao narrar a epopeia dos italianos em Curitiba.

Jaime Lerner foi Governador do Paraná eleito duas vezes, em 1994 e 1998. Promoveu intenso programa de industrialização e internacionalização da economia do Paraná, trazendo para cá fábricas automotivas do porte da Volkswagen, Audi, Chrysler e Renault. Jaime Lerner é consultor de urbanismo nos mais elevados colegiados internacionais. Foi Presidente da União Internacional dos Arquitetos em 2002. É consultor da ONU para assuntos de urbanismo.

Ao longo da nossa vida política, quase sempre concordamos. Tivemos divergências no período da sucessão em 2002, quando Jaime Lerner preferiu a candidatura de Beto Richa à minha, naquelas eleições derrotado por Roberto Requião. Sobre isso, sem nenhuma mágoa ou rancor, valho-me do ensinamento de Alceu Amoroso Lima: *o passado é o que de bom ficou do passado*.

Com o prefeito Jaime Lerner, que curti e apreciei muito mais do que o governador, celebráramos dois eventos apoteóticos, ápice da saga polonesa em Curitiba: a visita do Papa Karol Wojtyła, hoje São João Paulo II, à nossa cidade, em 5 e 6 de julho de 1980; e a criação do espaço cultural na Pedreira Paulo Leminski, junto à Ópera de Arame, no alto do Pilarzinho, a partir de 1990.

Nessa Pedreira, antiga mina de granito da família Gava, ergui entre janeiro e março de 1993, na ocasião da Celebração dos 300 Anos de Curitiba, um palco de dimensões colossais, em concreto armado e estrutura metálica, o projeto cênico copiado do Covent Garden de Londres. Isso como precaução contra espinhados produtores culturais

reclamarem que não servia, ou que não era bom. Lembro-me de ter dito aos meus secretários: *Ninguém há de reclamar ou falar mal do principal palco de Londres.*

O genial poeta polaco Paulo Leminski (1944-1989), na sua fecunda obra literária, faria a síntese da mentalidade curitibana. Num de seus ensaios, “Sem Sexo, Neca de Criação”, ousou dizer:

Quem dá o tom a Curitiba é o imigrante. Tudo que houve antes é apenas moldura. E o imigrante, entre outras coisas, desenvolveu a mística do trabalho. [...] A mística imigrante do trabalho é uma mística contra o prazer, contra o corpo, uma mística do tipo puritano, calvinista, que reprime o prazer para canalizar as energias todas do indivíduo para o trabalho material. Ela começa na exaltação da sublimidade do trabalho. E termina na negação e na repressão da vida sensorial, do lúdico, do erótico. “Não me inveje, trabalhe como eu”. “Aqui se trabalha”. “O trabalho dignifica o Homem”. “Pelo trabalho se vai ao céu”. Mil bocas proclamam, em altos brados, a santidade, a excelência, a maravilha do trabalho. E trabalho, aqui, é o trabalho tal como foi canonizado pela Revolução Industrial e pela burguesia fabril do Século XIX. Um trabalho policiado por relógios implacáveis, que cobram em minutos. [...] O insulto mais típico entre nós é o de “vagabundo”. Nenhuma monstruosidade se compara ao de ser um vagabundo, isto é, alguém refratário às delícias da ordem e da disciplina necessárias ao trabalho. Quando o imigrante chegou aqui, ele só tinha um meio de se dar bem: trabalhando, evidentemente. E, trabalhando, o imigrante elaborou para si, seus filhos e netos uma ideologia centrada no trabalho. [...]

O animal totêmico do imigrante é a formiga da fábula da cigarra e da formiga. Guardar todo dia um pouco para ter muito no dia da necessidade é o seu mote, o lema bordado nas toalhas de parede pelas operosas mãos das esposas, nunca ociosas. [...] Curitiba guarda-se. [...]

Fui dos primeiros em Curitiba a usar blusão vermelho e deixar o cabelo crescer. Em verdade, em verdade vos digo, o ideal do curitibano é ser invisível. [...]





Poeta Paulo Leminski, Curitiba.

E Leminski conclui que, abstrata, reprimida, fascinada pela mística do trabalho e o mito da poupança, nossa Curitiba é uma cidade de gente com pressa, atarefada. Poeta absoluto, sentencia: “Quem está com pressa, não tem tempo para ver a paisagem. Nem para refletir sobre o trajeto e o percurso”.

A intensa obra de Paulo Leminski pode ter sido deliciosa dionisiaca de inspiração, mas também é produto de um trabalho incansável. Nos seus 45 anos de vida, Leminski foi aluno, professor, leitor compulsivo, publicitário criativo, poliglota, erudito, tradutor, compositor, crítico, escritor, filósofo e poeta. Na vasta bibliografia, destaque *Catatau* (1975), *Polonaises* (1980), *Caprichos e Relaxos* (1983), *Distraídos Venceremos* (1987), as biografias de Bashô, Jesus e Trotski, as traduções de James Joyce, John Lennon, Yukio Mishima, Samuel Beckett e Petronio. Ao cultivar a imagem boêmia, Leminski não descuidava de produzir.

Leitor de Paulo Leminski, esforcei-me para fomentar Criatividade, promover Cultura, estimular Alegria, melhorar a identidade curitibana. Convidei sua mulher, também poeta, musa inspiradora, Alice Ruiz, para presidir a Fundação Cultural de Curitiba durante as comemorações dos 300 Anos de Curitiba.

Na ocasião, promovemos intensa programação, nela incluídos os concertos de José Carreras com a Orquestra Sinfônica Brasileira (4 de abril de 1993) e Paul McCartney, na primeira apresentação do ex-Beatle no Brasil (5 de dezembro de 1993).

Mas nada se comparou à intensidade emocional da visita do Papa João Paulo II (1920-2005) à nossa cidade. Aquele foi o momento culminante da saga de todas as imigrações.

Para tal, muito contribuiu o padre Benedykt Grzymkowski, no começo de 1980, reitor da Missão Católica Polonesa no Brasil, morando na Vila Tingui, em Curitiba. Padre Benedikt tinha sido contemporâneo do Cardel Wojtyla em Cracóvia. Ao saber, pela imprensa católica polonesa, da intenção do então novo Papa de visitar o Brasil, veio me procurar, na Fundação Cultural de Curitiba, pedindo apoio para elaborarmos juntos um convite ao romano pontífice de que não excluísse a nossa cidade. Era o mês de janeiro. Pedi autorização ao Prefeito Jaime Lerner, que, entusiasmado, me deu toda a força. Também nos encorajou o arcebispo metropolitano, Dom Pedro Fedalto, que depois celebraria e seria padrinho do meu casamento com Margarita.



Formiga. Foto de Guilherme Klock. Chácara São Rafael das Laranjeiras.

Fizemos um documento em português (texto meu), traduzido para o latim pelo primo bispo Dom Jerônimo Mazzarotto, fundador da PUC-PR; para o polonês, pelo próprio Padre Benedykt; para o italiano e francês, pela minha Margarita; e para o inglês, por dona Beatriz Paciornik. Não havia chance de não ser compreendido na Cúria Romana.

Padre Benedykt enviou o volume a Roma, tendo por destinatário seu colega de seminário e então secretário particular do Papa, o padre Stanislaw Dziwisz – hoje com 84 anos, é Cardeal Primaz da Polônia.

Quando os Cardeais do Brasil, liderados por Dom Paulo Evaristo Arns, propuseram a João Paulo II um roteiro que passava voando por sobre o Paraná, Sua Santidade, previamente motivado, apôs o dedo no mapa e perguntou: “Onde fica Curitiba? A Missão Católica Polonesa está lá. O Papa quer ir a Curitiba”.

Na fria tarde de sábado de 5 de julho de 1980, o avião da Alitalia, brasonado com as armas pontificais, aterrisou no aeroporto Afonso Pena. Depois de beijar o solo, o Papa cumprimentou a fila de autoridades, onde estavam dona Nice e o governador Ney Braga, Fani e o prefeito Jaime Lerner, o arcebispo Dom Pedro Fedalto, Dom Jerônimo Mazzarotto e todos os prelados católicos do Paraná. Em todo o percurso, de vários quilômetros, até o Alto da Glória, uma multidão em êxtase pedia a benção de “João de Deus”.

No estádio do Coritiba, concebi e preparamos um cenário de evocação à epopeia da imigração. Tapetes de flores, na volta olímpica, como se fosse para uma procissão de *Corpus Christi*. No centro do gramado, em desenho do arquiteto Abrão Assad, um



Memorial da Imigração Polonesa, Bosque João Paulo II, Curitiba, 1980. Vista desde a Capela de N. S. de Monte Claro.

gigantesco peixe, símbolo do Cristianismo primitivo, mosaico de pétalas brancas e vermelhas, cores nacionais da nação polonesa – então oprimida pelo regime comunista – e do sindicato *Solidarność* – movimento operário católico liderado por Lech Walesa, vital na derrubada do regime imposto pela União Soviética. Junto ao peixe, em polonês, a legenda “Bem-vindo Pescador de Almas”. Ao lado do supedâneo com o trono em imbuia maciça da Catedral de Curitiba, onde o Papa sentou-se, imensa cruz de troncos de madeira, donde pendia sudário vermelho e branco, mais a Casa de Troncos (1884), já residência da família Pianowski.

Esse casal de pequenos agricultores da Colônia Tomás Coelho, Genoveva e Silvestre Pianowski, vendia hortaliças, framboesas, amoras, leite e manteiga na feira do Alto de São Francisco. Eram fornecedores de minha mãe e minhas tias. Quando os visitei, pedindo a quase centenária casa de troncos, fora de uso na sua chácara, para receber o Papa, não acreditaram. Ela brincou: *O Grequinha está ficando maluco. O Papa nunca viria a Curitiba, muito menos entraria numa casa tão humilde.*



Família Pianowski em 1885. Avós, pai e tios de Silvestre Pianowski, doador da casa de troncos para o Papa.





Memorial da Imigração Polonesa, Bosque João Paulo II, Curitiba, 1980. Casa Pianowski, hoje capela de N. S. de Monte Claro e São João Paulo II.

Ao receberem, não só o convite para o encontro com o Papa João Paulo II, mas a honrosa designação para acolher Sua Santidade, com as boas vindas de Pão e Sal, às portas da Casa Polaca, os Pianowsky passaram a me considerar seu amigo, coisa que durou até deixarem este mundo.

Naquela tarde, vieram, inesperadamente, vestidos à cracoviana, como se nobres poloneses fossem, ela de saia rodada, arrematada em rendas, ele em libré de veludo reborda, com chapéu de penacho. O povo, inebriado pela sublime presença de São João Paulo II, fiel à herança recebida de seus antepassados, cantava “Sto lat! Sto lat!” – “Viva Cem Anos!”.

Foi aí que eu percebi a grandeza cultural da visita do Papa polonês à sua gente de Curitiba, do Paraná e do Sul do Brasil.

E não só o bem que Sua Santidade fazia aos filhos e netos de seus compatriotas, mas a todos os corações imigrantes, a multidão de deserdados e humilhados, que, como meus avós italianos, teve de deixar casa e terra natal para buscar oportunidades sob a Luz dos Pinhais, na imensidão da generosa e acolhedora Pátria brasileira.

Procuramos fixar na Memória de Curitiba, para proveito das gerações futuras, aqueles dois mágicos dias. Já em dezembro de 1980, no bosque nativo, dominado por seculares araucárias, às margens do rio Belém, nos fundos do Palácio Iguazu, fizemos o *deposé* da Casa de Troncos, reciclada em Capela votiva, num Memorial da Imigração Polonesa, o Bosque João Paulo II. Ao local, também transladamos outras seis casas de troncos de araucária, a maioria delas, como já disse, se não tivessem sido removidas, hoje estariam sob as águas da represa do rio Passaúna, ou teriam se perdido de outra forma.



Papa João Paulo II com Dom Pedro Fedalto, Pe. Paulo Iubel, Pe. Benedykt Grzymkowski e o autor. Estádio Couto Pereira. Curitiba, 5 de julho de 1980.

Para instalação do Memorial Polonês de Curitiba, ao garimpar casas de troncos, objetos e móveis entre as antigas chácaras, muito nos auxiliou o pesquisador, médico, vereador e deputado Edwino Donato Tempiski (1919-1995), ativo membro do Instituto Histórico e Geográfico do Paraná.

No Bosque do Papa, o paiol, datado de 1876, foi da família do lavrador José Gembrowski, da Colônia Tomás Coelho. O Museu Etnográfico, reproduzindo o interior de uma casa de imigrantes, veio da Cruz do Galo, encruzilhada da Colônia Muricy, em São José dos Pinhais, residência da família Gryboge até 1979, quando seu herdeiro, João Polak, optou por sua demolição.

Foi demovido da ideia pelo arquiteto Valdir Simões de Assis Filho, que adquiriu a residência em setembro daquele ano, transferindo sua propriedade, em 1981, a meu pedido, para a Fundação Cultural de Curitiba.

A ampla casa que serve de quiosque, também transplantada da Malhada, distrito de São José dos Pinhais, foi residência de Bronislawa e Alberto Gryboge, de 1877. Lá nasceram seus nove filhos: Domingos, Paulo, Francisco, Luiz, João, Pedro, Maria, André e Vitória.

A quinta casa foi construída nos idos de 1890 por João Przepiura e Josefa Knaut, na Roça Velha, em Araucária. Foi doada ao Memorial por seu filho, Pedro Przepiura. O relato de Ladislava, sua filha, revela a luta da família: “Todos plantavam linho, cevada, feijão, trigo, batata, cebola, milho, para vender em Curitiba, em carroções, duas a três vezes por semana, nos bairros do Portão, Vila Guaira e Vila Isabel, bem como no centro de Araucária. A casa era caiada, em

branco impecável, as frestas entre os troncos vedados por barro amassado com esterco seco”.

A sexta casa foi de Estanislau Zawilinski, vendida à família de Josef e Waléria Walczuk, que, com a filha Marja, na época com 11 meses, imigraram da Polônia em 1929. Josef comprou terreno e moradia com o soldo recebido nas Minas de Ouro de Tapirobá, em Campo Largo, ainda ativas na encosta da Serra de São Luiz do Purunã, a noroeste de Curitiba.

A sétima casa data de 1881, construída por Francisco Furman para sua esposa Luiza e seus filhos, na localidade de Campina das Pedras, em Araucária. Foi deixada como herança para seu filho Wadeslau. Seu neto, Fernando Elias, vendeu-a para a Fundação Cultural de Curitiba. Hoje é sala de exposições temporárias.

No Bosque do Papa, foram meus incansáveis parceiros, além dos pesquisadores e funcio-

nários da Fundação Cultural de Curitiba e do IPPUC, Fani e o prefeito Jaime Lerner, Danuta Lisicki de Abreu, curadora e coordenadora do Memorial da Imigração Polonesa, e o saudoso padre Benedykt Grzymkowski.

Danuta e o padre Benedykt organizariam comigo o livro *Papa João Paulo II – Sua Santidade e o Paraná*, quando do falecimento do Pontífice, depois canonizado pela Igreja Católica. O livro foi publicado por determinação do governador Roberto Requião de Melo e Silva, pela Imprensa Oficial do Paraná, em abril de 2005, para ser distribuído gratuitamente.

Aquela foi uma noite em que brilhou a Luz dos Pinhais. Calçadas repletas de peregrinos. Calor humano. Vigília de serenatas religiosas, que subiam do centro da cidade até o Alto de São Francisco, onde está a Cúria Metropolitana, edifício onde o Papa jantou, e a vizinha residência do Arcebispo Dom Pedro Fedalto, onde o Papa se hospedou.

A intensa emoção se repetiria na manhã seguin-



Memorial da Imigração Polonesa, Bosque João Paulo II, Curitiba, 1980. Celeiro.



Memorial da Imigração Polonesa, Bosque João Paulo II, Curitiba, 1980.



Memorial da Imigração Polonesa, Bosque João Paulo II, Curitiba, 1980. Interior de casa típica montado por Edwino Tempiski e o autor deste livro.



Memorial da Imigração Polonesa, Bosque João Paulo II, Curitiba, 1980. Carroções com rodas de madeira. Colônia Tomás Coelho.





Coral João Paulo II canta no Bosque do Papa.



Danuta Lyziski Abreu, curadora do Bosque do Papa João Paulo II desde 1980.

te, no trajeto até o Palácio Iguaçú, desde a rua Doutor Kellers, passando pela Doutor Muricy, Cruz Machado, praça Tiradentes, Catedral Metropolitana, onde os sinos repicavam festivamente, e em toda a extensão da avenida Cândido de Abreu.

O papa João Paulo II faria da nossa Catedral, 13 anos mais tarde, Basílica Menor de Curitiba. A história da nossa principal igreja católica teve outras bulas pontificias. Pela bula *Ad Universas Orbis Ecclesias*, do Papa Leão XIII, foi criada em 27 de abril de 1892 a diocese de Curitiba. Em maio de 1926, pela bula *Quum in Dies Numerus*, do papa Pio XII, Curitiba foi elevada a Arquidiocese. Em 30 de maio de 1962, pela bula *Qui Divino Consilio*, do Papa João XXIII, foi criado aqui em Curitiba o Eparcado Apostólico para os Católicos de Rito Ucrainiano, elevado a Eparquia em 23 de dezembro de 1971, pelo Papa Paulo VI, através da bula *Eius Vicarius*. O título pontifício de *Basílica Menor de Curitiba*, empenho do Arcebispo Dom Pedro Fedalto junto à Cúria Romana, veio para comemorar os 100 anos da sagração da Catedral e os 300 anos da Cidade, em setembro de 1993.

Na ocasião, no percurso feito em julho de 1980 pelo Papa, hoje santo, eu prefeito faria erguer a coluna votiva a Nossa Senhora da Luz dos Pinhais, nossa excelsa padroeira, monolito em granito rosa da pedreira da Borda do Campo, na fralda do morro do Anhangava. Coluna trabalhada com motivos paranistas, encimado por estátua em bronze de Maria, Mãe de Jesus, obra da escultora Maria Inês Di Bello.

Também para celebrar os cem anos da Catedral, já em 1991 havia proposto ao então

prefeito Jaime Lerner que patrocinasse um painel de Poty Lazzarotto, em tinta a óleo, na empena do sobrado lindeiro ao terreno do estacionamento dos Tacla, na esquina da rua XV com Marechal Floriano. Na empena onde antes ficava uma logomarca gigante do Café Damasco, Poty retratou um obreiro pintando a torre da igreja a contemplar o dirigível alemão Hindenburg, da companhia *Luftschiffbau-Zeppelin GmbH*, que sobrevoou Curitiba em dezembro de 1936. Meu pai, Eurico Dacheux de Macedo, então menino, recordava-se de eufóricos alemães, no Alto de São Francisco, contemplando o bellissimo balão transatlântico dirigível, com 245 m de envergadura, 13 passageiros e 22 tripulantes, aos gritos: *Deutschland über alles!*

Naquele domingo de 6 de julho de 1980, João Paulo II, em majestosa alegria, sem mancha e sem medo, dispensava o papamóvel e os vidros à prova de bala. Surgiu num cadilac conversível, batina branca, capa pastoral vermelha, chapéu encarnado com borlas de arminho. Um rei popular, escoltado por lanceiros a cavalo, imerso na multidão ondulante.

O altar monumento desenhado e projetado no IPPUC, sob minha orientação, nas cores amarelo e branco, como a bandeira do Vaticano, contemplou novamente o trono em imbuia da Catedral de Curitiba, destacando a imagem em cedro da padroeira Nossa Senhora da Luz dos Pinhais e tendo por ponto focal a mesa eucarística instalada com o frontão e a mesa de um dos retábulos barrocos da nossa primeira Matriz.

Falo dos altares retábulos de cedro policromado com douração, que Afonso Botelho de Sampaio e Souza fez instalar aqui, na

Matriz de Nossa Senhora da Luz dos Pinhais, em 1780. Acabaram sendo levados para a Igreja do Rosário dos Pretos de São Benedito em 1875, quando da demolição da Matriz. Lá permaneceram até 1931, quando a igrejinha dos escravos foi demolida. Na reconstrução da Igreja do Rosário, pelo arquiteto Alfredo Eduardo Chaves (Chaveco), esses retábulos barrocos – então fora de moda – foram desprezados como arcaicos. Terminaram servindo de cepo no Matadouro Municipal do Guabirotuba, de onde, por inspiração do historiador Júlio Moreira, o Patrimônio Histórico e Cultural do Paraná resgatou-os.

Quis eu usar esse primitivo altar para estabelecer propositalmente um elo da Fé com a História. Religião vem de *Religare*, isto é, voltar a ligar, unir o humano com o divino, o presente com o passado. Assim superávamos, na Igreja de Curitiba, o triste episódio da demolição de altares, repetido na Catedral, em 1875, e depois em 1975, quando de um equivocado restauro contra o qual me insurgi.

Uma multidão calculada em mais de um milhão de pessoas ouviu o Papa João Paulo II terminar a missa proclamando: *Esta cidade de Curitiba assemelha-se a Jerusalém da manhã de Pentecostes, pela variedade das gentes que me ouvem proclamar o Evangelho.*

O povo, em coro uníssono, repetia: *Ei, ei, ei, o Papa é nosso rei! Karol Wojtyła, na despedida, consolou o povo pela sua partida: Tenham certeza, o Papa é curitibano. O Papa é do Paraná!*

Foi um rito de restituição. Devolução, sacração da dignidade de gerações inteiras de imigrantes de todas as procedências e latitudes, generosamente acolhidos à Luz dos Pinhais.



Altars retábulos da antiga Matriz. Memorial da Cidade. A mesa à direita serviu de Altar para a Missa Papal a 6 de julho 1980.



João Paulo II abençoa um milhão de fiéis junto à imagem de N. S. da Luz dos Pinhais na Missa Papal em Curitiba. 1980.





AOS CEM ANOS, A CATEDRAL VIROU BASÍLICA

Em 1993, para celebrar os 100 anos da construção e sagração da Catedral, na ocasião dos 300 anos da nossa Cidade, um Breve Apostólico do Papa João Paulo II criou a Basílica Menor de Nossa Senhora da Luz dos Pinhais de Curitiba.

Foi quando imaginei erguer a coluna votiva da Virgem nossa excelsa padroeira, na perspectiva da avenida Barão do Serro Azul. A ideia foi imediatamente aprovada pelo arcebispo Dom Pedro Fedalto. Numa coluna de granito rosa, uma das últimas peças de cantaria talhadas na pedreira da Borda do Campo, ao sopé do Anhangava, a escultora Maria Inês Di Bella colocou imagem em bronze dourado da Virgem Maria com o Menino Jesus num dos braços, a abençoar a cidade. Após 300 anos de lutas, os curitibanos parecíamos ter tão pouco a pedir e tanto a agradecer.

Também naquele ano especial, Margarita e eu mandamos confeccionar um manto para proteger a imagem de cedro da padroeira da umidade a que é submetida sempre que levada em procissão, conforme antigo costume cristão. Essa escultura em cedro do mar Báltico, doada pela Baronesa e Barão do Serro Azul, chegou aqui em 1888. Há um estandarte alusivo, bordado em fios de seda, que se conserva no Museu de Arte Sacra.

O manto, em tons de azul com detalhes rosados, foi bordado com as armas da Cidade no ateliê de Eleuther dos Guimarães Viana, estilista paranaense e devoto de Nossa Senhora da Luz. A pedido do sacristão, Durvílio Maffei, mandamos também restaurar dois grandes castiçais lampadários, com 42 velas cada um, para que luzissem um de cada lado do altar de Nossa Senhora.

Pedimos também aos metalúrgicos Tod, pai e filho, então ainda estabelecidos na rua de São Francisco, que fundissem uma coroa e um cedro em metal para a imagem da Virgem Maria – Nossa Senhora da Luz dos Pinhais –, que se venera no nicho principal do altar-mor da Catedral. A partir daí, as coroas e resplendores que remontam ao tempo colonial, alfaias de prata barroca, atributos da escultura de Nossa Senhora, puderam ser acervadas, guardadas no Museu de Arte Sacra da Arquidiocese, para só serem usadas em dias de festa de guarda.

Essas manifestações de devoção à Padroeira de Curitiba foram custeadas por minha mulher e por mim, de forma particular, sem ônus para o Município. Assim, acreditamos, honramos a igreja do nosso batismo, manancial da nossa identidade curitibana.

Conforme costume milenar da Igreja Católica, a nova Basílica de Curitiba mereceu um Brasão de Armas e um Escudo. Para surpresa nossa, incluíram o cetro e a coroa que presentearmos a Nossa Senhora da Luz dos Pinhais na heráldica, conforme se pode ver nas imagens e no texto descritivo que nos enviou o jovem clérigo e pesquisador Khae Lucas Fernandes.

(página oposta) Detalhe, Nossa Senhora da Luz dos Pinhais. Foto Nani Góis.





QUANTOS PAÍSES MORAM NAS RUAS DE CURITIBA?

Poema que escrevi em 1988:

Curitiba é das poucas cidades deste país que faz por inteiro a vontade do poeta:

“quero uma rua que passe por muitos países..”

Há o velho Portugal, matriz da colônia, erguido em argamassa de pedra nos muros de janelas seteiras da Igreja da Ordem.

Este mesmo Portugal das paredes caiadas, das janelas verdes e dos telhados com eira e beira, que se vê na Casa Romário Martins, coração da memória da cidade. Portugal ainda vive no traçado das ruas do Setor Histórico e na devoção original que deu seu nome à vila de Nossa Senhora da Luz dos Pinhais de Curitiba, nos idos de 1693.

Quantos países moram nas ruas de Curitiba?

A Alemanha e a Áustria moram. Eu as vi outro dia, nos sobrenomes e nos cabelos das sócias do Clube Concórdia. Todos sabem que elas estão presentes nas torres em agulha da nossa quase centenária Catedral. E no zimbório esperando neve do pequeno templo evangélico Luterano, ali na Rua Inácio Lustosa, à sombra das magnólias.

Não serão germânicos os pinheirinhos de Natal com neve de algodão, os pães de mel da padaria América, do saudoso Bruda Engelhardt, as broas de centeio de todos os cafés no final das tardes?

Quantos países moram nas ruas de Curitiba?

A Itália está aqui. No Palácio Garibaldi, que faria bonito em Florença ou em Roma. Fachada neoclássica, escadaria de granito, portal monumental, e uma pedra polêmica nos jardins, memorial da batalha de Monte Grappa, disputado com a Sociedade Dante Alighieri.

Fantasmas italianos fazem cortejos de carrocinhas, nos dias de cerração, pelo vale do rio Uvu, rumo a Santa Felicidade, a Colombo ou à Colônia Dantas, o velho nome da Água Verde. Dizem que a Casa Calixto é mal-assombrada. O velho ranzinza que a habita reforça a lenda: não deixa ninguém entrar. Mas juro que vi a Itália, com suas paredes rosadas, e o seu perfume mediterrâneo, passando pelo portão.

Também percebe-se presença italiana em todo o vime trançado, toda polenta frita e todo vinho vertido nos caminhos que levam a Santa Felicidade.

Quantos países moram nas ruas de Curitiba?

A Polônia por certo. Suas dores, saídas das cicatrizes da Virgem Negra de Czestochowa, se derramam nos altares. Seus gostos lambuzam as broas, com creme de raiz forte e geleias camponesas de framboesas e

(página oposta) Rosácea de pinhões baseada na obra de Lange de Morretes para o *petit pavé* de Curitiba. Foto de Brasílio Wille.

(próximas páginas) Detalhes de calçadão da praça Osório, centro de Curitiba. Fotos de Brasílio Wille.



amoras. Seu trabalho se percebe nos campos, memória de tantas colheitas.

Quem me dará pão e sal, sinal eslavo de boas-vindas, na porta da casa de troncos? Quem pintará de cor viva os beirais da nossa casa de tábuas? Quem, paciente, fará as cestas de Páscoa, para a “Swieconka”, bênção do sábado de Aleluia? É preciso ouvir as mazurcas que vêm dos salões do Clube Juventus. É preciso reclamar sempre. Viver é perseguir a perfeição. “Que tempinho, heim...?”. E a chuva cai sobre Curitiba... “Pena que não é neve...”, dizem os poloneses.

Quantos países moram nas ruas de Curitiba?

O Japão foi visto outro dia. Saía de uma barraca do Ceasa. Já não era pasteleiro, nem tintureiro. Entrou para a universidade. Agulhas espetam neurônios e espantam neuroses, na arte da acupuntura. Ouvem-se gritos marciais. Samurais ocuparam uma casa no Bigorrião. Toca o gongo milenar entre as paredes da Sociedade Glória. Já há cerejeiras em flor na avenida Sete de Setembro, perspectiva da fonte dos Anjos de Jerusalém.

Quantos países moram nas ruas de Curitiba?

Os herdeiros da herança sarracena ergueram minaretes no alto de São Francisco. Turcos, árabes, sírios e libaneses prosperaram com bazares orientais, ofertando sedas e especiarias no centro da cidade. A barganha aprendeu português, debaixo da luz elétrica das frutarias da praça Tiradentes.

Seriam os únicos orientais? Que nada. Há um pedaço da China, recheado de palmito e cebolinha, no finíssimo pastel da Voluntários da Pátria. E há também Israel, na eterna arte do comércio, vibrando com o shofar da sinagoga, construindo a paisagem da cidade, inventando a moda do dia seguinte.

Quantos países moram nas ruas de Curitiba?

A Ucrânia resiste e sobrevive aqui. Memórias dos

trigais das estepes permanecem na devoção a Santa Olga e São Valdomiro. Na União Agrícola Instrutiva, ensaiam-se os passos das “hailkas”, cirandas de primavera. Mãos pacientes pintam e bordam em ponto de cruz, toalhas e pessankas precisam repetir a eterna novidade da Ressurreição, na missa da Páscoa.

Muralhas de ícones separam os fiéis do santuário, debaixo de cúpulas em forma de bulbo de cebola, nas Igrejas das ruas Cândido Hartmann e Padre Agostinho e da Vila Guaíra. O linho é trançado para enxovais e mortaldas. O som das bandurras parece o vento soprando no trigo maduro das estepes. As velas de cera de abelha se consomem enquanto litanias intermináveis repetem aqui a liturgia de São Basílio Magno.

Quantos países moram nas ruas de Curitiba?

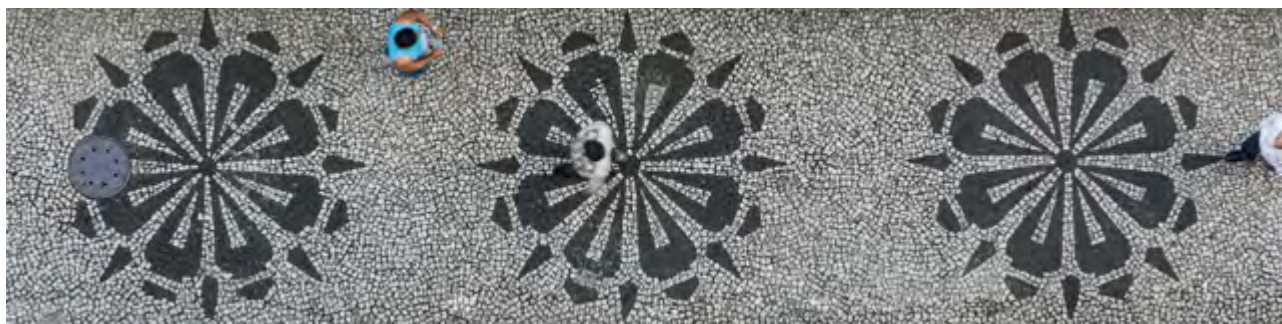
Aqui se ouvem as vozes da África. No batuque das escolas de samba, desfilando sua pureza no empobrecido – e perseguido – carnaval da cidade. Nos tambores dos terreiros de umbanda, onde até almas eslavas envolvem-se em ervas de aruanda para chamar entidades do outro lado do mar.

O Brasil diferente habita endereços espanhóis, ingleses, latino-americanos, húngaros, suecos, romenos, suíços, holandeses, suábios, tchecos, menonitas, eslovacos e até australianos. Uma igreja mediterrânea, com saudades do azul do mar, atesta a presença dos gregos, numa colina da rua Mateus Leme.

Quantos países moram nas ruas de Curitiba?

É o Brasil que vive por inteiro em Curitiba. Nas lutas de todo o dia, na paciência inesgotável da nossa boa gente, nas injustiças a serem vencidas. Há um ar brasileiro envolvendo toda a cidade, com o verde generoso da esperança. Essa virtude que nunca anda sozinha e tem sido companheira da nossa brava gente.

É doce viver em Curitiba, o mundo inteiro na palma da nossa mão.







A FAMÍLIA IMPERIAL EM CURITIBA



Pedro II, Imperador do Brasil. Fotografia platinotipia por Joaquim Insley Pacheco. Acervo Fundação Biblioteca Nacional, coleção D. Teresa Cristina Maria.

Marco importante na história de Curitiba e do Paraná é a visita do imperador Dom Pedro II e comitiva àquela que era a mais jovem Província do Império, no mês de maio de 1880. Fartamente documentada pelas revistas da Corte, no diário de viagem do próprio Dom Pedro II, em fotografias pioneiras, litogravuras e telas a óleo, a viagem revela uma paisagem em mudança na nossa terra.

A imperial comitiva, embarcada em vapor, zarpou do porto do Rio de Janeiro a 17 de maio, desembarcando em Paranaguá no final da tarde do dia seguinte. Foram recebidos na barra pelos vapores Iguaçu e Marumby. Num deles embarcada briosa Banda de Música, noutra as autoridades locais, o Barão de Nácar, o presidente da Província. “Uma corte de meninas todas de branco, cingidas por faixas auriverdes, coroadas com os nomes de cada um dos Municípios da Província, espargiu flores sobre os augustos imperantes, no momento de pisarem nas terras da Província”, informou o jornal *Dezenove de Dezembro*.

Os visitantes ficaram em Paranaguá até dia 20, quando seguiram para Antonina a bordo do paquete Rio Grande. Entraram em Curitiba, pela Estrada da Graciosa, dia 21. Recebidos na capital até dia 24, quando visitaram Campo Largo. Dia 25 entraram em Palmeira. Dia 26, em Ponta Grossa. Dia 28, em Santana do Iapó (Castro). Dia 1º de junho, na Vila Nova do Príncipe (Lapa). Dia 2 de junho passaram por Tindiquera (Araucária). Dia 7 de junho retornaram para a Corte no Rio de Janeiro. Naquele tempo, o Paraná tinha apenas 150 mil habitantes.

O cronista do jornal *Dezenove de Dezembro* reportou que *Suas Majestades transpuseram a Serra, sem grande incômodo, depois de serem recebidos em São João da Graciosa, que em toda a sua extensão, embandeirada em arcos elegantes, estava em festa. Pernoitaram no Rio do Meio, ceando e dormindo na casa da viúva Manoel Ramos. Partiram às 8:00 da manhã rumo ao Canguiri – não há referência da parada sob a araucária que, à margem da estrada da Graciosa, o povo passou a chamar de “o Pinheiro do Imperador”.*

Nas casas da beira da estrada, na Borda do Campo, girândolas periódicas atroavam os ares. Grupos de cavaleiros engalanados começaram a surgir, incorporando-se ao séquito imperial. Desde o romper da alvorada, foi Curitiba despertada pelo troar da artilharia, pelo espocar dos foguetes e repicar dos sinos festivos que anunciavam a auspiciosa visita.

Por volta das 14h30 – ao subir ao ar, troando estrepitosamente, uma

(página oposta) Palacete do Comendador Antonio Ricardo Lustoza d'Andrade no Largo da Matriz. Acervo Júlia Wanderley.



girândola colocada no Alto da Glória, a última das que se achavam dispostas de distância em distância, a cada légua da estrada da Graciosa, para anunciarem a aproximação dos augustos viajantes e comitiva –, a população de Curitiba, quase em sua totalidade, dirigiu-se para junto do coreto, na base da rua do Serrito, onde foram recebidas as Majestades e sua corte.

Lá estiveram a Câmara engalanada, comissões de notáveis cidadãos, a Guarda de Honra e delegações de cada uma das 21 colônias estrangeiras estabelecidas nos arrabaldes da capital. A liderar os colonos, seu chefe, agente oficial de colonização, capitão João Baptista Brandão Proença, à frente de um piquete de cavalaria e de um patriótico esquadrão de atiradores alemães, com seus chapéus emplumados.

Dos dois lados da rua da Graciosa, trajadas de branco, moças com as bandeiras das diferentes nações, diante de seus pais e parentes perfilados, chamaram a atenção dos viajantes alegremente surpreendidos. Era a boa gente de Tomás Coelho, Lamenha, Riviére, Santo Ignácio, Santa Maria de Nova Tirol, Muricy, Santa Cândida, Cavas, Abranches, Orleans, Antonio Rebouças, D. Augusto, Inspetor Carvalho, São Venâncio, Zacarias, Argelina, D. Pedro, Senador Dantas, São João Batista, Dr. Alves de Araújo e Santa Felicidade. Somaram, disse o jornal do dia seguinte, 5.713 indivíduos.

A cena foi tão bonita, que D. Pedro II mandou parar a carruagem e, tomando dona Teresa Cristina Maria pela mão, dignou-se a descer do carro, para saudar o povo em festa. Então, normalistas e virgens lançaram sobre o casal imperial profusão de flores de maio. O presidente da Câmara, em profunda reverência, entregou a chave da Cidade de Curitiba para Dom Pedro II e imperatriz consorte.

Tive essa chave nas minhas mãos. Em maio de 1980, acompanhado de minha Margarita, fomos ao Rio de Janeiro buscar essa chave, bela peça histórica de ourivesaria do século XIX. Recebidos no Museu Nacional pelo seu diretor, trouxemos a peça para ser exposta na Casa Romário Martins com outras relíquias da época, sendo devolvidas ao acervo ao término das comemorações do Centenário da visita de Dom Pedro II.

Na ocasião, promovi na Casa Romário Martins ciclo de palestras em que o historiador David Carneiro falou sobre a visita imperial, o professor Newton Carneiro sobre “A Arte Paranaense Antes de Andersen” e o crítico Wilson Martins sobre as imigrações, tema de seu livro *Paraná, o Brasil Diferente*.

Em seguida, suas Majestades, debaixo das mais



Igreja da Ordem Terceira de São Francisco das Chagas edificada em 1737. A torre foi erguida em 1884.

entusiásticas demonstrações de regozijo da população, tomaram lugar de novo no seu carro e se dirigiram para o Paço, pelas ruas Direita, Riachuelo, das Flores, travessa das Flores e Largo da Matriz. Todas essas ruas estavam coroadas por arcos florais. Pretendiam fazer o trajeto a pé, mas o lamaçal impediu, já que aquele maio de 1880 foi um mês de intensa umidade.

A comitiva imperial hospedou-se no palacete do comendador Antônio Ricardo Lustoza d'Andrade, na esquina do Largo da Matriz com a rua 1º de Março (Monsenhor Celso), edificação infelizmente demolida para dar lugar ao prédio moderno das Casas Pernambucanas.

Pedro II foi logo avisando que abriria os salões do Paço, às 19:00 horas, para beija-mão. Às cinco da tarde saiu a passeio. Visitou a Estação Telegráfica, examinou os aparelhos e tomou informações sobre a marcha do serviço, com seu amigo Barão de Capaneima, encarregado de ligar a província à malha telegráfica do Império.

Quando anoiteceu e os soberanos sentaram-se nos tronos dispostos no salão principal do palacete, o povo fez fila no Largo da Matriz. As Câmaras Municipais de Curitiba, São José dos Pinhais, Votuverava, Arraial Queimado, Porto de Cima, São José da Boa Vista, Ponta Grossa e Castro fizeram-se representar nesse cortejo. Foram todos benignamente ouvidos, recebendo afagos do agradável imperador, que a todos concedeu a honra de uma expressão benévola e grata.

Esteve lá, em apreciada retreta, a Banda de Música da Polícia, apresentando o Hino Nacional e



Capela mor da Igreja da Ordem Terceira onde foram cantados Missa e *Te Deum* pela visita imperial a Curitiba.

harmoniosas peças de seu repertório. Quando os músicos desse corpo policial silenciaram, os cantores do “Deutsch Sängerbund” (Clube Concórdia) passaram a entoar *lieds* românticos em honra ao casal imperial. Ao finalizar, saíram cantando em cortejo atrás da Banda de Música. A procissão de archotes luminosos contornou a praça da Matriz, que estava sem igreja, demolida em 1875.

Sucederam-se duas outras bandas de música, regidas pelos maestros João Schleder e Benedito Diniz. Curitiba ainda não vira nada igual. A noite foi de luminárias e serenatas.

Disse um jornal da Corte: *Estando deslumbrantemente iluminada a cidade de Curitiba, começaram as manifestações populares, como se fossem ondas a se precipitarem para frente do Paço, acompanhadas de músicas e iluminadas por archotes, requintando em delirante entusiasmo, todas as vezes que SS.MM. se dignavam a apresentar-se às janelas, para com gestos expressivos agradecer as saudações. Toda a cidade movia-se num só diapásio de frenético prazer:*

Em nenhuma outra cidade do Império do Brasil, das que já tiveram a honrosa visita, deu-se o espetáculo que aos olhos de suas Majestades se exibiu em Curitiba. Tais demonstrações, recebeu-as de quase todas as nações cultas da Europa, por suas bandeiras ali representadas, nas mais diferentes agremiações de colonos imigrantes, que porteavam com as nacionais em testificar o seu regozijo para com os soberanos da sua nova pátria. Uma corporação de alemães em frente ao Paço entou hinos que haviam composto



Orgão e coro da Igreja da Ordem instalados para a visita imperial em 1880.

para dedicar a SS.MM. imperiais. Grupos de italianos e polacos entoaram também cânticos festivos, como se todos em seu próprio país estivessem dando provas de amor para com os seus monarcas.

O Largo do Paço conservou-se cercado de grande multidão, extasiada perante as vivas e magníficas cenas que passaram das dez horas da noite. Um bom número de cidadãos curitibanos e suas senhoras tiveram a súbita honra do convite para jantar em presença de SS.MM. e seu séquito.

No dia seguinte, 22 de maio de 1880, Dom Pedro II acordou cedo. A manhã de Curitiba estava ensolarada e fria, com geada nos gramados. O Imperador saiu do Paço às sete horas em direção ao Museu Provincial. Estava acompanhado do Ministro da Agricultura e do chefe de polícia. Interessou-se pelas coleções ali reunidas, recebido por Ermelino de Leão e Constante Coelho. Suas observações deram a entender aos presentes como era informado e sábio.

Voltou ao Paço, pegou a imperatriz e foram ouvir missa cantada na Igreja da Ordem Terceira de São Francisco das Chagas. Foram recebidos no Largo da Ordem por pequena multidão, ansiosa em vê-los de perto.

A velha igreja Matriz de Nossa Senhora da Luz dos Pinhais de Curitiba havia sido demolida em 1875. A igreja da Ordem teve de ser adaptada para receber a missa e o *Te Deum* imperial, já que não ficava bem a Suas Majestades assistir ao culto divino na Igreja do Rosário, da Irmandade dos Escravos. A igreja recebe em doação dois belos *chandeliers* de metal e cristal com dezenas de velas cada um, em estilo romântico. O coro é enriquecido com preciosa talha em madeira de lei.

O comendador Antonio Ricardo Lustoza de



Andrade registra todas as modificações na igreja da Ordem, confiadas ao arquiteto Afonso Conde de Plas, num livro que encontrei num cofre de imbuia, emparedado entre as paredes do templo quando empreendemos sua restauração nos idos de 1979-1980. Essa edição da *Breve Notícia da Igreja da Ordem 3ª de São Francisco das Chagas* foi dedicada a Dom Pedro II pelo autor, em 18 de maio de 1880, com as seguintes palavras:

Senhor!

Há 3 anos que emprego todo o esforço para a reedificação da Igreja da Ordem 3ª de São Francisco das Chagas que, por muitos anos, será a Matriz da Capital, enquanto não se edificar a nova que se acha parada em seus alicerces.

Com a feliz notícia da visita de V.M.I. a esta Província do Paraná tomei alguns apontamentos históricos em relação à mesma Ordem, para levar à Alta Presença de V.M., e para pedir a Sua Proteção no restabelecimento da Irmandade, inteiramente extinta com o correr dos anos.

O grande nome de V.M.I. que se liga a todas as instituições úteis, especialmente àquelas que, como esta, é toda religiosa, toda de Caridade, será um incentivo para seu florescimento, e do proveito à Humanidade, quando aqui se pratique o fim a que ela se propõe atingir:

Digne-se V.M.I. aceitar este meu insignificante trabalho, com a magnânima bondade que costuma dispensar àqueles de seus súditos que, como eu, O amam e admiram de coração.

*De V.M.I o mais fiel e reverente súdito
Antonio Ricardo Lustoza d'Andrade*

No seu relato, Lustoza d'Andrade revela como era acanhada, soturna e úmida a velha Igreja da Ordem. Tinha vãos no telhado desabado, paredes desaprumadas. Apenas seis portas-janelas que lhe davam luz escassa. Nas velhas carneiras, entre as ossadas dos Irmãos Terceiros, vivia um grande lagarto. Hervas e parasitas medravam entre os altares semiabandonados. Dá ciência ao imperador das suas providências restauradoras. Limpou tudo, abriu novos vãos de iluminação, refez tetos, forros, assoalhos, vigamento, ripagem e presbitério. Para apoiar o altar-mor, usou uma venerável viga de canela-preta, retirada da antiga Matriz, que está lá até hoje.

Pude vê-la quando do restauro que empreendemos entre 1978-1979 com a construtora



Arca em imbuia da Ordem Terceira de São Francisco das Chagas de Curitiba, no interior do Museu de Arte Sacra.

Arce, do engenheiro Júlio Araújo. Esse restauro foi financiado pelas duas primeiras Festas de São Francisco da Ordem, mutirões de caridade liderados pela minha Margarita e animados por mim, que se estenderam pelos 33 anos seguintes.

Lustoza d'Andrade conta que mandou vir de Paris os dois lampadários de pingentes de cristal e metal dourado que sustentam 42 velas cada um, junto com uma grade de ferro para a mesa de comunhão. Fez entalhar a grande arca de imbuia, com aldravas de prata de lei, para guarda das sagradas alfaias, que até hoje se conserva no Museu de Arte Sacra, instalado na antiga sacristia. Segundo Newton Carneiro, o mais notável exemplar da escola de mobiliário curitibano. Fez ainda entalhar o coro e a escada em caracol que lhe dá acesso. Melhorou o órgão de tubos, onde Bento de Menezes e seus filhos fizeram música durante a missa imperial.

Diz que pretendia fazer uma torre sineira, com relógio e para-raios para resguardar o edifício e a cidade das faíscas elétricas tão comuns nas grandes trovoadas de verão. Não conseguiu em 1880. Confessou ao imperador que não desistiria do intento até consegui-lo, estimando o custo da torre, com relógio e para-raios, em 14 contos de réis.

A atual torre da Igreja da Ordem acabou erguida, sob patrocínio de Ildefonso Correia, então Comendador, entre 1882 e 1884, já com desenho do arquiteto francês Afonso Conde des Plas. No seu interior, os sinos trazem o brasão imperial. O belíssimo relógio de cordas, acoplado aos sinos, é um tesouro da mecânica do século XIX. O local é o pórtico do “nosso” Museu de Arte Sacra da Arquidiocese de Curitiba. Digo *nosso*, porque foi viabilizado e instalado por nós, Margarita e eu, com ajuda de Dom Pedro Fedalto e de José Carlos Barboza de Oliveira, da Fundação Roberto Marinho.



Lustres de velas trazidos de Paris para ornar a Igreja da Ordem para a visita imperial de 1880.

Com 800 peças, o Museu de Arte Sacra de Curitiba reúne acervo preservado pelos arcebispos Dom João Francisco Braga (1868-1937), Dom Manuel da Silveira D'Elboux (1904-1970) e Dom Pedro Fedalto, arcebis-

po emérito de Curitiba designado em 2004, e ainda pelo artista curitibano Poty Lazzarotto (1924-1998) e pela comissão da Festa da Ordem (1979-2009), coordenada pela minha Margarita e por mim.

A sala principal é dominada pelo grande Arcaz da Ordem Terceira de São Francisco das Chagas, entalhado em imbuia, com aldravas e puxadores de prata, referida pelo pesquisador Newton Carneiro como um dos primeiros móveis executados em Curitiba. Sobre a arca, uma Santa Ceia do pintor morretense Theodoro de Bona, executada originalmente para a Capela do Palácio Iguaçu, mas recusada pelo capelão da época, pelo motivo de Cristo e os Apóstolos estarem servindo-se em vários copos e não no cálice único da tradição iconográfica. Na mesma sala, um São Francisco das Chagas feito à mão pelo artista lapiano Laffayette Rocha e um crucifixo colonial de encruilhada recolhido em Tomás Coelho (Araucária).

Entre as peças expostas, está a imagem de Nossa Senhora da Luz dos Pinhais de Curitiba, a segunda que a cidade possuiu, terracota que ficou no altar da Matriz de 1720 a 1875. A imagem em barro de São Benedito, já entronizada na Igreja do Rosário dos Homens Pretos, selecionada pelo IPHAN entre as melhores estátuas de Arte Negra do Brasil, foi exposta na Bienal de Veneza do ano 2000. Dei todo o meu entusiasmado apoio. Era então o Ministro de Estado presidente da Comissão que organizou as comemorações dos 500 anos do Brasil.

Ali também está a imagem de São Grato, da

colônia italiana do Mossunguê, em Curitiba, que refere o santo protetor das imagens contra os iconoclastas. Entre os atributos de São Grato está a bandeja com a cabeça de São João Batista, porque a tradição dá a esse bispo o crédito de ter encontrado as relíquias do *profeta precursor de Jesus*. Do acervo de Poty, duas imagens de roca, vestidas sobre armação, com membros flexíveis, um São Francisco e um Senhor Bom Jesus dos Passos. Poty era devoto da Igreja da Ordem e autor dos cartazes de todas as Festas da Ordem.

A visita não deve ser concluída sem se observar a elegante nave principal da Igreja da Ordem. Para isso é preciso sair do Museu e entrar no templo pela porta principal, já que a porta que liga as duas naves está fechada pela atual burocracia. Dentro da Igreja da Ordem, temos os belos altares barrocos de 1737, em talha policromada, com as imagens de Jesus Crucificado e de



Museu de Arte Sacra da Arquidiocese de Curitiba, desde 1981 na sacristia da Igreja da Ordem.



Imagem de Nossa Senhora da Luz de 1721 e imagem de São Benedito exposta na Bienal de Veneza.



São Francisco recebendo Suas Chagas, os dois lustres neoclássicos doados por Dom Pedro II e o coro de madeira de lei entalhada, prodígio da marcenaria curitibana.

Depois da Missa na Igreja da Ordem, o séquito imperial voltou ao Paço para o desjejum. Após a sesta, o Imperador saiu de novo, rumo ao Instituto Paranaense, nossa única escola pública na época, e ao Colégio particular do professor Alexandre Rouxinol. Gostava de desempenhar as funções de mestre-escola, tomar lição aos alunos, examinar a proficiência dos professores. Não gostou do que viu e ouviu: [...] *Assisti aula no Instituto Paranaense que ensina os preparatórios. Os estudantes – são poucos – responderam sofrivelmente. Casa pequena, e é ainda externato. As aulas de primeiras letras depõem contra o estado da instrução primária em Curitiba. Casas acanhadas para 120 alunos numa a duas pequenas salas. Constatei atraso no ensino e falta quase absoluta de doutrina religiosa. Determinarei providências...*

Voltou ao Paço, onde reencontrou a Imperatriz, para seguirem juntos, ao meio-dia, rumo à inauguração do Hospital de Caridade da Santa Casa de Misericórdia de Curitiba.

O cortejo atravessou uma aleia de pinheiros e arcos florais, onde também estavam desfreadas centenas de flâmulas, desde a rua Aquidaban até a porta da Santa Casa. Diante do novo edifício – que a imprensa da Corte comparou a um Hotel Inglês –, o séquito imperial foi distinguido por uma salva de artilharia.

Perto de 2.000 pessoas aglomeravam-se nos jardins e no saguão da Santa Casa, para saudar os soberanos. Ao som dos sinos da nova capela, o provedor, doutor Pires de Carvalho e Albuquerque, e os Irmãos da Misericórdia acolheram os visitantes. Em dois coretos, as bandas da Polícia e do maestro Schleder executaram simultaneamente os acordes do Hino Nacional. Depois revezaram-se em animada e harmoniosa retreta musical.

Dom Pedro II e dona Teresa Cristina entraram no edifício para entronização da preciosa imagem de Nossa Senhora da Misericórdia, uma Pietá de cedro policromado, que presentearam à esplêndida capela do Hospital.

Todos admiraram os detalhes de *boiserie* nos tetos, gradis, portas, janelas, móveis, altares e assoalhos, onde até hoje chama a atenção dos visitantes o belo contraste entre preciosas madeiras aromáticas: ipê nativo, imbuia, jacarandá e cedro-vermelho.

Ao acabar a cerimônia religiosa, foram suas majestades ao vasto salão da inauguração, ao oeste da capela, onde tomaram assento em tronos sob dossel. Nesse salão artisticamente decorado, via-se o retrato

a óleo em tamanho natural de Dom Pedro II e quatro escudos com fundo de prata onde se liam louvores, escritos em latim, exaltando a Misericórdia e a Caridade dos Monarcas.

O doutor José Cândido da Silva Muricy mostrou ao Imperador o moderno elevador de tração mecânica, que permitia alçar as macas desde o térreo até o pavimento superior, sem transtorno para os doentes. O boticário Augusto Stellfeld revelou também os instrumentos de precisão importados da Alemanha e os vasos de opalina francesa da bem montada farmácia.

Um dos jornais da Corte, no dia seguinte, reportou: *A primeira pedra desse edifício do Hospital de Caridade de Curitiba foi lançada a 08 de março de 1868, como se via nos primeiros arcos festivos, levantados na ala da rua Aquidaban. Portanto consumiram-se 12 anos de esforços e fadigas intermitentes para serem acabados, para subir a porta principal. Uma pedra embutida de mármore na parede mostrava a seguinte inscrição: “Inaugurado em 22 de maio de 1880, na augusta presença de suas majestades imperiais, sendo o presidente da província o Ex. Sr. Doutor Manoel Pinto de Souza Dantas Silva e o provedor o Ilmo. Sr. Dr. Antônio Carlos Pires de Carvalho e Albuquerque”.*

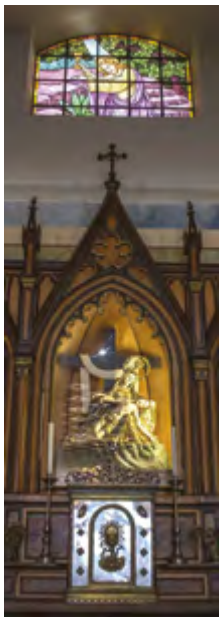
A memória desse singular Hospital de Caridade de Curitiba nos obriga a recordar não só o doutor José Cândido de Andrade Muricy, bem como o provedor doutor André



Hospital de Caridade da Santa Casa de Misericórdia de Curitiba, obra inaugurada por Dom Pedro II a 22 de maio de 1880.

de Barros e o primeiro reitor da Universidade do Paraná, doutor Victor Ferreira do Amaral.

Dignos de recordação também minha prima muito admirada, doutora Maria Falce de Macedo, o cirurgião e médico humanitário doutor Mário Braga de Abreu, os dois irmãos Monastier – o médico Waldemar e o dentista Arcésio –, o cardiologista Ary de Christan, nosso querido clínico geral doutor Divonei Vianna de Oliveira, os médicos Lauro Grein, César Pernetá, Lysandro Santos Lima, Giocondo Villanova Artigas e Marlus



Capela do Hospital de Caridade ou Santa Casa de Misericórdia.

Moro. Não se pode deixar de mencionar o inestimável trabalho do Clube da Soda Hélio Brandão, o trabalho social dos médicos Gastão Romanó, Orlando Greca e Cícero Tissot no Hospital Nossa Senhora do Rosário e ainda os méritos clínicos da equipe do doutor Daniel Egg no Hospital Evangélico de Curitiba.

De tarde, ainda no dia 22 de maio, depois do jantar, servido às 16:30 horas, o séquito imperial foi visitar a chácara do Barão de Capanema. Sua majestade percorreu a chácara, observando e apreciando

com elevado gosto todas as plantações indígenas e exóticas e as casas, estufas e viveiros. O monarca registrou em seu diário o encantamento por ter visto ali “140 variedades de pera, 40 de maçãs, dalias e azaleias”. Registrou também: “Conheci a famosa orquídea que Capanema havia descoberto na mata nativa: a *Capanemia paranaensis*”.

Dom Pedro II voltou para o Paço quando já começava a cair a noite, os acendedores de lampião alumando, um por um, casas e edifícios. O povo curitibano, apesar do frio intenso, abria suas janelas e sacadas para aclamar o cortejo imperial. Voltaram à Igreja da Ordem para solene *Tê Deum* à luz de velas, mandado entoar pela Câmara Municipal.

O dia seguinte, 23 de maio, foi ainda mais movimentado. Começou com uma inspeção na Cadeia Pública de Curitiba. D. Pedro II ouviu vários pedidos de clemência; nenhuma reclamação. Mesmo assim, antes de sair da cidade, lançou a pedra fundamental de uma penitenciária modelo, que não chegou a ser construída. Depois da Cadeia, a visita ao Mercado Municipal, para euforia dos comerciantes. Em seguida, inspeção ao Quartel da Cavalaria.

Depois do almoço, cavalgada até Santa Cândida, onde foram recebidos em triunfo por cavalgada de colonos poloneses e italianos, engalanados, com chapéus de penacho. Na Colônia Argelina, D. Pedro entrou na casa da chácara do colono alemão Wagner, casado com uma francesa.

Na volta, trotando pela Estrada da Graciosa, já em direção à cidade, parou na casa avarandada de Frederico Tod. Sentou-se no banco da varanda, para dois dedos de prosa, durante a qual elogiou os cavalos de raça e a nova máquina de cortar capim e feno

instalada pelo imigrante inglês. A família Tod ficou encantada com a simplicidade e a fidalguia do monarca.

Esse Frederico Tod seria o bisavô do escultor curitibano Ricardo Tod. O haras modelo da família de imigrantes ingleses, somado à metalúrgica que depois instalariam na rua do Fogo (atual São Francisco), foi determinante na carreira do talentoso artista, especializado em esculturas equestres. Invisível em Curitiba, onde invejavam seu talento, foi celebrado no meio artístico de Paris, chegando a ser residente do Museu do Louvre.

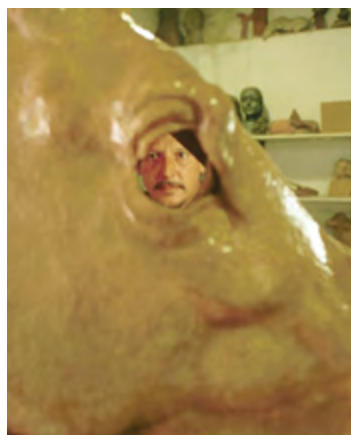
Em 1995, nós o encarregamos de criar a “Fonte da Memória”, implantada na praça Garibaldi, segundo traço do arquiteto Rodolfo Doubek, diante da Igreja do Rosário, para perpétua lembrança do cavalo da última carroceira de Santa Felicidade, atropelado por um ônibus da empresa Gulin. No Largo da Ordem, onde antes os cavalos iam beber água, agora deitavam água pela boca. O povo batizou a fonte de “Cavalo babão”. Gostaria que Tod tivesse feito os “Cavalos de Sonho” que projetamos para o espelho d’água do Parque Tanguá. Morreu, em 2005, antes de realizá-los.

Há um outro casarão avarandado na avenida Erasto Gaertner, antiga Graciosa, que também viu passar a comitiva de Dom Pedro II. Foi sede do lendário bordel “Burro Brabo”. Aquele que Dalton Trevisan evocou dizendo: “Curitiba, aquela do Burro Brabo, um cidadão misterioso morreu nos braços da Rosicler, quem foi? quem não foi?”. O incrível é que esse imóvel, depois de tantos anos de vida lasciva, virou propriedade da Cúria Metropolitana. Terá sido doado aos padres por uma Madalena arrependida?

Dom Pedro II, no mesmo passeio, parou na fundição do alemão Müller. Ao caminhar entre as forjas e bigornas, Müller recebeu o Monarca sem qualquer cerimônia, sequer parando de fazer seu serviço. Pedro II perguntou-lhe *se era verdade que estava tão rico porque achou um pote de ouro, tesouro enterrado naquele seu terreno*. Gottlieb disse que sim, e batendo na bigorna, falou: *Todos os dias encontro aqui meu pote de ouro, martelando de sol a sol*.

Embora a imperatriz já estivesse cansada, o imperador ainda foi até o rio Água Verde, inspecionar a Colônia Dantas. Voltou ao Paço, onde recebeu em audiência os deputados da Província do Paraná: Manoel Alves de Araújo, Benedito Enéas de Paula, Antônio Ricardo Lustoza d’Andrade, Padre João Ferreira Belo,





O escultor Ricardo Tod fotografado por Nani Góes junto a estudo para o Cavalo da Fonte da Memória.



Cavalo em bronze na Fonte da Memória. Praça Garibaldi. Obra de Ricardo Tod.

(esquerda) Dona Ermínia, a última carroceira de Curitiba.

Joaquim de Almeida Torres e Francisco Terézio Porto.

À noite, houve concerto e chá no Museu Paranaense. Numeroso público aplaudiu a estreia da peça musical “Hino do Guayrá – Marcha Triunfal Concertante”, sendo a partitura dedicada aos soberanos, por ocasião de sua auspiciosa visita ao Paraná. Ermelino de Leão guardou a peça musical no acervo do nosso Museu.

No dia seguinte, 24 de maio, Dom Pedro II levantou, na forma do costume, às 5 da manhã. Depois das orações e da vestição em presença dos cortesãos, às 7 da manhã saiu do Paço rumo ao Templo Lutera-

no, construído em técnica de enxaimel. Um gesto de liberdade religiosa a primeira visita de um rei católico à primeira igreja protestante autorizada no Brasil a ter arquitetura de templo cristão, inclusive com torre sineira. Encantou-se com a arquitetura neo-românica do nosso Paíol de Pólvora, almoçou e partiu para Campo Largo da Piedade.

Depois de um périplo de oito dias pelos Campos Gerais, voltou a Curitiba. No escritório do engenheiro italiano Comendador Antônio Ferruci, lançou a pedra fundamental da moderna Estrada de Ferro Curitiba-Paranaguá.



Escreveu meu amigo **Arnoldo Monteiro Bach**: *Desde 1865, por sugestão do então Ministro da Agricultura Jesuino Marcondes, natural de Palmeira, falava-se na Corte sobre a importância dessa ferrovia ligando o Litoral com o centro da província. Em 1871, por influência do Barão de Mauá, Dom Pedro II interessou-se pelo projeto, e em 1873 a obra entre Paranaguá e Morretes foi iniciada. Em seguida, a Compagnie Générale Chemins de Fer Brésilien, concessionária da ferrovia, convenceu o Imperador a viajar ao Paraná para inaugurar os trabalhos de construção da Estrada de Ferro. O projeto imperial, supervisionado pelos irmãos negros, engenheiros André e Antônio Rebouças, protegidos da Princesa Isabel, era uma ferrovia de homens livres que ligasse Paranaguá e Antonina a Guaíra e Miranda na fronteira do Mato Grosso com o Paraguai. A ferrovia até Curitiba seria inaugurada ao final de 1885 pela filha do Imperador; em sua visita ao Paraná.*

A noite seria de gala: Imperador e Imperatriz recebidos no Museu Paranaense, Guarda de Honra e banda de música perfiladas à porta, em baile de despedida oferecido pela sociedade curitibana. No edifício do Largo da Ponte do Ivo (praça Zacarias), presidiram as danças acomodados em seus tronos, o dossel adornado de flores, num supedâneo revestido por vistoso tapete oriental. Ouviram o Hino Nacional, os clarins da saudação de praxe, presenciaram o suceder de *cotillons*, valsas, polcas, mazurcas e quadri-lhas. O imperador deu o sinal para a primeira dança, a partir de que, diz a crônica, o *vasto salão do Museu tornou-se pequeno para acomodar o crescente número de pares que dançavam*. Os monarcas saíram à meia-noite; os convidados ficaram até as 2h30 da madrugada.

Dom Pedro II resumiu seu encantamento pela viagem em carta para sua amada Condessa de Barral: *O Paraná é uma bela província, de muito futuro. Curitiba é uma bela cidade. O frio fortificou-me, chegou em Curitiba, certa manhã, a 2 graus abaixo de zero. Não imagina o quanto você me faltou...*

Poucos monarcas visitaram Curitiba. Além de Dom Pedro II e dona Teresa Cristina Maria, por duas vezes vieram até nossa cidade o Rei e a Rainha da Suécia, interessados no bom negócio que a fábrica de ônibus da Volvo instalada na CIC representa. Aqui também estiveram o Imperador e Imperatriz do Japão – Akihito e Michiko –, por ocasião da abertura das festividades do Centenário da Imigração Japonesa. A imperatriz Michiko encantou-se com os Faróis do Saber. Nessa ocasião, presentearam-nos com várias mudas de cerejeiras – plantadas ao longo da ciclovia da avenida Sete de Setembro, na praça do Japão, na rua XV e no Jardim Botânico.

(abaixo, da esquerda para a direita) Tríptico de Curitiba em 1883. Foto Adolpho Volk. Coleção Giovanni Muffoni. A Catedral em construção não aparece. O Passeio Público não existia. No local o charco do Engenho Bittencourt. No alto a chácara de Nhá Laura, 1883. (a direita) No Alto de São Francisco a antiga igreja em enxaimel dos Luteranos alemães, 1883.





ESTRADA DE FERRO & MODERNIDADE



Princesa Isabel veio inaugurar a estrada de ferro Curitiba-Paranaguá em 1885.

Marco da engenharia brasileira, fundamental para o progresso tecnológico de Curitiba, a Estrada de Ferro Curitiba-Paranaguá, sob a direção do engenheiro Teixeira Soares, acaba por criar uma nova mentalidade em relação às questões técnicas e industriais na capital do Paraná. Era parte, como já referimos, de um ambicioso projeto imperial, até hoje não concretizado, de uma ferrovia que ligasse os portos de Paranaguá e Antonina até Miranda, no Mato Grosso do Sul.

Além de suprir necessidades econômicas, a nova estrada de ferro serviria para assegurar a posse das terras da parte oeste dos estados do Paraná e de Santa Catarina, que eram reivindicadas pela Argentina, e consolidaria as fronteiras do Mato Grosso com o Paraguai.

Quando coordenava a Casa Romário Martins, encontrei no sótão da casa Tod, unidade de preservação avarandada, na avenida prefeito Erasto Gaertner, bairro do Bacacheri, um precioso mapa do Paraná atravessado pelo traçado da ferrovia, que rumava para o Mato Grosso na diretriz de Guaira. Datado de 1876, o documento cartográfico retrata o ambicioso e acertado projeto de infraestrutura do Império brasileiro até hoje não concretizado.

Doado por dona Aurora Tod Riva, compõe hoje o acervo da Casa da Memória de Curitiba o *Mappa Topographico da Pronvincia do Paraná – organizado na Inspectoria Geral de Terras e Colonização pelo engenheiro Carlos Rivière, segundo os trabalhos dos engenheiros José Francisco Keller; Mouchez, Raimundo da Penna Fortes, A. S. Blake, Theodoro Ochs, Antônio e André Rebouças. Terminado durante o Ministério de Agricultura, Comércio e Obras Públicas do Conselheiro Thomaz Coelho, em 1876. Impresso na Lithographia Imperial S. A. Sisson, do Rio de Janeiro, em 1877.*

A lista de profissionais que tornou possível esse mapa dá a dimensão da variedade de procedência e qualidade técnica dos envolvidos no projeto e construção da nova ferrovia.

A ligação da capital com Paranaguá, orgulho da engenharia brasileira, incluiu obras de arte ousadas, pontes, túneis, viadutos. Alguns, como o viaduto sobre o *canyon* onde corre o rio São João, com a tecnologia de ferro do revolucionário engenheiro Eiffel – o mesmo da famosa torre de Paris.

A obra foi lançada por Dom Pedro II e dona Teresa Cristina em maio de 1880, como já vimos, quando da visita de Suas Majestades Imperiais a Curitiba. Foi inaugurada pela Princesa Isabel e o Conde D’Eu em nova visita da família imperial ao Paraná, cinco anos depois, no dia 2 de fevereiro de 1885.

Nessa época, a cidade de Curitiba tinha 15.000 habitantes, 1.283 prédios no quadro urbano e 15 engenhos de mate, sendo oito a vapor e sete hidráulicos.

(página oposta) Viaduto do Carvalho, jóia da engenharia férrea nacional. Foto de Arthur Wischral.





Bondes puxados a mulas na rua XV, na quadra entre ruas Monsenhor Celso - então rua Primeiro de Março - e Marechal Floriano - então rua São José.

As obras da ferrovia trouxeram até Curitiba expressivos profissionais de engenharia e arquitetura, como é o caso do engenheiro e construtor Ernesto Guaita, que já referimos, autor do Palácio Garibaldi (sede da Sociedade de Socorro Mútuo dos italianos), do palacete da Casa Herthel (na rua do Riachuelo), do Palácio Legislativo Rio Branco (atual sede da Câmara Municipal) e do Palácio do Governo, na rua da Liberdade (atual sede do Museu da Imagem e do Som). Guaita trabalhou em parceria com o construtor alemão Ignácio Weiss.

Com a ferrovia, também chegam à cidade os engenheiros Rebouças, André e Antônio (negros, protegidos da Princesa Isabel, que lhes custeou os estudos na Europa), o arquiteto Afonso Conde de Plas (que modificou a Igreja da Ordem, com fachada neoclássica, e ergueu a Santa Casa) e os engenheiros Ferrucci e Cuniberti (que fizeram o projeto da Estação Ferroviária).

O planejamento e a decisão de onde erguer a Estação Central reuniram numa mesma mesa os vereadores de Curitiba e os gestores locais da empresa concessionária da construção da ferrovia, a *Compagnie Générale des Chemins de Fer Brésiliens*, representante da poderosa companhia belga *Société Anonyme de*

Travaux Dyle et Bacalan. Formado em Pisa, professor do Liceu Militar de Florença, engenheiro atuante na construção das ferrovias Bologna-Ancona-Roma e das margens do canal de Suez a partir de Port Said-Suez, o engenheiro Antônio Ferrucci era tecnicamente superqualificado. Aqui trabalhou em conjunto com seu colega engenheiro Michelangelo Cuniberti.

Para localizar a Estação Central, escolheram o vasto potreiro situado ao final da rua Leitner. Propuseram duas amplas praças – das quais só foi implantada a Eufrásio Correia –, uma de cada lado da larga avenida, depois chamada rua da Liberdade, atual rua



Estação da Estrada de Ferro em Curitiba.

Barão do Rio Branco. Isso deslocou o eixo da cidade para o sul.

Logo ali seria erguido o belo Casarão dos Arcos, sede do Quartel do 39º Batalhão de Infantaria do Exército Brasileiro.

O nome dessa praça evoca o paranguara Manoel Eufrásio Correia (1839-1888), irmão do Barão do Serro Azul. Formado em Direito no Recife, foi promotor público, deputado provincial no Paraná, presidente da Assembleia Legislativa, chefe de polícia de Santa Catarina e, finalmente, presidente da província de Pernambuco.

Na Casa dos Arcos, originariamente Quartel do 39º Batalhão de Infantaria, chegou a funcionar uma “sociedade numerada”, a 14 de Janeiro, animado salão de gafeira. Lembro-me de que, na minha casa, foi despedida uma empregada de nome Edith, que era muito boazinha comigo, porque depois de ter ido a um baile no 14, levou para dormir no nosso porão um cabo do exército.

A Casa dos Arcos da praça Eufrásio Correia felizmente retomou sua dignidade ao ser reciclada em uso para sede comercial das Indústrias Romani – Sal e Açúcar Diana. O belo palacete, mais tarde, foi ocupado pela banca de advocacia João Casillo, que lá mantém expressiva biblioteca e um grande acervo de arte. O local também sedia o Consulado Honorário do Reino da Bélgica no Paraná, do qual o advogado Casillo é titular.

A proximidade com o caminho de ferro entre Curitiba e o Porto de Paranaguá transformou os arredores da Estação Central. O campo verde relvado foi aos poucos sendo ocupado por instalações industriais e armazéns de comércio exportador. Além das indústrias de erva-mate – na época, o principal produto de exportação do Paraná –, foram instaladas fábricas de barricas de pinho, para acondicionamento da erva-mate, conforme preconizava o engenheiro André Rebouças, e ainda fábricas de cerveja, de fósforos, moinhos de trigo e fubá de milho.

Curitiba foi progredindo. O Censo Industrial de 1906 refere que nossa cidade já possuía 15 engenhos de mate movidos a vapor. A população era de 60 mil habitantes. 50% da indústria já estavam nas mãos de alemães ou seus descendentes, que exploravam a produção de bebidas alcoólicas, calçados, cerâmica, couros, fição, tecelagem, fundição, fósforos, moagem de cereais, sabão, velas e serrarias.

Ponto de encontro de Curitiba – rival da praça Tiradentes, endereço da Catedral –, a praça Eufrásio Correia, sede da Estação Ferroviária, também virou endereço da garagem e estação de bondes, ponto final dos trilhos das linhas que serviam os principais bairros de Curitiba.

É na primeira gestão do prefeito Cândido de Abreu, na última década do século 19, que o “Largo da Estação”, com seus 11.500 metros quadrados, consolida-se como o novo centro político e comercial da cidade, com a construção da sede para a Assembleia Provincial no lado oposto ao da Estação Ferroviária.

O prefeito modernizador dá licença municipal à instalação ali de diversos tipos de comércio – quiosques, botequins, bilhares e restaurantes. Na praça, o prefeito formado na França fez colocar chafariz de ferro fundido e trazido de Paris, no qual a água jorra de um cântaro das mãos de altiva ninfa triunfante.

A peça, de grande beleza plástica, foi disposta no ponto focal de quatro charmosas aleias, onde Cândido de Abreu mandou semear frondosos plátanos. Até hoje, em todos os outonos, antes da queda das folhas, a praça Eufrásio Correia ganha ares parisienses. O vento varre as folhas caídas sobre as calçadas, as folhas num *ton sur ton* do alaranjado ao marrom, passando por várias gradações de vermelho.

Os principais estabelecimentos comerciais atraídos para a área foram, porém, os hotéis, a maioria pertencente a alemães e italianos, dedicados à hospedagem de imigrantes, comerciantes e políticos. Já falamos dos hotéis italianos *Tassi, Roma* (da família Mattana) e *Brotto*, e do hotel alemão *Johnscher*. Vale lembrar que nas redondezas também funcionaram o Hotel de dona Delmira dos Santos, o Hotel Paraná e o Hotel Rio Branco.

Em 1954, a Assembleia Legislativa foi transferida para o Centro Cívico, dando lugar à Câmara Municipal, nas instalações magníficas do Palácio Rio Branco. Vinte anos depois, o embarque e desembarque dos trens foi transferido para a Rodoferroviária, prédio do arquiteto Rubens Meister, o mesmo dos projetos do Paço 29 de Março e do Teatro Guaíra.

A Rodoferroviária entrou em operação em 13 de novembro de 1972, deixando sem função a charmosa e antiga Ponte Preta. Vez por outra, quando um camioneiro desavisado engata sua carga naquele viaduto ferroviário, almas parvas sugerem a demolição do marco histórico.





Chafariz francês da Praça Eufrásio Correia.



Detalhe do chafariz *Ninfa e Petit Amour*.

A Estação Central, mesmo tombada pelo Patrimônio Histórico e Artístico do Paraná, sede de um Museu Ferroviário e de um Museu da Farmácia Stellfeld, perdeu importância, diluída no imenso volume arquitetônico do Shopping e Centro Empresarial Estação.

A operação da nova Estrada de Ferro, a partir de 1885, facilitou não só a exportação do mate como o comércio e a indústria das madeiras, tijolos e telhas, produtos beneficiados na região de Curitiba. As famílias tradicionais prosperaram.

Em 15 de julho de 1888, com projeto de Frederico Perracini, o arguto empreendedor Ildefonso Correia instalou o primeiro banco de Curitiba, com capital de 500:000\$000 – levantado pela venda de ações a 200\$000, divididas em dez prestações. O Banco Provincial do Paraná atraiu muitos investidores locais, de industriais a pequenos empresários e até lavradores imigrantes.

Um mês depois, Ildefonso Correia foi à Corte receber seu baronato, conferido pela princesa Isabel, então regente do trono durante viagem do pai à Europa. D. Isabel encantara-se com a hospedagem em 1885 no Solar do Barão e com o fato de ele, na condição de presidente da Câmara, venerável da loja maçônica Luz Invisível, ter alforriado todos os negros cativos de Curitiba, já em janeiro de 1888. Referi esse episódio com maior detalhamento no capítulo da erva-mate. O sempre surpreendente Ildefonso Correia declinou ser chamado de Barão de Curitiba, preferindo para título o belo morro do Serro Azul, que se vê, para além da Vista Alegre das Mercês e das terras altas do Pilarzinho, no horizonte noroeste da

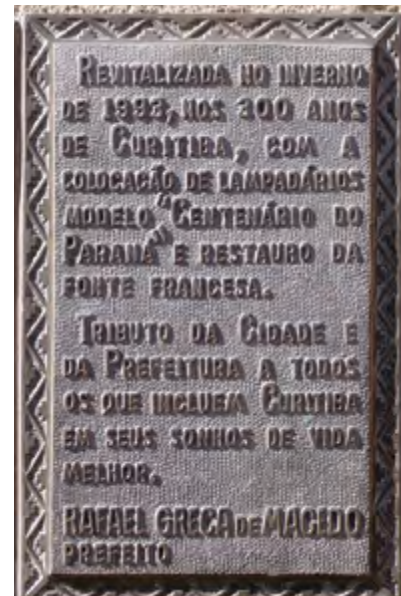
cidade. Na época, o Serro grafava-se com “S” e acento circunflexo no “ê”. Poético seria se o nosso Barão, devotado ao horizonte da Serra onde perderia a vida, tivesse se chamado Barão da Serra Azul.

Por inspiração do Visconde de Figueiredo, grande defensor da industrialização do Brasil, o Barão se envolveria com a fundação de mais um banco. Na corte do Rio, disse-lhe o Visconde: *Com seu prestígio e seus recursos, auxilie-nos na fundação de um novo banco em Curitiba, com o objetivo específico de proteger e desenvolver o crédito individual e geral da província do Paraná*. Nascia o Banco Mercantil e Industrial do Paraná, fundado em 11 de setembro de 1889, nos momentos derradeiros da monarquia, com subscrição de 25.000 ações. Serro Azul exerceu a presidência do banco, que, além da sede em Curitiba, teve filial na Corte, no centro do Rio de Janeiro, nas imediações da rua do Ouvidor.

Em julho de 1889, Ildefonso tinha tomado posse como deputado na Assembleia Provincial. Seus primeiros pronunciamentos preconizavam a necessidade de um banco público para o Paraná. Em agosto, foram publicados, no jornal *Dezenove de Dezembro*, 76 avisos referentes à fundação dessa casa comercial, que, estatutariamente, deveria durar no mínimo cinquenta anos. Com o advento da República e o triste martírio do Barão do Serro Azul em 1894, o sonho teve efêmera duração.

Na primeira diretoria do Banco Mercantil e Industrial do Paraná aparecem os nomes de Francisco de Queirós, José Fernandes Loureiro e Jesuíno Lopes. Já Miró Júnior, Constantino Pereira da Cunha e o próprio Barão do Serro Azul integravam o conselho fiscal.

O mesmo Barão empreendedor teve papel des-



tacado no aguerrido projeto de comercializar a araucária, madeira abundante nas plagas paranaenses. O ciclo da madeira também começou com o mais famoso dos nossos capitalistas ervateiros.

Um consórcio comercial foi celebrado em Curitiba entre Serro Azul e seus sócios, engenheiro Antonio Pereira Rebouças Filho, Jorge Desmarais, Eduardo Mendes e Albino Guimarães. Havia dois grandes obstáculos a serem transpostos pela indústria madeireira: o maquinário para a instalação da serraria, orçado em 150.000\$000 (isso era três vezes o valor de uma ervateria) e ausência de um moderno e barato sistema de transporte.

Aquele era um tempo de estradas precárias, mal e mal tidas como carroçáveis, e de casas de madeira falquejadas a mão, com cunhas, plainas e porretes – como é o caso das nossas casas de troncos, moradias dos colonos poloneses pioneiros. As experiências anteriores da indústria madeireira no Paraná tinham sido catastróficas. Assim, Serro Azul arriscou seu ilibado nome industrial na fundação dessa serraria de 1886.

Quanto ao transporte, a Assembleia Legislativa do Paraná editou uma medida protecionista, a lei nº 824, de 11 de novembro de 1885, isentando a madeira,

(ao lado) Obelisco e acima as placas que o compõe.

in natura ou desdobrada, de todos os impostos provinciais, municipais e taxas de barreira (espécie de pedágio vigente nos caminhos do Brasil colonial e imperial).

Essa lei foi um fator determinante para alavancar o setor madeireiro, que há muito custava a crescer. O Paraná, nessa fase, contava com 12 serrarias instaladas; outras tantas estavam em fase de instalação.

A Serraria São Sebastião da Roseira, de Ildefonso Correia, prometia ser a mais avançada. *Para isso foi contratado o engenheiro francês Léon Sounis, que veio da Europa para trabalhar diretamente, sob a chefia de Teixeira Soares, nas oficinas mecânicas da estrada*



Serraria São Sebastião da Roseira.

de ferro, informa Newton Carneiro. Foi o melhor negócio do Barão do Serro Azul.

Nas proximidades da capital, havia ainda a serraria Seis de Agosto, no Guatupê, arrabalde do então distrito de Piraquara. Logo após, junto ao rio Miringuava, seria instalada a serraria Volteio. Graças à propaganda e amostras enviadas a diversos mercados consumidores, em especial a Europa, e de melhorias estruturais na Província, quais sejam, a Estrada da





Ponte Preta em atividade.

Graciosa, a Ferrovia e o cais para o porto de Paranaguá, nosso Barão conseguiu engrenar a produção de tábuas de pinho paranaense.

Os arredores de Curitiba, as cidades vizinhas, o interior inteiro cobriram-se de chalés com coberturas em duas águas, as paredes de tábuas e ripas. Vigas e caibros sustentavam telhados arrematados pelo rendilhado dos lambrequins, as famosas pingadeiras de varanda, típicas da nossa cidade quando viu nascer o século XX.

O Barão do Serro Azul meteu-se também no negócio da industrialização do barro e da argila. O leito dos nossos rios era também uma matéria-prima geradora de empregos e renda. Nada lhe escapava à visão



Ponte Preta em construção.

empreendedora. Ao ver polacos e alemães telhando suas residências com tabuinhas de pinho, cobertura precária que precisava ser substituída a cada oito ou dez invernos, Ildefonso Correia investiu em olarias.

Tijolos, telhas, canaletas, vasos, manilhas, tudo que fosse comerciável era moldado em argila. Abriu, a oeste de Curitiba, no vale do rio Barigui, a pioneira olaria da Colônia Santo Inácio. Eram dali vizinhas famílias agrárias polonesas recém-chegadas ao Brasil.

Tempos depois, Serro Azul adquiriu o jornal *Diário do Comércio*, confiando sua direção ao poeta Leôncio Correia, seu primo, irmão do médico humanitário de Paranaguá, doutor Leocádio Correia.

O famoso humanista, espírito de luz, mor-



Praça Eufrásio Correia em 1903. Exposição do Cinquentenário da Emancipação Política do Paraná.

reu muito jovem, em fama de santidade. Ia ser padre, mas casou com a irmã do Barão e abriu clínica médica benemerente. Combateu a peste e as febres palustres na condição de sanitarista. Eleito deputado provincial, influiu no progresso do Paraná. Não tardou, pós-morte, a ser apontado como entidade espiritual benemerita. É famoso por curas e consolação de aflitos, as consultas recebidas pelo professor Maury Rodrigues da Cruz e outros médiuns na Sociedade Brasileira de Estudos Espíritos (SBEE), localizada no bairro do Bacacheri. Centro espírita, clínica espiritual e museu de materializações, pinturas e textos psicografados, a SBEE mantém ainda, na Mateus Leme, belo teatro de arena. No bairro Santa Cândida, ao lado da sede da Polícia Federal, palco da Operação Lava Jato de combate à corrupção, o grupo mantém a FALEC (Faculdade Doutor Leocádio José Correia) e o Lar Escola Doutor Leocádio José Correia.

A modernidade do Barão fez com que se preocupasse com o transporte público. Dele a iniciativa da primeira linha de bondes tirados a mula em Curitiba, com a fundação da *Companhia Ferro Carril Curitiba*, criada em sociedade com Boaventura Clapp

e o ervateiro Francisco Fasce Fontana. O itinerário pioneiro dos bondes abertos com tração de burros contemplava o Alto da Glória, o Solar do Barão – o ponto na esquina da rua do Serrito, atual rua Carlos Cavalcanti, com rua do Nogueira, atual Barão do Serro Azul –, até o engenho no bairro do Batel, atual praça Miguel Couto (ou pracinha do Batel).

A indústria dos tijolos maciços Santo Inácio conheceria concorrentes, como a Cerâmica Klempz, de Francisco Klempz, junto ao rio Barigui, no atual bairro da Fazendinha. Já quando da edificação de sua casa de morada, esse empreendedor alemão trouxe a Curitiba as primeiras fôrmas de telhas francesas, avançando sobre o mercado até então apenas com telhas tabuinhas ou de capa e canal. Junto ao rio Bacacheri, abriria a próspera Cerâmica Colle, empresa familiar de trajetória centenária, responsável pela introdução das manilhas de *grés*, isto é, de barro cozido glazurado, no encanamento de Curitiba.

Tanta matéria-prima, somada aos artesãos e artífices graduados pela Escola de Artes e Ofícios do professor Mariano de Lima, potencializada pela chegada de imigrantes europeus muito trabalhadores e de mestres construtores versados nos estilos neogótico e neo-renascentista, propiciou uma explosão de urbanização.

Em cinquenta anos, antes e depois da virada do século XX, Curitiba mudou. São dessa época as faus-



Palacete de Ascânio Miró, na atual rua Comendador Araújo.





Boulevard 2 de Julho, depois avenida João Gualberto, com a Casa das Ferraduras, residência do prefeito Cândido de Abreu.

tosas casas de morada dos senhores da erva-mate, na sua maioria no eixo Alto da Glória-Batel, coincidindo com o traçado da linha de bondes: Palacete dos Leões e a vizinha Casa das Ferraduras, ambos os projetos de Cândido de Abreu; a Vila Odete, do filho de Leão Jr.; a Casa das Rosas, do Comendador Francisco Fasce Fontana, embelezada pelo arquiteto Lazzarini; e a Vila Lolita, projeto de A. Kruger. Adiante, a Casa Bitencourt, o Solar do Barão do Serro Azul. Na rua XV com Monsenhor Celso, o Palacete das 64 Ogivas, do ervateiro Manoel de Macedo, irmão do meu bisavô.

Esse grande baile de máscaras da arquitetura, prodígio do estilo eclético, no dizer do arquiteto Luciano Patetta, continuava na direção do Batel, estrada do Mato Grosso, hoje Comendador Araújo, com as residências de Ascânio e Manoel Miró (ambas com projeto de Cândido de Abreu), a casa do coronel David Antônio da Silva Carneiro (projeto de Alberto Monteiro de Carvalho), as moradias de Jordão Mader, de dona Branca Xavier de Miranda, da família Kurt Mueller, do Comendador Araújo e, já colina acima, o casarão de muitas portas e janelas sobre um grande paredão de pedra (projeto de Ernesto Guaita), seguido, logo depois, pelo Engenho Santa Graça, de portal monumental. Ali viveu Gracita Macedo, há noventa anos, colega de colégio São José de minha sogra, dona Margarita Pericás Duran.



Carros de praça - hoje táxis - na praça Tiradentes. Década de 1920.



Palacete do Comendador Macedo, no Batel, sede do Engenho Santa Graça, já Museu Paranaense.

Esse casarão chegou a ser sede do Museu Paranaense. O alvará de demolição, dado involuntariamente pelo então prefeito Jaime Lerner, foi outro dos motivos que usei para persuadi-lo a promulgar, em 1983, o Decreto das Unidades de Interesse de Preservação de Curitiba.

Até no Cemitério Municipal São Francisco de Paula chegaram as inovações construtivas e arquitetônicas, seja nos mausoléus em linhas neoclássicas, *art nouveau*, mais tarde *art déco*, seja nas glorietas e retábulos votivos da prestigiada e habilidosa Marmoraria Vardânega.

A prosperidade econômica e modernidade refletem-se nas torres em agulha, naves e telhados das novas igrejas neogóticas, entre as quais se sobressaem a Capela da Santa Casa de Misericórdia, a *Christuskirche* (Capela Luterana da rua Inácio Lustosa), a torre sineira da Igreja da Ordem (1882), as igrejas alemã de Bom Jesus dos Perdões e polonesa de Santo Estandislaw e as matrizes das paróquias coloniais de Santa Cândida, Santa Felicidade, Orleans, Campo Comprido, Umbará, Água Verde, Bom Jesus do Portão, Bom Jesus do Cabral e, por fim, a imponente Catedral do Bispado de Curitiba, consagrada a 7 de setembro de 1893.



Palácio do Governo na rua Barão do Rio Branco, hoje Museu da Imagem e do Som. .

SAPOLÂNDIA DE MUITOS RIOS



Rio de Pinhões, Memorial de Curitiba.

Berço do Iguaçu, somos úmidos. Os índios eram categóricos ao denominar, sabiam das coisas, foram logo chamando de Rio Grande de Curitiba: *Iguaçu* – Y é ‘rio’; *Guaçu* é ‘grande’.

Para celebrar essa dádiva da natureza, no Memorial de Curitiba, cortando o piso de granito da *Praça do Rio Iguaçu*, pedi aos escultores Elvo Benito Damo, Maria Helena Saparolli e Priscila Tramujas que fizessem um “Rio de Pinhões” em barro cozido.

Meu pedido de prefeito (1993-1996) evocou as nascentes do Iguaçu, rio que nasce onde nós nascemos, rio das Cataratas. Quis lembrar os mananciais de água de Curitiba e o antigo hábito dos tinguís de armazenar pinhões em água corrente. Também procurei chamar a atenção dos que vão nascer para a importância da identidade, do conhecimento do meio ambiente, como base da criação cultural.

Só é digno de entrar no Teatro, de visitar o Museu, de contemplar a Arte, quem é capaz de atravessar o rio, olhar o chão onde pisa, ouvir na voz do vento a verde lição das araucárias.

Na placa de mármore escrevi: *Se nos esquecermos da nossa identidade, negaremos a nós mesmos. Este Rio de Pinhões, moldado em barro local, quer significar a fertilidade cultural, essencial ao Paraná e ao Brasil.*

A 15 de agosto de 1996, com os governadores Jaime Lerner, do Paraná, e Antônio Brito, do Rio Grande do Sul, Margarita e eu descerramos a placa inaugural do Memorial de Curitiba.

Nossa Ecologia Humana, nosso Horizonte neste mundo, começa pela compreensão do Rio Grande de Curitiba, o Yguaçu dos índios, nosso rio Iguaçu. Para reforçar a memória desse Rio Grande de Curitiba, pedi ao artista Rogério Dias e ao ceramista Lycio Esmanhoto que criassem um majestoso painel multicolorido, nos muros do Palácio Iguaçu, a meio caminho do Museu Oscar Niemeyer. Baseado no meu “Poema ao rio Iguaçu”, o magnífico mural procura reforçar a importância desse “rio que nasce onde eu nasci” para a vida cotidiana da cidade.



Cataratas do Iguaçu por Lange de Morretes (1920). Pinacoteca do Clube Curitibano.



Poema ao Rio Iguaçu

Rafael Greca de Macedo

*Você pode olhar diversas vezes um mesmo rio:
nunca é a mesma a água que você vê.*

*Escrita nas águas do rio,
entre musgos e limos que o caudal não deixa ver;
há a história da Terra.*

*Memória de cheias e vazantes,
memória de luas já passadas,
sinal de vazões inimaginadas,
marcas de viagens desafiadoras.*

*Quem há de dizer o que existe além do aparente?
Quem saberá do rumo dos peixes em dia de piracema?
Quem nos dirá onde a onça pintada mata a sede?*

*Quem desvendará por que as gotas de água do Iguaçu
sobem aos céus na estrada colorida do arco-íris?*

*Quem perceberá a energia que ondula aos borbotões,
quando a geografia interrompe a história do rio
e o faz transformar-se em Catarata?*

*Você pode olhar diversas vezes um mesmo rio:
nunca é a mesma a água que você vê.*

*O que há entre a água e o basalto, lá onde
se encondem aos milhares as andorinhas?*

*Por que as frágeis borboletas amarelas,
em miríades, vencem a vazão estupenda*

*do rio inteiro, vão e voltam, sem
dano, por entre os véus e jorros das cascatas?*

*Quem nos dirá o que o Iguaçu escreveu
nas suas margens, em alfabeto de areias
sedimentadas no longo percurso desde
o Paraíso até os nossos dias?*

*Por que araras, tucanos e baitacas,
em bandos, desconhecem a fronteira,
vão e voltam entre os países,
fazendo seus ninhos entre ramas de
filodendros, acima dos cipós e das
bromélias, nos galhos altos da sibipirunas
e das canafistulas?*

*Você pode olhar diversas vezes um mesmo rio:
nunca é a mesma a água que você vê.*

*Deixem em paz as capivaras. Façam tranquilo
o seu banho, em bandos, as crias aninhadas
entre as pedras, esponjando-se nas areias,
conhecendo a torrente do Iguaçu.*

*E que o Iguaçu não conheça a impureza das espumas,
fluidos e odores de contaminação indesejada.*

A Terra é sagrada porque sagrados somos nós, os seus Filhos

(abaixo) Pannel do Rio Iguaçu, de Rogério Dias e Lycio Esmanhotto.



*Na terra, na água e no ar, paira essência de Vida.
Esta mesma Vida que habita dentro de nós,
e nos torna parceiros da Natureza, no grande enredo
planetário.*

*Eis o rio.
Rio que nasce onde nós nascemos,
rio que não morre jamais.*

*Nem quando se torna orvalho.
Nem quando escala o céu pela esteira luminosa do
arco-íris.
Nem quando se derrama sobre a mata e os campos, em
chuvas torrenciais.
Nem quando filtrado em hidrelétricas; clareia as cida-
des,
move as fábricas e,
generoso, ilumina todo o Brasil.*

*Eis o rio sobre as pedras.
Desmembrado do seu curso caudaloso
Pelo capricho dos rochedos e penhascos.*

*Rio feito catarata.
Rio Iguaçu.
Cataratas do Iguaçu.*

*Além do rio, junto de nós, a fronteira.
As terras que Tordesilhas dividiu.
O báculo do Papa determinou quemalaria português,
“Y los que hablarían español!”*

*Do outro lado do mar,
só houve esquecimento
para os que falavam tupi,
caingangue, guarani.*

*Se evocarmos o passado
há espaço, revogado o tempo,
para revermos a lenda antiga.*

*O sensual arco de Tarobá,
A lânguida rede de Naipi,
O amor celebrado à revelia
de Tupã.*

*O cúme cósmico,
a ira do deus,
o cataclismo.*

*A amada transformada
em pedra.
O amado esmagado e encantado
em pranto,
triste palmeira pendurada no abismo.
Uma serpente a vigiar-lhe o gesto.*

*Eterno lamento a derramar-se
sobre as pedras.
Eternas núpcias de água e vento.
Espetáculo de amor;
Metáfora de cúmes divinos,
Catarata do Iguaçu.*



Antes de mim por certo outros cantaram o rio Iguaçu. Finas notas de saudade, diz Andrade Muricy, são estes versos de Moysés Marcondes, médico e humanista paranaense, nascido em Palmeira em 1859, que publicou suas poesias em Lisboa, em 1908, pela Livraria Clássica Editora de A. M. Teixeira:

*Do rio sobre o curso, a gaze fina
Das névoas paira...
Já estão as serras, na distância, escuras.
Começam, nessa hora, ao pé das fontes,
A cantar soluçando as saracuras.*

A insalubridade, banhados e alagamentos sempre foram problema na cidade, onde brotam do solo de argila e turfa, vertendo água copiosa, mais de 4.000 nascentes, riachos, ribeirões e córregos, alimentando as cinco bacias hidrográficas que temos em Curitiba: a do rio Atuba (com 64 km²), a do rio Belém (com 88 km²), a do rio Barigui (com 141 km²), a do rio Passaúna (nos documentos antigos chamado Poçouna ou Apiahuna, com 38 km²) e a do Ribeirão dos Padi-lhas (com 34 km²). Todas formadoras do rio Iguaçu.

O regime de chuvas intensas, as correntes quentes amazônicas e os frios ventos dos pampas do sul são rebatidos sobre Curitiba pelo paredão de granito da Serra do Mar. As chuvas intensas provocavam alagamentos e lamaçais.

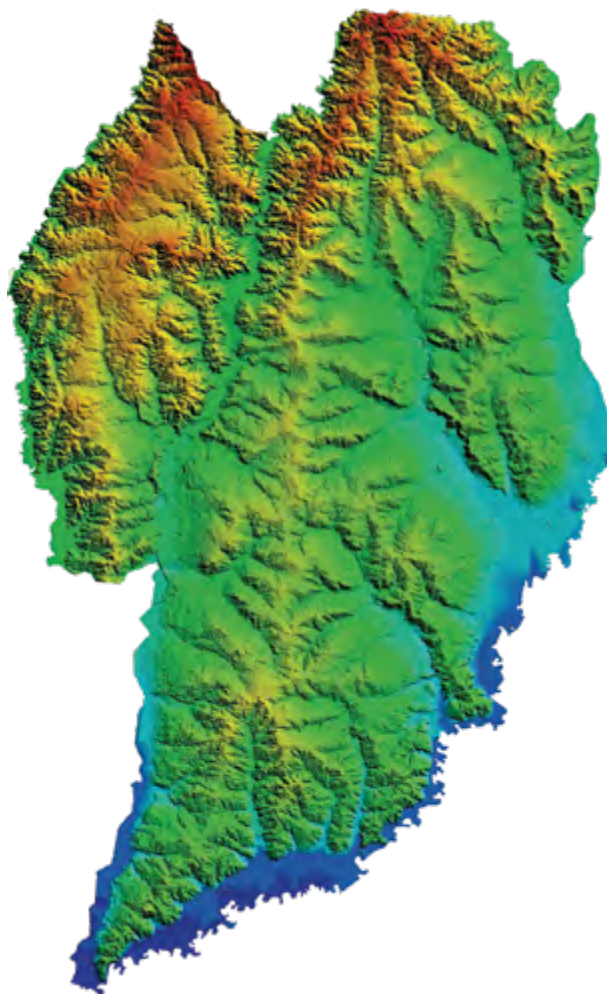
Um trovador campeiro do século XVIII inspirou Euclides Bandeira (1876-1947) em versos singelos que meu amado avô Manoel Valdomiro de Macedo (1891-1979), à beira do meu berço, usava como aca-lanto:

*Em ti fulgor não existe
Só tens lama, nada mais!
Adeus Curitiba triste!
Vólto aos meus campos natais!*

*A vida em prazer consiste
Nas fazendas, nos currais.
Adeus Curitiba triste!
Alegres Campos Gerais!*

Tantos charcos e várzeas deram a Curitiba profusão de sapos. Tanto é que “sapos” era, com o histórico nome “tinguis”, o gentílico para os curitibanos do século XIX.

Minha sogra, Margarita Fany Araceli Pericás, nascida em 1923, lembra-se das crianças curitibanas chamadas por seus pais de *sapinhos*. Memória que guarda junto com o alumbramento da primeira visão de uma untanha no quintal da casa da rua XV, cujos fundos davam para um braço do rio Belém. A visão que espantou a menina foi inspiração para os poetas



Hipsometria de Curitiba (IPPUC, 2016).
Equipe técnica: Antonio Pedro Taboada (Arquiteto), Robinson Diz Muniz (Arquiteto) e Felipe Maia Ehmke (Eng. Ambiental).
Apoio técnico: Estagiários de arquitetura - Caroline Bueno Klasmann e Guilherme Antoniacomi dos Santos.

simbolistas da cidade: Aristides França, Generoso Borges, Nestor de Castro, Antônio Austragésilo e Euclides Bandeira.

Em 1897, Benedito Nicolau dos Santos (1878-1956), aquele que foi considerado por Mário de Andrade o maior musicólogo do Brasil, compôs a polca-cançoneta “O Sapo”. Sucesso nos salões de todo Brasil, fazia troça com os alagamentos constantes na capital do Paraná.

Em 6 de março de 1898, foi fundado aqui o periódico cultural *O Sapo*, cuja sede ficava no nº 43 da rua XV. A revista era graficamente inovadora, impressa em papel fosco com tinta preta e verde-úmido, cor de musgo. A redação de *O Sapo* deu origem a uma confraria encabeçada por Leocádio Correia, Leite Júnior, Gabriel Ribeiro e Tales Saldanha.

O poeta Emiliano Pernetta, num impressionante editorial, atual até hoje, saudou a nova publicação: “A mocidade literária paranaense, à semelhança de toda a mocidade brasileira de letras, tem firmado em todos

os tempos um alto e magnífico protesto contra a indiferença absurda, que a rodeia e suga.

O Brasil é um país de surdos-mudos e cegos para tudo o que é fino, sutil e intelectual. O Brasil só entende e aplaude o histrião político que o diverte com o acrobatismo de saltos mortais e farsas mirabolantes [...]”.

Rodrigo Júnior (1886-1964), numa de suas colunas extraídas do jornal O Dia por Gehad Hajar, assinando com o pseudônimo de “Barão da Flor de Alface”, em 1925, fazia coro nostálgico à sapolândia curitibana:

*Que é dos sapos amigos
Da cidade garota onde nasci?
Sapinhos e sapões
Da Curitiba de épocas passadas!
Cantores líricos dos charcos,
Do Ivo e do Belém!*

*Que é dos sapos amigos?
Tenores e barítonos
Da ópera monótona das várzeas
Que tinha por cenários de fundo
As campinas, os vales e os pinheiros!*

*Oh, a plangência coral dos batráquios roufenhos,
Dentro das moitas grossas da carqueja,
Sobre a alcatifa repousante do capim,
Entre os jóias
E as florescências amarelas do catium!*

*Hoje, somente uma rã decrépita,
Macróbia cheia de saudade,
Recorda os bichos verdes de outro tempo,
E lastima-se a olhar a lua luminosa e redonda
Como um balão de São João:*

*- Que é da serenata dos amigos sapos?
Para onde foram eles?
Ai, é tão diferente essa vida de agora!
Como tudo mudou!
(Curitiba) Já não há mais banhado!...*

Em 1970, o poeta, advogado, jornalista, escritor e linguista Vasco José Taborda Ribas (1909-1997) ressuscitou a revista *O Sapo* e instituiu, nos salões da casa de seus primos Marita França (1915-2009) e Apolo Taborda França, a Soberana Ordem do Sapo, instituição que dura até hoje, outorgando títulos de nobreza cultural para seus membros.

Honrado, por decisão da grã-mestra Vânia Maria Souza Ennes, acabei distinguido com a alcunha de Barão de São Rafael das Laranjeiras, em sessão solene do sodalício, numa tertúlia lítero-musical em



Sapo de Chifre. Aquarela de Rugendas, 1825.



Jornal *O Sapo*. Curitiba, 1898.

28 de maio de 2014, no Solar dos Leões. Diverti-me em fazer parte dessa tradição literária. Sapinho também eu, já piá curitibano.

Maria Aparecida Taborda França, primeira advogada trabalhista do Paraná, nossa querida doutora Marita França, diminuta em estatura, grande alma, foi curitibana de fé forte, esperança certa e inabalável vontade. Sua bondade levou-a a cometer boas ações proverbiais. Entre elas, convencer um belo bombeiro a esposar uma apaixonada anã que, com a união, recuperou sua autoestima. Um dia, tarde da noite, depois de um concerto, Margarita e eu levamos Maritinha para casa. Ao vermos que a elegante nonagenária entrava sozinha no imenso chalé cor-de-rosa da rua Marechal Floriano, perguntamos se tinha guardião? Com candura, citando a oração das crianças, ela respondeu: tenho, e é ótimo – o *Santo Anjo do Senhor; meu zeloso guardador*.

Voltando à paisagem curitibana, em 1909, o poeta Emílio de Menezes, em notável perspicácia, escreveu: *Curitiba cresce, os pobres e os sapos são empurrados cada vez para mais longe...*

No seu livro *A Terra do Futuro*, original de 1913, que republicamos pela *Coleção Farol do Saber* em





Casa Taborda França.



Apolo Taborda França, Grão Mestre da Soberana Ordem do Sapo, Curitiba.



Mesopotâmia Curitibana: entre os rios Ivo e Belém nasceu a civilização.

1996, o dramaturgo e poeta simbolista Nestor Victor (1868-1932) refere a paisagem encharcada de Curitiba como anfiteatro de sapos: *Uma consequência desses grandes pântanos era a enorme quantidade de sapos que ainda naquele meu tempo se encontravam ali,*

não só nas lagoas e nos matagais, como, à noite, até em ruas localizadas ainda bem no centro da cidade, quando não fôssem dentro das próprias casas.

Na bacia do Atuba, a nordeste da cidade, correm os rios Bacacheri e Tarumã. Correndo do norte para o sul, numa calha que divide o centro da cidade, formam o caudal do Belém os rios Ivo, Juvevê, Água Verde, Guaíra e Pinheirinho.

O curso do Barigui, a noroeste da cidade, compreende os rios Cascatinha, Uvu, Mossunguê, Ribeirão do Müller; os ribeirões Campo Comprido, Antônio Rosa e Passo do França; os arroios da Ordem, do Andrade, do Passo do Melo, do Pulo e do Pulgador; os córregos da Vila Isabel e do Capão Raso; o rio do Wolf, o rio Vila Formosa e o rio Campo de Santana.

Na bacia do Ribeirão dos Padilha, a sudeste da cidade, são expressivos o arroio Cercado e o arroio da Boa Vista. Temos ainda, ao sul, os rios Ponta Grossa, do Moinho e os arroios do Espigão e do Prensa. No extremo oeste da cidade, corre o Passaúna, hoje manancial de abastecimento de água.

E, caudal de todas as águas, em várzeas povoadas de bugios, catinguelês, saracuras, narcejas, pássaros grimpeiros, gralhas picaças e azuis, capivaras, sussuaranas, o majestoso Iguaçu.

No começo da povoação, definiu-se, por postura municipal, que o abastecimento de água pura dar-se-ia por nascentes e pelo rio Ivo, e que no rio Belém seriam despejadas as águas servidas.

O cronista Dalton Trevisan, sempre preciso, chamou o berço da nossa urbanização de “Mesopotâmia Curitibana”. Irônico, Dalton comparou nossos rios Ivo e Belém com os bíblicos Tigre e Eufrates, cunha da civilização.

Refere o advogado negro doutor João Pamphilo d’Assumpção, em artigo publicado em janeiro de 1927:

O nome rio Ivo viria da carta datada de 1794, propriedade que a Câmara Municipal concedeu à margem daquele curso d’água a um morador da Vila chamado José Ivo de Andrade. Já o nome rio Belém, ou rio dos Belém, viria do sobrenome da família posseira das terras da Cachoeira onde começam os 17 km daquele curso d’água: as nascentes assim distantes da sua foz no rio Iguaçu.

Na época também havia em Curitiba uma polêmica de que o rio Ivo e o chamado rio da Vila seriam o mesmo ribeirão. Pamphilo, que foi fundador do Instituto dos Advogados do Paraná, defende, citando como provas documentos dos séculos XVII e XVIII, que o “rio da Vila” seria denominação do rio Bacacheri.

Em 1870, o abastecimento de água potável da cidade dava-se por quatro fontes, então chamadas Cariocas. Foi quando a Câmara Municipal contratou a instalação do chafariz em ferro lavrado do então

chamado Largo da Carioca da Cruz, ou Largo da Ponte do Ivo. Esse chafariz foi abençoado pelo pároco de Curitiba, Agostinho Machado Lima, no dia 8 de setembro de 1871, festa da padroeira da cidade, Nossa Senhora da Luz dos Pinhais.

O belo chafariz, até hoje conservado, consiste numa coluna de ferro com quatro torneiras, sob cada uma das quais há um prisma de base quadrada de cantaria de granito servindo de suporte para baldes e barris.

Junto a ele, reuniam-se pelas manhãs os aguadeiros, que afanosamente transportavam água em barris para carroças-pipas. Estas, puxadas por mulas, percorriam a cidade, vendendo por dois vinténs o barril de água de 20 litros. As famílias de Curitiba assim tinham água pura para consumo na mesa de refeições.

Esse chafariz foi fundido em Curitiba, *d'après* desenho do engenheiro Antônio Rebouças (1839-1874). Rebouças fez isso voluntariamente, nos intervalos da azáfama para projetar e implantar a Estrada de Ferro Curitiba-Paranaguá, sonhada como uma ligação dos portos do Paraná, Paranaguá e Antonina à cidade de Miranda, no longínquo Mato Grosso, hoje Mato Grosso do Sul.

Em 1993, então prefeito de Curitiba, encontrei o chafariz da Praça Zacarias abandonado e depreciado. Seco e esquecido no piso da praça, servia de mictório público. Mandei requalificá-lo, pois se trata de relíquia de nossa história. Foi erguido num supedâneo de granito, no centro do repuxo da praça, onde até hoje jorra água, sempre que a boa vontade da Prefeitura permite, ao ligar a bomba elétrica...



Desde 1871, chafariz na nascente do Largo da Ponte do Ivo, atual praça Zacarias.



Pescaria de alemães.



Carrocinha de aguadeiros levando água pela rua Riachuelo. Acervo Júlia Wanderley.



da da fruição, com o nome de
 a concessão, etc. S de Pavia de 1885.
 Província autônoma o contrato
 de 1856, em: inanguns a total
 Esta estrada foi abandonada
 do Tráfico do Estato de Pavia
 em 1914.

Antiga estrada da fruição, com o nome de
 a concessão, etc. S de Pavia de 1885.
 Província autônoma o contrato
 de 30 de Abril de 1856, em: inanguns a total
 1878. Esta estrada foi abandonada
 do Tráfico do Estato de Pavia, em 1885 e
 reaberta em 1914.



Estado da fruição
 Alto da flórida.
 a concessão de inanguns a total
 a concessão de inanguns a total
 de C. S. Pavia.
 Pavia inanguns em 1885
 de inanguns de S. Alfredo de C. S. Pavia
 em inanguns de Pavia
 1886

a concessão de inanguns a total
 a concessão de inanguns a total
 de C. S. Pavia.
 Pavia inanguns em 1885
 de inanguns de S. Alfredo de C. S. Pavia
 em inanguns de Pavia

PASSEIO PÚBLICO, OBRA DE SANEAMENTO



Visconde de Taunay, presidente da Província criador do Passeio Público.

Curitiba, com tantos rios, ressentia-se de seus banhados. Desde 1857, isso aparece em textos de Zacarias de Góes e Vasconcellos e na proposta do vereador Carvalhaes, propugnando a criação de um Horto Municipal ou Jardim Botânico junto aos meandros do rio Belém, para sanear aqueles pântanos. Esse vereador demonstra também grande preocupação com a necessidade de vacinação da população curitibana.

O medo do impaludismo aparece em editorial do *Dezenove de Dezembro*, jornal publicado em 27 de dezembro de 1885: *Na altura do “tanque do senhor Bittencourt o referido rio Belém é muito estreito e sinuoso, de modo que permanentemente alaga os terrenos que estão situados em suas margens, numa grande extensão, do que resulta ficarem convertidas em brejos de águas estagnadas, que com os resíduos vegetais que ali se acumulam, e, a favor dos fortes calores do verão, converteram-se em focos de febres malignas, paludosas e intermitentes, pondo em verdadeiro risco as boas condições higiênicas que deve ter a cidade. Esta parte de Curitiba, pois, é um perigo que ameaça a saúde pública. É de urgente necessidade que a autoridade competente proceda com maior empenho seu saneamento.*

Nas mudanças desse tempo, deu-se a urbanização dos meandros do rio Belém, obra ordenada pelo Presidente Visconde de Taunay, dentro da reforma urbana daquele bairro proposta pelo engenheiro italiano Lazzarini. Em 19 de janeiro de 1886, o Presidente Taunay apresentou à Câmara Municipal de Curitiba o projeto do Passeio Público. Nosso primeiro parque urbano.

Alfredo D’Escragnolle Taunay (1843-1899) era filho de Gabrielle, condessinha D’Escragnolle, com o Barão Félix Émile Taunay e neto do consagrado pintor Nicolas Antoine Taunay, um dos líderes da missão artística francesa que veio ao Rio no tempo de Dom João VI, companheiro de Debret e Grandjean de Montigny. A família tinha chácara nas encostas da floresta da Tijuca. Alfredo D’Escragnolle Taunay ajudou o major Archer na restauração da mata nativa devastada pelas plantações de café quando a cidade do Rio de Janeiro ficou ameaçada de perder suas cariocas (ou nascentes de água pura).

Enquanto o major Archer plantou 61.852 árvores em 12 anos, o “nosso” Taunay plantou 23.044 árvores. Esse ambientalista do século 19, que daria a Curitiba o Passeio Público, foi também consagrado e talentoso escritor. Dele o livro *A Retirada da Laguna* (1871), crônica de um episódio da Guerra do Paraguai, e intensa obra literária e historiográfica. Governou o Paraná entre setembro de 1885 e junho de 1886. O breve período desse espírito iluminado, homem culto e amante da Natureza, fez muito bem a Curitiba.



Chácara de Nhá Laura de Macedo, hoje Colégio Estadual do Paraná. Vista desde o Passeio Público.

(página oposta) Passeio Público recém-inaugurado. No começo da estrada da Graciosa, o Engenho e Mansão do Comendador Fontana e a Chácara de Nhá Laura.



Taunay descobriu o brejo insalubre na recepção de casamento de Francisco Fasce Fontana com Maria Dolores de Leão. Verificou *in loco* o enorme contraste entre a região pantanosa do banhado dos Bittencourt e os jardins da mansão Fontana – área que já fora, em 1834, a antiga chácara do coronel Caetaninho Munhoz. O terreno do sonhado Passeio Público de Curitiba ficava atrás da Casa de Banhos que aproveitava as águas do rio Belém.

Taunay, com a supervisão e o conhecimento técnico do engenheiro Lazzarini, efetivou nosso primeiro Parque como um projeto de saneamento e de macrodrenagem. Diz o relatório de 1888 do Presidente Faria, governador sucessor do Visconde de Taunay, que concluiria as obras: [...] *O pequeno tanque do engenho Bittencourt, nojento receptáculo de todas as imundícies, foi aprofundado em mais de meio metro, e triplicada sua superfície, achando-se hoje convertido em lindíssimo e pitoresco lago, arborizado em seu contorno e com pequenas ilhas no centro, que completam um quadro lindíssimo. Com tal sistema não somente saneamos o lugar como o convertemos em bellissimo logradouro público. [...] A cidade de Curitiba deve gratidão aos que ali trabalharam, por terem feito de um foco pestilento de infecção um formoso jardim, o “Passeio Público”.*

O Arquivo Público do Paraná guarda a planta elaborada pelo engenheiro Lazzarini, datada de 19 de março de 1887, vistada pelo engenheiro Cândido de Abreu, então Diretor de Obras Públicas da Província do Paraná. Nela aparecem a retificação do rio Belém, a construção de comportas e o traçado e construção de ruas no seu entorno: prolongamento da rua do Serrito (hoje Carlos Cavalcanti), abertura da então rua Fontana (hoje Presidente Faria), que começava ali e contornava a Mansão das Rosas. Só o trecho final guardou o nome Fontana. Há também indicação dos terrenos a serem desapropriados da chácara de Nhá Laura.

No conjunto das obras do Passeio Público entraram drenagem, calçamento e arborização do antigo atalho da Graciosa, com a criação da rua Fontana (até a atual rua Presidente Faria), bem como a urbanização do chamado Boulevard 2 de Julho (hoje avenida João Gualberto).



Imagem do Passeio Público em 1886.



Meandros do rio Belém no Passeio Público.



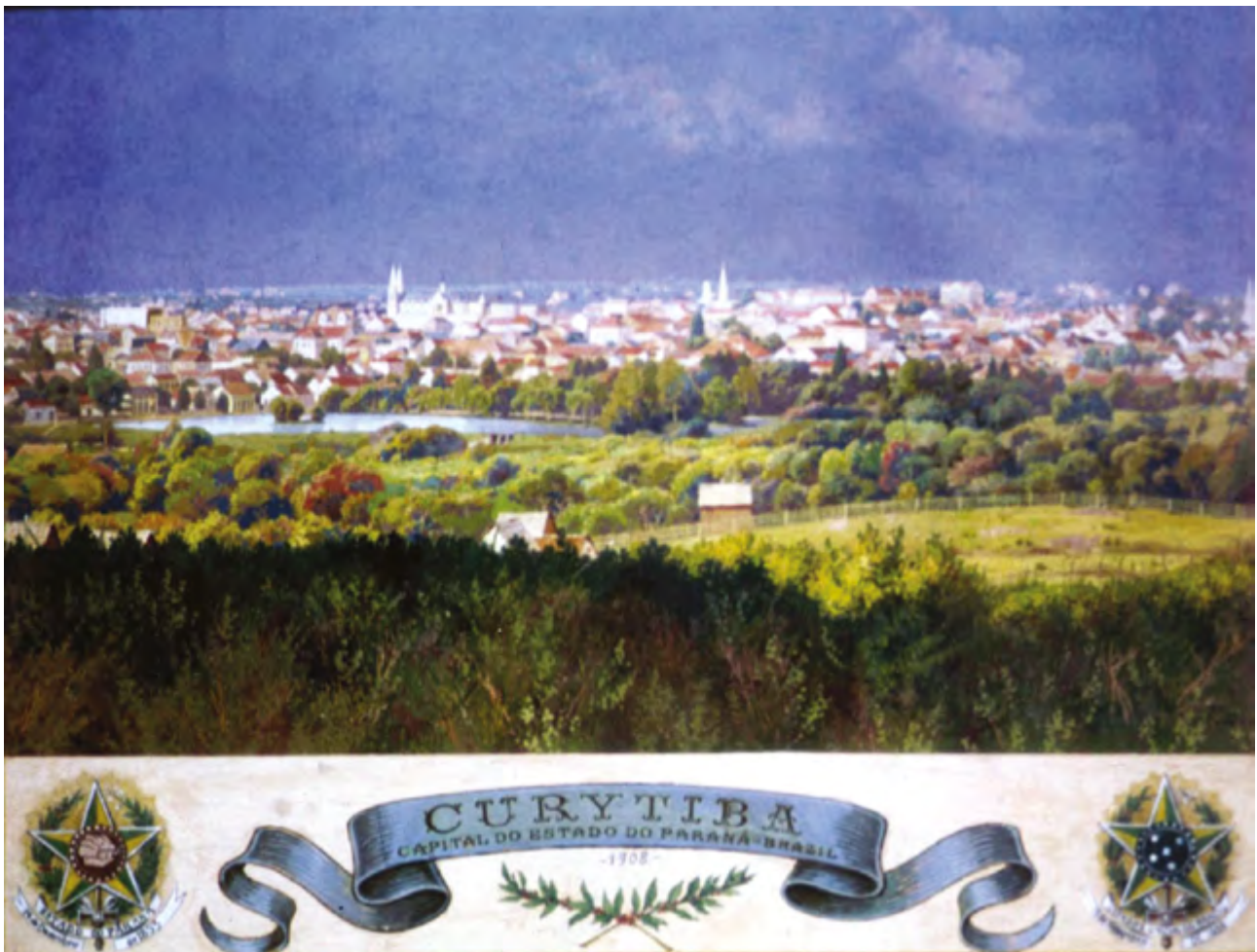
Antiga ponte com mirante no Passeio.



Antigo coreto do Passeio, hoje terrário.



Carvalho plantado na entrada do Passeio Público por Visconde de Taunay.



Vista de Curitiba em aquarela, a partir do Alto da Glória. O Passeio Público com os meandros do rio Belém é moldura da cidade, 1908.



TIFO, ÁGUA & ESGOTOS



Barão da Merda - caricatura da revista curitibana *Olho da Rua*, agosto de 1907.



Capa do livro *Cada Um Cai do Bonde como Pode*.

(página oposta) Araucárias refletidas em poças d'água. Foto Daniel Castellano.

Em 1883, nova postura municipal proibiu fossas abertas para receber efluentes de esgoto. Começavam as preocupações com higiene e correto saneamento, tão necessárias a uma cidade civilizada.

O jornal *Dezenove de Dezembro* de 30 de julho de 1883 noticia aprovação de postura municipal sanitária que obrigava os moradores do quadro urbano de Curitiba a construir em suas casas um “aparelho” do sistema divisor de Freycinet a partir do padrão fornecido pela Câmara, acompanhado do respectivo desinfectante.

A aprovação da Empresa Sanitária da Província do Paraná, destinada à construção de latrinas higiênicas, sob a coordenação do doutor Carlos Westermann e do doutor Adolpho Lindmenn, só ocorreria em 1885. Foi o presidente Faria quem propôs e aprovou, a 12 de dezembro de 1886, a lei nº 875, que obrigava todos os municípios da capital a que procedessem à limpeza de suas latrinas pela dita empresa. A reserva de mercado e os custos altos provocaram revolta popular. As tensões só se amenizaram quando o engenheiro Clapp passou a dirigir a Empresa Sanitária.

Esse Clapp teve a habilidade de fazer imprimir e distribuir folhetos em português, alemão, polonês e italiano, esclarecedores sobre as vantagens higiênicas dos serviços prestados e seu pouco custo diante de tão grande benefício para a saúde pública.

Em 1888, foi contratada empresa sanitária para remover dejetos das fossas. Surgiu o carroção limpa-fossas com os “bosteiros”, dirigido por posudo italiano, que logo mereceu do povo o jocosos e apropriado apelido de “Barão da Merda”. Esse cidadão, de sobrenome Castellano, ganhou charge no jornal satírico *Olho da Rua*, publicação de Rodrigo Júnior. Usava fraque verde-musgo e expressiva cartola, sentado na boleia de seu carroção, puxando máquina sugadora peculiar, invenção toda sua.

O “Barão da Merda” é um dos personagens do meu livro *Cada um Cai do Bonde como Pode*, publicado pela Fundação Cultural de Curitiba em 1975, em que faço um relato dos tipos populares da cidade, ilustrado por bicos de pena de Jair Mendes.

Havia na biblioteca de meu avô, guardado com uma certa reserva, um impresso com o *Elogio da Bosta*, poema de Ernesto Luiz de Oliveira. Desse médico bizarro, que louvou, não sem razão, os méritos do esterco e do estrume para adubação da terra, a memória coletiva de Curitiba guarda um outro episódio. Estava para dar um atestado de óbito. O defunto, de família de representação, havia morrido de tuberculose. Os parentes suplicaram que não pusesse a





Casas de tábuas junto ao moinho com roda d'água. Cerca de 1910. Foto de Zygmunt Strzemieczny.

tuberculose como *causa mortis*. Doutor Ernesto tomou da caneta, num repente, escreveu: *Fulano de tal morreu de tosse... Pôxa, mas que tosse!*

A água encanada só chegou a Curitiba depois de muitas obras, que se arrastaram de 1904 a 1910. O ponto final do extenso encanamento, com canos de ferro belga, era o reservatório do Alto de São Francisco, a água vindo de Piraquara, onde jorra dos chamados *mananciais da Serra*.

O belíssimo conjunto arquitetônico *art nouveau*, com chafariz monumental, jardim francês e salão do reservatório em abóbadas de alvenaria de tijolos maciços, resiste até hoje, patrimônio cultural da engenharia brasileira.

Em um ano, Curitiba já somava ligações de água em 1.148 casas. Mas as ligações de esgoto eram precárias. As obras de esgotamento sanitário não tinham vedação adequada, nem mesmo velocidade ou investimentos à altura do fornecimento de água mediante pagamento.

Ermelino de Leão menciona pioneiro estudo de “Geographia Médica”, do sanitarista Herculano de Souza Araújo, aluno do professor Oswaldo Cruz: *Por vezes foi Curitiba teatro de algumas epidemias sérias. Uma delas, de febre tifoide, entre 1876 e 1877, quando chegaram grandes levas de imigrantes. Daí passaram-se vários lustros em que do mal surgiam apenas casos esporádicos, até que irrompeu, com alta morbidez, a epidemia de 1917, tendo sido a água o seu veículo disseminador principal. Tem-se registrado também epidemias de sarampo, de escarlatina, e no passado ano de 1918 a grande gripe espanhola e neste ano de 1919 a epidemia de parotidite infectuosa. Casos de varíola são raros; de desintéria amébrica esporádicos; de úlceras epidêmicas e outras doenças da pele verdadeiramente escassos.*

O próprio Ermelino de Leão mostra que tem consciência daquilo que precisava ser feito: *Podemos dizer que as condições do município de Curitiba são suscetíveis de melhorias, uma vez modificado o sistema de distribuição de água e melhorados os serviços de esgotos, observada, com rigor, a necessária higiene urbana e realizados serviços de saneamento, não só pelo beneficiamento dos leitos dos rios, extinção de pântanos, intensa reflorestação dos subúrbios.*

A causa dessas epidemias que enlutaram famílias curitibanas entre 1917 e 1919, para Theófilo Paes de Souza Brazil, engenheiro militar, foi a contami-

nação do lençol freático e da rede de água, devido à permeabilidade do subsolo argilo-silicoso de Curitiba, fator agravado pela precariedade da rede de água e esgotos instalada a partir de 1910.

Em Curitiba, a insalubridade foi consequência do saneamento, o tifo passou a ceifar a população, o que houve foi apenas uma triste permuta: um pouco de comodidade dentro de casa pela perda de saúde e vidas. [...]

Os nivelamentos da rede de esgoto não foram bem executados, sendo assim sacrificados. A tubulação de grés, manilhas de barro poroso empregadas, provocou contaminação de muitos poços do lençol freático, pelo deflúvio através das fraturas de solo inevitáveis. Ainda não havia meios de vedar permanentemente as juntas dos encanamentos de ferro, adutores das águas de alimentação que, com o tempo, sempre minavam, até por ferrugem.

Também deixava a desejar a vedação das juntas entre as manilhas de esgoto sanitário. Os encanamentos das ruas de Curitiba passavam a poucos metros uns dos outros, água e esgoto. Misturando-se, a água subterrânea molhava-os, e o fenômeno da osmose encarrregava-se de fazer penetrar nos dutos de água limpa, ou nos poços residenciais, os vírus mortíferos. [...]

Previdente, esse engenheiro militar, com visão sanitarista, defendeu o uso do cloro na água urbana para prevenir doenças: *É de boa norma, antes de entregar ao serviço uma canalização de água potável, desinfectá-la com o contacto demorado de um forte antisséptico, sendo indicado o cloro, antigamente em forma de “Água de Javel”, já sendo possível a injeção direta daquele gás nas águas, de modo a destruir todos os elementos patogênicos e orgânicos, como grande oxidante que o cloro é. A “cloração da água” é hoje de regra o melhor meio profilático. Existem aparelhos*



Enchente de 1911. Joao Negrão com Sete de Setembro. Saneamento e drenagem eram precários.

inteligentes que se encarregam de dosar automaticamente o cloro necessário, de modo a ser obtida uma esterilização perfeita. Isto deve ser feito na proximidade do Reservatório.

Um dos fatos mais pungentes foi a morte de meninas curitubanas então internas no Colégio Sagrado Coração de Jesus. As irmãs italianas, sem noção do perigo, demoraram a avisar as famílias do surto de febre tifoide, dado como severa gripe. Só depois que foi chamado o pediatra César Pernetá, que constatou a gravidade dos casos, as crianças agonizantes deram entrada em suas casas, causando grande dor e comoção na alta sociedade.

Luiz Armando Garcez, no seu livro *Evolução Urbana de Curitiba* (UFPR, 2006), diz, com todas as letras: *Em 1918, um surto de febre tifoide apavorou Curitiba, criando um quadro de terror com, no mínimo, 2000 indivíduos acometidos do mal. A rede de esgotos foi reconhecida como fator responsável pela propagação da epidemia. A precariedade da rede dava lugar à passagem de germens para o encanamento de abastecimento de água, conforme ficou provado. Um relatório elaborado na ocasião denuncia a contaminação agravada pelas grandes chuvas que, aumentando a carga líquida dos esgotos, determinavam infiltrações na rede de água potável.*

Após 1918, diante do vexame sanitário, os serviços de saneamento, então confiados à Companhia Paulista de Melhoramentos, foram encampados pelo Governo do Estado do Paraná, que fez vultoso empréstimo em libras esterlinas para empregar em melhoramentos urbanos.

Em 1940 já havia 8.317 ligações de água – fornecendo 10 mil metros cúbicos por dia – e 7.302 ligações de esgotos. Nesse ano, foi instalada uma usina elevatória, com bombas centrífugas, e construído o reservatório da colina do Bigorrião.

Em 1948, a Companhia de Água e Esgotos inaugurou, no Alto da rua XV, hoje Praça das Nações, o belo prédio *art déco* da Caixa D'Água, símbolo, na



Obras de água e esgotos causaram epidemia de tifo.

época, de eficiência e modernidade. Os serviços melhoraram consideravelmente até que, em 23 de janeiro de 1963, o governador Ney Braga criou a Companhia de Água e Esgotos do Paraná – Agepar – pela Lei Estadual nº 4684. A denominação social viria a ser alterada para Sanepar, em 19 de junho de 1964, pela Lei Estadual 4.878.

Aquele era o tempo da revolução militar, onde as decisões tecnocráticas procuravam superar o tempo perdido.

A partir de janeiro de 1972, a Sanepar incorporou o Departamento de Água e Esgoto do Paraná, e passou a explorar os serviços dos sistemas de água e esgoto de Curitiba e de mais outros 15 municípios.

Aderiu no mesmo ano, ao Plano Nacional de Saneamento – PLANASA. Atendia pouco mais de 500 mil habitantes com sistemas de abastecimento de água. Não chegavam a 300 mil os habitantes atendidos pelos serviços de esgoto sanitário no Estado do Paraná.

A partir do dia 10 de março de 2000, a SANEPAR passou a ser uma empresa de Capital Aberto, inicialmente com registro para negociação de seus valores mobiliários na SOMA – Sociedade Operadora do Mercado de Ativos S.A.

Em maio de 2002, a SANEPAR fez o seu registro na Bolsa de Valores de São Paulo – BOVESPA.

Atualmente são atendidas pela Sanepar, com



Reservatório do Alto de São Francisco em obras. Foto de 1909.



sistemas de abastecimento de água, 634 localidades, sendo 345 cidades e 289 distritos no Estado do Paraná e um município do Estado de Santa Catarina. O total de beneficiados soma 9,5 milhões de brasileiros.

Desde 1993, a Sanepar criou na Caixa D'Água Monumento do Alto da rua XV, em Curitiba, o Eco-Museu do Saneamento. Em 1995 aquele reservatório histórico, após 47 anos de bons serviços, tornou-se Mirante turístico. Na ocasião, então prefeito de Curitiba, junto com o governador Jaime Lerner, encomendamos a Poty Lazzarotto monumental painel de azulejos para lembrar a evolução do Saneamento Básico na cidade de Curitiba.

Possui 120 metros quadrados e pode ser apreciado na perspectiva de quem sobe a rua Marechal Deodoro na saída para Piraquara. Ali o artista Poty evoca a divisão das águas do Mar Vermelho, segundo a passagem bíblica da travessia dos hebreus a pé enxuto rumo à Terra Prometida. Entre os ícones ali visíveis, índios, bandeirantes, imigrantes e uma mulher com lata d'água vão à fonte de água limpa. Um mestre pedreiro cava um poço doméstico. O chafariz histórico da Praça Zacarias abastece escravos agua-deiros, jorrando água copiosa em tom azul. A rede de encanamento traz água até o chafariz do Alto de São Francisco. Um operário da Sanepar abre o registro de uma adutora. A água vale ouro, lembra ainda o genial artista, ao retratá-la num cofre como se ouro fosse.

Esta saga do saneamento é proporcional à saúde pública e à melhoria da qualidade de vida da população. Por isso, no meu novo mandato de Prefeito de Curitiba (2017-2020) ao longo de 2017 conseguimos finalizar novo Plano Municipal de Saneamento. Documento de mais de mil páginas, elaborado por equipe multidisciplinar, coordenada pela engenheira Marilza Oliveira Dias, Secretária Municipal de Meio Ambiente. Contempla as ações necessárias para garantir água, esgotamento sanitário, coleta de resíduos, e macrodrenagem, para nossa Curitiba.

O plano foi promulgado por mim, no Paço 29 de Março, a 15 de dezembro de 2017, ao lado da vice-governadora Cida Borghetti e do presidente da Sanepar Mounir Chaouwice. Na ocasião anunciei o início de ambicioso programa municipal de despoluição do rio Belém.

Tarefa tão necessária quanto parece impossível diante da realidade perversa. Naquele mesmo dia, havia mandado limpar o rio. Na altura da Vila das Torres, campus da Pontifícia Universidade Católica do Paraná, pescamos entre centenas de entulhos indesejáveis, um grande sofá.

Com 98% da planta urbana de Curitiba já contando com coleta de esgotos sanitários, ainda persistem, informa a Sanepar, 12 mil ligações clandestinas no rio Belém. Sem necessidade, pois a área tem coleta de esgotos sanitários.

Pretendemos gerar maior consciência ecológica,

combater abusos e irregularidades, para que volte a ser puro este rio que nasce, corre, e conhece sua foz no território do município de Curitiba.

No começo do século XXI, o abastecimento integrado de água potável da Cidade de Curitiba e sua Região Metropolitana, vultoso empreendimento confiado à Sanepar, conta com duas barragens do rio Piraquara, represas nos rios Iraí, Passaúna, Miringuava e Faxinal, captação do Aquífero de Karst no rio Capivari e poços artesianos profundos na região de Campo Magro. A capacidade de produção de água na região é de 10.452 litros/segundo. O armazenamento se dá em 60 grandes reservatórios, com capacidade para 460,6 milhões de litros de água.

A Grande Curitiba, capital e Região Metropolitana, cresceu e espalhou-se no planalto berço do rio Iguaçu. Como já disse, área farta em nascentes que alimentam centenas de rios urbanos, que se somam aos rios dos municípios vizinhos: Piraquara, Iraí, Palmital, Rio Verde e Miringuava, entre tantos outros.

Por aqui, intensas chuvas localizadas sempre provocam grandes e inesperadas cheias. Na falta de células e canais eficientes de drenagem superficial, sobrevivem alagamentos. Um problema de toda a história urbana de Curitiba, que, enquanto prefeito, tentei debelar.

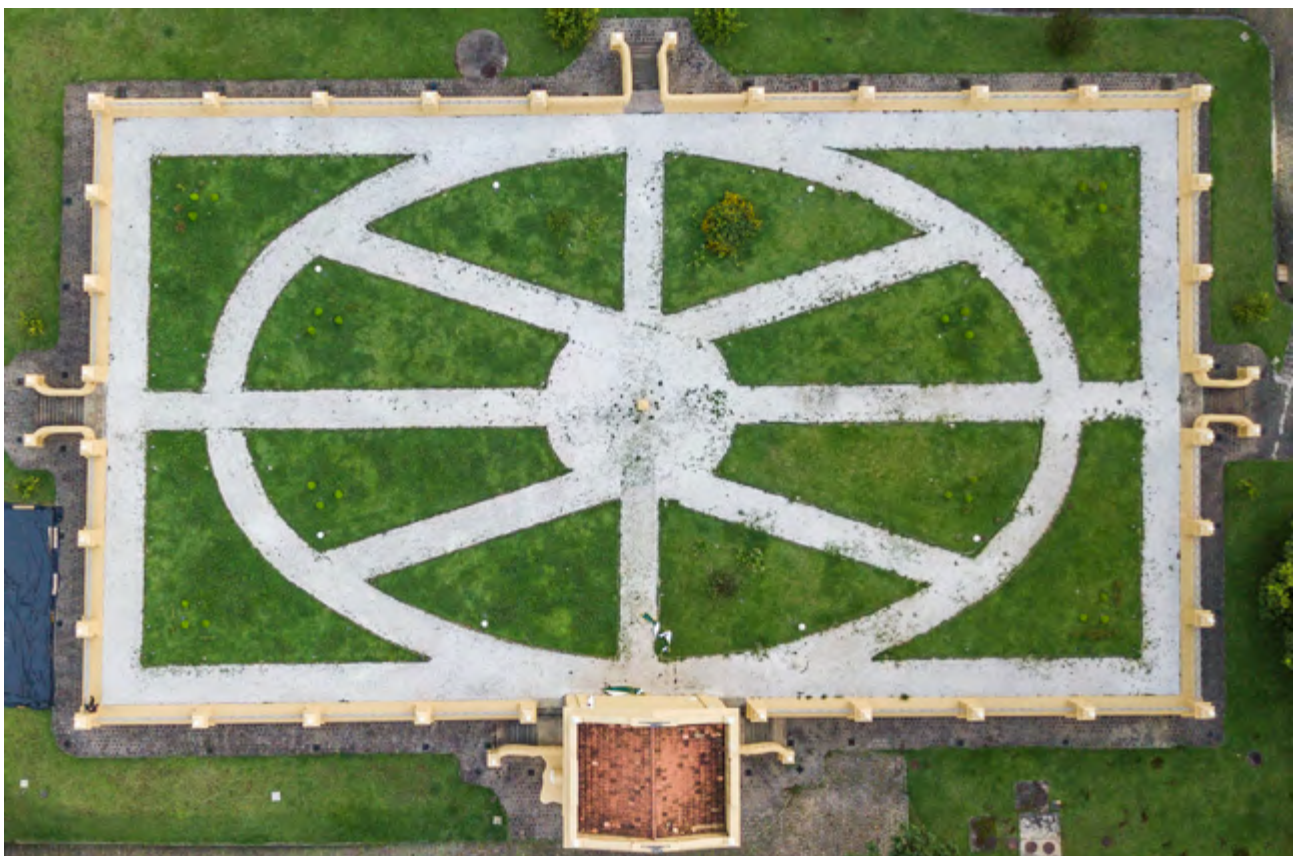
Através da nossa Prefeitura Municipal – e também com recursos financiados pela Caixa Econômica –, canalizamos o rio Ivo a partir da rua Vicente Machado, por todo o centro da cidade, até sua foz no rio Belém, numa obra histórica. Também canalizamos e contivemos encostas dos rios Juvevê, Bacacheri, Tatumã e Ribeirão dos Padilhas, e dos córregos Henry Ford, Floriano (sob a avenida Marechal Floriano, no Boqueirão), do Curtume, do Capão da Imbuia e da Vila Isabel.

No meu mandato de prefeito (1993-1996), muito apreciei a valiosa colaboração do engenheiro sênior Nicolau Klüppel, *expert* na hidrologia local e conhecedor do regime de cheias da bacia do Alto Iguaçu. O engenheiro Klüppel, a quem Curitiba muito deve, empreendeu extensa obra de canalização, saneamento, drenagem e dragagem dos rios formadores do Iguaçu, através de uma eficiente Secretaria Municipal de Saneamento.

Em quatro anos, implantamos 266 km de tubulações com manilhas de grande porte. Fizemos em quatro anos 200 novas pontes em todos os bairros de Curitiba, buscando eliminar nódulos de enchentes. Requalificamos a ponte ferroviária sobre o Ribeirão dos Padilhas, para evitar represamento da onda de cheia que afligia toda a região do Sítio Cercado. Executamos limpeza e desassoreamento de rios e canais em 265 km de extensão. Dragamos o berço do Iguaçu e seus rios formadores. Cavamos dois canais extravasores, um de cada lado do curso do Iguaçu, para contenção de cheias.



Vista do primeiro reservatória de água de Curitiba, no Alto de São Francisco.



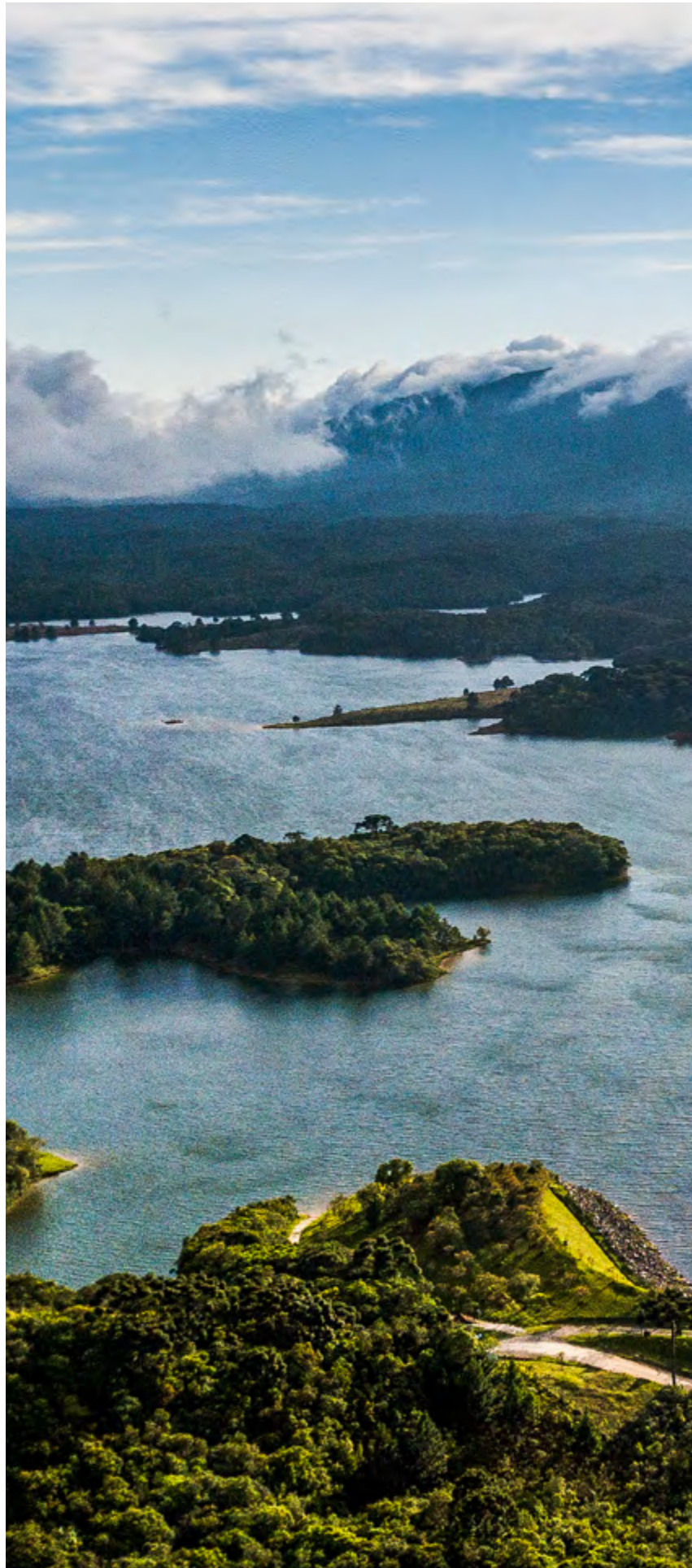
Vista aérea do primeiro reservatória de água de Curitiba, no Alto de São Francisco.



Caixa d'água *art-déco* da Sanepar do alto da rua XV ao pôr do sol sobre Curitiba.



Caixa d'água da Sanepar no Bigorrião, e vista do Batel e setor estrutural de Curitiba.



Vista aérea da represa da Sanepar de Piraquara- PR.





CURITIBA, SEDE DA ITAIPU BINACIONAL

Curitiba é também a sede brasileira da empresa binacional Itaipu, operadora da colossal Usina Hidrelétrica de Itaipu localizada no rio Paraná, na fronteira oeste do Brasil com o Paraguai. A barragem, construída pelos dois países, leva o nome da ilha dela vizinha, chamada Itaipu. No linguajar tupi guarani o termo significa “pedra na qual a água faz barulho”, junção dos termos itá (pedra), i (água) e pu (barulho).

No acervo da empresa Itaipu Binacional é destaque colossal óleo sobre tela do pintor norueguês Alfredo Andersen (1860-1935), pai da pintura paranaense, revelando a embocadura das Sete Quedas do Rio Paraná.

Pintado em 1904, quando Andersen fixou cavalete e paleta em uma de várias canoas amarradas entre si, para, pairando no caudal, conseguir retratar os vapores das sete formidáveis quedas sobre o paredão de negro basalto pré-diluviano.

A tela mede 3,2 metros de comprimento, reveladora da grande beleza daquela que já foi uma das maiores cachoeiras do mundo.

Andersen trabalhou com cores, texturas e contrastes ousados para sua época, ansioso em bem retratar a impressionante paisagem. A expedição que durou mais de trinta dias, em lombo de burro, custou a saúde ao norueguês, que chegou a contrair malária no sertão do rio Paraná.

O quadro foi logo adquirido pelo então presidente da Província do Paraná, Vicente Machado, em 1905.

A Itaipu Binacional, operadora da usina, é a líder mundial em produção de energia limpa e renovável, tendo produzido mais de 2,5 bilhões de megawatts-hora (MWh) desde o início de sua operação.

Rivaliza com a hidrelétrica das 3 Gargantas na China. Em termos de recorde anual de produção de energia, a usina de Itaipu ocupa o primeiro lugar ao superar seu próprio recorde que era de 98,6 milhões de MWh. Em 2016, a usina de Itaipu Binacional realizou feito histórico ao produzir, em um único ano calendário, mais de 100 milhões de MWh de energia limpa e renovável. No total, em 2016, foram produzidos 103.098.366 MWh de energia.

(abaixo) Obra de Alfredo Andersen - Sete Quedas. - Hoje peça do acervo da Binacional, na sede da rua Comendador Araújo em Curitiba.



O seu lago reservatório possui uma área de 1.350 km², indo de Foz do Iguaçu, no Brasil e Ciudad del Este, no Paraguai, até Guairá e Salto del Guairá, 150 km ao norte.

Seu colossal vertedouro fica a 15 km ao norte da

Ponte da Amizade, ligação rodoviária entre o Brasil e o Paraguai. O complexo hidrelétrico somado com as Três Fronteiras e o Parque Nacional do Iguaçu completam atrativos desta região do Brasil, patrimônio do Paraná e da Humanidade.



Vista do vertedouro da Usina Binacional de Itaipu - Foz do Iguaçu - PR. Foto de Alexandre Marchetti/Itaipu Binacional.



Vista da Usina Binacional de Itaipu - Foz do Iguaçu - PR. Foto de Alexandre Marchetti/Itaipu Binacional.

CEMITÉRIOS DE CURITIBA



Glorieta aos mortos de 1894. Desenho a bico de pena. Ilustração do livro de Clarice Grassi com o monumento votivo demolido em 1955.



Cemitério Municipal São Francisco de Paula.

A existência de tantos rios, em solo tão úmido, desde sempre foi e ainda é problema para a localização de cemitérios. Lençóis freáticos à flor do solo quase sempre impedem sepultamentos. Na sequência, a memória da implantação dos cemitérios de Curitiba.

O uso arcaico de toda a cristandade preconizava sepultar os fiéis defuntos – se abonados, ou engajados em Irmandades Religiosas – dentro das Igrejas. Se não tinham onde cair mortos, os pobres eram lançados em covas rasas, fossas sanitárias abertas às portas da cidade, ou, no caso de Curitiba, no adro dos templos.

O livro de assentos – Tombo da Catedral de Curitiba, aberto desde 1654 – reporta que o primeiro defunto sepultado em Curitiba, no recinto da antiga Matriz de taipa de pilão, foi o *inocente Friglônio*. O pequeno curitibano nasceu em 1727 e faleceu aos 4 anos de idade, sepultado, conforme o costume da época, vestido de “anjinho”, com as vestes sugerindo a gloriosa indumentária do Arcanjo São Miguel.

Outro manuscrito precioso, conservado no arquivo da Câmara Municipal, refere ideia civilizadora preconizada pelos ministros de Napoleão Bonaparte, de começar a sepultar os defuntos, preferencialmente, fora das cidades e igrejas. O objetivo era livrar as pessoas do contágio provocado pelo ar impregnado de miasmas fétidos das criptas dos templos.

O ritual previa guardar os corpos sete dias, num catre (ou capela) chamado *necroterium*, onde esperava-se o tempo do rompimento do fígado, com a liberação do fel – esotericamente, símbolo da libertação da alma da sua condição mortal. Nesse dia, pedia a tradição, dava-se a encomendação e o sufrágio. Vem daí o costume, ainda celebrado, da Missa de Sétimo Dia. Eu menino ainda lembro que a Catedral guardava, numa tribuna do coro, um caixão de defunto, usado como cenografia para a encomendação dos mortos em suas exéquias simbólicas pelo sétimo dia de falecimento. Na década de 1950/1960, o caixão, felizmente vazio, coberto por uma manta de brocado preto bordado em prata, tornava eloquente o ritual de aspersão do “corpo simbólico”. Nós, coroinhas, divertíamos-nos em apostas sobre a coragem dos piás em se deitarem dentro do esquife. Descobertos, éramos severamente reprimidos pelo sacristão Felício Vieira ou pelo mestre sineiro Arsênio Misker. “Com a morte, indesejadas das gentes, não se brinca”.

Diz registro da Câmara Municipal de Curitiba que o vereador fiscal Miguel Marques dos Santos, diante de uma nova epidemia de varíola, pediu ao Comandante de Ordenanças que procedesse à vacinação da população. E diz mais: é necessária a construção de um *cemitério*, a fim de se não enterrarem corpos nos templos da Vila, para se evitarem os males que disto resultam [...] E que se convidasse ao reverendo Vigário para na seguinte sessão vir tratar deste objecto. Assim consta na ata de 12 de setembro de 1829.





Túmulo da família Joseph Hauer Sênior. Foto Henry Mille.

Ponto para povo e autoridades curitibanas de tempos tão remotos. No Rio de Janeiro, um século depois, haveria a “Revolta da Vacina”, as pessoas se insurgindo contra a prevenção da varíola. Li, na *Gazeta de Notícias* de 14 de novembro de 1904: *Tiros, brigas, engarrafamento de trânsito, comércio fechado, transporte público assaltado e queimado, lampiões quebrados às pedradas, destruição de fachadas dos edifícios públicos e privados, árvores derrubadas: o povo do Rio de Janeiro se revolta contra o projeto de vacinação obrigatório proposto pelo sanitarista Oswaldo Cruz.*

Pesquisa curitibana de Clarissa Grassi, apresentada no seu livro *Guia de Visitação ao Cemitério Municipal São Francisco de Paula – Arte e Memória no Espaço Urbano*, publicado em Curitiba, edição da autora em 2014, assegura que não foi a primeira vez. [...] *É provável que a discussão da necessidade de um cemitério extramuros não tenha vindo antes à tona em função de Curitiba já contar, desde 1815, com o cemitério Sítio da Boca do Mato, situado a cerca de meia légua a leste de Curitiba e que teria sido aberto por ocasião de uma epidemia de varíola que assolou a vila. Segundo anotações do Livro do Tombo da Matriz, o padre José Barbosa Brito, responsável pela benção do campo santo em 1º de julho de 1815, referiu-se ao local como “cemitério dos bexiguentos”. Esse cemitério da Boca do Mato (“Cajuru”, em tupi) é o local do*

Colégio, Convento e Pronto-Socorro do antigo bairro da Borda do Cajuru, batizado em 1975 de *bairro do Cristo Rei*.

E não foi mesmo a primeira vez. Uma ata da Câmara Municipal, datada de 1790, localizada por Gehad Hajar, refere três outros sítios, de uso público, para sepultamentos longe de Curitiba: o local chamado de “Descoberto da Conceição” (Almirante Tamandaré ou Conceição do Mato Dentro), “Ribeira de Nossa Senhora do Amparo” (Rio Branco do Sul tem esta Virgem por padroeira) e o “Arraial Queimado” (Bocaiúva do Sul).

A nossa Câmara Municipal atesta ter tomado conhecimento de Carta Régia de 1801 proibindo covas rasas, por motivos higiênicos, para evitar ventos pestilentos sobre os termos das vilas do Reino.

Continua Clarice Grassi: *Com a emancipação do Paraná, em 1853, o presidente da Província, Zacarias de Góes e Vasconcellos, logo questionou a Municipalidade sobre a situação dos cemitérios. Diante da persistência da prática de enterros cristãos em carneiras sob o assoalho das igrejas do Rosário, da Ordem Terceira de São Francisco e na Matriz de Nossa Senhora da Luz, o presidente nomeou o cidadão Benedito Enéas de Paula, em junho de 1854, para que ficasse encarregado da obra de construção de um novo cemitério público no terreno do padre Agostinho Machado de Lima, que teria feito a doação da área. Assim, em 1º*



Cemitério Municipal São Francisco de Paula, Curitiba.

de dezembro de 1854, Zacarias de Góes e Vasconcellos inaugurou o Cemitério Municipal.

Os primeiros enterros deram-se já em 1855. As obras inacabadas duraram até 1866. O *Relatório do Presidente da Província Pádua Fleury*, então governador do Paraná, indica que o Cemitério foi abençoado pelo Vigário Agostinho Machado no *Dia de Todos os Santos*, 1º de novembro de 1865. Mas o *Livro do Tombo da Catedral* assegura que a liturgia deu-se em *Finados*, 2 de novembro.

Quando prefeito de Curitiba, promovi restauração e requalificação dos Portais, Capelas Mortuárias e Serviços Funerários dos três Cemitérios Municipais da capital. No IPPUC, pessoalmente, orientei e corrigi os projetos dos arquitetos Fernando Popp e Mauro Magnabosco. Margarita e eu escolhemos pessoalmente os poemas a serem afixados em painéis de azulejos nas capelas mortuárias, forma de consolação para os enlutados que ali haveriam de prantear seus mortos. Lembro-me da ternura e doce humanidade de minha amada Margarita, cada vez que líamos cada um dos textos elegidos. De todos, o mais comovente foi escrito por sua professora de literatura, a poetisa curitibana Carmem Carneiro:

*Quando meu barco ancorar no Porto,
Por favor, não chorem, não lamentem.
Lembrem-se que não estou só
Que o cais está repleto
Das muitas naves que partiram antes.*

*Lembrem-se que mãos amigas
Ajudaram a retirar as velas
E vento não mais açoitará a barca.
Só a brisa mansa ondulará as águas
Num embalo doce para adormecer as vagas...*

*Lembrem-se que o Navegante
Foi dispensado do trabalho insano
E pode agora repousar tranquilo.
Não mais vigílias nem pesar profundo
Não mais receios da escuridão da noite.*

Nosso Cemitério Municipal São Francisco de Paula, onde repousam tantos, tão queridos, que foram grandes e foram nossos, é também expressão da Luz dos Pinhais de Curitiba.

O artista italiano Franco Giglio criou o Portal da Eternidade, reproduzindo a crença na acolhida do Padre Eterno, à luminosa sombra de Suas asas, conforme o salmo 91: *ub umbra alarum Suarum*. O belo trabalho artístico é arrematado também por um poema estelar e redentor de Fagundes Varela. Até 1955, no local em que sepultaram as vítimas, cruelmente executadas, da Revolução Federalista de 1894, existiu ali uma magnífica capela com abóboda, glorieta expressiva erguida por Julião Becker entre 1897 e 1898.

O oratório foi o modo como a cidade, traumatizada pelo desfecho do confronto entre *picapaus e maragatos*, elegeu prantear suas vítimas, em sua maioria, executadas no próprio cemitério, fuziladas pelas tropas florianistas à beira de imensa cova.

O espaço é hoje um jardim silencioso, que já teve uma cruz de mármore, com supedâneo de granito ornamentada pela palavra “Paz” em letras de bronze. Foi vandalizada. Já não existe. É a lição dos cemitérios. A impermanência das coisas.

Testemunho oral do curitibano Renato Emílio Coimbra (1926-2010) conta como surgiu o Cemitério Luterano de Curitiba: *No dia 21 de agosto de 1856, em pleno rigor do inverno, faleceu meu avô materno, o colono alemão Johann Friedrich Prohmann, natural de Hanover; morador de uma aprazível chácara na colina das Mercês. Minha família, de confissão luterana, dirigiu-se em cortejo ao Cemitério Municipal São Francisco de Paula, para o enterro. Lá chegados, depararam com o padre católico, paramentado de negro e prata, a Cruz de São Miguel e Almas pronta para a liturgia de encomendação. Eram luteranos, não aceitaram as exéquias do ritual católico romano. Ao saber que a família era protestante, o vigário propôs que abraçassem a Fé papista. Diante da negativa veemente de todos, propôs com candura que o enterrassem fora dos muros.*

Os alemães, indignados, fizeram meia-volta com o féretro e levaram meu defunto avô de novo para sua casa. Após mais uma noite de velório, o frio curitibano colaborando com a integridade do corpo sem vida, a 22 de agosto, escolheram uma colina, no nascente, a leste do quadro urbano, onde o sepultaram, entre palmeiras e aroeiras. O túmulo solitário cercado de manacás. A notícia correu a cidade. O alemão foi enterrado fora do cemitério, como se desalmado fôsse!, diziam. Ao saber do ocorrido, o respeitado farmacêutico Augusto Stellfeld compareceu à Câmara Municipal para defender desapropriação da área em torno do túmulo, para doação à Comunidade Evangélica Luterana. Surgiu assim o Cemitério Protestante, na travessa Martinho Lutero.



Curitiba tem outros cemitérios, os das colônias de imigrantes estabelecidas no seu antigo cinturão verde, sendo os mais famosos os da Água Verde, Abranches, Santa Felicidade, Santa Cândida, Boqueirão e São Pedro de Umbará. As mil famílias israelitas fizeram seus dois primeiros cemitérios na Água Verde e em Santa Cândida.

Em Umbará, no ano de 1995, quando prefeito de Curitiba, estimei parceria público-privada para viabilizar um novo e amplo cemitério, ao qual agre-

guei 15 mil jazigos populares, e mais um campo santo para israelitas, respeitando o preceito da Lei de Moisés de sepultar apenas um defunto por jazigo.

Também criei um cemitério islâmico no bairro do Mossunguê, para que pudessem sepultar seus mortos conforme as disposições rituais do Alcorão. Chamei-o *Jardim de Alá*.



Cemitério Municipal do Boqueirão.



Cemitério Municipal do Água Verde.



Cemitério São Francisco de Paula.

URBANISMO CURITIBANO



Modelo de lampião colocado pelo Doutor Pedrosa.

O tecido urbano de Curitiba é tramado ao longo de três séculos, nem sempre por acaso. Sua malha viária, em grande parte em ângulo reto, é fruto de definições dos governantes, felizmente em grande parte acertadas. Houve sombras, névoas de incerteza, mas prevaleceu a Luz dos Pinhais.

Uma cidade só presta para ser visitada – só serve como modelo – se for boa para seus habitantes. Uma cidade melhora quando a inovação é forte não só na tecnologia ou no mercado, mas no campo da justiça social. O traçado de Curitiba, desde os primeiros tempos, sempre primou pela ordenação urbana.

Em 1721, os Provimientos do Ouvidor Pardinho definem o perímetro do *Rossio da Vila*, o correto arruamento, as medidas da praça da Matriz e a localização da igreja, assim como impedem o abandono de casas e terrenos baldios – *porque nestes sítios se fazem a Deus e a El Rey os mores desaforos*. Avançam em posturas urbanas de alinhamento do casario, ocupação do solo, concessão de alvarás para novas edificações, limpeza de



Mapa de 1857 revela os dois cemitérios e o arruamento de apenas 20 quarteirões.





Vista de Curitiba em 1888, da colina do Cemitério municipal. Aquarela de Hubenthal.

córregos e rios e conservação de pontes e caminhos. Eram regras baseadas nas Ordenações Régias – Ordenações Filipinas, inspiradas na organização dos municípios desde o antigo Direito Romano.

Em 1818, a população de Curitiba somava 11.014 habitantes, sendo 9.427 indivíduos livres (6.140 brancos, 3.036 mulatos e 251 negros) e 1.587 escravos, sendo 544 mulatos e 1.043 negros. Já havia a tendência de as pessoas gradas, de nível social mais elevado, viverem próximas umas das outras nas chamadas ruas nobres, onde estavam os palacetes, os solares e as “casas de família”.

Havia uma norma legislativa em 1831, baixada pela Câmara, que *proibia erigir choupanas ou casas com paredes de menos de 18 palmos de altura nas principais ruas de Curitiba*, criando um primeiro “Código de Zoneamento”, surpreendentemente eficaz em sua simplicidade: o binômio *ruas principais e sistemas construtivos* deveria encarregar-se de selecionar a vizinhança, afastando os *indesejáveis* para a periferia da cidade, ou o *Rossio* – hoje grafado como “Rocio”, “o lugar onde começava o orvalho”.

Os movimentos intraurbanos modernos, refletindo o mercado imobiliário, também afastaram os mais pobres do centro, o qual passou a ser área comercial. Abrigou lojas, bancos, escritórios, consultórios, ateliês, estúdios e toda sorte de prestadores de serviços, comenta o urbanista Luiz Armando Garcez, no seu

livro de 2006, *Curitiba, Evolução Urbana* (Editora UFPR).

O curioso foi que encontrei sua viúva, por acaso, em 2007, na frente do Edifício Garcez. Ela, de mudança definitiva para o Rio, exultou em me ver: Rafael, você conhece o livro do Garcez sobre Urbanismo de Curitiba? Tenho ainda uma dezena de caixas com exemplares do “Curitiba, Evolução Urbana”. Gostaria de presentear-las a você, para que distribua nas bibliotecas, nos Faróis do Saber, entre a mocidade estudiosa do IPPUC, dos cursos de engenharia e arquitetura e urbanismo. Esse livro é precioso para a compreensão da nossa urbanização.

Zacarias de Góes e Vasconcellos, assim que chegou a Curitiba, determinou melhorias urbanas. Entre elas a criação de um cemitério municipal católico, a meia encosta, para encerrar os enterros dentro das igrejas, dentro das normas de higiene moderna contra pestes defendidas no Código Napoleônico. Romário Martins referiu que as reformas urbanas daquela época foram propostas pelo naturalista e engenheiro francês Pierre Louis Taulois – então Inspetor de Terras e Medições.

Quando da criação da Província do Paraná, em 1853, Curitiba só tinha três lampiões a óleo de peixe. Um na parede da Casa de Câmara e Cadeia, dois no

portal do Palácio. Zacarias de Góes e Vasconcellos logo encomendou mais 20 lâmpadas-luminárias.

O primeiro mapa de Curitiba que se conhece é datado de 1857. Nele aparecem as treze principais ruas da Cidade, destacando-se a ponte sobre o rio Ivo, na rua da Entrada, e os dois cemitérios nas colinas, o Cemitério Municipal de São Francisco de Paula e o Cemitério Alemão da comunidade luterana. Os meandros do rio Belém definem a área alagadiça do atual Passeio Público, então charcos do engenho Bittencourt. Há menção à Estrada da Marinha, sobre o arruamento que dava acesso aos caminhos da Graciosa e do Itupava, mais ou menos atual avenida João Gualberto. Há menção também a um Caminho Novo, no acesso aos campos do poente, e à rua da Entrada, com o Caminho de Castro ou do Mato Grosso, em direção ao poente.

O jornal *Dezenove de Dezembro*, em agosto de 1858, na sua edição nº 39, refere que o engenheiro Frederico Hégreville estava autorizado a pôr em prática um projeto de expansão urbana para a capital do Paraná, desde que não fossem alterados os terrenos dos edifícios públicos e as praças da Matriz e do Quartel.

Curitiba era sempre muito escura. Luminárias só em dia de festa cívica ou religiosa. Fato que se verificou também na noite em que se comemorou a volta dos Voluntários da Pátria da Guerra do Paraguai: [...] No dia 21 de julho de 1870, às 3 horas da tarde, chegaram a esta capital os esperados Voluntários da Província. Entretanto, contava-se, segundo havia sido noticiado, que tivesse o Paraná a satisfação de ver de volta à terra natal, 63 praças e 3 oficiais, quando apenas vieram 6 oficiais e 37 soldados. [...] Às 5 horas, no hotel de Mma. Constance, foi-lhes oferecida uma sumtuosa refeição, servida pela Comissão Encarregada dos Festejos. À noite iluminou-se toda a cidade; e da frente do pavilhão armado ao lado da Igreja Matriz assistiram ao improviso de eloquentes discursos e à recitação de belas poesias.

No dia seguinte, 22, na Igreja Matriz, celebrou-se um solene *Te Deum* em ação de graças pelo regresso dos bravos paranaenses, com a assistência de todo o mundo oficial e numerosos concursos de povo. O reverendo vigário Agostinho Machado Lima, antes de dar início à solenidade, pronunciou uma brilhante alocução.

Findo o *Te Deum*, foram acompanhados até o Hotel, e aí tomaram parte de um “lunch” oferecido pela Comissão às senhoras e virgens. À noite, novamente, a cidade iluminou-se e no pavilhão e varandas recitaram-se novas poesias e discursos.

“[...] **Contando apenas com 87.491 habitantes, o contingente de soldados fornecido pelo**

Paraná não foi pequeno. Até o fim do primeiro ano de guerra, contribuiu com 1.239 soldados, sendo 517 Voluntários da Pátria, 416 Guardas Nacionais, 221 Soldados de Linha e 85 Recrutadas”. Este o relato do historiador Davi Carneiro em livro de 1940 – *O Paraná na Guerra do Paraguai*, edição de Dicesar Plaisant, da empresa Gráfica Paranaense, com capa de Guido Viaro.

Em 1863, a rua das Flores já se definia pelo alinhamento de 40 edificações, além de 18 casas ou palacetes em construção. A praça da Matriz, campo verde da Igreja, tinha 43 casas e o sobrado da Câmara e Cadeia. Nas ruas atrás da Matriz, contavam-se outras 63 casas. Curitiba crescia, mas ainda era acanhada e muito escura.

Finalmente, a 5 de abril de 1874, por obra do vereador Doutor Pedrosa, foi inaugurada a iluminação pública a querosene, com 100 lâmpadas. Nesse ano, também foi inaugurado o Mercado Público de Curitiba, no antigo terreiro do Pelourinho, hoje praça Generoso Marques. O historiador Ermelino de Leão, no seu *Dicionário Histórico*, relata aquela primeira noite iluminada: *Defronte à antiga Câmara Municipal, na atual Praça Tiradentes, foram erguidos três coretos e dois arcos de folhagens profusamente iluminados a lanternas. Três bandas de música: a da Polícia, a dos Artistas Pedreiros e a da Sociedade 25 de Março, se fizeram ouvir:*

O doutor Frederico Abranches, presidente da Província do Paraná, declarou inaugurada a iluminação pública, dando os vivas de estilo à Sua Majestade Imperial, felizmente reinante, à Constituição e à Câmara Municipal. Ao som das bandas musicais e ao estrupido dos foguetes, foram acesos os combustores da Praça da Matriz, orando em seguida o distinto e saudoso paranaense Doutor João José Pedrosa, presidente da Câmara, a quem se devia o melhoramento. Em seguida, as damas e os cavaleiros presentes improvisaram um baile ao ar livre, que correu animado. Desde então, nossa Curitiba passou a contar com a poética figura do acendedor de lâmpadas.

O historiador, urbanista e arquiteto Irã Dudeque, no seu livro *Cidade sem Véus. Doenças, Poder e Desenho Urbano*, apresenta uma planta do quadro urbano de Curitiba em 1875, ainda acanhada entre os vales dos rios Ivo e Belém. A sudoeste, a cidade começava num descampado que dava origem a duas quadras da rua Leitner. A sudeste, pela rua da Entrada, o Beco do Alecrim, antigo nome da atual travessa Oliveira Bello. Sucediam-se a rua do Comércio (atual Marechal Deodoro) e a rua das Flores; daí a rua Alegre (hoje Cândido de Leão), o Largo da Matriz, a praça do Mercado e o Beco do Inferno (depois Traves-





Vereador doutor João José Pedrosa (1844-1882).

sa Marumby, depois Tobias de Macedo).

Nas extremidades, de um lado do Largo da Matriz a rua Nova (hoje Doutor Muricy), e do outro lado o Caminho da Carioca (atual Riachuelo). Atrás da igreja principal, a rua Fechada (atual José Bonifácio), e paralela a ela a rua do Rosário, cortada

pela rua do Tesouro (hoje Saldanha Marinho) e pelo beco Botiatuvinha (rua Nestor de Castro).

A rua defronte à Igreja da Ordem chamava-se rua do Fogo (atual São Francisco). A atual Barão do Serro Azul era rua do Nogueira, cortada pela rua Direita (atual Treze de Maio) e a rua do Saldanha (depois do Serrito, hoje Carlos Cavalcanti). Começava naquela época a saga da pavimentação e revestimento das nossas ruas.

A primeira pedreira da cidade foi no Alto de São Francisco. Depois, a exploração de jazidas de granito e mármore foi seguindo para o norte, Bom Retiro e Pilarzinho, Mercês, Vista Alegre, Santa Felicidade, Santa Cândida e Colombo. Há também pedreiras na base do maciço da Serra do Mar, junto ao morro do Anhangava e morros vizinhos, na chamada Borda do Campo de Curitiba, nos atuais municípios de Quatro Barras, Piraquara e São José dos Pinhais.

A malha viária da cidade de Curitiba, com 4 mil km de ruas, compõe-se de caminhos revestidos primariamente com saibro ou pavimentados com maticões coloniais (trecho da rua Mateus Leme e São Francisco), blocos de granito talhados na forma de paralelepípedos (ruas tradicionais) ou cobertas de pavimentação asfáltica contemporânea.

As calçadas de Curitiba são de maticões coloniais (na rua de São Francisco, começo da Mateus Leme e vielas do Cemitério Municipal São Francisco de Paula), louzinhas de granito preto e branco, *petit pavês* (ou pedras portuguesas) de mármore branco, diabásio negro e basalto negro e vermelho. Modernamente, há outros pisos artificiais de menor qualidade e durabilidade.

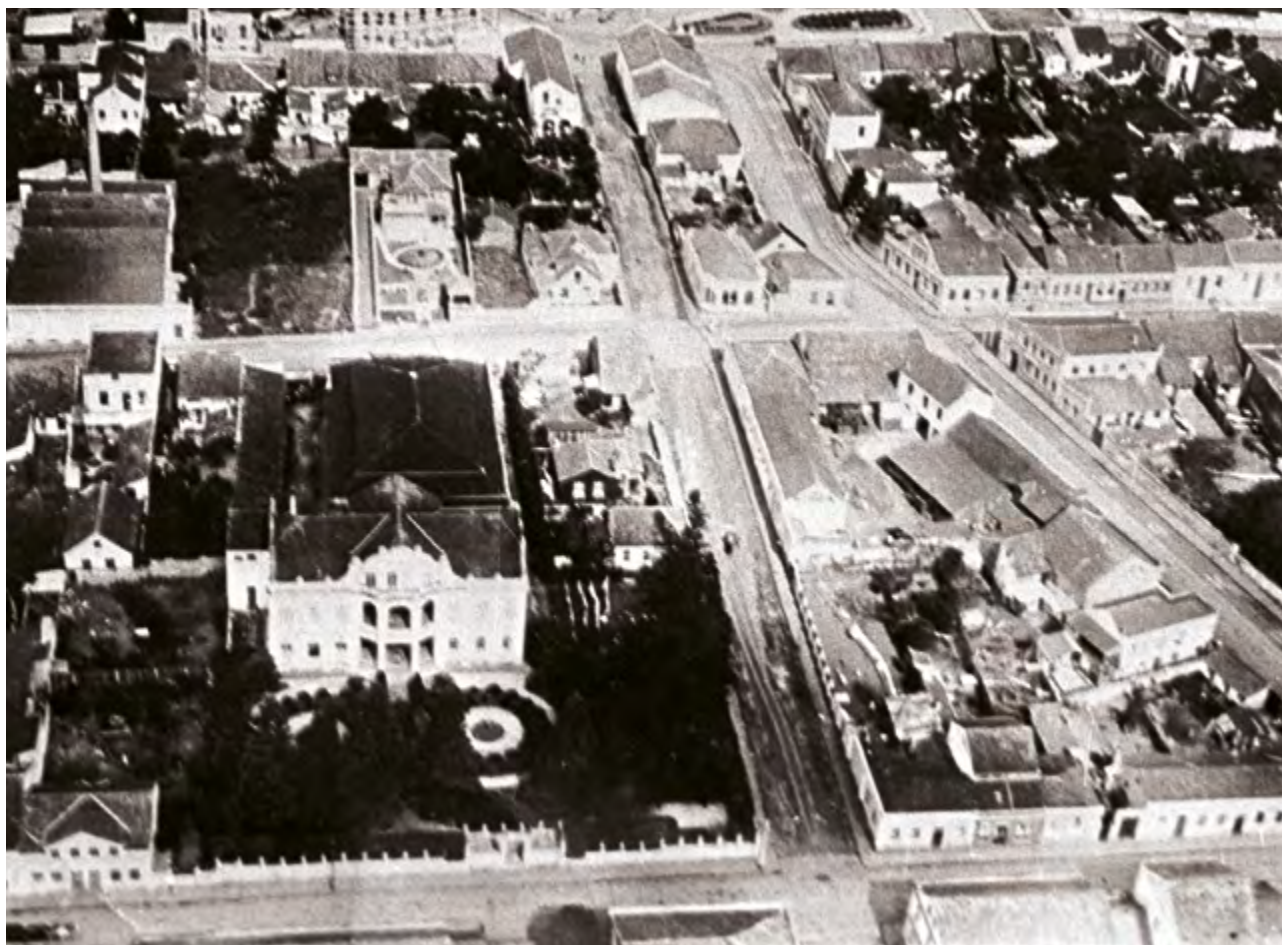


Foto aérea de 1920 revela o casco urbano do Alto de São Francisco conservado como era já em 1875, quando foi erguido o Clube Concórdia.

O MUSEU E A BIBLIOTECA DO PARANÁ

O Museu Paranaense foi criado em 1876, pelo desembargador Agostinho Ermelino de Leão (1834-1901) e pelo médico doutor Cândido da Silva Muricy (1827-1879), como instituição particular, num casarão na atual praça Zacarias, então Largo da Ponte do Ivo (ou do Chafariz). A intenção dos fundadores era dotar o Museu de Sociedade e “Jardim de Aclimação” – o nome da época para Jardim Botânico e seu centro de estudos.

O povo logo chamou-o de *Museu da Capital*. A primeira exposição reuniu perto de 600 peças, entre artefatos indígenas, moedas antigas, rochas, borboletas e insetos. Em 1882, o Museu foi encampado pela Província do Paraná. O governo passou a pagar despesas, entre elas o salário do primeiro zelador, André Lobo dos Santos.

Em 1880, mereceu visita do imperador Dom Pedro II e da imperatriz Teresa Cristina e sua Corte, em viagem pelo Paraná. Os salões do Museu também foram palco do baile de gala na noite anterior à partida dos monarcas.

Em 1894, o Museu Paranaense foi saqueado por Gumercindo Saraiwa e sua tropa. O próprio Ermelino de Leão, conforme se lê no *Diário do Comércio*, solicitou ao chefe maragato, em reparação, a doação do seu sabre, espada e chapéu como compensação ao Museu.

As atividades do Museu Paranaense eram intensas e as mais varia-



Primeira sede do Museu Paranaense. Desenho de R. Doubek





Salas de exposições da segunda sede do Museu Paranaense (1900-1913).

das, abrindo leques de oportunidades na pequena Curitiba. Ali, ocorriam aulas práticas com o professor de história natural do Atheneo Paranaense, solenidades literárias e de premiações, organização das participações do Paraná em eventos nacionais e internacionais, especialmente exposições na área agrícola, e até mutirões de distribuição de sementes para colonos. Era palco também de mostras de móveis em imbuia e pinho, eventos cívicos e políticos, sessões eleitorais, leilões, loterias, rifas, exposições industriais, apresentações de bandas militares e orquestras, sessões fúnebres de panegírico de personalidades do Paraná e do Império, festas beneficentes, quermesses e inúmeros bailes.

A Biblioteca Pública do Paraná funcionou junto ao Museu Paranaense, a partir de 1886. Só alcançaria sua sede própria em 1954, depois do Centenário do Paraná, no governo Bento Munhoz da Rocha Netto.

A primeira Biblioteca Pública de Curitiba foi criada em 1857, mas inaugurada oficialmente em 1859. Ocupava uma pequena sala do Liceu Curitibaano, único estabelecimento de ensino secundário da cidade. Fechou suas portas quando a Tesouraria da Província ocupou o prédio. Voltou a funcionar para o povo apenas em 1886, quando foi transferida para o

prédio do Museu Paranaense, pelo Visconde de Taunay. Antes dele, tinha 564 livros. Passou a ter 3.300.

O governador do Paraná, autor da *Retirada da Laguna*, era civilizador. A Biblioteca Pública chegou a ocupar o primeiro andar do Theatro Guayra, foi transferida para o Paço Municipal, quando, finalmente, em 1954, ganhou sede própria. Os livros mais antigos estão reunidos na importante sessão de Documentação Paranaense. Quando Bento Munhoz da Rocha e Newton Carneiro abriram a Biblioteca Pública do Paraná, em 1954, ela já contava com 400 mil livros, 2 mil discos e 800 filmes.

As coleções de História Natural do Museu Paranaense foram separadas do acervo histórico quando da criação do Museu do Capão da Imbuia, hoje muito celebrado nos meios científicos nacionais e internacionais, como referência em Zoologia. Também no Museu Paranaense teve origem o Museu Botânico Municipal, atualmente no pavilhão do Lago, no Jardim Botânico de Curitiba.

Os animais vivos que chegaram a ser recolhidos ao Museu foram enviados ao Passeio Público por Ermelino de Leão, conforme noticiou o *Correio Municipal*, em 1895. Hoje, a grande exposição do Museu Paranaense compreende as coleções de Antropologia,



Vista da alameda Doutor Muricy, em direção à praça Garibaldi. À esquerda o antigo Theatro São Theodoro, depois Teatro Guayra.

Arqueologia e História.

O Museu Paranaense ficou na praça Zacarias por 25 anos. Começou então uma longa diáspora: mudou-se para rua Doutor Muricy, em seguida para a rua São Francisco, depois para o casarão de Manoel de Macedo na avenida Batel e por fim para a rua Treze de Maio. Em 1973, por decisão conjunta do governo do Paraná com o IPHAN e a Prefeitura de Curitiba, o Museu Paranaense foi instalado no Paço Municipal da praça Generoso Marques, onde ficou até 2002. No ano seguinte, foi transferido para o Palácio São Francisco – residência Júlio Garmatter em 1920. O Governo do Paraná dotou-o de reserva técnica e moderno anexo. Na atual sede própria e definitiva, na rua Doutor Kellers, o Museu Paranaense incorporou o que restou do extinto Museu David Carneiro.

Destaque para o diretor Oldemar Blasi, de saudosa memória. Arqueólogo, nascido em Ponta Grossa em 1920, viveu em Curitiba até falecer, em 2013. Dirigiu o Museu por 16 anos. Levantou vários sítios arqueológicos do Paraná: o Sambaqui do Macedo, a Vila Rica del Espiritu Santu (em Fênix), a redução jesuítica de Santo Inácio Mini e a aldeia indígena do rio Iapó. Teve a delicadeza de,

um dia, colocar em minhas mãos exemplar manuscrito do jornal literário *A Flor do Porto*, que meu bisavô Comendador Macedo editava no Clube de Leitura do Porto de Cima.



Biblioteca Pública do Paraná. Foto Nani Góis.





LUZES AO RAIAR DO SÉCULO XX



Bonde de mulas, 1895. Acervo Casa da Memória.

Mas a grande transformação de Curitiba no século XIX dar-se-ia com o advento da Estrada de Ferro Curitiba-Paranaguá (1880-1885).

Em 1882, a Câmara Municipal mandou abrir a rua que deveria levar ao largo da futura estação, partindo da rua Leitner (que depois seria rua da Liberdade, passando para Barão do Rio Branco). Para tanto, foram chamados os engenheiros Ferrucci e Cuniberti (este, autor do primeiro projeto da Estação Ferroviária). Era ideia de ambos duas monumentais praças onde então ficava o potreiro do Conselho. Infelizmente só foi feita a praça Eufrásio Correia.

Precioso documento do estágio de urbanização de Curitiba nos idos de 1880 é a foto tirada da colina a cavaleiro da chácara de Nhá Laura Macedo (hoje Colégio Estadual do Paraná). Daguerreótipo produzido por Adolpho Volk revela em primeiro plano o casarão-sede da chácara, o Engenho Bittencourt e os banhados onde seria traçado o Passeio Público.

Na noite de 19 de dezembro de 1886, foi exibida em Curitiba a primeira lâmpada elétrica, como sinal de modernidade e progresso, alumando o Passeio Público, seu clarão refletido nos meandros do rio Belém, enquanto o povo eufórico dava vivas ao progresso.

A 8 de novembro de 1887, começou a funcionar a primeira linha de transporte público da cidade: um bonde de madeira, aberto e puxado por mulas, da *Empresa Ferro-Carril Curitiba*, dirigida por Boaventura Clapp, segundo o historiador Ermelino de Leão, criada com capital do Barão do Serro Azul e de Francisco Fasce Fontana. A linha pioneira ligava o Boulevard 2 de Julho ao Batel. Tinha ponto inicial defronte das mansões Fontana e Leão, ponto final defronte ao engenho Tibagy, fábrica de beneficiar mate do Barão do Serro Azul. A passagem custava 200 réis. Os bondes rudimentares, com estribos laterais e bancos transversais, levavam passageiros. Havia um vão de carga, para transporte de sacos de mantimentos, açúcar, café, fubá, farinha e erva-mate. A tarifa de transporte de cargas era de 60 réis por volume.

Em 1890, foi contratada a Companhia Força e Luz de São Paulo para fornecer moderna energia elétrica para Curitiba. Em 9 de setembro daquele ano, o presidente da Intendência Municipal, doutor Vicente Machado, assinou contrato com a Companhia de Água e Luz do Estado de São Paulo, para clarear Curitiba com *uma força iluminativa de quatro mil velas*.

Uma curiosidade: na comemoração dos 300 anos de Curitiba, na noite de 4 de abril de 1993, durante o concerto do tenor José Carreras com a Orquestra Sinfônica Brasileira, os curitibanos iluminaram a Pedreira Paulo Leminski, na apoteose, acendendo 40 mil velas. Dez vezes mais do que a primeira potência elétrica a clarear nossa amada cidade, 103 anos antes, ao tempo em que Vicente Machado ainda era intendente

Recepção ao presidente Afonso Pena, em 1906. Cortejo de caleças e carruagens na avenida Luiz Xavier, onde se vê o bonde de mulas.





Linha Seminário, bonde de mulas na rua XV, esquina com 1º de Março, hoje Monsenhor Celso. Na foto, um guarda urbano, 1911.

municipal.

Baseada nesse contrato, concessão de 20 anos, a Companhia de Luz do Estado de São Paulo instalou a primeira usina elétrica do Paraná, num terreno perto da Estação Central da Estrada de Ferro. Essa usina começou a funcionar em setembro de 1892, experimentalmente, sendo inaugurada um mês depois. Seu construtor, o engenheiro Leopoldo Starck, foi o primeiro diretor. As duas unidades a vapor vieram do império austro-húngaro. Fabricadas em Budapeste, tinham capacidade de gerar 4.270 HP de força, consumindo 200 metros cúbicos de lenha ao dia.

Em 1895, Boaventura Clapp vendeu sua participação na companhia de bondes ao italiano endinheirado Santiago Colle. O prefeito Cândido de Abreu celebrou o contrato, concedendo a linha por 90 anos, para transporte de passageiros e cargas. O prefeito também designou fiscais do município para acompanhar as viagens dos bondes, a fim de evitar atropelamentos de transeuntes, acidentes com caleças, aranhas, tálburis e carroças. A preocupação era a velocidade dos bondes: 18 km/h.

Os guarda-trilhos também serviam a pé, parados nas cercanias dos pontos de embarque. Eles cobravam as passagens e se flagrassem alguém embarcando fora do ponto, por apito, chamavam a carruagem da polícia.

Em 1896, relatório patrimonial materializa a dimensão da empresa de bondes: [...] o patrimônio é constituído de 18 quilômetros de trilhos de ferro, com peso de 12 quilos por metro corrido. Uma estação central constituída de um escritório, dois depósitos



Antiga termelétrica dos Hauer no Capanema, desde 1898. Ficava no atual terreno da Rodoferroviária de Curitiba. Foto de 1904.

para material rodante. Duas amplas estrebarias, com relativos depósitos para forragens. Uma oficina para reparações com as respectivas ferramentas, uma ferraria, uma cozinha com despensa e dormitório para o pessoal.

A estação e suas dependências ocupam uma área de 6 mil metros quadrados. Material rodante representado por vinte viaturas abertas para passageiros, 16 vagões descobertos para cargas, dois vagões fechados para transporte de mala postal e diversos carros abertos para transporte de ferragens. Para tração desses veículos, possui a empresa 150 mulas.

A partir de 1899, bondes especiais puxados a mulas passaram também a transportar até os açougues a carne de animais abatidos no recém-inaugurado Matadouro Municipal do Guabirotuba. A chamada carne verde assim chegava aos açougues com observância de “modernas” normas sanitárias.

Em 1903, o volume de pessoas transportadas atingiu 680 mil passageiros/ano. Entre as senhoras de Curitiba, impunha-se o uso da sombrinha para andar de bonde. Servia para golpear as pernas de “engraçadinhos” que tentassem aproximação indesejada. O código de decência proibia intimidades inaceitáveis. Nada de pernas roçando. Uma senhora ou senhorita “de família”, ao sentar-se ao lado de um cavalheiro, imediatamente criava barreira entre suas saias e as calças do vizinho, usando a sombrinha.

Em maio de 1898, a empresa José Hauer & Filhos adquiriu a concessão da usina de eletricidade de Curitiba, cogitando aumentar a sua capacidade, pois Curitiba já tinha uma população estimada em 40 mil almas. Foi só em 1901 que se instalou a primeira usina termelétrica propriamente dita, num terreno situado na Avenida Capanema, perto da gare ferroviária, hoje nossa Rodoferroviária. Essa nova usina dos Hauer operava dois conjuntos geradores de 200 HP cada um.

Foi ampliada em 1904, com mais um gerador de



Sorveteria Curitybana do napolitano Pascoal Cassaburi. Avenida Luiz Xavier, 1908.

igual potência, quando Joseph Hauer, que acabaria voltando à sua Wiesbaden natal, transferiu a propriedade para seu filho e associados. A Empresa de Eletricidade de Curitiba passou a chamar-se Hauer Júnior & Cia. Cobraria contas de luz até 1910, quando foi vendida.

A Câmara de Vereadores, em 1905, aprovou um novo Código de Posturas para Curitiba, que criou um mecanismo de renovação do centro urbano e preservou o valor da zona central da cidade. O Código de 1905 dividiu Curitiba em três zonas: a urbana, a suburbana e o rossio. O zoneamento foi introduzido para, em cada zona, obrigar a disciplina nas edificações e adotar normas construtivas. Assim, na zona mais central ou urbana, obrigou-se a instalação de calhas metálicas, ficando proibido que as águas dos telhados caíssem à rua sobre os passantes, instituindo-se também a obrigação de platibandas. Na rua XV e na Praça Tiradentes, foram proibidas edificações de apenas um pavimento.

Mesmo assim, em 1908, no número 181 da avenida Luiz Xavier, ainda resistia a *Sorveteria Curitybana*, ou a “sorveteria do Pascoal”, vizinha de porta da Casa Avenida, de Júlio Miguel & Companhia.

Esse Pascoal Cassaburi era imigrante italiano. Vestia-se à napolitana, todo de branco, como se fosse “pulcinella”. Usava um apito com silvos sedutores para chamar as crianças, espécie de flautista de Hamelin curitibano. Sua filha, Francisca, casou-se com um Vasconcelos Maia. Ricardo Niebuhr, bisneto de Francisca, tataraneto do velho Pascoal, informou-me detalhes de sua história pelo Facebook. Veio com sua mãe ao meu curso sobre “História e Urbanismo de Curitiba” no Solar do Rosário. Pelo seu tipo físico, dele e da mãe, são italianos meridionais, “terroni”, ela morena com olhos verdes iguais aos da atriz Sofia Loren, lendária napolitana de Posilipo.

Alguém já pensou nas infinitas possibilidades da internet e das redes sociais para reconstrução da me-



Praça Osório em vista aérea. Foto João Baptista Groff. Coleção João Marcondes Loureiro.

mória coletiva?

Pelo zoneamento de 1905, as casas de madeira, paredes erguidas com tábuas, frestas vedadas com mata-juntas, foram banidas da área central. Dariam o tom dos subúrbios de Curitiba. Teria surgido aí o costume das “casas mistas”? Consistiam num frontão de alvenaria de tijolos, com a platibanda exigida pela Câmara, atrás da qual descansava o telhado e corria a calha pluvial. A municipalidade, nas principais ruas, passou a permitir paredes laterais e de fundos e cômodos de madeira, mas exigia fachadas “de material” (sic), como se troncos, tábuas e ripas fossem objetos “imateriais”.

Em 1993, quando a cidade fez 300 anos, revoguei essa postura proibitiva das casas de madeira, parte da identidade de Curitiba. No mesmo ato, revoguei o imposto colonial do laudêmio no centro histórico da cidade. Ao anelar o necessário avanço para o futuro, sinalizávamos o fim de uma Curitiba arcaica e preconceituosa. Buscávamos a igualdade de oportunidades para todos.

As crônicas urbanas registram que eram seis os *Boulevards* de Curitiba no ano de 1906. Todos persistem até hoje. O Boulevard da Graciosa (hoje avenida Cândido de Abreu), o Boulevard General Carneiro (rua que mantém seu nome), o Boulevard São Paulo (hoje alameda Princesa Isabel), o Boulevard Floriano Peixoto (hoje rua Maria Clara) e o Boulevard 2 de Julho (atual avenida João Gualberto).

Também em 1906, com capital social de 400 contos de réis, Santiago Colle firma contrato da sua empresa com os Correios & Télégraphos, passando a transportar as pesadas malas postais até a estação de trens. O negócio atrai a atenção de capitalistas europeus.

Em 1909, desembarcou em Curitiba o senhor Sancho Pimentel, representante da firma Etienne Müller, então concessionária das obras do porto de





Praça Tiradentes, 1910. A estátua do Marechal Floriano ficava defronte à Catedral. Foi mudada depois para a esquina com a atual av. Marechal Floriano.

Salvador, para negociar os direitos de concessão da Empresa Ferro-Carril Curitybana. A firma dirigida pelo banqueiro Edouard Fontane de Laveleye tinha matriz em Paris, na *Rue de Arguesseau*, e um braço em Londres, na *Board Street*, à beira do rio Tâmisia.

O capital anglo-francês falou mais alto. Santiago Colle, em 1910, com escritura passada em Curitiba, no tabelião Almeida Pimpão, acabou vendendo a concessão por 500 contos de réis.

Em 1911, Colle abriu, na rua João Negrão 113, na Garage Ideal, a Fábrica de Pregos Pontas de Paris, capaz de produzir mais de 50 toneladas de pregos sortidos por mês. Nesse mesmo ano, o *Cavalier Colle* foi distinguido pelo Consulado Italiano como Delegado da Cruz Vermelha Italiana no Paraná.

O serviço de bondes, “sob nova direção”, anunciou imediatamente a extensão do transporte até meia-noite. Fazia-se presente, na capital do Paraná, a *South Brazilian Railways*.

No ano seguinte foi anunciada a futura eletrificação das linhas. Desembarcou aqui *monsieur* de Laveleye, presidente da empresa, acompanhado do eletricista Brisson Jonorio. Imediatamente adquiriram de Hauer Júnior & Cia o controle da usina termelétrica do Capanema. Hauer embolsou 3 mil contos de réis, conforme escritura lavrada, em 1911, no tabelião Gabriel Ribeiro.

O notário juramentado Gabriel Ribeiro era

flautista, músico virtuoso, filho de Tibúrcia de Freitas Ferreira e João Baptista Ribeiro, irmão de Amélia Carvalho de Oliveira, compositora de partituras para piano.

Foi Gabriel Ribeiro quem incentivou ao estudo da música o menino Benedito Nicolau dos Santos, que mais tarde seria o compositor das óperas “A Vovozinha” (1917) e “Marumby” (1928). Gabriel encontrou Benedito numa tertúlia do Grêmio Musical Carlos Gomes, que funcionava num salão da rua Riachuelo.

Dona Amélia Carvalho de Oliveira (1865-1947) foi mãe do escritor e poeta Rodrigo Júnior (1887-1964). Cultivou a vida toda imensa cabeleira – dela se dizia em Curitiba que *tinha os maiores cabelos do Brasil*. Suas composições foram perdidas. Gehad Hajar localizou, no jornal *Olho da Rua* (1907), apenas uma única música, peça de bela harmonia. Promoveu sua restauração em 2013, acrescentando solos de flauta de Zélia Brandão: “Canção de Outrora”, música de dona Amélia, com letra de seu filho poeta.

Linda Sinhá, minha vizinha...

Seu namorado vem aí.

*Abre a janela, em frente à minha,
“Boa tarde” diz, cora e sorri.*

Fala ao canário, é o seu brinquedo,

E quando põe-se ele a cantar

Ela em voz baixa canta a medo:

- cedo, bem cedo, vou me casar.

Pobre Sinhá! Ficou doente,

Tanto chorou, tanto sofreu.

Canta o seu pássaro contente,

Ela, porém, ontem morreu.

O seu caixão entre o arvoredos

Do cemitério vi passar:

E então cismando eu disse a medo:

- Cedo, bem cedo, vai se enterrar.

Murmuraram as comadres da época que a pianística de dona Amélia Carvalho de Oliveira perdeu-se por causa da nora, mulher de Rodrigo Júnior, uma pouca coisa, moça desalmada, sem estirpe, capaz de lançar ao lixo pautas musicais manuscritas. Tão bár-



Rua XV em 1915. Vêem-se os trilhos do bonde elétrico.

bara que, quando enviuvou, acabou jogando o velho piano da sogra na calçada, defronte da casa, na esquina das Marechais.

O engenheiro eletricitista Brisson Jonorio, para dar conta da eletrificação das linhas de bonde de Curitiba, *ampliou a capacidade de geração da termoeletrica do Capanema para 800 kW, fornecidos por dois dinamos a vapor de 300 kW e um dinamo movido por turbina de 200 kW.* A poluição do ar, pela queima de carvão vegetal nas fornalhas, para geração de vapor nas caldeiras, teceu as primeiras nuvens de poluição nos céus de Curitiba.

Em 9 de março de 1911, chegaram a Paranaguá, a bordo do vapor Tocantins, desde o porto de Nova York, 2,4 mil toneladas de material elétrico. Dois dias depois, aportou outro carregamento, embarcado em Hamburgo, na Alemanha: 700 toneladas de material elétrico, a bordo do vapor Lúcia. Em julho daquele ano, a *South Brazilian Railways* começou o assentamento dos novos trilhos na rua Comendador Roseira (para a linha do Matadouro), na avenida Iguaçu até o entroncamento com a Buenos Aires (para a linha Portão), bem como na antiga linha Alto da Glória–Batel.

O engenheiro eletricitista Brisson Jonorio tinha na sua equipe o imigrante José Vessiere – que casaria, ainda em 1912, na Catedral de Curitiba, com minha tia-avó Maria Estela, irmã de meu *nonno* Raphael Greca.

Em fevereiro de 1912, chegaram a Curitiba 29 bondes elétricos, importados do Reino da Bélgica, fabricados nos *Ateliers Metallurgiques de Nivelles*. Os vagões, motorizados, fechados, de dois eixos, foram montados nas oficinas da praça Ouvidor Pardiniho. Vieram ainda 16 vagões para carga, três para transporte de “carne verde” e um vagão para serviço postal. A transação foi formalizada pela famosa empresa alemã *Brown Boveri*.

Os novos veículos, pilotados por condutor e motoneiros, tinham duas portas (uma na frente, outra



Bonde elétrico na rua XV.

atrás) e corredor central entre as fileiras de bancos de madeira. Os curitibanos, como os cariocas e os paulistanos, já podiam dizer: *Na vida tudo é passageiro, menos o condutor e o motoneiro.*

Na forma do costume, ocorreram percalços, causados pelas fortes chuvas desta cidade sempre tão úmida. Mesmo assim, a 12 de agosto, zarparam os primeiros bondes elétricos da praça Ouvidor Pardiniho rumo ao bairro do Portão, cumprindo em surpreendentes 20 minutos o longo trajeto. A 14 de agosto, o governador do Estado, Carlos Cavalcanti de Albuquerque (1864-1935), saiu do Palácio para um passeio inaugural, ao som da banda de música da Polícia Militar. E não faltaram as espalhafatosas girândolas, os fogos espocando no ar, entre vivas da população eufórica com a novidade.

Mas não foi só de alegrias aquele ano. Em outubro de 1912, a sociedade curitibana foi traumatizada pela notícia da morte do coronel João Gualberto Gomes de Sá, em combate corpo a corpo com o monge José Maria d’Agostini, naquela que ficou conhecida como batalha do Irani. Quando amanheceu o dia 22 de outubro, os telegramas já noticiavam o infausto. A cidade de Curitiba deu ao coronel João Gualberto um funeral de herói. O Boulevard 2 de Julho recebeu o seu nome, num preito de gratidão da Câmara Municipal.

Cerca de 200 seguidores do monge e curandeiro José Maria reuniram-se no Irani, esperançosos de escapar de um confronto com a Força Policial do Paraná, que avançava pelo sertão de Bituruna, comandada pelo brioso coronel João Gualberto, líder militar já comandante do Tiro de Guerra Rio Branco. João Gualberto enfrentou os “pelados” com tropa de 58 soldados. A luta foi renhida. Morreram 22 pessoas, o coronel e o monge incluídos entre os defuntos.





Bondes da linha Tiradentes.



Guerra do Contestado: Tropa do Regimento de Segurança partindo de União da Vitória para Palmas, dia 15 de outubro de 1912, sob o comando de João Gualberto.



O funeral de João Gualberto Gomes de Sá comoveu Curitiba. Ao fundo a Catedral coberta de véus negros.

A chamada “Guerra do Contestado” culminaria, em 1917, com a anexação por Santa Catarina das terras a oeste da Serra do Rio do Rastro, entre os rios Iguaçu e Uruguai, cortando expressivo território, antes pertencente ao Estado do Paraná. O conflito social foi agravado pela empresa *Lumber Corporation*, que detinha a concessão de exploração da madeira, em extensa faixa de domínio a partir da área de construção da estrada de

ferro São Paulo–Rio Grande. Grande população de caboclos, sitiantes independentes e pequenos ervateiros expulsos de suas terras formaram um contingente rebelado. O marechal Setembrino de Carvalho usaria a aviação militar, pela primeira vez no Brasil, para bombardear os rebeldes, fato causador de imenso desgosto – talvez a causa do suicídio de Santos Dumont.

Em Curitiba, também em 1912, em 27 de novembro, os bondes elétricos começaram a percorrer a Linha Matadouro. Uma semana depois foi inaugurada a eletrificação da linha Batel. Nesse momento de sua história, a empresa *South Brazilian Railway* já empregava 420 curitibanos, orgulhosa da eletrificação de 22 km de trilhos.

Curitiba, já moderna, aspirava a ser Europa. No seu relatório da administração municipal (1908-1912), o prefeito Joaquim Pereira de Macedo, ao referir-se às obras de calçamento da rua XV de Novembro, explicou que gostaria de adotar critérios de urbanização semelhantes aos do Barão de Hausmann, o grande urbanista de Paris, para em seguida justificar-se: *Nem sempre é possível dar às ruas curitibanas a dimensão adotada pelo consagrado padrão francês*. Por via das dúvidas, foram importadas tampas de bueiros e galerias e grades para canteiros de árvores urbanas da metalúrgica *Pont a Mousson* de Paris.

O coronel Joaquim Pereira de Macedo, quando Prefeito de Curitiba, dispunha de modestos recursos orçamentários, com 330:000\$000 de receita anual. Mesmo assim, resolveu grande parte do déficit da capital. Bom gestor, implantou sensíveis melhoramentos no centro da cidade. Viria a ser novamente prefeito entre 1930 e 1932.

No *Boulevard 2 de Julho*, num palacete chamado de “Casa das Ferraduras”, residiu o engenheiro arquiteto Cândido de Abreu, formado em urbanismo na *Beaux Arts* de Paris. Como dissemos no capítulo dos esplendores da indústria da erva-mate, esse Boulevard se iniciava no Passeio Público e abrigava residências de luxo, a Capela da Glória e até um Cine-teatro particular. Do outro lado da cidade, em 1912, o Batel era um arrabalde, marcado pelo local em que encalhou um barco que se destinava a transpor o rio Iguaçu no acesso a São José dos Pinhais. No Batel, os terrenos eram divididos entre palacetes, fábricas, casinhas de madeira, capões de mata nativa e grandes descampados.

Rumo ao sul, próximo da Estação Ferroviária, estruturou-se uma zona industrial, com a usina elétrica dos Hauer (depois da Companhia de Bondes), o engenho de mate dos Leão (capaz de beneficiar 5 mil toneladas de erva) e uma fábrica de cerveja.

A fábrica de fósforos Fiat Lux, em 1912, tinha 300 operários. Por ali, ainda, diversas indústrias de beneficiamento de madeira, repartições públicas e o Grupo Escolar Xavier da Silva, datado de 1903, escola primária modelo para todo o Paraná.

Quando foi Prefeito pela primeira vez, em 1895, Cândido de Abreu impôs novas definições de arreamento para Curitiba. Intensificaria tais diretrizes modernizadoras na sua segunda gestão (1913-1916). Em 1913, o prefeito Cândido de Abreu também urbanizou aquela que viria a ser a praça Rui Barbosa, então chamada praça da República. Avançava a eletrificação das linhas de bonde. Os passageiros transportados naquele ano haviam atingido 1,9 milhão/ano.

Cândido de Abreu reclamou que a *South Brazilian Railway* tivesse colocado os “elétricos” em operação sem qualquer cerimônia, sem que ele e outras autoridades municipais tivessem sido convidadas para abrir as novas linhas. Já era possível ir de bonde até o Seminário e subir a colina do Cemitério Municipal. O prefeito exigiu o cumprimento de cláusula contratual que previa a criação de vagões de “segunda classe” no serviço de bondes.

Foi atendido por monsieur de Laveleye: em 5 de março de 1913, ficou estabelecido que a companhia



O presidente Carlos Cavalcanti de Albuquerque condecorando os sobreviventes da Batalha do Itany, em 19 de dezembro de 1915.



Bondes elétricos circulando na rua XV de Novembro.



Em janeiro de 1913 começaram a circular em Curitiba os bondes elétricos.



passaria a fazer correr *bondes de segunda classe*, diariamente, das 8 da manhã às 5 da tarde. Reformaram-se velhos carros de madeira – antes puxados por mulas –, adaptados como reboques aos vagões belgas.

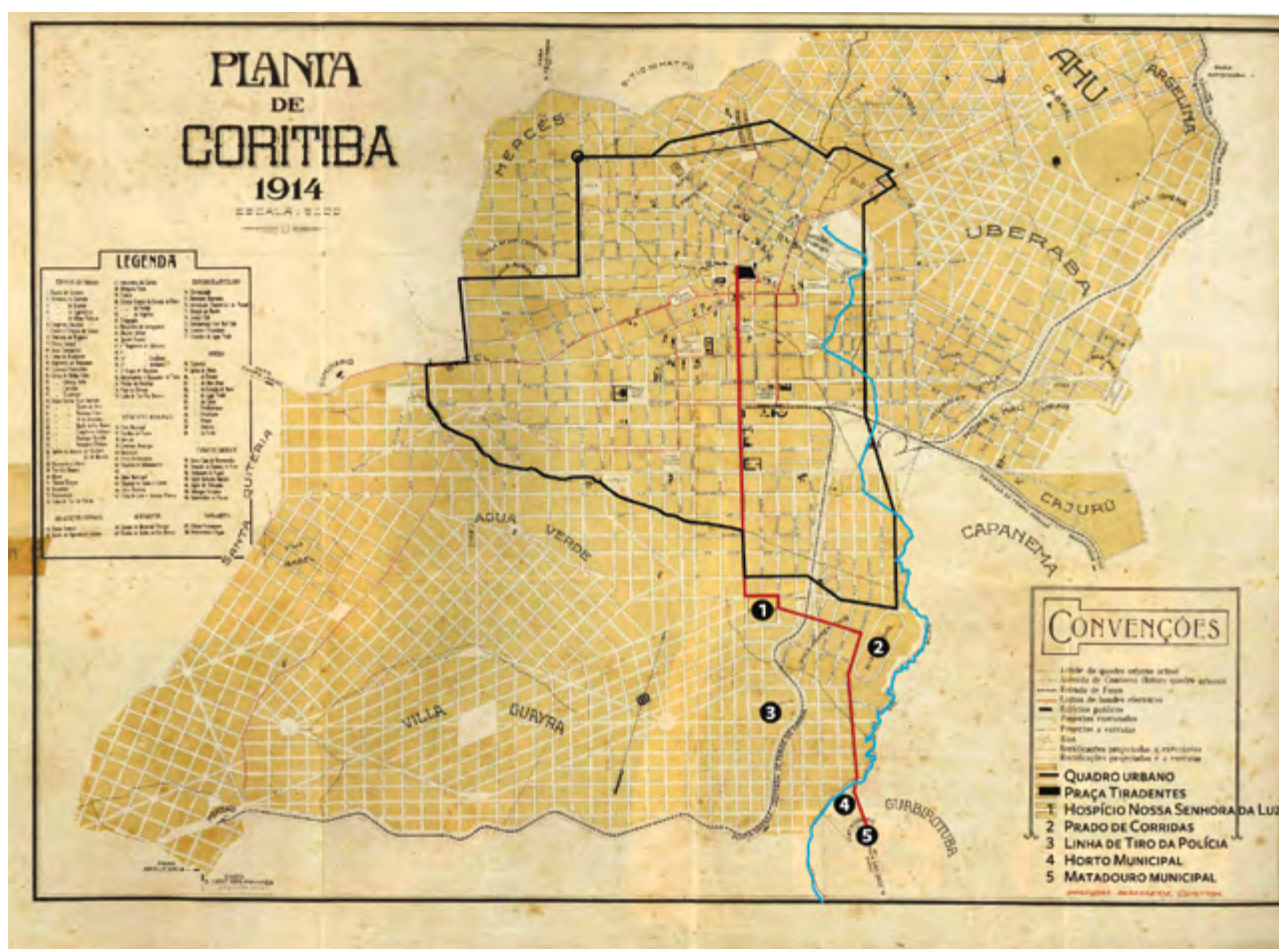
Os bondes “Cara-Duras”, cuja passagem custava mais barato, estrearam em dezembro daquele ano. Também em 1913, Cândido de Abreu exigiu ainda a eletrificação das linhas da rua Aquidabã e da rua do Theatro Hauer. O oportuno pedido do prefeito seria atendido três meses depois.

Os bondes de madeira que não viraram “cara-duras” foram descartados. Vendidos ao depósito de ferro-velho de Francisco Barranco, acabaram amontoados num descampado, esquecidos à sombra da igreja do Rocío, em Paranaguá, a maresia a corroer-lhes as formas e a matéria. Tinha passado seu tempo neste mundo.

A maior realização do prefeito Cândido de Abreu foi o Paço Municipal de Curitiba, tão bonito que merece um capítulo só seu. Falaremos dele depois de evocar a criação aqui do Instituto Neo-Pitagórico e seu Templo das Musas.



Primeiro carro de Curitiba, Placa nº I. Pertenceu a Fido Fontana.



Mapa de 1914.

CURITIBA CRIATIVA: MUSAS E SONHOS



Os poetas paranaenses Emiliano Pernetta, Leôncio Correia e Nestor Victor. Foto Adolpho Volk, 1888.

A Cultura é um pássaro de duas asas: a identidade e a inovação. São tecidas de Memória as plumas da asa que faz alçar voo a identidade de um povo. Já tecidas de Gênio, Sonhos e Criatividade as plumas da outra asa, aquela que o leva ao futuro.

A identidade curitibana plasmou-se pela sucessão de heranças recebidas dos indígenas, dos negros, dos colonizadores portugueses e espanhóis, e das populações transplantadas da velha Europa e do Oriente. Contraponto ao Brasil retratado por Gilberto Freyre na obra *Casa Grande & Senzala*, nossa terra seria *Brasil Diferente*, no dizer de Wilson Martins (Editora Anhembi, SP, 1955).

Nossa identidade começou a se plasmar quando o território do Paraná, ouvindo o grito libertário de Floriano Bento Viana (1821), palmilhado pelas tropas de Paula Gomes, aspirou à emancipação. A consolidação democrática do Brasil se deu com várias revoluções, entre elas a Farrou-pilha, no Rio Grande do Sul (1835), e a Liberal, em São Paulo (1842). As autoridades do Império sugeriram a neutralidade aos “comarcões” de Curitiba e Paranaguá. A proposta do Barão de Monte Alegre, governante conservador de São Paulo, ao líder tropeiro João da Silva Machado foi a emancipação do Paraná se, em Curitiba, mantivessem fidelidade ao Imperador.

Isso se deu pela Lei Imperial nº 704, de 29 de agosto de 1853. A 19 de dezembro do mesmo ano, como já relatei anteriormente, chegou a Curitiba, para instalar a Província do Paraná, o conselheiro Zacarias de Góes e Vasconcellos. Baiano de Valença, destacado membro da Corte, Zacarias chega direto de Paris, onde estava em lua de mel. Dizem que sua mulher, pobrezinha, chocada com o acanhamento da cidade e o lamaçal dos caminhos, entrou no Palácio e nunca mais foi vista.

A Assembleia Legislativa Provincial, pela sua Lei número I, em 26 de julho de 1854, proclamou Curitiba a “Capital do Paraná”. O caráter simbólico que deve ter uma capital provocou mudanças. Uma das primeiras foi a chegada da imprensa. Cândido Lopes montou a Typographia Paranaense, na rua das Flores nº 13. Passou a editar nosso primeiro jornal, o *Dezenove de Dezembro*, que seria em todos os seus números preciosa fonte de informação histórica.

No campo da criatividade, Curitiba recebeu a Escola de Artes e Ofícios de Mariquinha Aguiar e Mariano de Lima, na segunda metade do século 19. Os dois pintores, pioneiros no ensino da arte, dariam lugar à famosa escola de pintura, na rua do Assungui, do norueguês Alfredo Andersen, mestre de uma geração de artistas significativos para o Paraná e o Brasil. De tudo isso já falamos ao relatar a saga e a contribuição dos imigrantes europeus.

A utopia curitibana continua, na sequência, com o sonho hiperbóreo dos nossos poetas simbolistas, a partir da edificação, na cidade, de um Templo das Musas, único no Brasil, talvez no mundo, dedicado aos ensinamentos de Pitágoras.





Chegada do homenageado Emiliano Pernetta na sua coroação como Príncipe dos Poetas Paranaenses, em 21 de agosto de 1911. Acervo Casa da Memória.



Festa da Primavera de 20 de agosto de 1911 no passeio Público. Coroação do Poeta Emiliano Pernetta como Príncipe dos Poetas Paranaenses.

TEMPLO DAS MUSAS: A GRÉCIA NOS PINHEIRAIS



Dario Vellozo - de terno branco - e discípulas no Templo das Musas.



Instituto Neo-Pitagórico de Curitiba. Chácara Retiro Saudoso, na Vila Isabel.

Quando eu o conheci, as Musas já estavam velhas. Uma sobrinha e uma neta de Dario Vellozo, duas senhoras nonagenárias muito gentis, atenderam a campanha, abriram o portão de ferro vermelho do “Retiro Saudoso”, levaram-me até o “guardião do templo”, o sucessor e genro de Dario Vellozo (1869-1937), o venerável professor Rosala Garzuze, o último dos simbolistas curitibanos, então com 103 anos.

O Templo das Musas, graciosa construção helênica, alvenaria neo-clássica, com colunata dórica, fica na rua Dario Vellozo nº 460, antiga rua Bororós, na nossa Vila Isabel. Foi inaugurado por Dario Persiano de Castro Vellozo na Festa da Primavera de 1918. Naquele dia 22 de setembro, os adeptos do helenismo, moradores dessa *ágora onde arauácarias são colunas coríntias a sustentar a abóbada do Céu*, cantaram *Versos de Ouro* de mestre Pitágoras (570 a.C. - 485 a.C.).

Dario Vellozo falou, emocionado, explicando aos presentes os princípios daquela casa: *A Amizade por base, o Estudo por norma e o Altruísmo por fim*. Abria-se na capital do Paraná a sede mundial do Instituto Neo-Pitagórico, sodalício criado pelo mestre já em 26 de novembro de 1909.

No *pronaos* do templo singelo, pintado de cor de rosa e branco, bancos de pinho esmaltados. No altar, um vaso de terra, trazida do túmulo de Pitágoras, e uma estátua de mármore branco do enlevo entre Eros e Psiquê. O Amor e a Alma eram o ponto focal da doutrina, que tinha o Altruísmo por fim. Curitiba ganhou seu templo angélico-humanista, santuário do Conhecimento Universal.

No manifesto de lançamento, o professor de História Antiga do Gymnásio Paranaense já preconizava intransigente defesa da causa da





Dario Vellozo na festividade Olympica em honra ao poeta Emiliano Pernetta a 20 de agosto de 1911. Anotação de Júlia Wanderley.

Educação. O Instituto Neo-Pitagórico destinava-se ao desenvolvimento das faculdades superiores do Ser e ao altruísmo, inspirado nos versos de ouro de Pitágoras, para a Cultura, Verdade, Liberdade, Paz, Fraternidade e Harmonia. Ecos dos dois livros didáticos que Dario Vellozo escreveu: *Lições de História* (1902) e *Compêndio de Pedagogia* (1907).

Com a construção do Templo das Musas, finalmente tinham destino consagrado os cortejos das “Festas da Primavera”, promovidas em Curitiba desde 1911. Começaram quando o professor Vellozo entusiasmou seus alunos do Gymnásio Paranaense, sugerindo-lhes reeditar aqui as competições e jogos florais de Olímpia, da Antiga Grécia, para gáudio da mocidade estudiosa de Curitiba. Conseguiu uma plêiade de seguidores.

Em setembro de 1911, musas, ninfas e helenos atravessaram a rua XV, a praça Santos Andrade. Andando sobre as ramagens floridas, pisoteando pétalas amarelas de ipês e pétalas roxas dos jacarandás, carregavam em triunfo a rainha da primavera – “Musa Chlorys” – encarnada pela distinta senhorita curitibana Marina Pinheiro de Castro. Nota dissonante dessa “Hélade” tropical, pernilongos e muriçocas, aninhados nos meandros do rio Belém, picavam quem não calçasse alvíssimas meias de seda.

A festa culminou com um *pic nic* numa ilha do Passeio Público, onde Emiliano Pernetta foi coroado “Príncipe dos Poetas Paranaenses”. Desde então, a ilha sobre o Belém foi chamada de “Ilha da Ilusão”. À noite, no Clube Curitibano, um baile de apoteose, os salões coroados de arcos de glicínias, as mesas com vasinhos de camélias, damas e cavalheiros vestidos a rigor ou com vestes atenienses.

Emiliano Pernetta (1866-1921) nasceu em Curitiba. Estudou Direito em São Paulo, onde revelou-se grande orador, defensor do ideal republicano. Polemista, escreveu em vários jornais paulistanos. No Rio, foi



Emiliano Pernetta, Romário Martins, Dario Vellozo e outros poetas simbolistas no Passeio Público de Curitiba.

redator dos jornais *Cidade do Rio* e *Novidades*. Nomeado Promotor Público, foi viver em Caldas, Minas Gerais. Foi promovido a juiz na cidade de Santo Antonio de Minas. Voltando ao Paraná, logo fundou a revista *Victrix*. Foi professor de português do Gymnásio Paranaense e da Escola Normal. Nomeado Auditor da Guerra, chegou ao posto de capitão. Foi fundador e professor de Direito Penal na Universidade do Paraná. Foi coroado “O Príncipe dos Poetas do Paraná”, na Ilha da Ilusão, Passeio Público de Curitiba. Escreveu: *Ilusão, Alegorias, Pena de Talião, Papilio Innocentia, Músicas* e, postumamente, *Setembro*. A rua Aquidaban, onde viveu, depois de sua morte passou a ter seu honrado nome.

O frenesi curitibano do helenismo neopitagórico, lembra o crítico literário José de Andrade Muricy, em seu livro *O Símbolo à Sombra das Araucárias*, é bom fruto do Movimento Simbolista Paranaense, que remonta a 1893, promovido por alunos do antigo filósofo curitibano Euzébio da Motta, que viveu no Largo da Misericórdia. Os rapazes curitibanos, como Jean Itiberê, foram estudar na França, onde conheceram a poesia das sensações subjetivas, o versejar de Verlaine, Mallarmé e Baudelaire.

Euzébio Silveira da Motta (1847-1920), virtuoso da Dialética, professor invencível, era profundo conhecedor de História da Civilização, Filosofia, História da Literatura, Pedagogia, Latim, Francês e Português. Sabia a *Ilíada* e a *Odisséia* quase que de cor. Sabia que *o Conhecimento do Bem só faz sentir mais forte o Mal*, conforme ensinou Shakespeare em Ricardo II. Euzébio foi presidente de honra do Instituto Neo-Pitagórico até o fim dos seus dias. Juiz e desembargador, lecionou no colégio particular Partenon – o melhor ensino que houve em Curitiba, na



Ágape de poetas no Passeio Público em 1915. Bueno Monteiro acolhido por Emiliano Pernetta e amigos.

opinião de Dario Vellozo, Benedito Nicolau dos Santos e Francisco Ribeiro de Azevedo Macedo, seus discípulos e alunos. Lecionou também na Escola Normal e no Lyceu Paranaense.

Passava as tardes, até nove da noite, no café de Nhá Emília Montezano, na praça Tiradentes, ao lado do cartório. O café funcionava num varandil. Além da mesa do filósofo, espalhavam-se outras mesas, onde espíritos menos elevados dedicavam-se ao carteadado. Ao soarem as nove badaladas no relógio da Catedral, Euzébio da Motta levantava-se da mesa, florida de discípulos, e encerrava as lições daquele dia. Caminhava até sua casa, no Largo da Misericórdia. Então, no dizer de Jaime Balão Júnior, *o silêncio de Curitiba, ainda cintada de pinheirais, o silêncio eterno esmagava, os apitos dos trens exacerbavam-se.*

Os véus de cerração tecidos entre os pinheirais,



Moças curitubanas evocam musas gregas em Festa da Primavera no Hipódromo.



Alunas do Gymnásio Paranaense evocam as antigas Musas.

nas manhãs frias e úmidas de Curitiba, inspiraram o *ethos* de Emiliano Pernetta, Nestor de Castro, Rocha Pombo, Tasso da Silveira e Carmem Carneiro. O simbolista do Paraná mais destacado foi Emiliano Pernetta (1866-1921), amigo do famoso poeta negro catarinense, que viveu no Rio, João da Cruz e Sousa (1861-1898). Quem visitava o Templo das Musas, sempre que vinha a Curitiba desde o Rio onde vivia, era o poeta Emílio de Menezes, o único curitubano a ser admitido na Academia Brasileira de Letras.

Figura notável a desse nosso Dario. Era filho de dona Zulmira Mariana Dias de Castro e de Cyro Persiano de Almeida Vellozo, político de origem baiana. Nasceu no bairro de São Cristóvão, no Rio, donde mudou-se para cá aos 16 anos, logo matriculado no Parthenon Paranaense e depois no Instituto Paranaense. Sobre sua migração, escreveu: *Partiu. O Paraná acolheu-o. E amou o Paraná com o afeto agradecido de quem encontra um ninho à psiquê nômade e sofredora.*

Foi escrivão auxiliar da chefatura de polícia e conseguiu ser admiuense na Secretaria



Jovens curitubanos evocam os filósofos gregos em Festa da Primavera.





Palácio da Luz, Universidade do Paraná, 1914. Coleção Família Groetzner. Acervo Casa da Memória de Curitiba.

da Fazenda do Estado. Em 21 de outubro de 1893, casou-se com dona Escolástica Moraes. Singulares os nomes que deram ao doze filhos: Porthos, Cyro, Zulmira, Carmen, Violeta, Valmiki, Ilian, Athos, Alcione, Lysis, Isis e Alyr, todos naturais de Curitiba.

Dario Vellozo foi tipógrafo do *Dezenove de Dezembro*, o jornal mais antigo do Paraná. Em 1890, com a criação da *Revista do Club Curitybano*, intensificou seu interesse pela literatura. Colaborou com vários jornais e revistas: *O Mosqueteiro*, *A Ideia*, *Revista Azul* e, a mais importante delas, *O Cenáculo*, que o tornou conhecido em todo o país, parceiro de Rocha Pombo, Carvalho de Mendonça e Albino Silva.

Incansável, de 1909 a 1912, nosso mago poeta fundou e redigiu o *Ramo de Acácia*, para propaganda e dedicação ao pitagorismo e à teosofia, além de outra revista sua, a *Pátria e Lar*, publicada de 1912 a 1913, para divulgar pioneiros estudos de sociologia. De 1916 a 1920, fez circular *Mirto e Acácia*, que fundou para divulgação de estudos iniciáticos. Em 1918 surgiu sua revista *Brasil Cívico*, como fator de reeducação nacional.

Conta Zélia Sell que Dario Vellozo tentou imitar seu mestre Pitágoras em sua trajetória de vida. Em setembro de 1913 adquiriu uma fazendola de 50 alqueires às margens do rio Negro, na fronteira do Paraná com Santa Catarina. Fundou ali o que chamou de Nova Crótona. Um falastério paranaense. Mudou-se para lá com a família e um grupo de professores, entre

os quais estava Victor Grein, meu avô, pai do médico Lauro Grein Filho, que seria fundador do Hospital da Cruz Vermelha em Curitiba e presidente do Instituto Histórico e da Academia Paranaense de Letras. Em janeiro de 1914, começaram as aulas na Escola Brasil Cívico (Nova Crótona), com a abertura do Grupo Escolar Benjamim Constant.

O sonho foi tolhido pela Guerra do Contestado. Professores e alunos tiveram que embarcar num trem, fugindo em pânico para Curitiba, diante do ataque dos “pelados”, a caboclada descalça e armada com espadas de pau que dava combate ao Exército Nacional, cujos soldados chamavam de “peludos”.

Aqui em Curitiba, a escola Brasil Cívico, no exílio, funcionou provisoriamente, até 19 de dezembro, na chácara do prefeito coronel Luiz Xavier, no Portão, permitindo a conclusão do ano letivo. Foi então que Dario Vellozo voltou-se para a fundação do Templo das Musas.

De 1920 a 1927, Dario Vellozo promoveu a edição das revistas *Pitágoras* e *Luz de Crótona*, dedicadas a teosofia, maçonaria e pitagorismo. Com Alves de Farias, apresentou, em 1930, a *Lâmpada*, revista anual do Instituto Neo-Pitagórico que continuou a circular após sua morte pela dedicação de seu genro Rosala Garzuze, chamado *Parmênides – o Antigo do Instituto*. Até hoje brilha essa *Lâmpada*, agora editada pela professora Elizabeth Garzuze Silva Araújo, nova guardiã do Templo.

A obra literária de Dario Vellozo contempla ficção, poesia, história e filosofia. Entre seus livros, destacamos: *Ephêmeras*, *Esquifes*, *Hélicon* e *Livro de Ahyr*. Aprecio muito os versos de *Cinerário* e *Atlântida*, o romance *Encantadas*, o *Jesus Pitagórico* e *Terra das araucárias*, livro escrito em parceria com Gustavo de Medeiros Pontes.

Um dos fundadores do Instituto Histórico e Geográfico do Paraná, criado a 24 de maio de 1900 por iniciativa de Alfredo Romário Martins, nosso Dario Vellozo também era maçom, engajado na loja “Luz Invisível”, prática que não conflitava com suas ideias neopitagóricas.

Dario logo passou a frequentar a biblioteca e a casa de Nhá Emília e Eusébio da Motta, antigo mestre curitibano, leitor e intérprete de Platão e de Empédocles, muito influente na formação da mocidade simbolista. Reuniam-se na praça Tiradentes, numa casa solarenga, para o chá com filosofia e poesia no varandil de Nhá Emília. Voltavam para casa noite avançada, o luar e a cerração envolvendo os pinhais. A Grécia, a nova Hélade, podia ser em Curitiba. De uma dessas noites de inquietação espiritual, de busca de um sentido para a vida, Dario Vellozo, em *Cinerário* (1929), descreveu suas impressões:

*Plenilúnio. O luar molha as colunas dóricas...
Junto ao pronaos medito, evocando teu rosto.
Que saudade de ti, dessa tarde de Agosto,
Das tintas outonais e das visões alegóricas!*

*Saudade... O coração lembra idades históricas...
Na Atlântida eras tu pitonisa... Ao sol posto,
Dizias da alma irmã os arcanos... Teu rosto
Banhava-se na luz das estrelas simbólicas...*

*Tantas vezes perdida! Imerso em luz ou em treva,
De vida em vida, à flor do céu, te procurava,
Na dor da solidão... E, quando a luz eleva
A lâmpada votiva, eu te procuro ainda,
Alma branca, alma irmã, alma em flor; alma
eslava –
Na poeira de sóis da solitude infinda.*

Em 1898, Dario Vellozo tornou-se professor interino de *História Universal e do Brasil* no *Gymnásio Paranaense*, lente efetivado no ano seguinte. Também foi professor de meninas na *Escola Normal de Curitiba*, onde brigou com Justiniano de Mello e Silva, de orientação considerada “carola”. Dario Vellozo lecionou até 1932. Faleceu a 28 de setembro de 1937.

Do ambiente da Curitiba dessa época, onde havia forte conflito anticlerical, escreveu Laertes Munhoz: *Credenciais de Cultura, de*

boa Escola Literária e de Talento, a animosidade contra Deus e a irreverência aos seus ministros pareciam constituir os principais elos que irmanavam, no mesmo cenáculo, os mais distinguidos homens de pensamento. O combate à Igreja era, por assim dizer, a pedra de toque das glórias literárias.

Apolônio de Thyana II – o pseudônimo de Dario Vellozo – imprimiu nos seus discípulos as marcas de sua grande alma:

*Essência é imutável; não evolve, porque perfeita.
A Essência é indestrutível, mas, substancial, pode ser dissolvida.*

Na Eternidade era Essência.

Era Essência vibrando, fez-se Substância, imponderável e ponderável, perpetuou-se sob dois aspectos, Força e Matéria.

Força e Matéria são polarizações da Substância: na Substância está a Essência.

Com ele brilhou a Luz dos Pinhais.

O guarda-livros Dario Nogueira dos Santos, seu discípulo e admirador, inventor do instrumento musical “Polython”, ao fazer o elogio póstumo de Dario Vellozo no Centro de Letras do Paraná, numa sessão magna, em 26 agosto de 1949, disse que *aquí mesmo*



Tholos da Igreja Presbiteriana Independente. Foto Ivan Anzuategui.



na cidade sorriso, Dario Vellozo pregou a Renúncia Budista, a Amizade Pitagórica, o Dever Socrático, o Amor Cristão, a Vontade Apolínia, a Paz iniciática. E recordou seus versos arrebatados:

Flameja! Ensina o Olimpo aos pigmeus modernos...

Aos homens de saber; o teu saber – Ó Palas, transmite!

Anacreonte, o teu ouro e o teu vinho verde!

E verde o luar de teus raios eternos Phebe!

A de olhos de prata e serenas opalas!

Singular e também notável a figura do segundo “guardião do Templo das Musas”, o genro e sucessor de Dario Vellozo. Rosala Garzuze nasceu no Líbano, em 1906. Veio com a família para o Brasil quando tinha apenas três anos de idade. O pai, Assef Jorge, fixou residência e abriu sua primeira loja em Curitiba no bairro do Portão, num casario que o povo chamava de “República dos Turcos”, tal a quantidade de mascates libaneses que ali foi viver.

Garzuze era um menino tímido e estudioso.

Tornou-se um leitor refinado. Atraído pela oportunidade de folhear a raríssima *Enciclopédia de Diderot e D’Alembert* que havia na biblioteca do Templo das Musas, Rosala tomou o bonde e bateu na porta da casa onde vivia Dario, na Vila Isabel. Tanto frequentou a chácara Retiro Saudoso que acabou se apaixonando e casando, em 1932, com Carmen, uma das filhas do mestre. Dario contou-lhe que o nome da chácara repetia aquela onde nascera, perto do Palácio São Cristóvão, no Rio de Janeiro. Rosala e Carmen viveram ditosa união por mais de 50 anos.

Rosala Garzuze formou-se em Medicina na Universidade do Paraná, onde chegou a professor catedrático de Anatomia. O Instituto Neo-Pitagórico completou seu cabedal. Ali estudou Cosmologia, Ética, Ciências Exatas, Poesia ou o que mais o desafiasse. Ensinou Canto Orfeônico na Faculdade de Artes do Paraná e Anatomia na Faculdade de Educação Física. Fundou e lecionou no Colégio Novo Ateneu.

Sucedeu seu mestre, mantendo reuniões semanais com 20 a 30 discípulos, no Templo das Musas, onde explicava a harmonia das esferas e a magia dos números: *O um fez o dois, que fez o três, que fez o infinito... a matemática é música, nossa alma é uma unidade harmônica.* Ergueu, ao sopé da escadaria do Templo, à sombra do bosque nativo do Retiro Saudoso, uma réplica do túmulo de Pitágoras, conforme o original conservado em Mateponto, na Grécia. Naquele tempo, foi ali declamadora oficial a poetisa Georgina Mongruel, e foram mestres de música o virtuoso pianista Arnaldo Estrêla e o violinista Pery Machado, considerado o maior de seu tempo.

O professor Rosala Garzuze chegou aos 100

anos, em 2006, ocasião em que deu entrevista à *Gazeta do Povo*: *Apesar da violência, o mundo de hoje é muito melhor do que o do passado. Há mais conhecimento exato, mais liberdade de pensamento, amor maior à infância e melhor participação das mulheres.*

Rosala Garzuze ficou firme, otimista, até o final da sua longa vida. Morreu aos 106 anos. Visitei-o, acompanhado de Oriovisto Guimarães, da Universidade Positivo, um pouco antes de morrer. Estava completamente lúcido e muito bem informado de tudo o que se passava no mundo. Suportou estoicamente as perdas com o incêndio da biblioteca do Templo das Musas, em 1987. Entre os tesouros consumidos, estaria a raríssima edição original da *Enciclopédia de Denis Diderot e Jean d’Alembert*, pensadores da Revolução Francesa em 1789. Esse incêndio no Templo foi das maiores perdas culturais de Curitiba em toda sua história.

Mas é preciso resistir aos pigmeus morais, aos despidos de luz na consciência. Vai que se cumpre a profecia de Dario Vellozo, o Apolônio de Thiana II:

O Brasil será a Grécia da humanidade futura, possa ser Curitiba a sua Atenas.

A Grécia é luz, lira de Orfeu, mirto de Eleuzis: Inspira o amor e a paz, o riso alado e a crença, no sereno fulgir das Psiquês e dos Deuses Imortais.

Será que merecemos tanto? Quando teremos consciência suficiente para atender o desejo do Ancião do Templo? O que nos impede de chamar de volta as Musas aos pinhais de Curitiba?

O Instituto Neo-Pitagórico de Curitiba resiste. É bom que assim seja. Ali, na rua Dario Vellozo, em escrínio de arquitetura clássica, a salvo da escuridão dos tempos, brilha a Luz dos Pinhais.

Dois outros edifícios surgiram em Curitiba com o propósito de difusão cultural e afirmação da plena cidadania de seus pensadores: a Universidade do Paraná e o Paço Municipal.

A Universidade reproduziu o projeto “Palácio da Luz” sonhado por Cândido de Abreu para a antiga Escola de Artes e Ofícios de Curitiba, do pintor Mariano de Lima. O Paço Municipal, também obra de Cândido de Abreu, recorreu à metáfora da luz. É encimado pela estátua alegórica de Curitiba empunhando facho de luz. Ambos foram feitos, de propósito, com fachadas de costas para a Catedral, para significar a nova etapa da cidadania, republicana, laica, livre de dogmas, afirmação iluminista da cidade então sonhada e desejada.

UNIVERSIDADE DO PARANÁ, A PRIMEIRA DO BRASIL



Universidade do Paraná no seu centenário. Óleo de Ruben Esmanhotto (1954-2015).



Casa Manoel Miró, primeira sede da UFPR.



Primeiro Estatuto da Universidade do Paraná, 1913.

Este caldo de cultura simbolista, neopitagórica, europeia, humanista provocaria a fundação aqui da primeira Universidade do Brasil, a Universidade do Paraná, instalada a 19 de dezembro de 1912, por professores da qualidade de Victor Ferreira do Amaral, Nilo Cairo, Hugo Simas, Hingreville Hintz, Romário Martins e Monteiro Tourinho, entre outros. Nasceu com três faculdades irmãs: Medicina, Direito e Engenharia.

A Universidade já fora sonho do historiador paranaense Rocha Pombo. Na época patrocinado pelo Comendador José Ribeiro de Macedo, chegou a ir reivindicá-la no Rio de Janeiro, nos idos de 1902. Rocha Pombo chegou a lançar pedra fundamental da futura sede, na praça Ouvidor Pardiniho, em terreno doado pela Prefeitura de Curitiba. Esbarrou na proibição do Governo Federal, ao ouvir do Ministro da Educação: *Como, se a cidade sede é menor do que a sua ideia de Universidade?* O sonho de Rocha Pombo e do Comendador Macedo só se realizaria vinte anos depois.

Nova esperança surgiu em 1911, quando o Brasil passou a contar com a chamada “Lei Rivadávia”. O ministro da Justiça e Negócios Interiores do presidente Marechal Hermes da Fonseca, Rivadávia da Cunha Correia (1866-1920), por decreto, extinguiu o monopólio governamental sobre o ensino superior, permitindo a abertura de cursos universitários *a todos aqueles que, capacitados, se propusessem a levá-los a bom termo.*

Esse Ministro Rivadávia Correia criou o vestibular no Brasil. Naquele ano de 1911, decidiu fazer um exame para selecionar quem poderia entrar nas faculdades públicas, uma vez que o número de candidatos ao ensino superior passou a ser maior que o número de vagas.

Para aproveitar a oportunidade, em junho de 1912, o médico doutor Victor Ferreira do Amaral e o advogado negro doutor Pâmphilo de Assumpção reuniram lideranças da sociedade curitibana para formar uma Comissão pró-criação de uma Universidade Livre na cidade de Curitiba. Entre os presentes, o doutor Nilo Cairo da Silva, bacharel em Matemática, Ciências Físicas, Engenheiro Militar e Médico Homeopata, e o tenente engenheiro Daltro Filho.

Em outubro do mesmo ano, lampejo de consciência coletiva, o professor advogado Flávio Luz, diretor do Gymnásio, chamou Nilo Cairo para colaborar na organização de um curso de Odontologia que lhe dera na telha criar em anexo ao Gymnásio Paranaense. Somou com eles o professor Júlio Teodorico Guimarães, que sonhava com a criação de um Curso de Comércio. Concluíram que fundariam uma “Escola de Odontologia e Comércio”, escola livre, fruto de associação civil.

Daltro Filho logo sugeriu que a nova instituição agregasse um necessário curso de Agrimensura, numa cidade cercada de chácaras, com





Local onde se ergueu o Palácio da Luz. Ao fundo, as torres da Catedral.

tantas plantações e searas. Teríamos uma “Escola de Agrimensura, Odontologia e Comércio”.

O médico ginecologista doutor Reynaldo Machado lembrou a importância de um “Curso de Obstetrícia”; os advogados doutores Hugo Simas e Manoel Vieira de Alencar ousaram dizer: “Por que não abriremos também um *Curso de Ciências Jurídicas e Sociais*?”.

A brava gente curitibana, sem medo de sonhar, lançava-se à utopia em grande dimensão: fundariam os cursos de Engenharia, Medicina e Cirurgia, Agronomia, Veterinária e Farmácia, além de Agrimensura, Odontologia, Comércio e Ciências Jurídicas e Sociais, com o nome de Universidade do Paraná – a primeira do Brasil. O grupo de fundadores reconhecia como seus líderes os doutores Victor Ferreira do Amaral e Nilo Cairo.

O engenheiro João David Pernetta encontrou, num café, o professor Nilo Cairo e sugeriu que transformasse o curso de Agrimensura, tão acanhado, logo de uma vez, numa Faculdade de Engenharia. E assim foi feito. Nilo Cairo foi visitar o governador Carlos Cavalcanti de Albuquerque no seu chalé da rua do Serrito (hoje teatro “Novelas Curitibanas”).

Sua filha, dona Maria Luiza, já nonagenária, pessoalmente, contou-me do encantamento daquela tarde: *Papai entusiasmou-se com a ideia. Curitiba seria uma capital universitária.* Também o prefeito Cândido de Abreu foi procurado. Na sua “Casa das Ferraduras” consentiu *em apoiar com recursos do Município, dentro do possível, a iniciativa progressista.*

Em novembro de 1912, organizados os corpos docentes dos cursos de Direito, Engenharia Civil, Comércio, Odontologia, Farmácia e de Obstetrícia, fixou-se a data de 1º de janeiro para o começo das aulas. Nilo Cairo tratou de alugar um sobrado na rua Comendador Araújo, ao lado da agência de carros Ford. Decidiu-se que o curso de Medicina e Cirurgia, por exigir instalações especiais e de maior demora, só abriria aulas em março de 1914.

A 19 de dezembro de 1912, no Palácio Rio Branco, então sede do Congresso Legislativo Es-



Lançamento da pedra fundamental do Palácio da Luz. 1913.



Palácio da Luz em construção.

tadual (hoje sede da Câmara Municipal), em duas assembleias consecutivas, às 13 horas (em caráter ordinário) e às 19 horas, em sessão pública e solene, na presença da totalidade dos professores e dirigentes, do bispo diocesano Dom João Francisco Braga, dos deputados, do prefeito Cândido de Abreu e do governador Carlos Cavalcanti, foi fundada a Universidade do Paraná.

Cada professor ganhou seu diploma de “Lente Catedrático”, uma vez que a assembleia dispensou concurso. Ao assinar o termo de posse como professor catedrático, cada qual contribuiu com a importância de 30 mil réis, a título de *emolumentos pelo diploma*. Cada membro da diretoria pagou 20 mil réis. O montante, mutirão cívico, constituiu a primeira arrecadação para os cofres da nova instituição.

Assinaram a ata de fundação o diretor Victor Ferreira do Amaral, o vice-diretor Euclides Bevilacqua, o secretário Nilo Cairo, o sub-secretário Manoel de Cerqueira Daltro Filho, o tesoureiro Flávio Luz e o bibliotecário Hugo Gutierrez Simas. Foram empossados os membros do Conselho Superior e do Conselho Econômico.



Postal da Praça Santos Andrade no início da década de 1920.

A primeira sede da Universidade do Paraná funcionou num sobrado da rua Comendador Araújo, que havia servido de residência à família do ervateiro Manuel Miró. Foi alugado às pressas por Victor Ferreira do Amaral, para que pudessem dar início às aulas. A Universidade ficou lá até 14 de junho de 1914, quando um movimento inusitado dos alunos transferiu a sede para o atual Palácio da Luz, ainda inacabado, na praça Santos Andrade. No sobrado Miró funcionou, a partir de 2 de agosto, a Maternidade Paraná, também criação de Ferreira do Amaral, destinada às aulas práticas dos alunos de obstetrícia.

Vale lembrar que Manuel Miró III viria encomendar ao engenheiro Cândido de Abreu o projeto de sua nova casa, onde a Comendador Araújo encontra a rua Coronel Dulcídio – a famosa Casa dos Arcos do Batel, que o Banco Bamerindus demoliu. Essa mansão era vizinha do Palacete de Ascânio Miró, irmão de Manuel, edificação ainda em pé, onde a Comendador encontra a alameda Taunay. Ambos os projetos são de 1897.

Em fevereiro de 1913, abriram matrículas, tomadas as providências para criterioso exame de admissão, embora dispensassem a apresentação de certificado oficial de conclusão do curso ginasial. Matricularam-se os primeiros 97 alunos, todos pagantes. Ninguém procurou o curso de Obstetrícia. O primeiro aluno a solicitar inscrição foi o jovem alagoano Oscar Joseph de Plácido e Silva, matriculando-se no curso de Direito. Era pobrezinho. Nilo Cairo simpatizou

com ele, admitiu-o como amanuense da Universidade. Foi o primeiro funcionário administrativo da casa.

Em março de 1913, o governo do Paraná promulgou a lei estadual que a reconhecia oficialmente. Em outubro daquele ano, concedeu-lhe a ajuda de custo de 80 contos de réis, para que formasse patrimônio. Em março do ano seguinte, subvenção anual de 36 contos de réis, desde que a Universidade permitisse a matrícula gratuita de 10 alunos e desse à Inspetoria Estadual de Ensino o direito de fiscalização.

Em março de 1914 já eram 192 os alunos matriculados na primeira Universidade do Brasil. Nesse mês abriu o curso de Medicina e Cirurgia, com 11 alunos, entre eles a bela e corajosa *italianucha* Maria Falce, filha do dono da funerária da rua do Rosário, primeira mulher a encarar o desafio de ser médica em Curitiba.

Celebrizada com seu nome de casada, doutora Maria Falce de Macedo tornar-se-ia cientista pioneira, inspiradora dos modernos laboratórios de análises clínicas de Curitiba, entre eles o Frischmann Aisengart.

Em 1915, foi criada a Faculdade de Agronomia, suprimida em 1918, depois de formar a primeira e única turma, paraninfada por João David Pernetá. Receberam anel de grau, entre outros, Emílio Müller, João Herculano Martins Franco, João Pereira de Macedo, Raul de Azevedo Macedo, Tibúrcio Carvalho de Oliveira, Valdemiro Teixeira de Freitas, Rômulo Hartley Gutierrez e dois alunos que viriam a ser prefeitos de Curitiba: Alexandre Gutierrez Beltrão





Vista dos fundos do Palácio da Luz. No horizonte, o descampado do Alto da XV. Década de 1920.

(1943-1944) e Lineu Ferreira do Amaral (1949-1951). O curso de Agronomia reabriu anos depois.

Para mim, é especialmente notável a história da Faculdade de Engenharia, minha formadora, que graduou meu pai Eurico Dacheux de Macedo e teve vários prefeitos de Curitiba entre seus professores e alunos. Foram professores fundadores os prefeitos Cândido de Abreu, Francisco Beltrão e João Moreira Garcez. Foram alunos os prefeitos Ivo Arzua Pereira, Jaime Lerner, Saul Raiz e eu.

Meu pai, Eurico Dacheux de Macedo (1925-2007), foi professor assistente do reitor, engenheiro Theodócio Jorge Atherino. Lecionavam ambos a disciplina de Cálculo Numérico. Implantaram o primeiro computador IBM 1130 no Centro Politécnico, num tempo em que a máquina era chamada de *cérebro eletrônico*. Vestiam guarda-pós brancos e ficavam isolados dentro de vidros, naquele santuário do futuro. Faziam as programações em fichas, cartões perfurados conforme as matrizes para resolução de cada problema. Fizeram juntos um livro de linguagem Fortran. Quando meu pai morreu, achei na biblioteca lá de casa dezenas de caixas com conjuntos de cartões, cada qual uma matriz. E pensar que temos tudo isso – e mais um pouco – hoje dentro de minúsculos celulares e *iPads*.

Talvez tenha sido inspirado no seu pioneirismo que resolvi fazer as primeiras *lan houses* públicas do Brasil nos Faróis do Saber de Curitiba, em 1993. Isso num tempo em que poucos, até mesmo entre os secretários da minha prefeitura, sabiam do que se tratava a *internet*.

Meu estimado e venerável professor Ildefonso Clemente Puppi, no seu livro *Fatos e Reminiscências da Faculdade*, publicado em 1986 pela Imprensa da UFPR, traçou um completo retrospecto da nossa Escola de Engenharia.

A Faculdade de Engenharia foi discutida em 21 de dezembro de 1912, numa reunião na casa de nº 32 da praça Tiradentes, coordenada pelo professor Afonso Augusto Teixeira de Freitas, em presença de Nilo Cairo. Decidiu-se pela Engenharia Civil, embora já houvesse solicitação de Engenharia Mecânica, Industrial e Elétrica. Havia poucos engenheiros civis atuantes na cidade, e todos eles tornaram-se professores-fundadores!

Teixeira de Freitas (Geometria Descritiva e suas aplicações);

João David Pernetta (Geometria Analítica e Cálculo Infinitesimal);

Cândido Ferreira de Abreu (Máquinas Motrizes e Operatrizes – nada mal para quem eletrificou os bondes de Curitiba);

João Moreira Garcez (Materiais de Construção; Tecnologia das Profissões Elementares e do Construtor Mecânico);

Adriano Gustavo Goulin (Estabilidade das Construções);

Francisco Gutierrez Beltrão (Arquitetura Civil; Higiene das Habitações; Desenho Arquitetônico);

Conrado Ericksen Filho (Hidráulica, Água e Esgotos);

Antônio Joaquim Alves de Faria (Rios, Canais e Portos de Mar);

José Niepce da Silva (Estradas, Pontes e Viadutos);

Arthur Martins Franco (Grafostática e Resistência dos Materiais).

A convite de sua filha Alicinha, falei na comemoração dos cem anos do professor Arthur Martins Franco, nosso parente pelo tronco da família Macedo. A festa deu-se no solar onde viveu até o final dos seus dias, na rua David Carneiro, no trecho em que meu avô Raphael Greca fez magnífico piso de paralelepípedos em leques de basalto preto e granito branco. Aquele solar foi depois comprado por Maria Cecília Leão, para sua fábrica de bonecas “Maria Chica”. Vendido a Louise e Giovani Pereira Gionédis, restaurado pelo arquiteto Rodolfo Doubek, é hoje sede de importante escritório.

Nilo Cairo, engenheiro militar, disse que preferia dar aulas de Medicina e Odontologia, tendo assumido as cadeiras de Patologia e Fisiologia. Somaram ainda os engenheiros militares general Plínio Alves Monteiro Tourinho (Geometria e Trigonometria), Manoel de Cerqueira Daltro Filho (Álgebra Linear e Mecânica Geral), Guilhermino Baeta de Faria (Topografia e Desenho), Mário Alves Monteiro Tourinho (Aritmética), Ernesto Luiz de Oliveira (Física Experimental e Meteorologia), Luiz Caetano de Oliveira (Mineralogia



Concurso do Dr. Luis Caetano de Oliveira, na Universidade - 19 horas de 12 de julho de 1913. Coleção Júlia Wanderley.

e Geologia) e Fernando Jorge de Barros (Astronomia, Geodésia e Cartas Geográficas).

Nota curiosa foi a admissão, entre os professores de Engenharia, do contador Generoso Borges de Macedo (Contabilidade e Correspondência Comercial), do farmacêutico José Rodrigues Pinheiro (Química Mineral e Orgânica), do juriconsulto Enéas Marques dos Santos (Economia Política, Estatística e Direito Administrativo) e do agrônomo José Maria de Paula (Botânica e Zoologia Geral).

A primeira formatura de Engenharia teve apenas dois graduados, fruto da dificuldade das matérias. Terminaram o curso em 1916 os engenheiros Álvaro Pereira Jorge e Galdino Luiz Esteves. A maioria dos alunos que entraram em 1913 formou-se em 1918: Ademaro Lustoza Munhoz, João Pereira de Macedo, Lineu Ferreira do Amaral, Nicanor Pereira, Otávia de Alencar Lima, Raul de Azevedo Macedo, Tibúrcio Carvalho de Oliveira, Valdemiro Teixeira de Freitas, Antonio de Paula Sales Júnior, Leônidas Mendes de Castro, Lisímaco Ferreira da Costa e Oto Gutierrez Simas. O paraninfo foi o professor Plínio Tourinho.

A primeira sede da Universidade do Paraná, de 1912 até meados de 1914, como já relatamos, foi um sobrado de dois andares na rua Comendador Araújo, de fachada e volumetria conservados na frente do que é hoje o Shopping Omar.

Nos primeiros meses de funcionamento, os professores pioneiros acharam prestável para ser sede da

nova Universidade um terreno na esquina da Carlos de Carvalho com a Visconde de Nacar. Compraram a área por 29 contos de réis.

Aí entrou a veia urbanística de Cândido de Abreu, oferecendo a face oeste da praça Santos Andrade, terreno isolado e baldio, com quatro frentes, uma delas para a rua XV. O Governo do Estado contribuiu com 80 mil réis para a nova sede. A isso somou-se o dinheiro da venda do terreno refutado.

Na área proposta e doada pela Prefeitura de Curitiba, foi lançada a pedra fundamental, a 31 de agosto de 1913. Ficou pronta a magnífica sede *art nouveau*, onde funcionaram as faculdades de Direito, Medicina e Engenharia, até 1925. Palacete de três andares nobres, mais porão e mansarda, com 25 vãos, encimado por cúpula monumental. Chamado “Palácio da Luz”, era releitura do projeto de Cândido de Abreu para a Escola de Artes e Ofícios de Mariano



Ampliação do Palácio da Luz, 1927.





Neve de 1928 diante do Palácio da Luz na praça Santos Andrade. Foto João Baptista Groff. Acervo Casa da Memória de Curitiba.

de Lima, exibido na Exposição Universal de Chicago em 1893. O primeiro “Palácio da Luz” teve traço de Guilherme Baeta de Faria. A construção de Carlos Dietzsch, trabalhando como mestre pela empresa de Bortolo Bergonse.

A empresa Bergonse – que teria ficado sem receber a última parcela do pagamento – seguiu os padrões de qualidade europeia que o então prefeito Cândido de Abreu impunha para nossa cidade. O Paço da Liberdade, o Belvedere do Alto de São Francisco e o Palácio da Luz são três marcos arquitetônicos daquele tempo em que brilhou sobre Curitiba, esclarecida e inspirada, a Luz dos Pinhais.

Atualmente, no interior da Faculdade de Direito, há remanescentes desse edifício, no Salão Nobre, na Sala dos Professores, nos lustres *art nouveau*, nas plantas e pranchas com elevações desenhadas a nanquim sobre linho com os projetos originais.

O engenheiro Baeta de Faria e o construtor Bortolo Bergonse ampliaram o prédio em 1928, agora com 43 expressivos vãos. Mais 18 portas-janelas de cada lado da fachada. O curso de Direito ficou ao centro, a Engenharia mudou-se para a ala nova, fronteira à rua XV, do lado direito. No lado esquerdo, foi instalado o curso de Medicina.

No porão que dá para o começo da rua Amintas

de Barros, ficaram os laboratórios de Cirurgia, com as mesas onde jaziam os corpos dos indigentes, utilizados nas lições de Anatomia. Uma das brincadeiras mais comuns entre os piás curitibanos era um desafio de coragem. ‘Duvido que você tenha coragem de olhar nas janelas do porão da Universidade, encarar os defuntos que lá estão expostos nos morgues’. Corajoso era quem metia o bedelho entre as grades e penetrava naquela mansão da morte.

Em agosto de 1944, a Universidade do Paraná decidiu eliminar a cúpula, tida como elemento de



Dirigível alemão sobrevoa a cidade, fotografado atrás do Palácio da Luz.

inspiração religiosa. A intenção era “purificar” o estilo neoclássico do seu “Palácio da Luz”, evocando apenas colunas jônicas e o cânon grego. O engenheiro Rafael Klier de Assunção apresentou à Congregação o desenho de nova fachada e ampliação. A obra ficaria pronta em 1955, já quando era reitor o professor Flávio Suplicy de Lacerda, catedrático de Resistência dos Materiais da Escola de Engenharia.

Flávio Suplicy de Lacerda seria o magnífico reitor no momento de federalização da Universidade, a 19 de dezembro de 1949. Culminavam esforços de uma campanha cívica que agitou Curitiba, desde 1946, muito estimulada pelo reitor anterior, João Macedo Filho. Para conseguir a aprovação do Governo Federal, a Universidade de Paraná “emprestou” o curso de Filosofia da Igreja Católica, que funcionava no palacete do Círculo de Estudos Bandeirantes. Para aprovação no Congresso Nacional, naquele tempo no Rio de Janeiro, muito contribuiu o peso político do então governador Moysés Lupion de Troya e a palavra firme dos deputados Lauro Sodré Lopes e Bento Munhoz da Rocha Netto. No senado, discursou Arthur Ferreira dos Santos.

Em 1958, ficou pronto o conjunto de prédios da nova Reitoria, com os dois edifícios de Ciências Humanas, o teatro de 700 lugares e a bela capela dedicada a Nossa Senhora do Carmo. Em 1961, o reitor Suplicy de Lacerda inaugurou o moderno Hospital de Clínicas da UFPR.

O Hospital Universitário começou no sobrado da rua Comendador Araújo 42, primeira sede da Universidade. O aprendizado prático do curso de Medicina era feito no Hospital de Caridade da Santa Casa de Misericórdia e no Hospício Nossa Senhora da Luz. A partir de 1930, nos então modernos Hospital da Cruz Vermelha e Hospital Oswaldo Cruz.

Em 1918, quando uma epidemia de gripe espanhola se alastrou pelo Paraná, o curso de Medicina passou a ter importância fundamental. O Grêmio dos acadêmicos de Medicina, hoje conhecido como Diretório Nilo Cairo, atendeu a vários pedidos de prefeituras do interior do Estado. Os alunos foram agraciados com votos de louvor e gratidão externados nos principais jornais.

No primeiro governo de Moysés Lupion, surgiu no Paraná a ideia de se construir um grande hospital geral estadual, que pudesse ser utilizado pelos estudantes de Medicina. Foi desapropriado o terreno no Alto da Glória, remanescente da chácara de Agostinho Ermelino de Leão. As obras arrastaram-se de 1948 até 1953, quando o Hospital de Clínicas, ainda por terminar, foi incorporado ao patrimônio da UFPR. O professor da USP Odair Pacheco foi contratado para revisão do projeto. Em 26 de março de 1961, deu-se a inauguração. O presidente JK foi

representado pelo seu ministro da Educação e Cultura, Clóvis Salgado da Gama. O HC tornou-se possível graças à capacidade técnica, tenacidade e visão de futuro do professor Flávio Suplicy de Lacerda, reitor por 16 anos.

Em 5 de agosto de 1961, o presidente Jânio Quadros, quando de sua vinda a Curitiba, fez uma visita minuciosa a todas as unidades, e o Hospital de Clínicas foi oficialmente declarado em funcionamento. Antes disso, Jânio foi ver o Grupo Escolar Conselheiro Zacarias, na vizinha rua Ubaldino do Amaral, onde estudou quando menino, no tempo em que a família Quadros morou em Curitiba. Estava acompanhado do governador Ney Braga e do prefeito Iberê de Matos. A família Dalton Trevisan, da janela de sua casa, na esquina da Amintas de Barros com Ubaldino do Amaral, viu a comitiva presidencial passar.

Dentro da ideia do Plano Agache de dotar Curitiba de um bairro universitário, também em 1961, o reitor Flávio Suplicy de Lacerda mudou a Escola de Engenharia para o então moderníssimo Centro Politécnico, concluído em 1968. Ali foi criado, em 1965, o curso de Arquitetura e Urbanismo.

Ruy Wachowicz, historiador, resumiria a saga da primeira Universidade do Brasil, chamando a atual UFPR de “A Universidade do Mate”. Pode até ser. Mas ousar dizer que é a *Universidade da Utopia curitibana*. Que gente incrível essa: os professores pagaram para lecionar e os alunos para estudar, e a Prefeitura da Cidade e o Governo do Estado tomaram sobre seus ombros a responsabilidade de fazer melhor o futuro, criando um novo patamar de desenvolvimento social. Ali brilhou a Luz dos Pinhais.



Vista aérea parcial do centro de Curitiba. Em primeiro plano, a praça Santos Andrade, com a Universidade Federal do Paraná. 1980.



PAÇO MUNICIPAL DE CURITIBA



Tiro Rio Branco desfila em homenagem a seu patrono na inauguração da estátua do Barão do Rio Branco.



Construção do Paço Municipal. Ainda dentro dos muros do antigo Mercado, no dia da inauguração da estátua do Barão do Rio Branco.



Apólice - Melhoramentos de Curitiba - pró-Paço Municipal. Assinada pelo prefeito Cândido de Abreu.



Verso da mesma apólice.

Cândido de Abreu havia sonhado um “Palácio da Luz” para Curitiba já no final do século XIX, quando projetou a sede nunca edificada da “Escola de Artes e Ofícios” do pintor Mariano de Lima. Ao ocupar a Prefeitura pela segunda vez, lançou-se de corpo e alma na edificação de um faustoso “Hotel d’Ville” para sua capital, agora cidade universitária, orgulhosa sede da primeira Universidade do Brasil.

O mais extraordinário é saber que a obra do novo Paço Municipal de Curitiba, sonhada pelo Prefeito formado na *École des Beaux Arts* de Paris – a mais importante de sua segunda gestão –, foi custeada por subscrição pública. O povo curitibano comprou debêntures lançadas na Bolsa de Londres em benefício da nova sede para sua Prefeitura. A Câmara Municipal e o prefeito lançaram apólices de “Melhoramentos de Curitiba”, para custear os quatro andares de requintada edificação. O esplêndido palácio *art nouveau* foi orçado em 6:000:000\$000

Foram emitidas 6.000 apólices, nos termos da Lei Municipal nº 355, de 5 de dezembro de 1912, e da Lei Estadual nº 1.237, de 2 de maio de 1912. Chegou a minhas mãos uma dessas apólices – que aparece em frente e verso nas ilustrações –, adquirida num leilão de documentos em Londres.

A apólice de nº 2.657, no valor de um conto de réis, como podem ver, emitida em 25 de novembro de 1913, é título assinado pelo próprio Cândido de Abreu. Pagável em 60 anos a partir de 19 de abril de 1917, rendia 5% de juros do valor nominal, valor quitado em duas partes iguais, em junho e dezembro de cada ano.

A interessante engenharia financeira tornou realidade o edifício mais bonito e mais bem construído de Curitiba.



Praça Generoso Marques com o Paço Municipal. Década de 1920.

Obra-prima, tem esculpidos no pórtico majestoso dois gigantes – figuração do Poder Legislativo e do Poder Executivo. Os *Atlantes* sustentam o torreão sobre o qual se assentam a cúpula arrematada por lanternim, o relógio oficial e o trono da cidade. Ali observamos a única escultura representativa da Cidade de Curitiba, a Deusa da Liberdade, alegoria da Luz dos Pinhais, a dominar os horizontes.

De tão apreciada, a estátua tornou-se personagem da ópera “Marumby”, de Benedito Nicolau dos Santos Filho. Cena notável quando deixa seu trono, levanta-se altiva, desperta da condição pétrea e põe-se a bailar entre flocos de neve, na noite fria da nevasca de 1928. Pura harmonia curitibana.

Esse Paço Municipal teve o traço do brilhante arquiteto francês Lacombe, mestre do estilo *art nouveau*, o mesmo que criou o *Hotel de Ville de Bordeaux*, profissional que também criou a graciosa luminária *art nouveau* em ferro fundido com detalhes de peixes e lagostas para a bela praça Eufrásio Correia. Essas criaturas das profundezas do mar estão também relevantemente presentes nas paredes do Paço Municipal.

Quando prefeito, mandei reproduzir essa original luminária em vários múltiplos, dispostos como postes ornamentais com a função de iluminação pública na praça Garibaldi, junto ao Relógio das Flores e no acesso ao Palácio Garibaldi, bem como na perspectiva monumental do Belvedere do Parque Tanguá.

No Paço Municipal, destaque ainda belíssimos lambris e detalhes em *boiserie* sobre madeiras nobres de mestres entalhadores curitibanos – neles, florões *art nouveau* e escudos paranistas dominados por altivas araucárias. Ali, estampada a legenda “Curitiba, Sempre ad Excelsa” – “Curitiba sempre para o alto”.

Os tetos do salão nobre e da sala do Prefeito, pintados pelo notável mestre Ghelfi, são evocação da



Atlantes - alegorias do Poder Legislativo e do Poder Executivo sustentam a torre do Paço.



Estátua de Curitiba no alto do frontão do Paço. Única representação física da Cidade.

Luz dos Pinhais, através do brilhante Carro da Aurora, já referido nos versos de Homero. No mesmo Paço Municipal, soclos, soleiras, cantoneiras e fundamentos em granito apicoado e abujardado, obra-prima de refinada cantaria, executada nas pedreiras de meu avô Raphael Francesco Greca, pelas mãos habilidosas de mestres canteiros. E ainda a perícia construtiva do também italiano Maurizio Thá, que, diz a lenda, começou sua carreira erguendo o Teatro Colón de Buenos Aires.

Nos fundamentos da obra do Paço, foram aproveitados materiais da demolição do Mercado Municipal (1874-1913), cujas paredes externas serviram como tapume para a nova construção. O Paço ficou pronto em 560 dias.

Apesar de ter sido adquirido em 1915, o elevador elétrico só começou a funcionar em 1922, quando o Paço sofreu sua primeira reforma. O elevador elétrico, com portas pantográficas, foi o primeiro a ser instalado em Curitiba, fabricação da *Otis Elevator Company* (EUA). Hoje, fora de operação, foi substituído, mas ainda pode ser visitado, no 4º pavimento do prédio.





Vista do Paço Municipal quando pronto.

O dia escolhido pelo prefeito Cândido de Abreu para inauguração do Paço Municipal de Curitiba foi 24 de fevereiro de 1916 – dia da promulgação da primeira Constituição Federal do Brasil (1891). Já completou cem anos esse magnífico monumento público, o único bem tombado na nossa capital pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, com assentamento no Livro do Tombo em 1984.

Em 1948, o prefeito João Kracik Neto decretou a mudança do nome do edifício de “Paço Municipal” para “Paço da Liberdade” – um marco do pós-guerra, da retomada do regime democrático e do estabelecimento de uma nova Constituição Federal, ao final da era Vargas. O prédio abrigou o gabinete de 42 prefeitos, até 1966, quando a Prefeitura mudou-se para o Centro Cívico.

Ali, o prefeito Iberê de Matos comandou a Campanha da Legalidade, após a renúncia de Jânio Quadros (PTB), em 25 de agosto de 1961, pró-posse do vice-presidente eleito João Goulart, que estava em viagem oficial à China e enfrentou oposição militar. Brizola convocou a resistência pelo rádio, desde Porto Alegre. O povo venceu.

O Paço foi sede do Museu Paranaense de 1974 a 2002. Depois ficou abandonado, até ser restaurado pela Fecomércio, reciclado em centro cultural do Sesc, em 2009.

Ainda em 1914, o prefeito Cândido de Abreu instituiu um “Prêmio de Aviação”, para estimular a prática do voo de aviões em Curitiba. Inspirava-se na Semana da Asa de 1912, no Rio de Janeiro, iniciativa do Ministro da Guerra Vespasiano de Albuquerque. O “Prêmio de Aviação da Prefeitura de Curitiba”, no valor de 1.000\$000 réis, foi abocanhado pelo paulistano Cícero Arsênio de Souza Marques, no dia 1º de abril. Segundo o jornal *A República*, o audacioso e destemido rapaz *lutador romano, boxeur, dotado de*

força hercúlea, levantou voo em aeroplano no Prado, perante seleta assistência. Seu aviãozinho, batizado “Bahiano”, era um monoplano tipo Blériot. Chegou ao hipódromo carregado por soldados do Corpo de Bombeiros, acompanhado do mecânico Marcel Prevost.

Ainda que fosse dia de semana, uma quarta-feira, toda a Curitiba esteve lá para aplaudir. O povo mais esperto conseguiu ver o voo sem pagar por isso. O jornal do dia seguinte criticou: Não causou boa impressão o fato de muitas famílias terem permanecido fora do Prado, tendo-se negado a levar seu auxílio ao intrépido patricio. Cícero, todos o sabem, dedicou-se de corpo e alma ao estudo da aviação em Étampes, na França. É diretor da Escola de Aviação de São Paulo. Tem na aviação seu meio de vida. Assim, é justo que todos procuremos auxiliá-lo para que em breve a moderna aviação passe a ser fato em nosso país.

No domingo seguinte, cinco de abril, Cícero voou duas vezes. Em atenção a um pedido dos empregados do comércio, as entradas baixaram de preço: 1\$000 réis as gerais, 3\$000 as arquibancadas, 12\$000 os veículos. Os ingressos foram vendidos pela loja Louvre, que depois expôs a hélice do avião na sua vitrine. Aliás, uma nova hélice, em madeira de lei, foi executada com maestria pelos marceneiros da fábrica de pianos Essenfelder, presenteada a Cícero Marques. Ele chegou a anunciar um *raid* aéreo Curitiba-Ponta Grossa, proeza que não se realizou, ficando apenas na boa intenção.



Aviador Cícero Marques trouxe seu aeroplano à Curitiba, em abril de 1914. Foto manuscrita por Júlia Wanderley.

(embaixo) Detalhe de *boiserie* do salão nobre do Paço com escudo da cidade de Curitiba.



Cícero Marques, avião, voo, com assistência, em Curitiba, com seu aeroplano - Bahiano, no dia 1º de abril de 1914.

CURITIBA CRESCE: EMPURRA CIDADÃOS E SAPOS PARA MAIS LONGE



Vista de Curitiba a partir da Torre da Igreja de Bom Jesus.



Pilarzinho. Capela de Nossa Senhora do Pilar e Armazém Basso.



Casa Gbur com varanda em lambrequins no Pilarzinho. Resistiu até 1980, então residência de D. Maria Gbur Zeni.

Mas nem só de esplendores vivia a realidade curitibana. Nestor Vítor, no seu livro *A Terra da Fortuna – Impressões do Paraná em 1912*, comenta: [...] *aquelas pitorescas chácaras da Curitiba de outrora já perderam seu caráter vivamente campestre, enfileiradas agora em ruas regulares com outros prédios que lhes empobrecem a atmosfera e, em muitos casos, tiram-lhe grande parte do terreno. Estão desaparecendo os leves chalés de madeira, e rareiam ainda mais as pobres casinhas de telhas encardidas, cujo aspecto, às vezes, era miserando.*

“Os pobres e os sapos vão indo cada vez para mais longe”, dizia-me – em 1909 – Emílio de Menezes, com a perversidade de quem não quer perder uma boa frase, tanto mais quando realmente ela bem resume a situação. Está aí o motivo principal porque não achas mais na Cidade esse cheiro campesino e de que eu me recordo: com os pobres vão se distanciando também as culturas.

Emílio de Menezes e o grande cronista Nestor Vítor sabiam que uma cidade esconde muitas humanidades. O próprio Nestor Vítor continua sua análise: *A Rua XV que é a Rua do Ouvidor de Curitiba, essa perdera o acaçapado e a vulgaridade de rua simplesmente provinciana. Larga e simpática, como sempre foi, ostenta hoje os palácios bancários, grandes e importantes armazéns e, quando menos, quase sem exceção, oferece à vista sobrados já bem decentes agora.*

Na primeira década da República, o crescimento anual de Curitiba foi o mais alto entre as capitais brasileiras, 7,4%. Entre 1889 e 1899, a





Praça Rui Barbosa com Asilo São Luiz, Colégio São José, Santa Casa, Igreja e Colégio Bom Jesus.



Vista aérea de Curitiba, praça Osório em primeiro plano e Rui Barbosa ao fundo.

população da capital do Paraná dobrou em apenas 10 anos. E dobrou novamente entre 1900 e 1920, acrescida da chegada de 11 mil imigrantes europeus. Com a I Guerra Mundial, os europeus continuavam vindo, agora na triste e paupérrima condição de refugiados.

Além do que, surgiram na periferia domicílios de famílias do litoral e do interior do Paraná, gente marginalizada, desenraizada e desaculturada. Eram pessoas doentes, que viviam de esmolas e biscates. Andrajosos, perambulavam pelas ruas da cidade. Índios recém-chegados dos sertões de Guarapuava e dos grotões do litoral cruzavam com pobres imigrantes da Galícia, a zona conflagrada à sombra dos Montes Cárpatos, situada entre a Polônia e a Ucrânia.

O historiador Monteiro Pereira registrou: *Da noite para a dia, uma perigosa malta marginalizada de pessoas ameaçava a ordem vigente. Destacavam-se ali, pela primeira vez, crianças e adolescentes. No Império eram pouco visíveis, porque as crianças tinham por destino as “casas de expostos” e os adolescentes trabalhavam como escravos.*

Luiz Garcez concluiu: *A passagem do século expunha, junto com as imagens de progresso, as contradições inquietantes de uma nova questão. A questão social passava a ter por cenário o espaço urbano.*

O antigo *Campo do Olho d'Água*, *Campo do Olho d'Água dos Sapos*, *Campo da Cruz das Almas*, *Largo da Misericórdia*, em 1913, ao receber sua primeira urbanização, passou a se chamar *praça da República*, e praça Rui Barbosa, em 1923, homenagem da Câmara Municipal após a morte do jurista baiano.

A praça Rui Barbosa sediou o VI Regimento de Artilharia, que fez dali a praça das manobras e desfiles militares. Em 1943, em comemoração aos 250 anos da cidade, ali foi instalada a II Grande Exposição Internacional de Curitiba. Em 1953, o local sediou o I Congresso Eucarístico Provincial do Paraná, quando do I Centenário do Estado. Ali aconteciam os Grandes Prêmios Prosdócimo

de Ciclismo. Por lá acampavam os circos de passagem por Curitiba.

Em 1954, recebeu nova reforma: o chafariz luminoso, com garças de concreto. Ganhou, em maio de 1958, sob comando do ator Ari Fontoura, um “Teatro de Bolso”, demolido em 1975. Nesse mesmo ano, o Exército brasileiro entregou o terreno do antigo quartel para o prefeito Saul Raiz, num programa de permuta de áreas pelo novo Quartel General do Pinheirinho. Na praça Rui Barbosa, além da Igreja e Convento do Bom Jesus e do Hospital de Caridade da Santa Casa de Misericórdia, existiram o Asilo São Luís, o Colégio São José, o Colégio Iguazu (do professor Alfredo Parodi), a Faculdade de Ciências Médicas do Paraná e o Guaira Palace Hotel.

Depois, a Rui Barbosa decaiu. Em 1983, virou camelódromo, anarquia a céu aberto. Em 1995-1996, promovi sua requalificação urbana, criando, no local do ex-quartel de Artilharia, a *Rua da Cidadania da Matriz*, complexo arquitetônico com a Regional da Matriz da Prefeitura Municipal, estacionamento da URBS, restaurante de R\$ 1 e o grande Mercado Central. Pessoalmente, supervisionei o projeto do IPPUC, financiado pelo BID. Instalei as estações-tubo ampliadas, para servir à integração metropolitana de transportes, e, no calçadão de *petit pavé*, grandes espelhos d'água com chafarizes.

Com a declaração da Primeira Guerra Mundial, o interesse anglo-francês em Curitiba reduziu-se. O capital precisava participar do esforço de guerra no Velho Mundo. Em 21 de abril de 1914, foi lida na nossa Câmara Municipal a proposta de encampação, pelo município, do serviço de Bondes, Luz e Força de Curitiba, administrado pelos banqueiros Fontayne

e Laveleye – então proprietários da *South Brazilian Railway*. A proposta era de um pagamento de 19 mil contos de réis, em apólices, com juros de 6%, amortizáveis em 50 anos.

Nada se concretizaria até 1923, quando a Prefeitura Municipal autorizou a Câmara a emitir as apólices para adquirir o serviço de bondes urbanos.

Em 1916, a praça Osório foi urbanizada, com relógio sobre elegante monólito de granito e coreto. Quatro anos depois ganhou seu belo repuxo. Foram importadas de Paris as estátuas de bronze, ninfas sensuais tentando segurar peixes rebeldes que esguicham jatos de água.

Em cinco de fevereiro de 1918, quando a Força Pública do Estado do Paraná comprou seu primeiro avião, o voo de estreia foi um acontecimento social em Curitiba. O piloto Luiz Bergman cortou os ares com “Sargento”, a bordo duas graciosas meninas, Inah, filha de Domingos Duarte Vellozo, e Emília, filha do mecânico da aeronave Higino Perroti. Após a tarde no Prado, o Comandante da Polícia ofereceu um brinde ao destemido aviador, espocando champanhe no Grande Hotel Moderno. À noite, os “inferiores da Polícia” ofereceram, na Confeitaria Bubbe, o que o jornal chamou de “um copo d’água” – nome popular para coquetel ou tira-gosto. Na ocasião, foi lançada a ideia da Escola de Aviação do Paraná.

Na gestão do prefeito João Antonio Xavier (o primeiro depois de Cândido de Abreu a despachar no novo Paço Municipal), quando rompeu o ano de 1918, Curitiba possuía 112 fábricas, que empregavam 2.440 operários. Em 1920, já eram 255 fábricas, responsáveis pelo sustento de 3.488 operários. Nesse ano, os engenhos de erva-mate, que já tinham sido mais numerosos, eram apenas 14. A indústria do churrasco começava a perder importância.

Continua Garcez: *Naquele tempo, a indústria da construção civil começou a absorver contingentes de mão de obra não qualificada. São 30 as olarias produzindo tijolos e telhas de barro. Mais de 20 fornos de cal virgem na Conceição do Mato Dentro – hoje Almirante Tamandaré. Pedreiras ao norte de Curitiba e na raiz da Serra do Mar; oferecendo pedras para pavimentação, detalhes arquitetônicos e fundações. Além de 8 serrarias de madeira e dezenas de depósitos de materiais de construção.*

Em 1920, Curitiba já dispunha de 400 mil metros quadrados pavimentados, a maior parte em macadame. As obras públicas estenderam o núcleo central até o sul, até além da Praça da República e da Estação Ferroviária. Ao norte, Curitiba cresceu por detrás do Largo da Ordem. Ai foram disponibilizadas redes de água, telefone e iluminação pública. No restante da ci-



Anúncio da Vidraria Paranaense, da família Solheid.

dade linhas de ocupação urbana seguiram as antigas estradas, onde se implantaram muitos dos 14 engenhos de erva-mate.



Construção da Igreja do Sagrado Coração de Maria.

Na década de 1920, Curitiba cresceu e o casario se estendeu, consolidando a urbanização do bairro Engenheiros Rebouças. Já estava longe aquele dia da virada do século, no ano de 1900, quando o Campo da Cruz sediou a missa comemorativa dos 400 anos do descobrimento do Brasil. Rapidamente, a atual praça Oswaldo Cruz, de lugar ermo tornou-se espaço urbanizado. O Governo do Estado construiu o grupo escolar Xavier da Silva, colégio modelo, e a prefeitura abriu e melhorou as ruas 5 de Maio (hoje Brasília Itiberê) e 29 de Agosto (hoje Santo Antônio). A avenida Marechal Floriano foi prolongada até a rua Ivaí (hoje Getúlio Vargas) e de lá até o Asilo Nossa Senhora da Luz. Dez linhas de bondes elétricos ligavam o centro da cidade aos bairros Água Verde e Portão, passando pelo Rebouças.



João Moreira Garcez (1885-1957) - Prefeito de Curitiba entre 1920 e 1928.





Sagrado Coração de Maria e Studium Theologicum na antiga avenida Ivaí, hoje Getúlio Vargas.

As novas indústrias preferiam a vizinhança do pátio de manobras da estação central, para facilitar embarque e desembarque de cargas. A Cervejaria Atlântica instalou-se em 1912, na rua Ivaí, mesmo endereço do Armazém de Antônio Parolim, e a Vidraria Paranaense, de Solheid & Cia., na rua Ratcliff (atual Westphalen). Maurizio Thá abriu ali seu depósito de madeiras e materiais de construção. Antônio Giacomassi ergueu seu barracão perto do quartel da Marechal Floriano.

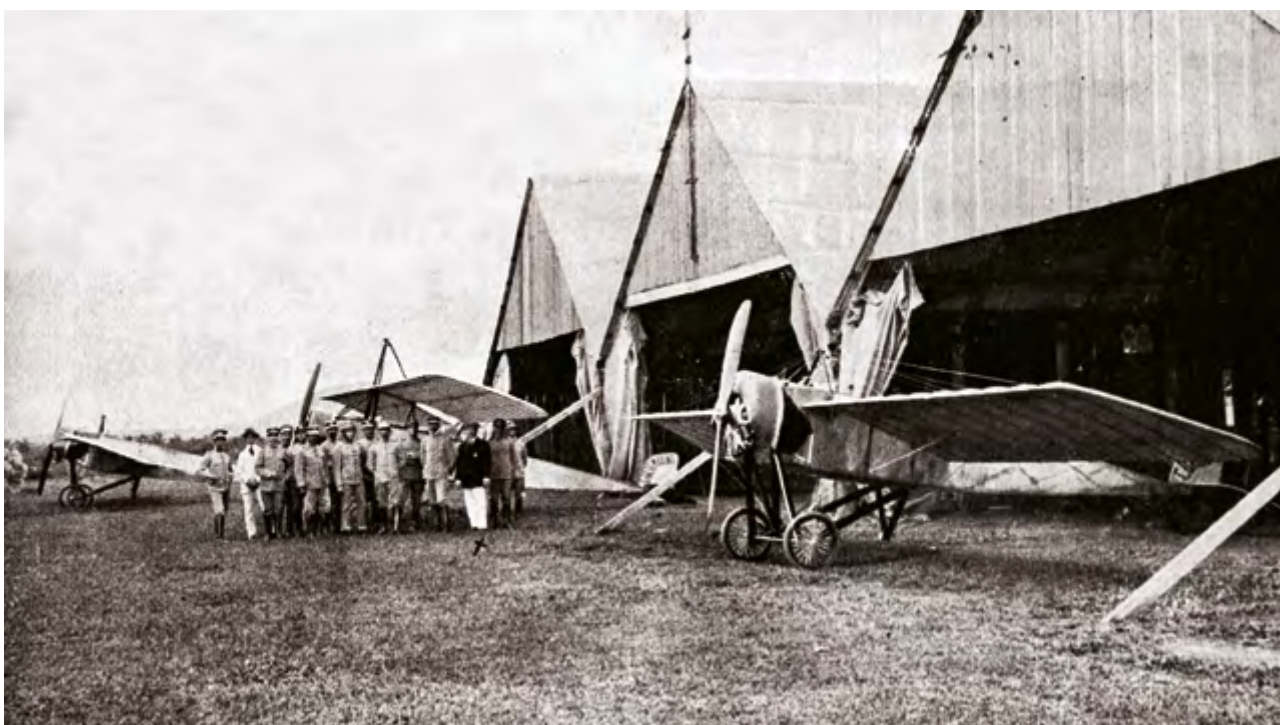
No início dos anos 20, a região da avenida Iguaçu, com demarcação de lotes bastante regular, além de rede de energia elétrica, dispunha de água canalizada, rede coletora de esgotos, os sanitários já localizados dentro das casas. Nos arrabaldes mais humildes, persistiam as “casinhas”, gabinetes sanitários

modestos, em tábuas e ripas, erguidos sobre as fossas sépticas.

Em 1917, começou na praça Ouvidor Pardinho a construção do Santuário do Coração de Maria. Os padres espanhóis claretianos haviam trazido de Barcelona – já em 1908 – uma bela imagem da Virgem Maria apontando para o Sagrado Coração. A primitiva igreja foi demolida para dar lugar a um belo edifício projetado pelo engenheiro curitibano João Moreira Garcez (1885-1957). Da comissão de obras, além de Garcez, participaram o padre Raimundo Castellón, Caetano Munhoz da Rocha (então Secretário da Fazenda do Paraná), o desembargador Filinto Teixeira e o advogado Manuel Vieira de Alencar.

João Moreira Garcez, o engenheiro brilhante, encarregado de projetar e erguer a igreja do Imaculado Coração de Maria, passou a ser o prefeito de Curitiba em 1920. Ficou no Paço Municipal até 1928. Voltaria a governar a cidade de 1938 a 1940.

João Moreira Garcez, duas vezes prefeito de Curitiba, nasceu a 17 de março de 1885. Seus 72 anos de vida produziram invejável trajetória. Um dos fundadores da Faculdade de Engenharia da Universidade do Paraná, em 1912, tornou-se lente catedrático em “Navegação Interior, Rios, Canais e Portos”. Foi diretor de Obras e Viação do Estado do Paraná. Obra sua, quando prefeito de Curitiba, a consolidação urbanística das grandes avenidas Sete de Setembro, Silva Jardim, Iguaçu e Getúlio Vargas; o Santuário do Imaculado Coração de Maria, na praça



Raid Aéreo Curitiba-Rio de Janeiro.

Ouvidor Pardinho; o Edifício Garcez. Em 1928, foi eleito deputado federal, destituído dessa dignidade pela Revolução de 1930, liderada pelo gaúcho Getúlio Dornelles Vargas. Foi nomeado prefeito de Curitiba pelo interventor Manoel Ribas, em 1938. Ficou no cargo até 1940. Lecionou até o final da vida. Faleceu a 19 de março de 1957.

Em maio de 1921, o capitão PM João Busse tentou voar desde Campinas até Curitiba, num *raid* programado em três etapas: Campinas-Itapetininga-Itararé-Curitiba. Alçou voo no dia 23, com percurso exitoso. No dia 24, com problemas no motor da aeronave, caiu às margens da Estrada de Ferro Sorocabana, bateu a cabeça no solo e morreu. O aparelho do avião chocou-se com um imenso ninho de cupins. Voava sem cinto de segurança. Curitiba comoveu-se. Na vitrine da loja “A Nacional” estava exposta a medalha de ouro que ele conquistaria. O poeta e escritor Menotti Del Picchia, enternecido, dedicou-lhe crônica publicada nos jornais paulistanos.

Em setembro daquele mesmo ano, o coronel Albano Reis, do Exército Nacional, presidente da Escola de Aviação Paranaense, propôs a criação da “Fábrica de Aeroplanos de Curitiba”. Estava empolgado com a excelência das madeiras de lei do Paraná, apropriadas para confecção de hélices aeronáuticas, conforme o *Livro das Árvores do Paraná*, de Alfredo Romário Martins. Na vitrine da loja Louvre, o público curitibano apreciou projeto para construção de um avião biplano militar, de 220 cavalos, do engenheiro alemão Maxim Franzke. O fato foi notícia no *Diário da Tarde* de 28 de setembro de 1921.

Em 1922, ano do centenário da Independência do Brasil, as praças Tiradentes e Santos Andrade foram remodeladas. Naquele tempo, o prédio central da Universidade, dito “Palácio da Luz”, tinha três andares, cada um deles com nove vãos e uma escada em arco na base do pórtico monumental que sustentava a cúpula. Ficou assim até 1925, quando foi acrescida uma ala de cada lado, com três vãos por andar, colunata neoclássica a sustentar mansardas de folha de flandres.

O Clube Curitibano saiu do sobrado da esquina da XV com a Monsenhor Celso. Foi contratado o construtor Bortolo Bergonsen, que ergueu sede nova, com amplo salão dominado por espaçoso balcão, na XV esquina com a rua da Liberdade (hoje Barão do Rio Branco).

A 24 de abril de 1923, foi encerrado o “Raid Aéreo Rio-Curitiba”. Saudados pela imprensa, desembarcaram os arrojados tenentes do Exército Aroldo Borges Leitão e Adyr Guimarães, que, pilotando um avião “Breguet”, voaram desde a Capital Federal,

com escala em Santos. Decolaram quatro aviões no Campo dos Afonsos, no Rio de Janeiro, mas só um chegou ao destino. O pouso acidentado causou medo na plateia reunida num descampado do bairro do Portão. Tudo terminaria em estrepitosa celebração. À noite, houve baile no Clube Curitibano, promoção conjunta das senhoritas dos grêmios “Bouquet”, “Seleto” e “das Violetas”. O *raid* foi dedicado ao doutor Caetano Munhoz da Rocha, benemérito presidente do Estado do Paraná.

Em 27 de junho de 1924, foi fundada a Rádio Clube Paranaense. Era a terceira rádio do Brasil, pois já transmitiam a Rádio Clube Pernambucana (1919), desde o Recife, e a Rádio Sociedade do Rio de Janeiro (1919), de Roquette-Pinto. O empresariado local começava a se interessar pelo negócio da comunicação. Ubiratan Lustoza, pesquisador da História do Rádio, ele mesmo um radialista apaixonado, transcreve a ata de fundação da veterana Rádio Clube:

Aos 27 dias do mês de junho do ano de 1.924, às onze horas da manhã, na residência do Sr. Fido Fontana, industrial desta Praça, presentes esse senhor e as seguintes pessoas, Senhores Lívio Gomes Moreira, João Alfredo Silva, Olavo Bório e Dr. Oscar Joseph de Plácido e Silva, estando devidamente representados os Senhores Dr. Ludovico Joubert, Euclides Requião, Bertoldo Hauer, Gabriel Leão da Veiga e Alberico Xavier de Miranda, todos amadores de radiotelegrafia, foi fundada uma sociedade tendente à difusão de radiotelegrafia, a qual tomou a denominação de Rádio Clube Paranaense.

Pelos presentes foi aclamada uma diretoria provisória, constituída pelos senhores Fido Fontana, presidente, Lívio Gomes Moreira, diretor técnico, e João Alfredo Silva, secretário-tesoureiro. Foi incumbido o Sr. Lívio Moreira de redigir o projeto-estatutário a ser discutido na próxima reunião, que ficou marcada para o dia 15 de julho entrante. Enquanto não for instalada a estação irradiadora do novel clube, o Sr. Lívio Moreira, que é o decano dos amadores de rádio em nosso Esta-



Baile no Salão do Clube Curitibano, ainda na Rua XV.





Rádio PRB2 no Belvedere do Alto de São Francisco, onde estreou o rádio em Curitiba.

do, quiçá no Brasil, por gentil deferência, ofereceu-se para irradiar diariamente, a título experimental, pela sua pequena estação transmissora, iniciando-se assim, desde já, a intensificação da radiotelefonia em nossa Capital.

Pelo Sr. Presidente foi ordenada à secretaria a expedição de circulares comunicando a fundação do Rádio Clube Paranaense. Nada mais havendo a tratar-se, foi lavrada a presente Ata, que vai assinada pelos presentes.

Para as transmissões pioneiras, serviu o elegante “Belvedere Municipal”, gracioso sobrado *art nouveau*, erguido pelo prefeito Cândido de Abreu no Alto de São Francisco, junto às Ruínas. No primeiro momento, o rádio não foi popular, pois um aparelho receptor custava “os olhos da cara” – cerca de 120 mil réis.

É Ubiratan Lustoza, fonte primária da História, quem conta os primórdios do rádio:

SQIF foi o primeiro indicativo de chamada da nova emissora. Em 1.933, o Rádio Clube Paranaense recebeu o prefixo PRAN. Em 1.935, inaugurando novos transmissores com 1.000 watts de potência e instalado no Belvedere do Alto de São Francisco, a Rádio Clube recebe o prefixo que ficaria famoso em todo o Brasil: PRB-2.

Em 1.930, pela primeira vez no Paraná, a Rádio Clube Paranaense transmitiu uma partida de futebol. Foi um “Atlé-Tiba” realizado na velha Baixada, na Rua Buenos Aires. Há controvérsias quanto a essa data. Dizem outros que foi em 1.933. Quando diretor da Rádio Clube Paranaense, certa vez recebi a visita do Sr. Zinder Lins, um dos autores do Hino do Clube Atlético Paranaense. Zinder me levou de presente uma fotografia registrando esse grande acontecimento, onde aparecem os locutores sobre um tablado e os torcedores, em grande número, todos de terno, gravata e chapéu. Essa foto deve estar ainda na sede da Bedois.

Em 1.933, realizou-se na Bedois a primeira apresentação de teatro pelo rádio no Brasil. Correia Júnior teve a ideia e convidou seus amigos Heitor Stockler de França, poeta como ele, e Otávio de Sá Barreto, outro



Auditório da Rádio PRB2.

intelectual, para apresentarem “A Ceia dos Cardeais”, texto de Júlio Dantas. Correia Júnior fez o papel do Cardeal Gonzaga, português; Heitor Stockler interpretou o Cardeal Mont Mormerci, francês; Otávio de Sá Barreto fez o papel do Cardeal Rufo, espanhol. Sucesso estrondoso. A PRB2 chegou a produzir 13 radionovelas.

Quando era vereador de Curitiba, entre 1983 e 1986, ia todas as tardes ao estúdio da PRB2, depois das sessões da Câmara, contar a “História dos Bairros de Curitiba”. Meu programa terminava exatamente na hora da “Ave Maria”, quando entrava no ar, para sua benção diária, o arcebispo Dom Pedro Fedalto. Os estúdios da PRB2 já estavam localizados na esquina da Saldanha Marinho com Muricy, no edifício Dom Manuel.

O cafeicultor Luís Guimarães, na década de 1920, ergueu o Castelo do Batel. O terreno foi comprado das famílias Gomm, Withers e da Mitra Diocesana, numa área de bosque nativo de 10.500 metros quadrados. O parcelamento do solo que criaria o atual bairro do Batel começou a se definir.



Netas do cafeicultor Luís Guimarães no interior do Castelo do Batel, com bonecas de porcelana alemã.



Castelo do Batel.

O belo prédio, cuja construção durou de 1924 a 1928, é uma réplica de *chateaux* do vale do Loire, paisagem romântica da França, sonho do Guimarães endinheirado.

Em 1923, o projeto da sonhada residência foi confiado ao engenheiro arquiteto curitibano Eduardo Fernando Chaves, com o pedido de *uma residência parecida com algumas das mais magníficas que fiquei conhecendo*, conforme o próprio Luís Guimarães declarou em depoimento ao Serviço de Patrimônio Histórico do Paraná. “Chaveco” e Guimarães foram até a França para observar melhor o estilo e chegar a definições.

Guimarães contratou mestre Bortolo Bergonsen para as obras, que se estenderam de 1924 a 1928, pelas dificuldades de execução, pelos requintados detalhes de acabamento, e pelo emprego de variada gama de materiais, adereços, peças de arte e artesanato, importadas da Europa.

Em 1928, 2.200 m² de esplêndida alvenaria de tijolos e concreto estavam erguidos. Tudo dentro dos melhores padrões de luxo europeu aristocrático. O jardim francês, graciosa fonte glorieta, exigiu a contratação de dois jardineiros, a trabalhar o dia todo, para adequada conservação.

Segundo relatos do próprio Guimarães, *a maioria das pinturas em afresco dos salões foram feitas por um suíço e um alemão. As telhas planas de fibrocimento, tipo ardósia, da marca Eternité, vieram da Bélgica, as louças sanitárias do fabricante francês Jacob de Lafont, a tapeçaria e a ornamentação interna de Paris*. Nas paredes, lambris de madeira de lei, pois a imbuia era farta no Paraná das serrarias.

Em 1947, o castelo passou a ser residência da família do governador do Paraná, Moysés Lupion de Troya, que havia vencido as eleições naquele ano. Em seus tempos áureos, Lupion hospedou ali o genial pintor Miguel Bakun, que, em retribuição, decorou as



Interior do Castelo do Batel.

paredes do sótão com pinturas singulares, revelando sua visão da Volta ao Mundo.

Lupion e dona Hermínia ali receberam visitas ilustres: Assis Chateaubriand, os presidentes Juscelino Kubitschek, Eurico Gaspar Dutra, Jânio Quadros, João Goulart, o vice-presidente dos Estados Unidos, Nelson Rockefeller, o Príncipe Bernard da Holanda e o Príncipe Oshio do Japão. A partir de 1973, o Castelo do Batel passou a abrigar a sede da TV Paranaense, na época, chamado apenas de *Canal 12*. A emissora funcionou no prédio até meados de agosto de 2003, quando Francisco Cunha Pereira, afilhado da Rede Globo, transferiu seus estúdios para a Vista Alegre das Mercês.

Então a família Lupion retomou o Castelo, como espaço de eventos, erguendo um pavilhão anexo com 659 m². O espaço foi logo consagrado como endereço de eventos elegantes. Nossa querida amiga, a elegante Lily de Carvalho Marinho, lançou ali seu livro de memórias.

Em maio de 1923, o prefeito Moreira Garcez sancionou decreto autorizando a Câmara Municipal a emitir apólices para adquirir o Serviço de Bondes Urbanos, compreendendo todo o acervo da *South Brazilian Railways*. Logo após, o município abriu concorrência para o respectivo arrendamento. Estabeleceu como condição a troca da energia termelétrica por energia hidrelétrica.

Moreira Garcez mostra-se preocupado com a poluição do ar. Já em 1910, o Paraná conhecia a energia hidrelétrica, produzida na Usina de Serra da Prata, perto de Paranguá, com potência de 400 kVA.





João Turin, inauguração da estátua de Tiradentes. 1927.

Em 1924, foram desapropriados e demolidos os prédios entre a alameda Doutor Muricy e a avenida Luiz Xavier. A rua XV foi alargada, para *facilitar o footing, o tráfego diário de veículos e de pedestres*. Aquele era um tempo em que os carros de passeio subiam e desciam a rua, para o *flerte* entre moças e rapazes, em animado movimento de interação social. Nas calçadas, junto às vitrines, fotógrafos de plantão produziam “instantâneos” dos transeuntes.

Em 1926, a Prefeitura de Curitiba contratou a Companhia Construtora Nacional para asfaltar a avenida Luiz Xavier, o entorno da Praça Osório e a vizinha rua Voluntários da Pátria. Em junho de 1927, Garcez assinou contrato com essa mesma companhia, para a construção de um edifício particular.

A nova igreja da praça Ouvidor Pardiniu ficou pronta em 1928, sendo consagrada a 6 de janeiro, Epifania, dia de Reis. Em estilo *art déco*, sua fachada parecendo um aparelho de rádio. Campanário encimado por cúpula, com imagem triunfante do Coração Imaculado de Maria. Ali foi içado sino de bronze de 150 quilos. Ao lado da Igreja, os padres claretianos espanhóis instalaram seu *Studium Teologicum*.

O rancor dos adversários, a inveja dos mediócras e a coincidência entre as obras do Santuário, o asfaltamento da avenida Luiz Xavier e a edificação do edifício Garcez provocaram comentários desairosos sobre a idoneidade do prefeito Moreira Garcez. Com o tempo, ficou provado que ele nada tirou da Prefeitura, recorrendo a empréstimos particulares para tocar seu edifício. Emprestou dinheiro de dona Izabel Comm e Júlio Garmatter, ela abonada ervateira, ele próspero açougueiro, atacadista de “carne verde”.

Na construção do Edifício Garcez, foram empregadas toneladas de ferro e cimento da marca “Alsen”, material importado da Alemanha. Na contenção do terreno, às margens do primitivo curso do rio Ivo, recorreram a espessos troncos de eucalipto embebidos em óleo cru. Trilhos ferroviários, em ferro, foram empregados na estrutura e nas sapatas. O subsolo



Novos trilhos são instalados na praça Tiradentes.

acabou ficando 4 metros abaixo do nível da rua. Esse porão cobre área superior a mil metros quadrados – espécie de abrigo antiaéreo, nunca utilizado em Curitiba.

O edifício Garcez foi projetado para ter apenas cinco andares, mas qual *Torre de Babel*, foi subindo mais. Chegou ao 8º pavimento. Um “arranha-céu”, como se dizia na época, provocado pela vigência de lei municipal *que oferecia isenção de impostos ao prédio mais alto de Curitiba*. As capitais do Brasil já invejavam o *skyline* de Nova York.

O Edifício Garcez era o terceiro prédio mais elevado do Brasil. Perdía para o Edifício Martinelli, em São Paulo, e o edifício do jornal *A Noite*, no Rio de Janeiro.

Ao ser inaugurado, em 1930, o Edifício Garcez era considerado o terceiro edifício mais alto do país. Tornou-se atração e orgulho de Curitiba. Era disputado, entre a rapaziada, o privilégio de subir a bordo dos modernos elevadores, para *ver o pôr do sol no último andar do Garcez*, como cantariam mais tarde os poetas Adherbal Fortes de Sá Júnior, Marinho Galera e Paulo Vítola, no musical “Curitiba, Cidade sem Portas” (1972).

No térreo do Edifício Moreira Garcez funcionou o Cine Palácio, estrela de primeira grandeza da Cinelândia Curitibana, rival dos cinemas Avenida, Ópera e Odeon. Foi sucedido pelo Cine Astor, nome da sala de exibição quando o *foyer* foi deslocado para a rua Voluntários da Pátria. Ali funcionou o DER (Departamento de Estradas de Rodagem), quando nele atuavam os engenheiros Maninho Lupion, Lolô Cornelsen e meu amado pai, Eurico Dacheux de Macedo. Nele estreou a televisão, apresentada aos curitibanos por Nagib Chede, nas vitrines das Lojas Tarobá.



Edifício Garcez na década de 1930.

A construção foi restaurada em 1985, pelo Grupo Hermes Macedo. Foi reaberta em 1988, como loja de departamentos, nas mãos do seu genro Eduardo Guimarães. O negócio não deu certo. Em 2003, a Prefeitura Municipal de Curitiba concedeu ao Grupo Uninter alvará de funcionamento para uso das faculdades de Gabriel e Wilson Picler, empresários gaúchos, com passagem por Guaira, no extremo oeste do Paraná.

A 18 de julho de 1928 já tinha sido assinado

o contrato de concessão de distribuição de energia elétrica em Curitiba, entre o Governo do Paraná e o grupo Empresas Elétricas Brasileiras. Curitiba contava então com 2.590 quilowatts de capacidade geradora e 7.543 unidades consumidoras. Mas já sofria apagões nas chamadas “horas de pico”. Foi aí que desembarcaram na cidade os interesses do capital norte-americano e europeu, concentrados na nova Companhia Força e Luz, acolhidos pelo prefeito Moreira Garcez.

A Força e Luz, sob a orientação do engenheiro norte-americano Howell Lewis Fry, construiu e inaugurou, em 1931, a usina Chaminé, localizada na Serra do Mar, à margem esquerda do rio São João, no município de São José dos Pinhais, a 78 km de Curitiba, na estrada de Joinville. Chaminé era capaz de gerar 9 megawatts, um colosso para a época. A Chaminé com força hidráulica permitiu que fosse desligada a Usina Térmica do Capanema, apagada para sempre a chaminé poluidora.

A usina de Chaminé foi incorporada pela Copel em 1975. Tive a oportunidade de conhecê-la, levado pelo meu amigo, presidente da Copel, engenheiro Arturo Andreolli. Projeto de engenharia perfeito, cenário de preservação ambiental permanente, onde chama a atenção o trole, bondinho em pla-



Detalhe da fachada do edifício Garcez em estilo *art déco*. Foto Valmir Singh.



no inclinado, transporte entre a vila residencial e a casa de força. O percurso é de 700 metros, vencendo planos praticamente verticais e declives de até 55 graus em aproximadamente 10 minutos. O incrível é que esse trole elétrico está operando desde 1928.

Em 1928, a *South Brazilian Railways* encerrou suas atividades em Curitiba. A operadora dos bondes passou a ser a Companhia Força e Luz do Paraná (CFLP).

Esse processo, como já relatei, havia começado em 1914. Interrompido pela I Guerra Mundial, voltou em 1923, quando o Prefeito Moreira Garcez sancionou decreto autorizando a Câmara Municipal a emitir apólices para adquirir o Serviço de Bondes Urbanos, compreendendo todo o material rodante e acervo da *South Brazilian Railways*. Na sequência, Moreira Garcez abriu concorrência para o arrendamento do serviço de luz, força e bondes do Município, já utilizando energia hidrelétrica. Assina o edital o diretor de Obras e Viação Pública, engenheiro doutor Goulin.

Adriano Gustavo Goulin (1885-1938) foi engenheiro, advogado e industrial. Participou da fundação da Universidade do Paraná. Foi o primeiro diretor da nossa Faculdade de Engenharia (1918-1920), quando o curso era autônomo. Era professor de Hidráulica, Me-

cânica Aplicada, Resistência dos Materiais e Estradas. Diretor de Obras da Prefeitura de Curitiba, na longa gestão Moreira Garcez, chegou a substituir o prefeito, que ficou dez anos no cargo. A ele se atribui o traçado viário em estrelas, no bairro do Juvevê. O famoso arruamento com *etoiles à parisienne*, o “Champs Elisée do Juvevê”. Aquelas lindas ruas, arborizadas por profusão de ipês, onde a gente sempre se perde.

Outra novidade, ao final da República Velha, naquele 1928, também foi que puseram em circulação 15 ônibus, movidos a petróleo, os primeiros que Curitiba viu. Mesmo assim o transporte sobre trilhos continuou o preferido da população. Apenas 1/5 dos passageiros embarcava nos ônibus. Os ônibus passaram a servir as linhas rua XV–Vicente Machado, rua XV–Batel, Marechal Floriano–Cemitério São Francisco de Paula, praça Zacarias–Água Verde e praça Tiradentes–Juvevê. Algumas persistem até hoje. Os 41 bondes então percorriam 28 km de trilhos, indo e vindo entre o centro e os bairros, nas linhas Portão, Batel, Prado Velho e Matadouro do Guabirota. Havia linhas de bonde que ligavam o Bacacheri e Juvevê ao Água Verde; o Hospício Nossa Senhora da Luz, pela avenida Marechal Floriano, rua do Rosário, Trajano Reis, até o Cemitério São Francisco de Paula.



Ônibus movido a diesel na rua XV com Riachuelo.

CAMPO DE AVIAÇÃO, BONDES & LOTAÇÕES



A população concentra-se a porta da redação de jornal na rua XV à procura de notícias sobre a Revolução de 1930.



Getúlio Vargas em Curitiba na estação de trem, recebido pelo General Plínio Tourinho e simpatizantes da Revolução de 30.

Endereço do Edifício Garcez, a avenida Luiz Xavier foi redenominada avenida João Pessoa, quando da passagem de Getúlio Vargas por Curitiba, em outubro de 1930, fartamente documentada por fotografias e pelo filme “*Pátria Redimida*”, do cineasta curitibano João Baptista Groff. Joaquim Pereira de Macedo, nomeado por Monteiro Tourinho, assumiu a prefeitura de Curitiba.

Na madrugada de 5 de outubro de 1930, sob o comando do major Plínio Tourinho, oficiais da 5.^a Região Militar tomaram os quartéis de Curitiba. Pela manhã, Polícia Militar, bombeiros, delegados fiscais e até funcionários dos Correios já haviam aderido ao movimento. O presidente do estado, Affonso Camargo, abandonou a cidade em direção a Paranaguá. Em poucas horas, a Revolução de 1930 se instalou no Paraná. Getúlio entrou em Curitiba triunfante. Levou consigo o fotógrafo e cineasta João Baptista Groff, que acabou filmando todo o percurso, até os gaúchos amarrarem seus cavalos no obelisco da avenida Rio Branco e Getúlio assumir a Presidência do Brasil, passando a residir no Palácio do Catete, onde ficaria por 15 longos anos.

A política *café com leite* – com alternância de poder entre mineiros e paulistas – tinha sido quebrada pelo então presidente Washington Luiz, que desrespeitou o acordo e indicou Júlio Prestes, paulista como ele, para concorrer à sua sucessão. Segundo o acordo, teria de ser um mineiro. Com o rompimento da aliança, Minas articulou a Aliança Liberal com Rio Grande do Sul e Paraíba. Foi indicado o governador gaúcho Getúlio Vargas para presidente e o paraibano João Pessoa como vice. No dia 1.^o de março de 1930, Júlio Prestes derrotou Vargas nas urnas com uma diferença de 200 mil votos. A Aliança não aceitou a derrota, multiplicadas as de-



Filha do dono da Fábrica de Brinquedos Gravina, Diva Gravina, aos 8 anos de idade, em um automóvel de brinquedo.





Chegam da europa os bondes belgas Birney, no Porto Matarazzo em Antonina.

núncias de trapaças – comuns na República Velha. Em julho, o assassinato de João Pessoa acendeu a chama da revolução. Oswaldo Aranha, então secretário de governo do Rio Grande do Sul, sublevou a população gaúcha, incitando o povo a pegar em armas para evitar a posse de Júlio Prestes. Eclodiu a revolução.

Ainda em 1930, fruto dos ventos revolucionários, empresários particulares tornaram-se “donos de lotação”. Passaram a atender com ônibus próprios, em cima das mesmas linhas da concessionária Companhia Força e Luz do Paraná. A concessionária, impedida de aumentar as tarifas, eliminou algumas linhas de bondes.

Em 1931 chegaram a Curitiba os “novos” (sic) bondes Birney. Era material rodante usado – fabricado em Boston pela Brill Company, nos idos de 1920 –, reaproveitado aqui. Começávamos a compreender que país subdesenvolvido é aquele que compra como novidade aquilo que é obsoleto para os outros.

Mesmo assim, a imprensa – naturalmente paga pela CFLP – celebrou “o triunfo deste transporte coletivo capaz de atingir 50 km/h, com freios manuais, automáticos e de reversão”. A estação central foi instalada junto a quiosque no centro da praça Tiradentes, onde funcionava uma barraquinha de capilé.

Na gíria local, quem tinha consciência da compra dos bondes velhos como novidade, como o engenheiro Luís Carlos Tourinho, professor do meu pai, passou a chamar suposta corrupção, ou propina, de “capilé”.

Os trilhos estendiam-se pelas ruas XV, Trajano Reis, do Rosário, Doutor Muricy, João Gualberto, Iguazu, Sete de Setembro, República Argentina, Comendador Araújo, Batel e Emiliano Pernetta, entre outras.

Em 1932 foi criado em Curitiba o “Aeroclube do Paraná”. A assembleia de fundação, dia 9 de janeiro, deu-se na Casa do Mate – no Palácio Avenida –, na rua que a Revolução de 1930 batizou de Avenida João Pessoa.

Os mentores fundadores eram brevetados e entusiastas da aeronáutica nascente: Rubens Munhoz havia servido no Rio, no Campo dos Afonsos; Miguel Blasi já era professor de pilotagem em Aviação Naval; Filinto Eisenback, representante em Curitiba da “Companhia Alemã de Aviação”, que voava com os potentes “Junker”, era o criador da “Aero-Lloyd Iguazu”, tida como a primeira companhia de aviação do Paraná. A primeira diretoria, presidida pelo médico Eduardo Virmond de Lima e integrada por Bertholdo Hauer, Miguel Blasi, Felinto Eisenback, Adyr Guimarães e Carlos Luhn, foi empossada no Grande Hotel Moderno, a 27 de janeiro.

Quatro meses depois conseguiram do interventor Manoel Ribas a doação do terreno para o “Campo de Aviação” do Bacacheri. Área de 500 x 500 metros, onde funcionava o treinamento de capatazes da Escola de Agronomia da Universidade. A 4 de maio de 1932, aterrisou no Campo do Bacacheri o primeiro avião, um “Tiger Mot”, pilotado pelo capitão Roland, procedente de São Paulo, em voo com um único passageiro, Joachim Von Ribbeck. O voo direto desde a pauliceia levou 3 horas e dez minutos.

Também em 1932, chegou ao Aeroclube do Paraná o primeiro avião de um sócio, o belo modelo de asa alta “Morane Saulnier”, que logo se acidentou. Foi substituído por três aviões “Flit”, de uso militar, afinal, havia eclodido a Revolução Constitucionalista em São Paulo.

O Correio Aéreo Nacional passou a fazer viagens semanais, na rota São Paulo–Ponta Grossa–Curitiba, movimentando o céu do Bacacheri. A 29 de maio de 1933, aterrisou no nosso Campo de Aviação, em raid sul-americano, o piloto polonês E Stanislaw Skarzynski, que havia partido de Varsóvia rumo a Buenos Aires. Escolheu fazer escala aqui para homenagear a numerosa colônia polonesa. Celebridade na Europa, morreria em combate na II Grande Guerra.

O prefeito Lothário Meissner sucedeu o prefeito Pereira de Macedo em 1932. Ocupou o Paço Municipal até 1937. Em três anos, Curitiba teve seis prefeitos, todos breves, alguns brevíssimos (a cadeira do gabinete nem chegava a esquentar): Nicolau Maeder Júnior, Aluizio França, Carlos Heller, Oscar Borges,

João Moreira Garcez e Ângelo Lopes, até chegar a Rozaldo Gomes de Mello Leitão, empossado no ano de 1940.

Em 1935, na praça Santos Andrade, foi inaugurado o monumento a Santos Dumont, erguido por subscrição pública em campanha promovida pelo Aeroclub de Paraná. Causou espanto o tamanho do bloco de granito maciço extraído por meu avô Raphael Greca da pedreira Marumbi. No mesmo ano, começam as ampliações do Campo de Aviação, já vocacionado para ser a Base Aérea Militar do Bacacheri. Em Ponta Grossa, o industrial Willy Polewka começa a fabricar planadores, feitos no Paraná com tecnologia germânica.

Em 1º de dezembro de 1936, o dirigível alemão Hindenburg sobrevoou Curitiba, assombrando a população. Provocou centenas de fotografias – a colônia alemã eufórica, aos brados de “Deutschland uber alles!”. Poty Lazzarotto, então menino de nove anos, fixou a imagem na memória, tema de muitos de seus desenhos. Um deles, em tamanho colossal, nós colocaríamos, em 1991, numa empena de prédio na esquina da rua XV com Marechal Floriano.

Em 1937, o professor Guido Hauer entregou o brevê de aviadores aos três primeiros pilotos formados em Curitiba: Otto Urban, David Muricy e Dagoberto Rodolpho Barnack. Quatro anos depois, em 1941, receberia seu “brevet” dona Luiza Bueno Gomm, mulher do cônsul britânico em Curitiba, Harry Blas Gomm. Em 1942, no âmbito do Aeroclub de Paraná, foi comemorado o “brevet” do piloto curitibano Waldemar Carta, que por mais de 25 anos foi comandante dos aviões da Varig (Viação Aérea Rio-Grandense).

O elegante casal Gomm construiu e viveu numa mansão em madeira de pinho, edificação avarandada de dois andares, dentro do Bosque do Batel. Nessa casa casaram a advogada Flávia Izique e o arquiteto e marchand *aux tableaux* Waldirzinho Simões de Assis, numa requintada cerimônia, 30 anos atrás. A casa Gomm acabou removida de seu terreno original para a construção do Shopping Pátio Batel, empreendimento de Salomão Soifer, aberto a 10 de setembro de 2013.

Curitiba teve também a BOA – Brasil Organização Aérea –, empresa de aviação local, atuante nas décadas de 1940 e 1950. Entre seus pilotos, que voavam em avionetas abertas, com capacete e óculos contra o vento, transportando passageiros e cargas, o médico oftalmologista Jaime Pericás (tio da minha Margarita), o piloto De Ohms (pai do Atilano de Ohms Sobrinho, fundador da indústria Inepar) e Diogo Falce de Macedo. Zarpavam de Curitiba com destino ao Norte do Paraná, ao porto de Santos, a São Paulo e ao Rio de Janeiro.



Avião do Aero-Lloyd Iguassú no Aeroporto do Bacacheri, em 22 de setembro de 1934.



Aloys Grotzner (filho mais velho de Paulo Grotzner) com uma motocicleta Indian, em foto de estúdio.



Praça Tiradentes com ipês floridos e lotações. Primavera de 1940. Foto Groff.



CASA ESTRELA, O CÉU NO NOSSO CHÃO



Casa Estrela na rua Zamenhof, no Alto da Glória.



Casa Estrela no campus da PUCPR no bairro Prado Velho.

Curitiba tem uma construção inspirada na Estrela de Cinco Pontas. Seria a única edificação neste mundo a reproduzir o Pentagrama, o Laço Infinito, a forma mais simples de estrela, aquela que pode ser traçada com uma única linha, símbolo da luta da Verdade contra a Mentira, o Mal e o Maligno. Também símbolo do Esperanto, a língua geral da Humanidade, a sonhada língua universal.

O Pentagrama é um símbolo imemorial. Nas pirâmides do Egito, significava o útero da Terra. Para os pitagóricos, era Saúde e Conhecimento. Na Mesopotâmia, protegia o poder imperial. Entre os hebreus, significa a Luz do Pentateuco, os cinco livros da Torah. Para os druidas, a estrela de cinco pontas era a própria cabeça de Deus.

Em tempos medievais, o Pentagrama servia de amuleto para proteção contra demônios, sendo usado para guardar portas e janelas. O principal convento da Ordem dos Cavaleiros Templários, em Rennes du Chatres, na França, foi localizado ao centro de um pentagrama natural, quase perfeito, formado pelas montanhas.

Os primevos cristãos relacionavam o pentagrama às cinco gloriosas chagas de Cristo. A Estrela de Cinco Pontas simboliza a Humanidade, os cinco sentidos, os cinco elementos.

A Casa da Estrela, erguida na década de 1930, na rua Zamenhof, no Alto da Glória, por Augusto Gonçalves de Castro, é uma residência de 178 metros quadrados, esquadrihados por sucessivos pentagramas, em



Ivens Fontoura, Key Imaguire e Cláudio Maiolino quando do resgate da Casa Estrela.

todos os planos e dimensões, com o objetivo de materializar a fé do seu construtor. Uma fortaleza onde o mal não entra.

Augusto era perito contador da empresa “Machine Cotton” – a das Linhas Corrente, as mais resistentes do mercado de costuras. Foi dono da Casa da Manteiga, comércio tradicional da rua Riachuelo na primeira metade do século 20, depois transferido para a rua XV.

Ergueu seu castelo de pinho praticamente sozinho. Trabalhava depois do expediente, munido de serrote, martelo, lampião de carbureto, formão e esquadro, brocas e plainas, níveis e outros apetrechos que ele mesmo inventava. Partiu de uma maquete em papelão. Não há indícios de que tenha construído algo antes ou depois, o que aumenta a aura da obra.

A Casa Estrela é uma tradução de suas crenças, azeitadas no esperanto e na teosofia. Todos os espaços da casa são áreas de circulação, uma metáfora do que poderia ser o mundo, sem fronteiras ou barreiras, se todos se dessem bem. Os filhos, a mulher, ele e os visitantes podiam se ver, conversar e interagir em qualquer um dos cômodos. Gonçalves de Castro ergueu um memorial teosófico: há uma pirâmide no telhado, os pilares formam um teorema de Pitágoras, as paredes e vãos significam um teorema em cima do outro.

Augusto Gonçalves de Castro era “filho natural” da austríaca Maria Tureck. Sofreu muito na infância, continuamente maltratado e humilhado pelo padrasto. Escapou, indo estudar na escola da Federação Espírita. Ali deve ter tido contato com mestres que o despertaram para a matemática e para a doutrina do esperanto. Em Curitiba, o estudo da língua da pacificação da humanidade, sonho da revogação da Torre de Babel, era capitaneado pelos discípulos de Allan Kardec. “Meu ponto de vista é que ele procurou na ideia de fraternidade um curativo para os sofrimentos da mocidade”, disse o neto Maurício Fernandes de Castro.

Augusto Gonçalves de Castro viveu no local 60 anos. Além de reuniões de esperantistas e teosófico,

a casa teve muita vida musical, por conta de seu filho Moysés Azulay de Castro – professor de violino na Escola de Música e Belas Artes – e de sua neta Estela, violoncelista. Quando a vida se foi e o local deixou de ser habitado, foi Moysés quem tomou conta, para que não desaparecesse. Todos os dias abria cada uma das 19 janelas, cuidava que o mato não fizesse desaparecer o jardim, zelava pelos pinheiros do entorno. A família queria conservar a edificação, mas o terreno era um bem precioso, de grande valor imobiliário, herança a ser compartilhada entre Moysés e seus irmãos Idaliane e Carlos Augusto.

Os arquitetos Milna Leone, Didonet Thomaz, Key Imaguire, Cláudio Maiolino, o designer Ivens Fontoura e um neto da casa, Maurício Fernandes de Castro, montaram um projeto, através da Lei Rouanet de Incentivo à Cultura, e com ajuda da Fundação Cultural de Curitiba o caso teve final feliz: o Pentagrama de pinho curitibano sofreu cuidadoso *deposé*. A Casa da Estrela foi desmanchada na rua Zamenhof remontada no campus da PUC-PR, onde foi reaberta em junho de 2013.

Uma Pontifícia Universidade Católica abrigar um edifício teosófico qual a Casa Estrela seria impensável no passado, quando bramia o conflito entre o clero católico e os chamados livres pensadores, espíritas, teosófico, pedreiros livres. Pós-Concílio Vaticano II, com a abertura de espírito do Papa Francisco, as diferenças são irrelevantes; o que importa é o humanismo. Um precursor dessa visão luminosa do mundo foi Monseñor Vicente Vítola (1919-2009), cónego da Igreja Católica em Curitiba. Vivia sob um pentagrama, uma pirâmide translúcida cobria seu quarto, onde meditava, estudava e dormia. Era nosso vizinho na rua Coronel Dulcídio, ao final de sua proveitosa vida. A pirâmide, dizia, lhe dava vitalidade incrível.

Almoçava fora, no restaurante Pasta Gialla, depois ia à matinê nos cinemas do Shopping Cristal. Uma vez pagou a nossa conta no bistrô italiano da Cristiane Mansur, dizendo: é uma homenagem deste velho curitibano àquele que foi bom prefeito e sua admirada senhora. Padre ordenado em 1942, foi pároco da Catedral, reitor da Capela de Nossa Senhora da Glória e vigário da Igreja dos Passarinhos (Nossa Senhora das Dores do Bigorrião). Lecionava Filosofia e Teologia. Administrou a Mitra da Arquidiocese de Curitiba. Foi reitor da PUC. Foi sufragado por Dom Pedro Fedalto na missa de exéquias, celebrada na Igreja dos Passarinhos,





Pilar único que sustenta a Casa Estrela.

a 25 de agosto de 2009. Combateu um câncer durante anos. Dizia que o derrotara com as energias da pirâmide. Quando morreu, era o sacerdote católico mais velho do Paraná e o terceiro mais velho do Brasil. Terá sido efeito do Pentagrama?

Curitiba tem outras edificações de motivação esotérica e iluminista. É o caso dos três Tholos (colunatas que sustentam cúpula) existentes na cidade: o da Igreja Presbiteriana Independente da praça Garibaldi, o do Templo Maçônico da esquina da Inácio Lustosa com rua Portugal e o de um jazigo no Cemitério Municipal São Francisco de Paula. Cânon iniciático também regeu a edificação do templo da Ordem Rosacruz, a Grande Loja da Língua Portuguesa da AMORC, junto ao lago do Bacacheri.

Nada melhor para uma Universidade, uma Pontifícia Universidade Católica, do que guardar para sempre um símbolo tão forte. A Casa da Estrela de pinho materializa a moldura escolhida por Leonardo da Vinci (1452-1519) para o “Homem de Vitruvius”, a medida de todas as coisas.

Nada melhor para uma Curitiba neopitagórica do que manter a casa que recorda a síntese entre o Microcosmo e o Macrocosmo, o “Homem de Pitágoras”, o “Homem Universal”, dotado de ordem e perfeição, Verdade Divina.

Quando salvaram a Casa da Estrela, trouxeram o céu para o nosso chão. Brilhou ali a Luz dos Pinhais.



Interior da Casa Estrela.

CHICO FUMAÇA, TOTÓ E MARCOLINA



Chico Fumaça e Marcolina.



Alceu Chichorro (1896-1977) foi o mais relevante chargista da imprensa curitubana.

O calunga Chico Fumaça, sua tia Marcolina e o cachorrinho Totó fazem um grande esforço para ir até a praia. Pegam o trem até Paranaguá, depois um carro de praça. Finalmente chegam à Praia de Leste. Postam-se diante do mar: Chico Fumaça pergunta: “Gostou, tia Marcolina?”. Ela diz que sim e se faz pensativa. Ele pergunta de novo: “E no que Vósmecê está pensando?”. Ela responde: “Se fosse terra era tudo do Marins Camargo”.

Assim o chargista Alceu Chichorro fustigou durante anos tempos e costumes curitubanos. Era o terror das elites latifundiárias, temido pela burguesia, com suas charges no jornal *O Dia*, desde 1923 até o seu fechamento. Alceu Chichorro viveu em Curitiba entre 1896 e 1977.

Era filho de Francisca Hosana Rodrigues e Joaquim José Procópio Chichorro Júnior, professor e polemista. Estudou desenho com Alfredo Andersen e cursou o Colégio Santa Júlia, a Escola Americana e o *Gymnásio Curitubano*.

Na vida profissional de jornalista e chargista – o Eloy de Montalvão de tantas crônicas e desenhos satíricos –, colecionou polêmicas e processos, pois era sutil, satírico, mordaz e atrevido. Seu personagem Chico Fumaça ficou famoso nacionalmente, as charges reproduzidas por jornais do Rio e São Paulo. Tornou-se um ícone nacional da irreverência contra o Poder.

Ficou mesmo tão famoso que a Peleteria Amhof, na época a melhor de Curitiba, chegou a fazê-lo como boneco de pano, as peles de Totó em diversas cores. Passou a ser bordado em tecidos infantis. Virou tampa de caixa com asas de borboletas, como era moda na época. Em 1935, no carnaval de Irati, o bloco vencedor era composto de Fumaças, Totós e Marcolinas, a maioria deles polacos.

Em Curitiba, no curso de carnaval de 1936, foi tema de carros alegóricos, patrocinados pelo jornal *O Dia*. No balneário de Guaratuba, no verão daquele mesmo ano, tinha sido aberto o “Bar Chico Fumaça”. Na Exposição Feira Nacional, no Rio, em 1938, Chico Fumaça ganhou estátua gigante.

Militante da causa da liberdade de expressão, Alceu Chichorro tentou fundar o Sindicato dos Jornalistas do Paraná, em 1938. O movimento foi reprimido pelo Estado Novo. Baixou a polícia do temido DIP (Departamento de Imprensa e Propaganda, de Getúlio Vargas) e nada aconteceu. O sonho só se materializou em 1953. Chichorro foi o primeiro presidente do Sindicato de Jornalistas do Paraná.

Já o conheci aposentado, empobrecido, ares de *clochard*, terno amassado e desalinhado, olhar boêmio, postura de quem não estava dando a mínima bola para o que pensavam dele. Vivía num apartamento da rua Mateus Leme, atrás do Cine Marabá, vizinho da professora de bordados dona Zezé, de quem se dizia ter “mãos de fada”. Alceu Chichorro orgulhava-se da carteira de jornalista aposentado nº 1, emitida pelo Instituto de Aposentadorias e Pensões dos Comerciantes.



Quando a Fundação Cultural de Curitiba promoveu, em 1976, uma retrospectiva de Chichorro na Casa Romário Martins, pedimos à titereteira Alice Piekarz que fizesse em feltro um bonequinho do Chico Fumaça com seu cachorrinho Totó. Sucesso retumbante. Vendeu todos que costurou.

É referência de Newton Carneiro no livro *O Paraná e a Caricatura* e tema do Boletim nº 12 que escrevi para a Casa Romário Martins – “Chichorro e seus Calungas”. Foi biografado por Wilson Boia em 1994.



Chico Fumaça.



Chico Fumaça.



Anúncio Lança Perfume e Casino Ahú.



GETULIO Muito gente está na hora de começar a banar. Esta não são melhores. Siga, pois, e arraste-se...	CAFÉ Estou vendo a coisa preta Ninguém quer se confundir. É preciso usar chapéu para o Zé Pinco-maná...	GÓES Eu sei, mas, em me desmancho e preciso ser um rei, mas já sinto que em Rancho acabou com o cartão.	CAPANEMA Malandro que não entende, que sabe fazer maninha, vem sempre dentro da fila, fingido até ser rei...	ADEMAR Populista após da cena com o "carnival" da operação em algo a tocar a manilha... e fazer o rinha fuma.
---	---	---	--	---

Charge de carnaval criada por Chichorro satiriza políticos.

(embaixo) Personagens para charge de carnaval criada por Chichorro.



DESEMBRULHANDO AS BALAS ZEQUINHA



Figurinhas das balas Zequinha.

Nas matinadas do Cine Curitiba, na rua Voluntários da Pátria, encontravam-se os colecionadores, fanáticos por gibis e HQs. Os meninos, com astúcia, no jogo do bafo, ou por negociação direta, tentavam livrar-se das figurinhas duplas. Buscavam as mais raras, aquelas ditas “figurinhas premiadas”.

Coqueluche entre a piaçada de Curitiba, as famosas “Balas Zequinha”, feitas para coleção, tiveram lançamento original em 1928, pela fábrica A Brandina, dos Irmãos Sobania. Consistiam em figurinhas de um mesmo personagem, nas mais variadas funções: artista, músico, equilibrista, fotógrafo, pintor, electricista, pedreiro, e assim por diante.

Foram 50 estampas do *Zequinha* criadas pelo litógrafo Alberto Thiele (1899-1972), da figurinha nº 1 à de nº 50. Paulo Carlos Rohrbach completou a série, do nº 51 até o nº 200. Os papéis de embrulho eram estampados a cores pela refinada Impressora Paranaense, fundada pelo Barão do Serro Azul, depois propriedade da família Schrappe.

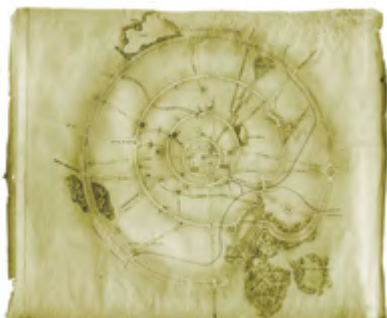
O êxito na estratégia de divertir seus consumidores foi tanto que a fábrica A Brandina aumentou a tiragem das figurinhas, com novas caricaturas do Zequinha. A distribuição foi encerrada pelos Sobania em 1940.

As Balas Zequinha ainda ressuscitaram na Fábrica de Doces Franceschi, sendo fabricadas até 1955. Mais tarde, passaram a embrulhar confeitos da Fábrica de Balas São Domingos, de Gabardo & Massochetto. O sonho durou até 1967, quando a marca foi vendida para Zigmundo Zavatski.

Escritor, diretor de televisão, cinéfilo e videomaker Valêncio Xavier escreveu sobre o tema, no primeiro boletim da Casa Romário Martins, lançado em agosto de 1974 pela Fundação Cultural de Curitiba. O governo Ney Braga, em 1979, chegou a se apropriar da popularidade do Zequinha, numa campanha buscando aumentar a arrecadação de ICMS.



AGACHE, UM URBANISTA FRANCÊS PARA MUDAR CURITIBA



Desenho original do Plano Agache.



Alfred Agache (1875-1959).

O interventor Manoel Ribas, ao comemorar 10 anos da Revolução de 1930, para glorificar Getúlio Vargas, determinou a Rozaldo Mello Leitão, novo prefeito de Curitiba, a formação de uma “Comissão do Plano da Cidade”, composta de representantes do comércio, indústria, cultura e cidadania. Curitiba tinha 120.000 habitantes em 1940.

Para tabular os anseios e dados recolhidos da realidade curitibana, “seu Ribas” contratou consultoria da firma Coimbra Bueno & Cia. Ltda. e pediu a seus dirigentes, os paulistas quatrocentões, os irmãos Jerônimo e Abelardo Coimbra Bueno, que convocassem o urbanista francês Alfred Agache para elaborar um Plano de Urbanização.

Esse Monsieur Agache, consultor de urbanismo, havia atuado junto às prefeituras do Rio, Porto Alegre, São Paulo, Vitória, Goiânia e Recife. Era o nome da hora, em se tratando de cidades. Alfred Hubert Donat Agache (1875-1959) nasceu em Tours e formou-se na École des Beaux-Arts de Paris. Foi membro fundador da Société Française des Urbanistes. Era denominado pela imprensa de “o grande herói do urbanismo Mundial”. Um semideus vindo da civilizada França para ordenar as cidades tupiniquins.

O “Plano Agache”, como ficou conhecido pelos curitibanos, representou a primeira tentativa de ordenação espacial da nossa cidade. Sua elaboração durou dois anos. Começou em 1941, sob responsabilidade do prefeito Rozaldo de Mello Leitão, e terminou em 1943, na gestão do prefeito engenheiro Alexandre Beltrão.

O contrato firmado em 25 de abril de 1941 contemplava diretrizes de planejamento inestimáveis para o futuro de Curitiba. Previa estudo de tráfego do centro urbano, traçado de novas avenidas, projeto de um estádio municipal, remodelação de praças, criação de parques com lagoas para contenção de enchentes e macrodrenagem de áreas urbanas afligidas pelas frequentes e desastrosas cheias da bacia do Iguaçu. Definia áreas propícias à edificação de equipamentos urbanos: quartel do corpo de Bombeiros, quartéis do Exército e da Aeronáutica, novas escolas, novos hospitais, bairro operário...

Felizmente, para nossa Curitiba, o produto final do Plano Agache – do qual possui uma cópia datada de 1943 –, constituído de várias pranchas de desenho e memoriais escritos, incluiu “plano de avenidas para Curitiba”, hierarquizadas em avenida diametral, avenidas radiais e avenidas perimetrais. Localizou centros funcionais: Centro Cívico, Cidade Universitária, Centro Militar. Definiu espaços livres, sua distribuição e as áreas de reserva urbana. Propôs rede coletora de água e esgotos. Falou em áreas de macrodrenagem, ou parques para evitar a custosa retificação dos meandros dos rios. Propôs “avenidas-canais” junto a alguns desses



Enchente de 1947 na praça Zacarias, rio Ivo.



Enchente de 1947 na rua Barão do Rio Branco.

curtos d'água. Deixou recomendações sobre a extensão da Cidade e certas previsões demográficas. Redigiu minuta de um novo Código de Obras e Zoneamento Urbano para a Cidade de Curitiba.

A 25 de novembro de 1941, na primeira entrevista, dada no salão do Grande Hotel Moderno, elegante endereço da rua XV, onde estava hospedado, Alfred Agache foi taxativo: “Todo aquele que se interessa pela urbanização de Curitiba topará, logo de início, com um sério problema. Refiro-me aos muitos rios que a banham. São cursos d'água muito irregulares, e sua retificação, portanto, redundará num pesado ônus aos cofres do Município.

Ainda estou procurando uma solução satisfatória e não muito dispendiosa para solucionar essa dificuldade. Acredito que já a tenha encontrado. O plano em vista é o aproveitamento das grandes curvas dos rios para a construção de lagos. Assim evitar-se-á a retificação que aludi. Com isso Curitiba se encobriria de novos encantos e um grande mal seria definitivamente sanado”.

A História posterior mostra que o Poder Público Municipal ouviu Agache, na implantação de pelo menos 20 parques com lagos de drenagem superficial, como Tanguá, Tingui, Barigui, Fazendinha, São Lourenço, Bosque do Papa e Parque do Iguçu.

O urbanista francês também diagnosticou: “Curitiba tem vielas medievais. O centro de Curitiba é uma caixa fechada, com apenas duas ruas de acesso. Tem só uma via de entrada e saída – vinda do norte – a Visconde de Nacar desemboca na garganta apertada da rua Aquidaban [hoje Emiliano Pernetta] – tendo prolongamento em direção ao sul na rua 24 de Maio. As demais ruas de escoamento do centro estão bloqueadas pelas várias praças, Passeio Público e Estação Central Ferroviária”.

Para “furar” esse bloqueio, Agache propôs um sistema radial. Queria rasgar o casario em torno do Paço, na Generoso Marques e Riachuelo. Pensava no futuro progressista do Brasil, “cada família com dois

automóveis”. Criar “um grande eixo leste-oeste, na diretriz da rua Cândido Lopes. Uma impressionante ‘avenue’, paralela à rua XV de Novembro. A nova Avenida Diametral teria em seu centro o belo Paço Municipal e ligaria o leste ao oeste – com toda a certeza iria descongestionar o centro urbano, aliviar a praça Tiradentes, deslocar o centro de gravidade de Curitiba para a grande praça da Universidade, a praça Santos Andrade”.

Apresentado em 1943, o desafio de implantação do Plano Agache durou duas décadas. Algumas medidas aconteceram, outras não. Foi criada uma Divisão do Plano da Cidade junto ao Departamento de Obras e Viação da Prefeitura. Com Agache, a Cidade de Curitiba começou a formatar seu futuro com a força e a respeitabilidade de um bom urbanista.

Com a entrada do Brasil ao lado dos Estados Unidos na II Guerra Mundial, o Ministério da Aeronáutica do presidente Getúlio Vargas recorreu ao “know-how” dos “yankees”, que já haviam reformado várias bases aéreas no Nordeste do país, para construir um novo aeroporto. Foi escolhido amplo terreno na Colônia Afonso Pena, município de São José dos Pinhais.

A estratégia dos Aliados contra o Eixo temia a expansão nazi-facista no sul do Brasil, no Uruguai e na Argentina, então nações neutras no conflito. O aeroporto de Curitiba era imperiosa base que poderia



Aeroporto Afonso Pena, primeira estação de passageiros.





Galerias do Plano Agache para a rua XV de Novembro.

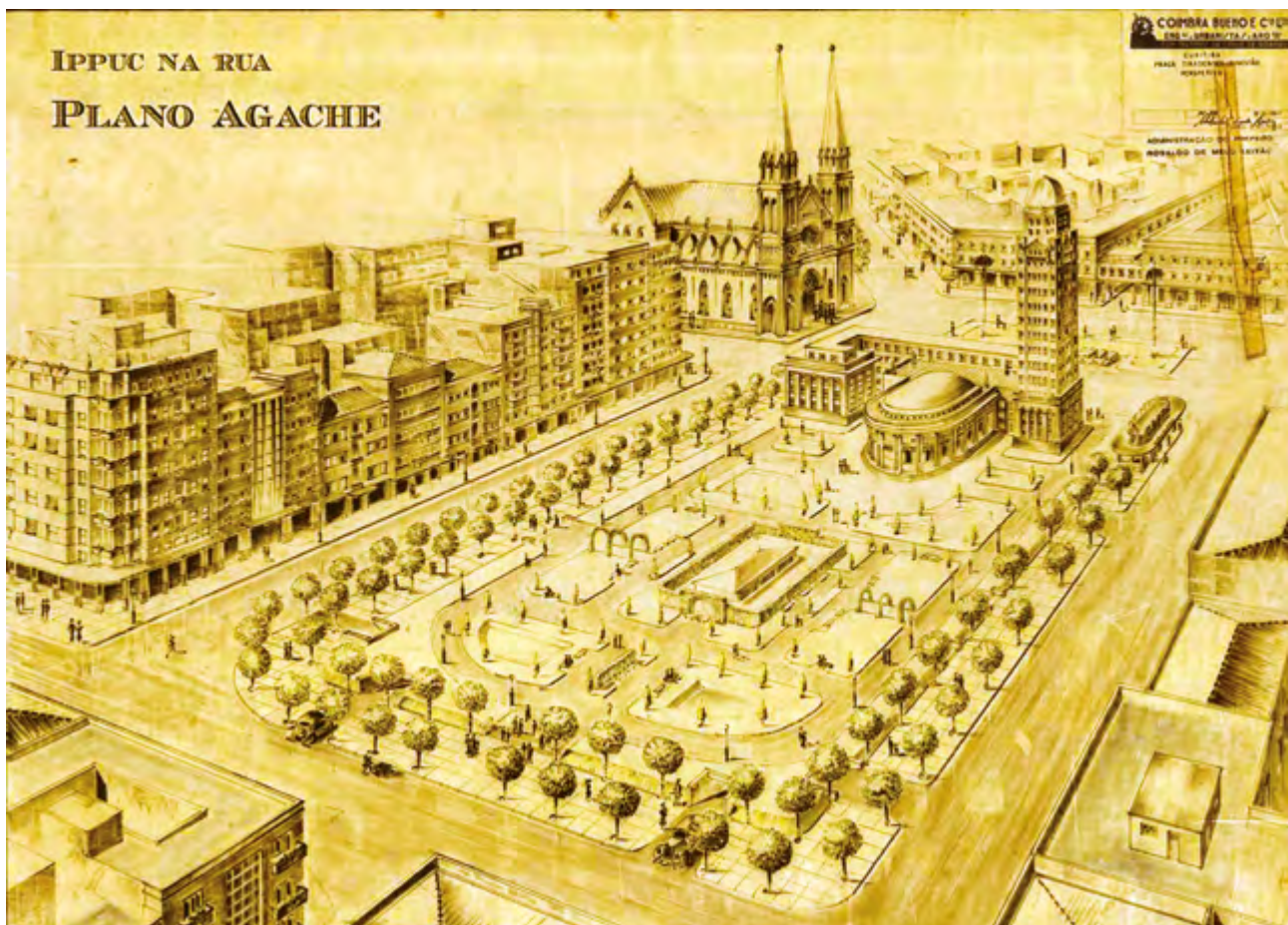
ser elevada à condição de QG se o teatro da guerra se deslocasse para o sul.

Em 1944, veio dos EUA o engenheiro militar Edward Leonard Pine, chefiando uma força-tarefa de 15 oficiais de engenharia. Em exatamente um ano fizeram as duas pistas asfaltadas (de 1800 m de comprimento por 45 m de largura), para pouso e decolagem, as pistas para taxiamento, o pátio das aeronaves e a primeira estação de passageiros daquele que seria chamado Aeroporto Afonso Pena. Em maio de 1945, o aeroporto foi inaugurado, coincidindo com a rendição da Alemanha. Curitiba, graças a Deus, usou seu novo aeroporto nos tempos de paz.

Uma lenda urbana assegura que os norte-americanos escolheram de propósito a área vizinha ao berço do rio Iguaçu, sempre coberta por véus de espessa cerração. Por ser tempo de guerra, queriam de propósito “esconder” o aeroporto, no seu começo muito mais um projeto de base militar do que uma estação de aviação civil. Sempre que os aviões ficam no solo, detidos pelas névoas curitubanas, o comentário circula no saguão do Afonso Pena: “Sabe, este aeroporto, dentro do nevoeiro, é um “trunfo” de guerra contra os bombardeios inimigos”. Meu pai, engenheiro Eurico Dacheux de Macedo, dizia que o aeroporto internacional de Curitiba, para não sofrer cerração, pelos ventos dominantes no nosso planalto, deveria ser localizado em Ponta Grossa ou nos altos da Lapa.

Na rua XV, por conta de Agache, começaram as galerias cobertas, com cinco metros de recuo, no trecho entre a Marechal Floriano e a Monsenhor Celso, diretriz de arruamento que contemplava o conforto dos transeuntes numa cidade onde chove tanto.

No caso da rua XV, a medida modernizadora, se efetivada, teria posto abaixo precioso



Projeto para uma nova Prefeitura na praça Tiradentes.



Projeto para o Centro Cívico de Curitiba, previsto no Plano Agache.

dos exemplares de arquitetura neoclássica, como é o caso do Palacete de Manoel de Macedo, erguido por Ernesto Guaita, com 64 vãos em ogivas góticas. Essa edificação, na esquina da XV com a Monsenhor Celso, foi sede do ex-Banco do Estado do Paraná, hoje Itaú. Se a quadra tivesse sido arrasada, cairiam também a casa da família Manoel de Abreu, a Confeitaria das Famílias, o sobrado da Confeitaria Schaffer, a Casa Três Jolie, a Casa Wendler. Do outro lado da rua, o elegante sobrado primeira sede do Clube Curitibano e das Óticas Americanas e o edifício das Livrarias Ghignone, com sua porta de espelhos.

Essa diretriz de avarandar os prédios novos, com passeios cobertos, na rua XV, só seria revogada pelo prefeito Jaime Lerner. O eficiente e apreciado desenho de Alfred Agache, no entanto, foi não só recomendado como adotado pelo IPPUC, a partir de 1972, em novas edificações, quando foram definidos edifícios, garagens e calçadas das vias estruturais percorridas pelos ônibus expressos, no eixo norte-sul.

Foram abertas avenidas de grande desenvoltura, as avenidas perimetrais do urbanista Alfred Agache, na época muito festejado na Escola de Engenharia da nossa Universidade. Afinal, até entre os professores havia o medo de ser taxado de “provinciano”. Quem se atreveria a contrariar um sucessor do Barão de Haussmann, vindo diretamente de Paris?

O resultado foi bom para o desenvolvimento urbano de Curitiba: no sentido Bacacheri-Alto da XV, a avenida Nossa Senhora da Luz (feita em parte do anel projetado); ligando Campina do Siqueira ao Portão, o amplo eixo Mário Tourinho/Arthur Bernardes; ligando o Prado Velho ao Capanema, a avenida Ostoja Roguski; ligando o Prado Velho ao Portão, a avenida Guaíra, que o prefeito Ivo Arzua chamaria de Presi-



Centro Cívico em construção. Década de 1950.

dente Kennedy, depois que o mundo comoveu-se com o assassinato de Dallas em 1963. Foram empreendidos ainda os prolongamentos da Sete de Setembro, Visconde de Guarapuava, Getúlio Vargas e Silva Jardim.

A Mariano Torres, transformada em avenida-parque, com o rio Belém correndo no seu centro, virou, no linguajar popular, a “rua do rio”. O mesmo foi feito num braço do rio Ivo, córrego Bigorrião, acomodado no centro da rua Fernando Moreira, em berço de poéticos chorões. Uma terceira via-parque, retificando o rio Água Verde, também foi proposta, mas acabou suprimida.

Foi aberta a avenida Paraná, para promover a ligação Juvevê–Boa Vista–Santa Cândida, no acesso a Colombo. A Cândido Lopes foi unida à Carlos de Carvalho, permitindo o acesso do centro ao Batel, Bigorrião e Campina do Siqueira.

A avenida Marechal Floriano foi alargada até as praças Carlos Gomes e Tiradentes, felizmente preservados os palácios da Secretaria da Fazenda e do Grupo Escolar Xavier da Silva, o palacete de Zacarias de Paula Xavier e o chalé cor-de-rosa de Heitor Stocler de França. Aquela Marechal foi definida como o eixo que liga o centro aos bairros Rebouças e Parolim, permitindo melhor ordenação dos loteamentos que começavam na região da Vila Fany, Vila Hauer, até o Boqueirão do rio Iguaçu e depois até São José dos Pinhais.

A especulação imobiliária provocou loteamentos excessivos, estendendo Curitiba muito além do Plano de Avenidas previsto por Agache, escreveu Luiz Armando Garcez, no seu manual “Curitiba, evolução urbana” (2006). O Bairro Operário, projetado por Agache para o “entorno” da lagoa de acumulação do Parque Barigui, nunca aconteceu. Hoje é um dos metros quadrados mais caros e cobiçados do mercado imobiliário curitibano.

O alinhamento da Barão do Serro Azul ao lado





Início da década de 1950. A Barão do Serro Azul estava sendo alargada, as casas Romani e Pinheiro Lima ainda resistiam.

da Catedral foi corrigido, com a demolição da Casa do Bispo, da residência do professor Lysímaco Ferreira da Costa e do palacete Macedo-Pinheiro Lima. A avenida Cândido de Abreu foi rasgada em linha reta, além do curso do rio Belém, derrubando as casinhas da antiga serraria Moro, por sobre os terrenos úmidos do Taboão, em direção ao Ahú. Nascia o Centro Cívico. Curitiba expandiu-se ordenada.

Ficaram na nossa paisagem ideias materializadas em obras: o Centro Cívico – numa área superior a 20 alqueires, apropriando terreno de uma antiga fábrica de velas; o Centro Politécnico, sede de todos os cursos de Engenharia e de Arquitetura e Urbanismo da UFPR; o Quartel do 20 RI – hoje 20º Batalhão de Infantaria Blindada; a Base Aérea e aeroporto do Bacacheri, sede do Sistema de Controle Aéreo do Sul do Brasil (Sindacta); o Mercado Municipal; a Rodoferroviária; e a Zona Industrial Rebouças, além da ferrovia. Lá onde o dia amanhecia com cheiro de mate torrado.

Devemos a Agache também a minimização das enchentes no centro da cidade e alguns dos nossos parques: Barigui, São Lourenço, Bacacheri, Horto Municipal do Guabirotuba e Jardim Botânico – este chamado por Agache de “Parque da Cidade”.

Agache queria ainda um Parque Público na mata nativa e nascente de água mineral da antiga chácara de Flávio Macedo, entorno do Cassino Ahú, fundos da atual igreja de Santo Agostinho, na rua Marechal Hermes. Com a proibição do jogo no Brasil no governo do presidente Dutra, esse parque acabou não acontecendo. As freiras alemãs da Divina Providência compraram o antigo “antro do vício” (no dizer de dona Santinha Dutra), transformando-o em convento e casa de retiros, espaço dotado de fonte de água mineral até hoje puríssima.

Ainda escopo do Plano Agache, temos a localização de áreas esportivas importantes para Curitiba. Planejou-se a criação de um Centro Esportivo, contemplando áreas para um Estádio Municipal (Vila Ca-



Demolição da estação de bondes para abrir espaço ao trânsito de carros. 1952.

panema). O Estádio Durival de Britto foi inaugurado em 1947. Construído por Reinaldo Thá, a partir de projeto do arquiteto Rubens Meister, serviu aos jogos da Copa do Mundo de 1950.

Também expoente do planejamento urbano de Agache, na região central de Curitiba, o Estádio Durival de Britto (Vila Capanema), inaugurado em 1947, erguido na chácara que pertenceu ao Barão de Capanema, no bairro do Jardim Botânico, foi um marco na vida do Clube Atlético Ferroviário (depois Paraná Clube).

Chegou a ser o terceiro maior estádio do país, com 58 mil metros quadrados, capacidade de 12.100 pessoas, inferior somente ao Pacaembu, em São Paulo, e ao São Januário, no Rio de Janeiro. Em 1950, tornou-se o primeiro estádio paranaense a sediar uma partida em Copa do Mundo. Foi reinaugurado em 2006, com capacidade ampliada para 20.000 espectadores.

Alfred Agache propôs ainda: entre o córrego Tarumã, o rio Atuba e o Capão da Imbuia, a Sociedade Hípica Paranaense, materializada em 1945; o Jockey Club do Paraná, com o esplêndido hipódromo de arquibancadas modernistas, inaugurado em 1955; e o Ginásio do Tarumã, ou Centro Esportivo Professor Almir Nelson de Almeida, aberto em 1965.

O capitão da cavalaria imperial Luís Jacamo fundou, em 1873, a primitiva arena e pista de corrida de cavalos, conhecida na época como “Prado Jacomé”, onde a avenida Marechal Floriano Peixoto encontra a Presidente Kennedy (atual Hospital Psiquiátrico Nossa Senhora da Luz), embrião do Jockey Club do Paraná.

No ano de 1899, em terreno amplo no bairro Guabirotuba, foram construídas nova sede e tribuna para acomodar os nobres espectadores curitibanos. O local às margens do rio

Belém foi muito frequentado e contemplou diversos fatos históricos, como, em 1909, o primeiro grande evento de futebol da cidade. Descendentes de alemães de Curitiba (fundadores do Curitiba Foot Ball Club), de um lado, e ingleses construtores da estrada de ferro de Ponta Grossa, do outro, usaram o gramado do Jockey, no chamado Prado do Guabirotuba. Em 1914, o piloto Cícero Marques, decolando da raia do Guabirotuba, fez o primeiro voo de avião em Curitiba.

Ali brilhou a primeira Miss Paraná, em 1919, no prêmio “Dr. Benjamin Pessoa”, e a

Acabou abortando, mesmo com muitas das medidas de desapropriação já concluídas, a Avenida Diametral Leste-Oeste, obra proposta por Agache para desbloqueio das vias centrais de Curitiba. Desse sonho restaram trechos de rua com largos passeios na parte norte da Desembargador Motta, entre a Manoel Ribas, na esquina da Igreja das Mercês, e a rua Saldanha Marinho, na esquina da igreja de São Francisco de Paula.

Diz o urbanista Luiz Armando Garcez: “As desapropriações eram penosas para o Município. A Constituição de 1946 obrigava o pagamento em dinheiro, imediatamente após a emissão do decreto municipal; ou, na



Foto aérea mostrando as avenidas Visconde de Guarapuava, Sete de Setembro, Silva Jardim e Iguaçu, década 1940.

bela Didi Caillet, segunda colocada no Miss Brasil de 1929. O último grande evento contou com a presença de Marta Rocha, Miss Brasil, no “C.P. Paraná” de 1954.

Quando, em 1955, o Jockey Club do Paraná ganhou nova sede, na avenida Victor Ferreira do Amaral, no Tarumã, os padres, por inspiração do bispo Dom Jerônimo Mazzarotto e do arcebispo Dom Manuel da Silveira D’Elboux, conseguiram do governo do Estado a doação do Hipódromo para sede da Universidade Católica do Paraná.

A antiga Tribuna do Hipódromo do Guabirotuba, gloriosa arquibancada *art nouveau*, à qual se tem acesso por esplêndido pórtico no mesmo estilo, foi preservada pelo reitor, irmão Clemente Ivo Juliatto, a meu pedido. Reciclada pelo arquiteto Manoel Coelho em 1984, hoje é sede do Museu Universitário da PUC-PR.

impossibilidade, a liberação de uso do imóvel conforme conveniência do proprietário enquanto não se desse a devida indenização.

A Prefeitura de Curitiba adotou um sistema “custo zero” para obter o alargamento das ruas. Cada vez que um proprietário pedia alvará para construir nova edificação, era solicitado o recuo, com doação da área abrangida pela nova diretriz de arruamento. No caso de reforma, era exigido termo de compromisso para doação da parte correspondente ao futuro alinhamento. O resultado foi uma interminável demora em se obterem resultados e um envelhecimento e deterioração das ruas centrais sob as quais pesava a espada do alargamento”. A burocracia nem sempre consegue o que quer.

Quando trabalhei na Casa Romário Martins, pude colher depoimento do prefeito Lineu Ferreira do Amaral (1897-1979), publicado





Antiga sede do Comando da 5ª Região Militar do Exército brasileiro, hoje Shopping Curitiba.

em sua Memória de Vida, quando do seu passamento. Era casado com dona Dulce Bley do Amaral, tronco de estimada família curitibana. Na sua sala de visitas, na casa da esquina da Visconde de Guarapuava com Coronel Dulcídio, montavam um lindo presépio. Fui vê-lo algumas vezes, levado por meu avô, Manoel Valdomiro.

Do depoimento destaco algumas de suas lembranças, alusivas ao urbanismo e à vida de Curitiba entre 1949 e 1951:

Tratei de ampliar a malha viária da capital. Prolonguei a avenida João Gualberto até a colônia polaca de Santa Cândida. A via ficou pronta em setembro de 1950. Pavimentei a Itupava, em cima do antigo caminho colonial. Estendi a rua Ivaí, depois avenida Getúlio Vargas. O asfalto, grande novidade da época, era executado pela Sociedade Paulista de Pavimentação, com matéria-prima importada pela Prefeitura, via Shell, desde o Lago Trinidad Tobago, na América Central. Promulguei, em 20 de junho de 1950, o primeiro Estatuto dos Funcionários Públicos Municipais de Curitiba, ampliando seus direitos de aposentadoria. Criei o Montepio dos Servidores Municipais.

Fizemos o conjunto Santa Quitéria, com 46 casas populares, com Grupo Escolar Municipal e posto de puericultura, confiado a dona Saza Lattes.

Criamos a primeira creche de Curitiba, com cunho social, abrigo para filhos de mulheres trabalhadoras. Chamou-se Creche Anna Messias, nome de minha mãe. A creche era administrada por minha cunhada, mulher do Vicoca, Paula Pedroso do Amaral, fundadora da “Escolinha Tia Paula”, na avenida Iguaçu, entre Carneiro Lobo e República



Todos os bondes de Curitiba foram vendidos por I Cruzeiro.

Argentina.

Transferimos o depósito de inflamáveis do antigo Paíol de Pólvora para o Horto da Barreirinha. Canalizamos com muros de granito as encostas dos rios Bigorriho, na rua Fernando Moreira, e Belém, na rua Mariano Torres. Pretendíamos assim prevenir e evitar as tenebrosas enchentes da baixada da Cruz Machado com Visconde de Nacar e do Campo do Ferroviário.

Fizemos dois novos bebedouros para cavalos, um na rua Gonçalves Dias com Bispo Dom José, outro no Largo do Novo Mundo, para atender os carroceiros, que ainda eram numerosos na cidade. Participamos, a pedido do Xaveco, arquiteto Eduardo Chaves, da comemoração do Centenário do Monsenhor Celso Itiberê da Cunha, a 11 de setembro de 1949. Autorizei a exumação de seus restos mortais, levados em procissão desde o Cemitério até um altar na entrada da Igreja do Rosário, onde estão até hoje.

A cidade vibrou naquele ano com a eleição da bela Josemary Caldeira como Miss Curitiba, no mais concorrido concurso de beleza que a sociedade local já havia presenciado, com a presença de Miss Brasil, vinda do Rio. Permitimos a instalação das primeiras bancas de revista, em alumínio, nas praças da cidade, modelo copiado do Rio, substituindo as antigas mesas de jornalheiros. Demos ao Miguel Kaluf o alvará para o terceiro grande arranha-céu da cidade, o seu edifício na esquina da Cândido de Leão com Marechal Floriano, onde se instalaria o moderno Lord Hotel.

Adquirimos o terreno do Hipódromo do Tarumã, implantamos o Estádio Durival



Lotações de Aurélio Fressato para o Bacacheri.



Ônibus Chevrolet 1941, fazia a linha para São Paulo pela estrada da Ribeira.

de Britto, para servir aos jogos da Copa do Mundo.

Fato relevante, em 1950, além da Copa do Mundo em Curitiba, foi a compra de todos os bondes da CFLP – pelo preço simbólico de Um Cruzeiro – pelo ousado empresário Aurélio Fressato. Esse filho de italianos, desde 1936, aos poucos vinha adquirindo as pequenas empresas de lotação. Acabou controlando o transporte nas cidades vizinhas e desprezou as linhas de subúrbio, dominando o setor já em 1945.

Nesse ano, quando terminou a II Guerra Mundial, na Prefeitura passaram a dizer que os bondes constituíam frequente obstrução da via pública, fator de perturbação do tráfego. Naquele ano, a cidade teve três prefeitos: João Macedo Souza, engenheiro de carreira da Prefeitura, o médico psiquiatra Alô Guimarães e o engenheiro Algacyr Munhoz Maeder. O Plano Municipal de Extensão, Remodelação e Embelezamento de Curitiba, pela primeira vez, diz que “o trem metropolitano é uma sugestão para o futuro. [...] Somente depois de um milhão de habitantes podemos abandonar o transporte superficial, considerando a hipótese de um Metropolitano”. Começaram a promover o metrô que até hoje não saiu do papel.

A CPFL pôs em concorrência pública a exploração dos serviços de bondes & ônibus. Optou por permanecer apenas com o serviço de geração e distribuição de energia elétrica. Os bens foram arrematados por Aurélio Fressato, através sua Cia. Curitiba de Transporte Coletivo, que se pôs a explorar o setor, chegando a decretar falência em 1950. O acervo de trilhos e vagões foi transferido ao município, que decidiu pela extinção das linhas de bonde. Sucessivamente, acabaram com a linha do Batel, a do Juvevê-Bacacheri e a do Cemitério-Prado Velho-Matadouro. Resistiu a linha de bondes do Portão, zona da Vila Leão, bairro essencialmente operário. Filas enormes passaram a se formar ao longo das ruas 24 de Maio e Emiliano. Os curitibanos pobres preferiam ficar horas esperando os bondes – cada vez mais escassos –, enquanto no Paço Municipal as autoridades procuravam

pretextos para acabar de vez com eles.

Num dia cinzento e frio de junho de 1952, partiu o último bonde, saindo da praça Tiradentes em direção ao Portão. Nessa época já eram dez empresários, sucessores de Aurélio Fressato, explorando as linhas de autolotações. Entre eles os irmãos Gulin, Erondy Silvério, os Francheschi e os Bertoldi.

O urbanista Alfred Agache também seria contrariado por medidas dos dois prefeitos da gestão do governador Bento Munhoz da Rocha (1951-56), Erasto Gaertner (1951-53) e José Luís Guerra Rêgo (1953-54), e pelos prefeitos eleitos na sequência, major Ney Braga (1954-58) e general Iberê de Mattos (1958-61).

Na ocasião do Centenário do Paraná, em 1953, Bento ergueu a Biblioteca Pública do Paraná, na Cândido Lopes, ocupando a antiga área do Quartel dos Bombeiros e do Theatro São Theodoro, já então chamado de Theatro Guayra. O prefeito Erasto Gaertner deu alvará de construção para o edifício Brasilino Moura, barrando a diretriz do futuro arruamento da avenida Diametral. Esse edifício até hoje surpreende pela ousadia de suas linhas avançando em leve balanço, qual pirâmide invertida, sobre o alinhamento das ruas Cândido Lopes e Ébano Pereira.

O prefeito Erasto Gaertner (1900-1953), da UDN (União Democrática Nacional), tomou posse a 3 de outubro de 1951 e poderia ter sucedido o governador Munhoz da Rocha, mas faleceu em 19 de maio de 1953. Médico e professor, foi biogrado por Ernani Simas Alves no livro “Um Lutador Incansável por Nobres Causas” (Fundação Santos Lima, 1990). Sua mulher, dona Anita Gaertner, teve papel decisivo na criação de um Hospital do Câncer em Curitiba.

Na época, a primeira-dama compassiva levantava recursos para comprar morfina para pobres doentes terminais. Morria-se mal do mal do século XX. Após a morte do





Prédio dos Correios e Telégrafos.

prefeito, o Hospital recebeu seu honrado nome. Foi ideia sua importar da Alemanha uma usina de asfalto para Curitiba, montada entre o Prado Velho e o Hospício Nossa Senhora da Luz.

Na gestão Erasto Gaertner, a 15 de novembro de 1951, Curitiba ganhou a Casa do Expedicionário, construída num terreno alto, defronte à fábrica de fitas Wenski, na rua Ubaldino do Amaral, confluência com rua Comendador Macedo. O terreno já havia sido doado pelo prefeito Lineu Ferreira do Amaral. O engenheiro Euro Brandão foi o autor do projeto, encomendado pela Legião Paranaense do Expedicionário, entidade criada em 1946.

A Casa do Expedicionário era destinada a propiciar assistência para ex-combatentes e famílias. Além do auditório, tinha um hotel de trânsito, com quartos individuais, para alojamento de pracinhas. Destaque para o Museu do Expedicionário Max Wolf Filho, tributo ao bravo soldado paranaense que tombou na batalha da tomada de Monte Castelo, cena representada em bronze sobre o frontão do edifício.

Em 1954, o governador Bento Munhoz da Rocha Netto, numa reunião na sala de jantar da sua residência da rua Carlos de Carvalho, decidiu criar a Copel (Companhia Paranaense de Energia Elétrica), designando para seu primeiro presidente o literato Temístocles Linhares (1905-1993). A Copel só deslancharia mais tarde, sob a liderança do professor engenheiro Pedro Viriato Parigot de Souza.

O prefeito de Curitiba, major Ney Braga (1954-58), doou ao Banco do Brasil terreno para sua sede central, no extremo da praça Tiradentes, entre a Cândido Lopes e a Cândido de Leão. A implantação da grande via Diametral leste-oeste foi definitivamente abortada.



Colégio Estadual do Paraná.



Biblioteca Pública do Paraná.

Alfred Agache propusera um Teatro Municipal para Curitiba na praça Rui Barbosa. O governador Moysés Lupion de Troya, no seu primeiro mandato (1947-1951), realizou concurso público para definição do projeto. O arquiteto Barontini chegou a esboçar um anteprojeto em linhas *art déco*, como era uso na Itália pós-fascista.

Quando o estaqueamento do futuro teatro estava já cravado na vizinhança da Santa Casa, o governador Bento Munhoz da Rocha (1951-1955), com apoio do prefeito Erasto Gaertner, transferiu o local do Teatro para o terreno baldio da rua Conselheiro Laurindo, vis a vis com o prédio monumental da Universidade do Paraná. Completou-se assim a moldura da praça Santos Andrade. O arquiteto Rubens Meister projetou o novo Teatro Guaíra, com seu palco coberto por colossal abóboda de cimento armado. Poty Lazzarotto faria esplêndido painel, com a história do Teatro esculpida em concreto no pórtico monumental.

O Centro Cultural Teatro Guaíra compreende o Grande Auditório Bento Munhoz da Rocha Netto (2.173 lugares), o Auditório Salvador de Ferrante (504) e o miniauditório Glauco Flores de Sá Brito (104). Há salas de ensaio para música e dança, salões de exposição, camarins e amplo espaço para o guarda roupa cênico. A abóboda é tão grande que, quando foram encenar a ope-



Praça Rui Barbosa, década de 1950, com o chafariz luminoso povoado de garças de cimento.

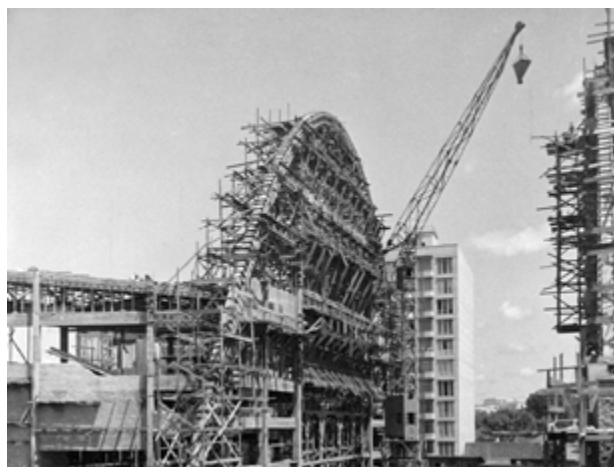
reta “Die Fledermaus”, de Johann Strauss II, o Morcego precisava voar na boca de cena. Sucedeu que se constatou que um dos funcionários do teatro, verdadeiro “Fantasma da Ópera”, morava em cima dos urdimentos, suportes dos panos de boca, tábuas improvisando-lhe confortável loft, sujeito às luzes da ribalta e harmonias do palco.

O prefeito Ney Braga ocupou o vazio urbano do Largo Ventura Torres, espaço verde, antes dominado apenas pela casa do Comendador Macedo e as arcadas do solar da família Torres. Ergueu ali a futurista Rodoviária – hoje Terminal de Guadalupe. Cedeu ao pedido da Mitra Arquidiocesana, doando parte da área para edificação do Santuário de Nossa Senhora de Guadalupe. A nova igreja foi abençoada a 9 de janeiro de 1955.

O doutor Jaime Pericás Durán, um dos dois tios da minha Margarita, então cônsul da Espanha no Paraná, trouxe daquele reino a imagem da Virgem padroeira, belíssima escultura em cedro, tamanho natural, as vestes revestidas de prata lavrada em baixo relevo. A Santa coroada, acompanhada do arcebispo Dom Manuel da Silveira d’Elboux, entrou na cidade em carro aberto, um conversível rabo-de-peixe, cadillac bege e dourado, como era uso na época, propriedade do Cônsul Pericás. O jesuíta engenheiro padre Alberton desenhou o novo templo, cuja torre seria encimada por uma estátua de Cristo-Rei triunfante, obra até hoje inconclusa.

A 20 de outubro de 1955, o prefeito Ney Braga assinou o decreto nº 503, que regulamentou o serviço de transporte coletivo de passageiros, por meio de “auto-ônibus (31 passageiros sentados) e autolotações (20 passageiros sentados)”. Foram criadas 13 empresas, operando em 11 áreas seletivas. Foi estabelecido o primeiro regulamento, definindo a exploração através de contratos de concessão de linhas.

O prefeito Iberê de Matos deu alvará para a construção do edifício de 22 andares da esquina da Marechal Deodoro com a Mariano Torres, barrando



Teatro Guaíra em construção.

definitivamente o alargamento daquela via, proposto por Agache, na direção da Caixa d’Água do Alto da rua XV. Sobrou o atual trecho estreito da Marechal, entre a Mariano Torres e a Ubaldino do Amaral.

No ano de 1956, a Prefeitura de Curitiba constituiu uma “Comissão de Zoneamento”, com a missão de informar os usos dos terrenos a serem edificados, bem como decidir sobre casos duvidosos e apreciar recursos apresentados. A Comissão atuou em caráter experimental até 1960, quando a Lei nº 1.875, de 30 de março de 1960, aprovou o Plano Piloto de Zoneamento de Curitiba e sua regulamentação, dividindo a cidade em zonas residenciais (ZRs), comerciais (ZCs), industriais (ZIs) e Zona Rural.

Em 1962, o lendário prefeito de São Paulo, Prestes Maia, visitou Curitiba. Insistiu na implantação do antigo Plano Agache, mencionando o ponto de fricção da praça Tiradentes, gargalo urbano. Mas a ocasião já havia passado.



Hospital Nossa Senhora da Luz, bairro Prado Velho e Guabirota em vista aérea da década de 1950.



VILANOVA ARTIGAS, UM CURITIBANO NO *MOMA*



Vilanova Artigas e MoMA.

Em 2015, o centenário de João Batista Vilanova Artigas foi celebrado com exposição retrospectiva no *MoMa*, o mundialmente famoso Museu de Arte Moderna de Nova York.

Curitiba e o Paraná, na forma do costume, esqueceram seu talentoso e valoroso filho. Silente, o pacto da mediocridade triunfante, por longo lapso de tempo, fingiu não ter conhecimento de sua obra. Seria uma comprovação da teoria do escritor Jamil Senege, segundo o qual, para se tornar invisível em Curitiba, basta ter talento.

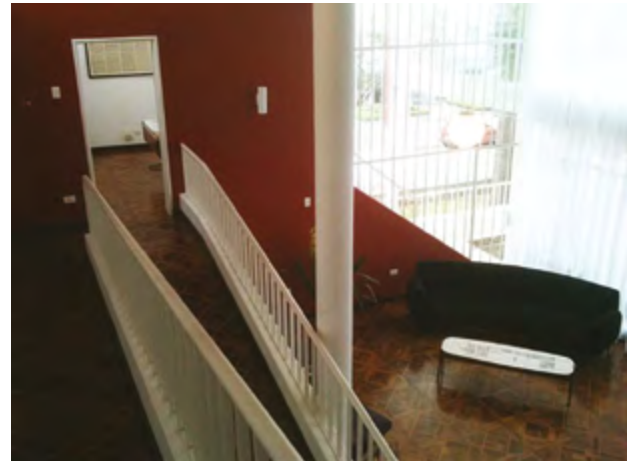
Esse moço curitibano formou-se engenheiro-arquiteto pela Escola Politécnica da Universidade de São Paulo em 1937. Ainda estudante, foi estagiário na construtora Bratke e Botti. Formado, abriu empresa de projeto e construção com Duílio Marone – a firma Artigas & Marone Engenheiros. Participou das exposições da Família Artística Paulista.

Em 1944, afastou-se da construtora e decidiu montar escritório próprio, ao lado do calculista Carlos Cascaldi. Engajado na política de regulamentação da profissão de arquiteto, fundou a representação paulistana do Instituto dos Arquitetos do Brasil (IAB/SP).

Recebeu, em 1947, bolsa de estudos da Fundação Guggenheim, que lhe permitiu viajar por 13 meses pelos Estados Unidos, informando-se das tendências da arquitetura pós-guerra. Participou, em 1948, da criação da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo (FAU/USP), onde passou a lecionar.



Hospital São Lucas.



Interior da casa Bettega.

Autor de projetos revolucionários, ao tempo em que foram implantados, o curitibano Artigas é internacionalmente célebre pelo prédio da FAU (a Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da USP), pelo estádio do Morumbi e pelas Rodoviárias de Londrina e de Jaú. Em 1968, com os também famosos arquitetos Paulo Mendes da Rocha e Fábio Penteadó, projetou o Parque Cecap, bairro popular de Guarulhos, com 50 mil moradores.

Em Curitiba, o arquiteto Artigas fez os projetos do Hospital São Lucas, da casa da família Bettega (edificação modernista na rua da Paz 479, em 1949) e das residências, infelizmente já demolidas, de Maninha e Giocondo Vilanova Artigas (sua cunhada e seu irmão médico-cirurgião) e Rose e João Féder (jornalista e professor).

Ao serem construídas, essas duas casas da rua Fontana provocaram a curiosidade da cidade. A frase da época era: *Vamos dar uma volta de carro, aproveitar e ver as cocheiras...* [sic], alusão crítica às linhas retas das residências numa cidade que até então quase só tinha chalés ou prédios ecléticos rebuscados.

Repetiria o inusitado na arquitetura erguida com pórticos de concreto armado das residências paulistas de Olga Baeta (1956), Rubens de Mendonça (1958) – chamada *Casa dos Triângulos* – e Taques Bittencourt (1959). Fez uma série de projetos escolares para o governador Carvalho Pinto (1910-1987), com destaque para os ginásios de Itanhaém e Guarulhos.

O arquiteto modernista foi membro atuante do Partido Comunista, filiado ao partidão desde 1945. Sofreu perseguição do regime militar em 1964. Afastado da cátedra, foi preso e exilado no Uruguai, vivendo na clandestinidade os tempos sombrios da ditadura militar.

É famosa sua conferência “O Desenho”, aula magna proferida na abertura do ano letivo de 1967,

na USP, em que rejeitou a luta armada, defendendo o projeto arquitetônico como atitude de resistência à opressão. Após a Anistia, em 1984, quando Artigas reassumiu as funções de professor da FAU/USP, suas arguições no concurso para professor titular geraram o ensaio *A Função Social do Arquiteto*.

Entre os discípulos de Vilanova Artigas está nosso estimado amigo Sérgio Ferro, homem de espírito universal, artista plástico curitibano que é também arquiteto e professor de arquitetura.

Vilanova Artigas faleceu aos 69 anos. Vive em sua obra inovadora, objeto de atenção do principal museu de arte moderna do mundo. Mereceu da UIA (União Internacional dos Arquitetos) os prêmios Jean Tschumi 1972 e Auguste Perret 1985, por sua inesquecível contribuição ao ensino da Arquitetura e pelo conjunto da obra construída. Em João Batista Vilanova Artigas brilhou a Luz dos Pinhais.



Fachada da casa Bettega.



SERGIO RODRIGUES EM CURITIBA



Centro Cívico de Curitiba. Anos 1970.



Sergio Rodrigues e sua célebre Poltrona Mole.

Sergio Rodrigues (1927-2014) iniciou seu trabalho na arquitetura, no começo da década de 1950, no projeto do Centro Cívico de Curitiba, parceiro de David Azambuja, Flávio Régis do Nascimento e Olavo Redig de Campos. Todos convidados por Bento Munhoz da Rocha Netto (1905-1973), então governador do Paraná, com a missão de comemorar o Centenário da emancipação política do Estado.

Sergio Rodrigues foi casado com uma filha de dona Eleonora Camargo Agapito da Veiga, cunhada do governador. Essa sua sogra, dona Eleonora, irmã de dona Flora Camargo, morreu no Rio em março deste 2016, aos 114 anos de idade. Talvez tenha sido a mais longeva dentre todos os Camargos e a mais idosa de todas as curitibanas.

O parque moveleiro de Curitiba, ao tempo em que Sergio Rodrigues viveu na capital do Paraná, inspirou um ateliê de mobília muito famoso na época. A loja e as oficinas localizavam-se na praça Carlos Gomes, perto do antigo restaurante panorâmico Nino. Alguém já escreveu que foi Sergio Rodrigues quem descobriu a casa e a maneira de sentar, quebrando a rigidez do estilo pé de palito.

Ao lado do colégio Cajuru, a fábrica curitibana Móveis Cimo, dos alemães Willy Jung e Jorge Zipperer, ganhava fama e dinheiro com arrojada linha de móveis em madeira de lei e design futurista, um festival de sofás-amebas, mesas e cadeiras pés de palito, estantes e prateleiras em diagonal.

A loja curitibana do designer Sergio Rodrigues foi precursora da lendária Oca (1955), mistura de loja, ateliê e galeria de arte, que abriu na praça General Osório, em Ipanema. O espaço com luminárias Domínicí, tecidos da artista plástica Fayga Ostrower, móveis da Forma e peças assinadas pelo próprio Sergio Rodrigues era ponto de encontro dos principais intelectuais brasileiros.

Em 1957, para atender a um pedido do fotógrafo Otto Stupakoff, Sergio Rodrigues criou a Poltrona Mole, um sofá para seu estúdio, móvel que se tornaria célebre, ao ser premiado no Concurso Internacional do Móvel em Cantu, na Itália.

O saguão do nosso prédio em Curitiba, edifício Valença, projeto do arquiteto Elgson Ribeiro Gomes, é mobiliado com dez exemplares de “poltronas moles” de Sergio Rodrigues, em couro e jacarandá. Tesouro modernista só perceptível aos olhos dos iniciados em design. Herança deixada em Curitiba por esse brasileiro universal.

NASCE O IPPUC



Foto de Armin Henkel revela Curitiba quando da gestão do prefeito Ivo Arzua. Teatro Guaíra em construção.

O governo estadual, no mandato 1961-1965, nas mãos de Ney Braga, criou no âmbito da Codapar (Companhia de Desenvolvimento do Paraná), embrião do Badep, quando dirigida por Alex Beltrão, uma política de fomento econômico.

Dentro desse escopo, a Codapar se propôs a pagar um novo Plano Diretor para Curitiba, sem ônus para a municipalidade, buscando corrigir e aperfeiçoar as intervenções suscitadas pelo Plano Agache.

Em 28 de novembro de 1964, foi nomeada a Comissão para julgar a concorrência pública: professor Ildefonso Clemente Puppi, pela Escola de Engenharia, na presidência; José de Paula, pelo Instituto de Arquitetos do Brasil; economista César Muniz, pela Codepar; vereador Manoel Paredes, pela Câmara Municipal; e a engenheira Dúlcia Auríquio, pela Prefeitura de Curitiba.

Seis grandes consultorias apresentaram suas propostas, vencendo por unanimidade a empresa Serete, de São Paulo, que contratou o urbanista Jorge Wilhelm (1928-2014), nascido na Itália, na época diretor-presidente da Divisão Nacional de Urbanismo do Instituto dos Arquitetos do Brasil (IAB) e representante do Brasil na Comissão de Urbanismo da União Internacional de Arquitetos.

Nascido em Trieste, no norte da Itália, em 1928, filho de pais judeus húngaros, Jorge Wilhelm veio para São Paulo aos 12 anos, onde se formou Arquiteto Urbanista pela







Mackenzie. Realizou planejamento urbano em mais de 20 cidades brasileiras. Concebeu o Plano Preliminar de Urbanismo de Curitiba, de 1965, que originou o Plano Diretor de Curitiba, aprovado em 1966.

Jorge Wilhelm viveu em São Paulo, onde realizou inúmeros projetos, entre os quais o Parque Anhembi e a reurbanização do Pátio do Colégio São Paulo de Piratininga, local histórico da fundação de São Paulo. Foi co-autor da reurbanização do Vale do Anhangabaú e das “16 Ideias para Requalificação do Centro”. Consultor e conferencista internacional, ocupou diversas funções públicas no Brasil e no mundo.

Em 1995, quando da realização, em Curitiba, do Dia Mundial do Habitat, pela *Housing and Building Foundation*, da ONU, Jorge Wilhelm esteve comigo, então prefeito de Curitiba. Nas mesas de honra, tivemos o governador do Paraná, Jaime Lerner; o presidente Fernando Henrique Cardoso; o presidente do BID, Enrique Iglesias; o secretário do Dia Mundial do Habitat, Wally N^oDow; o escritor Marshall Berman (autor de *Tudo que é Sólido Desmancha no Ar*); prefeitos de todo o Brasil, liderados por Luiz Paulo Conde, do Rio, e Paulo Malluf, de São Paulo; embaixadores do Itamaraty, liderados por Bernardo Pericás Neto (então embaixador do Brasil na OEA); e diversos embaixadores estrangeiros.

O seminário foi realizado na Rua da Cidadania do Boqueirão, com participação popular, na Ópera de Arame e no Jardim Botânico de Curitiba.

Jorge Wilhelm, em 1996, foi nominado Secretário-Geral Adjunto da Conferência da ONU sobre Assentamentos Humanos, em Istambul. Nessa ocasião, também convivemos com sua inteligência e bom humor. Levamos um dos nossos ônibus biarticulados para servir a linha de acesso entre o evento e a colina de Sultanamet, o bairro histórico da antiga Bizâncio, onde estão a Basílica de Santa Sofia, a Mesquita Azul e o Museu Topkapi, no antigo palácio dos sultões otomanos.

Levar o biarticulado vermelho às margens do Bósforo, façanha que a Volvo custeou, foi

uma das mais ousadas operações que a minha Prefeitura realizou. Pouco depois, saberíamos a auspiciosa notícia de que Curitiba vencera o “Prêmio Mundial do Habitat”, pelo conjunto da obra humanitária aqui realizada.

Jorge Wilhelm, no Urbanismo, foi vencedor de inúmeros prêmios, escrevendo dezenas de livros enfocando desenvolvimento e vida urbana. Em seu apreciado livro *O Caminho de Istambul*, as memórias da Conferência da ONU, Wilhelm reflete sobre o final do século XX. Tempo definido como *um período de transição da História, marcado pela intolerância, desemprego e exclusões, que ameaçam o renascimento do século 21, cujas sementes já se fazem presentes*.

Em 1997, durante um evento no Memorial de Curitiba, promovido pela nossa Fundação Cultural, então presidida pela minha Margarita, Jorge Wilhelm disse que o Plano Diretor tornou a cidade conhecida no mundo todo. O famoso arquiteto urbanista também apontou outros dois fatores que contribuem para o êxito de Curitiba: *A participação da sociedade nos destinos do município e o orgulho que os curitibanos têm de sua cidade*.



Alargamento da avenida Marechal Floriano determinado pelo prefeito Ivo Arzua. Foto de Sinval Stochero em 1965.



Avenida Luiz Xavier na gestão Ivo Arzua, com automóveis estacionados em escama de peixe.

Jorge Wilhelm morreu em São Paulo, em 14 de fevereiro de 2014, consagrado pela sociedade brasileira e considerado por seus pares em todo o mundo.

A Comissão Julgadora determinou que o Departamento de Urbanismo da Prefeitura de Curitiba acompanhasse o levantamento de dados e a elaboração do plano preliminar. As diretrizes do Plano Agache, com fortes remanescentes na atual paisagem curitibana, foram assim consideradas no Plano Diretor de 1966.

O contrato do Município de Curitiba com a firma vencedora foi assinado a 9 de fevereiro de 1965. O prefeito Ivo Arzua criou um grupo de trabalho local – espécie de embrião do futuro IPPUC.

Nele estiveram os engenheiros Saul Raiz e Tabajara Wendt da Costa, os arquitetos Jaime Lerner, Lubomir Ficinski, Luiz Forte Netto, Alfred Willer, José Maria Gandolfi, Domingos Bongestabs, Elgson Ribeiro Gomes, Léo Grossman, Cyro Correa de Oliveira Lyra e Onaldo Pinto de Oliveira, e as engenheiras Francisca Garfunkel Rischbieter e Dúlcia Auríquio.

O grupo pensante tinha dois futuros prefeitos municipais (Jaime e Saul), vários secretários municipais e de estado e duas das primeiras engenheiras formadas pela UFPR: Fanchette e Dúlcia.



O prefeito Ivo Arzua abriu a avenida Paraná e ampliou a avenida Kennedy, então avenida Guáira.

O professor Ildefonso Clemente Puppi, ao escrever a história da Escola de Engenharia da UFPR, referiu que, entre 1945 e 1973, lá se formaram apenas 20 mulheres. A primeira engenheira do Paraná foi Enedina Alves Marques, mulher negra, esforçada estudante que trabalhava como normalista no contraturno da faculdade, graduando-se em 1945. A segunda foi Francisca Maria Garfunkel (pelo casamento, Francisca Rischbieter), graduada em 1951. A terceira engenheira do Paraná foi Dúlcia Auríquio, formada em 1954.

A lista das engenheiras pioneiras prossegue com Erika Menzel (1955), Terezinha Horochowski (1955), Conradine Tagessell (1956), Sarita Chamecki (1957), Neide Schneider (1958), Maria Helena Tengg (1959), Nazira Zenedin (1959), Maria Aparecida Garcez Duarte (1960), Neusa Teixeira Pinto (1960), Eliane Schnirman (1967), Maria Lúcia Berton (1969), Helena Mitiko Rodrigues (1971), Moema Ribas Silva e Silmara Maruska (1972), Jeanette Isolde Küllig, Regina Helena Fontanelli e Sílvia Regina Montoro Savignon (1973).

O professor Puppi ainda informou que, em 1931, entrou na Escola de Engenharia a primeira aluna, Ruth Doria de Oliveira. Tirou a segunda melhor média numa turma de 32 alunos. Kursou dois anos e desistiu do curso.

Dúlcia e Fanchette, funcionárias de carreira da Prefeitura, foram extremamente dedicadas à causa de Curitiba. Chegaram a participar em campo da marcação dos setores, quadras e lotes, empunhando o teodolito e a trena. Guardiãs das posturas urbanas, foram extremamente críticas com desvios ou excessos da especulação imobiliária.





Cine Luz na praça Zacarias em dia de sol.

Quando fui vereador, Fanchette Rischbieter passou a frequentar meu gabinete, ficando muito próxima a mim. Antes das sessões, todas as manhãs, ia ao meu escritório de planejamento, então instalado no prédio da minha tia Chiquita. Juntos, preparávamos os discursos, o questionamento das ações do então prefeito nomeado, Maurício Fruet. Criamos a escolinha para vereadores, que deu origem ao grupo Pró Cidade.

Acompanhei Fanchette nos últimos anos de sua vida e até o seu leito de morte. Deu-me conselhos basilares para o desempenho no cargo de prefeito de Curitiba: “Poder é dever”.

Tive a honra de ter a engenheira doutora Dúlcia Auríquio no meu gabinete, junto com o engenheiro Dario Lopes dos Santos. Conselheiros seniores do Prefeito e do secretariado, dei-lhes poder de veto em decisões de urbanismo. Ambos foram muito valiosos para evitar que prevalecessem interesses de especulação imobiliária ou alheios à boa história do urbanismo curitibano.

Também no meu gabinete, destaco a colaboração da advogada Jayra Barreto, secretária dos prefeitos Saul Raiz e Jaime Lerner, funcionária de carreira, que sabia tudo da burocracia municipal. Durante anos, atuou ao lado de Dúlcia e Fanchette na trincheira pelo bem de Curitiba. Jayra destravava o gabinete e repelia armadilhas burocráticas.

Sobre o primeiro momento da criação do Plano Diretor de 1965, testemunhou o arquiteto e urbanista Jorge Wilhelm: Não se tratava, naquele momento, de projetar uma cidade nova e, sim, de intervir em uma cidade existente, em acelerado crescimento, acumulando

do problemas não resolvidos e outros que seriam criados no futuro, pelo aumento de sua população e pelas previsíveis mudanças de funções e de modos de vida.

O desafio consistia em “ler” a cidade, detectando suas características e problemas, e avaliar hipóteses de mudanças, escolhendo as diretrizes que pudessem orientar o seu desenvolvimento. O novo plano propunha o formato de um planejamento contínuo e sustentável, conceito que ainda não era utilizado e tampouco tinha uma conotação “verde”.

A proposta era inovadora, pois deixava de considerar urbanismo como mero desenho urbano acompanhado de uma legislação impositiva. Do ponto de vista da prática urbanística, dependia do acerto na leitura da cidade existente, na sensibilidade de perceber problemas, separando o substantivo do adjetivo.

O arquiteto também afirmou que foi fundamental para o sucesso do Plano Diretor a criação de um grupo local de acompanhamento capaz de tornar-se um núcleo permanente de planejamento local, transformado mais tarde no Instituto de Pesquisa e Planejamento Urbano de Curitiba (Ippuc), hoje com quase 51 anos.

Duraram quatro meses os estudos que definiram as diretrizes básicas do Planejamento Urbano de Curitiba: Crescimento linear do centro urbano ao longo de vias estruturais que tangenciam o centro ao norte e ao sul. O centro urbano – contido pelas estruturais norte e sul – ficou livre para crescer nas direções leste e oeste. As ruas centrais foram definidas como preferenciais para pedestres. O desenvolvimento preferencial de Curitiba nos sentidos nordeste e sudoeste, ao longo dos eixos estruturais.

A Lei Municipal nº 2.660, promulgada em 1º de dezembro de 1965, criou o IPPUC (Instituto de Pesquisa e Planejamento Urbano de Curitiba), desvinculando as tarefas de pesquisa e planejamento dos órgãos da administração direta do Município de Curitiba. A nova autarquia preparou o texto definitivo do “Plano Diretor de Curitiba”, enviado pelo Prefeito Ivo Arzua à Câmara Municipal a 20 de junho de 1966. Foi sancionada em sessão solene, a 31 de julho, a Lei nº 2.828, definidora do que estava por vir.

Em 1963, o mesmo prefeito Ivo Arzua Pe-reira havia criado a URBS (Urbanização de Curitiba), companhia mista destinada a lançar planos comunitários de pavimentação. Em 1980, pela Lei Municipal nº 6.155, a URBS adquiriu o papel de gerenciadora do sistema de transporte coletivo e serviço de táxis urbanos. Passou também a administrar equipamentos da cidade: Rodoferroviária, Rua 24 Horas, terminais de ônibus, Ruas da Cidadania, Galeria Júlio Moreira.

Em 1968, a 13 de dezembro, o Brasil caiu na



O alargamento da avenida Marechal Deodoro provoca a demolição do Cine Luz

noite negra da ditadura militar, com a promulgação do Ato Institucional nº 5, que suprimiu as liberdades individuais, revogou o estado de direito, criou medidas de exceção e passou a permitir que a Revolução nomeasse governadores e prefeitos – com a adesão dos parlamentares da Arena e a oposição consentida dos parlamentares do MDB. Entre os signatários do AI-5, então na condição de Ministro da Agricultura, estava o engenheiro curitibano Ivo Arzua Pereira.



Urbanista Jorge Wilhelm (1928-2014).



Esquema de ocupação do solo a partir do Setor Estrutural até a zona residencial prioritária ZRI. IPPUC.



Inauguração da Vila N. Sra. da Luz, 1º conjunto habitacional da cidade. Prefeito Ivo Arzua (1925-2012) com o presidente Marechal Castelo Branco.



Setor Estrutural com o trinário de via expressa, vias lentas de ir e vir, e vias rápidas bairro-centro e centro-bairro. IPPUC.



JAIME LERNER, PREFEITO DE CURITIBA



Jaime Lerner no Palácio 29 de Março.



Governador Jayme Canet Júnior percorre cafezal no norte do Paraná, após a geada negra de julho de 1975.



Neve sobre a praça Garibaldi. 18 de julho de 1975.

Em 1971, o arquiteto Jaime Lerner, ainda dentro do regime de exceção democrática, foi nomeado prefeito de Curitiba pelo governador Haroldo Leon Peres (1927-1992), com o peso da autoridade do presidente Emílio Garrastazu Médici (1905-1975), ditador do Brasil entre 1969 e 1974.

Naqueles tempos autoritários, diz a lenda, a mulher de Haroldo Leon Peres, dona Helena, jogava “buraco” com dona Scila e o general Médici nas tertúlias do Palácio da Alvorada. Isso lhe deu “autoridade” para virar primeira-dama do Paraná. O marido, deputado federal pela Arena de Maringá, conhecia o arquiteto Jaime Lerner, seu vizinho de porta de escritório em Curitiba, e apreciava seu trabalho.

O jovem urbanista Lerner foi convocado a Brasília. Viajou até o Planalto Central do Brasil. Tomou um suco de laranja à beira da piscina do Hotel Nacional com Leon Peres e foi feito prefeito de Curitiba. Seu primeiro mandato, sempre ameaçado de interrupção por sobressaltos e humores revolucionários, terminou em 25 de março de 1975. Foi sucedido pelo prefeito nomeado Saul Raiz, já em vigor a era do general Ernesto Geisel. Lerner deixou Curitiba rumo à Universidade de Berkeley.

Leon Peres durou pouco no Palácio Iguazu (apenas 9 meses, de março a dezembro). Foi defenestrado do governo, sob acusação de corrupção, por uma gravação do megaempreiteiro Cecílio do Rego Almeida (1930-2008), feita numa praia do Rio de Janeiro. A revista *Vêja*, na edição que reportava o caso, foi censurada. Os poucos números que sobraram nas distribuidoras de Curitiba eram disputados a peso de ouro pelo público, num tempo em que nem se imaginava a velocidade e a liberdade da nossa era conectada pela internet.

O governador Leon Peres foi substituído pelo vice, Pedro Viriato Parigot de Souza (1916-1973), homem probo, curitibano, professor e engenheiro.

Pedro Viriato viveu em Curitiba desde 26 de fevereiro de 1916 até 11 de julho de 1973. Era casado com dona Egypcialinda Velloso Parigot de Souza. Formado em engenharia civil pela UFPR, com especialização em engenharia hidráulica, o professor Parigot lecionou Hidráulica e Hidrologia na Escola de Engenharia. Foi fundador e mentor do Centro de Estudos Hidráulicos do Paraná (CEHPAR), no Centro Politécnico de Curitiba, que postumamente tomou seu honrado nome.

No mesmo centro, formaram-se quase todos os talentos de Hidrologia e Hidráulica do Brasil. Entre eles, destaco meu professor, Francisco Luiz Sibut Gomide, presidente da Copel, que fez construir a usina hidrelétrica de Salto Segredo



A rua XV de Novembro, transformada no primeiro calçadão do Brasil, volta a ser rua das Flores.

e foi ministro de Minas e Energia no governo Fernando Henrique Cardoso. O doutor Parigot dirigiu a COPEL (Companhia Paranaense de Energia Elétrica) desde 1961 até 1970, período em que prosseguiu na carreira de docente e pesquisador.

Durante sua gestão, já acometido por dramático câncer, o governador Parigot de Souza licenciou-se várias vezes para tratamento, vindo a falecer no exercício do cargo. O prefeito Jaime Lerner, na gestão do governador Parigot – seu professor na Escola de Engenharia –, encontrou ambiente favorável à Cidade de Curitiba. Parigot também gostava da cidade, berço do rio Iguaçu, aquele que nasce onde nós nascemos. Quando Parigot foi substituído pelo governador Emílio Gomes, Lerner foi novamente confirmado prefeito, e novamente teve um governador amigável, podendo realizar seu admirado primeiro mandato.

O finado governador Parigot de Souza, em 1973, foi substituído pelo deputado estadual da Arena João Mansur, presidente da Assembleia Legislativa, que passou o poder ao governador Emílio Hofmann Gomes, engenheiro civil formado em 1949, na turma de meu pai. Em 1974, o empresário e cafeicultor Jayme Canet Júnior (1925) foi escolhido governador do Paraná pelo presidente Ernesto Geisel (1907-1996), decisão homologada pela Assembleia Legislativa em 3 de

outubro daquele ano. Na sua gestão, dar-se-ia a trágica geada negra, que acabou provocando falência da lavoura do café e a fortíssima migração popular para a região de Curitiba.

Apesar da sombra antidemocrática do período, a paisagem da Curitiba contemporânea conseguiu nascer, alicerçada sob o tripé *Transporte Coletivo - Sistema Viário - Uso do Solo*, buscando a integração da estrutura física e funcional da cidade e direcionando seu crescimento.

Ao longo de sucessivas administrações, além do respeito às diretrizes do Plano Diretor, houve criatividade para adaptar os conceitos básicos à dinâmica da cidade e, acima de tudo, encontrar soluções de baixo custo, apoiadas em tecnologia local.

O IPPUC promoveu uma transformação física (com adensamento ao longo dos eixos de transporte coletivo), uma transformação cultural (com a preservação do centro histórico e de 99 bosques de mata nativa, além da definição de grandes parques, ruas exclusivas para pedestres e equipamentos urbanos diferenciados) e uma transformação econômica, por meio do empreendimento Cidade Industrial de Curitiba (CIC).

Os estudos estratégicos realizados definiram como local ideal para a CIC o vale do rio Barigui, entre a BR-277 e a BR-116, que permitia fácil acesso tanto ao interior do Paraná quanto ao Porto de Para-





Centro Histórico antes da abertura da Nestor de Castro determinada por Jaime Lerner. As ruas José Bonifácio e do Rosário eram contínuas.



Centro Histórico quando das demolições para alargamento da travessa Nestor de Castro. Foto Sinval Stochero. Casa da Memória.



Feirinha do Largo da Ordem, implantada pelo prefeito Jaime Lerner.

naguá, e também aos mercados do Sul e do Sudeste do Brasil. As áreas desapropriadas eram bucólicas, muitos alqueires remanescentes da sesmaria dos Tabor da Ribas – gente da primeira ocupação do planalto.

A Cidade Industrial, empreendimento exitoso que começou em 1973, teve papel estratégico na sobrevivência da Cidade, principalmente após a neve, sucedida por geada negra, no severo inverno de 1975. Naquele julho, os campos do Paraná e do sul do Brasil foram dizimados. A intempérie somou-se à crescente mecanização do modelo agrícola, lançando sobre nossa cidade uma população imensa, expulsa pelas condições adversas do seu meio agrícola.

Curitiba cresceu 8% ao ano entre 1975 e 1980. A acolhida dos migrantes “pés vermelhos”, órfãos dos cafezais extintos, somados a brasileiros de todos os rincões, povoou nossa periferia. Além das favelas tradicionais do Parolim e da Vila Pinto, surgiram dezenas de ocupações irregulares. Toda essa gente precisava de emprego, constituindo mão de obra valorosa que precisava ser absorvida. Em 1980, diz o IBGE, a população curitibana já era de 1 milhão de habitantes, dos quais 570 mil não nascidos no município.

A Cidade Industrial de Curitiba é grande em todos os sentidos. Tem 10% da população da cidade, que tem 75 bairros. No Censo de 2000, moravam na CIC 157.461 pessoas, de um total de 1.587.315. Mede mais de 15 km de extensão, indo da BR-277, que a divide do bairro Orleans, até a atual BR-476 (ex-BR-116), que a separa do bairro do Tatuquara. Todo o Contorno Sul de Curitiba está em seu território.

No território da Cidade Industrial, por loteamentos regulares, intervenções da COHAB ou ocupações irregulares, foram sendo povoados os territórios dos bairros tradicionais de Campo Comprido, Colônia Orleans e Fazendinha. Surgiram Jardim Gabinete, Vila Sandra e Moradias Atenas. Adiante, Moradias Itatiaia, conjuntos Oswaldo Cruz I e 2, Vila Nossa Senhora da Luz, Santa Helena e Vila Conquista. E ainda a Vila Verde, a Vila Barigui, Sabará, Diadema e Moradias Caiuá.

Na condição de prefeito, tive a alegria de estender o povoamento para além da linha do trem, urbanizando e abrindo a Gleba da Ordem e as Moradias Santa Rita, já quase no Tatuquara, limite com Araucária, a refinaria da Petrobrás por horizonte. Inaugurei os terminais de ônibus CIC, Caiuá e Campo Comprido. Levei o transporte público integrado, pela avenida das indústrias, até Araucária.

Além de apresentar infraestrutura adequada às atividades econômicas desenvolvidas no bairro, a CIC abriga ainda dois hospitais, 16 unidades de saúde, 35 creches, 24 escolas, sete Faróis do Saber, bibliotecas de bairro e *lan houses* públicas. Ali mandei preservar dois bosques: o da Vila Verde e o São Nicolau. Implantei os parques “Dos Tropeiros”, “Fazendinha”, “Do Trabalhador”, “Diadema/Caiuá” e “Mané Garrincha”. Conservei 25 jardinetes e 63 praças públicas.



Foto da missa de 7º dia de Vinicius de Moraes, na igreja da Ordem, com Dante Mendonça e Sansores França.



Inauguração do restauro da Confeitaria Schaffer, em 29 de março de 1981. Na foto, com Fani e Jaime, Sérgio Mercer, Cássio Taniguchi e o autor.

Hoje, a CIC configura-se como um bairro de grande concentração de tecnologia, produtos estratégicos e empregos de alta qualificação. Atualmente estão instaladas 7.991 empresas, sendo 1.713 indústrias, 3.712 comércios e 2.515 serviços. Essas empresas geram, formalmente, um valor aproximado de 28 mil empregos diretos e 79 mil empregos indiretos.

Grande parte da força econômica ali existente congrega-se na AECIC (Associação de Empresários da Cidade Industrial de Curitiba), entidade constituída em 1977, com confortável sede própria, instalada na rua que leva o nome de meu bondoso avô Manoel Valdomiro de Macedo – oportuno, porque foi também um pioneiro da indústria paranaense, beneficiando tanto madeira quanto erva-mate. Meu avô sabia que o otimismo é o perfume da vida, mas talvez nem tenha imaginado tamanho progresso industrial para Curitiba ao tempo em que trabalhava entre o engenho de mate e a serraria de pinho.

A implantação da CIC, talvez a maior intervenção do prefeito Jaime Lerner na nossa história, alterou para sempre o rosto de Curitiba, hoje importante polo industrial do Brasil.

No cerne da transformação urbana da cidade de Curitiba, para a qual tenho a honra de haver contribuído, convergem conceitos basilares: “O ser humano é a medida de todas as coisas”; “a cidade deve ser concebida enquanto lugar de encontro dos cidadãos”; “o grande desafio está em criar igualdade de oportunidades para todos”.

Porém havia a natureza perversa do poder. No seu diário, citado por Élio Gaspari, o general Golbery do Couto e Silva (1911-1987), teórico da doutrina de “segurança nacional”, escreveu: [...] *acabo de sair de uma reunião do ministério onde discutimos passagens de ônibus e tarifas de táxis em Curitiba. Não conheço Curitiba, nunca andei de ônibus, pouco andei de táxi. Em Brasília estamos mandando tanto, que acabamos*

não mandando mais nada.

Sob a Luz dos Pinhais, a inteligência driblou os tempos sombrios. O velho Paiol de Pólvora, em 1971, explodiu em música, poesia e cultura. Fez-se Teatro, batizado por Vinicius de Moraes, Toquinho e Marília Medalha, espaço de parcerias impossíveis. Em 1972 surgiu o primeiro calçadão do Brasil – nossa rua das Flores –, onde crianças esboçavam esteiras luminosas, pincelando tinta colorida sobre bobinas de papel, a cada manhã de sábado. A velha Fábrica de Cola à beira do tanque São Lourenço virou um Centro de Criatividade. As transformações multiplicaram-se, vencendo as sombras da ditadura militar.

O otimismo é o perfume da vida. Há uma alma boa em cada coisa ruim. É preciso tirar mel da erva daninha. Tendência não é destino. Quando as pessoas apertam os parafusos de sua coragem, a mudança começa.

Os prefeitos Lerner e Raiz – e suas equipes dotadas de elevada capacidade técnica e humanista, inteligências brilhando sobre o IPPUC –, mudaram para melhor nossa amada cidade. Foram auxiliados pela Luz dos Pinhais, essa incrível força de cidadania que vive latente na comunidade curitibana, onde sobram voluntários para a causa da cidade. Nossa gente sabe ter coragem em dobro em face do perigo.

Jaime Lerner foi nomeado prefeito uma segunda vez, em 1979, pelo governador Ney Braga. Maurício Fruet foi nomeado prefeito pelo governador José Richa em 1983.

Roberto Requião de Mello Silva foi eleito por voto direto na redemocratização em 1985. Evocando a ideia clássica de uma cidade Bela e Justa, manteve as conquistas de bom urbanismo, criou uma frota pública de transporte e voltou a administração para os serviços sociais na periferia, com ênfase no DDS, o Departamento de Desenvolvimento Social. Estávamos na sua oposição e faríamos Jaime Lerner novamente



prefeito – desta vez por pleito democrático, a chamada eleição dos “12 Dias”, sensação do ano político brasileiro de 1988.

Os últimos quarenta anos da política curitibana foram marcados pela oposição entre Jaimer Lerner e Roberto Requião. Uma espécie de “*yin-yang*” tingui. Procurei aprender e absorver o melhor deles dois, naquele ponto de decisão em que os “egos” já não interessam, diante da superioridade do interesse público.



A partir do Teatro Paiol foi criada a Fundação Cultural de Curitiba.



Ópera de Arame na pedreira Gava, no Pilarzinho. Foto Nani Góis.



Cidade Industrial de Curitiba.

Ao envelhecermos – todos os três – já deveríamos estar ouvindo Shakespeare, no Rei Lear: *O melhor remédio aos poderosos é expor-se ao que os outros sofrem, e assim tornarem-se mais justos diante dos Céus.* Atores de uma história que fizemos, melhoramos ao perceber que o palco é o lugar onde as ilusões podem descer à terra com o reconhecimento de que somos todos feitos da mesma matéria humana.



Posteamento *art nouveau* na rua da Liberdade, atual Barão, onde Jaime Lerner nasceu. Foto Nani Góis.



Vista aérea do Jardim Botânico de Curitiba “Francisca Maria Garfunkel Rischbieter” implementado na chácara Martins Franco, perto do antigo horto do Barão de Capanema.



Ônibus Expresso Santa Cândida-Pinheirinho em 1974, na praça Generoso Marques.

MINHA ALEGRIA EM SER PREFEITO



Ninguém há de ter provado maior ventura do que a minha quando fui empossado, pelo voto popular, Prefeito da minha cidade – Prefeito da gestão dos 300 Anos de Curitiba.

Na sucessão do Jaime, tive a alegria de ser candidato a prefeito pelo PDT/PTB e vencer no primeiro turno as eleições municipais de 1992. Não tive direito a reeleição, à época vedada pela Constituição Federal. Fiz meu sucessor, o prefeito Cássio Taniguchi.

Já contei antes, e repito, que antes de inaugurar a bela praça 29 de Março, em 1966, a Prefeitura de Curitiba, então dirigida pelo Engenheiro Ivo Arzua, promoveu Maratona Escolar, pedindo aos alunos das escolas primárias curitibanas uma *Carta ao futuro Prefeito dos 300 anos de Curitiba*, a ser colocada numa urna inviolável, para ser aberta em 29 de Março de 1993, ou seja, 27 anos mais tarde.

Aluno da Escolinha “Tia Paula”, venci a tal Maratona Escolar. Quis o destino que escrevesse para mim mesmo. Talvez, por arcanos da *Consciência Coletiva*, guardei nas letras de *piá curitibano* todo o bem que depois pude realizar para nossa terra e nossa gente. Cremos, minha amada Margarita e eu, como Shakespeare, que *somos feitos da mesma matéria dos sonhos*.

Comecei a governar a cidade de Curitiba em tempos de crise. Crise que gerou criatividade, entre 1993 e 1996. O presidente Collor havia sido deposto recentemente e substituído por Itamar Franco. Assumi com inflação galopante, que persistiu até o Plano Real. Quando o ministro Rubens Ricupero, em 1994, proclamou a estabilidade da moeda, convidei-o para passear de ônibus biarticulado, do centro até o Boqueirão. No





Show de José Carreras em comemoração aos 300 anos de Curitiba, Pedreira Paulo Leminski, abril de 1993.

trajeto, desfrutei da alegria em saber que não precisaria mais corrigir o preço das passagens de ônibus mensalmente. As coisas melhoraram.

O Governo Federal foi insignificante na execução das minhas 6.600 obras públicas municipais, consideradas apenas aquelas orçadas superiormente a R\$ 300 mil. Recorri ao Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID), com autorização da Secretaria do Tesouro Nacional e do Senado Federal, apoiado pela Câmara Municipal de Curitiba.

O Município de Curitiba, na minha gestão, contratou, em setembro de 1995, com autorização do Senado Federal (Resolução nº 45, de 21/09/95) e da Câmara Municipal de Curitiba, com o Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID), a operação de crédito externo no valor de US\$ 120.000.000,00 (cento e vinte milhões de dólares norte-americanos), equivalentes a R\$ 108.000.000,00 (cento e oito milhões de reais), em valores de 14 de julho de 1995. Foi acordado desembolso em até três anos, com seis meses de carência, sendo os juros sobre os saldos devedores diários de empréstimo a uma taxa anual para cada semestre determinada pelo Custo dos Empréstimos Qualificados tomados pelo Banco durante o semestre anterior.

Erguemos 45 Faróis do Saber, bibliotecas de bairro acopladas às primeiras *lan houses* públicas do Brasil, isso num tempo em que a internet era desconhecida dos brasileiros. Os Faróis do Saber atraíram visitas ilustres.

Uma deles, Mário Vargas Llosa, jornalista, dramaturgo, ensaísta e crítico literário. Reconhecido como um dos mais importantes escritores da atualidade, mereceu em 2010 o Prêmio Nobel de Literatura. Em dezembro de 1994, após agradável almoço na Casa do Meio Ambiente do Parque Barigui, levei-o a conhecer Curitiba. Terminamos o passeio no Farol do

Saber Machado de Assis, no bairro da Vista Alegre. Vargas Llosa reclamou de vertigem no alto do mirante, quando contemplava o panorama da cidade, emoldurado a leste pela serra azul que se desenhava no horizonte.

Ao retornar a Madri, em artigo no jornal *El País*, escreveu: *Fue Rafael Greca de Macedo quien, emulado por los logros de su predecesor, se ha lanzado a construir unas bibliotecas para niños en forma de empinados Faros, multicolores y vertiginosas – para quien sufre de mal de altura. El me asegura que han sido diseñadas tomando como inspiración a la primera biblioteca que recuerda la Historia, la de Alejandría, y yo lo creo. Por qué no lo creería, después de haber visto con mis propios ojos que era cierto que Curitiba tiene una Ópera construída no con mármol ni fierro ni concreto sino con alambre?*

Conseguimos criar e fazer 6 Ruas da Cidadania: Boqueirão, Pinheirinho, Santa Felicidade, Fazendinha, Boa Vista e Matriz – a do Bairro Novo foi já na gestão do meu sucessor.

No *Jornal do Brasil*, publicado a 1º de abril de 1995, o jornalista e escritor Zuenir Ventura chamou Curitiba de “A Capital do Respeito”. A pena privilegiada do autor de *1968, o ano que não terminou* e *A Cidade Partida* descreveu a inauguração da Rua da Cidadania do Boqueirão: [...] *na última quarta-feira o prefeito Rafael Greca inaugurou o que anuncia com orgulho ser sua milésima obra. Trata-se da Rua da Cidadania, uma via coberta de 200 metros, dentro de um complexo arquitetônico de 8 mil m², num espaço de 20 mil m², de um terminal rodoviário. Ali vai funcionar uma espécie de centro cívico regional, com todos os serviços públicos a que um cidadão tem direito. Além de esporte, lazer, lojas e manifestações culturais, os 160 mil habitantes dos quatro bairros contemplados pelo projeto vão ter acesso a uma concentração de serviços que só poderiam ser buscados no centro burocrático da cidade.*

Como todas as secretarias municipais estarão ali



Farol da Memória. Foto Guilherme Klock.



Casas Romário Martins e da Memória. Foto Guilherme Klock.

representadas, os moradores receberão desde assistência jurídica até abastecimento alimentar; poderão adquirir um sacolão ou tirar uma carteira de trabalho, uma certidão negativa de um imóvel, ou uma segunda via do IPTU. Na prática é a Prefeitura indo ao encontro do morador distante, carregando consigo todas as secretarias. Seis outras Ruas de Cidadania estão programadas. Ou seja: em vez de levantar grades, de se armar em bunkers, ou de fechar ruas, Curitiba está construindo barragens de Cidadania. [...] Não é difícil concluir que o segredo do sucesso de Curitiba é simples: o respeito é bom e o povo gosta. Curitiba deveria ser roteiro obrigatório de todo administrador brasileiro.

Não posso assegurar, mas tenho uma leve des-

confiança de que a experiência curitibana também inspirou Zuenir Ventura ao escrever o melhor de seus livros – *A Inveja, Mal Secreto* –, publicado em 1998. Seria golpeado por essa emoção inconfessável, que anda pelas sombras, repetidas vezes na minha vida pública. O único consolo é que a inveja é corrosiva, prática solitária, faz mais mal ao invejoso do que ao invejado.

Pavimentamos 140 km com piso estruturado para implantação dos biarticulados e interbairros – asfalto que dura até hoje. Recapamos e requalificamos outros 1.400 km de vias públicas. Abrimos e pavimentamos novas vias, como a rua Trindade, no Cajuru, a rua Primeiro de Maio, na Vila São Pedro, a rua João



Memorial Árabe, na praça Gibran Khalil Gibran.





Biarticulado no Passeio Público. Foto Guilherme Klock.

Bettega, na CIC, todas elas integrantes dos anéis de ônibus interbairros. Fizemos o novo corredor BRT, do Terminal do Boqueirão ao Pinheirinho, em traçado paralelo à diretriz da rua Isaac Ferreira da Cruz, atual avenida dos Pioneiros.

Criamos e implantamos 12 novos parques ambientais, uma rede de 105 postos de saúde de bairro com farmácia básica gratuita, 6 postos de saúde 24 horas, o Bairro Novo do Sítio Cercado, as Moradias Santa Rita e a Gleba da Ordem. Com o engenheiro Ivo Mendes Lima, implantamos perto de 700 unidades de “Vilas de Ofício” – projeto de Rafael Delly que permitia moradia e espaço de trabalho num mesmo financiamento da Cohab.

Erguemos, em tempo recorde, o Hospital do Bairro Novo – construção importada dos EUA, numa parceria com a Organização Mundial da Família e a Associação Saza Lattes de Proteção à Maternidade e à Infância. O local foi distinguido pela Unesco e Ministério da Saúde como “Hospital Amigo da Criança”. Esse foi o primeiro hospital aberto pela Prefeitura em Curitiba.

Fizemos 200 pontes, a canalização do rio Ivo no trecho da Vicente Machado e sua requalificação na praça Carlos Gomes. Mexemos ainda nos principais gargalos de enchentes de Curitiba. Aprofundamos dois canais extravasores, um de cada lado do curso do Iguaçu – num livramento do Boqueirão e de Uberaba.

Erguemos a FAS SOS (Central de Atendimento Social no antigo casarão da Sociedade de Socorro aos Necessitados, na rua Conselheiro Laurindo), a Fazenda Solidariedade, o primeiro Restaurante de R\$ 1 do Brasil e a pioneira Pousada de Maria (casa abrigo para mulheres vítimas de violência).

Conquistamos para Curitiba o Prêmio Mundial do Habitat 1996, da Housing and Building Foundation da ONU, pelo conjunto das práticas de urbanismo e humanismo aqui materializadas. Em maio de 1996, na sede do BID, em Washington, em Seminário Internacional, aquele Banco apresentou as boas práticas de Curitiba como referência a ser considerada por todas as cidades das três Américas.

Na ocasião, a convite de Enrique Iglesias, presidente do BID, falei ao board daquele Banco Interamericano de Desenvolvimento. Na mesma semana, a convite do banco, a Camerata Antiqua de Curitiba, com Coro e Orquestra, realizou três concertos na capital dos EUA – no auditório do BID, na Embaixada do Brasil e na Catedral de Washington. Fomos acolhidos por Paulo Tarso Flecha de Lima (embaixador do Brasil junto aos EUA), Bernardo Pericás Neto (embaixador do Brasil na OEA e presidente do Conselho Permanente da Organização dos Estados Americanos) e Ronaldo Sardenberg (embaixador do Brasil na ONU). Sardenberg, da família curitibana Silveira da Motta, seria mais tarde meu colega entre os ministros de FHC, ele na pasta de Ciência e Tecnologia, eu na de Esporte e Turismo.

Naquele ano, a jornalista Robin Wright nos surpreendeu ao publicar, no *Los Angeles Times* do dia 3 de junho de 1996, o artigo “The Most Innovative City in the World”. No lead, a frase *From its Lighthouses of Learning to aggressive recycling programs, the Brazilian Metropolis of Curitiba is a hotbed new answers to old urban ills* – “Cidade mais inovadora do



Biarticulado, 99 novos ônibus.

mundo, dos Faróis do Saber e de agressivos programas de reciclagem, a metrópole brasileira de Curitiba é um celeiro de novas respostas para velhas doenças urbanas?

Mantivemos a passagem de ônibus congelada – tarifa social única, de R\$ 0,45. Aos poucos fomos construindo uma colossal Rede Integrada de Transporte Metropolitana de Curitiba, espécie de “sistema de metrô de superfície sobre pneus”. Essa RITM durou até fevereiro 2015.

No momento em que foi desfeita, por desentendimentos políticos e contábeis entre o Município de Curitiba e o Estado do Paraná, a RITM abrangia 14 municípios, com 30 terminais integrados. Transportava 2.270.000 passageiros/dia útil, sendo 1.030.000 passageiros pagantes equivalentes/dia útil.

Eram 356 linhas de ônibus, servidas por 357 estações-tubo, sendo 305 equipadas com elevadores ou rampas de acesso para pessoas com necessidades especiais de locomoção. 92,46% da frota eram acessíveis a deficientes. A frota operante de 1.945 ônibus rodava 480 mil km/dia. Fazia 21.448 viagens/dia. A idade média da frota de veículos era de 4,39 anos. 13,99% eram a representatividade das gratuidades e descontos nos custos tarifários – aí contemplados idosos, deficientes, estudantes e isentos. Criado anteriormente à minha gestão, ainda funcionava o apreciado Sistema Integrado de Transporte para o ensino especial.

Meu orgulho, inaugurada em 1993, a “Linha Turismo de Curitiba” transportou em 2013 o significativo número de 591.706 supostos turistas e seus acompanhantes.

Na época, criei três modalidades de passeios de ônibus por Curitiba: a “Linha Turismo”, a “Linha Volta ao Mundo em Curitiba”, pelos parques temáticos das imigrações, e a “Linha do Conhecimento”, disponibilizada aos alunos da rede municipal de ensino.



Biarticulado, estação Central UFPR. Foto Guilherme Klock.





Bosque Alemão, Casa Mylla. Foto Guilherme Klock.



Bosque Alemão, Mirante dos Filósofos. Foto Guilherme Klock.



Ônibus Linha Turismo. Foto Guilherme Klock.



Farol do Saber Machado de Assis, bairro Vista Alegre.



Memorial Ucrainiano: réplica da Igreja de São Miguel Arcanjo cuja original encontra-se na Serra do Tigre em Mallet. Foto Valmir Singh.



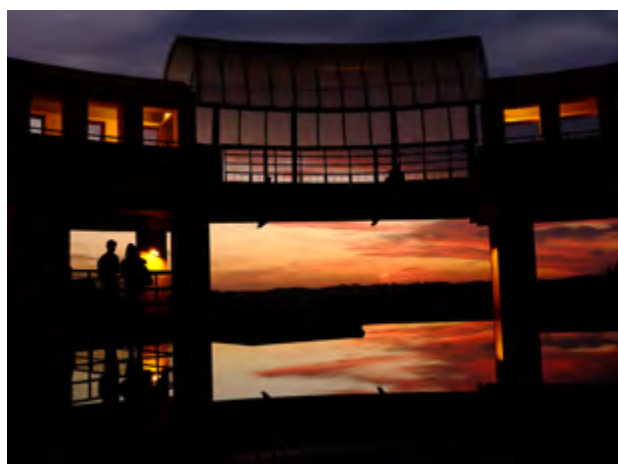
Parque Tingüi. Cacique fundador de Curitiba disse “muito pinhão”, Cury i tiba, segundo a lenda.



Memorial Japonês. Foto Guilherme Klock.



Luminária republicana padrão Greca. Foto Guilherme Klock.



Parque Tanguá, pôr do sol. Foto Valmir Singh.



Parque Tanguá. Foto Daniel Castellano.





Livros Lições Curitiba.



Farol Cecília Meireles, Bairro Novo, Escola Dona Lulu.



Creche Vó Nazaré.



Creche Cajuru.



Restaurante Um Real Capanema.



Troca de Lixo reciclável por brinquedos (Educação ambiental).



Frentes de trabalho Tudo Limpo.



Educadores de Rua.



Painel "Gralha Azul" planta araucárias. Foto Nani Góis.



Rua da Cidadania da Fazendinha.





Projeto FAS SOS.



Projeto revitalização Largo da Ordem.



Farol das Cidades, primeira *lan house* pública do Brasil.



Mãe Curitibana, 1993. Foto Nani Góis.



Criamos o Bairro Novo do Sítio Cercado, Gleba da Ordem e Moradias Santa Rita, para debelar invasões.

SINALEIROS DE VENTO, SABEDORIA E ARTE



Professora Maria Nicolas.

Curitiba gerou uma plêiade de artistas populares. Três deles conheci pessoalmente e quero guardá-los nesta memória afetiva: dona Maria Nicolas, Lafaete Rocha e Laurentino Rosa. Estão do lado esquerdo do meu peito.

Maria Nicolas (1899-1988), professora, poeta, escritora e pintora, era filha do simpático porteiro e zelador do antigo Theatro Guayra, o negro Leão Nicolas. Nascida e criada em Curitiba, terminou a Escola Normal em 1916. Lecionou em grupo escolar e foi bibliotecária da Assembleia Legislativa do Paraná. Nas letras, deixou obra referencial: os três volumes de *Almas das Ruas*, levantamento das biografias dos patronos de todas as ruas de Curitiba no seu tempo, e *Cem Anos de Vida Parlamentar*, com as biografias dos deputados provinciais e estaduais do Paraná entre 1854 e 1954.

Veza por outra, amiga do meu pai e dos meus avós, Lolé e Valdomiro, aparecia lá em casa. Vinha conferir dados de defuntos da família Macedo, para pôr “alma” em suas ruas. Era bonita, gordinha, esbaforida, os cabelos completamente brancos contrastando com a pele morena. Ia e vinha de ônibus, a grande bolsa de couro preto repleta de anotações, os pés acomodados em sapatos de bico aberto, à moda antiga.

Promovi várias exposições de sua pintura *naïf* na Casa Romário Martins. Adalice Araújo, ao referenciar sua obra, não escondeu sua admiração: *Increve-se entre os nomes mais expressivos da pintura ingênua no Paraná. Colorista das mais sensíveis. A pintura de Maria Nicolas captou a vida dos arrabaldes, a alma de seus alunos, pobres crianças descalças. Piás empinando pipas (ou raias, como se diz em Curitiba), montanhas azuis no horizonte, galinhas do tamanho de pessoas, tudo muito colorido.*

Mestra de vida, um dia me disse: *Passaram-se os anos como a água que corre no rio... As águas não voltam à nascente. Tampouco as horas passadas voltarão. Aproveite o presente. Renove o amor que morre, faça sorrir alguém. Lute olhando para o alto. O segredo é manter o ânimo forte até o alento final.* E assim fez até fechar seus olhos vivos, aos 89 anos.

Laurentino Rosa (1937-2009) nasceu na vila de Lancinha, sertão de Votuverava, hoje Rio Branco do Sul. Era caboclo de mato dentro, tímido e matreiro. Herdou seu trabalho, com a marca das mãos, do pai fabricante de cestos, violas caipiras e rabecas de fandango. Era pipoqueiro, fazendo bonecos e bichos de cacheta para incrementar seu negócio. Ficou conhecido em Curitiba, no Brasil e no mundo, por conta dos seus *Sina-leiros de Vento* – bonecos de madeira cujos braços se movem à maneira de uma rosa-dos-ventos, indicando de onde o vento sopra.

A Fundação Cultural de Curitiba, em 1972, colocou um deles, de proporções colossais, no mirante da Praça das Nações. Foi sua apresentação a Curitiba. Ficou lá até se desintegrar. Mande fazer outro, na praça fronteira à Rua da





Sinalizadores de vento de Laurentino.

Cidadania da Fazendinha. Só durou o tempo da minha gestão. Foi vandalizado.

Laurentino morou na colina de Santa Cândida, em barraco humilde, numa várzea, ao lado do cemitério municipal. Um de seus muitos filhos, já crescido, engraçou-se pela filha de uma florista, atrás da cerca do campo santo. Fizeram amor, a mocinha engravidou. A família dela foi até a delegacia, deu queixa, acusou Laurentino de molestar “de menor”. Sem saber, o artista virou réu. O processo correu à sua revelia no Tribunal de Justiça do Paraná. Laurentino não sabia ler. Recebia as intimações e jogava-as fora.

Quando estava para ser preso e condenado, o casalzinho pivô do caso já vivia junto, vida apaixonada, até com papel passado. A vereadora Julieta Fialho dos Reis, que fez sua vida pública baseada no convívio com os participantes da Feirinha do Largo da Ordem, me pediu e fui ao Tribunal testemunhar pró-Laurentino. Desfez-se o mal entendido, deu-se o livramento. Afinal, quem haveria de aprisionar o *Sinaleiro dos Ventos*?

Com Lafaete Rocha (1934-2006) a gente só conseguia falar deixando recado na Rádio Legendária da Lapa. As ondas do rádio faziam a chamada e o artista aparecia, vindo das grotas onde vivia, no interior do município. O encontro era marcado às portas do belo Theatro São João. Chegou a expor em Curitiba, na década de 1970, na sala de pedra do Solar Wolf, na Fundação Cultural de Curitiba. Mas a mulher dele não gostava que viesse à cidade, por ciúme das moças daqui.

Margarita e eu, pela comissão da Festa da Igreja da Ordem, em 1979, encomendamos e compramos um expressivo São Francisco das Chagas, exposto na Sala da Arca do Museu de Arte Sacra de Curitiba. Adalice Araújo diz que os santos de Lafaete não são alegres. Têm o sofrimento da saga da gente humilde, um saber afro-brasileiro. Nota original, em suas esculturas em

imbuia e pinho, eram as pinturas: gotas de sangue, letras, lábios, auras. Incrível seu universo de seres fantásticos: homem-boi, tatus, cobras, cachos de bananas. Quem o descobriu foi Ivany Moreira, então dirigente da Casa Alfredo Andersen. Nasceu e morreu na Lapa.



Farol de vento de Laurentino.

A REGIÃO METROPOLITANA TAMBÉM É CURITIBA



Vista aérea da greve de ônibus urbanos e metropolitanos de Curitiba em janeiro de 2015.



Prefeito de Curitiba, comemorei a integração em 1995 posando para os fotógrafos da Prefeitura na janela de um biarticulado.

No ano de 1974, foi criada pelo Governo do Paraná, na gestão do governador nomeado Emílio Hoffmann Gomes, a Coordenação da Região Metropolitana de Curitiba (COMEC), através da Lei nº 6.517, com o intuito de planejar ações conjuntas e gerir o desenvolvimento integrado dos 29 municípios da Região Metropolitana de Curitiba (RMC).

Trata-se da oitava região metropolitana mais populosa do Brasil, com aproximadamente 3.225.000 habitantes, concentrando 31% da população do Paraná em uma área de 16.581,21 km², segunda maior região metropolitana em extensão do Brasil. Atualmente, é gerida pela Secretaria de Estado do Desenvolvimento Urbano do Paraná (SEDU). Teve 9 municípios em 1973, passou a 18 em 1977 e está com 29 municípios no atual ordenamento legal do estado.

Entre suas atividades, além de controlar o uso e a ocupação do solo, estão o planejamento territorial e a coordenação das funções públicas de interesse comum aos seus municípios, tais como transporte público de passageiros, sistema viário, habitação, saneamento e elaboração e estabelecimento de diretrizes para o desenvolvimento socioeconômico e ambiental.

Atualmente, além da Capital, fazem parte da Região Metropolitana de Curitiba: Adrianópolis, Agudos do Sul, Almirante Tamandaré, Araucária, Balsa Nova, Bocaiúva do Sul, Campina Grande do Sul, Campo do Tenente, Campo Largo, Campo Magro, Cerro Azul, Colombo, Contenda, Dr. Ulysses, Itaperuçu, Fazenda Rio Grande, Lapa, Mandirituba, Piên, Pinhais, Piraquara, Quatro Barras, Quitandinha, Rio Branco do Sul, Rio Negro, São José dos Pinhais, Tijucas do Sul e Tunas do Paraná.

Dentro dessa ideia, em 1995, promovi, na condição de prefeito de Curitiba, a criação de uma Rede Metropolitana de Transporte Coletivo, unindo o sistema de transporte da capital com todas as cidades conurbadas e com algumas das outras cidades metropolitanas.

Quando presidi a Cohapar, entre 2007 e 2010, no governo Requião, pude constatar a carência habitacional e de infraestrutura nas áreas mais pobres dos municípios conurbados. Ali requalificamos as Vilas Zumbi, em Colombo, o Guarituba, em Piraquara, as Moradias Jerivá, em Pinhais, e a Bela Vista, em Campo Magro, entre outros projetos habitacionais.

Nós integramos o transporte coletivo com a maioria das cidades vizinhas e em 2015 foi desintegrada. Erro que precisa ser reparado.



CURITIBA CRIATIVA: MUSAS & CORIFEUS



Marlene Tourinho de Britez com o primeiro tutu curto do Paraná, em 1948. Arquivo Pessoal.



Procissão na Rua de São Francisco diante do atual Solar do Rosário. Final do século 19.

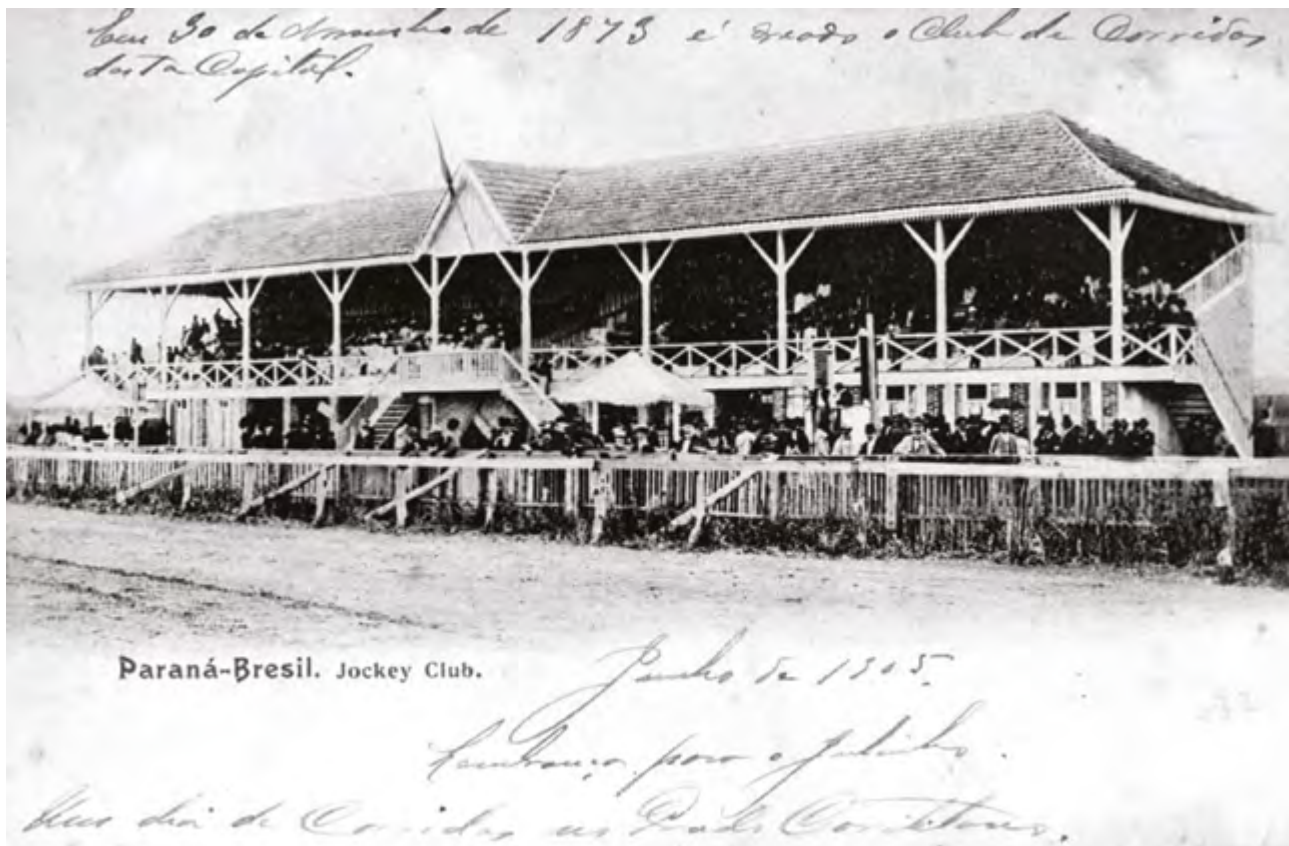
Em setembro de 1829, a Câmara Municipal de Curitiba baixou norma *impondo controle sobre a prática de “batuques”, apontados como corrupção dos costumes, causa de promiscuidade entre escravos e libertos e “ajuntamentos” de negros e mulatos de ambos os sexos sem permissão de seus responsáveis.*

Em 1854, os paranaenses da época eram 62.358 almas, das quais 10.189 escravos, isto é, 16,3% da população. Negros e mulatos, escravos e libertos, costumavam promover fandangos, batuques e zabumbas no adro da Igreja do Rosário, motivo de uma reclamação ao chefe de polícia, acolhida pelo Conselheiro Zacarias e registrada pelo jornal *Dezenove de Dezembro*. O mesmo jornal noticiou: *O Chefe de Polícia proibiu batuques ou fandangos, mormente no adro do Rosário e em terreiros particulares, sem licença da autoridade, impondo-se aos infratores multa e prisão.*

Além das obrigações das *filhas e filhos de santo*, boa gente de religião então escondida e reprimida, era costume da Irmandade de Nossa Senhora do Rosário dos Pretos de São Benedito comemorar seus padroeiros com folguedos e zabumbas em ritmo africano.

As autoridades insistiam em reprimir a alegre sensualidade das festas, com *danças de congo, jongas de angolezes, fandangos e umbigadas* – *dança lasciva com alternância de pares, onde os batuqueiros meneiam seus corpos, alçando-se e ajoelhando-se, ao ritmo compassado das cuícas e tambores.*

Nas festas de igreja, depois da desobriga religiosa, em “noites de luminárias”, promoviam-se bailes de fandangos, tiranas ou chimarritas, marcados por sapateado sincopado dos cavalheiros – até com tamancos



Clube de corridas de Curitiba, desde 1873, em foto de 1905. Hoje Prado Velho.

de madeira –, acompanhados por castanholas batidas pelas damas. As toadas de violas, rabecas e tambores eram entremeadas de cantos, às vezes como se valsa, polca ou mazurca fossem.

A vida colonial, entre arraiais de mineração e internadas para tropas de gado, pouco registra de cultura e lazer. No máximo, as celebrações devotas dos santos padroeiros, novenas, missas e *Te Deums*. Festas marcadas por gineteadas, luminárias festivas, girândolas de pólvora e repicar de sinos da Matriz.

Assim foi quando Curitiba foi elevada à condição de cidade pelas autoridades da província de São Paulo, a 5 de fevereiro de 1842. A notícia chegou aqui no final de março. Não havia músicos para a comemoração. A festa, na véspera do 29 de março, limitou-se a luminárias pelas ruas e vigília solene na Matriz, o padre vigário entoando o *Te Deum*.

Antes da criação da imprensa, os curitibanos reuniam-se na praça da Matriz para ler editais de novidades atrasadas, afixados no pregão da Casa de Câmara e Cadeia.

Com a instalação da província do Paraná e a chegada de Zacarias de Góes e Vasconcellos, Curitiba virou capital, e a vida passou a ficar mais animada. Já em 1853, o governo permitiu corridas de cavalos em campo, regulamentadas pelo conselheiro Zacarias, num terreno de várzea às margens do rio Belém, que seria conhecido como Prado Velho, hoje *campus* da

PUC-PR. Em 1855, o jornal *Dezenove de Dezembro* registrou a visita dos *Ginastas Equestres*, do Circo Olímpico, e da Companhia Teatral do ator José Martins, que se instalou em casa alugada.

Naquele mesmo ano, quando Zacarias deixou a presidência da Província do Paraná, promovido a Ministro do Império, aconteceu em Curitiba um animado baile para 200 pessoas, seguido de espetáculo de fogos de artifício.

Em 1857, foi fundada a Sociedade Harmonia, o primeiro clube de Curitiba. Nesse mesmo ano foi publicado o pioneiro jornal literário *O Jasmim*.

Há registros nos jornais da oferta de aulas de música e dança, às vezes junto com *gymnástica*, em escolas da cidade: o Colégio Nossa Senhora da Luz, no ano letivo de 1877, listou “a arte da dança” entre as matérias oferecidas aos seus alunos, conforme anúncio publicado pelo semanário *Província do Paraná*. Mesma prática ofertada pelos colégios Costa Pereira, São José e Atheneo Paranaense.

Os muitos periódicos publicados entre o século XIX e a primeira metade do século XX asseguram que os bailes curitibanos eram preferencialmente embalados por elegantes valsas vienenses, mas também se dançavam por aqui quadrilhas, polcas e contradanças. E ainda, *cotillons*, *mazurcas*, *schottisch* (ou *xotes*), *sambas*, *maxixes*, *habaneras*, *lanceiros*, *minuetos*, *miudinhos* e o refinado *Pas de Quatre*. Isso sem falar





Desfile cívico passando em frente ao antigo Palácio do Governo, atual Museu da Imagem e do Som.



Jantar de gala e baile na Sociedade Polonesa Juventus em 1920. Coleção Maria Grumnt. Acervo Casa da Memória.

no popular fandango – dança típica dos sertões do Paraná caíçara.

O cronista Ernesto Luiz de Oliveira publicou, no jornal *A República*, um elogio da dança:

[...] o simples som da música provoca nas pessoas um desejo de acompanhá-la com o corpo em movimento. A dança é filha direta e dileta da música.

É assim que tenho já observado em muitas reuniões: quando ouvem uma peça musical bastante comovente, uns estão marcando o compasso com a cabeça, outros com o pé, outras movendo os leques em acompanhamento às variações da peça.

Como se alegra uma criança ao bailar ao som de melodia despida de acompanhamentos, quando lhe ensinam a mover os pés com o corpo bem equilibrado, a dar os passos em ordem crescente de complicação, as voltas, os saltos, o movimento dos braços, até que venha a dançar com correção.

Os europeus recém-chegados, mesmo adeptos da mística do trabalho incansável e redentor, trazem novos hábitos de cultura e lazer. Os alemães promovem *picknicks*, torneios de ginástica e tiro, tardes de natação. Os italianos introduzem as festas de Primeira Comunhão. Eslavos, poloneses, ucranianos e russos brancos insistem em marcar as festas de Páscoa com os ovos decorados pintados a mão e animadas cirandas.

Em dias santificados, noites de sábado, tardes de domingo, Curitiba via animados bailes de sanfona, à moda germânica, chamados *sumps*. Neles, o taboado do assoalho era pulverizado com sebo de velas, para que o salão ficasse mais liso, dando melhor balanço aos frequentadores. Terá vindo daí a expressão popular “sebo nas canelas”?

Um grande problema dos organizadores daquelas festas era fazer balançar os dançarinos polacos e alemães, duros no molejo dos quadris. O pintor Schiefelbein, nas suas memórias, refere que, *às margens do rio Iguaçu, no Porto Vitória, era famoso um antigo salão de baile com molas sobre o assoalho para lograr*

tal intento.

Tornou-se corriqueira a oferta, por anúncios, de artigos de *toilette* e *soirée*, nos almanaques e periódicos curitibanos. Em maio de 1880, de olho nos festejos pela visita do Imperador Dom Pedro, em anúncio publicado na revista *O Paranaense*, a firma Munhoz & Irmãos propagou seus apreciados *fichús à pompadour*, próprios para bailes. Ofereceu ainda *estrellas de brilhantes, ricas joias próprias para toilettes de baile.*

Entre janeiro de 1856 e setembro de 1858, Domingos Martins de Souza fez funcionar seu “Theatro de Curityba”, na rua Direita (hoje Treze de Maio). O primeiro que tivemos. Em abril daquele ano, encenou “O Meirinho e a Pobre”, em que atuava também Júlia, sua mulher. Em março de 1857, os dois artistas mudaram-se para Paranaguá. Alugaram sua casa curitibana para o padre João de Abreu Sottomaioir, deixando como seu representante, encarregado de zelar pelo imóvel, o vizinho José Joaquim Teixeira Ramos. Este foi o primeiro tesoureiro da Sociedade Dramática Particular Recreio Curitibano.

Em 1874, esse mesmo José Joaquim Teixeira Ramos iria dirigir a Sociedade Theatral União Curitibana, responsável pela pedra fundamental do Theatro São Theodoro, lançada naquele ano, a 25 de março, num terreno cedido pela Assembleia Provincial – na atual rua Doutor Muricy – já em 1871. O Theatro São Theodoro seria inaugurado pelo presidente do Paraná, doutor João José Pedrosa, em 28 de setembro de 1884.

Rodrigo Júnior escreveu contando da fundação, em Curitiba, a 7 de setembro de 1858, de uma *Sociedade Dramática Particular Sete de Setembro*, responsável pela construção de uma sala de espetáculos na rua Fechada (atual José Bonifácio). Não há registros desse “segundo teatro” da Curitiba provincial, além da notícia de uma estreia, em 7 de setembro de 1861, do drama “Válido Sanguinário”, publicada no jornal *Correio Oficial*.

O Barão do Serro Azul e outros senhores da er-



Fachada do antigo Theatro São Theodoro, depois Teatro Guayra, na rua Dr. Muricy, em Curitiba.

va-mate, em reunião no Salão Lindemann, fundaram o Clube Curitibano, no dia de Reis, 6 de janeiro de 1882. O mesmo grupo criaria a Associação Comercial do Paraná. Ambas as agremiações existem até hoje, com atuação relevante na sociedade curitibana.

Esse Salão Lindemann, aberto em 1878, segundo Ermelino de Leão, foi fundado por Adolpho Lindmann, chamado depois de Salão Tivoli e Salão Strobel. Ali fez sucesso, em 1883, a Sociedade Theatral Julieta dos Santos, muito aplaudida pelo público curitibano.

Em 1886, a atriz e bailarina Florinda Mello ocupou com desenvoltura o palco do Theatro São Theodoro, interpretando graciosa mestra de dança, conforme notícia publicada pela *Gazeta Paranaense*.

A revista *Galeria Ilustrada* n° 4, de 20 de dezembro de 1888, lançou a ideia de se decorarem árvores de Natal, os enfeites importados já à venda na elegante Casa e Peleteria Amhof, na rua de São Francisco.

Em 1896, há crônicas no jornal *A Republica* localizando o Theatro Hauer como palco de uma noite de “Magnífico Tango”, e de uma peça em que um professor de dança, de nome Vorbim, era encarnado pelo ator Germano Alves.

No ano seguinte, no mesmo palco, fez sensação a bailarina senhorita Alice de Mesmeris, erótica e sensual, com sua “Dança da Serpentina”, apontada pela crônica curitibana como *dança com características circenses*.

Em 1888, premida pela necessidade, recém-entrada na cidade, vinda da Colônia do Assungui, onde enviuvara, o marido atingido por febre palustre, Miss Tamplin organizou sarau com apresentações de música e dança em benefício próprio e de seus filhinhos órfãos. Artista, aquarelista, professora de piano clássico, a inglesa Caroline Tamplin, “dama de belíssimas qualidades”, aproveitou para oferecer seus serviços de professora de Artes formada em Londres às famí-



Atrizes curitibanas. Retrato conservado no Museu Paranaense. Cerca de 1920.

lias curitibanas. Na ocasião, expôs à venda, no *foyer* do teatro, algumas de suas belas pinturas.

A Casa da Memória de Curitiba, por doação de José Carlos de Andrade Muricy, crítico de arte e literatura, possui em seu acervo uma aquarela de Miss Tamplin dessa época: “Paisagem de Curitiba com a Catedral em obras, ainda sem telhado”.

No Theatro Hauer, em 1898, foram promovidos dois bailes beneficentes: em benefício do *Centro d’Instrução Dante Alighieri* e do *Corpo de Bombeiros Voluntários de Curitiba*, na sua maioria funcionários alemães das fábricas de cerveja que usavam as grandes barricas por equipamento. Nesses bailes, a orquestra executou valsas, polcas, mazurcas e quadrilhas.

Os 25 anos da proclamação do Império Alemão e da vitória do Kaiser na guerra franco-prussiana também mereceram festa no Theatro Hauer. O *jornal Correio Municipal*, edição da primeira semana de janeiro de 1896, estampa anúncio de agradecimento publicado pela Sociedade Musical Thalia: *Aos cidadãos Carlos Huebel e Máximo Guichart, digníssimos Presidente e Secretário da Sociedade Musical Thalia: – Tenho a honra de agradecer-vos o convite que me fizestes, em officio datado de 12 do corrente, para assistir à Sessão Magna e ao Baile de Gala que devem ter lugar na noite de 18 do corrente no salão Hauer; em comemoração ao 25º aniversario da proclamação do “Império Alemão”.*

Após a batalha de Sedan, o imperador francês Napoleão III foi aprisionado pelas forças da Prússia, sob a liderança de Otto Von Bismarck. A 18 de janeiro de 1871, o Império Alemão foi proclamado em território francês, para humilhação dos adversários. Os príncipes alemães coroaram o Kaiser Guilherme I no Salão dos Espelhos do Palácio de Versailles. O desfecho dramático da





Aquarela de 1888 de Carolina Tamplin revela Catedral ainda sem telhado. Acervo Andrade Muricy (Casa da Memória).



Comemoração da vitória da Prússia sobre a França, em Curitiba. 1870. Acervo Casa da Memória.

grande guerra franco-prussiana é apontado por historiadores como uma das causas da I Guerra Mundial (1914-1918).

Foi principalmente nos salões dos Clubes que a música e a dança envolveram o público curitibano. Valsas e mazurcas, polcas e minuetos, quadrilhas e habaneras animaram os prestigiosos salões do *Deutscher Sängerbund* (1869) – depois Clube Concórdia, hoje incorporado ao Clube Curitibano; do *Verein Thalia* (1882); do clube Teuto-Brasileiro (1890) – atual Duque de Caxias; do *Handwerker Unterstützungs Verein* (1884) – atual Rio Branco; da Sociedade Garibaldi (1885); do Cassino Curitibano e seu “Grêmio Bouquet”; e do Clube Curitibano e seu “Grêmio das Violetas”.

Há registro em Curitiba, já em 1854, de uma Sociedade Harmonia, voltada à promoção da música, em bailes, retretas e festas. Na edição de 1º de julho daquele ano, o jornal *Dezenove de Dezembro* publica texto de um certo “Americus” sobre o bem que nos fazem a música e a dança:

Fallaremos da sociedade de bailes, que se trata de estabelecer n’esta capital. Tem por divisa a Harmonia. O pensamento da sua fundação é uma consequência da actual ordem das coisas. Com a instalação da província, harmonia dos partidos políticos, devia também aparecer alguma cousa em favor da harmonia das famílias. [...] Consta-nos que já excede a sessenta o número dos sócios, em cuja frente se acha o Senhor Conselheiro Presidente da Província; e que brevemente, apenas ache casa para estabelecer-se, principiará a sociedade a funcionar:

As noites de dança, naquela época, culminavam com a escolha de uma “Rainha do Baile”, conforme se lê na revista *O Jasmim*, escolhida entre as graciosas senhoritas presentes. Em novembro de 1857, a revista publica a crônica social de um “Baile da Sociedade Harmonia” que teria durado seis horas, com oito contradanças, cinco *schottisch* (ou xotes), uma valsa e uma varsoviana.

A 25 de setembro de 1881, no Salão Lindemann, foi fundado o Clube Curitibano, sob liderança do então Comendador Ildefonso Pereira Correia, que depois seria o Barão do Serro Azul. O Curitibano escolheu para sua primeira sede o sobrado neoclássico da esquina das ruas XV com 1º de Março (hoje Monsenhor Celso). A Assembleia dos primeiros sócios definiu obrigação estatutária: *O Club Curitybano é uma associação destinada a promover toda a espécie de diversões úteis e instructivas, como: jogos lícitos, música, dança, leitura, conferências, passeios.*

O Museu Paranaense foi cenário de pelo menos cinco animados bailes. A lista de sucessos naqueles salões principia com o baile de 27 de setembro de 1876, comemorativo da sua fundação; passa por baile em homenagem ao presidente do Paraná, Manuel Pinto de Souza Dantas Filho, em 1879; prossegue com a noite de gala oferecida a Suas Majestades Imperiais, em maio de 1880, quando da visita ilustre do imperador Dom Pedro II ao Paraná; continua com o baile promovido pela Mocidade Curitibana em 1881; e culmina com a gala em homenagem ao Visconde de Taunay, oferecida pelo senador Eufrásio Correia em 1886.

Sobre o baile para o Visconde de Taunay, noticiou a *Gazeta Paranaense*: *Esteve esplêndido o baile que anteontem teve lugar nos salões do Museo d’esta capital, oferecido ao Exm. Sr. Dr. Alfredo d’Escagnolle Taunay, presidente d’esta Província, pelo nosso amigo e digno representante da Província o Exmo. Sr. Dr. Eufrásio Correia. [...] tocando n’esta ocasião as bandas de música militares e rompendo os ares uma grande girândola de foguetes. Às nove e meia tiveram começo as danças no salão principal, que se achava deslumbrante, pelo esmero com que foi preparado. Este vasto salão ficou repleto de senhoras e cavalheiros da melhor sociedade da nossa capital, não obstante o mau tempo que tivemos durante o dia e noite de anteontem.*

Em 1926, chegou a Curitiba o mestre bailarino e coreógrafo Tadeu Morozowicz (1900-1982). Veio comissionado pela colônia polonesa, no afã de criar



Carnaval de 1914 com coreto armado para Orquestra do Clube Curitibano na esquina da Monsenhor Celso.

aqui o Teatro Polonês do Paraná. Em 1927, abriu na nossa cidade o Ballet Thalia, escola de dança pioneira em Curitiba, segunda do gênero no Brasil inteiro.

Entre suas alunas, a filha Milena Morozowicz e a talentosa Marlene Tourinho de Britez. Formada na escola do Theatro Municipal do Rio, Marlene Tourinho chegou a Curitiba em 1944, tornando-se aluna de Tadeu Morozowicz na Sociedade Thalia. Frequentou também a Academia Paranaense de Balé do professor Aroldo Moraes e a Escola do Balé Guaíra, inaugurada em 1957.

Marlene conta que *chocou a plateia ao usar o primeiro tutu curto em uma apresentação de balé no Paraná, em 1948*. Baiana, foi nominada cidadã ho-

norária de Curitiba, por sua grande contribuição à história e ao ensino da dança na cidade.

Mesmo fora dos palcos, Marlene não abandonou o balé. Em 1966, tornou-se professora do curso de Danças Clássicas do Teatro Guaíra.

Marlene Tourinho de Britez só deixaria o cargo em 2002, com a aposentadoria compulsória. Entre 1977 e 1995, também foi professora de dança e história da dança na Faculdade de Artes do Paraná.

Também ocuparam a cena curitibana, em tempos e modos diferentes, as mestras de dança Cláudia Greco, Bettina Dalcanale, as irmãs Paula Soares, Andréa Lerner e Rosane Chamecki.



BALÉ DO TEATRO GUAÍRA



Ballet Teatro Guaíra.

Em maio de 1969, Curitiba viu nascer o Corpo de Baile do Teatro Guaíra, companhia dirigida por Ceme Jambay e Yara de Cunto. Sucesso na estreia com “Concerto Abstrato”, de Staelzel. Em 1971, o Teatro Guaíra contratou, para direção de seu Corpo de Baile, o grande Yurek Shabelewsky, mestre de dança russo fugitivo do Bolshoi, vindo de São Petersburgo. Com música de Bach, o mestre criou os balés “Luz” e “Paixões Rebeldes”.

É de Shabelewsky a montagem de “Mosaicos”, com música de Marlus Nobre, que inaugurou com dança o Auditório Bento Munhoz da Rocha Netto, em 1974. Mestre Shabelewsky também dirigiu e encenou o “Lago dos Cisnes”, de Tchaikovsky.

Na ribalta do Teatro Guaíra, Margarita e eu pudemos presenciar o histórico encontro do maior bailarino do nosso tempo, Mikhail Baryshnikov, com Yurek Shabelewsky. Diante do mestre de baile que conhecera no Teatro Bolshoi, Baryshnikov fez profunda e prolongada reverência, à qual Shabelewski respondeu com gracioso gesto de mãos.

Em 1976, Hugo Delavalle foi feito diretor do Guaíra, estreando “As Estações” (Glazunov), “Jeux des Cartes” (Stravinsky) e uma “Giselle” (Adam/Coralli), que teve por primeira bailarina a virtuosa Ana Botafogo, vinda especialmente do Rio de Janeiro. Em 1978, nosso Balé contou com a direção de Eric Waldo, que pôs em cena o bailado “Homenagem a Patápio Silva”.

O melhor momento do Balé Guaíra seria com o coreógrafo português Carlos Trincheiras, a partir de 1979 até 1993. Trazido para o Teatro numa diretoria composta por Aldo Almeida Júnior, Luiz Esmanhotto e Octávio Amaral, suas coreografias hoje são acervo daquele Corpo de Baile.

Em Curitiba, pelo mérito de Trincheiras, aplaudimos “Dimitriana”, de Shostakóvitch; “Canto de Morte”, de Mahler; “Petruschka” e “Sagração da Primavera”, de Stravinsky. O Balé Guaíra encenou ainda “Lendas do Iguaçu”, com música do maestro Jaime Zenamon, no anfiteatro natural, ao vapor das Cataratas, à beira do rio Iguaçu, em Foz. Na época, atuavam intensamente no Balé Guaíra os bailarinos Jair Moraes e Eleonora Greca.

Trincheiras convidou mestres coreógrafos internacionais para criarem obras para o Guaíra: John Butler, Milko Sparenbleck, Vasco Wellemkamp, Olga Roriz e Maurice Béjart. Pela importância para a cultura brasileira, foi destaque a encenação de “O Grande Circo Místico”, balé inspirado no poema de Jorge de Lima, com música de Edu Lobo e Chico Buarque e roteiro de Naum Alves de Souza.

TEATRO DE COMÉDIA DO PARANÁ



Ary Fontoura.



Odelaire Rodrigues.



Lala Schneider. Foto Gilson Camargo.

Quando Ary Fontoura e Glauco Flores de Sá Brito começavam suas carreiras, em 1956, organizaram o Teatro Experimental Guaíra. Espíritos inquietos, talento de sobra, criaram embrião para o Teatro de Comédia do Paraná. A partir de 1963, o TCP, sob direção de Cláudio Correa e Castro, pôs em cena bem elaboradas produções, preenchendo de talento a ribalta do Guairinha.

No Curso Permanente de Teatro, em Curitiba, vieram lecionar Leonor Bruno, Sílvia Paredo, Nicete Bruno e Paulo Goulart. Consequência do investimento do governo do Paraná, a cidade aplaudiu: “Um Elefante no Caos” (1963), texto inédito de Millôr Fernandes; “A Megera Domada” (1964), de Shakespeare, deliciosa estreia de Nicete Bruno e Paulo Goulart no nosso palco principal; e “Schweik na Segunda Guerra Mundial” (1967), de Brecht.

Finalmente, a inauguração do Guairão, em 1974, depois de superados os traumas da lentidão das obras, acrescida das murmurações de que fôra criminoso o incêndio que consumira um mecanismo de palco britânico, importado de Londres. O TCP produziu e apresentou “Paraná Terra de Todas as Gentes”, texto de Adherbal Fortes de Sá Júnior, mesclado com danças de todas as etnias e acordes de orquestra sinfônica.

Montaram e encenaram três gloriosas peças com oportuna memória histórica da nossa terra: “O Contestado” (1979), de Romário Borelli; “Zumbi” (1984), de Gianfrancesco Guarnieri e Augusto Boal; e “Colônia Cecília” (1984), de Renata Pallottini.

Peludos e pelados em conflito sob os pinhais, escravos rebelados no sertão de Alagoas, anarquistas italianos transplantados para os Campos Gerais do Paraná. Produção didática, pois fazer arte-educação é função do governante responsável. O tríptico da singular saga da Liberdade foi apoiado pelo nosso jornal estudantil *O Pêndulo*, editado por mim no DAST, o Diretório Acadêmico da Escola de Engenharia.

Já em idade de ir ao teatro sério e engajado, adorei ter podido assistir à “A Vida de Galileu” (1989), de Brecht. Vi-riam ainda “As Bruxas de Salém” (1990), de Arthur Miller; “New York por Will Eisner” (1990), de Edson Bueno; e “A Aurora da Minha Vida” (1997), de Naum Alves de Souza.

Personagens dionisíacos, protagonistas, musas e corifeus do nosso teatro, enfrentando parca retribuição, quase sempre com o sacrifício de jornada dupla de trabalho na cidade e no palco, brilharam: Odelaire Rodrigues, Sansores França, Lala Schneider, Joel de Oliveira, Delcy e Edson D’Ávila, Yara Sarmento, Armando Maranhão, Celina Alvetti, Sinval Martins, Fernando Zeni, Wilde Quintana, Rogério Delê, Felix Miranda, Miguel Exposito, Maurício Távora e José Maria Santos.

Tenho a melhor das lembranças da querida Odelaire Rodrigues (1935-2003). Impagável, inesquecível, memória minha de menino seu





Glauco Flores de Sá Brito.



Oracy Gemba.



Antonia Eliana Chagas.

fã, a notável interpretação da abusada empregada do doutor Pomposo Ribeiro, personagem de Ary Fontoura, grande sucesso da TV Paraná, Canal 6.

Menina negra curitibana, que já brilhara nas peças do grupo escolar Xavier da Silva, no curso de artes cênicas do Colégio Estadual do Paraná, no Teatro de Bolso da praça Rui Barbosa, nas novelas e dramas da rádio PRB2, como “Mamãe Dolores” da novela cubana “O Direito de Nascer”, Odelair Rodrigues era atriz completa.

Guardo viva memória das produções de Oracy Gemba, tão inquieto quanto polêmico, tão corajoso quanto invejado. Graças a ele, sem sair de Curitiba, pude acompanhar “O Assassinato de Marat segundo Marquês de Sade” e soube dos infortúnios, da triste vida e da tragédia na opressiva “A Casa de Bernarda Alba”.

Mas o que mais apreciei vivamente foi assistir a *Tonica*, a jornalista e atriz Antônia Eliana Chagas, muito sensual, na pele parda de “Maria Bueno”. Fez sucesso no palco do Guáira o drama da santa popular curitibana, moça nascida em Morretes em 1854 e morta em Curitiba em 1893, assassinada a cuteladas por um anspeçada, junto a um olho d’água na rua Vicente Machado.

Na Curitiba da época, quando se falava na peça, quase em tom de segredo, alguém tratava de informar que a nascente – cenário das punhaladas – ficava dentro do quintal da então residência da família Requião. Em seguida explicava que “*anspeçada*” era posto do Exército Nacional, entre soldado raso e cabo. E arrematava dizendo que *a cruz de madeira colocada no local do crime era milagrosa, porque o sangue inocente, quando derramado, tem poder.*

Com *Tonica* – na imperdível reconstituição da vida e martírio de Maria da Conceição Bueno – atua-

ram Elisabeth Destefanis, Lota Moncada, Sansores França, Ronaldo dos Anjos, Iara Sarmento, Aluísio Querobim, Angela Wogel e o inquieto e bigodudo Luiz Schwanke, mais tarde premiado artista plástico.

Nosso teatro Guáira, em seus diversos palcos, em diferentes produções, acendeu as luzes da ribalta para atrizes e atores locais, dirigidos por Roberto Menghini, Cleon Jacques, Edson Bueno e Gehad Hajar. Lástima que não exista política permanente de Arte-Educação, formadora de plateias, capaz de preparar as novas gerações para a compreensão do mundo pelas lições do palco.

No começo da década de 1980, José Carlos Martinez, já no controle acionário da TV-Paraná, Canal 6, bancou a produção de Maria Bueno, telenovela com roteiro de Paulo Avelar e direção de Roberto Menghini. Foi rodada às margens do rio Nhundiaquara, na paisagem verde e azul, ao sopé do Marumbi, em Morretes, cidade natal da moça martirizada e santificada pelo povo de Curitiba.

A atriz Gilda Elisa viveu a personagem título. Lala Schneider encarnou sua mãe. O anspeçada Dinis, cruel assassino, foi interpretado pelo ator paulista Nelson Morrison. Um dos galãs da novela foi o tenor Aginaldo Rayol. No elenco, ainda, Paulo Cardoso, Marilyn Miranda, Marli Teresinha, Airton Mueller, Lutero Almeida, Irineu Adami, Zefe e Lafayette Queirolo e Alceu Honório. A trilha sonora, com harmonias caícaras, foi composta por Heitor Valente e Celso Locker (Pirata).

EM CENA, NOSSA GENTE



Luis Melo. Acervo Festival de Teatro de Curitiba.



Emílio Pitta na praça do Alto da Glória em Curitiba, 2015. Foto de Felipe Fontoura.



Guta Stresser em cena de “O Vampiro e a Polaquinha”, de Dalton Trevisan, dirigida por Ademar Guerra. Teatro Novelas Curitiba. 1992.



Herson Capri e Giulia Gam interpretam Barão e Baronesa de Serro Azul no filme “O Preço da Paz”. 2003.



Letícia Sabatella faz o canto 20 da “Íliada” no Festival de Teatro de Curitiba em 2016. Foto Virginia Benevenuto/FTC.

Nossa amada cidade de Curitiba sempre cultivou o Teatro. Apoiamos fortemente a Cultura, a partir do Teatro Paiol, da Ópera de Arame, do palco monumental da Pedreira Paulo Leminski, dos teatros de bairro nas Ruas de Cidadania, do teatro Londrina (no Memorial de Curitiba) e nos Festivais de Teatro de Curitiba, desde 1992.

Antes de nós, já o fizeram os governadores Bento Munhoz da Rocha, Ney Braga e Paulo Pimentel. Curitiba cultivou a tradição de acender as Luzes da Ribalta e apoiar o teatro brasileiro, tão vigoroso quanto economicamente frágil. Vem desde os idos de 1950 os nomes de Maria Della Costa, Paulo Autran, Procópio e Bibi Ferreira, Tônia Carrero, Fernando Torres, Fernanda Montenegro, Nicete Bruno, Paulo Goulart, Ênio Carvalho, Marco Nanini, Ney Latorraca, Cristiane Torloni e Renata Sorrah, rivalizando na ribalta do Guaíra com os valores locais Cláudio Correia e Castro, Oracy Gamba, Lala Schneider, Ary Fontoura, Odela Rodrigues, Jane e Maurício D’Ávila, Mário Schoenberg, Yara Sarmiento, Edson Bueno, Cleon Jacques e tantos outros talentos. A cena brasileira está repleta de paranaenses. Aplausos para eles.

Em Curitiba nasceram ou têm raízes familiares, estudaram ou atuaram, alguns dos melhores intérpretes da moderna dramaturgia brasileira. O decano é Ary Fontoura, hoje com 82 anos, que estreou nos primeiros lampejos da televisão no Paraná com seu inesquecível personagem *Dr. Pomposo Ribeiro*. Foi o criador do Teatro de Bolso de Curitiba e do Teatro de Comédia do Paraná, tornando-se nome nacional. Sua trajetória de sucesso inspirou que calçassem os coturnos do teatro, empunhando vigorosamente as máscaras do Drama e da Comédia: Luís Melo, Emílio Pita, Guilherme Weber, Guta Stresser, Letícia Sabatella, Fabíola Nascimento e Alexandre Nero.

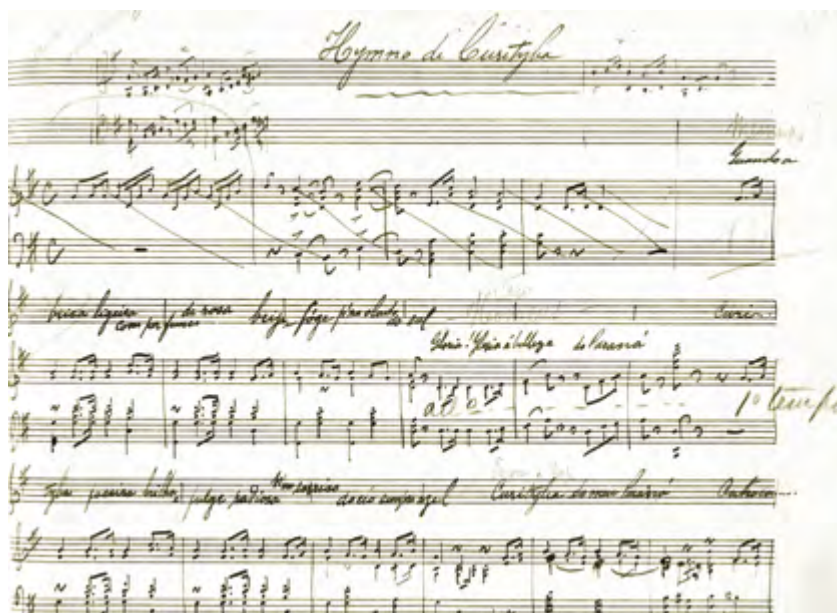
Vindos do interior do Paraná, os talentos de Igor Rickli (Carambéi), Herson Capri (Ponta Grossa), Grazi Massafra (Jacarezinho), Toni Ramos (Arapongas) e Sônia Braga (Maringá).



MÚSICA NA CIDADE DO POLITON



Politon, violino com palheta adaptada, original instrumento de sopro curitibano.



Partitura original do Hymno de Curitiba, parte da Opereta Marumby, composta por Benedito Nicolau dos Santos em 1928, acervo Gehad Hajar.

Entre as peculiaridades da nossa amada Curitiba, desponta a originalidade do *politon*, instrumento musical criado e feito aqui por Dario Nogueira dos Santos (1899-1980).

É um pequeno violino, provido de palheta adaptada, capaz de soar com o sopro humano. Quem ouviu deixou dito que era capaz de dar todos os tons e semitons musicais. Expressão da nossa identidade cultural mais legítima.

Homem singular, o inventor desse instrumento único, Dario Nogueira dos Santos era da antiga nobreza brasileira, descendente do Marquês de Baependi, família fidalga, honrada, honesta e humilde. Guarda-livros, professor primário federal e estadual, diretor de vários grupos escolares, lecionou física, química, biologia, história natural e higiene. Pitagórico, iniciado por Dario Vellozo, professou no Templo das Musas.

Casado com a professora dona Pompília, era pai das “meninas” Lígia, Liamir, Lialis e Liadar e do meu estimado colaborador Dario Lopes dos Santos, dos mais corretos servidores públicos da Prefeitura de Curitiba, engenheiro sênior que entendia mais que todos da imprimação do solo, do curso dos rios, das ondas de cheia do rio Iguaçu.

O inventor do politon foi amigo e discípulo de Dario Vellozo, cultor das Musas, e compadre de meus avós Lolé (Dacheux) e Manoel Valdomiro de Macedo. Frequentei sua casa, desde

menino, na rua Emílio de Menezes, na colina do alto de São Francisco.

Nogueira dos Santos viveu um tempo em São Paulo. Ali foi professor de música da grande concertista internacional Guiomar Novaes (1895-1979). Iniciou-a na arte do piano e da composição musical.

Quando o politon ficou pronto, fabricado na lutheria dos Pianos Essentfelder, atraiu a atenção do meio musical brasileiro. Pery Machado (1898-1955), o mais violinista do país, virtuoso amigo de Heitor Villa-Lobos, veio a Curitiba conhecer e tocar o instrumento.

No auge do entusiasmo, deu-se grande concerto no salão principal do Clube Curitibano (sede da rua XV com Barão do Rio Branco). Na ocasião, estreou mundialmente, e pela única vez, uma *Orquestra de Politons*, com sete instrumentos referentes aos arcos de uma orquestra clássica.

Naquela noite Curitiba ouviu, em *essemble*, politon violino, um e dois; politon viola, um e dois; politon cello, um e dois; e politon contrabaixo, tudo sob a regência do maestro Nogueira dos Santos.

Quando Dario levou o politon desde Curitiba até o Rio para fazer a “carta patente”, o próprio presidente Getúlio Vargas quis ouvi-lo. Chamou-o para concerto no Catete, sede da Presidência da República, destacando encantado a invenção brasileira. O pitagórico Nogueira dos Santos teve a impressão de perceber as Musas aninhadas sob as asas das cinco águias que, na fachada daquele palácio, velavam pelo Brasil.

Guardo na memória, levado pelas mãos de meu avô Manoel Valdomiro de Macedo, ter visto um único *polyton violino*. A relíquia paranista e pitagórica repousava solene numa vitrine em casa de dona Pompília Lopes dos Santos (1900-1993), já viúva do inventor.

Pergunto o que foi feito daquele instrumento. Sua filha Liamir Santos Hauer, hoje nonagenária, me diz que teriam emprestado o *polyton* para uma exposição, em 2011, na Federação Espírita do Paraná, ocasião em que o único exemplar desapareceu. Oxalá esteja, *in paradiso*, nas mãos de seu inventor.

Possuir um instrumento singular para chamar de seu, como o politon, é um dos fatos que revelam a riqueza musical da nossa Curitiba. O ambiente propício foi plasmado ao longo da história.

O primeiro músico a atuar em Curitiba seria aquele mencionado na ata da Câmara Municipal de 7 de abril de 1698? Ou terá havido outro, cujo registro nos escapou? O manuscrito fala que a edilidade nomeou um *Mestre Capela* para a Matriz: [...] *O dito padre vigário de Nossa Senhora da Luz e o Mestre Capela Manoel Alves não de levar missas cantadas e mais ofícios que se fizerem na Igreja.*

Outra ata da Câmara Municipal, datada de 1701,

põe preço nas harmonias da Música: atesta que *o soldo de um músico da Matriz de Curitiba era 1.280 réis por ano*, estipêndio saído do tesouro municipal. Parece que o músico ganhava bem, quando se compara com *os proventos do Alcaide, naquele ano em torno de 1.920 réis.*

A municipalidade custeou a Música para acompanhamento da Divina Liturgia até 1721, quando o Ouvidor Pardinho separou as funções da Igreja daquelas da Câmara. Como já escrevi, Pardinho determinou que o serviço musical de missas, novenas, ladainhas, casamentos e enterros corresse por conta das irmandades religiosas.

Em 1726, o clérigo Miguel Carvalho Telles também é mencionado nas Atas da Câmara por *oferecer serviços de canto para “ofícios fúnebres”*. Em 11 de novembro de 1728, o tema volta a aparecer, com a nomeação de outro padre Mestre de Capela: Manoel Rodrigues de Souza, também tido como o primeiro professor da nossa cidade, isso porque obteve permissão para *ensinar a ler; escrever; contar; solfejar e tocar harpa.*

Em 1798, Antônio Gonçalves Lopes é referido nos manuscritos curitibanos como *aquele cuja profissão é viver de música e sua rabulice*. Seria músico e advogado leigo?

A noite dos tempos parece ter consumido a história da música em Curitiba na primeira metade do século XIX. Há quem diga que muitas partituras e documentos perderam-se numa desastrosa enchente no Largo da Matriz, afogando nossa Memória.

A umidade da praça Tiradentes, extensão de um lençol freático à flor do solo, foi comprovada no restauro da Catedral concluído em 2012, ao tempo do Arcebispo Dom Moacyr José Vitti (1940-2014), quando, ao lado do altar-mor, acharam um poço, abastecido por copioso olho d’água.

David Carneiro conta que Frederico Virmond foi o primeiro paranaense a possuir piano em casa. *Ou melhor; chegou mesmo a ter dois pianos. Um importado em 1843, outro em 1845.* O historiador imagina as peripécias para o transporte, desde a Marinha até o Planalto.

No relato de sua viagem pelo interior do Paraná em 1903, o poeta guaraqueçabano Domingos Nascimento, autor da letra do “Hino do Paraná”, ao passar pelos campos de Guarapuava, refere-se a *raridades que encontrei no solar da fazenda de Frederico Guilherme Virmond. Entre elas um piano importado por volta de 1840, o primeiro que entrou no Paraná, tendo sido carregado à mão a partir de Antonina, o que quer dizer que viajou por serras, montes e sertões, num trajeto de 71 léguas desde aquele porto.*

Roselys Vellozo Roderjan, no seu opúsculo *Meio*





Brásílio Itiberê da Cunha (1846-1913), compositor de “A Sertaneja”. Fundador da Música Nativista Brasileira.



Área temática B de “A Sertaneja”.

Século de Música em Curitiba, publicado em 1967 pelo Centro Paranaense Feminino de Cultura, fala de *um piano que pertenceu a José Borges de Macedo*, o primeiro prefeito de Curitiba, detentor desse cargo em 1835, no governo republicano do Regente Feijó.

Depois dele só Cândido de Abreu, em 1895, chefe do governo municipal, passaria a ser chamado de Prefeito. O cargo era sempre do presidente da Mesa da Câmara, a cidade governada em conjunto pelos vereadores.

A crônica paranaense registra que, na sessão solene da Câmara Municipal em que foi instalada oficialmente a Província do Paraná, na tarde de 19 de dezembro de 1853, cantou a mocinha dona Maria da Glória Sá Sotto-Maior. A jovem soprano solista entoou o “Hino da Emancipação do Paraná” acompanhada por um coro de vozes infantis.

O professor João Baptista Brandão de Proença compôs aquela peça especialmente para o ato da posse de Zacarias de Góes e Vasconcellos no governo da Província. Os “pequenos cantores” eram seus alunos.

O preceito católico e o protocolo imperial previam missas cantadas e *Te Deum Laudamus* nos dias santos de guarda, no aniversário do Imperador e na festa da Independência do Brasil. Na sua mocidade, emprestava sua voz aos louvores de Deus o curitibano Antônio Vicente da Cruz, versado na escala dodecafônica do Canto Gregoriano.

Esse piedoso cantor vocacionado acabou ordenado padre pelo Bispo de São Paulo. Voltou para Curitiba, onde foi capelão da Irmandade da Santa Casa de Misericórdia. Em 1873, Antonio Vicente da Cruz cantou a missa e proclamou o Evangelho quando da ordenação sacerdotal do padre Celso Itiberê da Cunha. Morreu em 1876, seus ossos lançados à terra no chão sagrado da igreja onde serviu.

A tradição curitibana contempla como endereço privilegiado da Música a Mansão dos Menezes, na antiga rua do Jogo da Bola, ou da Assembleia (Doutor Muricy) com a rua do Tesouro (Saldanha Marinho). O mestre de música Bento de Menezes, com suas irmãs Adelaide e Francisca, mantinha, naquela Casa da Música, dois pianos de cauda, um cravo e vários instrumentos musicais conservados em vários armários, as vitrines protegidas por vidros *bisotée* trazidos de Paris.



Compositor húngaro Franz Liszt (1811-1886). Admirador e amigo de Brásílio Itiberê, com quem conviveu em Roma.



Área temática F de “A Sertaneja”.

Em maio de 1880, os Menezes fizeram música religiosa e profana durante a visita do Imperador D. Pedro II e da Imperatriz dona Tereza Cristina. Foram convidados à Corte de São Januário, onde chegaram a se apresentar em conjunto de cordas e flauta.

Bento de Menezes preparava as crianças da casa, os filhos de seus escravos e os seus sobrinhos (filhos de Adelaide com Luiz Tibiriçá Dória) para concertos de Natal. Pequenos inocentes, brancos, negros e pardos, então com a candura que não fazia caso das humilhações da condição servil, tampouco das prepotências da condição senhorial, cantavam de mãos dadas, diante do presépio, na grande sala profusamente iluminada.

Ali brilhava a Luz dos Pinhais!

Bento de Menezes foi também o maestro funda-

dor da Banda da Polícia Militar do Paraná, corporação instituída a 4 de julho de 1857 por lei estadual. Colaborou para animar a cidade até então quase sempre silente, despida de harmonias. Ficou no cargo por 5 anos, quando passou a batuta para o maestro mulato Clarimundo José da Silva.

Era elegante esse Menezes, de hábitos aristocráticos, distinguido pela nobreza do Império, considerado nos trabalhos da Câmara, caridoso nas suas obrigações de irmão professo da Ordem 3ª de São Francisco das Chagas e da Penitência. Usava o cordão do “Pobrezinho de Assis” cingindo os rins, por debaixo das roupas de algodão e seda.

Foi no coro da Igreja da Ordem 3ª de São Francisco das Chagas que Bento de Menezes travou camaradagem com João Manuel da Cunha, quando aquele bacharel de direito e professor de música mudou-se com toda a família de Paranaguá para Curitiba.

João Manuel da Cunha, advogado e professor de música, veio desde o Rio Grande do Sul para Paranaguá em 1836. Comprou a casa no Largo da Matriz de Nossa Senhora do Rosário. Aí nasceram seus filhos, entre eles Brasília e Celso. Ao registrar os meninos, agregou aos seus o sobrenome Itiberê – memória do rio por onde entrou a civilização no Paraná. Tornaram-se Brasília Itiberê da Cunha e Celso Itiberê da Cunha, respectivamente, o diplomata e musicista de fama internacional e o santo monsenhor que cativou o povo de Curitiba. Em Paranaguá,



Funeral de Brasília Itiberê, 1913, em Curitiba. Coleção Júlia Wanderley. Acervo Casa da Memória de Curitiba.

Funeral de Brasília Itiberê, 1913, em Curitiba. Coleção Júlia Wanderley. Acervo Casa da Memória de Curitiba.



João Manuel formou banda de música e abriu escola particular de solfejo e arte. Repetiria a dose em Curitiba.

As famílias musicais de Bento de Menezes e João Manuel da Cunha multiplicaram harmonias em Curitiba a partir do momento em que se encontraram. Também Jacinto Manuel da Cunha, irmão de João, era mestre de música, professor de duas gerações de curitibanos. Ao transferir-se de Paranaguá para Curitiba, foi violinista da Matriz, depois Catedral, onde manteve Coral e Orquestra.

Andrade Muricy afirmou a existência e descreveu a composição de um pioneiro Quarteto de Cordas que alegrava a cena local no final do século XIX: *João Manuel no primeiro violino, Jacinto Manuel no segundo violino, José de Brito, mestre Gegê, na viola, doutor Bento de Menezes – parente de João Manuel – como pianista ou violoncelista. O fenômeno Música inexistente em quase todas as localidades do jovem Brasil, perdido na distância, era concreto, positivo em Curitiba.*

Este quarteto de Música de Câmara era uma ilha de grande música na aldeia improvisada em capital. Executavam Haydn, Mozart, Beethoven, Pleyel, Boccherini.

O Visconde de Taunay, que também era compositor e pianista, nos anos em que viveu em Curitiba, presidente da Província do Paraná, fez música com algumas pessoas da terra, nesse salão de Bento de Menezes e João Manuel da Cunha. *Com Taunay tocaram piano: dona Josefina Muricy Pires e Albuquerque, mulher do doutor Antonio Carlos Pires de Carvalho e Albuquerque, aluna virtuosa de Bento de Menezes; a menina Guilhermina, pianista, filha de Jacinto Manuel; o mais brilhante pianista do Paraná, na época um adolescente imberbe, Brasília Itiberê, e sua irmã Maria da Cunha Luz, cantora lírica bem afinada; e o flautista Antônio Xavier da Cruz Lima, um dos melhores do seu tempo, testemunha Rodrigo Octávio de Langgaard Menezes, no seu livro *Coração Aberto*.*

O crítico José de Andrade Muricy fez essas afirmações, possivelmente fruto da sua memória familiar e pessoal, no texto *A Música em Curitiba*, publicado pelo Álbum do Clube Curitibano, em 1942. Repetiu no seu livro magistral *O Símbolo à Sombra das Araucárias*.

Em 1980, conheci pessoalmente José de Andrade Muricy, seu irmão general Antonio Carlos e suas duas irmãs, Marina e Ana Maria. Sofria de mal de Parkinson. Quando fui visitá-lo no seu apartamento carioca, no bairro das Laranjeiras, para que pudesse falar comigo, a solícita irmã Marina ajo-

elhava-se junto à poltrona, segurava seus pés, firmando-os no chão. Aí, não tremia.

Em 1981, os Muricy transferiram sua pinacoteca e biblioteca, em comodato, para o acervo da Fundação Cultural de Curitiba. Telas de Bakun e de Portinari, livros raros, uma fortuna crítica do Simbolismo paranaense. Para tal, adaptamos o Solar Freyeseleben, no Largo da Ordem, para abrigar a doação. Consegui o uso do prédio em comodato por 20 anos, do generoso proprietário, o capitalista islâmico Hussein Hamdar. Tudo lá ficou por 20 anos, até a sede definitiva da Casa da Memória que, prefeito, fiz construir.

Nesse ambiente musical intenso, foi criado o menino Brasília Itiberê da Cunha (1846-1913), até, já homem feito, partir para São Paulo, onde cursou Direito nas Arcadas de São Francisco. Fez carreira diplomática, servindo fora do país, como embaixador no Paraguai, no Reino da Bélgica, na República do Peru, em Roma e em Berlim.

Nenhum outro paranaense, até hoje, teve convívio com grandes nomes da música como Brasília Itiberê. Amigo pessoal de Liszt, Sgambati e Rubinstein, era compositor inspirado, tido como o criador da “Música Nativista Brasileira”.

Nele, Brasília Itiberê, brilhou a Luz dos Pinhais.

Quando, a 26 de agosto de 1913, Curitiba acompanhou comovida seu funeral, toda essa saga de pioneiros da música ecoou na paisagem urbana, litania de saudade soprada pelo vento, nas ramas altas das grandes araucárias que, naquela época do ano, pelos rigores do inverno, amanheciam embuçadas em véus de cerração.

Como contei, Brasília Itiberê da Cunha teve seu último posto como embaixador do Brasil em Berlim. Já tinha sido nomeado embaixador do Brasil em Portugal quando morreu inesperadamente, em consequência de gravíssima insolação.

O embaixador brasileiro caiu ao solo, em Berlim, submetido por deveres protocolares de acompanhar, no sol, de cabeça descoberta, uma parada militar pelo jubileu imperial, presidida pelo próprio Kaiser Wilhelm II. Essa parada que vitimou Brasília Itiberê talvez tenha sido a maior demonstração de poder prussiano antes da I Guerra Mundial.

De acordo com o costume da época, o corpo do embaixador brasileiro foi embalsamado e embarcado de volta para o Brasil, acompanhado dos soldados *Hussardos da Morte*, designados pela Casa Imperial do Kaiser, os capacetes de metal prateado emplumados por *egrettes* negras, bandeiras de crepe fúnebre a arrematar-lhes as lanças.

O *Journal Diplomatique* publicou em francês,



Réquiem na Catedral, na ocasião do funeral de Brasília Itiberê da Cunha. 1913. Coleção Júlia Wanderley. Acervo Casa da Memória de Curitiba.

então a língua da diplomacia, a triste notícia com um expressivo comentário: *Gentleman accompli, diplomate de la bonne école, impregne de toutes les traditions de la correction la plus pure, S.Exc. monsieur Brasília Itiberê da Cunha fût partout persona grata et il eut les plus grans succès diplomatiques. Cest fu um des diplomates les plus remarquables du Brèsil et sa mort est une grande perde pour son pays. Il laisse une jeune femme charmant et trois petites filles.*

O corpo embalsamado chegou ao Brasil a bordo de um cruzador alemão, que ancorou junto ao porto de Paranaguá na manhã de 25 de agosto.

Na cidade do rio Itiberê que lhe deu seu nome e a água para nutrição e batismo, o defunto Brasília foi velado na capela do Senhor Bom Jesus dos Perdões – que não existe mais –, enquanto preparavam “comboio de luto”, composição ferroviária adequada para os funerais de Estado.

Naquele dia, dois grandes véus de tule negro penderam de ambas as torres da Catedral de Curitiba, onde os sinos dobraram a Finados.

Mas o corpo de Brasília Itiberê da Cunha não repousa no Cemitério São Francisco de Paula em Curitiba. O Governo do Paraná não cumpriu o compromisso de edificar-lhe o mausoléu. A família trasladou seus despojos para jazigo no Cemitério São João Batista, no Rio, enterrando-o ao lado de D. Leopoldina Heyn de Itiberê da Cunha, sua mulher.

Em Curitiba, diz a lenda perversa, provocada por comentários biográficos do professor David Carneiro, que Brasília Itiberê teria sido infeliz num primeiro casamento, sendo sua segunda mulher esta d. Leopoldina de Heyn. A primeira mulher teria sido uma cálida paraguaia repudiada por Brasília pelas suas escapadelas do leito conjugal. O diplomata compositor nunca falou nisso e não deixou nada escrito nesse sentido.

Conserva-se no Itamaraty uma carta de próprio punho de Brasília Itiberê, onde ele anuncia oficial-

mente seu casamento, sem menção a segundas núpcias: *Assunção, 2 de janeiro de 1899. / Senhor Ministro. / Na forma do regulamento [...] cumpre-me comunicar a Vossa Excia. que as alterações ocorridas em relação ao Montepio dos Funcionários Diplomáticos e Consulares nesta República, no ano próximo findo, foram meu casamento com a Snra. Leopoldina de Heyn, celebrado pelo Cônsul do nosso País, aos 15 de janeiro, e o nascimento de minha filha Maria Leopoldina no dia 4 de dezembro último que, na forma da lei, fiz registrar pelo mesmo funcionário.*

Foi grande esse nosso Brasília. Entre 1873 e 1882, serviu em Roma como embaixador do Império brasileiro. O ambiente romântico efervescente da *urbe caput mundi*, corte papal, fez com que conhecesse alguns dos maiores nomes da música do seu tempo. Tornou-se amigo de Liszt (1811-1886). Trocaram partituras. Brasília enviou-lhe “A Sertaneja” e recebeu em troca uma “Missa para Órgão sem Canto”, com dedicatória de Liszt.

A família Itiberê conserva o precioso e amável bilhete, o único de Liszt a um brasileiro:

Cher Monsieur: Mille remerciements de votre riche envoi. Un pauvre heure je vous offre ma Messe pour Orgue (ou Harmonium) sans Chant; em outre une bagatelle récemment publiée et déjà oublié. Affectueusement, F. Liszt. Mercredi.

Jean Itiberê refere que *em nossa Embaixada em Roma, num mesmo sarau, o embaixador Brasília Itiberê reuniu os três mais famosos pianistas do mundo no seu tempo: Franz Liszt, Anton Rubinstein e Giovanni Sgambati. Liszt tocou “A Sertaneja”, Brasília Itiberê retribuiu dedilhando “Soirées à Venise”.*

Quem canta a sua aldeia, torna-se universal.

Andrade Muricy, nas suas memórias – a obra *O Símbolo à Sombra das Araucárias* (1976) –, refere grandes concertos internacionais e os melhores intérpretes da pianística de Brasília Itiberê: *A Sertaneja foi lembrada em Curitiba por Amélia Henn, no concerto comemorativo do repatriamento do corpo do compositor em 1913.*

Falar em “A Sertaneja” reconduz-me à delicada penumbra do living da casa datcha do bairro da Água Verde, em 1923, ouvindo a feliz interpretação da pianista russa Luba d’Alexandrovskia, à qual ela infundia graça juvenil e sentimental.

Fez sucesso no Clube Curitibano, a 19 de março de 1923, numa sessão solene alusiva ao 25º Aniversário da Morte de Cruz e Souza. Elevou majestoso cenotáfio ao “Cisne Negro” da grande poesia moderna, tocando também – em dueto de pianos – com sua discípula Margarida Solheid, o poema sinfônico de Liszt “Lamento e Triunfo de Tasso”, o poeta renascentista.

A pianista russa ainda divulgou Itiberê apresentando “A Sertaneja” em Bergamo e Milão (1923), em Lisboa e São Paulo (1926).





Concerto da Orquestra de MPB de Curitiba no Memorial da Cidade no 25º ano da FCC.

Muricy foi empolgado fã dessa musicista que viveu em Curitiba, São Paulo e Rio. Divertido, lembra-se que era mulher forte, avantajada. Num concerto no Theatro Guayra que presenciou, em 1926, Luba D'Alexandrovska, ao invés de puxar a banqueta para se aproximar do teclado, sentou-se e puxou – com as duas mãos – o imenso piano de cauda, trazendo-o para perto de si, provocando risos e aplausos na plateia curitibana.

No geral, os pianistas paranaenses sempre executaram “A Sertaneja”, e, recentemente, com frequência, Henriqueta Penido Monteiro Garcez Duarte. No Rio, ouvia-a pelas mãos desveladas de Ana Cândida Gomide, gravada pela rádio do Ministério de Cultura e, em versão magistral, incluída na “Antologia da Música Brasileira”, disco Festa, por Arnaldo Estrela.

A glória do autor de “A Sertaneja” inspirou a criação em Curitiba da SCABI, Sociedade de Cultura Artística Brasília Itiberê. Criação de Oscar Martins Gomes, Paulo d'Assumpção e outros melômanos, foi responsável pela promoção da música por menos por três décadas, a partir de 1940. Sucedeu-a a Pró-Música de Curitiba, em 1963 até os anos 90, e depois a nossa Fundação Cultural de Curitiba, a partir de 1971.

Conservamos o piano alemão *Steinway* da SCABI na sala do mesmo nome, no Solar do Barão do Serro Azul, desde dezembro de 1983. Na inauguração do espaço, o concerto foi das pianistas Ingrid Mueller Seraphim e Liane Essenfelder.

O movimento em prol da criação da Escola de Música e Belas Artes do Paraná surgiu em 1947 no âmbito da SCABI, com apoio da Academia Paranaense de Letras e de vários segmentos da classe artística, que encaminharam documento ao governador Moysés Lupion de Troya. A aquiescência de Lupion, com



Camara Antiqua de Curitiba no Memorial da Cidade. 1996.

apoio da Assembleia Legislativa, criou a EMBAP, em 3 de outubro de 1949.

O professor Fernando Corrêa de Azevedo visitou a Escola Nacional de Música da Universidade do Brasil, o Conservatório Brasileiro de Música do Rio de Janeiro, a Escola de Desenho da Associação de Artistas Brasileiros, a Escola de Belas Artes de Belo Horizonte, o Conservatório Dramático Musical de São Paulo, a Escola de Belas Artes de Niterói e o Instituto de Belas Artes do Rio Grande do Sul.

Na volta, reuniu um grande corpo de professores, formado por Altamiro Bevilacqua, Arthur Nisio, Benedito Nicolau dos Santos, Charlotte Frank, Bento Mossurunga, Edgard Chalbaud Sampaio, Traple, Bianca Bianchi, Francisco Stobbia, Frederico Lange de Morretes, Guilherme Carlos Tiepelmann, Inez Colle Munhoz, Iolanda Fruet Correia, João Ramalho, João Woiski, Jorge Frank, Jorge Kaszás, José Coutinho de Almeida, José Peón, Lício de Lima, Ludwig Seyer, Ludwig Seyer Jr., Luiz Eulógio Zilli, Margarida Solheid Marques, Margarida Zügeib, Natália Lisboa, Oswald Lopes, Osvaldo Pilotto, Prudência Ribas, Raul Menssing, Remo de Persis, Renée Devrainne Frank, Freyesleben e Severino d'Atri.

As atividades da Escola de Música e Belas Artes do Paraná iniciaram a 17 de abril de 1948. A sede da rua Emiliano Pernetta abriu em 1951, lá permanecendo até o começo da atual diáspora – em prédios alugados –, em janeiro de 2010.

Na celebração dos 300 anos de Curitiba, adotei como música-tema “A Sertaneja”, de Brasília Itiberê. Pedi ao meu amigo Arthur Moreira Lima, maestro e concertista entusiasmado com a música nativista brasileira do século XIX e XX, que resgatasse na Biblio-



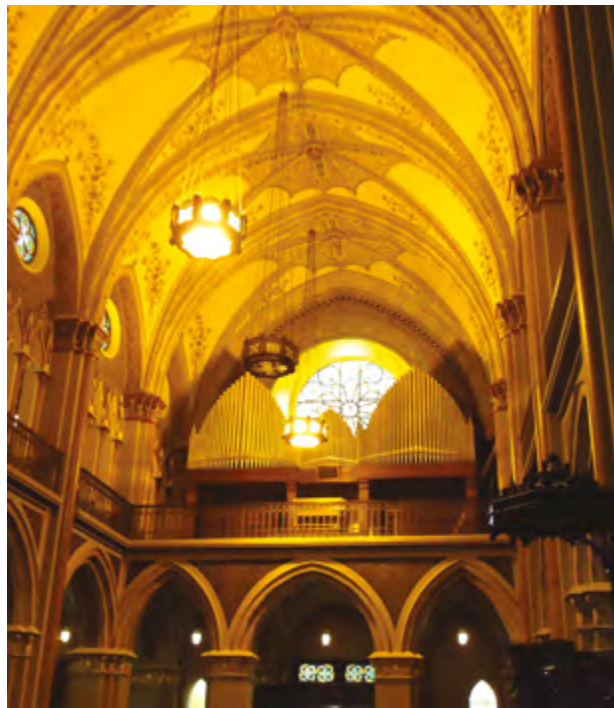
Bico de pena de Alfredo Andersen retrata a última procissão de Monsenhor Celso Itiberê da Cunha (1849-1930). Cura da Catedral de Curitiba e Organista.

teca Nacional a pianística de Brasília Itiberê.

Comissionei pesquisadores de documentos e partituras. Obtivemos belo resultado: *Brasílio Itiberê – Vida e Obra*, biografia acompanhada por estudo crítico, livro de José Maria Neves, que fiz publicar na *Coleção Farol do Saber* em 1995. Editamos um apreciado disco CD com a “Sinfonia Sertaneja”, tendo Moreira Lima incluído sua interpretação de “A Grande Fantasia Triunfal sobre o Hino Nacional Brasileiro”, de Louis Moreau Gottschalk (1829-1869). Arthur deu magistral concerto na Ópera de Arame quando do lançamento.

Esse Gottschalk é compositor norte-americano. Viveu bom tempo e morreu no Brasil, perdidamente apaixonado pelos encantos de uma mulata brasileira. Adorava os trópicos, de preferência temperados com aguardente, e vibrava com a sensualidade morena. Era contemporâneo de Brasília Itiberê. Suas obras foram lançadas simultaneamente, em 1869, conforme noticiou o jornal *Correio Paulistano*.

Em 1995, ao saudar a nossa iniciativa, o embaixador Vasco Mariz lembrou que *Villa-Lobos colocou Brasília Itiberê como patrono da cadeira de n° 19 da Academia Brasileira de Música porque foi Brasília*



Órgão da Catedral de Curitiba.

quem teve, pela primeira vez, coragem de apresentar em concertos peças de piano solo inspiradas em temas do folclore brasileiro.

Brasílio Itiberê era compositor fértil. Vale notar que “A Sertaneja” é opus 15, sendo precedida de 14 outras obras. Compôs ainda “Valsa Acadêmica”, “Barcarolle”, “Gavotte” e “Mazurka”, publicadas nas editoras de música de Milão, Paris, Berlim e Viena.

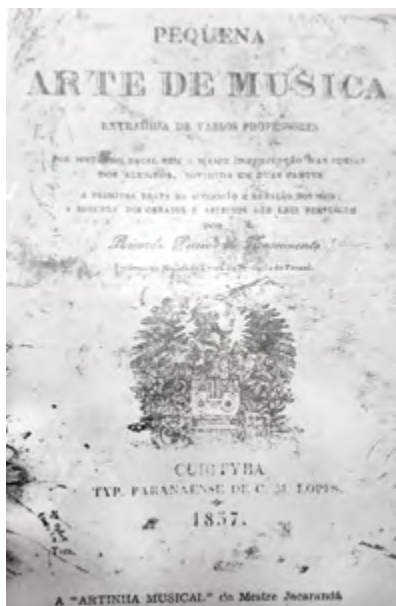
Sobre “A Sertaneja”, concluiu nosso pesquisador José Maria Neves: *A data da composição é desconhecida, constando apenas a data da divulgação de seu lançamento, a 17 de junho de 1869. Naquele dia, o “Correio Paulistano” anunciou “o lançamento de várias peças de Gottschalk e outros autores, inclusive “A Sertaneja”, grande fantasia característica, composta pelo distinto acadêmico Brasília Itiberê da Cunha.*

Várias datas foram dadas como sendo da composição dessa peça musical que evoca as harmonias do fandango caiçara, batidas nos bailes de terreiro da velha Paranaguá. As filhas do compositor, Maria Brasília Itiberê Bernardes e Maria Adelaide Itiberê Mendes de Almeida, afirmaram que a música dataria de 1864. João Itiberê da Cunha, o irmão do compositor, diz que foi composta entre 1866 e 1868.

Fica a dúvida: “A Sertaneja” foi uma inspiração nativista na alma jovem que ainda vivia entre Curitiba e Paranaguá? Ou foi influência das Arcadas paulistanas, onde Brasília ouviu perorar o arrebatado Vicente Xavier Toledo, defensor do nativismo?

A música nativista, apropriando temas populares, estava em voga no século XIX, quando os nacionalismos se afirmavam com intensidade. Em 1857, o maestro Carlos Gomes usou harmonias amazônicas na





Pequena Arte da Música, de Mestre Jacarandá. Publicado pela Typographia Paranaense, de Cândido Lopes. Curitiba, 1857.



Seresta e choro em Curitiba. José da Cruz (flauta transversal), que se intitulava *O Sabiá*, aparece com Benedito Ogg (violino) e outros parceiros. 1927.

composição de “Cayumbá”. Luiz Henrique Levy capturou a cantiga “Sapo Cururu” nas suas “Rapsódias Brasileiras”. Liszt fez o mesmo com canções ancestrais ciganas nas “Rapsódias Húngaras”. Itiberê fez soar em “A Sertaneja” as ondas do rio que lhe deu nome e o tema recorrente de “Balaio, Meu Bem, Balaio”.

A história de sensibilidade da família Itiberê da Cunha passa não só pela gloriosa vida de Brasília Itiberê, mas ainda pelas trajetórias de vida de seus irmãos, sobrinhos e sobrinhos-netos: João Itiberê, músico e poeta simbolista; Henrique Itiberê, músico; Monsenhor Celso Itiberê, músico e sacerdote; Guilhermina da Cunha Lopes e Brasília da Cunha Luz, musicistas.

João Itiberê – ou Jean Itiberê, como gostava de assinar seus textos – foi mestre simbolista, poeta, crítico literário, parceiro de Andrade Muricy, o já referido autor de *O Símbolo à sombra das Araucárias*.

Monsenhor Celso Itiberê, homem piedoso, alma santa, doce criatura, tocava harmônio (órgão de Igreja) inspiradamente. Na Catedral, em horas baldias, era possível ouvi-lo, transposto ao plano espiritual, soando o teclado do afinado órgão francês *Cavaillè Coll*, comprado em 1902, no Rio de Janeiro. Foi o segundo órgão de tubos que Curitiba ouviu: o primeiro é o da Igreja da Ordem e o terceiro, o da igreja dos frades alemães, o Bom Jesus.

Esse órgão, de 1892, fabricado por Aristide Cavaillè Coll, um dos quatorze que o Brasil possui e dos 500 que estão espalhados pelo mundo, foi comprado para a Catedral de Curitiba em 1902. Em 1956 foi vendido, por 120 contos, para a Matriz de Nossa Senhora

da Piedade, em Campo Largo, onde está até hoje. A música na Basílica de Nossa Senhora da Luz, dizem ouvidos afinados, desde então perdeu muito em qualidade. O grande órgão de tubos que hoje domina o coro da Catedral não chega aos pés do antigo *Cavaillè Coll*.

O mestre organista de Campo Largo, Gino Zanlorenzi, explica as singularidades do instrumento: *Possuiu oito registros (som). Cada um deles tem 56 notas, o que garante os mais belos e diferentes sons. O segredo do som desse órgão está na composição dos metais. Os tubos são de uma mistura de estanho, cobre e níquel, e as palhetas (saída de som) são de bronze fosforoso. O som de cada tubo é só dele. A beleza é indiscutível.*

Também foi musicista renomada, pianista e compositora, dona Guilhermina da Cunha Lopes, filha de Jacinto Manoel da Cunha e casada com Arthur Lopes, filho de Cândido Lopes, editor do *Dezenove de Dezembro* e dono da Typographia Paranaense. Esse Arthur Lopes amava não só a musicista, sua mulher, como a Música, bálsamo para sua alma inspirada.

Teria lido Nietzsche quando escreveu que “só a música revoga os pesadelos da vida”?

Foi responsável, em 1857, pela edição e publicação, em Curitiba, de um pioneiro livro sobre música, escrito por Ricardo Pereira do Nascimento, apelidado de *mestre Jacarandá*.

Na capa, a proposta pedagógica: *Por método fácil sem a maior interrupção nas ideias dos alunos, divi-*

dida em duas partes. A primeira trata da sucessão e duração dos Sons. A segunda dos ornatos e afetos que lhes pertencem.

Esse livro, *A Artinha Musical*, e uma *Gramática da Língua Nacional* foram os dois primeiros impressos na nossa cidade.

Mestre Jacarandá era negro, baiano, estimado e conceituado na sociedade curitibana. Veio de Salvador, chamado para dirigir a Banda Musical do 2º Regimento de Cavalaria. Foi professor de música do Lyceu da Província do Paraná.

Ainda a filha de Guilhermina e Artur Lopes, Hermínia Lopes Munhoz (conhecida como dona Maninha), fez-se pianista e autora de várias peças musicais. Era professora com sala de música à rua Cândido Lopes, no solar de seu avô.

Também foi músico, flautista virtuoso, o sobrinho Eleodoro Lopes, filho de Jesuíno Lopes, sucesso nas serenatas curitibanas dos meados de 1900, de que teria sido mestre chorão.

A plêiade de músicos dessa família talentosa termina com Brasília da Cunha Luz – ou Brasília Itiberê II –, que manteve cátedra de Música no Rio de Janeiro e também se revelou compositor.

Falei do popular maestro Clarimundo José da Silva, mestre da banda da Polícia Militar do Paraná. Vale dizer ainda que venceu um desafio contra a Banda do 1º Batalhão de Infantaria da Corte Imperial quando esta passou por aqui.

Clarimundo mantinha o “Clube dos Puritanos”, sociedade carnavalesca que, com os “Titeres do Diabo” e a “Bohemia Carnavalesca”, levantava poeira nos carnavais da velha Curitiba, a partir de 1857, o curso de carruagens tomando integralmente a rua das Flores.

Conserva-se na Casa da Memória um irreverente “Proclama do Carnaval de 1884” com jocoso “Menu” da ceia a ser servida após a batalha com limões de cheiro:

*Boa sopa de sapo terão todos
E também muita lesma com fartura
De minhocas um bom molho se terá
E mil moscas afogadas na gordura*

*De ensopados camundongos em abundância
Boas tortas de barata catinguenta
Das cascudas descascadas em conserva
E moquecas da Bahia com pimenta*

*De pulgas um piché será presente
Assim como também piolho frito
E um gato escaldado mostrará*

Como é bom com batata e mangarito!

*Percevejo recheado com banana
Pernilongo simplesmente fermentado
Marimbondo temperado com azeite
Carrapato levemente sapecado*

*Jatutá de visgoso com farinha
Perereca da graúda em boa banha
Mucuí com forçura de galinha
Lagartixa misturada com aranha!*

Na visita do Imperador Pedro II a Curitiba, em 1880, tocaram oito bandas ou pequenas orquestras: a da Força Policial, a do 2º Corpo de Cavalaria, a dos poloneses, a do *Deutscher Saengerbund*, a do Germanânia, a do Círculo Italiano, a banda particular do maestro João Schleder e dos irmãos Pletz e a banda de Benedito Diniz, filho de Mestre Generoso, neto do tropeiro Francisco de Paula Gomes, também ele mestre rabequista.

Francisco de Paula e Silva Gomes (1802-1857) foi próspero tropeiro. Financiava a propaganda da Emancipação Política do Paraná e custeava viagens políticas à Corte para lograr seu intento. Morreu feliz quatro anos depois da instalação da Província e da proclamação da cidade de Curitiba como capital do Paraná. A boa surpresa é saber Paula Gomes hábil não só em tocar rabeca, como em ensinar a arte musical a seu filho Generoso.

Esse mestre Generoso, diz Francisco Negrão, morreu em 27 de abril de 1887. Viveu imerso em música. Euclides Bandeira situa-o empolgado nas porfias carnavalescas. Herdou do pai a habilidade musical, passando-a para seu filho.

Com a chegada dos imigrantes europeus em profusão, a prática de bandas e conjuntos musicais particulares multiplicou-se em Curitiba. Em 1882, há notícia de apresentação da banda do alemão Joseph Glaser. A atividade musical amadora na família dos prósperos comerciantes estendeu-se por quatro gerações.

Notáveis as apresentações da Banda da Família Stresser, soladas pelo mestre “chorão” José Antônio Barbosa Brito, mestre Jegê.

O escritor Jayme Ballão Júnior, um dos meus predecessores na cadeira nº 8 da Academia Paranaense de Letras, refere esse músico num livro de 1933, o *Romance de Meu Pai: [...] Mestre Jegê, com sua doçura espontânea, de requinta em punho, à frente da bandinha dos Stresser; chorando em torrentes lavadas de sonoridades difusas, a valsa “Teu Nome”, que ele mesmo compusera. [...]*





Trio Paranaense, com Bianca Bianchi, Renée e Charlotte Franck.

A simples leitura dos jornais de Curitiba assegura que, entre 1890 e 1930, mais de 70 companhias europeias de ópera e operetas passaram por aqui, no palco do Theatro São Theodoro (a partir de 1900 chamado Theatro Guayra).

Destaco as companhias alemãs de Augusto Papke, Tusher Urban e Lessing; as italianas Ernesto Lahoz, Clara Weiss, Victor Romano, De Angelis, Santângelo, Tornesi, Ritoli e Biloro; a companhia mexicana de Esperanza Iris; as “Zarzuelas Españolas” de Helena D’Algy e Maria Alonso; e as Companhias Austríacas de Operetas Paderewski e Margarete Slezak.

A cena musical também avivou-se nos salões do Clube Curitibano (1881), conforme se lê na coleção das suas revistas mensais. Ali deram-se vários concertos da Banda da Força de Segurança, das Bandas dos Regimentos do Exército, da Cavalaria e da Artilharia.

Ali também se apresentavam o pianista Júlio Arouca e a pianista Zelie Vieira da Costa e suas alunas.

No mesmo Clube Curitibano, em 1898, o maestro Carlos Goudard organizou uma Orquestra de Salão que, além dos bailes sociais, passou a oferecer aos sócios a possibilidade de ceiar ao som de um Quinteto de Cordas.

A 25 de maio de 1893, foi fundado em Curitiba o “Grêmio Musical Carlos Gomes”, associação mantida pela mensalidade de seus sócios, Alberto e Antenor Monteiro, Gabriel Ribeiro, Álvaro Barbosa, Bellarmino Vieira, Annibal Requião, Alberto Leschard, Athanasio Leal, Frederico Lange, Júlio Bellini e Augusto Stresser.

Esse “Grêmio” pôs em cena a revista musical *Lord Bung*, de Claudino de Santos e Alberto Monteiro, com estreia em 6 de março de 1896. A orquestra do “Carlos Gomes” era regida por Alberto Monteiro; Benedito Nicolau dos Santos era o pianista titular.

Foi grande musicista esse Benedito, nascido em Curitiba em 1878. Letrado pelo professor Cleto da Silva (1843-1912), formou-se em contabilidade mercantil no Lyceu Paranaense. Aluno da Escola de Artes e Ofícios de Antônio Mariano de Lima (1858-1942), desenvolveu sensibilidade para a Arte e a Música. Ali estudou solfejo, violino e piano com Joaquim Fernandes da Silva. Aprendeu português clássico com Justiniano de Mello e Silva e começou a ler Goethe e Schiller no original com a professora Luiza Deck.

Em temporada curitibana, a cantora espanhola Maria Alonso, com sua *Companhia de Zarzuelas*, dirigida pelo maestro Adoldo Corradi, quis complementar sua renda. Permitiu a Corradi, durante o dia, que desse aulas particulares de violoncelo e piano. Entre os alunos esteve o jovem Nicolau dos Santos, que até chegou a fazer parte da Orquestra de Zarzuelas. Por essa época, já em 1898, Benedito publicou sua polca “Novo Mundo”, a primeira partitura tipografada no Paraná.

Auxiliar de cartório, na lida burocrática de carimbos e certidões conseguiu recursos para ir ao Rio, aperfeiçoar-se como musicista no Conservatório Livre de Darbily, na antiga rua do Carmo. O maestro Bento Mossurunga (1879-1970), músico e maestro paranaense de Castro, que então vivia na Capital Federal, convidou-o para dirigir o elenco musical do Teatro Carlos Gomes.

Em 1907, Benedito Nicolau dos Santos voltou a Curitiba, onde casou com Maria Luiza Curial. Tiveram dez filhos. Nomeado escrivão da Alfândega de Paranaguá, ali criou uma Orquestra para acompanhar as exibições do Cinematographo e os serviços religiosos das igrejas do Rosário e do Rocío.

E não é que entre os músicos dessa orquestra parnanguara engajou-se ninguém menos que Heitor Villa-Lobos (1887-1959)? O maior compositor brasi-



Marumby na tela “Cadeado” de Alfredo Andersen (1880-1935). Ao lado, cartaz da primeira montagem completa da opereta Marumby, em 2015.

leiro, em meio às andanças pelo Brasil, procurando o canto do Uirapuru, viveu um tempo no nosso porto. E ali deu testemunho do talento de Nicolau dos Santos, chamado de “Homem de Sete Instrumentos” pelo poeta Chico Leite (1889-1982). Fundou dez jornais e revistas.

Com outros intelectuais católicos, fundou o *Círculo de Estudos Bandeirantes*, em 1929, reação para se contrapor ao neopaganismo do Instituto Neo-Pitagórico do mago poeta Dario Vellozo e ao Templo Positivista do historiador e ervateiro David Carneiro. Pertenceu ao Centro de Letras do Paraná, à Academia Brasileira de Música, à Academia Paranaense de Letras e ao Instituto Histórico de Musicologia de Montevideú. Apoiou Flávio de Azevedo Macedo na sua benemérita Sociedade de Socorro aos Necessitados de Curitiba.

Entre 1993 e 1996, Margarita e eu transformáramos o casarão da Socorro aos Necessitados em uma central modelo de atendimento social e promoção humana para resgate de pessoas desvalidas em risco de rua. Funcionou bem por mais 20 anos, até ser fechada pelo prefeito Fruet em abril de 2015.

Benedito Nicolau dos Santos reformou a grafia musical, através de seus trabalhos “Pauta Sintética” e “Pauta Sinfônica”, obras até hoje inéditas. Lançou a obra *Sonometria e Música*, em quatro volumes, publicados entre 1933 e 1936, símbolo de sua proficiência musical. Mereceu elogios do modernista Mário de Andrade (1893-1945), por ter sido precursor de ritmos nativos nas suas músicas eruditas e por ter ousado escrever músicas para crianças.

Na forma do costume paranaense, ficou invisível

em Curitiba. Segundo o escritor Wilson Boia (1927-2005), restou injustiçado, não compreendido por seus contemporâneos.

Compôs “A Vovozinha”, em 1917, a primeira opereta infantil do Brasil, com libreto de Emiliano Pernetta (1876-1921).

Em 2012, o pesquisador Gehad Hajar resgatou a obra, após sete anos de apuração e restauração de partituras originais, escritas a lápis pelo próprio punho de Benedito. Depois de um século adormecida, a “Vovozinha” voltou a encantar a plateia em três récitas na Capela Santa Maria, nas três primeiras noites da Primavera, 21, 22 e 23 de setembro. Sob direção do maestro Jaime Zenamon, 15 cantores líricos, usando roupas de lixo reciclado, reviveram a opereta curitibana.

Nela, ressoa o ideal simbolista e didático de Emiliano Pernetta, coroado “Príncipe dos Poetas Paranaenses”, pioneiro na ideia de escrever peça musical infantil com críticas à sociedade da época. Nisso foi anterior a Monteiro Lobato e a Walt Disney. Pode-se afirmar que Pernetta, através de “Vovozinha”, já em 1909, fez berço da literatura infantil no Brasil. Em 1917, a peça foi musicada por Benedito Nicolau dos Santos. Teve poucas audições, sempre incompletas, em Paranaguá, Curitiba e Ponta Grossa.

Benedito ainda escreveu “Marumby”, em 1928. Para o teatro, escreveu “Erros do Coração” (1930), “Homem de Saia” e “Lição de Amiga” (1932). Em 1928, fez sucesso com a peça “O Voto Feminino”,





Gehad Hajar segura partituras da opereta Marumby. Foto de Aniele Nascimento.

apoiando a cidadania das “sufragetes” brasileiras.

No seu elogio fúnebre, a 9 de julho de 1956, o escritor Herbert Van Erven (1908-1985) discursou: *O Paraná que deu ao Brasil um Cesar Lattes, um Brasília Itiberê da Cunha, um Romário Martins, deu Benedito Nicolau dos Santos como motivo de orgulho cívico. [...] Perdeu não só Curitiba um filho ilustre, o Brasil um grande homem, mas a Humanidade um gênio autêntico.*

Em 2015, a obra de Benedito Nicolau dos Santos voltou à cena curitibana, resgatada pela Guairacá Cultural, com direção de Gehad Hajar. Tive o prazer de aplaudir a primeira encenação completa da opereta “Marumby” (1928), 87 anos depois de sua estreia.

Esse trabalho de resgate do sotaque musical paranaense contou com o maestro Jaime Zenamon, o Coral Sinfônico do Paraná, a Orquestra Rabecônica do Brasil e o Balé Teatro Guaíra apoiando o elenco.

Disse primeira encenação completa porque, na estreia em 19 de dezembro de 1928, e nas duas récitas que se seguiram, no antigo Theatro Guayra, o chefe de polícia cortou duas árias (a das Melindrosas e a dos Boêmios) e censurou dois recitativos (o do “Polaco Miguel”, morador de Santana do Abranches, e o do “Alemão”, morador do antigo Campo da Galícia).



Retrato evocativo das virtudes musicais de Augusto Stresser. Foto Volk. Curitiba.

A tesoura da censura oficial teria agido “em nome da moral e dos bons costumes e para evitar críticas ao então prefeito de Curitiba, engenheiro Moreira Garcez”.

Essa versão contemporânea de “Marumby” vem enriquecida pelo som das violas, rabecas, adufes e tambores da Orquestra Rabecônica do Brasil. Evocação dos anos em que Benedito Nicolau dos Santos viveu e ensinou Música em Paranaguá.

A Ópera começa quando a “Fada de Curitiba” – estátua do torreão do Paço Municipal – alça voo de imaginação, para além do nicho onde eternamente descansa, posta em sossego sobre os ombros de dois gigantes Atlantes, para narrar a história desta cidade. Do “Fandango” caíra às “Gavotes” saídas das entranhas dos pianos Pleyel e Esserfeld, dedilhados por nossas avós, as Musas ocupam-se de harmonias que nos são caras.

Graciosas, nos levam, em revoada, por sobre as ramas altas das araucárias, vencendo banhados, itupavas e antigos caminhos, além das chácaras do alto Cajuru, ultrapassando o vale verde onde nasce o rio Iguaçu, até o Olympo do maciço Marumbi.

Esse cume de 1.539 metros, foi escalado pioneiramente, a partir do Porto de Cima, por Joaquim Olímpio, a 21 de agosto de 1879, na liderança de um grupo do qual constavam Romário Martins e Antônio e José Ribeiro de Macedo, além de outros notáveis paranaenses.

É nesses páramos altos, nesse rochedo mítico, no instante da mágica nevasca de 31 de julho de 1928, que o Espírito de Curitiba se aninha e abriga. Evocação de um lírico sonho de Amor, expressão da boa Música de um mestre que foi grande e que foi nosso.

Fruto de recursos particulares e da Lei Municipal de Incentivo à Cultura, que sancionei, na condição de Prefeito de Curitiba, ao tempo dos 300 anos da nossa amada Cidade, essa montagem musical cumpre sua fina-



Augusto Stresser compondo, em foto de 1907. Acervo Casa da Memória de Curitiba.

lidade de resgate histórico e estético. Mas, antes de tudo, rega com orvalho criativo nossas almas, fortalecendo-nos a identidade cultural paranaense.

Mas foi “Sidérea”, de Augusto Stresser (1871-1918), a primeira ópera paranaense, escrita em 1909, numa versão simplificada, apenas para piano e vozes líricas. Estreou em Curitiba no antigo Teatro Guayra, a 3 de maio de 1912, já adaptada para solistas, coro e orquestra, num trabalho do maestro suíço Léo Kessler.

O compositor Augusto Stresser era pai do jornalista Adherbal Stresser, empresário dos *Diários Associados* no Paraná, avô de Ronald Sanson Stresser e bisavô da talentosa atriz curitibana Guta Stresser, protagonista da peça “*O Vampiro e a Polaquinha*”, no Teatro Novelas Curitibanas, e com atuação no famoso seriado humorístico “*A Grande Família*”, da Rede Globo, no papel de Bebel.

Vimos duas montagens pós-modernas de “*Sidérea*”. A primeira, do maestro Emanuel Martinez, com direção cênica de Fernando Klug, em 2014, no Teatro Barracão, na rua Treze de Maio, em Curitiba. Em versão resumida para 2 atos e não 3, como foi em 1912, pois em 1973 alguém retirou sua

partitura para pesquisa do acervo do Teatro Guaíra e nunca mais devolveu. Coisa de bárbaros, com entranhas de posse, sem essência de dádiva. Ou de invejosos das antigas musas.

Nessa encenação de 2014, atuou a soprano Josiane Dal Pozzo, acompanhada do Coral Sinfônico do Paraná. Ela viveu a heroína romântica, espécie de Julieta suspirando por Romeu, já não na Verona dos Capuletos e Montecchios, mas na Lapa dos Picapaus e Maragatos.

A segunda montagem deu-se em 2015, no Auditório Salvador de Ferrante, do Teatro Guaíra, no I Festival de Ópera do Paraná, promovido por Gehad Hajar.

Léo Kessler, o músico que exerceu grande influência no meio cultural curitibano no início do século XX, nasceu em Schiers, comuna do mesmo cantão de Davos, ao sopé dos Alpes suíços, em 12 de setembro de 1891. Morreu em Blumenau, às margens do caudaloso rio tropical Itajaí-açu, em 20 de outubro de 1924.

Kessler foi protagonista na cena curitibana exatamente no auge do movimento simbolista, a mocidade local, entre 1909 e 1914, profundamente influenciada





Cena da ópera *Sidérea*, apresentada em maio de 1912, na ribalta do Teatro Guayra.

pelos esplendores do Instituto Neo-Pitagórico.

De Kessler, Andrade Muricy escreveu: *A primeira execução direta da obra wagneriana em Curitiba, precisamente no período da Nova Hélade, deveu-se ao organista, compositor e regente suíço Léo Kessler; a maior personalidade musical que viveu até hoje no Paraná.*

Sobre o momento espiritual dessa “estrela” da música de Richard Wagner em Curitiba, Andrade Muricy explicou: [...] *“Das Musas a Wagner” é o título de um ensaio de Dario Vellozo que nos encantava, a nós, os jovens simbolistas de Curitiba.*

Está cheio, por transposição livresca e imaginativa, do estremecimento do “filtro” de “Tristão e Isolda” e das reminiscências de Lohengrin.

Nele resumia o poeta mago sua predileta concepção de almas irmãs, almas eleitas. A expressão de Goethe “afinidades eletivas” foi também incorporada ao cânon da Nova Hélade... e iluminada, para nós, pela frescura de cores e pela graça florida das jovens Cloris – Rainhas da Primavera – curitibanas.

Léo Kessler, formado em filosofia pela Universidade de Estrasburgo, ali também estudou Música. Foi diplomado pelo Conservatório de Estrasburgo com proficiência em Piano, Órgão, Composição, Regência, Harmonia, Contraponto, Leitura e Escrita de partituras.

Seguiu para Paris, onde, no Conservatório de França, *Royal Académie de La Musique*, fez aprimoramento em técnica de piano e de órgão. Naquela época já pensava como o poeta Verlaine: *de la Musique avant toute chose.*

Entre 1904 e 1911, o maestro Kessler foi regente de coros e orquestras em teatros de Berlim, Flensburg, Riga e Czernoviz. Embarcou para o Brasil na tournée sul-americana da Companhia de Operetas



Léo Kessler (1891-1924) chegou a Curitiba em 1911.

Platerowski. Em 1911, apresentou-se em São Paulo e chegou a Curitiba, onde decidiu viver.

Além de “*Sidérea*”, de Augusto Stresser, Léo Kessler levou à cena outras operetas, concertos sinfônicos e festivais de música erudita.

Foi um dos fundadores do Centro Artístico do Paraná, onde, em 1913, criou o Conservatório de Declamação e Música. Em 1916, criou o Conservatório de Música do Paraná, escola de Canto Orfeônico, embrião da atual Faculdade de Artes do Paraná. Já no primeiro ano chegou a ter 200 alunos matriculados.

Compôs diversas obras, inclusive a brilhante ópera “*Papilio Innocentia*” que foi estreada em 27 de novembro de 2016 sob direção de Gehad Hajar. Vive ainda em Curitiba parte de sua família. A sobrinha-neta Denise Ernlund Metynski é pesquisadora, melômana e mestra de música.

A 7 de abril de 1930, o maestro italiano Romualdo Suriani (1880-1943), já capitão da Banda da Polícia, fundou a Orquestra da Sociedade Sinfônica de Curitiba, voltada especialmente à divulgação da obra de Carlos Gomes, por quem tinha grande admiração. Regeu aqui as protofonias de “*O Guarani*” e “*Salvator Rosa*”, o prelúdio da ópera “*Lo Schiavo*” e o noturno da ópera “*Condor*”.

Suriani também colocou em seu repertório peças de Brasília Itiberê, João Itiberê da Cunha e Francisco Braga. Num de seus programas, sucesso no salão do Clube Concórdia, Wagner, com o prelúdio de “*Par-sifal*”; “*Sicília Canora – uma Noite em Taormina e Florescem os Laranjais*”, obra do compositor italiano G. Mulè; e a abertura de “*Il Matrimonio Segreto*”, de Cimarrosa.

Todo esse rebuliço harmônico curitibano acabou gerando a ação musical de Augusto Stresser, Léo Kessler, Ludovico Zeyer, Antônio Melillo, Remo de Persis, Clotilde Pereira, Romualdo Suriani, Benedito Nicolau dos Santos, Ana Julieta Gomes, Amélia Carvalho de



Sociedade Garibaldi. Concerto da Orquestra do maestro Romualdo Suriani.

Oliveira, Raul Menssing, dona Ignez Colle Munhoz, Elisa Greca e tantos outros que compuseram harmonias, levantaram espíritos, animaram a segunda quadra do século XIX e mais da metade do século XX.

Dona Ignez Colle Munhoz foi professora de piano de minha sogra, Margarita Fany Aracelli Pericás. A menina, moradora da rua XV, descia a rua Barão do Rio Branco acompanhada da aia Rosário para as aulas diárias de piano, dadas na ampla casa na rua André de Barros esquina com Lourenço Pinto, perto do Hotel com porta em forma de ferradura. Ficou na memória de dona Margarita e de boa parte de seus alunos a coragem da mestra que, ao despedir-se do marido morto, à hora da saída do enterro, sentou-se no piano de cauda e tocou, num *impromptu* sem partitura, a “Marcha Fúnebre de Chopin.

Raul Menssing nasceu em Curitiba em 23 de março de 1883, filho de Maria da Luz dos Reis Menssing e Gustavo Adolpho Menssing. Engajou-se na Sociedade Musical Carlos Gomes em 1909. Em 1912, foi estudar música no Rio de Janeiro. Em 1916, seguiu para

Berlim, onde matriculou-se no conservatório prussiano. Em 1953, abriu em Curitiba o curso Menssing de Piano. Faleceu a 10 de abril de 1954.

Minha prima Elisa Greca foi toda a vida dedicada professora de piano. Mulher elegante, passava as manhãs enleada em máscara de cremes, posta num pegnoir de seda javanesa, para, a partir do meio-dia, já então vestida em *tailleur*, receber os alunos. Compassava as notas lecionadas com um grande lápis similar a uma batuta. Às vezes, irritada com a imperícia do aprendiz, desferia-lhe pequenos golpes de lápis nos dedos, como se palmatória fosse. Tive medo de ser seu aluno, embora admirasse seu saber musical e seu porte fidalgo. Ensinou piano a minha tia, sua prima, Loly Greca.

Elisa viveu toda a existência com as irmãs Elmira e Eloína, ambas professoras. Elmira do Grupo Escolar Tiradentes, Eloína da Rede Municipal de Ensino de Curitiba, onde foi secretária de Educação. Eram filhas de Ercília e Domingos Greca. Tiveram uma





Monumento a Raul Menssing, Praça Osório. Foto Nani Góis

irmã, Estela, que se suicidou, tomando veneno, por desilusão amorosa. Tombou sobre o piano enquanto tocava “Clair de Lune”. Tiveram ainda um irmão, Dante Greca, seu vizinho da vida toda, casado com dona Guerda Janz Greca, pais de cinco filhos. Moravam no casarão da rua Inácio Lustosa, no trecho sombreado por magnólias.

É preciso destacar o maestro Bento Mossurunga, autor da música do Hino do Paraná (com letra de

Domingos Nascimento) e da Marcha da Cidade de Curitiba (com letra de Ciro Silva).

Foi também compositor da primeira opereta escrita por um paranaense: “A Florzinha”, encenada no Rio, em 1909, pela companhia da bela e talentosa Margarita Max, a primeira vedete do Brasil. O pai, o tabelião João Bernardes de Albuquerque, por capricho, colocou o apelido “Mossurunga” no registro de nascimento. O piá virou Bento de Albuquerque Mossurunga, só pela sonoridade. Era uma premonição.

Bentinho cresceu imerso em música, numa casa com viola e violão, e até um harmônio, fazendo música com suas irmãs e irmão. As crianças Albuquerque foram iniciadas em rodas de batuques, jongo e viola, perto de sua casa natal, em Castro. Ali viviam uns pretos, ex-escravos do Capão Alto, mestres no dedilhar das violinhas sertanejas. Bentinho não só aprendeu a fazê-lo, como se tornou o melhor dos violeiros.

Em 1895, Mossurunga veio para Curitiba, estudar no Conservatório de Belas Artes. Caixeiro de uma loja de chapéus, à noite frequentava o Grêmio Musical Carlos Gomes. Em 1902, lecionava piano e apresentava-se em cafés-concerto. Em 1905, a revista carioca *O Malho* elogiou e publicou sua valsa “Bela Morena”. Mudou-se para o Rio de Janeiro. Admitido no Teatro de Variedades Guarda Velha, pôde pagar seus estudos no Instituto Nacional de Música. Em 1907, já era o primeiro violino da Orquestra de Antônio Francisco Braga.

Em 1916, passou a reger esporadicamente a orquestra do Teatro São José, maestro substituto de José Nunes. Com a morte deste, assumiu a direção musical do famoso teatro de revistas. Mossurunga atuou em operetas, revistas e burletas no Theatro Lyrico, no Theatro Apolo, no Recreio Dramático e no Theatro Carlos Gomes. Foi no Rio de Janeiro, no dia da primavera, 21 de setembro de 1924, que esposou Belosina Lima.

Em 1930, voltou a Curitiba para dirigir Curso de Música e trabalhar na Sociedade Musical Renascença, de Salvador de Ferrante. Fundou a Sociedade Orquestral Paranaense e intensificou a produção de partituras, do teatro musicado a hinos cívicos e peças para orquestra.

Em 1946, organizou, com um grupo de estudantes e músicos, a Orquestra Estudantil de Concertos que em 1958 se transformaria na Orquestra Sinfônica da Universidade do Paraná, embrião da Orquestra Sinfônica do Paraná, em 1985.

Em 1947, viu, com alegria, seu Hino do Paraná, composto em 1903, tornar-se o hino oficial do Estado. Foi professor de canto orfeônico no Colégio Estadual do Paraná e de instrumentação na Escola de Música e Belas Artes do Paraná.

Sua composição “Marcha da Cidade de Curitiba”, com letra do poeta Ciro Silva, foi oficializada

como “Hino de Curitiba” a 11 de maio de 1967, pela Lei Municipal 2.993, que definiu ainda o Brasão e a Bandeira da nossa cidade.

Nos guardados do maestro Gedeão Martins (1923-2012), o pesquisador Gehad Hajar achou partitura – então em péssimo estado de conservação – que pode ser considerada outro Hino de Curitiba, parte da ópera “Marumby” (1928), de Benedito Nicolau dos Santos. Gehad promoveu sua audição na Capela Santa Maria, com o Coro da Camerata de Curitiba, na comemoração dos 222 anos da cidade.

A bela música veicula os versos: “Curitiba, faceira, / Brilha e fulge radiosa / N’um sorriso do céu sempre azul / Curitiba do meu Paraná / Outro encanto no mundo não há”.

Fator determinante da paralisação da produção musical e operística em Curitiba foi o fechamento do palco público do Theatro Guayra, denominação do antigo Theatro São Theodoro depois de 1900.

Em 1937, o prefeito de Curitiba, Aluizio França, temeu pelo desabamento do velho edifício que ficava na alameda Doutor Muricy, entre a rua XV e a rua Cândido Lopes. Quando o antigo Guayra fechou, não só perdeu seu emprego o bilheteiro e zelador Leon Nicolas – pai da escritora Maria Nicolas – como calou-se a alma musical curitibana.

Sobraram os palcos estrangeiros, de sociedades musicais, como *Deutscher Saengerbund* (Clube Concórdia), *Handwerker* (Sociedade Rio Branco), *Teuto Brasilianischer Turverein* (Sociedade Duque de Caxias), *Verein Thalia* (Sociedade Thalia) e Sociedade Garibaldi, entre outras. A entrada do Brasil na II Guerra Mundial, em 22 de agosto de 1942, terminaria por calar também aqueles palcos e ribaltas.

O movimento musical e cultural, preenchido pelos filmes norte-americanos e pelas luzes da Cinelândia, só seria retomado com intensidade em 1954, quando o governador Bento Munhoz da Rocha Netto inaugurou o Guairinha, Auditório Salvador de Ferrante, e acenou para o futuro, fazendo erguer a grande rotunda de concreto armado do Guairão.

Na época bombava o auditório da Rádio Guairacá, com os programas musicais liderados por Nhô Belarmino e Nhá Gabriela – Salvador Graciano (1920-1984) e sua mulher Júlia Alves Graciano (1933-1996). As alegres canções sertanejas, acompanhadas de violas e gaita de oito baixos, fizeram sucesso local e nacional. O maior clássico é “As Mocinhas da Cidade”, que immortalizei numa Fonte com linhas “paranistas”, inaugurada na esquina das ruas Cabral com Cruz Machado. A dupla gravou seu primeiro disco em 1953, um bolachão pela RCA Victor, com as

Maestro Bento Mossurunga (1879-1970). Autor das músicas do Hino do Paraná e da Marcha da Cidade de Curitiba.



músicas “Linda Serrana” e “Parabéns Paraná”, esta alusiva ao Centenário de Emancipação Política do nosso Estado.

Na sequência vieram o auditório da Biblioteca Pública, o Teatro do Colégio Estadual do Paraná e o Teatro da Reitoria. A partir de 1971, o Teatro Paiol desencadeou a programação da Fundação Cultural de Curitiba.

Cresci ouvindo o velho Osmar Carta, querido vizinho da rua Inácio Lustosa, e seus chorões, sob a árvore do lado do Relógio das Flores, fazendo suas rodas de samba, choro e seresta. Desenvolvi amor pela MPB, a partir da informação que o Teatro Paiol nos trazia, desde 1971.

Na casa do crítico musical Aramis Millarch, tivemos chance de conversar com alguns dos maiores nomes da nossa música. Muitos deles vinham ao projeto *Parcerias Impossíveis*, no Teatro Paiol. Assim foi que quis marcar a gestão cultural dos 300 anos de Curitiba também com um tributo à Grande Alma Brasileira, nossa MPB. O Conservatório é o primeiro do Brasil desse gênero.

Em 1993, inaugurei o Conservatório de Música Popular Brasileira, na esquina das ruas Treze de Maio com Mateus Leme, centro cultural que une o solar dos Guimarães e o sobrado de três andares da Typographia da Família Locker. Convidei para a inauguração Nhá Gabriela (cantora sertaneja curitibana viúva de Nhô Belarmino) e dona Zica da Mangueira (viúva do compositor Cartola). Posei para foto com as duas. No anfiteatro do jardim do Solar dos Guimarães, chamado por mim de Praça Jacob do Bandolim, pedi ao Solda que fizesse um Beethoven surdo batendo um surdo, para qualificar o espaço como consagrado aos gênios da música. Ali, na minha gestão, to-





Theophilo Mansur animando a “Feira da Alegria” com Belarmino e Gabriela na Rádio Guairacá, em 1958.



Fonte “As Mocinhas da Cidade”, de Nhô Belarmino e Nhá Gabriela, na esquina das ruas Cabral e Cruz Machado. 1996. Foto Nani Góis.

dos os domingos, havia música brasileira, com o projeto “Domingo Onze e Meia”. Hoje o local emudeceu, infelizmente.

Minha amada Margarita (Sansone), no seu livro *A Fundação Cultural de Curitiba no limiar do novo milênio*, publicado pela FCC no ano 2000, registrou: *Paulinho da Viola, Luiz Melodia, Guinga, João Nogueira, Marcos Vale, Carmem Costa, Sebastião Tapajós, Arrigo Barnabé, Roberto Corrêa, Hermeto Paschoal, Elza Soares, Luiz Tati, Dona Zica da Mangueira têm sido visitantes ilustres do Conservatório de Curitiba, com participações nos programas “Bate Papo Musical” e “Encontros com Grandes Mestres” e nos intercâmbios culturais com importantes maestros, professores, instrumentistas e cantores brasileiros.*

Além de ser escola de música, o local tornou-se sede da Orquestra da MBP de Curitiba, da Orquestra de Violões, do Coral do Conservatório, do Coral de crianças Brasileirinho (7 de outubro de 1993), com a maestrina Joyce Moreno, e do Coral Brasileiro, com o Maestro Marcos Leite. Ali começamos, em 1994, a Oficina de MPB no mês de janeiro, criando a fase popular da Oficina de Música de Curitiba.

Mas voltemos à música clássica. A 28 de maio de 1985, nosso estimado e admirado amigo maestro Alceo Bocchino, tendo por maestro adjunto Oswaldo Colarusso, criou a Orquestra Sinfônica do Paraná, instalada no Teatro Guaíra, com elevado patrocínio do governador José Richa. O concerto de estreia deu-se com a *overture* da ópera “Anacreon”, de Luigi Cherubini, em sua primeira audição no Paraná.

Em 1974, o maestro carioca Roberto de Regina

e a cravista curitibana Ingrid Seraphim, com elevado patrocínio do prefeito Jaime Lerner, fundaram a Camerata Antiqua de Curitiba, coro e orquestra, *esemble* de notável trajetória.

O coro teve preparação do maestro britânico Gerard Galloway e da professora soprano Neyde Thomas; a orquestra, do violinista Paulo Bosísio. Pessoalmente, promovi várias viagens da Camerata ao exterior, a mais significativa para três concertos em Washington, em maio de 1996, convite patrocinado pelo BID (Banco Interamericano de Desenvolvimento), em que o então presidente Enrique Iglesias, destacado melômano, fez-se grande benfeitor do desenvolvimento da Cidade de Curitiba.

Em 1997/1998, a Camerata Antiqua de Curitiba realizou uma série de concertos didáticos nas principais cidades do interior do Paraná, desde Paranaguá até Foz do Iguaçu. Inaugurou o Teatro de Maringá, na comemoração dos 50 anos daquela cidade. A *tournee* idealizada por minha Margarita mereceu o nome “Curitiba abraça o Paraná”. Foi bonito vermos os lavradores pioneiros tomarem contato, alguns pela primeira vez, com uma orquestra. Havia até pianistas e professores de música do interior profundo que jamais haviam tido contato, ao vivo, com um coro e orquestra. A Rede Paranaense de Televisão, através do elevado descortínio do jornalista Francisco Cunha Pereira Filho, foi apoiadora da intensa programação de difusão cultural.

Em 1999, Margarita e eu levamos a Camerata de Curitiba até a Itália, para concertos em Roma e Florença, na ocasião em que recebemos da RAI (Rádio e Televisão Italiana) o “Prix Italia”, em nome do povo brasileiro. Margarita presidia a Fundação Cultural de Curitiba; eu era Ministro de Estado do Turismo e Esporte e presidente da Comissão dos 500 Anos do Brasil.

A Camerata de Curitiba apresentou-se em Roma



Camerata Antiqua de Curitiba no palco da Ópera de Arame. Acervo FCC/ICAC - foto Alice Rodrigues.



Coletiva do tenor José Carreras na Pedreira Paulo Leminski com o prefeito Greca e a empresária lírica Miriam Daulsberg.

nos palácios *Santa Croce* e *Dória Pamphili*, da Piazza Navona, sede da embaixada do Brasil, e na igreja de Santo Antônio dos Portugueses.

Em Florença, no *Teatro Maggio Musicale*, com transmissão pela RAI, para todo o mundo, tivemos oportunidade de apresentar concerto só com música brasileira clássica. Peças dos paranaenses Bento Mossurunga e Brasília Itiberê, e de Henrique Nepomuceno e Edino Krieger. No *Hospedale degli Innocenti*, centro cultural que remonta ao Renascimento, apresentamos programa de divulgação do potencial turístico e cultural do Brasil, conosco os atores Glória Menezes e Tarcísio Meira, o jogador Ronaldo Fenômeno – então astro do time Milan – e a Camerata de Curitiba.

Nossa *tournee* cultural, relevante para a promoção do Brasil, além do lugar comum de “samba e futebol”, teve o elevado apoio das embaixadas do Brasil na Itália e junto à Santa Sé. Conosco estiveram os embaixadores Paulo Tarso Flexa de Lima e Marco César Naslausky, este acompanhado de sua mulher, a embaixatriz Sandra Cattan Naslausky.

Em 22 de abril do ano 2000, convoquei a nossa Camerata, na condição de Ministro de Estado, a entoar o *Te Deum* do padre Luís Alvares Pinto, em comemoração aos 500 anos do Brasil.

A cerimônia deu-se na Bahia, em Porto Seguro, na igreja de Nossa Senhora da Pena, em presença dos presidentes do Brasil e de Portugal – Fernando Henrique Cardoso e Mário Soares –, de todos os seus ministros e do corpo diplomático creditado no Brasil.

A Comissão de Ministros do Brasil e de Portugal encarregada do V Centenário do Brasil fez editar CD histórico, em que a Camerata de Curitiba reproduziu painel com as mais antigas composições sacras da música nacional. Na esteira desse processo, pedi que a maestrina Ingrid Mueller Seraphim fosse agraciada com a Ordem de Rio Branco.



José Carreras com Margarita Pericás Sansone e o prefeito Rafael Greca de Macedo. Abril de 1993. Curitiba.

A Fundação Cultural de Curitiba eternizou em CD o “Concerto Brasileiro” em Florença, transmitido pela RAI, com disco da Orquestra de Câmara de Curitiba.

Em 26 de abril, a Camerata Antiqua de Curitiba tocou e cantou a Missa Solene comemorativa dos 500 anos do Brasil, na praia do Arraial da Coroa Vermelha. Concelebração de todos os bispos, arcebispos e cardeais do país, presidida pelo Legado Papal, o eminente cardeal Angelo Sodano, secretário de Estado do Vaticano, representante do Papa João Paulo II.

A grande missa pontifical, presidida pelo legado papal, +Angelo, cardeal Sodano, então secretário de estado do Vaticano, reuniu grande multidão junto à “Cruz Monumento” do artista Mário Cravo, no local onde Frei Henrique de Coimbra celebrou a “Primeira Missa no Brasil” em 26 de abril de 1500. Foi transmitida ao vivo pela Rede Globo para todo o Brasil.

Ali, em Santa Cruz de Cabrália, com a presença da nossa Camerata, brilhou a Luz dos Pinhais.



A SÉTIMA ARTE EM CURITIBA



Cine Avenida no dia de sua inauguração.



“E o Vento Levou”, em cartaz no cine Avenida, quando asfaltavam a Luiz Xavier.

Asseguram velhas crônicas que a primeira sessão de cinema em Curitiba se deu em 1897, no Theatro Hauer – na esquina da rua do Assungui (Mateus Leme) com rua dos Alemães (Treze de Maio) –, as imagens projetadas ao som de um piano acompanhado por orquestra de cordas. Por ali a Sétima Arte entrou em Curitiba.

Ludwig Carl Egg, no Almanaque Alemão da Indústria & Comércio de 1916, anuncia o Theatro Hauer como *Erstes und Grösstes Etablissement in Curityba für Theatergesellschaften, Variedades und Kinomatographie* – ‘Primeiro e maior estabelecimento de companhias de teatro, variedades e cinematógrafo’.

No local desse antigo *Theatro Hauer*, Curitiba frequentou, entre 1940 e 1976, o espaçoso Cine Marabá, com entrada pela rua Mateus Leme. Em maio de 1976, o velho Marabá foi reaberto. Ganhou o nome de Cine Bristol, voltado para lançamentos de grandes filmes. O imóvel, pertencente aos herdeiros da família Seiler, mais tarde virou o Golden Bingo e depois templo evangélico. Pede a coragem de administradores públicos honrarem o local histórico, reabrindo ali o Theatro Hauer, a sala por onde a sétima arte entrou em Curitiba.

Mas cinematógrafo mesmo, cinema mudo ao som de pianola, com sessões regulares, Curitiba passou a ter só a partir de 1904, quando o espanhol Francisco Serrador, associado ao mouro andaluz Miguel Laffite e ao italiano Antônio Gadotti, montou sua sala de exibições dentro do Parque Coliseu Curitibano.

Anníbal Requião, em 1908 viajou ao Rio de Janeiro acompanhando o Tiro de Guerra Rio Branco, numa homenagem ao Barão diplomata, num desfile de Sete de Setembro. Fotógrafo pioneiro da cinegrafia no Paraná, fez sucesso entre a mocidade local com seu registro. Meu avô Mano-



Diante do Cine Avenida, alunos do Colégio Marista desfilam no 7 de Setembro de 1927.

el Valdomiro de Macedo, um dos atiradores, deliciava-se em ver sua imagem e a de seus colegas de serviço militar voluntário, todos em movimento, desfilando pela Avenida Central da capital da República.

A preciosa película de Anníbal Requião foi incorporada ao acervo da nossa Fundação Cultural de Curitiba. Restaurada por Francisco Santos e Valêncio Xavier, compõe o precioso acervo da Cinemateca de Curitiba. Está arquivada na reserva técnica que fiz construir onde a rua João Manoel encontra a Carlos Cavalcanti.

Anníbal Requião não só fez cinema como instalou um só para si: o Cine Smart, também na rua Quinze. Requião filmava os acontecimentos importantes ocorridos na cidade e no país e os projetava em seu próprio cinema durante a década de 1910.

O *Almanaque Paranaense* de 1916 estampa um texto ufanista assegurando que nossa capital já possuía sete cinemas: Cine Mignon, Cine Éden, Cine Smart, Cine Radium, Cine Bijou, Cine Progresso e Cine América.

Os italianos Francisco Zanicotti e Domingos Foggiato, também entusiastas da sétima arte, abriram, entre 1910 e 1920, o Cine Éden (depois Cinema Central, depois Cine Broadway), bem no começo da rua XV. Exploraram ainda o Cine América, num grande barracão de madeira de pinho, antiga caserna do Tiro de Guerra Rio Branco, comandado pelo coronel João Gualberto Gomes de Sá. Ficava na rua Alegre, esquina com Muricy, onde hoje está o Banco do Brasil.

Destacado empresário de cinema em Curitiba também foi o português Antonio Mattos Azeredo. Nos idos de 1924, arrendou os cineteatros Palácio e Mignon. Azeredo detinha 55% das ações da Cia. Cine Theatral Paraná, tendo por sócios Anníbal Requião, Joaquim Sampaio, Francisco Fido Fontana e Ângelo Casagrande.

O Cinema Palácio, originalmente, era um barracão de madeira. Pertencera à família Moreira Garcez, de quem Mattos Azeredo arrendou, fazendo nele me-



Cine Luz na praça Zacarias depois de uma chuva de verão.

lhorias. Quando foi construído o Edifício Garcez, no início de 1930, o cinema já era todo de alvenaria: o público entrava por um *foyer* corredor no andar térreo do arranha-céu, o pórtico e os letreiros de neon dando para a avenida. Só muitos anos depois é que o Palácio ganhou sala de espera e bilheteria na rua Voluntários da Pátria.

O Cine Mignon ficava na rua XV de Novembro, após a esquina da rua Marechal Floriano, num prédio alugado de Joaquim Taborda Ribas. A empresa exibidora “Paraná” fornecia filmes para serem projetados para consumo da colônia alemã no salão Teuto-Brasileiro, no Handwerker e no Theatro Hauer.

Antonio Mattos Azeredo abriu ainda o primeiro Cine Glória de Curitiba, depois chamado Cine Odeon, na avenida Luiz Xavier.

Curitiba teria um segundo cine Glória, da minha prima Rosy de Macedo Pinheiro Lima, na praça Tiradentes. Abriu a 20 de junho de 1963, com um filme de Doris Day e Rock Hudson – “*Lover Come Back*” (“*Volta meu Amor*”). Ali estrearam “*Oito e Meio*”, de Federico Fellini, e “*Blow Up*”, de Michelangelo Antonioni. O *foyer* monumental, em granito negro, vidros *ray ban*, abria-se para a travessa Tobias de Macedo. Adaptado pelo arquiteto Rodolfo Doubek, hoje é o Teatro Glória.

Na rua XV, entre a Muricy e a Marechal, Antonio Azeredo abriu o Cine Imperial, depois Cine Ritz. Abriu com “*O Capitão Aventureiro*”, filme de José Mojica. Quando o local foi reaberto como Cine Ritz em 6 de novembro de 1948, o público curitibano lotou a casa para conhecer a atriz Bibi Ferreira, filha do grande ator e dramaturgo Procópio Ferreira, então famoso pela peça “*Deus lhe Pague*”, em que vivia um mendigo. Bibi estreou na tela com a produção inglesa “*O Fim do Rio*”.

Antonio Azeredo virou gerente do Cine Avenida quando José Muzillo, seu primeiro arrendatário, deixou aquela famosa sala de exibição, a primeira feita especialmente para ser um cineteatro, atração do





Estreia do filme “O Ébrio”, com Vicente Celestino, no Cine Luz.

Palácio Avenida, como vimos, erguido em 1929, pelo “turco otomano” Feres Merhy.

Nossa “Cinelândia”, irmã mais velha daquela outra, tão famosa, que Francisco Serrador instalou no Rio de Janeiro, teve outros belos cinemas. O Cine Odeon, inaugurado nos anos vinte por Vespasiano Carneiro de Mello (1865-1962), funcionou até a década de 1950, quando tornou-se mais frequentado e mais famoso o vizinho Cine Ópera.

O Cine Ópera foi instalado no térreo do Edifício Eloísa, prédio de seis andares, empreendimento do historiador e ervateiro David Carneiro, em homenagem a uma filha falecida em 1938. Aramis Millarch registrou que foi inaugurado em 1941, com o filme “All This and Heaven Too” (“Tudo Isso e o Céu Também”). Foi no Ópera que o prefeito Ney Braga, em 1957, promoveu o I Festival de Cinema de Curitiba.

Tias Chiquita e Loly e tios Olívio e Albina contavam que lá ouviram o grande tenor italiano Beniamino Gigli em apreciado recital. Essa memória familiar me encorajou a trazer José Carreras quando da celebração dos 300 anos de Curitiba.

Antes de construírem sua mansão na Brigadeiro Franco, dona Marília e o professor David Carneiro moraram em dois andares do edifício Eloísa, naquele que seria o primeiro duplex desta cidade. O empresário árabe Hussein Hamdar comprou o prédio na década de 1970 – David Carneiro andava de finanças combalidas, por um mau negócio feito por seu filho primogênito. Hamdar fechou o cinema, ao vender o prédio para a loja de departamentos Mesbla.

Margarita e eu fomos à última sessão de cinema do Ópera. Na tela, “Dio, come ti amo”, filme napolitano de 1966 dirigido por Miguel Iglesias, com Gigliola Cinquetti cantando a famosa música de Domenico Modugno.

Nos fundos do Ópera, com fachada aberta para o Largo Frederico Farias de Oliveira, a família Carneiro construiu, em 1955, outro cinema para Curitiba. O peculiar Cine Arlequim, projeto temático modernista



Cines Ópera e Odeon.

do arquiteto Fernando Carneiro – profissional formado no Rio, na Escola Nacional de Arquitetura. O Cine Arlequim era inspirado nas vestes daquele personagem da *commedia dell’arte*. Tudo ali era enviesado, recortado em losangos, tal qual a bata carnavalesca do orgulhoso Arlequim, rival do Pierrot na disputa pelo coração da Colombina. A artista carioca Nely Bezerra de Menezes pintou as paredes em murais temáticos e definiu as linhas dos lustres e arandelas, em tons de azul, verde, preto, vermelho, amarelo e branco. O Arlequim caiu, demolido para dar lugar às Lojas Americanas, em janeiro de 1979.

É do meu primo Luizinho Seiler Bettega o imóvel na rua Westphalen onde funcionou o espaçoso e confortável Cine São João.

O nome, dado pela proprietária do imóvel, nossa prima Laurinda de Macedo Seiler Bettega, evoca o santo padroeiro de seu pai, o coxa branca João Viana Seiler (marido de tia Mimi, irmã do meu avô Manoel Valdomiro de Macedo). Esse João Seiler foi o goleiro que a torcida do Atlético alcunhou de “Coxa Branca”, ao ver o tom alvo de suas pernas, num Atletiba imemorial.

O Cine São João foi inaugurado em setembro de 1960, com “A Volta ao Mundo em 80 Dias”, filme de Michael Anderson. Ali vimos estreiar o clássico “Doutor Jivago” e o eloquente “Ben Hur”. Com mil poltronas, o Cine São João durou 40 anos. Fechou em 2006, transformado em igreja evangélica.

Na rua Barão do Rio Branco, defronte ao antigo Palácio do Governo do Paraná, hoje Museu da Imagem e do Som, entre o Hotel Johnscher e o Bar Palácio, luziu, desde 1963 até 1986, a grande tela do Cine Teatro Vitória – o segundo com esse nome na



Cine Ritz na rua XV de Novembro.

cidade de Curitiba. Foi o primeiro cinema equipado com projetor bitola 70 milímetros. Na inauguração, os herdeiros Johnscher, proprietários do empreendimento, ao lado do gerente Ismail Macedo, receberam os cumprimentos do governador Ney Braga e do prefeito Ivo Arzua no espaçoso *foyer* de mármore branco. As amplas escadarias eram munidas de corrimões de jacarandá arrematados por gigantescos cinzeiros cenográficos em cobre.

Quando se abriu a cortina de plástico amarelo estampado com arte futurista, logo apareceram Yul Brynner, Tony Curtis e Christine Kaufmann vivendo a saga de “Taras Bulba”, no filme do diretor britânico J. Lee Thompson, rodado nos pampas da Argentina, que – por milagre da fantasia – fizeram as vezes das estepes.

O Cine Vitória foi palco de uma badalada *avant-première*, em 13 de abril de 1964, com a presença, em carne e osso, de Janet Leigh (ex-mulher de Tony Curtis), Anthony Perkins e Karl Malden, acompanhados de Jece Valadão, Vanja Orico e Irma Alvarez. Era uma noite do Tribunascope, promoção de Júlio Neto e João Féder. Atrizes e atores deixaram gravados em cimento suas mãos e seus pés. Curitiba ganhou sua calçada da fama, qual Hollywood fôsemos.

As 1.800 poltronas do Vitória lotaram sucessivas vezes no filme de estreia dos Beatles “Os Reis do Iê-Iê-Iê”. Ali estrearam “Rambo”, “O Exorcista” e “Calígula”. Ali a Pró-Música de Curitiba promoveu belíssimos concertos sinfônicos, com orquestras nacionais e internacionais: a Orquestra Sinfônica de Utah, regida pelo maestro Maurice Abravanel, em 1971; a Orquestra da Rádio e TV Francesa, regida por Jean Martinon, em 1972; a Orquestra Juvenil da Alemanha, regida pelo virtuoso maestro Volker Wängenheim; além dos grandes concertos do Festival de Música de Curitiba.

O Cine Vitória fechou em 1986, com a venda do imóvel para o Governo do Estado do Paraná. O governador João Elísio Ferraz de Campos acolhera a ideia do arquiteto Rafael Dely de fazer instalar ali um



Cine Curitiba, na rua Voluntários da Pátria, em 1950.

Centro de Convenções.

Eram herdeiros do imóvel dona Ilona Elga Ribeiro, Fernando Veiga, Margô Johnscher, Fritz Sigismundo Liebel, Mara Erva Lídia Niemeyer, Edi Edla Niemeyer, o professor Udo Niemeyer, Edwin Vitor Johnscher e Guiomar Johnscher Fornassori. A Vitória Cinematográfica, empresa exibidora dos Irmãos Zonari, recebeu por lucros cessantes. Já não eram tão grandes esses lucros.

O Cine Lido, na rua Ermelino de Leão, abriu a 17 de setembro de 1959, com o clássico “Guerra e Paz”, filme de Henry King, no qual Mel Ferrer e Audrey Hepburn viviam os personagens de Tolstói ao som de uma trilha composta pelo maestro Nino Rota. Ali aconteceu a bela pré-estreia do filme “Paris está em Chamas”. O Cine Lido foi empreendimento do curitibano Henrique Oliva (1901-1965). Acabou vendido pelos herdeiros, terminando nas mãos da Cinema International Corporation, representante das poderosas produtoras Universal, MGM, Buena Vista/Walt Disney Pictures e Paramount. Em 1984, ainda foi reformado, segundo projeto do arquiteto Oscar Mueller. Virou espaço com duas salas, com 550 e 350 lugares, e seis lojas. Ali ainda vimos, encantados, Margarita e eu, Máximo Troisi viver “O Carteiro e o Poeta”. Infelizmente, o local, hoje, é um cinema pornô de quinta categoria – dizem que tem até cubículos para autoerotismo.

Vizinho mais próximo do Lido curitibano tivemos o Cine Condor, onde a rua Ébano Pereira encontra a Cruz Machado. Propriedade da Construtora Tabajara, foi inaugurado em 7 de fevereiro de 1971, com “Le Passager de la Pluie” (“O Passageiro da Chuva”), belo filme de René Clement. Era muito confortável. Ali aplaudimos Federico Fellini no filme “Et la Nave Va”. Hoje, infelizmente descaracterizado, o Cine Condor virou estacionamento.

Ainda no centro de Curitiba, tivemos o Cine Rivoli, na rua Emiliano Pernetta, vizinho do Museu de Arte Contemporânea do Paraná. Foi aberto em 1960 com o “O Último Tango”, estrelado por Sarita Montiel. A produção romântica atraiu plateia elegantíssi-



ma. Foi construído pela antiga Empresa Cinematográfica Sul, grupo de exibição de São Paulo, presidido pelo milionário paulistano Paulo de Sá Pinto, homem que, por várias décadas, dividiu com a distribuidora Orcopa e com Henrique Oliva o comando dos principais cinemas de Curitiba. O Rivoli fechou em 1981.

O Cine Plaza foi inaugurado em 1964, ao lado do edifício Santa Júlia, na praça Osório, com 800 lugares e belos jardins. Tinha até uma ampla marquise,

própria para noites de tapete vermelho, preferida nas grandes *avant-premières* daquela década, como aconteceu na estreia do primeiro filme ali exibido, “Moscou contra 007”. Último cinema aberto para a rua numa Curitiba hoje povoada de “cinemas de shopping centers”, o Cine Plaza acabou em 2007, quando a Associação dos Servidores Públicos do Paraná decidiu vender o imóvel de sua propriedade para a Igreja Mundial do Poder de Deus.



Theatro Hauer em Curitiba. (desde 1897), por onde o cinema entrou em Curitiba.



Theatro Hauer, no dia da primeira sessão de cinema.

THEATRO HAUER

Erstes und grösstes
Etablissement
in Curityba für Thea-
tergesellschaften,
Variedades
und Kinomatographe.

Näheres beim Eigentümer

Ludwig Carl Egg

Rua 13 de Maio, esquina Travessa da Ordem — Telephon 53
Telegr.-Adr.: Theatro Hauer
CURITYBA - PARANÁ

Kinematographo no Theatro Hauer - anúncio em alemão. Almanaque de 1914.

JOÃO BAPTISTA GROFF (1897-1970)



O jovem João Baptista Groff na década de 1920. Acervo da família.



Cartaz de “Pátria Redimida”, filme de Groff.

João Baptista Groff foi um importante fotógrafo, cineasta, editor e pintor paranaense. Pioneiro, juntamente com Anníbal Requião, do cinematismo no estado. Em suas fotografias, abordou inicialmente a cidade de Curitiba, passando para fotos de belezas naturais. No cinema, produziu curtas-metragens sobre temas diversificados, que iam desde paisagens até o cotidiano de cidades ou manifestações políticas.

Neto de imigrantes italianos vindos para a Colônia Santa Maria de Nova Tirol, João Baptista Groff nasceu em 1897, em Curitiba, cidade pela qual foi apaixonado, e local onde viveu até sua morte, em 1970. Groff passou a vida dedicado a captar a modernidade de Curitiba, documentando belezas naturais e outras cidades do Paraná.

Tudo começou quando João Baptista, com apenas 15 anos, ganhou de seu padrinho, que era topógrafo e agrimensor, sua primeira câmera fotográfica. Junto com a câmera veio o conselho de fotografar tudo o que visse pela cidade. Na época, Curitiba já contava com quase cem mil habitantes e havia uma crença no desenvolvimento e no progresso da cidade, proveniente, em parte, da grande quantidade de imigrantes europeus e das agências contratadas para a construção da estrada de ferro no estado, onde o avô de Groff trabalhava.

Após trabalhar em uma série de serviços sem muito sucesso, Groff se profissionalizou como fotógrafo, vendendo suas fotos à imprensa local e em brochuras com informações sobre a cidade.

Durante a década de 1920, quando possuía uma loja de máquinas fotográficas, Groff recebeu por engano uma filmadora. Aprendeu a manuseá-la sozinho e iniciou também sua carreira como documentarista. Sua primeira obra nesse sentido foi a produção das filmagens das Cataratas do Iguaçu e da viagem, que levou cerca de um mês. Essas imagens foram vendidas a americanos, que a incluíram no filme “As Maravilhas da Natureza”. Groff também produziu diversos cinejornais de assuntos paranaenses e catarinenses, além do filme “Actualidades do Paraná”, sendo também distribuidor e exibidor.

Ainda nessa década, criou, editou e dirigiu a revista *Ilustração Paranaense*, em que publicava fotos e notícias sobre o estado. A revista circulou entre 1927 e 1930 e lhe rendeu um convite para editar a revista *Manchete* no Rio de Janeiro, que teria negado por não querer sair de Curitiba. Em 1927, recebeu um prêmio como fotógrafo no Salão Internacional de Paris.

Durante a década de 1930, sua carreira de documentarista viria a ter importância vital para o cinema nacional. No governo do Interventor Manoel Ribas, Groff foi contratado para a produção de filmagens sobre os feitos do governo, que eram exibidos a grandes autoridades. Em 1930, acompanhou a passagem de Getúlio Vargas por Curitiba, seguindo-o até o Rio de Janeiro, filmando o movimento das tropas que viriam fazer a Revolução de 1930. Dessa forma peculiar nasceu o documentário “Pátria





Getúlio Vargas em Curitiba, no salão do Grande Hotel, rua XV. Foto Weiss.

Redimida”, o filme mais importante do cinema antigo do Paraná.

Em 1936, foi contratado pela Caixa Econômica Federal para filmar agências pelo estado. Desse trabalho foi produzido o filme “Cidades do Paraná”, hoje pertencente ao acervo da Cinemateca da Fundação Cultural de Curitiba.

Durante o período da Segunda Guerra Mundial, Groff foi preso por ter sido erroneamente confundido com aliados das potências do Eixo, isso porque produziu um filme para uma fábrica de carroças que estava proibida de funcionar durante a guerra, uma vez que a borracha necessária para a fabricação das rodas deveria ir para a fabricação de material bélico, e também por não aceitar aderir ao *black out* imposto pelo governo, que exigia que todas as luzes das casas fossem apagadas, para evitar bombardeios.

Groff teria questionado a possibilidade real de os alemães atacarem Curitiba. Além disso, seu sobrenome italiano foi confundido como de origem alemã. Foi solto graças a intervenções de políticos importantes, mas o resultado disso é que jamais voltou a fotografar e produzir filmes sobre o Paraná. Durante um período, foi proibido de fazê-lo, mas quando ganhou permissão, negou-se a voltar ao seu metiê.

Após desistir da carreira de fotógrafo e cineasta, durante os anos 50 e 60 passou então a trabalhar como pintor e expositor. Comprou o Cine América, onde passou a expor obras de seus amigos. Vítima de um derrame, em que perdeu a fala e a autonomia, Groff se recusava a se comunicar por sinais, por timidez ou incapacidade. Faleceu em 27 de junho de 1970.

Em 1981, foi homenageado pela Fundação Cultural de Curitiba com a criação do Cine Groff, espaço dedicado à exibição de filmes de arte. Esse Cine Groff encerrou suas atividades em 2003, quando Bubi Heissler – que tinha acordo com a Prefeitura – vendeu a Galeria Schaffer, projeto do qual o cinema fazia parte.



O povo espera notícias da Revolução de 1930 diante da *Gazeta do Povo*, então ao lado da Casa Clark. Foto de João Baptista Groff. Coleção Júlio Moreira.



Retrato de Costas. Imagem do inquieto Groff.



David Bartolomei, João Turin, João Baptista Groff, um amigo e Lange de Morretes. Década de 1940. Curitiba.

FLORES E FLORISTAS DE CURITIBA



Guilherme Schüch de Capanema, Barão de Capanema, veio implantar os correios e telégrafos em Curitiba.



Orquídea *Capanemia paranaensis* descoberta pelo barão de Capanema. Sua chácara é origem do Jardim Botânico.



Anúncio da Floricultura Edelweiss.

A capital do Paraná, povoada de imigrantes e seus descendentes, passou a ter jardins com espécimes exóticos, flora importada do hemisfério Norte que se aclimatou facilmente a essa parte mais fria do Brasil.

Antes do paisagismo nacionalista de Roberto Burle Marx, não só em Curitiba como em todo país, floreiras de varandas e jardins das “casas de família” eram compostos por canteiros de rosas (naturais ou enxertadas), amarílis, anêmonas, camélias, cravos, aquilégias, narcisos, margaridas, bocas-de-leão, miosótis, violetas, amores-perfeitos, gencianas, gerânios. Pencas de avencas vicejavam nas sombras – folhagem preferida das solteironas. Dizia-se, em Curitiba, cochichando: *não casam as moças nas casas com avencas*.

Aqui também, entre muros cobertos de heras, brotavam malvas-rosas, madressilvas, jacintos, íris, alfazemas, lírios, tagetes (ou cravos-de-defunto), capuchinhas, hortênsias, peônias, papoulas, primulas, goivos, nenúfares, raríssimas tulipas e exuberantes dália e girassóis, tão ao gosto dos eslavos.

Antiga tradição citada por João Pamphilo d'Assumpção (1868-1945) refere o porquê da denominação mais poética para nossa rua principal: [...] *Recordo-me da rua onde nasci, na Curitiba de 1868. A esquina – onde funcionam hoje, neste ano de 1927, o Club do Comércio e a Bombinière Mimosa – era canto que pertencia à minha família, a casa de meus pais. Terreiro fechado por muros velhos, remendados com tábuas. Havia ali uma roseira da variedade que vulgarmente se chama “Rosa Louca” ou “Mariquinha”, roseira que florescia impertinente e generosamente cobria todo o muro, e de tal modo florescia que deu à rua o nome de Rua das Flores.*

Esse local seria a atual esquina da rua Marechal Floriano com XV de Novembro, onde ergue-se o edifício Comendador Macedo. Pamphilo d'Assumpção, homem negro, exemplo de saber, formou-se em 1889 nas Arcadas de São Francisco, em São Paulo, doutorando-se no Porto em 1897. Fundou o Instituto dos Advogados do Paraná.

Luiz Garcez escreveu que ainda no começo do século podiam-se observar alguns vazios urbanos, terrenos baldios entre a atual rua XV e a praça Tiradentes. *Em um deles, cortado pelo rio Ivo, havia abundante*





Comendador Macedo e família com camélias na lapela, distintivo dos abolicionistas.

vegetação beneficiada pela umidade do rio, onde viscejavam flores silvestres que se esparramavam para fora dos muros; vem daí o nome de “Rua das Flores”.

O bairro onde hoje está o Jardim Botânico de Curitiba, quando era a antiga chácara do Barão de Capanema, foi descrito pela própria pena do Imperador Dom Pedro II, no seu diário da viagem ao Paraná, em maio de 1880: [...] muito bem plantada que possuía 14 variedades de peras; 70 maçãs; dália; rododendros de que um tem um botão para arrebentar; azaleias; choupos da Itália. Abóboras monstruosas que há de ser um estabelecimento importante para aclimação, pois constrói uma estufa. Voltei com um belíssimo luar e céu admirável. Ao chegar à chácara do Capanema fazia frio; disse-me ele que 8,5 °C.

Relatório datado de 1888, do Presidente Joaquim d’Almeida Faria Sobrinho (o governador que terminou o Passeio Público, obra começada pelo Visconde de Taunay), no item “Arborização” elenca centenas de espécies exóticas para aclimação no novo jardim, antes um medonho paul foco de infecções deletérias. [...] É muito notável já a coleção de acácias que tenho conseguido, de cada espécie existem mais de vinte variedades. [...] Muitas outras espécies interessantes tenho colocado, várias qualidades de Magnólias, Spireas, Wégellias, Exonimos, Gardênias, Rosas. [...] Ao redor do lago tenho colocado chorões, Saix, que devido à umidade própria do terreno prosperam perfeitamente. Me ocupo em preparar terreno adequado para fazer

viveiro de toda espécie de árvores e plantas, a fim de tornar mais fácil e mais econômica a aclimação de plantas exóticas em Curitiba. Talvez ainda Capanema não tivesse descoberto “sua” orquídea, a *Capanemia paranaensis*.

O Barão de Capanema chegou a Curitiba em 1870, com a missão de ligar o Brasil pelo telégrafo. Veio implantar aquela modernidade e aqui dedicou-se à botânica, descobrindo uma espécie de orquídea que seria classificada, em 1919, como *Capanemia paranaensis*. A exsicata que a classifica encontra-se no Jardim Botânico de Berlim, com a etiqueta (Schltr., Notizbl. Bot. Gart. Berlin-Dahlem 7: 328 [1919]).

As camélias tiveram papel libertário, símbolo da Campanha Abolicionista, nos últimos anos do Império, ao final do século XIX. Isso porque a Princesa Isabel custeava alforrias de escravos com camélias cultivadas num quilombo que se instalou numa chácara do Leblon, propriedade da família imperial brasileira. Quem era simpatizante da Causa Abolicionista usava camélias nas lapelas. Vendidas em grande quantidade, tais flores ornamentavam as recepções da Corte, no Rio e em Petrópolis.

Guardo foto de Laurinda Rosa e José Ribeiro de Macedo, meus bisavós, com a família toda, posando no jardim, todo mundo de camélias na lapela. Meu



Festa ao ar livre promovida pelo Grêmio Bouquet, 1913. Coleção Júlia Wanderley.



Festa da Primavera no Passeio Público de Curitiba, 1913. Coleção Júlia Wanderley.

bisavô seria feito Comendador da Ordem da Rosa por ter libertado os escravos do Porto de Cima seis anos antes da Lei Áurea. No Solar dos Leões, residência de Ermelino de Leão, vivem ainda viçosas cameleiras de 150 anos, flores brancas, mescladas, rosadas e vermelhas. No Solar do Barão, antes do seu infortúnio, os jardins da dona Coca, a Baronesa do Serro Azul, eram sombreados de cameleiras.

Nesta Curitiba tão úmida, de banhados cobertos por chusmas de copos-de-leite, a mata nativa bordada com exuberância de bromélias, epífitas e orquídeas nativas, o corte das flores de hortos e jardins “civilizados” passou a cultivar expressiva rede de floristas de origem estrangeira. Prosperaram até que se estabelecesse no país o monopólio das flores cultivadas pelas cooperativas de holandeses em Holambra (SP).

O horto de camélias mais procurado pelos curitibanos de bom gosto, na metade do século XX, ficava na chácara da “Zócha”. Essa dona Sofia, de sobrenome eslavo de que não me recordo, oferecia camélias brancas, rosadas e escarlates, dispostas em românticas cestas de vime. Fez a decoração do casamento de meus pais, na Igreja da Ordem, em 28 de maio de 1955. O arquiteto Oscar Mueller frequentava sua chácara-floricultura na rua Desembargador Motta, quase esquina com Saldanha Marinho. Tinha o costume de presentear as anfitriãs dos almoços e jantares para os quais era convidado. As Margaritas, minha sogra e minha mulher, figuram entre as felizes e satisfeitas agraciadas. A casa da Zócha foi demolida. O arquiteto Breno Fortes ergueu ali um edifício Gaudi, de linhas peculiares. As árvores de camélias plantadas pela velha florista resistem nos jardins, sobreviventes àquela que as cultivava.

Na Catedral de Curitiba, atuava o português Felício da Costa Vieira. Líder da Congregação Mariana, dominava como poucos a arte de fazer vasos. Ornamentava o altar de Nossa Senhora da Luz com lírios, copos-de-leite ou hortênsias, conforme sua floração nos arredores de Curitiba.

Sabia até o segredo da conservação das hortênsias por quinze dias depois do seu corte: *Pode o ramo,*

raspe o caule espesso, deixe aparecer a seiva verde. Ai mergulhe o ramo em água fervente e, imediatamente depois, em água gelada. As belas flores lilases, rosadas e azuis, conforme o teor de ferro do solo onde brotam, ficarão vivas por até duas semanas. Caso contrário, murcharão menos de um quarto de hora depois de serem cortadas.

Mestre Felício era cenógrafo litúrgico. No Domingo de Ramos, dispunha os cântaros de prata da Catedral com palmas verdes entremeadas de cravos vermelhos, penhor dos Martírios do Bom Jesus. Armava o andor do Senhor dos Passos com a longa bata roxa dos penitentes, a escultura de roca com peruca de cabelos naturais, a cabeça coroada por resplendor de prata. Tanto o Senhor dos Passos como Nossa Senhora das Dores só saíam da igreja com andores onde luziam flores lilases ou rosadas.

Felício superava-se, mesmo, quando torcia os caules dos copos-de-leite, para lhes dar acabamento de frisas *art nouveau*, as flores enlouquecidas, pendendo além dos vasos, num bailado sobre os altares. Felício da Costa Vieira, caridoso e benemérito sacristão mariano, hoje é nome de rua na Vila Guaíra. Viveu e morreu no sobrado atrás da Catedral, esquina da rua do Nogueira (hoje Barão do Serro Azul) com a travessa Padre Júlio de Campos.

Na Igreja do Rosário, as floristas eram três piedosas irmãs polonesas: Filó, Genoveva e Maria. Chegaram a atuar na Floricultura Rosário, da família Cooper. Moças de missa diária, moravam na subida do Cemitério Municipal, na ladeira da rua Trajano Reis, numa casa verde, a varanda de lambrequins dando para extenso jardim florido.

O Almanaque Comercial e Industrial do Paraná de 1914, edição em alemão e português, impressa em São Paulo, estampa anúncio de uma Floricultura Edelweiss, estabelecida à rua XV de Novembro nº 25, com chácara à rua Desembargador Mota nº 22. Ao oferecer graciosos arranjos para *bouquets*, salões, noites no teatro e bailes de gala, a floricultura afirma grande sortimento de palmeiras e plantas tropicais, sob responsabilidade de seu proprietário, Alexander



Winarski.

Esta efêmera memória dos floristas de Curitiba remete à La Violetera, a floricultura da família Krämer. Na avenida Luiz Xavier, funcionou a Floricultura Avenida, do seu “Táti” Frank, marido da pianista Renée Devrainne Frank (1902-1979), irmão da violoncelista Charlotte Frank (1903-1984), parceiras da violinista Bianca Bianchi no Trio Paranaense.

Em 1963, João Klass abriu a Flora Flor de Lys, talvez a floricultura mais requisitada do século XX e com maior tempo de atuação na cidade, já longos 53 anos de bons serviços. Os mestres floristas João Klass e Fortunato Sukadolnyk envolveram em bom gosto a maioria dos eventos da sociedade local. Esses floristas, o eslavo e o alemão, serviram às famílias curitubanas na alegria e na tristeza, no civismo e na piedade. Amortalharam entes queridos com as flores brancas, compuseram com arte os andores para as procissões, harmonizaram com bom gosto os centros de mesas de honra, em sessões solenes e formaturas, e espetacularizaram casamentos e festas de bodas, nos castelos, salões dos clubes e residências.

Imprescindível a alegria das flores nos triunfos católicos de Nossa Senhora da Luz dos Pinhais e São Francisco das Chagas, Festas da Catedral e da Igreja da Ordem. João e Fortunato ornamentaram cenários e altares das duas celebrações do Papa São João Paulo II em Curitiba, em julho de 1980. Assinaram também, profusão de lírios brancos, o andor de Nossa Senhora da Luz no desfile comemorativo dos 300 anos da cidade, que percorreu a avenida Marechal Deodoro na manhã de 29 de março de 1993.

A segunda imagem da Santa Padroeira, datada de 1721, veio escoltada por 300 piás curitubanos vestidos de coroinhas, batinas vermelhas, sobrepelizes de linho branco rendado, batendo campainhas para chamar a proteção dos Anjos sobre a cidade amada.

Lembro-me de termos enfrentado severos “conservadores” do patrimônio cultural que não queriam a imagem original na procissão. Ameaçaram: *Vai quebrar; é perigoso tirar da vitrine*. Não quebrou, e fico me perguntando: para que servem Imagens Sagradas, ícones da alma popular, senão para descerem dos altares, saírem de vitrines, serem reveladas aos fiéis que protegem? Um velho fado português, referindo a tradição das procissões, canta: *Não há nada mais bonito do que estes passeios de Nosso Senhor*. Os préstimos da identidade cultural e religiosa perdem-se na noite dos tempos, desde a Índia até a Itália e a Península Ibérica, chegando até nós.

Cidade simbolista, nossa Curitiba, na *Belle Époque*, chegou a ter, rivais entre si, um “Grêmio Bouquet” e um “Grêmio das Violetas” (1894), que congregavam moças da alta sociedade. Eram senhoritas do “Bouquet” as filhas dos frequentadores do Cassino Curitubano – na sua maioria partidários dos “pica-paus”, entusiasmados com a ascensão política do senador Vicente Machado.



Capa do livro “Violetas Poéticas”. Acervo Margarita Pericás Sansone.

Eram “Violetas” as herdeiras dos associados do Clube Curitubano – na sua maioria “maragatos”, enlutados com a perda do Barão do Serro Azul. Entre elas, a pianista e compositora Guilhermina da Cunha Lopes, moça que viria a ser mãe de outra famosa concertista curitubana, Hermínia Lopes Munhoz (a quem os alunos de Música chamavam de *dona Maninha*). Daguerreótipo da coleção Júlia Wanderley, acervado na Casa da Memória, revela festa do “Grêmio Bouquet”, no Passeio Público, na tarde de 9 de novembro de 1913.

A poetisa Carmem Carneiro, em 1935, foi presenteada por sua tia Leocádia com mimoso *Album de Poesias para Dias de Anos*, ou *Violetas Poéticas*. O livrinho, com vinhetas *art nouveau*, verde musgo, encadernado em couro pirogravado a ouro, foi editado pela Laemmert & C. Editores – Rio de Janeiro, São Paulo e Recife. Etiqueta colada na contracapa assegura que foi comprado na Livraria Ghignone, o maior empório de livros do Paraná, estabelecido na rua XV 409. O livreiro italiano atendia pedidos, então, pelo telefone 1094.

Minha amada Margarita, em maio de 1998, ganhou o gracioso livro como lembrança de sua professora de literatura, a poeta Carmem Carneiro. A dedicatória veio em cartãozinho com “violetas”. Nas famílias católicas, as violetas eram símbolo da caridade, seu perfume um dom para as mãos que faziam o bem. Nas famílias maçônicas, esse atributo ficava reservado às acácias.

Curitiba de clima temperado, outonos belíssimos, primaveras chuvosas, tem adoração por flores e



“Violetas Poéticas”, folha de rosto autografada pela poetisa Carmem Carneiro. Acervo Margarita Pericás Sansone.



Poeta Carmem Carneiro, Margarita e Rafael Greca no lançamento do livro “Poemas Escolhidos.” 1994.

jardins. Em 1972, os irmãos joalheiros Max e Manoel Rosenmann, na gestão do prefeito Jaime Lerner, doaram à Cidade o seu “Relógio das Flores”. Curitiba exultou.

Esse relógio tem oito metros de diâmetro, com ponteiros em fibra de vidro. Seu funcionamento é baseado na emissão vibrátil do cristal de quartzo, que oferece maior precisão, suscetível a um desarranjo máximo de 30 segundos por ano. O acionamento se dá pelo envio de impulsos eletrônicos de um relógio-comando instalado na torre da vizinha Igreja do Rosário.

O compositor curitibano Paulo Soledade, em 1961, fez sucesso entre nós, e no Brasil, com a sua canção – hoje imortal – “Estão voltando as flores”. Gravada por Dalva de Oliveira e Altamar Dutra, a canção, gravada com orvalho nas nossas almas úmidas, as gotículas brilhando à Luz dos Pinhais, empolga o *ethos* curitibano e paranaense:

*Vê, estão voltando as flores
Vê, nesta manhã tão linda
Vê, como é bonita a vida
Vê, há esperança ainda*

*Vê, as nuvens vão passando,
Vê o novo céu se abrindo,
Vê o sol iluminando
Por onde nós vamos indo...*

*Vê, estão voltando as flores
Vê, nesta manhã tão linda
Vê, como é bonita a vida
Vê, há esperança ainda*

*Vê, as nuvens vão passando
Vê, o novo céu se abrindo
Vê, o sol iluminando
Por onde nós vamos indo...*

Paulo Soledade – no registro de nascimento Paulo Gurgel Valente do Amaral – nasceu em 1919, na cidade marítima de Paranaguá. Morreu em 1999, no Rio de Janeiro. Interessou-se por música desde a infância, mas sua primeira atividade artística foi como ator. Em fins da década de 1930, trabalhou em um pequeno grupo, onde atuavam Gustavo Dória, Luísa Barreto Leite e Ziembinski, entre outros. Posteriormente, foi cadete da Força Aérea Brasileira. Fundou no Rio de Janeiro o “Clube dos Cafajestes”, grupo de boêmios que ficou famoso por volta dos anos 1940. Paulinho compôs o “Hino dos cafajestes”. Em 1942, viajou para os Estados Unidos, para realizar curso de piloto de caça. Regressou como tenente da Força Aérea norte-americana, ingressando posteriormente numa companhia aérea comercial como comandante de aviação. Voou por sete anos. Foi viver definitivamente no Rio. Em 1951, fez sucesso com o samba “Calúnia”, composto com Marino Pinto, na gravação pungente de Dalva de Oliveira. A mesma cantora, intérprete singular, gravaria o “Estão Voltando as Flores”, sucesso em Curitiba, onde o compositor estudou, e no Paraná, onde o compositor nasceu.



A SUBLIME MARCA DAS MÃOS



Alfaiataria Biscardi - *Almanaque do Paraná*, 1923.



Publicidade *Almanaque Alemão*, 1914. Chapeleria Vênus, de Estanislau Woisky.

Venho de uma Curitiba onde valiam os trabalhos manuais. Que é feito dos alfaiates, costureiras, bordadeiras, estilistas que vestiam esta cidade, alinhavando e costurando?

O *Almanaque do Paraná*, publicado em São Paulo por Capri & Olivero, em 1923, destaca a “Alfaiataria Biscardi”, à rua XV de Novembro nº 105, em Curitiba.

Os autores dizem que *Ernesto Biscardi, o mestre alfaiate, é um verdadeiro gênio de sua profissão, conhecedor perfeito dos segredos da moda. Asseguram, Biscardi sabe imprimir em suas criações o ideal de perfeição e da arte. Os ternos de paletó, fraques, casacas, as fantasias mais novas e raras, o sortimento mais rico e completo em casemiras inglesas, os desenhos caprichosos e originais, eis o conjunto que torna a Alfaiataria Biscardi a preferida pela elite paranaense e por quantos amam vestir com elegância e arte. As confecções ali manufaturadas parecem feitas por mãos de fadas misteriosas, tal a arte e presteza com que se executam. São figurinos irreprensíveis que rivalizam com os similares das melhores casas de Paris, Londres e Rio de Janeiro.*

Isso se aplica aos profissionais de estilo, que fizeram história em Curitiba com a marca de suas mãos: no corte, na criação, no alinhavo, na costura, no bordado. Clientes das “Linhas Corrente”, consumidores das “Fitas Wenski”, fregueses dos armarinhos – Casa Orion, Casa Gommel, Casa Roskamp.

Eleuther dos Guimarães Viana, requintado mestre estilista, orgulhoso descendente do Visconde de Nacar, trabalhou anos em parceria com o meticuloso bordador Irineu, a quem se atribuíam milagres nas agulhas, retroses e linhas; dona Carmem Fregonese, modista italiana que escolheu o Brasil para viver; a também *oriundi* dona Mira Quadri; dona Maria e seu filho, Ney Azambuja e Souza, premiadíssimos estilistas de carnaval, atravessaram o século 20 vestindo a folia em Curitiba e no Rio; dona Victória Garcia, espanhola, de notável firmeza no corte, formada em Madri, viveu seu tempo entre costuras. Boa lembrança, também, por hábeis no ofício de coser, das irmãs Esmeralda, Esperança e Nevada Darif Schott, que viviam com o único irmão, Bentivoglio.

Mais recentemente, a criativa Maria do Rosário Amaral, senhora Odin Ferreira do Amaral, de tradicional família curitibana; dona Mary Buschle e sua filha Celinha; e dona Maria Alzira Martinez, mestra na confecção de refinadas almofadas, acolchoados, colchas e cortinados artísticos, alguns de dimensões teatrais e palacianas.

E mais Silvestre Cargnin, que fez meu terno de formatura, o tecido inglês comprado por tia Chiquita na loja do napolitano Ermenegildo Ignelzi, o famoso “Mundo das Casemiras” da rua Ermelino de Leão.

Por lá também sempre passavam clientes à procura de casemiras e *tweeds* para levar ao alfaiate Fabri, ao alfaiate Sachelli, ao ateliê do Jerônimo Thadeu, do uruguaio Marquito, do português Humberto, do árabe Zaruch (estabelecido na praça Osório), ou do espanhol Manoel Terrón, todos eles lendários na costura curitibana. Isso enquanto paletós, ternos,



“Não sou mestre da costura, porque não sei costurar, nem pregar um botão, diz” Eleuther de Alencar dos Guimarães Vianna.

bléizeres, smokings, casacas e fraques feitos sob medida ainda eram bom negócio, inclusive na prestigiada Alfaiataria Jockey. Tudo isso bem antes do pragmatismo nada glamuroso que criou o florescente mercado de roupas para alugar.

Varreu-se-me da memória o sobrenome alemão de Frau Erika, a artesã da oficina de *plissés-soleil* estabelecida em duas portas, numa sala de pé-direito alto, no antigo prédio da Padaria Austríaca, esquina da Mateus Leme com a Inácio Lustosa. Gostava de ir vê-la deformar a natureza dos tecidos, frisando-os em pregas sucessivas, num ritual de muito vapor d’água.

Entre as mestras do bordado em Curitiba, com ajuda das duas Margaritas (a mãe e a filha) e de Rosarinho Amaral, recordo as Sorelle Mattana, Margot Palmiquist, Ivone Miró, Lêda Guimarães, as Irmãs Casagrande e Madame Fourier.

Para os enxovais das noivas e daqueles que estavam por nascer, eram requisitadas as mãos pacientes e habilidosas das Irmãs Oblatas e das Monjas Carmelitas. Imbatíveis os bordados e crivos das bordadeiras portuguesas estabelecidas no Portão, perto da Vila Leão, tias do cronista José Carlos Fernandes. Entre as chapeleiras, as irmãs Marina e Elvira Laffite, *Mademoiselle Haydée*, *Madame Ladolar* e *Frau Carlotta*.

Outros nomes me vêm à mente, incompletos: dona Úria e dona Júlia, ambas espanholas; *Fraulein Margareth*, alemã com ateliê na rua Inácio Lustosa; dona Zezita Muggiatti; o ateliê Fada de moda infanto-juvenil; os camiseiros Fausto e Aurélia, nordestinos, habilíssimos na tesoura, nas agulhas e linhas – ela confeccionava camisas em casa; ele era o camiseiro exclusivo da Casa Coelho.

Notável esse endereço da elegância masculina em Curitiba, instalada desde 1957 na rua Senador Alencar Guimarães, como se loja britânica fôsse, as vitrines brilhando emolduradas de metal dourado e *boiseries* sob a marquise do edifício Santa Júlia. Diz a lenda que o presidente JK, de passagem por Curitiba, ali adquiriu gravata e lenço de lapela.

O dono daquela loja era ele mesmo um símbolo e árbitro de elegância, “Seu Coelho”, Carlos da Costa



“Sou modelista, desenho e corto o tecido. Pelo Método Retangular Austríaco. A roupa é feita por costureiras, bordadeiras e floristas”, conclui Eleuther.

Coelho (1923-2014). Tão *chic* que seu retrato pelo fotógrafo Henry Milleo foi premiado em Buenos Aires, num concurso internacional de *portraits*, o “Nuestra Mirada”. A foto premiada foi chamada “O Último Cavaleiro de Curitiba”.

Boas lembranças da bonequeira dona Alice Piekarz, que mantinha mágico *atelier* de costura no primeiro andar do sobrado de sua família, que, depois de sua morte,

transformaríamos em Casa da Memória, anexo da Casa Romário Martins. Que é feito da consertadora de bonecas que tinha seu gabinete de restauro no sobrado neoclássico onde a rua Duque de Caxias encontra a Carlos Cavalcanti?

Aprendi a ler no quarto de costura do torreão da casa das tias, na rua Almirante Barroso. Na Escolinha Tia Paula, ainda no pré-primário, a bondosa professora Marlene Brenner providenciou meu letramento em caprichosos cadernos de caligrafia, e em fichas de cartolina, onde bordávamos pacientemente, cobrindo com fio colorido, cada uma das vogais, os grupos de consoantes, numa hierarquia definida por pedagogos. O fio da vida, conduzido com capricho, precisa de boas agulhas.

Dos textos da nossa literatura, vem-me à memória o apreciado “Um Apólogo”, de Machado de Assis. Por oportuno, sugiro.

Era uma vez uma agulha, que disse a um novelo de linha:

– *Por que está você com esse ar; toda cheia de si, toda enrolada, para fingir que vale alguma cousa neste mundo?*

– *Deixe-me, senhora.*

– *Que a deixe? Que a deixe, por quê? Porque lhe digo que está com um ar insuportável? Repito que sim, e falarei sempre que me der na cabeça.*





Matilde e Marta, bordadeiras portuguesas



Solar da Padaria Austríaca, onde funcionava a oficina de *plissé solei*. Casa já demolida, esquina da Mateus Leme com Inácio Lustoza.



Caixeiras e bordadeiras da Casa Roskamp, na rua XV, em 1951. Ali eram feitas bandeiras, faixas, flâmulas, distintivos.

– *Que cabeça, senhora? A senhora não é alfinete, é agulha. Agulha não tem cabeça. Que lhe importa o meu ar? Cada qual tem o ar que Deus lhe deu. Importe-se com a sua vida e deixe a dos outros.*

– *Mas você é orgulhosa.*

– *Decerto que sou.*

– *Mas por quê?*

– *É boa! Porque coso. Então os vestidos e enfeites de nossa ama, quem é que os cose, senão eu?*

– *Você? Esta agora é melhor. Você é que os cose?*

Você ignora que quem os cose sou eu e muito eu?

– *Você fura o pano, nada mais; eu é que coso, prendo um pedaço ao outro, dou feição aos babados...*

– *Sim, mas que vale isso? Eu é que furo o pano, vou adiante, puxando por você, que vem atrás, obedecendo ao que eu faço e mando...*

– *Também os batedores vão adiante do imperador.*

– *Você é imperador?*

– *Não digo isso. Mas a verdade é que você faz um papel subalterno, indo adiante; vai só mostrando o caminho, vai fazendo o trabalho obscuro e ínfimo. Eu é que prendo, ligo, ajunto...*

Estavam nisto, quando a costureira chegou à casa da baronesa. Não sei se disse que isto se passava em casa de uma baronesa, que tinha a modista ao pé de si, para não andar atrás dela. Chegou a costureira, pegou do pano, pegou da agulha, pegou da linha, enfiou a linha na agulha, e entrou a coser. Uma e outra iam andando orgulhosas, pelo pano adiante, que era a melhor das sedas, entre os dedos da costureira, ágeis como os galgos de Diana – para dar a isto uma cor poética. E dizia a agulha:

– *Então, senhora linha, ainda teima no que dizia há pouco? Não repara que esta distinta costureira só se importa comigo; eu é que vou aqui entre os dedos dela, unidinha a eles, furando abaixo e acima...*

A linha não respondia; ia andando. Buraco aberto

pela agulha era logo enchido por ela, silenciosa e ativa, como quem sabe o que faz, e não está para ouvir palavras loucas. A agulha, vendo que ela não lhe dava resposta, calou-se também, e foi andando. E era tudo silêncio na saleta de costura; não se ouvia mais que o plic-plic-plic-plic da agulha no pano. Caindo o sol, a costureira dobrou a costura, para o dia seguinte. Continuou ainda nessa e no outro, até que no quarto acabou a obra, e ficou esperando o baile.

Veio a noite do baile, e a baronesa vestiu-se. A costureira, que a ajudou a vestir-se, levava a agulha espetada no corpinho, para dar algum ponto necessário. E enquanto compunha o vestido da bela dama, e puxava de um lado ou outro, arregaçava daqui ou dali, alisando, abotoando, acolchetando, a linha, para mofar da agulha, perguntou-lhe:

– *Ora, agora, diga-me, quem é que vai ao baile, no corpo da baronesa, fazendo parte do vestido e da elegância? Quem é que vai dançar com ministros e diplomatas, enquanto você volta para a caixinha da costureira, antes de ir para o balaio das mucamas? Vamos, diga lá.*

Parece que a agulha não disse nada; mas um alfinete, de cabeça grande e não menor experiência, murmurou à pobre agulha:

– *Anda, aprende, tola. Cansas-te em abrir caminho para ela e ela é que vai gozar da vida, enquanto aí ficas na caixinha de costura. Faze como eu, que não abro caminho para ninguém. Onde me espetam, fico.*

Contei esta história a um professor de melancolia, que me disse, abanando a cabeça:

– *Também eu tenho servido de agulha a muita linha ordinária!*

MOVIMENTO PARANISTA & CENTENÁRIO DO PARANÁ



Domingos Nascimento (1862-1915).



Alfredo Romário Martins (1874-1948).



Vladimir Kozák (1897-1973) com índio Xetá. Foto Groff.



Gralha Azul. Foto Nani Góis.

O termo “*paranista*” foi usado por Domingos Nascimento para qualificar quem é *natural do Estado do Paraná, esforçado pelo seu progresso, prestígio e integridade*. O poeta, nascido no sertão de Guaraqueçaba, em 1903 tinha escrito arrebatada letra para o “Hino do Paraná” sobre bela música de Bento Mossurunga. Pouco depois, numa viagem ao norte do Estado, notou que ninguém chamava “paranaense” ao “natural do estado do Paraná”. Usavam a palavra *paranista*, pelo simples motivo de fazerem espontâneo trocadilho com o termo *paulista*, uma vez que era “paulista” a maioria dos pioneiros daquelas terras de hálito quente, onde começavam a florescer os cafezais.

Domingos, ao voltar a Curitiba, em 1906, mencionou o fato ao diretor do Museu Paranaense, historiador Alfredo Romário Martins (1874-1948), que narrou o episódio em longo depoimento publicado pela *Revista Divulgação* no ano de 1948. Romário Martins conta que, entusiasmado com o termo, logo apropriou-o ao seu sonho de criar sólida identidade cultural para nossa terra, emancipada de São Paulo há pouco mais de 50 anos. O Paranismo é, portanto, uma reação ética e estética ao apequena-mento da nossa terra diante de São Paulo e de outras regiões do Brasil e do mundo.

Para perpétua memória da gratidão devida à Alfredo Romário Martins, o prefeito Jaime Lerner reciclou em uso a última casa portuguesa de alvenaria de pedra, cimalha em eira e beira, telhado com goivas em capa e canal, existente no Largo da Ordem. Desapropriou o “Armazém Roque”, de Thomaz Kubis, pedindo ao arquiteto Ciro Correia Lyra





Capa da revista *Ilustração Paranaense*, editada por Groff, com desenho de João Turin.

que reciclasse o imóvel em centro cultural. Ali, sob a orientação de dona Maria Maeder Gonçalves, Key Imaguire e Lídia Bindo Dely, comecei muito jovem a me interessar pela história e estórias de Curitiba. Fui coordenador da Casa Romário Martins, que ampliei em Casa da Memória, construindo como prefeito a atual sede.

No *Manifesto do Movimento Paranista*, publicado em Curitiba a 27 de janeiro de 1928, Romário Martins escreveu que o neologismo não contempla apenas o nascido no Paraná, mas todo aquele que tenha pelo Paraná uma afeição sincera.

Empolgaram-se com o Movimento Paranista algumas das melhores cabeças pensantes da Curitiba da época. Zaco Paraná, João Turin e Lange de Morretes, brilhantes artistas, já referidos, estavam entre eles. Passaram a se dedicar à criação de uma semiótica baseada em pinhas e pinhões, refletida nas calçadas, na arquitetura, nas frisas de bronze, nos monumentos, na moda, na arte do seu tempo.

Tudo foi documentado e emulado pela revista *Ilustração Paranaense*, de João Baptista Groff, que chegou a publicar capa onde o “Homem Paranista” rivalizava com o “Homem Vitruviano”, tão apreciado por Leonardo da Vinci, medida de todas as coisas. Essa revista, editada a partir de 1927, conta com a colaboração na área de design gráfico e ilustrações de Turin e Lange de Morretes, Arthur Nisio, Hermann Schiefelbein e do grande Alfredo Andersen. Seus textos são do próprio Groff, de Rodrigo Júnior, Tasso da Silveira, Emiliano Pernetta e Romário Martins.

João Turin contou a Romário que, quando na França lhe perguntavam “de onde você é?”, ele desenhava um pinheiro, o Marumbi, uma onça. Também



Bronze de João Turin. Réplica do “Homem Vitruviano”, homem como medida de todas as coisas.

questionavam o que estava fazendo perdido do lado de lá do mundo. Apesar de ter estudado em Bruxelas e vivido em Paris, num processo educacional impregnado de arte europeia, João Turin jamais deixou de perceber a força mágica que brotava de suas raízes, de seu amor pela natureza do Paraná e do Brasil.

Certamente intuiu a importância dos movimentos nacionalistas que sacudiram a arte brasileira, pós-Semana de Arte Moderna de 1922. No entanto, não aderiu à deformação das coisas, à síntese voluntariosa de um “Abaporu”, permanecendo, ao contrário de Tarsila do Amaral, fiel ao cânon de proporções clássicas. No máximo, dá linhas *art déco* às suas obras.

Em 1923, na primeira materialização plástica do ideal paranista, João Turin executou o baixo-relevo do túmulo do doutor André de Barros, o benemérito farmacêutico da Santa Casa. O imponente jazigo, no Cemitério Municipal São Francisco de Paula, em Curitiba, foi a primeira obra do artista após longa estada na Europa.

Com a nossa natureza, Turin ousou tudo: capitéis paranistas (que trocaram as folhas de acanto, as ramos de louro e os frutos coríntios por pinhas, pinhões e ramos verdes de araucária); frisas, dintéis, floreiras e cântaros, para decoração interna e externa; onças ao “Luar do Sertão”, em várias escalas; uma infinidade de índios em baixo-relevo, guairacás e caciques.

Turin fez mais: criou esboços de figurinos femininos, seda estampada para vestidos barrados com ramos, pinhas e pinhões, em discreta geometrização *art déco*, e uma casa para o doutor Bernardo Leining, decorada com os elementos nativos da terra do Paraná, situada na rua José Loureiro nº 245, infelizmente demolida na década de 1970. *Paranista* também a



Pinha. Foto Nani Góis.

fachada da sua residência, cortejo tribal, bela índia nua em pelo, levando em triunfo uma harpia, relevo que inquietava a vizinhança. Turin nele evocava a mitologia indígena, na qual é a águia – harpia – quem transporta os *xamãs* nos seus voos mágicos através do espaço.

Em 1940, Romário Martins lançou seu livro *Paiquerê*, convidando para ilustrar o mito alguns dos artistas então atuantes em Curitiba. Turin lidera o grupo, integrado também por Inocência Falce, João Woisky, De Bona, Guido Viaro, Hélio Barros, Orlando Freitas, Raimundo Jaskulski e Oswald Lopes. *Paiquerê* é a estória de uma felicidade que estava em toda parte, e também em parte alguma, por que jamais se revelava aos egoístas.

Essa devoção à cultura indígena, raiz da Humanidade e da Brasilidade, seria consagrada em Curitiba pela atividade antropológica do tcheco Vladimír Kozák (1897-1973), engenheiro mecânico graduado na Áustria, cineasta apaixonado, que se fixou em Curitiba a partir de 1938. O fotógrafo e artista plástico resgatou a memória de grupos indígenas no Paraná e no Brasil central. Conviveu, na Serra dos Dourados, no interior do Paraná, com os índios *Xetá*, de cuja sociedade, extinta, restam apenas oito indivíduos. Seu acervo é guardado no Museu Paranaense, reportado em boletim de 1981 do Instituto Histórico, Geográfico e Etnográfico do Paraná. Em 1988, o cineasta Fernando Severo ganhou o “Kikito” do XVI Festival de Cinema de Gramado com o curta metragem “O Mundo Perdido de Kozák”.



Lange de Morretes.

Esse Fernando Severo foi piá aprendiz na Cinemateca de Curitiba ao tempo de Valêncio Xavier. Hoje dirige o nosso Museu da Imagem e do Som. A sucessão cultural nasce também do aprendizado.

Dentro dessa ideia de compartilhar convicções, Lange de Morretes ousou ainda mais. Propôs em diabásio negro, basalto vermelho e mármore branco, eternizar o Paranismo nas belíssimas calçadas criadas para a Cidade de Curitiba, aproveitando a habilidade dos mestres portugueses em *petit-pavê* que haviam chegado à cidade. É o próprio Lange de Morretes quem, em primeira pessoa, no seu livro ainda inédito *Uma Árvore Bem Brasileira*, escrito em 1944, fala de sua paixão pela natureza paranista: *O velho atelier da rua Marechal Deodoro que fôra do fotógrafo Volk, depois do pintor Alfredo Andersen, mais tarde do pintor João Ghelfi, era ponto central das reuniões dos intelectuais da cidade e dos que a visitavam.*

Lá, certa vez em vida íntima, três artistas discutiam arte: Ghelfi, Turin e eu. Discutíamos sobre o pinheiro, suas qualidades, dificuldades e nas novas possibilidades para o campo da arte. Ghelfi, sonhador e entusiasta, tomou um pedaço de carvão e na parede de seu atelier traçou, no tronco do pinheiro, um fragmento de fuste, sobre o qual compôs um grupo de pinhas como capitel.

Turin e eu ficamos com uma semente no peito a geminar: O semeador Ghelfi contentou-se com a semente dura. Turin matutou muito, eu não menos. No começo, nossos trabalhos tinham sido empíricos. Turin, como escultor, dedicou-se à fatura de capitéis. Eu, pintor e desenhista, conhecedor das artes gráficas, encaminhei-me para o problema pelo lado ilustrativo. Meu âmbito





Rosácea de pinhões de Lange de Morretes para as calçadas de Curitiba.

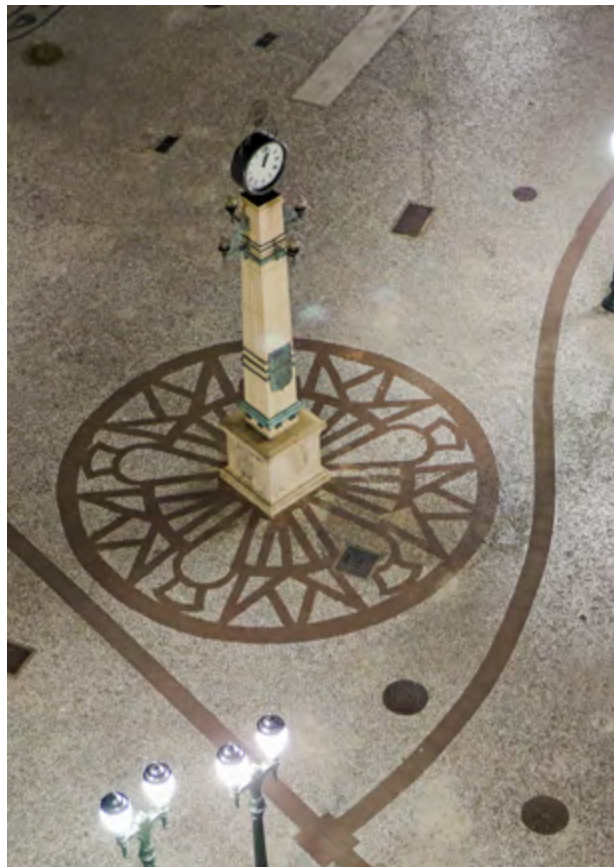
de atividade era duplo: a escola e a floresta. Na escola normal secundária lecionei desenho, metodologia de seu ensino e história da arte, sempre encarando de perto os nossos problemas e propagando o seu desenvolvimento.

Meu atelier fazia parte de minha casa, situada à rua Coronel Dulcídio, de dimensões avantajadas: media 9 por 11. Podia abrigar muitos alunos na minha Escola de Pintura, que nele mantinha, e que me dava possibilidade de arrojarmos a telas de grandes proporções. Jovens brasileiros, de todas as origens lá se encontravam para receber ensinamentos. Nenhuma pessoa que tivesse talento e procurasse ensinamentos batia em vão na porta do meu estúdio.

No mato, do qual poucas vezes me afastei para trabalhar à beira mar ou na minha querida Morretes, dediquei-me quase que exclusivamente aos pinheiros. Desde a minha volta da Europa estudei com afinco o problema da Luz.

Aqui brilha, na mente de Lange de Morretes, a Luz dos Pinhais. No mesmo texto, o mestre continua:

O Brasil é um país cheio de luz e de encantos infinitos, quase todos virgens para o artista. A todo passo, o artista enfrenta novos problemas a resolver. O pinheiro era um dos que, ao lado da luz, mais me impressionaram. Árvore de crescimento simétrico, requeria o auxílio da ciência para sua representação. E o que mais difícil se mostrava era casar a parte científica com o problema da luz, emprestando a tudo a maior naturalidade possível. Até então, o pinheiro havia sido pintado de modo empírico, dependendo a sua perfeição da argúcia do seu pintor. Viajei em busca de novos métodos. Averigüei os estragos feitos em nossas florestas. Fiz propaganda pelo replantio onde passei, mas levei profunda mágoa sentida pela devastação que em pou-



Rosácea de pinhões de basalto vermelho na praça General Osório, comemorativa dos 300 anos de Curitiba, começo da Linha Pinhão. Foto Daniel Castellano.

co tempo transformará em ruínas estas cidades verdes dos pinheirais, fazendo desaparecer as Araucárias.

Centenas de pinhões foram estudados em suas proporções até que uma noite se foi dado fixá-los numa forma geométrica, saindo assim do empirismo que até então se encontrava a nossa ornamentação paranista. Finalmente tinha conseguido o que, ao meu ver, era de utilidade imediata [...] Fazia-se coisa que era nossa com mais caráter que importada e, sobretudo original e individual. No atelier eram feitas “chapas e moldes” para decorações em paredes, em relevos apliquei a ornamentação.

E o texto de Lange de Morretes termina generoso, semeador de Luz que ele era:

A fórmula está aí aplicada nos desenhos que apresento, e ficará para quem dela quiser fazer uso, nunca podendo ser patenteada, pois pertence ao domínio público curitibano e paranaense, para servir especialmente a pequenos profissionais.

Milton Carneiro escreveu, incitando a mocidade curitibana a largar as muletas gregas, buscando autenticidade no estilo e na arte paranista. Turin deu uma entrevista, em 19 de agosto de 1926, exortando nossos artistas no mesmo sentido.

Apropriamos as rosáceas de pinhões de Lange de Morretes quando editei a Coleção



João Turin e Zaco Paraná, 1906.



José Peón (1889-1969).

Didática “Lições Curitibanas”, livros de primeira a quarta série do curso fundamental, destinados aos alunos da rede pública de ensino de Curitiba. As capas de cada um dos quatro anos letivos repetiram a semiótica das nossas calçadas, sob o testemunho de piás de diversas etnias. Esses livros tinham o objetivo de ensinar *a ler; escrever; contar e amar a cidade e a natureza da nossa terra.*

É paranista também a música da ópera “Marumby”, encenada a 19 de dezembro de 1928, obra de Benedito Nicolau dos Santos, referida em capítulo próprio deste livro.

Seu filho, Benedito Nicolau dos Santos Filho, o Ditinho, também perpetua tradições indígenas e o imaginário popular local nos livros *Lendas e Tradições do Paraná*, publicado em 1972, e *Mitos e Heróis do Folclore Paranaense*, publicado em 1979, ambos pela Editora da Universidade Federal do Paraná.

No âmbito da Educação, foram mestres paranistas, no Gymnásio Paranaense e na Escola Normal do Instituto de Educação do Paraná, os professores Raul Gomes, Oswald Lopes, América da Costa Saboia (autora do comovente texto *Curitiba de Minha Saudade*) e o filósofo Osvaldo Pilotto – este, notável expressão da Pedagogia da Escola Nova.

O paranismo também se refletiu na Numismática. A primeira medalha do Paraná foi gravada pelo mestre italiano Pedro Mário Setragni, no dizer de Adalce Araújo. Mas o grande mestre da Numismática é o argentino José Peón (1889-1969). De 1914 até 1969, mestre Peón documentou em bronze a vida paranaense. Democrática, distribuída e compartilhada entre dezenas de colecionadores, *a medalha é a canção popular da escultura*, como escreveu Lichtwark. Peón era comunista, mas cultivava inúmeros amigos na

burguesia curitibana. Sua opção política também não impediu que cunhasse todas as medalhas alusivas aos bispos e arcebispos de Curitiba. O Museu de Arte Sacra guarda expressivo número delas, inclusive dos dois congressos eucarísticos de 1953 e de 1960.

A fama de Peón ultrapassou o Paraná. Cunhou a medalha comemorativa da inauguração do estádio do Pacaembu, orgulho da pauliceia. No catálogo “Medalhas do Paraná”, publicado em 1959 pelo Museu Paranaense, trabalho organizado por Ernesto Lange e Júlio Moreira, a presença de Peón é dominante. Ao final da vida, foi acometido de catarata e impedido de trabalhar. Teria morrido de fome, passando grave necessidade na sua pobreza envergonhada, não fosse a humanitária intervenção de Júlio Moreira e Erbo Stenzel, que organizaram um abaixo-assinado, pedindo à Prefeitura de Curitiba que não desamparasse aquele que, por 55 anos, havia escrito em medalhas e placas a história do Paraná.

O mesmo movimento, e a mesma estética Paranista, inspiraram o governador Bento Munhoz da Rocha Netto nas comemorações dos 100 anos da criação política do Paraná. Na praça 19 de Dezembro, um obelisco colossal lança sua sombra sobre um “Homem Nu”, Guairacá moderno, olhando para o Oeste, espécie de convite para os paranaenses seguirem a luz do sol, em direção ao grande rio que dá nome ao Estado, o rio das Sete Quedas de Guaira, o nosso rio Paraná.

Junto da escultura, um biombo de pedra, esculpido por Umberto Cozzo e Erbo Stenzel, narra os ciclos econômicos do estado: ouro, tropas, mate, madeira, café, industrialização. No verso, em preciosos azulejos brancos e azuis, Poty Lazzarotto narra a ocupação do nosso território: índios, canoas, entradas e bandeiras, missões jesuíticas, caminho das tropas, fundação de cidades, chegada de imigrantes, Zacarias de Góes e Vasconcellos tomando posse de Curitiba elevada a capital.





Moeda paranista comemorativa da Madeireira João Bettega. José Peón.

Naquele ano, a convite do Bento, viajaram pelo Paraná, os cronistas Rubem Braga e Arnaldo Pedroso d’Horta. Testemunharam a pujança que brotava da terra vermelha, acima do trópico, onde plantávamos café e colhíamos cidades. Essa energia, ainda que nova, com ares de pujança paulistana, também era “paranista”. Nela fundou-se a unificação do Estado do Paraná e a consolidação de Curitiba como capital.

Cronista com sintonia fina, Rubem Braga fala da prosperidade do café, observando o que calçavam os “pés vermelhos”. O texto é primoroso: *A palavra “Paraná” está tão ligada à ideia de “pinho” que alguns leitores de outros estados já me perguntaram porque, nestas minhas notas de uma viagem apressada, ainda não fiz nenhuma referência aos pinheirais. É preciso explicar que o Norte do Paraná é uma zona de matas tropicais e subtropicais; a madeira que vemos constantemente em grandes toras junto às serrarias é a peroba.*

Se a mata, especialmente à beira dos rios, lembra qualquer outra de São Paulo, Minas ou Espírito Santo, o homem da roça não é mais aquele típico sujeito de chapéu de palha e pé no chão. O “arigó”, logo depois de chegado, eleva seu padrão de vida, compra chapéu de feltro e bota de couro, e depois de duas safras se dá ao luxo de bota-sanfona.

Nem todos enriquecem; a opulência dos novos ricos tem sempre o contraste da riqueza dos derrotados. Calçado, porém, e mais bem vestido, ele já não mora mais em choça de barro, mas em casa de madeira, se ganha mais e gasta mais, pois a vida é cara; a verdade é que vive melhor, e com mais higiene.

O cronista Arnaldo Pedroso D’Horta debruça-se



Página da revista *Ilustração Paranaense*, João Turin desenha frisas e capitéis paranistas com pinhas e pinhões. 1928.

sobre Curitiba, desde a janela do avião. Descreve as obras do Centro Cívico: *Curitiba prepara-se para comemorar, em 1953, o 1º centenário de elevação do Paraná a Província, e entre muitas iniciativas programadas destaca-se a construção do Centro Cívico, conjunto de edifícios monumentais incluindo Palácio do Governo, Palácio da Justiça, Palácio da Assembleia Legislativa, Palácio das Secretarias de Estado, edifício das Pagadorias, monumento comemorativo do Centenário, Praça Monumental e Parque, abrangendo área de 110.000 m² e cujo custo está orçado em 300 milhões de cruzeiros. Além desses, deverão ser ainda construídos um grande e moderno teatro público, a Biblioteca Pública, de proporções maiores que a municipal de São Paulo, e outros.*

Por toda parte de Curitiba, veem-se construções novas, altos edifícios de escritórios e apartamentos. A cidade tem também um amplo e bem instalado hotel [Iguaçu], que nada fica a dever aos melhores de outras cidades, embora entregue a uma administração que faz desorientar os hóspedes.

A Universidade de Curitiba [sic] organiza-se dentro do espírito da maior seriedade, e a assistência de competentes professores estrangeiros deverá dar-lhe com o tempo uma posição central na formação de sólida elite intelectual.

Não podemos, evidentemente, numa passagem tão rápida, dar um balanço da cidade. Mas o visitante que a tenha conhecido a 5 ou 6 anos atrás depara com um conjunto urbano de aspecto sensivelmente diferente, e



Casa Dr. Bernard Leinig. Projeto de João Turin.

em plena fase de crescimento. O comércio expande-se para fora da tradicional rua XV e bairros residenciais novos e belos formam-se na periferia.

Rubem Braga (1913-1990) também dá sua opinião sobre nossa capital em 1952: *Esta povoação de Nossa Senhora da Luz dos Pinhais, hoje Curitiba, continua crescendo em força e beleza e se espraiando em seu planalto de 900 metros de altitude, onde fez, no último inverno, 5 graus abaixo de zero. Edifícios claros e novos, de cimento, vão se erguendo por toda parte; não é difícil imaginar que o ritmo desse crescimento será ainda mais acelerado, quando Curitiba sofrer com mais intensidade o reflexo do desenvolvimento do Norte do Estado. A princípio este Norte foi apenas um apêndice econômico de São Paulo, um prolongamento além do Paranapanema da batalha de conquista das terras roxas. Com a ampliação do porto de Paranaguá, a construção do de Antonina e o asfaltamento das estradas para o norte, Curitiba voltará a ser capital de todo o Paraná, e de um Paraná mais forte que começa a tomar; aos nossos olhos, o que chamarei de dimensões paulistas.*

Há nesta cidade um senso de conforto europeu passado a limpo. Para quem vem do Rio, a impressão é de que a cidade não tem problemas. Certamente os



Sobrado paranista na rua XV.



Casa Dr. Bernard Leinig.

tem, mas não com aquele aspecto desagradável e quase angustiante do Rio; é como se aqui o progresso urbano tivesse trazido seus benefícios e confortos sem destruir o que havia de bom e generoso na vida de uma cidade menor. Os lavradores dos arredores continuam a trazer suas carroças “polacas” na porta da casa das famílias e os estudantes e professores continuam a achar o ambiente bom e tranquilo para fazer desta cidade um centro universitário cujo prestígio cresce sem cessar.

Em 1989, na primeira campanha presidencial pela redemocratização, então deputado do PDT, recebi na chácara São Rafael das Laranjeiras o deputado federal pernambucano, quase ministro da Justiça escolhido por Tancredo Neves, Fernando Lira, candidato a vice-presidente na chapa de Leonel Brizola. Ao discorrer sobre nossa ida a Londrina, no dia seguinte, Lira me disse: *O Paraná ainda não existe por completo. Não foi fundado enquanto civilização. Só o que existe é Curitiba. Vocês têm, na sua geração, esta tarefa: criar a identidade do Paraná.* Via-se que não tinha lido Romário Martins e pouco sabia das impressões de Rubem Braga. Mas o fato é que a maioria da população também não os leu. Insistir no *Paranismo* nunca é demais.

Ideais paranistas também me inspiraram, então prefeito de Curitiba, em 1993, na ocasião da comemoração dos 300 anos da cidade. Fruto dessa mentalidade é o Memorial de Curitiba, prédio em forma de araucária, com afrescos evocativos dos fundadores do Brasil e de Curitiba – do pintor curitibano Sérgio Ferro, dentre todos os nossos artistas o de maior *sprezzatura*. Ali, um rio de pinhas e pinhões refere que toda Cultura deve ser acessível apenas a quem é capaz de contemplar o chão nativo e as suas raízes, e de atravessar o rio da sensibilidade. Esse o tema do próximo capítulo.





LUZ DOS PINHAIS: 300 ANOS DE CURITIBA



Afresco evoca os homens verdes dos engenhos, tintos de pó de erva mate.

(página oposta) Largo Cel. Enéas, vulgo Largo da Ordem.



Afresco evoca os pés vermelhos pioneiros das cidades do café que vieram morar em Curitiba após a geada negra de 1975.

O Memorial de Curitiba, edifício herdeiro do *Paço Municipal*, do *Templo das Musas*, da *Casa Estrela*, do *Palácio da Luz*, é o ápice de um outro movimento de criatividade curitibana, surgido a partir do Teatro Paiol, com a criação da Fundação Cultural de Curitiba, entidade motivadora de intensa política de animação e memória urbana.

Suas diversas unidades – da Casa Romário Martins, no Largo da Ordem, ao Museu Metropolitan de Arte (MuMA), no bairro do Portão; do Conservatório de MPB, no centro histórico, à Opera de Arame, no Pilarzinho; da Fonte “As Mocinhas da Cidade”, na rua Cabral, ao “Farol das Cidades” (o primeiro local público do Brasil a ter internet acessível aos visitantes), no portal da Pedreira Paulo Leminski – todas essas construções são símbolo do bem infinito que desejamos para nossa cidade.

De todos os nossos equipamentos culturais, não posso esconder minha predileção pela rede de bibliotecas públicas de bairro, as primeiras *lan houses* públicas do Brasil, que criei a partir de 1993, espalhadas entre os 75 bairros de Curitiba: Os Faróis do Saber.

Símbolo de uma cidade que sonha com a igualdade de oportunidades para todos seus habitantes. Pequenas edificações de dois andares, cada qual com 45 m², os “Faróis do Saber” são bibliotecas com 5 mil livros, 20 computadores, módulos de difusão do conhecimento e da cidadania e, ao mesmo tempo, módulos de vigilância da Guarda Municipal urbana. Colocados na porta das escolas públicas, ou em praças, simbolizam o anseio por uma cidade onde não haja *escuridão*, *este silêncio da Luz*, no dizer do poeta Dante Alighieri.

Não foram construídos isoladamente. Vieram acompanhados da reedição de todos os livros importantes para a reconstrução da trajetória de Curitiba em sua história longa, já de 300 anos bem vividos. A *Coleção Farol do Saber* contemplou, em seus 32 títulos raros, do relato da viagem de Dom Álvaro Núñez Cabeza de Vaca (o descobridor das Cataratas, em 1545) às impressões de Nestor Vitor sobre o Paraná em *Terra do Futuro*; do relato de Saint-Hilaire em sua *Viagem à Comarca de Curitiba e Paranaguá* às impressões sobre a gente nova do Paraná, nos *Ensaio*s de Bento Munhoz da Rocha Netto.

Uma “Linha Pinhão”, em basalto vermelho, a pedra das barrancas do rio Paraná, foi traçada entre a Praça Osório e a Universidade, contemplando a rua XV, o Paço Municipal, a Catedral, o Largo da Ordem, o Memorial da Cidade, o Solar do Rosário, a Fonte da Memória, a Igreja do Rosário, o Palácio Garibaldi, até as Ruínas de São Francisco, o Belvedere de 1912, o Museu Paranaense. Nos quatro anos da minha gestão – de manhã e de tarde –, turmas de crianças, alunos das escolas públicas, andaram nessa linha, recebendo lições de cidadania e devoção necessárias à defesa da cidade.





Memorial de Curitiba, vista aérea.

O teatrólogo Octávio Duarte me mostrou um livro, editado na Califórnia, em que a artista plástica performática Yoko Ono, a mulher do John Lennon, líder dos Beatles, elogiava a nossa “Linha Pinhão” como projeto de semiótica voltado à identidade cultural.

Gosto de referir a invencibilidade de Esparta, a cidade clássica que não tinha muros. Perguntados onde eram os muros de Esparta, os espartanos batiam no lado esquerdo do peito, apontavam o coração, e diziam: *Os muros de Esparta erguem-se aqui.*

Assim procurei inspirar no magistério municipal e na mocidade estudiosa um amor infundável, exacerbado mesmo, pela nossa terra natal. Procurei fazer direito meu ofício de prefeito. Sempre que cortam uma araucária, sempre que padece um monumento, sempre que algo decai na estrutura urbana, alguém reclama numa rede social. Ao ler, vejo que é piá do meu tempo de prefeito, aluno de Escola Pública, curitibano militante da geração “Farol do Saber”.

Nesse conjunto de ações formuladas para o Saber, editamos ainda a coleção de livros didáticos “Lições Curitibanas”, um método de ensino baseado na pedagogia histórico-crítica de Paulo Freire, profundamente imantada pela identidade local, pela Luz dos Pinhais. Aulas capazes de ensinar a ler, a escrever, a contar e a amar a cidade, com categorias curitibanas e brasileiras de pensamento.

Meus amigos Darci Ribeiro, Poty e Orlando Villas-Bôas aprovaram, encantados com o investimento de Curitiba em Educação. O grande pensador norte-americano Alvin Toffler, autor de “A Terceira Onda”, também nos aconselhou a investir em redes de serviços.

O legado artístico da gestão não parou por aí. A enriquecê-lo, mandei confeccionar painéis históricos,



Projeto de revitalização Largo da Ordem - Memorial de Curitiba e Casa da Memória.

comprar telas raras e contemporâneas, fundir estátuas em bronze, resgatar iconografia, bibliotecas e coleções de arte, acervo reunido no que chamei “Coleção 300 Anos de Curitiba”.

Para ampliar a abrangência da Prefeitura de Curitiba, expandi a administração para além dos limites do Paço 29 de Março, levando-a a todos os quadrantes da cidade. Em busca da desburocratização, investi no projeto das *Ruas de Cidadania*, centros comunitários de serviços públicos, paços municipais da modernidade, abertos qual balcão de serviços, entre o Terminal da Rede Integrada Metropolitana de Transporte Coletivo e o Posto de Saúde 24 Horas. *Ruas de Cidadania* com três auditórios cada (podendo ser usados para teatro, música, cinema, conferências) e todos os serviços da Prefeitura, além de uma biblioteca regional com 15 mil volumes.

Abrimos ainda mais de 500 unidades de “Vilas de Ofícios”, conjuntos habitacionais em que a moradia familiar surgiu acoplada a um espaço comercial ou de artesanato. Exitosa solução para dois problemas – desemprego e moradia – numa única construção.

Avançamos adiante da periferia conhecida, rasgando o Bairro Novo do Sítio Cercado/Vila Osterneck, sobre a antiga grameira da família Gabardo, antes da colônia italiana do Umbará, nos confins das barrancas onde nasce o rio Iguaçu.

Fomos além. Entramos no Tatuquara, nos bairros novos do Jardim da Ordem e das Moradias Santa Rita, lá onde o rio Barigui deságua no Iguaçu, perto das olarias da Caximba, definindo uma outra fronteira



Rio de Pinhões no interior do Memorial de Curitiba. Foto Guilherme Klock.

para os limites da cidade.

Por isso fomos agraciados com o “Prêmio Mundial do Habitat 1996”, concorrendo com cidades de todos os continentes, distinguidos pela *Housing and Bulding Foundation* da Organização das Nações Unidas. Curitiba intensificou-se como referência nos principais simpósios de urbanismo do mundo.

A mesma Luz dos *Faróis do Saber* brilhou no evento mais significativo do palco público da Pedreira Paulo Leminski: o feérico recital do tenor José Carreras, acompanhado pela Orquestra Sinfônica Nacional, diante de 60 mil pessoas, acendendo velas no momento final da celebração. Fato que se repetiria com Roberto Carlos na véspera da Páscoa e com Paul McCartney no tempo de Natal.

Mas o edifício síntese de todo bem que desejamos a Curitiba é o Memorial da Cidade de Curitiba, a meia encosta entre o Largo da Ordem, a rua do Rosário e o Alto de São Francisco, símbolo materializado da Luz dos Pinhais. Começamos a desenhá-lo três anos antes do terceiro centenário. Levamos outros três anos para edificá-lo. O então ministro da Previdência, Antônio Brito, depois governador do Rio Grande do Sul, permitiu que permutássemos o terreno, empenhado junto ao INSS. Trocamos aquele terreno por um posto do INSS na Vila Hauer, com as instalações construídas pela nossa Prefeitura.

O Memorial começou a ser pensado na terceira gestão de Jaime Lerner. Foi um projeto conjunto do Fernando Popp, da Valéria Bechara e meu – é expressão da minha alma de piá curitibano. Começa com uma cápsula do tempo, colocada à porta, sob um monólito gravado com a pinha de Lange de Morretes. Será aberta nos 400 anos de Curitiba.

Um pinheiro de aço sustenta-lhe a estrutura e

um rio de pinhões banha a praça, que recorda o rio Iguaçu – *rio que nasce onde nós nascemos*. Bem ali, abre-se aos visitantes a porta de um teatro, que chamei Londrina, em homenagem à cidade do café, irmã mais moça do sonho curitibano, para liquidar rivalidade absurda ainda latente.

Na parede oeste, em afrescos monumentais, painel de Sérgio Ferro, o pintor curitibano que eu trouxe da diáspora, reconhecido no mundo, esquecido por aqui. Ali, a soma de esforços de Índios, Negros e Ibéricos, portugueses e espanhóis, para inventar o Brasil.

A grande dor da História é suavizada, vez por outra, por um Anjo sambista – vestido de Zé Pelintra –, que desce à terra para consolar o povo. No fim, a parúsia, a utopia, a festa da vida, celebração de educação e fartura, numa terra sem males, o Brasil finalmente livre, saciado e bem educado, dançando com a Liberdade.

No primeiro andar, no salão *Paranaguá*, a recordação do passado glorioso: os dois altares barrocos que sobraram da antiga Matriz de Nossa Senhora da Luz dos Pinhais de Curitiba, folheados a ouro e prata, a esmalte e *vermeil*, emoldurados e cobertos por um teto em afresco, obra-prima de Sérgio Ferro. Num deles, o Papa João Paulo II rezou sua grande pontifical em Curitiba, em 6 de julho de 1980.

Fiz de propósito. Quando demoliram a Matriz, em 1875, levaram esses altares para a antiga igreja do Rosário. Lá ficaram até a sua demolição, em 1930. Foram parar no Matadouro Municipal. Desprezados, porque arcaicos, sua forma bojuda sugeriu que servissem de cepo de carne. Resgatados pelo IPHAN, um deles acabou sendo montado em Paranaguá, na Igreja da Ordem daquela cidade, parte de um Museu Paranaense de Arte Sacra que não vingou. Resgatei





Escadaria monumental do Memorial de Curitiba. Foto Guilherme Klock.

os dois altares. Fiz o Memorial também para acolher definitivamente esses dois preciosos retábulos.

Nos afrescos de Sérgio Ferro para a Capela dos Fundadores estão todos os personagens que sonhei: desbravadores dos caminhos, faiscadores de ouro de aluvião, tropeiros do sul, homens verdes (trabalhadores dos engenhos, suados e cobertos de fino pó de erva-mate), peneiradores de café (incansáveis pés vermelhos que ocuparam por completo o nosso território) e o arquiteto sonhador, capaz de ousar a utopia de uma cidade maior do que as dificuldades. Estão lá também o Pelourinho, o Bom Jesus dos Pinhais, Nossa Senhora da Luz (a excelsa padroeira) e um tímpano baseado na máxima de Sêneca: *A essência da vida consiste em dar, receber e agradecer*. Tudo sob as asas de uma imensa gralha-azul, com pinhão no bico, Espírito Santo da nossa civilização: *Guarda-nos, Senhor; à sombra de Suas Asas* – “*Ub umbra alarum Suarum*”, conforme o Salmo 90 do Rei David.

Sérgio Ferro fez duas gregas de pinhões, alusão ao meu sobrenome “Greca”, e deixou espaços em branco para que eu escrevesse em cima da tela uma mensagem aos que vão nascer em Curitiba. Não tive coragem. Disse-me ele que, na tradição europeia, quem encomendava a obra votiva podia escrever sobre ela.

Toda essa tradição acumulada motivaria, no limiar do novo milênio, o então governador do Para-

ná – já prefeito de Curitiba –, Jaime Lerner, a criar um novo museu, com salão de exposições em forma de gigantesco olho. Esse museu, feito em dois tempos, pelo traço genial do maior arquiteto do Brasil, viria a ser chamado de Museu Oscar Niemeyer (MON). Fato oficializado em decreto do governador Requião.

Para que o Museu do Olho acontecesse, muito contribuiu, já idoso, e ainda secretário de estado, o nosso querido e inspirado amigo Alexandre Fontana Beltrão (1924-2016). O mesmo curitibano que, na Codapar, propôs que o Estado do Paraná financiasse um Plano Diretor para Curitiba. Partiu outro dia, esse Alex que sabia das coisas.

Desde quando moravam em Londres, os Beltrão, Alex e Ana Emília, puseram charme nas nossas vidas. Ele me levou a Nova York pela primeira vez. Dizia: não pode ser prefeito de Curitiba um menino que não conheça Nova York. No *Cafe The Carlyle*, apresentou-me ao cantor Bob Short, lenda viva do jazz. Também ensinou que, no alto do poder, o ar fica rarefeito, a solidão apertada, e o homem torna-se refém de suas circunstâncias.

Eu vi, numa festa de Natal no jardim de São Rafael das Laranjeiras, quando, folheando o livro da minha Margarita, *A Fundação Cultural de Curitiba*



Painel comemorativo dos 500 anos do Brasil, por Sérgio Ferro. Foto Nani Góis.

no limiar do novo Milênio, o então governador Jaime Lerner ficou encantado e mandou que Alex Beltrão tocasse para a frente o novo museu.

Curitiba ganhou muito com o Museu Oscar Niemeyer. Afinal, a arte lava as almas da poeira do cotidiano.

Alegria em saber que *o passado é o que de bom ficou do passado*, como escreveu Alceu Amoroso Lima (1893-1983). *Nos dias em que fazemos o Bem nós existimos, nos demais, apenas duramos*, ensinou o inspirado Padre Antônio Vieira (1608-1697). Definitivo mesmo é Goethe (1749-1832), quando, no livro *Viaggio in Italia*, diz: *A Arte consiste em fazer; nunca em falar; embora, frequentemente, as pessoas mais falem do que fazem*.



Capela dos Fundadores de Curitiba no Memorial de Curitiba com as duas imagens históricas da padroeira. Foto Nani Góis.



Teto da Capela dos Fundadores de Curitiba do pintor curitibano Sérgio Ferro, emoldura os altares retábulos da antiga Matriz. Foto Nani Góis.



Medalhão evoca Sêneca - A essência da vida consiste em dar, receber e agradecer.



NOSSO SONHO HIPERBÓREO: CURITIBA MOVIDA COM LUZ



Ilustração da Praça do Círculo Militar com Araucárias Solares.

José de Andrade Muricy, no seu livro de memórias *O Símbolo à Sombra das Araucárias*, Prêmio Machado de Assis de 1973 da Academia Brasileira de Letras, recordou:

Eduardo Fernando Chaves, arquiteto hábil, com estudos na Alemanha, certa vez, com desesperada ironia, lembrou da necessidade urgente da ereção de uma Araucária de bronze, na praça Tiradentes, para assinalar a existência outrora da árvore simbólica do passado do Paraná, e já então em vias de extinção, hoje quase extinta.

O que parece exagero, é quase triste realidade. A indústria madeireira, a expansão das cidades, a especulação imobiliária, somadas à ganância destes tempos materialistas, expressão de capitalismo selvagem e predatório, começam a dar razão ao projeto do arquiteto “Chaveco”, autor da atual fachada da Igreja do Rosário.

Para reagir à devastação, em 2012, no Instituto Farol do Saber, desenvolvi o projeto “Araucárias de Luz”, com o engenheiro elétrico sênior Iwan Sabatella, o técnico industrial Adilson Marin, o empresário ambientalista Artur Cezar Carvalho (da Ambiotech) e o arquiteto Guilherme Klock.

Não serão um mero ornamento, como quis dar a entender Eduardo Fernando Chaves. Além da sua beleza, da memória da forma singular dessa árvore pré-histórica, nossas “Araucárias de Luz” querem ter utilidade: gerar energia elétrica por absorção da luz solar. São usinas da Luz dos Pinhais.

O dia mais sombrio de Curitiba, no auge do inverno, consegue ser mais luminoso do que o dia mais quente e ensolarado da Alemanha. No entanto, por aqui, ignorantes da energia solar, não aproveitamos sua força motriz. A Alemanha, ao contrário, é campeã mundial em geração de eletricidade fotovoltaica. No começo deste ano, o Google lançou o aplicati-



Ilustração da Praça do Círculo Militar com Araucárias Solares.

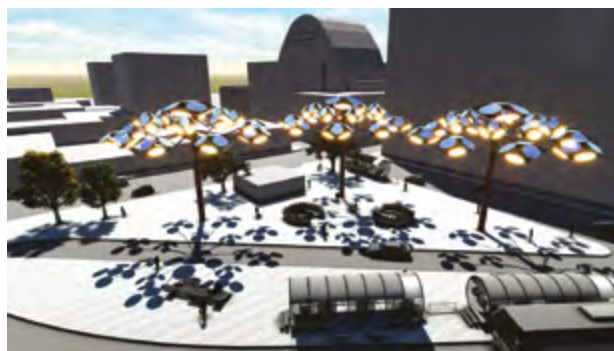


Ilustração da Praça do Círculo Militar com Araucárias Solares.

vo *Project Sunroof*, com o bom propósito de diminuir o consumo de energia vinda de combustíveis fósseis, através do *Google Maps*, ajudando a revelar as múltiplas vantagens de instalação de painéis solares nos telhados.

O Google mapeia o potencial de energia solar dos telhados de casas e prédios. O novo aplicativo estampa a medição de quanto cada família pode economizar na conta de luz, na proporção do telhado da residência ou prédio. O vídeo promocional transforma os raios de sol em moedas douradas, que significam economia na conta de luz, principalmente daquela gerada por termelétricas com combustível fóssil, e ainda por hidrelétricas. “Quer saber quanto você pode economizar usando painéis solares na sua casa? Pergunte para o Google”, conclui o anúncio.

Nosso projeto de 2012 previa também árvores solares para iluminação pública. Araucárias de Luz. Curitiba ainda não as executou. Mas já existem árvores semelhantes, com desenho a menor, em Tel Aviv (2014) e em Fortaleza, na Universidade Estadual do Ceará (2016).

Curitiba deve investir em eficiência energética e

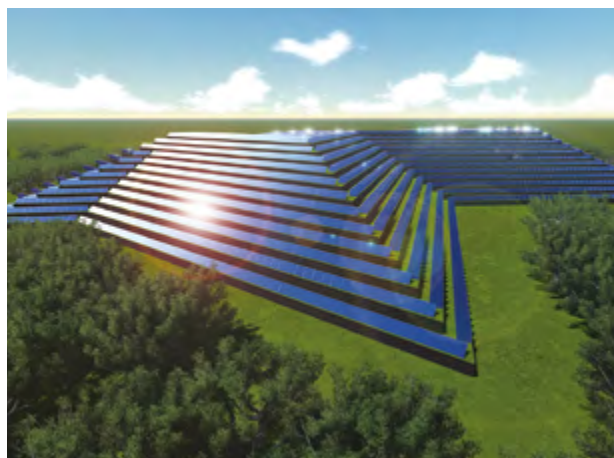
na geração de energia solar. Que tal abrir dois novos caminhos: a geração de energia solar distribuída na cidade e a geração em larga escala, com todo o amparo da legislação brasileira regulada pela ANEEL e dentro das normativas do Plano Nacional de Energia (PNE) em vigor?

A base do programa pode ser um amplo Parque Fotovoltaico Energético (PFE), que consiste na instalação de plantas (parques de geração de energia) em 270 hectares de áreas degradadas, nos antigos aterros sanitários da Caximba e da Lamenha Pequena; em parques públicos, como o Parque das Pedreiras do Pilarzinho e o Parque Regional do Iguaçu; no ex-lixão da CIC, na colina entre o rio Barigui e o Contorno Sul; além de ocupar terrenos ociosos. Que tal, simbolicamente, implantar um parque fotovoltaico nos telhados do Paço 29 de Março (sede da Prefeitura de Curitiba), do Palácio Iguaçu, da Assembleia Legislativa, do Palácio da Justiça e do Museu Oscar Niemeyer?

A produção de energia abundante permitirá ainda a manutenção de um amplo programa de solidariedade social, a *Rede Sol*. Com a moeda de troca da energia solar gerada pelo município, a prefeitura poderá adquirir leitos populares em hospitais, vagas em creches e escolas particulares, através de convê-



Atual terreno do aterro desativado da Caximba, em Curitiba.



Projeto de Usina Solar para a Caximba.



nios da Fundação de Ação Social de Curitiba (FAS) com uma futura companhia público-privada *Curitiba + Energia*. São ideias para um tempo que há de vir.

Se investirmos nessas boas ideias, além da compensação pelas milhares de toras de pinho e imbuia que foram abatidas para mover a economia e fazer prosperar as cidades do Paraná, vamos recolocar Curitiba na vanguarda da sustentabilidade ambiental, pela busca da eficiência energética urbana e geração de energia renovável.

Já tivemos, na nossa história, trilhas de mineradores e tropeiros, estradas de carroças de imigrantes, rodovias, ferrovias, aerovias, infovias... Agora vamos abrir as FOTOVIAS.

Caminhos da luz de uma Curitiba devolvida ao futuro. Tendência não é destino. Não devemos nos abater, temos história suficiente para superar qualquer dificuldade. O próprio nome histórico da cidade – Vila da Luz dos Pinhais de Curitiba – nos inspira e nos obriga a fazer o melhor. E aí brilhará, ainda mais intensa, para todos os curitibanos, a Luz dos Pinhais.

Acreditemos no juramento da Mocidade de Atenas: Devemos entregar a Cidade melhor, mais bela e mais justa do que a recebemos.



Gralha Azul evoca o Espírito Santo: Guarda-nos Senhor à sombra de Tuas Asas. (Salmo 90).





BIOGRAFIA



Rafael Greca de Macedo nasceu em Curitiba, em 17 de março de 1956. É filho da professora Therezinha Greca de Macedo e do engenheiro Eurico Dacheux de Macedo. Casado com a jornalista e economista Margarita Pericás Sansone. Formado em Economia pela Fesp e em Engenharia Civil pela UFPR, com especialização em Urbanismo. Membro concursado do Instituto de Pesquisa e Planejamento Urbano de Curitiba. Vereador, Deputado Estadual constituinte, Prefeito de Curitiba, Deputado Federal mais votado do Brasil, Ministro de Estado do Esporte e Turismo. Escritor, poeta, editor e pesquisador da História, membro da Academia Paranaense de Letras e do Instituto Histórico e Geográfico do Paraná. Presidiu a Companhia de Habitação do Paraná entre 2007 e abril de 2010, quando assumiu mandato de deputado estadual. Prefeito eleito de Curitiba em 30 de outubro de 2016.

Recebeu inúmeras condecorações e prêmios internacionais. Entre os mais significativos, o “Prêmio Mundial do Habitat 1996”, ou “World Habitat Award 1996”, da Organização das Nações Unidas, pelo conjunto de sua obra humanitária.

(página oposta) Margarita, anfitriã de festa pró abertura do Museu de Arte Sacra de Curitiba, instalado no anexo da Igreja da Ordem em 1981.



(página oposta) Largo da Ordem. Valmir Singh.

AUTOR

Rafael Valdomiro Greca de Macedo

PESQUISA

Rafael Valdomiro Greca de Macedo

Gehad Ismail Hajar

TEXTO

Rafael Valdomiro Greca de Macedo

PESQUISADOR ASSISTENTE

Guilherme Klock

ASSISTENTE

Filipe Lopes

CONCEPÇÃO EDITORIAL

Solar do Rosário

COORDENAÇÃO GERAL

Regina Casillo e Lucia Casillo Malucelli

ADMINISTRAÇÃO DO PROJETO

Lucia Casillo Malucelli

REVISÃO DOS TEXTOS EM PORTUGUÊS

Altair Pivovar, Gehad Ismail Hajar, Guida F. P. Bittencourt e Lucia Casillo Malucelli

FOTOGRAFIAS E TRATAMENTO DE IMAGEM

Casa da Memória – Fundação Cultural de Curitiba, Nani Góis, Valmir Singh, Marcos Bechker, Adriane Baldini, Guilherme Klock, Brasílio Wille, Daniel Castelano, Daniel Sorrentino, Gehad Ismail Hajar e Acervo pessoal do Autor.

PROJETO GRÁFICO

gedegato

COPYRIGHT

Todos os direitos desta edição estão reservados a Rafael Valdomiro Greca de Macedo

*All rights reserved to
Rafael Valdomiro Greca de Macedo*

Dados internacionais de catalogação na publicação
Bibliotecária responsável: Luciana Bitencourt da Silva - CRB 1260/9ª Região

MI4I Macedo, Rafael Valdomiro Greca de
Curitiba, luz dos pinhais / Rafael Valdomiro Greca de
Macedo. - 2.ed. revisada e ampliada - Curitiba, PR: Solar do
Rosário, 2018. 592p. ; il. 23,5 x 32 cm.

ISBN 978-85-60665-33-4

I. Curitiba - História. I. Título.

CDU: 94(816.2C)

AGRADECIMENTOS

- Roberson Mauricio Caldeira Nunes - Chefe da Divisão de Múltiplos Meios.
- Marli Stanczyk - Coordenadora da Casa da Memória.
- Filomena Nercy Hammerschmidt - Coordenadora de Processo Técnico.
- Hugo Moura Tavares - Diretor da Diretoria de Patrimônio Histórico, Artístico e Cultural DPHAC.
- Maria de Fatima Pereira Lopes Mercuri - Analista de Produção Cultural.
- Agradecemos o valioso apoio da Ambiotech, Consultoria Ambiental, na pessoa de Artur Cezar da Veiga Carvalho

LEI DE
INCENTIVO
À CULTURA



PATROCÍNIOS

Roca



INCENTIVO



REALIZAÇÃO

MINISTÉRIO DA
CULTURA



PATROCÍNIO 1ª EDIÇÃO



BLOUNT

Roca



PEROXIDOS

MINISTÉRIO DA
CULTURA



Rua Duque de Caxias, 04
Centro Histórico
Curitiba PR Brasil
CEP 80510 200
Tel 41 3225 6232
info@soldorosario.com.br

www.soldorosario.com.br



Ópera de Arame e Pedreira Paulo Leminski.





Rua da Cidadania do Carmo.





Rua da Cidadania da praça Rui Barbosa, centro de Curitiba.









Vista aérea Curitiba no inverno.





Parque Tanguá.





Manhã de inverno no Parque Tingui.





Vista noturna do Paço da Liberdade e Praça Generoso Marques.





Vista noturna Rua das Flores.





FUNERARIA DALUZ
3222-4161

CHICO BURRITOS
MEXICANA

NO PARKING

Vista noturna da Rua São Francisco, ao fundo mastro com imagem de Nossa Senhora da Luz dos Pinhais.





(página oposta) Praça da Espanha.

Vista noturna do largo da Ordem, igreja da Ordem
e Solar do Rosário.





Vista aérea da Praça Osório





(acima) Ilustração botânica, Araucária e uma pinha.
Cristina Klas.

(abaixo) Ilustração botânica, Erva Mate. Rosane Quintella

(Pág. 568 e 569) Ópera de Arame e Pedreira Paulo Leminski.

(pág. 570 e 571) Rua da Cidadania do Carmo.

(pág. 572 e 573) Rua da Cidadania da praça Rui Barbosa, centro de Curitiba.

(pág. 574 e 575) Jardim Botânico.

(pág. 576 e 577) Curitiba no inverno.

(pág. 578 e 579) Parque Tanguá.

(pág. 580 e 581) Manhã de inverno no Parque Tingui.

(pág. 582 e 583) Vista noturna do Paço da Liberdade e Praça Generoso Marques.

(pág. 584 e 585) Vista noturna Rua das Flores.

(pág. 586 e 587) Vista noturna da Rua São Francisco, ao fundo mastro com imagem de Nossa Senhora da Luz dos Pinhais.

(pág. 588) Vista aérea da Praça da Espanha.

(pág. 589) Vista noturna do largo da Ordem, igreja da Ordem e Solar do Rosário.

(pág. 590 e 591) Vista aérea da Praça Osório



Esta obra foi composta em Bodoni Classic e suas variações (textos e títulos). Impresso no Verão de 2018, em papel offset 120g na Pancrom Indústria Gráfica, São Paulo, Brasil.

